

FÉ, PODER
E O DECLÍNIO
DOS ROMÁNOV

RASPÚTIN

DOUGLAS
SMITH



FÉ, PODER
E O DECLÍNIO
DOS ROMÁNOV

RASPÚTIN

DOUGLAS
SMITH


COMPANHIA DAS LETRAS

DOUGLAS SMITH

Raspútin

Fé, poder e o declínio dos Románov

Tradução

Berilo Vargas



Para Stephanie

E à memória do meu pai, D. William Smith (1929-2013)

*Auch behauptet man: die Tölpel,
Als sie an das Meer gelangten
Und gesehn, wie sich der Himmel
In der blauen Fluth gespiegelt,
Hätten sie geglaubt, das Meer
Sei der Himmel, und sie stürzten
Sich hinein mit Gottvertrauen;
Seien sämtlich dort ersoffen.*

Heinrich Heine,
Atta Troll , Caput XII

Também se diz que aqueles idiotas,
Chegando à beira-mar,
E vendo o céu
Refletido na onda azul,
Acharam que o mar
Só podia ser o Céu e mergulharam,
Com sua fé em Deus,
E todos se afogaram.

Tradução com base na versão inglesa
de Herman Scheffauer (1913)

Sumário

[Lista de ilustrações](#)

[Mapas](#)

[Sobre datas e transliteração](#)

[Introdução: O diabo santo?](#)

[PARTE UM: O SANTO PEREGRINO — 1869-1904](#)

[1. Origens](#)

[2. O peregrino](#)

[3. Nicolau e Alexandra](#)

[4. Monsieur Philippe](#)

[5. Alexei](#)

[6. A tocha ardente](#)

[7. O monge louco](#)

[PARTE DOIS: NOSSO AMIGO — 1905-9](#)

[8. Para o trono](#)

[9. Raspútin-Nóvi](#)

[10. Seitas e flagelos](#)

[11. Demônios da Idade de Prata](#)

[12. Anna Vírubova](#)

[13. Os olhos](#)

[14. “... orações que nos purificam e protegem”](#)

[15. A investigação: parte I](#)

[16. O primeiro teste](#)

[17. “melhor dez Raspútins...”](#)

PARTE TRÊS: ESCÂNDALOS — 1910-1

- 18. Problema no quarto das crianças
- 19. A imprensa descobre Raspútín
- 20. À procura de Raspútín
- 21. Príncipe Iussúpov
- 22. Terra Santa
- 23. Raspútín por ele mesmo
- 24. Triunfo de Iliodor
- 25. Dois assassinatos
- 26. Confronto com o “Anticristo”

PARTE QUATRO: TEMPO DE MILAGRES – 1912-JULHO DE 1914

- 27. Queda de Germogen
- 28. Iliodor, apóstata
- 29. *Quousque tandem abutere patientia nostra?*
- 30. O golpe contra a alcova
- 31. A investigação, parte II: seria Raspútín um *khlist* ?
- 32. Milagre em Spała
- 33. Guerra e celebração
- 34. Linguagem ofensiva, glorificadores do nome de Deus e tramas de assassinato
- 35. À beira de um precipício
- 36. O ataque
- 37. “Dessa vez não funcionou...”
- 38. Fuga de Iliodor

PARTE CINCO: GUERRA — JULHO DE 1914-1915

- 39. Nuvem ameaçadora
- 40. O incidente do Iar
- 41. Mulheres de Raspútín
- 42. Jantar com Raspútín
- 43. As faces religiosas de Raspútín
- 44. Um verão de dificuldades
- 45. O *Tovarpar*
- 46. Nicolau assume o comando

- [47. Raspútin, o favorito](#)
- [48. Novo escândalo](#)
- [49. A troica](#)
- [50. Rua Gorokhovaia, no 64](#)
- [51. Forças obscuras e choferes ensandecidos](#)
- [52. Outro milagre](#)

[PARTE SEIS: O ÚLTIMO ANO — 1916](#)

- [53. Revolução no ar](#)
- [54. Ministro trama assassinato](#)
- [55. Iliodor na América](#)
- [56. Conosco ou com eles](#)
- [57. Raspútin espião?](#)
- [58. Raspútin e os judeus](#)
- [59. “O sol brilhará...”](#)
- [60. Apoteose](#)
- [61. Estupidez ou traição](#)
- [62. “Vânia chegou”](#)
- [63. “Minha hora logo soará”](#)
- [64. O último dia](#)
- [65. Um crime covarde](#)
- [66. A investigação](#)
- [67. O corpo na água](#)
- [68. O drama da família Románov](#)
- [69. Orgias, amor gay e a mão secreta dos britânicos](#)
- [70. O fim do Jugo de Tobolsk](#)

[PARTE SETE: AS CONSEQUÊNCIAS — 1917-8](#)

- [71. Tempo de dominós](#)
- [72. Aqui jaz o cão](#)
- [73. O mito](#)
- [74. Assunto não resolvido](#)

[EPÍLOGO](#)

[*Caderno de imagens*](#)

Agradecimentos

Referências bibliográficas

Notas

Lista de ilustrações

1. Pokróvskoie, aldeia natal de Raspútin no rio Tura, retratada pelo grande fotógrafo russo Serguei Prokudin-Gorski em 1912. [Biblioteca do Congresso/ Domínio público]

2. Talvez a mais antiga fotografia de Raspútin que sobreviveu ao tempo, provavelmente tirada na virada do século. Note-se que ele já adotava uma de suas poses mais características. [Coleção do autor]

3. Antes de haver Raspútin, houve Monsieur Philippe, necromante, vidente e conselheiro de Nicolau e Alexandra, a quem o casal real chamava “nosso amigo”, exatamente como chamaria Raspútin. [Shemanskii, *Poslednie Romanovi*]

4. O tsarévitch Alexei, Alexandra e Nicolau. [HIA]

5. As Corvas: Militsa e Anastássia. [Fülöp-Miller]

6. Grão-duque Nikolai Nikoláievitch. [HIA]

7. Raspútin em casa, em Pokróvskoie, segurando Varvara e ladeado por Maria e Dmítri, c . 1910. [Fülöp-Miller]

8. A casa de Raspútin em Pokróvskoie. [ITAR-TASS]

9. Raspútin sentado entre o coronel Dmítri Loman (à esq.) e o príncipe Mikhail Putiátin, provavelmente em 1906. [RIA-Novosti/The Image Works]

10. Raspútin com dois dos seus aliados mais íntimos e, mais tarde, inimigos mais implacáveis, o bispo Germogen e o “monge louco” Iliodor, c . 1908. Note-se a indumentária vagamente clerical de Raspútin. [GARF]

11. Raspútin no quarto das crianças do palácio, cercado por Alexandra e filhos, c . 1909. A babá de Alexei, Maria Vishniakova, está sentada sorrindo, no canto inferior à direita; à sua direita, a carrancuda Tatiana e

uma Maria mais alegre, os pés descalços aparecendo sob o vestido branco. Olga está em cima de um móvel atrás de Raspútin. [GARF]

12. Imagem estranhamente inquietante de Raspútin, talvez no palácio, no mesmo dia da foto no quarto das crianças. [GARF]

13. Imperatriz Alexandra e Anna Vírubova. [Biblioteca Beinecke, Universidade Yale]

14. Depois do assassinato do marido por revolucionários em 1905, a grã-duquesa Isabel (conhecida como Ella), irmã mais velha de Alexandra, ordenou-se freira, tornando-se abadessa de um convento em Moscou. O ódio de Ella contra Raspútin envenenou suas relações com a irmã. [Biblioteca Beinecke, Universidade Yale]

15. Olga Lokhtina, uma das primeiras e mais fanáticas seguidoras de Raspútin, mostrada aqui c . 1913, depois de ter deixado a família e Raspútin para ficar perto de Iliodor. O comportamento estranho de Lokhtina (ela sofria de uma doença mental não diagnosticada) e a roupa bizarra faziam dela a mais notória, talvez a mais patética, das amigas de Raspútin. [HIA]

16. O frontispício de *Grigóri Raspútin e a libertinagem mística* , de Mikhail Novoselov, confiscado do editor pela Okhrana de Moscou em janeiro de 1912 e destruído. Só a versão manuscrita de Novoselov escapou. Esta fotografia raríssima parece mostrar Raspútin posando de monge, mas a imagem é, muito provavelmente, uma hábil falsificação. [HIA]

17. Comentário ilustrado de jornal sobre o primeiro escândalo da Duma em 1912, envolvendo Raspútin, aqui mostrado trocando um aperto de mãos com Aleksandr Gutchkov, sob o título “Heróis do dia”. O desenho de Raspútin baseia-se no muito comentado retrato de autoria de Raievski, da mesma época. [*Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta* , 18 mar. 1912, n. 5, p. 3]

18. Alexei de cama com Alexandra, inequivocamente preocupada, e uma babá, em foto possivelmente tirada em Spała, em setembro de 1912. “Deus viu Vossas lágrimas e ouviu Vossas preces. Não fique triste”, escreveu Raspútin de Pokróvskoie para a imperatriz. “O pequeno não vai morrer.” [HIA]

19. O “antigo” Iliodor. O desacreditado figura na capa da popular revista *Centelhas*, em fevereiro de 1913. Antes de voltar para sua terra

natal, na região do rio Don, Iliodor mandou fazer cartões-postais em que aparece trajando sua nova indumentária mundana e os distribuiu pelo correio para seus muitos seguidores. “E ainda assim a verdade viverá para sempre. Tristeza para os que a ela não se submetem!”, escreveu ele no canto inferior direito do cartão, avisando ao mundo que não o considerasse página virada. [Coleção do autor]

20. Rabiscos de Raspútin. Diz o texto: “Domingo. 9 de março de 1914. Uma da manhã. R. Inglesa, no 3, 5o andar. Desenho de Grigóri Iefimovitch Raspútin”. [RGALI]

21. Reunião em Petersburgo, março de 1914. Na foto aparecem: Alexandra (Sana) e Aleksandr Pistolkors (à esq.); perto está Leonid Molchanov; e em seguida o príncipe Nikolai Jevakhov, o rosto em parte obscurecido por Anna Vírubova, de branco. Lili Dehn aparece em pé no vão da porta, de branco; em frente a ela está o pai de Raspútin, Iefim. Munia Golovina está sentada com uma mão sobre a outra (a segunda à esquerda de Raspútin), enquanto Akilina Laptinskaia está aos pés de Raspútin. As três mulheres no fundo à direita são Madame e Nadejda Loman, mulher e filha do coronel Dmítri Loman, e possivelmente Anna Rechetnikova, na casa de cuja mãe Raspútin costumava hospedar-se em Moscou. [GARF]

22. Imagem icônica de Grigóri Raspútin, c . 1910. O estúdio fotográfico de C. E. de Hahn, situado perto da estação ferroviária de Tsárskoie Seló, onde muito provavelmente a fotografia foi batida, servia apenas a família imperial. É possível que Raspútin tenha sido capturado aqui por Aleksandr Jagelski, “fotógrafo de sua majestade imperial” de 1911 em diante. [GARF]

23. Raspútin em roupas de camponês. [Mary Evans Picture Library]

24. Nenhum sacerdote ortodoxo teria pensado em fazer tal pose diante de um fotógrafo: quem, exatamente, Raspútin estaria abençoando? A imagem serviu apenas para diminuir ainda mais a credibilidade dele entre os figurões da Igreja. [On-line]

25. “A Sina de O. V. Lokhtina.” Havia uma crença generalizada, embora errônea, de que Raspútin era hipnotizador. Aqui, numa fotografia habilmente falsificada, publicada na popular revista *Pequena Chama* , Raspútin hipnotiza Olga Lokhtina. [Arquivo Nacional Sueco]

26. Raspútin em trajas nada convencionais. [Roger-Viollet/The Image]

Works]

27. Raspútin no rio Tura, perto de Pokróvskoie, fazendo uma pausa durante uma pescaria com uma de suas devotas de Petersburgo. Note-se o sorriso radiante. [SML]

28. Arquimandrita Feofan (Bistrov). [On-line]

29. Arcebispo (mais tarde metropolita) Antônio (Khrapovítski). [On-line]

30. Bispo Alexei (Molchanov). [On-line]

31. Arcebispo Varnava (Nakropin). [On-line]

32. Metropolita Pitirim (Oknov). [On-line]

33. Vladímir Sabler, procurador-chefe do Santo Sínodo (1911-5). [On-line]

34. Aleksandr Samárin, procurador-chefe do Santo Sínodo (1915). [On-line]

35. Conde Serguei Witte, primeiro premiê da Rússia (1905-6). [HIA]

36. Piotr Stolípín, primeiro-ministro e ministro do Interior (1906-11). [HIA]

37. Conde Vladímir Kokóvtsov, primeiro-ministro (1911-4) e ministro das Finanças (1906-14). [HIA]

38. Ivan Goremíkin, primeiro-ministro (1906, 1914-6). [HIA]

39. Vladímir Djunkóvski, governador de Moscou (1908-13) e vice-ministro do Interior (1913-5). [On-line]

40. Vladímir Sukhomlínov, ministro da Guerra (1909-15). [HIA]

41. Boris Stürmer, primeiro-ministro (1916). [Fülöp-Miller]

42. Aleksandr Protopópov, ministro do Interior (1916-7). [Fülöp-Miller]

43. Aleksandr Gutchkov. [HIA]

44. Mikhail Rodzianko, presidente da Duma. [HIA]

45. Pavel Miliukov. [HIA]

46. “Aqui está minha paz, a fonte da glória, luz na luz. Um presente para minha sincera Mamãe. Grigóri.” Palavras de Raspútin no caderno que presenteou a Alexandra em fevereiro de 1911. A assinatura da imperatriz está no verso. Ao escrever para suas majestades, Raspútin fazia questão de ostentar sua melhor caligrafia. [GARF]

47. Um dos poucos retratos em cores de Raspútin ainda existentes. A artista, Ielena Klokacheva, formada pela Academia de Belas-Artes de São

Petersburgo, é conhecida hoje basicamente por essa obra, executada a lápis e crayon em 1914, quando Raspútin estava vivo.

48. Um dos dois retratos ainda sobreviventes de Raspútin de autoria da artista dinamarquesa Theodora Krarup, executado em seu ateliê de Petersburgo em 1914.

49. Khionia Guseva detida depois de tentar matar Raspútin em Pokróvskoie em 29 de junho de 1914. [GARF]

50. Título do *Correio de Petersburgo* depois do ataque de Guseva. Raspútin está acompanhado pela filha, Maria, e sua “secretária”, Akilina Nikitichna Laptinskaia. A imprensa russa e estrangeira achou irresistível a história do quase assassinato de Raspútin. [HIA]

51. Raspútin recuperando-se em seu leito de hospital em Tiumen. [I TAR-TASS]

52. Raspútin no hospital. Ele assinou diversas cópias das mesmas fotografias com dizeres diversos. Este diz o seguinte: “Deus sabe o que será de nós de manhã, Grigóri”. [GMPIR]

53. Príncipe Nikolai Jevakhov, seguidor de Raspútin e vice-procurador-chefe do Santo Sínodo (1916). [Jevakhov, *La verità su Rasputin*]

54. O Rocambole Russo. Ivan Manassevitch-Manuilov (centro) num banquete com editores dos principais jornais e figuras políticas de Petersburgo. Na frente à esquerda: o editor de *Novos Tempos* , Mikhail Suvórin; na frente à direita: o embaixador turco Turkhan Pasha.

55. O secretário de Raspútin, Aron Simanovitch, homem responsável pela criação de muitos mitos sobre seu patrão. [Simanowitsch, *Rasputin*]

56. Raspútin nos anos que se seguiram ao ataque de Guseva. [RIA-Novosti/ The Image Works]

57. Raspútin posando para o escultor Naum Aronson em 1915. [The Granger Collection, Nova York]

58. Anúncio na revista *Centelhas* do busto de autoria de Aronson destacando que a escultura foi feita aproveitando-se o lançamento de *Meus pensamentos e reflexões* , de Raspútin, por ocasião da sua “nova atuação como escritor”. [*Iskry* , n. 27 (1915), p. 215]

59. Esboço de Raspútin feito pelo ilustrador e retratista Iúri Annenkov, 1915. [The Image Works]

60. Caricatura que acompanhava o artigo “O depravado”, publicado na revista de Petrogrado *Rudin* em fevereiro de 1915, que conta a história de Raspútin através da alegoria do javali Vanka, um “Don Juan suíno” que misteriosamente assume o controle da propriedade de uma família nobre, formando um harém com as filhas.

61. Rara fotografia de Raspútin batida no último ano de sua vida pela retratista Theodora Krarup em seu ateliê de Petrogrado. [Krarup, 42 *Aans*]

62. Último retrato de Raspútin de autoria de Krarup, datado de 13 de dezembro de 1916, apenas quatro dias antes de ser assassinado. [On-line]

63. Ministro do Interior Alexei Khvostov (1915-6). [On-line]

64. Stepan Belétski, vice-ministro do Interior (1915-6). [On-line]

65. Príncipe Mikhail Andrónnikov. [On-line]

66. Bilhete de Iliodor concordando em participar da trama de Khvostov para assassinar Raspútin em troca de 60 mil rublos. [GARF]

67. Príncipe Félix Iussúpov e sua noiva, Irina. [HIA]

68. Princesa Zinaida Iussúpova. [On-line]

69. Grão-duque Dmítri Pávlovitch. [RIA-Novosti/The Image Works]

70. Vladímir Purichkévitch. [On-line]

71. Dr. Stanisław Lazovert. [Roger-Viollet/The Image Works]

72. Tenente Serguei Sukhotin. [On-line]

73 e 74. A dançarina Vera Karalli e Marianna Derfelden, meia-irmã de Dmítri, estavam ambas provavelmente no palácio de Iussúpov na noite do assassinato. [On-line]

75. A cena do crime. O príncipe Iussúpov não poupou esforços para criar o clima exato no dia do assassinato, selecionando móveis que demonstrassem sua riqueza e seu bom gosto e, principalmente, distraíssem a vítima.

76. O pátio adjacente ao palácio de Iussúpov numa fotografia tirada pela polícia na manhã de 17 de dezembro, poucas horas depois do crime. Consta que Raspútin tinha saído pela porta lateral (pequeno retângulo escuro à esquerda) e tentado fugir pelo pátio. Os investigadores encontraram marcas de sangue na neve que iam até perto dos portões. [GMPiR]

77. O cadáver congelado de Raspútin logo depois que foi retirado do gelo do Málaia Nevka na manhã do dia 19. A Grande Ponte Petróvski

aparece ao fundo. [GMPIR]

78. “Ferimento de disparo de arma de fogo na testa” — o resultado da autópsia oficial escrito sobre a fotografia determinando a causa da morte de Raspútín. O horrendo estado do corpo devia-se principalmente à ação do gelo, à correnteza do rio e aos ganchos usados para tirá-lo da água. [GMPIR]

79. Das manchetes russas: “O assassinato de Grigóri Raspútín. Novos detalhes — Biografia de Raspútín — Cenas da vida de Raspútín”. As duas fotografias supostamente mostram o último retrato de Raspútín pouco antes do assassinato e outra “particularmente difundida entre seus seguidores”. [GARF]

80. Caricatura zombando de Alexandra desenhada pelo príncipe Vladímir Paley poucos dias depois do assassinato de Raspútín. O príncipe era meio-irmão do grão-duque Dmíttri: seu pai era o grão-duque Paulo Alexándrovitch, também pai de Dmíttri, e sua mãe era a amante de Paulo, Olga Karnovitch (posteriormente princesa Paley e mulher de Paulo). Como tantos outros, Paulo subestimou a força de Alexandra, e ela não desmoronou com a perda do amigo. [GARF]

81. Sepultura de Raspútín debaixo da igreja que então era construída por Anna Vírubova perto de Tsárskoie Seló. [*Petrogradskii listok* , 1917]

82. A casa das caldeiras do Instituto Politécnico de Petrogrado, onde muito provavelmente o corpo de Raspútín foi incinerado no começo de março de 1917. [On-line]

83. “A execução de Grichka Raspútín”, capa do *Almanaque “Liberdade”* publicado logo depois da queda da monarquia. Já baleado na cabeça, Raspútín tenta escapar, mas é derrubado por trás por Purichkévitch. [*Almanakh “Svoboda”* , n. 1, 1917]

84. Fabricando o mito. O mesmo número do *Almanaque* traz a reprodução de uma imagem amplamente divulgada de Raspútín se recuperando no hospital de Tiúmen no verão de 1914, depois do ataque de Guseva, mas agora com nova legenda: “Grichka Raspútín despertando depois de uma orgia regada a álcool”. [*Almanakh “Svoboda”* , n. 1, 1917]

85. “Самодержавие.” Jogo de palavras com o termo russo para autocracia, *samoderjavie* , que significa “segurar com as próprias mãos”. A imagem provavelmente apareceu logo depois da queda da

monarquia. [On-line]

86. Jogo de palavras com o ditado “Duas cabeças pensam melhor do que uma”. As expressões faciais deixam claro que apenas duas das três cabeças estão sendo usadas.

87. Da série satírica “O conto de Grichka”, o pavão de Tsárskoie Seló se revela um babuíno. [GMPiR]

88. Cartão-postal de 1917 com Raspútin, o demônio bêbado, e Alexandra.

89. Um lascivo Raspútin subjugando a imperatriz no palácio, de *O conto de Grichka, o patife*. [*Skazka o Grishke Rasputnom* [...], 1917]

90. Cartaz publicitário de *A firma Románov, Raspútin, Sukhomlínov, Miassoiédov, Protopópov & Cia.*, que apareceu no primeiro semestre de 1917. O filme de quatro partes incluía “A queima de estoque da Rússia — Por atacado e no varejo”, “Algozes do povo” e “O colapso da firma”. [GMPiR]

91. Das páginas de *Novo Satíricon*, no primeiro semestre de 1917: “Projeto de monumento aos maiores heróis da Revolução Russa”, dedicado a Raspútin e Protopópov.

92. “Casa governante da Rússia.” A famosa capa de *Novo Satíricon* (abril de 1917) mostra Raspútin, o verdadeiro tsar, cercado por Nicolau e Alexandra, o primeiro-ministro Boris Stürmer, o ministro do Interior Aleksandr Protopópov e o ministro da Guerra Vladímir Sukhomlínov. Anna Vírubova reza aos seus pés. [Coleção do autor]

93. O cartaz sueco do filme de 1928 *Espírito maligno da Rússia* apresenta Raspútin sob um viés racial como a *bête noire* que perseguia a feminilidade europeia. Desde que começou a atrair a atenção do público, Raspútin serviu como uma figura oportuna para a projeção dos mais variados medos e preocupações. [On-line]

94. Dois anões representando o ministro do Interior Protopópov e “Grichka Raspútin” cavalgam um caixão onde se lê “O Velho Regime”, numa grande manifestação de trabalhadores em Moscou durante a Revolução de Fevereiro. [RIA Novosti/The Image Works]

95. Acatisto blasfematório dedicado a “Grichka Raspútin, membro honorário da casa tsarista”. Os painéis laterais incluem cenas da vida de Raspútin: “orando” com mulheres nuas nos banhos públicos, dançando com uma mulher seminua na corte, distribuindo medalhas e sendo

alvejado por Purichkévitch. O painel inferior mostra um homem defecando no túmulo de Raspútin. [GARF]

96. O genro de Raspútin, Boris Soloviov, que atuava como mensageiro secreto entre a família real e Anna Vírubova durante o cativeiro dos Románov em Tobolsk. [Markow, *Wie*]

97. Em 27 de abril de 1918, a grã-duquesa Maria, sendo levada com os pais de Tobolsk para Iekaterinburgo, fez esse esboço da casa de Raspútin em Pokróvskoie, depois de uma parada para trocarem de cavalos. [Raspútin, *Mon Père*]

98. Iliodor, astro de cinema. Anúncio do filme de 1917 *A queda dos Románov* , estrelando Iliodor no papel dele mesmo lutando contra Raspútin em sua malsucedida tentativa de salvar a monarquia. [*Exhibitors Herald* , 30 jun. 1917]

99. Iliodor, homem de família. Fotografia de jornal tirada em dezembro de 1922 de Iliodor, a mulher Nadejda, e os três filhos: Sergius (de sete anos), Iliodor Jr. (quatro) e Hope (cinco), recém-chegados aos Estados Unidos. [Coleção do autor]

100. Família Raspútin, Pokróvskoie, 1927. Dmítri Raspútin, a mãe Praskóvia, a mulher Feoktista e Katia Pecherkina (atrás). [Simanowitsch, *Rasputin*]

101. Maria Raspútina, artista de circo e domadora de animais, Paris, 1935. [Biblioteca Beinecke, Universidade Yale]

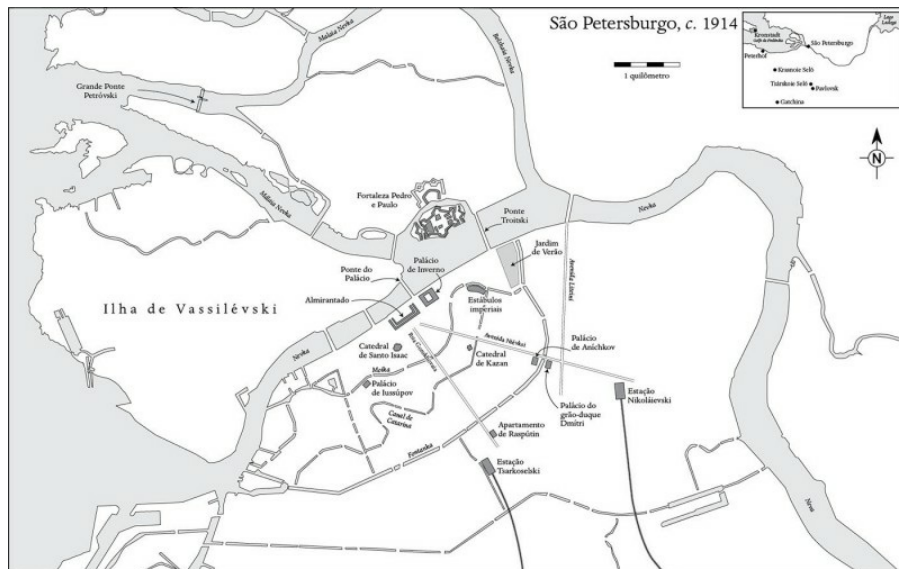
102. Estátua de fibra de vidro de Raspútin erguida em 2014 atrás do hospital municipal de Tiumen, onde ele se recuperara do ataque de Guseva cem anos antes. Além de um marco comemorativo informal no parque em Tsárskoie Seló, este é o único monumento do tipo dedicado a Raspútin na Rússia. [Fotografia tirada pelo autor]

Mapas

O Império Russo



São Petersburgo



Sobre datas e transliteração

Até fevereiro de 1918, a Rússia seguia o calendário juliano (Velho Estilo), que no século XIX estava doze dias (e no século XX, treze dias) atrás do calendário gregoriano (Novo Estilo). Em janeiro, o governo bolchevique decretou que a Rússia adotaria o calendário gregoriano no fim do mês, de modo que 31 de janeiro de 1918 foi precedido, no dia seguinte, por 14 de fevereiro. Preferi dar no Velho Estilo as datas de acontecimentos na Rússia anteriores a 31 de janeiro de 1918 e no Novo Estilo as de acontecimentos posteriores; sempre que haja possibilidade de confusão, acrescento as iniciais VE ou NE.

Na transliteração de termos e nomes russos, mantenho as terminações masculina e feminina de sobrenomes russos (Grigóri Raspútín, Maria Raspútina, por exemplo). Nos casos em que os personagens são mais conhecidos pelas versões traduzidas dos seus nomes, como no caso do tsar Nicolau II, foram essas que usei, e não transliterações do original.

RASPÚTIN

Introdução: O diabo santo?

Num luminoso dia de primavera em 1912, Serguei Prokudin-Gorski carregou sua enorme câmera com tripé para a beira do rio Tura, na remota aldeia siberiana de Pokróvskoie. Um dos grandes inovadores fotográficos da época, Prokudin-Gorski tinha desenvolvido uma técnica para tirar ricas fotografias coloridas, e o imperador Nicolau II da Rússia ficou tão impressionado com suas imagens que o encarregou de registrar o império em toda a diversidade do seu esplendor.

Sua câmera capturou uma típica cena rural naquele dia. A igreja branca da aldeia, clareada pelo sol, ergue-se acima das casas simples e dos celeiros, toscas estruturas de tora de madeira, marrons e cinzentas, aglomeradas à sua volta. Numa das casas, uma jardineira na janela abriga uma planta com flores vermelhas, gerânios talvez, que se destacam contra as vidraças escuras. Duas vacas pastam despreocupadamente os brotos verdes que despontam na terra depois de outro longo inverno siberiano. À beira d'água, duas mulheres de roupas coloridas são surpreendidas em seus afazeres. Uma canoa solitária repousa na lama, pronta para a próxima expedição de pesca no Tura. A imagem evoca muitas outras anônimas aldeias que Prokudin-Gorski fotografou nos últimos anos da Rússia tsarista.

Apesar disso, aquela aldeia era diferente das demais, e Prokudin-Gorski sabia que o imperador e a imperatriz esperavam que ele incluísse Pokróvskoie em seu grande levantamento. Pokróvskoie era a terra natal do russo mais notório da época, um homem que no primeiro semestre de 1912 esteve no centro de um escândalo que abalou o reinado de Nicolau como nada jamais o fizera. Boatos sobre ele circulavam havia anos, mas só então os ministros do tsar e os políticos da Duma, a

assembleia legislativa da Rússia, ousaram referir-se a ele pelo nome e exigiram que o palácio explicasse ao país quem era exatamente aquele homem e quais eram suas relações com o trono. Dizia-se que pertencia a uma bizarra seita religiosa que adotava as formas mais indecentes de perversão sexual, que era um falso santo que enganara o imperador e a imperatriz convencendo-os a escolherem-no como guia espiritual, que tinha tomado conta da Igreja ortodoxa russa e a estava deformando de acordo com seus desígnios imorais, que era um camponês imundo que não só conseguira se infiltrar no palácio como também, através de mentiras e astúcia, estava rapidamente se transformando na verdadeira força por trás do trono. O tal homem, muitos já começavam a acreditar, representava um perigo real para a Igreja, para a monarquia e mesmo para a própria Rússia. O homem era Grigóri Iefimovitch Raspútin.

Tudo isso deve ter passado pela cabeça de Prokudin-Gorski naquele dia. Não era uma aldeia qualquer que estava fotografando, mas a terra de Raspútin. Prokudin-Gorski capturou Pokróvskoie para o tsar, mas, curiosamente, teve o cuidado de não incluir na imagem a casa de seu filho mais infame, que deixou fora do enquadramento. Talvez esse fosse o jeito de o grande fotógrafo fazer seu comentário pessoal a respeito do homem sobre quem a Rússia não conseguia parar de falar.

A vida de Raspútin é uma das mais notáveis da história moderna. Parece um conto de fadas sombrio. Camponês obscuro e sem instrução do interior da Sibéria, recebe um chamado de Deus e parte em busca da verdadeira fé, numa jornada que o leva pelas vastidões da Rússia durante muitos anos, até finalmente o conduzir ao palácio do tsar. A família real o adota e fica enfeitiçada com sua devoção, suas infalíveis intuições sobre a alma humana e seus modos simples de camponês. Como que por milagre, ele salva a vida do herdeiro do trono, mas a presença desse forasteiro, e a influência que exerce sobre o tsar e a tsarina, enfurecem os grandes homens do reino, que o atraem para uma armadilha e o matam. Muitos achavam que o santo camponês tinha previsto a própria morte e profetizado que, se alguma coisa lhe acontecesse, o tsar perderia o trono. Foi de fato o que aconteceu, e o reino que ele um dia governou passou anos mergulhado numa sangria e numa miséria indescritíveis.

Mesmo antes do seu hediondo assassinato num porão de Petrogrado

nos últimos dias de 1916, Raspútin tinha se tornado, aos olhos de boa parte do mundo, a personificação do mal. Dizia-se que sua perversidade não conhecia limites, bem como seu impulso sexual, que jamais se satisfazia, por mais mulheres que levasse para a cama. Sátiro bêbado e bestial, com os modos de um animal de fazenda, Raspútin mostrava a astúcia inata do camponês russo e sabia bancar o homem simples de Deus quando estava diante do tsar e da tsarina. Convenceu-os de que era capaz de salvar seu filho, o tsarévitch Alexei, e com ele a própria dinastia. Os dois se colocaram, junto com o império, nas mãos dele, e Raspútin, com sua ganância e corrupção, traiu-lhes a confiança, destruindo a monarquia e provocando a ruína da Rússia.

Raspútin é provavelmente o nome mais familiar da história russa. Foi tema de dezenas de biografias e romances, filmes e documentários, peças teatrais, óperas e musicais. Suas façanhas foram enaltecidas em canções, desde a jazzística “Rasputin (The Highfalutin’ Lovin’ Man)” até o grande sucesso da eurodisco de 1978 “Ra Ra Rasputin, lover of the Russian queen... Ra Ra Rasputin, Russia’s greatest love machine”, de Boney M. Há incontáveis bares, restaurantes e casas de nome Raspútin, um software de computador (acrônimo de Real-Time Aquisition System Programs for Unit Timing in Neuroscience), uma história em quadrinhos, um boneco colecionável. Ele é o astro de pelo menos dois games (*Hot Rasputin* e *Shadow Hearts 2*) e aparece em mangás e animês japoneses. Há uma cerveja preta chamada Old Raspútin Imperial Stout, e, como não poderia deixar de ser, uma vodca que leva seu nome. A vida de Raspútin serviu de base até para um número de patinação no gelo dos dançarinos russos Natália Bestemianova e Andrei Bukin. A cultura popular transborda de referências a Raspútin.

Um século depois de sua morte, Raspútin continua firmemente instalado no imaginário público como “o monge louco” ou “o diabo santo”, a formulação paradoxal mas evocativa criada pelo padre russo Iliodor, um dos seus mais íntimos amigos e, mais tarde, archi-inimigos. Com tudo que já foi dito sobre Raspútin nos últimos cem anos, pode parecer que não há mais nada a acrescentar. Ou haveria? O colapso da União Soviética em 1991 foi seguido de um intenso e às vezes penoso reexame do passado de Raspútin. Os heróis do velho regime tornaram-se vilões, e os vilões, heróis, num desses violentos movimentos

pendulares típicos da Rússia. Nada demonstra melhor a mudança do que o status do tsar Nicolau II e sua mulher, Alexandra: desprezados como inimigos do povo pelos soviéticos, juntamente com os cinco filhos, foram canonizados como santos pela Igreja ortodoxa russa em 2000, tendo seus restos mortais sepultados com grande cerimônia ao lado dos governantes tsaristas da Rússia na Catedral de São Pedro e São Paulo. ^{*}

Raspútín não foi esquecido nessa abrangente transvaloração da história russa. Uma nova geração de historiadores vem trabalhando para recuperar o que insistem em descrever como o verdadeiro Raspútín. ¹ As histórias contadas sobre ele no último século, segundo afirmam, não passam de um mar de mentiras, meias verdades e distorções fabricadas por seus inimigos. Raspútín, na opinião deles, foi objeto da maior calúnia da história. Era um pai e um marido dedicado, um honesto homem de Deus, um devoto cristão ortodoxo, um humilde camponês russo inspirado por visões divinas que colocou seus dons especiais a serviço da família real e de sua amada Rússia. Os relatos de sua devassidão, suas bebedeiras, sua corrupção e sua interferência nos negócios de Estado seriam meros boatos.

A campanha contra Raspútín seria parte de uma guerra mais ampla contra a monarquia travada por forças hostis empenhadas em destruir não apenas a dinastia Románov, mas até mesmo a Santa Rússia. A falsa imagem de Raspútín como demônio teria sido criada para minar a legitimidade e a aura sacra do trono, e com isso fomentar uma revolução que levaria ao poder um grupo fanático de comunistas ateus decididos a erradicar a Igreja ortodoxa russa e as tradições sagradas do país. Raspútín, de acordo com essa interpretação, era a personificação da verdadeira fé popular, um camponês simples e devoto que pagou por suas convicções com a própria vida. O influente padre ortodoxo Dmítri Dudko, perseguido e preso pelos soviéticos, declarou: “Na pessoa de Raspútín vejo todo o povo russo — espancado e executado, mas ainda assim preservando a fé, mesmo quando isso significava a morte. E com essa fé ele será vitorioso”. A cantora popular Janna Bichevskaia foi mais longe, referindo-se a Raspútín como o grande mártir russo. Nos últimos anos, têm aparecido ícones com a imagem de Raspútín, quase sempre apresentado ao lado de membros da família real, e grupos dentro da

Igreja ortodoxa russa exigiram a sua canonização. O assunto ficou tão sério que levou à convocação de uma comissão sinodal, que depois de anos de investigação e debate decidiu, em 2004, contra a canonização de Raspútin. De acordo com o parecer do metropolita Juvenali, falando em nome da comissão, ainda havia muitas dúvidas sobre as possíveis ligações de Raspútin com seitas místicas, bem como sobre sua reputação de beerrão e imoral. Um subgrupo da Igreja, porém, a Verdadeira Igreja Ortodoxa Russa, que se intitula sucessora da chamada Igreja das Catacumbas, que se separou da Igreja ortodoxa russa oficial nos anos de 1920, reconheceu Raspútin como santo em 1991. Pelo visto, os russos continuam divididos na questão da santidade de Raspútin. ²

Junto com um repugnante antisemitismo e uma xenofobia paranoica que impregnam essa nova representação nacionalista de Raspútin, há o problema maior de substituir um mito por outro: Raspútin, o demônio, se torna Raspútin, o santo. O pêndulo balança mais uma vez. Nenhuma das duas imagens é convincente, e fica a pergunta: quem era mesmo Raspútin?

Cheguei a Raspútin enquanto escrevia outro livro sobre o destino da aristocracia depois das revoluções russas de 1917. Pesquisando os últimos anos do antigo regime, fiquei impressionado com a onipresença de Raspútin. Não importava a fonte — correspondência pessoal, diários, jornais, livros de memórias ou tratados políticos —, lá estava Raspútin. Ele era incontornável. Como observara, sem nenhum exagero, o poeta simbolista Aleksandr Blok: “Raspútin é tudo, Raspútin está em toda parte”. ³ Em minhas décadas de estudos e pesquisas sobre a história russa, nada havia me preparado para isso. Em grande parte, a razão para tanto se devia aos preconceitos do mundo acadêmico no qual fui instruído: para estudiosos da Rússia, Raspútin não era tema digno de estudo. Era popular demais, conhecido demais fora da universidade para ser levado a sério. Havia ao redor dele uma aura circense que o tornava uma figura mais apropriada para escritores de ficção ou história popular. Era um preconceito que acabei compartilhando sem perceber. Apesar disso, descobri que não conseguiria me livrar da curiosidade pelo homem e, quanto mais lia, mais me dava conta de como foi importante para a história dos últimos Románov e o colapso da Rússia imperial.

Uma vez que entrou em minha cabeça, Raspútín se recusou a me deixar em paz.

Depois da queda dos Románov, em 11 de março de 1917, o governo provisório estabeleceu a Comissão Extraordinária para a Investigação de Ilegalidades Cometidas no Cargo por Antigos Ministros, Administradores-Chefes e outras Pessoas em Altos Cargos tanto no Serviço Civil como no Militar e no Naval. [**](#) Uma das atribuições da Comissão era descobrir a influência supostamente nefasta de Raspútín em assuntos de Estado. Dezenas de ministros, funcionários, cortesãos e amigos de Raspútín, muitos dos quais mantidos como prisioneiros pelo novo governo, foram levadas perante a Comissão para interrogatório. Num clima de desdenhoso ódio contra o velho regime, muitas testemunhas tentaram salvar a própria pele descrevendo Raspútín da pior forma possível, sustentando que sempre se opuseram à sua influência e que ele foi acima de tudo responsável pela podridão interna do regime tsarista que derrubou a monarquia. No desespero de transferir qualquer culpa para Raspútín, fizeram dele o bode expiatório da miséria da Rússia. Essa estratégia tornou-se a analogia dominante em boa parte da literatura sobre Raspútín, cujo melhor exemplo talvez seja *O esplendor perdido*, do príncipe Iussúpov, assassino de Raspútín, relato no qual a vítima é apresentada como o próprio Satã.

Um século depois da sua morte, Raspútín continua envolto em mito, praticamente invisível sob as camadas de rumores, calúnias e insinuações que se acumularam sobre ele. Ao ler suas biografias, não consegui me livrar da sensação de não estar vendo o homem que foi, mas apenas projeções alheias, caricaturas bidimensionais sem nenhuma profundidade, complexidade ou vivacidade. Parte do problema está no fato de que pela maior parte do século XX os arquivos de Raspútín na União Soviética estiveram fechados para os pesquisadores, criando uma situação na qual um número limitado de fontes publicadas, com os mesmos episódios e histórias, era repetido interminavelmente. A situação só mudou nos últimos anos: os arquivos da Rússia enfim começaram a revelar seus segredos.

Desde o início eu sabia que o único jeito de chegar mais perto do verdadeiro Raspútín era voltar aos arquivos, procurar os documentos gerados quando ele ainda era vivo, antes que o mito se consolidasse. Foi

uma tarefa inusitadamente difícil. As pistas me levaram a sete países, da Sibéria e da Rússia, através da Europa, até a Grã-Bretanha e, por fim, os Estados Unidos. O primeiro dever do biógrafo é estabelecer os fatos objetivos, exteriores, de uma vida, coisa que faltava em nosso conhecimento sobre Raspútin. Assim sendo, fui atrás de todos os fragmentos de informação que pudessem instalar Raspútin firmemente dentro do seu mundo: onde estava ele em determinado dia, fazendo o quê, se encontrando com quem, conversando sobre o quê. Eu queria seguir Raspútin no tempo, tirá-lo do éter da mitologia e transportá-lo para o contexto banal da vida diária. Parecia ser a única maneira de separar Raspútin, o homem, de Raspútin, a lenda.

Uma coisa curiosa aconteceu, porém, enquanto eu seguia os passos desse Raspútin esquivo e real. Quanto mais me aprofundava na pesquisa, mais convencido ficava de que um dos *fatos* mais relevantes acerca de Raspútin, aquilo que fazia dele uma figura tão extraordinária e poderosa, era menos *o que* ele fazia e mais *o que* todo mundo *acreditava* que fazia. Ninguém podia ter certeza das origens de Raspútin, de seus hábitos sexuais, de sua possível conexão com seitas religiosas secretas e, o mais importante, do poder exato que exercia na corte e da natureza de suas relações com o imperador e a imperatriz. A verdade mais relevante sobre Raspútin era aquela que os russos carregavam na cabeça.

Liev Tikhomirov, revolucionário radical que se tornou monarquista conservador nos últimos anos do século XIX, registrou esse fato crucial em seu diário no começo de 1916:

As pessoas dizem que o imperador foi pessoalmente avisado de que Raspútin está destruindo a dinastia. Ao que ele responde: “Oh, isso é pura bobagem; exagera-se demais a importância dele”. Um ponto de vista totalmente incompreensível. Pois é daí mesmo que vem a destruição, dos exageros descabidos. O crucial não é saber que tipo de influência Grichka tem sobre o imperador, mas que tipo de influência o povo crê que ele tem. E é isso o que de fato está enfraquecendo a autoridade do tsar e da dinastia. ⁴

Ocorreu-me, portanto, que separar o homem do mito era cometer um grave equívoco de interpretação. Não há Raspútin sem as histórias que se contam a seu respeito. Por isso tive o cuidado de ir atrás de todas essas histórias, fossem as que os cortesãos sussurravam nos palácios dos Romanov, os murmúrios obscenos que pairavam nos salões aristocráticos de São Petersburgo, os relatos libidinosos da imprensa

marrom ou as piadas pornográficas contadas por comerciantes e soldados russos. Rastreando o que se dizia sobre Raspútin, consegui entender como o mito foi criado, por quem e por quê.

A história de Raspútin é uma tragédia, e não apenas a tragédia de um homem, mas de um país inteiro, pois em sua vida — com seus complicados embates sobre fé e moralidade, sobre prazer e pecado, sobre tradição e mudança, sobre obrigação e poder, e seus limites — e em seu fim sangrento e brutal podemos distinguir a história da própria Rússia no começo do século XX. Raspútin não foi demônio nem santo, mas isso não o torna menos notável, nem sua vida menos importante para o declínio da Rússia tsarista.

* À exceção dos restos mortais do tsarévitch Alexei e sua irmã grã-duquesa Maria, guardados num arquivo estatal por insistência da Igreja ortodoxa russa, que ainda não está convencida de sua autenticidade.

** Daqui em diante referida apenas como Comissão.

PARTE UM
O SANTO PEREGRINO
1869-1904

1. Origens

Limitada ao norte pelo oceano Ártico e ao sul pelas vastas estepes da Ásia Central, a Sibéria se estende por quase 4900 quilômetros dos montes Urais ao oceano Pacífico. O trem de Moscou aos Urais viaja mais ou menos um dia e uma noite, e de lá mais cinco dias para chegar ao Pacífico. Se colocássemos todo o território contíguo dos Estados Unidos no centro da Sibéria, ainda sobraria um espaço extra de mais de 5 milhões de quilômetros quadrados. É uma terra de florestas de pinheiro e bétula, de lagos e pântanos, drenados por uma série de rios majestosos que correm em direção norte para o Ártico. É uma terra de extremos: as temperaturas variam assombrosos 105 graus, de 71 graus negativos no inverno para 34 graus no verão. É um lugar severo, implacável.

Desde os tempos mais antigos, essa terra vasta e isolada tem evocado imagens fantásticas na imaginação dos estrangeiros. Dizia-se que pais matavam e comiam os próprios filhos. Corriam histórias de siberianos morrendo quando o muco que gotejava do nariz escorria pelo corpo e os congelava no chão. Havia quem dissesse que o povo da Sibéria não tinha cabeça; que os olhos ficavam no peito, a boca entre os ombros. Ainda no século XVIII os modos e costumes da Sibéria eram mal vistos por muita gente. Depois de uma visita em 1761 a Tobolsk, a histórica capital da Sibéria, não muito longe da aldeia onde Raspútin nasceu, o astrônomo francês Jean-Baptiste Chappe d'Auteroche escreveu: “Entre as pessoas comuns, homens, mulheres e crianças dormem juntos promiscuamente, sem nenhum sentimento de vergonha. Por isso, com as paixões despertadas pelos objetos que veem, os dois sexos se entregam cedo à devassidão”. ¹ A Sibéria de há muito é sinônimo de

sofrimento, por causa dos milhares de prisioneiros mandados para lá pelos tsares e mais tarde pelos comissários, fosse para o exílio — *ssilka* — ou para o regime muito mais severo de *katorga* — trabalhos forçados. Durante séculos, criminosos comuns, revolucionários e outros subversivos marcharam pela chamada “estrada dos grilhões” que ia da Rússia para os Urais.

Mas nem todo mundo que se mudava da Rússia para a Sibéria ia contra a vontade. Para muita gente, a Sibéria significava a oportunidade de uma vida melhor. A expansão russa para a Sibéria, iniciada no século XVI, foi impulsionada por razões econômicas e pela fome do “ouro macio” — as peles de animais, em especial da marta-zibelina, que parecia tão inesgotável quanto lucrativa. O comércio de peles tornou muitos homens fabulosamente ricos e foi a locomotiva econômica da expansão. A Sibéria, por mais paradoxal que pareça, também significava liberdade, pois não havia servidão a leste dos Urais, e a mão do Estado era leve, para não dizer justa. À medida que o fardo dos servos da Rússia aumentava durante os séculos XVII e XVIII, a fuga para a Sibéria atraía quantidades cada vez maiores de camponeses. De 1678 a 1710, o número de famílias na Sibéria aumentou quase 50%, ao mesmo tempo que caía mais de 25% na Rússia. Para além dos Urais, não havia senhores aos quais dever os frutos do trabalho. Com a liberdade, a vida na fronteira russa adquiriu também um caráter selvagem, sem lei. Durante séculos, a Sibéria foi o Velho Oeste do Império Russo. Os governadores militares dos tsares eram venais, corruptos e violentos, assim como muitos comerciantes e caçadores de pele. Não só peles eram compradas e vendidas, mas também mulheres e bebidas. A violência era um fato comum da vida. ²

Os russos que ousavam fugir para a Sibéria estavam entre os súditos mais diligentes do país. Observando os camponeses locais, um viajante inglês que atravessou a Sibéria em 1861 a caminho da China notou uma indiscutível “independência de atitude”. Não era o que ele tinha visto na Rússia, com sua “pobreza, negligência e miséria”. E acrescentou: “A condição de suas famílias indica certa dose de amor-próprio”. Suas aldeias tinham um “conforto rústico”, e dava para perceber que se tratava de uma gente disposta a correr risco na esperança de uma vida melhor. ³ Tinham certo orgulho, certa dignidade e um senso de

responsabilidade para com a própria vida que não existiam entre os servos russos a oeste dos Urais.

Izosim, filho de Fiódor, foi um dos pioneiros russos que se aventuraram pela Sibéria no século XVII. Camponês pobre e sem-terra da aldeia de Palevitsi, no rio Vichегда, um afluente do rio Duína do Norte, cerca de 1300 quilômetros a nordeste de Moscou, Izosim, juntamente com a mulher e três filhos — Semion, Nason e Ievsei —, atravessou os Urais e estabeleceu-se no posto avançado de fronteira de Pokróvskoie, em 1643.

Pokróvskoie tinha sido fundada um ano antes por ordem do arcebispo da região, e quando Izosim chegou abrigava umas vinte famílias camponesas. A aldeia ficava na margem ocidental do sinuoso rio Tura, na rota dos correios que ligava as cidades de Tobolsk e Tiumen e funcionava como ponto de parada para os cocheiros descansarem e trocarem de cavalos. O nome da cidadezinha vinha da igreja da Virgem Maria — consagrada no dia santo da Pokrov Presviatoi Bogoroditsi —, que os moradores ali construíram. Os camponeses viviam de caçar raposas, ursos, lobos e texugos nas matas vizinhas e de pescar esterletes, lúcios e esturjões no Tura e nos muitos lagos da área. Além disso, cultivavam a terra, criavam gado e curtiam couro. O povo dessa parte da Sibéria vivia relativamente bem, em confortáveis casas de madeira — algumas, de dois andares. Em 1860, mais ou menos na época em que Raspútin nasceu, Pokróvskoie tinha cerca de mil moradores vivendo em duzentas casas. Ostentava leiterias e estábulos, padarias, tavernas, estalagens e mercados, serrarias, uma oficina de ferreiro e uma pequena escola. ⁴

Nos velhos registros da aldeia, Izosim não aparece com nenhum sobrenome, mas por volta de 1650 o filho Nason tinha passado a usar “Raspútin”. Não se sabe ao certo por que escolheu o nome. Talvez tivesse um segundo nome ou apelido de Rasputa (Rosputa), que deu lugar a Raspútin (como veio a ser grafado no século XIX), então um sobrenome comum na Sibéria. Apesar disso, só alguns descendentes de Nason adotaram e mantiveram o nome Raspútin através das gerações. ⁵ Foi da linhagem de Nason Raspútin que proveio Grigóri, oito gerações

depois.

O nome Raspútin tem sido tema de infindáveis discussões, quase sempre infundadas e incorretas. Muitos tentaram ligá-lo ao termo russo *rasputnik*, réprobo, ou *rasputnichat'* — comportar-se com desenfreada devassidão —, como se o nome de Raspútin derivasse de sua depravação moral ou lhe tivesse sido aposto mais tarde, por causa da má fama. As afirmações espúrias o perseguiram durante a vida toda. O *Tempo Vespertino*, por exemplo, publicou uma reportagem em dezembro de 1911 afirmando que ele recebera o apelido “Raspútin” em razão de sua imoralidade quando jovem, e que o nome depois fora oficializado ao constar do seu passaporte. Ainda hoje há historiadores que afirmam que o sobrenome Raspútin refletia a antiquíssima depravação de sua família. ⁶

As origens do nome são obscuras. Se de fato começou com um ancestral que era um *rasputnik*, então a família de Raspútin estava longe de ser incomum, uma vez que muita gente na Sibéria tinha esse nome. Mas há outras fontes mais prováveis. *Rasputa* ou *rasput'e* significam “encruzilhada”, e muito tempo atrás esse lugar era visto como antro de maus espíritos. Talvez o nome fosse dado a pessoas que, segundo a crença, teriam contato com essas forças. Há também um velho provérbio russo sobre o bobo deixado numa encruzilhada, denotando alguém indeciso. E existe ainda a intraduzível palavra russa *rasputitsa*, que se refere à úmida e lamacenta estação da primavera, quando as estradas do país se tornavam intransitáveis. É possível que uma criança nascida nessa época se chamasse Rasputa. ⁷ Sejam quais forem as origens, Raspútin era o sobrenome que Grigóri e o resto de sua família receberam ao nascer, e nunca foi dado como indicador de caráter.

Iefim Raspútin, pai de Grigóri, nasceu em Pokróvskoie em 1842. Fontes o descrevem como “um robusto e típico camponês siberiano”, “fornido, negligente e encurvado”, enquanto um exilado político que conheceu Iefim em 1910 o caracterizou como “um velho saudável, trabalhador e animado”. ⁸ Ele ganhava o sustento com serviços variados — pescando, cultivando a terra, cortando feno. Trabalhou um tempo como estivador nos barcos que faziam viagens regulares nos rios Tura e Tobol, e então conseguiu um emprego no Estado transportando passageiros e mercadorias entre Tobolsk e Tiumen. O dinheiro

geralmente era curto; uma vez Iefim foi preso porque não pagou seus impostos. Testemunhos do seu caráter são um tanto contraditórios. Serviu como um dos anciãos da igreja da aldeia, e um morador referiu-se às “conversas cultas e à sabedoria” de Iefim, ao passo que outros notaram seu gosto pela “vodca forte”.⁹ Apesar de beber, Iefim pouco a pouco conseguiu se destacar na aldeia. Adquiriu um terreno e uma dezena de vacas e quase vinte cavalos, que, embora não constituíssem grande riqueza, eram sinal de prosperidade para os padrões do campesinato russo.

Registros da igreja declaram que Iefim casou com Anna Parchukova, da aldeia de Usalka, em 21 de janeiro de 1862. Ela era dois anos mais velha. Os anos seguintes viram vários nascimentos e quase o mesmo número de mortes. De 1863 a 1867, Anna deu à luz quatro filhos — três meninas e um menino —, nenhum dos quais chegou a viver um ano. O primeiro filho a sobreviver foi um menino nascido em 9 de janeiro de 1869, quase sete anos depois do dia do casamento. Foi batizado com o nome de Grigóri no dia 10 em homenagem a São Gregório de Nissa, o místico cristão do século IV, cuja festa era celebrada nesse dia na Igreja ortodoxa russa. Na igreja com Iefim, Anna e o menino estavam os padrinhos — Matvei, irmão mais velho de Iefim, e uma mulher de nome Agafia Alemasova.¹⁰

Seguiram-se mais dois ou três filhos. Em 1874, Anna pariu gêmeos, que viveram poucos dias, e em seguida houve, possivelmente, uma nona criança, uma menina chamada Feodósia, nascida em 1875, que sobreviveu até a vida adulta. Embora os registros existentes não atestem com clareza se ela e Grigóri eram irmãos ou parentes mais distantes, os dois eram amigos. Ele serviu de testemunha no casamento dela, em 1895, e mais tarde foi padrinho de dois filhos de Feodósia. A história, muito repisada, de que Grigóri teve um irmão ou primo chamado Dmítri, que morreu afogado e em cuja morte Raspútín teria renunciado a própria, não passa de invenção.¹¹

Toda a juventude de Raspútín — na verdade seus primeiros trinta anos de vida, mais ou menos — é um buraco negro sobre o qual não sabemos quase nada, fato que facilitou todo tipo de inverdades e lorotas. Em 1910, no auge de um dos primeiros escândalos em torno de Raspútín, o jornal *Manhã da Rússia* publicou uma reportagem alegando

que investigadores tinham descoberto detalhes chocantes sobre a vida dos pais de Raspútin. Iefim, segundo a reportagem, seria um “sibarita muito devasso” que insistia em ter sexo com a mulher durante a gravidez. Uma vez, quando Anna tentou resistir, ele gritou com ela: “Afasto logo as pernas, ande, afasto logo!”. Por isso os aldeões passaram a chamar o menino de Grichka Afasto Logo. ¹² Outra lenda dizia que, perto do fim da gravidez de Grigóri, quando a barriga de Anna estava muito grande, Iefim insistiu que fizessem sexo anal, o que supostamente teria sido testemunhado por um homem que trabalhava na casa e espalhou a história na aldeia. ¹³ Casos como esse eram inventados para sugerir que a perversão sexual era uma espécie de tradição na família de Raspútin.

Sabemos que Raspútin nunca recebeu educação formal e permaneceu analfabeto até o começo da vida adulta. O que não era incomum. A maioria dos camponeses, que trabalhavam cultivando a terra, raramente frequentava escola, e o índice de alfabetização era de 4% na Sibéria em 1900, e meros 20% em nível nacional. Os pais de Raspútin também não estudaram. De acordo com o recenseamento de 1897, ninguém na casa de Raspútin sabia ler. ¹⁴ O pequeno Grigóri, como outros meninos de Pokróvskoie, passou a ajudar o pai assim que pôde. Aprendeu a pescar, cuidar do gado, trabalhar na lavoura. Aos domingos, ia à igreja com a família. Era a vida do camponês médio, e não parece ter havido nada em sua juventude, a julgar pelo que as fontes primárias nos contam, que sugerisse que Raspútin estava destinado a levar uma vida diferente daquela dos seus antepassados.

Em grande parte, é por sabermos tão pouco sobre esse período que outras pessoas se sentiram livres para criar sua própria versão da vida na casa de Raspútin. É bem típica esta descrição que apareceu no *Folheto de Petrogrado* em dezembro de 1916:

A aldeia do santo era pobre e abandonada. Seus moradores tinham uma reputação particularmente ruim, mesmo para os padrões siberianos. Desocupados, trapaceiros, ladrões de cavalo. E os Raspútin eram iguais aos demais, e ele saía a eles assim que crescesse.

Na juventude, Raspútin era uma lástima. Boca-suja, inarticulado, linguarudo, imundo, ladrão e blasfemador, era o terror de sua aldeia natal. ¹⁵

O *Folheto de Petrogrado* definia-o como um imprestável cuja preguiça o levava a apanhar do pai. A acusação mais séria, porém, era a de que o

jovem Raspútin tinha sido ladrão e que os registros da administração local guardavam provas de que fora julgado por roubo de cavalo e por levantar falso testemunho.

Pável Raspopov, de Pokróvskoie, contou à Comissão em 1917 coisas parecidas sobre a pessoa e os hábitos de Raspútin. Tinham pescado juntos na juventude, segundo ele, e nenhum dos outros jovens queria saber de chegar perto de Raspútin. O nariz dele estava sempre escorrendo na hora de comer e, quando fumava seu cachimbo, babava muito. Raspútin chegara a ser expulso da comunidade, declarou Raspopov, depois de ter sido flagrado roubando vodca. ¹⁶ Há também relatos de Raspútin roubando feno e lenha, embora fosse mais divulgada a alegação de roubo de cavalo, crime particularmente grave na Rússia pré-revolucionária. ¹⁷ Como tanta coisa acerca de Raspútin, a história crescia cada vez que era contada. Se de início se mencionava Raspútin roubando cavalos em uma ou duas ocasiões, mais tarde o que se dizia é que ele vinha de uma longa linhagem de ladrões de animais. O compositor sueco Wilhelm Hartevelt, que esteve com Raspútin mais de uma vez, disse depois da morte de Raspútin que ele nascera numa família de ladrões de cavalo. Iefim supostamente lhe ensinou o ofício da família, por assim dizer, e sentiu-se muito orgulhoso quando o filho se tornou conhecido, aos dezesseis anos, como um dos melhores ladrões da região. O príncipe Félix Iussúpov fez comentário parecido em suas influentes memórias. ¹⁸ Se fossem verdadeiras, essas histórias teriam deixado algum rastro nos arquivos de Tobolsk ou Tiumen, mas, apesar dos esforços dos historiadores, nunca se descobriu nenhuma referência ao fato de Raspútin ter sido acusado do que quer que fosse nos tribunais. ¹⁹

No entanto, há informações que provam que Raspútin era um jovem indisciplinado. Detalhes colhidos entre os moradores de Pokróvskoie para um relato de gendarmes de Tiumen em 1909 confirmam que Raspútin tinha “vários vícios”, como “gostar de embriagar-se” e cometer “pequenos roubos”, antes de sumir e voltar outro homem. ²⁰ A data do documento é importante, pois antecede a notoriedade de Raspútin, sendo portanto mais provável que reflita a verdade — ou algum aspecto da verdade —, e não simplesmente o afã de moradores de dizer aquilo que supunham que os gendarmes quisessem ouvir.

E há também uma série de documentos que definham, despercebidos, nos arquivos de Tobolsk até hoje. De acordo com uma investigação oficial, no fim de junho de 1914 um jornalista e seu secretário chegaram da capital à administração distrital (*volostnoe pravlenie*) em Pokróvskoie dizendo-se agentes do governador-geral de São Petersburgo para coletar provas oficiais dos roubos de cavalo praticados por Raspútin na juventude. O funcionário, um homem chamado Nalobin, intimidado demais para pedir comprovantes de identificação, fez uma pesquisa no “Livro de Condenações Anteriores” da aldeia e relatou que Raspútin jamais fora preso ou punido por crimes dessa natureza. Mencionou, porém, que dispunha de documentos comprovando que em 1884 o chefe do distrito (*volostnoi starshina*) tinha condenado Raspútin, então com quinze anos, a dois dias de prisão por sua “atitude grosseira” para com ele. Essa, segundo o funcionário, era a única menção do passado criminoso de Raspútin. Nalobin pediu aos homens que assinassem o livro de protocolo afirmando terem recebido as informações, mas eles se recusaram e partiram às pressas. ²¹ Quando soube o que Nalobin tinha feito, Raspútin ficou furioso e insistiu com o governador de Tobolsk que verificasse o que houve. A investigação revelou que Nalobin tinha de fato mostrado aos dois homens os livros da aldeia com os detalhes incriminadores. Por não ter exigido uma confirmação válida da identidade dos homens, Nalobin foi multado em cinco rublos.

É uma descoberta notável, pois cala de forma definitiva as histórias de roubos de cavalo cometidos por Raspútin, bem como relatos de outros crimes. Se houve “pequenos furtos”, como os aldeões e Raspopov alegavam, então eram mesmo muito “pequenos”, a ponto de sequer merecerem a atenção das autoridades da aldeia. É notável também por oferecer a prova mais irrefutável até agora apresentada da natureza rebelde, talvez até turbulenta, da juventude de Raspútin, coisa de há muito conjecturada, e até mesmo vagamente insinuada pelo próprio, mas jamais documentada de maneira confiável. Claro, essas transgressões de juventude são muito comuns, mesmo entre cristãos virtuosos como santo Agostinho. Mas Agostinho, apesar de roubar e fornicar quando jovem, mudou por completo depois que se converteu ao cristianismo. Não se pode dizer o mesmo de Raspútin, que lutaria

contra seus vícios pelo resto da vida, com frequência falhando e cedendo ao pecado, coisa que ele mesmo, vale notar, jamais negou.

Vinte e oito quilômetros a sudeste de Tobolsk, o Santo Mosteiro de Znamenski, em Abalak, fica no alto de um penhasco à beira do rio Irtich, construído no lugar onde, em 1636, uma velha camponesa teve uma visão exigindo-lhe, em nome da Mãe de Deus, que construísse uma igreja. O mosteiro tornou-se moradia de um ícone milagroso da Virgem Maria, famoso em toda a Sibéria por seus notáveis poderes de cura. Pessoas viajavam quilômetros até Abalak para conhecer a santidade do mosteiro e receber a bênção do ícone.

Foi em Abalak, no verão de 1886, que Raspútin conheceu uma moça camponesa de nome Praskóvia Dubróvina. Ela era gorda e loura, com olhos escuros. Tinha três anos e pouco a mais do que Raspútin, nascida em 25 de outubro de 1865, o que a tornava quase uma tia solteirona para os padrões de uma moça camponesa. ²² Ela, como Raspútin, estava lá para comemorar a Festa da Assunção naquele verão. Namoraram vários meses e casaram logo depois que Raspútin completou dezoito anos, em fevereiro de 1887. ²³ Sabe-se muito pouco sobre Praskóvia. Todos que a conheceram só tinham coisas boas a dizer. Era uma esposa e nora trabalhadora, leal, obediente (até mesmo submissa). Como solteirona, Praskóvia talvez fosse grata a Raspútin pela proposta de casamento, o que significava uma casa, família e alguma segurança e estabilidade. A Rússia camponesa não era lugar para mulheres sozinhas. Apesar da obsessão do marido por mulheres, de suas bebedeiras e longas ausências, ela lhe foi dedicada pelo resto da vida, sempre a postos em Pokróvskoie, mantendo a casa e esperando pacientemente que ele voltasse. De sua parte, Raspútin sempre cuidou que ela tivesse o necessário para si e para a casa, e contratava mulheres jovens para ajudar Praskóvia no trabalho e lhe fazer companhia enquanto ele estava fora.

Depois do casamento, foram morar com os pais de Grigóri, como exigia o costume. Logo vieram os filhos, ao todo sete, embora a maioria morresse cedo. Mikhail, nascido em 29 de setembro de 1889, morreu de escarlatina antes de completar cinco anos. Em maio de 1894, Praskóvia deu à luz os gêmeos Gueórgui e Anna. Eles sucumbiram à coqueluche

dois anos depois, juntamente com várias crianças da aldeia. Dmíttri, nascido em 25 de outubro de 1895, foi o primeiro dos cinco filhos a chegar à idade adulta, seguido de Matriona (mais conhecida como Maria), nascida em 26 de março de 1898, e depois por Varvara, em 28 de novembro de 1900. Uma quinta criança, Praskóvia, nascida três anos depois de Varvara, não chegou a viver três meses. ²⁴ De acordo com o recenseamento de 1897, Grigóri, então com 28 anos, não tinha casa própria, mas ainda vivia com o pai, de 55 anos, e a mãe, de 57, além de sua mulher e o filho Dmíttri, de um ano. Todos da casa são listados como analfabetos, os homens como agricultores camponeses do Estado. ²⁵ Até então, a vida de Raspútín parecia desenrolar-se exatamente como a de milhões de camponeses russos: trabalhar na lavoura, frequentar a igreja, fazer suas orações, obedecer ao pai, casar, ter filhos, e manter em movimento o ritmo eterno da vida camponesa. Mas de repente tudo mudou.

2. O peregrino

Em 1907, Raspútín falou sobre o começo de sua vida para uma de suas auxiliares, uma mulher chamada Khionia Berladskaia, que anotou por escrito as palavras dele e ajudou a publicá-las num folheto intitulado *A vida de um peregrino experiente*. “Quando vivi primeiro antes da idade de 28”, contou Raspútín a Berladskaia,

como se diz, no mundo, vivi em paz, ou seja, amava o mundo e agia de modo justo e buscava consolação do ponto de vista secular. Com frequência me unia a trens de carga, trabalhava como cocheiro, pescava e arava os campos. Tudo isso é mesmo muito bom para um camponês.

Tinha minhas tristezas também: qualquer erro que fosse cometido em algum lugar, eu era acusado, apesar de não estar envolvido. Trabalhadores zombavam de mim. Eu arava muito e dormia pouco e vivia perguntando ao meu coração como fazer para ser salvo. Via os padres como modelo, mas não era exatamente o que eu queria. [...] Por isso comecei a fazer peregrinações e era esperto e observador, interessado por tudo, coisas boas e más, tinha perguntas, mas ninguém a quem pedir uma resposta. Viajei muito, e pesquisei, e tentei de tudo na vida. ¹

As razões por trás da mudança na vida de Raspútín, que acabaria por levá-lo de Pokróvskoie para o palácio do tsar, estão desde sempre envoltas em lenda. Nikolai Sokolov, chefe da investigação de 1919 sobre o assassinato dos Románov, afirmou que Raspútín saiu de Pokróvskoie não para procurar Deus, mas para se livrar do trabalho árduo. Outros escreveram que a motivação de Raspútín era evitar uma temporada na prisão ou o desterro por roubo de cavalo. Raspútín supostamente propôs fazer uma peregrinação ao Mosteiro de São Nicolau em Verkhoturie — a quase quatrocentos quilômetros de distância — para expiar seus pecados. ² Nenhuma dessas histórias convence. Dmítri Striapchev, velho amigo de Raspútín, disse à imprensa em 1914 que quando jovem Raspútín não gozava da melhor reputação do mundo em

sua aldeia. Tinha um fraco pela bebida, entre outras coisas. Mas uma noite teve um sonho. São Simão Verkhotúrski apareceu diante dele, dizendo: “Largue tudo e torne-se um novo homem, eu o exaltarei”. ³ Em sua *Vida*, Raspútín fez referência a São Simão Verkhotúrski também, comentando que o santo ajudou a curá-lo da insônia e a fazê-lo parar de urinar na cama, problema que persistiu quando adulto, e foi esse milagre que deu à sua vida uma nova direção dedicada a Deus. ⁴ Maria, filha de Raspútín, que ainda não era nascida na época dessa transformação, escreveu que o pai bebia, fumava e comia carne como os outros camponeses, mas que de repente mudou. Largou tudo e começou a fazer peregrinações a lugares distantes. Em uma das edições de suas memórias, Maria afirma que o pai teve uma visão: quando estava no campo, Santa Maria apareceu no céu e apontou para o horizonte. Raspútín sentiu que a Virgem zelava por ele, ordenando-lhe que saísse à procura da verdade. Ele passou uma noite inteira sozinho com um ícone de Maria. Na manhã seguinte, acordou com o rosto banhado em lágrimas. Ouviu uma voz que dizia: “Eu choro pelos pecados da humanidade, Grigóri. Parta em peregrinação e limpe as pessoas de seus pecados”. ⁵

Ainda que essa história seja verdadeira, aparentemente foi preciso mais do que o incentivo da Virgem para convencer Raspútín a buscar Deus além do horizonte. Moradores da aldeia contaram a um visitante em 1910 que a súbita mudança no comportamento de Raspútín tinha a ver com uma viagem a Tiúmen que ele fez em companhia de um jovem estudante de teologia chamado Meliti Zaborovski, que viria a tornar-se monge e reitor do Seminário Teológico de Tomsk. Maria também mencionou Zaborovski, notando que o pai o encontrara por acaso ao voltar da serraria. Raspútín contou sobre sua visão a Zaborovski e pediu-lhe conselhos, ao que o estudante respondeu: “O Senhor o chamou e é um pecado não atender”. ⁶

Quase tão pouco clara quanto as razões da mudança é a data em que ela se deu. Parte do problema era o próprio Raspútín. Em 1908, por exemplo, ele declarou que tinha começado sua peregrinação em 1893, quando tinha 24 anos. ⁷ Aqui Raspútín parece equivocado. Como declara em sua *Vida*, ele começou suas peregrinações quando tinha 28, portanto em 1897, a mesma data que forneceu ao padre Aleksandr

Iureviski numa conversa na Sibéria em 1907. ⁸ Essa data posterior parece mais provável.

Raspútín era, pelos padrões daquele tempo, um camponês de meia-idade quando decidiu deixar sua aldeia em busca de Deus. Foi uma decisão radical, e só pode ter sido motivada por algum tipo de crise emocional ou espiritual. Talvez fosse uma espécie de crise da meia-idade: estava casado havia dez anos, tinha um filho pequeno e outro a caminho, a vida era uma labuta sem fim. Levantar-se e sair de casa era uma forma de fuga, uma chance de ter outra vida. Raspútín já provara dessa outra vida em suas curtas peregrinações ao Mosteiro de Abalak e à grande catedral de Tobolsk, mas agora queria ir mais longe, e demorar-se mais. Raspútín era por natureza inquieto. Incapaz de permanecer muito tempo no mesmo lugar, ele passaria o resto da vida em movimento. Mas havia mais na decisão de Raspútín do que o desejo de escapar. O impulso religioso expresso na citação acima era mesmo sincero. Tratava-se um homem inquieto também em sua busca religiosa, e suas indagações sobre a natureza de Deus e da religião ultrapassavam a capacidade (provavelmente limitada) dos padres locais.

Não há registro de como o resto da família reagiu à sua partida em busca de Deus. Decerto deve ter sido difícil. Grigóri era o único filho de Iefim, que precisava dele em casa para ajudar no serviço. Não deve ter ficado muito feliz ao vê-lo ir embora, e indícios sugerem que as relações entre os dois sofreram um baque. ² Praskóvia também não deve ter gostado, mas no mundo patriarcal do campesinato ela não tinha escolha senão concordar. Um fato que não costuma ser devidamente levado em conta é que, quando Raspútín saiu de casa, mais de metade de sua existência já tinha ficado para trás. Só teria mais dezenove anos de vida.

Os *stranniki*, santos andarilhos ou peregrinos religiosos, eram uma visão comum na velha Rússia. Através dos séculos XVIII e XIX, a ideia de fazer peregrinações a lugares santos era amplamente disseminada entre ricos e pobres. Se os ricos podiam se dar ao luxo de viajar de carruagem, os pobres tinham que se contentar com os próprios pés, partindo com uma sacola de pano nas mãos. Andando de aldeia em aldeia, os peregrinos contavam com a generosidade de estranhos para comer e ter onde descansar à noite. Com frequência, porém, passavam fome e dormiam ao relento, à luz das estrelas. Trajavam pouco mais do

que trapos e, como era de hábito, andavam descalços. Muitos usavam grilhões. Não era uma vida fácil. Em 1900, havia cerca de 1 milhão de peregrinos na Rússia, perambulando sem parar de um lugar santo para outro, em busca de salvação e sabedoria. Enquanto andavam, os peregrinos repetiam a Oração de Jesus: “Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim, pecador”. [10](#)

Muitos russos tinham os peregrinos em alta consideração. Fiódor Tiútchev, o grande poeta do século XIX, exaltou-os em “O andarilho”: “É protegido por Zeus/ Aquele que se arrasta sozinho pela face da Terra!.../ Apesar de rejeitado pelos lares nativos, tem sua casa entre os deuses”. [11](#) Para as autoridades, no entanto, os peregrinos estavam longe de ser inocentes andarilhos religiosos. Alexei Vassiliev, último chefe da polícia tsarista, escreveu que aqueles homens e mulheres “representam o contingente 100% anarquista entre os camponeses russos”. Figuras inquietas, sem objetivo definido, evitavam qualquer contato com o Estado, acima de tudo para se livrarem de toda obrigação social. Vassiliev estava convencido de que os *stranniki* precisavam ser eliminados para o bem público. [12](#)

“Quando comecei a fazer peregrinações”, lembrou anos depois Raspútin, “passei a sentir o prazer de estar num mundo diferente.” Observava nas pessoas as diversas maneiras de servir a Deus e percebeu que era possível participar de Sua obra e ao mesmo tempo viver no mundo, desde que agisse a partir de um profundo entendimento da graça divina. A vida de peregrino era dura. Raspútin andava cinquenta quilômetros por dia em qualquer clima. Pedia esmolas ou fazia trabalhos esporádicos para ganhar uns copeques. Com frequência era violentamente atacado por salteadores e perseguido por assassinos. O Diabo estava sempre a tentá-lo com “desejos profanos”. Raspútin se humilhava para testar sua força de vontade. Obrigava-se a passar dias sem alimento ou água, andou seis meses sem trocar as roupas de baixo ou tocar no corpo, e durante três anos viajou pela Rússia portando grilhões. À antiquíssima maneira cristã, essa mortificação da carne o aproximou em espírito do Cristo. Com o tempo Raspútin abandonou as correntes de metal pelas “correntes do amor”. Aprendeu a ler os Evangelhos, a contemplar seu significado e a encontrar Deus em todas as coisas, em especial na beleza da paisagem russa. O amor do Cristo

inundava-lhe a alma. “Amo todo mundo, indiscriminadamente”, dizia. Quando bandidos o assaltavam, ele lhes dava tudo que tinha, dizendo, para seu espanto: “Não é meu, é de Deus”. Dividia o pouco alimento que tinha com os camaradas *stranniki*, pois tudo vinha de Deus. ¹³

Admiração pelos encantos da natureza. Convicção da presença do Demônio no mundo à nossa volta. Luta contra as exigências do corpo. Indiferença ao dinheiro e às coisas materiais. Respeito reverencial ao poder do amor. Ascetismo e práticas religiosas inusitadas combinados com um espírito independente. Nessas passagens Raspútin revelava os temas que haveriam de dominar sua vida.

Verkhoturie, localizado nos Montes Urais, é um dos lugares mais sagrados da Rússia, sede de dezenas de igrejas e do Mosteiro de São Nicolau. Era um destino apreciadíssimo entre os peregrinos, incluindo Raspútin, e foi ali que ele conheceu um dos homens santos mais reverenciados da época. Makari, nascido Mikhail Polikarpov, era um ancião que vivia numa pequena cabana no mato não muito longe do mosteiro. Margarita Sabachnikova, a primeira mulher do poeta simbolista Maximilian Volochin, visitou Makari em 1910, em sua pequena cabana, cercado das galinhas de que adorava cuidar. “Seu rosto era extemporâneo”, lembrava-se ela. “As rugas profundas serviam como prova de alarme, embora não para si, mas para os outros.” Seus olhos pareciam não conhecer o sono. Vestia-se como um camponês e agia estranhamente, o olhar fixo no céu enquanto conversava com as galinhas. Apesar disso, Makari exerceu um misterioso poder sobre ela. “Havia qualquer coisa de cativante em sua aparência, uma espécie de presença, o jeito como nossos olhares se cruzaram. Ele só pode ser mesmo um ancião, pensei comigo, e me prostrei de joelhos diante dele.” ¹⁴

“Um ancião”, escreveu Fiódor Dostoiévski em *Os irmãos Karármazov*,

era alguém que tomava sua alma, sua vontade, na alma dele e na vontade dele. Quando você escolhe um ancião, renuncia à própria vontade e a entrega a ele em total submissão, completo desprendimento [...] essa terrível aprendizagem de abnegação é empreendida voluntariamente na esperança de conquistar a si mesmo, de dominar a si mesmo, a fim de obter, depois de uma vida de obediência, a perfeita liberdade, quer dizer, de si mesmo; escapar do quinhão daqueles que viveram sua vida sem encontrar a si mesmos em si mesmos.

Um ancião tinha rara sabedoria interior, um talento inspirado por Deus que lhe dava o poder de agir como guia espiritual de pessoas em busca de iluminação. O primeiro e mais famoso de todos os anciãos foi santo Antão do Egito (251-356). Ele se afastou do mundo para viver na solidão do deserto por mais de vinte anos, e só depois desse intenso período de isolamento e contemplação começou a receber visitantes em busca da sabedoria e da fé. De importância capital na vida de santo Antão, que se tornou modelo de todos os anciãos futuros, é a ideia de recolher-se antes de estar preparado para retornar ao mundo.

O maior santo nacional da Rússia, Sérgio de Radonej (1314?-92), levou essa vida de *stárets*, deixando o mundo para trás em troca das solitárias florestas russas, onde fundou um eremitério e viveu uma vida de autodisciplina e oração. Com o tempo, a notícia do eremitério e do santo Sérgio se espalhou, e pessoas começaram a buscá-lo para ser guia espiritual. Quando o número de discípulos cresceu, ele fundou um mosteiro ao norte de Moscou que se tornaria o lugar mais sagrado do principado de Moscúvia. Mas Sérgio nunca abandonou os modos de asceta, e os peregrinos muitas vezes se chocavam com o que encontravam. Conquanto fosse nobre de nascença, ele ainda trabalhava na horta, vestido como um pobre camponês, de roupas sujas, sem quase nunca tomar banho. Parecia um mendigo e tinha fugido para o ermo; no entanto, Sérgio era amigo do grão-duque da Moscúvia e não evitava a política. Em 1380, na véspera da Batalha de Kulikovo contra os tártaros, o príncipe Dmítri Donskói, o governante de Moscou, foi pedir a bênção de Sérgio.

Embora anciãos sejam uma característica da Igreja ortodoxa em geral e tenham surgido em épocas variadas, o maior florescimento do fenômeno se deu na Rússia do século XIX, na chamada “era do *stárets*”. Começando com são Serafim de Sarov e prosseguindo com os grandes *startsi* do Mosteiro de Optina (Leônidas, Macário, Ambrósio), essas figuras carismáticas tiveram enorme influência na vida espiritual russa, e não só entre as pessoas comuns, mas também entre escritores e pensadores. O grande *stárets* de *Os irmãos Karamázov*, padre Zossima, foi em parte inspirado nos *startsi* de Optina. ¹⁶ Como tantos outros, Raspútín foi profundamente tocado pelo *stárets* Makari. Esse humilde perseguidor da verdade tinha mergulhado na fé ortodoxa e memorizado

boa parte da Bíblia; seus ajudantes acreditavam que ele não só era capaz de citar as Escrituras, mas também de vivê-las, como se fosse a personificação dos ensinamentos de Jesus. Os detalhes da interação entre os dois homens são escassos. É possível que Raspútin tenha passado meses no Mosteiro de Verkhoturie, tornando-se uma espécie de pupilo de Makari. Foi talvez aí, com os monges e não com Makari, que era analfabeto, que Raspútin aprendeu a ler e escrever, habilidades que adquiriu sem no entanto dominá-las completamente. [17](#)

Raspútin ficou impressionado com Makari, mas não com o mosteiro e seus monges. Mais tarde disse a Maria que o “vício” que infectara tantos mosteiros tinha tomado conta também de Verkhoturie. O vício a que se referia era muito provavelmente o homossexualismo. Achava também que existia um elemento de coerção na vida monástica que o repelia. Certa vez comentou: “A vida monástica não é para mim. Ali há violência contra as pessoas”. Raspútin insistia em dizer que o único caminho verdadeiro para o cristão era buscar a salvação no próprio mundo. Levando em conta a natureza inquieta de Raspútin, isso não é de admirar. Ele jamais se submeteria à rotina de uma autoridade superior, exceto Deus e o tsar. Segundo Maria, foi a visita do pai a Makari que o convenceu de que a vida de andarilho era a que lhe convinha. [18](#)

Com o tempo, Raspútin ia cada vez mais longe em suas viagens. É possível que tenha viajado em 1900 até o Monte Atos, principal centro do monasticismo ortodoxo desde o século X. Numa península rochosa da Grécia, no mar Egeu, ergue-se a chamada “Montanha Sagrada” de Atos, com 2030 metros de altura, sede de mais de vinte mosteiros, assentamentos monásticos e celas de eremita. Com Raspútin estava Dmítri Pecherkin, camarada peregrino e possivelmente parente seu, que ficou tão comovido com a vida em Atos que preferiu ficar, entrar no mosteiro de Panteledimonovski e receber a tonsura de clérigo sob o nome de Daniil. Dmítri permaneceria no mosteiro até 1913, quando se viu envolvido numa controvérsia e voltou para Pokróvskoie. [19](#)

Nessas viagens Raspútin ausentava-se de casa durante meses ou anos. Quando voltava, nem sempre era reconhecido, mesmo pela própria família. As mais antigas recordações que Maria tinha do pai remontavam a um anoitecer de outono em 1913. Ela e Dmítri estavam

brincando com outras crianças da aldeia quando a mãe os chamou para jantar. Um estranho alto, de rosto cansado, com um empoeirado casaco de pele de carneiro, segurando um saco, aproximou-se. Parecia um daqueles peregrinos que eles costumavam ver andando pela aldeia. Então Praskóvia percebeu que se tratava do marido, e, de tanta alegria, gritou seu nome. Havia dois anos que não se encontravam. Maria e o irmão pularam nos braços do pai e o sufocaram de beijos.

Em suas memórias, Maria assinala com exatidão o amor do pai pela aldeia natal, que nunca se perdeu. Apesar disso, chegada a primavera, ele era tomado por um desejo ardente de sair. “Passeios pela vizinhança imediata”, comenta ela, “já não o satisfaziam. Uma vontade irresistível de viajar de repente tomava conta dele, até que, numa bela manhã, com a sacola no ombro, lá ia ele, determinado a fazer uma longa viagem, para um famoso lugar de peregrinação, ou sem rumo certo, confiando na hospitalidade das aldeias por onde passasse e em seus talentos de pregador e contador de histórias.” Maria e Dmítri suplicavam ao pai que os levassem também, movidos sobretudo pelo desejo de escapar do mesquinho sacerdote da aldeia encarregado de sua instrução religiosa, padre Piotr Ostroumov, homem pelo qual Raspútin, ao que parece, tinha pouca consideração. [20](#)

Santos peregrinos quase nunca tinham casa, mulher e filhos para os quais pudessem voltar, e nisso Raspútin se distinguia dos companheiros *stranniki*. Raspútin, que jamais reconheceu e se submeteu a normas vigentes, buscou o próprio caminho, definindo, à sua maneira, o que significava ser peregrino. A decisão de não usar mais grilhões exemplifica esse jeito de pensar. Em 1907, Raspútin disse ao padre Aleksandr Iurevski que quando começou a perambular usava grilhões. “Mas não presta usá-los: você começa a pensar só em si mesmo, que já é um santo. Por isso tirei os meus e comecei a usar uma camisa o ano inteiro, sem tirar. Esse é um jeito melhor de humilhar-se.” [21](#)

Curioso, inteligente e tolerante, mas ao mesmo tempo independente e até rebelde, Raspútin pegava tudo que o mundo religioso russo tinha a oferecer, ficando só com o que lhe convinha, e criando, durante esse processo, sua própria versão da ortodoxia camponesa.

Os anos que passou vagando pelo mundo foram a universidade de Raspútin. Como o *strannik* Luka, de *Ralé*, de Maksim Górkí, ele tinha

visto quase tudo que havia para ver no vasto império dos tsares e se misturara a todo tipo de gente — camponeses e trabalhadores braçais, trapaceiros, ladrões e assassinos, simples homens de Deus e curas de aldeia (alguns virtuosos, outros não), funcionários corruptos, mendigos e aleijados, nobres arrogantes, freiras penitentes, policiais violentos e soldados endurecidos. Seu conhecimento da ordem social russa era amplo, e sua compreensão da psicologia humana, profunda. Raspútin desenvolveu em suas andanças um talento para decifrar pessoas. Era capaz de acabar de conhecer alguém e, estranhamente, saber o que lhe ia na mente, que problemas tinha vivido no passado, que tipo de pessoa era. E sabia como falar com os outros. Sabia discorrer com autonomia sobre as Sagradas Escrituras e o significado de Deus de uma forma que os padres, com seu saber livresco, não eram capazes. Sua linguagem era direta, pessoal, inconfundivelmente viva e prática, repleta de referências à vida diária e à beleza do mundo natural.

“Meu pai costumava nos pôr sentados em seus joelhos, meu irmão Mítia, minha irmã Varvara, e eu”, escreveu Maria a respeito daqueles tempos. “Contava histórias maravilhosas, com a ternura que sempre demonstrou e aquele olhar ausente no qual pareciam estar refletidas as terras que visitou e as estranhas aventuras que viveu na estrada.” Falava das muitas maravilhas do reino do tsar — os milhares de cúpulas douradas que perfuravam o céu, as reluzentes riquezas dos bazares tártaros, os rios majestosos, o sagrado silêncio das florestas siberianas, a beleza agreste das estepes. Às vezes sua voz falhava, tornando-se um sussurro, quando lhes falava de suas visões. Maria jamais esqueceu o que Raspútin disse de uma linda mulher, “com os traços da Virgem Santa”, que apareceu diante dele e falou de Deus. Ao terminar, fazia automaticamente o sinal da cruz na cabeça das crianças. Deus era o consolo da vida, dizia Raspútin, e ensinava-lhes orações. Nem todo mundo sabe rezar, afirmava, é preciso acreditar no fundo do coração e limpar a cabeça de todos os pensamentos, deixando apenas Deus. Forçava os filhos a jejuar, como preparação para as preces. Raspútin explicava-lhes que faziam aquilo não para o bem da saúde, como os russos instruídos acreditavam, “mas para a salvação da alma”. Raspútin pronunciava as bênçãos na hora das refeições e fazia um rápido serviço religioso todas as noites. Do lado de fora, no pátio, mantinha um

aposeito com ícones, como abrigo para os peregrinos que passavam por Pokróvskoie.

Mas, em casa, nem tudo era Deus e religião. Raspútin gostava de dar risadas com as crianças, havia jogos de bola e passeios de carroça, com Dmítri recebendo do pai instruções sobre como controlar o cavalo. No outono, Raspútin adorava o festejo anual da aldeia, com música e dança. [22](#)

Maria e os irmãos aos poucos perceberam que havia alguma coisa de especial com relação ao pai. Visitantes começaram a aparecer em sua casa, camponeses locais e estranhos que vinham de lugares distantes, desejosos de abrir o coração para Raspútin, de pedir-lhe orientação e conselho. Raspútin e Praskóvia os recebiam, oferecendo comida e um lugar para ficar, além do alimento espiritual proporcionado por Grigóri. Maria ficava orgulhosa quando ouvia dizer que o pai era tido por muita gente da região como um *stárets*.

Raspútin, nos primeiros anos do século, já tinha atraído um pequeno grupo de seguidores, incluindo Nikolai Raspopov, seu cunhado; Nikolai Raspútin, seu primo (filho de Matvei, irmão mais velho de Iefim); e Ilia Arapov, um camponês de Pokróvskoie. Duas mulheres também faziam parte do círculo. Ievdokia Pecherkina, uma camponesa do distrito de Tobolsk, e a irmã de Dmítri e sobrinha de Ievdokia, Iekaterina Pecherkina. As mulheres — Dania e Katia, como eram chamadas — mudaram-se para a casa de Raspútin em 1906, a princípio para ajudar Praskóvia a cuidar da casa, apesar de logo se tornarem pessoas da família, que ali permaneceriam até depois do assassinato de Grigóri. Os seguidores se reuniam na casa aos domingos e dias santos, ou quando tivessem uma folga, para cantar hinos religiosos e ler a Bíblia, que Raspútin interpretava para os demais. Raspútin escavou uma gruta tosca sob os estábulos da casa paterna, onde ainda vivia na época, que era usada como uma espécie de capela para suas reuniões. Um ar de segredo cercava esses encontros. Os moradores da aldeia começaram a suspeitar e a comentar. Alguns diziam que as Pecherkin lavavam Raspútin cerimoniosamente no banheiro. Outros alegavam ter ouvido estranhas canções vindas da casa de Raspútin, não os hinos tradicionais cantados aos domingos na igreja da aldeia, e que ele ensinava seu círculo a praticar misteriosos rituais. [23](#)

Maria recordou que, com a popularidade do pai crescendo a cada vez que ele voltava, aumentavam também as suspeitas, e logo a aversão, de muitos moradores. Havia histórias de que Raspútin tinha saído em suas andanças acompanhado de mulheres jovens, o que dispensava comentário. No caso do padre Ostroumov, isso se manifestava em forma de hostilidade. Afinal, era ele a autoridade religiosa de Pokróvskoie, não aquele camponês presunçoso que agora atraía um número cada vez maior de pessoas em busca de orientação espiritual e curas milagrosas. Ostroumov ficou tão magoado que tentou desmantelar o círculo de Raspútin, e conseguiu convencer Ilia Arapov a manter distância da casa dos Raspútin. ²⁴ Mas, ao que parece, ele foi o único. Ostroumov travava uma batalha perdida, e a notícia desse notável *stárets* de Pokróvskoie começou a se espalhar pela Sibéria.

3. Nicolau e Alexandra

Nicolau Alexándrovitch, de dezesseis anos, herdeiro do trono russo, viu-a pela primeira vez em junho de 1884. A princesa Alix tinha doze anos. Estava na Rússia para o casamento da irmã mais velha Isabel com o grão-duque Serguei Alexándrovitch, irmão mais novo do imperador russo Alexandre III. Na capela do Palácio de Inverno, Nicolau e Alix não resistiram à tentação de trocar rápidos olhares. Antes do retorno dela para a Alemanha, Nicolau lhe deu um pequeno broche de presente.

Alix era neta da rainha Vitória, filha da princesa Alice e do príncipe Louis, herdeiro do grão-duque de Hesse, e nasceu em junho de 1872 na pacata cidade alemã de Darmstadt. Alix, mais conhecida como Alexandra, nome que adotou quando se converteu à religião ortodoxa russa, era uma criança linda e feliz. A família chamava-a de “Radiante”, apelido que destoaria cruelmente de sua personalidade adulta. Era a favorita da avó rainha Vitória: “Linda demais”, disse ela sobre a menininha, “a criança mais bonita que já vi.”

Cinco anos depois do primeiro encontro, Alix e Nicolau voltaram a encontrar-se, mas Nicolau não a esquecera, e quando ela retornou à Rússia decidiu conquistá-la para ser sua mulher. Frequentavam bailes e ceias à noite; durante o dia, Nicolau a levava para patinar. Mas Alix resistia, basicamente por razões religiosas, pois era luterana devota e não admitia trocar sua fé para satisfazer ninguém.

Havia outros pretendentes, incluindo o príncipe George, segundo filho de Bertie, príncipe de Gales. Em 1889, ela recusou uma proposta de Eddy, duque de Clarence, segundo na linha sucessória do trono britânico, depois do pai, o príncipe de Gales. A rainha Vitória queria desesperadamente um casamento inglês para sua querida Alix, mas ela

não se comovia com a possibilidade de vir a ser rainha da Inglaterra. Vitória preocupava-se muito com uma aliança russa para Alix. Esse casamento, escreveu ela, “não conduziria a felicidade nenhuma [...]. A situação da Rússia vai tão mal, está tão podre, que a qualquer momento uma coisa terrível pode acontecer”. ¹

A ocasião seguinte em que Nicolau encontrou Alix foi no casamento de Ernst, irmão dela, em Coburg, na primavera de 1894. Ele estava decidido a conquistá-la de qualquer maneira, mas a decisão era muito difícil para ela, que se desmanchou em lágrimas. Isabel, que era conhecida como Ella e se convertera à Igreja ortodoxa, aconselhou a irmã mais nova a acalmar os nervos. Isso surtiu efeito: Alix aceitou a proposta.

Mas a tragédia os atingiu antes que pudessem casar. Em 1º de novembro de 1894, o pai de Nicolau, o imperador Alexandre III, morreu subitamente no palácio de Livadia, na costa da Crimeia. Nicolau, que estava lá com Alix, ficou arrasado. O fardo que recaiu sobre seus ombros era maior do que ele poderia imaginar. Chorando, virou-se para o grão-duque Aleksandr Mikháilovitch (também conhecido como Sandro), seu cunhado: “Sandro, que faço agora? [...] Que vai ser de mim, de você, de Ksênia, de Alix, de minha mãe, de toda a Rússia? Não estou preparado para ser tsar. Nunca quis ser. Não entendo nada de governo. Não tenho nem ideia de como falar com os ministros”. Suas palavras se revelariam terrivelmente proféticas. ²

No dia seguinte, Alix, já com o novo nome de Alexandra Fiódorovna, fez a primeira comunhão na Igreja ortodoxa. Não muito tempo depois, em 26 de novembro, Nicolau e Alexandra se casaram no Palácio de Inverno de São Petersburgo. Foi uma união feliz. O amor de um pelo outro era profundo e duradouro, e nunca os abandonou até a morte. O que não pressupõe que a vida deles tenha sido fácil, pois desde o início Alexandra se sentiu incomodada com a pressão de ser a tsarina da Rússia. Estranhamente incapaz de reconhecer que a posição fazia dela uma figura pública, com obrigações bem definidas perante sua nova gente, Alexandra insistia em levar uma vida sossegada, resguardando incansavelmente a privacidade da família, como se fossem apenas nobres alemães levando uma vida rural num lugar isolado da província. *Würde bringt Bürde* , dizem os alemães — com o cargo vêm as

responsabilidades. Alexandra, porém, só via as responsabilidades dos súditos para com a Coroa, não as dela para com os súditos. (Apesar de, ao mesmo tempo, jamais perder de vista o poder do trono russo e se recusar a ouvir qualquer menção a reforma política, por mais superficial que fosse.) Mas a privacidade que ela tanto desejava só servia para fazê-la sentir-se isolada, solitária e indesejada. Alexandra não compreendia por que os membros da família estendida dos Románov falavam dela pelas costas, embora essas fofocas quase sempre fossem provocadas pelo fato de essas pessoas serem excluídas da intimidade real. Isso teria consequências trágicas. Nicolau, por sua vez, era muito cego e fraco para perceber o problema, ou convencer Alexandra a mudar. Precisava dela demais para lhe impor o que quer que fosse. O próprio irmão de Alexandra certa vez comentou: “O tsar é um anjo, mas não sabe lidar com ela. O que ela precisa é de uma vontade superior que a domine e refreie”. ³

A principal obrigação de Alexandra era produzir um herdeiro, e nisso ela se mostrava um terrível desapontamento, do qual estava dolorosamente consciente. Ao longo de seis anos, entre 1895 e 1901, deu à luz quatro filhas — Olga, Tatiana, Maria e Anastássia —, mas nenhum filho. O país estava perdendo a paciência.

4. Monsieur Philippe

Elas eram conhecidas por vários nomes: as Mulheres Negras, o Perigo Negro, as Aranhas Montenegrinas, as Almas Negras, as Corvas e as Princesas Negras. Milica e Anastássia, nascidas respectivamente em 1866 e 1868, na cidade balcânica de Cetinje, eram filhas do príncipe reinante local e mais tarde rei de Montenegro, Nikola I Mirkov Petrović-Njegoš. Enquanto as duas irmãs ainda eram meninas, o tsar Alexandre III convidou-as para irem à Rússia estudar no Instituto Smólni para Nobres Donzelas, e logo depois elas começaram a frequentar os mais altos círculos da capital. No verão de 1889, a princesa Militsa (como o nome costuma ser transliterado) casou com o grão-duque Piotr Nikoláievitch, primo do futuro Nicolau II, e Anastássia — conhecida como Stana — casou com o príncipe (depois duque) Gueórgui de Leuchtenberg, membro da família expandida dos Románov. O casamento de Stana foi infeliz, e Gueórgui a deixou, abandonando também a Rússia, para viver com sua amante em Biarritz. Stana, porém, não ficou muito magoada, pois também já tinha um amante.

As duas irmãs eram inseparáveis, e Stana passava a maior parte do tempo nas casas da irmã e do cunhado — na mansão da rua Galernaia em Petersburgo, ou em Známenka, um imenso palácio no golfo da Finlândia perto da imperial Peterhof. Foi na casa da irmã que Stana conheceu o irmão mais velho de Piotr, o grão-duque Nikolai Nikoláievitch, conhecido na família como Nikolacha, por quem se apaixonou. Homem gigantesco, com intensos olhos azuis e temperamento rígido, Nikolacha era uma figura formidável, oficial do exército conhecido pelo gosto de repreender com severidade os subordinados, em quem inspirava terror. Dizia-se que certa vez partiu o

próprio cão borzói ao meio, durante um jantar, para mostrar aos perplexos convidados que sua espada era mesmo a melhor de todas as forças armadas da Rússia. O “Coisa-Ruim”, era como alguns o chamavam pelas costas — ou, na família, o “tio terrível”. A imperatriz viúva Maria Fiódorovna, mãe de Nicolau II, disse que ele “padece de uma doença incurável — é um imbecil”. Um dos maiores estadistas da Rússia na época afirmou que Nikolacha “era meio alterado”. ¹ Stana esperou vários anos, mas finalmente o tsar autorizou seu divórcio no fim de 1906, e no ano seguinte ela e Nikolacha contraíram matrimônio. Formavam um casal temeroso. Ela era uma das amigas mais íntimas de Alexandra; ele mantinha ótimas relações com Nicolau. Para muita gente na sociedade aristocrática, parecia que Stana e o grão-duque exerceriam excessiva influência na corte.

Os dois grão-duques submetiam-se às suas mulheres, em especial Militsa, com seus cabelos negros e seu forte ímpeto, que se julgava especialista no sobrenatural. Era inegavelmente culta, tinha estudado persa, aprofundando-se em todas as vertentes do misticismo e do ocultismo, interesses que instilou no marido, em Stana e em Nikolacha. Em setembro de 1900, Militsa recebeu o diploma de “doutora de hermetismo (*ad honorem*)” da Escola Superior de Ciências Herméticas de Paris. A escola era dirigida pela principal figura do ocultismo francês, Gérard Encausse (1865-1916), mais conhecido como Papus. Formado em medicina, Papus mergulhara no conhecimento antigo e esotérico que acreditava ter sobrevivido das civilizações do Egito, da Babilônia e até da Atlântida e sido repassado através de símbolos e tradições, ideias que explorou em numerosos livros de grande popularidade. Mais do que professor e escritor, era também importante maçom e chefe de L’Ordre du Martinisme da França e de L’Ordre Kabbalistique de la Rose-Croix. Papus esteve várias vezes na Rússia na virada do século. No inverno de 1900-1, deu aulas particulares para grão-duques e grã-duquesas, incluindo as Princesas Negras e os maridos, sobre assuntos secretos, como o arqueômetro. Acredita-se que nessa época Papus estabeleceu uma loja da Ordem Martinista (ramo da maçonaria francesa com raízes que remontam ao século XVIII) em Petersburgo, cujos membros incluíam Piotr e Nikolacha. Algumas fontes afirmam que Nikolacha apresentou Papus a Nicolau, e que o tsar também ingressou

na loja. Segundo Maurice Paléologue, que viria a ser embaixador da França na Rússia, Papus realizou uma sessão espírita na corte durante a Revolução de 1905, na qual convocou o comparecimento do espírito do tsar Alexandre III, que instruiu o filho a ser forte e corajoso em face do perigo e a resistir à revolução a qualquer custo. Papus disse a Nicolau que também usaria todo o seu poder para impedir uma revolução na Rússia, mas que isso só duraria enquanto vivesse. Papus morreu no fim de outubro de 1916, quatro meses antes do colapso da dinastia Románov. ²

De volta à França, Papus apresentou o conde Valerian Muraviov-Amúrski, agente militar russo, a um misterioso francês de nome Monsieur Philippe, que então fazia tremendo sucesso com a alta sociedade. “É um sábio”, exortou Papus. “Ele fala, e o grande segredo do seu poder reside em cada palavra sua.” ³ Seu nome completo era Philippe Nazier-Vachot (também citado como Anthèlme Nizier Philippe ou Nizier-Anthèlme Vachod). Nascido em Saboia em 1849 numa família de camponeses, Philippe trabalhou como aprendiz no açougue do tio e quando jovem foi morar em Lyon para estudar medicina. Tendo saído da universidade por vontade própria ou expulso, o fato é que Philippe jamais recebeu o diploma de medicina, mas isso não o impediu de fazer carreira. Desde os treze anos, pelo menos segundo o que ele mesmo dizia, Philippe tinha raros poderes de cura, e depois de sair da universidade dedicou-se a desenvolver seus talentos, aprofundando-se no ocultismo, no hipnotismo e, segundo alguns, na magia. Em 1881, fundou o próprio consultório e começou a receber pacientes, tratando-os com várias técnicas e substâncias, incluindo o que descrevia como “fluidos psíquicos e forças astrais”. Nenhuma instituição europeia quis conceder-lhe um diploma, mas, de acordo com um relato, em 1884 ele submeteu uma dissertação intitulada “Princípios da higiene aplicáveis à gravidez, ao parto e à primeira infância” à Universidade de Cincinnati. ⁴ Com ou sem diploma, a fama de Monsieur Philippe cresceu rapidamente na França, e ele conquistou grande número de seguidores da elite. Embora não fosse grande coisa em termos de aparência — uma figura gorda de altura média e cabelos negros, bigode exagerado e olhos de pálpebras pesadas —, os que o viam falavam com entusiasmo de “*son charme*”. A imprensa o saudava como “o Cagliostro da nossa época”.

Uma testemunha de uma sessão espírita notou o grande efeito que ele exercia sobre as mulheres. Andava pela sala com chinelas bordadas com o desenho de um cão fumando cachimbo e saudava todo mundo com um suave aperto de mão. Em seguida, as mulheres se aproximavam, uma a uma, para lhe sussurrar aos ouvidos com “ *un air de confiance amoureuse* ”. Ele lhes dizia que tinha pouco tempo para se dedicar a cada uma, mas que, se de fato acreditassem, estariam todas curadas. Então sorria, e elas praticamente flutuavam sobre o chão, enfeitiçadas. Depois, falava aos presentes em termos vagos sobre Deus e magnetismo, dizendo que ele mesmo não era nada, palavras que pareciam convencer ainda mais os ouvintes dos poderes singulares do homem. O conde Amúrski esteve numa sessão espírita de Philippe em Paris, no aniversário da execução do rei Luís XVI. Foi um acontecimento e tanto: Philippe evocou o espírito do rei e, para espanto geral, uma cabeça macabra pingando sangue do pescoço cortado apareceu como que por milagre no ar da sala escurecida e em seguida, num piscar de olhos, desapareceu nas trevas. ⁶

Foi talvez por intermédio do conde Amúrski que as Princesas Negras conheceram Philippe no começo de 1900. Stana queria ajuda para suas enxaquecas, e Militsa e Piotr tratamento para Roman, seu filho doente. Ficaram todos tão impressionados com Philippe que o convidaram para ir à Rússia, com a intenção de apresentá-lo na corte e, particularmente, à imperatriz. ⁷ As irmãs estavam entre as poucas pessoas na corte que abriram os braços para Alexandra quando ela chegou à Rússia. Fizeram de tudo para que se sentisse amada e bem-vinda, e sempre lhe demonstraram o devido respeito. Militsa adorava conversar com Alexandra sobre o mundo do ocultismo e do misticismo. Falava convincentemente de verdadeiros homens de Deus, de profetas e videntes no meio da gente humilde, e convenceu a imperatriz de que esses homens eram reais e andavam entre elas, homens isentos da vaidade e da corrupção da corte e da sociedade elegante. Militsa insistia não apenas no caráter real do Anticristo, mas também afirmava que suas forças estavam presentes na sociedade da época. Alexandra ouvia e acreditava. Segundo Anna Vírubova, melhor amiga da imperatriz, Alexandra considerava Militsa quase uma “profetisa”, e escutava com

grande atenção tudo o que ela dizia. Militsa conseguiu convencer Alexandra de que Elena, rainha da Itália e irmã das Corvas, fora possuída por um espírito maligno. ⁸ Ao voltarem da França, as irmãs conversaram com o casal real sobre o homem notável que tinham conhecido no exterior e sobre o quanto gostariam de apresentá-lo a suas majestades.

Nicolau registrou o primeiro encontro no seu diário, em 26 de março de 1901: “Conheci um notável francês, M. Philippe! Conversamos por muito tempo”. Philippe ficou na Rússia cerca de três meses e voltou para uma segunda visita em julho. Nicolau e Alexandra foram vê-lo no dia 9, data da sua chegada, e passaram o começo da noite com Philippe, as Princesas Negras, Piotr e Nikolacha em Známenka. Ouviram o exótico visitante falar horas a fio, extasiados com suas palavras. Nicolau e Alexandra voltaram a vê-lo na noite seguinte. “Que horas milagrosas!”, anotou o imperador em seu diário depois da segunda noite com Philippe. No dia 11, Philippe almoçou com a família real. Teve uma longa conversa a sós com Alexandra, e em seguida foi apresentado às quatro filhas do casal, incluindo a bebê Anastássia, nascida no mês anterior. “Mostramos-lhe nossas filhas”, escreveu Nicolau, embevecido, “e rezamos com ele no quarto de dormir!” Àquela altura só faltavam chamá-lo de “nosso amigo”. Nicolau e Alexandra estiveram com Philippe todos os dias até ele voltar para casa, em 21 de julho.

Nicolau sentiu-se particularmente atraído por Philippe. Foi visitá-lo no dia 12, e os dois conversaram a sós por mais de três horas. “Inescrutáveis são os caminhos do Senhor!”, anotou ele em seu diário quando voltou ao palácio. O francês estava sempre nos pensamentos de ambos. No dia 15, eles saíram de uma apresentação teatral durante o intervalo para ir vê-lo e acabaram ouvindo Philippe falar até as duas e meia da madrugada. Philippe discorria horas seguidas sobre as maravilhas de Deus, por vezes atingindo o auge do êxtase religioso diante da plateia arrebatada. O casal imperial cumpria às pressas seus compromissos oficiais para poder estar com ele o máximo de tempo possível. Aquelas visitas eram o grande momento do seu dia. O tsar até convidou Philippe para juntar-se a ele em cerimônias públicas, como no dia 14, quando passou em revista tropas na vizinha Krasnoie Seló e, novamente, num desfile cerimonial de forças militares no dia 17. Na

noite do dia 18, tiveram em Známenka uma “conversa importante”, segundo as palavras de Nicolau, e rezaram com ele duas noites depois. Nicolau e Alexandra foram despedir-se de Philippe na tarde do dia 21. “Todos nos sentimos como se tivéssemos ficado órfãos!”, anotou um desolado Nicolau naquela noite em seu diário. Em sua visita seguinte a Známenka, oito dias depois, Nicolau achou “estranho” não ver “nosso amigo” por lá. ⁹

Apesar de Philippe estar ausente, sua influência persistiu. Alexandra escreveu para Nicolau em 27 de agosto, quando o tsar partiu no iate imperial *Standart* para um encontro com o kaiser Guilherme da Alemanha em Danzig para uma conversa sobre o Extremo Oriente (Guilherme buscava o apoio russo) e assistir a manobras navais alemãs: “Meus pensamentos e minhas orações estarão com você o tempo todo. E sei que o mesmo acontece também com M. P[hilippe] e isso basta para me confortar, do contrário a separação seria horrível demais. [...] E não se esqueça, sábado à noite por volta das 10h30 todos os pensamentos devem voar para Lyon. Nossa vida ficou muito mais rica depois que o conhecemos, e parece que tudo ficou muito mais fácil de suportar”. ¹⁰

De Danzig, Nicolau partiu para a França, viajando com o presidente francês Émile Loubet de trem até Compiègne, a noroeste de Paris, onde Alexandra se juntou a ele. Ali, em 6 de setembro, Philippe lhes surpreendeu com uma visita. Nicolau e Alexandra voltaram a vê-lo no dia seguinte, quando foram apresentados ao genro dele, dr. Emmanuel Henri Lalande, autor de livros de ocultismo sob o pseudônimo de “Marc Haven”. Durante sua estada, Nicolau mencionou Philippe numa conversa com o ministro das Relações Exteriores da França, Théophile Delcassé, recomendando que concedesse ao seu amigo um diploma de medicina. Delcassé, assim como Loubet, ficou chocado com o pedido do tsar, e também com a firmeza com que foi feito. Para eles, Philippe não passava de um charlatão. O pedido de Nicolau foi ignorado. ¹¹

Conversas importantes. Sessões de preces. Pedidos ao presidente da França. Estava claro, desde o início, que Monsieur Philippe tinha produzido um grande efeito sobre Nicolau e Alexandra. Não se tratava de uma distração curiosa das obrigações de Estado. Muito pelo contrário. No novo amigo, o imperador e a imperatriz tinham

encontrado alguém capaz de ajudar a aliviar seu fardo. Philippe tornara-se um dos principais confidentes do tsar quase da noite para o dia, e ao que parecia usava essa autoridade para dar conselhos sobre como governar. Alguns bilhetes supostamente anotados por Militsa depois de uma sessão espírita em Známenka capturaram algumas palavras ditas por ele a Nicolau: “A guerra está chegando à Inglaterra”, previu, e “Witte está criando problemas”. O conde Serguei Witte, ministro das Finanças e mais tarde o primeiro-ministro que implementou políticas para industrializar e modernizar a economia e a estrutura política da Rússia, parece ter sido objeto particular das críticas de Philippe. Consta que teria descrito Witte para as Princesas Negras como uma “aranha” letal e dito que um espírito imundo tomara conta de sua alma. Philippe, por sua vez, vinha tentando convencer Nicolau a resistir a quaisquer reformas políticas que pudessem enfraquecer o poder autocrático do tsar, e disse a suas majestades que uma Constituição seria a ruína tanto da Rússia como do próprio Nicolau, palavras que Nicolau e Alexandra jamais esqueceram. Philippe tentava mostrar a Nicolau que seu futuro não estava em ser um domesticado monarca constitucional, mas uma coisa bem maior. Ele deveria tornar-se o “radiante tsar do Leste” e o defensor dos interesses da Europa no Oriente. No que dizia respeito à imperatriz, ele a informou de que ela tinha uma habilidade infalível para compreender as pessoas e que, com sua intuição, podia distinguir amigos de inimigos.

E a influência de Philippe não parava por aí, estendendo-se até o útero de Alexandra. Um dos talentos que recomendavam Philippe a suas majestades era a suposta capacidade de determinar o sexo de um feto. Como exatamente ele conseguia essa façanha, não está muito claro. Alguns alegavam que usava uma série de “movimentos hipnóticos” sobre o útero, outros uma mistura de astronomia, medicina hermética e psiquiatria. ¹² Depois do arrasador desapontamento com a chegada de Anastássia na primavera — quatro crianças, todas meninas —, Alexandra, Nicolau e na verdade todo o império estavam desesperados para ver um herdeiro masculino do trono. Philippe representava a melhor esperança que tinham, e Nicolau e Alexandre depositaram sua fé nas mãos dele.

Philippe voltou à Rússia em novembro de 1901, indo morar numa

pequena casa perto do Palácio de Alexandre em Tsárskoie Seló, a residência dos Románov fora de São Petersburgo. Nicolau passou a noite do dia 7 com Philippe, Nikolacha Piotr e suas respectivas mulheres, todos recém-chegados da Crimeia, onde tinham hospedado seu amigo francês. Voltaram a se reunir no dia 9 em Známenka em companhia de Philippe, a filha dele, Victoria, e o genro Lalande. Nicolau tinha boas notícias para o hóspede: no começo daquele mesmo dia o tsar conseguira um diploma de médico para Philippe na Academia Médico-Militar. Para completar a distinção, Nikolacha encomendou para ele o uniforme de médico militar. Philippe ficou dois meses e, ao que tudo indica, foi nessa época que convenceu Alexandra de que estava grávida e dessa vez era menino. Consta que Alexandra ficou tão feliz que beijou a mão dele. Antes de partir, Philippe instruiu Alexandra a guardar segredo e a não contar aos seus médicos ou permitir que a examinassem. Quando ele foi embora, Nicolau, Alexandra e as Princesas Negras com os maridos não tinham outro assunto que não fosse o milagroso Philippe.

Quando voltaram a se encontrar em março de 1902, Alexandra de fato estava grávida. Sua barriga tinha crescido, e ela não usava mais espartilho. A profecia do amigo tornava-se realidade. Nicolau e Alexandra passaram três noites com Philippe no fim do mês. Ficaram até uma da manhã do dia 29 ouvindo embevecidos seus “ensinamentos”, nas palavras de Nicolau. “Eu poderia ouvi-lo falar para sempre, sem parar”, suspirou ele. Convidaram Philippe para passar os últimos momentos de sua estada na Rússia com eles no jardim do Palácio de Inverno. Separaram-se dele no dia 30 “com tristeza”, mas o calor da visita prolongou-se depois da partida. [13](#)

Na primavera de 1902, membros da família Románov e a corte imperial tomaram conhecimento do estranho misterioso e os rumores começaram a circular. O secretário de Estado Aleksandr Pólovtsov anotou em seu diário em 8 de maio que tinha ouvido, de fonte confiável, que suas majestades estariam vivendo sob total influência de um ocultista de Lyon. As Princesas Negras o teriam convidado para ir à Rússia, onde ele realizou sessões espíritas para Nicolau e Alexandra, nas quais convocaria a presença de vários espíritos, com frequência o de

Alexandre III, para que este ensinasse o filho a governar. Witte tinha ouvido que Philippe estava tentando convencer Nicolau de que não precisava de ninguém para aconselhá-lo sobre assuntos de governo, além de altas figuras da Igreja que ele, Philippe, apresentaria ao imperador. Dizia-se que Philippe fundara uma loja secreta de ocultismo na corte e que fora enviado em missão à Rússia por uma cabala de judeus e maçons para assumir o controle sobre o tsar. ¹⁴

Entre os que acreditavam nesses boatos estava a imperatriz viúva. Preocupada com a influência de Philippe sobre seu filho, ela instruiu o general Piotr Gesse, comandante do palácio, a verificar a história do homem, convencida de que se tratava de um “satanista” e agente da maçonaria internacional tramando para derrubar a monarquia. Gesse transmitiu o assunto para Piotr Rachkovski, chefe da polícia secreta tsarista no exterior instalado em Paris. Rachkovski não tardou em informar que Philippe era um “sujeito mau e suspeito”, adepto da magia negra e “judeu” com ligações com a loja Grande Alliance Israélite. Anexou um artigo de *Le Temps* que descrevia Philippe como charlatão e hipnotizador fajuto, além de informações obtidas da polícia francesa. Diz a lenda que, quando Gesse apresentou o relatório, Nicolau passou os olhos pelo documento, rasgou-o, jogou-o no chão e o pisoteou. Em seguida Nicolau teria ordenado ao ministro do Interior, Viatcheslav von Plehve, que suspendesse imediatamente a investigação de Rachkovski, e Alexandra teria pedido a Militsa que transmitisse a Philippe as mais sinceras desculpas por algum inconveniente que Rachkovski pudesse ter causado a ele e sua família. ¹⁵ Plehve demitiu Rachkovski em outubro, em grande medida com a intenção de agradar ao imperador. O caso Philippe deve ter de alguma forma contribuído para a sua queda, embora tenha sido apenas um fator, e provavelmente não o principal. O grão-duque Serguei Mikháilovitch, irmão de Sandro, começou a espalhar o boato de que Nicolau tinha mandado demitir Rachkovski dentro de 24 horas quando leu o relatório. Dizia-se que Philippe tinha mandado uma mensagem para o imperador, por intermédio de Militsa, afirmando que “os céus” exigiram a demissão de Rachkovski.

Em julho, Ella, irmã de Alexandra, foi a Peterhof e tentou trazer à baila a má reputação de Philippe. Alexandra escreveu a Nicolau em 23 de julho: “Ela ouviu muita coisa desfavorável sobre Ele, e que Ele não

merece confiança. Não perguntei o que foi que disseram — expliquei que tudo era motivado por ciúme e curiosidade. Ela disse que havia muito segredo em torno disso. Eu disse que não, que fizemos tudo abertamente e que, em nossas funções, nunca pode haver nada escondido, e que vivemos diante dos olhos do mundo inteiro”. ¹⁶ Alexandra não queria saber da intromissão de Ella. No dia anterior, numa carta espantosa, que mostra como Philippe se tornara importante para eles, ela escrevera para Nicolau, que estava a caminho de Reval (hoje Tallinn), no golfo da Finlândia, para uma entrevista com o kaiser Guilherme: “É terrível deixar você ir sozinho, sabendo quais são os problemas que o aguardam. Mas nosso querido amigo estará perto de você e o ajudará a responder às perguntas de Guilherme”. A política externa russa estava sendo depositada nas mãos de um mago francês.

Philippe retornou à Rússia no começo de agosto, e Nicolau e Alexandra ficaram felicíssimos com a sua presença. “Dia feliz”, escreveu Nicolau em seu diário em 12 de agosto de 1902, “pelas cinco horas ‘nosso amigo’ chegou a Známenka. [...] Jantamos e passamos toda a noite em Známenka em companhia do ‘nosso amigo’. Que alegria vê-lo!” Mas foi durante a estada dele que uma crise desabou sobre a família. No verão ficou claro que havia algo errado com a imperatriz. Ela não ganhara corpo durante meses e não havia sinal de que o feto estivesse crescendo. Apesar disso, o palácio seguia em frente com os planos para receber outra criança muito esperada, e manifestos anunciando o nascimento foram preparados. Depois de considerável hesitação, Alexandra enfim permitiu que o dr. Dmítri Ott, o mais importante ginecologista da Rússia, a examinasse, e ele constatou que a imperatriz não estava grávida. Foi um golpe terrível. Para salvar as aparências, o palácio divulgou uma declaração mencionando um aborto espontâneo. ¹⁷

Em 18 de agosto, uma Alexandra constrangida teve que contar a verdade à imperatriz viúva e aos outros membros da família. Então ela e Nicolau foram ver Philippe em Známenka, e ele fez o que pôde para consolar o casal imperial, insistindo que esquecessem toda aquela tristeza. Nicolau considerou as palavras dele “maravilhosas”. Mas o resto da família não estava nem um pouco disposto a esquecer o assunto. No dia 20, a mãe de Nicolau e sua irmã Ksênia foram ao palácio

para saber exatamente o que aquele estranho francês estava fazendo pelas costas de todo mundo. O casal respondeu que não havia nada de errado em suas relações com Philippe, e que eles nunca tentaram esconder coisa nenhuma, porém se recusaram a dar mais explicações. Ksênia ficou frustrada. Escreveu numa carta naquele dia para a princesa Alexandra Obolénskaia, dama de honra da imperatriz viúva: “Apesar de tudo, o mistério continua — ainda não descobrimos exatamente o que ele é! Dizem que é um homem modesto e que é agradável conversar com ele, porque tem muita compreensão e ‘diz coisas que fazem bem’! De qualquer maneira, é bom que pelo menos *la glace est rompue!* [o gelo foi quebrado!]”. Nicolau escreveu indignado em seu diário no dia 21: “As pessoas falam tanta bobagem sobre ele que é deprimente ouvir, e não entendo como podem acreditar nas besteiras que elas mesmas espalham”. E muito do que se espalhava era mesmo besteira. O grão-duque Konstantin Konstantínovitch (também conhecido como K. R.), tio de Nicolau, acreditava, por exemplo, na conversa de que Philippe participava de reuniões do Conselho de Estado. ¹⁸ Também deu crédito aos rumores de que Nicolau mandava instruções aos ministros com base nos conselhos de Philippe, história essa que, a julgar pelas palavras dos próprios Nicolau e Alexandra, podia muito bem ser verdade. O secretário de Estado Pólovtssov considerou vergonhosa toda a questão envolvendo a falsa gravidez e estava convencido de que havia sido um produto de hipnotismo do “aventureiro” Philippe. “Tudo isso seria divertido se não fosse terrivelmente triste”, comentou em seu diário. ¹⁹

Nicolau não permitiu que as preocupações da família o aborrecessem. No dia 29 chegou a Kursk para assistir a exercícios militares. “Não sei, mas me senti tão tranquilo antes de chegar lá”, escreveu a Alexandra; “creio que seja a promessa do ‘nosso amigo’ se cumprindo.” ²⁰ Que promessa era essa, não se sabe, mas as palavras do tsar não deixam dúvida sobre a sua confiança total na capacidade de Philippe de prever o futuro. No dia em que chegou a Kursk, Ella escreveu para a imperatriz viúva a respeito de sua conversa com Alexandra e de seus receios sobre encontros do tsar com gente como Philippe. Ela entendia o desejo dele de conhecer pessoas interessantes “sem qualquer posição”, mas achava que era preciso tomar cuidado para só fazer isso com muita gente em volta, pois do contrário provocaria falatórios. Que Deus não permitisse

que algum desses encontros pudesse ser interpretado como secreto, continuou, pois isso teria “consequências fatais”. Ella ainda suspeitava de Philippe e da natureza de suas relações com a irmã e o cunhado, e criticava as Princesas Negras, a quem se referia como “as baratas”, por o terem levado à Rússia. Dizia-se que as irmãs usavam o espiritualismo para controlar o imperador e a imperatriz. “*C’est une crime*” — foram as palavras usadas pela mãe de Nicolau para descrever o que se passava na corte. [21](#)

No último dia de agosto, Ksênia tornou a escrever para a princesa Obolénskaia:

Não tenho mais dúvida de que o que aconteceu com A. F. [Alix] foi sugestão, apesar de eles não se darem conta disso. No entanto, ela admitiu à irmã que rezou com Ph.[ilippe] uma vez. É tudo tão estranho e assustador, só Deus sabe como vai acabar! Tenho medo de que a amizade dela e sua associação com essas pessoas continuem — tudo continuará na mesma e ficaremos com cara de bobos. Mas não vamos mais ficar calados, embora a gente tenha de saber agir, o que não é fácil — eles estão totalmente sob influência dele. Eu poderia lhe contar muita coisa, mas prefiro não escrever. [22](#)

Por volta do outono as notícias sobre Philippe tinham vazado para fora da corte e da sociedade aristocrática e eram de conhecimento público. O jornal russo *Libertação*, que circulava em Paris e Stuttgart, publicou em outubro uma reportagem mostrando que Philippe se tornara tão poderoso que o tsar não ousava tomar uma única decisão, fosse sobre a vida pessoal ou questões de Estado, sem sua permissão. O país estava sendo governado por um homem que se dizia capaz de convocar a alma dos mortos e fazer a imperatriz engravidar por meio de “tratamentos psicológicos”. [23](#) Apesar de o jornal ser proibido na Rússia, exemplares foram contrabandeados pela fronteira e passavam de mão em mão.

Em 1o de novembro, o idoso príncipe Vladímir Meschérski, partidário arquiconservador da monarquia e amigo íntimo de Alexandre III, foi conversar com Nicolau e Alexandra sobre o perigo que um homem como Philippe representava para a monarquia. Fixando sua atenção em Alexandra, ele advertiu que um fantástico mundo de fofocas estava sendo criado por causa do seu amigo francês e informou que essas perigosas conversas já se espalhavam pelo país. Alexandra não quis ouvir: “Não dou a ninguém o direito de falar sobre isto, e que ninguém ouse tocar em minha vida privada”.

Meschérski disse à imperatriz que ela podia ignorar suas palavras e mandá-lo embora, mas precisava entender que a vida espiritual da imperatriz da Rússia não era assunto sobre o qual seus súditos fossem — ou devessem ser — indiferentes. Em seguida, falou-lhe dos boatos que circulavam, como o de que, na casa do grão-duque Piotr e Militsa, Philippe era visto quase como um deus, e que eles nunca se sentavam em sua presença e até se curvavam a seus pés. Dizia-se também que os três tinham conseguido fazer Alexandra voltar-se contra a Igreja ortodoxa e que o tsar também já começava a vacilar em sua fé. Além disso, entre as pessoas comuns, era voz corrente que estrangeiros tinham mandado um “feiticeiro” que enfeitiçou a imperatriz e assumiu o controle do seu útero. Sim, admitia ele, tudo era pura bobagem, mas e se seus inimigos conseguissem utilizar-se disso e espalhar essas conversas entre as classes instruídas e o *narod*, a vasta classe camponesa, a senhora faz ideia, perguntou o velho príncipe a Alexandra, dos perigos que isso representaria para o prestígio e para a segurança da autocracia? Alexandra manteve-se impassível diante desses avisos.

Nicolau, no entanto, parece ter dado ouvido às advertências. Embora não esteja claro exatamente por que e quando tomou essa decisão, o tsar deve ter percebido que precisava mandar o amigo embora e romper relações com ele por causa do escândalo. É possível que uma carta do grande homem santo do momento, Ioann de Kronstadt, instruindo Nicolau a romper com Philippe tenha sido crucial. Houve troca de presentes antes de Philippe retornar à França. Nicolau lhe deu um caro automóvel a vapor Serpollet que tinha comprado numa viagem anterior à Europa. Philippe presenteou Alexandra com flores secas que dizia terem sido tocadas pela mão do próprio Cristo. Também lhe deu um ícone e um sino, dizendo-lhe que se um inimigo se aproximasse, o sino começaria a tocar, como num passe de mágica. Isso, ressaltou ele a Alexandra, a protegeria de todos os desastres. Alexandra mandou emoldurar as flores e as guardou em seu quarto de dormir, e jamais esqueceu as virtudes mágicas do sino, usando-o para proteger a família durante todo o reinado. ²⁴ Victoria Lalande escreveu uma lamuriosa carta a Stana, lamentando o fato de ter sido afastada para sempre e protestando contra o que considerava injustiças cometidas com seu pai. ²⁵ Alexandra e Nicolau ficaram igualmente abalados; a imperatriz

separou-se dele aos prantos. Philippe, porém, foi embora deixando uma mensagem de esperança. Os senhores sempre haverão de encontrar mestres capazes de ajudá-los em suas buscas, disse ele. “Vossa majestade fique tranquila”, recomendou a Alexandra, “outro amigo virá e a protegerá quando eu não estiver mais aqui.” ²⁶ A imperatriz viu em suas palavras uma profecia. Alexandra parece ter comentado as palavras de Philippe, que logo se propagaram. O grão-duque Konstantin anotou em seu diário que, segundo se dizia, “a missão de Philippe está chegando ao fim, e que logo ele morrerá e reaparecerá para o círculo de amigos disfarçado de outro homem. Quanta bobagem!”. ²⁷

O sentimento geral sobre o caso Philippe foi muito bem sintetizado em meados de novembro de 1902 por Liev Tikhomirov, ex-revolucionário que se tornara monarquista e importante ideólogo conservador: “Esse Philippe foi o que de mais escandaloso ocorreu com a família imperial. Trata-se de uma espécie de charlatão estrangeiro, hipnotizador e mágico que diz possuir poderes ocultos”. Tikhomirov estava convencido de que a advertência de Ioann de Konstadt a Nicolau salvou a família tsarista da ruína, e esperava que eles tivessem aprendido a lição e esquecessem Philippe definitivamente. ²⁸ Mas não esqueceram. Quando, em 1907, Nikolacha e Stana enfim puderam casar, Nikolacha viu sua união como um milagre possibilitado pelos poderes místicos de Philippe. ²⁹

Se no reinado de Catarina, a Grande, muitos jovens oficiais sonhavam em vir a ser o favorito oficial da imperatriz como forma de garantir um futuro e fortuna, no reinado de Nicolau eram os místicos, os *stranniki* e os *startsi* que esperavam ocupar o lugar de vidente do casal real. Depois que Philippe foi embora, uma série de pretendentes russos apareceu na corte, incluindo o *stranniki* Vasia (Tkachenko), Matriona, a Descalça, e o louco sagrado Mítia Kozelski, o “Fanho”. Desde criança Mítia fora incapaz de pronunciar palavras de forma inteligível, porém ficou conhecido pelas profecias e palavras inspiradas que lhe saíam da boca como estranhos berros e mugidos, interpretados para os ouvintes por um homem chamado Elpidifor. Mítia adquiriu a reputação entre as pessoas comuns de simples homem de Deus, e aparentemente chamou a atenção de um alto funcionário, que o levou do Mosteiro de Optina

para a corte. Ao que tudo indica, Mítia e seu intérprete foram apresentados ao tsar, e Nicolau acolheu o louco sagrado, mas parece que seu status na corte logo foi eclipsado pelo aparecimento de Raspútin. Depois de cair em desgraça, Mítia podia ser visto andando descalço pelas ruas da capital, mesmo no inverno, de batina preta, o cabelo comprido até os ombros. [30](#)

5. Alexei

Antes de deixar a Rússia para sempre, Philippe supostamente entrou em transe e revelou uma profecia. Busquem a intercessão de São Serafim de Sarov, disse, e ele dará a Alexandra um filho. Mas havia um problema: não existia esse santo na Igreja ortodoxa russa. Tinha havido, porém, um grande *stárets* chamado Serafim nas primeiras décadas do século XIX, que vivera quase a vida inteira em pobreza e isolamento extremos, primeiro numa cabana no meio do mato e depois numa cela no mosteiro de Sarov. Foi um homem santo de verdade, uma figura espiritual humilde mas profunda que, no entanto, não passara no teste de santidade: seu cadáver não permanecera incorrupto e tinha apodrecido — e diante disso a Igreja se recusara a reconhecê-lo. Mas Nicolau, para indignação do Santo Sínodo, que é o governo eclesiástico da Igreja, desautorizou a decisão (“O imperador pode fazer o que quiser”, insistia Alexandra, furiosa) e ordenou que Serafim fosse canonizado. Para algumas pessoas na alta sociedade, milagroso mesmo era Philippe. “Seria muito difícil saber onde Philippe acaba e Serafim começa”, comentou sarcasticamente a dama de honra Elizaveta Naríchkina.

Nicolau e Alexandra compareceram à cerimônia em julho de 1903, junto com membros da família e uma multidão de 300 mil peregrinos. Foi um evento religioso profundamente comovedor, que ajudou a convencer Alexandra dos laços indestrutíveis que uniam o tsar e seu povo. A canonização de Serafim também teve matizes políticos. Continuando uma política iniciada por seu falecido pai, Nicolau tentou vincular a dinastia às massas russas dando atenção ao passado pré-petrino do Império. E Serafim, que lamentara a influência funesta do

Iluminismo da Europa ocidental na espiritualidade russa, servia muito bem a essa finalidade, como parte dos esforços do tsar para cultivar a noção medieval de uma conexão mística entre o imperador e seu povo. Na noite de 19 de julho, o casal imperial entrou nas águas sagradas do rio Sarova, seguindo instruções de Philippe, na esperança de que elas o abençoassem, e à Rússia, com o tão esperado herdeiro. ¹

Em três meses Alexandra estava grávida. Em 30 de julho de 1904, à 1h15 da tarde, Alexandra deu à luz um filho, a quem chamaram de Alexei. A alegria, mesclada de alívio, foi avassaladora. Não só a família, mas o país inteiro, comemorou — canhões retumbaram, sinos repicaram em todo o Império. No quarto das crianças, a imperatriz registrou as medidas do bebê em seu caderno: “Peso 4660 g; comprimento 54 cm. Medida da cabeça 38 cm; tórax 39 cm”. ² A informação mais importante sobre o menino, porém, ela não podia ver, anotar ou medir. Hemofilia.

A doença fora passada pela mãe. A avó de Alexandra, a rainha Vitória, tinha sido portadora de hemofilia. Um dos filhos dela, e duas filhas, incluindo a mãe de Alexandra, carregavam o gene da doença e o transmitiram para Alexandra e o irmão Frederick. (Irene, irmã de Alexandra, também era portadora.) Frederick (conhecido como Frittie) mostrou os primeiros sinais da doença em 1872, ano do nascimento de Alexandra. Em maio de 1873, com três anos de idade, o pequeno Frittie, que a mãe adorava, caiu da janela sobre um terraço de pedra. Não quebrou nenhum osso e parecia estar bem, mas em poucas horas estava morto, de hemorragia interna. Dois sobrinhos de Alexandra também eram hemofílicos. Um deles, o príncipe Henrique da Prússia, provavelmente morreu de hemofilia em 1915 aos quatro anos, não muito antes de Alexei nascer.

Se para os pais foi um choque cruel saber que Alexei nascera “sangrador”, não deveria ter sido, pois a base hereditária da doença já tinha sido estabelecida em meados do século XIX. Inclusive, um médico francês escreveu em 1876 que “todos os membros de famílias sangradoras deveriam ser aconselhados a não casar”. Mas parece que membros das casas reais da Europa não receberam esse conselho, nem o procuraram, preferindo viver na ignorância das leis da ciência. Como bem descreveu o geneticista britânico J. B. S. Haldane: “A hemofilia do

tsarévitch foi um sintoma do divórcio entre a realeza e a realidade”. ³ Mas a realidade intrometeu-se rapidamente na família Románov. Nos dois primeiros meses, Nicolau e Alexandra perceberam um sangramento inexplicável no umbigo do bebê, que logo passou a desenvolver hematomas e inchaços escuros sob a pele tenra. Então ficou claro para os pais: Alexei era hemofílico. A alegria virou tristeza.

A grã-duquesa Maria Pávlovna (a jovem), prima de Nicolau II e irmã do grão-duque Dmítri Pávlovitch, um dos assassinos de Raspútín, escreveu em suas memórias:

Mesmo em nossa casa reinava certa melancolia. Meu tio e minha tia sem dúvida já sabiam que a criança nascera sofrendo e que trazia do berço a semente de uma doença incurável [...]. Ninguém jamais soube que emoções essa horrível certeza lhes despertou, mas a partir daquele momento, perturbada e apreensiva, a imperatriz passou por uma transformação de caráter, e sua saúde, física e também moral, alterou-se. ⁴

Se para Nicolau e Alexandra o nascimento do filho estava profundamente ligado ao amigo Philippe, para quase todo mundo estaria ligado ao sucessor deste. Dizia-se que Raspútín previra o nascimento de Alexei, e que Alexandra acreditava que as preces dele tinham tornado esse nascimento uma realidade. Para muitos, essa era a base de sua influência sobre a imperatriz. Outros contavam histórias mais sombrias, afirmando que Raspútín fez algo mais do que apenas rezar pela imperatriz, e era, na verdade, o pai do menino. ⁵ Nada, claro, poderia estar mais longe da verdade, pois ainda faltava um ano para o primeiro encontro entre Nicolau e Alexandra e o homem que teria uma importância tão grande em sua vida e na do próprio país.

É do historiador inglês Sir Bernard Pares o célebre conceito de que “o quarto das crianças foi o centro de todos os problemas da Rússia”, formulado décadas atrás para asseverar que aquilo que levou Raspútín ao palácio foi a doença do tsarévitch Alexei e que sua estranha habilidade de consolar o menino foi o alicerce de sua influência e seu poder. ⁶ Esse entendimento da natureza das relações de Raspútín com o casal imperial, sobretudo com Alexandra, tem sido a opinião mais aceita, e, embora a preocupação da tsarina com a saúde do filho e sua crença de que só Raspútín era capaz de protegê-lo tivessem de fato alguma importância, não explicam satisfatoriamente a necessidade — muito mais complexa e profunda — que ela tinha de Raspútín.

Como a história de Monsieur Philippe demonstra, mesmo antes do nascimento do filho, Alexandra — e também Nicolau — estava à procura de um homem santo para a aconselhar, iluminar e consolar. Parte disso tinha a ver com seu papel de mãe, e ela estava desesperada para encontrar alguém, fossem quais fossem suas origens, que soubesse como poderia produzir um filho. Mas desde o início Alexandra não tinha a menor intenção de limitar a influência de Philippe sobre seu útero ou sua alma, fato da maior importância que tem sido ignorado. Como suas cartas para Nicolau demonstram, Alexandra recorria a Philippe em busca de orientação política e de força, e não para si mesma, mas para Nicolau, cuja fraqueza e cujo fatalismo ela conhecia dolorosamente bem. Alexandra amava Nicolau, mas não conseguia ignorar o fato de que os defeitos pessoais do marido minavam seu poder, seu prestígio e sua eficácia como imperador, e estava decidida a fazer o que fosse necessário para ajudá-lo, ainda que isso significasse encontrar outro homem com a força de vontade que lhe faltava.

E aqui, no interlúdio de Philippe, podemos ver de forma embrionária a futura história de Raspútin: o anseio de Alexandra por um conselheiro espiritual, um homem de Deus em que depositasse sua confiança cega e que falasse de grandes verdades e profecias; seu misticismo e sua religiosidade intensa; seu desejo de imiscuir-se na política e usar as palavras de homens santos para ensinar Nicolau a governar; a incapacidade do casal de ver que sua vida pessoal estava impregnada de implicações públicas; o nível de desconfiança dos membros da casa Románov, e como sua desconfiança gerava hostilidade e, por sua vez, fofocas que enfraqueciam ainda mais as relações de família e acabariam destruindo os laços entre eles, e como essas fofocas logo se propagavam pela sociedade instruída e manchavam a imagem da monarquia; e por fim como as tentativas de investigar o homem santo, e abrir os olhos do tsar, serviram apenas para aprofundar o abismo que separava o trono do resto da Rússia e que, no caso de Raspútin, ajudaram a levar à revolução.

6. A tocha ardente

*Lá vai ele, carregando sua sacola,
Enchendo a trilha com uma canção longa, suave,
Mas uma canção manhosa
Oh, uma canção obscena. [...]*

*Vem — que Deus nos ajude —
Para nossa esplêndida capital.
Ele enfeitiça a imperatriz
Da Rússia sem fim.
Nikolai Gumiliov, “O mujique” ¹*

Num momento qualquer entre maio de 1904 e começo de 1905, Raspútín chegou pela primeira vez à histórica cidade tártara de Kazan, no rio Volga, incorporada à Rússia depois de um sangrento cerco de Ivan, o Terrível, em 1552. ² Aparentemente, ele foi levado à cidade por uma rica viúva de comerciante de nome Bachmakova. Os dois se conheceram durante uma peregrinação, talvez no Mosteiro de Abalak, não muito tempo depois que ela perdeu o marido. Sua dor era enorme, mas Raspútín conversou com ela e aliviou seu sofrimento. Ela se sentiu atraída por Raspútín, tornando-se uma de suas primeiras seguidoras, e passou a convidá-lo, com despesas pagas, para participar de suas viagens a lugares santos. “Uma alma simples”, disse Raspútín a respeito dela. “Rica, muito rica, e deu tudo que tinha [...]. Depois herdou mais, e deu isso também [...] e se herdasse mais teria dado mais, esse era o tipo de pessoa que ela era.” ³ Em Kazan, Bachmakova apresentou Raspútín a ricos comerciantes locais e a clérigos importantes. Raspútín causou boa impressão. Era um siberiano forte, esguio, saudável, de 35 anos, orgulhoso e independente. A essa altura Raspútín se identificava como *stárets*, e impressionou a gente de Kazan com sua força interior, sua

compreensão da alma humana e seus conhecimentos das Escrituras. Era verdade que podia ser brusco e rude, e ignorava as regras da vida em sociedade, mas era porque parecia um verdadeiro homem de Deus em missão espiritual sem tempo a perder com bobagens. Logo se espalhou a notícia do santo siberiano, e as pessoas começaram a persegui-lo para pedir ajuda. Um jovem casal, de luto pela morte de dois filhos pequenos, foi procurá-lo. “O desespero de minha mulher chegou ao nível da insanidade”, diria depois o marido, “e os médicos não podiam fazer nada. Alguém me aconselhou a mandar chamar Raspútin [...]. Imagine só: depois de meia hora de conversa, ela ficou totalmente serena. Digam o que quiserem contra ele, talvez até com razão. Mas ele salvou minha mulher, essa é que é a verdade!”

No clero Raspútin conheceu Gavriil, padre superior do Mosteiro dos Sete Lagos nos arredores de Kazan. Os dois homens eram parecidos em muitos aspectos. Ambos nasceram entre camponeses e tinham ido em romaria ao Mosteiro de Verkhoturie e rezado perante a relíquia de São Simão Verkhotúrski. Tinham conhecidos comuns, como o monge Meleti (Mikhail Zarobovski), futuro bispo e metropolita, e ambos eram famosos por terem poderes especiais de cura. Gavriil chegou a atrair a atenção de Ella, irmã da imperatriz, que costumava visitá-lo. Raspútin também conquistou o arquiandrita Andrei, nascido príncipe Aleksandr Úkhtomski numa das mais antigas famílias nobres da Rússia. Raspútin era hóspede assíduo na casa do arquiandrita, e Andrei conseguiu até cartas de recomendação para Raspútin em São Petersburgo. De Andrei, disse Raspútin: “Não conheço nenhuma pessoa em que haja tanto amor”. ⁴

Raspútin lembraria mais tarde que em seus encontros com clérigos de Kazan “eu basicamente lhes falava de amor, mas eles ficavam muito surpresos com o amor que conheci”. ⁵ Raspútin não dá detalhes sobre o amor que conheceu, mas posteriormente surgiram histórias sobre atos impróprios com mulheres durante sua estada em Kazan — suspeitos encontros a sós com várias delas, moças levadas para as casas de banho da cidade e depois corrompidas e afastadas da família. ⁶ Consta que Raspútin teria admitido seus pecados para Gavriil, sobre como afagava e beijava as mulheres, embora insistisse em dizer que tudo era feito de forma amorosa e apropriada. Gavriil acreditava, mas, como tantos dos

primeiros partidários de Raspútin, também acabaria se voltando contra ele. Citando a sabedoria popular, disse mais tarde que Raspútin não era diferente de uma aranha: mate-o e Deus perdoará quarenta pecados seus.

Um dia, quando tomava chá com Gavriil e um grupo de estudantes de teologia, Raspútin mencionou a intenção de viajar a São Petersburgo. Gavriil desaprovava a ideia e pensou consigo mesmo: “Você vai perder o rumo, a cidade vai destruí-lo”. De repente, Raspútin se debruçou sobre Gavriil: “E Deus? Que me diz de Deus?”. Para Gavriil, foi uma prova de que Raspútin era capaz de ler a mente das pessoas. ⁷

De Kazan, Raspútin partiu para São Petersburgo. “Uma vez fiquei cativado por uma ideia e ela se alojou em meu coração”, anotou Raspútin em *Vida de um peregrino experiente*. A ideia era construir uma igreja em Pokróvskoie, pois, como escreveu, fazendo eco às palavras do apóstolo Paulo, quem constrói igrejas jamais será conquistado pelas portas do Inferno. Mas Raspútin era pobre; como poderia juntar o dinheiro — uns 20 mil rublos — para construir a igreja que via já pronta em seu coração? Raspútin escreveu que viajou por toda a província de Tobolsk à procura de benfeitores, mas os nobres dali, apesar de desperdiçarem seu dinheiro em dissoluta ostentação, não lhe deram nem um rublo sequer. Sendo assim, resolveu ir à capital dos tsares. “E então vim para São Petersburgo e me senti como um cego na estrada, foi como me senti.” Primeiro foi ao grande Mosteiro de Santo Alexandre Niévski para rezar, levando nada mais que um saco de roupas sujas e alguns copeques, que gastou comprando velas. Quando ia saindo, fazia algumas perguntas sobre o bispo Serguei justamente quando um policial passava. “Quem disse que você pode ser amigo do bispo?”, questionou ele, ameaçando o pobre e desganhado camponês. “Você só pode ser um arruaceiro.” Com medo, Raspútin correu para o portão dos fundos do mosteiro, onde foi derrubado por um porteiro. De joelhos, disse ao homem qualquer coisa sobre si mesmo, explicando por que queria ver o bispo. O porteiro ficou comovido com as palavras de Raspútin e mandou chamar o bispo Serguei (Ivan Stragorodski), o reitor do Seminário Teológico de São Petersburgo, que o convidou para entrar e conversou longamente com o *stárets* siberiano. Serguei tornou-

se protetor de Raspútin, apresentando-o à elite da cidade, levando-o ao palácio imperial e à presença do tsar. Nicolau escutou o plano de Raspútin de construir uma igreja, deu-lhe o dinheiro, e o siberiano voltou para casa transbordando de alegria. ⁸

Trata-se de uma história comovente, mas sem a menor relação com a verdade. Raspútin não chegou ao mosteiro como um pobre e desconhecido camponês, mas como o conquistador de Kazan, trazendo uma carta de recomendação para Serguei escrita pelo influente bispo Khrisanf, ou Chrisanthos (Kristofor Schetkovski), vigário da diocese de Kazan. Não foram as palavras de Raspútin, murmuradas de joelhos a um porteiro, que lhe garantiram a entrada nos aposentos de Serguei, mas as de Khrisanf. ⁹ A época foi mais ou menos entre o fim de 1904 e o primeiro semestre de 1905. ¹⁰

Ivan Fedchenkov, seminarista e partidário do louco sagrado Mítia, que se tornou padre com o nome de monge Veniamin ^{*} em 1907 e viria a ser metropolita da Igreja russa na época de Stálin, lembrava-se de ter visto Raspútin nos aposentos de Serguei no mosteiro: “Raspútin me causou imediatamente forte impressão, em virtude tanto da excepcional intensidade de sua personalidade (era como um arco ou uma mola retesada) como da sua aguda compreensão da alma alheia”. Sem que Veniamin dissesse uma palavra, Raspútin adivinhou seus planos futuros, e o jovem estudante ficou estupefato.

Falando em termos gerais, Raspútin era uma pessoa verdadeiramente fora do comum, no que diz respeito à sua mente aguçada e ao seu foco religioso. Era preciso vê-lo, com seu jeito de rezar na catedral: ficava como uma corda sob tensão, o rosto virado para cima, até que, com grande velocidade, começava a fazer o sinal da cruz e a curvar-se para a frente.

Acho que era exatamente na energia excepcional de sua religiosidade que estava a grande razão de sua influência sobre os crentes. [...] De alguma forma, todos nós ficamos “ázimos”, ou, para usar a expressão do nosso Salvador, o sal dentro de nós perdeu sua potência, já não somos “o sal da terra e luz do mundo” [...]. Esfriamos [...]

E de repente aparece uma tocha ardente. Que tipo de espírito ele tinha, que qualidade, não nos interessava, nem teríamos condição de descobrir, pois nos faltava o conhecimento necessário. Mas a magnificência desse novo cometa, muito naturalmente, chamava atenção.

¹¹

O pragmático bispo Serguei foi um dos poucos que não se impressionaram com essa tocha ardente vinda da Sibéria. Ao que parece, teve apenas um encontro com Raspútin, e depois não quis mais saber dele. ¹² Porém não foi esse o caso com Feofan, colega de

seminário de Serguei.

Nascido Vassíli Bistrov em 1873 na família de um pobre cura de aldeia, o arquiandrita Feofan foi aluno brilhante no Seminário Teológico de São Petersburgo, antes de tornar-se inspetor do seminário em 1905 e reitor quatro anos depois. Pelo que se dizia, Feofan era um genuíno homem de Deus, de tremenda profundidade espiritual. O príncipe Nikolai Jevakhov, escritor religioso e funcionário público, descreveu Feofan como “um monge de excepcional disposição e enorme autoridade”, um homem que exercia grande influência não só entre os seminaristas, mas também nas mais altas esferas sociais da capital. Mesmo Zinaida Gippius, que fazia muitas críticas ao clero russo, se referiu a Feofan como “monge de rara humildade, que levava vida serena e reta”. Gippius jamais esqueceu um encontro que teve com Feofan: “Lembro bem dele, era pequeno, magro, quieto, com um rosto escuro e severo, e cabelos negros tão lisos que pareciam colados na cabeça”. ¹³ Como outros clérigos da época, Feofan buscava no *narod* homens religiosos que fossem rudes, ignorantes, mas cheios da Igreja viva. Feofan dizia aos seminaristas que “homens de Deus ainda existem na terra. Até hoje nossa Santa Rússia está repleta de santos. Deus manda consolo para o seu povo de vez em quando sob o disfarce de homens justos, e eles são o esteio da Santa Rússia”. ¹⁴ Feofan cercava-se desses homens santos. Adorava conversar com eles e ouvi-los discutir Deus e a fé; suas palavras o conduziam a outro mundo, longe da realidade mundana de São Petersburgo. Quando Raspútin apareceu, o bispo Serguei convidou Feofan para conhecê-lo. Feofan ficou hipnotizado por aquele homem de Deus da Sibéria, que adotava o nome de irmão Grigóri. Fazendo eco às palavras de Veniamin, Feofan surpreendeu-se com a perspicácia psicológica do desconhecido, que era quase uma segunda visão. A partir da conversa ficou claro que o homem não tinha cultura, mas, como recordou Feofan depois da revolução, tinha “uma sutil compreensão da experiência espiritual obtida por experiência própria”. ¹⁵ Feofan passou a ter encontros regulares com Raspútin, e sua admiração pelo santo homem siberiano era cada dia maior. Não demorou para que contasse aos outros sobre o irmão Grigóri e levasse pessoas para ouvir suas palavras. Duas parentas de Feofan, por exemplo, foram convidadas a ir ao seminário compartilhar a boa-nova de sua

descoberta. Quando entraram no jardim, Feofan lhes falou animado sobre um homem de rara santidade e compreensão recém-chegado da Sibéria. “Nunca ouvi ninguém rezar como ele”, disse Feofan. Depois de rezar com ele, a vida fica mais clara e fácil de suportar, relatou às jovens. Além disso, o estranho tinha o dom da profecia: era capaz de ler o passado e o futuro na presença da pessoa, um dom que adquirira jejuando e rezando. [16](#)

Feofan passou a contar sobre os poderes milagrosos de Raspútin a quem se dispusesse a ouvir. No verão de 1906, durante uma visita a Jitomir, Feofan hospedou-se com a família de Anna Obukhova. Filha de um rico comerciante, Anna vivia uma crise espiritual e pensava em tornar-se freira. Feofan a dissuadiu. “Salve-se no mundo”, instruiu, e então lhe falou sobre um homem santo da Sibéria — “É um santo, um verdadeiro santo” — e recomendou-lhe que o procurasse, pois Feofan tinha certeza de que Raspútin poderia ajudá-la. [17](#)

O que levou Raspútin a São Petersburgo? Trata-se de uma pergunta sem resposta clara. Raspútin — e alguns historiadores nacionalistas russos contemporâneos — gostariam que acreditássemos que ele foi atrás de dinheiro para construir sua igreja em Pokróvskoie. O historiador e teatrólogo Edvard Radzinsky postula um objetivo muito mais grandioso e infinitamente mais sinistro: “Destruir Petersburgo e todo o mundo dos tsares [...]”. Maria, filha de Raspútin, apresenta motivos mais triviais: encontrar uma escola melhor para ela, que o pai tinha deixado aos cuidados de uma família abastada em Kazan, e agradar a Feofan e outros sacerdotes que insistiam que partisse e ficasse por lá. [18](#)

A resposta mais provável deve ser uma combinação do caráter de Raspútin com sua busca espiritual e o sucesso de sua visita a Kazan. Raspútin, o andarilho, o perseguidor da verdade, naturalmente se sentiu atraído pela ideia. Tinha viajado milhares de quilômetros a pé e visto muitas cidades, igrejas e mosteiros. Um dos poucos lugares que faltavam era o Mosteiro de Santo Alexandre Niévski. E qual habitante da Rússia não gostaria de pôr os olhos na capital imperial dos tsares? Havia uma curiosidade inata em Raspútin, mas também uma clara veia de ambição. Ele tinha visto diversos lugares sagrados na Rússia e

conversado com diversos homens santos, a quem impressionara com seus dons espirituais, que na época poucos negavam, e dos quais muito se orgulhava. Nunca saberemos se a ideia de escrever para o bispo Serguei foi de Khrisanf ou de Raspútín, mas parece provável que Khrisanf compôs a carta por livre iniciativa e com convicção (não haveria razão para fazê-lo de outra forma), e que Raspútín jamais hesitou, ou teve alguma dúvida, em dar esse importante passo em sua jornada pessoal.

A chegada de Raspútín a São Petersburgo, recordou Maria, foi “o início de muita confusão em sua vida”.

Meu pai tinha quase quarenta anos [chegava aos 36]; quer dizer que seu caráter já estava completamente formado. Vinte anos de peregrinações e andanças a pé, sua vida de camponês, seu amor pelo solo e pela solidão tinham desenvolvido nele aquela calorosa bondade, aquela simplicidade de conduta, aquela franqueza de fala, e ao mesmo tempo aquela independência arrogante que distinguem o recluso. Fala-se em sua falta de sofisticação, sua irresponsabilidade, e isso é verdade no que dizia respeito a dinheiro. Mas ele ao mesmo tempo mostrava no trato com os homens uma extraordinária clarividência que lhe permitia de imediato sondar seus mais secretos impulsos. [...]

De conduta grosseira, acostumado a dizer o que pensava, nunca se deixando intimidar, porque sempre sondava as profundezas dos pensamentos dos homens; meu pai era assim [...]

Mas a capital, sofisticada, mundana, cínica, não recebia bem um camponês. Só o fato de vê-lo já bastava para afastar muita gente. Sujo, diziam dele, ainda que não fosse, desmazelado, só porque não usava o cabelo e a barba como os homens elegantes de São Petersburgo. Sua recusa a prostrar-se reverentemente diante dos ricos e poderosos era tida como falta de educação. ¹⁹

Em Petersburgo, Raspútín perdeu o rumo. Anos depois disse ao príncipe Vladímir Meschérski, confidente arquiconservador do tsar Alexandre III e homossexual esclarecido: “É difícil viver aqui. Não há hora certa para fazer as coisas, nem dias, nada que não sejam dias santos que significam a morte da alma [...]. O destino me jogou na capital. Aqui faz tanto barulho que as pessoas enlouquecem... É como uma roda barulhenta... Tudo isso às vezes me deixa de cabeça inchada”. ²⁰ Ele era um cego na estrada, de acordo com sua própria descrição. A cidade era barulhenta, fazia a cabeça girar, mas isso o atraía na mesma medida em que o repelia e, depois de provar seus encantos, Raspútín nunca mais renunciou a eles. Não andaria mais sem rumo como um pobre peregrino, ou agiria como um professor de princípios morais de aldeia. Os hábitos que o mantinham perto do *narod*, e independente,

livre e ignorante das tentações da sociedade elegante e das seduições do poder, morreram ali, ainda que ele jamais tenha esquecido sua vida de andarilho e soubesse tirar o máximo partido disso. Gavriil temia que Petersburgo fosse a ruína de Raspútin, e tinha razão.

Maria escreveu que a mudança para Petersburgo foi crucial na trajetória do pai, pois a vida na cidade acabou por corrompê-lo. Se de início a vida era quase igual à que levava em Pokróvskoie, com o tempo o pai cedeu à tentação e deixou-se “levar por algumas seduições da capital”. ²¹ Mas a mudança não se deu da noite para o dia. Veniamin recordava-se dos primeiros dias de Raspútin em Petersburgo: “Pessoas devotas, especialmente mulheres, faziam elogios àquele homem raro, seu círculo de conhecidos ampliava-se. ‘É um santo’, louvavam as pessoas enquanto sua fama crescia. E indivíduos espiritualmente famintos da alta sociedade buscavam essa ‘luz’”.

O príncipe Jevakhov notou que, apesar do interesse por assuntos religiosos, a elite de Petersburgo sabia pouca coisa sobre a Igreja ortodoxa e quase não tinha contato com o clero. Eram pessoas ingênuas, que se impressionavam facilmente com o *stárets* da Sibéria de modos estranhos e que fazia pronunciamentos misteriosos, bem como com o fato de não dar a menor importância a riqueza e status, nem aos palácios dourados e títulos imponentes dos aristocratas, tratando todo mundo por *ti* , o informal *tu* . ²² Feofan, desejoso de exibir sua descoberta, começou a apresentar Raspútin nos salões de Petersburgo, que na época desempenhavam importante papel na vida cultural da cidade, onde a elite dos mundos da aristocracia, da Igreja, das artes e da cultura, da imprensa e da corte e da burocracia estatal se reunia, às vezes para conversas espirituais.

O mais influente desses salões pertencia à condessa Sófia Ignátieva (*née* princesa Meschérskaia) e seu marido, o conde Alexei Ignátiev, vice-ministro do Interior. Em seu imenso e pouco iluminado apartamento no 26 do Cais Francês, reuniam-se destacadas figuras do clero, como o monge, mais tarde metropolita, Serafim (Leonid Chichagov) e o bispo Germogen (Gueórgui Dolganov), escritores e jornalistas, como Vassíli Skvortsov, editor do diário monarquista *O Sino* , e gente da alta sociedade, como Liubov Golovina e Alexandra Tanéieva. Muitas dessas pessoas tornaram-se seguidoras e depois inimigas do homem que

Feofan Ihes apresentou no apartamento de Ignátieva. A condessa, atraída por várias formas de misticismo, tinha — ou pelo menos dizia ter — sonhos proféticos que ali eram discutidos. Numa dessas reuniões o padre Serafim apareceu e disse: “Há um grande profeta aqui entre nós. Seu objetivo é revelar a vontade da Providência para o tsar e conduzi-lo no caminho da glória”. ²³ A condessa não teve dúvida sobre quem era o profeta: Raspútin.

Raspútin também frequentou o salão da viúva baronesa Varvara Iskul von Gildebrand em seu suntuoso apartamento no no 18 da rua Kirochnaia. A baronesa tinha vastos interesses, de literatura e arte a política e assuntos de Igreja, e convidados provenientes das mais variadas esferas, de grão-duques e grã-duquesas a ministros de Estado, socialistas, sacerdotes e tolstoianos. Embora não considerasse Raspútin muito convincente, a baronesa o achava divertido e o anunciava como um espécime exótico para seus amigos de Petersburgo. Divertia-se com o seu jeito de beijar todo mundo, independentemente de condição social, ao chegar e ao despedir-se, coisa que não se fazia nos círculos de Petersburgo, mas, acreditava ela, era costume entre as pessoas comuns nas aldeias da Rússia. ²⁴

Vladímir Bontch-Bruievitch, historiador, estudioso das seitas religiosas russas, bolchevique dedicado e futuro secretário pessoal de Lênin, deixou um relato pormenorizado do seu primeiro encontro com Raspútin na casa da baronesa:

Logo depois das oito horas Raspútin apareceu. Com passo livre e leve entrou na sala de estar de Varvara Ivánovna, onde, pelo menos é o que parecia, nunca tinha estado antes, e com suas primeiras palavras foi atacando a dona da casa enquanto pisava no tapete: “O que foi que você fez, minha querida, cobrindo as paredes com tantos quadros, isto aqui parece um museu, e pensar que uma parede dessas dava para alimentar cinco aldeias famintas, oh, você, veja como seu povo vive enquanto os pobres camponeses morrem de fome...”. Varvara Ivánovna começou a apresentar Raspútin aos convidados. Ele, de imediato, pôs-se a fazer perguntas: A sra. A é casada? Onde está o marido? Por que veio sozinha? Agora, se estivéssemos juntos, eu cuidaria de você, exatamente assim como está [...]. Conversava assim, muito alegre, dizendo piadas, brincalhão e despreocupado. [...] Minha atenção era atraída basicamente por seus olhos. Seu olhar era sempre concentrado e direto, e uma estranha luz fosforescente brilhava o tempo todo em seus olhos. Ele afixava os ouvidos a todo o tempo com os olhos, e às vezes a voz abaixava de repente, ele arrastava as palavras, perdia o rumo como se estivesse pensando em outra coisa e então fixava o olhar em alguém, à queima-roupa, olhava bem em seus olhos durante alguns minutos, o tempo todo arrastando as palavras de um jeito desconexo, confuso. Então, de súbito, saía daquilo, voltava ao normal,

como se estivesse constrangido, e tentava mudar de assunto e puxar outra conversa. Notei que era justamente aquele olhar persistente que causava o maior efeito nas pessoas ali reunidas, em especial nas mulheres, que seu olhar deixava mais desconfortáveis e ansiosas, mas que então timidamente começavam a olhar para ele com o canto dos olhos, e às vezes até se aproximavam para falar um pouco mais com ele, ouvir um pouco mais o que tinha a dizer. Enquanto falava com alguém, ele às vezes, de forma súbita e abrupta, virava para outra pessoa, para quem olhara quinze ou vinte minutos antes e, interrompendo a conversa, dizia, numa voz arrastada: “Não, mãe, isto não é bom, não é bom de jeito nenhum... Isto não é jeito de viver, olhe para você mesma... Você acha que responder a um insulto vai resolver... Você precisa de amor... Sim... Amor é que é necessário...”, e então, também de repente, voltava à conversa anterior ou puxava outra, ou saía andando rápido pela sala, sentando-se de vez em quando ou se curvando, e o tempo todo esfregando as mãos. Tudo isso causava uma impressão nos presentes. As pessoas começavam a cochichar, dizendo que ele de fato adivinhara a verdade em certos assuntos, que tinha grande intuição, e uma atmosfera de intensa e nervosa energia começava a formar-se, do tipo que só se vê em mosteiros, em torno de *startsi* e videntes. [25](#)

A baronesa convidou Zinaida Gippius para conhecer Raspútín em seu salão em 1912, quando seu nome já era famoso — ou melhor, infame — em toda a Rússia. Mas Gippius, junto com o marido, o escritor e filósofo Dmítri Merejkovski, recusou. Fazia questão de dizer que, ao contrário de quase todo mundo na capital, não tinha interesse em juntar-se às multidões de curiosos para dar uma espiada em Raspútín, decisão que via como ponto positivo para os dois. [26](#)

Mas eles eram minoria. Aparentemente, a maioria nunca se fartava de Raspútín e de outros estranhos homens santos que faziam a ronda dos salões da cidade. A razão disso, de acordo com um jornalista, era bem simples:

Nos salões dourados a vida se torna maçante bem mais depressa do que nos apartamentos e salas humildes da classe média. Com dinheiro se consegue tudo que a vida tem a oferecer. E tínhamos chegado ao ponto em que nem mesmo as mais fantásticas possibilidades satisfaziam. Tudo tinha sido experimentado! Nesses casos, as pessoas tendem a ser atraídas pelo que está além da compreensão humana, seja um santo vivo, um louco sagrado ou um epilético. Quem sabe isso pode não trazer uma experiência nova, abrir uma nova oportunidade, uma realidade nova. E é por essa razão que figuras sombrias, misteriosas, como Raspútín, aparecem. [27](#)

A Rússia, concluiu ele, estava vivendo “tempos estranhos”.

* Por uma questão de clareza, referido como Veniamin daqui em diante.

7. O monge louco

No Seminário Teológico de São Petersburgo, Raspútin conheceu outro homem da Igreja que viria a ser um dos seus melhores aliados e um dos seus maiores inimigos. Serguei Trufanov, nascido em 1880 numa família cossaca do rio Don, no sul da Rússia, teve uma vida quase tão inacreditável quanto a de Raspútin. Entrou no seminário em 1901 e tornou-se discípulo de Feofan e do bispo Serguei, sob quem se ordenou sacerdote com o nome de monge Iliodor em novembro de 1903. Depois de se formar no seminário, no verão de 1905, Iliodor foi designado instrutor de homilética na Academia Teológica de Iaroslavl e enviado para lecionar no Seminário de Nóvgorod em 1906, antes de ser transferido, no fim daquele ano, para Pochaievskaja Lavra, mosteiro no oeste da Ucrânia.

A rápida sucessão de cargos não era resultado de promoções, mas sintoma da natureza rebelde de Iliodor. A imprensa local de Pochaiev tinha o seguinte a dizer sobre o jovem monge: “Esse homem notável, quase ainda um menino, com seu rosto suave, bonito, feminino, mas de vontade forte, imediatamente atrai multidões de pessoas comuns onde quer que apareça. Suas palavras apaixonadas, inspiradas, sobre Deus, amor pelo tsar e pela pátria causam impressão profunda nas massas e nelas desperta a fome de proezas heroicas”. ¹

Até os inimigos tinham que admitir que Iliodor era um orador excepcional. Cativava as pessoas como poucos, convencendo-as a segui-lo, mas o assustador era para onde queria conduzi-las. Iliodor tinha rosto de anjo, mas alma de assassino. Um biógrafo o chamou de “protofascista”. Numa época conhecida pelo antissemitismo, Iliodor destacava-se pela violência extrema do seu ódio aos judeus. Apoiava

ruidosamente a União do Povo Russo (parte do notório grupo Centúrias Negras) e atacava qualquer pessoa que visse como inimigo do movimento. Começou a expressar suas opiniões numa série de artigos e panfletos, descrevendo a Rússia como “acorrentada a grilhões judaicos”.

[2](#)

Seu folheto de 1906 *Quando é que isto finalmente vai acabar?*, endereçado diretamente ao tsar, apresenta um quadro da Rússia de Iliodor. O país, bradava ele, estava sendo destruído por judeus, jornalistas, a Duma e a “humanidade criminoso” do sistema jurídico da Rússia. O Fim dos Tempos está chegando, advertia: “Acreditamos firmemente e pregamos com obstinação que a hora do Anticristo há de algum dia chegar à Santa Rússia”. A Rússia pode ser salva, não é tarde demais, assegurava Iliodor a seus leitores, mas o tsar precisa agir, e agir com firmeza: a violência é a única resposta. A pena de morte precisa ser restabelecida. Qualquer um que ouse insultar o nome de Deus deve ser “executado da maneira mais feroz”. Os tribunais russos precisam retomar seu papel tradicional de “o caminho mais curto para a força, o machado, e a bala”. E esse castigo deve ser administrado não apenas a criminosos, mas também a “caluniadores, jornalistas mentirosos e instigadores!”. Em todo o país, e especialmente na corte imperial, “todo mundo em cujas veias corra sangue estrangeiro” deve ser detido e expulso da Rússia. A porta para o Ocidente que Pedro, o Grande, abriu dois séculos antes precisa ser trancada com força e para sempre. Para ajudar o tsar nessa luta histórica, Iliodor colocava-se diante de Nicolau como o súdito mais devoto, pronto para limpar a Rússia dos últimos vestígios do Ocidente. Com ele, gabava-se ao tsar, marchava um exército não de Centúrias Negras, mas de “Milhões Negros”: “Não somos as centenas negras, somos milhões, somos os milhões negros, na verdade dezenas de milhões”. [3](#)

Seu antigo protetor arcebispo Antônio (Alexei Khrapovítski) teve que admitir que Iliodor caíra nas garras da “insanidade histórica”. Lênin, no entanto, via uma força maior em ação, descrevendo Iliodor como a expressão de uma novidade na Rússia — “democracia sombria, camponesa, do tipo mais bruto porém mais profundo”. [4](#) A Igreja oficial não estava preparada para a democracia camponesa (fosse sombria ou de qualquer outro tipo), e Iliodor tornou-se uma fonte constante de

problemas. Em Iaroslavl, ele se desentendeu com o reitor, o padre Evsevi (Ievstafi Grozdov), que se opunha à União do Povo Russo, o que levou à sua transferência para Nóvgorod. Isso viria a tornar-se padrão na vida de Iliodor pelos próximos anos: era mandado de um lugar para outro, sob ameaça de castigo, e monitorado de perto até que, poucos anos depois, o próprio monge renunciaria à fé num rompante de fúria.

O monge louco da Rússia foi o título que Iliodor deu a sua autobiografia. Imbuída da mesma megalomania paranoica de todos os seus escritos, o relato é uma estranha mistura de fatos, erros e mentiras deslavadas, que teve enorme influência no estabelecimento do mito de Raspútin como o “diabo santo” da Rússia. Ele a redigiu depois de ter fugido da Rússia, após ter atentado contra a vida de Raspútin. Incapaz de matá-lo, Iliodor resolveu destruí-lo com palavras.

“Minha vida teve início numa cabana pobre de camponês”, começa o ressentido Iliodor, “desenvolveu-se promissoramente entre palácios reais, e por fim decaiu para o nível do exílio e da preocupação ansiosa numa terra estrangeira.” Iliodor imagina que sua vida seguiu um caminho semelhante ao de Raspútin — da pobreza ao poder, à influência, à estima e até mesmo à fama. Ele também, como Raspútin, ressalta Iliodor, contou com a benevolência do tsar. Mas isso não bastava para Iliodor. Ao contrário de Raspútin, ele não se satisfazia com essas coisas mundanas. Iliodor queria mais, via-se buscando “a luz da verdade”, e foi essa busca que o fez ver a verdade maligna sobre Raspútin. ⁵ Lutou com a própria consciência, e no fim decidiu ir à guerra contra Raspútin para salvar a Rússia, e, por isso, alegava Iliodor, Raspútin mandou massacrá-lo.

Iliodor sobreviveria a Raspútin por mais de três décadas, porém jamais se livrou de sua sombra.

PARTE DOIS
NOSSO AMIGO
1905-9

8. Para o trono

Em 1o de novembro de 1905, quando estava em Peterhof, nos arredores da capital, Nicolau fez a seguinte anotação em seu diário:

Terça-feira. Dia frio e ventoso. A água congelou em pedaços da praia até o fim do nosso canal. Atarefado a manhã inteira.

Jantar com príncipe Orlov e Resin. Saí para uma caminhada. Às quatro fomos a Serguéievka. Chá com Militsa e Stana. Conhecemos um homem de Deus — Grigóri, da província de Tobolsk.

Deitei no começo da noite, trabalhei um pouco e fiquei com Alix. ¹

Foi a primeira vez que Nicolau e Alexandra encontraram Raspútin. Sentaram para ouvi-lo falar aquela tarde durante três horas. Em um ano Raspútin tinha ido da base para o topo da sociedade russa. Ninguém poderia ter previsto essa trajetória.

Não sabemos quanto tempo Raspútin permaneceu em Petersburgo depois que chegou de Kazan. É possível que tenha voltado a Pokróvskoie e retornado depois, em 1905, ou que lá permanecesse todo o tempo até aquele primeiro encontro. Sabemos que em Petersburgo morou em Lavra antes de mudar-se para os aposentos de Feofan na ala do reitor, num momento qualquer daquele ano. ² Entre os visitantes que iam ver Feofan no seminário estavam Militsa e Piotr. O arquimandrita e a Princesa Negra tinham o mesmo fascínio pelo “lado místico da vida”, segundo as palavras dele, e tornaram-se íntimos. Militsa começou a convidar Feofan para ir a sua casa, e mais tarde lhe pediu que se tornasse seu confessor pessoal. Numa dessas visitas a Militsa, contou que tinha conhecido um homem de Deus chamado Grigóri Raspútin. Militsa ficou intrigada e convidou o “irmão Grigóri” para ir a sua casa. Raspútin não desapontou Militsa e logo passou a ser

presença frequente. Ali Raspútin foi apresentado a Stana e Nikolacha, que ficaram igualmente encantados com o *stárets* siberiano. ³ O caminho para o trono estava aberto.

No exílio em Sófia depois da revolução, Feofan, consumido pelo remorso de ter promovido Raspútin, negava que tivesse tido alguma coisa a ver com a apresentação do siberiano à Princesa Negra, ou a Nicolau e Alexandra. Inclusive, chegou a dizer que conheceu Raspútin na casa da Princesa Negra, o que era obviamente mentira (ele o conhecera nos aposentos de Serguei), mas naquela altura quase ninguém estava disposto a admitir que tinha sido amigo de Raspútin ou acreditado em seus dons espirituais. ⁴

Vladímir Voeikov, ajudante de ordens do tsar e último comandante do palácio imperial (1913-7), disse aos investigadores depois da queda da monarquia que foi Nikolacha quem levou Raspútin para o palácio, por insistência das Princesas Negras. Outras fontes ligadas à corte confirmam que as Princesas Negras foram responsáveis pela apresentação de Raspútin a Nicolau e Alexandra, na esperança de usá-lo como ferramenta para fortalecer seu prestígio perante suas majestades. Ao que parece, as irmãs achavam que um camponês simples seria o instrumento perfeito em suas mãos: alguém que poderiam usar para obter informações sobre a vida na casa imperial e ajudar a manter seus laços com Nicolau e Alexandra. ⁵ Como parte do plano para controlar Raspútin, Militsa teria lhe pedido que não se encontrasse com o tsar e a tsarina na ausência das duas irmãs, pois, explicou ela, a corte era um lugar de intrigas, inveja e tentações, e ele ficaria desorientado sem a orientação delas. Mas Raspútin não lhe deu ouvidos, e as Princesas Negras acabariam profundamente decepcionadas com ele, que era muito mais esperto e independente do que supunham e não tinha a menor intenção de ser instrumento de quem quer que fosse.

Outros sustentam que a ascensão de Raspútin foi obra de um grupo de clérigos ortodoxos, para contrabalançar o que lhes parecia a influência excessiva na corte de “homens santos” estrangeiros, como Papus e Monsieur Philippe. Voeikov, por exemplo, estava convencido de que foi por essa razão que Feofan apresentou Raspútin às Princesas Negras, na esperança de que o apresentassem a Nicolau e Alexandra. O tsar da Santa Rússia, assim acreditavam líderes da Igreja como Feofan,

devia recorrer a verdadeiros cristãos ortodoxos russos — e não a hipnotizadores franceses — em busca de orientação espiritual. ⁶ Com o tempo a ideia vingou e cresceu, adquirindo as características de uma trama consciente e altamente organizada. Em 1914, o *Correio de Petersburgo* citou “Certo Dignitário Muito Bem Situado” no assunto da misteriosa trajetória de Raspútin até o trono: “Alguns homens da Igreja pegaram um mero camponês e o transformaram em ‘profeta’ do misticismo, depois o usaram para alcançar seus próprios objetivos. Portanto, Raspútin é simplesmente uma criação da ‘política’ da Igreja”. ⁷ É importante ressaltar que Feofan se beneficiou da ascensão de Raspútin. Não por acaso, foi apresentado pela primeira vez a suas majestades menos de duas semanas após o encontro de Nicolau e Alexandra com Raspútin, e chamado para se tornar confessor pessoal dos Romanov. ⁸

Dizia-se também que Raspútin tinha sido empurrado pelas Centúrias Negras ou por outros grupos nacionalistas, e que ele não foi o único candidato que essas forças prepararam. Um desses pode ter sido o místico Serguei Nilus. Nascido numa família de ricos proprietários de terra, Nilus passou por uma experiência de despertar religioso e saiu de casa para andar pelo interior como *strannik*. Escreveu sobre suas descobertas religiosas em *O grande no pequeno e o Anticristo como iminente possibilidade política*, obra que conquistou seu lugar na história graças à sua segunda edição, publicada em 1905, na qual Nilus incluiu o texto integral da infame falsificação antissemítica *Os protocolos dos sábios de Sião*. A primeira tiragem do livro de Nilus (sem *Os protocolos*) foi bem recebida nos círculos religiosos e conservadores. Um dos seus admiradores foi Ella, a irmã da imperatriz, que teria convidado Nilus a Tsárskoie Seló com a intenção de apresentá-lo a suas majestades como potencial sucessor de Philippe. Nada resultou disso, porém, e pode ser que toda a história seja invencionice. Quando lhe mencionaram a história, anos depois, o general Aleksandr Mosolov, antigo chefe da chancelaria da Corte imperial, refutou-a como puro “conto de fadas”. ⁹

Para alguns, um instrumento da direita; para outros, um instrumento da esquerda. Esse foi o argumento usado pelo príncipe Jevakhov, um dos principais autores das mais exóticas teorias de conspiração envolvendo Raspútin. Depois da revolução, Jevakhov afirmou que

Raspútín tinha sido criação da “judiaria internacional”, que se utilizou dele, à sua revelia, em seu plano secreto para destruir a Rússia cristã. Teriam sido eles que arrancaram Raspútín do anonimato e construíram o mito da sua santidade. Desde o início, o plano era conduzi-lo ao palácio, por meio das Princesas Negras, com a intenção de usá-lo para destruir a monarquia. “Agentes invisíveis da Internacional trabalharam para fabricar a fama de Raspútín, tendo ao seu dispor pequenos judeus, audaciosos colaboradores, em volta de Raspútín. Eles deram início a um jogo sutil e muito complicado e puseram em prática o programa revolucionário que tinham preparado havia muito tempo.” [10](#)

Houve, de fato, uma conexão entre a aparição de Raspútín na corte e a revolução — embora nada parecida com a fantasia da mente perturbada de Jevakhov. Em 1904-5, a Rússia travou uma guerra malsucedida e impopular contra o Japão, que terminou no humilhante Tratado de Portsmouth. Ao mesmo tempo, a Rússia era sacudida por greves operárias em cidades de todo o Império. Então, em 9 de janeiro de 1905, centenas de manifestantes pacíficos foram abatidos por tropas na frente do Palácio de Inverno. O “Domingo Sangrento”, como ficou conhecido, ajudou a acender o pavio da Revolução de 1905, que quase derrubou a monarquia. Milhões de operários entraram em greve, todo o sistema ferroviário parou, estudantes universitários saíram às ruas para protestar, houve agitação no Exército e motins na Marinha (sendo o mais famoso o do encouraçado *Potemkin*, no mar Negro), e em todo o interior do país camponeses se rebelaram, queimando as casas senhoriais e atacando os representantes da autoridade imperial.

A crise atingiu um ponto decisivo no segundo semestre de 1905, quando Nicolau enfim aceitou fazer concessões. Assinou o Manifesto de Outubro, que entre outras coisas garantia liberdades civis básicas (de expressão, de reunião e de religião), permitia a formação de partidos políticos e investia a recém-criada Duma Estatal de poder efetivo para legislar e fiscalizar. Num sentido bastante prático, o Manifesto de Outubro transformou a Rússia numa monarquia constitucional. O tsar ainda detinha o “Supremo Poder Autocrático”, mas esse poder já não era ilimitado, e as Leis Fundamentais de 1906 criaram um desajeitado equilíbrio de autoridade entre a Coroa e a Duma. O manifesto foi

recebido por um país satisfeito, e a febre revolucionária cedeu. Mas Nicolau ficou arrasado. Para salvar o seu reinado, quebrara o juramento feito quando subiu ao trono de defender o poder autocrático. ¹¹ Ficou envergonhado e, pelo resto da vida do tsar, trabalhou para desfazer o que tinha feito naquele outono e reafirmar sua genuína autoridade.

Ao longo de outubro de 1905, Nicolau e Alexandra se reuniram com as Princesas Negras e Nikolacha regularmente. Atravessaram juntos aqueles tempos difíceis, os dias mais árduos do reinado de Nicolau, e intui-se que Militsa os preparava para conhecer um novo homem de Deus da Sibéria. Deve ter falado dos seus notáveis poderes espirituais, contando-lhes como começara a admirá-lo, e da apresentação feita por intermédio de Feofan, que também atestava sua santidade. Talvez Alexandra tenha achado que aquele era o amigo prometido por Philippe, o homem de quem precisavam mais do que nunca. A profecia fora cumprida.

Não sabemos sobre o que Raspútin e Nicolau conversaram no primeiro encontro. Feofan diria depois que Raspútin lhe contou que a imperatriz se submeteu à sua influência a partir daquela noite, mas com o imperador o processo foi mais demorado. Pode-se fazer uma ideia do que conversaram a partir desta carta, a primeira que Raspútin enviou a Nicolau, datada de 5 de novembro, quatro dias depois do encontro:

Grande Imperador, Tsar e Autocrata de toda a Rússia! Saudações! Que Deus lhe dê sábios conselhos. Quando os conselhos vêm de Deus, a alma se rejubila, nossa alegria é genuína, mas se são rígidos e formais, a alma fica abatida e a cabeça, confusa. Toda a Rússia se preocupa, ela mergulhou numa terrível disputa, treme de alegria e repica seus sinos pedindo a Deus, e Deus nos envia misericórdia e assusta nossos inimigos com ameaças impressionantes. Por isso eles, os loucos, agora ficaram com um vaso quebrado e uma cabeça tonta, como diz o ditado: “O Diabo estava ocupado há muito tempo, mas finalmente acabou fugindo do alpendre dos fundos” — tal é o poder de Deus e Seus milagres! Não despreze nossas palavras simples. Você, como nosso Senhor, e nós, como vossos súditos, devemos fazer o possível, trememos e oramos a Deus para nos manter a salvo do mal, para nos proteger de todas as ofensas, agora e no futuro, para que nossa vida corra para sempre como uma fonte revigorante. ¹²

Esta carta, que escapou de biógrafos anteriores, ¹³ é incrivelmente importante, pois mostra que desde o início Raspútin não se furtava a tocar em questões de Estado com o tsar. Além disso, tinha a audácia de instruir Nicolau sobre o tipo de conselho que precisava ouvir naqueles tempos difíceis — ou seja, o que vinha de Deus, e não o que era “rígido

e formal”, palavras essas que devem ser interpretadas como referência aos ministros do tsar. Ao governar seus súditos, diz Raspútin a Nicolau, ele só deve dar ouvidos a Deus; o que não está dito é que nesse “homem de Deus”, como Nicolau escreveu na primeira referência a Raspútin em seu diário, Sua voz (isto é, de Deus) pode ser ouvida. A carta também revela outro lado da relação que se desenvolveria entre Raspútin e o tsar. Raspútin nunca deixou de tentar incutir em Nicolau a confiança necessária para governar, de incentivá-lo a ser forte e ter fé em si mesmo e em seu reinado. Na verdade, não muito tempo depois da morte de Raspútin, começou a correr uma história de que ele devia seu lugar na corte ao fato de ter convencido o tsar a não fugir do país no auge da violência de 1905, garantindo a Nicolau que no fim tudo daria certo e que ele e a família não precisavam temer pela própria vida. ¹⁴ A Okhrana, a polícia secreta tsarista, informou em 1915 que Raspútin tinha aconselhado o tsar até mesmo em assuntos políticos específicos durante a Revolução de 1905, dizendo a Nicolau, por exemplo, que ainda era “cedo demais” para outorgar uma Constituição à Rússia. ¹⁵ É difícil avaliar a validade de tal afirmação.

A carta também é reveladora pelo que não diz. Não há menção nenhuma a dinheiro para igrejas. E o que é mais importante: não há menção a Alexei. Há muito tempo a interpretação convencional reza que as relações de Raspútin com a família real se deram porque o herdeiro doente os levou a procurar um curandeiro milagroso, garantindo ao *stárets* um lugar na corte. Mas a questão era bem mais complicada. Desde o início, Nicolau e Alexandra sentiram-se atraídos por Raspútin tanto pelo apoio e sabedoria que lhes dava sobre a situação da Rússia como sobre a do herdeiro. Talvez mais ainda. Com o país rebelando-se ao redor deles, ali estava um camponês humilde que dizia a Nicolau exatamente o que ele queria ouvir — a respeito da necessidade de confiar em Deus e seus milagres, de ser o legítimo senhor da Rússia e exigir submissão e obediência aos súditos, pois a saúde do tsar era inseparável da saúde da Rússia.

9. Raspútin-Nóvi

Logo depois de ter escrito para o tsar, Raspútin partiu para Pokróvskoie. Viajando com ele iam vários amigos da capital, incluindo o padre Roman Medved e a mulher, Anna.

Padre da Igreja Apostólica Maria Madalena de São Petersburgo, Roman tinha estudado no seminário, onde conheceu Feofan. Junto com Feofan, Roman era íntimo do padre Ioann de Kronstadt. Antes da ascensão de Raspútin, o padre Ioann era a figura religiosa mais famosa da Rússia, a “primeira celebridade religiosa russa moderna”, para citar seu último biógrafo. Nascido Ioann Ilítch Serguéiev em 1829, o padre Ioann (canonizado como são João de Kronstadt em 1989) tornou-se um religioso carismático nas últimas décadas do século XIX, cujos sermões atraíam enormes multidões e de cujas mãos se dizia que tinham praticado os mais variados tipos de cura milagrosa. Tão populares eram seus serviços religiosos que a Igreja lhe concedeu o privilégio único de fazer confissões coletivas. Era tão popular entre os pobres como na aristocracia, e seus seguidores literalmente beijavam o chão por onde passava. Sua imagem era gravada em cartões-postais, cartazes e até em lenços de souvenir, tudo parte de um culto que o padre muito fez para desenvolver. Foi chamado ao leito de morte do moribundo Alexandre III, mas suas orações se mostraram inúteis. Quando o padre Ioann faleceu, admiradoras saquearam seus aposentos à procura de roupas a que atribuíam o valor de relíquias sagradas.

Enquanto Raspútin viveu, circularam conversas ligando-o ao padre Ioann. Havia quem dissesse que o padre tinha reconhecido em Raspútin seu sucessor, chegando a recomendá-lo para Nicolau e Alexandra; outros juravam que ele tinha denunciado Raspútin, dizendo-lhe com

toda a franqueza que seu próprio nome já era prova de suas maneiras dissolutas. Nenhuma dessas histórias é verdadeira e, a julgar por tudo que se sabe, os dois homens nunca se encontraram. Apesar disso, como os Medved eram íntimos do padre Ioann e o viam regularmente, é provável que, mesmo não tendo apresentado um ao outro, eles pelo menos falaram ao padre sobre o milagroso siberiano. O padre Ioann deve ter ouvido a história de Raspútin, mas até agora não se sabe o que pensava dele. ¹

Feofan apresentou Roman às Princesas Negras e também a Raspútin. Roman e Anna ficaram logo encantados com o irmão Grigóri, que se tornou hóspede frequente da casa, indo em seguida morar com eles em seu apartamento no no 2 da rua Rojdstvenskaia, em algum momento de 1905 ou começo de 1906. Os novos anfitriões achavam que Raspútin era dotado de raros poderes de cura, capazes de transpor distâncias, e durante anos Anna lhe escreveu sempre que ela ou o marido adoeciam, pedindo-lhe que orasse por sua recuperação. ²

Outra pessoa que visitou Pokróvskoie com os Medved foi Olga Lokhtina. Filha de um nobre de Kazan nascida em 1867, Lokhtina logo se tornaria a seguidora mais fanática de Raspútin, e sua vida degeneraria num espetáculo patético de comportamento bizarro que, para muitos, era a maior prova da influência maligna do *stárets*. Ela ficou enfeitiçada, e se de início Raspútin pareceu a Lokhtina um homem abençoado, com o tempo se tornou a seus olhos um santo, depois Cristo, e por fim o próprio Deus. Lokhtina passou a acreditar que fazia parte de uma Trindade, com Iliodor sendo o Filho de Deus e ela a Virgem Maria. Mas isso ainda estava no futuro. Em 1905, ela era uma linda e convencional esposa e mãe de Petersburgo, casada com um engenheiro chamado Vladímir Lokhtin. Foi naquele ano que Olga conheceu Raspútin na casa dos Medved. Ela declararia mais tarde que estava doente na época, padecendo de neurastenia intestinal, e que o padre Roman a apresentou a Raspútin, certo de que ele a curaria. Olga não ficou menos impressionada com Raspútin do que os Medved, por isso ela e a filha se juntaram a eles em novembro para viajar a Pokróvskoie e ver como aquele notável homem de Deus vivia em sua casa. ³

“Viajar com Raspútin foi um grande prazer”, disse Lokhtina, “pois ele dava vida ao espírito.” Ela ficou encantada com Pokróvskoie. “Gostei

muito do estilo de vida dele”, disse ela à Comissão.

Ao encontrar-se com o marido, a mulher dele caiu aos seus pés [...]. A humildade de sua mulher me espantou. Quando estou certa, não me curvo a ninguém. E ali estava a mulher de Raspútin cedendo numa discussão com o marido, ainda que estivesse claro para mim que ela estava com a razão e ele não. Em resposta ao meu [...] espanto, ela disse: “Marido e mulher precisam viver em harmonia, às vezes você cede, às vezes ele cede” [...]. Dormimos onde dava, quase sempre num mesmo quarto, mas dormíamos pouco, escutando as conversas espirituais do padre Grigóri que, por assim dizer, nos instruía sobre vigília noturna. De manhã, se levantasse cedo, eu ia rezar com padre Grigóri [...]. Rezar com ele me arrancava do mundo [...]. Em casa ele passava o tempo cantando salmos e hinos.

Ela continua:

Sim, ele tinha o hábito de beijar quando encontrava alguém e até de abraçar, mas é só a gente má que pensamentos maus e impuros ocorrem [...]. Também é verdade que numa das minhas visitas à aldeia de Pokróvskoie tomei banho com Raspútin e sua família, a mulher e duas filhas deles, e, na ausência de maus pensamentos, não parecia estranho nem indecente para nenhum de nós. Eu estava convencida de que Raspútin era um “ancião”, tanto por ter me curado como pelas previsões que ouvi e que se confirmaram. ⁴

Numa carta ao bispo Antônio (Karjavin) de Tobolsk, datada de 1o de junho de 1907, Olga escreveu que Raspútin “me ensinou a amar em nome de Cristo”, a jejuar, a ir à igreja e a rezar com mais frequência diante de relíquias sagradas. Dizia que Raspútin curara milagrosamente o noivo de sua irmã, que sofria de uma grave perturbação nervosa. Os médicos não davam jeito, e ele já perdera as esperanças. Não era crente, mas Raspútin o instruiu a beijar a simples cruz dourada que trazia no peito nu e de repente, diante dos olhos de Olga, ele foi curado e aceitou Cristo como salvador. ⁵ Depois de se mudar da casa dos Medved, Raspútin ficou no apartamento dos Lokhtin no no 13 da avenida Grecheski de 1907 a novembro de 1908.

Em 1o de abril de 1906, Raspútin mandou de Pokróvskoie uma mensagem de Páscoa para Nicolau: “Cristo ressuscitou! Nisso está a alegria — que ele tenha ressuscitado e se rejubile conosco”. ⁶ Naquele verão, comprou uma casa cara (1700 rublos) para ele e a família na principal rua da aldeia. ⁷ O dinheiro tinha vindo de alguns dos seus seguidores em Petersburgo, e Olga Lokhtina possivelmente era um deles. Em 12 de julho, Raspútin partiu de Pokróvskoie para Petersburgo, e seis dias depois viu Nicolau e Alexandra pela segunda vez. “Passamos a noite em Serguéievka e vimos Grigóri”, anotou

Nicolau, animado, em seu diário. ⁸

Entre os visitantes da casa dos Medved nessa época estava o escritor e filósofo Vassíli Rozanov e família. Rozanov achou Roman bem desinteressante (lembrava-lhe um sapo), mas a segunda mulher de Rozanov, Varvara Butiagina, e alguns dos filhos mais velhos, sobretudo a enteada Alexandra Butiagina, sentiram-se atraídos pela forte atmosfera religiosa que encontraram nos Medved e passaram a visitá-los várias vezes por semana.

Alexandra, então com 23 anos e solteira, acabou saindo de casa e indo morar com uma inusitada irmandade de mulheres de alguma forma associada à casa dos Medved. A família via Alexandra só durante essas visitas e começou a notar uma estranha transformação. Agia como se fosse outra pessoa e estivesse morta por dentro, ou tivesse virado uma “sonâmbula”. Isso durou todo o inverno, e ninguém sabia explicar o que tinha acontecido com sua amada Alexandra.

Rozanov descobriu que o círculo em torno dos Medved também incluía o arquimandrita Feofan e um peregrino siberiano de quem nunca tinha ouvido falar. A presença de Feofan o fez sentir-se melhor, por causa da sua reputação irrepreensível. Numa de suas visitas aos Medved, ele tinha visto uma mulher notável sair da casa — era uma dama elegante usando uma capa cara. Rozanov decidiu segui-la para saber o que se passava na casa de Medved. Por que, perguntava-se, eles cultivavam aquela atmosfera de sigilo, realizando misteriosos encontros a portas trancadas? A senhora era Olga Lokhtina. Rozanov foi à casa dela, que lhe contou que sofria de uma doença terrível, que nenhum médico foi capaz de curar e que a manteve na cama durante anos. E então, na casa dos Medved, ela encontrou a cura pela religião. O sofrimento tinha sido tão horrível que por pouco ela não enlouqueceu, mas a reza e a fé lhe salvaram a vida.

Rozanov não soube o que dizer. Se a história era verdadeira, não havia como negar o efeito que a religião praticada na casa dos Medved teve sobre ela. Tinha na sua frente uma linda mulher. “Cada movimento seu era adorável e elegante. Encantava a todos com sua personalidade, e aquele charme vinha da sinceridade, da cordialidade e da lucidez da mente.”

Não demorou muito para que Rozanov voltasse à casa dos Medved

para tomar chá. Em volta da mesa havia uma cara nova, “não a de um pequeno burguês, não a de um camponês”, anotou ele. Enquanto Rozanov bebia e conversava com os Medved, o estranho acabou de tomar o seu chá sem dizer uma palavra, depositou a xícara no pires, agradeceu e partiu. Rozanov achou-o “o sujeito mais sem graça que já conheci”. Só quando ele saiu Rozanov ficou sabendo que se tratava do andarilho siberiano que todos na casa dos Medved consideravam tão irresistível.

Rozanov começou a ouvir histórias sobre o homem, sobre seu incrível poder espiritual e o efeito que causava nos outros. Tinha-se a impressão de que todo mundo só falava nos “milagres” que ele realizava em Petersburgo. Mas Rozanov começou a ouvir outras coisas: que o homem tinha o hábito de beijar e abraçar mulheres e meninas, por exemplo. Certa vez sondou o padre Medved, que lhe respondeu irritado. “Seus beijos”, segundo Roman, “eram os mais castos e puros.” A fé de Roman em Raspútin pareceu a Rozanov algo que beirava uma patologia: “O padre era taxativo quanto à reputação do peregrino. A mais leve dúvida a respeito de sua ‘honradez absoluta’ provocava-lhe um acesso de fúria, ele perdia o controle e lançava imprecisações”. ²

Ainda que seus encontros iniciais com Raspútin e seus seguidores na casa dos Medved tenham sido contraditórios e confusos (embora ele sugerisse mais tarde que desde o início ficou impressionado com Raspútin), o fato é que Rozanov não se preocupou o suficiente para obrigar a enteada a voltar para casa, apesar dos boatos de que ela havia sido perseguida (ou coisa pior) por Raspútin. Rozanov achou que talvez uma seita qualquer tivesse se formado em torno do peregrino siberiano, mas não quis tomar nenhuma providência contra eles. As histórias sobre Alexandra, porém, não paravam, e começaram a circular entre membros da grande comunidade religiosa de Petersburgo. ¹⁰ Mais ou menos um ano depois, em novembro de 1907, Rozanov recebeu uma carta de Nikolai Drozdov, arcebispo da Igreja de São Panteleimon, o Curador, de São Petersburgo.

Gostaria de dar toda a publicidade possível ao profeta/impostor da Sibéria com base no triste fato acontecido com sua fugitiva. Segue o rascunho do meu texto com o pedido de que acrescente quaisquer detalhes que eu possa ter deixado passar e tire qualquer coisa que prejudique a questão. Talvez eu não deva chamar o peregrino pelo nome, o que já fiz, para

que ele não faça nenhum barulho dizendo que lhe estão atirando pedras. Pois pouco sabemos sobre ele. De Medved e Ternavtsev [✱] só ouvimos uma coisa — que ele é um “santo”. Não temos quase nenhum conhecimento de suas palavras e de seus feitos; ele pode se esconder atrás de Medved no caso de sua filha. Precisamos agir com cautela. Devolva-me o rascunho com as correções que fizer. Vou publicá-lo em *O Sino* ou na imprensa secular.

O rascunho do artigo de Drozdov intitulava-se “O profeta siberiano”.

Há um homem da Sibéria na capital que conquistou para si o elevado título de “homem santo” entre seus seguidores. O que fez para “merecer” essa glória e essa honra não sabemos explicar, para sermos francos. Esperemos que os que fizeram a “canonização” desse homem virtuoso, que não foi canonizado pela Igreja oficial, cumpram o sagrado dever de mostrar os aspectos “santos” da vida e dos ensinamentos desse siberiano recém-chegado. Nossa tarefa é outra — gostaríamos de tornar públicas as dúvidas e desagradáveis surpresas que esse homem nos desperta com algumas de suas ações [...].

O “santo” siberiano tem o estranho hábito de abraçar e beijar as mulheres com quem fala, mesmo quando as vê pela primeira vez. Acompanha sua fala com gestos e movimentos corporais que foram merecidamente chamados de “caretas” e “macaquices” por uma senhora que rejeitou sua tentativa de beijá-la. Às vezes o “santo” mergulha num estado de êxtase em que age como se estivesse possuído, ou delirantemente louco. Foi assim que alguns céticos explicaram algumas fotografias desse homem.

Que comportamento é esse — o que são esses abraços e beijos? Qual é a necessidade disso? É claro que os admiradores do “santo” hão de explicar benevolmente essa “maneira” como um excessivo sentimento de amor por suas companheiras, e de chamar essa beijação de “beijos santos”, o que é normal entre grandes “*startsi*” como Serafim de Sarov, Ambrósio de Optina. [...]

Naturalmente, não ousamos dizer que o “profeta” siberiano seja uma espécie de sectário místico, mas não há dúvida de que em suas “poses e seus movimentos”, em seus beijos e apertos de mão, há qualquer coisa de muito diferente dos nossos santos *startsi* — Serafim e Ambrósio. “O profeta” não é tão velho assim. Esta é a primeira coisa, e a segunda coisa é que se trata de um leigo e um homem casado: é-lhe impróprio imitar os beijos dos eremitas que rejeitaram o mundo com todas as suas paixões e luxúria. Os beijos dos *startsi* eram dados, acredito, com a maior consideração e não despertavam os sentimentos expressos por uma donzela acerca dos beijos do peregrino siberiano: “Esses beijos e apertos são repugnantes”. Os beijos dos *startsi* enchiam a alma e o corpo de saúde, paz e alegria santa. Ao passo que os beijos do peregrino siberiano, supostamente “imitando os *startsi*” e com a ajuda de cúmplices leais, levaram uma jovem, com natural tendência à histeria, a deixar a casa paterna e não apenas sem qualquer arrependimento ou tristeza, mas com alegria pelos benefícios de sua nova vida e amaldiçoando a casa dos pais onde tinha tudo de que precisava, do pão diário a uma razoável liberdade em sua vida e sua fé. O demônio maligno penetrou em sua alma quando ela conheceu e conversou com o profeta siberiano e seus admiradores: a amorosa casa paterna tornou-se desagradável para a jovem depois que, nas palavras bizarras do profeta e seus seguidores, “uma nova alma começou a crescer” dentro dela. Ela “fugiu” da casa paterna, literalmente como se aquela casa tivesse se transformado numa Sodoma grega para ela. Na realidade, e quero ressaltar bem esse fato, sua família não lhe ensinou nada que sequer remotamente tivesse a ver com Sodoma. Ela queria ter liberdade como o famoso filho da história bíblica. Deus não permita que essa liberdade leve à “morte de sua alma” ou à destruição de toda esperança.

Drozdov afirmava ainda em seu artigo que Raspútín pertencia a uma bizarra seita religiosa que se entregava a ritos violentos, orgiásticos, em desacordo com a verdadeira religião. Perguntava se Alexandra estaria mesmo desenvolvendo uma nova alma ou se, na verdade, sua alma antiga é que estaria sendo deliberadamente destruída. [11](#)

Não se sabe qual foi a reação de Rozanov à carta e ao texto de Drozdov. Não há evidências de que tenha se dado ao trabalho de responder a Drozdov, ou de que o texto tenha sido publicado. Já Alexandra acabou deixando os Medved e Raspútín. Parece, pois, que Rozanov estava certo e não precisava mesmo se preocupar.

Raspútín estava de volta à capital no outono. Pediu a Roman que entregasse uma carta que tinha escrito para o tsar:

Tsar-Pai!

Tendo vindo da Sibéria para esta cidade, gostaria de lhe dar de presente um ícone de são Simão Verkhotúrski, o Milagroso, que é venerado em nossa região, na esperança de que este santo guarde-O durante todos os dias da Sua vida e O apoie em Seu serviço para o bem e para alegria de Seus filhos leais. [12](#)

Em 12 de outubro, Nicolau convocou o príncipe Mikhail Putiátin, capitão do Regimento de Preobrajénski e futuro chefe da Administração do Palácio de Tsárskoie Seló, e mostrou-lhe a carta. Instruiu a Putiátin que fosse à estação ferroviária no dia seguinte, encontrasse Raspútín e o levasse ao palácio em Peterhof. Raspútín chegou cedo naquela noite e foi levado à presença do imperador e da imperatriz. Entregou-lhes o ícone e também um pequeno ícone para cada um dos filhos. Raspútín acariciou suavemente o pequeno Alexei. A visita à família durou pouco mais de uma hora; antes que fosse embora, eles lhe ofereceram chá. O *Diário da Corte*, que registrava todas as visitas — mas raramente mencionava as de Raspútín —, a ele se referiu como “Rasbudin, camponês da província de Tobolsk”. [13](#)

Um lacaios do palácio, de nome Aleksandr Damer, depois recordaria que em todas as visitas Raspútín tirava seu pesado casaco de camponês ao entrar no palácio e parava rapidamente diante de um espelho para se mirar, alisando o cabelo e a barba com a mão, antes de subir depressa as escadas do corredor que levava aos apartamentos internos. Na maior parte das vezes, encontrava-se com Nicolau e Alexandra numa pequena

e confortável sala de visitas perto do gabinete particular do tsar e saía do mesmo jeito apressado e pragmático. [14](#)

Depois que Raspútin saiu de Peterhof na noite do dia 13, Nicolau perguntou a Putiátin o que achava dele. Putiátin disse ao tsar que não achava o *stárets* sincero e que ele talvez sofresse de “cérebro inflamado”. Evidentemente o tsar não deu importância à resposta de Putiátin, pois ficou calado, cofiando o bigode e a barba com as costas da mão, como sempre fazia nessas situações. Olhou para o lado e disse estar satisfeito com o ícone que Raspútin lhe trouxera. Nunca mais voltaram a conversar sobre Raspútin. Se Putiátin foi franco com o tsar, o fato é que não permitiu que seus sentimentos pessoais o afastassem de Raspútin, pois foi nessa época que posou com ele num estúdio fotográfico. Talvez Putiátin tenha mudado de ideia sobre Raspútin, ou talvez achasse mais prudente, diante da atitude do tsar, ser visto em sua companhia. [15](#)

No dia 16, três dias depois do encontro com Raspútin, Nicolau escreveu para Piotr Stolípín, ministro do Interior da Rússia e presidente do Conselho de Ministros (para todos os efeitos, primeiro-ministro da Rússia):

Piotr Arkadievitsh!

Poucos dias atrás recebi um camponês do distrito de Tobolsk, Grigóri Raspútin, que me trouxe um ícone de são Simão Verkhotúrski. Causou impressão notavelmente profunda tanto em sua majestade como em mim, tanto que em vez de cinco minutos nossa conversa durou mais de uma hora!

Ele logo voltará para casa. Tem um grande desejo de vê-lo e abençoar com um ícone sua filha ferida. Espero que disponha de um minutinho para recebê-lo esta semana. [16](#)

Terroristas tinham explodido uma bomba na casa de veraneio de Stolípín na ilha de Aptekarski, em São Petersburgo, dois meses antes. O plano era assassinar o primeiro-ministro, mas ele ficou ileso. No entanto, 52 pessoas foram mortas ou feridas; a filha dele, Natália, teve as duas pernas quebradas. Nicolau e Alexandra visitaram-na naquele mês. Nem ela, nem o pai, homem sério sem tempo para curandeiros, ficaram impressionados. Consta que ela pediu que a aspergissem depois que Raspútin deixou a cabeceira de sua cama.

Na volta para Pokróvskoie, Raspútin tomou um atalho para Jitomir, no noroeste da Ucrânia, a fim de ver Anna Obukhova por recomendação de Feofan, que o tinha elogiado para ela quando a visitou

naquele verão. Ela foi encontrá-lo na estação ferroviária, e ele a beijou três vezes, o que Obukhova achou muito estranho. Raspútin demonstrou grande interesse pela casa dela, perguntando-lhe sobre tudo, até mesmo por que dormia numa cama tão dura. Em seguida, perguntou sobre Feofan, se lhe contara tudo, e ela respondeu que sim. Enquanto andavam pelos cômodos, ele disse: “Sei amar! Sei fazer amor lindamente”. Anna fingiu não entender. Ele tentou convencê-la a tornar-se sua “filha espiritual”, mas ela recusou, o que provocou raiva em Raspútin, mas então, curiosamente, o acesso passou com a mesma rapidez com que tinha chegado. Ele se pôs a falar dos grão-duques e grã-duquesas, chamando-os por seus nomes informais, o que deixou Anna pouco à vontade. Ele ficou alguns dias e em nenhum momento parou de cortejar Anna. As empregadas ficaram felizes quando foi embora. Disseram à patroa que ele lhes metia medo. [17](#)

De Pokróvskoie, Raspútin escreveu a Nicolau em 6 de dezembro para cumprimentá-lo pelo santo do seu dia: “Os anjos o louvam e os querubins junto ao Trono cantam louvores a Deus e nos rejubilamos pelo som que é Vosso [...] e o Tsar reina para sempre, para temor do inimigo e glória nossa, e nossa glória são Vossos feitos [...]”. [18](#) Nove dias depois, Raspútin voltou a escrever para o tsar, dessa vez com um pedido especial.

15 de dezembro de 1906

Vivendo em Pokróvskoie, uso o sobrenome de Raspútin embora muitos outros residentes daquela aldeia tenham o mesmo sobrenome, o que pode causar algumas complicações. Jogando-me aos pés de Vossa Majestade Imperial suplico-lhe que conceda a mim e a meus descendentes o direito de sermos chamados pelo sobrenome “Raspútin-Nóvi”.

O súdito leal de Vossa Majestade

Grigóri. [19](#)

A razão desse pedido não é clara. Uma das histórias mais amplamente repetidas é que, quando entrava no palácio, pouco antes disso, o pequeno Alexei, ao ver Raspútin, gritou: “Nóvi, Nóvi, Nóvi!” (“O Novo, o Novo, o Novo!”). Alguns até alegavam que essas foram as primeiras palavras ditas pelo menino, e Nicolau e Alexandra ficaram tão agradecidos e emocionados que resolveram dar o nome de “Novo” a Raspútin. Mas, como elucida essa carta, foi Raspútin que pediu a

mudança de nome, e não a família real. Também parece improvável que Alexei, com dois anos e meio, só então tenha começado a falar. ²⁰ Talvez o “Novo” lembrasse o que Philippe tinha dito a Nicolau e Alexandra — que depois que ele se fosse um novo amigo apareceria. Talvez o propósito do nome não fosse refletir uma possível novidade sobre Raspútin, mas sim seu status como o *novo* amigo profetizado anos antes. Fosse qual fosse a razão, o certo é que o pedido nada tinha a ver com o desejo de apagar seu sobrenome, como se estivesse incomodado com as associações negativas que as pessoas pudessem fazer, pois ele nunca abandonou o nome de família, e só usava “Nóvi” junto com Raspútin, mesmo assim com pouca frequência.

Nicolau deu a carta de Raspútin para seu conselheiro e secretário de Estado barão Budberg no dia 21. Budberg primeiro verificou se o pedido era apropriado, uma vez que sobrenomes duplos só eram tradicionalmente permitidos a nobres, mas, nesse caso, por causa do endosso do tsar, a restrição foi abandonada. A questão seguiu sua trajetória por vários gabinetes, antes de ser oficialmente deferida em 11 de janeiro de 1907. ²¹ Raspútin agradeceu a Nicolau logo que recebeu a notícia: “Estou mandando anjos para proteger todos vocês”. ²² No fim de março os moradores de Pokróvskoie foram convocados a sair de suas casas para ouvir o édito oficial declarando que, por ordem do tsar, seu conterrâneo Grigóri Raspútin recebera um novo nome, e a partir de então seria conhecido como “Raspútin-Nóvi”. ²³ É difícil imaginar o que lhes passou pela cabeça ao ouvir essa estranha notícia.

Nicolau e Alexandra preferiam chamá-lo “Grigóri” ou “nosso amigo”, e jamais usavam o sobrenome, fosse o original ou o novo. Mas a mudança de nome pareceu apropriada, pois nessa época Raspútin se tornou praticamente um novo homem, ou pelo menos deu início a uma nova fase da vida. Não era mais a pessoa que tinha sido antes de conhecer e fazer amizade com o imperador e a imperatriz. A notícia não passou despercebida pela imprensa. O popular diário de Moscou *Palavra Russa* informou sobre a alteração, lançando a pergunta: “Será que Raspútin começará vida nova com essa mudança de sobrenome?”. ²⁴

* Valentin Ternavtsev era um filósofo religioso, funcionário do Santo Sínodo, e cofundador da

Sociedade Filosófico-Religiosa em São Petersburgo juntamente com Gippius, Merejkovski e Rozanov.

10. Seitas e flagelos

Em sua carta para Rozanov, o padre Drozdov sugeriu que Raspútin pertencia a uma seita perigosa, infame por seus ensinamentos heréticos e pela perversão sexual. Isso, mais do que sua personalidade individual, explicava as estranhas e perigosas maneiras do siberiano.

Em meados do século XVII, a Igreja ortodoxa russa viveu um período de intensa crise, que levou à ruptura da própria Igreja. Recusando-se a aceitar uma série de mudanças dos ritos litúrgicos tradicionais e outras reformas defendidas pelo patriarca Nikon, uma minoria considerável de russos rompeu com a Igreja oficial durante o grande cisma — *raskol*, em russo — e ficou conhecida como Velhos Crentes. Embora seja verdade que o sectarismo na Rússia precede o cisma, o fato é que o *raskol* marcou o fim da ortodoxia russa como comunidade unificada e teve enorme importância no surgimento de numerosas seitas religiosas ortodoxas.

Desde o início, o Estado e a Igreja oficial viam com suspeita os Velhos Crentes. Estavam associados a sedição e vício: depois de rejeitar as reformas de Nikon, o arcipreste Avvakum foi queimado na fogueira em 1682. Naquela mesma década, o Estado baixou um édito que proibia a própria existência de heterodoxia religiosa na Rússia. A cabeça dos sectários foi posta a prêmio. Quem fosse apanhado era torturado no cavalete. Se confessasse, era exilado ou mandado para a cadeia; caso contrário, era queimado. Em resposta, os dissidentes começaram a pregar a resistência ativa ou o suicídio, em geral por autoimolação. Por volta do fim do século, 20 mil dissidentes tinham tirado a própria vida. A autoimolação foi praticada até o século XIX, e atos de suicídio coletivo foram registrados no século XX. As seitas russas nunca

conseguiram emergir da sombra original de suspeita e continuaram a ser, aos olhos do Estado e da elite europeizada, um elemento perigoso. ¹

Os sectários se apresentavam das mais variadas (e quase sempre bizarras) formas. Havia os *beguni* (corredores), por exemplo, que, entre outras coisas, renunciavam a todos os laços com o Estado e a própria família, bem como com o dinheiro, os livros impressos e até os próprios nomes. Havia os *molokane* (bebedores de leite), os *dukhobori* (combatentes espirituais), os *priguni* (saltadores) — e os *skoptsi* (castradores), que buscavam Deus através da castração voluntária e da mutilação dos seios das mulheres. Os *skoptsi*, como muitas outras seitas, eram descendentes de uma seita maior e mais temida, os *khlisti*, os flagelantes.

Segundo a lenda, em 1631 um desertor do exército chamado Danila Filippovitch jogou os livros sagrados no rio Volga e criou seu próprio culto, proclamando: “Sou aquele Deus anunciado pelos profetas e vim à terra para salvar a raça humana; não procurem outro Deus”. Filippovitch instruía seus seguidores a manter em segredo todos os seus ritos e mandamentos, até mesmo das próprias famílias. Pregava um estilo de vida totalmente livre da religião aceita e das normas sociais — não reconhecendo os ritos do casamento, do batismo e da confissão. Filippovitch e seus seguidores acreditavam que Cristo não só estava vivo como tinha reencarnado em pessoas vivas, e que através dos seus rituais poderia baixar sobre eles. Os líderes da seita no futuro eram com frequência chamados de “Cristo”. Seu número crescia. Na segunda metade do século XIX, eram o terceiro maior grupo cristão na Rússia, depois da Igreja ortodoxa oficial e dos Velhos Crentes. Assim como aconteceu aos shakers e aos quacres, nomes dados a esses grupos religiosos por seus críticos, os membros dessa seita passaram a ser chamados de *khlisti* (flagelos), um jogo de palavras com *Khriti* (Cristos). O movimento também era geralmente conhecido como “Nova Israel”. Dizia-se que seus estranhos ritos incluíam orgias e automutilação. Os *khlisti* cantavam e giravam em círculos e depois cortavam o seio de uma virgem nua e o comiam em conjunto, antes de se jogarem no chão e se entregarem ao sexo grupal. A virgem mutilada tornava-se a sua “Mãe de Deus”, e sua parceira, seu “Cristo”. Também corriam histórias sobre templos subterrâneos e gestos secretos.

Os *khlisti* consideravam-se cristãos e, apesar do que se dizia sobre suas práticas perversas, eram vistos como tais. Pegavam todos os elementos básicos do cristianismo e os refaziam, acrescentando outros. Chamavam sua igreja de “barco”, que os transportavam pelo mar de perigos da Rússia ortodoxa para a salvação numa praia distante; seu padre era um “profeta”. No centro de seus ritos místicos (*radenie* , em russo), praticados na surdina em salas trancadas ou em porões, havia uma intensa dança rodopiante. Vladímir Bontch-Bruievitch certa vez assistiu a essa “dança sagrada” numa cerimônia *khlist* e descreveu-a como “muito elegante, inspirada, bela e cheia de fogo e esforço interiores”. Os rápidos giros produziam nos celebrantes estados mentais alterados e causavam alucinações. A velocidade com que alguém girava refletia o seu nível de graça — quanto maior a rapidez, mais perto estava da perfeição. Enquanto uns rodopiavam, outros cantavam. Os dançarinos inclinavam a cabeça para trás, de olhos virados para cima, e praticavam uma respiração especial, intensa. Enquanto giravam, o espírito baixava sobre eles e produzia uma espécie de êxtase religioso. Alguns pulavam, tremiam, se sacudiam ou até corriam. Às vezes o êxtase podia produzir ataques, convulsões e paroxismos. Esse rodopio em massa criava uma alegre sensação de comunidade. Os preparativos dos *khlisti* (que evitavam álcool e tabaco) incluíam o jejum como forma de ajudar a induzir a mais intensa experiência. Um elemento crucial da experiência era a tina (*chan*), que funcionava como representação do corpo coletivo a ser alcançado durante os ritos. Em volta da tina se formavam dois círculos: homens em um, mulheres no outro, mais distante. Movimentavam-se em direções opostas — os homens na direção do sol, as mulheres afastando-se dele.

Quando o cansaço dava fim aos rodopios, os profetas — homens e mulheres — falavam. Com a congregação reunida à sua volta, de joelhos ou curvada até o chão, o profeta dava conselhos práticos (sobre agricultura ou coisa parecida) ou pronunciava longos e vagos discursos, ou fazia profecias. Consta que alguns profetas eram capazes de identificar aqueles que haviam pecado. Os profetas falavam de maneira estranhamente metrificada e ritmada, às vezes rimando. Era uma espécie de poesia interpretada como sinal de sua pureza espiritual. Eles davam vazão ao pensamento, falando tudo que lhes ocorresse; às vezes

o significado do que diziam era tão obscuro que “intérpretes” eram necessários para elucidar o resto do grupo. Utilizavam palavras ininteligíveis e até emitiam ruídos animais, piando feito pássaros.

Dizia-se que os ritos dos *khlisti* terminavam com uma orgia acompanhada de flagelação (daí o nome “os flagelantes”) e atos de canibalismo. Nada disso, entretanto, foi confirmado de forma factível, e histórias de copulação promíscua e sexo grupal eram provavelmente mais mito do que realidade. Mesmo assim, os relatos de perversão e sadismo entre os *khlisti* continuaram sendo produzidos. Em 1825, chegou ao conhecimento do tsar Alexandre I a denúncia de que os profetas de uma comunidade *khlisti* surravam pessoas nos arroubos da pregação, arrastando-as pelos cabelos e mesmo pisoteando-as. Mas, surpreendentemente, as vítimas não desejavam o mal aos agressores, dizendo que o Espírito Santo castigava alguns hoje e outros amanhã. Em 1911, perto de Sarátov, um *khlist* teria matado uma mulher enquanto praticavam “torturas recíprocas”.

As histórias de certos sectários são bastante fantásticas. Em 1853, o profeta *khlist* Vassíli Radaiev foi preso e condenado por “khlistovismo e depravação”. Tinha pregado estranhas ideias de morte e renascimento nas aldeias do distrito de Arzamaski e fornicado com algumas seguidoras. Dizia, porém, que não era ele quem praticava atos sexuais, mas Deus por seu intermédio: “Não era minha vontade, mas a do Espírito Santo atuando dentro de mim”. Seduziu uma moça de dezessete anos com a promessa de que ela receberia “asas ardentes” em troca de sua submissão. Numa das cerimônias do grupo, mandou uma moça tirar a roupa e deu-lhe uma surra de cipó nos genitais. Apesar disso, Radaiev era respeitadíssimo em sua aldeia como “homem justo”. Quando mantinha relações sexuais com suas seguidoras, Radaiev dizia: “Cristo assumiu a carne de Adão [...] e eu também assumi a carne e pratico atos carnavais para extirpar o pecado”. Médicos examinaram Radaiev durante o julgamento e concluíram que ele não tinha problemas mentais. Depois de açoitado, foi cumprir pena de exílio na Sibéria, obedientemente acompanhado pela mulher.

Ilia Kovilin, comerciante de Moscou nascido em 1731 e um dos fundadores da seita dos Velhos Crentes do Fedoseievtsi, pregava aos seguidores que “sem pecado não há arrependimento, sem

arrependimento não há salvação. Haverá muitos pecadores no céu”. Foi Kovilin que cunhou a famosa (ou infame) frase: “Se você não peca, não se arrepende, se não se arrepende, não pode ser salvo”. Esse tal Kovilin tem imensa importância, pois suas palavras foram equivocadamente atribuídas a Raspútin, como se o *stárets* tivesse sido o primeiro a dizê-las, criando uma nova perversão, quando na verdade têm uma tradição muito mais antiga e representam uma ideia partilhada por vários grupos sectários.

Em 1900 havia talvez 100 mil *khlisti* na Rússia, para não mencionar outras seitas com práticas parecidas. Os números, é claro, continuam sendo estimativas, pois os *khlisti*, à semelhança de outras seitas, guardavam segredo sobre seus membros, assim como sobre seus ritos. Apesar disso, o fato de envolverem seus ritos num manto de sigilo, como acontecia também com maçons e grupos congêneres, provocava suspeitas e boatos. O Estado espionava-os e monitorava suas atividades, temendo que o sigilo acobertasse a sedição. Um dos maiores desafios do Estado, porém, era tentar determinar quem era *khlist*. A dificuldade era tão grande que, a depender das circunstâncias, praticamente qualquer pessoa poderia acabar sob uma nuvem de suspeita. Não era fácil reconhecer um *khlist*. Para isso, o III Congresso de Missionários Russos preparou uma lista de dez características:

1. Rumores sob filiação, confirmados se as circunstâncias permitirem; [...] 3. Relações sexuais licenciosas, em geral acompanhadas de laços familiares rompidos e prática aberta de adultério; 4. Abstenção de carne, especialmente de porco; 5. Abstenção de bebidas alcoólicas; 6. Aparência física — cansada, pele amarelo-pálida, acompanhada de uma expressão dos olhos turva e quase imóvel. O cabelo dos homens é liso e muito lambuzado de óleo, a cabeça das mulheres coberta com lenço. Falam de um jeito insinuante, a conversa cheia de expressões de falsa modéstia: suspiram constantemente, exibindo movimentos bruscos, tiques nervosos e um jeito estranho de andar, não muito diferente do de um soldado. [...] 9. Os *khlisti* quase sempre usam apelidos carinhosos entre si; 10. Gostam muito de doces. ²

Apesar do que muita gente pensava, os *khlisti* não tinham nenhuma intenção sediciosa. Independentemente disso, por volta de 1900 a palavra *khlist* tinha se tornado um termo de acusação usado contra inimigos, uma expressão genérica de denúncia, assim como “fascista” na época dos comunistas, ou “comunista” nos Estados Unidos dos anos 1950. Podia significar herege, insano, subversivo ou depravado. ³

Mesmo assim, às vezes o suposto poder das seitas russas era aceito

como uma força do bem. O *skopets* (castrador de si mesmo) Kondrati Selivánov, que proclamava ser Jesus Cristo e o tsar Pedro III em uma pessoa só, foi uma figura de grande popularidade nos primeiros anos do século XIX. A elite de São Petersburgo afluía ao apartamento de Selivánov para ouvir suas profecias e previsões, e, segundo a lenda, Alexandre I consultou-se com ele em 1805 antes de partir para combater Napoleão na Batalha de Austerlitz. O tsar ignorou o conselho de Selivánov para não atacar Napoleão, e o Exército russo, junto com o austríaco, foi derrotado pelos franceses. Durante quase duas décadas, Selivánov foi uma voz poderosa na alta sociedade e em círculos governamentais. Era reverenciado pelos seguidores, que guardavam as sobras da sua mesa como relíquias sagradas, exatamente como fariam os seguidores de Raspútin um século depois. ⁴ Em 1819, quando o governador-geral de Petersburgo soube que dois sobrinhos seus participavam das reuniões do *skoptsy* e que oficiais subalternos da guarda imperial chegavam a ponto de se castrar, o governo resolveu tomar uma atitude contra Selivánov, e no ano seguinte ele foi banido para um mosteiro pelo resto da vida.

Para algumas pessoas das classes altas, a intensidade e o entusiasmo das seitas ofereciam a esperança de compensação pelo empobrecimento espiritual da vida moderna. Como todos os grupos liminares, os sectários eram forasteiros, e por isso suspeitos e perigosos, mas ao mesmo tempo sedutores e cheios de vida, em contato direto com a força vital. Em maio de 1906, o poeta simbolista e editor do jornal radical *Novos Tempos* Nikolai Minski reuniu em seu apartamento um grupo de escritores e intelectuais — Viacheslav Ivánov, Vassíli Rozanov, Fiódor Sologub, Nikolai Berdiáiev, Alexei Remizov e suas mulheres — para uma noite de experimentos. Formaram um círculo, apagaram as luzes e começaram a rodopiar como os *khlisti*. Em seguida, Ivánov levou até um quarto um jovem músico, um judeu louro, a quem simbolicamente crucificou antes de lhe cortar os pulsos, colhendo o sangue numa taça de vinho para todos beberem. Depois disso eles se beijaram. Todos saíram satisfeitos (menos o músico, provavelmente), prometendo se reunirem de novo para outra cerimônia *khlist*, quando mais uma vez se entregariam aos mistérios de Dioniso. ⁵

Na verdade, os simbolistas russos em geral encaravam os ritos

orgiásticos de seitas como os *khlisti* como ecos de cultos dionisiacos da Antiguidade, prestes a ser engolfados pela maré montante da modernidade. ⁶ Enquanto as práticas de algumas seitas desapareciam, seus líderes trocavam o campo pelas cidades e entravam em contato com o mundo da Rússia europeizada. Era um momento de excitante descoberta cultural. Eis como o escritor Mikhail Prichvin recordava esse encontro: “Eles chegavam como enviados de outro mundo, um mundo desconhecido mas ao mesmo tempo familiar, atraente e inacessível, como nossos sonhos e nossa infância. Vinham de um mundo no qual pessoas de cultura escrita — autores e leitores — sempre tentam entrar, mas raramente conseguem”. ⁷ A intelligentsia projetava suas próprias preocupações nas seitas, enxergando nelas virtuosas — e não violentas — formas de vida comunal, que acreditavam pudessem servir de modelo para uma ordem social mais justa.

Os intelectuais mais bem informados sobre as seitas russas eram menos inclinados a cultivar visões tão românticas (e ingênuas). Aleksandr Prugavin, especialista em Velhos Crentes e em sectarismo russo, via a adoção das seitas pela sociedade, particularmente a dos *khlisti*, como uma grave ameaça. “Ondas turvas de misticismo doentio e supersticioso, fundado num alicerce de histeria, espalham-se cada vez mais, elevando-se mais e mais alto, alcançando [...] os mais altos níveis da intelligentsia, do Estado e até da Igreja.” No coração do que Prugavin chamava de “*neo-khlistovschina*” estava a ideia da luta contra paixões voluptuosas por meio de provações da carne, quando homens e mulheres tentavam libertar-se de seus baixos desejos e superar seus instintos sensuais confrontando diretamente a tentação. Prugavin mencionou mulheres na capital que passavam a noite na cama com algum “profeta” tentando permanecer calmas e sóbrias, mesmo quando submetidas a todos os tipos de carícia. Figuras da Igreja como Feofan, acreditava Prugavin, eram os principais responsáveis por esse estado de coisas, tendo procurado e promovido sujeitos das classes subalternas que elas próprias confundiram com santos populares. ⁸

As palavras de Prugavin referem-se à sensação, partilhada por muita gente naquela época, de que a Rússia do *fin-de-siècle* sofria de uma forma doentia de religiosidade. Toda aquela preocupação com homens santos camponeses, com videntes e curandeiros, com profecias e milagres, era

sintoma da falência da vida espiritual russa, em especial nas classes altas. ² O historiador Mikhail Bogoslovski, da Universidade de Moscou, discordava. Considerava que a atração por figuras carismáticas como Raspútin na sociedade letrada não tinha nada de novo, e nisso estava certo, como o caso de Selivánov bem o demonstra. Para Bogoslovski, isso era parte natural e recorrente da vida russa. A razão da popularidade desses líderes religiosos que vinham das camadas inferiores não deveria ser procurada na natureza degradada da sensibilidade religiosa da elite, afirmava ele, mas nas deficiências da Igreja oficial, tais como o “formalismo rançoso e seco” do alto clero russo, composto de homens que ele descrevia em seu diário como “nada mais, na realidade, do que funcionários do Estado, preocupados em assinar papéis e totalmente destituídos de um ardente impulso religioso”. ¹⁰

Bogoslovski, porém, era minoria. Mais russos viriam compartilhar as opiniões expressas por Ippolit Gofshtetter em seu artigo “O segredo da *khlistovschina*”, publicado em *Novos Tempos*. Uma grave ameaça pairava sobre a Rússia, advertia ele. A Revolução de 1905 não tinha concretizado as esperanças russas de mudança, e em seu desespero e vazio os russos se voltaram para o misticismo do *narod* em busca de salvação. Esses profetas não eram o que pareciam, porém, e a Rússia se entregava cegamente à “crueldade fanática das missas negras”. Os ritos místicos da *khlisti*, avisava ele, ameaçavam a Rússia com “uma completa e absoluta destruição”. ¹¹

11. Demônios da Idade de Prata

A virada do século foi um período de intensa busca espiritual na Rússia. Intelectuais afastavam-se do positivismo materialista do século XIX e voltavam-se para a Igreja e outras formas de espiritualismo, naquilo que pode ser chamado de um genuíno renascimento religioso. Muitos tentavam revitalizar uma Igreja ortodoxa oficial, amplamente vista como reacionária, burocrática e morta em termos espirituais, para lhe infundir novo senso de mistério, fervor e vida, enquanto outros rejeitavam a Igreja por completo, em troca de novas formas de experiência espiritual, que traziam consigo a promessa de encontros ainda mais poderosos com o sagrado. Característica dessa época era a Sociedade Filosófico-Religiosa, fundada pelos escritores Dmítri Merejkovski, Zinaida Gippius e Dmítri Filosofov em 1901 em São Petersburgo. Ficaram conhecidos como os *Bogoiskateli* — Buscadores de Deus. Merejkovski se apresentava como profeta e queria criar uma nova religião baseada na ideia de que o Segundo Advento de Cristo era iminente, e com ela um novo Terceiro Testamento. ¹

Durante o que ficou conhecido como Idade de Prata da Rússia, de 1890 a 1914 aproximadamente, período que se sobrepõe de forma quase exata à ascensão e queda de Raspútin, as classes instruídas do país ficaram fascinadas com o misticismo e o ocultismo e tudo que fosse sobrenatural, de mesas girantes a hipnotismo, quiromancia, rosacruzianismo, adivinhação e telepatia. Foi a época da teosofia — criação da russa Helena Blavatski, supostamente uma doutrina secreta, parte evangelho gnóstico e parte budismo, que pretendia sintetizar a sabedoria antiga, outrora comum a todas as civilizações do mundo e que prometia uma fraternidade universal. Os encantos místicos da

teosofia atraíam muitas importantes figuras criativas da Rússia — os filósofos Vladímir Soloviov e Nikolai Berdiáiev, os poetas e escritores Konstantin Balmont e Andrei Biéli, o compositor Aleksandr Scriabin e o artista plástico Vassíli Kandinski. Foi a era do espiritualismo, fundado em Hydesville, estado de Nova York, em 1848, pelas irmãs Kate e Margaret Fox, que oferecia a possibilidade de comunicação com os mortos através da ajuda de “médiuns” especiais. O espiritualismo tomou conta dos Estados Unidos, da Inglaterra (a rainha Vitória e Sir Arthur Conan Doyle eram adeptos), da Alemanha e da Rússia, com pessoas amontoando-se em sessões espíritas para fazer contato com entes queridos, cujos espíritos se manifestavam por pancadas, vozes espectrais, escrita automática e até materialização ectoplásmica. Essas sessões espíritas eram tão populares que a Universidade Imperial em São Petersburgo estabeleceu a “Comissão Científica para o Estudo dos Fenômenos Mediúnicos”, chefiada pelo químico Dmítri Mendeléiev, pai da tabela periódica.

No começo do século XX, o hipnotismo era mais popular na Rússia do que na Europa ocidental, sendo prática particularmente comum entre os psiquiatras de Petersburgo. O poeta Óssip Mandelstam era visitante habitual da casa do dr. Boris Sinani, médico de Petersburgo famoso pela capacidade de curar os pacientes apenas “por sugestão”, segundo o escritor. O mais conhecido psiquiatra-hipnotizador daquela época era Vladímir Bekhterev, que usava a hipnose como parte da sua ciência da “psiconeurologia”.²

A fascinação pelo oculto generalizou-se, indo muito além dos artistas e intelectuais da Rússia para atingir as classes médias, tornando-se um passatempo cultural verdadeiramente popular. Em 1914, Petersburgo contava com 35 círculos ocultos registrados de forma oficial, e outras centenas de círculos informais; a mania não se limitava à capital, tendo àquela altura seduzido Moscou e a maioria das grandes e pequenas cidades de província. Se para alguns o ocultismo era assunto sério, para outros não passava de entretenimento. A Rússia oferecia uma grande variedade de médiuns, videntes e sábios para todos os gostos: havia o “Misterioso Cão Jack”, capaz de adivinhar a idade de uma pessoa, o ano do seu casamento e até quanto dinheiro tinha no bolso; a princesa Madame Naindra, sonâmbula indiana; e o médium polonês Yan Guzik,

capaz de invocar não só os espíritos de Alexandre, o Grande, Napoleão e Púchkin, mas também os de animais mortos, alguns tão ferozes que, segundo consta, espectadores precisavam de assistência médica depois de suas sessões. ³

Até os camponeses e operários da Rússia, que formavam a vasta maioria da população, adotavam novos movimentos espirituais e práticas religiosas. A peregrinação santa atraía números cada vez maiores, incluindo gente como Raspútin, e a crença em espíritos, possessão, milagres e magia só aumentava. Grupos de camponeses se uniam para estabelecer comunidades cristãs próprias, às vezes sem a bênção da Igreja ou mesmo sem a participação de algum sacerdote. Nas cidades, operários também se interessavam pelo bem-estar espiritual, indo atrás de místicos e pregadores populares que prometiam a salvação. ⁴

Talvez a mais notável dessas figuras fosse Alexei Schetinin. Nascido perto de Vorónej em 1854, ele se mudou, quando criança, para Stavropol. Depois de uma breve estada na prisão em 1879, sua mulher o abandonou, e ele passou a pregar e viver como profeta da seita *khlist*, definindo a si mesmo como “o filho livre do éter”, frase que tirou do poema “O demônio” (1829-39), de Mikhail Liérmontov. Desde o início, Schetinin era uma figura tensa, desagradável. Com um canto da boca, denunciava seitas rivais a missionários ortodoxos, e com o outro denunciava os ortodoxos a seus seguidores. Dizia-se que tentava impedir os missionários de se meterem com sua seita enviando mulheres jovens para seduzi-los. ⁵ Chegou a Petersburgo em 1906 e logo atraiu um grupo de seguidores provenientes basicamente do meio operário da cidade, hipnotizados por seus sermões. Mikhail Prichvin certa vez visitou Schetinin por curiosidade, num apartamento pequeno e abafado, na periferia da cidade. Encontrou-o bêbado, a murmurar vulgaridades, rodeado de discípulos. Um deles, um homem chamado Pável Legkobitov, falou:

Sou escravo desse homem, sei que talvez não exista ninguém mais sórdido na terra, mas renunciei a mim mesmo para ser seu escravo e agora conheço o verdadeiro Deus, e não apenas o som do seu nome. [...] Ele me aceitou, ele me matou, fui morto por ele e renasci para uma nova vida. E assim também vocês, intelectuais, precisam morrer e renascer dos mortos conosco. Mirem-se em nós, vejam como aprendemos a nos conhecer por meio da escravidão, a tina nos ferveu até expor nossa essência.

Prichvin ficou chocado com o que viu. Esse “Tsar-Cristo” era um vigarista bebedor, mas seus seguidores acreditavam nele e se sentiam felizes dando-lhe tudo o que tinham — fosse o pouco que ganhavam, fossem suas mulheres. O lema favorito de Schetinin era “Você é melhor do que eu”, palavras que ensinava os discípulos a repetirem para ajudar a destruir a vontade deles e convencê-los a “se jogar dentro da tina”. Era um sádico que se comprazia com o sofrimento dos seus seguidores. “Tive que despi-lo e deitar-me ao lado dele”, relatou uma discípula. “Ele me obrigou a beijar o seu corpo, chupar seu membro, enquanto citava a Sagrada Escritura — ‘para os puros todas as coisas são puras’.” ⁶

Alguns intelectuais, como Merejkovski, achavam Schetinin fascinante. Este tentou convencer Merejkovski a ingressar em suas fileiras, dizendo: “Nossa vida é uma tina de água fervendo, nós fervemos nesta tina, não temos nada que pertença apenas a nós mesmos [...]. Jogue-se conosco, morra conosco, e nós o ressuscitaremos. Você se erguerá novamente como líder do povo”. Merejkovski convidou Schetinin para uma reunião da Sociedade Filosófico-Religiosa. Zinaida Gippius via-o como uma “democrática versão” de Raspútin, notando que até se vestiam do mesmo jeito, apesar de Schetinin ter descido, em vez de subido, os degraus da escada social por não ter feito contatos entre os hierarcas da Igreja, encontrando seu lugar entre os operários de Petersburgo. “Uma pessoa animada”, escreveu ela, “evidentemente de vontade forte, autoritária e dona de uma paixão febril por falar.” Em sua mensagem de abnegação e no suicídio simbólico do indivíduo a caminho de um plano mais elevado de vida através da comunidade, Gippius acreditava vislumbrar ideais marxistas no coração da filosofia de Schetinin. ⁷ Mais tarde, depois da revolução, Gippius teve acesso ao prontuário policial de Schetinin, que incluía uma grande fotografia dele vestido de mulher e cercado de seguidoras. O que ela leu deixou-a petrificada: não, Schetinin e Raspútin no fim das contas não eram assim tão parecidos. “A degradação e devassidão deste último não é nada em comparação com o que Schetinin fazia com sua concupiscência insaciável e irreprimível, e sua depravação que beirava o sadismo.” ⁸

Para testar a força do seu controle sobre os seguidores, Schetinin exigiu que os pais entregassem os filhos a orfanatos por ele indicados, para que não só perdessem os filhos, mas também nunca descobrissem

onde tinham ido parar. Pelo visto, isso foi demais para seus seguidores, que se rebelaram e o destituíram em 1909, trocando-o por Pável Legkobitov, o homem que Prichvin tinha conhecido. Como novo líder, uma das primeiras providências de Legkobitov foi casar todas as mulheres, coletivamente, com os homens da seita. ²

Schetinin foi detido e preso em 1912. Aleksandr Prugavin, o especialista em seitas russas, sugeriu a sua sobrinha Vera Jukóvskaia, que tinha especial interesse por esses personagens, que fosse visitá-lo na prisão. Jukóvskaia ficou muito animada com a ideia: “Trata-se de um dos últimos profetas, pode-se até dizer um dos últimos deuses viventes. A capacidade que ele tem de impor sua vontade não apenas sobre as almas mas também sobre os corpos de suas seguidoras é simplesmente digna de admiração, em especial levando em conta que é um homem tão devasso. Foi levado a julgamento mais de uma vez, inclusive por estupro. E agora está na cadeia, e não por propagar sua perigosa heresia, mas por seduzir uma menor”. ¹⁰

Jukóvskaia ficou espantada com o que viu atrás das grades de sua cela. “Ele me olhou com dois olhos famintos de um brilho intenso, que não piscavam, o olhar inconfundível de um *khlist* .” Schetinin vibrava com uma energia tensa, como um lobo na jaula, pensou ela, saltando de um pé para outro. Começou a falar, gesticulando e pulando. Explicava o segredo da vida, mas suas palavras eram uma balbúrdia de pensamentos desconexos — “um chafariz de palavras” —, o que quase impossibilitava entender o seu significado. Seu poder era ao mesmo tempo repulsivo e irresistível: “Um êxtase doce, doloroso, subiu pela minha garganta. Pensei comigo — você vai sufocar e será o fim. Nunca mais sentirá qualquer outra coisa”. Jukóvskaia deixou a prisão comovidíssima pelo encontro com aquele animal cativo misteriosamente dotado das forças opostas de Deus e de Satã.

Tempos antes, Schetinin quisera desposar Dária Smirnova, a chamada “Virgem Okhtinskaia”, líder de uma seita *khlist* localizada no rio Okhta, afluente do Neva na parte leste de Petersburgo. Ela era bonita, ostentava um vestido verde, tinha o rosto coberto de pó e ruge, e o que Prichvin chamava de “olhos frios”. Intelectuais como Prichvin, Viacheslav Ivánov e o poeta Aleksandr Blok eram fascinados por ela. Visitavam-na e convidavam-na para falar na Sociedade Filosófico-

Religiosa. Ela se ofereceu para lhes ensinar formas secretas de controlar outras pessoas e disse: “Quem acha que sou mulher verá uma mulher. Quem acha que sou deus verá um deus”. Falava-lhes do mundo visível e do invisível, da esfera astral.

Em março de 1914, Smirnova foi julgada num tribunal de Petersburgo por numerosas acusações, incluindo perversão religiosa e a morte de duas mulheres que ela havia instruído a jejuar por quarenta dias. Prichvin compareceu ao tribunal e falou em sua defesa, dizendo considerar Smirnova uma “Eva camponesa”. Outros discordaram. Vladímir Bontch-Bruievitch foi chamado para testemunhar como perito e declarou que durante os rituais Smirnova obrigava os seguidores a beber não só água suja de banho, mas até mesmo a urina dela. Falou-se em perversão sexual. O tribunal decidiu a favor da acusação. Smirnova foi destituída de suas propriedades e mandada para o exílio na Sibéria.

E houve também o estranho caso de Valentin Svetsitski, padre ortodoxo russo, escritor e cofundador da “Irmandade Cristã de Luta” e da Sociedade Filosófico-Religiosa de Moscou, que pregava que o caminho para Cristo passava pelo sofrimento, pelo pecado sexual e até pela tortura. Em 1910, ele escreveu sobre os cristãos que buscavam a renovação espiritual apenas por meios pacíficos:

Despertar neles a luxúria cruel e os fogos sangrentos do desejo sensual. Que pelo menos uma vez depois de suas eruditas reuniões se entreguem a uma orgia tão desenfreada que percam qualquer forma humana. [...] Que o Senhor mande amantes para suas mulheres. E não apenas um, mas muitos. E não amantes puros, decentes, e sim os mais perversos e brutais. E que essas mulheres aprendam a enganar os maridos [...] aprendam a entregar o corpo à profanação e ao prazer. Envenenem suas almas “castas” com o prazer, despertem nelas os mais baixos instintos. Dar-lhes tudo isso para que possam ser salvas.

Em 1908, Svetsitski publicou *O Anticristo*, romance escandaloso com um herói nietzschiano que tenta criar seu próprio universo moral. Mark Vichniak, amigo de Svetsitski, descreveu sua fé como “a sabedoria vulgar da gente comum: se você não peca, não se arrepende, se não se arrepende, não pode ser salvo”.

As mulheres, segundo Vichniak e outros, ficavam enlouquecidas com Svetsitski. Circulavam boatos prodigiosos sobre sua vida sexual, e ninguém saberia dizer até que ponto a verdade sobre suas proezas dava lugar à fabricação do mito. Ele de fato seduziu três mulheres jovens e atraentes e teve uma filha com cada uma delas. Nenhuma das mulheres

guardava rancor contra as outras, ou criticava Svetsitski por suas infidelidades. Já os membros da Sociedade Filosófico-Religiosa pensavam de outra forma, e ele foi expulso do grupo. Em 1909, ajudou a criar um novo movimento — o Cristianismo do Gólgota — baseado na crença de que para salvar a humanidade era necessário que cada pessoa fosse igual a Cristo e padecesse o próprio Gólgota. Suas ideias foram publicadas na revista semanal da sociedade, *A Nova Terra*, que contava entre seus colaboradores Blok, o poeta simbolista Valeri Briusov e o futuro Nobel de literatura Ivan Búnin. Em suas páginas o padre Iona Brikhnichiov escreveu o seguinte a respeito de Svetsitski: “A ti os mistérios foram confiados.../ A ti a palavra do Testamento foi confiada.../ Não estás aqui por acaso./ És o brilho de uma Luz distante./ Vai, espalha a luz./ A hora de agir já soou./ Não esperes misericórdia./ Não haverá misericórdia para com os profetas”. ¹¹

A inquieta busca espiritual do fim do século era um fenômeno pan-europeu. Boa parte disso se explica pelo declínio da influência da Igreja e da religião institucionalizada em geral, em todo o Ocidente, mas havia outros fatores nacionais específicos, que imprimiam uma urgência maior à busca espiritual na Rússia. Começando com o fim da servidão em 1861 e estendendo-se até os primeiros anos do século XX, a Rússia, talvez mais do que qualquer outro país da Europa, passou por uma mudança profundamente perturbadora, quando uma sociedade agrícola tradicional tentava modernizar-se quase da noite para o dia. Em paralelo com essa enorme transformação, a arrasadora derrota na Guerra Russo-Japonesa e a Revolução de 1905, que veio em seguida e abalou os alicerces da velha ordem, incutiram nos russos um inevitável senso de alienação, de maus pressentimentos e de crise iminente. As velhas instituições — e as velhas crenças correspondentes — já não pareciam adequadas para atender às inquietantes demandas de um mundo novo e, para muitos, incerto e assustador. ¹²

A popularidade do ocultismo estimulava a crença de que havia forças diabólicas em ação. Essa crença, por sua vez, alimentava teorias de conspiração, a procura por tramas secretas e a preocupação com inimigos que operavam sob disfarce. Na direita política, a expressão disso era a ideia de que as aflições da Rússia eram obra de uma

conspiração judaico-maçônica internacional. Embora a Primeira Guerra Mundial viesse a exacerbar crenças desse tipo, convertendo-as numa psicose nacional, a crença nas “Forças das Trevas” apareceu anos antes de o conflito começar. Em 1906, por exemplo, Viacheslav Ivánov e a teósofa Anna Mintslova escreveram para o romancista Andrei Biéli dizendo que “de fato existem inimigos que envenenam a Rússia com emanções negativas; esses inimigos são ocultistas ocidentais que atuam no subconsciente do povo russo, desencadeando violentas paixões sob a meia-lua de um quarto minguante”. Os russos estariam sendo atacados por “setas ocultas disparadas do mundo de trevas que conscientemente desmoraliza a Rússia”. [13](#)

A obsessão pelas “Forças das Trevas” vinha junto com uma obsessão pelo próprio Diabo. Satã parecia estar em toda parte nos anos anteriores à Primeira Guerra Mundial, da ópera de Anton Rubinstein *O demônio* (1871-2) às pinturas de Mikhail Vrubel — *Demônio sentado* (1890), e *Demônio prostrado* e *Demônio derrotado* (ambas de 1902). Vladímir Soloviov, atormentado pelo colapso de sua crença na Igreja tradicional, era assediado por visões de demônios e acabou acreditando que tinha tido um encontro com Satã em carne e osso. Sua última obra literária trazia o título de *Breve história sobre o Anticristo* (1899). [14](#) O conhecido escritor Leonid Andreiev lidou com o Demônio em sua tragédia *Anátoma*, de 1909, e o compositor Aleksandr Scriabin passou a temer sua própria “Sonata para piano no 6”, convencido de que havia sido corrompida por forças demoníacas, recusando-se a executá-la em público. Scriabin acreditava ser o próprio Deus (a julgar por seus poemas posteriores) e até tentou caminhar sobre as águas no lago Léman (sem êxito). Depois de tentar exorcizar os demônios por meio de sua “Sonata no 7”, compôs uma “Sonata no 9”, em 1913, conhecida como “A missa negra”, com referências ao culto do demônio, ao sadismo e até à necrofilia. [15](#)

Escritores como Aleksandr Dobroliubov, Briusov e Biéli também eram obcecados pela magia negra e pelo demoníaco. O terceiro volume da *Trilogia mística* do filósofo religioso Mitrofan Lodijenski, intitulado *Forças das trevas* (1914), examinava todos os aspectos dessas influências, incluindo as do Diabo e do Anticristo, sobre a alma humana. Aleksandr Blok era outro autor obcecado pelo Demônio, e não só em termos

literários — acreditava que uma força diabólica real, incontestável, tinha sido desencadeada na Rússia. Enquanto trabalhava para a Comissão em 1917, Blok escreveu que para compreender os últimos dias da dinastia Románov era preciso adotar um ponto de vista “demoníaco”. ¹⁶

A crença no sobrenatural, em forças das trevas que conduziam secretamente a Rússia rumo ao Apocalipse, na presença inegável do próprio Diabo — tudo isso se juntou para moldar a percepção popular de Raspútin. Nunca é demais ressaltar que a imagem de Raspútin desenvolvida nos anos anteriores à Grande Guerra, imagem essa que persiste ainda hoje, foi criada menos por Raspútin, o homem — pela verdadeira natureza do seu caráter e pelo histórico real de suas ações —, do que pelo mórbido zeitgeist da Rússia no começo dos anos 1900. Forças cósmicas disputavam entre si o futuro da Rússia, e o fato de um simples camponês ter conseguido não só abrir caminho até o palácio do tsar, mas também conquistar sua absoluta confiança, só podia significar uma coisa: que ou ele era um anjo mandado por Deus ou era um serviçal do Diabo. Iliodor não estava falando metaforicamente quando chamou a edição russa de seu livro de *O diabo santo*. ¹⁷ Com o passar dos anos e o agravamento da crise da Rússia, ficava cada vez mais claro para quase todo mundo que o camponês de Pokróvskoie só podia ser a segunda hipótese. A mãe de Blok estava convencida de que Raspútin era o Diabo ou o Anticristo, e a raiz de todos os problemas da Rússia. Até o ministro do Exterior da Rússia, Serguei Sazónov, se referia a Raspútin como o Anticristo. ¹⁸

Quando ainda era vivo, Raspútin deixou de ser um homem e se tornou a persistente personificação de uma era terrível. O *Novo Jornal Vespertino de Domingo* capturou bem o fenômeno:

Raspútin é um símbolo. Não é uma pessoa de verdade. É o produto característico de nossa estranha época, na qual temos que tolerar uma exaustão sem fim, na qual sentimos à nossa volta um miasma venenoso a brotar do pântano, na qual o crepúsculo cai à nossa volta e, na penumbra, bizarras figuras saem rastejando de seus exíguos covis — demônios necrófagos, morcegos, mortos-vivos, espíritos malignos de toda sorte. ¹⁹

12. Anna Vírubova

Foi no primeiro semestre de 1907 que Raspútin conheceu a mulher que se tornaria a mais dedicada de todos os seus seguidores e sua maior defensora. Anna Vírubova nasceu em 1884 numa família muito bem situada. A mãe era a condessa Nadejda Tolstaia, e o pai, Aleksandr Tanéiev, um conhecido compositor e chefe da chancelaria pessoal de sua majestade, cargo ocupado pelos antepassados de Anna desde a época de Alexandre I.

Fora Raspútin, Vírubova é provavelmente a figura da corte dos últimos Románov que mais controvérsias e divisões provocou. Nenhuma outra pessoa tem sido pintada em termos tão contraditórios ou provocado opiniões mais divergentes. Presa depois da queda da dinastia, Vírubova foi trancafiada no bastião de Trubetskoi, na Fortaleza Pedro e Paulo. Um dos seus interrogadores foi Vladímir Rudnev. Desde a primeira vez que a viu, Rudnev ficou impressionado com a rara expressão dos seus olhos — “cheios de uma brandura sobrenatural”. Depois de verificar as suas declarações, comparando-as com as de outras fontes e testemunhas, Rudnev concluiu que tudo que ela lhe contou era verdade. Suas palavras, segundo ele, “transpiravam verdade e sinceridade”. Ela não demonstrava a menor preocupação consigo mesma, ainda que fosse submetida a todo tipo de comportamento humilhante e violento nas mãos dos guardas. Não era brilhante, mas direta, honesta e totalmente destituída de vestígios de malícia. A noção de que Vírubova exerceu alguma influência sobre Nicolau e Alexandra, ou sobre Raspútin, era risível, na opinião de Rudnev. ¹

Aleksandr Blok, colega de Rudnev na Comissão, discordava. “Não há uma palavra que seja verdade no depoimento de Vírubova”, garantia

ele. Blok considerava a simples existência de uma mulher como Vírubova “horrível”; para ele, ela era nada menos do que “repugnante”.² O comissário Boris Smitten tinha opinião parecida: “Mais do que apenas limitada, ela era obstinada e convencida [...] superficial e pouco instruída”.³ Gippius, que esteve com Vírubova mas não podia afirmar que a conhecesse, achava que tinha visto o suficiente para julgá-la “estúpida, obstinada e astuciosa. A típica psicopata russa que costumamos encontrar em volta ‘do *stárets*’”.⁴ A grã-duquesa Olga, irmã do tsar, descreveu-a como “totalmente irresponsável, de uma infantilidade beirando a idiotice, e muito viciada em ataques histéricos”.

⁵ Também divergentes são as opiniões sobre o seu papel na vida da família imperial. Se para Rudnev era inconcebível que Vírubova exercesse alguma influência (ele partilhava a opinião de Aleksandr Protopópov, último ministro imperial do Interior, de que ela era meramente um “fonógrafo” das ideias de Raspútin), outros tentaram apresentá-la como o gênio do mal por trás do trono.⁶ O dramaturgo e historiador Edvard Radzinsky apelidou Vírubova de “governante invisível” da corte russa e afirmava (sem nenhuma prova) que ela não só nomeava e demitia ministros a seu bel-prazer, mas até dominava a própria imperatriz, ao mesmo tempo que fingia não passar de uma simplória de boa índole. No coração das relações de Vírubova com a imperatriz ele dizia ter descoberto um pequeno segredo: Anna era loucamente apaixonada por Alexandra.⁷ A ideia de uma relação lésbica entre Vírubova e Alexandra não é novidade. Falava-se a esse respeito nos salões aristocráticos da capital nos anos que se seguiram ao aparecimento de Raspútin, e os rumores alcançaram proporções absurdas. Circulava em Petersburgo o boato de que as duas mulheres se entregavam a orgias com Raspútin, e que foi nesses *ménages à trois* que desenvolveram seus estreitos laços de amizade.⁸ Vírubova amava a imperatriz, mas nada sugere que houvesse qualquer coisa de sexual em suas relações. Tampouco é verdade que exercesse alguma influência sobre Alexandra — a imperatriz era, sem a menor dúvida, a mais forte das duas. Vírubova vivia para agradar a imperatriz, e não para dirigi-la.

Foi em 1905, o mesmo ano em que Alexandra conheceu Raspútin, que as duas mulheres se aproximaram, quando Vírubova viajou naquele

verão no *Estrela Polar* com a família real pelos recifes ao largo da costa da Finlândia. Vírubova sentiu-se atraída por Alexandra. Ambas eram tímidas, amavam música (Alexandra e Vírubova passariam muitas horas juntas cantando duetos) e tinham uma profunda sensibilidade religiosa. A fé de Vírubova vinha de sua experiência pessoal. Quando tinha dezesseis anos, adoeceu gravemente e quase foi levada pelo tifo. Os médicos disseram aos pais que a situação era irreversível. Uma noite o padre Ioann de Konstadt lhe apareceu em sonho e disse que ela sobreviveria. De manhã ela pediu aos pais que chamassem o padre. Ele veio, rezou por ela, borrifou-a com água benta, e no dia seguinte Vírubova se restabeleceu como por milagre. O incidente provou para Vírubova que a fé tinha imenso poder e que entre eles viviam homens com extraordinários dons espirituais. ²

Vírubova era dama de companhia na corte e, por um tempo, foi acompanhante de Alexandra, mas a natureza da importância que tinha para a tsarina nunca se refletiu num cargo oficial. Era pura e simplesmente a melhor amiga de Alexandra, sua confidente, a mulher em quem ela mais confiava, ainda que por vezes achasse a devoção de Vírubova sufocante. Alexandra a chamava de vez em quando de “A Vaca”, um jeito cruel de referir-se a alguém que vivia para agradar a imperatriz e sua família. ¹⁰ Anna Vírubova era de fato gorda (porém não bovina), mas a opinião das pessoas sobre a sua aparência quase sempre dependia do que achavam do seu caráter. Para Gippius, sua flácida aparência externa escondia um núcleo férreo de obstinação e falsidade. Quanto aos olhos, eram “grandes, abertos, claros [...] e cegos”. ¹¹ O príncipe Félix Iussúpov, parceiro de dança de Vírubova na juventude, a considerava “extremamente ladina”, bem como “corpulenta com um rosto inchado, brilhante e sem nenhum encanto”. ¹² Mas para Maria Raspútina, Vírubova tinha “bastos cabelos castanhos, e olhos doces e inteligentes” e, se não era uma beldade convencional, “tinha um charme, uma gentileza, uma voz clara e modos atraentes que conquistavam todos os corações”. ¹³

Vírubova tinha 22 anos quando conheceu Raspútin, no primeiro semestre de 1907. A apresentação foi arranjada por Militsa, possivelmente a pedido de Alexandra. Militsa contou que tinha

conhecido “um apóstolo” por intermédio do bispo Feofan e ofereceu-se para providenciar um encontro em sua mansão de São Petersburgo no Cais Inglês. Vírubova chegou, e as duas se sentaram e conversaram sobre assuntos religiosos enquanto tomavam chá durante uma ou duas horas. Então, Raspútin apareceu.

Lembro que fiquei muito nervosa quando a chegada de Raspútin foi anunciada. “Não se surpreenda”, disse ela, “eu às vezes troco um beijo triplo com ele.” Grigóri Iefimovitch entrou — magro, o rosto pálido, exausto, usando um curto cafetã preto; seu olhar era extraordinariamente penetrante, lembrou-me o olhar do padre Ioann de Konstadt. “Peça-lhe que reze por qualquer coisa específica”, disse Militsa em francês. Pedi-lhe que rezasse para que eu pudesse passar a vida inteira a serviço de Suas Majestades. “Assim seja”, disse ele, e eu saí. [14](#)

Parece que a força motriz por trás do encontro foi Alexandra, não Militsa. Nessa época, a imperatriz começava a temer que as Corvas e seus maridos tivessem intenção de usar Raspútin para exercer influência no palácio. Incentivando uma relação entre Vírubova e Raspútin, Alexandra esperava enfraquecer a supremacia das Corvas e criar um novo canal com Raspútin, sobre o qual tivesse mais controle. [15](#)

O encontro ocorreu um mês antes de 30 de abril, data marcada para o casamento de Vírubova. O noivo, Aleksandr Vírubov, era um condecorado oficial de marinha da Guerra Russo-Japonesa e primo de Vladímir Voeikov. Seria um casamento curto, infeliz e motivo de muitas fofocas. Vírubova escreveria depois que Raspútin previra que o matrimônio não seria feliz, mas as cartas dele para ela nesse período desmentem tal alegação. Refere-se à união como “uma verdadeira Páscoa”, e ao novo marido como “uma cruz de ouro”. [16](#) Mas depois da cerimônia, quando as dificuldades se tornaram grandes demais para ignorar, Raspútin escreveu-lhe aconselhando paciência, afirmando que no fim tudo daria certo: “Vocês têm momentos verdadeiramente difíceis, e nossos queridos Papai e Mamãe também têm. [...] Apesar disso, é um doce paraíso e Deus provê, sou testemunha de que tudo vai dar certo. Sim, Deus os uniu num casamento legítimo e ali vocês encontrarão o cedro do Líbano que dá frutos na hora certa; e vocês, como um cedro exemplar, trarão felicidade quando chegar a hora”. [17](#)

É possível que Vírubov sofresse de impotência (temporária, pois mais tarde teve duas filhas com outra mulher), como sugere outra carta de Raspútin: “Deus uniu você em casamento com seu maravilhoso e

inteligente marido. [...] Não force, pressione, e aos poucos ele virá à mesa dos doces, está ocupado agora e quando terminar virá comer dessas lições que você lhe oferece”. ¹⁸

Mas Raspútin estava errado. O casamento naufragou no ano seguinte. Vírubova diria depois que o marido sofria de “impotência sexual e de uma inclinação para o sadismo”. Certa vez, tentou ter relações com ela mas não conseguiu, por isso jogou Anna no chão e começou a agredi-la. ¹⁹ As más-línguas diziam que o casamento foi destruído pela paixão sexual de Vírubova pela imperatriz; para outros, ela estava dormindo com Raspútin. ²⁰ Iliodor afirmava ter visto Raspútin agarrar-lhe os seios, acariciando-os de forma descarada na frente de outros. ²¹ Nada disso parece sequer remotamente plausível. Raspútin consolava Anna, escrevendo em 1o de julho de 1908 que, assim como o Senhor mandara o Espírito Santo para os apóstolos, ela, a “sofredora”, cujo marido a “difamara”, encontraria paz despejando sua “tristeza diante do trono do Todo-Poderoso”. ²² A dor do casamento fracassado de Vírubova intensificou sua grande paixão religiosa, aproximando-a ainda mais de Alexandra e Raspútin.

Anna apresentou sua irmã, Alexandra (conhecida como Sana), a Raspútin, e ela também, junto com o marido, Aleksandr Pistolkors (em 1908), se juntou às fileiras cada vez mais numerosas de seus seguidores. Os arquivos russos preservam seus suplicantes telegramas para Raspútin:

24 de julho de 1910. De Petersburgo para Raspútin em Pokróvskoie. Estou doente. Imploro-lhe que me ajude. Quero viver. Sana.

1o de novembro de 1910. De Petersburgo para Raspútin em Pokróvskoie. Sinto dores. Acamada. Terrivelmente assustada. Por favor reze por mim. Sana. ²³

Liubov Golovina (*née* Karpovitch), tia de Aleksandr Pistolkors, e sua filha Maria (conhecida como Munia) também foram apresentadas a Raspútin nessa época e se tornaram discípulas fiéis. No entanto, a mãe de Aleksandr, a princesa Olga Paley, e seu segundo marido, o grão-duque Paulo Alexándrovitch, padraсто de Aleksandr, não toleravam o *stárets* , e o mesmo valia também para o filho de Paulo, o grão-duque Dmítri Pávlovitch, um dos assassinos de Raspútin. Para complicar ainda mais as coisas, a irmã de Aleksandr, Marianna Pistolkors (Derfelden), era extremamente chegada ao meio-irmão Dmítri e compartilhava suas

opiniões sobre Raspútin. ²⁴ Mais tarde chegou-se a afirmar que ela esteve presente ao assassinato dele. Raspútin dividia famílias, assim como o país inteiro.

Com o tempo, Vírubova passou a ver Raspútin como santo, e sua fé nele era tão forte como sua fé em Deus. De acordo com as memórias da cantora Alexandra Belling, antes de encostar qualquer alimento nos lábios, Vírubova e seus convidados pediam que Raspútin o benzesse. Quando alguém expressava uma opinião, ninguém dizia uma palavra sem primeiro ouvir o que Raspútin pensava. E quando alguém ousava conversar com ela a respeito das histórias negativas que circulavam sobre ele, ou lhe mostrava artigos desfavoráveis para ler, Vírubova tinha uma resposta pronta: “Assim como todo homem justo só é reconhecido depois da morte, as santas proezas do *stárets* virão à luz após sua morte, e então as pessoas compreenderão o que perderam e quem foi que deixaram de estimar durante a vida do nosso querido pai. Suas relíquias, sem a menor dúvida, farão milagres que ainda nos aguardam”. ²⁵

Já Raspútin às vezes era áspero com Vírubova, até furioso, mas sua afeição por ela era genuína e duradoura. “Beijo-te”, escrevia ele, “e te amo com toda a minha alma.” ²⁶

13. Os olhos

Em julho de 1907, Nicolau saiu da Rússia para observar exercícios navais conjuntos com a Alemanha. De Peterhof, Alexandra escreveu-lhe, preocupada, no dia 17: “Espero que tudo corra bem, sem quaisquer percalços e conversas desagradáveis — Gr[igóri] zela por sua viagem, e tudo dará certo”. ¹ Mais para o fim daquele verão, enquanto a família velejava pelos recifes finlandeses, Alexandra procurou Nikolai Sáblin, alto oficial de marinha e ajudante de ordens do tsar, para lhe perguntar, reservadamente, se já tinha ouvido falar em Raspútin, e em caso positivo qual era sua opinião sobre ele. Sáblin respondeu que tinha ouvido falar num homem simples que visitava a família real, mas além disso não sabia nada. “É um verdadeiro camponês russo, muito piedoso, perspicaz”, disse ela. “Sabe de cor os cultos da Igreja. Claro, não é uma pessoa do nosso círculo, mas o senhor pode achar interessante conhecê-lo.” ² Acrescentou que havia pessoas cujas preces, graças à vida ascética que levavam, tinham poderes especiais, e incluía Raspútin entre elas. ³ Ela deu o endereço de Raspútin a Sáblin e recomendou-lhe que fosse vê-lo.

Ele encontrou Raspútin morando com os Lokhtin, no no 13 da avenida Grecheski. Pela recepção, Sáblin percebeu que Raspútin o esperava. Foi simpático e cumprimentou Sáblin calorosamente. Raspútin era magro, quase frágil, de corpo estreito e estatura abaixo da média. Usava uma longa camisa russa e uma bata simples, feita em casa, as calças enfiadas em botas de cano alto. O cabelo era castanho e a barba, observou Sáblin, malcuidada e mal cortada, causando má impressão. Falou-lhe de religião e de Deus e elogiou o tsar e a família imperial. Sáblin falou pouco. Então, sem mais nem menos, Raspútin

perguntou se Sáblin bebia. A pergunta deixou Sáblin confuso, e ele se preparou para ir embora. Quando ia saindo, Raspútín lhe pediu dinheiro. “Meu caro, me dê cinco rublos, por favor, estou sem nada.” Sáblin ficou surpreso, mas lhe deu a quantia. A impressão que teve de Raspútín foi bastante desagradável.

Mas, como se tratava de um desejo de Alexandra, Sáblin teve vários encontros com Raspútín. Mais tarde afirmaria que a imperatriz queria que conhecesse melhor Raspútín e fosse por ele abençoado. Porém no fim Sáblin achou tudo aquilo exagerado e disse a Alexandra que, quando conheceu Raspútín, não tivera uma impressão muito boa, ao que a tsarina respondeu: “O senhor não consegue entendê-lo porque vive distante de pessoas como ele, mas, mesmo que sua impressão esteja correta, é a vontade de Deus que ele seja assim”. ⁴

Mas uma coisa aturdiu Sáblin: os olhos. “Havia alguma coisa neles”, foi obrigado a reconhecer. Sáblin não estava só. Se havia uma unanimidade a respeito de Raspútín, era que havia *alguma coisa* naqueles olhos.

“Os olhos dele nos penetravam como agulhas”, comentou Lídia Bazilevskaja, uma rica e bela divorciada de 28 anos, quando conheceu Raspútín. ⁵ Prugavin os descreveu como “as fogueiras verdes, vorazes, de um sensualista”. ⁶ Vera, sobrinha dele, disse: “O *stárets* tem olhos especialmente incríveis — um cinza que num instante fica vermelho como brasa. Seus olhos são irresistíveis: são dotados de um magnetismo interior próprio. Na presença de mulheres, pegam fogo com uma paixão excepcional”. ⁷ Voeikov os qualificou de “os olhos de um canalha, sempre girando sem jamais olharem direto no rosto”. ⁸ Um repórter do *Jornal de Petersburgo* comentou que “há qualquer coisa de perturbador e alarmante na expressão metálica daqueles frios olhos cinzentos que nos perfuram”. ⁹ (Sobre a cor dos olhos de Raspútín, eram de um cinza-esverdeado, disso não há dúvida.)

Uma amiga escreveu no outono de 1915:

Bem, há aqueles olhos dele. Toda vez que o vejo me espanto com o quanto são expressivos e com a profundidade que têm. É impossível suportar seu olhar por muito tempo. Há qualquer coisa de pesado nele, como se você estivesse sendo submetida a uma espécie de força material que emana do seu olhar, mas com frequência os olhos brilham de bondade, apesar de sempre com um toque de esperteza, e há neles uma boa dose de ternura. No entanto, como podem ser ferozes, e como são apavorantes quando ele está zangado! ¹⁰

Maria também era obrigada a admitir que os “olhos magnéticos” do pai eram dotados de uma “fixidez perturbadora” que deixava as pessoas pouco à vontade. ¹¹ Uma mulher achou o olhar de Raspútin tão assustador que foi correndo à igreja confessar-se e purificar-se, embora ele não tenha feito nada mais do que encará-la. ¹² Certa condessa polonesa perdeu totalmente o controle quando encarou os olhos de Raspútin: “Não consigo, não consigo aguentar aqueles olhos. Eles veem tudo. Não consigo aguentar!”, gritava. ¹³

Para muitos russos, a fonte do poder de Raspútin estava nos olhos. Expressando uma opinião bastante generalizada, seu bom amigo Nikolai Soloviov declarou à imprensa: “O encanto desse homem está nos olhos. Há qualquer coisa neles que nos atrai e nos obriga a obedecer à sua vontade. Há algo psicologicamente inexplicável nisso”. ¹⁴ Uma admiradora comentou que o poder do olhar de Raspútin, de tão intenso, era capaz de fazer uma mulher tremer e sofrer uma crise de histeria. ¹⁵ Meriel Buchanan, filha do embaixador britânico, avistou Raspútin cavalcando pelas ruas da capital. “Olhos de um cinza-pálido, em órbitas profundas, mas incrivelmente brilhantes, olhavam para mim”, lembrava-se ela, “e enquanto aquele olhar fixava-se em mim, fiquei parada, sem conseguir me mexer [...] dominada por uma forte sensação de desamparo.” ¹⁶

Quanto à aparência física geral de Raspútin, as opiniões divergem. Lili Delm, boa amiga da imperatriz, conheceu Raspútin em 1911 e o achou horrível. Afora os olhos, e nesse ponto também reconheceu que “a mantiveram sob seu controle”, ele era um típico camponês russo de estatura mediana (embora parecesse mais alto), o rosto magro e pálido, os cabelos compridos, a barba desalinhada de um castanho-escuro arruivado. ¹⁷ No começo de 1912, Raspútin posou para o artista Aleksandr Raievski. Era a primeira vez que Raievski o via, e ficou espantado com a impressão que Raspútin causava. “E qual não foi a minha surpresa quando vi um homem alto, bem-proporcionado, forte, sem um fio sequer de cabelo branco, que se movia com notável leveza e flexibilidade. Ele voou para o sexto andar de um fôlego só, sem nenhum sinal de cansaço.” Raievski percebeu a energia nervosa que vibrava em Raspútin. Tinha “dedos nervosos” que não paravam de alisar a barba. ¹⁸ Stepan Belétski, diretor do departamento de polícia de 1912 a 1915, que

chegou a conhecer muito bem Raspútín, também observou o inegável e pronunciado “nervosismo de toda a sua figura animada e sinuosa”. ¹⁹

Muitos achavam sua voz atraente. Konstantin Globatchev, chefe da Okhrana em Petrogrado durante a guerra, notou que sua voz era “suave, agradável, seu jeito de falar o de um simples camponês, mas inteligente”. ²⁰ Dizia-se que ele falava de um modo firme, sem pressa, e que além disso tinha boa voz de cantor. ²¹

O estereótipo comum de Raspútín o descreve como um “camponês imundo”, mas isso é mero reflexo do preconceito das classes superiores. Raspútín, de acordo com aqueles que o conheciam melhor, mantinha o corpo limpo e banhado. Na verdade, sabe-se que inclusive frequentava os banhos regularmente, tanto em Pokróvskoie como em Petersburgo. Até mesmo a imprensa russa — que não era amiga de Raspútín e estava sempre disposta a publicar as mentiras mais absurdas — comentava que suas mãos, grandes e fortes, com dedos inusitadamente longos, “eram limpas”. ²² Seu bom amigo Alexei Filippov disse que Raspútín era “excepcionalmente limpo: trocava regularmente a roupa de baixo, ia aos banhos, nunca cheirava mal. [...] Seu corpo era de uma firmeza excepcional, não era débil, mas corado e harmonioso, sem a pança e os músculos flácidos comuns nessa idade”. Sobre as partes íntimas, Filippov não notou nada de excepcional, a não ser que “não tinha a pigmentação escura dos órgãos sexuais, que em certa idade têm uma tonalidade escura ou morena”. ²³ Filippov não nos revela como, exatamente, chegou a conhecer detalhes tão íntimos do amigo.

14. “... orações que nos purificam e protegem”

Em setembro de 1907, Raspútin voltou para Pokróvskoie. Chegou em casa como o grande homem da aldeia. Alguns o chamavam de *gospodin*, senhor, como se fosse um nobre. Trazia dinheiro de Militsa, que doou para a Igreja, e também ajudou os moradores com presentes (incluindo dinheiro vivo), construiu casas para os pobres e pagou funerais. Foi morar em sua nova casa de madeira cinza-escura na rua principal que antes pertencera a um piloto marítimo. Tinha dois pavimentos e era protegida por uma grande cerca; o vasto quintal tinha um banheiro, um pequeno celeiro e outras dependências. Havia vasos de flores na casa, incluindo um grande na rua, e as janelas tinham elaboradas molduras pintadas; o telhado era de flandre. Seu pai, agora viúvo — Anna morrera em 1904 —, preferira não ir morar com o filho, mas ficou numa casa menor de propriedade dele, localizada entre o Tura e os fundos da morada de Grigóri. ¹

A família vivia no térreo, que tinha uma cozinha e três cômodos separados, um repleto de ícones, incluindo uma grande e — segundo se dizia — milagrosa Mãe de Deus de Kazan. Uma escada de madeira coberta de esteiras multicoloridas levava ao segundo andar, na prática reservado para hóspedes. Ali havia uma pequena sala de visitas, com bancos e uma sala central, maior, o piso coberto com as mesmas esteiras, completada por uma escrivaninha, cadeiras bem estofadas, um sólido aparador de carvalho, piano e um grande relógio de ébano. As paredes eram decoradas com papel e superlotadas de fotos de Raspútin posando com seminaristas e padres da academia de teologia, sacerdotes

e membros da elite aristocrática da capital. Havia um retrato do imperador e da imperatriz e numerosos ícones. Perto da janela erguia-se um ficus. Os Raspútin moravam bem. Nem todo mundo aceitava isso, no entanto. Feofan diria à Comissão que a casa de Raspútin refletia “a concepção que um camponês semi-indigente tem da vida que a gente rica leva nas cidades”. ²

Viajavam com Raspútin Olga Lokhtina e mais três mulheres. Akilina Laptinskaia viria a ser uma das seguidoras mais leais de Raspútin, e mais que isso, pelo resto da vida dele. Nascida numa família camponesa na aldeia de Bakhovo, na província de Moguiliiov em 1879, Laptinskaia era enfermeira em Petersburgo, tendo servido em hospitais militares durante a Guerra Russo-Japonesa. Ouvira falar de Raspútin pela primeira vez um bom tempo antes, em conversas na Comuna de Enfermeiras St. Troitski, e pediu a Lokhtina que arranjasse um encontro, ocorrido em setembro de 1907. Logo de cara, viu nele um homem pouco comum. “O jeito simples de Grigóri Iefimovitch com as pessoas foi o que mais me impressionou. Ele é cheio de bondade e de amor genuíno pelos outros, diferente de tudo o que já vi em qualquer outra pessoa. Seu conhecimento da vida é notável, não há uma pergunta à qual não responda sem a menor hesitação.” Quando soube que aquele grupo de mulheres estava indo a Pokróvskoie para ver como Raspútin vivia e aprender com ele, pediu para ir junto. Não se decepcionou. Laptinskaia ficou com Raspútin enquanto ele viveu, tornando-se uma espécie de secretária pessoal e ajudando a cuidar da casa dele na capital. ³

Zinaida Manshtedt, da cidade de Smolensk, era mulher de um alto funcionário do Estado, descrita por um conhecido como “bondosa, bonita e agradável”. Ela se apaixonou por Raspútin logo que ele apareceu na capital, embora não tanto quanto Lokhtina, e de vez em quando ia a Petersburgo visitá-lo. Após voltar da viagem a Pokróvskoie, Zina, como era chamada, escreveu uma carta muito reveladora da psicologia de suas seguidoras, bem como da natureza de suas relações com Raspútin:

Olá, caro padre Grigóri!

Obrigada, obrigada, eu lhe digo obrigada sem parar por seu grande amor, que ressuscitou a vida em meu espírito, por sua ternura e carinho. Voltei para casa saudável e feliz e vivo aqui

tranquila e pacificamente. Suas últimas palavras — era um erro eu partir — causaram forte impressão em mim. Você as disse, portanto deve ser verdade; elas ecoaram em meus ouvidos a viagem toda e me obrigaram a examinar cada movimento da minha alma. Claro, em minha alma há muita coisa que não vale nada, e preciso sempre da sua ajuda e de suas orações, que nos purificam e protegem. Voltei para casa outra pessoa por dentro. Senhor, ajude-me a continuar assim. Agora estou viva; a raiva me atormentava e me isolava de tudo. Beijo fervorosamente suas mãos e peço perdão por toda a minha impureza.

Sua negligente Zina ⁴

E havia Khionia Berladskaia, viúva de 29 anos, após o marido ter cometido suicídio dois anos antes. Khionia sofreu terrivelmente depois dessa tragédia, culpando-se pela morte dele. A mulher de um general compadeceu-se no outono de 1906 e levou-a para conhecer Raspútin. Ele olhou para ela atentamente e disse: “Está pensando o quê? Não sabe que nosso Senhor teve doze discípulos e um deles, Judas, se enforcou? E isso aconteceu com nosso Senhor; portanto, quem é você?”. Suas palavras mudaram a vida dela.

Essas palavras eram a resposta ao pensamento que tanto oprimia minha alma, ou seja, que eu era culpada pela morte do meu marido. Pois se uma coisa dessas pôde acontecer com nosso Senhor, então eu, uma pessoa fraca, não posso querer trazer meu marido de volta à vida. Isso logo ficou claro para mim, e minha alma se acalmou completamente, coisa que nem o hipnotismo nem remédio nenhum tinham conseguido. Até então eu não jejuava fazia um ano e não conseguia nem mesmo entrar numa igreja, o som dos hinos me incomodava, e eu achava que estava sofrendo ataques do coração. Durante dois anos quase não comi nada e cheguei a um ponto de quase total exaustão espiritual e física. Ao conhecer Grigóri Iefimovitch senti que ele poderia resolver todos os problemas da minha vida com as palavras certas do Evangelho. Em razão disso, tenho o mais profundo amor e gratidão por Grigóri Iefimovitch.

Berladskaia visitou Pokróvskoie pela primeira vez em abril de 1907, ficando quatro meses com Raspútin e sua família “para aprender a viver”, segundo suas palavras. Tinha sido uma grata experiência, e por isso ela voltou em novembro. Ao contrário das outras três mulheres, porém, Berladskaia mudaria de opinião sobre Raspútin, e suas palavras seriam usadas para fazer outras pessoas também se voltarem contra ele.

⁵

★ ★ ★

Em meados de novembro, Raspútin voltou a Petersburgo. Uma noite Nicolau convidou a grã-duquesa Olga Alexándrovna, sua irmã, para jantar no Palácio de Alexandre em Tsárskoie Seló. Quando terminaram

de comer, Nicolau pediu a Olga que fosse conhecer um camponês russo. Subiram a escada e encontraram as quatro meninas Románov e Alexei de pijamas brancos; a governanta os preparava para dormir. No meio do quarto estava Raspútin:

Quando o vi, senti que dele se irradiavam suavidade e calor. Todas as crianças pareciam gostar dele. Estavam completamente à vontade. Ainda me lembro das risadas que deram quando o pequeno Alexei, decidindo que era um coelho, pôs-se a dar pulos pelo quarto. E então, de repente, Raspútin pegou o menino pela mão e o conduziu para o quarto, e nós três fomos atrás. Havia uma espécie de quietude, como se tivéssemos entrado numa igreja. No quarto de Alexei não havia lâmpadas acesas; a única luz vinha das velas que ardiam diante de uns belos ícones. O menino ficou parado junto daquele gigante, que curvava a cabeça. Percebi que estava rezando. Era tudo muito impressionante. Também percebi que meu pequeno sobrinho rezava com ele. Realmente, não dá para descrever — mas na época eu estava consciente da absoluta sinceridade daquele homem.

Depois que as crianças foram dormir, os três adultos desceram para conversar no budoar cor de malva.

Dei-me conta de que tanto Nicky como Alicky esperavam que eu viesse a gostar de Raspútin. Sem dúvida fiquei impressionada com a cena no quarto das crianças e reconheci a sinceridade do homem. Mas, infelizmente, jamais consegui gostar dele.

Nunca pensei que estivesse hipnotizada por Raspútin. Não achava que sua personalidade tivesse nada de irresistível. Na verdade, eu o achava bastante primitivo. [...] Naquela primeiríssima noite notei que ele pulava de um assunto para outro e usava muitas citações bíblicas. Isso não me impressionou nem um pouco... Eu conhecia suficientemente os camponeses para saber que muitos deles traziam capítulos inteiros da Bíblia na ponta da língua.

Olga não só ficou pouco impressionada. Ela achava Raspútin íntimo demais:

O motivo era sua curiosidade — desenfreada e importuna. No budoar de Alicky, depois de conversar com ela e com Nicky alguns minutos, Raspútin esperou os criados colocarem a mesa para o chá da tarde e começou a me assediar com as perguntas mais impertinentes. Eu era feliz? Amava meu marido? Por que eu não tinha filhos? Ele não tinha o direito de fazer essas perguntas, nem eu as respondi. Acho que Nicky e Alicky estavam bem pouco à vontade. Lembro-me de ter ficado aliviada ao sair do palácio aquela noite e de dizer para mim mesma: “Graças a Deus ele não me acompanhou até a estação”.

Olga o viu mais uma vez depois disso, na casa de Vírubova, perto do palácio de Tsárskoie Seló. A certa altura, quando ficaram sozinhos, ele se aproximou e sentou ao lado dela, passando os braços em volta de Olga e acariciando-lhe o ombro. Ela se levantou e foi juntar-se aos outros sem dizer uma palavra. Apesar de Raspútin ter insistido com Vírubova para que voltasse a ver Olga, ela não quis mais nenhum

envolvimento com ele.

Foi na época em que Olga conheceu Raspútin que Alexei, com três anos, caiu no jardim em Tsárskoie Seló e machucou a perna. À hemorragia interna seguiram-se dores horríveis. “A pobre criança sentia muita dor”, recordou Olga, “manchas negras sob os olhos e o corpinho todo retorcido, a perna terrivelmente inchada. Os médicos não serviam para nada.” Eles pareciam mais preocupados do que os demais, sussurrando entre si. As horas passavam, e por fim eles admitiram que não havia nada que pudessem fazer. No fim daquela noite Alexandra mandou um recado para Raspútin na capital, pedindo-lhe que fosse imediatamente para lá. Raspútin foi e rezou pelo menino. No dia seguinte, Olga voltou ao palácio e não acreditou no que viu: “O menino não só estava vivo, mas bem. Estava sentado na cama, a febre tinha passado, os olhos claros e brilhantes, nenhum sinal de inchaço na perna. O horror da noite anterior tornara-se um pesadelo incrivelmente distante. Depois eu soube por Alicky que Raspútin não tinha sequer tocado na criança, apenas ficara parado ao pé da cama, a rezar”. ⁶ Olga fazia questão de ressaltar que a recuperação do menino não tinha sido coincidência. Como exatamente Raspútin ajudou Alexei a recuperar-se, ela não saberia dizer, mas nunca mais teve dúvida sobre o poder de cura do *stárets*.

O falatório sobre a visita de Raspútin no meio da noite ao leito do enfermo se espalhou pelo palácio. Alguns afirmaram que Raspútin tocara o menino e dissera que tudo ficaria bem, embora, acrescentou, apenas Deus soubesse a hora de nossa morte. Outros garantiram que depois de se afastar da criança ele dissera à tsarina que não se preocupasse, que Alexei sofreria com a doença até os vinte anos de idade, mas que depois o problema desapareceria sem deixar vestígios. ⁷

O que parece indubitável é que, por volta dos últimos meses de 1907, Raspútin vinha se sentindo cada vez mais confiante a respeito de sua posição junto à família imperial, tanto que em 15 de novembro daquele ano apareceu no palácio sem ter sido convidado. Ainda que naturalmente surpresos pela visita inesperada, Nicolau e Alexandra ficaram contentíssimos em vê-lo. ⁸ Naquele dia, ele também encontrou no palácio Maria Vichniakova, ama-seca de Alexei desde 1905.

Vichniakova havia sido babá dos filhos de Stana, que a contratara para cuidar de sua bebê Tatiana em 1897 e fora a responsável por recomendá-la à imperatriz. Vichniakova tinha trinta e poucos anos, era gentil, carinhosa e muito bonita. Quando voltou para casa naquela noite, um empolgado Raspútin escreveu para Vichniakova:

Louvemos ao Senhor, preciosa em Cristo, pois você vive na glória e nutre a glória de nosso grande autocrata Alexei Nikoláievitch. Oh! Que palavra poderosa e figura inestimável, minha amada irmã em Cristo, e tudo isso não basta para saudar tal jovem. Minha doce irmã, eduque-o, esse será seu ideal — minha irmã de ouro, mostre-lhe exemplos da edificação em Deus, em todas as brincadeiras busque a edificação. Deixe que ele corra um pouco mais; deixe que ele corra por aí o quanto quiser. Pois ele vê em você uma jovem tocada pela glória de Deus, e seu exemplo é profundo, e permanecerá firmemente enraizado em sua alma [...]. E por tudo isso você será a mãe desta terra. Escute, devota irmã em Cristo. Querida mamãe, o que isso significa? Que sinal supremo seu chamado inestimável indica? Que bênção o Senhor lhe dedicou a ponto de desfrutar da estima de tão elevados pais [...]. Se amarmos tudo isso, e não nos deixarmos levar pelo orgulho, podemos obter a glória aqui e nos céus. O inimigo está à espreita, claro, ele sabe que somos sublimes e que estamos entre os poderosos; isso é parte de sua natureza pérfida. Mas não vi nenhum orgulho em você e encontrei em sua alma a recepção mais calorosa a mim. Desde o momento em que me viu, você me compreendeu. Gostaria muitíssimo de vê-la de novo. Peça a Papai e Mamãe a permissão para vir até mim, pois eu a vi apenas brevemente e não poderia mais vê-la, seria incômodo permanecer por mais tempo. ²

Trata-se de uma mensagem intrigante por uma série de motivos. Por exemplo, por que Raspútin a teria encorajado a deixar Alexei correr, mesmo estando ciente de sua doença e do que havia acontecido ao menino pouco tempo antes? Seria mesmo possível que Raspútin não entendesse o perigo que isso representava? Raspútin estava claramente tentando fazer de Vichniakova uma aliada na corte, mencionando tanto o caráter sagrado da missão a ela confiada como o status de pessoas próximas à família imperial, que ambos compartilhavam. A referência ao inimigo também tem a intenção de fazê-la se aproximar com a sugestão de que na corte havia pessoas invejosas de sua intimidade com a família, que poderiam vir a tramar contra os dois. E o que concluir do comentário de Raspútin de que Vichniakova o teria compreendido assim que o viu? O que realmente fica claro aqui é o desejo de Raspútin de voltar a ver Vichniakova. Caso fosse apenas para falar sobre o bem-estar do tsarévitch, não haveria motivo para constrangimento da parte de Raspútin. Mas o *stárets* parece insinuar algo mais, uma relação diferente, muito mais pessoal. Não sabemos se Vichniakova de fato

pediu permissão para ir ver Raspútin, nem mesmo se ela recebeu a carta. Três anos depois, porém, Vichniakova procuraria a tsarina com graves acusações contra Raspútin, que resultariam num enorme escândalo.

Perto do fim do ano, Raspútin deixou Petersburgo para ir a Kazan. Lá conheceu Olga Ilin, de catorze anos de idade, na casa da família da moça. Olga ficou chocada ao ver um camponês entrar pela porta da frente de sua residência, cena que nunca tinha presenciado na vida. As pessoas das classes inferiores só entravam pelos fundos. Ele trazia uma carta de uma tia de Olga de Petersburgo que conhecera Raspútin e se impressionara com ele, mas queria apresentá-lo ao pai de Olga para pedir uma opinião sobre o *stárets*.

Raspútin ficou para o jantar e deixou Olga constrangida. Ele a olhava de uma forma estranha, e suas maneiras eram grotescas. Depois da sopa, ele sacou o pente e começou a ajeitar os cabelos à mesa, para o desconforto de todos. Quando lhe perguntaram como um homem de Deus, um religioso dedicado ao isolamento e à oração, foi parar em Petersburgo, ele respondeu: “Perguntei isso a Deus quando fui a São Petersburgo pela primeira vez. ‘Por que me mandaste para cá?’, questionei. ‘Por que estás me testando dessa forma?’ E ele me respondeu: ‘Para onde quer que eu o mande, esse é seu lugar. As pessoas podem detestá-lo, porque o invejarão, mas você precisa suportar tudo, porque é necessário’”.

Os Ilin e seus convidados oscilavam entre a repulsa e o fascínio por aquele estranho, sem saber se acreditavam que ele era quem dizia ser, como a tia de Olga, ou se o consideravam um charlatão. Raspútin afirmou que Deus lhe dera o poder de ler a mente das pessoas. Como prova, virou-se para o professor de artes de Olga e o chamou de pecador, porque estava sempre começando alguma coisa sem nunca chegar ao fim, e Deus não gostava disso. Essas palavras deixaram todos atordoados: era verdade, eles precisavam admitir. Depois disso, outros começaram a pedir a leitura de seus pensamentos, o que Raspútin fez com habilidade suficiente para convencer a todos de que seu poder era genuíno.

Olga viu Raspútin várias vezes entre 1907 e 1910 na casa de sua tia em

Petersburgo. A tia mantinha a fé em Raspútin como um verdadeiro homem de Deus e permitia que ele visitasse sua casa. Olga, por sua vez, nunca acreditou nele, mas guardava sua opinião para si. Estava certa de que sua tia estava sendo enganada por Raspútin, que lhe revelava apenas um dos lados de sua personalidade. Numa dessas visitas para um chá, num momento em que sua tia se retirou, Raspútin se levantou e foi se sentar perto de Olga. Ela ficou paralisada de indignação quando ele pediu que ela se abrisse e contasse mais sobre si. Diante da recusa, Raspútin perguntou por que Olga estava com medo.

“Eu não tenho nenhum medo de você.”

“Sim, você tem medo, *sim*”, ele retrucou, “apesar de dever me amar. Porque fui enviado a você pelo Senhor Deus. É por isso que todo mundo deve me amar mais do que a qualquer um no mundo. O tsar e a tsarina me amam, então você deve me amar mais do que a qualquer um.”

Ele moveu a mão pelo sofá na direção de Olga, com um olhar fixo, o que a fez se levantar e correr para o quarto. Ela nunca mais voltou a ver Raspútin. [10](#)

15. A investigação: parte I

As notáveis mudanças na vida de Raspútin não passaram despercebidas pelas autoridades da Sibéria. Elas faziam perguntas sobre coisas inusitadas que ocorriam na casa de Raspútin em Pokróvskoie.

Em 23 de julho de 1906, dois dias antes de Raspútin encontrar-se com Nicolau e Alexandra pela segunda vez, o superintendente de polícia do distrito de Tiumen, um homem chamado Vichnevski, mandou um relatório para o chefe de polícia do distrito a respeito do camponês Grigóri Iefimovitch Raspútin e vários convidados da capital que ele tinha recebido ultimamente, como o padre Medved, descrito no documento como o preceptor dos filhos do grão-duque Nikolai Nikoláievitch, e certa Olga Lokhtina, que teriam dito que o camponês Raspútin “fazia milagres” em São Petersburgo. Raspútin, informou Vichnevski, costumava receber pelo correio dinheiro proveniente de Petersburgo, às vezes cem rublos ou mais, bem como presentes que dizia virem de altos personagens, incluindo suas majestades imperiais. Durante as visitas os hóspedes pareciam passar a maior parte do tempo na casa de Raspútin lendo o Evangelho e cantando hinos.

O relatório é o primeiro documento das autoridades do Estado a respeito da personalidade e dos assuntos de Raspútin de que temos notícia. Não se sabe ao certo quem teria encarregado Vichnevski de ocupar-se de um obscuro camponês de Pokróvskoie, ou se a ordem veio de autoridades de Tiumen, de Tobolsk ou de alguém na capital, embora a primeira hipótese pareça mais provável. De qualquer forma, o chefe de polícia do distrito encaminhou o relatório de Vichnevski para Nikolai Gondatti, governador da província de Tobolsk. Gondatti não achou que o documento merecesse atenção, ou que fosse assunto para as

autoridades civis e, por sua vez, encaminhou-o em 4 de agosto de 1906 a Antônio (Aleksandr Karjavin), bispo de Tobolsk, “para o seu conhecimento”. O fato de Gondatti não ter se interessado pelo assunto dá mais crédito à hipótese de que a investigação foi iniciada em nível local, pois se tivesse vindo de São Petersburgo o governador certamente lhe teria dado atenção.

Antônio também não deu muita importância ao relatório, e a questão do camponês Raspútín parecia ter morrido ali. Só um ano depois, em 10 de setembro de 1907, Antônio resolveu agir, escrevendo uma carta para o Consistório Eclesiástico de Tobolsk descrevendo em detalhes o comportamento suspeito de Raspútín, sobre quem, ressaltou, vinha coletando informações havia algum tempo. Antônio escreveu que Raspútín tinha aprendido os ensinamentos dos *khlisti* “nas fábricas da província de Perm”, onde conheceu “os líderes dessa heresia”. Mais tarde, em Petersburgo, Raspútín começara a atrair seguidoras, que passaram a morar com ele por longos períodos em Pokróvskoie. Antônio tinha em seu poder cartas dessas mulheres, nas quais escreviam sobre os ensinamentos especiais de Raspútín, suas curas milagrosas e sua reputação de “fonte de amor”.

Nos cinco anos anteriores, pelo menos oito mulheres de cada vez tinham morado na casa de Raspútín. Vestiam-se de preto com lenço branco na cabeça e o acompanhavam por toda parte, chamando-o de “padre Grigóri”; ele acariciava, tocava e até beijava essas mulheres. Eles faziam reuniões de caráter religioso no andar superior da casa, entoando canções obscuras, enquanto Raspútín usava uma batina preta e uma grande cruz peitoral. Os camponeses da aldeia diziam que ele ensinava o “khlistovismo” e que uma das jovens, uma criatura saudável, tinha adoecido e morrido em circunstâncias misteriosas. Falaram a Antônio sobre fotografias tiradas em Iekaterinburgo mostrando Raspútín “de batina até os pés com duas freiras de cada lado segurando sobre a cabeça dele uma grande faixa de papel com os dizeres ‘Busquem a Jerusalém Celeste’”. Além disso, o padre Iákov Barbarin, proibido de conduzir serviços e banido pelo Santo Sínodo para o Mosteiro de Valaam, na Carélia, por suspeita de propagar os ensinamentos dos *khlisti*, tinha sido hóspede frequente de Raspútín e participara desses rituais noturnos.

Com base nessas informações, Antônio instruiu ao consistório que

mandasse o padre Nikodim Glukhovtsev iniciar uma investigação preliminar sobre Raspútin e, se as acusações tivessem fundamento, abrir uma investigação formal incluindo a natureza dessas reuniões noturnas. A isso, Antônio acrescentou suas observações pessoais. Escreveu que Raspútin estivera várias vezes em Tobolsk e insistira em encontrar-se com o bispo para conversar sobre seu plano de ampliar a igreja da aldeia e construir uma espécie de “comuna feminina”, tudo isso com dinheiro próprio. “Fiquei impressionado com seu rosto extremamente emaciado, seus olhos fundos e doentiamente ardentes (inflamados), sua afetada e cativante maneira de falar, repleta de diminutivos e apelidos carinhosos tão comuns entre os sectários.” ¹ Antônio notou também que Raspútin lia muito mal o russo, para não mencionar sua incapacidade de escrever e seu lamentável conhecimento do antigo eslavo eclesiástico.

Apesar da má impressão, o encontro com Raspútin não fora suficiente para que Antônio deflagrasse uma investigação sobre suas possíveis ligações com os *khlisti*. Para o bispo, mais perturbadoras do que o encontro eram as três cartas que lhe foram enviadas naquele verão contendo detalhes suficientemente estranhos sobre as atividades recentes de Raspútin. A primeira, em agosto, era de uma mulher de Tobolsk, de nome Maria Korovina. Um sacerdote local chamado Aleksandr Iurevski tinha levado Raspútin à casa dela duas vezes naquele mês. A história que contava era perturbadora. Desde o início ela o achou “um homem muito estranho, tanto pelo jeito de vestir-se como pela expressão do rosto, especialmente os olhos”.

Durante a conversa ele nunca parava sentado e estava sempre fazendo gestos esquisitos com as mãos, ou tocando o padre Iurevski. No dia seguinte, Raspútin voltou sozinho para vê-la. Disse que ia embora logo e que estava muito decepcionado com a visita a Tobolsk, porque muita gente o chamava de sectário. “Como, sectário?”, perguntou a Korovina. “Tenho apenas muito amor, amo todo mundo, amo você também e os demais, então me diga, por que é que isso faz de mim um sectário?” Ela respondeu que, apesar de não o conhecer bem, achava esquisito seu jeito de tocar e acariciar as pessoas o tempo todo, como o padre Iurevski, e que ele tentara fazer a mesma coisa com ela. Raspútin replicou: “Se eu toco em suas mãos, mais uma vez isso é só porque tenho muito amor [...]. Não posso fazer nada. Se não toco nas mãos,

não tenho inspiração”.

Raspútín então citou o que dizia serem palavras de são Simão, o Novo Teólogo (949-1022), monge bizantino e santo ortodoxo, segundo as quais “um homem impassível pode estar no meio de uma multidão de pessoas nuas e tocar nelas com seu corpo nu e não sofrer nenhum dano”. Ao que Maria respondeu: “Sim, eu sei, mas isso se refere a alguém que por acidente se vê nessa situação, não é uma recomendação para que se procure isso, pois que tipo de pessoa procura por vontade própria esse tipo de tentação?”. (Simão ressaltara também a necessidade de submissão a um pai espiritual na busca de Deus, coisa que Raspútín evitou a vida inteira, motivo por que costumava ser criticado e que, segundo alguns sacerdotes, era a razão de suas deficiências espirituais.) Apesar da óbvia tensão entre os dois, eles se despediram com beijos. “Na minha opinião, G. I. não é uma pessoa inteiramente normal”, concluiu ela.

O padre Iurevski também escreveu naquele mês uma descrição do seu encontro com Raspútín e da visita que fizeram a Maria Kovorina. Raspútín o havia procurado em sua igreja de Tobolsk e desde o início tentara impressionar Iurevski com suas relações pessoais com sacerdotes, como o bispo Khrisanf e o arquiandrita Andrei (Úkhtomski) de Kazan. Fez questão de mencionar que tinha visitado a grã-duquesa Militsa em companhia do bispo Antônio (Khrapovítski). Iurevski notou que, apesar de Raspútín estar evidentemente se gabando, havia algo mais em suas palavras. Iurevski achava que Raspútín sabia que certas pessoas vinham colhendo informações sobre o fato de ele ser possivelmente um sectário, e aquelas menções a pessoas importantes serviam para convencer o padre de que o *stárets* era aceito como devoto cristão ortodoxo pelos figurões da Igreja. Disse a Iurevski que tinha ido a Tubolsk conversar com um arquiteto sobre o seu plano de construir uma nova igreja em Pokróvskoie. mencionou que ainda precisava de cerca de 20 mil rublos para financiar a obra. Quando Iurevski manifestou dúvidas sobre sua capacidade de angariar tanto dinheiro, Raspútín respondeu vagamente:

“Ela vai me dar!”

“Ela quem?”

“A imperatriz.”

Iurevski ficou espantado e confuso com o que ouviu, sem saber direito o que pensar.

Na casa de Korovina, Raspútín gabou-se de ter estado no palácio. “Até o imperador me conhece. É o mais bondoso dos homens e um grande sofredor! Deu-me um novo sobrenome. Não fui eu que pedi. Não sei por que fez isso. Ele me disse o seguinte: você será chamado de ‘Novo’. Vejam”, e com isso Raspútín puxou seu passaporte doméstico para mostrar. Viram que ele estava certo. O que não podiam saber é que Raspútín estava mentindo: foi por iniciativa dele, e não do tsar, que ganhara o novo nome. Iurevski perguntou a Raspútín por que procurava aquelas pessoas poderosas, pois, em suas palavras, esses contatos “semeiam apenas orgulho e presunção nas pessoas”. Quis saber por que Raspútín não ficava em casa tomando conta das almas daqueles à sua volta. “Elas me convidam”, respondeu Raspútín, “e também são pessoas, e suas almas buscam sustento, e eu amo todo mundo. Há muito amor em mim. E elas me amam também.”

Maria perguntou se os moradores de Pokróvskoie estavam “espiritualmente satisfeitos”. E insistiu com Raspútín: “Nesse caso, por que não alimentar as almas dos seus vizinhos, por que ir à capital e a outras cidades? Pois no momento pessoas no país inteiro estão nessa busca, e há falsos profetas em toda parte”. Raspútín tentou esquivar-se, claramente incomodado, e disse resmungando que em sua aldeia não havia ninguém em busca de nada.

Raspútín não demorou a ir embora, mas só depois de pedir a bênção de Iurevski: “Que tipo de pessoa é Raspútín?”, perguntava-se o padre. “Um sectário? Ou ele acha que é outra coisa?” Aquele encontro não foi suficiente para determinar quem era ele.

De qualquer forma, Raspútín me deixou a impressão de ser uma pessoa estranha. Seu traje era bastante original; o jeito de falar, incoerente; nem sempre consegue expressar os pensamentos de forma adequada com palavras, por isso está sempre fazendo movimentos estranhos com os dedos das duas mãos; todos esses movimentos, as vênias, são rápidos, bruscos, desajeitados; os olhos fundos olham fixamente, às vezes de maneira insolente. Isso é motivo suficiente para considerá-lo uma pessoa não inteiramente normal. A atração que exerce sobre várias “personalidades”, a constante ostentação de sua intimidade com essas personalidades, seu desejo de destacar-se entre os moradores da aldeia ainda que seja com um novo nome — tudo isso nos obriga a pensar que Raspútín, se não é sectário, é uma pessoa que sucumbiu à “*prelest demoníaca*”. ²

O termo *prelest*, que costuma ser traduzido como “encanto” ou “fascinação”, aqui tem seu significado dentro do contexto religioso de “ilusão”. Era a palavra que a Igreja ortodoxa oficial usava para descrever indivíduos com um senso exagerado e injustificado dos próprios dons espirituais. Às vezes era equiparada a um tipo de psicose; os que sofriam dessa condição eram tidos como desequilibrados e perturbados. ³ Era uma acusação da qual Raspútin jamais escaparia.

No fim de julho, Antônio também tinha recebido uma carta sobre Raspútin de Elizaveta Kazakova. Iurevski conhecia-a e consultou Raspútin. A menção do nome chateou Raspútin; ele perguntou por que o padre queria saber. “Ela simplesmente chama você de delirante”, respondeu ele. Raspútin ficou furioso: “A maldade faiscava nos olhos de Raspútin, e ele perdeu o equilíbrio emocional. Com voz preocupada, uma careta raivosa no rosto, disse: ‘Ela acha que sou delirante? Como é possível?’”. ⁴

Kazakova conhecera Raspútin no segundo semestre de 1903, quando ele a procurou durante o enterro da irmã dela. Ela não soube o que pensar, nem sabia por que ele a procurou. Raspútin afirmou que estava em busca de donzelas e mulheres que fossem com ele à casa de banhos, onde receberiam o que chamava de “arrependimento total” e aprenderiam a “moderar suas paixões”. Não havia nada de imoral ou impróprio naquilo, garantiu ele a Kazakova, pois considerava todo mundo parte da sua família.

Quando Raspútin se retirou, Kazakova procurou saber quem era aquele estranho. Descobriu que ele andava dizendo a donzelas nas aldeias que havia muitos falsos peregrinos por ali fingindo ser monges como truque para seduzi-las. Raspútin assegurava a essas mulheres que a única maneira de se protegerem contra essas serpentes e contra as tentações em geral era submeter-se aos seus beijos até que deixassem de considerá-los repugnantes. Só então é que dominariam suas paixões. Quando voltou a ver Raspútin, Kazakova contou-lhe o que tinha ouvido. De início ele negou a história, dizendo que aquilo era “ensinamento do Demônio”, mas depois acabou admitindo que era verdade. Não havia nisso nada que o envergonhasse, disse a Kazakova, pois ele tirava todos os pecados daquelas mulheres e os assumia para si.

Kazakova acreditou e ficou tão impressionada com suas palavras que,

em maio de 1904, viajou com as filhas Maria e Iekaterina a Pokróvskoie para ver como Raspútin vivia. Encontrou grande número de importantes mulheres da sociedade que o cercavam, atendiam a suas necessidades e o tratavam como um grande homem santo. Chegavam a cortar-lhe as unhas e costurá-las nas próprias roupas, como se fossem relíquias sagradas. Nos passeios pela aldeia, Raspútin abraçava e beijava as mulheres abertamente, dizendo, como já adiantara, que não havia vergonha naquilo porque “somos todos uma família”. ⁵

Kazakova e a filha Maria visitaram-no pelo menos mais uma vez, em junho de 1907. Depois de uma semana com Raspútin, no entanto, ela mudou de ideia e passou a vê-lo sob uma nova e desfavorável luz. Naquele mês, escreveu três cartas contra Raspútin para um sacerdote de Pokróvskoie, padre Fiódor Chemagin, afirmando que ele não era o que alegava ser. Diante da falta de reação, mandou a carta para o bispo Antônio no mês seguinte. Afirmou que sua atração inicial por Raspútin tinha sido fruto de “amor compassivo por uma alma perdida”. Mas Raspútin, observava ela, estava longe de ser santo, e ela fora seriamente enganada por ele. Suas cartas pretendiam ser um alerta, em especial para Khionia Berladskaja, que ainda precisava ver Raspútin à luz da verdade. Queria desesperadamente que sua experiência e a “dor” que lhe causara ajudassem a abrir os olhos das mulheres que ainda achavam que Raspútin fosse o homem santo que dizia ser. A seus olhos, Raspútin fora adotado por “pobres e sofredoras irmãs das classes altas, afogadas na devassidão da capital, que se atiraram como moscas no mel”. Uma nova geração de elites se curvava diante dos camponeses, e aquelas senhoras teriam escolhido Raspútin para ídolo. Como o próprio Raspútin lhe confessara, ele era “santo, mas não passara por uma provação”, e por isso, para Kazakova, representava um perigo real. ⁶

Nem todo mundo via alguma maldade nisso tudo. Um prisioneiro político em Tobolsk, de nome Zaitsev, conheceu Kazakova e disse a um jornalista nessa época que ele e Raspútin eram membros da mesma seita, cujo objetivo era apenas aperfeiçoamento moral, e que as relações entre os irmãos e irmãs da seita eram “inteiramente filiais”. ⁷

A opinião de Zaitsev, pelo visto, não era compartilhada por muita gente. Na verdade, naquele verão os torpes rumores sobre Raspútin em Pokróvskoie e arredores parecem ter aumentado. Em 16 de junho, uma

carta anônima foi postada no correio em Tiumen para a mulher de Raspútín, manifestando solidariedade por sua situação e dizendo-lhe que não se preocupasse, pois “eles” (supostamente a família de Raspútín) seriam confortados por “toda a aldeia”. Pelo menos uma seguidora de Raspútín saiu em sua defesa. Em 1o de junho, Olga Lokhtina escreveu uma carta para o bispo Antônio dizendo que tinha ouvido os boatos e defendendo o *stárets* como um verdadeiro homem de Deus e praticante de curas milagrosas. Disse que conhecia Raspútín havia dois anos e estivera quatro vezes em sua casa “para viver a vida que levavam e ouvir os ensinamentos dele”. Não tinha visto nada que a fizesse mudar de opinião sobre o homem. “Gr. Ief. nos ensina amor, simplicidade, e a ter uma consciência limpa e amar do fundo do coração, e assim a pessoa passa a viver não para si mesma e é capaz de dar a alma pelos amigos.” ⁸

Esses detalhes são cruciais para a reconstrução das origens da investigação sobre as ligações de Raspútín com os *khlisti*, que se estendeu de setembro de 1907 a maio de 1908, quando foi suspensa, ficando inativa por quatro anos e meio antes de ser reativada em setembro de 1912. As descobertas da investigação, ocupando 109 folhas com a marca de “secreto”, estão reunidas no “Arquivo do Consistório de Tobolsk sobre a acusação contra Grigóri Iefimovitch ‘Raspútín-Nóvi’, camponês da aldeia de Pokróvskoie no distrito de Tiumen, de propagar falsas doutrinas do tipo *khlist* e de formar uma sociedade de seguidores de sua falsa doutrina”. O arquivo tem um histórico complicado; de alguma forma saiu da Rússia depois da Revolução e foi posto à venda na casa de leilões Sotheby’s em Londres em 1994. Acabou voltando para a Rússia e foi depositado no Arquivo Estatal da Federação Russa em Moscou no começo de 2002, onde está guardado desde então, identificado como Coleção 1467, Inventário 1, Arquivo 479a. Poucos biógrafos de Raspútín tiveram oportunidade de examinar esse documento inestimável. ⁹

Uma das revelações do arquivo é que as razões da investigação podem ser indubitavelmente encontradas em fatos ocorridos na Sibéria, e não, como se costuma afirmar, em São Petersburgo. Um equívoco muito popular é o de que a investigação foi motivada por ninguém menos do

que a grã-duquesa Militsa, como castigo por ele ter se tornado independente demais dela. Furiosa com sua insolência, segundo a lenda, ela tentou destruí-lo. ¹⁰ Mas o arquivo mostra que nem Militsa nem qualquer outra pessoa da capital teve alguma coisa a ver com a investigação inicial. Na verdade, Raspútin continuou a manter calorosas relações com as Princesas Negras até bem depois de 1907. De acordo com informações coletadas sobre o *stárets* em Pokróvskoie em 1909, Militsa chegou mesmo a fazer uma visita “incógnita” à aldeia em 1907 e era uma das pessoas que na época lhe mandavam “grandes somas de dinheiro”. ¹¹ Parece irrefutável que a investigação nasceu de suspeitas e de sentimentos de inveja centrados na terra natal de Raspútin na Sibéria ocidental. ¹²

Foi inclusive o que o próprio Raspútin afirmou em sua *Vida de um peregrino experiente*, escrita naquele mesmo ano. Quando voltou para casa com dinheiro de Nicolau para construir uma igreja, escreveu ele, os padres invejosos começaram a espalhar sórdidas mentiras a seu respeito, dizendo que era herege e membro das “seitas mais baixas e vis”. Raspútin denunciou que até o bispo Antônio, de Tobolski, se juntara aos outros padres contra ele. ¹³ Numa reunião na aldeia em 9 de maio de 1907, Raspútin ofereceu 5 mil rublos que o tsar lhe dera; tudo que pedia aos moradores era que também contribuíssem com alguma quantia. A oferta não vingou, já que os anciãos da igreja responderam que nada havia de errado com a construção tal como estava e se recusaram a levantar fundos. Os moradores também não ficaram satisfeitos, alegando que precisavam mesmo era de uma nova escola. No fim, a nova igreja nunca foi construída, e Raspútin empregou o dinheiro em relíquias para a edificação já existente — grandes cruzes (uma de ouro, outra de prata) e lâmpadas de prata para o iconóstase. (A história da discórdia na aldeia em torno da proposta de Raspútin apareceu num jornal da região naquele mês de maio, a primeira vez que seu nome foi mencionado na imprensa.) ¹⁴ Ao que parece, Raspútin não desistiu. Numa carta de dezembro de 1908 para Nicolau e Alexandra, falava em construir uma igreja com o dinheiro que tinham dado. Ainda não está feita, informou, mas “em breve” o será, e há de ser um grande consolo para todos. ¹⁵ A igreja de Raspútin, porém, estava destinada a ser apenas um sonho.

Os moradores da aldeia, ou muitos deles, passaram a ver Raspútín com desconfiança. O que poderiam pensar de um camponês que não passava os dias no campo ou trabalhando num ofício qualquer, como eles faziam, e que, além disso, podia se dar ao luxo de ter uma bela casa? Onde arranjava dinheiro, de quem, e por quê? E o que fora feito de Raspútín, o humilde peregrino que viajava a pé, que mal se alimentava, e agora viajava de vapor e trem de ferro e gabava-se dos poderosos amigos que tinha em Petersburgo? Tudo aquilo era demais. Não estava certo. Alguns se voltaram contra Raspútín.

Em resposta à carta de Antônio de 1o de setembro, o padre Nikodim Glukhovtsev chegou a Pokróvskoie cinco dias depois para tomar depoimentos dos moradores a respeito de Raspútín.

Primeiro foi ter com o padre Piotr Ostroumov. Este falou bem de Raspútín, de sua família, do jeito como viviam. Conhecia Raspútín desde que chegara à aldeia, em 1897, e sempre o vira levar uma respeitável vida cristã, observando todos os ritos e rituais e dias santos. O mesmo se aplicava à família — a mulher, os três filhos pequenos, o pai e as mulheres que moravam com eles. Disse que poderiam ser chamados de “exemplares”, pois seguiam estritamente os jejuns e frequentavam a igreja com regularidade. Raspútín trabalhava como agricultor de recursos medianos; fazia pessoalmente todo o trabalho, mas, depois que passou a ausentar-se com mais frequência nos últimos dois anos, a família assumira mais e mais o trabalho. A respeito das viagens à capital, Ostroumov disse que Raspútín lhe mostrara fotografias tiradas com Feofan e Serguei, do Seminário Teológico de Petersburgo, e com outras altas autoridades da Igreja.

Mesmo assim, ouvira os moradores comentarem que Raspútín era um “homem indigno”, alguém que tinha “mudado sua fé ortodoxa”. Mencionou que suspeitavam de suas viagens, de sua riqueza súbita, das mulheres que moravam na casa e de como se comportava com elas. Alguns falavam até do trágico fim de uma moça camponesa da aldeia de Dubrovkaia. Dizia-se que ele a tinha levado numa de suas peregrinações, obrigando-a a andar quilômetros descalça na neve; ela teria adoecido e morrido de tuberculose. ¹⁶ Ostroumov, é importante lembrar, tinha sido adversário de Raspútín quando a reputação de santo

peregrino começara a se alastrar.

O sacristão Piotr Bikov também tinha boas coisas a dizer para Glukhovtsev, notando que, durante seus seis anos como morador de Pokróvskoie, Raspútín foi um frequentador regular e devoto da igreja, com uma bela voz de cantor. Ao fim de cada função religiosa, beijava os ícones. No entanto, tinha um jeito estranho de rezar: “agitando muito os braços e fazendo caretas”.

Em seguida, Glukhovtsev entrevistou Ievdokia Karneieva, mulher de 28 anos que ajudava na igreja de Pokróvskoie. Ela contou uma história diferente. Seis anos antes, tinha passado uma noite na casa de Raspútín quando passava pela aldeia em viagem de peregrinação. Disse que Raspútín tentou beijá-la e, quando ela o mandou parar, dizendo que era errado, ele respondeu que não era pecado, pois entre eles o “beijo espiritual” era prática comum. Mais tarde, quando lhe mostrava sua capela na estrebaria, Raspútín correu para Ievdokia e beijou-a no rosto. Ele contou a ela que certa vez, quando mantinha relações sexuais com sua mulher, a Santíssima Trindade apareceu diante dele “dentro da luz”.

[17](#)

As informações obtidas por Glukhovtsev naquele dia foram contraditórias e inconclusivas. Por isso, dois meses depois, voltou para conversar com alguém mais familiarizado com Raspútín. O padre Fiódor Chemagin conhecera Raspútín em 1905 e estivera muitas vezes na casa dele para participar de reuniões dedicadas a leituras espirituais, preces e cantos. No primeiro encontro, Raspútín lhe contou de suas viagens e das importantes figuras da Igreja que tinha conhecido, como Feofan, ou “Feofanuchka”, como Raspútín o chamava, e mostrou uma fotografia em que aparecia com Gavriil do Mosteiro dos Sete Lagos. Disse a Chemagin que tinha ido a Petersburgo em 1905 para conhecer a corte imperial e voltou de lá com Olga Lokhtina e a mulher do padre Medved. Nessa época, Chemagin tinha aparecido casualmente uma noite na casa de Raspútín no momento em que este voltava dos banhos todo molhado. Poucos minutos depois, as mulheres que moravam com Raspútín chegaram, também encharcadas e emanando vapor. Foi então que Raspútín confessou a Chemagin que “tinha um fraco por acariciar e beijar jovens ‘senhoras’ e também admitiu que estivera com elas nos banhos”. Entre as mulheres que visitavam Raspútín, Chemagin citou

Khionia Berladskaia e Zinaida Manshtedt. Raspútin gostava de acariciá-las, segurar-lhes as mãos e chamá-las pelos apelidos carinhosos de “Khonia” e “Zinochka”. Apesar disso, o padre foi obrigado a concluir que Raspútin e todos os moradores da casa eram cristãos exemplares — frequentavam regularmente os serviços, rezavam com devoção e davam dinheiro à Igreja. ¹⁸ Este último detalhe é confirmado pelo que um camponês de Pokróvskoie contou a Serguei Markov em sua passagem pela aldeia no começo de 1918. “Um homem de Deus”, declarou a respeito de Raspútin, então já falecido, “uma pessoa bondosa”, sempre pronta a ajudar os moradores da aldeia, dos quais praticamente todos tinham recebido dinheiro de presente em algum momento da vida. ¹⁹

Em 1o de janeiro de 1908, Glukhovtsev redigiu um resumo preliminar no qual manifestava dúvidas sobre Raspútin, em especial seu comportamento com as mulheres. Havia razão para suspeitar de que se aproveitava de algumas mulheres devido à sua reputação de homem de Deus e fazedor de milagres. As reuniões em sua casa lembravam as de sectários, e sua aparência pessoal também era estranha e sugestiva de alguém próximo aos *khlisti*. Por fim, a rápida e recente acumulação de riqueza e o número cada vez maior de seguidores, vindos de lugares tão distantes como São Petersburgo, davam testemunho de seu considerável sucesso como alguém que se apresentava como homem santo. Diante disso, Glukhovtsev decidiu ir mais fundo, inspecionando a casa de Raspútin e fazendo entrevistas com ele e pessoas da casa, incluindo os hóspedes que vinham de outras cidades, que foram instruídos a permanecer em Pokróvskoie até que essa fase da investigação estivesse concluída. ²⁰

No dia seguinte, Glukhovtsev, com o padre Piotr Ostroumov, o policial da aldeia, o ancião da aldeia e três camponeses que serviam de testemunha chegaram à casa de Raspútin. Glukhovtsev deu o resumo para Raspútin, que o leu e em seguida assinou “GRIGÓRI”. Foi informado de que estavam ali para inspecionar sua casa e tomar depoimentos de todo mundo. Foi um momento terrível para Raspútin. Segundo Berladskaia, “Grigóri ficou assustadíssimo, seu rosto estava medonho [...]. Tinha medo de ser mandado para a prisão”. ²¹ Os homens primeiro examinaram as paredes cobertas de ícones, imagens

religiosas e fotografias de Raspútin com importantes figuras da Igreja e da sociedade; investigaram prateleiras e armários. Não encontraram nada que fosse sequer remotamente suspeito. Então, durante dois dias, fizeram perguntas a todos, a começar por Raspútin.

Ele disse que tinha 42 anos (na verdade, ia fazer 39 em uma semana), era casado e ortodoxo praticante. Passara a fazer peregrinações quinze anos antes, de início só na Sibéria, e mais recentemente apenas a mosteiros em Petersburgo e Kíev. Também hospedava peregrinos de passagem por Pokróvskoie. Duas jovens da comunidade camponesa de Kumarskaia moravam com eles, Iekaterina e Ievdokia Pecherskina, ajudando nos serviços da casa em troca de comida e roupa. Ievdokia era tia de Dmítri Pecherkin, amigo de Raspútin; Iekaterina, irmã. Raspútin preferia não contratar ajudantes do sexo masculino, pois se ausentava com frequência e os parentes não se sentiam seguros com outros homens na casa. Recebia visitas frequentes dos seus “irmãos em Cristo” Ilia Arapov, Nikolai Raspútin e Nikolai Raspopov, e juntos cantavam canções e hinos religiosos, liam a Bíblia e a interpretavam da melhor forma que podiam. Nos últimos tempos, contou Raspútin, passava a maior parte do tempo longe de casa, em vários mosteiros visitando conhecidos para conversar sobre as mais diferentes questões espirituais. As viagens eram normalmente por insistência deles, e as pessoas sempre o convidavam. Sim, admitia que costumava ter visitantes, em geral amigos seus, como as mulheres que moravam com ele e que tinham vindo para vê-lo, e a sua família, e “aprender comigo sobre o amor de Deus”. As mulheres que conhecia bem ele beijava no rosto ao recebê-las e despedir-se delas, “por verdadeiro amor”; as que não conhecia, jamais beijava. Disse não se lembrar de ter afirmado que viu o Espírito Santo, mas reconhecia: “Sou um pecador, cometo erros, mas quando uma pessoa justa me impede, eu mudo de comportamento”. Por fim, Raspútin disse a Glukhovtsev que tinha parado de comer carne quinze anos antes, e cinco anos depois disso deixara de fumar e beber, uma vez que, reconhecia, “eu era um bêbado insuportável”. [22](#)

O pai de Raspútin disse não saber por que seu filho estava sempre ausente, apenas que tinha alguma coisa a ver com “rezar a Deus”, e a esposa, Praskóvia, acrescentou que cada vez mais as viagens do marido aconteciam porque ele era convocado por “altas personalidades”, e não

por mera vontade sua. Ela também tinha viajado pela Rússia — uma vez em 1906 para receber tratamento médico e uma segunda vez em novembro de 1907 para ver o marido em Petersburgo, onde foram hospedados por Olga Lokhtina. Quanto às Pecherkin, eram tratadas como filhas, com amor e afeto. As únicas reuniões que faziam eram com seus três “parentes” homens, que vinham cantar, ler a Bíblia e ter “conversas espiritualmente edificantes”.

As hóspedes de Raspútin — Olga Lokhtina, Khionia Berladskaia, as irmãs Sokolova (Iekaterina e Elena) e Akilina Laptinskaia — também foram interrogadas. Lokhtina sustentou o que dissera na carta de 1o de junho de 1907. As irmãs Sokolova, ambas na casa dos vinte anos, tinham conhecido Raspútin no ano anterior, por recomendação de Feofan. De início ficaram encantadas com “suas respostas, sua simplicidade e seu amor total por todo mundo”. Elas também aprenderam a viver como Raspútin. Quanto a Berladskaia, sim, disse ela, Raspútin as beijava, mas ressaltando que “não acho estranho, pois é natural nele e foi adotado por outros santos padres”. Na verdade, elas às vezes chamavam Raspútin, em tom de brincadeira, de “nosso pai”. Laptinskaia concordou com tudo o que as outras mulheres tinham dito aos homens, acrescentando que não via nada de estranho no seu hábito de beijar mulheres conhecidas, pois aquilo era feito num espírito de puro e fraterno amor cristão. E comentou: as pessoas educadas da cidade não fazem o mesmo, trocando beijos e abraços quando se encontram e se despedem de amigos e parentes?

Tudo isso parecia convincente, mas havia ainda o testemunho anterior de Ievdokia Karneieva, por isso em 4 de janeiro Glukhovtsev teve mais um encontro com ela para ouvir a história uma segunda vez. Ela contou que seis anos antes tinha ficado um dia com Raspútin durante uma peregrinação a Kíev. Era um tempo de muito trabalho, e Raspútin passava a maior parte do dia no campo, mas de vez em quando ia até a casa ver como estavam as coisas e tentava convencê-la a beijá-lo. Ela resistia, insistindo que não era certo, mas ele dizia que “entre nós, peregrinos espirituais, buscando nos salvar, há um tipo de beijo espiritual, do jeito que o apóstolo Paulo tinha beijado santa Tecla”. Karneieva reiterou que, quando saíam da capela sob a estrebaria, ele a agarrou e beijou no rosto. Foi então que Raspútin lhe falou da aparição

do Espírito Santo. Ainda naquele dia, Glukhovtsev juntou Karneieva e Raspútín no que os russos chamavam de *ochnaia stavka*, espécie de acareação, para tentar esclarecer de vez a história. Sentada diante de Raspútín, Karneieva repetiu tudo que tinha dito a Glukhovtsev. A cada declaração dela, Raspútín dizia pouco mais do que “foi há muito tempo, não me lembro de nada”, “não me lembro de nada que aconteceu há tanto tempo” ou simplesmente “não me lembro”.

Depois Glukhovtsev falou mais uma vez com Ostroumov e Chemagin. Ostroumov manteve o depoimento anterior, sem nada acrescentar; Chemagin, porém, acrescentou que em conversas privadas Raspútín tinha admitido que cometera “vários erros” — ou seja, que beijara diferentes mulheres e que às vezes na igreja ficava “distraído”. Todos esses depoimentos foram apresentados a Raspútín, que rejeitou como “meras calúnias” as acusações de que era *khlist* ou frequentava os banhos com várias mulheres. [23](#)

Glukhovtsev completou o relatório em 10 de janeiro de 1908 e o despachou para o Consistório de Tobolsk. De lá, o documento e os vários depoimentos foram encaminhados para a análise de Dmítri Berezkin, inspetor da Academia Teológica de Tobolsk, antes de ser submetido ao bispo Antônio. Em seu parecer de 28 de março, Berezkin concluiu que ainda havia muitas perguntas sem resposta para justificar uma investigação formal de Raspútín. Apesar de não haver dúvida de que Raspútín e seus seguidores formavam uma “sociedade” especial com estrutura moral-religiosa própria, “distinta da ortodoxia”, não se poderia afirmar com certeza que eram *khlisti*. Sim, a aparência e os maneirismos de Raspútín correspondiam ao típico modelo *khlist*, mas a investigação, a seu ver, não tinha ido longe o bastante, nem apresentara a prova necessária para afirmar de forma taxativa de que se tratava. O que eram, exatamente, os hinos e cânticos que eles entoavam? Que textos religiosos liam? Que interpretações lhes dava Raspútín? E não poderia haver espaço ritual secreto numa das dependências da propriedade de Raspútín? Em seu parecer, justificava-se uma nova investigação preliminar, mas dessa vez conduzida por alguém que fosse especialista em seitas, o que, ressaltou, Glukhovtsev não era.

O consistório analisou o parecer de Berezkin e concordou com ele. Num veredicto pronunciado naquele mês de maio, endossou a ideia de

uma nova investigação e pediu a Berezkin que a chefiasse. Um tal Smirnov, principal autor da decisão, notou que a atenção de tantas mulheres tinha provocado uma mudança nociva em Raspútin: “Essa deferência, esse respeito e até mesmo essa veneração tinham primeiro feito nascer, depois fortalecido, a presunção do orgulho satânico, levando-o a incorrer na ‘ilusão demoníaca’”. Não é de surpreender que, especialmente a partir de 1905, Grigóri Nóvi adotasse o papel de mentor excepcional, de líder espiritual, conselheiro e consolador”. De outro lado, era preciso admitir que ele levava a vida de um bom e verdadeiro cristão ortodoxo, indo aos serviços religiosos, rezando, jejuando e fazendo doações à Igreja. Nada disso era coerente. Muita coisa sobre Raspútin não fazia sentido. Não se podia saber com clareza quem ele era. ²⁴ No veredicto de maio chegou-se à conclusão de que a investigação tinha sido muito formal, concentrando-se demais em sinais exteriores, físicos. Outra investigação, mais profunda e exaustiva, era necessária. ²⁵

Mas, por uma razão desconhecida, o veredicto de maio do consistório foi ignorado, e nada mais se fez a respeito de Raspútin. A investigação sobre suas ligações com os *khlisti* estacionou, e ficaria adormecida até o segundo semestre de 1912. O arquivo secreto sobre a investigação do caso nada diz sobre o que encerrou o assunto em 1908 e nunca se encontrou outra fonte que pudesse oferecer uma resposta. ²⁶ Já se sugeriu que Lokhtina correu a Petersburgo naquela primavera para informar ao trono, e isso pôs fim à investigação. É possível, mas só em tese. Sugere-se também que Feofan, possivelmente com outros altos sacerdotes na capital, convenceu o tsar a suspendê-la. Mikhail Rodzianko, futuro presidente da Duma e implacável inimigo de Raspútin, alegou que o tsar deu cabo do assunto oferecendo duas opções ao bispo Antônio: parar a investigação, pelo que seria promovido à sé de Tver, ou retirar-se compulsoriamente para um mosteiro. Embora Antônio tenha sido promovido para Tver no fim de janeiro de 1910, quando o arcebispo Alexei (Alexei Opotski) se aposentou, não existe prova documental que confirme a versão de Rodzianko, elaborada, diga-se de passagem, *depois* do fato, e por isso provavelmente uma tentativa posterior de estabelecer causas. ²⁷ O que parece indubitável é que, apesar de iniciada na Sibéria, a investigação foi

interrompida em São Petersburgo. Os documentos mostram que as autoridades da Sibéria estavam preparadas para continuar a revolver a vida de Raspútin, e só forças mais poderosas da capital — ou do palácio — poderiam ter dado um basta.

Apesar de suspensão, a notícia da investigação vazou. O jornal *Solo Virgem Siberiano*, por exemplo, publicou uma pequena reportagem em janeiro de 1910 informando que a casa de Raspútin tinha sido inspecionada em virtude da suspeita de que pertencia aos *khlisti*, mas acrescentando que nada comprometedor fora descoberto. E o padre Piotr Ostroumov conversou sobre a investigação com Aleksandr Senin, exilado político na Sibéria, e escreveu a respeito para as páginas do *Alvorada do Sul* em junho de 1910. [28](#) Histórias desse tipo alimentavam a curiosidade pública.

“Raspútin, que já foi camponês de fazenda”, comentou o *Solo Virgem*, “é agora um personagem misterioso, até para os moradores de Pokróvskoie, com quem foi criado. [...] O segredo sobre como o ‘simplório’ Grichka foi transformado no ‘padre’ Grigóri continua um mistério e alimenta os boatos mais absurdos sobre a vida do ‘homem santo’.”

16. O primeiro teste

A investigação não provocou nenhum dano visível a Raspútin, que continuou sua ascensão em Petersburgo e na corte. Do pouco que se sabe, parece que durante os primeiros anos em Petersburgo Raspútin comportou-se com modéstia. Daqueles dias, o coronel Dmítri Loman, admirador de Raspútin que servia no escritório do comandante do palácio, recordava o seguinte:

Naquela época Raspútin se comportava irrepreensivelmente, não se permitindo ficar bêbado ou fazer confusão. Raspútin me causou ótima impressão. Como um médico que faz o diagnóstico de uma doença física, Raspútin era recebido por pessoas espiritualmente enfermas e logo adivinhava o que estavam procurando e o que as perturbava. Seu jeito simples com as pessoas e sua ternura para com os outros acalmavam-nas. ¹

Apesar disso, por causa da investigação no ano anterior, Alexandra decidira resolver o assunto à sua maneira e mandou Feofan a Pokróvskoie com Raspútin, no início de 1908, para que observasse como ele vivia lá e depois lhe fizesse um relato. Antes de Raspútin sair, Alexandra lhe deu de presente uma camisa que ela própria tinha costurado. Ele escreveu agradecendo: “Uma camisa — uma vestimenta — a alegria da vida eterna, seu costurar é uma moeda de ouro. Não tenho como expressar minha gratidão por esse favor”.

A viagem parece ter sido bem-sucedida, apesar de a camisa ter causado problemas para Raspútin. Ele a mostrou aos moradores da aldeia, mas poucos acreditavam que a imperatriz a tivesse costurado para ele, e os que acreditavam sentiam inveja, como Raspútin comentou numa carta de 8 de março:

Olá, Mamãe e Papai, meus queridos! [...]. Eles não conseguiram tolerar a camisa, porque isto é uma frase grande demais para eles e um objeto inesperado, como nunca houve igual desde o princípio dos tempos até agora, porque, na verdade, apesar de todas as expectativas, esta

camisa tem uma importância enorme, como um grande e extraordinário peso. Aqui ela engrandece a sua obra, lá é um pedaço de ouro; e com o Segundo Advento futuro, o mais precioso pedaço de ouro e escudo para os meus pecados. Todos compreenderam isso, e como nunca fizeram nada parecido para um amigo íntimo, ficaram furiosos. ²

Ao passar por Níjni Nóvgorod na volta, Feofan supostamente resolveu interromper a viagem e ir ao sul visitar o Convento de Diveievo, perto de Sarov. Raspútin preferiu não o acompanhar e seguiu direto para Petersburgo. Mais tarde surgiu uma versão segundo a qual Raspútin não fez a viagem porque o bispo da região o advertira a não voltar. E quando Feofan foi ver a madre superiora, ela teria atirado um garfo no chão, cuspidando: “É assim que você deve se livrar de Raspútin”. Essas histórias, que costumam aparecer em biografias de Raspútin, são muito provavelmente apócrifas, uma vez que, quando voltou para casa, Feofan fez a Alexandra um relato favorável do que tinha visto e ouvido durante a viagem. ³

Em 12 de março, Raspútin e Feofan viram Nicolau e Alexandra na modesta casa de Anna Vírubova, que ficava no no 2 da rua da Igreja, perto do Palácio de Alexandre em Tsárskoie Seló. “Foi tão agradável!”, registrou Nicolau em seu diário, referindo-se ao encontro. ⁴ O ponto de exclamação é revelador. Nicolau quase nunca usava pontos de exclamação em seus escritos, portanto esse oferece uma pista sólida sobre a profundidade do sentimento que desenvolvera por Raspútin, que também deve ter ficado satisfeito com a recepção, pois poucos dias antes tinha escrito para Nicolau e Alexandra manifestando arrependimento por algumas palavras infelizes e pedindo perdão — “não fui compreendido como merecia, não me julguem por meus pecados, mas pela misericórdia de Deus — conversem um com o outro e consolem-se”. Junto com a carta, mandou um ícone que tinha pintado para eles, mostrando Cristo abençoando Nicolau, Alexandra e Alexei, com as palavras: “O próprio Cristo os salva e protege”. Tinha sido inspirado por um acidente em setembro quando o *Standart*, o iate imperial, encalhou e a família teve de abandonar o navio. Raspútin escreveu que o ícone deveria servir como lembrete da proteção de Deus. “Vossa fé jamais acabará. E isto será um lembrete de que Ele está sempre convosco, guardando, protegendo e preservando.” Instruiu o tsar a dar o ícone a Alexei no futuro, para que o guardasse “como uma

lembrança”. Raspútin concluiu: “Jesus Cristo, Filho de Deus, tenha piedade de mim, pecador, salve-me”. [5](#)

Nicolau e Alexandra voltaram a ver Raspútin em 10 e 23 de maio, as duas vezes na casa de Vírubova, quando se sentaram no começo da noite e conversaram longamente com ele. [6](#)

Foi nessa época que o príncipe Nikolai Jevakhov, místico obcecado por visões do apocalipse e peregrino habitual dos mosteiros da Rússia, conheceu Raspútin certa noite na casa de Aleksandr Pistol Kors, cunhado de Anna Vírubova.

O que me pareceu estranho não foi Raspútin, que se comportou tão bem que tive pena dele, mas o jeito como as pessoas ali reunidas se comportavam em relação a ele. Algumas viam até mesmo nas palavras mais insignificantes por ele proferidas uma profecia ou um sentido oculto; outras, tomadas de tremor reverencial, timidamente aproximavam-se dele, curvando-se diante de sua mão... Como um coelho perseguido, Raspútin olhava em torno, aparentemente constrangido, mas ao mesmo tempo temeroso de destruir o encanto do seu caráter, que ele não sabia direito de onde vinha, com uma palavra, um gesto ou um movimento. Se havia pessoas ali presentes aquela noite que estavam simplesmente fingindo, não sei dizer... Talvez houvesse... Mas a maioria acreditava, sincera e verdadeiramente, na santidade de Raspútin, e dessa maioria constava uma seleta representação da camada mais alta da sociedade da capital, pessoas do mais puro e elevado sentimento religioso, culpadas apenas de uma coisa: nenhuma delas tinha a mais vaga ideia da verdadeira natureza de um “*stárets*” e do seu mundo.

Pistol Kors convidou o príncipe para se juntar a eles da próxima vez na casa do barão Nikolai Rausch von Traubenberg, funcionário do Ministério das Finanças, na ilha de Vassiléviski, onde Raspútin ia discursar. Naquela época, os sermões de Raspútin, se é que se pode chamá-los assim, causavam furor. Ele não falava muito, limitando-se a proferir aforismos e algumas palavras abruptas, desconexas, sempre vagas e misteriosas. A sala de visitas estava apinhada de aristocratas e também do que Jevakhov definia como “alguns tipos suspeitos”, todos de olhar fixo em Raspútin, disputando a sua atenção. Um deles falava alto, para ninguém em particular, contando que tinha sido curado por Raspútin. Ao ouvir isso, Raspútin o interrompeu em tom severo. Num canto afastado estava uma mulher estranha, de olhos arregalados para Raspútin, claramente em êxtase e lutando para se controlar. Pistol Kors sussurrou ao ouvido do príncipe que aquela era Olga Lokhtina, que abandonara o marido e a família para ficar com Raspútin. Jevakhov não

conseguia acreditar no que via. Achou que tivesse ido parar num hospício.

Raspútín estava sentado a uma mesa quebrando nozes com as mãos ruidosamente. Ao ver Pistolkors e Jevakhov, afastou com violência as jovens à sua frente e lhes pediu que se sentassem com ele. Perguntou por que estavam ali — para o verem ou para aprender a se salvarem no mundo. “É um santo, um santo!”, gritou Lokhtina. “Cale a boca, sua tola”, cortou Raspútín. Em seguida, Raspútín lhes disse que poucos conseguiam deixar o mundo para trás e entrar num mosteiro. A maioria era obrigada a permanecer no mundo. Mas como poderiam salvar-se, cercados por tantas tentações? Não bastava levar uma vida que agradasse a Deus, como instruía a Igreja, pois o que isso queria dizer, exatamente? O que significava isso, em termos concretos? Como encontrar Deus? Enquanto falava, todos os demais ficaram calados, inclinando-se para ouvir suas palavras.

Depois da igreja, tendo orado a Deus, disse ele, vá num domingo para fora dos limites da cidade, a um campo aberto. Ande e ande até não avistar mais a feia fuligem das chaminés da cidade e somente encontre diante de si o horizonte azul a acenar para você. Pare e pense em si mesmo. Verá que é pequeno e insignificante, perdido, e a capital aparecerá na sua frente como um formigueiro, seus habitantes um zumbido de insetos apressados. O que será então, perguntou Raspútín, do seu orgulho, da sua vaidade, do seu poder e da sua posição? Você há de olhar para Deus no céu e ver pela primeira vez que Ele é tudo de que sua alma precisa. Sentirá isso em seu âmago e conhecerá a ternura. É o primeiro passo para chegar a Deus.

Traga esse sentimento de volta para a cidade e proteja-o com sua vida, prosseguiu ele. Tudo que faça e diga, que seja por intermédio de Deus, a quem permitiu que adentrasse em você, e assim suas ações e palavras neste mundo serão convertidas para as do próximo mundo, e você será salvo, pois sua vida já não será dedicada à glorificação de suas paixões, mas ao serviço de Deus. Lembre-se — disse-lhes — de que Cristo ensinou que o reino de Deus está dentro de você. Encontre Deus e viva dentro Dele e com Ele.

Dito isso, Raspútín parou. Jevakhov ficou comovido. Raspútín não tinha dito nada de novo, nada que não tivesse sido dito muitas vezes

antes, mas o seu jeito de falar, a simplicidade, os termos concretos com que se expressava, sem nenhuma teologia ou citação estéril, era raro e muito poderoso. Era o dom de recorrer à própria experiência vivida, quando popularizava as verdades da Bíblia, que Jevakhov considerava seu segredo, a razão de sua influência. Passou a ser fácil compreender por que mulheres como Lokhtina, com tendência ao “êxtase religioso”, o consideravam santo. ⁷ Jevakhov viria a ser, pessoalmente, um devoto seguidor de Raspútin, pelo que seria recompensado em setembro de 1916, quando foi designado vice-procurador-chefe do Santo Sínodo, tendo servido até então como funcionário subalterno.

Outro homem atraído por Raspútin nessa época foi o arcebispo Germogen. “Esse homem é um escravo de Deus”, disse ele a Jevakhov, “você cometeu um pecado se chegou a pensar em condená-lo.” Germogen, nascido Gueórgui Dolganov em 1858, também tinha acabado de conhecer Raspútin. Depois se tornaria um dos seus mais leais partidários e, posteriormente, um dos maiores inimigos. Como Feofan e Iliodor, seu protegido, Germogen se formou no Seminário Teológico de Petersburgo, e como Iliodor era extremista em suas crenças religiosas. Antes de ser ordenado monge em dezembro de 1890, castrou-se com as próprias mãos numa tentativa de alcançar a perfeição moral pela maceração da carne. Isso deu origem a rumores de que Germogen era na verdade membro da *skoptsi*, a seita de castradores. ⁸ No começo dos anos 1890, serviu como inspetor do Seminário de Tiflis na Geórgia. Um dos jovens seminaristas era Ióssif Vissariónovitch Djugachvili, que ficaria mais conhecido como Stálin. Germogen flagrou o pequeno Ióssif com um exemplar do romance *Noventa e três*, de Victor Hugo, proibido pelos monges por apresentar os revolucionários franceses sob uma luz favorável, e mandou trancá-lo na cela dos castigos. Em março de 1903, assumiu a sé de Sarátov e Tsarítsin, cargo que exerceria até seu fatídico confronto com Raspútin no começo de 1912. Antissemita e nacionalista, Germogen era partidário ruidoso do movimento de extrema direita Centúrias Negras, pregando a xenofobia e a lealdade cega à autocracia russa. Nos primeiros anos do século, foi uma das figuras mais influentes e poderosas da Igreja ortodoxa russa. ⁹

Para membros moderados do clero, Germogen era uma figura cheia de defeitos. Apesar de grande asceta, era desequilibrado e com

tendência a violentos acessos de raiva. Muitos consideravam que a adoção da política de direita destruíra sua fé cristã; ele odiava a intelligentsia e achava que todo revolucionário deveria ser enforcado. O arcebispo Antônio (Pável Khrapovítski) certa vez escreveu para um amigo: “Germogen é um idiota iludido, extremamente limitado e não muito normal: castrou-se quando era estudante na Universidade de Novorossiiski e, ao fazer isso, perdeu a serenidade”. [10](#)

Germogen conheceu Raspútín em 1908 por intermédio de Feofan, homem por cujo julgamento tinha grande respeito, e por um tempo não se decepcionou. Raspútín, segundo Germogen, detinha a genuína “faísca divina”, além de muitos outros talentos, e em várias ocasiões encontrara a resposta para o próprio sofrimento espiritual. “Ele me conquistou”, disse Germogen, assim como “tinha conquistado outras pessoas.” Mas Raspútín mudou, e Germogen declarou que então enxergou quem ele de fato era. “Eu também estava errado, mas, graças a Deus, com o tempo o entendi.” [11](#)

Se alguns, como o príncipe Jevakhov e o arcebispo Germogen, acrescentaram os nomes à lista de seguidores de Raspútín em 1908, havia rumores em círculos de Petersburgo sobre aspectos problemáticos da história do siberiano. Alguns desses rumores chegaram aos ouvidos do próprio Jevakhov.

A princesa Elizaveta Naríchkina (“Zizi”) era a mais experiente dama de companhia da corte russa. Nascida em 1840, tinha servido na comitiva da imperatriz Maria Fiódorovna e então, em 1909, Alexandra a promoveu a “camareira-mor”, o cargo mais importante da comitiva de 240 damas da imperatriz, responsável pela supervisão da vida oficial da corte. Naríchkina, segundo observou um contemporâneo seu, tinha “olhos sagazes” que viam “tudo”. [12](#) E ela não gostou do que viu. Disse a Jevakhov que Raspútín estava visitando com frequência o palácio para ver Alexandra, mas sempre era admitido por uma porta dos fundos, de modo que seu nome não aparecia na agenda oficial de visitantes. Jevakhov ficou perplexo com o fato de ela dizer uma coisa dessas a alguém que encontrava pela primeira vez. Advertiu-a severamente sobre o perigo daquele tipo de conversa: “Acredite, Elizaveta Alexéievna, que essa conversa sobre Raspútín é mais perigosa do que o

próprio Raspútin. Esta é a esfera privada de suas majestades, e não temos o direito de nos meter. Se as pessoas falarem menos de Raspútin, haverá menos munição para essas lendas que se espalham especificamente para comprometer o prestígio da dinastia”. ¹³

O dr. Ievguêni Botkin, médico da corte, tinha a mesma preocupação de Jevakhov. Simplesmente não tolerava boatos sobre suas majestades em sua casa e ficava muito perturbado quando os ouvia na casa de outrem. Horrorizado com essas conversas, disse à sua família: “Não entendo como pessoas que se consideram monarquistas, e dizem ter adoração por sua majestade, podem acreditar com tanta facilidade em todos os boatos que circulam por aí e ajudam a espalhá-los mais ainda, lançando calúnias contra a imperatriz, sem se dar conta de que ao ofendê-la estão ofendendo Seu Augusto Esposo, a quem dizem venerar”. ¹⁴

Um desses casais monarquistas era o general Ievguêni Bogdanovitch e sua mulher, Alexandra. Ievguêni era membro do Conselho de Ministros, curador da Catedral de Santo Isaac e editor de uma série de publicações ortodoxo-monarquistas. Sua reputação era tão grande na Igreja que o padre Ioann de Kronstadt o chamava de “semeador da boa palavra”. Vladímir Djunkóvski, ex-ajudante do grão-duque Serguei Alexándrovitch e governador de Moscou de 1908 a 1913, descreveu Alexandra como uma “mulher santa, capaz de aquecer com seu encanto russo o coração tanto dos bem-nascidos como dos homens mais comuns”. Ievguêni e Alexandra eram nacionalistas ferrenhos e proeminentes partidários da União do Povo Russo, de extrema direita.

Por três décadas mantiveram um dos mais influentes salões da capital, que a partir de 1908 se reunia em sua casa no no 9 da praça de Santo Isaac. Os Bogdanovitch ofereciam cafés da manhã de acesso franqueado, nos quais as últimas fofocas eram trocadas; todo assunto imaginável estava aberto à discussão. Um círculo mais seleta era convidado a ficar para o jantar. Entre os frequentadores do salão estavam o conde (mais tarde barão) Vladímir Fredericks, ministro da corte imperial desde 1897; o príncipe Vladímir Meschérski; Liev Tikhomirov; Vladímir Purichkévitch, um dos fundadores da União do Povo Russo e conspirador no assassinato de Raspútin; e Boris Stürmer, futuro primeiro-ministro. A casa dos Bogdanovitch, que Ievguêni descreveu

numa carta ao tsar em 1910 como “ponto de reunião de tudo que há de patriótico em nossa Pátria”, viria a ser um dos principais viveiros de mexericos — e calúnias — sobre Raspútin. Os Bogdanovitch tinham acesso aos mais íntimos detalhes da vida na corte, de variadas fontes, incluindo Iulia, a irmã de Alexandra Bogdanovitch, que era dama de companhia; Vladímir Dediulin, comandante do palácio de 1906 a 1913; e Nikolai Radtsig, *valet de chambre* do tsar por mais de trinta anos, de 1877 até morrer em 1913. “Meu velho e leal amigo”, era como Nicolau gostava de chamá-lo. ¹⁵ Mal sabia ele.

Em 8 de novembro de 1908, Radtsig levou uma notícia perturbadora para o salão. Pouco tempo antes ele fizera amizade com Feodósia Voino, criada de Vírubova, e uma vez, quando se referiu à patroa dela como mulher bondosa e séria, a criada riu e disse que tinha visto umas fotos que o fariam mudar de ideia. Voino disse que Vírubova começara a andar com um estranho camponês, e bateu uma foto dos dois juntos. Radtsig não acreditou no que viu. Disse aos presentes que o homem tinha olhos bestiais e uma aparência hedionda. Vírubova tomava a precaução de guardar bem essa foto, dentro de sua Bíblia. Pelo que se dizia, Vírubova chegara inclusive a costurar uma camisa de seda para o homem. A pior parte da história de Radtsig era que a imperatriz estava na casa de Vírubova durante as visitas do camponês, muito embora, assegurou Radtsig (erroneamente), ele ainda não tivesse tido permissão para entrar no palácio. ¹⁶ A conversa não terminava ali. Antes do fim do ano, Madame Bogdanovitch começou a ouvir boatos, espalhados pela mesma criada, de que Vírubova e a imperatriz tinham se tornado amantes. ¹⁷ Por mais incrível que pareça, os Bogdanovitch e seus convidados consideravam a possibilidade de que as histórias fossem verdadeiras.

Radtsig continuaria a abastecer o salão dos Bogdanovitch com fofocas obscenas durante anos. Em dezembro de 1910, contou que todo mundo no palácio desprezava Vírubova, mas, como ela estava sempre com a imperatriz, ninguém ousava confrontá-la. Todas as manhãs, às 11h30, o imperador ia para o seu escritório, e a imperatriz e Vírubova retiravam-se para o quarto. “Que cena mais patética e vergonhosa!”, escreveu Alexandra Bogdanovitch em seu diário, acreditando claramente em algum tipo de ligação sexual entre as duas mulheres. Quanto à conversa

sobre a saúde da imperatriz, Radtsig dizia que ela não estava tão doente assim, e que tudo não passava de encenação. A única doença da tsarina era de natureza “psiquiátrica”. Vivía deitada, como uma moribunda, e de repente pulava da cama como se não houvesse nada de errado, e em seguida, com a mesma rapidez, desabava como quem recebe um golpe.

[18](#)

Dediulin também manteve conversas sobre o estranho que visitava Vírubova com o general Aleksandr Gerasimov, chefe da Okhrana de Petersburgo. Dediulin considerava aquilo tudo muito curioso. Tinha tentado descobrir mais a respeito do tal homem, mas nada conseguiu. Começou a temer que o suposto homem santo fosse na verdade um terrorista tramando um atentado contra a vida do tsar. Entrou em contato com Gerasimov, que também nunca tinha ouvido falar em Raspútín, e pediu-lhe que desse uma investigada para saber quem era ele. O temor de ambos não era infundado. Uma camponesa de nome Anna Raspútina era uma conhecida terrorista revolucionária socialista, responsável por tentar assassinar o grão-duque Nikolai Nikoláievitch e o ministro da Justiça Ivan Scheglovítov. Ela e vários outros foram apanhados antes que pudessem agir, e Anna foi enforcada com mais dezesseis terroristas em 17 de fevereiro de 1908. [19](#) O sobrenome, os antecedentes sociais, o momento da apresentação de Raspútín ao soberano (tanto quanto eles sabiam) — tudo parecia suspeito e potencialmente perigoso.

Gerasimov pediu informações da Sibéria, e contaria mais tarde em suas memórias que recebeu um relato minucioso sobre a vida dissoluta de Raspútín — os roubos, as bebedeiras, a sedução de moças. Descobriu que Raspútín tinha sido preso mais de uma vez por seus delitos e acabara sendo obrigado a fugir da aldeia natal. (Isso, claro, não era verdade, e Gerasimov estava obviamente inventando coisas em suas memórias.) [20](#) Ao mesmo tempo, Gerasimov mandou seus agentes seguirem Raspútín em Petersburgo. Ali, também, de acordo com o que escreve nas memórias, surgiu um retrato parecido de Raspútín como rude e pervertido malfeitor. Raspútín, concluiu Gerasimov, não deveria ter permissão de chegar “à distância de um tiro de canhão” da corte imperial.

Gerasimov comunicou suas descobertas a Piotr Stolípín, o primeiro-

ministro. Disse que convenceu Stolípín a submeter a questão de Raspútín ao tsar, o que foi feito na manhã seguinte. Nicolau, porém, respondeu ao primeiro-ministro que Raspútín não era assunto da alçada de Stolípín. “Mas por que, exatamente, isso interessa aos senhores?”, teria perguntado ao ministro. “Porque isso é assunto pessoal meu e não tem absolutamente nada a ver com política. Será que nós, minha mulher e eu, não temos permissão para manter relações com nossos conhecidos? Quer dizer então que não podemos nos encontrar com ninguém que nos interesse?”

Stolípín comoveu-se com a ingenuidade do tsar. Tentou explicar a Nicolau que o soberano da Rússia não podia simplesmente fazer o que bem entendesse, mesmo em sua vida privada, pois era a personificação da própria Rússia; todos os súditos tinham os olhos voltados para ele, por isso não deveria jamais entrar em contato com nada que pudesse manchar a sua imagem e prejudicar a autoridade moral do trono. Nicolau ficou claramente impressionado com suas palavras e prometeu não voltar a ver Raspútín. Stolípín saiu convencido de ter aberto os olhos do tsar para o perigo que Raspútín representava e certo de que o tsar tomaria precauções. Já Gerasimov não tinha tanta certeza, e ele e seus agentes aumentaram a vigilância. Como era de esperar, Raspútín não só não ficou longe da casa de Vírubova como continuou a encontrar-se lá com a imperatriz.

Enquanto isso, Nicolau pediu a Dediulin e a seu ajudante de ordens, coronel Aleksandr Drenteln, que fossem ver Raspútín e formassem uma opinião a respeito dele. Ambos voltaram com uma avaliação negativa. “Trata-se de um camponês esperto, mas malicioso e traiçoeiro”, disse Dediulin ao tsar, “possuidor de algum poder de hipnotismo também, de que faz uso.”

Gerasimov em seguida abordou Stolípín com a ideia de banir Raspútín da capital, medida que o político tinha autoridade para tomar como ministro do Interior. (Stolípín ocupava os dois cargos ministeriais mais poderosos na época.) Depois de hesitar um pouco, Stolípín concordou. Raspútín, no entanto, parece ter descoberto o plano deles e começou a movimentar-se erraticamente, dormindo nas casas de seguidores bem relacionados, sempre um passo adiante dos agentes de Gerasimov. Uma vez, quando voltava de Tsárskoie Seló, conseguiu

passar pela polícia na estação ferroviária, enfiar-se no automóvel do grão-duque Piotr Nikoláievitch e partir. Os agentes ficaram de tocaia no palácio do grão-duque por três semanas, esperando Raspútín sair, até descobrirem, por intermédio do governador de Tobolsk, que o *stárets* acabara de chegar a Pokróvskoie. De alguma forma, tinha escapado deles. [21](#)

As ações de Stolípín e Gerasimov foram o primeiro teste importante da posição ocupada por Raspútín na corte. E sua primeira vitória importante.

Os encontros com Raspútín continuaram. Nicolau anotou em seu diário em 4 de agosto de 1908 que tinha voltado a Peterhof às seis da tarde e encontrado Alexandra e Raspútín conversando a sós. [22](#) Trata-se de uma revelação espantosa. Raspútín e Alexandra sozinhos no palácio, sem o tsar e sem que ele soubesse. O que estaria pensando Alexandra? Como não perceber que uma coisa dessas seria comentada e distorcida pelas cabeças maldosas da corte, e espalhada pela sociedade? Quanto a Nicolau, longe de ficar zangado, ofendido ou sequer desapontado com a mulher, parece ter visto uma feliz coincidência no fato de chegar em casa a tempo de juntar-se aos dois.

O casal voltou a ver Raspútín em 6 de novembro, dessa vez na casa de Vírubova, onde conversaram longamente. Quando ausente, Raspútín escrevia palavras alentadoras para os dois:

“Estou calmo, vocês estão aprendendo sabedoria comigo, mas futuramente haverá adversidades, só então estarão prontos para ver e compreender.” [23](#)

“No que amamos encontramos tristeza, e Deus a levará porque vocês são fortes e valentes na alegria espiritual.” [24](#)

Naquele Natal, Nicolau e Alexandra juntaram-se a Raspútín na casa de Vírubova para iluminar a árvore, ficando até a meia-noite. “Foi muito agradável”, escreveu Nicolau. [25](#) Olga, irmã de Nicolau, também estava na casa de Vírubova naquele ano. Para ela, a noite não foi assim tão agradável.

Raspútín estava lá, e parece ter ficado muito satisfeito por me ver de novo, e quando a anfitriã com Nicky e Alicky saíram da sala de visitas por um momento, Raspútín levantou-se, pôs o braço nos meus ombros e começou a acariciar o meu braço. Afastei-me, sem dizer nada.

Levantei-me e fui juntar-me aos outros. Não dava mais para aturar o homem. Minha antipatia por ele nunca foi tão grande. Acreditem ou não, ao voltar para São Petersburgo fiz uma coisa estranha — fui ter com meu marido em seu escritório e lhe contei tudo que tinha acontecido na casa de Anna Vírubova. Ele ouviu e, com expressão séria, sugeriu que eu passasse a evitar Raspútin. Pela primeira e única vez achei que meu marido estava certo. [26](#)

17. “melhor dez Raspútins...”

Anna Sederkholm, mulher de um oficial das guardas imperiais servindo em Tsárskoie Seló, tinha 28 anos quando conheceu Raspútin no apartamento de Olga Lokhtina, em janeiro de 1906. Mencionou a Raspútin que o marido estava com problemas no serviço e queixou-se da difícil situação do casal. “Então você espera ser feliz em tudo na vida?”, perguntou Raspútin bruscamente. “O que a torna melhor do que os outros? Você está perto de Deus.” Lokhtina passou a levar Raspútin para visitar Sederkholm juntamente com alguns seguidores, como Sana Pistol Kors e Zina Manshtedt. Durante suas visitas, Raspútin lia a Bíblia para eles e falava de religião.

Sederkholm tinha a impressão de que Raspútin a preparava para fazer parte do seu círculo. Ela estava fascinada, mas cética. Logo o grupo cresceu, e incluiu Vírubova e as babás dos filhos do casal imperial: Anna Utkina, Alexandra Tegleva (também conhecida como Chura) e Maria Vichniakova. Utkina e Tegleva pareciam pouco à vontade e não sabiam o que fazer ou dizer perto dele. Vichniakova, porém, segundo Sederkholm, era diferente: estava claro que acreditava nele, como se fosse um santo, e não tinha dúvida sobre o seu poder de proteger a saúde de Alexei. ¹ Mas muitas coisas intrigavam Sederkholm. Lokhtina beijava os pés de Raspútin. Certa vez, de tão empolgada, disse que enxergava uma aura em volta dele. “Ele se transformou”, gritou Lokhtina, “ele se transformou. Ele é Cristo.” Sederkholm telefonou a Vírubova para dizer que ela precisava ir lá imediatamente ver o que estava acontecendo. Vírubova foi vaga e disse que estava ocupada naquele momento; Sederkholm teve a impressão de que ela não queria ter nada a ver com a situação.

Em maio de 1909, a imperatriz resolveu mandar um grupo de mulheres a Pokróvskoie para que observassem como Raspútin vivia e se convencessem de sua santidade.² O grupo era formado por Vírubova e sua criada; a idosa Madame Orlova; Anna Utkina; e uma mulher chamada Elena, filha de um padre, que conhecera Raspútin no palácio. Ao que parece, Maria Vichniakova também estava na comitiva. Vírubova visitou Sederkholm para dizer que a imperatriz gostaria que ela fosse também. Alexandra até se ofereceu para pagar as despesas. Anna, com certa relutância, concordou em juntar-se às outras. Vírubova informou a Anna que a imperatriz tinha ficado muito feliz com a sua decisão de fazer a viagem e que favores imperiais a aguardavam quando voltasse.

Tomaram o trem para Perm, onde se encontraram com Raspútin, que se uniu a elas no vagão. Ele falou muito sobre o ícone da Choroza Mãe de Deus de Kazan que tinha em casa. Em Iekaterinburgo trocaram de trem e ficaram em duas cabines separadas: Raspútin, Elena e Sederkholm em uma, Vírubova, Orlova e Utkina na outra. (Não se sabe em que cabine Vichniakova viajou.) Elena, que para Sederkholm sem dúvida se encontrava no meio de um “êxtase religioso”, não escondia a felicidade de estar com Raspútin; Anna, nem tanto. Raspútin e Elena subiram para a parte superior do beliche e começaram a “comportar-se escandalosamente”, e Sederkholm protestou, mandando Elena descer, mas ela se recusou, dizendo que estava feliz onde estava. Sederkholm pegou no sono ouvindo os sussurros dos dois na cama de cima. Mais tarde, acordou assustada. Sentia a barba áspera de um homem no travesseiro ao lado. Pulou da cama berrando com Raspútin, exigindo que ele lhe dissesse em que livro sagrado tinha lido que aquilo era um comportamento aceitável. Raspútin nada disse e voltou para o seu beliche, deixando Sederkholm em paz pelo resto da viagem. Na manhã seguinte, ela contou a Utkina e Vírubova sobre o acontecido, mas nenhuma das duas levou a sério. Vírubova disse: “Ele vai a você para comungar com o espírito. É um ato divino”.

Em Tiumen preferiram fazer o resto da viagem de carroça, com Raspútin segurando as rédeas. Era um caminho acidentado e poeirento, e a velha Orlova gemeu a viagem toda. Raspútin ficou furioso. “Que ideia trazê-la comigo!” Chegaram a Pokróvskoie às duas da manhã. As

mulheres foram levadas para o andar superior, no qual dormiram em colchões espalhados pelo chão, à luz das lâmpadas dos ícones.

De manhã, Raspútin disse a Sederkholm para ir tomar banho no rio. Quando ela se lavava, uma mulher apareceu com baldes. “Minha querida, de onde você é?”, perguntou. Sederkholm contou que tinha vindo com outras senhoras para visitar os Raspútin. A mulher fez cara de quem não gostou, pegou os baldes e foi embora. Sederkholm percebeu que nem todo mundo na aldeia gostava do seu anfitrião.

Horas depois, Raspútin foi aos banhos com Praskóvia e Elena. A mulher dele o lavou, enquanto Elena ficou sentada num banco do lado de fora. De repente, Vírubova saiu correndo para ir à casa pedir às outras que viessem depressa, porque Raspútin tivera uma visão e ia pregar. Utkina começou a chorar, dizendo que não queria ir. Vírubova tentou convencê-la, mas acabou desistindo, e nenhuma das outras foi ouvi-lo. Quando o grupo voltou dos banhos, todos tomaram chá no andar de cima, antes de saírem para visitar a igreja da aldeia com mais dois “irmãos em Cristo” de Raspútin. Do lado de fora, Raspútin deu a cada mulher um lenço, e Vírubova bateu uma foto como lembrança. A principal refeição do dia consistiu de pãozinhos brancos com passas e geleia, pinhão e torta de peixe. Raspútin instruiu Sederkholm a sentar do outro lado da mesa; ela teve a sensação de que ele estava insatisfeito com sua postura desconfiada. Ela ficou abismada com as maneiras de Raspútin à mesa. Ele partia os alimentos com as mãos e lambia a colher antes de usá-la para servir os demais.

Muitos reagiam como Sederkholm aos modos de Raspútin. Ele jamais dominou as sutilezas do guardanapo e dos talheres, e comia como um camponês, sempre com as mãos, lambuzadas de alimento, que em seguida lambia ou limpava com a toalha da mesa, sorvendo e estalando os lábios, a barba salpicada de restos de comida. Um jornalista relatou ter visto Raspútin receber uma maçã e uma faca. Raspútin cortou uma tampa, depois largou a faca e partiu a fruta com as mãos para dividi-la com os demais. Alguns observadores viam nisso uma estratégia deliberada. O arcipreste Ioann Vostorgov disse que tentou ensinar Raspútin a comportar-se à mesa, mas o *stárets* sabia que parte do seu apelo vinha da incivilidade. Transformá-lo num cavalheiro serviria apenas para torná-lo menos pitoresco. Vostorgov estava convencido de

que Raspútin era inteligente demais para não compreender que seu poder estava em ser “o primeiro homem na aldeia, e não o segundo na cidade”. ³

O dia em Pokróvskoie terminou com cânticos — Sederkholm observou que Raspútin agitava os braços como se estivesse regendo — e orações diante do milagroso ícone da Choroza Mãe de Deus de Kazan. Raspútin começava as orações, que todos repetiam. Rezava com fervor, curvando-se e fazendo o sinal da cruz, de início lentamente, depois mais rápido. Sederkholm não percebeu nada que sugerisse que Raspútin era membro da seita *khlisti*. No dia seguinte, tomaram um barco no rio Tura (Vírubova com um medo terrível de morrer afogada se o barco virasse) e pegaram alguns peixes.

Olga Lokhtina já estava em Pokróvskoie quando as mulheres chegaram. Mandou um telegrama para Petersburgo descrevendo como celebraram o Domingo da Trindade, importante dia santo na Rússia, quando os camponeses enfeitam as casas e igrejas com flores frescas, capim e gravetos: “Sinto-me esplêndida hoje, e seria capaz de escrever e falar por nove horas. O padre Grigóri deu a mim, Zina, Meri [Vichniakova] e Lena brotos do seu figueiro e raminhos ao meio-dia de 19 de maio, que distribuímos na igreja aqui em Pokróvskoie”. Incluiu no telegrama uma lista de relíquias que tinha guardado durante sua estada:

1/ Folhas de galho de bétula. 7 de maio de 1909

2/ Flor da cerejeira-dos-passarinhos do jardim da casa de G. I. em Pokróvskoie. Ele nos deu pessoalmente

3/ Casquinhas de semente de girassol. G. I. quebrou-as e pôs na mesa na minha frente — duas metades

4/ Cabelos da barba de G. I. ⁴

Sederkholm não estava disposta a guardar cabelos de Raspútin e temia que sua postura de desconfiança estragasse a viagem para as outras mulheres. Perguntava-se se seria ela a razão do estranho comportamento de Vírubova. “Vírubova estava muito nervosa em Pokróvskoie, com medo de alguma coisa, e parecia outra pessoa. Raspútin estava de mau humor. Aparentemente por minha causa. Mais de uma vez a mulher de Raspútin lhe disse: ‘Ah, Grigóri, você está perdendo seu tempo com ela!’”, referindo-se a Sederkholm. Sederkholm, por sua vez, achou Praskóvia “muito gentil”. Recebeu-as

carinhosamente e como verdadeira dona da casa. Ficaram três dias e partiram de volta. No caminho, Raspútín tentou beijar Sederkholm; ela defendeu-se, e ele nunca mais tentou. A essa altura, Sederkholm estava convencida de que Raspútín nada tinha de santo. Apesar disso, reconhecia que ele tinha o dom da clarividência. Certa vez testemunhou quando mostraram a Raspútín uma fotografia de várias pessoas que ele não conhecia. Raspútín olhou bem os rostos e apontou para certo “sr. X”, dizendo: “Este não acredita em Deus”. Estava certo, pois o homem era ateu. Não havia explicação lógica para aquilo, disse ela.

Ao voltar, Sederkholm escreveu uma carta agradecendo à imperatriz pela generosidade e também dizendo que Raspútín não merecia sua confiança. Não entrou em detalhes, afirmando que era muito difícil para ela, mas acrescentou que Madame Orlova poderia confirmar. Orlova, no entanto, teve medo e recusou-se, dizendo à imperatriz que Sederkholm teve uma experiência negativa porque era muito “nervosa”. Sederkholm então pediu a Utkina que conversasse com Alexandra, mas Utkina estava apavorada e disse que não sabia de nada. Vírubova, por sua vez, contou a Alexandra sobre a reação de Sederkholm a Raspútín, mas justificando-a como ignorância “da inocência e ingenuidade da gente comum, de sua santa ingenuidade”. Vírubova não desistiu de tentar abrir os olhos de Sederkholm para a santidade de Raspútín, mas não teve êxito. Sederkholm não quis mais saber dele.

Vírubova fez outra viagem a Pokróvskoie poucos anos depois, dessa vez com Munia e Liubov Golovina, e a baronesa Iskul von Gildebrand. Munia ficou encantada com a honesta simplicidade da vida que levavam. Visitaram os amigos e parentes dele, pescaram no Tura e beberam *brajka*, cerveja camponesa caseira que fez a cabeça das mulheres girar. Munia considerou Praskóvia uma “mulher séria e agradável” e muito acolhedora. Quando Liubov lhe disse que Raspútín tinha convencido Munia a desistir de entrar num convento, Praskóvia respondeu:

Está vendo, é por isso que Grigóri precisa nos deixar, para tomar conta de vocês! E o pequeno Aliocha, tão doentinho, se ele [Raspútín] não estivesse por perto, o que aconteceria? Mas, titia Liuba [Liubov], é verdade que há pessoas maldosas no poder, prontas para gritar contra o nosso querido Imperador e coisa e tal, e estão sempre insultando Grigóri o mais que podem? Diga a eles que parem com isso, diga a eles que é contra a vontade de Deus!

Munia voltou levando calorosas impressões da vida em Pokróvskoie. Julgava compreender melhor o que Raspútin queria dizer quando afirmava que “a simplicidade vem de Deus, é preciso ser simples, como uma criancinha, para entrar no Reino de Deus”. As palavras eram da Bíblia, mas só adquiriram vida para ela naquele exato lugar, naquele exato momento. ⁵

Raspútin ficou mais ou menos um mês em São Petersburgo antes de retornar à Sibéria com Feofan. Juntos, os dois tinham visitado Nicolau e Alexandra em Tsárskoie Seló no começo do ano, em 4 de fevereiro de 1909. Foi um momento feliz: naquele dia, Feofan tinha sido nomeado reitor do Seminário Teológico de São Petersburgo. ⁶ No fim do mês, Feofan foi designado bispo de Simferopol. Alguns viam na ascensão de Feofan o dedo do seu protegido Raspútin. Comentava-se que a família real tinha pedido a Feofan que fosse seu confessor pessoal em 13 de novembro de 1905, poucos dias depois do primeiro encontro de Raspútin com Nicolau e Alexandra. ⁷ Raspútin e Feofan voltaram ao palácio em 23 de junho, junto com o *stárets* Makari de Verkhoturie. Veniamin alegaria depois que Raspútin tinha levado Makari a Petersburgo para mostrar a Nicolau e Alexandra que tinha um amigo bom e piedoso, e contestar a campanha de boatos contra ele. ⁸ Não há provas que confirmem ou neguem essa afirmação. Logo depois do encontro no palácio, os três homens deixaram São Petersburgo para ir a Verkhoturie. Ali tiraram uma fotografia, e Raspútin e Feofan seguiram para Pokróvskoie. ⁹

Na volta para São Petersburgo, Feofan separou-se de Raspútin para visitar o mosteiro em Sarov, como provavelmente tinha feito no ano anterior. Foi rezar sozinho na cela de são Serafim. Demorou tanto que os monges começaram a temer que alguma coisa lhe tivesse acontecido. Na verdade, Feofan tinha rezado tanto que desmaiou, e quando enfim recobrou a consciência foi incapaz de explicar aos irmãos o que ocorrera. Oito anos depois Feofan disse à Comissão que tinha ido à cela rezar para que Deus e são Serafim o ajudassem a entender Raspútin, e lá a verdade lhe foi revelada: “Raspútin [...] estava no caminho errado”. ¹⁰

De volta a Petersburgo, Feofan chamou Raspútin para uma conversa. Com eles estava também Veniamin. Começaram por lhe fazer

perguntas sobre seus modos suspeitos com as mulheres (as idas aos banhos, as carícias nas mãos, os beijos), ações que eles próprios tinham testemunhado além de terem ouvido falar e que não poderiam continuar sendo ignoradas. (Deve-se levar em conta que o “ascetismo” de Feofan era tão grande que ele se recusava a apertar a mão de uma mulher ou dividir uma cabine de vagão de trem com uma.) Raspútin admitiu que era verdade, que tinha ido aos banhos com mulheres, e os outros lhe disseram que isso era inaceitável do ponto de vista dos santos padres, e o *stárets* prometeu parar. O assunto morreu ali. Feofan diria mais tarde que eles só não o julgaram com muita severidade porque se tratava de um simples camponês e que tinham lido a respeito de homens das províncias de Olonetsk e Nóvgorod que adotavam práticas parecidas, e que isso não era sinal de degenerescência moral, mas da natureza patriarcal da vida no campo. “Além disso, estava claro, pelas vidas dos antigos loucos sagrados bizantinos são Simão e são João”, declarou Feofan à Comissão, “que ambos tinham ido a casas de banhos com mulheres de propósito, e foram insultados e condenados por isso, apesar de serem grandes santos.” Raspútin disse a Feofan que assim agia para testar a si mesmo, olhando os corpos das mulheres para saber se sua paixão havia se extinguido. Feofan advertiu-o de que isso era perigoso, “pois só os grandes santos conseguem, e ele, agindo dessa maneira, se iludia e tomava um caminho perigoso”. [11](#)

Depois de voltarem naquele verão, Feofan e Veniamin convocaram Raspútin uma segunda vez. Relatos de comportamento impróprio de Raspútin continuavam chegando aos seus ouvidos, e eles o acusaram de “ilusão espiritual”. Uma das informações que tinham sido passadas a Feofan era a de que Raspútin estaria instruindo suas seguidoras a não confessarem aos seus padres o pecado do adultério, dizendo que não entenderiam e que isso só serviria para perturbá-las. “Feofan é um simplório”, teria dito Raspútin, “e não vai compreender esses mistérios; ele os condenará e assim condenará o Espírito Santo e cometerá pecado mortal.” [12](#) Os dois homens disseram que aquela era sua última chance de mudar, do contrário cortariam relações com ele, denunciando-o publicamente e levando tudo que sabiam ao conhecimento do tsar. A imprensa informou mais tarde (provavelmente exagerando muito) que Feofan disse o seguinte a Raspútin: “Não chegue perto de mim, Satã,

você não é abençoado, e sim um trapaceiro”. ¹³ Raspútin, aturdido, perdeu o equilíbrio emocional e começou a chorar. Admitiu ter cometido erros e prometeu mudar, renunciar ao mundo e submeter-se à autoridade de Feofan. Satisfeitos com a reação de Raspútin, Feofan e Veniamin lhe pediram que orasse com eles.

Mas logo Feofan ouviu falar que Raspútin não tinha renunciado ao mundo, nem mudado. Ouviu também que estava tomando providências para se proteger de Feofan, por isso resolveu falar pessoalmente com o tsar. Chegando ao palácio, no entanto, foi recebido não por Nicolau, mas por Alexandra, junto com Vírubova. Feofan falou durante uma hora, tentando provar à imperatriz que Raspútin era vítima de ilusão espiritual. Alexandra não quis escutar, dizendo que tudo eram mentiras e calúnias. Feofan convenceu-se de que ele a avisara, e que portanto ela fora preparada para o que viria. Feofan só voltou a ver Raspútin uma vez, e para chamá-lo de trapaceiro. Raspútin escreveu pedindo perdão e buscando reconciliar-se, mas foi ignorado.

Aparentemente foi naquele verão que Feofan falou de suas apreensões com Antônio (Vadkovski), o metropolita de São Petersburgo, uma das figuras mais importantes da Igreja. Em agosto, Antônio, convencido pelo que Feofan lhe dissera, já via Raspútin como expressão da mórbida fixação da sociedade pelo misticismo. Essas apreensões eram compartilhadas pelo novo chefe do Sínodo (a partir de 5 de fevereiro de 1909), Serguei Lukianov. Nicolau e Alexandra supostamente não ficaram satisfeitos com a nomeação de Lukianov, uma vez que ele, junto com Stolípin, vinham querendo expor fazia tempo as ações de Raspútin. Com a ajuda de Antônio, Lukianov reuniu material comprometedor sobre Raspútin para entregar a Stolípin, que tentou usá-lo para abrir os olhos do imperador uma segunda vez, mas sem sucesso. Antônio também, com a aprovação tácita de Lukianov, reimprimiu na imprensa religiosa da capital alguns artigos anti-Raspútin publicados nos grandes jornais. ¹⁴

Raspútin pouco viu Nicolau, Alexandra e as crianças naquele verão de 1909, e a separação continuou quando a família partiu de Tsárskoie Seló no começo do outono para Livadia, na Crimeia. Na primeira semana de outubro Nicolau iniciou uma longa viagem sem eles. Alexandra,

preocupada, escreveu-lhe: “Meu doce tesouro, meu maridinho, meu amado querido, Deus o abençoe e guarde. Que as preces de Gr[igóri] o protejam em sua jornada, deixo-o aos cuidados Dele”. ¹⁵

Raspútín passou várias semanas do segundo semestre daquele ano em Petersburgo, no apartamento de Vladímír Korolenko, escritor, editor do periódico liberal *Riqueza Russa*, ex-revolucionário e defensor dos direitos humanos, e sua mulher, a populista radical Ievdokia Ivánovskaia, localizado no no 7 da rua Kabinetskaia. ¹⁶ Não se sabe se Korolenko e a mulher estavam presentes naquela época (depois de 1900, viviam na maior parte do tempo em Poltava), mas não faria a menor diferença para Raspútín, que não ligava para filiações partidárias e fazia amizade com gente de qualquer coloração política. Em novembro, Raspútín partiu para Sarátov, onde se encontrou com Germogen, e de lá os dois foram juntos visitar Iliodor em Tsarítsin. O discurso extremista de Iliodor lhe causara problemas desde que saiu do Seminário Teológico de Petersburgo. Em 1907, o Sínodo o transferiu de Pochaievskaja Lavra para Jitomir e o colocou sob a supervisão direta do padre Antônio (Khrapovítski). Esteve ali menos de um ano antes de se mudar novamente, dessa vez para Tsarítsin, onde foi nomeado pregador missionário do Mosteiro do Espírito Santo, sob a supervisão de Germogen, então bispo de Sarátov. Tsarítsin talvez tivesse sido o local escolhido por causa de sua minúscula população judaica, mas isso não fez a menor diferença para Iliodor, que agora lançava seus ataques contra jornalistas, sacerdotes, comerciantes e funcionários locais. ¹⁷ “Fui transformado num monstro de audácia”, escreveria ele sobre o período. ¹⁸

Iliodor ficou conhecido nacionalmente em agosto de 1908 em razão de um violento confronto com a polícia em seu mosteiro. Depois disso, o governador de Sarátov pediu a ajuda de Stolípín para tirá-lo de Tsarítsin, mas Germogen e outros saíram em sua defesa, e Iliodor ficou. Então, no fim de novembro de 1908, o Sínodo ordenou a transferência de Iliodor para a diocese de Minsk, depois de numerosos discursos seus atacando Stolípín. Iliodor apelou, e a decisão se arrastou até o primeiro semestre de 1909. Germogen protegeu Iliodor o mais que pôde, depois o incentivou a ir a Petersburgo pedir a ajuda de Raspútín, quando não havia mais ninguém disposto a defendê-lo. Raspútín arranhou uma

audiência privada de Iliodor com a imperatriz. Os dois se encontraram na casa de Vírubova em 3 de abril, e Alexandra fez Iliodor prometer não atacar mais os ministros do tsar, com o que ele concordou, e ouvir e obedecer a Raspútin: “Ouça o padre Grigóri [...]. Ele o conduzirá à luz. É o maior asceta vivo. Está sempre meditando sobre o bem-estar da Rússia. É um santo, um grande profeta”. ¹⁹ Essas, de acordo com o pouco confiável Iliodor, foram suas palavras. Raspútin tinha vencido. Nicolau revogou a decisão do Sínodo, e Iliodor teve permissão para ficar. “Ele foi um anjo”, escreveria Iliodor sobre Raspútin depois dessa intervenção, “a mão direita do meu Salvador.” ²⁰ O monge louco voltou para Tsarítsin mais audacioso que nunca.

Germogen e Raspútin chegaram a Tsarítsin no começo de novembro e ficaram até o fim do mês. Em 1912, Iliodor escreveria que foi numa noite durante essa visita que Raspútin entrou sorrateiramente no quarto de dormir de uma freira de 29 anos, na casa de um comerciante de nome Lebedeva, e a atormentou por quatro horas. ²¹ Disse ele que só tomou conhecimento disso muito tempo depois; do contrário, teria rompido com Raspútin no ato. É impossível confirmar o relato de Iliodor.

No fim de novembro, Raspútin e Iliodor partiram de Tsarítsin para Pokróvskoie, e Germogen voltou sozinho para Sarátov. Na viagem para a Sibéria, Raspútin contou a Iliodor a verdade sobre suas relações com Nicolau e Alexandra. “O tsar acha que sou Cristo. O tsar e a tsarina se curvam aos meus pés, caem de joelhos na minha frente e beijam minhas mãos. [...] Carreguei a tsarina nos braços. Abracei-a, fiz mimos, beijei-a.” ²² As palavras de Iliodor são pura fantasia, bem como a descrição que apresenta no livro sobre sua estada em Pokróvskoie, durante a qual alegava que Raspútin tinha mandado as Pecherkin ao seu quarto de noite para deitar-se com ele e tentar convencê-lo a ingressar na seita *khlisti*. Falou mal de Dmíttri, o filho de Raspútin, chamando-o de preguiçoso, devasso e vil. Raspútin, de acordo com Iliodor, distraiu-o com as histórias de suas muitas orgias, contando que teria feito sexo com Vírubova e outras na casa de banhos, e que certa vez na cela de Makari, em Verkhoturie, várias mulheres envolveram-lhe o rosto e outras partes do corpo com suas pernas nuas. Iliodor declarou que “o membro dele não funcionava”, mas, de alguma forma, Raspútin

conseguiu ter relações com numerosas mulheres. [23](#)

Mais verossímil é a descrição que Iliodor faz de Raspútin mostrando-lhe as camisas que a imperatriz costurou para ele e as cartas que recebeu dela e das crianças, bem como de grão-duques e grã-duquesas. Iliodor suplicou a Raspútin que lhe desse as cartas, o que ele fez, com exceção de uma de Alexei. Essas cartas logo seriam assunto de um grande escândalo. Na última noite, Iliodor teve um encontro com o padre Piotr Ostroumov, supostamente contra a vontade de Raspútin. De acordo com Iliodor, Ostroumov chamou Raspútin de canalha, libertino e bêbado. No dia seguinte, 15 de dezembro, Iliodor e Raspútin deixaram Pokróvskoie. Iliodor nunca mais voltaria à casa de Raspútin. Sem que Raspútin e Iliodor se dessem conta, a polícia tinha monitorado sua estada em Pokróvskoie. Registraram sua partida para a Rússia e também tentaram obter informações sobre o objetivo da visita de Iliodor. Segundo documentos dos arquivos de Tiúmen, Iliodor foi a Pokróvskoie prometendo doar os 20 mil rublos necessários para concretizar o velho sonho de Raspútin de construir uma nova igreja. [24](#) Nenhum dinheiro, porém, jamais foi recebido.

Os dois homens voltaram para passar o Natal em Tsarítsin. Quando Raspútin foi embora para Petersburgo, em 30 de dezembro, Iliodor ajudou a preparar uma esplêndida festa de despedida com cerca de 1500 seguidores para o homem que chamava de “servo fervoroso, irmão Grigóri”. Num discurso na estação ferroviária, Iliodor disse que estava triste por ver Grigóri partir, e que aqueles que não iam ouvi-lo falar da “Palavra de Deus” eram “ateus, canalhas, nossos inimigos e inimigos da fé cristã ortodoxa”. A multidão despediu-se dele cantando “Muitos anos”. [25](#) Naquela noite, Raspútin chegou a Petersburgo. Iliodor escreveria mais tarde que foi por essa época, nos últimos meses de 1909, que começou a ter suas primeiras dúvidas sobre Raspútin.

A acreditar em Iliodor, essa adoção pública de Raspútin escondia as dúvidas privadas que ele alimentava. Em *O diabo santo*, Iliodor escreveu que no fim de 1909 rezava para que Deus lhe revelasse se Raspútin era um anjo ou o Diabo. “O Diabo encarnado” foi Sua resposta. [26](#)

De acordo com Pável Kurlov, vice-ministro do Interior de 1909 a 1911 (e tenente-general a partir de 1910), no fim de 1909 e começo de 1910 Stolípín recebeu uma ordem (Kurlov não diz de quem) para acabar com

a política de vigilância contra Raspútin, diretriz que o ministro repassou a Kurlov para ser cumprida. Poucos dias depois, Stolípin pediu a Kurlov que fosse ao seu escritório naquela tarde, pois tinha preparado um encontro com Raspútin e queria ouvir a opinião de Kurlov sobre o homem. Fingindo examinar documentos no canto do escritório do chefe, Kurlov ouviu atentamente Raspútin falar por mais de uma hora tentando convencer Stolípin de que as suspeitas que pairavam sobre ele eram falsas, pois era uma alma humilde e inofensiva. Stolípin quase não falou, afora dizer a Raspútin quando se despedia que, se aquilo fosse verdade e sua conduta estivesse correta, ele não tinha razão para se preocupar por ser incomodado pela polícia. Depois que Raspútin saiu, Stolípin quis saber a opinião de Kurlov. Kurlov disse que Raspútin era da estirpe do camponês russo astuto e calculista, mas não parecia um charlatão. “Apesar disso”, respondeu Stolípin, “temos que descobrir um jeito de lidar com ele.” (O rigor e a imparcialidade da avaliação de Kurlov têm sido questionados. O general Gerasimov, da Okhrana de Petersburgo, que antes montara a vigilância contra Raspútin por ordem do general Dediulin, estava convencido de que Kurlov devia sua nomeação em 1909 a poderosos amigos de Raspútin, e que somente graças a sua influência no fim de 1909 o *stárets* não foi exilado da capital.) [27](#)

Stolípin não deixou nenhuma memória sobre Raspútin, por isso só dispomos daquilo que outros alegam que ele teria dito. Eis o que Mikhail Rodzianko declarou que Stolípin lhe contou:

Ele me deu uma olhada com seus olhos pálidos, resmungou umas palavras misteriosas e indistintas das Escrituras, fez estranhos movimentos com as mãos, e comecei a sentir um desprezo indescritível por aquele canalha sentado na minha frente. Apesar disso, percebi que o homem possuía grande poder hipnótico, que já produzia uma impressão bastante forte em mim, embora certamente de repulsa. [28](#)

Maria Bok, filha de Stolípin, lembrava-se de ter tocado no assunto Raspútin com o pai em algumas ocasiões. No verão de 1911, pouco antes do assassinato do pai, ela lhe perguntou mais uma vez:

Ao ouvir o nome de Raspútin, meu pai fez uma careta de desdém e disse, com profunda tristeza na voz: “Não se pode fazer nada. Sempre que tive oportunidade de advertir o tsar, adverti. E eis o que ele me disse recentemente: ‘Concordo, Piotr Arkadievitch, mas é melhor dez Raspútins do que um dos ataques histéricos da imperatriz’. Essa era a razão. A imperatriz está doente, muito doente, acha que Raspútin é a única pessoa no mundo que pode ajudar o

herdeiro, e convencê-la do contrário ultrapassa a capacidade humana”. [29](#)

Foi relatado também que Nicolau disse a Stolípin: “Não tenho dúvida, Piotr Arkadievitich, de que você tem a mais sincera dedicação a mim. Talvez tudo que diz seja verdade. Mas peço que nunca me fale sobre Raspútin. De qualquer maneira, não há nada que eu possa fazer”. [30](#) O gracejo de Nicolau sobre os ataques histéricos de Alexandra não ficou só entre o tsar e seu primeiro-ministro, mas rapidamente se espalhou por toda a sociedade. O tsar da Rússia, pelo menos ao que parecia, deixava o medo que tinha da mulher determinar como o império era governado.

Vassíli Chulgin mal podia acreditar no que acontecia diante dos seus olhos. “Que confusão terrível... O imperador insulta o país permitindo entrar no palácio — cujo acesso é tão difícil mesmo para as melhores pessoas — um comprovado libertino, enquanto o país insulta a imperatriz com suas medonhas suspeitas... E assim os laços que mantêm a Rússia em pé, lentamente construídos ao longo dos séculos, estão sendo desfeitos... E por quê? Tudo por causa da fraqueza de um homem diante de sua mulher...” [31](#)

PARTE TRÊS
ESCÂNDALOS
1910-1

18. Problema no quarto das crianças

Raspútín viu Nicolau e Alexandra com frequência nos dois primeiros meses de 1910 — sete vezes em janeiro, quatro em fevereiro. Em geral, Raspútín aparecia no começo da noite, e não necessariamente para ver os dois. Em 6 de janeiro, por exemplo, Nicolau escreveu em seu diário: “Às 9h30 fomos à cidade. Depois disso Grigóri veio ver Alix, nos sentamos com ele por muito tempo e conversamos”. Essas longas conversas noturnas eram comuns naquela época. Em 14 de fevereiro, Raspútín foi ao palácio para se despedir antes de voltar à Sibéria. ¹

Durante a visita à sua casa, a polícia local trabalhou muito para desenterrar o passado de Raspútín. Em 7 de março de 1910, o capitão A. M. Poliakov informou ao chefe da administração de gendarmes da província de Tobolsk que Raspútín tinha 45 anos, era um camponês oriundo de Pokróvskoie, distrito de Tiúmen, e vivia basicamente como os outros camponeses que se dedicavam à agricultura na Sibéria. Viajava com frequência à Rússia, onde tinha amigos bem colocados, incluindo a grã-duquesa Militsa Nikoláievna. Ele “inspira respeito, tem boas condições de vida e é tratado com grande estima. De todos os cantos da Rússia recebe grandes quantidades de dinheiro de várias pessoas, incluindo indivíduos importantes; a gente comum o considera ‘justo’ e ‘sábio’; às vezes viaja à Rússia, visita Moscou e Petersburgo, conversa com sacerdotes e na primavera de 1907 Sua Alteza Imperial a grã-duquesa Militsa Nikoláievna dignou-se visitá-lo em Pokróvskoie viajando incógnita”. Poliakov não deixou de mencionar que Raspútín levava uma vida “sóbria”. ²

Raspútín voltou a Tsárskoie Seló no dia em que Poliakov redigiu seu relatório. ³ Sua volta provocou tensão entre a família e os criados mais

próximos. Parece que as meninas Románov vinham guardando segredos sobre “nosso amigo”. No dia em que Raspútin chegou, Alexandra escreveu à filha Maria para informá-la da sua chegada e instruí-la sobre a necessidade de ser uma boa menina e não guardar segredos, pois ela não gostava de segredos. ⁴ No dia seguinte, Tatiana escreveu uma carta à mãe pedindo perdão (sem dizer do que) e prometendo nunca mais fazer o que fez. “Tenho muito medo de que S. I. fale a Maria alguma coisa ruim sobre nosso amigo”, contou, aflita. “Espero que nossa babá seja legal com nosso amigo agora.”

“S. I.” é Sófia Ivánovna Tiútcheva. Pela primavera de 1910, Tiútcheva estava convencida da imoralidade de Raspútin e do perigo que representava para as crianças sob sua responsabilidade. Preocupava-a profundamente que Raspútin tivesse acesso ao quarto das crianças, e ela não tinha medo de dizê-lo. Ksênia, irmã de Nicolau, escreveu em seu diário em 15 de março de 1910:

Sentei longo tempo com S. D. [★] Ela ainda está chocada com uma conversa que teve com S. I. Tiútcheva em Tsárskoie ontem, e sobre tudo que ali se passa: a postura de Alix e das crianças em relação ao sinistro Grigóri (que elas consideram quase um santo, quando na verdade é apenas um *khlist*!).

Ele está sempre lá, entra no quarto das crianças, visita Olga e Tatiana quando elas estão se preparando para deitar, senta-se conversando com elas e acariciando-as. Elas tomam cuidado para escondê-lo de Sófia Ivánovna, e as crianças não ousam falar com ela a respeito dele. É inacreditável e impossível de entender.

Vivem todos sob sua influência e rezam por ele. Fiquei simplesmente arrasada com essa conversa.

Olga e eu jantamos no Aníchkov. Como eu só conseguia pensar numa coisa, só falava nisso. Mas quem pode ajudar? É muito difícil e “melindroso” para a família. Dizem coisas terríveis a respeito dele! ⁵

A notícia dos problemas na corte era assunto de conversas na cidade. A anfitriã de reuniões da alta sociedade Alexandra Bogdanovitch anotou em seu diário em 20 de março de 1910 que tinha ouvido dizer que os empregados do palácio estavam horrorizados com o comportamento de Raspútin e com o apoio que a imperatriz lhe dava. Dizia-se que esse “homem horrível” tinha acesso ao palácio a qualquer hora e até visitava a imperatriz no quarto dela, e que o tsar não via nisso nada demais. Bogdanovitch ouvira falar que numa viagem a Pokróvskoie Raspútin “insultara” várias criadas de Vírubova e que uma tinha sido engravidada pelo *stárets*. O boato na corte era de que Raspútin contava abertamente

para qualquer um que Vírubova tinha concordado em cuidar do bebê e criá-lo como filho. Além de ser uma pessoa imoral, Raspútin tinha longos encontros com o tsar e lhe dava conselhos políticos, comentou Bogdanovitch. Havia outros que também começavam a reconhecer sua autoridade. Havia um rumor de que o conde Serguei Witte tentava cair nas graças de Raspútin na esperança de retornar a uma posição de poder. “E tudo isso acontece no século XX! É simplesmente horrível!” [6](#)

As coisas só faziam piorar no quarto das crianças. Além de Tiútcheva, Maria Vichniakova, adorável babá do pequeno Alexei, que ficara encantada com Raspútin, estava no centro do problema. Há poucas informações confiáveis sobre suas relações, embora todas as fontes sugiram que Vichniakova foi uma aliada — e provavelmente mais que isso — de Raspútin. A Okhrana inclusive acreditava, na época, que Vichniakova fora uma das responsáveis por sua introdução na corte. [7](#) Mas antes de março de 1910 alguma coisa muito ruim aconteceu e envenenou as relações entre eles. O que aconteceu, e precisamente quando e onde, continua obscuro. Iliodor alegava que Raspútin havia estuprado Maria no verão de 1907 ou 1908 — em Verkhoturie ou Pokróvskoie. [8](#) Tiútcheva disse à Comissão em 1917 que foi durante uma visita a Pokróvskoie em 1910 que Raspútin entrou sorrateiramente no quarto de Maria e aproveitou-se dela. [9](#) (Tiútcheva se enganou: teria de ser em 1909, não 1910.) Anos depois do testemunho de Tiútcheva, a antiga criada pessoal da imperatriz Madalena (Magdalina) Zanotti afirmou que a própria Maria lhe contara como Raspútin a seduzira, assinalando, porém, que isso não tinha acontecido em Pokróvskoie, mas no próprio Palácio de Alexandre. Maria, de acordo com Zanotti, chamou Raspútin de “cão”. [10](#) Maria contou à Comissão uma história parecida. Declarou que foi mesmo na viagem a Pokróvskoie que numa noite Raspútin entrou às escondidas em seu quarto e começou a beijá-la e então, enquanto Maria tinha um ataque histérico, tirou-lhe a virgindade. Na viagem de volta, segundo ela, Raspútin a ignorou, dividindo seu beliche no trem com Zinaida Manshtedt. [11](#)

Se Raspútin atacou Maria na viagem a Pokróvskoie em 1909, resta saber por que ela não disse nada, nem fez nenhuma queixa contra ele por quase um ano inteiro. [12](#) Talvez estivesse amedrontada, ou achasse que tinha sido culpa sua, ou que ninguém acreditaria. Talvez só nos

primeiros meses de 1910, quando sua colega governanta Tiútcheva ficou tão incomodada com Raspútin que resolveu falar, Maria sentiu que enfim poderia desabafar. Tiútcheva contou uma história bem diferente para a Comissão.

Uma vez, entrando na ala das crianças, encontrei uma comoção terrível. Vichniakova me disse, com lágrimas nos olhos, que ela... e outras devotas tinham participado de ritos de “regozijo”. Que o que ela havia aceitado como um comando do Espírito Santo acabara se revelando simples devassidão... Compreendi, pelo que ela contou, que Feofan, que era seu confessor... em sua humildade lhes mandara Raspútin, que ele considerava um dos anciãos de Deus. Raspútin as obrigava a fazer qualquer coisa de que precisasse, fingindo ser alguém que agia por ordem do Espírito Santo... Ao mesmo tempo lhes avisava que não contassem nada a Feofan, encobrendo tudo com sofismas: Feofan era um simplório; não compreenderia aqueles segredos e os condenaria, com isso emitindo juízos e cometendo pecado mortal. ¹³

Fosse qual fosse a razão, Maria foi então queixar-se a Alexandra sobre Raspútin. Teria contado à imperatriz que foi estuprada, ou mostrado a Alexandra um artigo do *Folhetim de Petersburgo* desfavorável a Raspútin, como diziam as fofocas da sociedade naquele tempo? ¹⁴ Disso não podemos ter certeza. O que quer que Vichniakova tenha dito, a imperatriz recusou-se a acreditar. De acordo com Tiútcheva, Alexandra disse a Maria que não desse crédito a essas fofocas, que tais conversas eram apenas obra de “forças das trevas” empenhadas em destruir Raspútin, e proibiu Maria de voltar a tocar no assunto. ¹⁵ Olga, irmã de Nicolau, afirmou anos depois que a história do estupro de Maria era inverídica. Sim, houve um escândalo envolvendo Maria, admitiu Olga, mas nada tinha a ver com Raspútin, e sim com um cossaco da guarda imperial, em cuja cama Maria foi encontrada. ¹⁶

Zanotti afirmou, como se quisesse demonstrar até onde ia o poder de Raspútin, que Maria foi demitida por tocar no assunto com a imperatriz, embora isso seja obviamente falso, pois Maria continuou a trabalhar como babá de Alexei por mais três anos e foi dispensada não por algum motivo relacionado com Raspútin, mas basicamente porque Alexei já passara da idade de precisar dos seus serviços. ¹⁷ Valentina Chebotariova, que serviu no Hospital do Palácio em Tsárskoie Seló durante a Primeira Guerra Mundial e conheceu Maria Vichniakova, escreveu em seu diário não muito tempo após a Revolução de Fevereiro que, depois do “horrível espetáculo” na casa de Raspútin em Pokróvskoie, Vichniakova nunca mais foi normal. Não está claro se

Chebotariova soube dessa história em primeira mão ou se estava apenas reproduzindo um boato comum. A partir de 1917, Maria atormentou-se com a ideia de deixar tudo para trás e entrar num convento. Chebotariova lhe perguntou se ainda amava Alexei, e ela respondeu: “Mais do que nunca!”. [18](#)

Qualquer que seja a verdade do que se sucedeu entre Raspútín e Vichniakova no primeiro semestre de 1910, não há dúvida de que suas visitas se tornaram fonte de grande tensão e discussão. Sabemos pelas cartas do próprio Raspútín para as crianças que ele as visitava no quarto delas e que inventavam muitas brincadeiras, até bagunças mais pesadas. Ele escreveu em fevereiro de 1909: “Meus queridos e preciosos garotos, vivo com vocês. Meu doce Alexeiuchka e garotas, vivo com vocês e me lembro muito do quarto de crianças onde nos deitamos. Vivo com vocês. Vou estar com vocês daqui a pouco”. Mandava-lhes bilhetinhos sobre a importância da fé e do amor e a necessidade de confiar nos misteriosos desígnios de Deus: “O que importa não é o poder, mas a crença e o amor. [...] Os caminhos de Deus são inescrutáveis; parece que as coisas estão ruins, mas acabam se revelando sagradas”. [19](#) Escrevia-lhes com frequência sobre a beleza da natureza, como nesta carta para Maria: “Minha querida pérola M! Conte-me que conversou com o mar e com a natureza. Sinto falta de tua alma simples. Vou te ver logo. Beijo-te do fundo do coração”.

Tentava consolar as crianças e Nicolau, quando a mãe delas adoecia:

“Minhas doces crianças [...] pequenos anjos protegem vocês, e Deus está com sua Mamãe na cama dela. Ela está alegre, mas nós sentimos dor porque não vemos com os olhos de Deus, porém com os nossos. Mamãe está deitada com anjos e regozijando-se, mas nós sentimos tristeza. Papai, não fique desanimado! Mamãe está ótima, e ela é adulta, tenha um pouco de paciência enquanto fica boa.” (Quanto a Alexandra, ela certa vez escreveu para Olga no começo de 1909 que Deus nos manda doenças “para o bem”, e que precisamos estar certos disso e confiar que vamos ficar bem quando Deus achar que é hora, por isso precisamos todos ser pacientes. Apesar disso, acrescentou que ficará “muito feliz” quando pude ver “nosso amigo” de novo.) [20](#)

Como em suas cartas para os pais, nas mensagens para as crianças

Raspútín dividia o mundo entre os verdadeiros cristãos e seus inimigos, entre “nós contra eles” (“Todo o mundo amaldiçoa, mas nós nos cobrimos com a mão de Cristo — debaixo do amor”), sempre pregando tolerância com todas as crenças religiosas (“Toda fé vem do Senhor, não se deve nunca criticar a crença alheia”). Mandava cartas elogiando “Olga”, o apelido carinhoso que usava para Alexei, como nesta do primeiro semestre de 1909:

Olga triunfará com eles, porque Olga vai seguir rigorosamente seu exemplo, porque ele não é um ser terrestre comum; nunca houve um tsar assim, nem haverá outro.

Seu olhar é semelhante ao de Pedro, o Grande, embora Pedro fosse muito sábio, mas suas ações muito ruins — para não dizer ordinárias [...]. Mas vosso Olga não permite que nada de errado chegue nem perto dele, a não ser que alguém lhe dê mau exemplo. [...] Trago Alexei em minha alma, Deus permita que ele cresça como um cedro do Líbano e dê frutos, para que toda a Rússia se alegre desses frutos. ²¹

Raspútín incentivava Alexei a buscar força na vida de Cristo: “Meu querido menino! Olhe para o nosso querido Deus, veja suas chagas. Uma vez ele sofreu pacientemente e ficou forte e todo-poderoso. E você também, meu querido, e você também será animado e viveremos juntos”. ²² Às vezes, escrevia para as meninas individualmente, como nesta carta de 1909 para Olga:

O sossego de Deus — Amamos a Deus, e este amor é suave. Olga, ore para que a luz brilhe sobre sua casa e lhe traga alegria. Os mendigos são gentis e sua alegria é incalculável. Todos somos mendigos, mas aquele que não se julga mendigo é um torturador e criou para si mesmo o inferno na terra, ainda não morreu mas criou o inferno na terra.

E esta para Maria, mais ou menos da mesma época: “Ma, minha querida, não tema os inimigos, pois Deus e eu estamos com você. É por isso que eles se enfurecem e os pagãos guardam distância, e você será sempre uma donzela, e por isso conhecerá a paz. Nenhum barulho, só Deus. Quem está com Deus não tem medo de mim, quem não se lembra de Deus, mas tem medo das pessoas, para esses Deus não é uma fortaleza”. ²³

Várias cartas suas para Tatiana também sobreviveram:

Tania, Tania onde está, onde, em Pokróvskoie estou em casa e a vejo, minha amiguinha, você não gritou para mim suficientemente alto, não ouvi e não recebi seus telegramas, mas, minha amiga, amiga, tenho saudade de você. Nosso Deusinho está no céu, e você está na Crimeia, está muito longe. Deus amado está conosco e em nós, e nós não vemos, mas logo vai acontecer e nosso Deusinho amado virá para nós [...]

Amiguinha querida, estou sempre com você, mesmo neste momento estou com você em

meus pensamentos, sua vida de amor transborda, alimenta esperança no supremo criador, o Senhor esteja consigo.

Seu dia foi escolhido por amor e os anjos se alegram, que o amor lhe sirva de fortaleza. [24](#)

Alexandra tinha fé total em Raspútin e em sua influência benéfica sobre as crianças. Certa vez ela escreveu para Olga, a filha mais velha: “Lembre-se em primeiro lugar de dar sempre o bom exemplo aos menores, só assim nosso amigo ficará satisfeito com você”. [25](#) Às vezes Nicolau e Alexandra iam com Raspútin ver as crianças no quarto. Numa ocasião pelo menos Raspútin teve um longo encontro com Olga, o que só trouxe alegria para Alexandra. E as crianças aparentemente ficaram felizes também. Em 25 de julho de 1909, enquanto o pai estava ausente, Olga lhe escreveu sobre a grande expectativa deles porque “Grigóri” ia visitá-los naquela noite. “Estamos todos maravilhosamente felizes porque vamos vê-lo de novo.” [26](#)

O último chefe da Okhrana de Petrogrado, o major-general Konstantin Globatchev, responsável pela vigilância de Raspútin, comentou que as relações dele com a família real eram sempre “muito respeitadas”, mas isso não tinha importância; a aparência era tudo. [27](#) E, com o tempo, as histórias foram ficando mais feias e inacreditáveis. Em 1912, o jornal revolucionário socialista *Para o Povo!* escreveu que Raspútin tentou tomar liberdades com Olga, mas foi ameaçado por um oficial da guarda quando descoberto. [28](#) Durante a guerra, boatos de que Raspútin estuprara as meninas tiveram ampla circulação. Até mesmo homens que deveriam saber que isso não era possível acreditavam. Um general russo registrou em seu diário o boato (que ele não considerava impossível) de que a grã-duquesa Tatiana estava esperando um filho de Raspútin. [29](#)

Mesmo sabendo que essas histórias eram absurdas, Tiútcheva de qualquer forma não gostava que Raspútin tivesse permissão para entrar no quarto das crianças; não parecia correto que o controvertido camponês gozasse de acesso aos aposentos privados das filhas do tsar, já quase mulheres-feitas, cuja reputação (e cujo corpo) deveria ser protegida com o máximo cuidado. E nisso tinha razão. Depois de ouvir a história de Vichniakova sobre o que se passara em Pokróvskoie, Tiútcheva entendeu que não tinha escolha senão agir, e foi falar com

Alexandra. Embora a imperatriz não quisesse ouvir Tiútcheva, ao que parece o imperador se interessou em saber mais sobre o assunto. Mandou chamar Tiútcheva no dia seguinte. Ela contou à Comissão como foi o encontro.

“Sófia Ivánovna, já deve saber por que mandei chamá-la”, disse Nicolau quando ela entrou em seu gabinete particular.

“O que está acontecendo no quarto das crianças?” Então eu lhe contei tudo que se passara. “Quer dizer que você também não acredita na santidade de Grigóri?”, perguntou o Imperador. Respondi negativamente e o Imperador disse: “E se eu lhe dissesse que em todos esses anos difíceis eu só sobrevivi por causa de suas preces?”.

“O senhor sobreviveu por causa das preces de toda a Rússia, Vossa Majestade”, respondi. O Imperador começou a dizer que estava convencido de que tudo era mentira, que não acreditava naquelas histórias sobre R, que os puros sempre atraem tudo que há de sujo. [30](#)

Sófia respondeu:

“Vossa Majestade é puro demais de coração e não vê a imundície que o cerca.”

“Quer dizer que sou inimigo dos meus próprios filhos?”, perguntou ele.

Ordenou-me então que nunca mais mencionasse o nome de Raspútin numa conversa. Para que isso acontecesse, pedi ao soberano que tomasse providências para que Raspútin nunca aparecesse na ala das crianças. Antes disso a tsarina tinha dito que depois das seis eu estava livre, como se sugerisse que não queria que visitasse as crianças depois dessa hora. Depois da conversa com o soberano, passei a ir ao quarto das crianças quando bem entendia. Mas a distância entre mim e a família continuou a crescer. [31](#)

Sófia continuou a falar sobre Raspútin com os amigos, e os boatos continuaram a circular. Vírubova lembrava-se de ter visitado parentes em Moscou e de eles lhe perguntarem se era verdade que Raspútin estava no palácio quase todos os dias e tinha permissão até para tomar banho com as crianças. Espantada, ela inquireu onde haviam ouvido aquele disparate, e responderam que da boca da própria Tiútcheva. Tiútcheva era de uma velha família nobre de Moscou e chegara à corte por recomendação de Ella, irmã de Alexandra e inimiga de Raspútin. Essas conexões ajudariam a fazer de Moscou um grande centro de oposição a Raspútin e, com o tempo, a Nicolau e Alexandra. (De fato: em março de 1910, Ella, claramente referindo-se a Raspútin, escreveu para Nicolau dizendo que “nem tudo que parece santo é santo”.) [32](#) Vírubova sustentava que, depois das conversas com Nicolau e Alexandra, Tiútcheva continuou a fazer intrigas e a semear desconfiança na corte e na família imperial. Provocava escândalos e instigava outras babás, tentando virar empregados da casa contra Alexandra, como o fez

com a princesa Obolénskaia, fiel dama de companhia da imperatriz. A grã-duquesa supostamente queixou-se à mãe das maquinações de Tiútcheva, que chegara a ponto de querer indispor-las contra a própria genitora.

Os boatos sobre o escândalo circulavam. Tiútcheva apresentava-se como vítima de Raspútin, e muitos acreditavam. Ela não conseguia enxergar que suas conversas, motivadas por genuíno amor e devoção às meninas, estavam na verdade alimentando as fofocas corrosivas que supunha tentar sufocar quando fora falar com Alexandra e Nicolau. Paradoxalmente, ao tentar abrir os olhos das pessoas para o perigo que Raspútin representava, ela abanava as chamas. Vírubova escreveu que todos os boatos absurdos sobre Raspútin e as crianças foram iniciados por Tiútcheva e ninguém era mais responsável do que ela por espalhar a “monstruosa fofoca” sobre a família imperial. ³³ O *valet de chambre* do imperador, Radtsig, disse às pessoas reunidas no salão dos Bogdanovitch em julho de 1910 que todos na corte agora odiavam a imperatriz, e que ela continuava a irritar-se com qualquer um que ousasse dizer alguma coisa ruim sobre Raspútin. Tanto Tiútcheva como Vichniakova, informou ele, foram afastadas durante dois meses por ousarem maldizer Raspútin. Acreditava-se que Vírubova assumiria o lugar de Tiútcheva. “Pobres crianças!”, rabiscou Alexandra Bogdanovitch em seu diário. ³⁴

Para Lili Dehn, amiga da imperatriz, o escândalo se devia exclusivamente à intromissão e à inveja de Tiútcheva. ³⁵ Mas essa era uma opinião compartilhada por poucos. Para a maioria, Tiútcheva era uma heroína. Apesar de suas tensas relações com a imperatriz, ela manteve o emprego de governanta das meninas por mais dois anos.

Durante as conversas com o tsar sobre Raspútin naquela primavera, Tiútcheva viu uma carta de Feofan na mesa de Nicolau. Aparentemente, era a segunda vez que ele escrevia ao imperador denunciando Raspútin. Na missiva, Feofan repetia a alegação feita no ano anterior de que Raspútin era vítima de “ilusão espiritual” e declarava ainda que se tratava de “um criminoso tanto no sentido religioso como no sentido moral da palavra”. Raspútin, advertia Feofan, era “um lobo em pele de cordeiro”. Feofan antes tinha pedido a Tiútcheva que entregasse a carta a Nicolau, mas ela se recusou, levando

em conta o problema em que já estava metida. Outra pessoa lhe fizera o favor. Nicolau disse a Tiútcheva que estava chocado com as palavras de Feofan, pois ele sempre lhe falara afetuosamente de Raspútin no passado. [36](#)

Feofan recebera novas informações, que não só confirmavam suas suspeitas do ano anterior como também apresentavam uma imagem de Raspútin muito mais sombria do que ele tinha imaginado. Tão grande fora o choque de Feofan ao saber desses novos detalhes, e de perceber que nem o imperador nem a imperatriz se dignavam admiti-los, que adoeceu, sofrendo uma paralisia facial. [37](#) As novas informações recebidas por Feofan eram uma confissão por escrito de Khionia Berladskaja, que tinha sido uma das mais fiéis discípulas de Raspútin. Ela agora o chamava de *khlist* e maníaco sexual, prisioneiro de sua própria “ilusão diabólica”. Berladskaja descrevia com minúcia a violenta natureza de Raspútin, afirmando que ele gostava de surrar Praskóvia e as outras mulheres à sua volta, e que as mantinha praticamente como reféns em sua casa em Pokróvskoie. Alegava que muitos anos antes Raspútin a estuprara no trem de Petersburgo para Pokróvskoie. A veracidade do relato de Berladskaja é altamente duvidosa; suas palavras parecem exageradas para produzir determinado efeito. Vladímir Bontch-Bruievitch descreveu a confissão como um monte de mentiras e exageros. [38](#) Veniamin tinha copiado a confissão de Berladskaja para dar a Feofan, e o original foi entregue ao metropolita de São Petersburgo, Antônio (Vadkovski), e, por intermédio dele, apresentado ao tsar. Segundo Iliodor, Nicolau chamou Raspútin, mostrou-lhe o caderno com a confissão de Berladskaja e quis saber se deveria ler aquilo. Raspútin reagiu perguntando se o tsar gostava de ler na vida dos santos que os caluniadores zombavam deles. Não, disse o imperador, e com isso jogou o caderno nas chamas da lareira. [39](#) Como tudo que Iliodor escreveu, deve-se abordar essa cena com considerável ceticismo.

Ao que parece, outro testemunho prejudicial a Raspútin tinha sido prestado por Elena Timofeieva, formada por uma escola religiosa para moças de São Petersburgo e cunhada de Vassíli Spiridonov, sacerdote local. Ela havia sido uma das primeiras seguidoras de Raspútin, que era extremamente apegado a Elena, chamando-a de “minha pombinha”, antes que ela desaparecesse de repente. Consta que teria confessado a

Feofan que fora abusada por Raspútin e Lokhtina, e que ele a convencera a deixar o *stárets* e entrar num convento. Vírubova lembrava-se de Elena, observando que ela de fato tinha sido crente fanática em Raspútin, porém se voltara contra ele — mas não porque a atacara, e sim porque a deixara envergonhada diante dos outros por causa de um jovem estudante por quem Elena se apaixonara. Impossível saber onde está a verdade. [40](#)

Feofan e Veniamin tentaram em seguida recrutar Iliodor para sua campanha, e partilharam com ele a confissão de Berladskaia e a história de Vichniakova. Raspútin, escreveram eles para Iliodor, tinha se revelado “o verdadeiro Demônio”. Raspútin aparentemente soube dos seus esforços para alistar Iliodor, e por isso escreveu ao amigo: “Meu querido Iliodoruchka! Não acredite nos caluniadores. Estão me difamando. E sabe por quê? Por inveja! Estou mais perto da família imperial do que eles; o tsar e a tsarina me amam muito e não dão a mínima para eles. É por isso que se ergueram contra mim, é por isso que planejam me derrubar. Não acredite neles. Esse pecado será a sua ruína”. [41](#) Iliodor tomou o partido de Raspútin, por razões que não estão claras. Escreveria mais tarde que foi o medo do que Raspútin pudesse fazer contra ele que o impediu de juntar-se a Feofan, apesar de ser igualmente provável que ainda não estivesse convencido das acusações feitas contra o amigo. [42](#) Iliodor defenderia Raspútin de forma ruidosa ao longo de 1910, quando ele foi alvo de uma imensa campanha na imprensa. Nunca demonstrou a menor hesitação em sua crença na santidade de Raspútin.

Em maio, o jornal *Fala* informou que, depois que Feofan e Veniamin atacaram Raspútin, Iliodor foi a Petersburgo “incógnito” para defender Raspútin e conseguiu ressuscitar sua reputação numa época em que o siberiano não era mais recebido nos salões da cidade. Um agitado Raspútin, escreveu o jornal, tinha ameaçado Feofan: “Vou mostrar a você, seu asceta submisso, vou mostrar a você. Vou lhe ensinar a ter o respeito necessário quando lidar com o *stárets*. Vou voltar a Petersburgo e então nada o salvará de mim”. [43](#) A citação é obviamente inventada, e o mais provável é que Iliodor nunca tenha ido à capital restaurar o status de Raspútin. De qualquer forma, esse período foi o ápice da bizarra carreira de Iliodor. Havia terminado de construir um

mosteiro em Tsarítsin, capaz de acomodar 7 mil peregrinos. Sua loja vendia bugigangas e suvenires religiosos, incluindo uma imagem chamada “Santa Rússia” com uma figura parecida com Cristo que lembrava de forma inconfundível o próprio Iliodor. Ele se considerava candidato à santidade, e muitos em Tsarítsin concordavam. Mais de 10 mil fiéis apareciam para ouvir seus sermões incendiários, cheios de ódio. Às vezes tinha a audácia de conclamar o rebanho a rebelar-se. Era ultrajante. Iliodor pendurou um grande retrato de Liev Tolstói e incentivava os paroquianos a cuspirem no “grande ateu e degenerado” quando passassem por ele. ⁴⁴ Iliodor se julgava intocável. O futuro era seu.

Tendo fracassado com Iliodor, Feofan procurou Germogen. Obviamente sabia que Germogen era partidário de Raspútin, mas escreveu que esperava que as novas informações que estava compartilhando abrissem os olhos de Germogen, assim como ele, também, tinha mudado de opinião sobre Raspútin. Ao saber dos esforços de Feofan, Raspútin teria viajado a Sarátov para conversar pessoalmente com Germogen e tentar convencê-lo de que as acusações eram infundadas. Germogen diria mais tarde que foi depois desse encontro com Raspútin, e de confrontá-lo sobre as informações dadas por Feofan, que sua avaliação mudou. Disse que passara a ver Raspútin como de fato era, parou de recebê-lo e tentou, sem êxito, esclarecer Iliodor também. ⁴⁵ Ecos da discórdia apareceram na imprensa no começo de julho, citando uma suposta fala de Germogen: “Na verdade, ele é o filho do Diabo”. ⁴⁶ Mas o relato foi prematuro e, apesar de sua própria descrição dos acontecimentos, Germogen só romperia com Raspútin no fim de 1911.

Manifestar oposição a Raspútin exigia coragem da parte de Feofan, mas ele estava disposto a arriscar suas calorosas relações com o imperador e a imperatriz pelo que acreditava ser a verdade. Feofan não pagou por sua honestidade. É verdade que foi substituído como confessor de Alexei naquele ano pelo padre Aleksandr Vasilev, mas permaneceu como confessor de suas majestades até 1914. Em novembro, Feofan foi nomeado bispo de Táurida e Simferopol e, apesar de sua designação ser às vezes apresentada como um castigo, não foi

bem assim. Feofan e Alexandra continuaram bons amigos depois de novembro, e o próprio Feofan não considerou a nova missão um sinal de descrédito. Na verdade, parece ter sido o contrário. O novo cargo na Crimeia era indício de que suas majestades se preocupavam com o bem-estar de Feofan, pois o clima de Petersburgo era extremamente severo com ele, e foi decidido que o tempo mais quente do sul lhe faria bem. Em suas viagens posteriores à Crimeia, os filhos do tsar iam ao bosque colher frutos especiais para a saúde de Feofan, e ele tinha acesso ao automóvel do imperador para viajar às montanhas.

Feofan tentou não culpar demais Raspútin pelo rumo que sua vida tomou. Havia, em sua opinião, outras forças em ação, mais decisivas.

Ele não era um hipócrita, não era um canalha. Era um verdadeiro homem de Deus, saído do seio da gente simples. Mas sob a influência da alta sociedade, que não compreendia esse homem simples, ocorreu uma terrível catástrofe espiritual e ele decaiu. E o ambiente que provocou a queda adotou a atitude mais frívola. Para a alta sociedade aquilo não passava de uma “boa piada”. Essa queda, no sentido espiritual, pode, no entanto, ter consequências muito sérias [...]. [47](#)

Raspútin, em outras palavras, é quem teria sido a vítima. Tal interpretação se tornaria bastante comum, ou seja, a de que Raspútin, o simples camponês russo, fora destruído pelo contato com a corrupta elite europeizada da capital. Não é uma ideia inteiramente sem mérito.

* [Sófia Dmítrievna Samárina](#), dama de companhia de Alexandra.

19. A imprensa descobre Raspútin

Apesar dos escândalos no quarto das crianças, das fofocas nos salões e da campanha de Feofan, ainda era possível encontrar gente na Rússia no começo de 1910 que não sabia quem era Raspútin. Na verdade, essas pessoas podiam ser encontradas dentro da família Románov. O grão-duque Konstantin Konstantínovitch (K. R.), tio do tsar, anotou em seu diário em 19 de janeiro de 1910 que fora informado dois dias antes pelo bispo de Kronstadt, Vladímir (Putiata), “sobre os rumores relativos a um louco divino, Grigóri, simples camponês apresentado à Imperatriz A. F. por Militsa e de quem se diz ter grande influência na casa da tsarina. Foi uma surpresa um tanto desagradável o bispo tocar num assunto totalmente estranho para nós, sobre o qual é muito difícil distinguir onde termina a verdade e começam os boatos”. ¹

Isso tudo logo mudaria. Em 2 de março de 1910, a *Gazeta de Moscou* publicou uma longa matéria intitulada “O ator espiritual itinerante Grigóri Raspútin”. Antes do fim do mês, quase todo o país passou a conhecer o nome de Raspútin.

“Ultimamente tem havido frequentes menções na sociedade a certo ‘stárets’ Grigóri, de sobrenome ‘Raspútin-Novikh’”, começava o artigo. “Só recentemente Grigóri pediu para substituir seu antigo sobrenome — Raspútin. Lamentamos a mudança porque o sobrenome original corresponde com mais exatidão ao modo de vida desse ‘stárets’.” ²

Mikhail Novoselov, autor da matéria, apresentava três documentos sobre Raspútin, seus ensinamentos e seu caráter, redigidos por três pessoas cujos nomes não eram citados — um jornalista de Tsarítsin, um estudante e um colega stárets —, todas elas, segundo o autor, bem familiarizadas com o homem santo siberiano. Os documentos pintavam

uma imagem negativa de Raspútin como astuto charlatão, ganancioso alpinista social e mulherengo devasso que recorria ao hipnotismo e a carícias lascivas para cultivar uma imagem, entre seus seguidores, quase sempre mulheres, de verdadeiro homem de Deus, supostamente conduzindo-as a uma “condição celestial”, sendo ele, na verdade, um falso profeta, cujas noções nada tinham em comum com a verdadeira fé cristã, e com as características de um homem vitimado pela “ilusão espiritual”. Dizia-se que Raspútin era preguiçoso e inadequado como homem de família, tendo abandonado a casa, deixando de sustentar a família; seus filhos eram “pequenos patifes malcriados”. Sua devassidão era responsável pela destruição da vida de muitas famílias e mulheres. Novoselov concluía afirmando que um arcebispo (Feofan, talvez?) recentemente lhe contara que Raspútin era “um *khlist* e maníaco sexual”. Embora, de acordo com Novoselov, não houvesse nenhuma dúvida quanto aos fatos, ele temia que nem as autoridades da Igreja nem as do Estado, com sua costumeira “covardia”, tomassem qualquer providência contra Raspútin, por isso endereçava suas palavras à “consciência moral e à mente sadia dos padres comuns e seus paroquianos”.

Era uma imagem daninha, sem dúvida, ainda que quase nada fosse verdade. Não que isso parecesse fazer diferença para o autor. Nascido no clero russo tanto pelo lado do pai como pelo lado da mãe, Novoselov tinha sido um “buscador” religioso desde os primeiros anos. Após concluir a Universidade de São Petersburgo, caiu sob a influência de Liev Tolstói. Os dois trocavam cartas, e Novoselov foi preso mais tarde por distribuir escritos ilegais do grande escritor e banido da capital. Aos trinta anos rompeu com o tolstoianismo e passou a flertar com as ideias do filósofo religioso Vladímir Soloviov e da Sociedade Filosófico-Religiosa. Conhecia não só Ioann de Kronstadt, mas também os “Buscadores de Deus”, homens como Berdiáiev, Rozanov e Serguei Bulgákov. Também fazia parte do círculo moscovita de Ella, a irmã da imperatriz. Berdiáiev escreveu que o apartamento de Novoselov tinha um quê de cela monástica; ele vivia cercado de *startsi*, ascetas e outros tipos de devotos religiosos. Novoselov não tinha a menor paciência com hierarcas da Igreja, reconhecendo apenas a autoridade espiritual desses humildes homens santos. ³

Novoselov começara a suspeitar de Raspútin já em 1907, e aparentemente confidenciou suas dúvidas a outrem muito antes de 1910. Pôs-se a reunir material e a escrever um texto condenatório sobre Raspútin, mas tudo foi confiscado pela polícia antes que ele pudesse publicar. ⁴ Seu ódio a Raspútin quase não conhecia limites. O general Bogdanovitch afirmou que Novoselov acreditava de fato que Raspútin era a encarnação do Diabo. ⁵ Essa antipatia devia-se, em grande parte, à simpatia de Novoselov pelo mundo religioso de onde Raspútin surgiu e que dizia representar: para um homem como ele, o fato de o camponês siberiano reputar-se um *stárets* equivalia a uma forma de traição espiritual, a uma caricatura das mais desprezíveis e um insulto a todos os verdadeiros homens santos do povo.

Liev Tikhomirov, editor da *Gazeta de Moscou*, também era uma figura-chave por trás do artigo. Ele alegaria mais tarde que tinha sido o primeiro a desmascarar Raspútin com essa publicação. ⁶ Se Novoselov odiava Raspútin por ser uma falsa expressão da religião popular, Tikhomirov o odiava porque Raspútin representava para ele uma perversão de sua ideia de “autocracia popular”. Tikhomirov tinha sido populista radical antes de tornar-se monarquista, e, embora a noção de um camponês abrindo caminho até o palácio e formando uma ponte entre o *narod* e o tsar fosse exatamente o que desejava, aquele camponês em particular o enervava em alto grau. Aos olhos de Tikhomirov, isso equivalia a uma grande deslealdade. ⁷ Tikhomirov viu Novoselov em 25 de março e lhe disse que, pelo que sabia, a matéria não tivera efeito algum sobre suas majestades. Não havia nem a certeza de que Nicolau a lera, embora soubesse que se o tsar tivesse visto ficaria furioso. ⁸

Para o resto do público, a matéria foi como a explosão de uma bomba. Trechos foram reproduzidos em outros jornais russos, incluindo alguns de São Petersburgo, que botaram mais lenha na fogueira. ⁹ Iliodor saiu em defesa de Raspútin na imprensa, sustentando que se tratava de um verdadeiro *stárets* que tinha subjugado seus instintos carnis tão completamente que já não dormia sequer com a própria mulher. ¹⁰ De acordo com o jornal *Manhã da Rússia* de 23 de março, Iliodor tinha pronunciado também um sermão ameaçando amarrar Novoselov e os editores ao “poste da vergonha russa” e surrá-los até sangrarem. Iliodor via naquela matéria um ato de traição contra

o falecido editor da *Gazeta de Moscou*, Vladímir Gringmut, antigo líder das Centúrias Negras. Iliodor tinha certeza de que o alvo principal de Novoselov era o grupo Centúrias Negras, e não Raspútin, um conveniente substituto. ¹¹ (Raspútin jamais pertenceu às Centúrias Negras, apesar de ter seu nome às vezes citado em conexão com o grupo reacionário por causa das suas estreitas ligações com Iliodor e Germogen.) Quando Tikhomirov leu a matéria, ficou estupefato: com presciência, vislumbrou no ódio cego provocado pelo escândalo o dobre de finados do regime dos Románov. Escreveu em seu diário:

Eis aí vossa “Velha Rússia do Centúrias Negras”! De que essas absurdas forças das trevas não são capazes? [...]

Não sei o que a Igreja fará, mas a monarquia, parece, está acabada, a não ser que por milagre apareça um salvador, forte e sábio, com mão poderosa e poderosa cabeça. ¹²

Tão espetacular tinha sido a resposta à sua matéria que Novoselov publicou uma continuação em 30 de março — “Mais uma palavra sobre Grigóri Raspútin”. Explicou que tinha recebido grande quantidade de cartas de outras pessoas que conheciam Raspútin e que confirmavam o que ele escrevera no primeiro texto. Esse segundo artigo afirmava que de forma nenhuma ele era motivado por um ataque partidário ao Centúrias Negras, mas dirigido exclusivamente a Raspútin. Também ressaltava que até mesmo Feofan, outrora um dos maiores defensores de Raspútin, tinha visto a luz e agora se insurgia contra ele, após ter rompido todos os laços com o falso *stárets*. Depois de ler a matéria de Novoselov, Feofan lhe escreveu para dizer que não havia mais como salvar Raspútin: “Ele afunda cada vez mais na ilusão, e sob o feitiço de uma força demoníaca passou definitivamente para o lado das trevas e insiste, pronunciando falsidades, em permanecer nos domínios da mentira”. ¹³

A *Gazeta de Moscou* não parou por aí. Voltou à carga em 30 de abril, ridicularizando as palavras de um discurso de Iliodor recém-publicado num dos jornais de Tsarítsin, no qual declarava que sim, era verdade, Raspútin “ama muito as mulheres, acaricia-as e beija-as, não à maneira dos pecadores, mas com um tipo especial de santidade”. Segundo o jornal, isso servia apenas para provar que Raspútin era um *khlist* e, como tal, pertencia a uma seita que a lei considerava nociva e inadmissível. Tikhomirov e o jornal exigiam respostas: por que o Sínodo

não investiga Raspútin? Por que o procurador-chefe não está preocupado? Se o que tinha sido publicado era verdade e Raspútin era de fato um *khlist*, como era possível o Sínodo permitir que padres como Iliodor o defendessem publicamente? “A personalidade de Grigóri Raspútin precisa ser trazida à luz, e essa sedução tem que acabar”, bradava a *Gazeta*. ¹⁴

Tikhomirov tentara usar a imprensa para abrir os olhos do tsar para a verdade (segundo seu ponto de vista) sobre Raspútin e o perigo que representava para o trono. Quando soube do escândalo, Nicolau se mostrou profundamente decepcionado com os atos de Tikhomirov e não quis mais vê-lo. Tikhomirov ficou magoado e entristecido com a notícia, mas não se arrependeu: “Se é assim, que seja. Não posso deixar de expor a depravação espiritual”. Stolípín diria mais tarde a Tikhomirov que seu ato tinha sido heroico, mas cair em desgraça com o tsar lhe custara muito caro. O desapontamento foi recíproco, embora maior para Tikhomirov: perdeu a fé no soberano, e nesse desencanto vemos como Raspútin ajudou a transformar partidários leais do imperador em inimigos. Tikhomirov mencionou profunda desilusão e pessimismo com o futuro da Rússia em seu diário:

Com esse imperador, não é possível nada além de “sedição” revolucionária. [...] Um “*inteligente* russo” subiu ao trono, e não, claro, um tipo revolucionário, porém um tipo “liberal”, indeciso, frágil, alguém com uma “bela alma”, que não compreende absolutamente nada das verdadeiras leis da vida [...]. Não existe tsar, e ninguém quer ter um... E a Igreja... está desmoronando também. A fé está desaparecendo... Oh, povo russo! ¹⁵

O ataque lançado pela monarquista *Gazeta de Moscou* foi seguido por ofensivas semelhantes na imprensa liberal, sobretudo em *Fala*, o jornal do partido Constitucional Democrata (Kadet). Entre 20 de maio e 26 de junho, *Fala* publicou dez artigos sob o título “Raspútin-Novikh”, anunciados como o primeiro exame em profundidade da vida do “*stárets* criminoso”. A série descrevia, com detalhes vívidos, o estranho harém de doze belas jovens selecionadas em toda a Sibéria que Raspútin mantinha presas em sua casa de Pokróvskoie. Viviam luxuosamente, mas trêmulas de medo sob seu violento arbítrio. Ninguém, nem mesmo a esposa, ousava dizer uma palavra de protesto. Seu poder era ilimitado. “Ele pode fazer qualquer coisa”, teria dito uma das mulheres. Ela, como outras, queria fugir, mas sabia que era impossível. Raspútin tinha

recrutado também dois seguidores homens, *startsi* como ele próprio, permitindo-lhes manter duas “irmãs”, além das esposas legítimas, só por prazer. Os artigos reconheciam que Raspútin tinha talentos especiais, notavelmente a capacidade de adivinhar a sorte das pessoas, mas ressaltavam sua perversa visão moral. “Tenho em mim um elemento de Jesus Cristo, e só por meu intermédio é possível ser salvo. Daí a necessidade de fundir-se comigo em corpo e alma. Tudo que emana de mim é fonte de luz que lava todos os pecados”, estampou o jornal, atribuindo a citação a Raspútin. ¹⁶ O autor da matéria identificava-se apenas como “S. V.”. É possível que o homem escondido atrás dessas iniciais fosse o padre Vladímir Vostokov, sacerdote liberal que viria a ser um dos mais implacáveis inimigos de Raspútin e mais tarde, depois do golpe bolchevique, um pernicioso proponente da conspiração “judaico-maçônica” para destruir a Rússia. ¹⁷ A série de artigos de *Fala* ganhou ampla repercussão e foi reproduzida em numerosas publicações em cidades de toda a Rússia. ¹⁸

O jornal *Manhã do Sul*, de Iekaterinoslav, publicou entre 30 de maio e 4 de junho uma longa reportagem, dividida em várias partes, sobre a vida de Raspútin. O autor, Aleksandr Senin, dizia ter vivido um tempo em Pokróvskoie e conhecido Raspútin no começo de 1907. O trabalho de Senin era um festival de mentiras e histórias extravagantes, repetindo muita coisa que tinha aparecido em outros artigos naquela primavera. Ele incluiu uma história sobre duas jovens saudáveis que foram viver com Raspútin, ficaram doentes e debilitadas e morreram em circunstâncias misteriosas, e outra sobre uma jovem que engravidou quando morava com os Raspútin e desaparecera estranhamente, sem deixar pistas. ¹⁹

Fala noticiou em maio que Raspútin fora procurar Iliodor e Germogen para que saíssem em sua defesa. Germogen supostamente já estava na capital para reabilitar Raspútin; e, por ter feito discursos tão fortes em defesa de Raspútin em abril, Iliodor também estava sendo esperado. A intenção deles, porém, seria em parte motivada por interesse pessoal. Dizia a matéria que, nos dois ou três anos anteriores, Germogen e Iliodor vinham se julgando especialmente poderosos, o que se devia em grande parte a sua associação com Raspútin. O jornal alegou que em Tsarítsin, naquela primavera, Iliodor continuou sua

defesa pública de Raspútin, tendo chegado a ponto de compará-lo a um profeta do Antigo Testamento e chamá-lo de santo. [20](#)

O escritor, editor e missionário ortodoxo monarquista Vassíli Skvortsov ofereceu sua interpretação de Raspútin nas páginas do *Pensamento de Tsarítsin* em julho. Considerava Raspútin um homem de “faro” psicológico refinadíssimo — um exemplo dos *startsi*, quase todos muito talentosos, vindos das “profundezas do mundo dos *khlisti*”. Nesse sentido, via o protótipo de Raspútin num *stárets* de nome Stefan. Tendo aparecido pela primeira vez 25 anos antes, ele também atraía a atenção das autoridades, sendo investigado e desterrado para Suzdal, onde se ordenou padre e ainda vivia como monge num mosteiro. Stefan tinha sido milagreiro, com a ajuda da hipnose. Hipnotizava mulheres que buscavam ajuda espiritual, e então, sob efeito do transe e fazendo estranhos gestos com as mãos, as convencia de que suas almas tinham sido invadidas por um “demônio” e que a única esperança era permitirem que o exorcizasse. Para isso conversava com o demônio, enquanto acariciava o peito e os ombros da mulher, lentamente descendo a mão pelo corpo. Só depois de fazer sexo com ela podia afirmar que tinha expulsado a presença maligna. Skvortsov indagava se Raspútin, como Stefan, não teria empregado o mesmo método em suas vítimas. Numa matéria que deu sequência ao tema, o jornal noticiou que Stefan tinha estuprado duzentas jovens depois de atraí-las para o mosteiro com suas “teorias rasputinianas sobre a santidade da carne”. Stefan e Raspútin, concluía o *Pensamento de Tsarítsin*, eram da mesma laia. [21](#)

A essa altura as embaixadas estrangeiras já prestavam atenção. Num relatório datado de 7 de abril/25 de março de 1910, o embaixador austríaco Leopold Graf Berchtold escreveu para Viena dando a notícia do escândalo: “Como antes, a presença frequente de um clérigo suspeito pertencente a uma seita proibida pela polícia na esfera íntima da imperatriz tem causado grande transtorno às damas da corte, e todas as tentativas de alertar a soberana para os danosos efeitos dessa interação têm sido totalmente infrutíferas”. [22](#) Se o embaixador julgava Raspútin intocável, a imprensa dizia que ele estava acabado. O *Pensamento de Tsarítsin* publicou em 13 de junho uma reportagem intitulada “O fim de Raspútin”. “Os debates em Tsarítsin terminaram”, começava o texto.

“Todos foram obrigados a reconhecer que Raspútin é um tratante, um infame, um vil caçador de dinheiro e mulheres.” [23](#)

Nicolau ficou furioso com a campanha dos jornais, cada vez mais intensa ao longo da primavera. Mandou um bilhete para Stolípín declarando, em linguagem veemente, que estava farto dos artigos, que ninguém tinha o direito de comentar seus assuntos privados e que o ministro devia interromper de imediato a publicações dessas matérias. Além disso, o tsar informou a Stolípín que ele já deveria ter dado um basta naquilo. [24](#) Mas não era tão simples. As reformas políticas que vieram depois da Revolução de 1905 garantiam bastante liberdade de imprensa, embora os editores continuassem sendo pressionados e multados, às vezes até tendo seu negócio fechado, por ultrapassarem os limites do que se considerava tolerável. Na verdade, sob o governo de Stolípín, entre 1907 e 1909, centenas de jornais tinham sido suspensos e mais de trezentos editores foram condenados à prisão. Editores de alguns dos principais jornais — Alexei Suvórin, de *Novos Tempos* , e Ióssif Gessen, de *Fala* , por exemplo — já estavam sob vigilância da Okhrana em 1910. Mas o chefe da divisão de imprensa do departamento de polícia lembrou a Stolípín que, apesar de alguns artigos sobre Raspútín conterem elementos passíveis de serem considerados criminosos, a polícia só tomou conhecimento da questão depois que os jornais foram impressos, e a essa altura era tarde demais para impedir que os exemplares chegassem ao público. [25](#)

Mesmo assim, Stolípín precisava tomar uma providência. Teve um encontro com Alexei Belgard, chefe da administração estatal para assuntos de imprensa, e lhe pediu conselhos. Belgard também achava que era ilegal simplesmente fechar os jornais, por isso decidiram fazer uma lista das publicações mais importantes e ter conversas individuais com seus editores para pedir que evitassem tocar no assunto Raspútín no futuro. Alguns, como o príncipe Meschérski, do *Cidadão* , concordaram a contragosto; porém, outros, como Ióssif Gessen, de *Fala* , disseram que ficariam felizes de parar de escrever sobre Raspútín quando ele desaparecesse e não houvesse mais razão para a imprensa se preocupar com ele. [26](#) Ao mesmo tempo, Stolípín instruiu Aleksandr Makárov, vice-ministro do Interior, a escrever para o governador da

cidade de Moscou, Aleksandr Adrianov, e informá-lo da “completa indesejabilidade da aparição, nos órgãos da imprensa periódica, de qualquer artigo ou reportagem sobre o camponês da província de Tobolsk, distrito de Tiumen, aldeia de Pokróvskoie, de nome Grigóri Iefimovitch Raspútin-Novikh”. Se isso acontecesse, Adrianov recebera ordem para entrar imediatamente em contato com os editores responsáveis e informá-los desse desejo, porém “fazê-lo da maneira mais polida e correta, mas ao mesmo tempo persuasiva e insistente, sem, no entanto, recorrer a ameaças de punição administrativa, influenciando esses editores com seus poderes de persuasão e sua autoridade”. ²⁷ Em 15 de dezembro, Adrianov esteve com Tikhomirov para levar ao seu conhecimento o desejo do governo. “Isto é simplesmente terrível”, respondeu Tikhomirov. ²⁸

A polícia começou a vigiar a imprensa à procura da mais leve menção de Raspútin. Todo artigo, por menor e mais insignificante que fosse, era recortado e guardado em pastas especiais nos arquivos da polícia. E não era só isso. A polícia pôs-se a monitorar a imprensa estrangeira também. As publicações, principalmente na Europa e na Grã-Bretanha, eram esquadrinhadas em busca de referências a Raspútin; os artigos eram recortados, traduzidos para o russo e arquivados. Uma entrevista que o revolucionário exilado Vladímir Burtsev concedeu ao jornal francês *L'Humanité* em abril de 1912, por exemplo, foi parar nos arquivos da Okhrana sobre Raspútin, ao lado de um escandaloso artigo da princesa Catherine Radziwill, do sueco *Dagens Nyheter*. Quando, em 1912, agentes russos na Alemanha ouviram rumores a respeito de um romance sensacionalista sobre Raspútin a ser publicado no país em breve, agentes em Berlim, Paris e São Petersburgo receberam ordem para descobrir todos os detalhes do livro. Em 9 de novembro de 1913, um panorama da imprensa estrangeira preparado para o ministro do Interior incluía uma matéria do *Rheinisch-Westfälische Zeitung* descrevendo a crescente influência de Raspútin sobre o imperador e a imperatriz da Rússia. ²⁹

No segundo semestre de 1910 a campanha de imprensa contra Raspútin perdeu força, por razões não muito claras. Pode ser que as providências tomadas pelo Ministério do Interior tenham surtido o efeito desejado, ou pode ter tido a ver com o fato de a família imperial

deixar a Rússia para ir a estações balneárias na Alemanha. [30](#) Não importa a razão, a trégua representou não o fim das hostilidades, apenas um breve cessar-fogo. Os primeiros tiros na guerra contra Raspútín tinham sido disparados, e nada deteria seus inimigos.

20. À procura de Raspútin

Assim como Tiútcheva e Feofan, a imprensa tinha fracassado em sua tentativa de forçar Nicolau e Alexandra a romper com Raspútin. Apesar disso, os jornais não poderiam deixar de noticiar, com injustificada alegria, em maio de 1910, que Raspútin tinha sido preso e exilado para Pokróvskoie sem direito a retorno. ¹ Raspútin esteve de fato ausente da corte do primeiro semestre de 1910 a fevereiro de 1911, o que pode muito bem ter sido uma espécie de entendimento comum entre ele e suas majestades para manter distância até o escândalo amainar. Em maio, Raspútin deixou Petersburgo para uma reunião com Germogen e Iliodor em Sarátov e, de lá, retornou a Pokróvskoie para passar o verão. Fez falta na corte, onde Alexandra estava doente. Em 8 de agosto, Nikolai Sáblin telegrafou de Petersburgo para Raspútin: “Reze. Anime Mamãe. Ela não está bem. Com você em meus pensamentos. Sempre lembramos de você, muito triste sem você. Beijo. Você vem?”. ²

Raspútin de fato foi à capital, embora não se saiba se visitou o palácio. A polícia o localizou na terceira semana de agosto num apartamento do no 8 da via Kuznechni que pertencia a Gueórgui Sazónov e sua mulher, Maria. ³ Sazónov era um escritor medíocre e editor descrito pelo conde Witte como um homem “anormal”. Começou na extrema esquerda política nos últimos anos do século XIX, antes de migrar para a direita após a Revolução de 1905, atraído a princípio pelo Centúrias Negras e por figuras como o político Vladímir Purichkévitich e depois, cada vez mais, por vários tipos religiosos de direita como Iliodor e Germogen, na época em ascensão, e em quem Sazónov resolveu arriscar a sorte. ⁴ Os Sazónov eram amigos dos Lokhtin, e foi Olga que contou a Gueórgui que Raspútin gostaria de encontrar-se com ele. ⁵ Raspútin foi à casa dos

Sazónov e claramente se sentiu bem-vindo. Sazónov sabia que estava se arriscando, devido a tudo que se dizia de Raspútin, mas não se deixou intimidar e não se arrependeu dessa decisão.

Eu me vi olhando para o rosto característico de um eremita de pintura bizantina, esquelético, sério, com olhos fundos, penetrantes. O que mais me chamou a atenção foi seu excepcional nervosismo, a brusquidão dos movimentos. A marca de sua alma era a de um místico. Fé devota, mas ausência de sinais de religiosidade. A sinceridade do seu tom. A fala era abrupta, desconexa, e parecia dar saltos. Nenhum narcisismo, nenhuma máscara. Nada daquilo correspondia à descrição que a imprensa fazia dele. A marca de sua alma, toda a sua natureza, sua forma humana, eram inteiramente diferentes. ⁶

Sazónov convidou Raspútin a ficar com eles. O pessoal da casa impressionava-se com sua devoção. Um criado foi um dia contar a Gueórgui que seu novo hóspede passava as noites em claro a rezar. Em visitas à dacha da família, Raspútin saía de noite para os bosques e rezava por horas a fio. Feofan tinha notado a mesma coisa, comentando que a profundidade com que Raspútin orava era uma coisa que raramente tinha visto mesmo entre os monges mais santos. Não demorou para que surgissem boatos de que Raspútin estava tendo um caso com Maria Sazónova. Isso não pode ser verificado, mas o que se sabe ao certo é que os Sazónov mantiveram a amizade com Raspútin até sua morte, e que Sazónov jamais teve dúvidas sobre a moralidade do *stárets*. ⁷ Witte descreveu as relações de Sazónov com Raspútin como “uma coisa análoga ao curador de um museu exibindo suas criaturas exóticas”. A acreditar-se em Witte, Sazónov usou suas conexões com o novo hóspede para avançar na carreira e chegar muito além de onde seus modestos talentos o teriam levado. ⁸

Um dos homens a quem apresentou Raspútin foi o publicista Mikhail Ménchikov. Membro do salão dos Bogdanovitch, Ménchikov tinha ouvido todas as fofocas sobre Raspútin e estava curioso para finalmente conhecê-lo. Jantaram juntos e conversaram por um bom tempo. Ménchikov surpreendeu-se com o quanto Raspútin era jovem, nem um pouco parecido com o *stárets* que diziam ser, e com o fato de aquele camponês siberiano quase em estado bruto ter conseguido ascender tanto. Enquanto falavam, Ménchikov ia se encantando cada vez mais com Raspútin. Qualificou-o como um “filósofo natural, surgido das bases das massas camponesas”, quase analfabeto, mas com grande conhecimento das Escrituras e muito talento. Algumas expressões de

Raspútín pareceram a Ménchikov originais e até mesmo profundas, estranhamente parecidas às coisas que os antigos oráculos diziam, como uma pitonisa de Delfos dos tempos modernos. Havia qualquer coisa de ladino nele, considerou Ménchikov, mas não no mau sentido, e saiu do encontro achando que Raspútín era o tipo de homem capaz de despertar a grande maioria dos crentes ortodoxos russos do seu “sono letárgico”. A única coisa de que não gostou no sujeito foram as botas — altas, rígidas, lustrosas e pretas, que os russos chamavam de “garrafas” —, chiques demais, elegantes demais num suposto *stárets* do povo. ² Não, o Raspútín que Ménchikov conheceu não correspondia de forma nenhuma àquele sobre quem ouvira falar na casa dos Bogdanovitch. Foi exatamente o que disse durante uma reunião do grupo, afirmando que Raspútín era de fato um cristão sincero e verdadeiro. Suas palavras foram ouvidas com incrédulo silêncio. ¹⁰

Em algum momento depois disso Raspútín perguntou a Sazónov se poderia trazer a filha Maria para morar com eles também, e o dono da casa concordou, em parte porque tinha uma filha mais ou menos da mesma idade, e as duas meninas se tornaram boas amigas. Inicialmente o pai de Maria a tinha levado a Kazan para estudar na Escola Marínski, mas ela estava lá sozinha, por isso ele acabou levando-a para Petersburgo, onde ela foi matriculada na Escola Steblin-Kamenski, na avenida Liteini. Mais tarde, a irmã Varvara se juntou a ela, e as duas se tornaram pensionistas, indo a casa para ver o pai e o resto da família nos feriados. A princípio as irmãs tinham frequentado a escola da aldeia em Pokróvskoie, mas, segundo Maria, a imperatriz resolveu que elas deveriam ter uma educação melhor, e foi por insistência dela que Raspútín as colocou numa ótima escola da capital. Dmítri foi mandado a Sarátov para estudar com Germogen, mas jamais gostou dos livros, sentia falta da vida em casa e acabou voltando para Pokróvskoie. Praskóvia visitou a capital várias vezes com o marido, mas preferia a aldeia. O pai de Raspútín também. Iefim só visitou Petersburgo uma vez. Achou o barulho e a agitação difíceis de aguentar. Maria escreveu que, antes de criar coragem para atravessar a rua, ele fazia o sinal da cruz e então, cautelosamente, marchava na direção do enxame de automóveis. ¹¹

A polícia informou em 24 de agosto que Raspútin tinha partido de Petersburgo para Moscou. A Okhrana de Moscou foi notificada, mas até 24 de outubro ainda não o localizara. A Okhrana mandou agentes verificarem em Tsárskoie Seló; ali também não encontraram nem sinal. ¹² O paradeiro de Raspútin nos últimos meses de 1910 tornou-se assunto de consideráveis conjecturas. O jornal *Manhã da Rússia* informou em 14 de setembro que Raspútin fora banido da capital e de outras grandes cidades da Rússia central, que por mais de dois meses vinha tentando conseguir permissão para retornar e que na verdade já estava finalmente de volta a Petersburgo. ¹³ No dia seguinte, *O Timão* escreveu corrigindo a notícia, afirmando que Raspútin na verdade estava morando numa dacha alugada perto de Viritsa, a uma hora de trem da cidade, na direção sul. “O objetivo de sua vinda”, proclamou o jornal com falsa autoridade, “é reabilitar-se.” ¹⁴ Naquele mesmo dia, outro veículo de imprensa informou que as tentativas de Raspútin de conseguir um encontro com o Sínodo, um dos passos da sua reabilitação, tinham fracassado; ele mais uma vez fora proibido de morar na capital e resolvera instalar-se nos arredores de Tver. ¹⁵

Enquanto isso, a polícia continuava procurando. Como ministro do Interior — sob cuja autoridade operavam as diversas agências policiais, incluindo o departamento de polícia, a Okhrana e os corpos de gendarmes —, Stolípin ordenou que seus agentes encontrassem Raspútin. ¹⁶ Em 24 de outubro ele recebeu um relatório secreto da Okhrana de São Petersburgo declarando que Raspútin não estava na capital nem nos arredores. Agentes da Okhrana tinham ido perguntar a Sazónov sobre seu paradeiro. Este lhes disse que Raspútin se hospedara com ele em agosto e viajara para Moscou, mas agora estava de novo “em sua terra natal”. Sazónov acrescentou que esperava a chegada da mulher de Raspútin da Sibéria a qualquer momento. Além disso, a Okhrana tinha ouvido notícias de que Raspútin estivera em Tsárskoie Seló durante sua última visita, mas um agente despachado para investigar a validade desses rumores descobriu que eram infundados. Por fim, telegramas foram mandados para Moscou e Tobolsk pedindo informações adicionais sobre o paradeiro de Raspútin. Stolípin deu

instruções para que Raspútin fosse posto sob “atenta vigilância” caso voltasse à capital.

Dois dias depois, outro relatório confidencial foi preparado, e logo em seguida anotado no “Diário Secreto” da Seção Especial (*Osobi ot del*) do departamento de polícia:

Seguem inclusos os detalhes que obtive por método secreto sobre a investigação do caso de Grigóri Iefimovitch Raspútin-Noví, camponês da província de Tobolsk, distrito de Tiumen, administração e aldeia de Pokróvskoie:

Descrição física: 38-40 anos, estatura — alto, cabelos — castanho-claros, olhos com órbitas fundas. Não se sabe onde está vivendo agora, mas isto pode ser descoberto: por entrevistas com várias pessoas, observação secreta etc. Tem-se notícia de que Raspútin atualmente vive com sua amiga Olga Vladímirovna Lokhtina, esposa de um engenheiro, que mora em algum lugar do P[equeno] [rio] Okhta, embora, muito provavelmente, sem ser legalmente registrado. Cinco dias atrás ele, Raspútin, foi visto viajando de cabriolé rumo à balsa perto da igreja de Santa Maria Madalena no P. Okhta. Devia estar saindo da casa de Lokhtina para visitar sua seguidora e benfeitora, a antiga dama de companhia Anna Alexándrovna Vírubova, que mora em Tsárskoie Seló no no 2 da rua da Igreja. O fato de que ela, Lokhtina, vive no P. Lakhta [sic] foi dito por sua conhecida e seguidora de Raspútin — certa Iekaterina, professora ou instrutora na escola de costura profiss.[sional] na casa de no 58 na av. Liteini. E o marido de Lokhtina — engenheiro e conselheiro de estado Vladímir Mikháilovitch Lokhtin, que mora na esquina da rua 5 com a av. Grecheski, também pode fornecer valiosas informações sobre este caso, uma vez que não vive com a mulher no momento. Lokhtina tornou-se fanática e considera Raspútin o próprio Nosso Salvador Jesus Cristo, apesar de todo mundo achar que Raspútin é um criminoso e um *khlist* ; ele abusou da irmã da mulher do padre Vassíli Grigórievitch Spiridonov, * que mora no no 32 da rua Sivkovskaya, perto da Igreja de São Sérgio de Radonej, e de outras mulheres.

Muita gente conhece Raspútin e tem sido bastante hospitaleira com ele, até agora, por exemplo, proprietários de casas — D. N. Novikov, Pável Polikarpovitch Smirnov, os comerciantes Petrov, o antigo editor do jornal *Rússia* Gueórgui Petróvitch Sazónov e outros. Esse Raspútin era recebido com frequência até na Corte Imperial por intermédio de Maria Ivánovna Vichniakova, a governanta de Sua Alteza Imperial e Herdeiro, Grão-Duque Alexei Nikoláievitch.

Ao ler o relatório, Stolípin ordenou uma investigação secreta do caso de Raspútin. [17](#)

Ao mesmo tempo, a polícia mobilizou esforços na Sibéria para encontrar Raspútin. O major-general Velk em Tobolsk passou um telegrama ao capitão Chufarovski em Tiumen em 25 de outubro para que encontrasse o “camponês Grigóri Iefimovitch Nóri”. Três dias depois, a polícia de Tiumen informou que, salvo por uma viagem a Petersburgo naquele verão, Raspútin estava em Pokróvskoie desde a primavera. [18](#) (Nada a acrescentar sobre o relato de ele ter sido visto no

começo do mês percorrendo as ruas de São Petersburgo em um cabriolé. A polícia tsarista era com frequência tão desinformada do paradeiro de Raspútin quanto a imprensa.) Em 28 de outubro, chegou um telegrama de Tobolsk confirmando que Raspútin estava em Pokróvskoie. [19](#)

Dois dias depois, em 30 de outubro de 1910, a sucursal da Okhrana em Petersburgo, chefiada por Mikhail von Koten, baixou uma ordem “ultrasecreta” para que mais informações fossem obtidas sobre Raspútin e se estabelecesse onde estivera durante o verão e o começo do outono. As respostas logo começaram a chegar. A primeira veio de Alexei Prelin, oficial subalterno da administração dos gendarmes da cidade de Tiúmen, enviada de Pokróvskoie em 13 de novembro, para o chefe dos gendarmes da província de Tobolsk. Prelin informou que no começo de agosto Raspútin tinha partido com a filha Maria para que ela fosse estudar em Kazan. Em seguida, ele visitou Petersburgo e voltou para Pokróvskoie, onde fora visto pouco tempo antes “se divertindo” e observando os dias santos na companhia de três freiras. [20](#)

A descrição do estado de espírito de Raspútin feita por Prelin diverge curiosamente do que está refletido em “Minha vida no temor de Jesus”, pequeno texto redigido por Raspútin em 4 de dezembro de 1910 quando estava em Petersburgo.

Tenho confiança em ti, Deus, e não me envergonho disso. Eu Te louvarei, meus inimigos não me deixam em paz. Tentam me pegar dia e noite, aonde quer que eu vá, minhas palavras são distorcidas e apresentadas como eles querem, as pessoas se tornaram parecidas com animais, e a graça de Deus está distante. Direi em minha alma: Jesus, seja meu Criador e Protetor, e os inimigos me seguirão e farão incursões para me pegar e dispararão flechas em minha alma e me penetrarão com seus olhares astutos, e hão de querer eliminar a verdade; mas não podem, não conseguirão eliminá-la [...]. Enquanto as más-línguas espalham calúnias, muitos morreram de tristeza: mas esta é a coroa do mártir.

Jesus também sofreu e teve momentos difíceis com a cruz. E Sua cruz continuou com aqueles que O amam e ainda está com aqueles que sofrem por Cristo. Há inimigos que ainda perseguem e prendem cristãos. Deus, milhares se uniram contra mim [...] por quanto tempo os perversos hão de triunfar, nos mostrar os neófitos de Deus. [...] Como foi que meus inimigos se uniram colocando espiões em toda parte? Os espiões estão satisfeitos com a vitória de sua coragem, vamos pegar o simplório e espalhar cinzas em sua cabeça em vez de unguento. [...]

Hoje em dia ninguém é torturado com lanças, mas com palavras — elas ferem mais do que flechas. E todas as palavras são flechas que golpeiam com mais força do que uma espada.

Jesus! Salva aqueles que estão perto de ti! [21](#)

Tinha sido, de fato, um ano árduo para Raspútin, talvez o mais difícil de sua vida. Ele se sentia atacado por todos os lados. Seu nome, coberto de infâmia, era agora conhecido em todo o império, e seus inimigos não tinham o menor escrúpulo em escrever as mentiras mais extravagantes a seu respeito nos jornais do país. A polícia também estava atenta e, salvo por curtos períodos, ele seria observado, seguido, rastreado e monitorado por agentes do Estado pelo resto da vida. Tendo perdido o anonimato, Raspútin nunca mais saberia o que era a paz.

Raspútin comunicou suas palavras à imperatriz, e ela as anotou de próprio punho, para guardar. Alexandra teve pena dele e acreditou na verdade do que tinha escrito. Pelo fim do ano, Raspútin já havia recuperado toda a confiança que pudesse ter perdido junto a suas majestades. O escritor Ippolit Gofshtetter encontrou-se com Liev Tikhomirov em Moscou para lhe contar que mais uma vez Raspútin desfrutava do “terno amor” do imperador e da imperatriz, e tinha acumulado “enorme influência”. Magoado e preocupado, Tikhomirov escreveu em seu diário em 13 de dezembro: “Não há como salvá-los. ‘*Mene, tequel, peres*.’ ^{★★} Oh, que reino este, com todos esses Grichka Raspútins!”. ²²

^{*} A antiga seguidora de Raspútin Elena Timofeieva.

^{★★} De Daniel 5,26-8. Referência às três palavras que apareceram misteriosamente na parede durante um banquete do rei Belsazar da Babilônia, prevendo a queda do seu império no século VI a.C. Foi Daniel que decifrou as palavras e o seu significado.

21. Príncipe Iussúpov

Os Iussúpov eram uma das famílias aristocráticas mais ricas e mais antigas da Rússia, reivindicando uma linhagem que remontava a um sobrinho do profeta Maomé e aos governantes do Egito antigo. A família ingressou na corte de Ivan, o Terrível, no século XVI, tendo chegado à Rússia séculos antes como chefes militares dos conquistadores mongóis do leste. A família converteu-se ao cristianismo ortodoxo, recebeu o título de nobreza e vastas terras dos tsares subsequentes. A mãe do príncipe Félix Iussúpov, a princesa Zinaida Iussúpova, era linda, apesar de vaidosa e controladora. De acordo com a infanta espanhola Eulália, filha da rainha Isabel II da Espanha, Zinaida tinha “o esplendor majestoso de uma imperatriz bizantina. [...] Vivia em luxo extraordinário, num ambiente de inigualável esplendor [...]. A magnificência e o luxo da Rússia, mesclados com o refinamento e a distinção da França, atingiam seu ponto culminante no palácio de Iussúpov”. ¹ A mobília do *petite salon* de Zinaida no palácio da família em Petersburgo, à margem do Moika, tinha pertencido a Maria Antonieta.

Em 1882, a princesa, com 21 anos, casou com o conde Félix Sumarókov-Elston, cujo pai, o conde Félix Nikoláievitch Elston, seria, segundo se acreditava, filho ilegítimo do rei Frederico Guilherme IV da Prússia e de uma dama de companhia da corte. Félix pai adotou o sobrenome Elston de sua babá inglesa, acrescentando Sumarókov quando casou com a condessa Elena Sumaróкова. Os Sumarókov eram uma distinta família russa, mas nada que se comparasse aos Iussúpov, por isso o tsar concedeu a Zinaida, filha única e última dos príncipes Iussúpov, e a seu novo marido o direito de usar os títulos conjuntos de

príncipes Iussúpov e condes Sumarókov-Elston. ² Félix era um homem frio e rígido, mas não deixava de ter um senso de extravagância romântica: certa vez comprou para a mulher uma montanha como presente de aniversário. ³ Durante anos serviu como ajudante do grão-duque Serguei Alexándrovitch e em seguida, depois do assassinato do grão-duque, como governador-geral de Moscou, cargo de que foi demitido por não ter impedido os horrendos tumultos antigermânicos de 1915.

O casal teve dois filhos: Nikolai, nascido em 1883, e Félix, em 1887. O primogênito era o predileto dos pais. Formara-se na faculdade de direito da Universidade de São Petersburgo, era um escritor talentoso (publicando sob o pseudônimo de “Rokov”), ator amador e fundador de uma trupe de comediantes. Tinha planos de ingressar num regimento de elite das guardas quando foi morto num duelo em junho de 1908 aos 25 anos pelo conde Arvid Manteifel, depois de se apaixonar pela mulher dele, a condessa Marina Heiden. ⁴ Zinaida ficou arrasada e nunca se recuperou por completo. Voltou-se para os homens santos em busca de orientação espiritual, depositando sua fé em Ioann de Konstadt, por exemplo, que ela e Félix acreditavam ser capaz de fazer curas milagrosas com orações. Tanto a mãe como o filho estavam convencidos de que as orações de Ioann certa vez salvaram a vida dela, quando os médicos anunciaram que estava desenganada.

O jovem Félix não tinha nenhuma semelhança com o precioso irmão. Quando criança, como escreveu em suas memórias, era doente, mimado, travesso e mau aluno. Quando cresceu, essas características se agravaram. “Eu era desobediente”, recordava, “e extremamente preguiçoso.” Não admira que isso causasse considerável angústia nos pais. O Félix Iussúpov descrito em suas memórias beira a caricatura do aristocrata vaidoso e autoindulgente, para quem tudo é permitido, nada deve ser levado muito a sério, e o mundo inteiro, bem como todas as coisas (e pessoas) que existem, foram criados para seu uso e diversão. Nada prendia sua atenção por muito tempo, e a vida de Félix resumia-se à busca de experiências e emoções intensas — que começou com travestismo e acabou em assassinato.

Um dos seus passatempos quando jovem era vestir-se de sultão, enfeitar-se com as joias da mãe e obrigar os servos árabes, tártaros e

africanos a fazerem o papel de escravos desse onipotente sátrapa oriental no decadente salão mourisco do palácio à beira do Moika. Uma dessas brincadeiras, que ele gostava de chamar de “ *tableaux vivants* ”, certa vez foi tão longe que Félix quase matou a punhaladas um criado que representava o escravo desobediente. Só a inesperada aparição do pai pôs fim à farsa, sem dúvida para grande alívio dos servos. ⁵

Félix, a quem não faltava imaginação, gostava de se refugiar na identidade de outras pessoas, quase sempre homens mais fortes e poderosos do que ele. Em Arkhangelskoie, propriedade rural da família nos arredores de Moscou, ele fingia ser o príncipe Nicolau Iussúpov, seu antepassado e patrono das artes fabulosamente rico, que um século antes reinara na propriedade como um monarca absoluto. O príncipe Nicolau tinha uma trupe de teatro formada por seus próprios servos, e Félix gostava de sentar-se no teatro vazio e imaginar que eles haviam voltado à vida e estavam cantando e dançando para sua diversão. Às vezes sonhava que era o principal cantor do teatro, e era tão “transportado por minha imaginação que os fantasmas de plateias do passado pareciam ressuscitar e aplaudir-me”. Quando o sonho desmoronava, Félix ficava arrasado. Seu primeiro encontro sexual (a acreditarmos em suas memórias) foi um *ménage à trois* com um argentino e sua concubina num hotel em Contrexéville, quando tinha doze anos. A experiência foi tão avassaladora que, “em minha ignorância de jovem, não consegui fazer distinção entre os sexos”.

Quando adolescentes, ele e o primo Vladímir Lázarev gostavam de usar as joias, peliças e perucas da princesa Iussúpova e passear pela avenida Niévski na esperança de chamar a atenção de homens que tentavam marcar encontro com prostitutas. Certa vez, quando causaram comoção demais, os meninos fugiram para um magnífico restaurante, onde foram convidados a jantar num salão privado com um grupo de jovens oficiais. Apesar de ser punido por isso, uma vez adquirido o gosto, Félix não conseguiu mais parar. A amante do irmão começou a vesti-lo como uma moça, e desse jeito ele saía. “Comecei a levar vida dupla: de dia era um estudante e de noite, uma mulher elegante.” Até mesmo em visitas a Paris o jovem Félix preferia visitar a Ópera e os cafés-concerto travestido. De volta a Petersburgo, causou tamanha impressão no gerente do Café Aquário que ele lhe deu um

emprego de cantor por duas semanas, sem ter a menor ideia de que não só tinha contratado um homem, mas um membro de uma das famílias mais ilustres da Rússia. A carreira como cantora de cabaré foi interrompida quando descobriram sua identidade, embora o gosto pelo *crossdressing* persistisse.

O irmão o vigiava, temeroso de que Félix fosse longe demais, porém não conseguia evitar que ele arrumasse encrenca, como na vez em que aceitou um convite de quatro oficiais da guarda, encabeçados por um notório dom-juan que cortejava o jovem príncipe “assiduamente”, para jantar no restaurante O Urso. Ocuparam um salão privado, mas até que ponto se estendeu a diversão Félix deixa cuidadosamente fora de suas memórias. A vida dupla de Félix acabou chegando ao conhecimento dos pais, e o pai indignado o repreendeu severamente, chamando-o de a desgraça da família, um “menino de rua e um sem-vergonha”, que merecia ser exilado numa colônia penal na Sibéria. Tentou curar o filho com banhos gélidos todas as manhãs. A vida de *drag* chegou ao fim e, num esforço para agradar aos pais, ele tentou interessar-se por mulheres, muito embora, como escreveu, isso tenha servido apenas para tornar sua vida “ainda mais complicada”, pois “sendo acostumado à adulação, logo me cansei de fazer a corte e de me preocupar com outra pessoa que não fosse eu mesmo [...]”. Eu gostava de ser uma estrela cercada de admiradores”.

Os irmãos Iussúpov sentiam atração pelo espiritualismo e compareciam a sessões espíritas. Um prometia que se morresse primeiro voltaria e apareceria para o outro. (Félix diria mais tarde que o irmão de fato lhe apareceu uma noite, em forma de espírito.) Félix aparentemente levou esse interesse mais longe do que o irmão, mergulhando no ocultismo, na teosofia e na ioga. Madame Freya, vidente de Paris, lhe disse: “Em poucos anos, você tomará parte num assassinato político e passará por uma provação terrível, que terminará em sua vitória total”. Convencido de ter sido iluminado pela verdade divina, resolveu desenvolver o que acreditava serem poderes sobre-humanos latentes, através de uma série de exercícios de respiração, até lhe ocorrer que desenvolvera considerável poder hipnótico, que permitia controlar não só a própria percepção da dor, mas fornecia uma força de vontade tal que poderia controlar outras pessoas. Em suas

memórias Iussúpov afirma que, durante os anos que passou na Inglaterra como estudante em Oxford, foi dotado inexplicavelmente de um estranho fenômeno ocular de premonição: certa vez, quando jantava na casa dos pais de um amigo, uma estranha nuvem lhe apareceu. Interpretou a aparição como mau agouro, e de fato, dentro de poucos dias, o amigo estava morto. Se havia um poder maior do que o seu, era o do ópio, o qual provou pela primeira vez em Paris antes da guerra e do qual não conseguia se afastar, por mais que se esforçasse. ⁶

Anna Vírubova conhecia Félix havia anos e se considerava uma velha e leal amiga. Escreveu-lhe cartas sentidas quando da morte do irmão dele, oferecendo-lhe não só pêsames, mas também conselhos:

Chegou a sua hora, meu caro Félix, e que Deus lhe dê força para organizar a vida agora como Deus exige. Tanta coisa lhe foi dada, e mais lhe será pedido do que a qualquer outra pessoa. Até agora você era apenas uma criança, que só pensava na melhor maneira de se divertir e passar o tempo, não é verdade? Agora que o Senhor chamou o querido Nikolai para si, é só em você que repousam as responsabilidades para com seus pais e também para com todas as coisas que Deus nos deu. ⁷

Apesar de verdadeiramente entristecido com a morte do irmão, o Iussúpov mais moço não conseguia deixar de pensar que se tornara o único herdeiro da fortuna da família: “Percebi que tudo aquilo um dia seria meu [...]. A ideia de que eu viria a ser um dos homens mais ricos da Rússia me subiu à cabeça como vinho. [...] Riqueza, esplendor, poder: não consigo imaginar a vida sem isso”, confessou. Félix passou a buscar orientação espiritual com Ella, irmã da imperatriz Alexandra, depois da morte do irmão. Ela lhe recomendava que tivesse fé em Deus, que acreditasse e confiasse em seu amor e sabedoria infinitos. Embora encontrasse algum alívio nas palavras dela, temia que Deus jamais lhe perdoasse as transgressões sexuais. Foi o que confidenciou a Ella, que o incentivou a não ter medo, pois “qualquer um que seja capaz de fazer muito mal é capaz também de fazer muito bem, se encontrar o caminho. Por mais sério que seja, o pecado é redimido pelo arrependimento sincero. Lembre-se, a única coisa que corrompe a alma é o pecado espiritual; ela pode permanecer pura apesar da fraqueza carnal”. ⁸ Essas palavras poderiam muito bem ter sido ditas pelo próprio Raspútin.

Os Iussúpov eram hóspedes frequentes em Ilinskoie, propriedade do

grão-duque Serguei Alexándrovitch e sua mulher, Ella. Foi ali que Félix conheceu o grão-duque Dmítri Pávlovitch e sua irmã Maria Pávlovna, que lá viviam com a tia e o tio — tendo o pai, o grão-duque Paulo Alexándrovitch, sido obrigado a deixar a Rússia por causa do casamento morganático com a divorciada Olga Pistolkors (futura princesa Paley) em 1902. O pai de Dmítri e Maria, o filho mais jovem do tsar Alexandre II, primeiro se casara com a princesa Alexandra da Grécia — filha do rei Jorge I e da rainha Olga Konstantínovna, grã-duquesa russa — que morreu em 1891 ao dar à luz Dmítri quando tinha 21 anos. Maria se lembrava de uma “tia Ella” altiva, fria e vaidosa, apesar de bonita: “[...] uma das mulheres mais lindas que vi na vida. Era alta e delgada, de aparência loura, com traços de extraordinária finura e pureza”. Os olhos “azuis-acinzentados” tinham uma “expressão fria, dura”, que “me gelava o coração”. Tinha-se a impressão de que vivia escondida atrás de uma máscara. Tudo isso mudou quando Serguei foi destroçado pela bomba de um terrorista explodida no coração de Moscou em fevereiro de 1905. Ella, que ouviu o estrondo e saiu para retirar da neve os despojos ensanguentados do corpo destroçado, deu as costas para coisas mundanas, entregando-se à religião, e fundou o Convento de Marta e Maria, dedicado a ajudar os pobres de Moscou. Além disso, aproximou-se das sobrinhas e dos sobrinhos — Maria escreveu que a partir de então tia Ella e Dmítri ficaram “unidos por um vínculo de real afeição, até o dia em que os acontecimentos os separaram para sempre”. Segundo Félix, Dmítri simplesmente adorava Ella.

Dmítri tornou-se um homem alto e bonito. Antes do início da Primeira Guerra Mundial, serviu na guarda montada imperial e morou com a família do tsar no Palácio de Alexandre. Maria descreveu o irmão naquele tempo como “jovem e impetuoso oficial”, cheio de confiança, brio e graça. Era tratado como filho por Nicolau e Alexandra, cativados por sua personalidade divertida.⁹ As cartas de Dmítri para seu “querido tio”, salpicadas de insinuações sexuais e humor escatológico, revelam a grande dose de carinho e liberdade com que o jovem tratava o tsar.¹⁰ Dizia-se na época que Dmítri estava noivo da filha mais velha, a grã-duquesa Olga. Ao que tudo indica, porém, Alexandra era contra o casamento, pois havia elementos na vida dele que reprovava. Já se sugeriu que Dmítri era bissexual e estava apaixonado por Félix, o que

seria o principal motivo da desaprovação da imperatriz. ¹¹ Talvez seja verdade, mas ninguém pode afirmar com certeza. O que está fora de dúvida é que Alexandra sempre se preocupou com o que chamava de “escapadelas noturnas” de Dmítri. Ela estava convencida de que Dmítri era impressionável demais, suscetível demais aos caprichos da pessoa por quem se sentisse atraído no momento, fosse quem fosse. Ainda em fevereiro de 1916, escreveu a Nicolau pedindo que restituísse Dmítri ao seu regimento, pois ouvira histórias “chocantes” sobre ele na cidade. “Cidade & mulheres são venenos para ele.” ¹²

A caracterização de Dmítri pela imperatriz é confirmada pelo que Félix narraria mais tarde:

Dmítri era extraordinariamente atraente: alto, elegante, educado, com olhos profundos e atentos, fazia lembrar os retratos de seus antepassados. Tinha todos os impulsos, todas as contradições; era romântico e místico, e sua mente estava longe de ser superficial. Ao mesmo tempo, era muito alegre e sempre disposto às brincadeiras mais loucas. Seu encanto conquistava todos os corações, mas a fraqueza de caráter o tornava perigosamente influenciável. Por ser alguns anos mais velho, aos olhos dele eu tinha certo prestígio. Até determinado ponto, estava a par da minha vida “escandalosa” e me achava interessante e um pouco misterioso. Confiava em mim e prezava minha opinião, e não só me confiava seus pensamentos mais íntimos, como costumava me contar tudo que acontecia à sua volta.

Das 37 páginas dedicadas aos antepassados nas memórias de Félix, só duas tratam do lado paterno da família. Félix quase não teve relação com o pai, ao passo que o convívio com a mãe era de uma proximidade sufocante. Ela foi o único amor verdadeiro da vida de Félix e, depois da morte de Nikolai, Félix foi o seu. Assim como a imperatriz Alexandra, Zinaida sofria de ataques nervosos que, embora sem base física, eram profundamente debilitantes. A única pessoa capaz de acalmá-la nesses momentos era o filho amado. ¹³ “Pobre mulher, era uma mãe trágica — mimou demais o filho”, comentou a grã-duquesa Olga Alexándrovna. ¹⁴ Aos 29 anos, Félix ainda escrevia à mãe para bater o pé e garantir que era homem: “De verdade, não sou mais um bebê que precisa viver com medo de ser punido. Não esqueça que já tenho quase trinta anos, que sou casado, e que temos o direito de levar nossa própria vida”. ¹⁵

Zinaida queria controlar tudo. Decidiu quando ele deveria casar e com quem. Félix consentia com o entusiasmo de que era capaz. Irina Alexándrovna era filha do grão-duque Aleksandr Mikháilovitch (Sandro) e da grã-duquesa Ksênia Alexándrovna, o que fazia dela neta de

Alexandre III e sobrinha de Nicolau II. Era oito anos mais nova do que Félix, e era linda. O único concorrente à sua mão era Dmítri, amigo de Iussúpov, mas ela acabou preferindo Félix. Casaram em 9 de fevereiro de 1914 no Palácio de Aníchkov. O tsar a conduziu ao altar. Passaram a lua de mel na França, no Egito e na Terra Santa. Félix achou Jerusalém tediosa. Sentia repulsa pelas doenças e pelo “terrível fedor” dos pobres; considerou sua audiência com o patriarca “maçante”. ¹⁶

A casa Iussúpov era decididamente anti-Raspútín. O pai de Félix não tolerava nem mesmo que o nome dele fosse pronunciado na sua presença, e a mãe informou a imperatriz do seu ódio contra o homem, o que envenenou de forma irremediável as relações entre as duas. ¹⁷ A visão de Félix em relação a Raspútín foi profundamente moldada por seus pais e pela grã-duquesa Ella, e, portanto, é de surpreender que o príncipe quisesse ser apresentado ao *stárets*. A mulher que aproximou os dois foi uma querida amiga de nome Munia Golovina.

Golovina conhecia Félix e o irmão havia anos, e cultivava um amor secreto pelo mais velho dos Iussúpov na época da morte dele. Em suas memórias, Golovina escreve que os três, sempre abertos a novas experiências, foram num dia nublado de 1907 visitar um novo e misterioso mágico ocultista chamado Chinski. Usando disfarces, entraram no pequeno consultório de Chinski para uma leitura da sorte. Ele lhes disse que estavam à beira de uma grande catástrofe, que poderia ser evitada desde que voltassem e lhe permitissem (mediante o pagamento de uma taxa) introduzi-los no mundo do ocultismo. Nikolai ficou entusiasmado, e os três continuaram as visitas, contando tudo a Chinski — vida, paixões, desejos e temores — e permitindo que ele oferecesse orientação e instruções.

Munia ficou abaladíssima pela morte de Nikolai. Pediu à mãe, Liubov Golovina, que a levasse à Itália para ver se conseguia superar a perda. Ao voltar para Moscou, Félix a levou de automóvel a Arkhangelskoie, onde Munia rezou no túmulo de Nikolai. Ela continuou envolvida com o espiritualismo e o ocultismo, buscando respostas para o seu pesar. Escreveria mais tarde que tinha feito grandes avanços em seus poderes mentais: fazendo perguntas a si mesma e concentrando toda a energia da mente nas respostas, conseguia praticar a arte da “escrita

automática”, palavras que apareciam misteriosamente na página sem que ninguém segurasse a caneta. Apesar disso, não se sentia realizada, e sua vida era só sofrimento e confusão. Pensou em entrar para o convento de Ella.

Foi então que ela ouviu a prima Alexandra (Sana) Tanéieva, irmã de Anna Vírubova, falar num misterioso santo peregrino que tinha chegado a Petersburgo e conquistado a confiança do imperador e da imperatriz. Um dia foi à casa de Sana conhecê-lo. No instante em que a viu, Munia se comoveu com sua personalidade. Ele lhe pareceu “cheio de mistério e propenso ao sobrenatural”. Havia muita gente lá, e Munia não pôde lhe contar da sua difícil situação, mas ele pôs as mãos na cabeça dela e lhe disse que seria uma das escolhidas e que a veria de novo. Munia ficou perturbada. Precisava saber se entrava ou não para o convento, por isso pediu a Deus que o conduzisse a ele. Suas preces foram atendidas. Quando voltou a vê-lo, foi com um grupo de seguidores na Catedral de Kazan. Ela abordou Raspútin, e os dois saíram juntos da catedral para a casa dos Golovin, para que ele conhecesse a mãe dela e conversasse sobre seus problemas. “Para mim foi uma porta para um novo mundo”, confessou Munia, “encontrei meu guia espiritual na pessoa de um camponês siberiano que já na nossa primeira conversa me maravilhou com sua intuição. O olhar confiante de seus olhos cinzentos igualava-se, em poder, à sua vontade interior, que expunha por completo as pessoas diante dele. Foi um grande dia.”

Raspútin fez Munia prometer parar de ir a sessões espiritualistas e de praticar escrita automática sob influência de espíritos. Disse que essas coisas que chamavam de espíritos eram na verdade demônios, que nos induziam maldosamente a pensar que estávamos em contato com as almas de entes queridos. Só as raras pessoas de alma pura, livre dos pecados do mundo, poderiam entrar em contato com verdadeiros espíritos, disse Raspútin a Munia e sua mãe, e para os demais mesmo tentar já era cometer pecado. Quanto a entrar para o convento de Ella, mais uma vez Raspútin lhe aconselhou a parar de pensar nisso e seguir o seu conselho: “Os votos que fazemos ao Senhor nem sempre são encontrados em conventos [...] eles estão em cumprirmos nossas obrigações diárias, na alegria da vida, como gostar de louvar a Deus e experimentar a felicidade de sentir Sua presença, cuja essência secreta é

manter o coração sempre aberto a todas as boas ações e ter uma palavra de afeto para todo mundo”. Naquele dia, Munia e Liubov tornaram-se devotas de Raspútín pelo resto da vida.

Num rascunho posterior de suas memórias, escrito muitos anos depois dessa descrição, Munia acrescentou algumas palavras que Raspútín teria dito aquele dia: “Ela me trará mais mal do que todos os outros, pois será a causa de um evento inevitável”. ¹⁸ Esse evento, claro, era o seu assassinato. Parece improvável que Raspútín tenha proferido essas palavras naquele dia. O que Munia estava expressando não era a profecia do *stárets*, mas a própria consciência pesada por ter apresentado Iussúpov a Raspútín.

Tendo sido curada de sua angústia existencial por Raspútín, Munia queria desesperadamente apresentá-lo a Félix para ajudá-lo a lidar com a perda do irmão. Já Félix disse aos investigadores depois do assassinato que “Raspútín me interessava como personalidade, famosa para todos naquela época e dotada de enormes poderes hipnóticos”. Não fez menção a nenhum trauma relacionado à morte do irmão (na qual estaria envolvido, segundo a crença de alguns), mas apenas a certos “incômodos de saúde” não especificados, e, portanto, por insistência de Munia, concordou em conhecê-lo. ¹⁹ Não sabemos quando e onde se deu o encontro. Félix declarou mais de uma vez que conheceu Raspútín na casa dos Golovin em Petersburgo, mas seu depoimento varia muito quanto à data do acontecido: entre o Natal de 1909 e 1911, a mesma mencionada por Munia em seu depoimento à polícia após o crime. ²⁰

Félix escreveu em suas memórias que ficou logo de cara irritado com a “assertividade” de Raspútín. O que parece ser bem plausível. De um camponês, o aristocrata Félix decerto não esperava nada menos do que subserviência, coisa que no entanto era alheia ao caráter de Raspútín. Nas primeiras frases sobre Raspútín, Iussúpov mente, alegando ter visto na cabeça dele “uma grande cicatriz”, que seria resultante de um ferimento “recebido durante um dos seus assaltos nas estradas da Sibéria”. O rosto de Raspútín, pelo menos para Iussúpov, era “inferior, comum”, seus traços eram “grosseiros”, os olhos, “matreiros”, dando a impressão geral de “um sátiro lascivo, mal-intencionado”. Ler o que Iussúpov escreve sobre Raspútín é ser apresentado a um ser mais animalesco do que humano. ²¹

Munia declarou à polícia após o assassinato que depois desse encontro inicial os dois homens se viram umas duas vezes por ano na casa dela por algum bom tempo. Iussúpov só visitou Raspútin em poucas ocasiões, e sempre junto com Munia. ²² Utilizavam a escada dos fundos para evitar os agentes da Okhrana, por recomendação de Raspútin, e Iussúpov vestia-se de maneira a não chamar atenção. Maria Raspútina confirmou o sigilo adotado por Iussúpov nas visitas ao pai. Ela o considerava “airoso e elegante, e com maneiras um tanto afetadas”, mas nunca imaginou que fosse capaz de matar. ²³

Levando em conta a pouca confiabilidade das memórias de Iussúpov (voltaremos ao assunto), as cartas de Munia para o príncipe sobre Raspútin oferecem a melhor visão das relações entre os dois homens. Está claro que Munia não só ajudou na aproximação como, na qualidade de discípula de Raspútin, tentou abrir os olhos de Félix para o que acreditava ser a verdade sobre o *stárets*, na contramão das fofocas que ele tinha ouvido em casa e na sociedade. Em 20 de agosto de 1910, ela escreveu: *

Querido Félix Félixovitch

Escrevo-lhe para pedir que não mostre a ninguém o pedaço de papel que lhe dei na casa de Ala [Alexandra Pistolkors]. Seu novo conhecido nos visitou hoje e fez esse pedido, e eu também acho que quanto menos conversas houver sobre ele, melhor. Quero muito saber qual é a sua opinião sobre ele; acho que você não teve condição de sair com uma impressão especialmente favorável, é preciso um estado de espírito especial para se acostumar com uma maneira diferente de reagir às palavras dele, que sempre sugerem alguma coisa espiritual sem ligação com a nossa ordinária vida de todos os dias.

Se você compreendeu isso, fico terrivelmente feliz, feliz também que você o tenha visto, e acho que foi bom para você e para sua vida, mas não o insulte, e se ele não for agradável para você — tente esquecer.

No começo de setembro de 1910, quando o jovem Iussúpov se preparava para voltar a Oxford, onde estudava desde o ano anterior, Munia lhe escreveu da casa de campo da família dela:

Chegando em casa encontrei sua carta que me foi encaminhada de Petersburgo. Tendo lido o que você escreveu sobre o nosso amigo, lembrei que ele tinha escrito algumas palavras no verso da fotografia sua que estava junto com outras que lhe mostrei, e ele escreveu atrás de várias delas. Escreveu uma coisa muito simpática sobre você, e não tenho nem o direito de ficar tanto tempo com uma coisa que lhe pertence. [...] Não estava predisposto a rezar sem o nosso amigo aqui — na presença dele eu rezo com a maior alegria, com a maior facilidade, e me sentia triste por ele não estar aqui e por não termos nos juntado a ele e rezado juntos pelo menos uma vez, eu não tinha ninguém com quem dividir minhas impressões, ainda que as

pessoas que tomavam parte nessa experiência religiosa estivessem espiritualmente juntas. ²⁴

A fotografia de Félix e a dedicatória de Raspútín são reproduzidas nas memórias de Iussúpov. Félix, em pé numa rua deserta, vestido elegantemente de terno escuro e gravata, ostentando chapéu de palha e bengala, uma pequena caixa preta na mão esquerda, tem a aparência perfeita de um jovem aristocrata rico, educado e confiante que frequenta os lugares da moda. No verso, com os garranchos de sempre, Raspútín escreveu: “Abençoado sejas, meu filho, não vivas na ilusão, mas na alegria do prazer e da luz, Grigóri”. ²⁵ Como quase sempre no caso de Raspútín, o significado da mensagem é vago, mas o uso que faz da palavra *zablujdenie* — falácia ou erro — se refere aos hábitos sexuais de Iussúpov, que considerava pecaminosos.

As cartas de Munia deixam claro que Félix não sabia ao certo o que pensar de Raspútín. De sua família só escutara os piores rumores, mas ali estava sua velha amiga afirmando que tudo não passava de mentiras, que ele não era o homem que as pessoas julgavam que fosse. Munia amava os dois e não desistia de fazer um amar o outro. Félix se dividia, puxado em direções opostas. Raspútín sentia que Iussúpov era cauteloso ou coisa pior, e Munia fazia o possível para estimular uma amizade entre eles: “Nosso amigo partiu”, escreveu ela da Crimeia, “ele sabe, mas também não está satisfeito que você não tenha me contado. Pedi que rezasse por você, para que tudo fique bem, e ele me instruiu a lhe dizer que ‘fugiu da sociedade, e depois voltou rastejando’, mas tento convencê-lo e a outras pessoas de que você é uma pessoa muito, muito gentil e bondosa, por isso prove que é isto mesmo e venha logo — Ialta não fica longe de nós. Que Deus o proteja. Maria”. ²⁶

Em meados de junho de 1911, Munia, durante uma visita a Boulogne-sur-Seine, escreveu uma carta longa e raivosa para Félix na Inglaterra sobre coisas ruins acerca dela e de Raspútín que ele andava dizendo aos outros:

Como pode dizer tantas coisas injustas e cruéis! Li sua carta várias vezes para compreender sob que tipo de influência você a escreveu. Um dia desses, noutro momento, espero que possamos conversar sobre tudo isso detalhadamente, e por ora digo apenas que você me acusou sem razão — não fiz nada de errado. Se acha que estou me destruindo por causa da minha familiaridade com G. Ief. e do meu respeito por ele como homem de oração e companheiro de crença — então pior para você; não posso mudar de opinião sobre um homem que conheço por causa de fofocas de segunda mão, pois se fosse acreditar em tudo

que as pessoas dizem, seria obrigada a ficar decepcionada com você! Mas quero acreditar sempre em meus sentimentos íntimos, e esses sentimentos me dizem que G. Ief. agrada a Deus. Quanto a eu me tornar escrava dele, não é verdade. Tudo que faço é de forma consciente e voluntária. A pessoa precisa de uma escada para crescer espiritualmente, o que não significa escravizar-se, apenas reconhecer que a experiência dele é maior do que a nossa, preservando a liberdade de nos aperfeiçoarmos por conta própria e de analisarmos nossos próprios sentimentos. Ele me escreveu há pouco pedindo para dizer a você que não o esqueça quando não estiver bem, e que assim como ele pense em Nosso Criador e tudo ficará bem! Não peque mais contra ele, não gosto de ouvir de você essas palavras que ouço de outros. [...] Fico feliz por você me escrever tudo que esteve pensando, mas me magoa muito que pense assim. Essas ideias não são suas, pelo menos não são as ideias que tinha na última vez que me visitou. Você mesmo queria vê-lo, escreveu isso, e até disse que ia convencer sua mãe a encontrar-se com ele, e estava perturbado pelas mentiras que o perseguiram — e agora essa mudança súbita! Tudo isso me leva até a pensar que você nem o conhece!

Que grande importância você atribui à sociedade! Você ainda não sabe mesmo que hoje ela o despreza, amanhã o exalta, e fica sempre feliz de poder julgar qualquer um, por mais elevada que seja sua posição! O que mais me desaponta, claro, é a atitude de sua mãe com tudo que aconteceu, é tão doloroso, mas apesar disso me pergunto se sua mãe está furiosa só porque você conheceu G. Ief. ou se é sua amizade comigo (que bela amizade!) que ela acha tão desagradável? Eu gostaria de esmiuçar isso, saber de que sou acusada, e por que você não tem permissão para me ver ou falar comigo? Será mesmo porque jamais faria nada que magoasse sua mãe se ela viesse a descobrir? [...] Simplesmente não consigo acreditar que você desistiu de sua própria visão de adulto com tanta facilidade e não me defendeu, e depois me julgou tão impiedosamente [...]. É natural amar a própria mãe mais do que qualquer pessoa no mundo, em especial uma mãe como a sua, mas será que se espera que você faça qualquer coisa sórdida, maldosa, contra sua própria natureza só por amor a ela? Eu mesma amo e respeito demais sua mãe para admitir a ideia de que ela insultaria alguém de propósito, principalmente eu, com quem sempre foi tão amável, mesmo depois de saber do meu contato com G. Ief. [...] Adoro minha mãe, mas se achar que ela está errada, vou usar toda a força do meu amor para convencê-la a mudar. [27](#)

Munia nunca desistiu de convencer Félix da bondade de Raspútin e de conciliar os dois homens mais próximos do seu coração. Algum tempo depois da carta acima, ela voltou a escrever para Félix:

Por que é que quando grandes massas praticam o espiritualismo, e a nossa juventude inteira usa todos os métodos para excitar demasiadamente os nervos, arruinar a saúde e a alma, ninguém se preocupa, e o único perigo que as pessoas conseguem ver é um homem pouco instruído fazê-las pensar em Deus, na vida espiritual de orações, em ler mais livros religiosos, em ir à igreja e observar os jejuns e, ao mesmo tempo, não odiar ninguém, e se reunir com mais frequência para falar de Deus e da vida futura. Para mim todo o resto é tão absurdo que nem sequer compreendo, eu me ressentiria para sempre se as fofocas fúteis que as pessoas espalham tivessem alguma influência em você e se acreditasse nelas [...].

Deus o abençoe, estou lhe mandando um livrinho no qual eu queria anotar para você os pensamentos do nosso “novo conhecido” e uma carta, endereçada a você, que reescrevi; não consegui reescrever todo o resto. Leia tudo e me escreva dando sua opinião — por baixo da forma ingênua há pensamentos profundos e muita verdade. [28](#)

Em 3 de outubro de 1913, Munia escreveu para Iussúpov do seu quarto no Hotel Rússia, em Ialta.

Meu querido Félix Félixovitch,

Por nada no mundo eu lhe escreveria, se não fosse por nosso amigo, que quer que eu lhe mande a carta dele, e eu simplesmente não consigo ignorá-lo ou desobedecer-lhe, mais ainda levando em conta que você, talvez, possa querer vê-lo e aproveitar a breve passagem dele por Ialta. Ele vai embora logo [...]. [29](#)

As primeiras palavras da carta de Munia sugerem a raiva e a mágoa que ela devia estar sentindo depois de anos tentando convencer Félix a ver Raspútin da mesma forma que ela. Já Raspútin dá a impressão de não ter desistido de conquistar Félix. O que havia no príncipe que continuava a interessar Raspútin? Afinal de contas, Raspútin contava com a confiança não só de muitos outros russos bem-nascidos e ricos, mas com o amor da família imperial. Diante disso, o que significava a amizade de Iussúpov? Não há respostas claras para essa pergunta, mas a boa vontade de Raspútin com Iussúpov ajuda a explicar por que viria a acolher seu futuro assassino quando o príncipe pareceu ter mudado de ideia a seu respeito e reaparecido em sua vida. Munia jamais conseguiu transformar os dois em bons amigos. Félix se encontrou com Raspútin mais algumas vezes depois de 1913, mas rompeu todo e qualquer contato com ele em janeiro de 1915. [30](#) Só voltaria a encontrar-se com Raspútin quando decidiu que ia matá-lo.

* A carta fornece o melhor indício da data em que Iussúpov e Raspútin provavelmente se conheceram.

22. Terra Santa

No começo de janeiro de 1911, a família imperial voltou de seu palácio de Livadia, na Crimeia, para a capital. Mal se reinstalou, Nicolau foi mais uma vez assolado por escândalos impossíveis de ignorar.

Iliodor continuava seus extravagantes ataques a autoridades tsaristas e hierarcas da Igreja, e em janeiro o Sínodo resolveu dar um basta. Era hora de disciplinar o sacerdote apóstata. No dia 20, o Sínodo puniu Iliodor transferindo-o de Tsarítsin para o distante Mosteiro do Espírito Santo em Novosil, na província de Tula. ¹ Ao receber a notícia, Iliodor, aterrorizado, telegrafou duas vezes para Raspútin em Pokróvskoie implorando sua ajuda: “O Sínodo me transferiu hoje para Tula. Papai [o tsar] ainda não confirmou. Peça-lhe, meu caro amigo, que não me transfira”. Naquele mesmo dia, Olga Lokhtina também escreveu a Raspútin pedindo ajuda para Iliodor. Ela lhe disse que, ainda que o tsar estivesse zangado com Iliodor, o monge rebelado se recusaria a ir, fossem quais fossem as consequências — mesmo que cada tijolo do seu mosteiro se cobrisse do seu sangue, ele não cederia. Iliodor estava disposto a ver o mosteiro transformado em seu túmulo. ² Raspútin, ao que parece, enviou um telegrama recomendando ao tsar que reconsiderasse a decisão do Sínodo, apesar de esse documento jamais ter sido encontrado. Vírubova também pediu a Nicolau que não agisse antes de ouvir mais argumentos de Raspútin. Mas, no fim, ninguém foi capaz de demover Nicolau e, pelo menos dessa vez, ele apoiou o Sínodo, endossando a decisão de transferir Iliodor em 22 de janeiro. Assim como tinha desafiado o Sínodo, Iliodor se recusava a reconhecer a autoridade do próprio tsar. “Heróis não se rendem”, declarou ele. “Morrem. Não irei vivo para Tula!” ³ Pelo fim do mês, a história tinha

chegado à imprensa. O *Mundo Russo* escreveu em 29 de janeiro que Iliodor estava tentando conseguir a ajuda de Raspútin para revogar a decisão.⁴ Uma semana depois, o mesmo jornal declarou que Raspútin partira da Sibéria para visitar Iliodor em Tsarítsin.⁵ No fim do mês, os jornais informavam que Iliodor e cerca de 10 mil seguidores tinham se trancado no mosteiro e iniciado uma greve de fome.

Sem saber direito o que estava acontecendo em Tsarítsin, e dividido entre os conselhos opostos do Sínodo e de Raspútin (apresentados por intermédio de Alexandra e Vírubova), Nicolau resolveu mandar um agente seu investigar. Para essa missão, escolheu seu confiável ajudante de ordens Aleksandr Mandrika, capitão do 4o Regimento de Fuzileiros da guarda imperial e homem da mais alta integridade.⁶ De acordo com Vladímir Gurkó, vice-ministro do Interior de Stolípín, no entanto, a escolha de Mandrika não foi tão simples quanto Nicolau imaginava. Gurkó afirmaria mais tarde que Raspútin tinha sugerido Mandrika à imperatriz sabendo que ela transmitiria a sugestão ao tsar, e que o imperador acharia que tinha sido ideia sua. Raspútin queria Mandrika porque uma prima do oficial, Maria, abadessa do Convento de Pokrovski, em Balachov, na província de Sarátov, era muito dedicada a Germogen e especialmente a Raspútin, e por essa razão, segundo Gurkó, poderia influenciar na preparação do relatório de Mandrika.⁷

Mandrika partiu para Tsarítsin no começo de fevereiro. Foi ter com Iliodor acompanhado por Nicolau Kharlamov, vice-diretor do departamento de polícia que lá chegara antes por ordem de Stolípín para tentar resolver a crise, e pelo vice-governador da província de Sarátov, Piotr Boiarski. Segundo Iliodor, Mandrika lhe disse que viera transmitir a ordem do tsar para que partisse imediatamente para Novosil, ao que o monge respondeu que não acreditava que esse fosse o desejo do tsar, mas sim “desse agressor Stolípín”. Iliodor então informou a Mandrika que não reconheceria nenhuma ordem para deixar Tsarítsin, não importava de quem ela partisse.⁸ Kharlamov considerava Iliodor inteligente e talentoso, especialmente quando se tratava de lidar com a multidão, mas desequilibrado e temperamental. Em suas entrevistas com outras pessoas na cidade, Kharlamov descobriu que o sucesso dos últimos anos subira à cabeça de Iliodor, e ele agora achava que poderia fazer o que bem quisesse. Kharlamov notou que

Iliodor se gabava de sua intimidade com a família real, inventando histórias para impressionar os ouvintes, como a de que a imperatriz e uma de suas filhas o visitaram disfarçadas de peregrinas pobres no verão anterior. A agressividade de Iliodor contra ministros tsaristas, “jornalistas judeus” e pessoas ricas era, como Kharlamov descobriu, uma resposta às mudanças políticas ocorridas desde 1905. Com o fracasso da revolução e a supressão do movimento revolucionário, Iliodor concluiu conscientemente que precisava de novos inimigos para criar uma massa de seguidores. Tudo era feito da forma mais calculada possível.

Mandrika voltou para informar ao tsar sobre a viagem. Durante quase duas horas, descreveu para Nicolau e Alexandra a situação em Tsarítsin com Iliodor. Não deixou de mencionar que seguidores do padre rebelde tentaram influenciar seu relatório, incluindo Vírubova e a abadessa, prima de Mandrika, que aparentemente tentara mais de uma vez convencê-lo a ser menos severo com Iliodor, a ponto de ir à capital depois da sua volta para conversar com ele. Mandrika não ignorava, claro, o papel de Raspútin nesses esforços para influenciá-lo, e foi até um pouco mais longe, dizendo ao imperador: “Que Vossa Majestade perdoe minhas palavras duras, mas trata-se de um grande canalha”. O tsar deixou esse comentário sem resposta. Consta que Mandrika teria ficado tão preocupado com o efeito de suas palavras que se desfez em lágrimas. Mas nem Nicolau nem Alexandra ficaram magoados, e o tsar agradeceu-lhe a honestidade. ²

A história da audiência de Mandrika com o casal imperial adquiriu grandes proporções com o passar do tempo, tornando-se parte integrante da lenda de Raspútin. Mikhail Rodzianko, por exemplo, acrescentou-lhe alguns enfeites, afirmando que Mandrika mencionou ter descoberto atividades de Raspútin como *khlist* em Tsarítsin, coisa que não aconteceu, assim como não há nenhum indício de que tenha dito algo nesse sentido ao apresentar seu relatório. ¹⁰ Gurkó descreve Mandrika não só banhado em lágrimas, mas à beira de um colapso nervoso, tão intenso era o ódio com que relatou a Nicolau e Alexandra falando sobre Raspútin e suas loucas orgias com jovens freiras na época da sua missão em Tsarítsin. Gurkó afirmava também que a abadessa conseguiu uma audiência com a imperatriz graças a Raspútin e

Vírubova, e fez o possível para desmentir o relatório do primo. [11](#)

No fim, foi Germogen quem convenceu Iliodor a ir para Tula, aonde chegou em 12 de fevereiro. [12](#)

No meio de todo esse drama, Stolípín, segundo Rodzianko, achou que era hora de submeter novamente o assunto Raspútín a Nicolau, na esperança de enfim convencer o imperador a livrar-se dele. Preparou um dossiê sobre Raspútín e apresentou-o a Nicolau. O tsar ouviu atentamente o primeiro-ministro e sugeriu que tivesse um encontro com Raspútín para ver por si próprio de que tipo de homem se tratava. Stolípín marcou um encontro com Raspútín e o informou de que tinha em seu poder documentos que revelavam suas ligações com os *khlisti*. Em seguida, ofereceu-lhe uma chance de salvar a pele: Raspútín deveria deixar imediatamente Petersburgo, ir para casa e nunca mais voltar. Mas a ameaça não surtiu efeito, e Raspútín recusou-se a partir. Stolípín era o homem mais poderoso do império depois do imperador, mas não o suficiente para se livrar daquele camponês, e Raspútín sabia disso, pois enquanto contasse com o amor e o respeito do tsar e da tsarina, ninguém tocaria nele, ou pelo menos era assim que pensava naquela época. Stolípín tinha sido aconselhado por outras autoridades do governo a não enfrentar Raspútín, e elas tinham razão. A única coisa que Stolípín ganhou ameaçando Raspútín foi a inimizade da imperatriz. [13](#)

Se o confronto entre Stolípín e Raspútín, contado e recontado em todas as biografias, de fato ocorreu, só pode ter sido nos primeiros dias de fevereiro, quando o siberiano voltou para a capital. Muito provavelmente, não via Nicolau e Alexandra desde o primeiro semestre de 1910 e dos escândalos da imprensa naquela primavera, e foi visitá-los depois do jantar na noite do dia 12, mesmo dia em que Iliodor chegou a Tula com Germogen. Tiveram uma longa conversa. [14](#) O casal imperial parecia contente de verdade em vê-lo depois de uma ausência tão longa. Raspútín presenteou Alexandra com um caderno em branco, para a tsarina poder anotar as palavras dele. Escreveu uma dedicatória na primeira página: “Eis aqui a minha paz, a fonte de glória, luz na luz. Um presente para minha sincera Mamãe. Grigóri”. Na página seguinte, Alexandra começou com estas palavras do amigo: “Meu minuto é difícil,

meus dias de pesar! Não existe maior pesar do que quando os seus não o reconhecem”. ¹⁵ No dia seguinte, Raspútin foi embora. Abatida, Alexandra escreveu à filha Maria para dizer que ela também estava “muito triste por nosso querido amigo estar indo embora — mas na sua ausência precisamos tentar viver como ele gostaria. Então sentiremos que está conosco em nossas orações e em nossos pensamentos”. ¹⁶

Raspútin estava prestes a iniciar a mais longa jornada de sua vida, uma peregrinação à Terra Santa. As razões que o levaram a tomar essa decisão, e justo naquele momento, são obscuras. Já se argumentou que os inimigos de Raspútin prepararam uma armadilha no apartamento de uma bailarina finlandesa chamada Lisa Tansin para incriminá-lo, embebedando-o e tirando fotografias dele nu com prostitutas. Ao descobrir, o tsar sugeriu que Raspútin se ausentasse até o escândalo esfriar. ¹⁷ Gurkó afirmava que Raspútin recebeu ordem para deixar a capital por causa do relatório de Mandrika. ¹⁸ Em suas memórias, Munia Golovina escreve que a decisão de partir veio logo depois que a jovem Elena Timofeieva, amada seguidora de Raspútin, desapareceu sem avisar por recomendação de Feofan. Segundo Golovina, Raspútin ficou arrasado. Exatamente nessa época, ele foi convocado ao palácio para conversar com suas majestades. Os dois o receberam com o carinho de sempre, mas informaram a Raspútin que concordavam com o desejo dos ministros de que, para o bem dele e de suas majestades, fizesse uma peregrinação à Terra Santa e partisse imediatamente. Raspútin não discutiu. Parece não haver dúvida de que os problemas do ano anterior foram a principal razão da viagem. Nicolau e Alexandra talvez tenham aceitado o conselho dos ministros para afastar Raspútin por um tempo, ou pelo menos não se deram ao trabalho de rejeitá-lo. A ausência bem poderia acalmar os vários escândalos, e visitar as terras onde Cristo vivera e morrera talvez ajudasse a polir a imagem do amigo como homem de Deus. Raspútin esteve com vários de seus seguidores antes de deixar Petersburgo. “Os ministros estão me mandando para o Monte Atos e para Jerusalém”, informou ele. “Acham que uma viagemzinha me fará bem.” ¹⁹

Não era raro os russos irem à Terra Santa naqueles tempos. Cerca de 2 mil pessoas saíam da Rússia para fazer a peregrinação todos os anos, com a ajuda da Sociedade Imperial Ortodoxa da Palestina. A sociedade

tinha acomodações para 7 mil peregrinos em Jerusalém e para mil em Nazaré. Quando Raspútin lá esteve, em 1911, havia mais de 9 mil peregrinos russos em Jerusalém; mais de 4 mil ficaram para a Páscoa. ²⁰ Raspútin permaneceria mais de três meses fora. A viagem, muito provavelmente paga pelo tsar e realizada em relativo conforto (ele fez a parte terrestre de trem, e não a pé, como a massa de peregrinos russos), causou-lhe profunda impressão. Ele escrevia com frequência para Nicolau e Alexandra e para Anna Vírubova, durante o trajeto, e mais tarde seus escritos relativos a essa viagem foram publicados num folheto, editado e pago por Alexandra, sob o título *Meus pensamentos e reflexões*. O livrinho não era vendido, mas presenteado por Raspútin aos admiradores. ²¹

Raspútin partiu de Petersburgo em 13 de fevereiro para Kíev, o berço da ortodoxia russa, aonde chegou no dia 18, e fez um passeio pelo espetacular Kievo-Pecherskaia Lavra. De lá seguiu para o antiquíssimo Pochaievskaia Lavra, mosteiro na Ucrânia ocidental, para rezar diante do ícone da Virgem Mãe, e depois viajou para Odessa, ao sul, na costa do mar Negro. Ali se juntou a outros seiscentos peregrinos russos, embarcando num vapor para Constantinopla. ²² Foi a primeira vez de Raspútin no mar. Ele achou a experiência extraordinária.

Que posso dizer sobre o meu silêncio? Logo que saí de Odessa na viagem pelo mar Negro — houve calma no mar e a alma se alegrava e adormecia nesse silêncio, posso ver pequenas faíscas brilhando como ouro e não há mais nada a buscar. [...]

O mar nos consola sem nenhum esforço. Quando acordamos de manhã, as ondas estão falando e chapinhando e nos fazendo felizes. E o sol brilha no mar, e se levanta devagar, e a alma humana se esquece de tudo nesse momento e olha para o sol cintilante e a alma começa a alegrar-se, e a pessoa sente como se estivesse lendo o livro da vida — um quadro indescritível! O mar nos acorda do longo sono das vaidades, muitos pensamentos nos vêm à cabeça por conta própria, sem esforço. [...]

Como o silêncio é incrível... Não vem um único som de pássaro, e a pessoa começa a andar de um lado para outro no convés mergulhada em pensamentos; lembra-se da infância e de todas as vaidades e compara o silêncio que está tendo com o mundo cheio de vaidade e fala sossegadamente para si mesma, e deseja livrar o coração (e aliviar o tédio) dos sentimentos acumulados na interação com os inimigos [...].

A pessoa vê as praias e as árvores brilhantes — quem não se alegraria? [...] olhamos para a natureza de Deus e louvamos a Deus e sua Criação e à beleza da natureza, que não pode ser descrita por nenhuma mente ou filosofia humana.

Apesar de linda, a viagem o deixou enjoado.

Desembarcaram em Constantinopla para ver a Catedral de Santa

Sofia. Raspútin ficou comovido: “Que posso dizer, com minha mentezinha humana, sobre a maravilhosa, a magnífica Catedral de Sofia, única e exclusiva no mundo inteiro. A Catedral de Sofia é como uma nuvem numa montanha — a melhor do mundo”. Embora lhe doesse ver a catedral nas mãos dos “turcos infiéis”, culpou os próprios cristãos, pois fora o seu orgulho pecaminoso, segundo escreveu, que fez Deus tirá-la deles e entregá-la ao povo de outra religião que tinha ridicularizado e profanado sua imagem. Sem dúvida, pensava Raspútin, a catedral deveria voltar mais uma vez para as mãos dos ortodoxos, mas para isso era preciso ter paciência e arrepender-se dos pecados.

Em seguida, entraram no mar Egeu e seguiram pela costa turca, passando por Mitilene, Esmirna e Éfeso, pelas ilhas de Quios e Parmos, e viajando através das terras outrora percorridas por São Paulo no século I. Ele se sentiu arrastado de volta para os primórdios da Igreja, encantado com a fé, o poder e o sofrimento dos primeiros cristãos: “Meu Deus, quanta fé os apóstolos acenderam ali, naquelas praias! Converteram ilimitadas multidões em amantes de Cristo, e é por isso que há mártires em toda parte, nos dois lados do mar Mediterrâneo”.

Mas depois da Era Apostólica, tudo era declínio. “Os gregos se tornaram muito orgulhosos de sua filosofia. Deus ficou irado e deu todo o fruto do trabalho dos apóstolos para os turcos.” Os bispos gregos, sem dúvida, eram instruídos e seguiam as convenções, mas, de acordo com Raspútin, faltava-lhes a essência espiritual da fé. Ali os bispos se preocupavam sobretudo com sinais exteriores — queriam belas cruzes, não mantos pobres —, e Raspútin teve que admitir que a Rússia não era imune a nenhuma das duas coisas. A Igreja russa, escreveu ele, “carecia de espírito”, era preocupada demais com a “etiqueta formal”, razão pela qual as paróquias estavam quase sempre vazias. Muitos bispos eram preguiçosos, além de terem medo dos simples monges em quem ardia a verdadeira “chama sagrada”.

Viajando para o sul, passaram por Rodes (“Rodes tem tudo que se possa imaginar”), Beirute e desembarcaram na antiga cidade portuária de Jaffa. De lá viajaram por terra para Jerusalém. A emoção do momento da chegada foi mais do que Raspútin era capaz de aguentar, e ele se desfez em lágrimas:

Terminei minha viagem chegando à cidade santa de Jerusalém pela estrada principal.

[...] Não consigo descrever a alegria que senti — tinta não pode descrever, e todo peregrino verte lágrimas nesse momento.

[...] Deus sofreu aqui. Oh, dá para pintar a Mãe de Deus ao pé da Cruz. A imaginação aqui é viva, especialmente como ele teve que sofrer por todos nós na Ática. [...]

Como poderia descrever o minuto em que me aproximei do Santo Sepulcro?

Ali senti que o Sepulcro é o túmulo do amor, e esse sentimento foi tão forte que eu estava disposto a abraçar todo mundo e sentia um amor tão grande pelas pessoas que todo mundo parecia um homem santo, porque o amor não nos deixa ver a fraqueza dos outros. Perto do sepulcro vemos amorosamente com o coração todas as pessoas e elas sentem isso até quando chegam em casa. [...]

Oh, que grande impressão nos causa o Gólgota! [...] Uma vez que se lança um olhar ao lugar onde a Mãe de Deus esteve, as lágrimas começam a rolar por conta própria e vê-se tudo com os olhos da mente.

Deus, o que aconteceu aqui; o corpo foi tirado e estendido no chão. Que tristeza e que lágrimas, onde o corpo esteve deitado. Deus, Deus, para que isto? Deus, não voltaremos a pecar, salva-nos com o teu sofrimento! ²³

Tão grande era o poder da Terra Santa que ele sentia como se a família imperial estivesse lá com ele:

Meus queridos, cheguei à cidade da Palavra Sagrada [...]. Deus, o Santo Sepulcro é uma alegria tão grande, e vocês estavam lá comigo: Annuchka, você estava lá, e Mamãe e Papai, e vocês eram todos meus, não poderíamos estar mais próximos uns dos outros, ou eu tocaria em vocês com meu dedo, porque o amor está acima de tudo; Mamãe, entenda, Annuchka, não há vergonha aqui, não, beijos para vocês, todos meus, todo mundo. Grigóri. ²⁴

Ele visitou Getsêmani (“a pessoa sente medo de pisar no chão, cada junco é sagrado”), o rio Jordão, Jericó e Belém. Os pensamentos de Raspútin não se dirigiam apenas a Cristo. “As judias daqui são especialmente bonitas”, escreveu para amigos em Petersburgo. ²⁵ Em 10 de abril, os cristãos ortodoxos celebraram a Páscoa na Terra Santa. Foi — como tudo o mais para Raspútin — uma experiência profundamente comovedora, embora não sem alguma decepção. Ele ficou chocado ao descobrir que nem todo mundo estava tão maravilhado com o significado dos lugares santos. Incomodavam-no os infundáveis vendedores de bugigangas religiosas e o assédio de mulheres que o perseguiam, e aos outros peregrinos, com seus suvenires ridículos. Freiras vendiam vinho no mais santo dos lugares e, por ser barato, aparentemente todo mundo tomava. Isso confirmava para Raspútin que o Diabo estava em toda parte. A tentação era inevitável. A descrição de Raspútin da imoralidade que viu à sua volta não era exagero: havia muita bebedeira, concubinagem, briga e caos saudando os peregrinos à

Terra Santa naqueles tempos. [26](#)

E, assim como se decepcionara com o vazio espiritual das igrejas gregas, desapontou-se também com o que viu numa missa de Páscoa católica. “Que dizer da Páscoa deles? Em nossa celebração, todo mundo, mesmo os não ortodoxos, ficam felizes, de rosto iluminado [...] enquanto eles não têm alegria nenhuma em sua principal catedral, não há comoção ali, e dá para ver que não têm a Páscoa no coração [...]. É tão bom ser ortodoxo! Nenhuma religião se compara à nossa!”

Raspútin tirou importantes lições para a Rússia em sua peregrinação. Descobriu uma maneira de estimular a fé no povo russo e, com isso, fortalecer a reverência ao trono, em especial entre os pobres, e recomendou ao governo que apoiasse e incentivasse os russos a viajarem à Terra Santa. Ao voltarem para suas aldeias, esses peregrinos, cheios de renovada força espiritual e, achava ele, renovada fé na pátria e no Tsar-Pai atuariam como embaixadores da ortodoxia e da monarquia. Para tanto, Raspútin acreditava que as difíceis condições dos peregrinos ortodoxos precisavam melhorar. O preço da viagem deveria ser mais acessível, as missões deveriam parar de cobrar dos peregrinos água quente, cama e comida, e eles não poderiam ser transportados às centenas, “como gado no porão de carga”. [27](#) Os peregrinos ricos viajavam com grande conforto, os pobres sofriam. Isso, na opinião de Raspútin, não estava certo.

No começo da noite de 4 de junho, Raspútin voltou para visitar Nicolau e Alexandra no Palácio de Alexandre. Ambos ficaram felicíssimos em revê-lo depois de tantos meses. [28](#) Ele lhes deu presentes; para Alexei, uma bola, um pente, um peão e uma pequena caixa de tintas. O menino ficou deslumbrado. [29](#) Não foram eles os únicos a se alegrarem com sua volta. Sófia Buksgevdén notou que, depois do retorno de Raspútin, o número de seguidores seus aumentou visivelmente, pois estavam todos ansiosos para ouvir suas aventuras. [30](#) Para alguns, a peregrinação de Raspútin demonstrava a profundidade da sua fé e aumentava a intensidade da aura espiritual em torno dele. Se os ministros do tsar insistiram na peregrinação como uma forma de reduzir a influência de Raspútin, falharam terrivelmente.

23. Raspútin por ele mesmo

Ao contrário da crença popular, Raspútin não era analfabeto. Apesar de não ter frequentado a escola, aprendeu a ler e escrever, e durante seus anos de peregrinação absorveu muita coisa das Escrituras Sagradas. Escrevia mal, é verdade, com pouco conhecimento de gramática. As frases eram intermináveis, a concordância verbal falha, as declinações ignoradas, a pontuação inexistente. Sua ortografia era um horror. Talvez isso ajude a explicar por que biógrafos anteriores praticamente ignoraram seus escritos, rejeitando-os como as garatujas incoerentes de um camponês semianalfabeto.

A imprensa da época dizia exatamente isso. Um comentarista da *Gazeta da Bolsa de Valores* observou que os escritos de Raspútin não apresentavam “nenhum entusiasmo especial, nenhuma profundidade especial, nenhuma originalidade”. O jornal indagava como era possível os anônimos editores de Raspútin não terem percebido “que ‘o imperador estava nu’, e apesar disso nos convidarem a admirar as invisíveis ‘roupas do rei’?”. ¹ Em 1911, o *Tempo Verspertino* escreveu que Raspútin tinha desenvolvido seus ensinamentos em sua época de peregrino, achando que criara uma nova filosofia quando na verdade estava apenas repetindo as ideias do herege Marcião, do século II, segundo o qual para elevar o espírito era preciso primeiro destruir a própria carne por quaisquer meios possíveis. ² É verdade que Raspútin não foi um pensador original ou importante, e que não acrescentou nada à teologia ortodoxa, mas tinha opiniões firmes sobre fé e sociedade e sobre a Rússia da sua época, e seus escritos oferecem talvez a melhor janela para a sua mente. Raspútin jamais foi um pregador, e só muito de vez em quando falava para uma grande plateia, mas não negligenciava

aquilo que tinha a dizer e, com a ajuda de seguidores como a imperatriz, tomou providências para que alguns folhetos com suas palavras fossem publicados enquanto ainda vivia. ³ Olga Lokhtina disse à Comissão que Raspútin gostava de anotar seus pensamentos num caderninho, que ela em seguida transcrevia, corrigindo a gramática e nada mais, e esses pensamentos foram publicados com o título de *Meditações piedosas* em 1911. ⁴ Em 1915, com o respaldo da imperatriz, os *Pensamentos e reflexões* de Raspútin, narrando sua viagem à Terra Santa, foram impressos.

Alexandra coligiu as máximas de Raspútin num caderno que ele lhe deu de presente em fevereiro de 1911. Esse caderno era muito importante para a imperatriz. Ela escreveu para Nicolau em 5 de maio de 1915: “Estes dias são tão longos e tão solitários [...]. Quando minha cabeça dói, anoto os aforismos do nosso amigo, e o tempo passa mais rápido”. Depois da Revolução, ela levou o caderno para o exílio como uma fonte de consolo. ⁵ Não é leitura fácil, e suas palavras muitas vezes são quase impossíveis de traduzir. Boa parte do que dizia, como está registrado não só aqui mas em outras fontes, às vezes é incompreensível — quase sempre vago, confuso, elíptico, incompleto, impenetrável. (Em benefício da clareza, a linguagem de Raspútin foi revisada nas passagens citadas adiante.) Apesar disso, certos temas vêm à tona. Raspútin ressaltava repetidamente o poder da oração e da fé, as benesses da caridade, a sacralidade do trabalho, a importância da misericórdia. Raspútin quase nunca falava em pecado, mas era obcecado com o Diabo, a que chamava de *bes*, literalmente “demônio”, uma força real, poderosamente presente no mundo à sua volta, que precisava ser combatida a todo momento. ⁶

O amor está no âmago da mensagem de Raspútin.

Amor é paraíso, vem do amor, vamos aonde nosso espírito vai, amor são nuvens, lá vivemos.

Amor é grande sofrimento, não nos deixa comer, não nos deixa dormir.

Está misturado com o pecado. Apesar disso, é melhor amar. Uma pessoa comete erros no amor e sofre por causa deles, e esse sofrimento purga seus erros.

Deus [...] me ensina a amar e então todas as feridas de amor param de me maltratar, e o sofrimento é agradável. Sei que há sofrimento e dificuldade no amor (por experiência própria), mas nasci do amor e dos entes queridos [...]. Não tirem de mim o amor — deixem o sofrimento dos que me são mais próximos me ensinar amor, e sofrimento e amor, embora eu erre, mas de acordo com as palavras do Apóstolo: “O amor perdoa muitos pecados”.

O amor é tudo, o amor o protegerá de uma bala.

Do amor flui ajuda para o próximo, sobretudo através da caridade. Raspútin tinha muita coisa a dizer sobre dar esmolas, um dos temas centrais da sua mensagem. Em 1910, essas máximas foram coletadas em *A dádiva da esmola*, anotadas pela grã-duquesa Tatiana Nikoláievna no caderno dela.

Aquele que dá vivenciou muitas vezes por conta própria que a mão caridosa não empobrece, mas recebe muito mais.

Mas o Diabo através da tentação não nos deixa em paz e manda fantasmas de todos os tipos, dizendo “você é sozinho no mundo, não dê nada”, ou nos traz à memória um preguiçoso bêbado ou imprestável e diz ainda mais alto “você vai se arruinar”.

O Reino de Deus não nos é dado por nada, diferentes tipos de cruz são necessários, e dar esmolas é melhor do que qualquer outra dádiva.

O Diabo tentava impedir que se fizesse caridade aos necessitados, assim como estava sempre em busca de afastar as pessoas de Deus para então desencaminhá-las. “É tão doloroso sofrer! O Diabo é muito experiente, vive há séculos e sempre tira do homem o que o homem ama de verdade. Muitas pessoas são incapazes de superar isso e se matam, essas pessoas não fizeram amizade com Deus. Amizade com Deus — perseguição implacável e a perda do que se ama.”

Raspútin atribuía ao Diabo o fato de ter tantos inimigos, tema ao qual retorna reiteradamente.

As tristezas são o palácio de Deus! [...] Vivo no meio de terrível calúnia. É inacreditável o que as pessoas escrevem a meu respeito. Meu Deus! Dê-me paciência e cale a boca dos meus inimigos! Ou me dê ajuda celeste, ou seja, me prepare para a alegria eterna de Vossa delícia.

Oh, o miserável Diabo pôs toda a Rússia contra mim, como se fosse um criminoso! O Diabo e todo mundo estão preparando a felicidade eterna! É por isso que o Diabo sempre sairá perdendo. Deus! Salva os seus!

A verdade está sempre com os mártires e os homens santos, eles suportarão a perseguição — e no fim serão coroados. [Z](#)

Raspútin admitia que ele mesmo não estava inteiramente livre das garras do Diabo. Mais de uma vez afirmou: “Também sou tentado pelo inimigo”. O inimigo tinha ciúmes daqueles que buscavam Deus, na visão de Raspútin, e sendo assim, por mais que se tente alcançar Deus, o inimigo nos mandará dor e sofrimento: aos que se inclinam, mandará dor nas costas; aos que jejuam, mandará sede indescritível; aos que tentam escapar dos desejos carnis, mandará membros do sexo oposto com ideias tentadoras. Em sua *Vida de um peregrino experiente*, Raspútin dá conselhos sobre como resistir a coisas desse tipo, com base em

vivência própria.

Deve-se tentar de tudo: reze um bocado, mas só se puna quando não houver ninguém por perto, e com firmeza, da maneira certa, empregando força física para que até o chão trema, mas tente fazê-lo quando não houver ninguém por perto, pois você ficará bem e tudo [as tentações] desaparecerá, e assim é que se ganha experiência e se aceita tudo com alegria, porque o inimigo nos ensinou mas não conseguiu nos seduzir — ele nos fez amar a Deus ainda mais. ⁸

As preocupações de Raspútín com o sofrimento, com a obra do Diabo, com a perseguição nas mãos dos nossos inimigos, tinham forte apelo para Alexandra. Ela via o mundo mais ou menos como ele o via, e percebe-se o quanto as palavras de Raspútín lhe caíam bem e ajudavam a criar um vínculo entre os dois. Alexandra via-se cercada de inimigos empenhados em prejudicar a ela, a sua família e a Raspútín também. Enxergava o mundo em preto e branco, em termos de um nítido contraste entre pecado e virtude. Com o passar dos anos, foi ficando mais crítica em relação a qualquer pessoa que lhe parecesse pertencer à primeira categoria. A criada Madeleine Zanotti, que conhecia a imperatriz desde os primeiros anos, quando ela ainda era uma jovem senhora em Darmstadt, notou que para a tsarina era cada vez mais difícil tolerar ideias que não fossem as suas próprias. As pessoas que não partilhavam suas opiniões deviam ser removidas do seu ambiente. ⁹ Fora de sua família imediata, Raspútín era o único homem que conseguia alcançar os padrões impossivelmente elevados da imperatriz.

Se não há dúvida sobre os sentimentos compartilhados de perseguição que ajudavam a unir Raspútín e a imperatriz, o que não fica muito claro é se o *stárets* cultivava ou não essa aura de martírio justamente para alcançar seus objetivos. Os sentimentos que manifestava com certeza eram genuínos, e não sem fundamento, mas até que ponto os amplificava — se é que o fazia — para garantir seu lugar tanto no coração de Alexandra como no de Nicolau? É difícil dizer. Em algumas ocasiões, Raspútín endereçava suas palavras diretamente a Alexandra, e nesses casos está claro que ele oferecia consolo em tempos de adversidade ao mesmo tempo que alimentava a vaidade dela:

Pois hoje em dia a gente ouve e vê problemas na terra, que são assustadores e difíceis, e a grandeza de Deus socorre nossa Imperatriz porque ouvimos falar na misericórdia dela [...] nossa anarquia e nossos pecados é que os causam, e Deus se afasta e todo mundo parece abatido e envergonhado. Ela foi afetada, nossa Mãe Imperatriz, em seu coração e em sua

alma. [...] tendo vivido todas as tribulações, ela adoeceu e teve suas energias internas abaladas. Continua tendo esperanças e se preparando com sua fé e expectativa e graça. Não procura médicos terrenos, mas a obra Dela crescerá e a alma dela ressuscitará.

E:

Ela sente Deus como nós, gente simples, mas quando fala se mistura com a graça de Deus. Ninguém conhece a glória como nossa Mãe Imperatriz conhece. E geralmente o inimigo tenta atribuir a ela fraquezas alheias. Mas ela é uma lutadora, aprendeu com a experiência, e luta com astúcia, de maneira santa e habilidosa. É exemplo para vários conhecidos seus e diz a eles que compreendam com a experiência e com a habilidade dela. Dessa maneira, ela dá exemplo agora para crianças, ensina a não se magoarem, mas chama atenção para o êxtase conquistado pela paciência. Deus cria coisas maravilhosas em toda a nossa Mãe Rússia. Houve tempos em que as pessoas sofriam, mas graças a suas santas orações esses dias passaram, o Senhor dará um basta e não sofreremos mais e Deus nunca, jamais nos deixará cair nas mãos dos infiéis. Assim como no passado houve ungidos, hoje também haverá. Amém.

Dá para imaginar o quanto essas palavras agradavam à imperatriz.

Se Alexandra tinha dificuldade para aceitar a personalidade imperfeita das outras pessoas, Raspútin era mais inclinado ao perdão, e, apesar das conversas sobre perseguição, seus escritos são livres de qualquer desejo de castigo. A vingança era uma noção alheia a Raspútin. No fim tudo haveria de ser resolvido pelo próprio Deus. Esse era um atributo que faltava à imperatriz.

Exceto em algumas poucas ocasiões, Raspútin sempre demonstrou compaixão, um sentimento que vinha do fato de reconhecer as imperfeições humanas. Criaturas pecaminosas que somos, nem todos nós podemos ser verdadeiros cristãos e conhecer a beleza do amor e da sabedoria de Deus. “O ouro todos sabem o que é, mas nem todos conhecem assim tão claramente os diamantes, apesar de serem valiosos. Da mesma forma, a vida espiritual não é acessível para todos.” Os que têm maior probabilidade de encontrar Deus são os humildes e os pobres. O homem comum carrega Deus dentro de si com muito mais facilidade do que o rico e o poderoso, e Raspútin usava essa compreensão da espiritualidade como arma contra aristocratas, intelectuais, comerciantes e sacerdotes da Rússia. Raspútin falava muito da supremacia do amor, mas quando se dirigia a determinados grupos sociais, esse sentimento estava quase sempre ausente de suas palavras.

Que felicidade elevar a alma dos aristocratas. [...] Por quê? Porque, em primeiro lugar, eles não têm permissão para falar com a gente simples. O que é uma pessoa simples? Ela não sabe

dizer frases estranhas, mas fala simplesmente e vive em harmonia com a natureza e a natureza a alimenta, e seu espírito se eleva na sabedoria. [...] É por isso que dizem: quanto mais importante, mais estúpido. Por que mais estúpido? Porque a sabedoria está na simplicidade.

O orgulho e a arrogância levam à perda da sanidade. “Oh, eu até que gostaria de não ser orgulhoso, mas meu avô se dava com ministros, nasci em certo clã, eles viveram no exterior.” Ó aristocrata infeliz! Porque eles viveram dessa maneira, você também tem que viver! Você explorou sua propriedade rural à exaustão, você ficou insano. [...] Ah, Satã sabe como capturar aristocratas. Há alguns — apesar de raros — que agem com simplicidade; não proibem os filhos de ir à cozinha aprender simplicidade com o cozinheiro. Essas pessoas têm um treinamento e um conhecimento da simplicidade, a mente delas é sagrada. Uma mente sagrada sente tudo e essas pessoas são comandantes do mundo. ¹⁰

E:

Ó senhores aristocratas! Bebi até ficar bêbado numa pequena taverna com três copeques, e os senhores o fizeram no exterior, em Berlim, esqueceram-se disso? [...] Os malditos aristocratas ainda não viram a luz. [...] Deus vê a verdade — deixem os ossos de vossos netos descansarem em paz, mas conheçam a verdade e não toquem no homem ortodoxo e nas pessoas ortodoxas!

Numa entrevista ao *Correio de Petersburgo* em junho de 1914, consta que Raspútin disse que “toda aristocracia se alimenta do homem comum”. ¹¹ De acordo com Vladímir Bontch-Bruievitch, Raspútin gostava de afirmar: “É preciso viver para as pessoas comuns, é preciso pensar nelas”. Bontch-Bruievitch não tinha dúvida de que ele acreditava no que dizia. ¹²

No primeiro semestre de 1915, Raspútin começou a visitar o ateliê da artista dinamarquesa Theodora Krarup em Petrogrado. Ela era amiga da imperatriz viúva, também dinamarquesa, e tinha pintado vários retratos de membros da família imperial, e Raspútin a procurou oferecendo trezentos rublos para que fizesse o seu retrato (bem menos do que ela costumava cobrar por encomenda). Eles rapidamente desenvolveram uma calorosa ligação, e Raspútin tornou-se presença regular no ateliê. No fim, ela acabaria pintando o retrato dele vinte vezes. Presenteou o tsarévitch Alexei com um deles. ¹³

Raspútin comovia-se com a andrajosa pobreza do lugar, que para ele simbolizava a humildade de Krarup e ressaltava a honestidade do seu trabalho. Ele estabeleceu um contraste entre Krarup e os modos dos generais russos durante a guerra, que lhe pareciam pretensiosos:

Nossa força está apenas em nosso talento. Por que não há guerreiros e nem vitoriosos hoje

em dia? Porque essa beleza está em falta, a beleza no coração deles não se deve a vitórias, mas a enfiar a faca em alguém para que não consiga uma promoção ou uma medalha [...]. Na verdade, deem uma olhada nos artistas, homens e mulheres, são tão pobres, nada de cruzes, de medalhas, só seu material — seu material é tinta, e o talento está em seu espírito. Meu Deus! Por que não puseste vitória na cabeça dos generais em vez de facas. Estão bem longe de serem irmãos dos artistas — homens e mulheres! Olhem para um artista de verdade: você entra no ateliê e vê quadros por todo lado, ele só tem uma cama, um colchão, como nas trincheiras, não recebe cruzes, não fica famoso, enquanto os generais são os que supostamente nos salvam... mas não tenho tanta certeza disso [...].

Krarp sentiu-se atraída por Raspútín desde o início. Quando foi conhecê-la, estava, como de hábito, acompanhado por Munia Golovina. Enquanto posava para a artista, falava sobre a vida na Rússia, e um dos seus temas preferidos era a raiva que sentia da exploração dos camponeses pelos nobres. Na opinião de Krarp, Raspútín era um socialista cristão.

A beleza e o conforto marcados pela humildade que Raspútín sentia no ateliê de Krarp eram os mesmos que experimentava em casa, em Pokróvskoie. Num texto intitulado “Um passeio por minha aldeia”, datado de 27 de outubro de 1911, ele contou o que viu através das janelas de outras casas da aldeia certa noite. Saiu de casa pensando em “trabalho camponês” e ficou muito feliz de ver meninos pequenos estudando as Escrituras, um homem consertando um trenó, mulheres tecendo esteiras. Ali, naquelas cabanas humildes, viu alegria e a luz de Deus. Mesmo as mulheres, que riam e cantavam canções mundanas em seus afazeres, agradavam a Deus, pois Ele aprovava seu trabalho. “O que os camponeses fazem de noite é repleto de trabalho santo e honradez.” Então passou pela casa dos padres. Ali viu três sacerdotes batendo papo e jogando cartas a dinheiro. “Seus rostos estavam inflamados pelo perigo”, e a casa por uma “luz opaca”. Mas Raspútín não foi excessivamente severo em sua condenação. “Não julguemos demais”, instruiu, “mas não sigamos seu exemplo, esperemos até que ajam adequadamente e assim possamos aprender com eles quando estiverem rezando, não jogando cartas.”

Raspútín com frequência empregava palavras severas contra os sacerdotes da Rússia:

Muitos de nós falamos de amor, mas só o conhecemos de ouvir falar, pois geralmente estamos longe do amor. Ele vem basicamente de pessoas experientes, mas não virá da pessoa que vive no conforto e na serenidade, ainda que seja um padre. Porque há dois tipos de padre

— alguns são contratados por suas paróquias, e outros evoluem e se tornam padres pela vida que levam; esse padre é legítimo e se esforça muito para servir a Deus, mas o que é contratado muitas vezes o delata e critica. Aqueles que são escolhidos por Deus conhecem o amor absoluto, podemos ir escutar o que dizem e eles não pregam com base num livro, mas com base na própria experiência, porque o amor não se recebe fácil.

É óbvio que aqui Raspútin refere-se a si mesmo e coloca-se acima do clero oficial, em especial daqueles que falaram mal dele. Nesse caso, Raspútin está cedendo ao orgulho, pecado que sempre tratava de denunciar nos outros, nos aristocratas, generais, sacerdotes e intelectuais, que também são alvo de críticas. “Ser instruído não contribui em nada para a retidão moral! Não estou criticando os homens de letras, deve-se estudar, mas um homem instruído não tem acesso a Deus. Aprendeu apenas letras, mas não pode chamar Deus. As letras confundiram sua mente e ataram seus pés e ele não pode seguir os passos de Deus.” ¹⁴ Certa vez deu o seguinte conselho: “Não filosofe, você vai apenas se cansar”.

No início de 1913, Raspútin visitou o Orfanato de Petersburgo para crianças abandonadas e filhos ilegítimos. Ver criancinhas de colo rejeitadas o fez chorar de emoção. Entristecia-o o fato de poucas pessoas saberem da existência do lugar ou nem se darem ao trabalho de visitar “essa casa onde a humanidade cresce”. Manifestou a opinião de que aquelas crianças eram ignoradas e rejeitadas por serem resultado da “loucura da carne descontrolada, elas vêm do pecado, de tudo que chamamos pecado e que todos temem”. Raspútin não negava que houvesse pecado por trás do nascimento delas, mas ressaltava que ninguém estava isento de pecar e que Deus era eternamente misericordioso.

“Seus rostos não mostram mais sinais de pecado”, afirmou ele, “a carne libertou-se da loucura.” Eram todas “criaturinhas indefesas”. Elogiou as cuidadoras e os médicos que lá trabalhavam: “O povo é mais simples, mais calmo do que as classes altas. E confiamos mais nas cuidadoras do que em quem manda nelas. O poder estraga a alma, sobrecarrega-a, aqui não se precisa de poder, mas de amor. Quem compreende isso será abençoado pelo resto da vida”.

Raspútin defendia os membros mais fracos da sociedade dos preconceitos da época. Não, aquelas crianças não deveriam ser

desprezadas e descartadas, insistia ele, pois na verdade tinham um valor especial:

A grande colheita do amor não pode ser armazenada em celeiros distantes. Isso leva à perda de muitas safras jovens, almas que poderiam ter sobrevivido e se tornado um ornamento da posteridade morrem. Pensem nisto: os filhos mais saudáveis vêm do amor secreto, que é forte. O amor explícito é ordinário. Quando é explícito, seus sentimentos são relutantes, você dá à luz debilmente. [...] A grandeza e a glória do Estado são construídas pela força de um espírito, amor por crianças e pela infância. Construam mais depressa e em maior número esses abrigos de anjos. Não há pecado neles, eles não são feitos para o pecado. O pecado está em culpar o inusitado, quando a alma e o corpo de alguém são rejeitados porque são inusitados. Mas temos medo disto. Por que ter medo quando devemos nos alegrar e fazer louvores ao Criador e ao Autor de tudo? ¹⁵

Raspútín tinha um quê de Rousseau com seus louvores à natureza e ao homem comum, sua admiração pela pureza inocente da infância, sua desconfiança das classes instruídas e da aristocracia, e sua conclamação à simplicidade e ao retorno a algum tipo de pureza original. ¹⁶ Deve-se notar que essas ideias não tornam Raspútín uma figura única. Ioann de Kronstadt, por exemplo, expressou opiniões parecidas, denunciando a falta de alma das classes instruídas da Rússia e sua influência corruptora sobre as classes mais baixas e seus valores morais. ¹⁷ Mas o fato de as opiniões de Raspútín serem compartilhadas por outros não as invalida, e sim mostra que ele tinha as mesmas preocupações de boa parte da sociedade russa da época. É tentador descartar as palavras de Raspútín como cínica hipocrisia, frases vazias de sentido nas quais ele não tinha nenhuma fé e que só usava como parte de uma astuta estratégia para ganhar influência e conquistar notoriedade. Isso seria um equívoco. Como acontece com todo mundo, o que ele fazia nem sempre estava de acordo com o que dizia, mas na maioria das vezes sim.

24. Triunfo de Iliodor

Em 15 de fevereiro, poucos dias depois de chegar a Novosil, Iliodor mandou um telegrama suplicante para Raspútin, aos cuidados de Sazónov em Petersburgo: “Meu querido amigo, venha o mais rápido que puder; está muito difícil”. ¹ Mas o telegrama chegou tarde demais. Raspútin já tinha partido para a Terra Santa. Diante disso, Iliodor procurou outras pessoas. Com a ajuda de Lokhtina e Apollon, irmão de Iliodor que estudou no Seminário Teológico de Moscou, planejava fugir. Iliodor tirou sua cruz, pôs óculos escuros e um grande chapéu de peles e se evadiu de Novosil para Moscou, onde os três tomaram um trem expresso com destino a Tsarítsin, no sul. ² Como Iliodor conseguiu ir até Tsarítsin sem ser identificado é um mistério. Em suas memórias, Piotr Stremoukhov, governador da província de Sarátov, escreveu que Kurlov, então vice-ministro do Interior durante o governo de Stolípín, fora o responsável. Kurlov ordenou secretamente a seus agentes (como segunda autoridade do ministério, era encarregado das agências policiais) que deixassem Iliodor voltar para Tsarítsin como parte de um plano para enfraquecer seu chefe e fortalecer a própria posição. Kurlov, afirmava Stremoukhov, via nas figuras de Iliodor e Raspútin potenciais patronos na corte. ³

Ao chegar a Tsarítsin, em 12 de março, Iliodor entrincheirou-se no mosteiro, agora cercado por dezenas de milhares de seguidores. Naquele mesmo dia, passou um telegrama para Raspútin: “Tendo passado pelas patrulhas e por centenas de agentes, protegido pela Virgem Maria, cheguei a salvo à minha catedral. O povo agora corre alegremente para mim, em massa. Na cidade, a polícia, os gendarmes e os guardas estão cobertos de vergonha; resolva isto”. Mandou um

segundo e desesperado telegrama ainda no mesmo dia: “Evite uma grande calamidade”.⁴

Enquanto isso, Iliodor parecia empenhado em provocar a grande calamidade que queria que Raspútin evitasse e continuou a pronunciar seus sermões inflamados. O imperador está nas mãos dos ministros “judeu-maçons”, esbravejava, sendo Stolípín o mais perigoso de todos. Iliodor propunha que todos fossem açoitados à vara, com surras especiais reservadas para Stolípín, a fim de expulsar seu “espírito maçônico”. Stremoukhov recebeu ordens para não permitir que mais seguidores se juntassem à multidão, nem tentar tocar em Iliodor, e para aguardar novas instruções. Stolípín pediu ao procurador do Sínodo que chamasse Germogen para ajudar a acalmar a situação. Não funcionou. Kurlov ordenou então a Stremoukhov que invadisse o mosteiro à noite e capturasse Iliodor. Sabendo que isso terminaria num banho de sangue, Stremoukhov recusou-se a obedecer. É possível que sangue fosse exatamente o que Kurlov queria, na esperança de jogar a culpa nas costas de Stolípín. Iliodor incitou seus seguidores, dizendo-lhes que só eles poderiam salvá-lo, para com isso garantir um lugar no Céu. Iliodor tinha transformado o mosteiro numa fortaleza. Seus seguidores, muitos dos quais armados com rifles e porretes, cercaram o prédio, preparados para repelir qualquer tentativa da polícia de prender Iliodor.

De acordo com Kurlov, a polícia interceptava os telegramas enviados para Raspútín por Iliodor e Germogen, que se juntara ao seu protegido, suplicando-lhe que intercedesse junto ao tsar. Mas Raspútín estava longe demais para ajudar — ao que parece jamais recebeu esses telegramas durante sua peregrinação. (O fato de Iliodor não saber que Raspútín tinha partido para a Terra Santa dá credibilidade à ideia de que a decisão de partir foi tomada na última hora.) Iliodor escreveu, porém, que Raspútín respondeu aos seus pedidos e passou telegramas para o tsar em sua defesa, além de escrever assegurando ao padre rebelde que iria salvá-lo.⁵ Em 27 de março, o *Palavra Russa* publicou o que dizia ser um telegrama enviado por Raspútín de Jerusalém para Iliodor: “Deus é sua única esperança. Reze para a Sofredora Mãe de Deus. Bênçãos para todos do padre Grigóri. Eles (Nicolau e Alexandra) estão furiosos em Petersburgo com a perturbação da paz. Queriam lhe dar o dinheiro pedido. Estão dizendo — por que ele não pediu que lhe fosse

mandado?”. ⁶ Gurkó alegaria mais tarde que Raspútin telegrafou para Alexandra dizendo-lhe que se Iliodor não fosse perdoado e autorizado a ficar em Tsarítsin, o tsarévitch enfrentaria “um grande perigo”. Raspútin e Vírubova, escreveu Gurkó, teriam sido os salvadores de Iliodor, apesar de não oferecer prova nenhuma que corrobore tal afirmação. ⁷ Iliodor escreveu, anos mais tarde, em *O monge louco*, que Raspútin passou o seguinte telegrama para Nicolau: “É meu desejo que Iliodor permaneça em Tsarítsin”. Iliodor é a menos confiável das fontes, no entanto. Ele também afirmou em seu livro que nunca pediu ajuda a Raspútin durante a crise e que não fazia ideia de que o *stárets* intercedera em seu favor, palavras que os seus telegramas nos arquivos da Rússia desmentem totalmente. ⁸ E Iliodor contradiz o que ele mesmo escreveu numa longa carta em janeiro de 1912, na qual declara que, muito embora Lokhtina e outros tenham suplicado a Raspútin que o ajudasse, o siberiano nada fez. ⁹

Em 26 de fevereiro, Stolípín escreveu para o tsar dizendo o que achava do escândalo e do perigo que representava. Para o primeiro-ministro, o caso Iliodor era uma prova terrível da fraqueza e desordem da Igreja. Estava claro que alguma coisa precisava ser feita, e isso incluía a demissão de Serguei Lukianov como procurador-chefe, mas enfatizando o máximo possível para o tsar que isso não poderia de forma nenhuma ocorrer naquele momento, pois seria interpretado por todos, e especialmente por Iliodor, como sinal de que o padre rebelde tinha vencido, fortalecendo-o portanto — e a outros oponentes do Estado e da Igreja — e enfraquecendo ainda mais a autoridade dessas instituições. Seria preciso fazer o que fosse necessário para evitar a pior de todas as hipóteses. “Na Rússia”, escreveu Stolípín, “nada é mais perigoso do que aparentar fraqueza.” O que dizia respeito não apenas à Igreja, mas também ao próprio tsar, cuja autoridade Iliodor vinha desafiando de forma tão descarada. ¹⁰

O impasse arrastou-se até a primavera. Stremoukhov voltou a Petersburgo no fim de maio para discutir a situação com Stolípín. Simplesmente não conseguia entender por que o tsar deixava Iliodor continuar denunciando a ele e sua autoridade. Muitos passaram a crer no boato — espalhado, ao que tudo indica, pelo próprio Iliodor — de que Nicolau estava relutante porque o padre era na verdade seu meio-

irmão, filho ilegítimo do falecido Alexandre III. Stremoukhov queria saber por que Stolípin não tomava nenhuma providência, mas o primeiro-ministro respondeu que tinha feito tudo que estava ao seu alcance. Disse que tinha as mãos atadas, que agir contra Iliodor seria mexer em casa de marimbondo, desencadeando contra ele a fúria da direita e da esquerda, o que prejudicaria imensamente seu poder na corte. Decidiram então que Stremoukhov conversaria com Nicolau, e não apenas sobre Iliodor, mas também sobre seus aliados Germogen e Raspútin. Na véspera da audiência com o tsar, porém, Stremoukhov recebeu um telefonema anônimo instruindo-o a mencionar apenas Iliodor e Germogen, não Raspútin. Stremoukhov perguntou quem estava falando, mas a ligação foi interrompida. Muito surpreso, Stremoukhov não tinha certeza, mas achava que a pessoa do outro lado da linha era Stolípin, ligando para adverti-lo de que não seria boa ideia discutir Raspútin com o tsar.

Stremoukhov disse ao tsar que estava ali para prestar informações sobre o caso Iliodor, mas pediu que antes pudesse acrescentar outra palavra. Nicolau lhe disse que o assunto estava encerrado, que ele já o perdoara. Stremoukhov mal conseguiu acreditar no que ouvia. ¹¹ Incrivelmente, Nicolau tinha recuado e decidido permitir que Iliodor permanecesse em Tsarítsin. O monge rebelde vencera sua batalha contra o tsar, seus ministros e o Sínodo. A decisão de Nicolau foi um golpe contra o prestígio do Sínodo e do trono. Numa débil tentativa de esconder o que de fato acontecera, o decreto oficial baixado pelo Sínodo em 2 de abril declarou que Iliodor tinha recebido permissão para se mudar de Novosil para Tsarítsin, onde ficaria sob a autoridade de Germogen. Explicava-se ainda que o tsar dera ouvidos ao desejo do povo e tomara as providências apropriadas. Claro, todos sabiam que Iliodor já estava em Tsarítsin havia algumas semanas. Vários sacerdotes importantes preferiram culpar não o tsar, que era o verdadeiro culpado, mas Raspútin, mesmo sem haver provas de que ele houvesse tido alguma coisa a ver com a decisão. ¹² Iliodor fora salvo não pela força de Raspútin, mas pela fraqueza de Nicolau. Qualquer que tenha sido o papel do *stárets* siberiano, em razão das estreitas relações de amizade entre os dois, a vitória de Iliodor foi vista, compreensivelmente, como uma vitória de Raspútin. Iliodor, no entanto, parecia o grande vitorioso.

Ele sabia disso, e deixou que lhe subisse à cabeça.

As preocupações da família estendida dos Románov aumentaram durante esse último escândalo. Em 26 de fevereiro, mesmo dia em que Stolípín escreveu para o tsar, a imperatriz viúva foi ao Palácio de Alexandre para advertir o filho e a nora sobre o perigo que Raspútín representava e lhes pedir que prometessem mandá-lo embora de uma vez. Alexandra revidou defendendo vigorosamente Raspútín, enquanto Nicolau permanecia calado. Para Maria Fiódorovna, era doloroso ver o quanto a nora dominava seu filho. Nicolau jamais mencionou Raspútín em alguma carta sua para a mãe. Esse assunto para ele era tabu. A mãe chorou: “Minha pobre nora não percebe que está arruinando a dinastia e a si mesma. Ela acredita sinceramente na santidade de um aventureiro, e nada podemos fazer para evitar a desgraça, que na certa virá”. É possível que ela então se lembrasse de que quando chegou à Rússia, egressa de sua terra natal, a Dinamarca, em 1866, uma velha senhora previra que seu filho governaria a Rússia com grande riqueza e poder, mas seria derrubado pela “mão de um mujique”. ¹³

Durante o almoço, em 20 de maio, Maria Fiódorovna travou uma longa conversa sobre Raspútín com o tio do tsar, K. R., que escreveu em seu diário: “Ela fica muito preocupada por saber que eles continuam recebendo em segredo um louco divino, Gricha, que manda a Imperatriz A. e as crianças guardarem segredo e não contarem a ninguém que o viram. Será pouco benéfico acostumar as crianças a essa dissimulação. Stolípín já informou ao Imperador, em algum momento, que esse Gricha é um tratante, mas em resposta recebeu ordem para deixá-lo em paz”. ¹⁴

A vitória de Iliodor significou a derrota de Lukianov. Em 2 de maio, ele foi demitido e substituído por Vladímir Sabler. Começaram então a circular boatos de que a seleção tinha sido feita por influência de Raspútín; alguns diziam até que, antes da nomeação oficial, Sabler fora “ungido” na sala de espera dos aposentos de Raspútín. ¹⁵ No entanto, era improvável que isso tenha acontecido, uma vez que Raspútín ainda não tinha retornado à Rússia. Logo depois da demissão de Lukianov, um triunfante Iliodor visitou Petersburgo. Foi calorosamente acolhido no salão da condessa Sófia Ignátieva e abraçado por inimigos reacionários de Stolípín. Posteriormente, ele diria que foi recebido pelo

próprio Nicolau em Tsárskoie Seló. ¹⁶ A audiência ocorreu apenas em sua imaginação delirante.

Depois do seu encontro com Nicolau e Alexandra em 4 de junho, Raspútin dirigiu-se às pressas a Tsarítsin para ver Iliodor, ali chegando no dia 14. Ficou duas semanas. A imprensa jamais os perdeu de vista. ¹⁷ No dia 18, Raspútin fez um sermão para uma plateia de duzentas mulheres sobre sua viagem à Terra Santa. No dia 25, ele, Iliodor e Germogen, acompanhados de quarenta mulheres, foram de barco até Dubovka, para visitar as irmãs do Convento Sagrado de Voznesenski. A imprensa noticiou que Iliodor saiu para ceifar aveia nos campos do convento e em seguida passou a segadeira para Raspútin. Este fez um, dois ou três movimentos desajeitados, antes de bater com a ferramenta no chão e quebrá-la. A mensagem era clara: Raspútin não era um camponês de verdade. A reportagem dava destaque à calorosa recepção oferecida pelas irmãs a Raspútin; elas seguiam cada passo dele, bebendo cada palavra que proferia. Iliodor, disseram eles, cansou-se da cena, e eles se prepararam para ir embora. Uma grande multidão despediu-se deles aquela noite para a viagem de retorno, e umas duzentas mulheres se juntaram a eles no vapor para Tsarítsin. Raspútin fez alguns comentários na noite de 28 de junho, depois do sermão de Iliodor para seus seguidores. Em seguida, encontrou-se com as mulheres, uma por uma, no canto da igreja, para lhes contar o futuro e dar conselhos sobre seus problemas. ¹⁸ No grande pátio em frente à igreja, Iliodor informou à multidão que no dia seguinte Raspútin os deixaria e que haveria um culto especial de orações e uma procissão até o cais. De manhã, depois da liturgia, Iliodor fez outro discurso para milhares de pessoas. Foi mais um comício político do que uma cerimônia religiosa. Houve discursos elogiando Raspútin por ter defendido Iliodor contra os judeus e a “imprensa judaica”. Iliodor se referiu a Raspútin como “nosso amadíssimo amigo e irmão em Cristo”.

“Quando os ateístas e *yids* o caluniaram”, berrou Iliodor, “todos os amigos se esconderam. Só nós não pudemos e não quisemos nos esconder dos inimigos, e começamos a gritar bem alto a seu respeito para que o mundo ouvisse e viesse em sua defesa. Como sobre mim, assim também sobre você, nos últimos dias nuvens negras se acumularam, mas nós as derrotamos.” Raspútin era, nas palavras de

despedida de Iliodor, “um grande homem, com a linda alma de um anjo” e “um verdadeiro enviado de Deus” que tinha deixado sua família e vagado pelo mundo para “ensinar às pessoas brandura, amor e humildade”. Como retribuição, Raspútin, erguendo um ícone, elogiou Iliodor, dizendo-se encantado de saber que numa “cidade corrupta como Tsarítsin” havia “uma pureza como Iliodor”. Os seguidores de Iliodor presentearam Raspútin com um caro serviço de chá e lhe deram uma despedida de herói. Os dois homens saíram do mosteiro pela cidade numa carruagem enfeitada de flores e folhas artificiais, acompanhados por uma multidão de mulheres e meninas cantando canções patrióticas e soltando hurras. A maioria usava no peito o emblema do comitê local da União do Povo Russo. Fotógrafos tinham aparecido para registrar a cena no cais, quando Raspútin embarcou no vapor *Imperador Nicolau II*. Um repórter de *A Igreja* descreveu as características de Raspútin:

O rosto de Raspútin — mortalmente pálido e sem vida — é o de um homem que não gosta que as pessoas o mirem nos olhos. Quando nosso olhar se cruza com o dele, ele imediatamente desvia os olhos, como se temesse uma pergunta inesperada e incômoda. Traços nítidos, nariz comprido e olhos profundos de cor cinza, na maior parte do tempo voltados para baixo e só de vez em quando e furtivamente girando em torno, espiando depressa, de relance, para os lados, este é o retrato de Raspútin.

E prosseguia o repórter:

“Grigóri Iefimovitch!”, ressoou a voz aguda de Iliodor. “Grigóri! Sabe quem são seus inimigos?”

“Sei!”, respondeu Raspútin na mesma altura, com um aceno de cabeça.

“E aqui estão eles, comigo!”, voltou a berrar Iliodor, com o punho cerrado sobre a multidão. “E isto é o que vai ser deles.” Com isso abriu os dedos e atirou pedaços de papel que rodopiaram no ar e caíram no chão, espalhando-se por todos os lados. Iliodor foi inundado por uma onda de gritos e risos de aprovação.

A multidão cantou o hino tradicional “Muitos anos” para Raspútin, que se despedia acenando com seu buquê. Mulheres conseguiram romper a linha de marinheiros e correr para ele, beijando-lhe as mãos e a bainha do seu cafetã, e enfiando pão e embrulhos em suas mãos. Ele se curvou e agradeceu a todas. Quando o vapor finalmente partiu, Iliodor gritou pela última vez: “Grigóri, seja forte como sempre! E não tenha medo de nada!”. ¹⁹

Dias depois, Iliodor iniciou uma barulhenta peregrinação — uma

espécie de turnê da vitória em sua batalha contra a Igreja e o Estado — pelo rio Volga num vapor adaptado, acompanhado por Olga Lokhtina e quase 1700 seguidores. Iliodor carregava uma bolsa que, segundo consta, continha 3 mil rublos, dinheiro que a imperatriz dera a Raspútín para subsidiar a viagem de Iliodor. ²⁰ Era uma procissão desordeira. Jovens arruaceiros iam pelas margens berrando com os espectadores para tirarem seus chapéus e demonstrarem respeito a Iliodor; os que resistiam eram espancados. Do vapor eles gritavam: “Judeus malditos! Vergonha!”. Iliodor parou em Níjni Nóvgorod e foi calorosamente recebido pelo governador local, Alexei Khvostov. Juntos, apareceram na sacada da mansão do governador para receber a adulação da multidão. Os passos de Khvostov e Iliodor voltariam a se cruzar, em circunstâncias bem mais sinistras, no começo de 1916. Iliodor estava no auge da carreira, e tudo parecia possível. Como disse um jornalista naquele verão, a única coisa que existia para Iliodor era “o próprio ego”. ²¹

25. Dois assassinatos

De Tsarítsin, Raspútin voltou à Sibéria para passar um mês. Em 4 de agosto de 1911, estava de volta ao Palácio de Alexandre, onde se sentou com Nicolau e Alexandra por mais de uma hora depois do jantar. ¹ Poucas semanas depois, Nicolau e Alexandra viajaram a Kíev para inaugurar uma estátua de Alexandre II, como parte do quinquagésimo aniversário da emancipação dos servos na Rússia. Raspútin se juntou a eles. Pouco depois, publicou suas impressões da visita num pequeno folheto intitulado *Grandes dias de celebração em Kíev!* O folheto, do qual 20 mil exemplares foram impressos em Petersburgo, mereceu a seguinte reação de um jornal: “É improvável que esse escárnio [*rasputstvo*] da palavra provoque outra coisa além de risada e indignação”. ²

“A visita do tsar ajuda a renovar a Mãe Pátria”, escreveu Raspútin. “Soldados se sentem fortes e cheios de luz. Durante esses dias, estão prontos para servir pelo resto da vida, foram colhidos por uma grande força positiva e pela bravura dos guerreiros. Nada pode provocar tanta renovação como uma visita do próprio Tsar-Pai. Ninguém sabe como e por quê — mas todo mundo recebe uma força solene do Tsar-Pai!”

Raspútin aplaudiu a visita do tsar e o incentivou a repeti-la, a sair e circular em meio a sua gente, como uma coisa vital para o seu reinado, que inspiraria os súditos cristãos e ajudaria a derrotar os inimigos:

Nenhum cristão é capaz sequer de descrever o que se passou em seu coração quando viu o Tsar-Pai! E os que são maus e ímpios sentem tamanha maldade — querem provocar perturbações, mas não têm poder, porque as multidões estão tomadas de alegria: os maus e invejosos não podem fazer maldades, e seu número cai como o gelo que se derrete no calor, porque a alegria e os gritos de “hurra” são como relâmpago e trovão. Quando o trovão ataca, fazemos o sinal da cruz, e quando os “hurras” explodem — esta é a nossa força. Os maus e os fracos fogem dos “hurras” como o Diabo das orações; os inimigos da Rússia estremecem,

correm e se escondem. [...]

Como explicar isto? Só pelo fato de que a fé ortodoxa é grande e um Homem Escolhido e Ungido por Deus apareceu dentro dela. Não há palavras para descrever isto e nada pode ser comparado a isto. Deus, como estamos felizes! [...] Sua viagem desperta todos que estavam dormindo. Provavelmente se viajasse mais ele veria como é esperado e amado, e como a luz deste amor ilumina tudo. [...]

Nosso Tsar-Pai passou por nós com alegria e nos revitalizou com sua visita muitas e muitas vezes. Deus, demonstra tua misericórdia para conosco! Dá coragem ao nosso Tsar-Pai para que nos visite mais e com mais frequência, e inspecione o jardim pronto que lhe pertence. ³

Como as referências a inimigos sugerem, o folheto dedicava-se não apenas a elogiar o tsar, como continha também uma mensagem mais sinistra, relacionada a um crime espetacular que absorvera a atenção da cidade durante aquele verão. Em março de 1911, Andrei Iuschinski, de treze anos, foi encontrado morto numa caverna na cidade, com o corpo horripelantemente mutilado. Enquanto a polícia procurava, sem sucesso, o responsável pelo crime, o comitê local da União do Povo Russo começou a espalhar a história de que Andrei fora assassinado num ritual de morte judaico. O movimento Centúrias Negras convocou a realização de pogroms contra os judeus da cidade, e logo a história estava sendo divulgada por jornais de toda a Rússia, atraindo a atenção de ministros na capital. Em julho, um mês antes de os Románov chegarem a Kíev, a polícia prendeu um judeu chamado Mendel Beilis e o acusou do assassinato. Beilis era claramente inocente, mas permaneceria detido por mais de dois anos antes de ser por fim libertado, tempo durante o qual o “Caso Beilis”, como ficou conhecido, tornou-se uma *cause célèbre* entre os detratores do regime tsarista no mundo inteiro. ⁴

O nome de Raspútín ficou ligado a esse caso macabro, como a quase tudo que acontecia na Rússia de então. Dizia-se que, no dia em que Andrei foi assassinado, Raspútín cruzou com a mãe do rapaz numa rua de Kíev e lhe deu cinco rublos. Quando o homem que acompanhava Raspútín lhe perguntou por que tinha dado o dinheiro, ele respondeu que a pobre mulher não sabia o que viria pela frente: que ela não ia encontrar o filho esperando em casa, como de hábito, porque acabara de ser assassinado. ⁵ É uma bela história, mas pura ficção.

Raspútín tratou diretamente sobre o Caso Beilis em seu folheto. Cumulou de elogios a União do Povo Russo, definindo-a como

“aliados” e “os verdadeiros servos da Igreja e do grande Tsar-Pai”. A União era como “o maior dos santos”. Incentivou o tsar a reunir-se com o Centúrias Negras e outros grupos nacionalistas, como a União do Arcanjo Miguel, para ser seu patrono e estimular a formação de grupos semelhantes em todo o império:

Estes círculos são necessários como proteção contra os judeus; os últimos têm muito medo deles. Quando eles passam por Kíev, os *yids* cochicham e tremem; o exército não é tão temido, porque eles têm disciplina militar e não podem fazer muita coisa, mas a União do Povo Russo não tem disciplina. Seria bom que houvesse o maior número possível desses círculos, e eles não deveriam brigar entre si, e então os *yids* sequer sonhariam em pedir igualdade. ⁶

O histórico de Raspútin com os judeus é complexo. Essas palavras — supondo-se que sejam palavras suas — são os únicos comentários públicos antissemitas que fez durante a vida. No entanto, Raspútin sem dúvida se sentia à vontade entre os sacerdotes mais antissemitas naqueles anos. Posteriormente se afastaria desse ambiente, mas nunca denunciou de forma aberta as opiniões de homens como Iliodor. Teria sido Raspútin membro da União do Povo Russo? Alguns argumentam que sim, mas não há provas concretas. ⁷ Às vezes a imprensa descrevia Raspútin como instrumento do Centúrias Negras na corte. Em maio de 1914, noticiou-se que Raspútin era membro da sucursal moscovita da União do Povo Russo e tinha se encontrado com o vice-diretor da União Monarquista Russa, grupo de direita, quando em visita à cidade. ⁸ Uma carta anônima enviada para o departamento de polícia em novembro de 1915 dizia que Raspútin era membro da União do Arcanjo Miguel e estava comprometido com sua causa de salvar a Rússia do caos e da revolução. ⁹ Não há prova que confirme essas alegações. Na verdade, as estreitas relações de Raspútin com muitos judeus em seus últimos anos, e os pronunciamentos que fez em sua defesa, levantam dúvidas consideráveis sobre a veracidade desses relatos.

O assassinato do jovem Andrei não foi a única morte em Kíev com sérias repercussões políticas naquele verão. Na noite de 1o de setembro, Nicolau, as filhas Olga e Tatiana e vários dignitários visitaram a Ópera de Kíev para assistir a uma apresentação de *O conto do tsar Saltan*, de Rímski-Kórsakov. Durante o intervalo, Dmítri Bogrov, anarquista e espião da Okhrana, aproximou-se de Stolípin e lhe deu dois tiros de

revólver. Quatro dias depois, Stolípín morreu. O assassinato do ministro tem sido desde então objeto de consideráveis conjecturas, em especial para descobrir para quem Bogrov trabalhava naquela noite: revolucionários e judeus hostis ao regime ou elementos de direita do próprio governo que se opunham às reformas de Stolípín? O fato de Bogrov ter conseguido entrar no teatro com forte esquema de segurança portando um revólver levou muita gente a acreditar que quem estava por trás do assassinato era o próprio Kurllov. [10](#)

A presença de Raspútín em Kíev não passou despercebida. Iliodor mais tarde insinuaria que Raspútín esteve de alguma forma implicado no assassinato, e o príncipe Félix Iussúpov escreveu em suas memórias que Bogrov e Raspútín tinham sido amigos, e que por essa razão o tsar mandara suspender as investigações. [11](#) Dizia-se também que Stolípín fora morto por tentar afrontar Raspútín. [12](#) Não há a menor prova de que Raspútín sequer tenha conhecido Bogrov, menos ainda sido seu amigo. O governo provisório mais tarde investigaria o assunto, mas não encontrou nenhum indício que ligasse Raspútín ao assassinato. [13](#)

Ainda assim, alguns diziam que, embora talvez não estivesse envolvido, Raspútín previra o fim de Stolípín. Vassíli Chulgin, membro direitista da Duma, escreveu no segundo semestre de 1913 que foi visitado por um funcionário do correio de Kíev. O homem disse a Chulgin que tinha ficado na mesma casa em Kíev onde Raspútín se hospedara em 1911. Um dia, quando estavam parados na rua, a carruagem imperial passou, seguida de outra em que viajava Stolípín. “Raspútín”, disse o homem a Chulgin, “de repente começou a tremer, gritando: ‘A morte está atrás dele! A morte está viajando atrás dele! Atrás de Piotr!’.” Mais tarde, naquela noite, o funcionário ouviu Raspútín resmungar: “Oh, vai haver uma tragédia, uma tragédia”. Ele perguntou o que estava havendo, e Raspútín respondeu: “Oh, calamidade, a morte está vindo”. Na noite seguinte, Stolípín foi baleado. [14](#)

As fofocas no salão de Bogdanovitch diziam que, depois que Stolípín morreu, Alexandra mandou buscar Raspútín para que ele ajudasse a escolher um substituto. [15](#) O embaixador alemão, Hellmuth Lucius von Stoedten, escreveu para o chanceler Theobald von Bethmann-Hollweg que o tsar mandou “o monge” Raspútín conversar com o homem que

Stolípín tinha anteriormente considerado um bom candidato para assumir o seu lugar quando deixasse o cargo. Raspútín foi falar com ele e disse ao tsar que o homem lhe parecera “aceitável”. A morte de Stolípín, afirmou o embaixador, tinha reforçado no imperador e na imperatriz a necessidade de “confiar na proteção do monge e escutá-lo”.

[16](#)

Vladímír Kokóvtsov, então ministro das Finanças, tornou-se o novo primeiro-ministro da Rússia. Filho de uma família nobre empobrecida, Kokóvtsov era inteligente e capaz, e homem de integridade inatacável, traços que ajudariam a provocar sua queda menos de três anos depois.

[17](#) Kokóvtsov e Aleksandr Makárov, o novo ministro do Interior, estavam havia pouco tempo no cargo quando depararam com o problema do número cada vez maior de relatos de imprensa sobre Raspútín e sua influência na corte. As histórias, recordaria Kokóvtsov, eram desagradáveis para os dois, e eles sabiam que, cedo ou tarde, teriam que enfrentar a questão. Na verdade, Nicolau estava furioso, e ordenou a Makárov que desse um jeito de acabar com aquela “perseguição” na imprensa. Eles tentaram convencer os editores dos jornais mais escandalosos sobre o assunto, na época o *Fala* e o *Palavra Russa*, a pararem, mas eles se recusaram, respondendo que o Ministério do Interior estava abusando de sua autoridade. Os editores explicaram que o problema poderia ser facilmente resolvido: era só mandá-lo de volta para Tiúmen que não escreveriam mais sobre ele. Isso, é claro, os ministros sabiam que era impossível. Kokóvtsov então chamou Alexei Suvórin, editor do popular *Novos Tempos*, e seu assistente Mazaiev, e tentou mostrar-lhes que seus constantes artigos sobre Raspútín serviam apenas “para lhe dar publicidade” e, o que era pior, ajudar a causa dos revolucionários, enfraquecendo o prestígio do monarca. Eles concordaram em princípio, mas juraram inocência, afirmando (sem a menor sinceridade) que os verdadeiros culpados eram *Fala* e *Palavra Russa*. [18](#) No fim das contas, a imprensa continuou publicando.

Naquele outono, Feofan fez uma última tentativa de conversar com o imperador e a imperatriz sobre Raspútín. No começo de 1911, Feofan havia falado perante o Sínodo e pedido que o clero expressasse de forma oficial a Alexandra sua insatisfação com o comportamento de Raspútín. Mas os colegas hierarcas levantaram objeções, dizendo a Feofan que,

como confessor do casal imperial, ele mesmo deveria puxar o assunto. Feofan conversou com Alexandra por uma hora e meia sobre Raspútin em Livadia, mas só perdeu seu tempo. A imperatriz insistia em dizer que ele estava espalhando calúnias e ficou profundamente ofendida com suas palavras. Alexandra enfureceu-se: às vezes se referia a Feofan como “detestável”. Este, no entanto, não ficou ressentido com Alexandra, nem Raspútin com seu antigo patrono: “Ele agora me quer mal”, disse em 1914, “não tenho raiva dele, pois sabe rezar tão bem. Suas orações seriam mais fortes se ele não se opusesse tanto a mim”. [19](#)

26. Confronto com o “Anticristo”

Em 3 de novembro, Iliodor mandou um carinhoso telegrama de Tsarítsin para Raspútin em Pokróvskoie: “Caro amigo, agradeço-lhe sinceramente o seu amor. Perdoe-me mas não posso ir; quero muito vê-lo mas há assuntos que me prendem aqui. Mande-me o endereço de Annuchka. Pelo amor de Deus não se ofenda. [...] Amo-o com toda a minha alma. Hieromonge Iliodor”.¹ Os dois só voltaram a encontrar-se em 16 de dezembro em Petersburgo. O que se soube naquele dia reflete um dos acontecimentos mais bizarros e misteriosos da vida de Raspútin.

Raspútin aparentemente chegara de Ialta no começo daquele dia e telefonara para Iliodor perguntando se poderiam se encontrar. Combinaram que se veriam à noite na residência do Sínodo em Iaroslavski, no cais Nikoláievski da ilha de Vassil é vski, onde Germogen estava hospedado. Ao que parece, Iliodor e Raspútin encontraram-se na cidade e foram juntos ver Germogen. Ao chegarem, Raspútin notou que havia algo errado. Afora Iliodor e Germogen havia outras duas pessoas: Ivan Rodionov, um cossaco do Don, escritor do movimento Centúrias Negras e repórter de *Novos Tempos*, além de aliado de Iliodor (tinha feito palestras públicas e publicado um livro em defesa de Iliodor durante a crise de Tsarítsin), e o louco sagrado Mítia Kozelski.² Segundo os arquivos da polícia de janeiro de 1912, Raspútin e Mítia foram amigos íntimos por vários anos, até que Raspútin deparou com Mítia abraçando e beijando uma de suas “irmãs” e o acusou de “devassidão”, ao que Mítia respondeu que estava apenas “matando a carne” conforme Raspútin lhe ensinara. Depois disso, Mítia iniciou uma campanha contra Raspútin, dizendo aos seus seguidores que não era um “*stárets* santo”, mas um “canalha”. Era voz corrente que Raspútin tinha

usado suas conexões na corte para que Mítia fosse expulso da capital. ³

Tanto Iliodor como Rodionov deixaram relatos do que (supostamente) aconteceu em seguida. Raspútin ficou nervoso, escreveu Iliodor. Lançava olhares pela sala e parecia confuso. Eles acuaram Raspútin, e Iliodor disse a Mítia que começasse. “Ah, você é um ímpio! Você maltratou muitas mulheres, muitas babás, vive com a tsarina. Você é um canalha”, gritou Mítia, mancando e brandindo um braço raquítico para Raspútin, que recuou para a porta. (Mas não se explica como foi que Mítia, “o Fanho”, comunicou tudo isso sem a ajuda do seu intérprete.) Com o braço bom, Mítia agarrou Raspútin, puxou-o até um ícone e pôs-se a gritar ainda mais alto: “Você é um ímpio. Você é o Anticristo”. Trêmulo, Raspútin apontou para Mítia e balbuciou: “Não, você é que é ímpio. Você é um ímpio”. Num outro texto, Iliodor escreveu que Mítia tentou agarrar o pênis de Raspútin. ⁴

Então foi a vez de Iliodor. O monge acusou Raspútin de lhe impor sua amizade, de ameaçá-lo se tentasse se livrar dele. Ele não tivera força suficiente para escapar de Raspútin, mas agora, declarou em companhia dos amigos, estava ali diante dele como acusador e promotor de justiça, e enumerou as muitas maldades cometidas pelo siberiano. “Grigóri”, concluiu Iliodor, “defendi você. Também vou destruir você e todos os seus seguidores.” Pasma, a roer as unhas, Raspútin, na versão de Iliodor, tremia de medo. Germogen ergueu uma cruz e perguntou a Raspútin, o “discípulo do Diabo”, se estava pronto para confessar que o que Iliodor acabara de dizer era verdade. “Sim”, disse ele, numa voz que parecia “vir do além-túmulo, ‘Sim, verdade, verdade; tudo verdade.’” Com isso, Germogen segurou Raspútin e pôs-se a espancá-lo com a cruz e a berrar: “Diabo, em nome de Deus eu o proíbo de tocar em mulheres. Eu o proíbo de entrar no palácio imperial ou de ter qualquer relação com a tsarina. Você é um assassino”. Em seguida, diante de um ícone, ordenou a Raspútin que jamais voltasse a entrar no palácio sem autorização de Germogen ou Iliodor. Raspútin, pálido como a morte, beijou o ícone e prometeu. ⁵ Aqui Iliodor interrompe abruptamente sua história.

Rodionov (tal como é apresentado nas memórias de Mikhail Rodzianko) ofereceu uma versão um tanto diferente. Em seu relato é Germogen, e não Iliodor, quem assume o papel principal no confronto

com Raspútin. Mais importante ainda, Rodionov descreve Raspútin não como acovardado e medroso, mas desafiador e beligerante, recusando-se a acatar as acusações e a ordem formal para ficar longe da corte e até ameaçando destruir Germogen por ter se voltado contra ele. Atacou o bispo e começou a surrá-lo violentamente com os punhos, antes de ser contido pelos outros. Raspútin jurou que acertaria as contas com eles enquanto fugia. ⁶ Com o tempo, outros elementos mais perturbadores foram acrescentados, especificamente o detalhe de que os homens tentaram castrar Raspútin, mas que ele de alguma forma conseguiu escapar. ⁷

Parece razoável supor que Germogen, a exemplo de Feofan, agora passasse a ver Raspútin como indigno da reputação de santo e do seu lugar na corte e que tivesse se convencido de que a sua proximidade com a família imperial era danosa para a autoridade do trono. Monarquista, mais uma vez a exemplo de Feofan, ele considerava que era seu dever confrontar Raspútin em defesa da dinastia. Nas ações dos dois homens, é duvidoso que a ambição pessoal tivesse alguma influência. Já o mesmo não se pode dizer dos outros envolvidos. É possível que Mítia, que guardava rancor contra Raspútin desde o escândalo de Monsieur Philippe, tivesse planos de tentar tomar seu lugar na corte, coisa que Iliodor e outros acreditavam que fosse o caso. ⁸ Mas se havia alguém motivado por interesses egoístas, esse alguém era Iliodor. Uma teoria é que Iliodor se voltou contra Raspútin depois que o siberiano se recusou a ajudá-lo a levantar dinheiro para seu projeto de lançar um jornal, *Trovão e Raio*, e para futuras peregrinações. ⁹ O próprio Iliodor apresentou várias razões. Escreveu que depois de sua vitória no começo do ano o tsar tinha prometido promovê-lo a arquimandrita, mas Raspútin interveio para convencer Nicolau a rescindir a ordem. “O santo deu e o santo tomou”, comentou Iliodor anos depois. ¹⁰ Contou também outra história segundo a qual Raspútin tinha tentado seduzir a mulher de um bispo naquele verão no Convento de Pokrovski em Balachov, mas foi flagrado no ato por Iliodor e Germogen, que haviam preparado uma armadilha para testar se os boatos sobre o *stárets* tinham fundamento. ¹¹ Em outro momento Iliodor escreveu que decidiu se voltar contra Raspútin quando Mítia lhe confirmou o boato de que ele estava dormindo com a imperatriz. “Mais que qualquer outro, eu o

defendi, e portanto vou destruí-lo”, jurou. ¹²

Iliodor é igualmente pouco convincente quando escreve que tinha enxergado a verdade sobre Raspútin no começo de 1910, mas que nada fez porque temia pela vida.

Nada disso é plausível. Com base em todos os indícios, parece mais provável que Iliodor tenha decidido voltar-se contra o velho amigo pouco antes desse encontro fatídico. E a ideia do confronto (com a devida vênia a *O monge louco* de Iliodor) quase certamente veio de Germogen, que convenceu Iliodor a juntar-se a ele para irem a Petersburgo com esse objetivo. ¹³ A chave da motivação para tanto está na mudança da sorte — ou melhor, na *aparente* mudança da sorte — de Raspútin e Iliodor. Muitos, como o próprio Iliodor, achavam que Raspútin tinha caído em desgraça com seus patronos imperiais desde o primeiro semestre de 1910. É possível que Iliodor interpretasse a decisão de Raspútin de fazer uma peregrinação a Jerusalém como outro sinal de descontentamento na corte. Ao mesmo tempo, Iliodor sentia que sua própria estrela estava em ascensão. Não só tinha saído vitorioso no conflito de Tsarítsin como fora adotado por figuras importantes da sociedade de Petersburgo. Em maio, Iliodor até ouviu dizer que Nicolau pensava em elevá-lo a metropolita. ¹⁴ Depois de sua peregrinação de verão, Iliodor achava que nada nem ninguém seria capaz de detê-lo. É interessante notar que em sua carta de 3 de novembro Iliodor pediu a Raspútin o endereço de Vírubova. Estaria pensando em cultivá-la como o próximo passo crucial para entrar no palácio? Iliodor chegou à conclusão de que aquela era a sua chance de derrotar Raspútin e assumir o que julgava ser o seu devido lugar ao lado de Nicolau e Alexandra. A proposta de Germogen veio na hora certa.

Pelo menos era o que achava Iliodor, que pecou por excesso de confiança. E pagaria caro por esse erro.

PARTE QUATRO
TEMPO DE MILAGRES
1912-JULHO DE 1914

27. Queda de Germogen

Em 7 de janeiro de 1912, Germogen soube que quatro dias antes tinha sido substituído como bispo de Sarátov e deixado de ser membro do Santo Sínodo. Ficou chocado e furioso, e sabia quem tinha sido responsável. Em vez de manter o assunto dentro das fileiras dos seus colegas hierarcas, Germogen tornou-o público e deu uma entrevista no dia 11 para a *Gazeta da Bolsa de Valores* : “Considero que os principais responsáveis são V. K. Sabler e o notório *khlist* Grigóri Raspútin, o mais perigoso perverso religioso da fé e disseminador do neo- *khlistovschina* . [...] Repito, ele é o mais perigoso e dedicado *khlist* . [...] Ele esconde sua depravação atrás de uma aura de religiosidade sacrílega”. ¹

De fato, o momento escolhido era suspeito. A demissão veio semanas depois do confronto na ilha de Vassilévski, e Germogen concluiu que fora a vingança de Raspútin. Germogen estava certo de que Raspútin procurara imediatamente Alexandra para contar o que tinha acontecido e fazê-la convencer Nicolau a puni-lo. Mas não há nenhuma prova de que Raspútin tenha feito isso. Não existe nada que sequer sugira que ele houvesse tido qualquer contato com o casal imperial, ou com Vírubova, depois desses dois acontecimentos. Germogen estava enganado. A causa de sua queda não foi Raspútin, mas ele próprio.

No ano anterior o Sínodo tinha proposto uma série de mudanças na ação da Igreja, aprovando principalmente a criação de diaconisas e serviços funerários para cristãos não ortodoxos. Germogen se opôs com veemência e passou um telegrama para o tsar em 15 de dezembro de 1911 pedindo sua intervenção para impedir tais reformas, por ele descritas como “heréticas”, e defender a Igreja ortodoxa russa dos inimigos responsáveis por essas inovações. O Sínodo ficou furioso com

Germogen por ter levado um assunto interno da Igreja ao tsar e votou pela sua remoção. (Os problemas com Germogen vinham fermentando: quase todas as reuniões do Sínodo de que participava resultavam em choques com os demais hierarcas.) Botando lenha na fogueira, em 14 de janeiro a íntegra do telegrama de Germogen foi publicado nas páginas de *Novos Tempos*. Isso era mais do que Nicolau podia tolerar, e no dia seguinte telegrafou a Sabler avisando que queria que o Sínodo tirasse Germogen imediatamente da cidade e que a ordem fosse restabelecida. Naquele mesmo dia, o Sínodo se reuniu. Os sacerdotes decidiram que tanto Germogen como Iliodor deveriam voltar para casa até o fim do dia seguinte. Germogen, porém, recusou-se a obedecer. Exigiu uma audiência com o tsar e declarou à imprensa que não iria embora enquanto sua exigência não fosse atendida. ²

O caso explodiu nas páginas da imprensa. Apareceram relatos de que o verdadeiro motivo da demissão de Germogen tinha sido sua oposição a planos do Sínodo de tornar Raspútin padre. ³ Os boatos tomaram conta da cidade. Rodzianko disse que um membro do Sínodo lhe contou que numa reunião secreta Sabler tinha proposto admitir Raspútin no sacerdócio. O Sínodo reagiu com indignação e rejeitou a ideia, apesar de Sabler insistir que viera de uma “alta fonte”. Nessa reunião, Germogen teria pronunciado um discurso violento, denunciando a devassidão de Raspútin. O fato é que Raspútin jamais se tornou padre ou monge, embora o falatório continuasse. Em 16 de fevereiro, o *Jornal de Petersburgo* publicou uma reportagem citando uma suposta declaração de Raspútin afirmando que o plano de ingressar no sacerdócio tinha sido de Germogen, e não dele. Raspútin teria encerrado o assunto dizendo a Germogen: “Ainda não aprendi nem todas as letras do alfabeto. Eu... sério? [...]. Não sou padre”. ⁴ Um sacerdote chamado Ivan Dobrov escreveu ao arcebispo Ioann Vostorgov em Moscou para dizer que a ideia era do tsar, que queria fazer de Raspútin seu confessor pessoal. Ao saber disso, Germogen supostamente ficou chocado e por isso divulgou a notícia, sendo esse o verdadeiro motivo da sua punição. “É impossível sequer imaginar”, teria dito Dobrov a suspirar horrorizado. ⁵ Dois anos depois apareceu uma história na imprensa dizendo que Raspútin havia enfim se tornado padre em Pokróvskoie numa cerimônia conduzida por Varnava, bispo

de Tobolsk, e logo se divorciaria para ingressar num mosteiro. ⁶ Era um boato que se recusava a morrer.

A referência a Varnava não era gratuita, pois o bispo era aliado de Raspútin, e a sua ascensão na hierarquia da Igreja foi atribuída à influência do *stárets*. Nascido Vassíli Nakropin, numa família camponesa na província de Olonetsk, noroeste da Rússia, Varnava era animado por uma forte crença desde os primeiros anos. Começou como irmão laico no vizinho Mosteiro de Klimenetski, atingindo o nível de hieromonge em 1898 e de padre sênior do mosteiro no ano seguinte, e posteriormente arquiimandrita. Em 1908, por recomendação de Vladímir (Bogoiavlenski), o metropolita de Moscou, Varnava foi elevado a padre sênior do Mosteiro Troitski Novo-Golutvin, na cidade de Kolomna, arredores de Moscou. Varnava era amado pelos paroquianos, em especial por causa dos sermões exaltados e do jeito simples e direto de abordar questões de fé, e tornou-se hóspede frequente nas casas das classes altas de Moscou. De acordo com uma fonte, Varnava também se revelou excelente administrador do mosteiro.

A carreira de Varnava não deixa de ter sido surpreendente, levando em conta sua quase total falta de instrução. Jamais frequentou o seminário, e nem sequer está claro se concluiu o primário. Mal sabia ler e escrever; dizia-se que grafava todas as palavras com letra maiúscula e colocava um ponto depois de cada termo usado, dentre outras coisas curiosas. Franzino e baixo, com voz aguda, dizia-se que Varnava gostava de usar roupas femininas, de dar festas de arromba no mosteiro e de levar meninos para a cama. O padre Gueórgui Chavélski, último protopresbítero do Exército e da Marinha imperiais da Rússia, descreveu Varnava numa carta para o padre Vostokov como uma figura ardilosa e desagradável, de mórbida ambição. Disse que Varnava era o confessor “do conde Witte, esse maçom, e é, ele mesmo, maçom-ateísta”. Chavélski afirmou até que Varnava tinha abusado sexualmente de um belo coroinha em Kolomna, que em seguida matou e cujo corpo foi encontrado debaixo de uma roda de moinho. ⁷

Varnava e Raspútin conheceram-se num dos salões da capital, e, se não ficaram logo amigos, os dois homens com antecedentes familiares

semelhantes perceberam que um poderia ser útil ao outro. Raspútin poderia ajudar Varnava a avançar na carreira, e o bispo poderia defender o *stárets* de ataques partidos de dentro da Igreja. Raspútin o apresentou a Nicolau e Alexandra, dizendo que era o tipo de homem capaz de injetar nova vida nas tacanhas fileiras do clero. Alexandra considerou Varnava melífluo e falso, mas Raspútin convenceu a imperatriz e Nicolau a mandarem o Sínodo promovê-lo a bispo. Nicolau instruiu o procurador-chefe Sabler a apresentar o assunto ao Sínodo e cuidar que fosse resolvido. Sabler ficou chocado. Sabia que o Sínodo jamais endossaria uma figura como Varnava.

Com relutância, Sabler apresentou a nomeação de Varnava ao Sínodo sem mencionar quem o tinha recomendado. O arcebispo Antônio (Khrapovítski), ignorando quem estava por trás da nomeação, pediu a Sabler que a tirasse da pauta, o que foi feito. Tempos depois, o tsar perguntou a Sabler por que Varnava ainda não tinha sido nomeado bispo. Quando Sabler lhe contou, Nicolau enfureceu-se e disse que Deus o colocara acima do Sínodo, e não o inverso. Logo depois, Sabler trouxe novamente para discussão o assunto Varnava. Antônio, surpreso, perguntou a Sabler quem estava por trás da recomendação, e dessa vez o procurador-chefe rompeu o silêncio, dizendo-lhe que era o desejo do tsar. Os onze membros do Sínodo mal conseguiram acreditar no que ouviram. Dmítiri, o bispo de Kherson, perguntou: “E depois — vamos ordenar Raspútin?”.

Sabler estava preparado para essa reação. Abriu a pasta e tirou uma carta de renúncia endereçada ao tsar. Se o Sínodo não endossasse Varnava, declarou Sabler, ele teria que pedir demissão e não lhe seria mais possível continuar servindo de intermediário entre o imperador e o alto clero. Temendo um escândalo público e uma possível substituição de Sabler por alguém pior, os preladados recuaram. “Nós nomearíamos bispo até mesmo um javali negro só para manter você no cargo”, disse Antônio, e em meados de agosto de 1911 o Sínodo elegeu Varnava bispo de Kargopol e vigário da eparquia de Olonetsk. Antônio e seus colegas do Sínodo estavam enojados. “Agora está claro que Raspútin instalou Varnava no episcopado”, escreveu Antônio para Flaviano, metropolita de Kíev. “A culpa do comportamento canalha do Santo Sínodo é de Raspútin. Ele é *khlist* e participa de seus rituais.” ⁸

O Sínodo dera a Germogen 24 horas para deixar a capital, mas ele ainda se recusava a ir embora antes de falar com o tsar. Passou outro telegrama para Nicolau expressando sua devoção e lealdade e repetindo o pedido. Tentou amolecer o imperador prometendo “contar-lhe um segredo”. O tsar não se comoveu. Em 17 de janeiro, Nicolau escreveu para Sabler: “Não quero saber de segredo nenhum. Nicolau”. Germogen apelou então para Alexandra, citando a saúde precária e pedindo uma suspensão do banimento, mas ela também se recusou a recebê-lo, instruindo-o a obedecer aos “poderes estabelecidos por Deus”. ⁹ De novo Nicolau ordenou a Sabler que mandasse Germogen para um lugar bem longe tanto de Petersburgo como de Moscou. Germogen reconheceu que não dispunha de mais cartas na manga. No dia 22, o general Dediulin e Sabler foram ao escritório do ministro do Interior Makárov com uma ordem para expulsar Germogen da cidade naquele mesmo dia. Dediulin transmitiu as palavras do tsar de que não toleraria mais nenhum atraso e que Makárov deveria tirá-lo à força se necessário. Por volta das onze e meia da noite, Germogen chegou à estação Varsóvia acompanhado de Mítia Kozelski, do dr. Piotr Badmáiev e de vários policiais. Hesitou antes de entrar no trem, como se achasse que poderia escapar do seu destino, mas Mítia insistiu que embarcasse. “É preciso obedecer ao tsar e submeter-se à Sua vontade”, repetia para Germogen. E com isso Germogen partiu. Viajou para o Mosteiro de São Uspênski, em Jirovitz, na província de Minsk. Ali ficaria até 1915, vivendo sossegadamente em dois pequenos cômodos, servindo na igreja e fazendo sermões para os paroquianos. ¹⁰

Ella, irmã da imperatriz, ficou perturbadíssima com o escândalo. Um amigo seu em Moscou escreveu para o hieromonge German em Serguéiev Posad: “A tristeza e a apreensão dela são indescritíveis. Está sempre pronta para chorar e não duvido que Suas orações se inundem de lágrimas”. Segundo ele, Ella tinha dito que ainda seria possível alguém abrir os olhos do tsar sobre Raspútin, mas isso dependeria de uma palavra da imperatriz, “em seu tom forte e confiante”, para que ele se deixasse levar por ela. Para a imperatriz, era tarde demais. “Falar com ela é uma perda de tempo e de nervos — a hipnose do khlistovismo

místico, tão persistente, é mais forte do que qualquer lógica.” Assim sendo, Ella não disse nada. “A situação é verdadeiramente trágica.”

Ella pediu ao velho amigo arquimandrita Gavriil que orasse pelo tsar, pois aquele era “um tempo muito difícil e, pode-se dizer, ameaçador para toda a Rússia”. Os ataques de Novoselov em 1910 e agora esse último escândalo eram demais, escreveu ela.

Tem havido tanta violência, tanta vergonha, que todos os crentes em Moscou estão furiosos, e a indignação contra o TSAR e a TSARINA tomou conta de todos. Todo mundo lamenta que sejam tão patetas e toda a raiva se volta contra Raspútin, que Eles defendem com tanto ardor e em quem acreditam como forma de salvar suas almas. (Tudo isto é segredo.) Reze, para que o Senhor abra os olhos e a mente Deles e Lhes dê força para suportar toda a vergonha e todo o arrependimento. Ah, se Eles fizessem isso. Como seriam queridos e bem-vindos em toda a Rússia, que também se arrependeria e rezaria pedindo perdão. Faça-Os recuperar o bom senso, instrua-Os, Senhor.

Mas Ella não tinha muita esperança de que isso acontecesse. Temia que eles continuassem a defender “Grichka”, aumentando ainda mais a distância entre o tsar e seus súditos, “tudo isso para a perversa alegria dos inimigos da Rússia e da fé ortodoxa”. [11](#)

O destino de Germogen provocou indignação pública, e durante semanas a imprensa botou lenha na fogueira. Esta história escrita por Novoselov para o *Voz de Moscou* era típica:

Por que os bispos, tão bem informados sobre as atividades desse enganador e sedutor, estão calados? Por que os guardas de Israel também estão calados quando em suas cartas para mim chamam abertamente esse falso mestre de falso *khlist*, maníaco sexual e charlatão? O que faz Sua Santidade se, por negligência ou falta de coragem, não está guardando a pureza da fé da Igreja de Deus e permite que um *khlist* depravado cometa seus atos sinistros na calada da noite? Onde está sua mão direita governante, se ele não se dispõe a erguer um dedo para expulsar um impertinente sedutor e herege do jardim da Igreja? É possível que não esteja adequadamente informado das atividades de Grigóri Raspútin? Se for o caso, por favor me perdoe por minhas palavras impróprias, presunçosas, e peço humildemente que a cúpula administrativa da Igreja me convoque para que eu apresente os detalhes que provam a verdade do meu juízo sobre esse *khlist* sedutor. [12](#)

Em 18 de fevereiro, um longo artigo, intitulado “Com Grigóri Raspútin”, apareceu em *Novos Tempos*. O autor, identificado como “I. M.-v.”, era um tal de Ivan Manassevitch-Manuilov. O judeu Manassevitch tinha sido adotado quando pequeno por um rico comerciante russo chamado Manuilov, que lhe deixou uma imensa fortuna, que ele conseguiu dilapidar jogando e bebendo. Convertido posteriormente ao luteranismo, ele se mudou para a capital, tornando-

se afilhado (e, já se sugeriu, amante) do idoso príncipe Vladímir Meschérski, homossexual assumido, que o ajudou a iniciar uma notável carreira como espião, informante da polícia e jornalista na Rússia e no exterior. Baixo, delicado, de cabelos negros, Manuilov era uma figura infinitamente adaptável, um agente duplo, triplo, conhecido como “o Máscara” e o “Rocamboles Russo”, em referência ao famoso aventureiro-trapaceiro criado pelo escritor francês do século XIX Pierre Alexis Ponson du Terrail. Apesar da reputação pública de repórter, Manuilov também trabalhava secretamente para a Okhrana e para o Ministério do Interior, especializando-se em operações de contrainteligência. Teve considerável sucesso e foi condecorado pelo imperador com a Ordem de São Vladímir da Quarta Classe por seus serviços ao Estado. Desonesto, inescrupuloso, venal, Manuilov era admirado e temido. “Repugnante” foi a palavra que Aleksandr Blok usou para descrevê-lo. ¹³ Manuilov, em anos posteriores, se tornaria confidente de Raspútin, mas de início trabalhou com os inimigos dele. Na gestão de Stepan Belétski, diretor do Departamento de Polícia de 1912 a 1914, Manuilov foi incumbido de escrever histórias negativas sobre Raspútin para a imprensa, particularmente em *Novos Tempos*. Também seguia Raspútin pelas ruas de Petersburgo com uma câmera fotográfica, levando Raspútin a queixar-se à polícia. ¹⁴

“Com Grigóri Raspútin” soava como uma resposta de Raspútin à crise. Havia longas declarações atribuídas a ele, nas quais ele se defendia ao mesmo tempo que atacava Germogen e Iliodor. “Que tipo de monstro sou eu... Com meu espírito estou na verdade mais perto de Deus, e eles, meus inimigos, sabem que estão mentindo... enquanto a pessoa está sob controle da mentira, nada de bom pode vir daí... Será devorada por ela. Deus fechou a mente do bispo Germogen e de Iliodor... [...] O mal tomou conta do coração deles.” O artigo estava longe de ser convincente, que dirá lisonjeiro, com declarações (muito provavelmente fabricadas) como: “Sou um pecador. Grandes pecados me atormentaram mais de uma vez e são mais fortes do que eu”. ¹⁵ O artigo de Manuilov foi traduzido para o inglês e o francês e apareceu em jornais no exterior. Tudo isso deixou Raspútin muito furioso. Descobriu-se que a ideia por trás do texto pertencia a Ievguêni Bogdanovitch e que ele tinha até procurado Belétski para ter certeza de

que seria executada.

Bogdanovitch escreveu a Liev Tikhomirov em fevereiro para queixar-se e espalhar mais boatos: “O que está havendo? Essa horrível Aniutka [Vírubova] é responsável por tudo. Grichka é o senhor, ou o que mais poderia ser? Ela (a imperatriz) senta-se com ele a portas fechadas. O Imperador vem e bate, Ela não O deixa entrar... Sentada com Grichka... Não deixa o tsar chegar perto nem de noite. E Grichka põe as crianças para dormir, ajeita os cobertores”. Com isso, Bogdanovitch começou a chorar. “Pense nisto”, lamuriava-se, “isto é o Trono, afinal de contas, o Tsar Russo, poder, pureza, santidade [...]. E o que está acontecendo? Onde está a eminência? O poder? Sujeira. Podridão. O sórdido Grichka reina.” Bogdanovitch estava tão perturbado que escreveu para o tsar naquele mês, implorando-lhe que se livrasse de Raspútin, chegando a ponto de dizer que ele deveria desaparecer da face da terra. Nicolau não se irritou com a carta, descartando-a como as palavras de um velho tonto. Mas depois que Bogdanovitch escreveu mais uma vez ao tsar sobre o assunto, em outubro de 1913, Nicolau o pôs em seu lugar, avisando-o de que não toleraria mais cartas sobre Raspútin. Acrescentou que tinha 46 anos e, portanto, não precisava mais de preceptores. [16](#)

Quanto a Raspútin, parece que ele não guardou rancor contra Germogen. Belétski disse à Comissão que poucos anos depois esteve num jantar ao qual compareceram também Raspútin e Serafim (Chichagov), o arcebispo de Tver. Quando o assunto de Germogen veio à tona, tudo que Raspútin disse foi: “Só Deus nos julgará a ambos”. Serafim ficou comovido com a generosidade de Raspútin. Germogen foi menos magnânimo. Raspútin, disse ele no fim daquele ano, era “o inimigo de tudo que há de bom”. [17](#)

28. Iliodor, apóstata

Enquanto Germogen embarcava no trem para o exílio, os acontecimentos também se desenrolavam para Iliodor. Tendo perdido a proteção de Germogen e o apoio de Raspútin, Iliodor também deveria ser expulso da capital para o Mosteiro de Florischev, na província de Vladímir. Estava proibido de sair dos muros do mosteiro e nunca mais deveria aparecer em Petersburgo ou Tsarítsin. Mas Iliodor tinha outras intenções. Num gesto tipicamente grandioso, informou à imprensa que não iria a Florischev de trem, e sim a pé, enfrentando a neve e o gelo. Era um estratagema para confundir as autoridades, e, com a ajuda de Rodionov e Mítia Kozelski, ele se esgueirou, disfarçado, para o apartamento do dr. Badmáiev, no no 16 da avenida Liteini. Iliodor suplicou ao médico que o escondesse e intercedesse por ele na corte.

Apresentando-se como especialista em medicina tibetana, o brilhante e instruído Badmáiev começou a carreira no reinado de Alexandre III. Estabeleceu um laboratório onde desenvolvia remédios com ervas que se tornaram mania nos círculos elegantes da capital. O trabalho de médico não era seu principal interesse, servindo-lhe mais para conhecer pessoas bem relacionadas e, por meio delas, fazer negócios lucrativos. Quando soube do interesse de Nicolau e Alexandra por homens santos e místicos, percebeu que se ligando a essas figuras poderia vir a ter influência na corte, e foi isso que o levou primeiro a Iliodor e em seguida a Raspútin. Escândalos não eram novidade para Badmáiev. Em 1902, processou um médico de nome Krandel por causa de uma série de artigos que este publicou no *Notícias do Dia* afirmando que ele não tinha qualificações para praticar medicina. Um dos pacientes de Badmáiev manifestou publicamente suas dúvidas, denunciando-o como

fraudulento. O curandeiro tibetano perdeu tantos pacientes que chegou a pensar em fechar o consultório e mudar-se para Paris. ¹ Em 1911, Badmáiev pediu licença às autoridades para abrir uma “Sociedade dos Seguidores de Medicina Tibetana”, além de uma série de farmácias, clínicas e centros ambulatoriais em Petersburgo e outras cidades, mas o projeto foi rejeitado pelo conselho de medicina. Sem aceitar a recusa, Badmáiev recorreu a Kurlov e Dediulin, comandante do palácio, para pedir ajuda para apelar da decisão, e o conselho acabou permitindo que abrisse uma sociedade de pesquisa sobre medicina tibetana. Apesar do ceticismo no conselho, Badmáiev continuou fazendo muito sucesso numa clínica nos arredores de São Petersburgo, tratando gente da elite com talcos e elixires. ² “Asiático inteligente e astuto”, era como Aleksandr Blok o descrevia, “cuja cabeça era um caos político e em cuja língua havia sempre uma piada, e que se ocupava não só com medicina tibetana e com a escola buriata, mas também com tubos de concreto.” ³

Badmáiev prometeu ajudar Iliodor. Pediu-lhe que escrevesse tudo que sabia sobre Raspútín para que entregasse a Dediulin, que faria o material chegar às mãos do tsar. Era a única maneira de salvar-se, disse Badmáiev a Iliodor, e destruir Raspútín. ⁴ Como não deixou a cidade e passou a viver escondido, Iliodor tornou-se alvo de uma intensa caçada humana pela polícia de Petersburgo. Raspútín tinha perdido toda a paciência com o ex-amigo. “Queridos Papai e Mamãe! Iliodor está fazendo amizade com demônios”, escreveu ele. “Está se rebelando. Esse tipo de monge costumava ser açoitado. Era exatamente o que os tsares faziam. [...] Ele é um rebelde. Grigóri.” E depois escreveu isto: “Se você perdoa um cão, Serguei Trufanov [ou seja, Iliodor], então ele comerá todo mundo”. ⁵

Tendo recebido instruções específicas de Dediulin sobre o que escrever, Iliodor sentou-se em 25 de janeiro e redigiu, num período febril de quatro horas, um texto ao qual deu o título de “Gricha”. Escrito em forma de carta endereçada a uma “personagem altamente situada perto da Corte”, a revelação pública propunha-se a contar as relações de Iliodor com Raspútín desde que ouviu pela primeira vez o nome dele pronunciado nos corredores do Seminário Teológico de Petersburgo, em 1904. Nada no texto pode ser tomado como verdade. É uma longa lista de informações falsas, fofocas, insinuações e mentiras

deslavadas. Raspútin é apresentado como sádico, estuprador, *khlist* e amante da imperatriz. Iliodor descreve cenas extravagantes (por exemplo, na cela de Makari, no Mosteiro de Verkhoturie, Maria Vichniakova envolvendo o rosto de Raspútin com suas pernas nuas), enche a boca de Raspútin de palavras impossíveis (“O tsar me considera Cristo. O tsar e a tsarina se inclinam a meus pés [...]. Carreguei a tsarina nos braços. [...]” etc.) e faz afirmações absurdas (“Seu membro não funciona” — isso a respeito de um homem que ele afirmava estar dormindo com a imperatriz, entre outras mulheres). Não satisfeito com as calúnias contra Raspútin, ele ataca também seus filhos — descreve Dmítri como devasso, corrupto, desbocado, e Maria como “uma moça vil, nojenta”. O único fragmento de verdade na carta de Iliodor é esta advertência profética sobre os rumos que as coisas estavam tomando: “Ele precisa ser removido da presença dos tsares e punido como um libertino que ousou considerar-se um homem íntegro e com isso abrir caminho rastejando até os tsares. Se Grichka não for afastado e ocultado agora, o Trono Tsarista será derrubado e a Rússia perecerá”. ⁶

A carta de Iliodor nunca chegou ao tsar. Por alguma razão, o acordo com Dediulin foi rompido, e a carta permaneceu com Badmáiev. Frustrado e convencido de que o desmascaramento de Raspútin por Iliodor não deveria ser desperdiçado, Badmáiev mandou uma cópia para Mikhail Rodzianko e outros membros da Duma. A reação foi esmagadora, e colocou Raspútin mais uma vez no centro de um escândalo nacional. ⁷ O próprio Iliodor enviou uma cópia para o Sínodo em abril de 1914, e um mês depois a carta começou a aparecer nos jornais russos. A essa altura, todo russo alfabetizado já tivera oportunidade de lê-la. ⁸ Mesmo depois de distribuir cópias da carta para os inimigos do tsar, Badmáiev fez uma última tentativa de fechar um acordo com o palácio. Em 17 de fevereiro, escreveu a Nicolau defendendo Germogen e Iliodor como “fanáticos da fé” profundamente devotados ao tsar, que consideravam seu dever proteger o trono tentando convencer Raspútin a afastar-se. Por isso Raspútin os teria destruído. Badmáiev disse ao tsar que, por causa dos seus contatos na sociedade, no clero, no governo e na Duma, era o único homem capaz de “resolver esta questão de uma vez por todas” antes que fosse tarde demais. ⁹ A carta de Badmáiev ficou sem resposta.

Em seguida, Badmáiev tentou interceder junto a Dediulin, dizendo que forçar Iliodor a sair só serviria para fazer dele um mártir, coisa que seria favorável ao monge. Mas Dediulin não cedeu, notando que o homem era “prejudicial a qualquer estrutura de Estado normal e dita pacífica”. Com isso, Badmáiev desistiu do caso. ¹⁰ No fim, Iliodor não teve escolha senão se conformar e partir para Florishev. Isso não significava, porém, que tivesse se rendido a Raspútín.

De Florishev, Iliodor continuou a escrever para Badmáiev contando mais histórias sobre o nefasto caráter e o comportamento extravagante de Raspútín. Então Iliodor recorreu a outra arma. Escreveu a Badmáiev afirmando que, durante uma visita a Pokróvskoie, tinha recebido das mãos do próprio Raspútín, na manhã de 7 de dezembro de 1909, várias cartas da imperatriz e das grã-duquesas. ¹¹ Outras fontes contestam esse relato. Em 1919, Maria disse que o pai, “com sua honesta simplicidade”, mostrara a Iliodor a carta da imperatriz, e que ele a roubou. ¹² Raspútín disse a mesma coisa numa carta para Olga Lokhtina no começo de 1913: “É um desgraçado, rouba cartas [...]”. ¹³ É provável que Raspútín, gabando-se de sua intimidade com a família imperial, tenha mostrado as cartas a Iliodor e talvez até as emprestado, e o monge nunca se preocupou em devolvê-las. Levando em conta o caráter traiçoeiro de Iliodor, é até mais provável que as houvesse embolsado quando Raspútín estava desatento. O astuto monge sabia que em algum momento elas poderiam lhe ser úteis.

Havia uma carta de Alexandra e uma de cada uma das quatro grã-duquesas, todas aparentemente escritas em 1909. ¹⁴ As das meninas eram inofensivas. Falavam das saudades que sentiam de Raspútín, que ele as visitava em seus sonhos, que tentavam ser as boas meninas conforme recomendado, que era difícil ver a mãe tão doente. A grã-duquesa Olga pedia um conselho sobre a melhor maneira de comportar-se com sua paixão por Nikolai, que a estava deixando literalmente louca. ¹⁵ Mas a carta de Alexandra para Raspútín estava longe de ser inofensiva:

Meu mestre amado e inesquecível, salvador e mentor. Como é cansativo para mim sem você. Minha alma só se acalma e eu só descanso quando você, meu mestre, está sentado ao meu lado, e eu beijo suas mãos e encosto a cabeça em seus ombros abençoados. Oh, como as

coisas para mim ficam fáceis. Então eu só desejo uma coisa — dormir, dormir para sempre em seus ombros, em seu abraço. Oh, que felicidade é simplesmente sentir a sua presença perto de mim. Onde está você? Para onde você voou? É tão difícil para mim esse anseio em meu coração... Mas você, meu amado mentor, não diga uma palavra para Ania * sobre meus sofrimentos sem você. Ania é boa, ela é amável, ela me ama, mas não lhe conte minha tristeza. Você estará logo perto de mim? Venha depressa. Estou esperando você e infeliz sem você. Dê-me sua santa bênção, e eu beijo suas mãos. Amo-o para sempre. Mamãe. [16](#)

Iliodor escreveu para Badmáiev alegando que não tinha mais os originais, pois os entregara a Rodionov, que por sua vez os repassara a um sacerdote, que o monge não identifica pelo nome. [17](#) Iliodor tinha, no entanto, providenciado cópias, que mandou para Badmáiev com a seguinte carta:

Estas cartas, me parece, não representam grande coisa por si mesmas, mas quando se leva em conta para quem, para que tipo de libertino impenitente elas foram escritas, então sua pele vira gelo e você teme terrivelmente pelo destino do altar do povo russo — pela abençoada família tsarista. Pois nada é mais sagrado. [...]

Suplico-lhe que acabe com Grichka o mais rápido possível. Ele fica mais forte a cada dia que passa. Seu exército aumenta. Seu nome se espalha entre as “classes mais baixas”. Não estou tão preocupado com o meu destino, mas com o Deles! O escândalo mais grandioso pode explodir e tudo acabar na mais terrível revolução. Pelo amor de Deus, livre-se de Grichka o mais cedo possível e feche a boca dele. Todo dia conta. [18](#)

Os originais supostamente foram acabar nas mãos do ministro do Interior, Aleksandr Makárov. Como isso aconteceu não está claro. O sacerdote não identificado as teria entregado, ou o próprio Rodionov, ou, como escreveu Stepan Belétski em suas memórias, teriam sido repassadas por um oficial cossaco e certo sr. Zamislovski, trabalhando em colaboração com certa “Madame Karabovitch” em Vilnius? [19](#) Ou teria sido alguém totalmente diferente, como escreveu Kokóvtsov em suas memórias, um homem não identificado que as entregou a Makárov prontamente, dizendo: “Essas pessoas [Raspútín, Iliodor e seus aliados] não hesitarão em me estrangular se eu não devolver as cartas para eles”? [20](#)

Makárov telefonou para Kokóvtsov nos primeiros dias de fevereiro para lhe pedir que fosse à sua casa (na época, Makárov estava com saudades de casa), pois tinha uma coisa importantíssima para lhe mostrar. Lá, ele presenteou o primeiro-ministro com as cartas originais. Kokóvtsov leu todas elas. Viu que a carta de Alexandra correspondia exatamente à cópia que Aleksandr Gutchkov, membro da Duma, distribuía por toda Petersburgo. A carta lançou na sociedade a venenosa

ideia de que a imperatriz estava fazendo sexo com um devasso camponês russo no palácio, pois assim era lida nos salões e nas salas de visita do país. Ao que parece, praticamente todo mundo estava pronto a pensar o pior sobre a imperatriz. Ninguém saiu em sua defesa.

“Sento-me para escrever com um pesaroso sentimento de derrota”, diz o diário de Alexandra Bogdanovitch em 18 de fevereiro.

Nunca fui obrigada a viver tempos tão infames. A Rússia não está sendo governada por um tsar, mas pelo aventureiro Raspútin, que anuncia ruidosamente que a imperatriz precisa dele menos do que ele, Nicolau, precisa. Não é horrível? A carta da tsarina para ele, Raspútin, é mostrada por aí, na qual ela escreve que só encontra paz quando encosta no ombro dele. Não é uma vergonha?

No momento, todo o respeito pelo tsar se acabou. Mas aí a tsarina anuncia que o tsar e o herdeiro estão saudáveis e vivos graças apenas às orações de Raspútin, e esse Raspútin ousa dizer abertamente que o Nicolau (ou seja, o tsar) precisa mais dele do que a tsarina. Essa frase é capaz de deixar qualquer um louco. Que impertinência! [21](#)

Makárov e Kokóvtsov puseram-se a discutir o que fazer. De início, Makárov propôs simplesmente escondê-las e cuidar que não viessem a cair nas mãos erradas, mas Kokóvtsov rejeitou dizendo que isso poderia deixá-los vulneráveis a acusações de estarem planejando uma trama execrável qualquer. Em seguida, Makárov sugeriu a ideia de entregá-las ao imperador, o que o primeiro-ministro também rejeitou, observando que Nicolau ficaria numa situação muito difícil e que inevitavelmente contaria à imperatriz, para prejuízo de Makárov. Não, Kokóvtsov rebateu Makárov dizendo que pedisse uma audiência com a imperatriz para lhe entregar pessoalmente as cartas e contar-lhe como chegaram às suas mãos. Isso Makárov prometeu fazer.

Mas o ministro não honrou a palavra. No seu encontro seguinte com o tsar, de acordo com as memórias de Kokóvtsov, Makárov lhe contou a história das cartas e as entregou num envelope. Nicolau, que estava de ótimo humor, ficou pálido e tirou nervosamente as cartas do envelope. Ao ver a letra da imperatriz, comentou: “Sim, esta carta é genuína”, e com raiva enfiou as cartas na gaveta da sua mesa. As palavras do tsar acabaram com qualquer dúvida que Makárov e Kokóvtsov pudessem ter sobre a autenticidade das cartas. Embora a carta que Nicolau recebeu pudesse muito bem ser de Alexandra, como Kokóvtsov alega em suas memórias (e, como se trata de um dos poucos homens honestos nessa história, deveríamos hesitar antes de duvidar de sua

palavra), não há como saber com certeza se a carta que Nicolau leu foi a mesma que Iliodor enviou para Badmáiev e que então começou a circular em novas cópias por todo o país, pois o fato é que o original nunca mais foi visto. A “cópia” de Iliodor é tudo que existe e, levando em conta a reputação dele, sua veracidade é altamente contestável. Até que ponto a cópia de Iliodor reproduz exatamente ou diverge do original? Isso ninguém jamais saberá. [22](#)

As memórias do presidente da Duma, Mikhail Rodzianko, complicam ainda mais a questão. Ele escreveu que Iliodor tinha conseguido tomar de Raspútin a carta de Alexandra não em Pokróvskoie, mas durante o confronto na residência de Germogen em 16 de dezembro de 1911. Essa carta e as cartas das grã-duquesas acabaram em poder de Rodionov, que as repassou para Rodzianko no começo de 1912, quando coletava provas contra Raspútin. Rodzianko afirma que, depois de contar à imperatriz viúva que tinha a carta original em seu poder, ela lhe pediu que a destruísse. “Sim, vossa majestade, vou destruí-la”, respondeu, mas então, pelo menos é o que escreve, recuou da palavra dada e guardou a carta, que jamais mostrou ao tsar. Em suas memórias, escritas no exílio no começo dos anos 1920, Rodzianko declara que ainda estava de posse do original de Alexandra. E faz mais um interessante comentário sobre a carta, dizendo que “cópias alteradas dela circulavam” na sociedade. [23](#)

Impossível dizer onde mora a verdade: Makárov teria feito a Kokóvtsov um falso relato de sua audiência com o tsar? Teria Kokóvtsov cometido um erro ao relatar esses acontecimentos em suas memórias? Rodzianko mentiu em suas memórias ao afirmar que ainda tinha em seu poder a carta de Alexandra? O certo é que não há como saber se a carta atribuída a Alexandra, mencionada anteriormente, era de fato dela ou uma das falsas cópias erotizadas e então passadas de mão em mão na sociedade russa. Também não está clara a razão de Makárov ter ignorado o conselho do primeiro-ministro. Estaria tentando desferir um golpe contra Alexandra quando procurou o marido dela? Estaria, como já foi sugerido, tentando abrir os olhos do tsar para uma relação física entre Alexandra e Raspútin na esperança de que Nicolau se livrasse dos dois? [24](#) Isso parece improvável, pois a carta de Alexandra não prova que fossem amantes. Na verdade, como bem argumentou Kokóvtsov, as palavras da imperatriz falam de uma coisa bem diferente: “Elas

demonstram todo o seu amor pelo filho doente e todo o seu empenho em encontrar na fé em milagres um meio de salvar-lhe a vida. Elas mostram a exaltação e o misticismo religioso dessa mulher profundamente infeliz”. ²⁵ Tanto Kokóvtsov como Gurkó escreveram mais tarde que a ação de Makárov deixou a imperatriz tão furiosa que ele acabou demitido, mas isso não parece ter sido o caso, de forma nenhuma. Na verdade, Makárov manteve o cargo até meados de dezembro — dez meses completos —, e seria dispensado não por causa do incidente da carta, mas por questões ligadas à investigação do assassinato de Stolípin e, em particular, o papel desempenhado por Kurlov, que Makárov julgava ser o responsável. ²⁶

A vida em Florischev era dura e humilhante. Iliodor ficou confinado numa sala pequena e úmida, com grades de ferro nas janelas. Dormia em tábuas sem forro e não tinha contato com os monges. Parou de comparecer aos serviços religiosos e desistiu de praticar a fé. Mas recebeu alguns visitantes, incluindo Lokhtina e alguns repórteres, que de alguma forma conseguiam entrar. ²⁷ Um deles foi o jornalista Stepan Konduruchkin. Comovido com a difícil situação de Iliodor, ele escreveu a Maksim Górkí em 20 de março para lhe pedir ajuda. Descreveu Iliodor como “um homem sincero e fervoroso em sua crença”. Raspútín, segundo Iliodor contou a Konduruchkin, destruíra tão completamente a sua fé nas instituições sagradas da Rússia — o trono e a Igreja — que estava pensando em escrever um livro intitulado *O diabo santo* para desmascarar seu inimigo. O livro, que seria impresso no exterior, mais do que provocar um escândalo, segundo Iliodor, desencadearia um “golpe político”. Iliodor tinha consciência dos riscos que corria ao falar essa “verdade terrível”, mas estava preparado. “Estou pronto para qualquer coisa, pois tudo foi tirado do meu espírito, meu ideal, que me sustentava, e só me restaram o exílio, os nervos em pandarecos e um coração pesaroso, pesaroso.” Konduruchkin considerava a ideia ingênua (escreveu que não provocaria nada além de “barulho inútil”), mas apesar disso queria ouvir a opinião de Górkí. Este respondeu que era um projeto necessário e oportuno, prometendo fazer o que estivesse ao seu alcance para que fosse publicado no exterior. “Aja! Pois a verdade faz muito bem!”, escreveu.

Iliodor escreveria o livro, que seria publicado, mas apenas dez anos depois, e em circunstâncias que nenhum deles previu. Independentemente disso, Konduruchkin não abandonou Iliodor. Começou a escrever artigos em defesa de Iliodor para *Fala* e a fazer palestras sobre a história dele, descrevendo-o como líder de “um protesto popular contra a democracia sem fé”. Entre os que se sentiram atraídos por seu trabalho sobre Iliodor estavam Serguei Melgunov e Aleksandr Prugavin, duas figuras empenhadas em defender os direitos civis na Rússia e cujos destinos também viriam a se cruzar com o de Iliodor. [28](#)

Apesar de tudo que tinha escrito em sua escandalosa carta de janeiro e de tudo o que contara a Konduruchkin, Iliodor fez um último esforço para se reconciliar com Raspútín. Em 19 de novembro, escreveu uma derradeira carta para seu velho amigo e aliado: “Eu lhe suplico, querido amigo, que preste atenção num homem que tenta se comunicar com você”. [29](#) Raspútín não respondeu. Naquela noite, Iliodor sentou-se para compor uma carta ao Sínodo renunciando ao seu cargo na Igreja. Ignorando o tinteiro, pegou uma navalha, cortou o braço e escreveu com sangue.

Durante dez meses apelei para que os senhores se penitenciassem. Implorei, supliquei que defendessem a noiva de Cristo, a Igreja russa, contra a violência e as profanações do libertino Grichka Raspútín. Os senhores não se arrependeram; os senhores não manifestaram o desejo de fazê-lo. Tudo que lhes posso dizer agora é o seguinte: “Que a vossa morada fique deserta!”. Que a verdade eterna vos julgue. Agora repudio a vossa fé. Repudio a vossa Igreja. Repudio-vos como prelados. Sob vossos mantos escondestes o “diabo santo” Grigóri Iefímovitch Raspútín, sabendo que esse vaso de anarquia, fingindo consagrar corpos humanos, arruinava muitos deles. Sabíeis disso, mas o protegestes enquanto fazíeis intrigas para condenar os defensores da pureza e da inocência da noiva de Cristo, os que desmascaravam o “diabo santo”. Enquanto o corpo da Igreja tremia como um pássaro ferido, como uma pomba nas garras de um falcão, como uma donzela inocente diante do estuprador insolente, vós, solenemente, no Sínodo, louvastes o caçador, o falcão, o violador, e o chamastes de confessor. [...]

Talvez permitistes isso para fazer pouco de outros, mas não de mim, não de mim. Não permitirei vossos escárnios dos meus ideais. E, portanto, a partir de agora, não reconheço nem o vosso Deus nem vós como seus prelados. [30](#)

No mês seguinte, Iliodor foi expulso do sacerdócio. Raspútín escreveu para Nicolau e Alexandra: “Queridos Papai e Mamãe. Iliodor é o Diabo. Um apóstata. Está condenado. Deve ter enlouquecido. Precisa de um

médico, ou estará perdido. O Diabo dançará conforme a música dele”.³¹ Quando lhe perguntavam sobre a conduta de Iliodor, Raspútin teria dito, segundo o *Jornal de Petersburgo* : “Não importa que eu tenha sido um grande pecador, e todos somos pecadores, não importa o quanto as pessoas e o destino me oprimiram, ou quais eram as circunstâncias, ainda assim não renunciei à minha fé e jamais renunciarei”. Parecia que Raspútin relutava em condenar Iliodor: “Boa sorte para ele, para Iliodor. É Deus quem julgará”.³² É duvidoso que essas palavras fossem mesmo de Raspútin, pois no começo de 1913 ele mandou a Iliodor vários bilhetes sórdidos, ameaçando enfiar-lhe uma estaca no “rabo” e chamando-o de “Satã”. Também escreveu a Lokhtina insistindo que ela parasse de visitá-lo e enxergasse a verdade sobre Iliodor, um “cão” que deveria ser “enforcado”.³³ Embora não fosse tão longe, Germogen também teve que admitir que Iliodor tomara o partido dos ateístas e caíra “no mais profundo dos abismos”.³⁴ A imprensa descrevia assim a queda de Iliodor: “De início, amigos, andando de mãos dadas. Depois, inimigos ferozes, implacáveis, até o túmulo. Eram inimigos porque ambos tinham o mesmo objetivo, e um acabou sobrando”.³⁵

Iliodor tinha renunciado à fé e ao nome que recebera como sacerdote, voltando a ser Serguei Trufanov,^b e em seguida mudado do Mosteiro de Florischev para sua aldeia natal cossaca, Bolshoi, na região do Don, centenas de quilômetros a nordeste de Rostov do Don. Construiu sua própria casa, perto da dos pais, e chamou-a de Nova Galileia. Casou e tentou sossegar, mas não conseguia esquecer os inimigos. Iliodor fervia de raiva. Sentia-se injustiçado, e com o passar dos meses começou a arquitetar sua vingança. Vendo-se como um moderno Iemelian Pugatchov — o cossaco rebelde que desencadeou provavelmente a maior de todas as rebeliões da Rússia durante o reinado de Catarina, a Grande —, decidiu iniciar um movimento revolucionário capaz de abalar as estruturas do país. Comprou 120 bombas para assassinar, de início, sessenta vice-governadores e quarenta bispos em todo o país. Os ataques começariam em 6 de outubro de 1913, o dia onomástico do tsar. Cem homens disfarçados de padre atirariam as bombas quando os funcionários saíssem das igrejas para celebrar a ocasião. O terror deflagraria a revolução em toda a Rússia. Mas a polícia descobriu o complô quando Iliodor foi delatado por um dos seus seguidores. Ele foi

preso e detido em sua aldeia enquanto aguardava a sentença. Foi ali que, como escreveria mais tarde, uma mulher chamada Khionia Guseva o procurou com a promessa de ajudá-lo vingando-se do homem responsável pelas dificuldades por que passava: Grigóri Raspútin. [36](#)

* Vírubova.

** Para evitar confusão, Serguei Trufanov será chamado aqui de Iliodor, a não ser que seu nome de batismo seja usado em material citado.

29. *Quousque tandem abutere patientia nostra?*

Em 3 de janeiro de 1912 (o mesmo dia em que Germogen foi expulso do Sínodo), Mikhail Novoselov, editor da série Biblioteca Filosófico-Religiosa, chegou à gráfica da casa editorial Snegirev em Moscou levando o texto datilografado de um panfleto intitulado *Grigóri Raspútin e a libertinagem mística*. Fez uma encomenda de 1200 exemplares, incluindo dois retratos, e foi embora. Teve o cuidado de guardar os originais em segurança em seu apartamento em Moscou. Como o título sugere, o livro era um ataque a Raspútin, abrangendo numerosos artigos para jornal inéditos, com comentários adicionais, cartas de uma figura não identificada da Igreja siberiana (possivelmente o bispo Antônio [Karjavín]), e a anônima “Confissão de N.”, de autoria de Khionia Berladskaia. Trazia as acusações de costume: que Raspútin era um *khlist*, um maníaco sexual, um prisioneiro de “delírio demoníaco”, um monstro que espancava a esposa e outras mulheres mantidas como reféns em sua casa em Pokróvskoie. A veracidade da obra deixava muito a desejar; Vladímir Bontch-Bruievitch a caracterizou, com muita justiça, de um monte de mentiras e de exageros absurdos. ¹

A Okhrana não demorou a ser informada sobre o folheto (muita gente em Moscou vinha falando a respeito) e ordenou às autoridades moscovitas que encontrassem o manuscrito e confiscassem todos os exemplares antes que fosse publicado. Nas primeiras horas de 16 de janeiro, depois que a polícia de Moscou recebeu uma ordem secreta para vasculhar as gráficas da cidade, o texto datilografado foi encontrado e confiscado na sede da Snegirev. Nem tudo tinha sido impresso, mas todos os exemplares foram levados para a sede da polícia e supostamente destruídos; até a fôrma de composição do tipógrafo foi

desmontada. Gueórgui Snegirev foi levado para interrogatório junto com Novoselov. A polícia queria saber o que tinha sido feito dos documentos originais e se havia mais exemplares. Novoselov recusou-se a dizer, e a polícia jamais conseguiu recuperar o manuscrito.² A notícia do confisco logo se espalhou. Uma das pessoas mais indignadas com a notícia foi Ella. A grã-duquesa tinha lido o manuscrito de Novoselov e esperava que sua mensagem fosse disseminada e acabasse forçando a saída de Raspútin da corte. Então aconselhou Novoselov a tirar cópia dos materiais, levá-los ao ministro do Interior Makárov e exigir uma explicação para o confisco, uma vez que ele não tinha o direito de suprimir a liberdade de expressão se não dissesse respeito ao imperador ou à ordem do Estado.

Janeiro tinha sido um mês particularmente difícil para o tsar no que dizia respeito a Raspútin. Ele se enfurecera com numerosas histórias sobre o *stárets* na imprensa e sobre a incapacidade dos seus ministros de darem um basta. O primeiro-ministro Kokóvtsov recordava-se de ter encontrado, em meados do mês, um abatido Makárov, que acabara de receber uma nota mordaz de Nicolau exigindo que o ministro enfim tomasse as providências necessárias para subjugar a imprensa. Na carta viera anexada outra carta sobre o assunto, redigida em termos ainda mais furiosos, que Nicolau mandara para Stolípin em 10 de dezembro de 1910. Makárov não sabia o que fazer. Kokóvtsov aconselhou-o a dizer ao tsar, em seu encontro seguinte, que era inútil tentar convencer os editores a não publicar nada sobre o assunto ou confiscar jornais quando já estivessem na rua, pois isso só agravava a situação, fazendo a opinião pública voltar-se contra a dinastia e provocando um conflito desnecessário com o governo. O próprio Kokóvtsov disse isso ao tsar, e se Nicolau se recusasse a escutar, seria melhor Makárov apresentar sua renúncia.³ Makárov não tinha coragem de enfrentar a imprensa por causa de Raspútin e tentou jogar toda a responsabilidade nos ombros de Alexei Belgard, chefe da administração estatal para assuntos de imprensa. Belgard disse a Makárov que ele e Stolípin tinham tentado conversar com editores dos principais jornais em 1910 e que aquela era sua única esperança, embora não tivesse intenção alguma de fazê-lo sozinho, sem apoio do ministro.

De acordo com Belgard, depois que os dois se falaram, Makárov

resolveu agir e naquele mesmo dia passou um telegrama para o governador-geral de Moscou ordenando-lhe que tomasse todas as providências necessárias para impedir qualquer menção a Raspútin, por mais leve que fosse, na imprensa local. ⁴ No mês seguinte, a Okhrana de Moscou investigou a *Voz de Moscou* pelo simples fato de publicar duas fotos de Raspútin. E em maio um certo coronel Zavarzin telegrafou de Berlim para o diretor do departamento de polícia em Petersburgo dizendo que seus agentes tinham sido informados de que a editora Ladijnikov de lá planejava publicar um “romance sensacionalista” sobre Raspútin que certamente seria muito popular. O coronel prometeu investigar mais. ⁵

O problema, claro, era que desde o Manifesto de Outubro de 1905 a Rússia desfrutava de liberdade de imprensa, e já não era possível simplesmente impor a vontade do tsar a uma imprensa cada dia mais ativa. Novoselov sabia disso e, portanto, não desistiu facilmente. Pegou a breve carta de apresentação do seu folheto e a entregou ao jornal *Voz de Moscou* (editado com respaldo financeiro de Aleksandr Gutchkov), que a publicou com o título de “A voz de um leigo ortodoxo” em 24 de janeiro. Percebendo que a imprensa era cuidadosamente monitorada sobre qualquer coisa que dissesse respeito a Raspútin, Novoselov submeteu seu texto não como artigo, mas como carta ao editor, uma seção do jornal em que havia mais liberdade do que nos cadernos principais. A carta começava com uma pergunta: *Quousque tandem abutere patientia nostra?* — Até quando abusarás da nossa paciência? —, a famosa frase das *Catilinárias* de Cícero, proferidas no século I a.C. “Essas palavras indignadas são arrancadas involuntariamente do meu peito”, dizia a carta, “por um manhoso conspirador contra todas as coisas sagradas, contra a Igreja, um pérfido corruptor da alma e da mente das pessoas, Grigóri Raspútin, que usa descaradamente a Igreja para se proteger.” Novoselov manifestou sua indignação contra essa “tragicomédia criminosa” e contra a inércia do Sínodo, perguntando-se por que o clero não tomara nenhuma medida contra esse “fraudador e corruptor audacioso”, esse “servo das mentiras”. Se era por causa da ignorância do Sínodo sobre Raspútin, então o autor da carta pedia que os sacerdotes solicitassem sua presença, para que ele lhes abrisse os olhos para os verdadeiros fatos por trás desse “sedutor astuto”. Trechos

da carta de Novoselov apareceram também naquele mesmo dia no *Tempo Verspertino*. ⁶ No dia seguinte, o Ministério do Interior lançou uma investigação sobre os dois jornais. O escritório central para assuntos de imprensa confiscou as folhas e seus editores foram chamados para prestar esclarecimentos e ameaçados de ação judicial. A redação do *Voz de Moscou* foi vasculhada, e o governador-geral de Moscou suspendeu a publicação do jornal por uma semana. A ação das autoridades serviu apenas para aumentar o interesse do público pela história. Os exemplares restantes foram vendidos por altas somas no mercado negro, e a carta foi reimpressa de forma clandestina e amplamente distribuída. ⁷

A Duma reagiu de imediato, com seus membros se reunindo no mesmo dia para protestar contra ações que consideravam uma supressão ilegal da liberdade de expressão. A questão foi oficialmente tratada pela Duma em 25 de janeiro. Os deputados, naturalmente, vinham falando a respeito de Raspútin havia tempos, mas só nas salas de espera, em privado, entre eles, e jamais da tribuna, pois isso teria sido um desafio direto demais, que poderia ameaçar a existência da própria Duma. Não bastava ficarem indignados com Raspútin — os deputados precisavam de razões políticas suficientes para tanto. Àquela altura a Duma considerou que tinha uma justificativa. “Que estranho personagem é esse Grigóri Raspútin, que está fora do alcance da imprensa e é colocado num pedestal misterioso e inacessível?”, perguntou Vladímir Lvov, presidente da comissão para assuntos da Igreja ortodoxa russa. “É para tirá-lo desse pedestal que pedimos um inquérito. [...] Em minha opinião, silenciar a imprensa, que é nosso único meio de descobrir a verdade nessa questão sombria, é indigno de um grande país, e portanto espero que os senhores concordem sobre a necessidade de pressa e, na verdade, de um inquérito oficial.”

Em seguida, Gutchkov levantou-se para pronunciar um discurso feroz:

A Rússia está passando por dias sombrios, difíceis. A consciência pública está extremamente inflamada. Uma espécie de espírito maligno da Idade Média apareceu diante de nós. Há qualquer coisa de errado em nosso país. O perigo ameaça nossas coisas sagradas. E por que as vozes dos bispos se calam, por que as autoridades do governo não agem?...

O dever exige que levantemos a voz de nossa consciência para permitir a indignação pública, que cada vez mais exige ser ouvida. ⁸

Dizia-se em Moscou que, quando soube disso, Nicolau declarou: “Enforcar Gutchkov não basta”. ⁹ Todos os deputados, com uma única exceção (o barão Nikolai Cherkasov, outubrista de direita), votaram pelo inquérito. ¹⁰

Homem motivado basicamente por uma ambição pessoal sem limites, Lvov, junto com vários outros deputados, redigiu um apelo e o entregou ao presidente da Duma, Rodzianko, para que apresentasse a Makárov. A Duma exigia um inquérito sobre o papel do ministério no confisco ilegal dos jornais. Eles queriam que Makárov respondesse a duas perguntas: 1) O ministro sabia que representantes do seu ministério exigiram de editores de jornais de Petersburgo e Moscou que não publicassem reportagens sobre Raspútin e que desobedecer resultava em confiscos e ter que dar explicações? 2) Se ele sabia disso, que medidas tomou para restaurar a ordem? A esse apelo a Duma anexou uma cópia da carta de Novoselov, lida em voz alta no dia anterior para todos os deputados, que reagiram com aplauso universal. ¹¹ Alguns membros da Duma entregaram sub-repticiamente o pedido de inquérito, junto com a carta de Novoselov, para os editores do *Jornal de Petersburgo*, no qual apareceram no dia 26 para quem quisesse ver. ¹² Rodzianko entregou a Makárov o apelo da Duma, mas no fim das contas o pedido de inquérito deu em nada. ¹³ Uma barreira, porém, tinha sido rompida: pela primeira vez a Duma ousara tocar num assunto relativo à vida pessoal da família governante.

A advertência de Kokóvtsov a Makárov sobre o perigo de produzir um grande escândalo com o governo por causa de Raspútin ia se tornando realidade. Raspútin conseguia fazer uma coisa que ninguém tinha conseguido: unir a irascível oposição a Nicolau. Todos — liberais, conservadores, esquerda, direita, ortodoxos russos tradicionais e céticos cosmopolitas modernos — juntaram-se como nunca tinham feito antes. E o confronto agora ocorria na esfera mais elevada do poder: entre a Duma e o tsar. Foi o terceiro grande conflito por causa de Raspútin — primeiro com o Sínodo, depois com Stolípín, e agora com a Duma — e seria o mais destrutivo de todos. Novoselov foi festejado. A Academia Teológica de Moscou o elegeu membro honorário. Os editores dos jornais do país, em vez de se intimidarem, sentiram-se estimulados a publicar sobre Raspútin, ainda que tivessem de pagar pesadas multas.

Não só compartilhavam a indignação do país, como também perceberam que podiam ganhar dinheiro: Raspútin vendia jornais.

Mas havia gente que considerava perigosos os ataques públicos a Raspútin. Um dos que pensavam assim era Liev Tikhomirov, amigo de Novoselov e editor da *Gazeta de Moscou*. Ele investira contra Raspútin nas páginas do seu jornal em 1910, julgando que assim o destruiria, mas parou quando percebeu que isso jamais funcionaria, pois viu que, ao desacreditar o *stárets* publicamente, o que estava fazendo era enfraquecer a aura sagrada do trono russo. ¹⁴ O monarquista Tikhomirov calou-se ao chegar a essa conclusão; já os revolucionários da Rússia fizeram exatamente o oposto. Deram-se conta de que Raspútin era a ferramenta perfeita em sua luta para derrubar o regime. Serguei Bulgákov, o filósofo e economista ortodoxo, escreveu que os críticos *inteligentes* viam isso. Portanto, quando Gutchkov pediu informações a Ella para o apelo da Duma, a grã-duquesa se recusou a cooperar, pois sabia do perigo maior que um escândalo público representava, preferindo trabalhar contra Raspútin em segredo e nos bastidores, na esperança de assim preservar ao máximo o prestígio da casa real. ¹⁵ Alguns foram até mais longe. O príncipe Jevakhov, que via conspiração em tudo, afirmava que os críticos de Raspútin, querendo demonstrar ruidosamente sua lealdade à dinastia e seu amor ao tsar, na verdade estavam fazendo não só o jogo da Duma e da “imprensa judaica”, mas também o da “Internacional”, a (mítica) rede secreta mundial de judeus, bancos e maçons empenhados na destruição da santa Rússia. ¹⁶

Pelo fim de janeiro de 1912, o nome de Raspútin era conhecido em todas as aldeias do império, e todo mundo tinha ouvido os sórdidos boatos não só do “conforto sexual” que ele oferecia às damas da sociedade na capital, mas também de suas “visitas íntimas” à corte imperial. ¹⁷

Membros da família estendida dos Románov estavam cada vez mais preocupados. Ksênia, irmã do tsar, comentou em seu diário em 25 de janeiro que era terrível que agora todo mundo falasse de Raspútin. As coisas que se diziam, mesmo sobre Alexandra, eram horrendas. Onde quer que fosse, o assunto era um só: Raspútin. “Como é que isto vai

acabar?”, perguntava-se. [18](#)

O clima na corte estava mais tenso no fim daquele mês. Os jornais continuavam a escrever sobre Raspútin, e a Duma agora insistia que ele fosse expulso da capital. No dia 29, Nicolau voltou a falar com Makárov sobre amordaçar a imprensa: “Eu simplesmente não entendo — será que não é possível fazer o que mando?”. [19](#) Ordenou a Makárov que conversasse com Kokóvtsov e Sabler para ver o que poderia ser feito. Kokóvtsov tinha poucas esperanças. Havia boatos de que Sabler devia seu cargo a Raspútin, a ponto de se ajoelhar diante dele para manifestar sua gratidão; além disso, seu assistente, Piotr Damanski, também era homem de Raspútin e, portanto, improvável que desse alguma ajuda. Mas Kokóvtsov estava enganado. Sabler não tinha dúvidas: para ele Raspútin precisava ir embora de vez para Pokróvskoie, pelo bem do trono, e estava disposto a dizer exatamente isso ao imperador.

No fim do dia 13, Kokóvtsov e Makárov foram conversar com o barão Fredericks — o antiquado mas irrepreensivelmente honesto e leal chefe da corte russa — para pedir sua ajuda. Ele lhes disse que estava de acordo com sua opinião sobre Raspútin e o perigo que representava, e prometeu falar com o imperador na primeira oportunidade. O barão cumpriu a promessa, e telefonou para Kokóvtsov em 1o de fevereiro para informá-lo do seu absoluto fracasso: o imperador e a imperatriz ficaram irritados e magoados quando ele tocou no assunto e repudiaram de imediato as opiniões de Fredericks e dos outros. O casal imperial responsabilizava a Duma pela confusão, especialmente Gutchkov — bem como Makárov, por ser fraco demais para subjugar a imprensa. Nicolau recusou-se a sequer considerar a possibilidade de mandar Raspútin embora; hoje era Raspútin, mas, no futuro, quem eles seriam forçados a banir? Para o tsar, era uma questão de princípios. [20](#)

Quanto a Raspútin, tinha passado o mês inteiro em São Petersburgo, ainda na casa dos Sazónov, na rua Kirochnaia, e a polícia acompanhava cada movimento seu. No fim daquele mês, ele foi seguido até os “banhos de família” na rua Chpalernaia com a mulher de Sazónov, o que levou os policiais a concluírem que a tomara como amante. Seguiram-no enquanto ele visitava várias igrejas com suas seguidoras, incluindo a Igreja do Salvador do Sangue Derramado, no Canal de Catarina (agora de Griboiédov), construída no lugar onde o tsar

Alexandre II foi esfaqueado a bomba por revolucionários em 1881. Ali assistiam a funções religiosas, parando para orar diante dos ícones. E os registros da polícia também indicam que Raspútin passava seu tempo com outras mulheres, prostitutas que pegava na rua: duas em 4 de fevereiro, chamadas Botvinkina e Kozlova, e certa Petrova no dia 6. [21](#)

Nicolau e Alexandra, junto com os filhos, viram Raspútin no Palácio de Alexandre em 11 de fevereiro. “Foi um grande consolo vê-lo e ouvi-lo falar.” Os escândalos que rodopiavam em torno deles aparentemente não deixaram marcas em suas relações. Quatro dias depois, a mãe de Nicolau esteve no palácio para conversar com o filho e a nora. Ksênia deixou um registro do encontro em seu diário:

Mamãe falou ontem sobre a conversa que tiveram. Está tão feliz que resolveu contar. Agora eles ouviram e sabem o que as pessoas comentam, apesar de Alix defender Raspútin, dizendo que ele é um homem excepcional e que Mamãe precisava conhecê-lo etc.; o único conselho de Mamãe foi mandá-lo embora logo, enquanto a Duma aguarda uma resposta, ao que Nicky disse que não via como fazer isso, enquanto ela declarava que eles não podiam ceder.

Em geral, tudo que ela disse foi irrelevante, e está claro que há muita coisa que ela não compreende — desancou a sociedade (fofocas sórdidas), Tiútcheva por falar demais e mentir, e os ministros, “todos covardes”. [22](#)

Em 12 de fevereiro, Kokóvtsov recebeu com surpresa uma carta de Raspútin anunciando seu plano de ir embora da cidade para sempre e solicitando um encontro antes de sua partida, para que pudessem “trocar algumas ideias”. Três dias depois Raspútin chegou ao gabinete do primeiro-ministro. Estava presente também Valeri Mamontov, cunhado de Kokóvtsov, a pedido do ministro, para servir de testemunha.

Quando Raspútin entrou no meu escritório, fiquei chocado com a expressão repulsiva de seus olhos, fundos e próximos um do outro, pequenos, acinzentados. Raspútin fixou-os em mim por algum tempo, como se quisesse me hipnotizar, ou como se estivesse me analisando ao me ver pela primeira vez. Em seguida, inclinou a cabeça bruscamente para trás e examinou o teto; depois abaixou a cabeça e fitou o chão; tudo isso em silêncio. Como não tinha ideia de quanto tempo aquilo ia durar, eu disse: “O senhor quer me dizer alguma coisa?”.

Mas Raspútin permaneceu calado, voltando a mirar o teto. Mamontov então lhe perguntou se era verdade que ele planejava retornar para sua aldeia.

“Bem, será que devo ir? A vida tem sido dura para mim aqui; as pessoas inventam histórias a meu respeito.”

“De fato, o senhor faria bem se fosse embora”, respondi. “Se as pessoas contam mentiras ou

a mais pura verdade a seu respeito, o senhor precisa reconhecer que este não é o lugar para o senhor; o senhor prejudica o tsar quando aparece no palácio e especialmente quando conta para todo mundo sobre sua proximidade com a família imperial.”

“O que é que eu conto? Para quem? É tudo mentira, calúnia! Eu não insisto em ir ao palácio — eles é que mandam me chamar”, disse Raspútín, quase aos gritos.

Eles ficaram ali olhando um para o outro, Kokóvtsov convencido de que Raspútín tentava hipnotizá-lo. No fim, Raspútín concordou, com relutância: “Tudo bem, eu vou. Mas que tratem de não me chamar de volta, já que faço tão mal ao tsar”. Kokóvtsov resumiu assim sua opinião sobre Raspútín:

Na minha opinião, era um típico vagabundo siberiano, um homem esperto que aprendera a assumir o papel de simplório e maluco e que desempenhava esse papel de acordo com uma fórmula predeterminada. Ele mesmo não acreditava em suas artimanhas, mas aprendera a adotar certos maneirismos de conduta para enganar aqueles que acreditavam de forma sincera em suas excentricidades. Outros, claro, simplesmente fingiam admirá-lo, na esperança de obter por seu intermédio privilégios que não poderiam obter de nenhuma outra forma. ²³

A notícia do encontro espalhou-se, adquirindo novas nuances. O embaixador austríaco escreveu para Viena dizendo que o fedor de Raspútín era tão forte que Kokóvtsov teve que abrir todas as janelas do gabinete logo que o camponês saiu. ²⁴ Outros faziam conjeturas mais sinistras. Dizia-se que Kokóvtsov tinha oferecido a Raspútín 200 mil rublos para que fosse embora. ²⁵ Raspútín ficou revoltado com a sugestão. “Abandonar o imperador e a imperatriz? Aham que sou algum canalha?”, teria dito ele a Golovina, o rosto banhado em lágrimas. ²⁶

Em 17 de fevereiro, Kokóvtsov informou a Nicolau sobre o encontro com Raspútín. Antes que o relato começasse, Nicolau interrompeu o primeiro-ministro para perguntar se era verdade que ele — ou Makárov — tinha mandado expulsar Raspútín, ao que Kokóvtsov respondeu que não. Então, depois de ouvir do primeiro-ministro detalhes sobre o encontro e sobre a decisão voluntária de Raspútín de ir embora para Pokróvskoie, o tsar perguntou ao ministro qual era sua opinião sobre ele.

Eu lhe disse que fiquei com uma impressão bem desagradável e que me parecia que, depois de uma conversa de cerca de uma hora, eu tinha diante de mim um representante típico do vagabundo siberiano, que conhecia por ter trabalhado em locais de trânsito de prisioneiros, com transporte de prisioneiros e entre as chamadas pessoas “sem raízes” que ocultam seu passado de culpa e estão preparadas para lançar mão de qualquer coisa para conseguir o que

querem. Até lhe contei que não me sentiria à vontade para encontrá-lo privadamente, por causa da aparência repulsiva, dos métodos insinceros e de algum tipo de hipnotismo que ele aprendeu em algum lugar, e por causa daquela sua inexplicável loucura sagrada, que desaparecia quando a conversa se tornava simples e mesmo sensata sobre tópicos da vida diária, e logo reaparecia com a mesma rapidez. Para não dar motivos para ser acusado de preconceito ou exagero, eu disse ao imperador que, apesar de censurar Raspútín pelo desejo de ostentar suas relações com pessoas que lhe prestam favores, eu reprovava ainda mais aqueles que buscam a proteção dele e tentam conseguir vantagens egoístas usando a sua aparente influência.

Enquanto Kokóvtsov falava, Nicolau olhava pela janela sem dizer uma palavra, em sinal de desagrado. Mas quando o primeiro-ministro terminou, Nicolau agradeceu-lhe a honestidade. Então, a crer nas memórias de Kokóvtsov, o tsar mentiu, dizendo que mal conhecia “esse homem” e só o tinha visto duas ou três vezes, e mesmo assim de relance. Foi a última conversa que tiveram sobre Raspútín, apesar de Kokóvtsov ainda permanecer mais dois anos no cargo. [27](#)

A Okhrana informou que Raspútín partiu para Pokróvskoie em 18 de fevereiro. Antes de sair, mandou uma carta para Nicolau e Alexandra:

Meus queridíssimos Mamãe e Papai! Como o Diabo está ficando forte, que ele seja condenado. E a Duma serve a ele; há muitos revolucionários e judeus ali. O que é que lhes importa? Apenas livrar-se do Ungido de Deus. Gutchkov, seu chefe, um velhaco, espalha calúnias e agitação, e faz inquéritos. Papai, a Duma é vossa, faça o que quiser. Que tipo de inquérito pode haver sobre Grigóri? Isso é uma traquinice do diabo. Ordene. Nenhum inquérito é necessário. Grigóri. [28](#)

No dia 22, Raspútín chegou a sua casa em Pokróvskoie. [29](#)

Apesar de ter deixado a capital, a imagem de Raspútín lá permaneceu, para grande fascínio do público de Petersburgo. Em fevereiro, a Exposição de Primavera da Academia de Belas-Artes foi inaugurada. Os críticos foram severos com o acervo daquele ano, que atraiu pouca gente. Alguma coisa precisava ser feita para salvar a exposição, por isso no dia 19 um novo quadro foi pendurado. Era um retrato em tamanho natural de Raspútín, pintado pelo artista Aleksandr Raievski. De repente a exposição estava entupida de visitantes.

No dia 29, a *Gazeta da Bolsa de Valores* publicou uma longa entrevista com Raievski sobre sua criação. Ele recebera a encomenda de uma das seguidoras de Raspútín, que queria que o grande *stárets* fosse capturado na tela. O retrato foi concluído em dez sessões no ateliê de Raievski.

Raspútín chegava sempre de automóvel. O processo, comentou Raievski, não foi fácil, pois o modelo era incapaz de sentar-se quieto. Estava sempre se mexendo, sua “energia nervosa” era “terrível”. A eletricidade irradiava do centro do seu ser; faíscas voavam-lhe da ponta dos dedos. Apesar disso, quando ele tocava em alguém, ou beijava alguém, essa eletricidade tinha um efeito estranhamente agradável, calmante. Raievski sentia-se atraído por qualquer coisa de infantil que havia em Raspútín, e ficou impressionado com sua profunda humanidade. Quando, numa das sessões, alguém começou a atacar os judeus, Raspútín ficou furioso e interrompeu a diatribe. “Não é verdade! Perante Deus todas as pessoas são iguais!” As sessões eram concorridas, pois muitas amigas de Raspútín apareciam para ver o artista trabalhando. Raievski disse ao jornal que havia muito tempo vinha tentando descobrir o que era aquilo que tornava Raspútín tão incomum.

“Tentei descobrir onde estava o segredo do incrível fascínio de Raspútín”, disse. “Para ser justo, ele se destaca dos outros graças a uma inspirada intuição. No momento em que você o conhece ele passa a controlar sua alma, e é capaz de apalpar seus lugares mais secretos e lhe falar de suas tristezas, suas dúvidas e suas alegrias.”

Raspútín ficou satisfeitiíssimo com o retrato (“Isto é que é um artista!”, teria exclamado), assim como as damas, uma das quais ofereceu a Raievski muito dinheiro pelo quadro, mas ele se recusou a vender. Nem todos os visitantes, porém, gostavam da ideia de ter um Raspútín em tamanho natural no espaço da exposição. Consta que, quando os curadores souberam que a imperatriz viúva ia aparecer, tiraram-no da parede, mas voltaram a pendurá-lo logo que ela saiu. Eles sabiam o que o público queria. [30](#)

30. O golpe contra a alcova

A partida de Raspútin provocou as mais variadas conjeturas. Em 18 de fevereiro, o *Tempo Vespertino* citou uma mulher não identificada, que supostamente conhecia bem Raspútin, para quem a percepção comum de que o siberiano enfim fora derrotado não tinha nada de correta. Pelo contrário. Embora a campanha da imprensa e o inquérito da Duma o tivessem prejudicado, ele não fora derrotado. Sua partida não era mais do que uma “manobra sutil”. Ele ficaria longe até as coisas se acalmarem: depois, regressaria. E que todo mundo estivesse ciente: “A luta contra ele está longe do fim”. ¹

Uma denúncia sigilosa à polícia, datada de 24 de fevereiro, *dizia* o mesmo. Se a saída de cena de Raspútin assinalava a vitória do grupo da imperatriz viúva, então o fato de Vírubova e sua irmã Sana terem ido se despedir dele no trem e que ele recebera um buquê de rosas brancas enviado pelo palácio só podia ser interpretado como sinal de que Alexandra não reconhecia a derrota. “A epopeia de Raspútin”, afirmava a denúncia, não tinha terminado. Na verdade, não se deveria ignorar as palavras do próprio Raspútin (certamente apócrifas), citadas por *Novos Tempos*, de que ele só estava indo buscar a filha para que fosse criada com as filhas da imperatriz, exatamente como Alexandra tinha prometido. Raspútin planejava inclusive juntar-se a Nicolau e Alexandra durante a primavera na Crimeia. Uma coisa, no entanto, não poderia ser descartada: que a controvérsia sobre Raspútin poderia levar à “ruína catastrófica” de toda a ordem estatal. ²

O próximo a tratar da questão de Raspútin com o tsar foi Mikhail Rodzianko. Nascido em 1859, filho de uma velha família nobre, Rodzianko tivera uma educação excelente e aristocrática, servindo no

regimento da guarda de cavalaria de sua majestade e sendo posteriormente nomeado camareiro-mor da corte imperial. Com a criação da Duma, elegeu-se pela província de Iekaterinoslav e foi um dos fundadores do União de 17 de Outubro — os chamados outubristas, grupo de membros da Duma empenhados em mudar a Rússia através de reformas graduais. As opiniões específicas de Rodzianko eram descritas como as do Partido Conservador inglês, e ele se apresentava como um liberal ou um moderado contrário às vozes da direita política ou da extrema esquerda. Em 1911, Gutchkov renunciou à presidência da Duma e foi substituído por Rodzianko, que permaneceria no cargo pelo resto da Rússia imperial. Alto, imponente e muito gordo (ele supostamente se apresentou ao pequeno Alexei como “o homem mais gordo da Rússia”), Rodzianko tentava usar o físico para dar autoridade ao Congresso, especialmente em seus encontros regulares com o tsar. No fim, fracassou, incapaz de compreender seu senhor imperial ou de ser levado a sério por ele. ³

Depois do desterro de Germogen, Rodzianko recebeu a visita de um agitado Vladímir Purichkévitch, da Duma. Com uma voz trêmula e horrorizada, Purichkévitch lhe perguntou:

Para onde estamos indo? Nosso último esteio, a Santa Igreja Ortodoxa, está sendo destruído. Houve uma revolução que tentou enfraquecer a Coroa; fracassou. [...] os poderes das trevas agora estão atacando a última esperança da Rússia — a Igreja. E a parte mais terrível de tudo isso parece vir do próprio Trono. Um charlatão, um *khlist*, um camponês imundo e analfabeto está pregando suas sórdidas peças em nossos prelados. Para que abismo estamos sendo empurrados? Oh, meu Deus! Eu quero me sacrificar e matar esse peste, Raspútín!

E de fato Purichkévitch — com Félix Iussúpov e mais três homens — mataria Raspútín quatro anos depois.

Em suas muito citadas memórias, Rodzianko se apresenta como a voz da calma e da razão, tentando dissuadir o impetuoso Purichkévitch de cometer qualquer ação precipitada e, em outra seção, convencendo um excessivamente agressivo Gutchkov a esperar antes de lançar um inquérito da Duma sobre Raspútín, porque isso inflamaria desnecessariamente as chamas da opinião pública. Rodzianko parecia seguro de que, com a Duma, conseguiria convencer Nicolau a fazer o que era necessário. Para tanto, começou a preparar um dossiê sobre Raspútín com a ajuda de Gutchkov, Badmáiev, Félix Iussúpov e

Rodionov. Rodzianko tinha até um agente do conde Sumarókov coletando informações no exterior. Rodzianko afirma que conseguiu juntar uma grande quantidade de material negativo sobre Raspútín, incluindo dezenas de cartas de mães que tiveram as filhas seduzidas por ele, e fotografias que o mostravam entre seus seguidores *khlist* e mesmo vestido de monge com um capuz e uma cruz peitoral de ouro. Também recebeu uma carta do exilado Germogen, suplicando-lhe que fosse contar a horrível verdade ao tsar e alertá-lo do perigo. ⁴ Enquanto se ocupava dessa tarefa, Rodzianko teve um encontro com a imperatriz viúva. Ela ouvira falar dos seus planos e tentou dissuadi-lo, insistindo que o tsar era tão puro que jamais acreditaria em nada daquilo, além de ficar magoado. Ele lhe disse que as coisas tinham ido longe demais, que a dinastia estava ameaçada, e pediu-lhe que o abençoasse, o que ela fez. ⁵ Pelo fim de fevereiro, a notícia de uma audiência iminente tinha se espalhado pela sociedade petersburguense. O almirante Konstantin Nilov, o devotado cortesão dipsomaníaco que era presença quase constante ao lado do tsar, não acreditava muito nas chances de Rodzianko. Comentou, na época, que também tinha tentado abrir os olhos de Nicolau, mas em vão. No fim, parece que simplesmente aceitou a situação, comentando de forma sombria: “Haverá uma revolução, eles vão enforcar todos nós, e não faz a menor diferença em que poste da rua”. ⁶

Rodzianko pediu ao primeiro-ministro Kokóvtsov e ao metropolita Antônio (Vadkovski), do Sínodo, que se juntassem a ele em seu apelo ao tsar, mas eles se recusaram. Por isso, foi sozinho ver Nicolau às seis da tarde de 26 de fevereiro. De manhã, tinha ido com a mulher à Catedral de Kazan a fim de rezar para ser bem-sucedido. A audiência durou quase duas horas. Depois de apresentar os relatórios de praxe, Rodzianko pediu permissão para falar sobre Raspútín:

Vossa Majestade, a presença desse homem de reputação mais do que manchada nos círculos mais íntimos da corte é um evento sem paralelo na história da monarquia russa. [...] Raspútín é uma ferramenta nas mãos dos inimigos da Rússia: é seu instrumento para enfraquecer a Igreja e a própria monarquia. Nenhuma propaganda revolucionária poderia alcançar tanto quanto a mera presença de Raspútín na corte. Todos temem essa sua intimidade com a família imperial. O sentimento público está exacerbado.

Em seguida, Rodzianko relacionou os prelados que tinham sido

punidos por falarem mal de Raspútin — Germogen, Iliodor, Feofan, o bispo Antônio —, afirmando que qualquer um que ousasse dizer uma palavra contra ele acabava sendo injustiçado. Declarou que Raspútin era um *khlist* e leu as cartas que tinha reunido, bem como trechos do folheto de Novoselov. Rodzianko observou que tentativas de amordaçar a imprensa só agravaram a situação, pois pareciam confirmar perante a opinião pública os rumores sobre as suas relações com a família real. Contou a Nicolau que as investigações sobre as ligações de Raspútin com os *khlisti* haviam sido misteriosamente interrompidas. Então produziu um recorte de um jornal estrangeiro relativo a um congresso de maçons em Bruxelas no qual se falou abertamente que Raspútin estava sendo usado como ferramenta para alcançar os objetivos da sociedade secreta na Rússia. ⁷

Foi demais para o tsar, que se pôs a acender nervosamente um cigarro atrás do outro.

Rodzianko ressaltou sua lealdade ao trono e à Igreja, afirmou que apenas o desejo fervoroso de protegê-los o levava a falar e suplicou-lhe que banisse Raspútin. Nicolau disse acreditar na sinceridade do relato de Rodzianko, mas não poderia prometer nada. No dia 28, Rodzianko foi informado por seu velho amigo Dediulin, comandante do palácio (que, é importante notar, muitos acreditavam ter feito amizade com Raspútin para assegurar seu lugar na corte, fato que Rodzianko ignorava ou, estranhamente, deixou de levar em conta), ⁸ de que Nicolau tinha ordenado que todos os documentos secretos do Sínodo sobre Raspútin lhe fossem entregues, para ajudar na investigação, mas o tsar pediu a Rodzianko que guardasse o assunto para si e não o discutisse com nenhuma outra pessoa. No dia seguinte, Damanski, o procurador-chefe assistente do Sínodo (descrito nas memórias de Rodzianko como devoto seguidor de Raspútin), entregou os documentos, e o presidente da Duma instruiu imediatamente sua equipe a tirar cópia de tudo.

E no dia seguinte, Damanski, junto com o padre Aleksandr Vasilev, confessor do tsarévitch, apareceu inesperadamente na Duma exigindo os documentos de volta. A ordem, segundo Damanski, viera da própria imperatriz, mas Rodzianko recusou-se a obedecer, dizendo que Alexandra era, tanto quanto ele, um súdito do imperador, e que era ao desejo do imperador que obedecia. Já Vasilev também fora mandado

por Alexandra com a missão de convencer Rodzianko de que Raspútin era um verdadeiro homem de Deus. Ao ouvir isso, Rodzianko explodiu, citando todos os crimes do siberiano e, na prática, expulsando os dois homens do seu escritório. ⁹

Entre os documentos que Rodzianko tinha recebido estava o dossiê da investigação sobre os *khlisti* realizada pelo Consistório Eclesiástico de Tobolsk, onde permanecera intocado desde a primavera de 1908. (Estranhamente, os registros do Arquivo Histórico Estatal Russo informam que o arquivo foi mandado em 18 de fevereiro e chegou a Petersburgo no dia 25, véspera da audiência de Rodzianko com o tsar. Teria Rodzianko agido de maneira preventiva, sem esperar a aprovação de Nicolau?) ¹⁰ Nicolau estava convencido de que, ao ler o dossiê, Rodzianko veria que Raspútin não era *khlist*. Mas para Rodzianko não bastava ler. Queria ir mais fundo: solicitar o material preliminar em que a versão final do arquivo se baseara, entrevistar testemunhas, convocar peritos. Kokóvtsov o aconselhou a não fazer isso, argumentando que provocaria um escândalo enorme e desnecessário, destruindo a confiança que o tsar depositava nele. Melhor seria seguir as instruções, disse Kokóvtsov: ler o dossiê, tirar suas próprias conclusões, falar com o imperador e só então decidir se novas medidas seriam cabíveis. Rodzianko ouviu Kokóvtsov, mas sentiu que precisava de auxílio para compreender o material, por isso pediu a seus colegas outubristas na Duma, Nikolai Chubinski e Gutchkov, que o ajudassem, e os três puseram-se a ler e a preparar um relatório para o tsar.

Tudo isso subiu à cabeça de Rodzianko, segundo Kokóvtsov:

Rodzianko contava a todo mundo, à direita e à esquerda, sobre sua tarefa e dizia, sem modéstia, que estava destinado a salvar de Raspútin o imperador e a Rússia com seu relatório. Estava muito alvoroçado com sua “missão” mostrando-me duas, três páginas do rascunho do relatório que continham uma avaliação bastante desfavorável de Raspútin, e aguardava o preparo da versão passada a limpo para sua audiência pessoal com o imperador. ¹¹

Ao copiar o dossiê e partilhá-lo com outros membros da Duma, Rodzianko tinha violado não só as instruções explícitas do tsar, mas sua confiança também. Sua conduta avivaria ainda mais as labaredas do escândalo.

No ano seguinte, Dediulin foi substituído como comandante do palácio por Vladímir Voeikov, genro do barão Fredericks, ministro das

Cortes Imperiais. Voeikov recordava-se da opinião menos do que justificada de Rodzianko sobre Raspútin:

Nós dois nos sentamos em seu escritório por duas, três horas, e fui obrigado a ouvir sua preleção sobre o perigo que Raspútin representava e sobre a maneira correta de lidar com ele: em resumo, eu deveria expulsar Raspútin do palácio e proibir o imperador e a imperatriz de se encontrarem com ele.

Quando lhe pedi um conselho sobre como fazer isso, ele, claro, evitou dar uma resposta direta. Em geral, minhas conversas com M. V. Rodzianko me davam a impressão de que Raspútin em si não o preocupava tanto, mas que ele usava seu nome para criar o máximo possível de barulho e de escândalo em torno do tsar e da tsarina.

Quanto ao dossiê secreto do Consistório Eclesiástico de Tobolsk, Voeikov convenceu-se de que estava repleto de acusações infundadas, mas, naqueles dias, simplesmente não se comentavam essas coisas: “Durante aqueles tempos loucos era considerado inadmissível anunciar que os falsos rumores sobre os círculos governantes eram espalhados de propósito, e que não tinham nenhuma relação com a realidade”. ¹² Kokóvtsov tinha a mesma opinião de Voeikov sobre Rodzianko. Achava que o presidente da Duma era motivado tanto por orgulho como por lealdade, e isso o levava não só a exagerar, mas até mesmo a mentir sobre Raspútin. ¹³ De acordo com Lili Dehn, esse era um problema comum a todos que tentavam alertar Nicolau sobre Raspútin:

Quando lhe contavam as infâmias que Raspútin cometia “secretamente”, ele não acreditava. E por quê? Por uma razão simples: as cores usadas para pintar Raspútin eram sombrias demais. Se os “bem-intencionados” não insistissem tanto, talvez o imperador até tivesse escutado o que diziam. Quem toma a decisão de separar dois amigos comete um grande erro se descreve a pessoa que está tentando destruir como totalmente imprestável. É muito mais fácil conseguir o resultado desejado quando, ao condenar essa pessoa, se fazem também alguns elogios. ¹⁴

Fredericks disse o seguinte ao ajudante de ordens do tsar, Anatóli Mordvínov, quando surgiu o assunto Raspútin:

Sabe, amo o imperador como um filho e por isso não resisti e perguntei a Sua Majestade que tipo de figura era esse Raspútin. O imperador respondeu com calma e simplicidade: “Sim, é verdade, muita coisa, e muita coisa errada, como de hábito, se costuma dizer sobre qualquer pessoa de fora do ambiente usual que nós nos dignamos receber de vez em quando. A imperatriz gosta de sua sinceridade de homem comum... Acredita em sua lealdade e no poder de suas preces para proteger a família e Alexei... Mas isso não passa de assunto particular nosso. É notável como as pessoas gostam de se meter em coisas que não são da sua conta. A quem poderia ele incomodar?”. ¹⁵

A extravagância das histórias tornava-as ainda mais difíceis de acreditar,

uma vez que a família imperial jamais viu esse lado de Raspútin. Novamente, citando Lili Dehn:

Se eu dissesse que nunca vi nada impróprio em Grigóri Raspútin, as pessoas me chamariam de mentirosa ou de mulher estúpida. Na verdade, essa última qualificação seria a coisa mais suave que diriam a meu respeito. Apesar disso, a verdade mais honesta é que nunca vi nenhum lado negativo em sua natureza. Talvez seja porque algumas pessoas têm uma natureza dupla. Ouvi falar em algumas que eram anjos encarnados, mas no instante em que saíam pela porta da frente se entregavam a tantos vícios que, em comparação, um romance francês contemporâneo pareceria bobagem. [16](#)

Depois de examinar o dossiê secreto e outros documentos, Rodzianko preparou um relatório condensado para submeter ao tsar (a linguagem excessivamente emocional precisou ser revisada por Iákov Glinka, assistente do presidente da Duma) em 8 de março e escreveu pedindo uma audiência. Foi recebido logo depois pelo tsar, que agradeceu copiosamente seus esforços, elogiando sua rapidez e minúcia e prometendo mandar chamá-lo quando terminasse de ler. Rodzianko voltou triunfante para a Duma e ficou esperando. Na verdade, aguardou durante dias, pois do palácio não vinha nada além de silêncio. Nicolau estava ganhando tempo. Rodzianko ficou indignado. Foi contar a Kokóvtsov o que se passava, afirmando que aquilo era sem dúvida um insulto à autoridade da Duma, e ameaçou renunciar. Kokóvtsov prometeu levar o assunto ao tsar e, quando Rodzianko estava de saída, um mensageiro do imperador chegou trazendo um grande pacote. Dentro, Kokóvtsov encontrou a resposta de Nicolau rabiscada no pedido de audiência de Rodzianko: “Não quero receber Rodzianko, especialmente por tê-lo visto poucos dias atrás. Diga isso a ele. A conduta da Duma é profundamente revoltante, em especial o repulsivo discurso de Gutchkov sobre o Santo Sínodo. Eu ficaria muito feliz se meu descontentamento chegasse ao conhecimento desses senhores; estou cansado de estar sempre me curvando e sorrindo para eles”. [17](#)

Rodzianko jamais esqueceu, nem perdoou, a maneira como foi tratado pelo tsar.

Alexandra Bogdanovitch registrou a conversa em seu diário em 12 de março:

Havia muita gente hoje. O assunto da conversa continua sendo Raspútin, que voltou ontem a Petersburgo e viajou para Tsárskoie Seló. É horrível escrever sobre os gostos da tsarina, como é que ela consegue aguentar aquele *khlist* .

[...] Dá para entender o tsar. Nas palavras da condessa Milorádovitch, que ouviu a mulher do presidente da Duma Rodzianko contar sobre a audiência do marido com o tsar, quando Rodzianko explicou ao imperador que tipo de homem era Raspútin, o tsar dissociou-se totalmente de Raspútin, dizendo que nunca vê Raspútin. Mas como é que ele permite Grichka no palácio? Pois viu claramente, pelo que Rodzianko lhe contou, que homem nocivo ele é, e a que tipo de seita pertence. Todos dizem a mesma coisa, que o tsar tem muito autocontrole, mas nenhuma força de vontade — não sabe impor o que quer. É terrível! Amanhã a família tsarista está indo para a Crimeia, e Raspútin também. Tudo que o tsar precisa fazer é mandar Dediulin se livrar dessa criatura e o assunto estaria encerrado. Mas há um problema — falta-lhe determinação. É horrível quando se examina de perto a difícil situação da Rússia!

E aparentemente as notícias só pioravam. Uma semana depois, Bogdanovitch anotou em seu diário que a princesa Elizaveta Obolénskaia (também conhecida como Lili O.), dama de companhia de Alexandra e filha do general-adjunto Nikolai Obolénski, andava dizendo que a imperatriz era *khlist*. Obolénskaia tinha lido dois artigos no *Novos Tempos* intitulados “Khlistovschina”, e reconheceu imediatamente na descrição da seita a própria imperatriz. Incapaz de ficar calada, chegou a escrever duas vezes sobre suas preocupações para a tsarina, e suas cartas provocaram grande aborrecimento a Obolénskaia. O que se dizia era que seria obrigada a deixar a corte. [18](#)

O discurso de Gutchkov, que tanto enfureceu Nicolau, foi pronunciado em 9 de março na Duma e ficou conhecido como “O golpe contra a alcova”. Tão forte foi a crítica que até seus colegas outubristas se espantaram.

Aleksandr Gutchkov nasceu em 1862, numa rica família de comerciantes moscovitas. Formado em história pela Universidade de Moscou, foi aluno brilhante e continuou seus estudos em Berlim e Heidelberg. Inegavelmente talentoso, não era homem de trato fácil. Gutchkov tem sido descrito como “mercurial, briguento e nervoso. Além disso, era fanfarrão, mandão, sistematicamente adúltero, cuja filha mais tarde lembraria pesarosa que a família Gutchkov ‘nunca voltava ao mesmo balneário à beira-mar dois verões seguidos porque, no segundo verão, em todos os carrinhos de bebê havia crianças constrangedoramente parecidas comigo’”. Suscetível, presunçoso e inseguro quanto à própria honra, Gutchkov desafiou vários homens para duelos. Via-se como uma figura global de extrema importância e

achava que precisava estar presente em todos os lugares perigosos do mundo: combateu pelos bôeres na África do Sul em 1899, chegou à Manchúria em 1900 a tempo de tomar parte na Rebelião dos Boxers e da revolta nacionalista de 1905 na Macedônia. Gostava de gabar-se de seus vastos conhecimentos de questões militares e procurava sempre estar sob os holofotes quando tais discussões surgiam na Duma. ¹⁹ Nada disso, no entanto, preparou as pessoas para o que Gutchkov disse naquele dia quando subiu à tribuna:

A gente quer falar, a gente quer gritar que a Igreja está em perigo e que o Estado também está... Os senhores todos sabem do drama terrível que a Rússia está vivendo... e no centro desse drama está uma misteriosa figura tragicômica, que parece ter voltado do outro mundo ou ser algum vestígio da Idade Média, uma figura estranha à luz do século XX ... Talvez seja um sectário fanático espalhando suas más ações, talvez seja um trapaceiro velhaco ocupado em levar vantagem. Que caminhos tomou esse indivíduo para chegar a posição tão importante, tendo acumulado tanta influência que até as autoridades máximas do Estado e da Igreja se curvam diante dele? Pensem por um momento — quem está dando as ordens lá no topo, quem está girando o eixo que traz consigo uma...

Nesse momento, o deputado do movimento Centúrias Negras Nikolai Markov (Markov, o Segundo) berrou da sua cadeira: “Isto não passa de fofoca de mulheres!”, mas suas palavras se perderam em meio à agitação geral.

Gutchkov prosseguiu:

... uma mudança de direção e uma mudança de rostos, a queda de algumas pessoas e a ascensão de outras? Se estivéssemos diante de um fenômeno isolado nascido no solo doentio de uma busca religiosa ou de um misticismo exaltado, teríamos que assistir em triste silêncio, de cabeça baixa, como se estivéssemos aos pés da cama de um ente querido gravemente doente. Talvez tivéssemos que chorar e rezar, mas não diríamos nada. Mas Grigóri Raspútín não está sozinho. Não existe aí um bando inteiro, um grupo heterogêneo às suas costas que tomou essa pessoa e seus feitiços nas próprias mãos? Ambiciosos insaciáveis, ansiando pelo poder que escapou de suas mãos, especuladores escusos, jornalistas fracassados...

“Sazónov!”, berrou o deputado centrista Pável Krupenski da sua cadeira.

“Empresários do *stárets*!”, prosseguiu Gutchkov.

Eles é que sugerem o que ele deve sussurrar mais adiante. É todo um empreendimento comercial, habilmente fazendo o seu jogo. Diante deste cenário, é nosso dever gritar as palavras de advertência: a Igreja corre perigo, o Estado corre perigo! Porque nenhuma propaganda revolucionária ou hostil à Igreja conseguiu em anos o que foi feito nos últimos dias!

“Verdade!”, ressoaram vozes no plenário.

Gutchkov não parou. “Gegechkori ^{*} tinha razão, do seu ponto de

vista, quando disse: ‘Raspútín é útil ’ . Posso até acrescentar: quanto mais dissoluto [*rasputnee*], mais útil para os amigos de Gegechkori.”

“Isso mesmo”, berrou um dos deputados de direita.

Gutchkov declarou que poucos tinham coragem para dizer o que pensavam (o óbvio não precisava ser dito: que ele mesmo era um desses homens), e acusou Sabler de não fazer nada e de cercar-se de lacaios. “Sobre os anos de 1911-2 um cronista russo escreverá: ‘Durante esses anos, a Igreja ortodoxa, sob o procurador-chefe do Santo Sínodo, o verdadeiro conselheiro privado Vladímír Karlovitch Sabler, atingiu um nível de humilhação jamais conhecido’.”

Sabler, atônito, gritou que Gutchkov não conhecia os fatos. Mas sua tentativa de defender-se foi inútil e seus protestos foram ignorados. No dia seguinte, os moradores da cidade puderam ler quase na íntegra o discurso de Gutchkov em *Novos Tempos* . [20](#)

O discurso assinalou o momento em que Gutchkov tornou-se inimigo pessoal, e não apenas político, do tsar e da tsarina — suas palavras tinham sido dirigidas sem rodeios à sua “alcova”, seu espaço mais privado. Junto com as ações de Rodzianko nas semanas anteriores, foi também a última gota nas relações de Nicolau com a Duma, comprometendo-as de forma irreparável. Nunca mais Nicolau recebeu seu presidente.

Rodzianko afirmaria depois que tentou dissuadir Gutchkov desse passo radical, dizendo-lhe que tal ato equivaleria a um novo caso do colar de diamantes, referência ao escândalo que cercou a rainha Maria Antonieta nos anos 1780, causando danos consideráveis ao trono francês pouco antes da Revolução. Gutchkov contou à Comissão em 1917 que não tinha outra escolha. As forças reunidas em torno de Raspútín ameaçavam arruinar o país, e o governo e os ministros, na sua opinião, eram cegos, preguiçosos ou medrosos demais para lhes declarar guerra, razão pela qual ele fez o que era necessário. Quando lhe disseram que o tsar gostaria de vê-lo na forca, ele respondeu: minha vida pertence ao imperador, mas minha consciência pertence a mim, e vou continuar lutando. [21](#)

Mas contra quem exatamente estava lutando e por quê? Nikanor Savitch, colega outubrista de Gutchkov na Duma, escreveu que a verdadeira motivação do discurso de Gutchkov não foi Raspútín, mas o

próprio tsar. Gutchkov achava que no passado Nicolau não lhe demonstrara o devido respeito, e aquela foi sua maneira de acertar as contas. Apesar do verniz político, o discurso era, em sua essência, profundamente pessoal. Gutchkov talvez tenha avisado Rodzianko dos seus planos, mas não fez o mesmo com seus colegas outubristas, que ouviram as suas palavras sem conseguir acreditar. Savitch sabia, assim como outros, que o palácio jamais esqueceria, menos ainda perdoaria, o discurso. “A partir de então”, escreveu ele em suas memórias, “não só Gutchkov, mas toda a Duma teria na imperatriz uma inimiga irreconciliável, e qualquer vestígio de esperança de melhorar as relações entre o tsar e o governo representativo se perdera.” ²² Foi esse o enorme preço que a Rússia teve que pagar pela honra ferida de Gutchkov.

Os motivos de Gutchkov não eram, de forma nenhuma, os que ele alegava, e a caracterização que fez de Raspútín e sua influência foi igualmente desonesta e equivocada. Raspútín, o *khlist* maligno, o homem por trás do trono, dirigindo o governo, distribuindo favores, determinando a sorte de ministros, permitindo que um bando de vigaristas assaltasse os cofres do Estado — nada disso era verdade, tudo não passava de fofoca, e Gutchkov sabia disso mas não se deteve. Gutchkov afirmou que as ações de Raspútín e de Sabler eram munição nas mãos de revolucionários como Ievguêni Gegechkori — quanto mais *rasputnee*, depravado, melhor. No entanto, isso foi exatamente o que Gutchkov deu aos inimigos do Estado, e não apenas aos da esquerda, mas aos da direita também. A Igreja corria perigo, o Estado corria perigo, nas palavras de Gutchkov, e com seu discurso ele contribuiu para aumentar o perigo.

A reação foi enorme. No dia 18, o *Novo Jornal Vespertino de Domingo* publicou uma caricatura de Gutchkov e Raspútín trocando um aperto de mãos, ao lado de uns versos satíricos inspirados no famoso poema “A disputa”, de Liérmontov, ridicularizando a questão. ²³ Gutchkov tinha dado aos inimigos do regime muita coisa que poderiam usar. Uma alta figura dos social-democratas comentava: “Grichka Raspútín é o melhor amigo e aliado dos social-democratas, porque está fazendo mais para provocar uma segunda revolução do que nós”. ²⁴ Chulgin comentou: “O imperador ofende o país permitindo que entre no palácio, lugar de

acesso difícil até para os melhores súditos, um velhaco das ruas”. ²⁵ Sazónov, amigo de Raspútin, foi talvez a única pessoa a sair em sua defesa. Escreveu um pequeno artigo intitulado “A verdade sobre Grigóri Novikh/Raspútin/”, impresso num dos muitos periódicos de vida curta da época. Refutava as acusações contra Raspútin e chamava a atenção para as informações errôneas e para a falta de ética da imprensa, como um desenho publicado em *Pequena Chama* mostrando Raspútin numa casa de banhos segurando uma Bíblia e pregando para suas seguidoras. ²⁶ Mas ninguém quis ouvir o que Sazónov tinha a dizer.

O escândalo da Duma não passou despercebido pelos embaixadores estrangeiros, e Raspútin tornou-se, pela primeira vez, uma pessoa de grande interesse. Em 29 de março, o embaixador austríaco mandou um longo relatório secreto para o ministro do Exterior em Viena explicando o discurso de Gutchkov e seus efeitos colaterais, oferecendo as melhores informações de inteligência de que dispunha sobre o misterioso Raspútin:

Não há muito o que dizer sobre as origens desse homem. É um camponês siberiano (há quem acredite que foi prisioneiro) que aparentemente tem certo poder de sugestão ou hipnose e — o mais importante — é um fanático religioso que, segundo consta, pertence à seita de flagelantes. Acredita-se que combina uma falta geral de instrução com um talento natural e um incrível conhecimento da Bíblia.

Formou-se um grupo de mulheres da Corte imperial, onde Raspútin vai recrutar discípulas. Os rumores mais estranhos circulam sobre as atividades de Raspútin nesse círculo e me garantiram que esse magnetizador costuma agir como massagista íntimo e que a fronteira entre o êxtase religioso e a perversão sexual nem sempre é bem nítida. ²⁷

O embaixador britânico, George Buchanan, também escreveu seu primeiro relatório sobre Raspútin, descrevendo-o como um dos “neuropatas medievais” contemporâneos, juntamente com Germogen e Iliodor, então populares na sociedade russa, e como filho “de uma boa e rica família russa”. Em Londres, um funcionário riscou as últimas palavras e escreveu “um mero camponês siberiano”. ²⁸

Em 12 de março, a família imperial partiu para a Crimeia. Poucas pessoas foram à estação se despedir. Kokóvtsov estava lá. Disse que o tsar demonstrava a “disposição de ânimo costumeira” e até brincou com ele: “Você provavelmente está com inveja de mim, e eu só lamento que você precise ficar aqui, neste pântano”. Uma impassível Alexandra

embarcou no trem sem trocar uma palavra sequer com as pessoas reunidas na plataforma. ²⁹ Quanto a Raspútin, as notícias que apareciam na imprensa eram contraditórias — algumas diziam que ele deveria chegar a Petersburgo a qualquer dia, outras que estava a caminho da Crimeia, ou que tinha viajado com o tsar e a tsarina e já se hospedara no Hotel Rússia, em Ialta. ³⁰ A cobertura do paradeiro de Raspútin era tão excessiva que muitos não aguentavam mais. O *Novo Jornal Vespertino de Domingo* descreveu o clima num artigo intitulado “Rasputiniana”:

Parece que não há como escapar desta história.

Há algumas doenças que nós simplesmente contraímos, como eczema. O sujeito adquire essa imundície e não se livra delas durante anos.

A Rasputiniana tem durado mais do que devia. Já estamos fartos, mas não há como nos livrarmos dela.

— Raspútin partiu...

— Raspútin chegou...

— Raspútin veio para cá...

— Raspútin foi para lá...

Não será hora de dizermos chega?

A imprensa marrom até fez da caça a Raspútin uma modalidade de esporte — um torneio de maledicência... ³¹

Mas a questão do paradeiro de Raspútin era importante, pois predominava na sociedade a impressão de que ele fora oficialmente desterrado para Pokróvskoie, de maneira que a noção de que tinha voltado para a capital, ou viajado para a Crimeia, era interpretada (mesmo que incorretamente) não apenas como prova do seu poder, mas de que tinha permissão para escarnecer das autoridades do Estado.

Na verdade, Raspútin não permaneceu muito tempo em Pokróvskoie e voltou para Petersburgo em meados de março, mas por pouco tempo, antes de seguir para a Crimeia, como muitos tinham conjecturado. ³² Sua adoção pela família imperial, depois de todos os escândalos dos três primeiros meses do ano, era uma declaração inequívoca de que o tsar e a tsarina não tolerariam que ninguém lhes dissesse quem deveriam e quem não deveriam receber.

Em 16 de março, Ksênia, irmã do tsar, encontrou-se com a princesa Zinaida Iussúpova para o chá. A conversa, como era de esperar, girou em torno de Raspútin. ³³ A princesa estava obcecada por Raspútin fazia tempo. Em 12 de fevereiro, tinha escrito para o filho, Félix, alertando-o

para o perigo de Raspútín e as Princesas Negras se aliarem contra ele. Era um “momento difícil”, comentou ela, aconselhando-o a não escrever nada de secreto ou comprometedor em suas cartas, uma vez que a Okhrana lia a correspondência de todo mundo. ³⁴ Félix tinha telegrafado para Munia Golovina perguntando sua opinião sobre o escândalo. Ela respondeu em 14 de fevereiro recomendando que não acreditasse nas fofocas e nos boatos que apareciam na imprensa. Afirmava que o barulho todo não passava de escândalo fabricado deliberadamente para prejudicar o trono.

As pessoas têm tanta raiva e, mais importante ainda, tanta inveja! Tentam destruir e macular tudo que existe de belo e de brilhante. Claro, ele tem sido atacado por inveja e carrega sua cruz e esses sofrimentos em nome de Cristo. Se você pudesse ver como está longe de tudo que gira em torno dele — está numa esfera inteiramente diferente, a esfera do espírito, e fora de nossa compreensão e nosso sofrimento, e nós o julgamos de acordo com nosso mundo rotineiro, no qual vivemos imersos em pecado e tentação, e por isso não conseguimos alcançar a verdadeira pureza que ele prega e traz ao mundo. [...]

Você não o conhece o suficiente, nem estive com ele o bastante para compreender seu caráter e a força que o conduz. Mas eu o conheço há mais de dois anos e tenho certeza de que carrega a cruz de Deus e sofre pela verdade que não compreendemos e, se tem alguma familiaridade com o oculto, você sabe que grandes coisas estão ocultas debaixo de certa nuvem que esconde dos profanos o caminho da verdade. [...]

Escreva me dizendo o que acha disso tudo, pois sua opinião é valiosíssima para mim e quero sentir que está comigo, mas seja honesto, pois eu o amo demais, com um amor puro, limpo, até o túmulo, e espero que nenhuma tapeação acabe com nossa amizade. ³⁵

Félix não se deu ao trabalho de responder.

Não muito tempo depois do inquérito da Duma sobre Raspútín no fim de janeiro, a imperatriz, angustiada, escreveu uma pesadosa carta de oito páginas para a princesa Iussúpova lamentando a injustiça daquele ato. “Ninguém nos ama”, queixou-se, “todos tentam nos prejudicar. Esse inquérito foi um ato revolucionário.” ³⁶ Apesar de inimiga convicta de Raspútín, a princesa sentiu pena da tsarina. Por insistência de Ella, tentou conversar com Alexandra sobre Raspútín depois do discurso de Gutchkov, mas não deu certo. Alexandra ficou particularmente magoada. Além do sórdido escândalo público, ela acabava de receber um documento perturbador. Era um relatório anônimo, com data de 7 de março, intitulado “A respeito do *stárets* Grigóri Raspútín”, que alegava ter como base informações colhidas com seguidores do siberiano em Viritsa, ao sul de Petersburgo, e no subúrbio de Okhta.

Dizia que, apesar de todos com quem o autor conversou ressaltarem a humanidade e o amor fraterno de Raspútin, seu “mentor” e “protetor”, algumas pessoas em Viritsa lhe contaram histórias sombrias. “O peregrino Grigóri era um terrível canalha que age escondido”, segundo o relatório, “e ao mesmo tempo faz seguidores de ambos os sexos participarem de todo tipo de ritual *khlist* , a pretexto de que isso é necessário para salvar a alma e expressar amor ao próximo, e a maioria das mulheres tenta agradar ao peregrino Grigóri e recebe em troca suas afetuosas admoestações.” [37](#)

A princesa Iussúpova, e isso seja dito em seu favor, tentou acalmá-la e ao mesmo tempo abrir-lhe os olhos para os perigos que tanto Rodzianko como Gutchkov tinham ressaltado. Mas a imperatriz não quis ouvir. “Não, não!”, gritou. “A força é boa demais para homens como Rodzianko e Gutchkov!” A princesa protestou, afirmando que eram pessoas honestas tentando fazê-la cair em si, mas Alexandra rejeitou esse argumento. [38](#) A princesa saiu sentindo que tinha fracassado.

Apesar disso, os adversários de Raspútin continuaram trabalhando. Soube-se então que Ernst Ludwig, irmão de Alexandra e grão-duque de Hesse, faria uma visita acompanhado da família. Ella ficou feliz com a notícia e escreveu para a imperatriz viúva pedindo-lhe que rezasse para que “com a ajuda de Deus ele possa trazer alguma luz para aquela escuridão, que lançou uma sombra sobre a casa deles e sobre o país, e sobre todos nós, que os amamos tanto”. [39](#)

* O revolucionário e social-democrata (menchevique) georgiano Ievguêni Gegechkori, deputado da Terceira Duma.

31. A investigação, parte II: seria Raspútin um *khlist* ?

Raspútin voltou da Crimeia para Petersburgo em 29 de junho e foi direto para o apartamento de Piotr Damanski, no no 34 da avenida Liteini, seguido, durante todo o caminho, pelos agentes da Okhrana, e perseguido por repórteres ansiosos para falar com ele e tirar fotos. Segundo a imprensa, seu retorno provocou “furor”; uma multidão de petersburgueses curiosos esperava na frente do prédio para vê-lo. *Rumor Capital* perguntava como era possível que um homem declarado *khlist* e desterrado de Petersburgo tivesse permissão para ficar no apartamento de um alto funcionário do Sínodo. Houve quem dissesse que ele logo partiria numa nova peregrinação a Jerusalém; outros diziam que seria ordenado sacerdote e entraria para um mosteiro. ¹

Raspútin só permaneceu até 3 de julho, quando voltou para Pokróvskoie, ali ficando até o fim do mês. O agente de polícia Tiumen anotou que “O Russo” — seu codinome na Okhrana — embarcou no trem no 3, às 11h40 da manhã de 31 de julho, com um senhor desconhecido e um padre de nome Vasilev, assistente do arcepreste Ioann Vostorgov, e partiu para Petersburgo. Chegaram às 6h10 da noite de 3 de agosto, e Raspútin foi diretamente para a casa de Damanski. A imprensa, como sempre, esperava-o na estação Nikoláievski. A *Gazeta da Bolsa de Valores* escreveu no dia seguinte: “Sua aparência é atormentada. Está ainda mais magro. É literalmente pele e osso. Os olhos agora estão mais fundos. Mas o olhar ainda é o mesmo — tenso e penetrante. Usava paletó de estilo alemão por cima de uma camisa tipicamente russa, e chapéu. Não havia ninguém na estação para

receber o ‘ *stárets* ’”. Agentes o seguiram durante os próximos dias, registrando suas visitas à casa dos Golovin, no Canal de Inverno, aos banhos, a algumas igrejas, a uma adega e ao “Hotel D.”, na rua Suvorovski, com uma prostituta, onde passou trinta minutos, e depois voltou para casa sozinho. ““O Russo””, diz o relatório de um agente, “quando anda sozinho, particularmente à noite, fala consigo mesmo em voz alta, agita os braços e dá palmadas no próprio tronco, o que chama a atenção dos passantes.” ²

Se os detalhes são exatos, não deveria ser surpresa, pois a pressão sobre Raspútin continuou aumentando, e os escândalos continuaram se multiplicando durante todo o primeiro semestre de 1912. Primeiro foi o caso de Germogen e Iliodor; depois o inquérito da Duma, seguido pelos encontros de Kokóvtsov e Rodzianko com o tsar; em seguida veio a ataque de Gutchkov em março na Duma. No decorrer disso tudo, a imprensa e a polícia jamais o deixavam em paz. Raspútin era caçado como um animal. Começaram a circular histórias de que não aguentava mais e estava tentando conseguir um passaporte estrangeiro para deixar o país; os rumores se tornaram tão persistentes que Andrei Stankevitch, governador de Tobolsk a partir de fevereiro de 1912, se sentiu no dever de telegrafar para o chefe de polícia em Petersburgo dizendo que era tudo mentira. ³ Se a tensão o abatia, ninguém tinha o direito de surpreender-se. E então, para agravar seus problemas, a investigação sobre suas ligações com a seita *khlist*, longamente adormecida, ganhou vida nova.

Por que e por quem a investigação foi retomada não está claro. Parece que houve mais de uma fonte responsável. Em Petersburgo, Rodzianko e Gutchkov tentavam revivê-la, e surgiram notícias na imprensa de que o Santo Sínodo se preparava para agir também, em razão dos novos rumores sobre as ligações de Raspútin com os *khlisti*. ⁴ Em fevereiro, o escritório do procurador-chefe do Sínodo, Sabler, solicitou que o dossiê sobre Raspútin lhe fosse enviado pelo Consistório Eclesiástico de Tobolsk, aparentemente por ordem do tsar. De acordo com Kokóvtsov, Nicolau achava que, se Rodzianko lesse o dossiê, também se convenceria de que o falatório sobre as ligações de Raspútin com os *khlisti* não tinha fundamento e ajudaria a pôr fim aos rumores. ⁵ Enquanto tudo isso ocorria, Evsevi, que substituiu Antônio (Karjavin)

como bispo de Tobolsk em março de 1910, ordenou a preparação de relatórios mensais sobre Raspútin registrando minuciosamente por onde andava e o que fazia, incluindo qualquer informação sobre possíveis vínculos com os *khlisti*. Tudo isso deveria ser feito sob grande sigilo. Evsevi tinha sido reitor do Seminário Teológico de Iaroslavl em 1905, onde entrara em choque com o jovem Iliodor por causa da propaganda que o monge fazia do Centúrias Negras. Provavelmente tinha má opinião do famoso amigo (apesar de agora inimigo) de Iliodor, e o bispo — segundo diziam — estava terminando um relatório bastante negativo sobre Raspútin quando foi transferido de forma inesperada para a eparquia de Pskov em 17 de abril de 1912. Um bispo interino, Dionísio (Pável Sosnovski), assumiu o lugar de Evsevi até a chegada de seu substituto, Alexei (Alexei Molchanov), em junho. Dionísio não se contentou em manter aquecido o lugar do bispo, e em 14 de maio instruiu o Consistório de Tobolsk a continuar coletando informações sobre Raspútin. Antes de Alexei partir de Petersburgo para a Sibéria, Damanski o presenteou com o dossiê secreto do consistório sobre o caso da ligação de Raspútin com os *khlisti*, para que se informasse devidamente sobre o assunto. [6](#)

Em 21 de maio, o padre Piotr Ostroumov informou a Dionísio, de Pokróvskoie, que Raspútin frequentara regularmente a igreja e trabalhara no campo durante toda a primavera. Continuava jejuando nos dias santos e fazendo peregrinações ao Mosteiro de Abalak. A única atividade inusitada envolvia Olga Lokhtina. Ela estava morando com os Raspútin desde janeiro e começara a agir de modo estranho. Ostroumov achava que sua mania religiosa tornara-se mórbida, perigosa até. Passara a chamar Raspútin de “Deus” e a dizer a outras pessoas que reconhecessem a santidade dele, caso contrário se arriscariam a incorrer na ira divina. Lokhtina de fato não estava bem. Sua obsessão por Raspútin tinha levado ao rompimento com a família; deixara o marido e os filhos para viver com Raspútin, quando o marido não quis mais aceitá-lo em casa. Por um tempo, foi mantida num hospital para desequilibrados, mas um dia saiu. A família continuou a socorrê-la financeiramente, porém ela nunca mais voltou, vivendo ora com Raspútin, ora com Iliodor. [7](#)

Por volta de 23 de abril, ela partiu de Pokróvskoie, aparentemente

depois de uma discussão com a mulher de Raspútin. Lokhtina fora vista saindo da casa de Raspútin descalça, levando nada mais que um travesseiro. Raspútin foi atrás, e levou-a de volta para casa, onde ela disse que não poderia mais viver. Raspútin conseguiu encontrar um camponês disposto a levá-la até Tiúmen, e depois disso ela desapareceu por um tempo. A polícia vinha monitorando a situação e observou que ela estava sem dúvida “emocionalmente enferma”. ⁸ O *Mensageiro da Sibéria Ocidental* informou em 9 de maio que Lokhtina tinha sido vista pelos moradores de Borki nos arredores de Tiúmen, perambulando de um jeito estranho, descalça e meio despida. ⁹ No fim daquele mês ela apareceu não muito distante do Mosteiro de Florischev, onde Iliodor estava detido. A essa altura, a pouca roupa que vestia estava reduzida a trapos, e ela ameaçava se matar. ¹⁰ O *Tempo Vespertino* publicou uma longa reportagem a respeito de sua situação no dia 18, sob o título “Uma das vítimas de Raspútin”, que apresentava Lokhtina como uma mãe linda e amorosa que fora seduzida pela mania do misticismo e acabara caindo nas garras do *stárets*. Essa mulher outrora voluntariosa tinha se tornado “um joguete obediente nas mãos de um analfabeto camponês siberiano”. Ele destruíra sua alma, arruinara sua vida familiar e até estuprara uma jovem que a família criava, denunciava a reportagem num tom horrorizado. ¹¹ Matéria semelhante apareceu na mesma época no *Mensageiro da Sibéria Ocidental* afirmando que a mulher de Raspútin e seus outros seguidores tinham ridicularizado e aterrorizado a pobre Lokhtina, outrora uma linda e “valente mulher da sociedade”, e que por isso ela fugira da casa de Raspútin, para salvar a própria vida. ¹² Em seu relatório, datado de 21 de maio, o padre Ostroumov escreveu que o que fez Lokhtina fugir foi a recusa de Praskóvia a aceitar que seu marido era de fato Deus. Ela amava o marido, porém isso era obviamente mais do que ela (ou qualquer esposa) poderia tolerar.

Depois que Lokhtina foi embora, Raspútin visitou o mosteiro em Abalak. Durante todo o mês de maio, foi visto distribuindo, “em enormes quantidades”, exemplares dos seus folhetos *Grandes dias de celebração em Kíev!* e *Meditações piedosas* em Pokróvskoie e também em toda a província. Seria justo afirmar que não estava muito preocupado com o destino de Lokhtina. Ostroumov informou em julho que

Raspútín permanecera em casa todo o mês de junho, visitando Zinaida Manshtedt e Akilina Laptinskaia e, por dois dias, o bispo Varnava. ¹³ Não houve nada sobre o comportamento de Raspútín que merecesse comentário.

Naquela primavera, Evsevi tinha, ao que parece, pedido ao padre Aleksandr Iurevski, envolvido inicialmente com os possíveis vínculos de Raspútín com os *khlisti* em 1907, que preparasse um relatório sobre Raspútín. Iurevski contou a um grupo de alunos na Academia Teológica de Tobolsk em maio de 1913 que tinha passado três meses reunindo informações, em boa parte sensacionalistas. Raspútín, disse Iurevski, tinha sido ladrão de cavalos na juventude, e por isso era punido com frequência. Em geral, os anciãos da aldeia o surravam por seus crimes ou mandavam homens mais jovens jogarem-no para cima, deixando-o cair de costas na terra dura, até ele não aguentar mais. O castigo era severo e doloroso, e certa vez ele quase esmagara os genitais ao bater no chão. Mas aquela queda tinha provocado uma misteriosa mudança em Raspútín: agora ele era capaz de manter uma ereção pelo tempo que quisesse. Ao perceber isso, Raspútín teria usado sua nova habilidade para conquistar damas da sociedade entediadas e sexualmente famintas. Conseguia satisfazê-las como nenhum outro, e elas nunca se cansavam dele. Raspútín lhes dizia que nada daquilo lhe dava prazer, pois o que na verdade estava fazendo era expulsar o Diabo de dentro delas. “Seu demônio da carne, saia daqui!”, gritava ele quando se lançava em cima das vítimas, segundo Iurevski.

Iurevski propôs despachar Raspútín para o Mosteiro de Solovetski, no extremo norte da Rússia, como castigo por seus pecados, mas justamente nesse momento Evsevi foi substituído por Alexei. Iurevski disse que o novo bispo era partidário de Raspútín. Apanhou o relatório de duzentas páginas do padre e o atirou no fogo. ¹⁴ Raspútín tinha sido salvo. Se Alexei queimou aqueles documentos, muito provavelmente o fez porque viu que era um momento de mentiras, e com razão. (A história sobre o pênis de Raspútín era sem dúvida absurda.) Mas se Alexei fosse mesmo partidário de Raspútín, por que teria ordenado a Fiódor Kungurov, novo padre de Pokróvskoie, que tentasse “em completo sigilo” encontrar respostas para as muitas perguntas levantadas por Dmítri Berezkin em seu relatório de 1908, após a

investigação inicial, respostas que ele acreditava pudessem finalmente determinar se Raspútin era ou não era *khlist* ?

O padre Kungurov, porém, não queria se envolver. Respondeu ao bispo que só conhecia Raspútin desde julho, quando chegara à aldeia; além disso, seria necessário um especialista com uma boa dose de conhecimento a respeito de seitas para pôr a nu esses grupos secretos, e ele não tinha, de forma nenhuma, esse tipo de especialização. Kungurov escreveu duas vezes tentando ser dispensado da incumbência, e duas vezes foi ignorado. Só depois que Alexei ameaçou rebaixá-lo, mandando-o para uma aldeia menor e mais distante, Kungurov por fim cedeu. E assim, em outubro de 1912, Kungurov, junto com o padre Ostroumov e o diácono Vladímir Briantsev, realizou uma busca na casa e em toda a propriedade de Raspútin, tentando encontrar alguma coisa suspeita. Mas nada sequer remotamente incriminador foi encontrado. Pelo que podiam afirmar, Raspútin não era *khlist* .

Alexei concordou. Em junho, quando ia assumir o cargo de bispo em Tobolsk, fez uma escala em Pokróvskoie. Visitou Raspútin e teve uma longa conversa com ele sobre suas crenças e esperanças religiosas, além de falar com pessoas que o conheciam bem. Depois disso, convidou Raspútin para visitá-lo duas vezes em Tobolsk, onde testou suas “convicções religiosas”. Nada nessas conversas deu a Alexei motivo para acreditar que Raspútin fosse *khlist* . Tudo que descobriu contradizia a opinião negativa que tinha formado sobre Raspútin com base no que lia na imprensa. Não, afirmou Alexei, Raspútin era um “cristão ortodoxo, um homem muito inteligente, de natureza espiritual, que buscava a verdade de Cristo e era capaz de dar bons conselhos aos necessitados”. O único motivo para haver uma investigação, declarou Alexei, era a “grande ignorância [de seus antecessores] sobre seitas e sectários”.

Alexei foi mais longe ainda nesse relatório sobre o assunto em 3 de novembro:

Não posso dar meu apoio ao que o poder da eparquia fez com relação a este assunto, pois com esta investigação ele fez o jogo de todos os inimigos do Trono do Nosso Tsar Russo e de Sua Augustíssima Família. É por isso que a investigação foi bem-aceita pelos inimigos da Autocracia Russa, pelos vários Senhores Gutchkov *et tutti quanti* [...]. Antes de iniciar a investigação era importante ter pensado em suas possíveis consequências.

Em 29 de novembro de 1912, cinco anos depois de iniciada, a

investigação sobre Raspútin e suas conexões com os *khlisti* finalmente foi encerrada. [15](#)

Mas os resultados da investigação não convenceram a todos. Alguns duvidavam de Alexei e seu papel nessa questão. Em primeiro lugar, Alexei conhecia Raspútin desde bem antes do encontro em Pokróvskoie em junho daquele ano, fato que ocultou na carta que escreveu para Damanski em 12 de dezembro de 1912 afirmando que a investigação deveria ser abandonada. Na verdade, Alexei tinha conhecido Raspútin possivelmente já em 1904, em Kazan, onde servira como reitor da academia teológica local. Não se sabe ao certo por que deixou de mencionar essa história ao chefe da Igreja ortodoxa. [16](#)

Já se sugeriu que Alexei tinha ficado muito magoado com sua transferência para Tobolsk, ato punitivo do Sínodo por ter mantido uma amante (uma professora primária de nome Elizaveta Kocheva) e supostamente protegido um grupo de seguidores do falecido Ioann de Kronstadt quando serviu como bispo em Pskov. Aparentemente, Raspútin foi informado de tudo isso pelo filho de Alexei, Leonid Molchanov, secretário do tribunal federal regional de Pskov, que esteve em Pokróvskoie para visitar o pai em julho de 1912. Ao saber disso, consta que Raspútin entendeu o que precisava fazer para limpar seu nome. Foi até Alexei em Tobolsk e lhe fez uma proposta: se suspendesse a investigação, tomaria providências para que fosse transferido da gélida Sibéria (que exacerbava sua nefrite) para o cálido sul, e de fato, em outubro de 1913, o tsar nomeou Alexei exarca da Geórgia — o quarto bispo mais importante na hierarquia da Igreja ortodoxa russa —, promovendo-o a arcebispo e tornando-o membro do Santo Sínodo. Espalhou-se então o boato de que Raspútin interviu para Alexei conseguir o cargo, como o filho de Alexei disse ter sido o caso, embora Raspútin negasse o fato nas páginas do *Jornal de Petersburgo*, em outubro de 1913. O procurador-chefe Sabler considerava verdadeiras as histórias sobre o escuso papel de Raspútin na promoção de Alexei. [17](#) Se isso aconteceu mesmo, não há como provar, e é um assunto que pertence mais ao domínio das fofocas do que ao dos fatos. E é um tanto irônico vindo de Sabler, sobre quem se costumava dizer que tinha se rebaixado diante de Raspútin para conseguir o cargo de procurador-chefe em 1911, e que muitos acreditavam fosse o homem de

Raspútin.

É bem possível que Alexei e Raspútin tenham feito um arranjo para conviver em paz. Ambos se viam como vítimas de forças dentro da Igreja, e por isso talvez tenham combinado apoiar e proteger um ao outro por uma causa comum. Em março de 1913, Alexei designou o próprio irmão Nikolai Molchanov para ser padre em Pokróvskoie, e um dos diáconos da aldeia era Vladímir Selivanóvski, marido da sobrinha de Alexei. ¹⁸ Estaria Alexei colocando “sua” gente em Pokróvskoie para salvaguardar Raspútin? É possível, apesar de nenhum outro clérigo em Pokróvskoie ter dito nada de negativo sobre Raspútin em 1912, fato que implica que ele não tinha necessidade disso.

Há uma curiosa carta (negligenciada por biógrafos anteriores de Raspútin) no Arquivo Histórico Estatal de São Petersburgo, de certo Iákov Afanasev, secretário no gabinete do Consistório de Tobolsk, para Viktor Iatskevitch, diretor do gabinete do procurador-chefe do Sínodo, datada de 8 de novembro de 1912. Com uma boa dose de cautela e em linguagem direta, Afanasev informa a Iatskevitch que Alexei encerrou a investigação sobre Raspútin de maneira apressada e não inteiramente apropriada, sem prova cabal da inocência do *stárets*. Não tem certeza se isso foi comunicado ao procurador-chefe, e pergunta o que deve fazer: ficar calado, e com isso correr o risco de desagradar ao procurador, ou passar adiante a informação e correr o risco de desagradar ao superior imediato, o bispo Alexei. Afanasev termina a carta pedindo que a comunicação entre eles permaneça “secreta”. Afanasev, ao que tudo indica, nada tinha a temer, pois o próprio procurador-chefe respondeu no mês seguinte que já fora plenamente informado da decisão final de Alexei e do consistório e estava satisfeito com o resultado. ¹⁹

E houve também a opinião de Vladímir Bontch-Bruievitch, especialista em sectarismo russo. Foi ideia de Gutchkov levar Bontch-Bruievitch a fazer uma entrevista com Raspútin e dar sua opinião sobre o assunto. A apresentação ficou a cargo da baronesa Varvara Iskul von Gildebrand, em cuja casa Bontch-Bruievitch tinha visto Raspútin pela primeira vez, e os dois se encontraram várias vezes para conversar sobre assuntos variados, tanto sozinhos como acompanhados por observadores. Depois de horas de exame cuidadoso, Bontch-Bruievitch chegou à conclusão de que Raspútin era de fato um cristão ortodoxo

praticante e fiel, não um sectário, e de forma nenhuma um *khlist*, opiniões que manifestou a um seletivo grupo de membros do partido outubrista. (Bontch-Bruievitch gostava de contar a história de como, ao entrar em seu apartamento, Raspútín ficou encantado com um grande retrato na parede: “E quem é esse? Me diga, quem é esse? [...] Isto é um homem... Oh, você, meu Deus! Sansão, meu amigo, é um Sansão... Você precisa me apresentar a ele! Quem é? Onde mora? Vamos visitá-lo, agora mesmo. É o tipo do homem que as pessoas seguiriam, em massa”. Bontch-Bruievitch, perplexo, explicou que era um pensador famoso, morto havia muito tempo, chamado Karl Marx. Ficou claro para Bontch-Bruievitch que Raspútín ouvia o nome pela primeira vez.) ²⁰

Nem todo mundo, porém, estava disposto a aceitar a avaliação profissional de Bontch-Bruievitch. Gutchkov mais tarde se perguntaria se Bontch-Bruievitch, o bolchevique, não tinha mentido deliberadamente para eles, pois sabia muito bem do valor de Raspútín para o movimento revolucionário. ²¹ É uma ideia fascinante, mas improvável.

Oficialmente, a questão dos vínculos de Raspútín com os *khlisti* estava encerrada. Mas no fim a determinação da Igreja não alterou em nada a percepção popular sobre Raspútín, e quando ele voltou para Petersburgo, em 15 de novembro daquele ano, o *Tempo Vespertino* logo anunciou que o “famoso *khlist* Grigóri Raspútín chegou ontem à noite”. ²² Estabeleceu residência no no 20 da rua Nikoláievski, no apartamento de um professor chamado Ivan Zeiman. A polícia estava inusitadamente interessada em seguir cada movimento seu. Inclusive, nos dois últimos meses do ano, agentes da Okhrana encheram 140 páginas de relatórios de vigilância. Este, por exemplo, era de 18 de novembro. Dizia que Raspútín (também conhecido como *Russki*, “O Russo”) saiu aquela noite com “Gralha” e “Corvo”. O agente fez o possível para registrar cada detalhe: “Gralha carregava um pequeno cesto enrolado em papel amarelo”. Os agentes registraram que seus movimentos nas ruas nos dias 25 e 26 eram “extremamente cautelosos e lentos”. E não estavam seguindo apenas Raspútín, mas todo mundo que tivesse contato com ele. Durante vários dias, ele andou num automóvel com placa de no 15. Agentes checaram os dados sobre o veículo — pertencia ao grão-duque Gueórgui Mikháilovitch, irmão de Sandro.

Um *spravka* — documento contendo informações físicas e biográficas essenciais — foi preparado para cada pessoa com quem Raspútín se encontrava. Este, de 1o de dezembro de 1912, era típico:

Spravka sobre o c[aso] de “O Russo”

Senhora desconhecida com traje extravagante hospedada no no 10 do Moika não mora lá, mas tem visitado o conhecido apartamento no 2, onde mora Golovina, Liubov Valerievna, 59 anos, viúva do camareiro-mor DE SUA MAJESTADE Vigente Conselheiro Priv. e suas filhas: Olga Ievgenievna, 37 anos, e Maria Ievgenievna, 25 anos.

A senhora extravagante esteve ali hoje também, com base em sua roupa pode-se concluir que pertence à instruída classe dos *khlisti*.

Insp. de polícia Ivánov

A “senhora extravagante”, como se constataria, era ninguém menos que Olga Lokhtina. ²³ Os agentes a acharam particularmente suspeita. Em outro relatório, ela é descrita assim: “Esposa do vig[ente] conselh[eiro], chefe de comunicações do distrito de Kazan, O. Vlad. LOKHTINA, 50 anos, aparentemente uma sectária religiosa psicopata que chama a si mesma de ‘A Virgem’. Os trajes de Lokhtina chamam atenção especial — gorro vermelho e vestido branco com laços de fita vermelha”. ²⁴ Os agentes tinham certeza de que Lokhtina era *khlist*, assim como Raspútín.

Mas seria mesmo? Depois da Revolução de Fevereiro, o governo provisório voltou ao assunto pela terceira vez. O homem incumbido de fazer a investigação foi o professor Gromoglasov, especialista em sectarismo da Academia Teológica de Moscou. Depois de examinar o material disponível, incluindo relatórios sobre banhos com mulheres — prática bastante comum em certas partes da Sibéria — e todos os escritos de Raspútín sobre religião, Gromoglasov não encontrou prova alguma de que se tratasse de um *khlist*. ²⁵ Vladímir Rudnev, membro da Comissão posterior à Revolução, que teve total acesso aos arquivos sobre Raspútín, chegou à mesma conclusão. ²⁶ Diante das tentativas de alguns nacionalistas de canonizar Raspútín, a Igreja ortodoxa russa examinou recentemente o assunto pela quinta vez. Em 2004, o metropolita Juvenali divulgou uma declaração num importante concílio afirmando que não surgiram provas suficientes para justificar uma reabilitação, menos ainda uma canonização, de Raspútín. De acordo com a política oficial da Igreja, a questão de Raspútín e os *khlisti* continua sem resposta. ²⁷

A Igreja talvez esteja indecisa, mas a maioria dos historiadores não, e há entre eles um consenso de que Raspútin não era *khlist* . [28](#) Talvez o argumento mais convincente tenha sido apresentado pelo famoso escritor e dissidente Andrei Amalrik na biografia que deixou incompleta. Amalrik chamou a atenção para o comparecimento regular e fiel de Raspútin à igreja; o óbvio amor e respeito aos ritos e rituais da ortodoxia russa; a dedicação (à sua maneira, claro) ao casamento e à paternidade; as orações que fazia por todos os crentes e sua fé em que qualquer um pode ser salvo, não apenas os membros da sua “seita”. A postura de Raspútin diante da religião, argumentava Amalrik de forma convincente, era essencialmente ecumênica, e ele não era de maneira nenhuma um homem limitado pelas restrições de qualquer seita, ou mesmo da própria Igreja oficial. [29](#)

Raspútin era *khlist* ? A resposta é não.

32. Milagre em Spała

Em meados de setembro, depois de celebrar o centenário da Batalha de Borodínó em Moscou, a família real viajou de trem na direção oeste para descansar na propriedade de caça polonesa de Białowieża e depois em Spała, uma casa de campo de madeira aninhada no meio de uma densa floresta que no passado fora a morada dos reis da Polônia. Um dia, Alexandra levou Alexei para um passeio de carruagem com Anna Vírubova. Quando seguiam por uma estrada acidentada, o pequeno, que ainda não se recuperara de um ferimento recente, começou a queixar-se de dor na perna e no abdome. Preocupada, Alexandra ordenou ao cocheiro que os levasse de volta. A cada solavanco da carruagem, Alexei, que tinha oito anos, gritava de dor. Vírubova recordava-se dessa viagem como “uma experiência de terror”. Quando chegaram a Spała, Alexei estava quase inconsciente.

Foi imediatamente examinado pelo dr. Ievguêni Botkin, que descobriu uma severa hemorragia na coxa e na virilha do menino. O sangramento não parava, e um enorme hematoma começou a formar-se quando o sangue procurava percorrer o corpo. A virilha e o abdome incharam e se comprimiram. Alexei sofria muito. Mais ajuda médica veio de Petersburgo: o pediatra Serguei Ostrogorski, o dr. Rauchfuss, e o cirurgião imperial Serguei Fiódorov com seu assistente dr. Vladímir Derevenko. Nenhum deles, porém, pôde fazer nada para ajudar o menino. Seus gritos eram cada vez mais altos, obrigando os empregados e a equipe a enfiarem algodão nos ouvidos. A tortura se estendeu por mais de dez dias. Alexandra, transtornada, permanecia ao lado da cama. Enquanto ele estava deitado, chorando por causa da dor insuportável, ela segurava-lhe as mãos, acariciava-lhe a testa, rezava e chorava.

“Mamãe”, gemia ele, “me ajude. Não vai me ajudar?” Nicolau não tinha forças para ficar no quarto do menino. Ao ver o filho naquele estado, saía de casa aos prantos. “Ela aguentou a provação melhor do que eu”, confessaria depois à mãe. Nicolau e Alexandra estavam certos de que o filho ia morrer. Alexei também sabia, mas isso lhe dava algum conforto. “Quando eu estiver morto não vai mais doer, vai, mamãe?” ¹

Quando se soube que começaram a circular na capital boatos de que havia alguma coisa de terrivelmente errado com o tsarévitch, decidiu-se publicar boletins oficiais sobre a doença do menino, mas sem citar a causa exata. Havia referências a uma “hemorragia abdominal”, a “hemorragia generalizada” e a “hematomas”, mas a palavra “hemofilia” nunca apareceu. Os boatos e conversas fervilhavam, e o país inteiro pôs-se a conjecturar. O embaixador francês Georges Louis transmitiu a Paris a história de que Alexei tinha sido vítima de uma tentativa de assassinato, e que Alexandra ficou tão agitada que os médicos tiveram de segurá-la para que não se jogasse pela janela. ² Fiéis se juntavam para orar nas igrejas do império. Apesar disso, a situação do menino piorava. Alexei recebeu o último sacramento. Foram tomadas providências para anunciar a morte do herdeiro do trono. ³

Foi nesse momento que Alexandra recorreu a Raspútin como sua derradeira esperança. Depois de administrado o último sacramento, ela pediu a Vírubova, pouco antes da meia-noite, que passasse um telegrama para Raspútin em Pokróvskoie e lhe pedisse que orasse por Alexei. Raspútin respondeu quase de imediato. O telegrama original se perdeu, e várias versões do que Raspútin respondeu apareceram impressas, todas mais ou menos com o mesmo conteúdo. “Deus viu Vossas lágrimas e ouviu Vossas preces. Não fique triste. O pequeno não vai morrer. Não deixe que os médicos o atormentem demais.” ⁴ Na manhã seguinte, a situação de Alexei em nada mudou. Mesmo assim, Alexandra sentiu-se mais aliviada. “Os médicos não perceberam melhora nenhuma”, disse ela, “mas agora não estou nem um pouco aflita. À noite recebi um telegrama de padre Grigóri e ele me tranquilizou completamente.” E de fato assim foi. No dia seguinte, a hemorragia estancou. Alexei viveria.

Como escreveu o historiador Robert K. Massie, “o papel

desempenhado pelo telegrama de Raspútin na recuperação de Alexei continua sendo um dos episódios mais misteriosos de toda a lenda de Raspútin”. As pessoas mais envolvidas com o que se passou — Alexandra, Vírubova, o próprio Alexei — praticamente nada disseram sobre a influência de Raspútin; Nicolau, numa longa carta à mãe datada de 20 de outubro, escreveu sobre o papel dos médicos e do padre Vasilev, que deu a comunhão ao menino no dia 10, mas não fez nenhuma menção a Raspútin ou ao telegrama. Raspútin também jamais falou sobre o episódio. ⁵ Diante disso, que papel teve Raspútin na recuperação do menino?

Não existe uma resposta óbvia. A medicina não sabia tratar da hemofilia no começo do século XX, e parece razoável supor que os persistentes exames médicos serviram apenas para agravar a hemorragia interna, uma vez que inibiam a formação dos coágulos necessários. Olhando para trás, a melhor coisa que poderiam ter feito por Alexei era simplesmente deixá-lo em paz — a única esperança para alguém que sofria da doença naquele tempo era que a hemorragia estancasse por conta própria, exatamente o que aconteceu com Alexei em ocasiões anteriores.

A recuperação aparentemente miraculosa de Alexei em Spała e o obscuro papel de Raspútin levam à questão maior dos seus poderes de cura — sempre comentados, mas ainda mal compreendidos e muito mitificados. A fama de Raspútin como poderoso curandeiro ainda é um dos aspectos mais marcantes de sua identidade pública. Mas ele de fato teria semelhantes poderes? Caso os tivesse, como funcionavam? De onde vinha exatamente esse dom tão pouco comum?

Na época, obviamente, havia muita gente que não acreditava que Raspútin tivesse tais poderes. Alguns alegavam que qualquer ligação entre as palavras de Raspútin e as recuperações do menino não passava de coincidência. Raspútin, em outras palavras, apenas tinha a sorte de aparecer junto ao leito do enfermo ou dizer uma prece, ou mandar um telegrama consolador no momento oportuno, quando a hemorragia estava estancando por conta própria, independentemente de sua intervenção. Era essa a opinião de Lili Dehn, uma das pessoas mais próximas de Alexandra, portanto em boa posição para falar com conhecimento de causa. ⁶

Outros percebiam coisa mais sinistra. Vírubova, pelo que se dizia, não era a amiga inocente da imperatriz que fingia ser, pois na verdade trabalhava em conjunto com Raspútín e o dr. Badmáiev para controlar Alexandra explorando seus temores sobre a saúde do filho. O plano funcionaria assim: Badmáiev, recorrendo aos seus conhecimentos de medicina esotérica chinesa, produzia um pó de chifre de jovens veados siberianos e raiz de ginseng que, em pequenas doses, reavivavam o parco desejo sexual de homens idosos, mas em doses maiores podiam provocar hemorragia interna. Ele passava esse preparado para Vírubova que, às escondidas, o misturava na comida e na bebida de Alexei. O menino começava a sangrar, ficando mortalmente doente. Os médicos tentavam de tudo para socorrê-lo, mas em vão, porque Vírubova continuava a envenenar o tsarévitch, e só parava quando Raspútín era chamado. Raspútín aparecia ao lado da cama do menino enfermo e logo ele reagia, fornecendo toda a prova de que Alexandra precisava sobre os seus notáveis poderes de cura.

Parece que essa história teve origem em Iliodor; a fonte dela, entre outras coisas, demonstra seu absurdo. ⁷ A história se tornou bastante aceita, ao que parece, pelo número de vezes que foi repetida, pelas pessoas mais diferentes, como o príncipe Félix Iussúpov, Nikolai Sokolov, que investigou o assassinato dos Románov nas mãos dos bolcheviques, e o escritor e jornalista popular William Le Queux. Uma fábula parecida foi transmitida a um funcionário da chancelaria alemã em Lucerna no começo de 1916 por certa “Madame N.”, uma russa com conexões na corte. ⁸ Sokolov levou a história um pouco mais longe, à sua conclusão lógica e perversa, escrevendo que Raspútín, tendo provado seu valor para Alexandra, ameaçou-a dizendo que o herdeiro só viveria enquanto ele também vivesse. Em seguida, Raspútín subiu o tom, afirmando que, se morresse, todos eles pereceriam. ⁹

Apesar da conhecida reputação de curandeiro, há apenas alguns casos em que se disse que Raspútín de fato curou alguém. Um deles foi o do filho do seu secretário Aron Simanovitch, que teria sido curado da Dança de São Vito (coreia de Sydenham). Outro envolve Olga Lokhtina, que disse à Comissão ter sido por ele curada de “neurastenia dos intestinos”, de que sofreu por cinco anos e da qual nenhum médico, incluindo especialistas europeus, conseguiu livrá-la. Mas esses dois

exemplos devem ser vistos com extremo ceticismo: as memórias de Simanovitch são conhecidas por serem pouco confiáveis, e Lokhtina claramente padecia de doença mental, com toda a probabilidade a base da sua doença de nome misterioso. ¹⁰ O embaixador alemão informou no começo de 1916 que Raspútín tinha curado as filhas do tsar quando mais novas, insinuando que além disso ele tivera discutível acesso às jovens. ¹¹ Isso, claro, não passava de fofoca de sociedade.

E há também o episódio com Vírubova, mencionado como prova do poder de cura de Raspútín. Em 2 de janeiro de 1915, ela viajava num trem que bateu entre Petrogrado e Tsárskoie Seló. Quase morreu no acidente e ficou presa durante horas nos destroços, no meio da neve, as duas pernas esmagadas, antes de ser levada para o hospital. Estava numa situação horrível, inconsciente, e parecia incapaz de sobreviver mais que algumas horas. Um padre leu os últimos ritos. Até que Raspútín chegou, foi até a cama dela, segurou-lhe a mão e disse em voz alta: “Annuchka, acorde. Olhe para mim”. Ela abriu os olhos e, vendo Raspútín, sorriu e disse: “É você, Grigóri?”. Acariciando-lhe a mão, ele disse, para que outros pudessem ouvir: “Vai viver, mas ficará aleijada”. ¹²

Raspútín estava certo. Ela sobreviveu, porém nunca mais andou sem muletas. A história foi repetida muitas vezes, por pessoas diferentes, mas que nem estavam lá, o que suscita dúvidas a respeito de sua veracidade.

Valentina Chebotariova, enfermeira graduada do hospital de guerra de Alexandra em Tsárskoie Seló, foi posteriormente informada sobre o acidente pela médica que prestou assistência, a princesa Vera Gedroits. “Mandaram chamar Grigóri. Não aguentei aquilo, mas não poderia culpar ninguém. A mulher estava morrendo, acreditava em Grigóri, em sua santidade, suas preces. Ele chegou assustadíssimo, a barba sacudindo, os olhos inquietos.” Pegou as mãos da dra. Gedroits: “Ela vai viver, ela vai viver [...]. Pois eu vou salvá-la”. De acordo com Gedroits, o tsar achou isso um tanto engraçado e tentou conter um sorriso, dizendo: “Cada um tem seu próprio jeito de curar”. Chebotariova estava convencida de que Nicolau não acreditava na santidade nem nos poderes de Raspútín, mas estava disposto a aceitar que outros acreditassem. ¹³

A própria Vírubova não se lembrava do episódio como prova de

algum poder de Raspútin. Lembrava-se de Raspútin entrando no quarto (portanto não estava inconsciente quando de sua chegada, como outros afirmaram) e dizendo às pessoas em volta da cama que ela sobreviveria, mas ficaria aleijada. Então Raspútin aproximou-se da cama, e ela lhe perguntou por que não estava rezando para aliviar sua dor. Só isso. Nada mais. ¹⁴ É difícil saber exatamente o que pensar desse incidente. O que fez Raspútin por Anna, além de ficar ao lado da cama, acariciar-lhe a mão e dizer que ela viveria? Quem sabe sua simples presença tenha bastado para salvar a vida dela?

Alexandra jamais duvidou que Raspútin, como instrumento de Deus, tivesse o poder de curar seu filho, porém se costuma esquecer que o siberiano não curou o tsarévitche: o menino continuou afligido pela hemofilia pelo resto da vida. O importante é que Alexei não morreu enquanto Raspútin estava vivo, e para uma mãe ansiosa isso bastava. (Apesar de Alexei não ter morrido da doença depois da morte de Raspútin, vale o registro.) Alexandra estava convencida de que era a fé — tanto a dela como a de Raspútin — que protegia a vida do filho. E foi através das lentes da fé que os atos de Raspútin adquiriram uma aura miraculosa. Dostoiévski capturou bem essa visão de mundo em *Os irmãos Karamázov*: “No realista”, escreveu ele, “não é a fé que nasce do milagre, mas o milagre que nasce da fé”. ¹⁵ Só com fé o milagre é possível.

O poder de Raspútin ia além de suas preces e animava os objetos em que tocava. Quando Vírubova adoeceu, no começo de 1916, Alexandra a instruiu a permanecer na cama e beber vinho tinto abençoado por Raspútin. Alexandra fazia questão de beber um pouco também e de mandar o que sobrava para Nicolau no quartel-general do Exército. E havia ainda outros talismãs. Durante a guerra, Alexandra gostava de enviar para Nicolau flores e crostas do pão dele, conhecidas como “tostadas de Raspútin”, para manter Nicolau a salvo e trazer a vitória para as tropas. ¹⁶ A sociedade conhecia a importância dos amuletos de Raspútin e inventava numerosos mitos a respeito. Um dos mais populares dizia que, durante uma consulta, médicos encontraram um colete sujo perto do corpo de Alexei. Quando manifestaram surpresa, Nicolau lhes disse que não ficassem preocupados, pois pertencia a Raspútin e estava ali para ajudar os esforços dos médicos. ¹⁷ Iliodor

contou que Raspútin se gabava de ter curado o tsar de uma dor de garganta enviando-lhe o colarinho de uma camisa para que enrolasse no pescoço antes de dormir. No dia seguinte, a dor tinha desaparecido; Nicolau disse que foi um milagre. ¹⁸

Estranhamente, Alexandra, ao que tudo indica, não procurava Raspútin para resolver os infindáveis problemas de saúde (reais ou imaginários) que a afligiam. Isso não quer dizer que ele não a consolasse de vez em quando. Em novembro de 1916, por exemplo, ela escreveu para Nicolau contando que, graças à ajuda de Raspútin, enfim conseguira dormir bem noites a fio. ¹⁹ O que exatamente Raspútin fez, ela não diz. A escritora Nadejda Lokhvitskaia, mais conhecida como Teffi, escreveu que num jantar em abril de 1915 Raspútin contou como ajudava a imperatriz. “Ela está doente. O peito dói muito. Coloco minha mão nele e rezo. Rezo bem. E ela sempre se sente melhor depois das minhas orações. Ela está doente. Precisamos rezar por ela e pelos filhos. Não está nada bem... nada bem...” ²⁰ Alexandra gostava de instruir outras pessoas da corte a pedirem ajuda a Raspútin quando elas ou seus entes queridos adoecessem, mas parece nunca ter pedido a ele que a curasse da nevralgia e da neurastenia que a mantinham tanto tempo acamada. ²¹ Em vez disso, o que Raspútin parece ter dado à imperatriz foi o alívio ocasional dos seus sintomas — irritabilidade, desconforto, insônia. ²²

Os médicos do tsarévitch — Fiódorov e Ostrogorski, que desprezavam Raspútin — declararam com franqueza, e mais de uma vez, que tinham assistido a incidentes nos quais o *stárets* conseguira trazer alívio para Alexei e de fato fazer o sangramento estancar. A grã-duquesa Olga, irmã do tsar, disse a mesma coisa a respeito do poder de Raspútin sobre o menino, e ela também não era nenhuma fã do siberiano. ²³

Uma teoria, proposta por Veniamin, sobre os poderes de Raspútin situa-os numa habilidade dos camponeses de “falar com o sangue”, ou seja, o poder de parar um sangramento só mediante o uso de palavras. ²⁴ A baronesa Sophie Buxhoeveden recordava-se, em suas memórias, de ter assistido a um desses eventos quando era criança na propriedade do avô, quando seu cavalo favorito sofreu um corte na perna. O veterinário

foi chamado, mas não conseguiu estancar o sangramento, por isso falou ao velho sobre um camponês chamado Aleksandr que supostamente conhecia “uma palavra misteriosa capaz de parar qualquer tipo de sangramento”. O médico achava que era só superstição de gente do campo, mas o avô, desesperado, mandou chamar Aleksandr. A pequena Sophie ficou impressionada com os olhos estranhos e sinistros do homem: “Sua mirada severa parecia atravessar a gente”. Aleksandr pegou a perna do cavalo e pôs as mãos suavemente em cima do ferimento, que jorrava sangue. Com tranquilidade, começou a murmurar baixinho, tão baixinho que não dava para entender o que dizia, enquanto passava o dedo no corte. Então, para espanto de todos, o sangue parou de escorrer. Os que estavam lá e viram com os próprios olhos não eram capazes de explicar o que testemunharam.

Mais tarde, o avô contou a Sophie que tinha ouvido falar nesses “sanguessugas de cavalo”, camponeses que viviam tão perto deles que tinham adquirido um conhecimento íntimo e profundo dos seus animais e descobriram como exercer uma suave pressão e estancar qualquer tipo de sangramento. Esses segredos eram muito bem guardados, transmitidos de pai para filho; alguns acreditavam que eles tinham poderes sobrenaturais. E às vezes usavam essas habilidades até com seres humanos. Sophie se perguntava se Raspútín não seria um desses “sanguessugas de cavalo”. ²⁵ Uma consequência lógica dessa noção era que Raspútín tinha algum raro poder de toque, de que se gabava muito, segundo Iliodor. De fato, o mito do poder magnético do toque de Raspútín, supostamente forte o bastante para curar ao mais leve contato, ainda hoje persiste. ²⁶

Já se sugeriu que Raspútín recorria ao hipnotismo. Mas Maria, filha de Raspútín, insistia em dizer que o pai jamais usava o hipnotismo e não tinha ideia de como isso funcionava ou era praticado. Veniamin concordava com Maria. ²⁷ Mas muitos contemporâneos de Raspútín discordavam. Iliodor achava que Raspútín recorria a poderes hipnóticos (bem como à “eletricidade” que lhe emanava das mãos e dos olhos), opinião compartilhada por Charles Sydney Gibbes, preceptor inglês das crianças Románov, por Voeikov, comandante do palácio, e por vários ministros. A imprensa russa publicou uma fotografia de Raspútín hipnotizando Olga Lokhtina, que ele rápida e publicamente descreveu

como falsa, insistindo, nas páginas do *Jornal de Petersburgo* em janeiro de 1914, que jamais estudou hipnotismo e não tinha habilidade para isso. [28](#)

A crença de que Raspútin usava o hipnotismo para curar e controlar as pessoas era bastante generalizada. [29](#) Kokóvtsov escreveu em suas memórias que achava que Raspútin talvez tivesse tentado hipnotizá-lo em seu gabinete (mas acrescentando que Raspútin podia estar apenas examinando-o atentamente, pois era o seu primeiro encontro — Kokóvtsov não tinha certeza), e Stolípín, segundo Rodzianko, sentiu um “grande poder hipnótico” parecido durante seu encontro com o *stárets*, ao qual conseguiu resistir. [30](#) Era uma alegação comum entre os inimigos de Raspútin no governo: ou seja, a de que tinha desmesurados poderes hipnóticos, mas eles (homens de grande força de vontade) eram fortes o bastante para resistir à sua energia. A afirmação foi feita por Félix Iussúpov e Aleksandr Rímski-Kórsakov, mestre dos estábulos imperiais, bem como pelo ministro do Interior Alexei Khvostov, que disse ainda que os agentes que monitoravam Raspútin não costumavam ser tão fortes, submetendo-se facilmente à sua vontade, razão pela qual precisavam ser constantemente substituídos. [31](#) (Apesar disso, Khvostov disse ao editor Serguei Melgunov no segundo semestre de 1915 que enfim tinha se livrado da mania de roer as unhas graças aos poderes de sugestão de Raspútin.) [32](#) Alguns, como Nikolai Evreinov, popular dramaturgo e personalidade do teatro, em *O mistério de Raspútin* (1924), afirmavam que o poder do siberiano vinha não apenas do “hipnotismo comum”, mas de seu “hipnotismo sexual” especial, que fazia dele um homem tão bem-sucedido com as mulheres. [33](#) Teffi afirmou que Raspútin tentou hipnotizá-la, tendo usado o toque num esforço para subjugar a com a corrente de sua intensa força de vontade. Ela o descrevia como magnetizador, mesmerizador, embora não poderoso o suficiente para controlá-la. [34](#) William Le Queux alegou que um famoso alienista russo lhe explicara que Raspútin, além da influência hipnótica natural, tinha a rara habilidade de contrair voluntariamente as pupilas dos olhos, não importasse a quantidade de luz na sala, característica essa que lhe dava um poder extraordinário sobre as pessoas e era, segundo esse suposto estudioso, sinal inequívoco do “degenerado criminoso”. [35](#)

Os arquivos policiais contêm alguns relatórios sugestivos, ainda que vagos, de que no começo de fevereiro de 1914 Raspútin teve aulas de

hipnotismo com “certo Gerasim Dionisievtch PAPNADATO” num apartamento na avenida Mali, em São Petersburgo. Papnadato (nos arquivos identificado como “O Músico”) é descrito como um jovem de 25 anos, magro, “tipo armênio, tez escura”, com cabelos pretos e bengala preta. A polícia o seguiu durante algum tempo naquele mês, mas ao que tudo indica parou depois dos poucos encontros entre os dois, fato que sugere que Papnadato talvez estivesse tão interessado em descobrir os segredos do poder de Raspútin quanto este estava interessado no hipnotizador. [36](#)

Esse Papnadato é provavelmente o homem a que Stepan Belétski se refere em suas memórias como um dos “magnetizadores de Petrogrado” ligados a Raspútin, os quais monitorou como chefe de polícia no fim de 1913. Belétski interceptou uma carta do homem para a amante em Samara, na qual ele fala da esperança de obter ganhos materiais graças às suas conexões com Raspútin. Mencionava também as possibilidades de seu aluno como hipnotizador, levando em conta sua grande força, bem como os raros dons de concentrar a vontade dentro de si mesmo. Belétski mandou seus homens descobrirem mais coisas sobre essa figura sombria, mas ele acabou percebendo que era vigiado e desapareceu da cidade antes que pudessem pegá-lo. Belétski não sabia dizer se Raspútin tinha continuado seus estudos de hipnotismo. [37](#) Seja como for, nem “imobilização do sangue” nem hipnotismo podem ser usados como explicação para o que aconteceu em Spala — pela simples razão de que Raspútin não estava presente.

Para Alexandra, a resposta era simples: Raspútin era um homem de Deus, que manifestava Seu poder por intermédio dele. As preces de Raspútin, verdadeiro homem santo, tinham o poder de curar seu filho doente. Antes de rejeitar esse raciocínio logo de saída, é bom lembrar que ainda hoje se acredita amplamente na eficácia do poder intercessório de cura. Bom exemplo disso são os Estados Unidos. De acordo com uma pesquisa Gallup de 1996, 82% dos americanos acreditavam no “poder de cura da oração pessoal” e 77% concordavam com a declaração de que “Deus às vezes intervém para curar pessoas com doença grave”. Os médicos também parecem compartilhar dessas crenças. Uma pesquisa feita em 2004 com 1100 médicos americanos revelou que 73% acreditam que curas milagrosas de fato acontecem.

Tão generalizada é a crença na eficácia da oração para curar que cientistas e pesquisadores nas grandes universidades têm sido levados a examinar o assunto, e as editoras acadêmicas de maior prestígio publicam monografias a esse respeito. ³⁸ Entre 2000 e 2005, o governo federal americano gastou mais de 2 milhões de dólares financiando pesquisas sobre o potencial poder de cura da oração. Para os defensores da oração, os resultados, porém, não têm sido animadores. Em 2006, o maior desses estudos, encabeçado pelo dr. Herbert Benson, cardiologista da faculdade de medicina da Universidade Harvard e fundador do Instituto Mente/Corpo do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston, revelou que a prece intercessória não teve nenhum efeito perceptível em 1802 pacientes submetidos a cirurgia de ponte de safena. Inclusive, os pacientes informados de que outras pessoas rezavam por eles (como parte do estudo, alguns foram informados, outros não) tiveram índices mais altos de complicação pós-cirúrgica. Os resultados coincidiam com os de um estudo de 1997 na Universidade do Novo México que revelou que alcoólatras em processo de reabilitação se saíam pior se soubessem que outros oravam por eles. ³⁹

Apesar disso, como até mesmo alguns pesquisadores admitem, as ligações entre oração, crença religiosa e saúde não são apenas notoriamente complexas como podem estar fora da capacidade de mediação de qualquer método científico. Raspútin pessoalmente jamais disse que fazia milagres, insistindo que se suas palavras certa vez desempenharam algum papel na cura de alguém foi porque não passavam de manifestação da vontade de Deus, expressão da graça divina. ⁴⁰ Vírubova revelou que Raspútin em geral hesitava em rezar pelos doentes. “Sei de muitos casos de doença em que as orações de Raspútin foram solicitadas”, escreveu ela, “e se ele fosse desse tipo poderia ter pedido, e recebido, grandes somas de dinheiro. Mas o fato é que com frequência se mostrava extremamente relutante em exercer qualquer poder estranho que tivesse. Em alguns casos, envolvendo crianças doentes, chegava a alegar que ‘se Deus o levar agora talvez seja para salvá-lo de pecados futuros’.” ⁴¹

Teriam as orações de Raspútin salvado a vida de Alexei em Spala? Possivelmente, embora não se possa afirmar com certeza que Raspútin

orou por ele, como Alexandra pedira. Com base no que sabemos, ele telegrafou de volta para dizer que os médicos deveriam deixar o menino em paz e que Alexei viveria, nada mais: não mencionou se tinha ou não rezado, ou o que Deus lhe teria comunicado. Isso, na verdade, era típico de Raspútin. Ele não rezou por Vírubova em 1915, e não há prova de que tenha orado por Alexei, além de simplesmente dizer a Alexandra que o menino sobreviveria. Porém não eram bem as orações de Raspútin que importavam, mas suas palavras — seguras, confiantes, imperativas. E é em suas palavras, mais do que na reação de Alexandra a elas, que está a explicação do estranho poder de Raspútin sobre o menino doente.

Apesar de todas as evidências médicas contrárias, Alexandra acreditou totalmente em Raspútin quando ele lhe disse que Alexei se recuperaria em outubro de 1912. As promessas de Raspútin acalmaram a mãe ansiosa, aflita, enchendo-a de uma confiança inabalável, e ela, por sua vez, transmitiu essa confiança para o filho doente, literalmente devolvendo-lhe a saúde com sua força de vontade.

À primeira vista, tal pensamento pode parecer implausível, mas isso tem menos a ver com a falácia da ideia do que com nossa limitada compreensão do papel da mente na saúde humana. Só nos últimos cinquenta anos a conexão entre estresse e saúde física foi estabelecida, e pesquisadores de instituições como o já mencionado Instituto Mente/Corpo e o Centro Cousins para Psiconeuroimunologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles estão apenas começando a explorar as formas de interação entre o corpo e o cérebro e o poder deste último no alívio e na recuperação de doenças. Já se comprovou que o simples descanso por meio de certas técnicas (meditação, prece repetitiva, ioga, respiração diafragmática) não só reduz a pressão arterial, mas também ameniza a insônia, a arritmia cardíaca, alergias e dores agudas. ⁴² Há décadas se reconhece o poder da ansiedade e das emoções negativas no agravamento dos efeitos da hemofilia, e, inversamente, do relaxamento e da calma no decréscimo do fluxo sanguíneo nos capilares e como ajuda do processo de cura. ⁴³

Outro aspecto pertinente da equação mente/corpo é o efeito placebo. A Faculdade de Medicina da Universidade Harvard, juntamente com o Centro Médico Diaconisa Beth Israel de Boston, recentemente

estabeleceu o Programa de Estudos de Placebo e Encontro Terapêutico para estudar o papel do ritual médico, do contexto cultural e do poder da imaginação no processo de cura. Muito mais do que uma pílula de açúcar, o efeito placebo passou a ser visto como essencial em toda a rede de interações entre médicos e pacientes, e as pesquisas mais recentes começam a mostrar a importância vital da cultura da medicina — desde o jaleco branco do médico a seus diplomas no consultório, seu tom de voz e até mesmo a força do seu contato visual — para ajudar no restabelecimento dos pacientes. O alcance do efeito placebo está se revelando espantoso, de mudanças na frequência cardíaca e na atividade química no cérebro à redução dos sintomas do mal de Parkinson. [44](#)

Numa época em que a ciência não tinha como tratar a hemofilia e a afobação dos médicos só fazia exacerbar o sofrimento de Alexei, as instruções de Raspútín para deixar o menino em paz foram fundamentais para a sua recuperação, especialmente quando associadas a suas palavras de esperança e garantia de que tudo daria certo. Alimentado pela calma da mãe, Alexei relaxava, a pressão sanguínea muito provavelmente diminuía, a dor aliviava e o corpo cuidava de si. É preciso reconhecer que Alexandra fazia o que devia fazer por Alexei ao depositar sua fé em Raspútín, pois não havia opção. Em última análise, só a fé poderia estancar o sangramento, e foi isso que Raspútín deu a Alexandra, e ela, ao filho doente. Essa explicação do poder de Raspútín não só faz sentido do ponto de vista médico, como também foi confirmada por contemporâneos, que ficavam estupefatos com o poder das palavras do *stárets* para aliviar a dor de Alexei, diminuir seu sofrimento e fazê-lo relaxar e acalmar-se, enchendo-o de esperança quando esta lhe faltava. [45](#)

Se a corte conseguira guardar segredo sobre a doença crônica do herdeiro durante tantos anos, com a crise de Spala isso se tornou de conhecimento público, ainda que a exata natureza da enfermidade e sua gravidade não. Já foi sugerido que se Nicolau e Alexandra tivessem sido mais transparentes com relação à débil saúde do herdeiro e ao papel de Raspútín como curandeiro, o mistério de sua influência teria sido resolvido, e junto com ele todo o escândalo das suas relações com a família real. É uma ideia intrigante, apesar de muito provavelmente

equivocada. Olga, a irmã do tsar, qualificava essas conversas de “calúnias”, e estava certa. [46](#) Um conhecimento mais completo e exato dessas relações não teria necessariamente resultado em compreensão ou aprovação. “O fato é que o herdeiro do trono tem uma doença fatal”, disse certa vez o vice-ministro do Interior a Vassíli Chulgin. “O medo constante coloca a imperatriz à mercê desse homem. Ela acredita que o herdeiro ainda está vivo graças exclusivamente a ele. E enquanto isso, tudo o mais vira uma pocilga. Uma coisa eu lhe digo, Chulgin, ele é um canalha.” [47](#)

O milagre de Spala solidificou imensamente o lugar do “canalha” junto ao casal imperial. Se os escândalos dos dois anos anteriores tinham criado momentos de tensão entre eles, esse episódio passou uma borracha em tudo e garantiu a Raspútin status privilegiado. As fofocas de sociedade diziam que o primeiro-ministro Kokóvtsov tinha conseguido tirar Raspútin da corte e que sua estranha carreira chegara ao fim, até que a cura milagrosa do herdeiro o trouxesse de volta. [48](#) Raspútin retornou para ficar. Porém ele jamais foi o profeta que Nicolau e Alexandra achavam que viam diante do filhinho doente. Vírubova recordava-se, anos depois, de ele ter assegurado a suas majestades que aos doze anos Alexei começaria a melhorar, tornando-se com o tempo forte e saudável. [49](#) Quando fez doze anos, Alexei teria apenas mais dois anos de vida.

33. Guerra e celebração

Enquanto Alexei se restabelecia na cama em Spała naquele mês de outubro, o *Palavra Russa* informou que nos últimos dias Raspútin tivera sonhos estranhos, místicos, que despertaram o interesse de círculos influentes da capital. Um deles envolvia uma mulher enorme, símbolo da Rússia, segurando sobre a cabeça uma poderosa espada a arder violentamente, emitindo grandes chamadas. A mulher levantou a mão, pegou a espada e enfiou-a devagar na bainha, extinguindo as chamadas. Dizia-se que Raspútin logo deixaria a Sibéria para “mais uma vez ocupar o palco”. ¹

O sonho (com certeza fruto da imaginação exacerbada de um repórter petersburguense) era uma referência à crescente tensão nos Bálcãs, que ameaçava arrastar a Rússia para a guerra. No primeiro semestre de 1912, Bulgária, Sérvia, Grécia e Montenegro concluíram uma aliança, apoiada pela Rússia, contendo uma cláusula secreta segundo a qual concordavam em considerar a possibilidade de uma ação militar conjunta contra a Turquia se os distúrbios ameaçassem o status quo na região. Quando um levante contra os turcos na Albânia levou a uma série de sangrentas represálias, Montenegro declarou guerra ao Império Otomano em 8 de outubro de 1912 (Novo Estilo), e dias depois os outros membros da Liga Balcânica aderiram à guerra contra a Turquia, dando início à Primeira Guerra Balcânica, que se prolongaria até maio de 1913. Os aliados balcânicos derrotaram forças otomanas na península, e pelo fim de novembro parecia que a vitória contra os turcos estava garantida.

O entusiasmo pela guerra tomou conta da Rússia. Multidões animadas lotavam as ruas, exigindo a luta em defesa dos irmãos eslavos

contra os infiéis otomanos. Houve apelos para que se recolocasse a cruz cristã no topo da Catedral de Santa Sofia em Constantinopla. Houve também quem insistisse na necessidade de defender os interesses russos nos Bálcãs contra a Alemanha e a Áustria. Entre as vozes a favor da guerra destacava-se a do presidente da Duma, Mikhail Rodzianko.

Raspútín, no entanto, sonhava com a paz. A sua voz era uma das mais vigorosas contra a histeria bélica naquele outono. Disse ele ao *Jornal de Petersburgo* em 13 de outubro de 1912:

O que nossos “irmãozinhos”, sobre os quais nossos jornalistas vociferam, os quais tanto defendem, nos mostraram? [...] Assistimos às proezas dos nossos irmãozinhos e agora entendemos [...]. Tudo [...]. Sim [...]. Com relação a todas as diversas alianças de lá, bem, alianças são boas, desde que não haja guerra, mas quando a guerra esquenta, onde estão todas aquelas alianças? Ficam invisíveis.

Por isso, ótimo, meu querido, você, a título de exemplo, diz, mas olhe! Há guerra nos Bálcãs. E por isso os jornalistas começam a berrar em todos esses jornais: que venha a guerra, que venha a guerra! Portanto nós, naturalmente, temos que lutar [...]. E eles vêm conclamando todo mundo à guerra e atizando o fogo [...]. Então eu lhes perguntaria [...] eu perguntaria a esses jornalistas: “Senhores! Por que fazem isso? Acham que está certo? A gente precisa abafar as paixões quando existe tensão, ou ela nos levará a uma grande guerra, e não inflamar a raiva e o ódio nas pessoas”. ²

Ao mesmo jornal ele declarou em dezembro, quando lhe foi perguntado sobre o perigo de a Rússia ser arrastada para a guerra: “Que o Senhor nos preserve disso. Deus conceda que a velha Rússia evite essa ameaça. Toda guerra, mesmo bem-sucedida, é fatal para assuntos de amor e paz, para a graça de Deus. Deus conceda que a Rússia, e todos os outros países, consigam evitar a guerra. Todos nós precisamos concentrar nossa mente neste problema”. ³ Em janeiro de 1913, eis o que Raspútín tinha a dizer à *Fumaça da Pátria* :

Os cristãos se preparam para a guerra, preconizam a guerra, torturam a si e a todos os demais. A guerra é mau negócio, e os cristãos, em vez de praticar a humildade, marcham diretamente para ela. Digamos que isso não vai acontecer, pelo menos para nós. Não se pode dizer isso. Nunca vale a pena ir à guerra, tirar a vida de outros e as bênçãos da vida, destruir o testamento de Cristo e matar a própria alma antes do tempo. É o que acontece comigo se eu o derroto e submeto, pois depois vou precisar vigiá-lo e temê-lo, apesar disso você estará contra mim. Isso se for pela espada. Mas se eu o conquisto pelo amor de Cristo, não preciso ter medo de nada. Deixem os outros ir à guerra, os alemães, os turcos — o azar é deles, a cegueira é deles. Não vão encontrar nada, só acabar uns com os outros rapidamente. E nós, tranquilamente e com amor, olhando para dentro de nós mesmos, mais uma vez estaremos acima de todos os demais. ⁴

Mesmo no exterior Raspútín ficou conhecido como o homem que

mantinha a Rússia fora da guerra. O *Frankfurter Zeitung*, numa reportagem intitulada “Rússia e os Bálcãs” (1o de março de 1913 [Novo Estilo]), citou as palavras do “*stárets* que ainda está em contatos com homens poderosos”, de que “os búlgaros pagaram o amor dos russos com ingratidão e ódio — agora precisamos pensar em nós mesmos, em vez de nos preocuparmos com os assuntos dos indignos”.⁵ Em maio de 1914, o *Vossische Zeitung* publicou uma entrevista com Serguei Witte (reproduzida na imprensa russa logo depois) na qual declarava que Raspútin salvara a Rússia da guerra durante a crise dos Bálcãs com palavras decisivas no momento crucial. “O mundo inteiro amaldiçoa Raspútin”, disse ele, “mas você sabia que Raspútin nos salvou da guerra?”⁶ O *Notícias de Odessa* publicou a mesma coisa naquele mês de julho, notando que foi exclusivamente graças a Raspútin que a Rússia conseguiu evitar a guerra com a Áustria por causa dos Bálcãs.⁷

Assim recordava Vírubova: “Foi em 1912 que Nikolai Nikoláievitch e a mulher tentaram convencer o imperador a participar da guerra balcânica. Raspútin suplicou ao imperador, praticamente de joelhos, que não fizesse isso, dizendo que os inimigos da Rússia estavam só esperando que a Rússia se envolvesse na guerra e que então a Rússia sofreria uma desgraça inevitável”.⁸

Ter impedido que a Rússia entrasse na guerra nos Bálcãs faz parte da mitologia de Raspútin e, apesar de não haver nenhuma dúvida de que o *stárets* era contra a guerra e dizia isso a todo mundo — fato que conta a seu favor —, não é tão claro assim que sua voz tenha bastado para determinar a paz.⁹ Na verdade, outras figuras, mais poderosas, diziam a mesma coisa. O ministro do Exterior, Serguei Sazónov, por exemplo, que tinha lá sua parcela de culpa na eclosão da guerra, defendia com veemência a tese de que permanecesse como um conflito local, balcânico, e que nem a Rússia nem a Áustria se deixassem arrastar. Ainda mais importante, Nicolau tinha dito a seu embaixador na Bulgária no começo de 1911 para nunca esquecer, nem por um instante, que a Rússia só estaria pronta para a guerra dentro de pelo menos cinco ou seis anos. Pressionada pelas grandes potências, a Liga Balcânica concordou com a paz em maio de 1913, o que não evitou que a Bulgária atacasse a Sérvia e a Grécia menos de um mês depois. Essa Segunda Guerra Balcânica foi sangrenta e breve: a Bulgária foi derrotada e pediu

paz em agosto. “A primeira rodada está ganha”, grasnou um radiante e animado primeiro-ministro sérvio, “agora precisamos nos preparar para uma segunda contra a Áustria.” Nicolau, porém, ficou entregue a pensamentos sombrios, escrevendo para a mãe: “Não existe essa coisa de unidade europeia — apenas grandes potências que desconfiam umas das outras”. [10](#)

Raspútín voltou para a capital em janeiro de 1913. Nicolau anotou em seu diário no dia 18: “Às quatro horas recebemos nosso bom e velho Grigóri, que ficou conosco uma hora e quinze minutos”. [11](#) Era o primeiro encontro entre eles desde junho de 1912, na Crimeia. A corte estava ocupadíssima com os preparativos para o tricentenário de reinado dos Románov. As festividades começaram na manhã de 21 de fevereiro, com uma salva de 21 tiros dos canhões da Fortaleza Pedro e Paulo. Naquela manhã, Nicolau encabeçou uma procissão do Palácio de Inverno até a Catedral de Nossa Senhora de Kazan, na avenida Niévski, para um Te Deum ao meio-dia. A igreja estava lotada de cortesãos, dignitários estrangeiros e altos funcionários. Rodzianko também estava lá, de péssimo humor depois de descobrir que os membros da Duma foram relegados a cadeiras no fundo da catedral. [12](#)

Mas o que de verdade o enfureceu foi ver Raspútín, trajando seda cara e botas resplandcentes, uma grande cruz de ouro pendurada no peito, em pé na frente dos membros da Duma. Consta em suas memórias que Rodzianko foi pedir satisfações a Raspútín, exigindo que explicasse por que estava ali. Raspútín tirou do bolso um convite impresso e respondeu que tinha sido convocado por figuras bem mais elevadas do que o presidente da Duma. O siberiano agiu com imprudência, demonstrando pouco respeito por Rodzianko e até tentando hipnotizá-lo, mas o político não se deixou intimidar nem influenciar pelos poderes de Raspútín e ordenou-lhe que saísse da igreja imediatamente. Ele obedeceu, seguido por Rodzianko, que o viu vestir um requintado sobretudo com forro de zibelina, subir num automóvel que estava à sua espera e partir. [13](#)

O episódio costuma ser mencionado na biografia de Raspútín, mas é difícil saber se houve um encontro e, caso tenha havido, se foi mesmo como Rodzianko contou em suas memórias. Ele relatou o incidente em

23 de fevereiro, dois dias depois, ao major-general Vladímir Djunkóvski, vice-ministro do Interior desde janeiro. Curiosamente, porém, Djunkóvski, ou alguém do seu gabinete, escreveu a lápis azul, com força, ao lado da descrição do confronto com Raspútin feita por Rodzianko: “Não é verdade”. ¹⁴ O que se pode dizer com certeza é que Rodzianko gostava de apresentar-se em suas memórias como a única pessoa capaz de lidar com Raspútin — com a mão firme e inflexível do amo — e que, tivesse Nicolau seguido seu exemplo, seria o fim da carreira do *stárets* na corte e a provável salvação da própria monarquia. ¹⁵ No entanto, isso jamais viria de um governante fraco como Nicolau.

Raspútin pode ter sido aliado das comemorações na Nossa Senhora de Kazan (apesar de muito provavelmente não ter sido), mas não guardou para si suas impressões sobre o tricentenário. A revista *Fumaça da Pátria* publicou uma entrevista com Raspútin na qual ele elogiou as festividades e a família Románov. Discordava dos detratores que tinham sugerido que as comemorações seriam uma oportunidade para agitação e até mesmo assassinato e que a monarquia se tornara instável. Pelo contrário, afirmava ele. Os eventos tinham mostrado o quanto o povo amava o tsar e o jovem herdeiro. “Tem uma cabeça excelente”, disse Raspútin, referindo-se ao tsarévitch. “É bonito e sensato, e, o mais importante, tem caráter forte.” Caracterizou a doença de Alexei como “um teste de Deus e um teste para o país”, mas acrescentou que o problema de saúde tinha desaparecido quase completamente. Alexei, declarou Raspútin ao repórter, “é nossa esperança”. ¹⁶

Munia Golovina esteve na pequena casa de Pedro, o Grande, nos Jardins de Verão em companhia de Raspútin, Nicolau e Alexei durante as festividades. O tsar e o tsarévitch foram rezar diante do ícone de Cristo no modesto quarto de dormir do imperador convertido em capela. Quando se ajoelharam e curvaram a cabeça para rezar, Raspútin cochichou para Munia: “Pobre menino, o que é que a vida lhe reserva!”.

Munia perguntou: “Grigóri Iefimovitch, vai haver revolução?”.

“Por que pergunta? Como é que vou saber?”, respondeu ele, com um olhar de suspeita. “Só uma bem pequenininha”, respondeu, cerrando os olhos, “se eu estiver aqui para impedir.” ¹⁷ É uma historieta comovedora, apesar de soar tão falsa quanto a de Rodzianko.

A polícia mantinha Raspútín sob estreita vigilância naquela época. Todos os agentes incumbidos de seguir Raspútín receberam esta descrição:

Características de “O RUSSO ” —

Entre 35-40 anos, estatura acima da média, porte médio, tipo — russo, cabelo: longo, castanho-claro, barba não aparada com tons avermelhados, bigode médio, com sugestões de vermelho, rosto magro, olhos — fundos: trajando chapéu de pele de castor do tipo usado por padres, sobretudo — preto com orlas marrons, parte de cima de veludo, gola de pele de castor, botas russas, altas, com galochas marrons de borracha.

“O Russo”, o inócuo codinome da Okhrana para Raspútín, logo seria trocado, por ordem de Djunkóvski, para o agourento “O Escuro”. Os agentes seguiram Raspútín durante as comemorações em São Petersburgo todos os dias, das nove da manhã às sete da noite. Prestaram atenção também em seus parceiros, que recebiam codinomes: havia “O Corvo”, Gueórgui Sazónov; “A Gralha”, Lili Dehn; “A Pomba”, Zinaida Manshtedt; “A Coruja”, Akilina Laptinskaia; “A Ave”, Munia Golovina; “Inverno”, Liubov Golovina; “Verão”, Nadejda Tanéieva; “Disfarce”, Olga Lokhtina; “O Monge”, bispo Varnava. [18](#)

Note-se que não era só a polícia que tinha uma queda por codinomes. Em sua correspondência, a imperatriz referia-se ao bispo Varnava como “dentucinho” (Raspútín chamava-o de “mariposa”), e os ministros Boris Stürmer e Alexei Khvostov eram “Velho Amigo” e “Rabo” ou “Barrigão”, respectivamente. [19](#) A princesa Zinaida Iussúpova, mãe de Félix, também enchia suas cartas de codinomes: “Valida”, para a imperatriz, “Livro”, para Raspútín, “Bonheur”, para Nikolacha. A prática mostra que a polícia interceptava e lia uma grande quantidade das cartas trocadas no país, em especial as de gente importante, incluindo membros da família Románov. As pessoas sabiam que estavam sendo observadas, e isso criava uma atmosfera de prudência, sigilo e desconfiança. Ninguém, nem mesmo a imperatriz, se sentia a salvo de olhos bisbilhoteiros.

Raspútín juntou-se aos Románov para mais comemorações em 19 de maio em Kostroma, onde fica o Mosteiro de Ipátiev, no qual Mikhail Románov tinha recebido a delegação que viera de Moscou informá-lo

de sua eleição para tsar em 1613. O general Djunkóvski, um dos maiores inimigos de Raspútin, alegou em suas memórias que tinha tentado manter o siberiano longe das cerimônias oficiais, mas a imperatriz ignorou suas ordens e mandou um agente da Okhrana ficar colado ao *stárets*, para garantir que ele estivesse sempre perto dela e da família. Djunkóvski ficou furioso por ter sido desautorizado, e mais tarde tentou se vingar. ²⁰ Raspútin esteve presente também à chegada triunfal dos Románov a Moscou em 24 de maio, ponto alto das comemorações do tricentenário. Segundo Ksênia, irmã do tsar, Raspútin ficou em pé junto à Catedral do Arcanjo, no Krêmlin, onde Nicolau foi acender uma vela no túmulo de Mikhail Románov. Ela não o viu, mas, para sua consternação, todos os demais viram. “Raspútin está mais uma vez em evidência em todos os lugares”, escreveu ela em seu diário, “há tanta insatisfação, tanto protesto, no clero! Dizem que Maklakov ^{*} está preparando um relatório para Nicky! Que desgraça tudo isto — certamente, se ele fosse ministro, não ousaria aparecer.” ²¹

O padre Gueórgui Chavélski, protopresbítero do Exército e da Marinha da Rússia, tentou submeter o assunto Raspútin à irmã de Nicolau, Olga, no fim daquele ano. “Todos sabemos disto”, disse ela. “Para nossa família é um pesar não sermos fortes o suficiente para fazer alguma coisa a esse respeito.” Ele tentou convencê-la da necessidade de falar com o imperador. A mãe deles já falara, respondeu Olga, e não adiantou. O padre insistiu com ela para que também tocasse no assunto, pois o irmão a amava e confiava nela profundamente. “Tudo bem, padre, estou pronta para dizer alguma coisa, mas sei que não vai dar em nada. Não sou muito boa para falar. Ele vai dizer uma ou duas palavras e destruir meus argumentos, e eu vou ficar perturbada, sem saber o que fazer.” ²²

Raspútin encontrou-se com Nicolau e Alexandra em Tsárskoie Seló depois do chá em 1o de junho e partiu para Pokróvskoie. ²³ Durante sua ausência, tanto Alexei como Alexandra adoeceram. Vírubova pediu-lhe que orasse pelos dois, o que ele fez. Raspútin voltou à corte na noite de 17 de julho e passou um tempo com Alexandra e Alexei, que na véspera tinha machucado o braço. Nicolau escreveu em seu diário que logo que Raspútin saiu, o braço do filho começou a melhorar, o menino se acalmou e conseguiu dormir. ²⁴ No dia 13, Raspútin deu parabéns a

Alexei: “Feliz aniversário, [seja] forte em espírito e sábio na mente, para a vitória contra o inimigo, todas as pessoas e todas as coisas amam você do fundo do coração, por vezes chorando por causa da saúde do incrível e radiante jovem ts. Al. Nikoláievitch”. [25](#)

* Nikolai Maklakov, encarregado do Ministério do Interior a partir de dezembro de 1912 e oficialmente confirmado ministro em 21 de fevereiro de 1913.

34. Linguagem ofensiva, glorificadores do nome de Deus e tramas de assassinato

A volta de Raspútin à capital, em janeiro de 1913, foi marcada por uma matéria longa e extraordinariamente positiva na revista *Fumaça da Pátria* no dia 24. Sob o título “Com Grigóri Raspútin”, o repórter D. Razumóvski deu a entender que narrava um encontro imprevisto com o siberiano numa cabine de segunda classe de um trem quatro dias antes. De início, Razumóvski não sabia quem era o homem sentado em silêncio e um tanto timidamente ao seu lado: “Longos cabelos castanhos, sem vestígio de fios brancos, barba desgrenhada que ele coçava com a mão, os dedos nervosos e um pouco maltratados, e olhos fundos, rugas bem marcadas em volta das pálpebras — tudo lembrando o retrato pintado por Repin do sectário camponês Siutaiev de Tver, aquele mesmo Siutaiev cujo sermão tinha mudado tão completamente a alma de Liev Tolstói”. * Começaram a conversar sobre camponeses, sobre estrangeiros e sua influência na Rússia, sobre a alma russa, sobre ortodoxia. Razumóvski ficou impressionado com aquele desconhecido. Ele lhe falou sobre a superioridade do “espírito” russo — “A pior pessoa aqui tem um espírito melhor do que qualquer estrangeiro. Eles têm a máquina. Sentem isso e vêm aqui para conseguir esse espírito. Não se pode viver só com a máquina. Parece que tudo em volta deles é bom, mas não têm nada dentro. E isso é o mais importante”. Discursou sobre a importância da paz e da necessidade de ficar fora da guerra nos Bálcãs. Garantiu-lhe que não era sectário, mas julgava o clero por sua “indolência e falta de beleza em seus hábitos eclesiásticos”. Disse que muita gente tenta resistir ao mal, quando o que se precisa mesmo fazer

é não resistir ao bem, o que é muito mais difícil. Revelou ainda ao repórter que muitas pessoas diziam as piores coisas a seu respeito, mas nada era verdade e ele não dava importância e não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. “O cego não consegue ver cores, e o Reino de Deus só se abrirá para aqueles que se aproximam dos outros como crianças. Não tenho e não observo nenhum outro mandamento.”

Então o desconhecido disse ao companheiro de viagem: “Por isso deve estar claro para você quem sou, e eu lhe digo: sou Raspútin”.

Razumóvski ficou chocado. Aquele era o homem sobre quem tantas coisas horríveis tinham sido escritas, sobre quem tantas lendas circulavam? Não podia ser, pois era tão calmo, tão sincero, tão puro — “quase infantil”. Era simples demais, humilde demais, honesto demais para que aquilo fosse uma representação. Não, a chave para entender como as pessoas viam Raspútin estava menos no homem propriamente dito do que na época em que vivia. “Ele nem sequer chega a ser uma espécie de enigma para os nossos tempos, apenas a vítima da vulgaridade deste século patético, sem heróis ou homens decentes, quando nada resta além de buracos de minhoca, uma época em que cavalos, seus ancestrais, seu humor e sua posteridade recebem 1 milhão de vezes mais atenção do que a alma humana, agora inútil, sem interesse, tendo sido transformada em máquina.”

Na verdade, prosseguia Razumóvski, havia qualquer coisa de notável no homem Raspútin:

Talvez ele seja o único que está certo ao dizer que a receptiva e amável alma russa, o facilmente enamorado e artístico espírito russo, e a poderosa e única cultura russa, com todo o seu estranhamento das limitadas praticidades da vida, abrem novos horizontes para a vida, exercem uma atração irresistível, e quaisquer tentativas de outros países para nos escravizar produzem pela própria natureza resultado oposto: a nossa vitória contra eles. ¹

O semanário *Fumaça da Pátria* era uma publicação basicamente nacionalista, lançada em 1912 por Aleksandr Gariazin, empresário, publicista e fundador do Clube Nacional Russo e da União Nacional Russa. Não pertencia ao movimento Centúrias Negras como Iliodor, mas insistia na ideia de que os russos eram o principal povo do império. “Só com o triunfo da autoconsciência russa e um lugar de liderança para o povo russo em todo o território do império e em todos os níveis de poder estatal é possível o progresso pacífico de centenas de

nacionalidades”, afirmava Gariazin. Era um dos poucos homens na Rússia dispostos a aceitar abertamente Raspútín, a ponto de atacar inimigos seus, como o arcepreste Ioann Vostorgov, e recusar-se a marchar ao lado de outros monarquistas. ² Teria Razumóvski de fato se encontrado com Raspútín no trem e travado aquela conversa? Não se sabe ao certo, mas ninguém parecia ligar, pois o que importava era o fato de que agora havia homens influentes prontos para respaldar Raspútín em público sem maiores pudores.

O artigo no semanário de Gariazin foi um ataque preventivo contra os inimigos de Raspútín. Havia rumores de que membros de partidos de esquerda na Duma mais uma vez desejavam abordar o assunto Raspútín. O próprio Raspútín soube disso e mandou um bilhete furioso para Olga Lokhtina, sugerindo que a principal figura por trás disso era nada menos do que Iliodor e seus aliados em Tsarítsin. Nicolau foi informado das ações planejadas pela Duma e instruiu o ministro do Interior Maklakov a dar um basta no assunto, ordem por sua vez repassada a Rodzianko, que deu sua palavra de que Raspútín não seria mencionado na Duma e que se alguém lhe disse o contrário, estava mentindo. ³

As forças anti-Raspútín revidaram em março com um artigo intitulado “Nossa época” na revista religiosa-moral *Resposta à Vida*. O autor e editor era o padre de Moscou Vladímír Vostokov, o mesmo que possivelmente estava por trás de uma série de artigos contra Raspútín publicados três anos antes. Naquela primavera, Vostokov encontrou-se em Moscou com a princesa Obolénskaia, dama de companhia da imperatriz, no apartamento da família Tiútchev, descendente do grande poeta do século XIX. A conversa naturalmente passou por Raspútín. “Tenham piedade do tsar”, disse Vostokov à princesa, “piedade da Rússia, piedade do nosso futuro. Expulsem esse *khlist*, esse vagabundo, esse vigarista da capital e mandem-no de volta para sua terra natal sem o direito de sair de lá. Lembrem-se das palavras de advertência de Deus: afastem os impuros do Tsar e seu Trono será salvo.” Obolénskaia lhe disse que era isso que vinham tentando, mas nada funcionava. Poucos dias antes, um grupo fizera a mesma súplica ao primeiro-ministro Kokóvtsov, porém ele lhes respondeu que era inútil e deu de ombros.

Mais ou menos nessa época, Vostokov soube que sua revista tinha

sido aprovada para ajudar na instrução religiosa das grã-duquesas Olga e Maria. Isso lhe deu uma ideia: por que não tentar falar diretamente com a família imperial através das páginas de *Resposta à Vida* ? O artigo “Nossa época” é uma alegoria situada numa bela e rica propriedade nobre russa, onde viviam um senhor bom, mas ingênuo, e sua mulher. O dono era tão desavisado que deixava desonestos dos mais variados tipos se aproveitarem dele, e sua mulher caíra sob o domínio de um vagabundo que passava por ali, que na verdade era um *khlist* . Esse velhaco manipulava todas as empregadas; em sua visita à taverna local gabava-se dos seus poderes e bebia e dançava exageradamente. Alguns homens de confiança do proprietário tentaram convencê-lo da verdadeira natureza desse intruso, mas ele era ingênuo demais, passivo demais, fraco demais para tomar uma atitude, e temia magoar a mulher, mesmo quando lhe suplicavam que mandasse o homem embora. Com o tempo, todos os homens bons e honestos foram obrigados a sair da propriedade, e o intruso viu que homens intrigantes, traiçoeiros, tomaram o seu lugar. Todo mundo que tinha alguma decência acabou indo embora, deixando para trás apenas covardes e adutores, e seus dias estavam contados também. O povo simples e sofrido perdia a paciência, e começou a olhar com desconfiança para o senhor de terras e para as verdades eternas que serviam de alicerce para o seu mundo. “Por que deram poder a esse canalha?”, perguntava o artigo. “Oh, estamos perdidos, e a propriedade também.”

O significado da história de Vostokov era inegável, e por esse ato de hostilidade o padre foi castigado. Em 1o de maio, o procurador-chefe Sabler convenceu o Sínodo a revogar a aprovação dada pela Igreja à revista, a certificar-se de que todos os números futuros fossem submetidos a censura prévia e a transferir Vostokov de sua paróquia moscovita. Os paroquianos ficaram indignados e pediram ajuda a Ella, defensora do padre, que prometeu fazer o que estivesse ao seu alcance para anular a decisão. Ella conversou com Sabler em 11 de maio em Moscou e lhe entregou uma petição para não mandar Vostokov embora. Mas o pedido foi negado. No fim do mês, quando o imperador passava por Moscou, um grupo de líderes da Igreja lhe fez apelo semelhante. Nicolau leu o pedido e o entregou a Sabler, dizendo: “Diga aos peticionários que o padre Vostokov tocou em minha vida familiar

na sua revista”. Mais uma vez a petição foi indeferida. Em agosto veio a decisão de transferir Vostokov para uma igreja em Kolomna, nos arredores de Moscou. Em 1o de setembro, Vostokov partiu a pé, acompanhado por uma multidão de seguidores e membros da paróquia. Com a permissão de Makari (Mikhail Niévski), metropolita de Moscou, eles deram de presente a Vostokov uma grande cruz peitoral de ouro com as palavras: “O Abençoado, banido por amor à verdade, e para eles existe o Reino Celestial. Setembro de 1913”. Ninguém deixou de perceber o significado da inscrição. Mas ali havia mais do que apenas palavras, pois até a concessão da cruz equivalia a um ato de rebelião: padres só podiam usar uma cruz peitoral de ouro com autorização do Santo Sínodo, o que claramente não houve nesse caso. Indagado a esse respeito, o idoso e quase sempre atarantado Makari respondeu que tinha dado permissão aos seguidores para presentear a cruz, mas nada disse sobre Vostokov ter ou não o direito de usá-la. ⁴

Com esse ato, Makari parecia tomar o partido dos adversários de Raspútín, mas aos olhos de alguns o metropolita era um dos seus fiéis aliados. Dizia-se que devia a nomeação para o cargo, em novembro de 1912, à influência de Raspútín, ainda que os dois jamais tenham se encontrado. O único pecado de Makari foi ter recebido dele um telegrama de parabéns. Para muita gente, isso bastava, na atmosfera explosiva de então, para fazer de alguém um “rasputinista”. Na verdade, Makari jamais se livrou dessa mácula: perdeu o cargo logo depois da Revolução de Fevereiro em virtude de suas ligações puramente míticas com Raspútín, pois o clima de caça às bruxas chegara a esse nível. ⁵

No meio do escândalo Vostokov, a *Fumaça da Pátria* continuou sua defesa de Raspútín. Cobriu, em tom de êxtase, sua visita a um orfanato em maio, citando palavras do siberiano segundo as quais aqueles bebês rejeitados eram “nossa força nacional e nossa beleza espiritual [...] Neles não existe pecado”. ⁶ O monarquista Vassíli Skvortsov respondeu nas páginas de *Sino*, afirmando (sem nenhuma prova) que o semanário de Gariazin era secretamente financiado pelo conde Witte e pelos maçons, e que não passava de uma ferramenta para ajudar Raspútín a exercer sua influência na corte e nos altos escalões do governo. ⁷

A guerra na imprensa estendeu-se pela primavera e pelo verão. Outra longa defesa de Raspútín apareceu na edição de 20 de junho de *Fumaça*

da *Pátria* , escrita por Alexei Filippov. Ele estudara direito na Universidade de Moscou e publicara uma série de periódicos (*Costa do Mar Negro* , *Revista Russa*) antes de escrever para o semanário de Gariazin. Em 1912, Filippov mudou-se para Petersburgo e passou a interessar-se por questões financeiras, lançando o jornal *Dinheiro* . Sua reputação àquela altura não era exatamente sólida. Recolhia informações comprometedoras sobre bancos e outras instituições financeiras e as “revendia” para os donos por um alto preço; eles podiam escolher entre continuar fazendo seus negócios ou esperar para ver se ele cumpria a ameaça de publicar as informações. Posteriormente, casou com a filha de Félix Dzerjinski, futuro chefe da temida Tcheka. ⁸ Segundo consta, foi também em 1912 que Filippov conheceu Raspútin num trem perto de Moscou e ficou imediatamente impressionado com o que chamou de “sua profunda fé no povo russo e com sua postura precavida, mais do que subserviente, para com o poder autocrático. Defendia a união entre o tsar e o povo sem uma burocracia intermediária”. ² Seus caminhos voltariam a se cruzar muitas vezes nos anos seguintes.

Filippov se incomodava com o grande volume de histórias sobre Raspútin que o apresentavam como “o árbitro de destinos no topo”. Essa conversa dos jornais diários e dos “românticos” da Duma não passava de “fantasias” que funcionavam, paradoxalmente, como uma espécie de propaganda do homem que se pretendia derrubar com essas histórias. Não, insistia Filippov, a verdade era bem mais prosaica: Raspútin era apenas um “camponês russo normal”, embora inteligente, decente e trabalhador, que mantinha suas ligações com a gente comum, e era isso que o fazia tão bem-visto tanto entre as pessoas comuns como “nas esferas mais altas ainda próximas do povo e por ele estimadas”. Essa era a razão do grande interesse por esse homem, nada mais. Raspútin personificava o “ardor intenso e a cultura dos bons velhos tempos que nos deram o camponês”.

Filippov observou que tudo que se ouvia naqueles tempos era a “linguagem ofensiva”, alimentada por “sordidez, inveja, fofoca e intriga”, que infectava grande parte da sociedade russa, particularmente o clero, indivíduos que só conseguiam imaginar a atração exercida por Raspútin sobre a corte como uma coisa “de natureza sexual-religiosa”.

Ao explicar a ascensão de Raspútin nos termos mais abjetos, e atribuir-lhe, sem nenhuma base factual, a transferência de Feofan, a queda de Germogen e o confinamento de Iliodor, não só se exagerava sua influência como se faziam afirmações muito mais amplas e mais sérias sobre a própria Rússia:

É preciso lembrar-lhes que, ao proclamarem essas afirmações em público, fazem uma coisa ruim: fica-se com a impressão de que a Rússia no momento não vive sob o império da lei, do bom senso e da mais primitiva integridade. Será que os Senhores Miliukov [**](#) não percebem que ao dedicar seus discursos a Raspútin estão em última análise reconhecendo a própria e total insignificância, e jornais, como o *Tempo Vespertino*, estão na verdade agindo como instrumentos da crescente propaganda de Raspútin, um homem verdadeiramente modesto com influência e poder bastante limitados?

Seis dias depois, o jornal publicou uma carta de autoria de A. K. Gavrillov, que dizia conhecer Raspútin havia dois anos. Endereçada aos editores do *Correio de Petersburgo*, *Pensamento de Kíev*, *Palavra Russa*, *Dia e Novo Elo*, a carta os criticava por suas tentativas de apresentarem Raspútin como uma espécie de “feiticeiro”. Fazendo eco aos sentimentos de Filippov, com relação à inexatidão da montanha de relatórios sobre o caráter e a influência de Raspútin, ele disse claramente o que era que a imprensa e políticos como Miliukov e Gutchkov de fato perseguiram:

É mais do que óbvio a quem é que se dirigem esses golpes vis destinados a demonstrar a onipotência de Raspútin. Mas, além disso, esse método de ataque é moralmente desonroso, alimentando a falsa bravura das ameaças que não se traduzem em ação. É ingênuo e destina-se apenas às vastas e crédulas massas obscuras. Não é difícil fazê-las acreditar no conto de fadas sobre a influência de Raspútin: na imaginação do típico homem da rua o governo é transformado de poder enorme, elementar e autossuficiente num pequeno grupo de pessoas, que o acaso juntou e que qualquer zé-ninguém pode facilmente manipular sobre qualquer assunto e por qualquer razão. Dessa maneira, ao concentrar toda a atenção da sociedade num indivíduo, eles empurram para a sombra todas as pessoas verdadeiramente culpadas pelos problemas da Rússia.

Os editores de *Fumaça da Pátria* acrescentaram comentários à carta de Gavrillov, sugerindo que, ao espalhar boatos tão horríveis, essas publicações desacreditavam o Santo Sínodo, a Igreja ortodoxa russa e o governo. As palavras deles a respeito do todo-poderoso Raspútin, que estaria exercendo perversa influência sobre aquelas instituições, equivaliam a uma torrente de água derramada no “moinho contra o governo”.

Já Raspútin parecia não deixar a campanha atingi-lo. “Todas essas

palavras de ódio a meu respeito passam por cima de mim como nuvens e não me metem medo”, disse ele a Razumóvski. A filha Maria costumava perguntar ao pai sobre os ataques na imprensa e por que ele não revidava. A resposta era sempre a mesma: “Sei quem sou. As pessoas mais próximas também sabem. Quanto aos outros, resolveremos isso na próxima vida”. ¹⁰ Outros relatos na imprensa, porém, sustentavam que ele acompanhava com grande interesse a cobertura nos jornais, pedindo a Akilina Laptinskaia que recortasse e guardasse toda notícia a seu respeito, resmungando que se vingaria de todos os críticos. ¹¹ O *Tempo Vespertino* publicou uma reportagem sobre Raspútin em maio de 1914 na qual ele falava sobre a cobertura jornalística: “Que querem de mim?”, perguntou ao repórter.

Será que não entendem mesmo que sou uma pessoa insignificante e que não preciso de nada nem de ninguém? Será que não têm nenhum assunto melhor do que eu para escrever e falar? Cada passo que dou é discutido [...] eles reviram e examinam absolutamente tudo [...]. Está claro que alguém realmente precisa me arrastar por toda parte e zombar de mim [...]. Uma coisa eu lhe digo, não faço mal a ninguém [...]. Trato dos meus assuntinhos da melhor maneira que posso [...]. Alguns me elogiam, outros me xingam [...]. Mas ninguém quer me deixar em paz [...]. Todo mundo se preocupa comigo e só comigo.

A questão de Raspútin ser ou não ser transformado numa discussão de âmbito público não foi resolvida nem mesmo com sua morte. Denunciar Raspútin, ou guardar silêncio a seu respeito, continuou provocando acirradas disputas nos derradeiros anos da dinastia Románov. Em junho de 1914, um certo M. Liubímov tratou do assunto em profundidade num artigo intitulado “Tópico do dia” para o *Voz de Moscou*. Liubímov era da opinião que Raspútin precisava ser atacado, e não havia por que temer que os ataques lhe dessem mais publicidade. Raspútin não precisava de publicidade nenhuma, escreveu ele, pois não buscava o amplo apoio do povo, como Iliodor, e sim o de alguns indivíduos poderosos e bem situados. E por esse motivo devia ser desmascarado como o “aventureiro” que de fato era, bem como as pessoas enfeitiçadas pelas palavras desse “falso mago”. Era certo a Rússia continuar calada diante desse escândalo?, perguntava ele. Não:

É preciso falar nisso aos berros dia e noite, é preciso berrar em cada esquina e apontar o dedo para o “*stárets*” que foi parar nos aposentos de outro e ali se instalou à vontade, com excepcional familiaridade.

Nenhum Iliodor seria capaz de causar tanto mal e tanta desgraça como esse “humilde *stárets*” em suas viagens pela Rússia [...]

Raspútín, com toda a sua “mente”, é uma terrível úlcera, supurando em nosso organismo social enfermo [...]. Fazer propaganda dele? A maior tragédia está nisso, ou seja, no fato de notarmos tarde demais essa figura infame e de começarmos tarde demais a falar sobre ele. ¹²

Muito do barulho em torno de Raspútín naquela primavera e naquele verão tinha a ver com um escândalo ocorrido num grupo de monges russos do Mosteiro de Panteleimonov, em Monte Atos. As origens do escândalo podem ser localizadas num livro escrito pelo *stárets* Ilarion, *Nas montanhas do Cáucaso*, publicado em 1907, no qual o autor descreve uma rara experiência espiritual relacionada ao nome de Jesus Cristo. O nome do Salvador era, sugeria ele, mais do que uma palavra, algo muito maior: no próprio nome estava “O Próprio Salvador”, escreveu Ilarion: “No Nome de Deus, o Próprio Deus está presente — em toda a Sua essência e com todas as Suas infinitas qualidades”. ¹³

Ilarion chegou a essa descoberta não por intermédio de instrução religiosa oficialmente aprovada (que jamais recebeu), nem de rigoroso estudo ou pesquisa (nunca escreveu obra de erudição), mas por experiência pessoal, fato que viria a ser crucial na crise que se desencadeou. Seu livro, reeditado em 1912, tornou-se popular entre as mais variadas figuras religiosas, como Feofan, Veniamin, o filósofo Alexei Losev, os teólogos Serguei Bulgákov e Mikhail Novoselov, e até mesmo Ella. Os seguidores de Ilarion no Monte Atos ficaram conhecidos como *imiaslavtsi* (ou *imiabojsi*) — literalmente, “glorificadores do Nome”.

A Sedição de Atos, como o caso passou a ser chamado, foi deflagrada pelo virulento ataque do arcebispo Antônio (Khrapovítski) aos glorificadores do nome nas páginas de *Monge Russo* em 1912, ano da reedição do influente livro de Ilarion. Antônio logo recebeu adesão de outros importantes hierarcas, incluindo colegas do Santo Sínodo e o patriarca de Constantinopla, Miguel III. Esses adversários do que chamavam de nova heresia eram alcunhados de *imiabortsí*, “opositores do Nome”. A exaltação de ânimos de ambos os lados era extrema. Para mostrar seu desprezo pelos glorificadores do nome, Serguei, arcebispo da Finlândia e de Viborg (nascido Ivan Stragorodski, futuro patriarca da Igreja ortodoxa russa no tempo de Stálin), escreveu a palavra “Deus” num pedaço de papel e pisou em cima. Os glorificadores do nome de Monte Atos, encabeçados por um ex-oficial das guardas convertido em

monge que atendia pelo nome de Antônio (Bulatovitch), não recuaram, insistindo em fazer propaganda da sua crença. A Igreja ortodoxa russa lançou uma campanha de intimidação. Em maio de 1913, o Sínodo declarou os ensinamentos dos glorificadores do nome “blasfematórios e heréticos” e ordenou a todos os seguidores que desistissem de suas crenças e práticas e se submetessem humildemente ao chefe da Igreja.

Quando ficou claro que os glorificadores do nome não se submeteriam, os líderes foram pedir apoio a Nicolau. Decidiu-se em maio de 1913 enviar o arcebispo Nikon (Rojdéstvenski), ex-arcebispo de Vologda e membro tanto do Sínodo como do Conselho de Estado, além de um navio da Marinha russa, para pôr fim à controvérsia. Acompanhado de um destacamento de mais de cem soldados e oficiais, Nikon chegou ao mosteiro em 11 de junho. Diante das fileiras de armas, os monges foram forçados a declarar por escrito se eram súditos leais da Igreja ortodoxa russa ou membros da seita “herética” dos glorificadores do nome. Declarar abertamente a própria crença não foi suficiente, e os soldados expulsaram do mosteiro todos os glorificadores — um total de 833, mais da metade dos monges russos existentes no monte —, conduzindo-os ao navio de guerra *Kherson* para repatriação; durante o processo, 25 monges foram feridos.

A imprensa oficial da Igreja propagandeou uma grande vitória contra a heresia, cujos seguidores agora eram chamados de “revolucionários e sectários”. ¹⁴ Tiveram destino lamentável. Tratados com violência pelos marinheiros do *Kherson*, quando chegaram a Odessa em 13 de julho a situação deles ficou ainda pior. Separados em grupos, alguns se tornaram prisioneiros, outros foram despachados para mosteiros distantes. Sob coação, muitos assinaram documentos humilhantes renunciando à própria fé. Houve casos de monges a quem se negaram os últimos sacramentos em seus derradeiros minutos de vida. ¹⁵

Em 17 de julho, o procurador-chefe Sabler teve um encontro com Nicolau para informá-lo de que a “Sedição de Monte Atos” tinha sido abafada. À noite, Nicolau e Alexandra receberam Raspútin, e ao que parece o siberiano aproveitou o momento para defender os glorificadores do nome e criticar a severidade das medidas tomadas contra eles. Sabemos de várias fontes que Raspútin era defensor dos glorificadores, sendo uma dessas fontes o diretor da polícia Stepan

Belétski, que disse à Comissão em 1917 que o *stárets* apoiara os monges de peito aberto, “movido por convicções totalmente desinteressadas”. De fato, Raspútin contou a Belétski que simpatizava com os glorificadores do nome e que conhecera muitos monges em mosteiros da Rússia com a mesma opinião. ¹⁶ E Raspútin não estava sozinho nisso. Mesmos alguns inimigos seus, como Feofan, Germogen e Mikhail Novoselov, apoiavam os desacreditados monges. A imprensa não sabia direito como interpretar essa estranha aliança de inimigos e dizia que qualquer insinuação de que Feofan apoiava os glorificadores do nome só podia ser uma mentira espalhada pelos seguidores de Raspútin para prejudicar mais ainda Feofan. ¹⁷ Mikhail Zaozerski, ex-sacerdote, jornalista progressista e confidente de Vladímir (Bogoiavlenski), o metropolitano de São Petersburgo a partir de novembro de 1912, foi ainda mais longe no *Tempo Vespertino*, escrevendo que todo o escândalo tinha sido fabricado por Raspútin com o único objetivo de destruir Feofan. ¹⁸ A ideia era absurda, mas houve quem acreditasse, pois àquela altura muitos russos achavam que Raspútin de fato tinha todo esse notável poder e era capaz de todo esse perverso ódio.

Aparentemente havia numerosas razões para Raspútin se sentir atraído pelos glorificadores, além de uma inclinação por suas crenças. Em seu ataque público, Antônio (Khrapovítski) os vinculou aos *khlisti*, dando a entender que representavam sério perigo para a vida religiosa e social da Rússia, assim como o mais notório de todos os sectários, Raspútin. Antônio era inimigo ferrenho de Raspútin, portanto talvez houvesse para ele qualquer coisa da lógica do “inimigo do meu inimigo meu amigo é” em sua defesa dos monges perseguidos. Além disso, existia um motivo estritamente pessoal. Um dos monges expulsos do Monte Atos era Dmítri Pecherkin, amigo de Raspútin e, noutros tempos, seu companheiro de peregrinação. Pecherkin saiu do Monte Atos e foi morar com Raspútin em Pokróvskoie, e na certa lhe contou o quanto sofreram nas mãos das autoridades religiosas e seculares. ¹⁹ Por fim, havia a propensão de Raspútin a tomar o partido das minorias e dos oprimidos, a resistir a ditames dos superiores e dos poderosos, fossem da Igreja ou do Estado. Simpatizava com aqueles pobres e honestos crentes, perseguidos, intimidados, presos e exilados, tudo por causa de suas ideias. Também sabia o que significava ser discriminado pela Igreja,

rotulado de herege e perigoso sectário.

Raspútín jamais esqueceu os apuros dos monges, e arranhou uma audiência com o imperador para alguns glorificadores do nome em 13 de fevereiro de 1914. Nicolau ouviu de forma solidária as histórias que contaram sobre sua expulsão do mosteiro e lhes concedeu até mesmo a honra de conhecerem o tsarévitch. Depois disso, provavelmente por influência de Raspútín, o imperador distanciou-se da severa posição do Sínodo, que tinha selecionado vinte dos antigos monges para julgamento naquele mesmo mês. Durante os festejos da Páscoa, em 30 de abril, Nicolau tentou encerrar a controvérsia e pediu ao Sínodo que demonstrasse misericórdia cristã retirando as acusações, reintegrando os monges e permitindo que retomassem suas práticas religiosas. Alguns membros do Sínodo viram na absolvição dos glorificadores do nome uma reprise da capitulação de Nicolau a Iliodor três anos antes, e o apelo do imperador serviu apenas para enfiar o Sínodo e aprofundar as divisões entre a Igreja e o trono. [20](#)

Naturalmente, a imprensa não deixou de mencionar Raspútín. Em 1o de julho de 1914 o *Palavra Russa* publicou o que dizia serem comentários de Raspútín sobre a questão:

É um pecado, claro, eles [os glorificadores do nome] terem feito tanto barulho. Deveriam ter rezado para si mesmos, sem provocar escândalo. O padre Misail [reitor do mosteiro em Monte Atos, nascido Mikhail Spoegin] chegou e disse para eles, assinem isto. Estamos falando de questões de fé, e ele vem e diz “assinem”? Como é possível assinar qualquer coisa que tenha a ver com fé! E isto é Monte Atos, e não um ministério. Apesar disso, eles chegam e dizem: assinem, assinem! Por isso fiz questão de dizer a Vladímir Karlovitch [Sabler] que isto é pecado! Eu disse a todo mundo que precisava saber que isto está errado. Bem, eles finalmente perceberam que eu estava certo. [21](#)

O jornal tinha mais coisas a dizer: “É do conhecimento de todos que Raspútín teve papel decisivo no caso dos ‘glorificadores do nome’. Ao ser informado da saga de Atos por Gariazin, o editor de *Fumaça da Pátria*, Raspútín empreendeu enérgicos esforços para aliviar o fardo dos monges de Monte Atos. Com sua intervenção a favor dos ‘glorificadores do nome’, a repressão acabou”. [22](#) A informação era correta: Raspútín saía em defesa dessa minoria religiosa, mas a imprensa não viu nenhuma nobreza em seu gesto, apenas mais um exemplo da intromissão do *khlist* nas altas esferas.

Apesar de o início da Primeira Guerra Mundial afastar a Sedição de

Monte Atos da primeira página dos jornais, o escândalo nunca desapareceu por completo e continuou a ser uma ferida aberta dentro da Igreja. Raspútin jamais esqueceu os monges e continuou a falar sobre suas dificuldades para Alexandra, que passou a preocupar-se também com a injustiça das condições em que viviam. Anos depois, durante o escândalo provocado pela canonização de Ioann Maksímovitch de Tobolsk, Alexandra criticou severamente Nikon — que então era contra canonizar Maksímovitch —, referindo-se a seu vergonhoso papel no caso dos glorificadores do nome e chamando-o de “esse vilão de Atos”. Em 15 de setembro de 1916, ela escreveu a Nicolau para dizer que Raspútin lhe pedira para conversar com o novo procurador-chefe Nikolai Raiev sobre os pobres monges do Monte Atos, aos quais ainda era negado o direito de realizar seus cultos e receber a comunhão. [23](#)

Não se sabe se Alexandra chegou a tocar no assunto com Raiev, mas não há como negar que o caso serviu para deteriorar ainda mais as relações entre a Coroa e a Igreja e provocar um cisma nos altos escalões do clero. Àquela altura nenhum sacerdote poderia adotar uma posição neutra com relação a Raspútin, e todos tinham que escolher entre dois campos hostis: os rasputinistas e os antirrasputinistas. A Igreja vivia um clima de crise. Os antirrasputinistas achavam que ela caíra sob o domínio de Raspútin. Para muita gente, a Igreja fora profundamente degradada, perdendo a independência e o verdadeiro espírito cristão. [24](#) O Sínodo, por sua parte, apontava outros culpados. Boa parte do problema, segundo a assembleia, estava na imprensa. Numa reunião em 1910, um membro do Sínodo comentou que o único culpado pelo surgimento de seitas e vários “falsos profetas, como Raspútin-Novikh” era a imprensa, que ultimamente tinha escrito muita coisa sobre a Igreja, mas preferindo ressaltar os aspectos negativos. Como resultado dessa propaganda antirreligiosa, “as pessoas de pouca fé passaram a ter dúvidas e a ouvir as lições de sectários e de falsos mestres”. [25](#)

Se nem todos estavam de acordo sobre a causa, ninguém tinha dúvida de que havia uma crise de fé — nas instituições da Igreja e do Estado e na própria religião — que se aprofundava em toda a Rússia.

Em setembro, Raspútin partiu para a Crimeia, onde permaneceu até meados de outubro. De acordo com a *Gazeta do Sul*, levou apenas uma

pequena mala, instalando-se num quarto confortável — com sacada e vista do mar — no Hotel Ialta, que lhe custava cinco rublos a diária. Passou alguns dias tranquilos ali, vendo só amigos, seguidores e gente da alta sociedade, sempre tratando os empregados com educação; era generoso nas gorjetas. Recolhia-se cedo e gostava de andar pela cidade. Às vezes era visto num automóvel do palácio, que o levava a Livadia para visitar a família real. ²⁶ Apesar de relatos de que durante sua estada Raspútin andava “sorumbático e abatido”, a *Gazeta do Sul* assegurou aos leitores de que durante todo o tempo ele esteve “feliz e cheio de vida”.

²⁷

Raspútin teria boas razões para estar sorumbático — e que não se limitavam à campanha negativa da imprensa naquele ano. Um perigo ainda maior o esperava em Ialta. O governador-geral de Ialta era o general Ivan Dumbadze, homem severo, decidido, membro fervoroso do Centúrias Negras e inimigo ferrenho de Raspútin. Dumbadze já vinha pensando havia algum tempo sobre que providências tomar contra Raspútin, e partilhara sua obsessão com o general Ievguêni Bogdanovitch, um amigo que exercia considerável influência sobre ele. Ainda em fevereiro de 1912, Bogdanovitch tinha convidado dezenas de membros da Duma e do Conselho de Estado, além de prefeitos e representantes da nobreza, para participarem em sua casa do que Liev Tikhomirov chamou de “États Généraux”, referência à assembleia dos Estados Gerais na França em 1789, às vésperas da revolução, e buscarem resposta para uma única questão: o que fazer para se livrar fisicamente de Raspútin? As pessoas presentes à reunião na casa dos Bogdanovitch não conseguiam acreditar no que ouviram. O general estaria falando em assassinato? A pergunta não foi respondida. Logo depois, Bogdanovitch teve um encontro com Dumbadze. A conversa bandeou para o assunto Raspútin, e Dumbadze disse que, se o siberiano ousasse mostrar a cara em Ialta, mandaria afogá-lo no mar Negro. Bogdanovitch ficou entusiasmado, apesar de reconhecer que não seria fácil. ²⁸

Belétski escreveu que, depois da chegada de Raspútin a Ialta naquele outono, recebeu um telegrama criptografado de Dumbadze, marcado como “pessoal”, dizendo o seguinte: “Permita-me livrar-me de Raspútin durante sua viagem de barco de Sebastópol para Ialta”. Chocado, Belétski imediatamente passou um telegrama para seu chefe, o ministro

do Interior Nikolai Maklakov, e em seguida conversou por telefone com ele usando uma linha segura para perguntar se deveria responder a Dumbadze. Maklakov lhe disse que não, que ele mesmo cuidaria do assunto, embora Belétski jamais viesse a saber se o ministro cumpriu a palavra. Belétski relatou em suas memórias que Maklakov se dava bem com Raspútín, portanto é provável que tenha colocado Dumbadze em seu devido lugar. (Em junho daquele ano, Maklakov ordenou a suspensão da vigilância policial de Raspútín, instruindo todos os agentes na província de Tobolsk a voltarem para Petersburgo. As razões dessa medida não são claras, embora possa muito bem ter sido por ordem do tsar.) ²⁹

Seja como for, Raspútín, acompanhado por numerosos agentes de polícia, completou sua viagem por água até Ialta sem incidentes. Poucos anos depois, Belétski, já caído em desgraça por causa de uma conspiração muito mais séria contra a vida de Raspútín, conversou com um certo coronel Trótski em Ialta sobre o plano de Dumbadze. Trótski disse a Belétski que Dumbadze nunca lhe manifestara nenhuma intenção de matar Raspútín afogado, mas mencionara outros planos, num dos quais o siberiano seria atraído para um pequeno castelo num penhasco sobre o mar Negro e empurrado, e noutro seria morto num falso ataque de bandidos. Mas Trótski classificava todas essas conversas como meros “planos de uma natureza fantasiosa”. ³⁰ É importante registrar que Nicolau tinha Dumbadze em alta conta e certa predileção por ele. Mas a disposição favorável do imperador parece não ter significado muita coisa para o governador-geral, que estava convencido de que a melhor maneira de proteger a monarquia era ignorar os sentimentos pessoais do tsar e considerar até a possibilidade de assassinar um súdito leal, com quem a família real mantinha relações inusitadamente estreitas.

No fim das contas, nada aconteceu a Raspútín durante sua visita a Ialta, e em 12 de outubro ele regressou a São Petersburgo. ³¹ Ficou no luxuoso apartamento do major-general reformado Alexei Veretennikov, e sua mulher, Vera, na elegante avenida Inglesa. A casa dos Veretennikov seria a base de Raspútín em Petersburgo até abril de 1914. ³² No começo daquela primavera, Raspútín se contentara, como no passado, com um quarto pequeno e simples. O famoso lutador Ivan

Zaikin (conhecido como “O Rei de Ferro”) visitou-o e descreveu os aposentos de Raspútin para o *Primeira Manhã* como nada mais do que uma mesa, uma cadeira e uma cama. Havia alguns ícones pendurados no canto e um retrato do tsar Alexandre II, com uma vela sempre acesa. “Raspútin vive com simplicidade”, afirmou Zaikin. ³³ Em agosto, o jornal *Conversa da Capital* publicou uma reportagem (de confiabilidade duvidosa) segundo a qual Raspútin tinha praticamente estabelecido “um quartel militar” num apartamento do no 63 da avenida Kamenno-Ostrovski. Com a intenção de ampliar seu poder e sua influência, dizia-se que realizava reuniões quase todos os dias com a presença de “senhoras chiques”, enquanto uma grande multidão aguardava na frente da porta. A cena era digna do grande baixo operístico Fiódor Chaliapin, comentou o jornal. ³⁴

Em novembro, Raspútin estava novamente em Pokróvskoie. Vírubova escreveu-lhe para informar que a perna de Alexei doía muito e pedir que rezasse pelo menino. Raspútin respondeu diretamente ao tsarévitch: “Meu querido menino! Olhe para o nosso querido Deus, veja que ternas feridas ele tem. Ele sofreu uma vez, mas depois ficou forte e todo-poderoso — assim como você, meu querido rapaz, assim como você será feliz, e viveremos juntos, e eu o visitarei. Logo nos veremos”. ³⁵

Em 31 de dezembro, Raspútin retornou a Petersburgo, seguido durante toda a viagem por repórteres e agentes de polícia. A imprensa informou que enormes multidões o saudaram ao longo do trajeto, o que a polícia negava categoricamente. No entanto, Ievguêni Florinski, diretor de administração dos gendarmes da província de Perm, deixou registrado num relatório secreto para Belétski que Nikolai Ordovski-Tanaievski, diretor do departamento de receitas de Perm, estivera com Raspútin na cidade e que os dois partiram sozinhos numa cabine de vagão de trem. O que Florinski aparentemente não sabia era que, no começo do ano, Ordovski tinha recebido instruções secretas para viajar a Tobolsk e investigar Raspútin, em especial suas relações com conventos femininos em Tobolsk e Iekaterinburgo. Em suas memórias, Ordovski escreveu que sua missão viera de membros de direita da Duma, que na época pensavam em propor outro inquérito oficial sobre as atividades de Raspútin. Ao que parece, suas investigações não

descobriram nada negativo, e sua missão terminou ali. ³⁶ Florinski achava que Ordovski queria apenas se aproximar de Raspútín. Segundo o rumor que circulava, ele achava que Raspútín poderia ajudar a tornar-se governador de Tobolsk. O boato, como se veria, tinha algum fundamento, e em novembro de 1915 ele foi de fato nomeado governador, graças, como muitos acreditavam, e não sem razão, à ajuda de Raspútín. ³⁷

^{*} Vassíli Siutaiev (1819-92), criador da sua própria versão de ensinamento religioso-moral com base no amor fraterno, muito admirado por Tolstói e pintado por Ilia Repin em 1882.

^{**} Pável Miliukov, historiador, fundador e principal membro do partido liberal Constitucional Democrata (Kadet). Tornou-se feroz inimigo de Raspútín e do regime.

35. À beira de um precipício

“Tivemos a alegria de ver Grigóri no começo da noite. Foi tranquilo e pacífico”, escreveu Nicolau em seu diário em 2 de janeiro de 1914. Raspútin voltou a Tsárskoie Seló na noite do dia 20, quando todos se sentaram para tomar chá e conversar. O *Diário da Corte*, que quase nunca mencionava as visitas de Raspútin, informou que Alexandra recebeu “o peregrino Rospútin [sic]” às 10h30 da noite de 18 de fevereiro. ¹ A visita é digna de nota não só por ter sido registrada oficialmente, mas também por causa do adiantado da hora e pelo fato de Raspútin ter um encontro com Alexandra sem a presença de Nicolau. Esses encontros, nem é preciso dizer, davam aos maliciosos munição para falar. No dia 21, ele voltou ao palácio para assistir a um ofício religioso com o casal imperial.

Em 30 de janeiro, Kokóvtsov foi afastado dos cargos de primeiro-ministro e ministro das Finanças. O fato de Raspútin estar em Petersburgo na época levou alguns a concluírem que ele teria sido responsável pela mudança. Serguei Witte chegou a afirmar isso com todas as letras ao jornal alemão *Vossische Zeitung* naquela primavera, e a história foi reproduzida na imprensa russa. ² No dia seguinte à demissão de Kokóvtsov, o embaixador austríaco escreveu que esse era o assunto do momento em São Petersburgo, em especial pela maneira desrespeitosa como se deu a demissão. O embaixador tinha ouvido um grão-duque dizer no Iate Clube: “Foi mandado embora como um criado”. O embaixador não mencionou Raspútin, mas descreveu a demissão como “um triunfo dos partidos de direita e da camarilha da corte, sigilosa e dominada por mulheres”. Não havia como ignorar a que mulheres se referia: Alexandra e Vírubova. Ele encerrou o despacho

com uma nota de apreensão, comentando que, com Kokóvtsov fora, os instigadores da guerra ficavam muito mais fortes. “O fogo bruxuleia por baixo de uma superfície relativamente calma. Uma mão desastrada pode tocar fogo em tudo.” ³ O diplomata não fazia ideia do quanto estava sendo profético.

Em suas memórias, Kokóvtsov escreveu que, depois da conversa com o imperador sobre Raspútin, em 1910, sua demissão era só questão de tempo. Pelo que sabia, o siberiano jamais pediu que ele fosse substituído, e não há indício que sugira que tenha feito isso. Na verdade, o que decidiu o destino de Kokóvtsov foi o fato de ter sido incapaz de silenciar as histórias sobre Raspútin na imprensa e na Duma, como Alexandra esperava que fizesse. Ninguém teria conseguido, mas a imperatriz achou que o ministro simplesmente não quis, por isso deixou de ser um servidor do tsar para se tornar, na cabeça dela, uma arma nas mãos dos seus inimigos. A única opção era mandá-lo embora. ⁴

E havia muitas histórias. Em 9 de janeiro, por exemplo, o jornal *Dia* publicou uma pequena nota descrevendo um incidente na Catedral de Kazan em Petersburgo dois dias antes, quando Raspútin bateu com força no rosto de uma mulher que se aproximara para lhe beijar a mão. Seu comportamento foi tão absurdo que todas as mulheres que estavam na catedral gritaram e saíram correndo. ⁵ A Okhrana investigou a história imediatamente e descobriu que não passava de invencionice. ⁶ Jornais como *Dia*, porém, não se preocupavam com a exatidão dos fatos, e Raspútin ajudava a vender exemplares, tivesse ou não a matéria a ver com a verdade. Alexandra sabia, e com razão queria que alguma medida fosse tomada para impedir isso. Nesse sentido, porém, seria constantemente desapontada.

Em 25 de fevereiro, a imprensa anunciou que Raspútin estava partindo de Petersburgo para Moscou e que de lá seguiria para uma longa temporada na Sibéria. ⁷ Àquela altura, as idas e vindas de Raspútin eram noticiadas nos jornais como se dissessem respeito aos movimentos do próprio tsar. Em 9 de março, Raspútin voltou à capital com o pai. Seria a única visita de Iefim, que ficou menos de duas semanas em Petersburgo, apenas o tempo suficiente para ser fotografado com o filho cercado de seguidores. ⁸ Dá para perceber o desconforto estampado no rosto de Iefim. Ele não queria saber do barulho, da sujeira e das

multidões da grande metrópole, e não via a hora de voltar para casa. Raspútín levou o pai de volta para Pokróvskoie e lá permaneceu com a família durante a Páscoa. ⁹

Mesmo antes de Raspútín sair de Petersburgo, em fevereiro, uma nova onda de ataques tinha começado. O tiro de abertura foi disparado por Andrei, bispo de Ufa (nascido príncipe Aleksandr Úkhtomski), nas páginas de *Alvorada*. Rejeitando a noção predominante na direita de que a Rússia estava sob ataque de influências estrangeiras, Andrei afirmava que o verdadeiro perigo era interno e vinha dos elementos mais primitivos do *narod*. A Rússia tinha ingressado numa nova era, escreveu ele, a era de “falsos profetas e falsas profecias”, caracterizada pela decadência do próprio *narod*, ainda que os líderes nacionais, então sob “hipnose” de figuras perigosas, tivessem se mostrado incapazes de reconhecer a decadência. Os cegos guiavam os cegos, advertiu ele, diretamente rumo a “um precipício”. O último desses profetas era o que Andrei chamava de “O Traidor”. Não citou seu nome, nem precisava: todo mundo sabia quem era. Andrei escreveu que conhecia o homem havia muito tempo (na verdade, desde que Raspútín chegara a Kazan). Era um “criminoso”, um lobo em pele de cordeiro e um “charlatão da pior espécie”. Esse “Senhor Traidor” disse que lhe daria um alto cargo se ele fosse capaz de responder corretamente a uma pergunta simples: “Você acredita em mim?”. Andrei recusou-se a responder. A Rússia estava diante de uma “catástrofe espiritual”. Ninguém escaparia ileso. A iminente “época negra” seria marcada nas páginas da história, e a única esperança que lhes restava era rezar a Deus para que não durasse muito.

¹⁰

O artigo do bispo Andrei explodiu como uma bomba, especialmente nos altos círculos da Igreja. Foi reproduzido e comentado em outros jornais. Caso alguém não tivesse identificado de quem se tratava, as matérias faziam questão de mencionar Raspútín pelo nome. Um jornal afirmou que depois daquele ataque a carreira de Andrei tinha acabado.

¹¹ Raspútín o destruiria. Na verdade, nada aconteceu a Andrei — que continuou bispo de Ufa até 1921, e no fim se tornou vítima do Grande Terror de Stálin em 1937. Já Raspútín nunca levantou um dedo contra Andrei, apesar de o *Jornal Vespertino Dominical* ter informado em meados de março que o *stárets* ia lançar sua própria revista semanal — *Vida do*

Homem Russo —, o que podia ser interpretado como um aviso de que se preparava para atacar os inimigos em letra impressa. ¹² A campanha se estendeu por março e abril. O velho boato de que Raspútín tinha se ordenado sacerdote foi tirado da prateleira e posto novamente em circulação, como mais uma prova da degradação da Igreja. Dizia-se que ele tinha se divorciado da mulher e que seus amigos poderosos trabalhavam para satisfazer o seu desejo de tornar-se bispo. ¹³

A Duma abordou o assunto em abril. O padre Fiódor Filonenko foi à tribuna para lamentar o triste estado da Igreja, prejudicada pela enorme influência de “certos canalhas” da seita *khlist* conhecidos como “os Anciãos”. (Uma voz no salão berrou: “Raspútín!”.) Depois dele veio o líder do partido Kadet, Pável Miliukov, que repetiu o boato de que Raspútín se tornara padre como se fosse fato. Ergueu a notória carta escrita por Iliodor em 1912, agitando-a e dizendo que não tinha permissão para lê-la, mas lia-a mesmo assim. Disse que Sabler era “um fantoche de Raspútín”, a quem devia o cargo. Miliukov foi mais longe do que Filonenko, declarando que não só a Igreja, mas o próprio Estado estavam sob a influência do “canalha” Raspútín. ¹⁴ Em seguida, o príncipe Serafim Mansirev dirigiu-se à tribuna. Raspútín, disse ele à Duma, tornara-se tão poderoso que “aterrorizava” qualquer um que ousasse criticar a direção atual da Igreja e sua administração. Os hierarcas prostravam-se diante “desse indivíduo”, e “nossas infelizes ninfomaníacas, jovens damas da alta sociedade”, rezam para ele como se fosse uma espécie de deus. “Para onde iremos depois disso?”, perguntou. A Duma irrompeu em aplausos. ¹⁵

Todos esses discursos foram reproduzidos nos jornais, assegurando que os ataques da Duma ficassem conhecidos em todo o país. “Os jornais estão repletos da descrição da escandalosa reunião da Duma E[statal] durante suas discussões do orçamento da Igreja”, escreveu Liev Tikhomirov em seu diário em 29 de abril de 1914.

O maldosamente vilipendiado Sabler foi esmagado pelos protestos contra a política que adota para a Igreja, com as furiosas referências a Raspútín. [...] No geral, um escândalo inacreditável [...]. Acho que a história de Raspútín é irreparável. Sem a menor dúvida esse canalha é responsável por espalhar os rumores de sua exagerada influência. É natural que todos os inimigos do Trono estejam alegremente explorando essa arma terrível. ¹⁶

Vale notar que a imprensa não explorou algumas dessas acusações. O

Correio de Petersburgo investigou os rumores de que Raspútin se separara da mulher para tornar-se padre e publicou uma reportagem em 7 de maio declarando que tinha recebido da Sibéria provas convincentes de que nada disso era verdade. ¹⁷ Mas as correções não faziam a menor diferença. O boato era bom demais para ser posto em dúvida.

Por fim, em maio, outra história sobre Raspútin prendeu a atenção do público. Informou-se que Raspútin estava tentando matricular a filha Maria no Instituto Smólni para Moças da Nobreza, prestigiosa escola de etiqueta e aperfeiçoamento social para a elite da Rússia, fundada no reinado de Catarina, a Grande. A diretora da escola, princesa Elena Lieven, declarou ao *Correio de Petersburgo* que aquilo não passava de boato e que em circunstância nenhuma a filha de um plebeu, ainda mais um homem como Grigóri Raspútin, seria admitida no Instituto Smólni. ¹⁸ A princesa dava a entender que se podia contar com ela para proteger a reputação de sua escola, ainda que não se pudesse contar com o tsar para proteger a reputação do trono.

Nessa época, a diretora do Instituto Rodionovski para Moças da Nobreza de Kazan (que aceitava plebeias), Olga Iermolaieva, recebeu uma carta curiosa e vagamente ameaçadora. Assinada pela “União de São Miguel Arcanjo e Sociedade Filaret”, referia-se à recusa da princesa Lieven a admitir a filha de Raspútin no Instituto Smólni, e fazia elogios, em flagrante tom zombeteiro, à decisão de Iermolaieva de aceitar Maria, cujo pai — comentavam os autores anônimos — era conhecido por todos os verdadeiros patriotas “havia mais de uma década como o esposo secreto de Sua Majestade, a Imperatriz Alexandra Fiódorovna e pai de Sua Alteza o herdeiro-tsarévitch Alexei Nikoláievitch, futuro autocrata de Todas as Rússias”. Sem dúvida aterrorizada, Iermolaieva levou a carta ao departamento de gendarmes de Kazan, jurando que não tinha divulgado o conteúdo para absolutamente ninguém. ¹⁹ Maria já tinha deixado Kazan para ir morar na capital e, se chegou a frequentar a escola, foi muitos anos antes. Nada se sabe sobre a qualidade da educação recebida por Maria, nem sobre sua dedicação de estudante. Vera Jukóvskaia afirmava ter ouvido Maria queixar-se certa vez de que estudar história era inútil, mas matemática era interessante, porque pelo menos ensinava a contar dinheiro. ²⁰ A historieta de Jukóvskaia soa como se tivesse sido inventada.

Raspútin partiu da Sibéria para a Rússia no começo de maio. Em Tiúmen, deixou-se filmar para uma película de um certo “sr. Shuster”. (Aparentemente, já tinha sido filmado outra vez, em Pokróvskoie, embora nenhum desses filmes tenha sobrevivido.) ²¹ Poucos dias depois, fez uma rápida visita a Moscou e Petersburgo antes de seguir para Ialta, no sul, para ver a família imperial. Esteve com os Románov em três ocasiões — 15, 16 e 21 de maio — e em seguida tomou o trem para Petersburgo. ²² Como sempre, as viagens de Raspútin eram cobertas pela imprensa, e ele foi recebido na chegada a Petersburgo por um bando de jornalistas. Àquela altura, porém, Raspútin já estava cansado de tanta atenção, e em especial da campanha pública movida contra ele. Consta que teria se queixado do assédio à polícia de Petersburgo, mencionando a constante multidão de repórteres na frente do seu apartamento, que segundo ele “o deixavam nervoso”, e pedido ajuda para mantê-los à distância. Dizia-se também que tinha trocado o número do seu telefone. ²³ Raspútin negava essas histórias. Declarou a um repórter da *Gazeta da Bolsa de Valores* no mês seguinte: “Diga que nunca fui à polícia pedir que não deixassem jornalistas me visitarem. [...] Estou sempre disposto a receber qualquer um. [...] A meus olhos, todos são igualmente simpáticos”. ²⁴

Mas era mentira: Raspútin não considerava todos igualmente simpáticos. Em março, Mikhail Novoselov, Vassíli Skvortsov, de *Sino*, e o arcebispo Antônio (Khrapovítski) tinham chamado Raspútin de “*khlist* e sexomaníaco”, e até mesmo de “criado do Anticristo” nas páginas de *Soma da Vida* e *Voz de Moscou*. ²⁵ Furioso, Raspútin passou imediatamente dois telegramas: um para o ministro do Interior Maklakov pedindo proteção contra esses ataques “ilegais” e o outro para Sabler pedindo que o defendesse dos “meus inimigos” e de seus “insultos”. ²⁶ Era um Raspútin diferente. O homem que via os ataques públicos como nada mais do que “nuvens” agora se sentia acossado, em busca de defesa da parte das autoridades.

A campanha contra Raspútin naquela primavera também estava sendo movida na esfera privada. Na segunda quinzena de maio, o protopresbítero Chavélski recebeu a visita do príncipe Vladímir Volkónski, vice-presidente da Duma e vice-ministro do Interior (de

julho de 1915 a dezembro de 1916), e do príncipe Vladímir Nikoláievitch Orlov, chefe da comitiva do imperador e do gabinete militar de sua majestade (de 1906 a agosto de 1915) e um dos homens mais próximos do tsar. Informaram a Chavélski que estavam ali para conversar em “sigilo absoluto”, e ele os conduziu até um cômodo nos fundos onde ninguém poderia ouvi-los. Disseram que a influência de Raspútin sobre o imperador e a imperatriz estava se tornando tão real quanto os comentários que apareciam na imprensa sobre o assunto. E essas conversas, afirmaram os dois homens em tom grave, já não ocorriam só na sociedade esclarecida, mas também no meio do *narod*. Achavam que a Rússia estava à beira da revolta. Muitas pessoas ajudavam Raspútin, poucas resistiam a ele, e algumas, que deveriam ter mais consciência, não tomavam nenhuma providência. Uma dessas pessoas era o padre Vasilev, que se tornara confessor pessoal de Nicolau e Alexandra naquele ano. Todos concordavam que se tratava de um homem irrepreensível — bom, honesto, amável —, mas estava no caminho errado, sendo amigo de Raspútin e mostrando-lhe respeito. Orlov já tinha conversado com ele sobre o erro dessa atitude, mas sem resultado. Por isso queriam pedir a Chavélski que falasse com Vasilev.

Chavélski concordou, e eles prepararam um plano, envolto no mais absoluto sigilo, para que ninguém na corte viesse a descobrir suas intenções. Chavélski se encontraria com Vasilev sozinho, bem à vontade, como se não tivesse nenhum assunto para tratar e só quisesse se aproximar mais dele. Convidou Vasilev para ir a sua casa, e os dois tiveram vários encontros à noite. Chavélski agia com cautela. Não sabia direito o que Vasilev sentia por Raspútin, por isso não puxou logo o assunto e só muito lentamente conduziu a conversa para o lado do siberiano. Foi um alívio para Chavélski ouvir Vasilev dizer que tinha as mesmas preocupações dos três homens. Também achava que Raspútin representava um verdadeiro perigo para a dinastia e para o país, e disse a Chavélski que precisavam trabalhar juntos para acabar com sua influência, utilizando-se de todos os meios possíveis. Chavélski ficou animado. A função de confessor fazia de Vasilev a melhor arma de que dispunham para tirar Raspútin do palácio. Os encontros terminaram nesse tom, e os dois homens só voltaram a encontrar-se um ano e meio depois. Raspútin, claro, nunca saiu, e Chavélski jamais soube se Vasilev

tocou no assunto com suas majestades. [27](#)

Vasilev nunca disse se tinha feito o que os dois combinaram. Algum tempo depois, contou a Belétski que o tsarévitch certa vez lhe perguntou, na presença dos pais, se era verdade que Raspútin era santo. A pergunta provocou um silêncio embaraçoso. Vasilev não sabia o que fazer, e Nicolau, lançando-lhe um olhar, pediu que respondesse ao menino. Alexandra fitava atentamente o confessor, ansiosa para ouvir a resposta. Temeroso de cometer um erro, Vasilev não respondeu de forma direta, mas explicou a Alexei o que as Escrituras Sagradas exigiam de qualquer um que desejasse agradar a Deus. Com isso, o tsar levantou-se da mesa, e a conversa terminou. [28](#)

36. O ataque

Nicolau e Alexandra viram Raspútin na noite de 17 de junho de 1914. Quatro dias depois, amigos se despediram dele na Estação Nikoláievski em Petersburgo. Todos os circunstantes notaram que ele estava muito empolgado, feliz por estar indo para casa em Pokróvskoie e falando em retornar à capital com os ânimos revigorados no fim daquele verão. Ninguém se lembraria dele demonstrando qualquer sinal de preocupação ou pressentimento. ¹

Raspútin chegou a Pokróvskoie viajando no vapor *Sokolovski* às oito da noite do dia 28. Na manhã seguinte, assistiu aos ofícios religiosos na igreja da aldeia com a família, e à tarde todas as pessoas da casa se reuniram para uma grande refeição. ² Foi um momento animado. Nikolai Soloviov, amigo de Raspútin, chegara para uma visita, assim como um escultor de nome Stepan Erzi. Dmítri Pecherkin, velho amigo de Raspútin, colega de peregrinações e recente exilado do Monte Atos, também estava sentado à mesa da família. Dois carpinteiros, Andrei e Dmítri Tupitsin, que instalavam novas janelas na casa, também jantavam com o grupo. Estavam todos comendo quando, por volta das duas da tarde, o carteiro, Mikhail Raspútin, passou para entregar a Grigóri um telegrama de Ióssif Shuster em Tiumen, no qual perguntava se podia aparecer para tirar fotografias da família e da casa. Raspútin redigiu uma resposta rápida, dizendo-lhe que viesse, depois correu para alcançar o carteiro. “Espere, tome este telegrama!”, chamou ele, agitando o papel na mão.

Ao cruzar o portão do jardim, Raspútin topou com uma estranha figura. Era uma mulher de preto, a cabeça totalmente coberta e um lenço branco no rosto que só deixava os olhos à mostra. Ela se curvou

diante de Raspútin, e ele lhe pediu que parasse, que aquilo era desnecessário, e tirou a carteira, achando que a pobre criatura queria uma esmola. Ela fez um movimento rápido. Raspútin viu um brilho de metal e sentiu a dor de uma facada pouco acima do umbigo. Instintivamente, levou a mão à altura do estômago e sentiu sangue. Soltou um grito: “Estou ferido! Estou ferido! Ela me esfaqueou!”. Pôs-se a correr da agressora pela rua da igreja. Uns vinte passos adiante, parou e olhou para trás. Ela vinha atrás dele com um grande punhal ensanguentado na mão direita. Ele voltou a correr. Vendo um grande pedaço de pau no chão, Raspútin parou, pegou-o, e quando ela chegou perto deu-lhe uma pancada na cabeça, com força, e a derrubou. Ela acabou cortando o pulso esquerdo com o punhal. Da janela, Pecherkin tinha visto a mulher atrás de Raspútin. Ele e Praskóvia correram para a rua, a mulher de Raspútin aos gritos. “Ela o esfaqueou! Ela o esfaqueou!” Logo brotou uma multidão, que cercou a mulher deitada na poeira. Alguns gritavam por justiça; outros, pelo menos era o que se dizia, ficaram contentes com o que ela fizera. A mulher foi agarrada e levada pela rua, seguida por uma multidão de aldeões aos gritos, até o prédio da administração do distrito de Pokróvskoie e trancafiada numa cela.

Raspútin foi levado para dentro de casa, onde o deitaram num banco. A família estava histérica. Foram buscar um enfermeiro, que enfaixou o ferimento para estancar o sangue. Não muito tempo depois, um médico, Veniamin Visotski, da aldeia de Ievlovo, poucos quilômetros ao norte de Pokróvskoie, chegou para cuidar de Raspútin. Ele ficou inconsciente por duas horas. Todos à sua volta acharam que fosse morrer. ³

Soloviov deu seu testemunho:

Quando entrei no quarto escuro em que Raspútin estava deitado, tendo sido enfaixado por um enfermeiro, uma coisa inimaginável estava acontecendo. Os filhos de Raspútin choravam [...] e discutia-se sobre que médico devia ser trazido de Tiumen. [...] Depois de umas duas horas e meia ele acordou. “Como está se sentindo?”, perguntei. “Mal...”, respondeu Raspútin. “Uma mulher me enfiou uma faca. É obra indecente daquele maldito Iliodor... Inacreditável... Oh, por que uma sorte tão medonha? Se Deus quiser vou sobreviver... Vou ficar bom.” ⁴

Um telegrama foi despachado para Aleksandr Vladimirov, o principal médico do hospital municipal de Tiumen. Ele mandou a enfermeira-

chefe, Praskóvia Kuznetsova, arrumar tudo que era necessário para uma cirurgia e segui-lo o mais depressa possível. A carruagem em que viajavam saiu desabalada pela rota dos correios até Pokróvskoie, o cirurgião prometendo dar um dinheiro extra aos cocheiros “para a vodca” se pudessem fazer os cavalos correr mais rápido. Só no caminho Vladimirov contou a Praskóvia o que tinha acontecido e para onde iam. Chegaram nas primeiras horas do dia 13. “Estava escuro quando chegamos”, contaria Praskóvia.

Num lugar lá dentro da aldeia paramos na frente de uma casa grande, de dois andares. Raspútín estava deitado no primeiro piso, num banco forrado de couro de carneiro. O ferimento estava coberto por uma toalha. O corpo tremia. Fizemos a cirurgia ali mesmo na casa. Precisamos acender o fogão para ferver água. As mulheres da casa, uma delas a esposa dele, ajudaram. ⁵

O dr. Vladimirov tirou a toalha e examinou o ferimento. Era sério. Raspútín morreria de hemorragia antes de chegar ao hospital de Tiúmen caso não fosse operado imediatamente. Mas as condições eram horrendas. A casa estava suja, por causa da reforma, e eles contavam apenas com um mínimo de iluminação proveniente de algumas velas de estearina. O risco de infecção era alto. Mas não havia escolha. Vladimirov anestesiou Raspútín com clorofórmio. Fez uma laparotomia ao longo da linha média de 8,8 centímetros do ferimento ao umbigo e inspecionou o estrago com mais cuidado. Partes do intestino delgado tinham ficado retorcidas, e o médico removeu seções da cavidade abdominal para reparar os danos e ver se havia sinais de outras lesões. A bexiga não foi atingida, mas a faca tinha cortado os intestinos em vários pontos e penetrado no peritônio. Ele suturou o rasgo no peritônio e costurou outras lacerações com fios de seda. Fechou a incisão com gaze medicada e agrafes e cobriu toda a área com curativo antisséptico. Vladimirov e Kuznetsova voltaram para Tiúmen e deixaram Raspútín aos cuidados do enfermeiro. ⁶ Durante dois dias, Raspútín oscilou entre a consciência e a inconsciência. Um padre foi chamado para administrar os últimos sacramentos. ⁷

★ ★ ★

O nome dela era Khionia Guseva. Tinha 33 anos, era solteira e morava em Tsarítsin, onde trabalhava como costureira com a irmã.

Tinha rosto redondo e cheio, cabelos pretos e ralos, partidos ao meio, e mãos fortes. No lugar do nariz, havia um corte profundo, diagonal; as narinas tinham sido transformadas, de alguma forma, num buraco triangular recortado. Na blusa usava um botão redondo onde aparecia Jesus com uma coroa de espinhos.

Foi interrogada nos dias 29 e 30 na sala de arquivos do prédio da administração. Confessou imediatamente que tinha esfaqueado Raspútin com um punhal, afirmando que ele era “um falso profeta, caluniador, violador de mulheres e sedutor de moças honestas”. Guseva disse à polícia que conhecera Raspútin quatro anos antes em Tsarítsin, quando ele ali foi recebido por Iliodor, de quem era seguidora, “com glória”, como um grande homem de Deus. Mas então, disse ela, Raspútin se voltara contra Iliodor e Germogen, e Iliodor disse a ela que o siberiano reconheceu que era uma criatura vil e um falso profeta. Em maio de 1914, ela leu um artigo do escritor e crítico Aleksandr Amfiteatrov intitulado “Iliodor e Gricha” no jornal *Luz*, que a persuadiu a matar Raspútin. Sua esperança, disse ela à polícia, era seguir o exemplo do profeta Elias, que matou a facadas 450 falsos profetas, seguidores de Baal, o deus cananeu (1 o Reis 18,40). O artigo de Amfiteatrov trazia várias acusações contra Raspútin, porém o importante era que incluía a notória carta escrita por Iliodor em 1912 denunciando o *stárets* e a história de que ele certa vez tinha estuprado uma freira em Tsarítsin.

Guseva fora a um mercado de Tsarítsin e comprou um punhal de 33 centímetros por três rublos. Depois saiu à procura de Raspútin. Primeiro esteve em Ialta, mas, não o encontrando lá, seguiu para Petersburgo, no norte. Ali também não conseguiu achá-lo (embora Raspútin estivesse na cidade), por isso decidiu ir a Pokróvskoie. Disse que levava menos de quarenta rublos quando partiu de casa. Durante toda a jornada, comia o mínimo possível, não gastando um centavo do seu dinheiro com comida, mas pedindo esmola para comprar pão. Na cabeça de Guseva, submeter-se a essas durezas dava um ar de sofrimento virtuoso à sua proeza homicida. Para ganhar um troco, cerziu as roupas dos marinheiros no vapor.

Chegou a Pokróvskoie em 22 de junho — dia em que Raspútin saiu de Petersburgo. Com nome falso, disse a uma família de camponeses que

tinha ido ver Raspútin, e eles a acolheram. Então, ela esperou. Declarou que ninguém a incentivara a cometer o assassinado e agira sozinha. ⁸

A notícia do ataque ocupou a primeira página do *Correio de Petersburgo* no dia 13. Sob a manchete “Atentado contra a vida de Gr. Raspútin”, o jornal forneceu detalhes (muitos deles incorretos) sobre o esfaqueamento, a misteriosa agressora sem nariz e o estado de saúde de Raspútin. “Soube-se”, dizia uma notícia, “que a mulher desconhecida chegou de Tsarítsin e, como foi informado, tinha sido subornada a agir por ninguém menos do que o ex-monge Iliodor. Raspútin está nos estertores da morte.” ⁹

Ninguém poderia ter certeza do que havia acontecido, exatamente, na distante Sibéria. Rumores enchiam as salas de estar de São Petersburgo e Moscou, e as pessoas não falavam de outro assunto. A notícia espalhou-se rapidamente pela Europa, chegando à Grã-Bretanha e até aos Estados Unidos, sendo manchete no *New York Times*, que cobriu a história durante vários dias. A Okhrana recortou, traduziu e arquivou quase todos esses artigos de outras partes do mundo. ¹⁰ De início, achava-se que Raspútin tinha morrido. Em 1º de julho, o *Correio de Petersburgo* informou que a saúde de Raspútin se deteriorava. Sua temperatura estava perigosamente alta, ele não parava de se revirar na cama, a respiração era difícil. “O paciente delira, não reconhece ninguém. Os estertores começaram. Além dos médicos, ninguém tem permissão para vê-lo. Praticamente não há esperança de que sobreviva.” ¹¹

Um dos primeiros a ouvir dizer que Raspútin estava morto foi Alexei Filippov, o seu defensor nas páginas de *Fumaça da Pátria*. Imediatamente telegrafou para um amigo transmitindo a notícia. “Lembre-se de Púchkin: ‘Paixões fatais nos assediam por todos os lados. E não há defesa contra o próprio destino’. Raspútin foi assassinado.” ¹² O grão-duque Konstantin Konstantínovitch (“K. R.”) estava fazendo um tratamento de saúde quando recebeu a notícia. Anotou em seu diário em 1º de julho: “Ele está morrendo. A gente se surpreende sentindo alegria pela morte de outro e tenta suprimir essa alegria pecaminosa”. ¹³

Epitáfios começaram a aparecer na imprensa. Vladímir Bontch-Bruievitch escreveu para o *Dia* em 1º de julho: “O trágico desfecho, que

o alcançou tão inesperadamente, com certeza apagará a raiva e a inveja infundáveis que têm fervido em torno dele há muitos anos e obrigará muita gente a recolher material sobre a vida inegavelmente notável desse homem que de forma tão brilhante ressaltou as contradições e complexidades que caracterizam nossa estranha época”. ¹⁴ Dois dias depois, *Fumaça da Pátria* fez questão de lembrar a seus leitores que Raspútin, apesar de todos os boatos sobre seus “poderes hipnóticos”, nunca foi uma figura política, apenas um simples homem de Deus, que adorava dizer: “Deve-se viver para a gente comum, é preciso pensar nela”. ¹⁵ O *Palavra Russa* enxergava cores mais sombrias: “Raspútin — que era uma sobra característica da ‘velha ordem’ do Estado, quando a política era praticada não nas instituições estatais, não sob controle dos direitos civis, mas por meio de maquinações pessoais. Raspútin — ele foi uma vítima trágica da nossa triste existência atual fora de tempo, marcada por todas essas tentativas de levar a Rússia de volta ao caminho que já abandonou”. ¹⁶ O *Folhetim de Odessa* manifestou o temor de que certos indivíduos viessem a querer transformar em mártir o Raspútin assassinado. ¹⁷

Mas então, da mesma forma inesperada, viu-se que tudo estava errado. “Soubemos pelos jornais que Grigóri Raspútin foi morto no dia 13”, anotou Aleksandr Blok em seu diário em 2 de julho. “Mas não, ele está vivo.” ¹⁸ Nikolai Dobrovolski, o último ministro tsarista da Justiça, estava com um grupo de russos em Londres quando recebeu a informação de que Raspútin sobrevivera. Todos gritaram ao mesmo tempo: “Que desastre!”. ¹⁹ No fim daquele verão, a imprensa britânica informou que Alexandra tinha levado Raspútin às pressas para um leito de hospital e cuidara pessoalmente de recuperar sua saúde; que guardara a faca usada no ataque, dormindo com ela debaixo do travesseiro, como uma relíquia sagrada. ²⁰

Maria Raspútina telegrafou para Nicolau e Alexandra quase imediatamente depois do ataque: “Uma mulher infligiu um sério ferimento em seu estômago, mas de alguma forma, por milagre, ele foi salvo e ainda vive para nós, para todos, graças às lágrimas da Mãe de Deus. O médico foi chamado. Matriocha Novaia”. ²¹

A família imperial estava velejando no *Standart* nas ilhas rochosas finlandesas quando chegou a notícia. O preceptor das crianças, Pierre

Gilliard, percebeu que a comitiva foi estranha e subitamente “tomada por inusitada comoção”. Ele perguntou a certo “coronel D.” o que se passava e foi informado do ataque e de que a vida de Raspútín estava em perigo. “Houve grande agitação a bordo, cochichos e misteriosas confabulações, interrompidas quando qualquer pessoa suspeita de ser seguidora de Raspútín se aproximava. Todos os demais se sentiam animados pela esperança de enfim se livrarem dessa funesta influência, mas ninguém ousava manifestar abertamente sua alegria.” ²²

Não se sabe como a família imperial de fato reagiu. Estranhamente, Nicolau não fez nenhuma referência à notícia do ataque em seu diário, comentando, entretanto, que no dia 30 jogou tênis (e perdeu), nadou e passeou de lancha a motor; na verdade, não há em seu diário nenhuma palavra sobre Raspútín naqueles dias. ²³ Mas sem dúvida o tsar foi informado do ataque, pois no dia 30 escreveu para o ministro do Interior Maklakov:

Nikolai Alexéievitch

Fiquei sabendo ontem que na aldeia de Pokróvskoie, na província de Tobolsk, houve um atentado contra a vida do *stárets* Grigóri Iefimovitch Raspútín, homem muito estimado por NÓS, e ele foi ferido no abdome por uma mulher. Temeroso de que esse ataque tenha sido obra de um grupo de pessoas sórdidas com más intenções, ordeno, por meio desta, que o senhor acompanhe esse caso com atenção e o proteja de quaisquer ataques futuros.

[...]

NICOLAU ²⁴

Maklakov ordenou ao general Djunkóvski, vice-ministro do Interior, que investigasse o assunto com minúcia, coletasse todos os detalhes necessários em Pokróvskoie, assumisse o controle da investigação e, o mais importante para Djunkóvski, montasse uma proteção clandestina para Raspútín e inspecionasse qualquer pessoa com quem entrasse em contato, bem como qualquer um que lhe apresentasse uma petição. ²⁵ A ordem dava a Djunkóvski, velho inimigo de Raspútín, exatamente o que ele queria: sanção oficial para monitorar todos os aspectos da vida do siberiano. Em 2 de julho, ele destacou quatro agentes para vigiá-lo — dois abertamente, dois em segredo — e ordenou que anotassem todas as informações possíveis sobre Raspútín, seus contatos, as visitas que recebia, as atividades que exercia. ²⁶ Nada era insignificante.

Uma guarda de camponeses armados foi montada em volta da casa de Raspútín para lhe dar proteção. A polícia confiscou os passaportes

internos dos moradores da aldeia e pôs-se a interrogar todo mundo. Uma pessoa se destacou das demais. Veniamin Borisovitch Davidson (também Duvidson ou Duvidzon) era um judeu batizado da cidade ucraniana de Lipovets: repórter do *Correio de Petersburgo*, costumava usar o nome de Veniamin Arnoldov Paganini. O fato de um repórter de um grande jornal estar em Pokróvskoie na época do ataque despertou suspeitas imediatas. Foi chamado para interrogatório e teve vários documentos apreendidos, mas a polícia nada encontrou que o ligasse ao crime, por isso ordenou a ele e a seu secretário, Nikolai Levakovski (também chamado de Levanovski), que deixassem Pokróvskoie. Mas a ordem foi ignorada, e Davidson permaneceu na aldeia, de onde enviava um fluxo constante de telegramas para seus editores. [27](#)

Até hoje Davidson continua sendo uma figura nebulosa, e as razões de sua presença em Pokróvskoie nunca foram explicadas a contento. Maria Raspútina fez um relato a respeito em suas memórias.

Na primavera de 1914, Maria e a amiga Maria Sazónova se divertiam pregando peças por telefone. Até que um dia alguém pregou uma peça igual nas duas, e uma voz masculina pediu para falar com Maria Raspútina. Disse que a seguira duas vezes pela avenida Niévski e estava apaixonado. Queria marcar um encontro. Maria o desencorajou, mas ele não desistiu. Ligou mais algumas vezes, dizendo exatamente onde ela estivera em determinado dia para provar que a observava. O perseguidor insistia num encontro, mas Maria voltou a negar. Então, em junho, Maria, o pai e a irmã partiram de Petersburgo para casa. No trem, conheceram um “jovem moreno, meio baixote, de traços judaicos, muito falante e espirituoso”. Contou a Maria que era um repórter de São Petersburgo indo na mesma direção. Em Tiúmen, saltou do trem e embarcou com eles no vapor. Maria começou a desconfiar. Quando desciam para Tura, ele se aproximou e confessou que era o admirador secreto. Ela admitiu não ter ficado “nem um pouco lisonjeada com a aventura e os sentimentos que inspirei”, mas sua desaprovação logo se transformou em apreensão quando ele saltou do barco em Pokróvskoie. Com medo de que ele falasse ao pai sobre a interação dos dois, ela tentou convencê-lo a não ficar, mas ele se recusou a voltar para o barco. [28](#)

Maria só voltou a ver Davidson pouco depois do ataque, quando

deparou com ele espreitando a casa da família. “Saia daqui”, gritou ela. “Foi você que fez isso com meu pai, é por sua causa.” Logo depois, às 15h45 daquele mesmo dia, Maria passou um telegrama para Vírubova, no qual mencionava “os suspeitos jornalistas Paganini, [que] têm perturbado nossos empregados”, fato comprovado pela polícia. Seriam Davidson e o secretário? No dia seguinte, 30 de julho, um telegrama em nome de Grigóri Raspútin (que ainda estava inconsciente) chegou às mãos do governador de Tobolsk, Stankevitch, pedindo que concedesse ao superintendente de polícia do distrito N. E. Skatov autoridade para prender os jornalistas suspeitos. Stankevitch atendeu ao pedido de imediato. Convocou Davidson (também conhecido como Paganini) para responder a algumas perguntas, mas nada descobriu de suspeito sobre ele ou seu secretário. Mesmo assim, mandou o repórter partir de Pokróvskoie, o que ele fez em 2 de julho. [29](#)

Estaria Davidson envolvido no ataque? Houve uma conspiração maior? Apesar das palavras acusatórias, Maria Raspútina não acreditava que Davidson fizesse parte de algum complô, embora estivesse convencida de que ele sabia de tudo de antemão e por isso seguira a família até Pokróvskoie. [30](#) Alguns historiadores nacionalistas afirmaram, recentemente, que Davidson fazia mesmo parte de uma grande conspiração envolvendo até os altos escalões ministeriais em Petersburgo. Ressaltam o conhecimento que ele tinha dos registros do interrogatório de Guseva e citam o fato de ter permanecido vários dias na aldeia, apesar de receber ordem para sair, como prova de que os acontecimentos em Pokróvskoie eram dirigidos por uma poderosa mão oculta. Essencial para essa versão (pouco convincente) é a condição de judeu de Davidson, elemento que se encaixa perfeitamente nessa interpretação paranoica e antissemita, segundo a qual Raspútin foi vítima de uma conspiração judaico-maçônica internacional, que visava não apenas o *stárets*, mas a própria Rússia. [31](#)

Não existe prova séria que ligue Davidson ao ataque, e parece que sua presença em Pokróvskoie na época não passou de coincidência. Não foi nenhum grande complô contra Raspútin que o levou à Sibéria. Na verdade, foi dinheiro, pois Raspútin ajudava a vender jornais e Davidson tinha ido atrás dele em busca de uma história. [32](#) E assim um grande furo caiu no colo do *Correio de Petersburgo*. O resto da imprensa

considerou tudo aquilo muito suspeito. O jornal *Zemschina* , ^{*} de extrema direita, perguntou por que o “judaico-financista” *Correio* era a única publicação com um correspondente na cena do crime. Isso não dava a eles, e às outras publicações “judaicas e ‘progressistas’”, citando seus repórteres, uma excelente oportunidade de publicar as mais variadas “calúnias”, que o resto da imprensa não teria como verificar? *Zemschina* dava a entender que havia uma sombria conspiração em andamento. ³³

Davidson chegou a Tiumen em 2 de julho e contou sua história ao *Mensageiro da Sibéria Ocidental* . Identificou-se como “V. A. Paganini” e disse que acabava de chegar de Pokróvskoie depois de ter sofrido “muitas e grandes provações”. Era um jornalista de Petersburgo encarregado de escrever uma reportagem sobre a vida de Raspútín e tinha ido colher informações. Disse tê-lo encontrado por acaso durante a viagem e que os dois logo fizeram amizade. Não tinha nada senão coisas muito positivas a dizer sobre Raspútín e comentou que todos os moradores da aldeia falaram de sua bondade e generosidade. Estava lá durante o ataque, e foi ele, segundo afirmou, quem ajudou a levar Raspútín de volta para casa. Em seguida, correu para buscar “água-de-colônia e amônia” para o ferido, e ao voltar percebeu que a mulher dele o olhava com desconfiança, como se ele fosse de alguma forma responsável, e o acusou de estar tentando envenenar o marido. Os telegramas que passou para seus editores provocaram a suspeita de moradores, e ele começou a temer pela vida. Chegaram a ameaçá-lo de “linchamento”. Por milagre, conseguiu sair vivo de Pokróvskoie.

Boa parte disso é pura invenção, claro, mas uma coisa parece verdadeira: ou seja, que Davidson estava lá, com seu secretário Levakovski, para cavar informações a respeito de Raspútín para uma reportagem. De fato, um dia ou dois antes do ataque, Davidson e Levakovski abordaram o escriturário Nalobin, no prédio da administração distrital de Pokróvskoie, posando de agentes do governador-geral de São Petersburgo em busca de provas da prisão de Raspútín como ladrão de cavalos. ³⁴ Os dois esconderam esse fato de Skatov quando interrogados logo depois do atentado de Guseva contra a vida de Raspútín, e Nalobin aparentemente nunca foi levado à presença da polícia. Se tivesse sido, contaria uma história muito curiosa

sobre os dois jornalistas da capital. (Aquele não seria o único contato de Davidson com a polícia por causa dos seus escritos sobre Raspútin. Em 16 de agosto de 1916, o *Primeira Manhã* publicou uma breve notícia declarando que o repórter Davidson tinha sido preso por causa “do seu livro sobre Raspútin”. Dentro de alguns dias, a Okhrana começou a examinar a história, pois não sabia nada dessa prisão, nem desse livro. A fonte da notícia foi “um certo Weinstein”, que trabalhava para o *Jornal de Petrogrado* e para o *Copeque de Petrogrado*. Isso foi tudo que a polícia conseguiu descobrir, e parece que a notícia era um erro ou uma provocação.) ³⁵

O que tinha começado como a cobertura de uma tentativa de assassinato pelo *Correio* logo se transformou num debate nacional sobre a validade de se acompanhar tal história. Escrevendo no *Fala* em 5 de julho, Aleksandr Stakhovitch manifestou sua descrença de que alguém pudesse ter interesse em ler sobre um “nada” como Raspútin. O fascínio pelo caso e por Raspútin era nada mais que o produto da “imprensa marrom”, que tinha inflado um acontecimento inexpressivo que só podia interessar às mulheres histéricas que o seguiam. ³⁶ Outros jornais, no entanto, afirmavam o contrário. Escrever sobre Raspútin, fosse qual fosse o pretexto, era de vital importância, pois jogava uma luz a respeito do verdadeiro significado do *stárets* e sua importância para a Rússia. O *Jornal dos Nossos Operários* comentou, em 2 de julho, quando muitos ainda achavam que Raspútin tinha morrido:

Por trás dele se escondem essas forças secretas que, devido à nossa falta de verdadeira liberdade europeia e à nossa falta de uma Constituição, fazem o seu trabalho nos bastidores, dirigindo secretamente o Estado e indicando seus ministros, removendo-os e pondo outros no lugar, e preparando as mais variadas surpresas reacionárias para o país.

Essas forças secretas são capazes de qualquer coisa, podem até transformar um canalha sem-vergonha num favorito da corte, dotá-lo de poderes extraordinários. [...] Assim sendo, expor Raspútin nessas condições é expor a podridão e a sordidez dessas sinistras forças reacionárias que ameaçam o país e o mantêm sob controle. ³⁷

Horas depois que esse artigo foi publicado, as autoridades fecharam o jornal.

Não eram só os intelectuais e a elite urbana do país que viviam obcecados pelo assunto Raspútin. O Arquivo Estatal da Federação Russa em Moscou contém uma carta memorável enviada à polícia por um funcionário de província não identificado:

Solicito a sua atenção. Dez anos atrás escrevi para a *Gazeta do Estado* e tentei zelosamente convencer o governo a usar todos os recursos possíveis para evitar uma guerra com o Japão. [...]

Agora escrevo novamente, mas o que se pode fazer quando um honesto servidor tem que escrever a verdade a lápis e não ousa assinar o nome... Por amor à Pátria, preciso dizer aos senhores o que aparentemente ninguém mais quer ver. Nestes tempos difíceis, quando por causa dos altos preços dos produtos as pessoas são obrigadas a trabalhar duas vezes mais do que antes, quando este ano difícil nos obriga a considerar quais serão as consequências desses problemas, Nosso Governo está abertamente preocupado com... a saúde de Grigóri Raspútin!!? — Tenham juízo! Convenhamos, esse Raspútin não é nada mais do que um gigantesco trunfo nas mãos dos revolucionários, e os senhores precisam saber que as províncias não estão menos bem informadas do que os operários de Petersb[urgo] sobre o papel de Raspútin, e as províncias estão muito chateadas. Não há um só governador que tenha a possibilidade que tenho de lhes transmitir informações tão verdadeiras sobre a situação nas províncias, por amor e desejo de paz para a nossa infeliz Pátria, pois não há um só governador que seja capaz de ouvir o que se diz nos círculos íntimos nas províncias, e todos eles estão dizendo uma coisa muito ruim: “Temos dois imperadores”, “estamos assistindo ao renascimento dos Potiômkins, Orlovs e Zubovs...”. Será que eu já disse o suficiente para fazer os senhores mudarem de rumo? Já disse o suficiente para os senhores compreenderem que as províncias estão em estado de inquietação e que toda vez que os ministros mostram “preocupação” com “o amado ferido” a população fica louca.

Sou um homem pobre. Talvez tenha jogado fora meu último copeque com esta carta, mas pelo menos me prometam que os mimos com que tratam Raspútin não serão mais mencionados na imprensa. [38](#)

* Termo histórico que se refere aos domínios dos boiardos, em oposição à *opríchnina*, no reinado do tsar Ivan IV (o Terrível).

37. “Dessa vez não funcionou...”

Em 2 de julho, no fim do dia, Raspútin foi carregado de casa até o rio e embarcado no vapor *Sukhotin* . Uma grande multidão de aldeões foi atrás, com algumas mulheres a soltar gritos histéricos. Nas primeiras horas da manhã do dia 3, o barco chegou a Tiumen e ele foi transferido para o principal hospital da cidade. ¹ De acordo com o *Correio de Petersburgo* , quando o levavam do cais um padre de nome Ketov ia na frente de Raspútin ferido gritando: “Grigóri morreu! Grigóri morreu!”. ²

O hospital foi tomado por parentes, amigos, repórteres e meros curiosos. A polícia teve que ficar do lado de fora para afastar a multidão. Já Raspútin adorava os holofotes, e quando estava um pouco melhor pedia a Akilina Laptinskaia que lesse para ele todas as notícias de jornal sobre o episódio. No dia 4, fotógrafos capturaram Raspútin na cama. Ele assinou algumas fotografias e acrescentou várias legendas, como “E amanhã? Sois nosso guia, Senhor. Quantos Calvários temos que atravessar na Vida?”. ³ O dr. Vladimirov continuou a cuidar de Raspútin e seu empenho lhe salvou a vida, mas o médico era um homem muito modesto e disse mais tarde: “Não fiz nada de especial. Todo ano sou obrigado a fazer dezenas de cirurgias como essa nos encenqueiros de Tiumen”. ⁴ Nos primeiros dias de julho, o tsar mandou o cirurgião imperial honorário Roman Vreden supervisionar o tratamento de Raspútin e trabalhar com Vladimirov. Por seus esforços, Vreden foi recompensado com mil rublos. ⁵

Raspútin mandava telegramas regulares para Nicolau e Alexandra por intermédio de Vírubova, assegurando-lhes que estava bem e se restabelecendo. ⁶ No dia seguinte às facadas, Alexandra mandou um telegrama através de Maria ao pai dela: “Estamos profundamente

preocupados. Sofremos com você, rezando com grande fervor”. Ela voltou a escrever em 2 de julho: “Pensamentos e orações o envolvem. Nosso sofrimento é indescritível, contando com a misericórdia de Deus”. ⁷

Raspútín escreveu a Vírubova com uma vaga mensagem para Nicolau dando a entender que havia uma conspiração mais ampla: “Minha querida e amada, ela não está sozinha, há outros por trás. Basta olhar em volta com cuidado. Eles estão criando problemas por causa do seu orgulho. Não lhes deem chance de discutir”. Num telegrama no dia 6, ele reconheceu ter medo de que aquele não fosse o último atentado contra sua vida: “Minha saúde está melhorando um pouco, não fantasie, não tenha medo. Não fiquei assim tão assustado; dessa vez não funcionou, da próxima vez — Deus é quem manda”. ⁸

De todos os cantos do país, os russos inundavam Raspútín com cartas e telegramas, manifestando solidariedade, desejando-lhe uma recuperação rápida e oferecendo teorias sobre as pessoas que estariam por trás do ato criminoso. ⁹ A carta que segue, de uma admiradora em Tiflis, é um exemplo:

Querido, querido tio Gricha!

Fiquei duplamente feliz por receber notícias suas: em primeiro lugar, fiquei sabendo que o Senhor o poupou da fada dessa mulher, despachada por Iliodor, agora impotente em seu ódio; em segundo lugar, significa que você não me esqueceu e que mesmo em Tiflis não estou sozinha e me mantenho ligada a você pelo menos em espírito.

Pois a verdade é que você viveu o milagre dos milagres. Como sobreviveu, só o Senhor sabe. Sua dívida com Ele realmente não tem limites e jamais poderá ser quitada. Espero que logo esteja bem, para raiva e pavor de seus inimigos e consolo dos que o amam. Não tenho a menor dúvida de que o atentado contra sua vida foi organizado pelas mãos de Iliodor, e você precisa ser extremamente cuidadoso e atento. Não saia sozinho e saiba sempre onde está quando sair à rua. Não há dúvida de que seus inimigos não o deixarão em paz, mas ninguém menos do que o Próprio Deus o salvou quando era para ter morrido, e agora, enquanto se restabelece e depois que tiver recuperado a saúde, esses assassinos à espreita na esquina não vão amedrontá-lo.

Como também esta curiosa carta de Munia Golovina:

Querido, querido Grigóri Iefimovitch.

Esta é minha primeira carta depois da terrível perversidade que arruinou minha alma e me obrigou a ficar ainda mais convencida de que você, como o sol, ilumina nossa vida e dispersa a tristeza que vem do simples pensamento de que poderia ser tirado de nós — essa tristeza começou a nos invadir por todos os lados e a luz enfraqueceu. Mas você, louvado seja Deus, está vivo, está conosco, e esta alegria é tão grande que devemos agradecer dia e noite a Deus e à Virgem Maria, ela o protegeu e sabia que um golpe contra você estava sendo preparado.

Claro, a alegria completa é impossível, precisamos de alguma forma fazer por merecer nossa alegria — só de saber que você está vivo, estou pronta para beijar cada palavra sua, desde que venha de você, mas me dói, a ponto de me fazer derramar lágrimas, que você não acredite em mim. Mas nunca esperei isto — fiquei tão furiosa com as pessoas que ousaram levantar a mão contra você que não consigo entender como é que pode chamá-las de meus amigos... Seus amigos são meus amigos, e seus inimigos, meus inimigos! Você sabe disto e, se existe outro sentimento dentro de mim, então pertence a você, mas lhe dou minha palavra de que nunca escreverei para qualquer dos seus inimigos conhecidos dizendo onde você está, como está se sentindo, o que está fazendo, e jamais mencionarei seu nome para que isso não lhe cause dano algum. É possível que eu, que o amo tanto, possa lhe causar algum mal! Tudo que faço é pedir a Deus que me diga como ajudá-lo, como servi-lo e mostrar-lhe tudo que sinto! Você sempre significará mais para mim do que todo mundo e não vou contar a ninguém quando você nos visitar! Rezei hoje e estou usando seu retrato num medalhão aberto — coloquei-o no dia anterior à atrocidade. Beijo suas mãos e peço a sua bênção.

Sua Munia. [10](#)

O que Raspútín teria dito a Munia? De que a acusou? E quem eram os inimigos que tinha em mente? É lamentável que os arquivos não tenham as respostas a essas perguntas; as memórias de Munia, entretanto, nos oferecem algumas pistas. Depois de abandonar a casa de Raspútín dois anos antes, Olga Lokhtina se fixou perto da Nova Galileia de Iliodor, construindo uma pequena casa na aldeia de Morozovski. Para Raspútín, e outras pessoas próximas a ele, estava claro que Olga tomara o partido de Iliodor. Depois do ataque, Raspútín chegou à conclusão de que Olga fizera parte do complô e ajudou ou pelo menos endossou o plano de Iliodor para matá-lo. Foi nessa época que Munia pensou em visitar Olga, e ao saber disso Raspútín, sua família e seus amigos acharam que ela o traía. Essas suspeitas deixaram Munia arrasada, e ela jurou a Raspútín que era inteiramente inocente. Suplicou-lhe que a deixasse ir a Tiumen ajudar a cuidar dele, mas ele lhe disse para ficar onde estava. [11](#)

Munia disse a verdade. Ela não teve nada a ver com o atentado contra a vida de Raspútín. A ironia era que, dois anos antes, ela levara à sua porta o homem que haveria de matar Raspútín. Dessa vez, porém, o siberiano cometera um erro ao não confiar em Munia, e em outra ocasião cometeria o erro de confiar.

Davidson alegou que tinha conseguido entrar sorrateiramente na cela de Guseva em Pokróvskoie para tomar nota de sua versão. “Decidi matá-lo há muito tempo e acabar com esse mal e essa fraude terríveis

que se espalharam por toda a Rússia. Atrás da máscara de profeta, ele enfraqueceu o cristianismo, semeou a tentação e seduziu o *narod*, zombando impiamente dos sentimentos mais sagrados dos verdadeiros cristãos.” Disse que ele vivia com outras mulheres sem esconder isso de ninguém e que tinha seduzido sua boa amiga Ksênia na frente dela e destruído “o piedoso Iliodor”. Guseva declarou que estava irremediavelmente doente, que a vida para ela não significava mais nada, e por isso tinha resolvido sacrificar-se. Tentara matá-lo um ano antes. Esteve em Ialta atrás dele, mas os seguidores a impediram de aproximar-se. Ela o teria matado agora, mas a mão lhe tremeu e não conseguiu esfaqueá-lo de novo. “Mesmo assim, ele não viverá! O povo russo não vai tolerar essa desgraça!”, disse ela, aos gritos. ¹²

Circulavam boatos disparatados sobre os motivos da quase assassina. Um deles dava conta de que ela quis vingar as duas lindas filhas — Anastácia e Natália —, das quais Raspútin teria se aproveitado uma noite na casa de Guseva em Tsarítsin. ¹³ Afirmava-se também que era seguidora de Dária Smirnova, a *khlist* conhecida como a “Virgem Okhtinskaia”, e que Dária incentivara Guseva a cometer o assassinato. Havia rumores também de que atacara Raspútin para testar sua santidade, explicando, supostamente, que ele só sobreviveria à sua faca se fosse mesmo um profeta. ¹⁴

Falou-se muito também em possíveis cúmplices. O barão Eduard von der Ropp, báltico alemão e prelado católico, declarou à imprensa estar convencido de que Raspútin fora atacado por indivíduos invejosos de sua súbita ascensão à fama, indignados com ele por ignorar seus pedidos de ajuda. Alegava-se ainda que membros da polícia sabiam que ele seria vítima de um ataque, mas nada fizeram para impedir. Para outros tudo isso era bobagem. O dr. Kulnev, professor do Instituto de Medicina Feminina, disse ao *Correio de Petersburgo* que o verdadeiro motivo do ataque estava na “psicose sexual” de Raspútin. Segundo o médico, Raspútin não era “uma pessoa normal no que dizia respeito a suas relações sexuais” e, apesar de esses casos de “frustração” sexual serem mais comuns entre as mulheres, os homens, especialmente em torno dos quarenta anos de idade, não estavam imunes. Kulnev explicou que a cura não era difícil, mas quem sofria desse problema tornava-se perigoso, justificando “rigoroso isolamento”. O desvio sexual de

Raspútín produzira uma série de mulheres violentadas, por isso a reação de uma das vítimas era só questão de tempo. Tudo bobagem, comentou Gariazin, editor de *Fumaça da Pátria* : não existe conspiração neste caso, nem Raspútín é culpado de coisa nenhuma. O ataque fora obra isolada de uma “mulher histérica”. [15](#)

Guseva foi levada de barco de Pokróvskoie para Tiumen e trancafiada na cadeia municipal. A polícia a interrogou várias vezes durante o resto do ano. Aos poucos uma imagem mais clara da agressora começou a aparecer. Ela disse à polícia que conhecia Raspútín desde 1910, quando ele esteve em Tsarítsin para visitar Iliodor. Sua “vida dissoluta” a convenceu de que era um falso profeta. Tentou conversar sobre o assunto com Iliodor, mas ele lhe disse para ficar quieta. Posteriormente, já arruinado, Iliodor lhe confidenciou que Raspútín era de fato um canalha e um falso profeta. Guseva foi mais longe, dizendo aos interrogadores em setembro de 1914 que considerava ser Raspútín o Anticristo. Acreditava que Iliodor era santo, fazedor de milagres, mas assegurava que ninguém a induzira a matar Raspútín. A ideia era sua, e agira sozinha. [16](#)

A polícia e os médicos tinham dúvidas sobre a saúde mental de Guseva, e a questão de sua sanidade tornou-se essencial. Ela disse aos médicos que costumava jejuar por longos períodos, durante os quais rezava intensamente. Certa vez o Diabo lhe aparecera vestido de monge; em outra ocasião, o ícone diante do qual rezava começou a enviar-lhe mensagens secretas. Suas rezas sempre terminavam com vívidas alucinações. [17](#) Perguntaram-lhe se a história de que perdera o nariz por causa da sífilis era verdadeira, mas Guseva jurava que não. A doença não existia na sua família, disse. Ela contraíra uma moléstia estranha, não diagnosticada, aos treze anos, e o remédio que tomava provocou a mutilação do nariz. Admitiu, porém, que havia casos de loucura na família. Semion, um irmão já falecido, enlouquecera, e ele e o pai tinham o hábito de fazer cortes nas pernas. [18](#)

Os investigadores averiguaram a veracidade do depoimento de Guseva. Descobriram que Semion tinha sido internado por um tempo num hospício, e depois de solto meteu-se no mato no meio do inverno sem qualquer agasalho e morreu congelado. Uma entrevista com Pelageia Zavorotkova, irmã de Guseva, revelou que no passado Guseva

falava em ter sido cercada por “inimigos” não identificados e se recusava a beber no copo de outras pessoas, convencida de que queriam envenená-la. Parentes disseram que ela sofria de escrófulas, tendo sido isso que lhe desfigurou o rosto. Depois da doença, nunca mais foi a mesma. Guseva era sujeita a estranhos ataques, durante os quais dizia muitas impropriedades; quando voltava ao normal, afirmava não ter sido ela a falar, mas Satanás. [19](#)

Em novembro, os investigadores localizaram Ksênia, a freira que, segundo Guseva, Raspútin molestara na frente dela, num convento em Zhorovis, ao lado do mosteiro de Germogen. Seu nome completo era Ksênia Goncharenkova, e ela disse à polícia que foi seguidora de Iliodor durante dezoito anos. Admitiu ter encontrado Raspútin junto com Iliodor em Tsarítsin em 1909 ou 1910, mas afirmou que nunca ficara a sós com Raspútin e que ele jamais se comportara de maneira imprópria, e muito menos a estuprara. Ksênia disse que conhecia Guseva, mas não muito bem, e que em 1912 percebeu uma mudança de comportamento nela. Guseva começou a agir estranhamente, falando coisas desconexas, que não faziam sentido. [20](#)

Agentes foram enviados a Tsarítsin para apurar detalhes sobre a vida de Guseva naquela localidade, em especial suas ligações com Iliodor. Descobriram que ela tinha visitado Iliodor duas semanas antes de começar a caçada a Raspútin. Confirmaram sua informação de que esteve primeiro em Ialta, e depois em Petersburgo, antes de finalmente ir para Pokróvskoie esperar Raspútin. Por seus esforços, Nicolau recompensou o superintendente de polícia Skatov com a Ordem de Santa Ana, segunda classe. [21](#) Depois de um ano de investigação, Guseva foi declarada *non compos mentis* [fora de juízo], e nenhuma acusação foi apresentada contra ela. Decidiu-se que na época do ataque Guseva encontrava-se “num estado de insanidade influenciado por sua crescente excitação nervosa de natureza político-religiosa”. Foi internada na clínica regional de Tomsk para insanos, onde deveria permanecer até que a julgassem sã o suficiente. [22](#) A notícia da decisão de não formalizar a acusação foi interpretada como acobertamento. Dizia-se que Raspútin — ou alguns poderosos seguidores seus — tinha alguma coisa a esconder e temia que isso viesse a público durante um julgamento. Com o isolamento de Guseva, todo o episódio seria silenciosamente

sepultado. [23](#)

Um relatório do diretor da clínica de Tomsk, datado de julho de 1916, observava que, ainda que Guseva não mostrasse mais sintomas de uma “doença emocional” distinta, havia claros sinais de “degradação histérica e sintomas de natureza histérica”. Desde sua chegada ela brigava com outras pacientes, pegava coisas do seu quarto e as jogava fora, batendo, xingando e praguejando. Às vezes precisava ficar numa sala sob observação especial. Não parava de flertar com os pacientes do sexo masculino, tentando agir como uma senhora digna, até mesmo organizando danças. Andava com um sorriso permanente no rosto e adorava falar sobre o crime com qualquer um que quisesse ouvir. Chamava a si mesma de “a heroína de toda a Rússia” e dizia que se fosse solta não tentaria de novo: o fato de Raspútin ter sobrevivido demonstrava que essa era a vontade de Deus. O relatório oficial da clínica declarava que ela sofria de “*lues cerebri*”, sífilis do cérebro. [24](#)

Raspútin foi interrogado quatro vezes: em 30 de junho, em 6 e 22 de julho e em 9 de agosto. Desde o início dizia que Iliodor estava por trás do ataque e que tinha certeza de que ele mandara Guseva matá-lo. Entre os motivos de Iliodor, Raspútin destacava dois: o fato de ele ter impedido que Iliodor fizesse outra viagem pelo rio Volga com seu exército de seguidores e de ter sido contra a ideia de o tsar dar dinheiro para Iliodor lançar um jornal chamado *Trovão e Raio*. [25](#) Pensando melhor, Raspútin agora percebia que tinha sido prevenido. Duas semanas antes de sair de Petersburgo, recebera uma carta anônima de Kharkov avisando que seus dias estavam contados. Não reconheceu a letra, e simplesmente rasgou a carta, sem pensar mais no assunto. [26](#)

Desde o início, o papel de Iliodor no ataque foi motivo de muita conjectura. A imprensa informou que, pouco antes de deixar Petersburgo, Raspútin foi procurado por dois seguidores de Iliodor — uma mulher com o rosto coberto e um homem de barba postiça. Não o encontrando em casa, deixaram uma carta que assustou Raspútin e o convenceu a deixar a cidade imediatamente. Quando embarcava no trem, segundo a notícia, as duas figuras misteriosas apareceram na estação e o seguiram até a Sibéria. [27](#) Os partidários de Raspútin estavam convencidos do envolvimento de Iliodor, apesar de Apollon, irmão do

monge caído em desgraça, dizer ao *Correio de Petersburgo* que era pouco provável e que, na verdade, a vida do irmão corria perigo por causa dos seguidores de Raspútin. [28](#)

Enquanto se recuperava em Tiumen, Raspútin recebeu uma carta anônima despachada de Petersburgo em 2 de julho: “Saí vitorioso nesta batalha, não você, Grigóri! Seu hipnotismo foi dispersado como a névoa quando o sol aparece. Digo-lhe que vai morrer, aconteça o que acontecer. Sou aquele que vinga!”. [29](#) Raspútin entregou a carta à polícia, dizendo reconhecer a letra de Iliodor. A polícia contratou dois grafólogos para analisar a letra. Depois de comparar a carta com outras sabidamente escritas por Iliodor, eles concordaram: a distinta pressão da caneta em certas letras russas não deixava dúvida de que o autor era ele. Em maio a *Gazeta da Bolsa de Valores* publicou uma carta para Raspútin, supostamente de Iliodor, chamando-o de herege e ameaçando caçá-lo como um lobo. [30](#)

Na época, Iliodor garantiu que não tinha nada a ver com o ataque, declaração que desmentiria mais tarde em dois de seus livros. Em *O monge louco*, ele escreveu que conhecia Guseva havia anos. Era bem próximo dela e inclusive a chamava de sua “filha espiritual”. Ela o procurou na Nova Galileia e contou sobre seu plano de matar o “demônio Grichka”, ato para o qual pediu a bênção de Iliodor. “Meu desejo se fundiu com o dela”, ele escreveu. “Você deve seguir Raspútin, aonde quer que ele vá e matá-lo.” Antes que ela partisse, Iliodor afirmou que lhe entregou a faca. [31](#)

Num obscuro folheto publicado em Nova York em 1943, Iliodor apresentou outra versão. Um grupo de admiradoras suas foi à Nova Galileia e uma noite resolveu que era preciso executar Raspútin como o homem responsável pela queda de Iliodor. Escolheram três das mulheres mais belas do grupo: duas jovens viúvas, Maria Zavertkina e Pelageia Zavorotkova (irmã de Guseva), e a jovem donzela Nadejda Perfilava, que viria a ser mulher de Iliodor. As três agradeceram às outras por lhes conceder tamanha “honra” e juraram cumprir a tarefa da maneira mais eficiente possível, não poupando sequer a própria vida. Decidiram costurar vestidos brancos com desenhos e adornos e assim se apresentarem a Raspútin para atrair sua atenção e matá-lo. Poucos dias depois, apareceram novamente diante do grupo, usando os novos

vestidos, e mais uma vez juraram matar Raspútin. Em sua honra, um grande banquete foi preparado. Foi então que Khionia Guseva se levantou e falou. Por que, perguntou ela, sacrificar as mais belas jovens? Não seria melhor mandar a ela própria, que era feia, pobre e ninguém queria? Voltou-se para Iliodor e disse: “Eu sozinha vou executar Raspútin! Quero sua permissão. Pai, abençoe-me, pela salvação da Rússia, para que eu esfaqueie Raspútin como o profeta antigo esfaqueou os falsos profetas”. Iliodor lhe deu sua bênção. [32](#)

Não há dúvida de que essa história é pura ficção. Guseva estava muito disposta a matar Raspútin, mas Iliodor provavelmente desempenhou papel bem mais importante no complô do que apenas o de abençoá-lo ou dar a Guseva a arma do crime.

Nos dois primeiros meses de 1914, a polícia interrogou um antigo discípulo de Iliodor, um cossaco chamado Ivan Sinitsin. Foi Sinitsin que lhes falou dos planos de Iliodor para lançar ataques terroristas contra o Estado, incluindo a história de uma mulher de nome Maria Kistanova, que estava encarregada de conseguir duzentos rublos, sob o disfarce de dinheiro para obras de caridade, a serem usados para comprar uma grande quantidade de explosivos. Sinitsin também forneceu provas de um plano para atacar Raspútin. Entregou à polícia duas cartas de Iliodor a Guseva e sua irmã, e outra a uma seguidora, na qual ele mencionava a intenção de “fazer o primeiro trabalho, batizar Grichka”. Na linguagem da seita *skoptsi*, batizar significava “castrar”. Iliodor instruiu as três discípulas a seguirem o plano sem vacilar. Outro ex-seguidor de Iliodor também falou sobre planos preparados por ele para matar Raspútin. Como parte do complô, juntaram 150 rublos e deram a Guseva. [33](#) Um camponês da província de Tamboi, chamado Ivan Nemkov, de 28 anos, confirmou as informações sobre o dinheiro. Disse aos investigadores em 13 de outubro de 1914 que os fundos eram para financiar o plano dela de matar Raspútin. A polícia também encontrou uma carta de Iliodor para Guseva e a irmã Pelageia na qual ele as elogiava por seus “esforços” e lhes dizia para continuarem fiéis à sua “tarefa”.

Em 2 de fevereiro de 1914, o informante Sinitsin contou à polícia que temia pela própria vida. Estava convencido de que Iliodor e seus discípulos vinham tentando matá-lo porque ele falara com as autoridades. Não muito tempo depois, morreu por ter comido peixe

envenenado. ³⁴ A imprensa informou em abril daquele ano que esse mesmo Sinitsin tinha ajudado Iliodor a fugir para o Don, mas em seguida o denunciara à polícia. ³⁵ Teria Iliodor matado Sinitsin? Pelo que se conhece da natureza violenta de Iliodor, essa possibilidade não pode ser descartada.

Em 12 de outubro de 1914, o chefe dos investigadores do distrito de Tiumen baixou uma ordem declarando que, com base nas provas colhidas na investigação sobre o ataque a Raspútin, havia razões convincentes para suspeitar que Iliodor tinha incitado a tentativa de homicídio. Embora não tivesse tomado parte diretamente no planejamento do ataque, o documento afirmava que Iliodor convencera Guseva a matar Raspútin quando ela esteve em sua casa em 18 de maio daquele ano. O investigador-chefe mandou prender Iliodor e levá-lo à Justiça. ³⁶ Mal sabia ele que, àquela altura, Iliodor estava fora do alcance da polícia.

38. Fuga de Iliodor

No fim da noite de 2 de julho, Iliodor raspou a barba e o bigode, passou ruge no rosto, vestiu roupa de mulher, pôs um lenço na cabeça e fugiu de casa na Nova Galileia por um túnel subterrâneo. Vários cúmplices o aguardavam, e juntos eles desceram pelas corredeiras do rio Don para se esconder. Quando o vapor *Venera* aportou no cais, Iliodor tranquilamente embarcou e partiu para Rostov do Don, no litoral norte do mar de Azov. ¹

Ao chegar, no dia 4, ainda vestido de mulher (curiosamente, o homem que teria êxito onde ele falhou, matando Raspútin — ou seja, o príncipe Iussúpov —, também gostava de se vestir de mulher), Iliodor foi recebido por um conhecido e levado para a redação do jornal *Manhã do Sul*. Ele se divertiu muito contando piadas para os jornalistas, que notaram sua alegria e seu bom humor, e posou para fotografias, pelo que recebeu quarenta rublos. Um dos muitos jornais que reproduziram as imagens foi o *Primeira Manhã*, junto com a cópia de um telegrama de Iliodor contendo as seguintes palavras: “Neste mundo qualquer coisa é possível”. Além disso, Iliodor vendeu a um jornalista, por dez rublos, a foto de um dos bilhetes em que Raspútin o denunciava. Ofereceu ao jornal uma história sobre Raspútin e disse que nada teve a ver com o ataque de Guseva, acrescentando, porém, que o *stárets* insultara de tal maneira a moral e os sentimentos religiosos dos russos que só a sua morte poderia trazer-lhes algum consolo. ² Iliodor não permaneceu muito tempo em Rostov, e logo tomou um trem (vestido de homem) e sumiu. Ninguém sabia para onde tinha ido, e a imprensa pôs-se a conjecturar animadamente sobre a fuga de Iliodor. É possível que tenha viajado para Odessa. Houve quem dissesse que fugira para o Cáucaso

ou que tinha ido parar em Constantinopla. Para onde foi Iliodor ninguém sabe, mas em meados de julho ele quase certamente estava em São Petersburgo. ³

Iliodor teve que fugir, pois a polícia estava no seu encalço. Quando os policiais chegaram à Nova Galileia para interrogá-lo, descobriram que ele escapara. Viram vestígios recentes de carruagem na terra perto da saída do túnel e foram atrás, mas começou a chover e os rastros se apagaram. A Okhrana passou a vigiar todos os seus parentes, achando que Iliodor poderia tentar esconder-se com um deles. Houve tantos supostos avistamentos de Iliodor que a Okhrana não tinha como verificar cada um. ⁴ Quem chefiava as buscas era o coronel Mikhail Komissárov, homem que viria a desempenhar importante papel em outro complô para matar Raspútin um ano depois. Komissárov chegou a Tsarítsin em 5 de julho e pôs-se a interrogar camaradas de Iliodor para obter informações sobre seu paradeiro. Foram feitas buscas em casas à procura de qualquer coisa que pudesse incriminar o fugitivo. Um dos interrogados foi Molchanov, repórter que trabalhara para o jornal *Palavra Russa*. Logo que soube do ataque, Molchanov tinha corrido para levar a notícia a Iliodor. No apartamento de Molchanov, os homens de Komissárov encontraram provas de que avisara a Iliodor que a polícia estava a caminho, permitindo, com isso, que ele escapasse. Também encontraram uma carta de Iliodor para uma discípula chamada Ievdokia Skudneva, instruindo-a a dar cem rublos a Guseva e à irmã para financiar o ataque a Raspútin. ⁵ De acordo com fontes em Tsarítsin, Guseva tinha visitado Iliodor no começo de julho, poucas semanas antes de chegar a Pokróvskoie. ⁶ Dois dias depois, o diretor do departamento de polícia passou um telegrama para o chefe dos gendarmes da região do Don ordenando-lhe que encontrasse Iliodor a qualquer custo. ⁷

Em Petersburgo, Iliodor foi direto para a casa do amigo Aleksandr Prugavin. Percebendo o perigo que ele corria, Prugavin levou-o para ver o escritor Maksim Górkí, então no grão-ducado da Finlândia, parte do Império Russo. Não foi por coincidência que Prugavin o levou ao grande escritor. Górkí tinha ouvido falar na intenção de Iliodor de escrever um livro sobre Raspútin já em 1912 e queria ajudar. Recebeu-o calorosamente e prometeu entrar em contato com Ivan Ladijnikov, seu

editor em Berlim, para iniciar as negociações sobre o livro de Iliodor. Górkí chegou a dar dinheiro a Iliodor e tomou providências para que fugisse para a Suécia. ⁸ Iliodor, o flagelo da esquerda do Centúrias Negras, adotou os revolucionários marxistas como aliados na batalha contra a monarquia.

O encontro com Iliodor despertou em Górkí pensamentos sobre Raspútín, que ele anotou numa carta da época:

A “sociedade” está interessadíssima no *stárets* Grigóri Raspútín [...]. A mais curiosa lenda sobre o *stárets* vai tomando forma: em primeiro lugar, pessoas bem informadas dizem que o *stárets* é filho do *stárets* Fiódor Kuzmitch e, em segundo lugar, que ele deu ao trono um herdeiro. Uma situação peculiar, que alimenta grandes esperanças: tendo mergulhado no mar do *narod*, o tsar-*stárets* absorveu novos poderes e, através do filho, transmitiu-os para o neto, por isso podemos quase com certeza esperar muitas bênçãos desse neto, que equivale à fusão do tsar com o *narod*. Mas foi limpo? ⁹

O eremita Fiódor Kuzmitch, de acordo com a crença popular, não era outro senão o tsar Alexandre I, que teria simulado a própria morte e fugido sorrateiramente para levar uma vida de ancião humilde. No verão de 1914, surgiram rumores de que Raspútín era filho de Kuzmitch, boatos que segundo alguns foram criados por pessoas poderosas na capital com o objetivo de atenuar os efeitos do falatório dando conta de que ele seria um *khlist* e um canalha. A carta de Górkí menciona a fusão do mito de Kuzmitch-Raspútín com o de Raspútín como verdadeiro pai do tsarévitch Alexei. A noção de que Kuzmitch talvez fosse o pai de Raspútín é absurda e fisicamente impossível, claro: o ancião morreu cinco anos antes de Raspútín nascer. ¹⁰

Górkí apresentou Iliodor a seu colega Ievguêni Chirikov, que seria seu guia na fronteira. Jornalista e escritor de esquerda preso várias vezes, e com frequência sob vigilância policial, Chirikov já conhecia bem o antigo monge: foi um dos jornalistas que cobriram a peregrinação realizada de barco por Iliodor em 1911, por ele relatada em tons especialmente sombrios. ¹¹ Como qualquer pessoa que entrava em contato com Iliodor, Chirikov ficou com uma forte impressão, vindo a se referir a ele mais tarde como “precursor do futuro Lênin! Arauto do nosso bolchevismo numa batina de padre. Ambos eram aventureiros, visionários, fanáticos, loucos de ambição e famintos de poder — um deles, no entanto, foi um sucesso, o outro, um fracasso”. ¹²

Em 19 de julho, Iliodor e Chirikov atravessaram o rio Torne para a Suécia, vários quilômetros acima da passagem oficial da fronteira. Pulando de pedra em pedra, Iliodor disse que perdeu uma bota, por isso tirou a outra e jogou-a de volta para o lado russo, gritando: “Tiro o pó das pernas e o pó desse país que tanto me atormentou e zombou de mim”. (O próprio Iliodor deu à imprensa outra versão das palavras que pronunciou naquele momento: “Adeus, maldita Rússia. Adeus, pobre e sofredora Rússia. Fui atormentado em vosso peito por agressores, obscurantistas, traidores e discípulos e adoradores incompetentes”.) ¹³ Iliodor seguiu viagem até Cristiânia (Oslo), onde sua mulher, Nadejda, e o filho pequeno a ele se juntaram três meses depois. Instalaram-se num apartamento simples no no 73 da rua Bogstadveien. Ele adotou o nome de sr. Perfilieff (sobrenome de solteira da mulher) e arranhou emprego de varredor numa fábrica. ¹⁴

Da segurança de Cristiânia, Iliodor despachou um furioso artigo para o jornal de Tsarítsin, *Terra do Volga-Don*, intitulado “Os sofrimentos de um refugiado maltratado”, no qual prometeu aos leitores que contaria a verdadeira história das razões que o levaram a abandonar a Rússia. Reconheceu ter ficado sabendo do desejo, entre alguns dos seus seguidores, de matar esse “criminoso contra o Estado e a Igreja” e ouvido falar que alguns queriam cortar fora seus genitais, mas negou que tivesse alguma coisa a ver com o ataque. Definiu Guseva como uma “verdadeira heroína” que merecia ser recompensada pelo que fez. Caso viesse a ser julgada, Iliodor ofereceu-se para atuar como seu advogado, dizendo estar preparado para mostrar ao mundo inteiro a verdadeira maldade de Raspútin, homem que merecia “o maior castigo de todos” — ou seja, a morte. O atentado contra sua vida teria sido um sucesso se o complô não fosse revelado antes da hora pelo “traíçoeiro vagabundo I.[van] Sinitsin”. Já ele, Iliodor, fora obrigado a fugir da Rússia porque estava prestes a ser preso por insultar a honra de suas majestades e por comandar uma organização terrorista clandestina. Declarou, com falsa nobreza, que teria ficado para enfrentar as acusações, mas sabia que esse ato, apesar de desprendido, serviria apenas para agravar as dificuldades enfrentadas por seus seguidores e por isso, pelo bem deles, teve que fugir. ¹⁵

Iliodor então se entregou à tarefa de escrever o livro que mostraria ao

mundo o verdadeiro Raspútin, bem como a sórdida vida da corte russa. Tanto Prugavin como Górkí o incentivavam a trabalhar o mais rapidamente possível. Em 29 de julho, Górkí escreveu para Amfiteatrov — autor do artigo que, segundo Guseva, a teria inspirado a matar Raspútin — dizendo que ele logo seria visitado por um “camarada bastante interessante, de posse de alguns documentos que são ainda mais interessantes. Seria maravilhoso se você pudesse entender o caos de sua alma e tudo que ele sabe”. Iliodor também mandou uma carta para Amfiteatrov, que então morava perto de Gênova, para dizer que Górkí endossara totalmente o plano do livro, e se ofereceu para ajudá-lo de todas as maneiras possíveis. Górkí instruiu Iliodor a instalar-se perto de Amfiteatrov para trabalharem juntos, mas a guerra começou e Iliodor ficou preso em Cristiânia. Planos para trabalhar com Ladijnikov em Berlim também fracassaram. Mais adiante naquele verão, Iliodor escreveu ao editor de *Operário Russo*, baseado em Londres, para dizer que o livro estava quase pronto.

O livro chama-se *O diabo santo* — (baseado no célebre “*stárets* da Corte russa” — Raspútin). [...] Conte a terrível e interessante verdade sobre Raspútin neste livro, a verdade que nem no exterior é conhecida. Com base em provas documentais, eu, na medida do possível, provei que Raspútin é um camponês dissoluto, um desgraçado, que dorme com a tsarina Alexandra e é o pai do herdeiro Alexei, e que Raspútin é o Imperador não oficial da Rússia e o Patriarca da Igreja russa. [16](#)

Afirmações atordoantes, todas mentirosas.

A imprensa russa acompanhou toda essa história grotesca. “O que Iliodor está fazendo?”, perguntou o *Correio de Petrogrado* em 13 de outubro. “Em Petrogrado, recebeu-se uma carta de S. M. Trufanov, o antigo hieromonge Iliodor, na qual ele informa que terminou de escrever um livro sobre G. Raspútin. O livro, segundo Iliodor, é enorme e interessantíssimo. Em suas palavras, essa obra terá importância histórica.” [17](#)

Na véspera, as autoridades denunciaram oficialmente Iliodor por incitação ao homicídio. [18](#) No fim de dezembro, o chefe dos investigadores do distrito de Tiúmen repetiu sua ordem de outubro para que todos os meios necessários fossem utilizados para encontrar Iliodor, onde quer que estivesse. No fim, entretanto, as autoridades foram obrigadas a desistir, e em 6 de julho de 1915 as tentativas de

encontrar Iliodor, ou levá-lo à Justiça, foram interrompidas. [19](#) Iliodor continuou um homem livre.

PARTE CINCO
GUERRA
JULHO DE 1914-1915

39. Nuvem ameaçadora

Enquanto Raspútin se recuperava num hospital siberiano, a Europa rumava inexoravelmente para a guerra. Em 28 de junho de 1914 (Novo Estilo), o arquiduque Francisco Ferdinando foi assassinado em Sarajevo pelo nacionalista sérvio Gavrilo Princip. Foi o tiro que deflagrou a Primeira Guerra Mundial e levaria ao assassinato do próprio Raspútin, dois anos e meio depois, e à queda da dinastia Románov logo em seguida.

A proximidade dos ataques a Raspútin e ao arquiduque tem dado ensejo a uma boa dose de lamentável confusão e de mendacidade pura e simples entre historiadores e biógrafos. À primeira vista, parece estranho que os dois homens fossem atacados com apenas um dia de diferença: 28 e 29 de junho. Mas qualquer ligação cronológica (ou de outra espécie) é uma miragem, resultado da confusão entre o calendário gregoriano então utilizado no Ocidente e o calendário juliano usado na Rússia. Pelo calendário juliano, Francisco Ferdinando foi assassinado em 15 de junho, exatamente duas semanas antes do atentado de Guseva. Esse fato óbvio infelizmente não impediu que adeptos das teorias da conspiração vissem um complô internacional mais amplo. Para historiadores nacionalistas russos contemporâneos, os ataques eram parte de uma conspiração judaico-maçônica para matar os dois únicos indivíduos que poderiam ter impedido a guerra — com o objetivo, portanto, de empurrar o mundo para um conflito que destruiria os impérios cristãos da Europa e da Rússia e desencadearia a revolução mundial. (O assassinato de Jean Jaurès, socialista e importante antimilitarista francês, no Café de Croissant em Paris em 31 de julho [NE], também tem sido citado como prova da conspiração.) ¹ Na

verdade, alguns dos proponentes mais extremados dessa teoria chegam a ponto de afirmar (contra a razão e contra todas as provas) que os atentados à vida dos dois homens ocorreram não só no mesmo dia, mas até na mesma hora. Em sua biografia de Raspútin, de 1964, Colin Wilson, que afirma ter sido o primeiro a notar a exata sincronização dos acontecimentos, escreveu: “A morte de Ferdinando tornou a guerra provável; o ferimento de Raspútin tornou-a certa, pois ele era o único homem na Rússia capaz de impedi-la”. ²

Na realidade, Raspútin ainda estava em Petersburgo na época do assassinato. Quando um repórter da *Gazeta da Bolsa de Valores* pediu sua opinião, ele respondeu:

Bem, irmãos, o que poderia Grigóri Iefimovitch dizer? Ele está morto. Por mais que se chore e grite, não será trazido de volta. Façam o que quiserem, o resultado será sempre o mesmo. É o destino. Mas nossos hóspedes ingleses em Petersburgo não conseguem esconder a alegria. É bom [para eles]. Minha mente camponesa me diz que se trata de um grande acontecimento — o começo da amizade entre os povos russo e inglês. É uma união, meu caro, da Inglaterra com a Rússia, e se fizermos amizade também com a França não será pouca coisa, mas uma força poderosa, realmente boa.

Em entrevista a um repórter italiano, ele foi menos otimista: “Sim, dizem que haverá guerra e que estão se aprontando para ela. Deus permita que não haja guerra. Isso me perturba”. ³

Raspútin era um homem de paz, com uma antipatia inata por derramamento de sangue, cuja devota fé cristã ensinava que a guerra era um pecado. Seus inimigos, agora com sede de sangue, retornaram aos pronunciamentos de Raspútin contra a guerra nos anos anteriores, quando os conflitos tomavam conta dos Bálcãs. Ele foi atacado nas páginas de *Respostas à Vida*, do padre Vostokov:

Gr. Raspútin, a julgar por sua publicação em *Fumaça da Pátria*, é o pior inimigo da Santa Igreja de Cristo, da fé ortodoxa e do Estado russo. Não sabemos qual é a influência que esse traidor dos ensinamentos de Cristo tem na política externa da Rússia, mas durante a guerra de libertação dos cristãos balcânicos contra a Turquia (em 1912) ele não apoiou Cristo, e sim o falso profeta Maomé. [...] Ele prega a não resistência ao mal, aconselha a diplomacia russa a fazer concessões em todos os problemas, estando totalmente convencido, como revolucionário, de que o prestígio perdido da Rússia e a recusa a cumprir suas tarefas de sempre causarão a destruição e a decadência do nosso país. [...] Ele não se importa com a glória e o poder da Rússia, mas visa diminuir sua dignidade e sua honra; para ele não faz mal trair nossos camaradas espirituais e entregá-los aos turcos e suábios. Está preparado para acolher as várias desgraças trazidas à nossa pátria pela disposição da Divina Providência, em virtude da traição do legado de nossos ancestrais. Entretanto, esse inimigo da verdade última de Deus é saudado como santo por alguns dos seus seguidores. ⁴

Ali estava Vostokov, padre imensamente popular, um dos pilares da Igreja, editor e escritor cuja revista tinha sido escolhida para ajudar a inculcar nas crianças Románov os ensinamentos de Cristo, acusando publicamente Raspútin, nos termos mais terríveis, de trair tanto o cristianismo como o Estado por sua tolerância para com outras crenças e por seu ódio contra a guerra. É uma indicação espantosa e perturbadora da falência moral que se alojava no coração de muitos clérigos dentro da Igreja ortodoxa russa na virada do século.

Nos dias que precederam o ataque de Guseva, Vírubova passou um telegrama para Raspútin, então a caminho de Pokróvskoie, comunicando os sentimentos de Nicolau e Alexandra a respeito da situação internacional. ⁵ E mais tarde, depois de ser transferido para Tiumen, Raspútin tentou acompanhar os acontecimentos de seu leito de hospital e dar conselhos ao imperador. Os repórteres que cercavam o hospital pediam sua opinião sobre a grave situação nos Bálcãs. ⁶ De acordo com sua filha Maria, Raspútin estava preocupadíssimo com a possibilidade de Nicolau ir à guerra. Supostamente teria dito, enquanto se restabelecia: “Estou chegando, estou chegando, e não tentem me impedir [...]. Oh, Senhor, o que foi que eles fizeram? Nossa Mãe Rússia perecerá!”. ⁷ Raspútin escreveu para Nicolau dizendo-lhe para “manter-se firme” e ignorar as vozes que incitavam à guerra. Sua preocupação era tão grande que os ferimentos se abriram e voltaram a sangrar. ⁸

Em 12 de julho, Raspútin telegrafou para Vírubova: “Um momento grave, há uma ameaça de guerra”. ⁹ No dia seguinte, telegrafou de novo, insistindo que ela dissesse ao tsar que era preciso evitar o conflito a qualquer custo. ¹⁰ Em 14 de julho, recebeu um telegrama não assinado de Peterhof, muito provavelmente de Vírubova, pedindo-lhe que mudasse de ideia e apoiasse a guerra: “Você está ciente de que a Áustria, nossa eterna inimiga, se prepara para atacar a pequena Sérvia. Esse país é quase só de camponeses, totalmente leais à Rússia. Ficaremos cobertos de infâmia se permitirmos essa vergonhosa represália. Havendo oportunidade, use sua influência para apoiar esta causa justa. Melhoras”.

Houve mais telegramas suplicantes:

16 de julho de 1914. De Peterhof para Tiumen. Raspútin.

Más notícias. Momentos terríveis. Ore por ele. Sem forças para combater os outros.

17 de julho de 1914. De Peterhof para Tiúmen. Raspútin.

As nuvens ameaçam cada vez mais. Para nossa defesa precisamos nos preparar abertamente, sofrendo terrivelmente.

De Petersburgo para Laptinskaia, [*](#) secretária de Raspútin.

A saúde do *stárets* permitindo, a vinda imediata é necessária para ajudar Papai à luz de iminentes acontecimentos, seus amorosos amigos aconselham e solicitam ardorosamente. Beijos. Aguardando resposta. [11](#)

Não chega a surpreender que, sendo Raspútin apontado como responsável por todos os problemas que surgiam, alguns ousassem culpá-lo pela ameaça de guerra. Gutchkov escreveu uma carta contundente para o ministro das Relações Exteriores, Serguei Sazónov, em 14 de julho, comentando que o ultimato da Áustria à Sérvia foi resultado direto da ideia que Viena fazia da fraqueza russa. A carta terminava assim: “Quer dizer então que agora afundamos até o último degrau da humilhação (será realmente o último?) graças à covardia do imperador, à liderança estatal de Raspútin e à sua conivência”. [12](#) Uma interpretação assombrosa e totalmente equivocada dos acontecimentos.

Foi nessa época que Raspútin mandou um telegrama a Nicolau, implorando que não fosse à guerra. O telegrama se perdeu, mas segundo Vírubova, que alegava tê-lo lido, dizia o seguinte: “Que Papai não faça planos para ir à guerra, pois a guerra significará o fim da Rússia e de vocês, e vocês serão derrotados até o último homem”. Consta que Nicolau ficou furioso com o telegrama e ressentiu-se da interferência de Raspútin em questões de Estado que não lhe diziam respeito. [13](#) Raspútin disse a um agente da Okhrana no verão de 1915 que, enquanto estava acamado no hospital, mandou aproximadamente vinte telegramas ao imperador pedindo-lhe que não fosse à guerra. Um desses telegramas era redigido em termos tão enérgicos, segundo ele, que alguns dos homens do imperador quiseram apresentar queixa contra Raspútin, mas Nicolau discordou, dizendo: “Isto é assunto nosso, não interessa a ninguém na corte”. [14](#)

Então Raspútin fez uma última tentativa de influenciar Nicolau e impedir que a Rússia fosse à guerra. Pediu caneta e papel e escreveu aquela que deve ser considerada a carta mais notável e profética escrita por um súdito a um monarca russo:

Prezado amigo, volto a dizer que uma nuvem ameaçadora paira sobre a Rússia, muita tristeza e muita dor, está escuro e não há um raio de esperança. Um mar de lágrimas,

incomensurável, e que dizer do sangue? Que posso dizer? Não há palavras, horror indescritível. Sei que todos eles querem de você a guerra, evidentemente sem perceber que isso significa ruína. Severo é o castigo de Deus quando tira a razão, é o começo do fim. Você é o Tsar-Pai do povo, não permita que os loucos triunfem e destruam a si mesmos e ao povo. Sim, eles conquistarão a Alemanha, mas e a Rússia? Se pensarmos bem nunca, em todos os tempos, jamais alguém sofreu como a Rússia, afogada no próprio sangue. Grande será a ruína, dor sem fim.

Grigóri [15](#)

Para nossa admiração, a carta sobreviveu. Apesar de não ser provável que Nicolau a tenha carregado no bolso durante toda a guerra, como já se especulou, ele sem dúvida lhe dava grande valor, e por essa razão levou-a para o exílio em agosto de 1917, quando toda a família foi expulsa de Tsárskoie Seló. Foi quando os Románov eram mantidos em Tobolsk, no começo de 1918, que Nicolau conseguiu enviar a carta em segredo para o marido de Maria Raspútina, Boris Soloviov, então na Sibéria tentando organizar um complô para salvar a família. Posteriormente, depois de fugir da Rússia, Maria foi parar em Viena, onde, ao que tudo indica, vendeu a carta para o príncipe Nikolai Orlov em 1922. Depois disso, o documento mudou de mãos pelo menos mais duas vezes, antes de ser adquirido por certo Robert D. Brewster, que o doou à Universidade Yale em 1951. [16](#)

A carta de Raspútin sugere um desses poderosos momentos do tipo “E se...?”. E se Nicolau tivesse ouvido as palavras de Raspútin, e se a imagem pintada pelo *stárets* com essas poucas e comovidas palavras tivesse aberto os olhos do tsar para o horror e o grande perigo que ameaçavam a Rússia no verão de 1914? Tivesse Nicolau seguido o conselho de Raspútin, o curso não só da história russa, mas da história mundial, teria sido radicalmente diferente. Tivesse a Rússia ficado fora da guerra, é difícil imaginar que houvesse uma revolução, ou pelo menos uma tão violenta e catastrófica. Os sofrimentos que teriam sido evitados são inimagináveis. E, sem as revoluções russas de 1917, é difícil conceber a ascensão da Alemanha nazista. Mas o fato é que Nicolau ignorou as palavras de Raspútin, que teriam salvado seu reino, bem como sua vida e a de sua família, e que mais do que compensam os danos que Raspútin havia causado, e viria a causar, ao prestígio do trono.

Mais tarde, já curado e de volta a Petersburgo, Raspútin gostava de

dizer que se estivesse na capital ao lado do tsar teria conseguido convencê-lo a não entrar na guerra. ¹⁷ O conde Witte, repetindo seus comentários sobre a crise balcânica, disse quase a mesma coisa. ¹⁸ É impossível saber se isso teria mesmo acontecido. É uma bela narrativa, mas, em última análise, não convence, pois a partir de 1914 quase nunca Nicolau ouvia conselhos de Raspútin sobre assuntos importantes, e quando os acatava era apenas na área religiosa. Só um ano depois de ter assumido o comando supremo das Forças Armadas em 1915, e quando estava longe, no quartel-general (Stavka), ¹⁹ Nicolau mostrou alguma disposição, e assim mesmo com relutância e em raras ocasiões, para seguir os conselhos de Raspútin.

Não se deve esquecer também que Raspútin não era a única voz a favor da paz. O antigo embaixador nos Estados Unidos, barão Roman Rosen, o príncipe Vladímir Meschérski (editor de *O Cidadão* e velho amigo tanto de Alexandre III como de Nicolau) e o conde Witte — todos se manifestaram contra a guerra. Depois de Raspútin, ninguém foi tão explícito com o tsar sobre as catástrofes que certamente desabariam sobre a Rússia se o país fosse à guerra quanto Piotr Durnovó, ex-ministro do Interior — catástrofes que explicou de forma minuciosa num famoso memorando de fevereiro de 1914. ²⁰

Enquanto Raspútin escrevia para Nicolau, a imprensa fazia conjeturas sobre o que o *stárets* achava da situação internacional. O *Correio de Petersburgo*, por exemplo, publicou em 16 de julho que Raspútin ficou “extremamente deprimido” quando recebeu um telegrama da capital sobre a declaração de guerra da Áustria contra a Sérvia no dia anterior. ²¹ Como tinha acontecido durante a crise balcânica, a imprensa europeia também ruminava sobre o que Raspútin estaria pensando. Axel Schmidt, do *Hamburger Fremdenblatt*, escreveu em 21 de junho (NE) que o “antigo apóstolo da paz” agora poderia estar falando a linguagem dos pan-eslavistas e conclamando à unificação de todos os eslavos e crentes ortodoxos sob o cetro russo. Se isso for verdade, comentou, será um grande perigo para a paz na Europa, pois só a religião era capaz de fazer as massas russas irem à guerra. “Seja qual for o caso”, concluiu o jornalista, “é simplesmente ridículo achar que a paz na Europa agora depende dos turvos desejos e da vontade de um místico astuto ou simples aventureiro. Mas na terra das possibilidades ilimitadas tudo é

possível.” [21](#)

As conjecturas eram as mais improváveis. Um jornal de Toulouse manifestou a opinião de que Witte tinha conseguido usar Raspútin para convencer o tsar a tomar o partido da Alemanha contra a França, esse “país ateu”. Jornais alemães (*Vossische Zeitung* , *Berliner Tageblatt*) observaram que Raspútin, se um dia fora poderoso o bastante para impedir o tsar de ir à guerra, bem poderia usar agora esse mesmo poder para fazê-lo ir para o confronto. Outro jornal alemão — *Deutsche Warte* — questionou (quando, nos primeiros dias depois do ataque de Guseva, ainda se acreditava que Raspútin estivesse morto) se ele teria sido assassinado pelas mesmas forças políticas que na Rússia se opuseram à sua política pacifista e agora queriam empurrar o país para a guerra. [22](#)

Em 17 de julho, Nicolau, sob forte pressão do comando militar, ordenou mobilização total do Exército para o dia seguinte. A guerra tornara-se inevitável. Quando Alexandra soube disso, correu ao gabinete de Nicolau, onde discutiram por meia hora. A imperatriz tinha sido apanhada de surpresa pela medida e estava agitada. Voltou correndo para seu quarto, jogou-se no sofá e chorou. “Está tudo acabado”, disse a Vírubova, “estamos em guerra.” Já Nicolau, segundo Vírubova, parecia tranquilo. A pergunta angustiante que pairava no ar enfim fora respondida. [23](#)

Em 19 de julho/1o de agosto, a Alemanha declarou guerra à Rússia. Raspútin passou um telegrama para Vírubova com um recado para Nicolau e Alexandra: “Meus queridos! Não se desesperem!”. [24](#) No dia seguinte, telegrafou diretamente para Nicolau: “Meu prezado e querido, nós os tratamos com amor enquanto eles preparavam suas espadas e suas más ações contra nós durante anos, estou convencido: todo mundo que vivenciou essa maldade e esperteza será punido cem vezes; a misericórdia de Deus é poderosa, continuaremos sob a proteção Dele”.

Em 24 de julho/4 de agosto, a Áustria-Hungria declarou guerra à Rússia. Raspútin telegrafou uma mensagem de esperança para Alexandra: “Deus jamais vai tirar a mão Dele da sua cabeça. Ele lhe dará consolo e força”. [25](#) Tão insistente quanto tinha sido em defesa da paz, agora que a guerra começara Raspútin se dedicava à vitória e nunca mais pôs em dúvida a justiça da causa russa ou vacilou quanto à

necessidade de combater seus inimigos. ²⁶ Em 26 de julho, passou o seguinte telegrama para Vírubova: “Todo mundo, de leste a oeste, se uniu no mesmo espírito pela Pátria; isto é uma grande alegria”.

Raspútín escreveu para Nicolau mencionando sua confiança na vitória russa em meados de agosto: “Deus é sábio e nos mostra a glória através da cruz, você vencerá com esta cruz. A hora vai chegar. Deus está conosco, os inimigos tremerão de medo”. ²⁷

Uma semana depois, Raspútín teve alta e seguiu direto para a capital. No começo da noite de 22 de agosto, foi recebido por Nicolau em Tsárskoie Seló. ²⁸ Com sua volta vieram também as costumeiras fofocas de salão. Maurice Paléologue, recém-nomeado embaixador francês na Rússia, anotou que Raspútín dissera à imperatriz que sua sobrevivência miraculosa era mais uma prova de que Deus cuidava bem dele. E havia muitas conjecturas sobre que posição Raspútín tomara em relação à guerra. Paléologue, por exemplo, achava que o *stárets* estava tentando convencer Nicolau a buscar uma aliança com a Alemanha, embora, como muita gente das classes altas naquela época que não conseguia imaginar um camponês tendo ideias próprias, o diplomata tivesse certeza de que Raspútín não chegara a essa conclusão por conta própria, e apenas repetia frases que o príncipe Meschérski lhe dissera. ²⁹

Na imprensa, o *Correio de Petersburgo* agora informava que Raspútín não só endossava a guerra como planejava alistar-se e seguir para o front. Era isso que se dizia no salão da condessa Sófia Ignátieva, e quando as seguidoras de Raspútín souberam da notícia, soltaram um grito de preocupação, insistindo que ele não se colocasse em situação de perigo. ³⁰ Um funcionário do governo que servia no Daguestão, certo I. A. Karev, ficou tão impressionado com a história do *Correio* que resolveu escrever para o próprio Raspútín:

Fiquei sabendo pelos jornais outro dia que o senhor planeja partir para o campo de batalha, e que, como todo russo, deve sacrificar-se em defesa da Pátria, portanto sua intenção tem grande mérito, mas por favor pare e pense — esta guerra terrível e seus horrores já devoraram muitas vidas e o senhor também não escapará desse destino, no entanto, permanecendo onde está, o senhor ainda trará grande benefício para a humanidade. Se o seu desejo de partir para a guerra é firme e apesar de tudo o senhor quiser mesmo ir para lá, então vá com Deus, muita gente estará orando a Deus pelo senhor [...]. ³¹

É desnecessário dizer que Raspútín jamais partiu para a guerra, nem teve alguma intenção de partir. No entanto, não querendo ficar para

trás, os seguidores de Iliodor que ainda restavam não perderam tempo ao saber do patriotismo marcial de Raspútín. Entraram em contato com o *Correio* e informaram a seu editor que Iliodor já saía para as linhas do front sérvio carregando uma grande cruz nas mãos e inspirando guerreiros eslavos a seguirem-no ao longo do caminho. ³²

Raspútín voltou a Petersburgo em 20 de agosto. Ainda estava fraco e sentindo dores consideráveis, apesar de o dr. Vladimirov ter anotado nessa época que o ferimento estava fechando, sem nenhum sinal de infecção. Ele considerava sua recuperação nada menos do que um milagre. Só na primeira semana de setembro Raspútín conseguiu ingerir alimento sólido — um pedaço de pão e uma fatia de peixe. ³³

Nicolau, caso estivesse mesmo furioso com os telegramas e as cartas que Raspútín lhe mandou de Tiúmen, não o demonstrou. O imperador viu Raspútín depois da ceia no dia 22, e novamente no dia 25, e teve um encontro com ele de mais de duas horas no começo da noite de 5 de setembro. E outra vez no dia 14: “Esperamos muito esta noite pela chegada de Grigóri. Ficamos com ele por muito tempo”, registrou Nicolau em seu diário. ³⁴ Por causa do atentado, Raspútín não pegava mais o trem para Tsárskoie Seló, sendo em vez disso levado de automóvel por um agente da Okhrana. ³⁵ Os encontros no palácio continuaram com regularidade até outubro e novembro. ³⁶

Com a guerra, as relações entre os três mudaram profundamente. Nicolau agora vivia quase sempre fora do palácio e, a partir do fim do verão de 1915, quase o tempo todo na Stavka, por isso Alexandra cada vez mais procurava Raspútín para pedir conselhos em assuntos pessoais e políticos. Ele estava sempre pronto para ajudar. Naquele mês de setembro, Raspútín começou a mostrar-se preocupado com as ambições do grão-duque Nikolai Nikoláievitch (Nikolacha), seu antigo patrono e agora comandante-chefe do Exército russo. Alexandra escreveu a Nicolau em 19 de setembro para lhe transmitir os temores de Raspútín de que “Bonheur”, como ela chamava o grão-duque, com o incentivo das Princesas Negras, tivesse pretensões ao trono — possibilidade que nem Alexandra nem o *stárets* suportavam sequer imaginar. ³⁷ Como parte de sua estratégia, Nikolacha era abastecido com informações negativas sobre Raspútín pelo chefe de polícia Stepan Belétski. ³⁸

Começou a circular uma história de que Raspútin pediu a Nikolacha permissão para visitar a Stavka, dizendo que era um desejo da própria Virgem, que lhe aparecera numa visão. Nikolacha teria respondido que ela lhe aparecera também, no dia anterior, dizendo: “Se aquele velhaco ousar entrar na Stavka, enforque-o no primeiro poste de luz. E podem acreditar: cumprirei a ordem da Virgem ao pé da letra”. Raspútin jamais visitou a Stavka. [39](#)

Já Nicolau gostava das idas de Raspútin ao palácio. Num raro momento de franqueza, Nicolau admitiu em seu diário, em 17 de outubro, que passara o dia inteiro num “humor abominável” por causa das ações dos alemães e dos turcos no mar Negro. Mas naquela noite Raspútin apareceu e tudo melhorou. “Apenas sob influência da conversa serena de Grigóri minha alma recuperou seu equilíbrio normal!” [40](#) Enquanto isso, Raspútin aconselhava Alexandra e as filhas a saírem do palácio para cuidar dos soldados feridos. Vê-las vestidas de enfermeira teria um grande efeito no moral das tropas, insistia ele. “Quando você conforta os feridos, Deus torna seu nome famoso através do seu afeto e de sua obra gloriosa”, disse-lhe Raspútin. Ela achou suas palavras “tocantes” e nelas tentou encontrar “força para superar minha timidez”. Quando os soldados de que a imperatriz cuidava morriam, ele lhe mandava palavras de consolo e recomendava que não desanimasse nem interrompesse seu importante trabalho. [41](#) Ao preparar-se para essas visitas, Alexandra tentava fortalecer sua alma com Raspútin e escrevia a Nicolau dizendo que tinha certeza de que isso era evidente para os pobres soldados: “Acho que é natural, porque os que estão muito doentes se sentem mais calmos e melhor quando estou lá, sempre penso em nosso amigo e rezo tranquilamente sentada perto deles ou acariciando-os — a alma precisa preparar-se quando se está com os doentes, se quisermos ajudar —, devemos tentar nos colocar no mesmo plano e ajudar a nos elevarmos através deles, ou ajudá-los a se elevarem sendo uma seguidora de nosso amigo”. [42](#)

A grã-duquesa Maria Pávlovna fez uma avaliação diferente do efeito que a presença da tsarina causava nos feridos:

Por mais que a imperatriz sinceramente simpatizasse com o sofrimento dos soldados, por mais que tentasse demonstrá-lo, havia qualquer coisa nela, difícil de definir, que a impedia de comunicar seus sentimentos genuínos e de confortar as pessoas a quem se dirigia. [...] Eles a

viam movimentar-se pela enfermaria, acompanhando-a com olhos ansiosos e amedrontados, e a expressão deles não mudava quando ela se aproximava e falava. [43](#)

Pelo fim de outubro, Raspútin tinha pressa de voltar para casa, mas Nicolau estava longe, e ele esperou, ansioso para falar com o imperador antes de partir. Eles se encontraram, com a presença de Alexandra, em 4 de novembro — uma reunião que, segundo o imperador, lhe trouxe “consolo”. [44](#) A razão de Raspútin querer falar com o imperador tinha a ver com os atos de Nikolai Lavrinovski, o governador de Táurida. Raspútin tivera um encontro recente com certa “Madame Muftizde” da Crimeia, que lhe falou das medidas terrivelmente severas que Lavrinovski — nacionalista russo ligado ao Centúrias Negras — tomara contra os tártaros, chegando a desterrar alguns para a Turquia. Raspútin ficou tão chocado com o que ouviu que falou a respeito do assunto com Alexandra, pedindo que Lavrinovski fosse logo removido e substituído por Nikolai Kniazevitch. Pressionou Alexandra a falar com o ministro do Interior Maklakov sobre o assunto imediatamente, sem esperar a volta de Nicolau para obter sua aprovação. Alexandra o acatou: Lavrinovski foi feito governador de Chemigov, e Kniazevitch assumiu o seu lugar. É importante notar que Kniazevitch era um homem excelente para o cargo, com uma folha de serviço extraordinária e profundas ligações de família com o território. Apesar disso, abriu-se um perigoso precedente: Alexandra, em conluio com Raspútin, tinha usurpado poderes que pertenciam apenas ao imperador. Alexandra sabia o que fizera e escreveu para Nicolau: “Por favor, não se zangue comigo e me mande uma resposta por telegrama — que você ‘aprova’ ou ‘lamenta’ minha intromissão [...]”. Nicolau, entretanto, não se irritou e aprovou as medidas da esposa. [45](#)

Em 17 de novembro, Nicolau partiu novamente para o front. O único consolo de Alexandra no momento da partida foi um telegrama que acabara de receber de Raspútin, informando-a de que tinha orado a Deus para proteger o imperador em suas viagens. Raspútin escreveu para o imperador também, incentivando-o e prevendo vitória: “Meu caro, não se aborreça com as astúcias do mal, o sábio Deus mostra o caminho para a glória com sua cruz, e com essa cruz você será vitorioso. Essa hora virá. Deus está conosco, nossos inimigos têm medo”. [46](#) Em 14 de dezembro, Alexandra escreveu a Nicolau para

contar que Raspútin lhe dissera para esperar boas notícias do front. Dois dias depois, Raspútin telefonou a Alexandra para dizer que o povo russo esperava de Nicolau que ele fosse “uma fortaleza do espírito”, o que ela fez questão de mencionar mais de uma vez para o marido. ⁴⁷ Quando Nicolau estava ausente, Alexandra e Raspútin temiam que ele fosse influenciado por outros, que não tivesse força para desempenhar o papel de tsar que queriam e esperavam dele. Recordavam-lhe exatamente o que precisava fazer para liderar a Rússia naquele momento decisivo.

Raspútin voltou ao palácio para ver a família inteira no Natal. Todos se reuniram em volta da árvore iluminada. Ele reconheceu que aquele foi “o ano mais difícil de todos os tempos”, mas assegurou a Alexandra que “Deus está conosco, o inimigo não é nada, as lágrimas dos amantes cercam o trono”. ⁴⁸

^{*} Akilina Laptinskaia, junto ao leito de Raspútin no hospital.

^{**} A Stavka ficou em Baránovitch (Bielorrússia) até agosto de 1915, quando foi transferida para Moguiliiov.

40. O incidente do Iar

Em 10 de janeiro de 1915, Raspútin mandou um telegrama para Vírubova, que se recuperava no Hospital do Palácio em Tsárskoie Seló depois de ter sofrido um quase fatal acidente de trem oito dias antes: “Apesar de não estar presente fisicamente, em espírito eu me rejubilo com você. Meus sentimentos são sentimentos de Deus. Mando um anjo para consolá-la e acalmá-la. Chame um médico”. ¹

É possível que Raspútin não tenha ido visitá-la porque estava em casa se recuperando dos próprios ferimentos. Dois dias antes, a imprensa noticiou que, a caminho de uma visita à catedral de Vladimirski, Raspútin foi ultrapassado e bloqueado por um automóvel, seu trenó sofreu um forte sobressalto e ele foi atirado longe, na calçada. Logo se formou uma grande multidão, que levou Raspútin inconsciente para uma farmácia próxima, de onde foi transferido para um hospital, apesar de no percurso ter acordado e pedido que o levassem para casa. Os médicos, de acordo com a notícia, descreviam seu estado de saúde como bastante delicado. ²

Se o acidente de fato ocorreu (o que é duvidoso), os ferimentos de Raspútin não poderiam ser tão sérios quanto os médicos julgaram de início, pois em 17 de janeiro ele estava de volta a Tsárskoie Seló com a mulher e a filha Maria. ³ Essas viagens ao palácio continuavam a ser feitas num carro com motorista posto à sua disposição pela Okhrana. O automóvel era velho e pequeno, e nada tinha de especial, apesar das lendas que circulavam a seu respeito em Petrogrado. Acreditava-se que estivesse especialmente equipado com duas metralhadoras nas portas, para a proteção de Raspútin. Naquela primavera, pessoas alegavam ter visto esse automóvel preto percorrendo as ruas em alta velocidade à

noite fazendo disparos contra pedestres, deixando-os feridos, sangrando nas calçadas e desaparecendo nas trevas. ⁴

Raspútín esteve de novo no palácio em 26 de janeiro para apresentar a Alexandra uma pilha de petições dirigidas ao imperador. ⁵ A vez seguinte em que viu o tsar foi em 27 de fevereiro, na casa de Vírubova, onde passaram uma hora e meia conversando antes que Nicolau partisse novamente para o front. Quando Nicolau se foi, Alexandra escreveu-lhe: “Meu amantíssimo. [...]. As bênçãos e orações do nosso amigo vão ajudar. É um consolo para mim que você o tenha visto e tenha sido abençoado por Ele esta noite! [...] Aperto você ternamente contra meu velho coração amoroso e continuo sendo sua Esposinha”. ⁶

Durante os três primeiros meses de 1915, a polícia informou que Raspútín tinha bebido muito e promovido orgias até tarde da noite. No fim de fevereiro, ele foi visto visitando por quase duas horas uma jovem “cortesã” de nome Ievguênia Terekhova-Miklachevskaja no Grande Hotel do Norte na avenida Niévski. ⁷ Encontros como esse já não tinham nada de incomum para Raspútín. Nenhum desses episódios, porém, se compara com o escândalo que explodiria em seguida.

A história de devassidão que ocorreu no restaurante Iar, em Moscou, na primavera de 1915, é um dos episódios mais notórios da vida de Raspútín. Todo biógrafo trata do assunto e quase todo mundo que sabe alguma coisa sobre Raspútín já ouviu falar dele.

Era fins de março, e Raspútín tinha acabado de chegar a Moscou de trem proveniente de Petrogrado — o novo nome, mais eslavo, de São Petersburgo. Junto com um grupo de amigos, visitou uma popular casa noturna chamada Iar para tomar uns drinques, jantar e divertir-se um pouco. Mas as coisas logo se descontrolaram. Raspútín bebeu demais, perdeu o juízo e começou a agarrar as dançarinas do coro de ciganas. Gabou-se em voz alta, em linguagem obscena, de suas relações com a imperatriz, dançou como um louco, chamando muita atenção. Então, quando parecia que seu comportamento não podia ser mais estranho, arriou as calças e exibiu o pênis para que todos vissem, como se quisesse mostrar de onde vinha o seu domínio sobre a tsarina e as mulheres da sociedade. Por fim, a polícia veio e prendeu Raspútín e, como o diplomata britânico Robert Bruce Lockhart viu com os próprios olhos

naquela noite, o arrastou xingando e rosnando para fora do Iar. Ele foi detido, mas solto por ordem imperial no dia seguinte, voltando às pressas para Petrogrado. O incidente tornou-se um imenso escândalo público, que ocupou a primeira página de todos os jornais, provocando protestos universais. [8](#)

O incidente do Iar oferece uma das melhores provas do caráter asqueroso de Raspútin e da sua maneira espúria de usar as relações com o casal imperial para satisfazer a própria vaidade. Naquela noite Raspútin mostrou quem realmente era. Mas será que mostrou mesmo? Podemos ter certeza de que a história do Iar de fato ocorreu como vem sendo contada e recontada há um século? Talvez a verdade daquela noite não seja exatamente o que parece.

Nos últimos anos, alguns biógrafos têm sugerido que o escândalo é muito mais complicado do que se supunha. Edvard Radzinsky sustenta que Raspútin sabia exatamente o que estava fazendo naquela noite. Nunca perdeu o controle, e seus atos eram parte de um plano para derrubar Vladímir Djunkóvski, vice-ministro do Interior e inimigo declarado de Raspútin. Criando um escândalo que Djunkóvski não poderia ignorar e que certamente relataria ao imperador, Raspútin, de acordo com Radzinsky, forçaria a mão do inimigo, fazendo Djunkóvski cair no desagrado da família e perder o cargo. Raspútin teria preparado uma armadilha para Djunkóvski e o derrubado com astúcia diabólica. [9](#)

E há ainda a curiosa teoria de um estudioso russo contemporâneo, segundo a qual a bacanal foi desempenhada não por Raspútin, mas por um sócia. Esse *Doppelgänger* era despachado especialmente para criar escândalos, como o do Iar, com o objetivo de destruir a reputação da família governante. O homem por trás dessa provocação era (não há surpresa nisso, levando em conta que a fonte era nacionalista) um judeu de nome Semion Kugulski. Kugulski, que era repórter, simulou o incidente para provocar um furor público e dar à Duma pretexto para falar do escândalo e desmoralizar o regime. [10](#) É uma ideia esquisita, mas não exatamente nova. De acordo com Alexei Sukhanov, deputado da Duma, alguns membros do Congresso na época realmente achavam que havia um fundo qualquer de verdade nas histórias de que o bêbado Raspútin era na verdade um revolucionário vestido como se fosse o *stárets* siberiano. Mas, em última análise, recordava Sukhanov, todo

mundo acabou percebendo o disparate dessa hipótese. ¹¹

Finalmente, há o argumento proposto por outros biógrafos atuais de que Raspútin nem sequer esteve no Iar naquela noite e que nada aconteceu ali. Citam como prova o fato de que os relatórios policiais relativos àquela noite desapareceram misteriosamente, tornando impossível afirmar onde estava Raspútin e o que fazia ele. Não há arquivos, insistem eles, porque não houve escândalo algum. ¹² Mas estão errados. Há arquivos sim; os papéis não desapareceram e estão muito bem guardados no Arquivo Estatal da Federação Russa em Moscou. É lá que está a chave do mistério do escândalo do Iar.

Em 25 de março, o coronel Konstantin Globatchev, chefe da Okhrana de Petrogrado, passou um telegrama para seu homólogo em Moscou, o coronel Aleksandr Martinov, informando-o de que “O Escuro” partira naquela noite para Moscou no trem expresso no 1 e instruindo-o “a estabelecer vigilância persistente e ultrassecreta e segui-lo onde ele for. Telegrafe-me no no 139”. A polícia estava esperando no dia seguinte quando o trem de Raspútin chegou à estação Nikoláievski. Vários policiais o escoltaram sem incidentes até a cidade, e disso tudo certo inspetor Glazunov informou devidamente Globatchev. ¹³ Oito agentes da Okhrana (Evgeniev, Iuschenko, Bichkov, Deriabin, Freer, Pakhomov, Leonov, Osminin) seguiram-no pelos quatro dias seguintes. Registravam todos os lugares a que ia e com quem entrava em contato, e telefonavam informando à sede sobre o paradeiro de Raspútin, às vezes a cada cinco minutos.

Os agentes investigaram cada um desses indivíduos e tentaram descobrir onde moravam, além de todos os detalhes pessoais possíveis. ¹⁴ Os policiais registraram que o Escuro tinha sido recebido na estação por Ievguênia Terekhova-Miklachevskaia, a mesma “cortesã” com quem se encontrara um mês antes no Grande Hotel do Norte em Petrogrado. A Okhrana de Moscou, entretanto, não sabia desse fato, e em seu relatório ela é descrita apenas como uma camponesa viúva de 43 anos. Talvez a Okhrana de Petrogrado tivesse sido leviana demais em sua avaliação do caráter da amiga de Raspútin. Juntos os dois seguiram para o apartamento de Terekhova na esquina da Bolshaia Libianka com a ponte Kuznetski. Raspútin ficou lá até as duas da tarde, depois saiu

sozinho, voltando duas horas depois. Às sete, um automóvel chegou trazendo “certa Iejova”, e os dois partiram. À meia-noite o automóvel voltou ao apartamento, agora trazendo um segundo homem, aparentemente o marido de Iejova. Uma hora depois — à uma do dia 27 —, eles saíram de novo, seguindo para o “restaurante suburbano ‘Iar’”, onde ficaram “até tarde da noite”.

Isso é tudo que diz o relatório da polícia sobre a noite de 26-27 de março. Nenhuma palavra sobre Raspútín bêbado, sobre alguma dançarina do grupo de ciganas insultada, sobre linguajar indecente, sobre exibicionismo público e, o mais importante, sobre a detenção de ninguém.

Os agentes passaram a maior parte do dia 28 coletando informações sobre os companheiros com quem Raspútín estivera na véspera. Descobriram que Ievguênia e Ivan Iejov, camponeses de quarenta anos, moravam com a mãe de Ivan, de 65 anos, num prédio de apartamentos pertencente ao conde Cheremétev, na travessa Bolshoi Kilsovski. ¹⁵

Raspútín só voltou a aparecer na rua no fim da manhã do dia 27, quando foi apanhado por uma mulher desconhecida e levado para o apartamento de Anisia Rechetnikova. Raspútín conhecia Rechetnikova havia um bom tempo, e até se juntara a ela em pelo menos uma de suas visitas a Moscou em maio. Tratava-se de uma viúva rica, de setenta e muitos anos, que morava com os dois filhos adultos: Nikolai e Vladímír. ¹⁶ Segundo uma fonte, Nikolai, graças a Raspútín, foi contratado como secretário particular de Vírubova e recebeu o título de conselheiro de Estado; Vladímír servia como sacristão, cargo aparentemente arranjado por Raspútín. ¹⁷ A casa deles em Moscou era um popular ponto de reunião para membros do alto clero, incluindo o metropolita Makari.

Depois de uma visita de vinte minutos, Raspútín saiu novamente com Terekhova, dessa vez para ir ver uns soldados feridos em um hospital que ela administrava. Ele conversou com eles e lhes deu bilhetes escritos de próprio punho (por exemplo, “Deus o ama e o recompensará” — “Não se preocupe, Deus vê, Grigóri”). De lá seguiu para o Estúdio Fisher e tirou fotos em três poses diferentes, após o que voltou para o apartamento de Terekhova. Ali ficou até as seis da tarde, e a polícia registrou que ele estava “bêbado” e tentou forçar a arrumadeira de Terekhova, Alexandra Slepova, de dezessete anos, a

beijá-lo. (Como os agentes podiam saber que isso estava ocorrendo dentro do apartamento nunca é explicado nos relatórios policiais.) Às seis da tarde Iejov pegou Raspútin “em estado de embriaguez” e ambos partiram com mais dois indivíduos desconhecidos para a casa dos Iejov. Às nove horas, Raspútin, já muito bêbado, foi tirado do apartamento e posto num cabriolé para dar umas voltas no bairro — aparentemente, segundo os agentes, numa tentativa de amenizar o pileque. Essa situação se repetiu durante horas: Raspútin sendo levado para dar uma volta enquanto homens e mulheres continuavam chegando para a festa no apartamento. Tarde da noite apareceu um grupo de mulheres que, para os agentes, pareciam cantoras. Seguiram-se danças e muita pândega. O barulho era tão grande que o vizinho de baixo queixou-se ao síndico, que interrompeu a festa nas primeiras horas do dia 28. Todos os convidados saíram, salvo Raspútin, que ficou o resto da noite. [18](#) Festas como essa não eram raras na casa dos Iejov. Dizia-se que certa vez Ivan tinha pedido dinheiro a Raspútin depois de perder grandes somas no carteadado. Raspútin deu a ele e à mulher tarefas de “intermediários” para ajudá-lo a recuperar o dinheiro. Como parte do arranjo, o casal providenciava muitas cantoras para entreter Raspútin em Moscou. [19](#)

Os agentes registraram movimentos parecidos no dia 28, mas sem farras. (Também notaram que ele saiu tarde da noite de carro por um longo tempo com a arrumadeira Slepova. Talvez ela tivesse finalmente cedido à sua insistência?) [20](#) Eles verificaram a identidade dos convidados da festa. Chegaram inclusive a anotar as placas dos automóveis em que Raspútin se deslocava: “No 1592”, “No 727”, “No 840”. Uma vez estabelecido o nome dos proprietários, a polícia aprofundava as investigações sobre sua vida pessoal. E isso não parou quando Raspútin foi embora, continuando até a segunda semana de abril. [21](#)

Na noite de 29 de março, os agentes Leonov e Osminin seguiram Raspútin até a estação Kurski. Ele embarcou numa cabine num vagão da primeira classe (No 2249) do trem No 6, partindo para Petrogrado às seis da tarde, acompanhado de uma mulher desconhecida. Os agentes prometeram descobrir de quem se tratava, bem como todas as outras pessoas suspeitas, mas ainda não identificadas. [22](#) No dia seguinte, Raspútin chegou a Petrogrado. Imediatamente telegrafou a Elena

Djanumova, uma de suas muitas amigas: “Meu delicioso tesouro, estou com você em espírito, beijos”. [23](#)

Em 1o de abril, o coronel Aleksandr Martinov compilou um relatório minucioso da visita de Raspútin, com base nas anotações de seus agentes, e o enviou para o governador-geral de Moscou, Aleksandr Adrianov. O relatório de Martinov correspondia exatamente ao que seus agentes tinham informado em serviço, e ele incluiu também uma lista de dezesseis pessoas com quem Raspútin teve contato durante a visita. Os nomes de Kugulski e de Soiedov não apareciam, fato que se revelaria muito importante mais tarde. [24](#) Adrianov encaminhou o relatório para o vice-ministro Vladímir Djunkóvski.

Com isso o assunto da visita de Raspútin a Moscou foi encerrado. Mas no fim de maio, quase dois meses depois de o relatório de Martinov ter sido encaminhado para Petrogrado, Djunkóvski passou um telegrama “urgente” para Martinov ordenando-lhe que informasse detalhadamente o que tinha acontecido durante a visita de Raspútin ao Iar. [25](#)

Martinov sabia exatamente o que seu superior queria, pois o ódio de Djunkóvski a Raspútin e suas ligações com os antirrasputinistas não eram segredo para ninguém. Na verdade, Djunkóvski esteve em Moscou no fim de maio e é provável que tenha aproveitado a ocasião para se reunir com Martinov e Adrianov e dizer o que esperava deles. [26](#) Ievdokia, irmã de Djunkóvski, era muito amiga de Ella e de Sófia Tiútcheva. Djunkóvski também tinha aparentemente permitido que a mulher de Iliodor fugisse da Rússia com os arquivos do marido sobre Raspútin, sem dúvida na esperança de que usasse o material para arruinar seu inimigo em comum. [27](#) Djunkóvski estava preparando seu próprio dossiê sobre Raspútin, o qual queria usar na hora certa. [28](#) Inclusive, numa visita a Berlim em 1913, de acordo com as memórias de Djunkóvski, a própria família da imperatriz o puxou de lado e pediu que fizesse o possível para convencer Alexandra a livrar-se de Raspútin, por causa do perigo que ele representava para o trono. [29](#) E Djunkóvski tinha recebido a informação de que seus agentes gendarmes estavam tentando bajular o siberiano. Um deles tinha chegado a ponto de lhe oferecer a própria mulher para cair em suas boas graças. [30](#) A ideia de que seus homens — que deveriam estar tentando derrubar Raspútin — pudessem se aliar a ele era um insulto. Adrianov informou a Djunkóvski

que Raspútín não havia cometido “nem a mais leve impropriedade” naquela noite no Iar, mas isso não tinha importância. Djunkóvski queria alguma coisa que pudesse acrescentar aos seus arquivos e ia conseguir.

[31](#)

Em 5 de junho, Martinov respondeu a Djunkóvski, enviando junto um relatório preparado por certo tenente-coronel Semionov. O relatório declarava que Raspútín tinha chegado ao Iar em 26 de março por volta das onze da noite com Anisia Rechetnikova, uma desconhecida, e certo sr. Soiedov. Do restaurante telefonaram para uma figura chamada Kugulski pedindo que se juntasse a eles. Em seguida, de acordo com o relatório, Raspútín começou a dançar o “maxixe” e o “cakewalk” e a conversar com as moças do coro dizendo que seu cafetã era um presente da “velha senhora”, que o costurara pessoalmente. “Depois disso, o comportamento de RASPÚTIN assumiu o caráter totalmente afrontoso de um psicopata sexual: ele, segundo consta, teria mostrado seus órgãos sexuais e nesse estado continuou a conversar com as cantoras, passando a algumas delas bilhetes escritos à mão”, informou Semionov. Quando as cantoras lhe disseram que aquilo não era maneira de comportar-se, Raspútín respondeu que ele “sempre se comporta assim na companhia de mulheres, e continuou sentado nesse estado”. A mulher desconhecida pagou a conta do grupo e então, pelas duas da manhã do dia 27, eles saíram. [32](#) Um segundo relatório, datado de 6 de junho, de autoria de um certo Iákovlev, inspetor de polícia, também dava a entender que era um registro dos acontecimentos daquela noite, muito embora até a data estivesse errada (28 de março) e ali se repetissem os mesmos erros do relato de Semionov sobre com quem Raspútín visitara o Iar.

A inclusão de Soiedov e Kugulski — homens com quem, repetindo, Raspútín não teve nenhum contato durante a viagem — tinha um objetivo específico. Os registros policiais identificam Nikolai Soiedov, de 54 anos, como empregado da *Gazeta de São Petersburgo* e Semion Kugulski, de 51, como editor e responsável legal pelo jornal de teatro *Notícias da Temporada*. Martinov, num relatório para Djunkóvski datado de 29 de julho, escreveu que usando “métodos secretos” tinha descoberto a natureza das relações entre esses dois homens e Raspútín e o que faziam naquela noite. Apresentou Soiedov da forma mais negativa

possível, descrevendo-o como um nobre perdulário, que também trabalhava como repórter, e homem com reputação de ser uma “figura tenebrosa” com envolvimento em vários negócios escusos. Fora a Petrogrado no começo do ano pedir a ajuda de Raspútin para estabelecer um negócio desonesto envolvendo uma larga distribuição de roupas íntimas de soldados, com o que ambos esperavam ganhar muito dinheiro. Raspútin foi receptivo à ideia e prometeu usar suas conexões “com altos personagens” para concretizá-la. Levaram Kugulski consigo para ajudar no negócio, e era o grande sucesso da iniciativa que estavam comemorando naquela noite no Iar. A festa saiu do controle, e quando os outros fregueses começaram a perguntar se o bêbado era mesmo Raspútin, o proprietário do Iar, o sr. Sudakov, tentou convencê-los de que estavam enganados, que era outra pessoa que queria se passar por ele. Foi nesse momento que Raspútin, “da maneira mais descarada”, levantou-se e desabotoou as calças para provar que era de fato quem afirmava ser. [33](#)

E assim o que começou como uma simples história sobre depravação moral foi alçado à condição de relato de corrupção política nas mais altas esferas.

Numa noite de junho, durante uma de suas audiências regulares com o tsar, Djunkóvski resumiu o incidente de Iar enquanto Nicolau escutava em silêncio. [34](#) Quando terminou, Nicolau quis saber se ele tinha tudo aquilo escrito, ao que o ministro respondeu que sim, e lhe entregou uma folha de papel, que o tsar pegou e depositou numa gaveta da escrivaninha. Djunkóvski diria depois que considerava sua obrigação informar o imperador do que Raspútin andava aprontando e do perigo que representava para a Coroa. Na verdade, nesse caso era Djunkóvski quem estava causando o maior dano, inventando essa história absurda na esperança de destruir Raspútin de uma vez por todas. Djunkóvski foi até um pouco mais longe naquela noite. Disse ao tsar que Raspútin era um instrumento de uma sociedade secreta (muito provavelmente referindo-se aos maçons) empenhado na destruição da Rússia. Falou por cerca de duas horas. Nicolau, segundo Djunkóvski, agradeceu-lhe a franqueza e pediu que o mantivesse a par de tudo e que aquelas informações não fossem divulgadas para mais ninguém. Djunkóvski deu sua palavra ao tsar e saiu do palácio sentindo-se “feliz e satisfeito”. [35](#)

Nenhum dos dois, porém, cumpriu a palavra. Nicolau informou Alexandra sobre o assunto, e Djunkóvski contou a história ao grão-duque Dmítri e outros, aparentemente tirando cópias dos arquivos do seu ministério e mostrando para seus colegas antirrasputinistas. Alexandra, furiosa, escreveu a Nicolau em 22 de junho chamando Djunkóvski de “mentiroso” e “traidor” e um dos seus “inimigos”, insistindo que fosse punido por espalhar mentiras sobre o amigo deles. Advertiu o marido de que, se permitissem que “nosso amigo” fosse atormentado, a Rússia sofreria. Os ataques a Raspútin estavam estragando a saúde dela, causando-lhe dores no peito. “Se deixarmos nosso amigo ser atormentado, nós e nosso país sofreremos por isso — certa vez, um ano atrás, uma pessoa tentou matá-lo e outra o caluniou até não poder mais. Como se eles não fossem chamar a polícia para pegá-lo em flagrante [*](#) — que horror!”

E, na mesma data (22 de junho):

Ah, meu Amor, quando é que finalmente você vai dar murros na mesa & gritar com Dj. & com outros que ajam mal? — as pessoas não têm medo de você — & precisam ter medo — precisam viver amedrontadas com você, do contrário se sentam em cima de nós, & basta disso Querido — não me deixe falar em vão. Se Dj. estiver com você, chame-o, mande-o rasgar isso & não ousar falar de Gr. como vive fazendo & diga que ele age como um traidor & não como um súdito leal, que deveria defender os Amigos do seu Soberano, como se faz em qualquer outro país. Oh, meu Garoto, faça-os tremer diante de você — amá-lo não basta, é preciso temê-lo [...][36](#)

Alexandra não se deixou enganar por Djunkóvski, e a tentativa de demolir Raspútin produziu efeito contrário ao que desejavam: a imperatriz ficou mais convencida do que nunca de que todos os relatos de mau comportamento de Raspútin — suas bebedeiras, suas farras com mulheres, suas bravatas presunçosas — não passavam de mentiras inventadas para afastá-lo dela. A consequência involuntária do incidente do Iar foi imunizar Raspútin contra todas as críticas aos olhos da tsarina. Os inimigos de Raspútin na verdade o tornaram mais forte, e sua posição, mais segura. Djunkóvski não se deu conta disso na época e descreveu a reação de Alexandra como “psicose de base histórica”. [37](#) Se foi histeria, nesse caso ela estava com a razão, pois parece que sabia melhor que o marido que as histórias contadas por Djunkóvski eram mentiras deslavadas, em que todas as pessoas à sua volta queriam acreditar.

As histórias iam aumentando a cada vez que eram contadas. Dizia-se que Raspútin tinha ficado nu, que houve uma orgia, que ele foi fotografado pela polícia com “lâmpadas especiais de magnésio”, mas que alguns seguidores seus conseguiram adulterar as fotos para ocultar sua identidade, subvertendo, dessa maneira, os bravos esforços de Djunkóvski para desmascará-lo. ³⁸ Era parte do mito do Iar acreditar que Djunkóvski foi demitido por ousar levar o assunto a Nicolau: Raspútin, com o apoio de Alexandra, insistiu que fosse demovido de seu posto imediatamente. Mas não foi bem assim. Djunkóvski ficou no cargo até meados de agosto — dois meses depois do relatório — antes de ser substituído. As razões de sua demissão continuam nebulosas e variadas, e não há uma explicação única. Mas isso não fazia diferença para Djunkóvski e seus aliados: ele se apresentou como vítima de Raspútin e como mártir, e os inimigos do *stárets* estavam mais do que dispostos a vê-lo sob essa luz santificada. ³⁹

Djunkóvski saiu com o príncipe Vladímir Nikoláievitch Orlov e o ajudante de campo coronel Aleksandr Drenteln. A imperatriz fez menção a isso em 22 de agosto em carta para Valentina Chebotariova: “Ambos trabalharam contra mim. Os ministros são covardes. Quando o Imperador precisa tomar alguma decisão, eles se opõem de imediato, citando todo de tipo de perigo imaginário. E, quanto a mim, sinto que estou usando calças por baixo da saia”. ⁴⁰

Dizia-se que Nicolau estava tão furioso com Raspútin por causa do escândalo do Iar que o chamou para dar explicações. Raspútin admitiu as transgressões, e o tsar, indignado, ordenou que fosse embora imediatamente para a Sibéria e se recusou a vê-lo durante meses. ⁴¹ Isso também é falso. Raspútin visitou Tsárskoie Seló mais de dez vezes em abril. Viu Nicolau na tarde do dia 1o e no dia 27, quando o tsar retornou de suas viagens, e novamente depois da refeição da noite em 4 de maio, quando o imperador anotou em seu diário que “Grigóri me abençoou antes da minha partida” por ocasião de outra viagem. ⁴² Nicolau voltou a Tsárskoie Seló em 14 de maio, e o casal imperial passou o começo da noite com Raspútin em 31 de maio e novamente em 9 de junho. No dia 10, Nicolau partiu para a Stavka, e ainda estava lá quando Raspútin partiu de Petrogrado para casa, cinco dias depois. ⁴³ Não existe nada a sugerir que Nicolau sequer interrogou Raspútin sobre essa história,

menos ainda que tenha se zangado com ele.

Um inglês de nome Gerard Shelley visitou o Iar não muito tempo depois da notícia do escândalo. Esteve lá com um amigo conversando com o pessoal, subornando um dos garçons para que lhe contassem tudo que o notório *stárets* tinha aprontado. Para seu espanto, o garçom não tinha nada a dizer. Não sabia sequer se Raspútín tinha estado lá. “Só o diabo sabe quem vem aqui”, disse ele. “Raspútín ou qualquer outro, para nós é tudo a mesma coisa. Aqui aparece todo tipo de fuça, vermelha, branca, preta e verde. Mas Raspútín, isso é *ierunda* !” ⁴⁴ Ou seja, bobagem.

Mas então como interpretar a afirmação de Lockhart de que estava no Iar naquela noite e viu tudo com os próprios olhos? É verdade que seu testemunho não pode ser ignorado. Um exame mais atento de sua descrição sugere, porém, que ele também pode ter sido não exatamente verídico. Lockhart afirma que o incidente ocorreu numa “noite de verão” e que 24 horas depois da “detenção” de Raspútín o ministro Djunkóvski foi substituído. Talvez o diplomata tenha se confundido com os detalhes nos anos que se passaram até que resolvesse escrever sobre a experiência em suas memórias. Felizmente, seus diários sobreviveram e estão guardados nos Arquivos Parlamentares no Palácio de Westminster, em Londres. Esses documentos são o último prego no caixão. Durante a visita de Raspútín a Moscou, Lockhart nem sequer estava lá — estava longe, em Kíev. Mais ainda, em nenhuma parte dos seus diários ele menciona um escândalo no Iar. ⁴⁵ Por quê? Porque nunca houve escândalo nenhum. Assim como Djunkóvski, Lockhart mentiu.

* Ou seja, no Iar.

41. Mulheres de Raspútin

A vida sexual de Raspútin é lendária, tanto por sua notável popularidade como por sua falta de comprovação, características próprias do mito. Consta que seu apetite era insaciável, seu vigor, estupendo, suas proezas, inigualáveis. “Raspútin é incomparável”, disse Vassíli Chulgin, citando a filha de um senador russo que teve uma experiência pessoal com o siberiano. “É um homem único no mundo, provoca tantas sensações. Os outros homens são todos imprestáveis”, teria afirmado ela, suspirando. ¹ A reputação de Raspútin como “um demônio da carne, um erotomaniaco, um sátiro *cravacheur* e chefe de uma seita místico-erótica”, para citar a filha Maria, foi criada, na prática, pelos homens. Em suas memórias, Mikhail Rodzianko escreveu que Raspútin participava de orgias nos apartamentos da capital, violando jovens criadas. Alegava estar de posse de enormes pilhas de cartas de mãos cujas filhas tinham sido desgraçadas por esse “libertino repulsivo”, além de uma fotografia de Raspútin cercado por centenas de seguidoras entusiásticas. ² No auge de sua fama, histórias de Raspútin, o deflorador de virgens, apareciam com frequência na imprensa russa. ³

Embora os relatos de grandes orgias e de dezenas de jovens corrompidas sejam fantasiosos, não há a menor dúvida de que Raspútin tinha amantes. Até a filha Maria, defensora do legado do pai, teve de admitir que isso era verdade. Em seus primeiros anos em Petersburgo, escreveu ela, o pai se esforçara para resistir à tentação. As mulheres o procuravam para pedir ajuda, homens lhe mandavam mulheres como presente ou como armadilha, e por um tempo ele conseguiu se controlar, mas nos últimos anos acabou cedendo. Encontrava-se com mulheres em restaurantes como Villa Rode, nos arredores de São

Petersburgo, e se retirava com elas para quartos privados.

“Não há dúvida de que bebiam e dançavam com animação. Meu pai, com sua grande vitalidade, a espontaneidade de um homem criado no interior e sua franqueza absoluta nessas coisas como em todas as outras, preservava sua costumeira liberdade de conduta e se deixava levar pelo prazer com a mesma paixão com que era levado pela oração.” E, num momento de mais franqueza, confessou: “Não quero de forma nenhuma negar que durante sua vida em São Petersburgo meu pai teve amantes, e que em certos períodos levou vida de farrista. Vivendo cercado por mulheres, um homem de instintos naturais, robusto e viril pode certamente ter cedido a muitas tentações. Além disso, esforços persistentes eram feitos por pessoas à sua volta para liberar esses instintos e multiplicar as tentações e oportunidades.” ⁴

As mulheres em volta de Raspútin eram quase sempre figuras ansiosas, vítimas de algum tipo de sofrimento. Eram atraídas por sua força interior e seus poderes de percepção, tão grandes que ele parecia conhecê-las melhor do que elas próprias. Não eram poucas as mulheres de sociedade que levavam existências tristes — com maridos que as traíam ou ignoravam. Eram solitárias, vazias em sua vida emocional. Raspútin escutava-as, dava-lhes atenção, acariciava-as e beijava-as — e para algumas isso era justamente o que lhes faltava. O que nos primeiros anos talvez fosse uma relação casta — um ombro no qual encostar, alguém com quem conversar e confortar —, nos últimos anos deixou de ser.

Apesar do ir e vir das mulheres em sua vida, com o tempo criou-se um pequeno grupo à sua volta, que ficou conhecido como suas “daminhas”. Ajudavam a tomar conta de sua vida doméstica e de sua agenda em Petersburgo, dando-lhe presentes e dinheiro, anotando com devoção febril seus dizeres e ensinamentos, recolhendo seus restos de comida e sua roupa suja. ⁵ Uma seguidora disse à Comissão que todas eram mulheres nervosas, com a alma partida e grandes tristezas íntimas. Buscavam um conforto espiritual que os representantes oficiais da Igreja eram incapazes de compreender, que dirá proporcionar. Raspútin era o seu consolo. O tempo que passavam com ele enchia suas almas infelizes de vida nova, esperança e até alegria. Ele sabia adivinhar o sofrimento alheio e, com poucas palavras, aliviava a dor, isso quando não a removia

inteiramente. Essas mulheres acabavam acreditando em sua santidade com uma adoração mística, confiando-lhe a alma e, não raro, o corpo.

Assim uma devota casada expressou seus sentimentos em carta para Raspútin:

Querido Grigóri Iefimovitch!

Sinto tão, tão dolorosamente não ser digna de suas santas palavras de consolo e alegria. Fiquei mais do que radiante com sua carta. [...] Você me encontrou, a mim, ovelha perdida, e nunca acharei o caminho se você não me guiar, se não preparar minha alma para Cristo. Sou tão fraca, tão insegura! E quanto mais longe vou, mais certeza tenho de que não existe outra alegria verdadeira que não seja a vida espiritual em Cristo. Não posso esquecer os minutos passados em conversa com você, ainda que fosse do agrado de Nosso Senhor Deus tirá-los de mim por causa dos meus pecados. Pois não sou digna deles. Perdoe-me, Grigóri Iefimovitch, sofro terrivelmente, me sinto péssima porque ainda não encontrei a verdadeira luz.

Para sempre sua irmã pecadora e indigna, Alexandra ⁶

Vladímir Djunkóvski culpava em grande medida essas mulheres pelo fenômeno Raspútin: “Se em nossa sociedade houvesse um pouco menos mulheres histéricas e insatisfeitas em busca de sensações especiais [...] Raspútin nunca teria tido influência nenhuma”. ⁷ Deixou de acrescentar, porém, que se as mulheres de Petersburgo eram forçadas a sair de casa em busca de “sensações especiais”, seus maridos deveriam aceitar parte da culpa também. Em conversa com Chulgin, um deputado da Duma explicou a atração de Raspútin como resposta natural das mulheres da sociedade que viviam à procura de sensações que seus “enfadonhos” maridos eram incapazes de oferecer. Procuravam amantes, mas esses homens tendiam a ser da mesma classe social dos maridos e, portanto, não mais capazes de satisfazê-las. Por isso saíam em busca de homens de outras classes sociais. Começavam a desprezar os preconceitos de classe, suas tendências herdadas e até as demandas da “estética e da decência”. No fim, desciam até Raspútin, mas a essa altura já estavam totalmente corrompidas, tendo passado por um “longuíssimo caminho de prostituição de alta sociedade”. ⁸

Chulgin descrevia isso como “a ciranda das ‘almas perdidas’, insatisfeitas na vida e no amor. Em sua busca do segredo da felicidade, algumas mergulhavam no misticismo, outras na devassidão, algumas em ambos”. ⁹ Nenhuma dessas almas era mais perdida do que Olga Lokhtina. Padecendo de doença mental, ela se deixava abusar por Raspútin, que se incomodava com seu completo aviltamento, mas não

sabia como tratá-la com ternura. Sua adoração delirante enervava Raspútin. Ela se ajoelhava diante dele e, amorosamente, tirava-lhe as botas, beijando-as antes de colocá-las ao lado de sua cadeira. Consta que teria furtado sua colher e seu casaco e que orava diante deles como se fossem relíquias sagradas. Há relatos de Raspútin espancando-a com um sapato ou qualquer outro objeto que encontrasse, enquanto ela lhe pedia perdão por seu estranho comportamento. Ele via na estranheza de Lokhtina não uma doença, claro, mas a obra do Diabo, que não conseguira exorcizar. ¹⁰ Filippov, o amigo jornalista de Raspútin, declarou à Comissão que uma vez chegou ao apartamento de Raspútin e o viu bater em Lokhtina no quarto de dormir. Ela tentava agarrar-se aos ombros dele, gritando o tempo todo: “Você é Deus”, enquanto ele berrava de volta: “Você é uma vadia”. Filippov repreendeu severamente Raspútin por bater numa mulher. “Ela não me deixa em paz, a vadia”, respondeu Raspútin, “está suplicando para pecar”, enquanto ela continuava berrando: “Sou o seu cordeiro, e você é o Cristo!”. ¹¹ Maria confirmou que o pai era genioso e às vezes irritadiço e briguento. ¹²

As patéticas relações entre Raspútin e Lokhtina não eram aprovadas pelas outras mulheres. Akilina Laptinskaia, uma das seguidoras mais devotas, não aturava Olga, tinha ciúmes terríveis dela. Munia Golovina se referia a Akilina como uma megera horrorosa que nenhuma das outras mulheres tolerava. A única coisa que tinha de bom era uma voz adorável, e Raspútin sempre se acalmava quando a ouvia cantar. ¹³ Munia e a mãe, Liubov, por exemplo, amavam Lokhtina, mas não compreendiam nem aprovavam o que acontecia entre ela e Raspútin. Liubov disse certa vez que Lokhtina tirou de Raspútin todos os seus notáveis dons — o poder de consolar, a perspicácia, o cérebro — enquanto fechava os olhos para seu comportamento impróprio com as mulheres. Munia tentou explicar a conduta de Lokhtina a alguém de fora como uma tentativa equivocada de pôr em prática as palavras de Raspútin segundo as quais o “aviltamento é uma alegria para a alma”. Mãe e filha jamais se tornaram amantes dele, mas parece provável que também se sujeitavam aos seus perturbadores afagos, que davam margem a tantos comentários.

Liubov disse que o espírito de Raspútin poderia ser transferido para outras pessoas mediante contato físico, coisa que ele não conseguia

evitar. Raspútín jamais aprendeu a controlar as mãos e estava sempre acariciando os ombros, as coxas e o traseiro das mulheres, tocando-lhes os seios e sufocando-as com beijos molhados. Ficava pior quando bebia. Nessas ocasiões, levava qualquer uma que lhe agradasse para o quarto, deixando os convidados tomando chá ao som da trilha amorosa atrás da porta. Raspútín se sentia especialmente atraído por recém-chegadas e achava a caçada estimulante. Depois que possuía uma mulher, porém, geralmente esfriava. Não que isso fosse desagradável para as mulheres à sua volta. E não era só a concupiscência dele em ação: costumava haver mulheres que gostavam de tomar a iniciativa. [14](#)

Munia acreditava nos poderes de Raspútín desde o momento em que se conheceram, e pelo resto da vida jamais duvidou dele. “Há um homem vivendo entre nós”, escreveu ela,

que voluntariamente assumiu todos os nossos fardos e se responsabiliza por eles perante Deus, dando-se por inteiro a Ele, e de Deus recebendo em troca todos esses ricos dons espirituais com que nos alimenta, e do povo, em benefício do qual está sempre se oferecendo como vítima, ele só recebe insultos, falta de compreensão, frieza, ingratidão e maldade! Por seu amor e sua compaixão sem limites pelo povo, é pago com uma desconfiança que toca nos sentimentos mais vis, sentimentos que para ele — servo de Deus e o escolhido — não existiam havia muito tempo! A calúnia sempre o perseguiu e perseguirá, pois nisso está sua grande façanha, e todos os verdadeiros homens santos de Deus sempre foram perseguidos, caçados, julgados e condenados! [15](#)

É claro que nem todo mundo era capaz de perceber os talentos de Raspútín. Olga Golovina, irmã de Munia, por exemplo, ficou desapontada consigo mesma por ser indiferente a Raspútín. Isso criou uma dolorosa distância emocional entre Olga, a irmã e a mãe. “Veja Munia”, disse ela à escritora Vera Jukóvskaia, “ela é tão calma e feliz, enquanto eu corro de um lado para outro sem conseguir achar apoio moral em lugar nenhum.”

Jukóvskaia, recém-saída do liceu, encontrou-se várias vezes com Raspútín para sua pesquisa literário-sociológica, bem como para satisfazer seu interesse por colecionar experiências eróticas e de outro tipo consideradas tabu para uma jovem da sua classe. Raspútín, escreveu mais tarde, sentiu-se fortemente atraído por ela e tentou levá-la para a cama. “Não consigo fazer nada sem carícias”, dizia ele, “porque é através do corpo que se conhece a alma.” [16](#) Ela afirmava ter resistido a suas investidas, apesar de nem todo mundo estar disposto a acreditar

em sua palavra. ¹⁷ A Comissão chegou a descrever Jukóvskaia como “sexomaníaca e satanista”. ¹⁸

Jukóvskaia conheceu bem as mulheres do círculo de Raspútin e observou suas interações. Raspútin lhe disse que Lokhtina era sua “cruz pesada”. Tinha removido todos os seus pecados e agora ela estava limpa, mas todos aqueles pecados fora ele que assumira. Foi o sacrifício que fez para salvá-la. Ela viu que ele agarrava as mulheres reunidas em volta da mesa; viu que suas palavras indecifráveis eram recebidas com gritos de “Oh, padre, padre, suas palavras são santas!”; e viu que elas tremiam de excitação para receber das suas mãos o açúcar do chá. Certa vez, Sana Pistol Kors, irmã de Anna Vírubova, insistiu em falar com Raspútin em particular, e ele a seguiu até o quarto dele, com a mão em seu traseiro. As outras continuaram conversando enquanto o barulho das risadas constrangidas de Sana vinha de dentro do quarto, seguido de gemidos suaves e ranger de cama. As mulheres em volta de Jukóvskaia ficavam com o rosto corado. Jukóvskaia não conseguia entender por que todas toleravam coisas como aquela. ¹⁹ Disse que ele levava quatro mulheres de uma vez para a cama. De dia mandava as mulheres irem confessar os pecados, e de noite as chamava para ficar com ele. As que se recusavam a ir para sua cama eram obrigadas a rezar com ele até se convencerem da santidade de suas ações. Jukóvskaia disse que tentou encorajar Raspútin para ver o que ele faria. Numa ocasião ele a agarrou, a levou para o quarto e tentou obrigá-la a deitar em sua cama. Ela se recusou, e ele não insistiu. Por via das dúvidas, porém, ela carregava consigo um punhal.

As palavras de Jukóvskaia dão o que pensar, mas será que merecem crédito? Serguei Melgunov, que estava longe de ser um defensor de Raspútin, conheceu Jukóvskaia por intermédio de Prugavin e chegou à conclusão de que “ela é uma verdadeira histérica, deve-se abordar suas palavras com grande ceticismo”. ²⁰ Suas descrições da libertinagem de Raspútin parecem muito exageradas. Um ponto digno de destaque, no entanto, é o fato de Raspútin ter parado de tentar seduzi-la quando ela resistiu. Outras mulheres fizeram comentários parecidos. Esses depoimentos põem em dúvida as alegações da violência de Raspútin contra as mulheres e de duas agressões sexuais — acusações que, embora não possam ser desmentidas, parecem não ter fundamento.

Outro ponto que vale mencionar é que nenhuma mulher jamais alegou estar grávida de um filho de Raspútin. É um fato surpreendente. Se ele de fato teve as dezenas de amantes que lhe foram atribuídas, parece improvável que nenhuma tenha engravidado. E também é curioso que seus inimigos jamais tenham acusado Raspútin de gerar filhos ilegítimos. Se houvesse um caso, eles certamente o divulgariam.

Elena Djanumova, de 32 anos, mulher de um comerciante moscovita, procurou Raspútin no primeiro semestre de 1915 para lhe pedir que ajudasse sua mãe, nascida na Alemanha e exilada pelo Estado no começo da guerra. No primeiro encontro, ele se apaixonou por ela, o que outras mulheres do grupo perceberam com um toque de ciúme. Referia-se a ela como “beldade negra”. Num de seus bilhetes, ele lhe escreveu: “Não fuja do amor — é sua mãe”. ²¹ No outono daquele ano ela visitou Petrogrado sem avisar Raspútin. Quando ele descobriu, ficou furioso. “Sempre que ele se zanga, o rosto adquire uma expressão predatória, seus traços ganham certa rispidez. Os olhos escurecem, com pupilas dilatadas que parecem rodeadas de um aro de luz. Mas o humor vai melhorando aos poucos. As rugas se desfazem e os olhos começam a brilhar com uma bondade astuta e carinhosa. Tem um rosto expressivo surpreendentemente mutável.”

À mesa, ela foi impedida de pôr açúcar na xícara por Akilina Laptinskaia, que segurou sua mão e, virando-se para Raspútin, disse: “Padre, abençoe-a”. Ele enfiou os dedos no açucareiro e pôs um torrão em sua xícara. “É uma graça de Deus quando o padre lhe dá açúcar com as próprias mãos”, disse Akilina, e as outras mulheres estenderam as xícaras para Raspútin. Quando as mulheres se levantavam para sair, beijaram-lhe a mão, e ele beijou-as nos lábios. Solicitaram-lhe pedaços do seu pão seco, que enrolaram cuidadosamente em pedaços de papel ou lenços e guardaram nas bolsas. Algumas mulheres pediram a Dunia Pecherkina lembrancinhas especiais — peças sujas de roupas íntimas: “Um pouco mais sujas, as coisas mais usadas, Duniacha, umas que tenham o suor dele”, instruíam elas. Dunia deu a cada uma delas uma peça de roupa enrolada em papel. “É como se eu tivesse fugido de um hospício, não entendo nada, minha cabeça dá voltas”, confessou Djanumova.

Durante meses, Djanumova visitou Raspútin na esperança de que ele ajudasse sua mãe, mas no fim não deu resultado. Ela escreveu depois que Raspútin tentou levá-la para a cama, mas ela resistiu, e ele nunca insistiu, voltando suas atenções amorosas para Lelva, amiga de Djanumova. Estranhamente, porém, mesmo depois de saber que não havia uma boa razão para continuar vendo Raspútin, ela e Lelva não conseguiam parar. Djanumova teve que admitir que era fascinada por sua perspicácia. Ele era capaz de ler sua mente, exatamente como as pessoas diziam, e quase sempre sabia o que dizer. Mesmo quando prometia a si mesma que não voltaria a vê-lo, de repente lá estava, batendo à sua porta — uma coisa bizarra, que ela não sabia explicar. “Era como se minha vontade estivesse paralisada. O que era realmente estranho: nenhuma de nós duas acreditava nele, e éramos muito críticas, mas em sua presença sentíamos um interesse agudo por tudo que ocorria em volta. Isso é muito inusitado e atraente.” ²²

Djanumova não contou tudo sobre suas relações com Raspútin em suas memórias. Em 8 de dezembro de 1915, agentes da Okhrana viram-na jantar com Raspútin e o editor Filippov, entre outros, no restaurante Donon, em Petrogrado. De lá, Raspútin, ela e algumas damas voltaram para o hotel onde estava Djanumova. ²³ O relatório policial não diz quanto tempo Raspútin ficou lá naquela noite.

Raspútin conheceu outra classe de mulheres durante seus anos na capital. O seguinte relatório é baseado na vigilância policial de Raspútin feita entre janeiro de 1912 e janeiro de 1913: “Raspútin não costuma sair sozinho, mas, quando o faz, vai à avenida Niévski e a outras ruas onde há prostitutas. Aborda-as, escolhe uma e leva-a para seu hotel ou banho. Durante a primeira visita de Raspútin em 1912, a vigilância descobriu seis incidentes desse tipo, cujas características particulares são as seguintes [...]”.

O relatório então apresenta uma longa lista dos hábitos devassos de Raspútin:

Em 4 de fevereiro [1912], ao deixar a casa das prostitutas Botvinkina e Kozlova [no 11 da travessa Sviechny], Raspútin foi direto para a casa dos Golovin em companhia de outras pessoas. Saiu de lá duas horas depois e foi para a avenida Niévski, onde pegou outra prostituta e foi com ela para os banhos na rua Koniuchennaia.

Em 6 de fevereiro, Raspútin deixou Zinaida Manshtedt, com quem passou uma hora e meia, e foi direto para a avenida Niévski, onde pegou a prostituta Petrova e foi com ela para os banhos na casa no 26 da Moika.

Outro relatório de 1912 afirma que em 21 de novembro Raspútin apanhou duas prostitutas diferentes em menos de uma hora. A polícia aparentemente interrogou a primeira, segundo a qual Raspútin comprou para ela duas garrafas de cerveja, pediu-lhe que tirasse a roupa, contemplou seu corpo nu durante algum tempo, pagou-lhe dois rublos e saiu. Em janeiro de 1913, a polícia informou que Raspútin já não tomava muito cuidado com seus atos, procurando prostitutas abertamente, às vezes andava bêbado pelas ruas, tendo chegado a “fazer suas necessidades no alpendre da igreja”. [24](#)

O conselheiro espiritual dos Románov procurando prostitutas na principal artéria da capital. É possível? Na verdade, ultimamente alguns historiadores têm dito que não, que os registros policiais existentes nos arquivos não são tão honestos como outros historiadores imaginavam. Os documentos de vigilância policial compreendem dois tipos: os bilhetes escritos à mão pelos agentes envolvidos na vigilância efetiva de Raspútin na rua e os relatórios editados e batidos à máquina, criados posteriormente com base nesses bilhetes originais. Os relatórios editados eram redigidos por funcionários do aparelho policial para seus chefes na Okhrana e no Ministério do Interior, e foram os documentos de fato publicados e citados em quase todas as biografias de Raspútin como prova de que ele frequentava prostitutas. [25](#)

Os defensores de Raspútin afirmam que esses relatórios são fabricações mentirosas, pura invencionice, e devem ser vistos apenas como mais um exemplo da caluniosa campanha para destruí-lo aos olhos do tsar. Como prova disso, citam o fato de que nenhum bilhete original escrito à mão pelos agentes sobreviveu, o que para eles evidencia que foram todos destruídos porque expunham a falta de base desses relatórios. [26](#) É uma noção audaciosa, mas falsa, pois centenas de páginas dos bilhetes originais na verdade sobrevivem nos arquivos policiais do Arquivo Estatal da Federação Russa. [27](#) E essas anotações mostram que Raspútin de fato visitava prostitutas. Um exemplo: o inspetor de polícia Chilnikov anotou ter visto Raspútin pegar duas prostitutas em 9 de janeiro de 1913 “no pátio da casa no 14 da rua

Iamskaia”. Imediatamente depois, a identidade das duas mulheres foi estabelecida — Maria Lisoieva e Nadejda Lachkova. Chilnikov escreveu em seu bilhete que a polícia iria investigar os antecedentes das duas mulheres. [28](#)

Outro relatório de 1914:

R. Glasovaia, c. no 2, ap. 5.

Em 5 de outubro Raspútín esteve aqui com uma prostituta que pegou na esquina da av. Niévski com a r. Sadovaia e passou 30 minutos com ela, foi muito cuidadoso. [Identidade da prostituta está sendo averiguada.] [29](#)

É possível citar muitos outros relatórios de agente documentando as visitas de Raspútín a prostitutas. Com base num arquivo policial existente na divisão de manuscritos da Biblioteca Nacional da Rússia, em 1913 Raspútín visitou as seguintes mulheres: Anna Petrova, Natália Safronova, Maria Voronina, Maria Trusova, Maria Lisoieva, Elizaveta Galkina e Nadejda Lachkova. [30](#)

Outro nome que aparece nos relatórios é o de Vera Tregubova. Um agente anotou ter visto Raspútín fazer uma visita à prostituta no no 8 da rua Puchkinskaia, às 10h15 da manhã de 11 de março de 1915. [31](#) Outro relatório a descreve como uma mulher “judia muito maquiada” de 26 anos, casada, apesar de não viver com o marido, e “promíscua”. Sabemos que Raspútín via Tregubova com frequência, mas seria ela prostituta? Tregubova era, aparentemente, uma cantora de formação clássica que pediu ajuda a Raspútín para conseguir uma vaga no teatro imperial, que resistia a contratar judeus. Disse à Comissão que Raspútín concordou em ajudá-la, mas só se ela fosse vê-lo à noite. Sabendo quais eram suas intenções, alegou ter rejeitado a proposta. A polícia informou, porém, que em 26 de maio de 1915 ela foi vista chegando de automóvel à casa de Raspútín. Antes de sair do veículo, Raspútín, que parecia bêbado, “beijou Tregubova apaixonadamente ao despedir-se e deu-lhe tapinhas na bochecha”. (O relatório diz ainda que Raspútín em seguida pediu à mulher do porteiro do prédio que mandasse a costureira Kátia do apartamento 31 à sua casa, mas ela estava ausente.) [32](#) E pelo menos uma mulher que viu Raspútín e Tregubova juntos disse estar convencida, a considerar seu comportamento, de que eram amantes. [33](#)

Serguei Melgunov descreveu Tregubova como “secretária” de Raspútín, e há outro indício que sugere ser essa, e não sexo em troca de

favores, a base das relações entre eles. ³⁴ A polícia informou que Tregubova não tinha emprego oficial, mas usava sua ligação com Raspútín para vender contatos com pessoas ricas, principalmente outros judeus, ganhando com isso cerca de trezentos rublos por mês. Era essa a razão de suas visitas quase diárias ao apartamento dele. ³⁵ No fim, Raspútín se irritou com Tregubova. Ela informou à Comissão que em janeiro de 1916, depois de recusar-se a ter “relações íntimas com ele”, Raspútín, furioso, pediu a Stepan Belétski, vice-ministro do Interior, que a mandasse embora da capital, o que ele fez. Também é possível que ela tenha se entregado e, uma vez consumada a conquista, Raspútín tenha se cansado e desejado se livrar dela. ³⁶ A verdade final está além do que as provas documentais nos permitem reconstruir. Perguntas parecidas podem ser feitas sobre outras mulheres na órbita de Raspútín. Veja-se, por exemplo, o caso de Iefrosínia Dolina (também conhecida como Dlin ou Dlin-Dolina). Raspútín conheceu-a em novembro de 1915 no Hotel Select, em Petrogrado, e ela é descrita nos relatórios dos agentes não apenas como vigarista e prostituta, mas como pessoa envolvida no tráfico sexual de crianças. Contudo, não há provas concretas nos arquivos policiais que confirmem essas acusações. ³⁷ A polícia referia-se a Ievguênia Terekhova como “cortesã”, mas é difícil imaginar uma prostituta de Petersburgo que fosse também responsável por estabelecer e administrar o próprio hospital para soldados feridos em Moscou. Claramente, os agentes da Okhrana eram muito levianos na atribuição de rótulos às mulheres em volta de Raspútín, embora a falha esteja menos neles do que em seus superiores, empenhados em encontrar o máximo possível de informações negativas sobre o *stárets*, quase sempre com pouco respeito pela verdade.

Os relatórios dos agentes também documentam as frequentes idas de Raspútín com mulheres aos banhos da cidade, o que ele não via problema nenhum em admitir, ao contrário dos programas com prostitutas na rua. Gueórgui Sazónov, com cuja mulher Raspútín ao que tudo indica visitou os banhos, certa vez lhe perguntou se essas histórias eram verdadeiras, e ele respondeu que sim. “‘Não vou sozinho com elas, vamos em grupo.’ Em resposta a minhas insistentes perguntas sobre por que fazia isso, Raspútín me disse que considera o orgulho o maior de todos os pecados; as damas da sociedade estavam, sem dúvida,

transbordando desse pecado, por isso para livrá-las dele era preciso humilhá-las, forçando-as a ir aos banhos com um camponês imundo.” [38](#)

Raspútín iria aos banhos em busca de sexo? É possível. Mas, se o fazia, não era o único. O grão-duque Konstantin Konstantínovitch (também conhecido como K. R.), homossexual não assumido, com mulher e quatro filhos, gostava de procurar homens nos banhos, levando-os a um dos cubículos privados para sexo anônimo. [39](#) Konstantin também tinha um banho turco em casa e forçava jovens funcionários a ter relações com ele. Fica claro, pelos diários do grão-duque, que os sentimentos desses jovens tinham menos importância do que o seu prazer. Ele gostava especialmente de sexo com homens de classe social bem inferior, o que não era novidade: durante séculos, aristocratas na Rússia usavam os servos, homens e mulheres, para seu próprio proveito físico. Era uma atitude vista como um direito de nascença. Trocar os papéis, entretanto, era questão muito diferente, e isso ajuda a explicar boa parte da raiva contra Raspútín. Ali estava um camponês afagando (e muito mais que isso) mulheres aristocráticas nos salões da capital do império. Era uma indignidade, uma inversão da ordem natural das coisas, sinal de absoluto colapso social. Nenhum crítico de Raspútín era capaz de perceber os preconceitos sociais que moldavam sua atitude para com as relações dele com as mulheres.

A sofredora mulher de Raspútín parece nunca ter se queixado do comportamento do marido. Aron Simanovitch, um dos secretários de Raspútín, sustenta que o casal se entendia bem durante todo o casamento. Praskóvia jamais demonstrou ciúmes ou raiva de Raspútín, mesmo quando ele agarrava outras mulheres em sua presença. Aceitava tudo. Sabia o marido que tinha. “Ele pode fazer o que quiser”, teria dito a Simanovitch, “pois tem o que oferecer para todo mundo.” [40](#) A artista Theodora Krarup, que tinha grande respeito por Raspútín e afirmava que ele jamais se comportara de maneira imprópria com ela, disse coisa parecida. Conhecia bem Praskóvia, a quem descrevia como “uma camponesa singela e tranquila, cujo jeito de ser e cuja atitude perante a vida não se alteraram nas circunstâncias inusitadas” da vida do marido. Na opinião de Krarup, eram antes as mulheres que davam em cima de Raspútín, o que às vezes se tornava um fardo — fardo esse que, no entanto, não parecia a ele tão insuportável assim. [41](#)

Raspútín de fato tinha o que oferecer para todo mundo, disso parece não haver dúvida. Mas essa postura vinha da sua busca do prazer ou de outra coisa? Em sua confissão, apresentada por Feofan ao imperador como prova da perversa devassidão de Raspútín, Khionia Berladskaia disse uma coisa espantosa. Depois de obrigá-la a deitar-se com ele como só uma esposa o faria, ela perguntou se não haveria outra forma de libertá-la das paixões, e Raspútín respondeu que não. Berladskaia percebeu então que ele não fizera aquilo para si, que nem sequer gostara, mas que o pecado o levava a agir, que era dever de Raspútín agir daquela maneira até que ela estivesse inteiramente livre das paixões da carne. ⁴² Será que ela acreditava mesmo nisso ou se tratava de um caso de manipulação para culpar a vítima? Difícil saber. Certa vez, passeando com a mulher de um clérigo em Pokróvskoie, Praskóvia deparou com o marido abraçado a outra mulher. A esposa do clérigo ficou chocada, mas Praskóvia, ao que parece, não se incomodou, dizendo com tranquila resignação: “Cada um carrega a sua cruz, e essa é a cruz dele”. ⁴³

42. Jantar com Raspútin

A Okhrana notou, na volta de Raspútin de Moscou para Petrogrado, no fim de março de 1915, que ele começou a passar muito tempo com o amigo Alexei Filippov. Os dois preparavam a publicação de uma compilação de escritos de Raspútin documentando sua viagem à Terra Santa sob o título *Meus pensamentos e reflexões* . ¹ (Em uma ação relacionada a esse acontecimento, Raspútin vinha tendo sessões com o escultor Naum Aronson, que preparava o seu busto.) ² Na época em que o livro foi lançado, Filippov organizou um jantar em sua casa para Raspútin e um seleto grupo de jornalistas e escritores. Os convidados incluíam Vassíli Rozanov, conhecido de Raspútin desde 1906, quando se encontraram na casa dos Medved; Aleksandr Izmáilov, crítico literário da *Gazeta da Bolsa de Valores* ; o dramaturgo Anatóli Kamenski; e Nadejda Lokhvitskaia, mais conhecida pelo *nom de plume* “Teffi”, do *Palavra Russa* . Estavam lá também os chefes de algumas grandes companhias cinematográficas e de uma importante casa editorial, bem como quatro lindas mulheres “de idade balzaquiana”, para citar Izmáilov, que chegaram à casa de Filippov, no no 18 da rua Sadovaia, por volta de 9h45 da noite de 9 de abril. ³

Teffi depois fez um registro minucioso daquela noite. ⁴ A ideia da festa, escreveu ela, foi de Ivan Manassevitch-Manuilov (também conhecido como Rocambole Russo), antigo adversário de Raspútin e agora na periferia do seu círculo com pretensões de mover-se para seu núcleo. De início, Teffi relutou em comparecer; tinha pouco interesse em conhecer Raspútin, mas acabou se deixando convencer por Izmáilov a ir. Na noite anterior à reunião tinha sido convidada para jantar com um grupo de conhecidos. Sentada à mesa, surpreendeu-se ao ver uma

placa em cima da lareira da sala de jantar, que dizia: “Aqui Não se Discute Raspútin”. Ela havia visto aquela placa em outras casas, mas queria falar sobre Raspútin, com quem ia se encontrar no dia seguinte, por isso resolveu quebrar o protocolo, lendo a placa em voz alta, num tom vagaroso e firme: “A-qui Não se Dis-cu-te Ras-pú-tin”. Mas sua tentativa de puxar o assunto falhou, e ninguém ousou violar a regra. Posteriormente, depois que todos se retiraram da sala de jantar, uma jovem “sra. E” aproximou-se de Teffi e começou a falar de suas experiências com Raspútin. Disse que era dama de companhia na corte e que se encontrara com ele duas ou três vezes. Ficou extasiada com o homem, seu olhar lhe dava “palpitações no coração”, e ele a convidara, insistentemente, para ir vê-lo, mas ela não teve coragem. Falando sobre Raspútin, a sra. E ficou terrivelmente agitada, o que Teffi achou muito estranho e difícil de entender.

Quando Teffi chegou à casa de Filippov, os outros já estavam sentados num quarto pequeno e cheio de fumaça. Ela usava suas melhores roupas e joias, a pedido de Rozanov, a fim de parecer uma dama da sociedade, e não uma escritora, para que Raspútin não ficasse assustado ao ver-se diante de um monte de jornalistas. (Filippov, pelo visto, não tinha sido totalmente sincero com o homenageado sobre seus convidados.) Raspútin também já tinha chegado, trajando um cafetã russo de tecido preto e as botas brilhantes, de cano alto, que eram sua marca registrada. Como todos os demais, ela não pôde deixar de notar seus olhos: brilhavam com tal intensidade que não conseguiu nem sequer descobrir de que cor eram. Ele parecia agitado e nervoso, fitando cada um e tentando avaliar como reagiam. Começou a proferir o que ela chamou de “palavras cerimoniais”.

“Sim, sim, pretendo sair o mais cedo possível para casa, para Tobolsk. Quero rezar. Pode-se rezar bem em casa na minha aldeia, e lá Deus escuta nossas preces. [...] E aqui não há nada além de pecado. Não é possível rezar aqui. É difícil quando não se pode rezar. Oh, é difícil. Aqui não há nada além de vaidade. Não gosto disso. É sempre igual. Você chega aqui vindo da aldeia e perde tudo que acumulou.”

“Você quer dizer no sentido espiritual, não?”, perguntou Izmáilov.

“Claro, no espiritual”, confirmou ele com ênfase, afastando qualquer pensamento de necessidade material. “Amo a aldeia. Amo a vida simples da aldeia. Os senhores são homens eruditos, leram os salmos, ali está tudo muito bem dito. Lá, na aldeia, tenho a floresta, meu próprio gado e pássaros. Deus para a alma. E aqui estamos sempre no meio de gente.”

Pelo jeito de olhar para eles, Teffi suspeitou que Raspútín estava informado de tudo e sabia que eram jornalistas. Ela ficou desconfortável, quis ir embora. Todos passaram à sala de jantar e sentaram-se para tomar sopa de peixe e vinho branco. Raspútín foi o primeiro a ser servido. Todos ergueram seus copos e polidamente disseram “saúde”. Izmáilov escreveu: “De repente ele ficou animado, simples, alegre, os olhos começaram a sorrir e brilhar. Suas grandes e ásperas mãos camponesas davam pancadinhas nos lados e nos ombros, um pouco nervosamente, como se sentisse frio. Não havia nele nenhuma pose ou pompa — era apenas ele mesmo, um selvagem, que estava feliz, e virou-se para sua interessante vizinha, perto de quem fora posicionado de propósito”.

A vizinha era Teffi, já não tão jovem, mas ainda muito bonita. Filippov achou que ela era a melhor chance de fazer Raspútín falar. Já Rozanov sussurrava ao ouvido dela para levar a conversa para “tópicos eróticos”. Disse a Teffi: “Agora sim as coisas começam a ficar muito interessantes. É isso que queremos escutar”. Filippov deu a volta para encher as taças de vinho e oferecer entradas. Do outro lado da mesa estavam sentados alguns músicos. “Às vezes Gricha gosta de dançar, especialmente quando há música”, explicou o anfitrião. “Esses músicos tocaram até para Iussúpov. São excelentes.” Teffi percebeu que Raspútín começou a beber muito, e rápido. Ele se inclinou para ela e cochichou: “Por que você não bebe? Vamos lá, beba. Deus perdoa. Vamos lá, beba”. Teffi disse que não gostava de vinho, mas Raspútín continuou a incentivá-la — ou instruí-la — a beber. Curioso, Rozanov inclinou-se e quis saber o que Raspútín estava falando. Pediu a Teffi para dizer a Raspútín que falasse mais alto, pois ele não conseguia ouvir. Quando ela disse que as palavras dele não mereciam ser ouvidas, Rozanov respondeu, exasperado: “Faça-o falar de erotismo. Pelo amor de Deus, você não sabe como conduzir uma conversa?”.

Teffi virou-se para Raspútín.

... dois olhos penetrantes de Raspútín, interrompendo-me, me atravessaram.

“O quê, você não quer beber? Oh, como é teimosa. Não bebe quando mando.”

Então, com um movimento rápido e aparentemente costumeiro, pousou a mão gentil no meu ombro. Numa palavra, era um hipnotizador e tentava transferir pelo tato o poder da sua vontade.

E não foi por acaso.

Teffi continuava impassível. A sra. E já lhes descrevera esse método particular. Limitou-se a erguer as sobrelanceias e sorriu para ele, calmamente. Raspútin calou-se e desviou o olhar, ofendido e zangado, como se não quisesse mais saber dela. Mas então se voltou: “Ah, quer dizer que você ri, mas seus olhos são... sabe o quê? Seus olhos são tristes. Diga-me uma coisa, ele a atormenta? Então, por que motivo está calada? Ah, todos nós amamos umas lagrimazinhas, amamos lágrimas de mulher. Entende? Sei tudo”. Teffi perguntou-lhe o que ele tanto sabia, em voz alta, na esperança de obrigar Raspútin a responder no mesmo volume, satisfazendo assim os outros vizinhos. Mas ele continuou quase num murmúrio: “Sei como somos atormentados pelo amor. E como precisamos atormentar uns aos outros. Sei de tudo isso. Mas não desejo o seu sofrimento. Entende?”. Rozanov, furioso, rosnou ao ouvido de Teffi: “Não consigo ouvir nada!”. Raspútin prosseguiu: “Quando vier comigo, vou lhe contar muitas coisas que você nem sequer sabia”. Teffi respondeu que não iria com ele. Seu método de atraí-la para seu apartamento tinha qualquer coisa dos truques que ele tentara com a sra. E, e Teffi não cairia nessa. Mas Raspútin não desistiu, dizendo que ela com certeza iria. [5](#)

O grupo ergueu copos e fez um brinde, e em seguida Raspútin distribuiu cópias impressas de sua poesia. Teffi qualificou-a de “versos em prosa, ao estilo do Cântico dos Cânticos, vagos poemas de amor”. Mais tarde, ela só conseguiria lembrar uma frase: “As montanhas são belas e altas, mas meu amor é mais alto e mais belo, pois o amor é Deus”. Disse a Raspútin que gostou dos poemas, e ele ficou visivelmente satisfeito. Escreveu o poema para ela num pedaço de papel e assinou. Pediu-lhe que o guardasse, o que ela fez, levando-o para o exílio em Paris. Rozanov guardou um dos poemas de Raspútin intitulado “Do amor”:

Meu amor — é brilhante como o sol, e, minha amiga, que eu amo, por quem há tanto tempo morro, é maior do que o sol: o sol aquece, mas o amor por minha amiga acaricia e abraça.

Montanhas maravilhosas e lugares maravilhosos — não são criados pelo amor?

Apesar disso, meu amor é mais brilhante e mais alto do que as montanhas.

Realmente, Senhor. Vós os destes por amor.

Tenho certeza, pela alegria singular que sinto, do amor do Senhor, que apesar de toda essa altura e de toda essa verdade

O amor é maior que tudo. [6](#)

“Ora, temos aí um novo Knut Hamsun!”, exclamou uma das mulheres, e outra acrescentou: “Ou um Rabindranath Tagore!”. [★] Izmáilov notou que o elogio deixou Raspútín feliz como um menino.

Raspútín flertou com Teffi a noite inteira. A certa altura, pôs a mão na mão dela e tirou-lhe o anel. Provocou-a, dizendo que só o devolveria se fosse vê-lo no dia seguinte. Teffi, porém, não estava para brincadeiras, e pediu que o devolvesse, pois não havia a menor possibilidade de ir vê-lo, pouco importando o que tirasse dela.

Filippov, transtornado, correu à sala para dizer a Raspútín que havia um telefonema para ele de Tsárskoie Seló. Raspútín saiu. Enquanto esperava, Rozanov continuou dando instruções aos outros; em especial, queria que lhe perguntassem sobre os rituais dos *khlisti*. Mas Raspútín não voltou à mesa e partiu diretamente para o palácio. No entanto, antes de sair mandou um recado para Filippov: “Não deixe que ela vá embora. Peça-lhe que espere. Voltarei”. Teffi e os outros, porém, saíram logo depois de Raspútín.

Teffi contou aos amigos sobre aquela noite estranha, e todos escutaram fascinados, fazendo muitas perguntas. Ficaram espantados ao descobrir que ela tivera uma impressão tão negativa de Raspútín e recomendaram-lhe cuidado, lembrando que ele era poderoso e importante e que seria insensato contrariá-lo. ⁷

Alguém (talvez Manuilov) fez um relato da reunião para o *Correio de Petrogrado*, publicado logo no dia seguinte. A reportagem — “Gr. Raspútín entre os jornalistas” — citava alguns dos presentes e fazia uma descrição positiva apesar de repleta de erros. ⁸ Anatóli Kamenski usou o material coletado naquela noite para uma nova peça sua intitulada *Talvez amanhã*. A estreia estava prevista para 8 de dezembro de 1915 no Teatro Iarovskaia de Petrogrado, mas a produção foi interrompida por ordem do vice-ministro do Interior Stepan Belétski, aparentemente depois de ser informado a respeito dela por um furioso Raspútín. Algumas mudanças foram introduzidas (o personagem principal, em vez de russo, passou a ser sueco), e a peça foi liberada, mas nem mesmo com as mudanças o público se deixou enganar quanto à identidade do herói. Com o tempo, a peça foi proibida em toda a Rússia, por insistência de Raspútín e Vírubova, supõe-se. ⁹

Na noite de 10-11 de abril, agentes da Okhrana de Petrogrado

realizaram uma busca no apartamento de Filippov, confiscando cartas e fotos e interrogando-o sobre o que tinha acontecido durante a reunião. Filippov admitiu ter oferecido o jantar, mas afirmou que nada ilegal ou imoral tinha ocorrido e que ele era um súdito leal do imperador. ¹⁰ Não se sabe exatamente qual foi o motivo da busca, embora pareça que a Okhrana estava interessada, acima de tudo, conforme descrito num dos arquivos sobre o incidente, em encontrar “um disco gravado num ‘Ditafone’ contendo um relato de Grigóri RASPÚTIN-NÓVI sobre como suas visitas são recebidas na corte IMPERIAL”. Essa gravação jamais foi encontrada, e a Okhrana deixou Filippov em paz. ¹¹

Três ou quatro dias depois, Izmáilov falou com Teffi. A noite tinha sido um fiasco, disse ele, mas todos queriam repeti-la porque Raspútin saíra de forma repentina. Teffi concordou em ir. Dessa vez havia mais gente. Raspútin gostou de ver Teffi, apesar de repreendê-la por não esperar que ele voltasse na primeira noite. Quando estavam sentados conversando, os músicos começaram a tocar — “E nesse momento Raspútin levantou-se de um salto”, escreveu Teffi.

Ele se ergueu tão rápido que derrubou a cadeira (era uma sala grande), e de repente se pôs a pular e dançar, dobrou os joelhos e deu pontapés no ar, a barba balançando, e dando voltas, dando voltas... Tinha o rosto contorcido, tenso, movendo-se cada vez mais rápido, e os pulos não obedeciam ao ritmo da música, como se ele não fosse governado pela própria vontade, num frenesi, incapaz de parar...

Apesar disso, ele saltava, girava, e todos olhávamos...

[...]

Ninguém ria. Todos olhávamos, a bem dizer assustados, e, por fim, com a maior seriedade.

A cena era tão impressionante, tão bárbara, que olhando a gente tinha vontade de despertar e se jogar no círculo, e pular e girar como ele, enquanto tivesse energia. ¹²

Rozanov, sentado perto de Teffi, disse: “Então, depois disso será que existe alguma dúvida? Ele é *khlist* !”. Raspútin parou, tão de repente como tinha começado, e jogou-se numa cadeira, exausto. Esvaziou uma taça de vinho enquanto olhava em torno da sala com seus “olhos de louco”.

★ ★ ★

Raspútin sempre gostou de dançar. “Quando a melodia contagiante de uma banda cigana, acompanhada pelas vozes agudas de um coro feminino, o levava a um paroxismo de agitação”, recordava a filha

Maria, “ele dançava com um frenesi, com um fervor, com uma alegria tocante que hoje só se encontram nas danças dos cossacos e dos ciganos.” [13](#)

A cantora Alexandra Belling tinha lembranças parecidas. “Eu tocava e observava Raspútin. Ele era incapaz de ficar sentado quieto quando as pessoas dançavam. Tinha dificuldade de controlar-se, os joelhos tremiam, as mãos saltavam do corpo, que estava pronto para girar numa dança demoníaca. [...] Quando dançava, o rosto se inspirava; sentia-se que aquilo para ele não era só uma dança, mas uma espécie de êxtase religioso. Ele se movimentava pela sala com uma força elementar, agitando os braços e contagiando o coro com seu ímpeto incansável.” [14](#)

Para Raspútin, dançar e beber andavam juntos, principalmente beber vinho, em particular madeira. “Adoro vinho”, reconheceu em 1916, e nunca escondeu ser bom de copo. [15](#) Não era, porém, o bêbado russo tradicional. Maria notou que ele adorava dançar quando estava embriagado, e o fazia excepcionalmente bem. Nunca perdia os sentidos quando se embebedava, e beber não o tornava rude ou irritadiço, e até parecia inspirá-lo. Na verdade, ela observou que ele jamais falava sobre Deus com tanta beleza como quando estava bêbado. Notou que o pai abandonara o álcool quando era peregrino, mas voltara a beber quando as visitas a São Petersburgo começaram. Há indícios de que suas bebedeiras aumentaram depois do ataque de Guseva. Isso pode ser explicado em parte como uma forma de lidar com a persistente dor da ferida e em parte como uma forma de lidar com o fato de saber que era um homem marcado para morrer. Nos últimos dois anos de vida, Raspútin entregou-se à dipsomania, numa tentativa de entorpecer, pelo menos temporariamente, o medo que crescia dentro dele à medida que as vozes que pediam a sua destruição iam se tornando mais intensas e prementes. Quase sempre bebia em restaurantes e em companhia dos amigos, embora de vez em quando também desse seus goles em casa. Maria escreveu que a família tsarista sabia de seus pileques, mas nunca o julgou com base nisso e jamais puxou o assunto com ele — ao contrário de sua própria família, cujas preocupações ele sempre procurava afastar. A filha estava convencida de que a excessiva embriaguez dos últimos anos estava ligada ao pressentimento de uma catástrofe iminente. [16](#)

Outros confirmam as palavras de Maria sobre os hábitos alcoólicos do pai. O príncipe Mikhail Andrónnikov declarou à Comissão que Raspútin era capaz de virar uma garrafa de madeira e não apresentar nenhum sinal de embriaguez, comportando-se com propriedade e jamais perdendo o controle. Disse que nunca percebeu nada de “sórdido” nas relações de Raspútin com a bebida. ¹⁷ Já o chefe da Okhrana em Petrogrado, Konstantin Globatchev, afirmava que Raspútin perdia, sim, os sentidos e ficava completamente grogue, apesar de ressaltar que viu com os próprios olhos Raspútin ficar sóbrio como num passe de mágica em questão de minutos, coisa que não sabia explicar. E, mesmo depois de uma noite de farra, Raspútin conseguia visitar os banhos de manhã cedo, ir para casa dormir no máximo duas horas e parecer recuperado e cheio de vigor pelo resto do dia. ¹⁸ Filippov comentou que por volta de 1914 Raspútin bebia muito — e por um tempo transformou o apartamento de Filippov “praticamente num bar” —, mas também observou, admirado, que quando bêbado Raspútin nunca ficava grosseiro, rude ou violento, e que depois de uma noite de farra era exatamente o mesmo sujeito cheio de energia no dia seguinte, apesar de quase não ter dormido. ¹⁹

Para Raspútin, a bebida, a dança e Deus caminhavam juntos. Perder-se nos movimentos e na embriaguez era como perder-se na oração. “Ele era conduzido na dança pela onda de sentimentos que a música despertava”, recordou Maria,

e essa embriaguez de ritmo em seu espírito não estava muito longe dos arrebatamentos religiosos que noutros momentos era capaz de sentir. Da mesma maneira, meu pai não separava religião de alegria: seus êxtases de exaltação quase sempre surgiam a partir de prazeres do tipo mais temporal, e quando outros o achavam desajeitado ou ridículo, ele sentia subir-lhe na alma uma animação irresistível, difícil de distinguir do fervor da oração. ²⁰

O gosto de Raspútin pela bebida é um lado conhecido da sua biografia. O que raramente se comenta, porém, é o seu envolvimento com o movimento de temperança da Rússia. Em mais de uma ocasião, Raspútin falou dos perigos da vodca e da necessidade de combater o antiquíssimo flagelo do alcoolismo russo. ²¹ Já em 1907, Raspútin apoiou o estabelecimento de uma “Sociedade de Temperança” em Pokróvskoie. Em maio de 1914, o jornal *Solo Virgem* informou que Raspútin e a União Monarquista Russa decidiram lançar uma grande

campanha de sobriedade, parte da qual incluiria um jornal diário próprio e a criação de várias sociedades em toda a Rússia. ²² Raspútin respondeu às matérias publicadas na imprensa no fim de maio declarando: “Sobre esses boatos a que vocês se referem, só digo o seguinte: onde há fumaça, há fogo”. ²³ Ivan Churikov (também conhecido como Irmão Ivanuchka), camponês do leste que nos anos 1890 iniciou um movimento de temperança entre os pobres de São Petersburgo, elogiou os esforços de Raspútin contra a maldição da garrafa nas páginas do *Correio de Petersburgo* naquele verão. ²⁴ Curiosamente, Churikov, como Raspútin, não era alheio aos escândalos. Mais de uma vez tinha sido atacado na imprensa e na Duma como um sectário perigoso — e com muita probabilidade um *khlist* — que se escondia atrás da bandeira da abstinência e da vida saudável para conduzir a gente simples a cometer perigosas heresias. ²⁵

Raspútin não largou Teffi pelo resto da noite. Não a abandonou um instante, repetindo com insistência que fosse vê-lo sozinha, não com Rozanov e os outros. Prometeu construir para ela “um palácio de pedra”.

Isso eu posso fazer. Palácios de pedra. Você vai ver. Posso fazer muita coisa. Venha, pelo amor de Deus, e logo. Rezaremos juntos. Para que esperar! Todos querem me matar. Hoje, quando saio à rua, olho para todos os lados só para ter certeza de não estar sendo seguido por alguém. Sim. Querem me ver morto. E daí? Os idiotas não sabem quem eu sou. Feiticeiro? Bem, pode ser. Eles queimam feiticeiros, portanto que venham me queimar. Uma coisa não entendem: se me matam, é o fim da Rússia. Vão nos enterrar todos juntos.

Teffi foi para casa com Rozanov. Enquanto conversavam, Teffi chegou à conclusão de que Raspútin estava longe de ser estúpido; não, era muito inteligente, até astuto. Teve certeza de que ele a cortejara não porque queria sexo (ao menos não só isso), mas para fazer dela sua “nova esposa e portadora da paz”. Ela seria sua porta-voz. Raspútin lhe ditaria o que queria que o mundo soubesse, e Teffi se encarregaria de divulgar. Ela teve de admitir que a ideia era atraente. Mas se alguma vez passou pela cabeça de Raspútin, ele jamais lhe deu andamento, e os dois nunca mais se encontraram. ²⁶

* O poeta, escritor e compositor bengali foi o primeiro não europeu a ganhar o prêmio Nobel de

literatura, em 1913.

43. As faces religiosas de Raspútin

Khlist . Foi isso, segundo Teffi, o que Rozanov exclamou ao ver Raspútin dançar e rodar. Ele pode muito bem ter dito isso, mas se o disse, não foi com o mesmo ânimo que Teffi ou a maioria dos russos teria empregado. Pois Rozanov proferiu aquela palavra com um senso de admiração.

Ele escreveu sobre aquela noite na casa de Filippov em 15 de abril que estavam sentados ouvindo o ator francês Dezarie cantar e tocar violão. Todos se emocionaram, especialmente Raspútin. Este pediu: “Me arranjem um pedaço de papel!”. E ditou à sua vizinha um bilhete para o francês: “Seu talento nos consola... Seu talento vem de Deus, mas você não percebe”. Em seguida, o grupo gritou: “Dance, Gricha”. Ele começou a dançar “com uma arte que nunca vi antes, nem mesmo no teatro. [...] Tinha toda a liberdade do mundo e não olhava ninguém nos olhos”. Uma jovem tranquila e reservada, vestida de preto, foi até Raspútin e começou a dançar. Todo mundo batia palmas e os animava; ela sorriu. Izmáilov sussurrou para Rozanov que ela se entregaria a ele naquela noite, o que seria “uma tragédia”. Rozanov pensou consigo: “Ora, tragédia por quê!? Quem *ousa* julgar? Se ela quer e ele quer...”.

“Gricha é um músico brilhante”, escreveu Rozanov dois dias depois. “Não tem como ser *khlist* .” Agora que não era mais *khlist* , Rozanov imaginou ver em Raspútin uma versão moderna de Ilia Muromets, o maior de todos os cavaleiros medievais, os *bogatiri* , figura mítica que combinava enorme força e coragem físicas com profunda espiritualidade, defensor da terra russa que seria canonizado pela Igreja. Raspútin era uma encarnação da Velha Rússia, a Rússia pré-petrina, anterior à adoção de ideias, hábitos e tecnologia vindos da Europa.

Shtunda — era como Rozanov chamava essa nova Rússia trazida por Pedro, o Grande, no começo do século XVIII. *Shtunda*, do alemão *Stunde*, ou “hora”, significava disciplina, autocontrole, acordar cedo, trabalhar o dia todo; significava chãos limpos, crianças bem cuidadas, tudo que era asseado, arrumado, maçante, estéril. A burocracia russa exemplificava a *shtunda*; o conde Serguei Witte a personificava.

Mas o *stárets* Gricha é cheio de arte, interesse e sabedoria, apesar de analfabeto.

Witte é um homem totalmente vazio, aborrecido, mas trabalha de maneira brilhante e vigorosa. Não é capaz de não trabalhar. Não pode parar. Em seu sono, até sonha com trabalho.

Gricha é brilhante e pitoresco. Mas anda por aí à toa, com donzelas e mulheres de outros homens, não quer e não pode “realizar” nada, está repleto da “consciência divina”, é perspicaz, compreende a dança, compreende a beleza do mundo, e é, ele próprio, belo.

Mas não tem um grama do gênio de Witte. “Gricha é toda a Rússia.” ¹

Rozanov, de acordo com um estudioso, foi talvez o primeiro “Raspútín da literatura russa, seu enfant terrible”. Junto com o poeta Nikolai Kliuev, foi o único grande escritor da Idade de Prata capaz de ir contra a opinião pública e abraçar Raspútín. Anna Akhmatova sentiu que os dois eram espíritos semelhantes, escrevendo sobre o famoso Café Vira-Lata de Petersburgo: “Não garanto que os óculos de Rozanov não brilhem e a barba de Raspútín não ondule lá no canto”. ²

Rozanov não conseguia parar de pensar em Raspútín depois das festas de Filippov. Estava sempre voltando ao assunto. No fim de abril, escreveu ao padre Pável Florenski, o teólogo e polímata: “Vi Grigóri Rasp[útín] duas vezes [...] uma impressão notável, um sinal de ‘tudo está claro’. Não é *khlist*, treva absoluta, mas ainda assim um camponês brilhante e, claro, na corte é muito mais interessante falar dele do que de algum camareiro-mor. Gostei de tudo nele”. ³

Rozanov vinha estudando Raspútín havia algum tempo. Num ensaio em seu livro *A seita apocalíptica*, publicado em 1914, Rozanov, baseando-se num encontro recente com Raspútín, achava ter visto nele o fundador de uma nova religião. Observando Raspútín do outro lado da mesa cercado de seguidores devotos, Rozanov lembrou-se do *zaddik*, o homem justo do hassidismo. O *zaddik* não é um rabino, mas uma penetrante figura espiritual, que governa a devoção dos seguidores. É visto como uma dessas raras pessoas que têm ligação especial com o divino, cujas preces são singularmente poderosas e eficazes. A santidade

flui através do *zaddik*. As sobras do seu prato são disputadas pelos devotos, pois estão impregnadas do sagrado. Alguns até colecionam pedaços de roupa dele para abençoar suas casas. As pessoas o procuram em busca de cura ou de orientação espiritual e também para pedir favores e coisas mais mundanos, cuidando de levar o “*pidyon nefesh*”, literalmente a “redenção da alma”, ou seja, algum dinheiro para ajudar a sustentar o *zaddik*.⁴

Observando Raspútín, Rozanov achava estar presenciando o nascimento místico da santidade: “Temos aqui o surgimento do fenômeno da santidade. Mas isso não basta — é o momento em que a religião começa [...] a essência da ‘religião’, a ‘misteriosa eletricidade’ de que ela nasce e através da qual se manifesta, e isso é precisamente o ‘sagrado’; tanto no *zaddik* hassídico como nesse ‘feiticeiro de Petersburgo’ podemos claramente discernir o começo de todas as religiões...”.

Raspútín era um verdadeiro “indivíduo religioso”, ao contrário da maioria dos clérigos russos. Como os grandes profetas, exibia os “sinais” de sua proximidade com Deus (suas orações, suas curas), e isso, de acordo com Rozanov, combinado com o claro desprezo de Raspútín pelos “tipos europeus de religião”, era o que horrorizava os demais. Quanto à questão das amantes, aqui também Rozanov via paralelos com os profetas do Antigo Testamento. Não tinha Abraão dormido com Agar, escrava de Sara, perguntava ele, e não tinha seu neto Jacó tido duas esposas ao mesmo tempo — Raquel e Lia — e relações sexuais, e filhos, com suas empregadas? Apesar disso, esses fatos eram simplesmente “inimagináveis” para a mente russa, observou ele.

Com Raspútín, eles estavam assistindo a uma reformulação histórica da religião russa:

Há uma coisa que pode ser dita objetivamente sobre o peregrino siberiano, dita de forma “científica”, sem investigar as origens do assunto, que é que ele transforma toda a “devoção da Rússia”, que vem sendo subconscientemente construída desde os primórdios do ascetismo, “abstinência”, “não tocar em mulheres”, e em geral a separação dos sexos, no tipo de poesia religiosa asiática e sabedoria asiática (Abraão, Isaac, Davi e os salmos, Salomão e o Cântico dos Cânticos, Maomé), que não só não separavam os sexos como pretendiam fortemente uni-los.

Seu poder como curandeiro era apenas um aspecto menor da sua história, o “lado pessoal da questão”. Muito mais importante era sua

missão histórica para a Rússia: “Na *história* , o Peregrino claramente produz uma reviravolta da fé, na qual ‘tudo é diferente’... É por isso que suas ‘maneiras’ foram muito mais longe do que as ‘nossas, limitadas’. [...] o que está acontecendo diante dos olhos da Rússia não é uma ‘fábula’, e sim uma *história* da mais terrível seriedade”. ⁵

A interpretação de Rozanov era extrema, mas pelo menos uma pessoa a compartilhava. Depois de ler *A seita do apocalipse* , o arcebispo Aleksandr Ustinski, de Nóvgorod, escreveu para o autor aplaudindo: “O senhor definiu e compreendeu correta e perfeitamente a missão de Grig. Raspútin em seu livro. É de fato um protesto genuíno contra a unilateralidade de nossa visão ascética e uma voz viva a favor dos velhos conceitos bíblicos das relações entre os sexos. Concordo plenamente com suas opiniões. Que maravilhosas as três últimas páginas do seu livro! Que Deus o ajude a lutar e vencer”. ⁶

A própria imperatriz também via qualquer coisa dos profetas do Antigo Testamento em Raspútin. Ela disse a Lili Dehn: “Nosso Senhor não escolheu membros bem-nascidos da sociedade judaica como Seus seguidores”. ⁷ Jesus também tinha sido castigado e repudiado pela elite do seu povo.

Essas opiniões, no entanto, eram raríssimas. O hieromonge Serapião, do Mosteiro de Novo-Niametski em Tiraspol (província de Kherson), escreveu horrorizado para Rozanov em 4 de março de 1914 para dizer que considerava seu livro “simplesmente asqueroso”. Rozanov não sabia do que estava falando quando o assunto era religião, nem tinha a menor ideia de quem era o verdadeiro Raspútin. Para isso, Serapião recomendou-lhe que se dirigisse a Feofan e Mikhail Novoselov.

Feofan tinha informações de primeira mão (até as transmitiu ao tsar, mas, que infortúnio — a psicose já tinha tomado conta do palácio!) de que esse peregrino devasso beijava mulheres muitas vezes, e não só no lábio superior, mas no inferior também. Espalhava sua “energia sagrada” através do pênis. Novoselov publicou as cartas das ex-filhas “espirituais” desse “*stárets*” dois anos atrás, nas quais suas aventuras nas casas de banho eram descritas com todos os detalhes; mas infelizmente para a Igreja russa o folheto foi confiscado na gráfica. E, se amamos de fato a Igreja, nosso dever é protegê-la de todos os canalhas, pois esses “homens santos” nunca foram (e nunca serão) parte dela.

Rozanov rabiscou na carta de Serapião: “Davi, ou especialmente Salomão, não fez com as mulheres essas coisas que Serapião atribui a Raspútin? [...] Raspútin na verdade viola o ascetismo. Não importa

(para Serapião) que ele seja dissipado, o que o deixa indignado é que ao mesmo tempo ele reza”. ⁸

O poeta Nikolai Kliuev foi um pouco mais longe do que Rozanov. Não se limitava a elogiar Raspútín — queria ser como ele. Um dos chamados poetas camponeses, juntamente com Serguei Iéssenin, Kliuev, que tinha ligações com os *khlisti* e com os *skoptsi* (autocastradores), adorava vestir roupas de camponês e exagerava seu rústico sotaque, e escreveu uma obra autobiográfica muito fantasiosa intitulada *O destino do vadio* sobre sua vida “da cabana do camponês ao palácio” que se assemelhava à verdadeira trajetória do próprio Raspútín. Kliuev jamais conheceu Raspútín, apesar de gostar de fazer os outros acreditarem que sim. Os contemporâneos notaram as semelhanças, das raízes camponesas às ligações (reais ou imaginárias) com seitas subversivas, e certa teatralidade, além de um jeito fantástico de combinar Eros com religião. ⁹ As comparações nem sempre eram favoráveis. “Kliuev é um Raspútín fracassado”, observou o poeta Mikhail Kuzmin. O escritor Alexei Remizov comentou que Kliuev “quer abrir caminho até o tsar pela estrada de Raspútín”, destino que jamais alcançou. ¹⁰

Kliuev não era o único na classe literária a alegar que tinha conexões com Raspútín, apesar de seu caso ser extremo. Com Raspútín na cabeça de todos, que escritor de respeito não se gabaria de ter encontrado essa figura onipresente? Anna Akhmatova, por exemplo, dizia ter visto Raspútín uma vez no trem de Petersburgo para Tsárskoie Seló. “Tinha a aparência de um bem-vestido camponês chefe de aldeia, os olhos muito juntos de hipnotizador atravessavam nosso crânio. Alguém disse: ‘Está vestido para o aniversário de Sacha’.” ¹¹ E Lili Brik, musa do poeta Vladímir Maiakóvski, também disse ter encontrado Raspútín no trem para Tsárskoie Seló. Ele sentou perto dela e começou a fazer perguntas pessoais, ou pelo menos foi o que ela relatou em suas memórias. “Não deixe de me visitar, vamos tomar um chá, não tenha medo.” Brik queria desesperadamente ir, mas o marido não permitiu. ¹² As duas mulheres talvez estivessem falando a verdade. De qualquer forma, são ótimas histórias.

Khlist , peregrino, *stárets* , *bogatir* , profeta, *zaddik* — e *iurodivi* , louco

sagrado. “Somos loucos por causa de Cristo”, escreve o apóstolo Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios (4,10-3). “Vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados. Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos morada certa [...]. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo.” Antiga figura religiosa-cultural herdada de Bizâncio, o louco sagrado não tinha equivalente religioso no Ocidente. Os *iurodivie*, tendo voluntariamente adotado o disfarce da loucura e um ascetismo radical, viviam como párias, envolvendo-se de propósito em comportamentos chocantes destinados a provocar a censura, até mesmo agressões físicas, da comunidade. Assim agindo, o louco sagrado, imitando Cristo, sufocava seu orgulho enquanto forçava seus algozes a confrontarem seus próprios fracassos morais, manifestados, por exemplo, na perseguição de sua figura. Descalços e maltrapilhos, às vezes nus, falavam utilizando-se de enigmas e de uma linguagem obscura, profetizavam, perturbavam os cultos religiosos, andavam com prostitutas, praticavam desvios sexuais, defecavam em público e vilipendiavam os orgulhosos e vaidosos. ¹³

O louco sagrado era uma figura inerentemente ambígua, e, onde alguns percebiam a verdadeira santidade, outros viam vigarice. Embora alguns dos primeiros *iurodivie* russos viessem a ser canonizados depois da morte, a partir do reinado ocidentalizado de Pedro, o Grande, os loucos sagrados e a loucura sagrada (*iurodstvo*) foram oficialmente banidos. O Estado começou a prender, exilar, torturar e até matá-los. Mas a loucura sagrada sobreviveu, especialmente entre as pessoas comuns, até o século XX, e havia *iurodivie* nos grandes mosteiros e locais sagrados da Rússia, lugares visitados por Raspútin quando jovem, que ficou claramente impressionado e foi por eles influenciado.

Alexandra estava convencida de que Raspútin era um louco sagrado, e encontrou prova disso num livro do hieromonge Alexei (Kuznetsov) intitulado *Loucura sagrada e o ascetismo estilita: Um estudo religioso-psicológico*, publicado em 1913. Alexandra devorou a obra, sublinhando com lápis colorido os trechos que lhe causavam impressão mais forte, como os comentários do autor sobre como a loucura sagrada de alguns

santos se manifestava pela dissipação sexual. Ela deu exemplares do livro para outras pessoas, que entendiam de imediato o que a tsarina esperava que aprendessem. Contemporâneos rotularam o autor de “rasputinista” e afirmaram que o livro continha equívocos graves (argumento ainda usado por alguns historiadores), mas não se tratava disso; o texto foi aceito como a dissertação de Alexei e em 2000 reeditado pelo Mosteiro da Trindade de São Sérgio, o mais respeitado da Rússia. ¹⁴ Esse incidente indica como Alexandra tentava explicar as ações de Raspútin com relação a precedentes. Quando lhe falavam do gosto de Raspútin por beijar mulheres, ela comentava que “todo mundo em tempos idos beijava todo mundo. Leiam os apóstolos — eles beijavam todo mundo, como gesto de boas-vindas”. ¹⁵

A questão de determinar se Raspútin era um louco sagrado é complexa, como quase tudo relacionado ao seu caráter. Alexandra e o príncipe Jevakhov assim o viam, embora pareça que eram exceções entre seus contemporâneos. Entre os principais estudiosos do assunto hoje, alguns endossam essa opinião e o incluem nas fileiras dos loucos sagrados modernos, ou pelo menos reconhecem que atuou dentro dessa antiquíssima tradição. ¹⁶ A maioria dos contemporâneos de Raspútin, porém, via em sua *iurodstvo* um espetáculo vazio, mera enganação. “Nunca houve uma loucura sagrada genuína em Raspútin”, comentou Zinaida Gippius, “mas ele bancava o louco sagrado constantemente, e com considerável presença de espírito, decidindo em sua cabeça até que ponto fingir.” ¹⁷

Parte da confusão pode ser atribuída ao fato de que o louco sagrado era por definição uma figura paradoxal, enigmática. Importante também era o fato de que Raspútin se beneficiava de variadas fontes e tradições religiosas. Nunca frequentou nenhuma academia teológica e, não sendo um estudante rigoroso de religião, jamais se interessou pela pureza doutrinal. Foi exposto a muitas formas de vida religiosa e de todas elas extraiu alguma coisa. Antes de tudo, Raspútin era um ecumênico. Se há um fato que fala mais alto contra a sua designação como louco sagrado, esse fato é o convencionalismo. Na época em que chegou a Petersburgo, Raspútin já tinha desistido da vida ascética. Mantinha uma casa, cuidava da mulher e dos filhos, andava completamente vestido, e não com camisas puídas, o traje simbólico

definitivo do *iurodivi* , mas com finas camisas de seda, feitas à mão pela imperatriz. Visitava prostitutas e tinha amantes, mas isso parecia ter menos a ver com o desejo de escandalizar do que com a pura e simples vontade de fazer sexo.

No fim, uma coisa é certa: a crença de Raspútin em Deus. Ao longo da vida, Raspútin foi homem de grande fé pessoal. “Costumava falar conosco a respeito de Deus”, lembrava-se a filha Maria.

Dizia que Deus era o nosso consolo na vida, mas que precisávamos saber rezar para ter acesso a esse consolo. Para que uma oração fosse ouvida por Deus, era preciso estarmos totalmente dedicados à fé e evitarmos todos os outros pensamentos. Dizia que nem todo mundo sabia rezar e que era difícil. Com frequência jejuava e nos fazia jejuar. Durante os jejuns só comia torradas e seguia isso rigorosamente. Dizia que os dias de jejum não servem para a saúde, como afirmam os cientistas, mas para a salvação da alma. [18](#)

44. Um verão de dificuldades

Nicolau esteve ausente de Tsárskoie Seló durante boa parte de abril e maio de 1915, e uma solitária Alexandra passou a recorrer cada vez mais a Raspútin em busca de consolo. Suas cartas para Nicolau nesse período mostram que a influência dele se tornara considerável em pouco tempo. Alexandra estava sempre preocupada com Nicolau e recorria a Raspútin para mantê-lo a salvo. Quando Nicolau partiu para a Stavka em 4 de abril sem o ícone de São João Guerreiro que Raspútin lhe dera, ela fez questão de despachá-lo no dia seguinte. Além de presentes de ícones e outros talismãs, ela pedia a Raspútin que rezasse pelo imperador em suas viagens. Naquele mês, Nicolau visitou os territórios recém-conquistados em torno de Lvov e Peremíchl, mas pediu a Alexandra que não mencionasse a viagem para ninguém. Ela não se conteve, porém, e contou a Vírubova, para que pedisse a Raspútin que abençoasse a viagem do tsar com suas “orações especiais”. Fez isso mais de uma vez. Em novembro daquele ano, Nicolau realizou outra viagem sobre a qual queria guardar segredo, e mais uma vez ela contrariou sua vontade e contou a Raspútin, para que ele “possa protegê-lo em toda parte”. Longe de se aborrecer, entretanto, Nicolau telegrafou para Raspútin agradecendo-lhe as orações e abençoando-o.

Raspútin ofereceu mais do que simples bênçãos e proteção espiritual: opinou sobre a pertinência das viagens em si. Quando Vírubova contou a Raspútin sobre a viagem a Lvov e Peremíchl, ele respondeu que a ideia não lhe agradava, pois era cedo demais, e seria melhor se o tsar deixasse para depois da guerra. Raspútin estava certo, pois dias depois da visita de Nicolau as terras foram retomadas pelo inimigo, causando uma baixa de quase 250 mil soldados russos. O tsar ficou numa situação

constrangedora depois da viagem triunfal. Raspútin também não gostava do fato de o imperador ter viajado em companhia do grão-duque Nikolai Nikoláievitch, e fez questão de deixar isso claro. Raspútin e Alexandra andavam contrariados com Nikolacha, que para eles estava agindo como um alto e poderoso comandante-chefe, como se tentasse ultrapassar a autoridade do tsar. ¹ O homem que ajudara a apresentar Raspútin a Nicolau e Alexandra agora era visto como um dos seus maiores inimigos. ² Em 24 de junho, ela lembrou a Nicolau que ele, e não Nikolacha, era o imperador, por isso poderia fazer o que quisesse. O mais importante era que Nicolau só desse ouvidos a ela e a “nosso amigo”. Era imperativo que não contasse a Nikolacha sobre os seus movimentos no front, instruiu Alexandra, pois o comandante estava cercado de espões germânicos na Stavka. Ela tinha certeza de que esses espões passariam essas informações para os alemães, que preparavam “aeroplanos” para bombardear o automóvel do imperador. No dia seguinte, insistiu com Nicolau para que voltasse da Stavka, do contrário correria o risco de submeter-se à má influência do grão-duque: “Lembre-se de que nosso amigo lhe suplicou que não ficasse muito tempo — Ele vê & conhece N. pelo avesso & o seu coração tão gentil e bondoso”. ³

No começo daquele mês, a imperatriz escreveu a Nicolau na Stavka com mais conselhos. Disse-lhe que os ministros “precisam aprender a tremer diante de você — lembre-se de que M. Philippe e Grigóri dizem a mesma coisa também. Você tem que ordenar providências sem perguntar se são possíveis. [...] Sabe como nosso povo é talentoso, bem-dotado — apenas preguiçoso e sem iniciativa, dê o pontapé inicial e eles serão capazes de fazer qualquer coisa, mas não peça, ordene, seja enérgico em nome do seu país”. E prosseguiu:

Portanto nosso amigo tem medo de você aí no quartel-general, com todo mundo à sua volta dando explicações, & involuntariamente você cede, quando seus próprios sentimentos estavam corretos, mas não lhes convinha. Lembre-se de que você já reina há muito tempo, tem muito mais experiência do que eles — N. só pensa no Exército e no sucesso — você carrega responsabilidades internas há anos — se comete erros (depois da guerra não é ninguém), mas você tem que dar jeito em tudo. Não, escute nosso amigo, acredite Nele. Ele se interessa por você e pela Rússia de coração — não foi à toa que Deus o mandou para nós — mas nós precisamos prestar mais atenção ao que Ele diz — Suas palavras não são ditas levianamente — & a importância de ter não só Suas orações mas Seu conselho — é grande.

Alexandra se referia a um assunto específico. No primeiro semestre de 1915, a Rússia já tinha perdido 3,8 milhões de homens — entre mortos, feridos e capturados —, e Nicolau estava pensando em convocar mais homens com idade entre 22 e 43 anos, coisa que não se fazia desde a invasão de Napoleão em 1812 e que transmitiria uma impressão de emergência. Além disso, uma convocação tão grande privaria os campos e as fábricas de preciosa mão de obra.⁴ Alexandra viu Raspútin na casa de Vírubova na noite de 14 de junho, e os dois conversaram durante uma hora e meia. Logo que voltou ao Palácio de Alexandre, ela escreveu para Nicolau com o conselho de Raspútin de que, se não fizesse a nova convocação, estaria salvando o seu reinado. Raspútin comunicou também ao tsar que a crescente escassez de suprimentos para a artilharia poderia ser resolvida se ele simplesmente ordenasse às fábricas russas que produzissem mais e parassem de discutir o assunto com seus ministros. Presenteou Alexandra com outro talismã para Nicolau: “Mando-lhe uma bengala (peixe segurando um pássaro), que foi enviada para Ele [Raspútin] de Nova Atos para dar a você — primeiro ele a usou e agora manda para você como uma bênção —, se puder usá-la de vez em quando será ótimo, e tê-la em seu compartimento perto da que o sr. Ph[ilippe] tocou é bom também”. Incentivou Nicolau a procurar Raspútin sempre que tivesse dúvida sobre como agir: “Se tiver qualquer pergunta para o nosso am. escreva imediatamente. Cubro-o de beijos os mais carinhosos. Sua eterna Esposinha”.

A maior preocupação de Raspútin — e de Alexandra — naquele mês foi a série de mudanças ministeriais que Nicolau pretendia fazer. Reagindo à crescente insatisfação popular com a condução da guerra, e às vozes adversas na Stavka, encabeçada por Nikolacha, Nicolau demitiu vários dos seus ministros mais reacionários, na esperança de conquistar apoio público. No período de um mês, quatro homens caíram: o príncipe Nikolai Scherbátov substituiu Nikolai Maklakov como ministro do Interior; o general Alexei Polivánov substituiu Vladímir Sukhomlínov como ministro da Guerra; Aleksandr Samárin substituiu Vladímir Sabler como procurador-chefe do Sínodo; e Aleksandr Khvostov substituiu Ivan Scheglovítov como ministro da Justiça.

Raspútín, com razão, como se veria, temia que os novos ministros não fossem exatamente amigáveis. Mal dormiu durante cinco noites depois de ouvir a notícia. Em 15 de junho, quando Raspútín se preparava para partir de Petrogrado para a Sibéria, Alexandra escreveu a Nicolau dizendo temer que esses homens fossem hostis a Raspútín e disse que a conversa sobre as substituições o deixara “muito ansioso para saber o que era verdade”. Também transmitiu ao imperador um recado de Raspútín:

que dê menos atenção ao que as pessoas dirão a você, não se deixe ser influenciado por eles, mas use seus próprios instintos e se guie por isso, seja mais seguro de si & não ouça demais nem ceda aos outros, que sabem menos do que você. [...] Ele lamenta que você não converse mais com Ele sobre o que pensa & pretende fazer & fale sobre seus ministros & as mudanças que pensa fazer. Reza com fervor por você e pela Rússia & pode ajudar melhor quando você falar com Ele francamente.

Trata-se de uma mensagem notável. Raspútín instruíra o tsar a ignorar seus ministros e seguir os próprios instintos, instintos esses que o siberiano queria ser um dos primeiros a conhecer, claramente para que pudesse ajudar a moldá-lo e guiá-lo na direção que ele e Alexandra julgavam ser a melhor.

A primeira mudança, em 5 de junho, foi a demissão de Maklakov, trocado pelo príncipe Scherbátov. O momento é importante, pois foi apenas algumas semanas depois disso que Djunkóvski começou a montar a fraude do Iar contra Raspútín. É possível que Djunkóvski tenha encontrado em Scherbátov um aliado — ao contrário de Maklakov, mais simpático a Raspútín —, conversado com ele sobre seus planos, e que o novo ministro do Interior lhe tenha dado sinal verde para continuar. ⁵ A mudança ministerial que causou a Alexandra e Raspútín a maior preocupação, porém, foi a nomeação de Aleksandr Samárin, figura estreitamente ligada a Ella e a Sófia Tiútcheva. Alexandra escreveu para Nicolau dizendo que “agora o grupo de Moscou será como uma teia de aranha à nossa volta, os inimigos do nosso amigo são também os nossos”. Informou ao marido que Raspútín ficou furioso ao saber da decisão e “em total desespero”. Comunicou que ela também se sentia “agravada” com a decisão e que agora compreendia perfeitamente por que Raspútín fora contra a ida do tsar para a Stavka, pois, se tivesse continuado ao seu lado, ela o ajudaria a

tomar a decisão certa, mas sabia que os homens da Stavka temiam sua influência, por isso o atraíram para lá. Instruiu Nicolau a conversar com Samárin “severamente, com voz forte e decidida, para dizer que proíbe quaisquer intrigas contra nosso amigo, ou boatos sobre Ele, ou a mais leve perseguição, do contrário não ficará com ele. Que um verdadeiro Servidor não ousa ir contra um homem que seu Soberano respeita e venera”. Deus não nos perdoará, advertiu ela a Nicolau, se não protegemos nosso amigo.

O desespero de Alexandra combalia-a fisicamente. A decisão de Nicolau lhe provocara dores no peito, escreveu, sentia imensamente a falta do marido e queria que ele a procurasse com mais frequência em busca de orientação. Disse a Nicolau que agora, sozinha, sem ele e sem Raspútin, sentia-se grata por ter consigo o ícone com a campainha dado anos antes “por nosso primeiro amigo” (Monsieur Philippe), que toca quando um inimigo se aproxima. Que Deus queria que ela fosse uma boa companheira, disso tinha certeza, e tanto Philippe como Raspútin lhe disseram isso. Era necessário ouvir as palavras de Raspútin: “Pense mais em Gr. meu amado, antes de todo momento difícil peça-Lhe que interceda perante Deus para guiar você corretamente [...]. Lembre-se que *les Amis de Dieu* dizem que um país cujo Soberano é guiado pela mão de Deus não se perde. Oh, deixe que Ele o guie mais!”. ⁶

O conselho de Raspútin tinha sido não substituir Sabler enquanto um candidato adequado (ou seja, um a quem não se opusesse) fosse encontrado. Mas Nicolau seguiu em frente assim mesmo. Conhecia Samárin, gostava dele, respeitava-o e acreditava que era capaz de pôr fim aos problemas que afligiam a Igreja. Filho de um famoso eslavófilo, Samárin era homem instruído, conceituado e irrepreensível como crente ortodoxo. Mas era um moscovita, amado por seus pares da nobreza, e amplamente conhecido como antirrasputinista. ⁷

Samárin viajou a Stavka para conversar sobre a nomeação. Em 20 de junho disse ao imperador que sua consciência não lhe permitiria aceitar o cargo, enquanto “perto do Senhor, perto de Sua família, haja um homem indigno”. Samárin concordou com o imperador quando lhe foi perguntado se os considerava, a ele e Alexandra, verdadeiros crentes ortodoxos, mas disse a Nicolau que ambos tinham sido enganados por Raspútin. “Majestade, ele é inegavelmente um vigarista, e quando está

diante do senhor não é a mesma pessoa que toda a Rússia conhece.” De acordo com Samárin, lágrimas umedeceram a face do tsar. Nicolau deu a entender que seria possível tirar Raspútin de Petrogrado, mas Samárin respondeu que isso exigiria medidas decisivas para convencer a todos que a influência deletéria de Raspútin em assuntos da Igreja tinha acabado de forma definitiva e irremediável. O tsar ficou calado por um tempo, e então disse que ainda queria que ele aceitasse o cargo de procurador-chefe. Samárin considerou que Nicolau tivesse aceitado suas condições, concordando com seu pedido. Logo veria que estava enganado.

Na Stavka espalhou-se a notícia do acordo que significaria o fim de Raspútin. Toda a comitiva imperial estava em êxtase. Quando Nikolacha ficou sabendo por intermédio do protopresbítero Chavélski ainda naquele dia, levantou-se de um salto e correu para beijar seu ícone. “Eu seria capaz de dar cambalhotas de alegria!”, exclamou aos risos. Samárin visitou Nikolacha em seu vagão de trem. “Hoje você é o homem mais feliz da Rússia. Salvou o tsar. Salvou a Rússia”, afirmou Nikolacha. E continuou:

Sabe de uma coisa, ele é um sujeito realmente notável. Eu mesmo sofri sua influência e estudei todos os seus ensinamentos e seria capaz de ensinar ao Sínodo o que é esse khlistovismo. Minha cunhada conhece especialmente bem tudo isso. Pode pô-lo a par dessas ideias rapidamente. Mas compreendi que tipo de homem era ele e me afastei. Ele me ameaçou, dizendo que faria o imperador ter raiva de mim. E, de fato, foi exatamente o que fez, e por algum tempo ficamos sem nos ver. Não, você é o homem mais sortudo da Rússia. ⁸

O padre Vladímir Vostokov, que por coincidência era o preceptor religioso dos filhos de Samárin, escreveu para o conde Serguei Cheremétev, decano do conservadorismo russo, afirmando que com aquela mudança “na vida da nossa Igreja a luz começará a brilhar naqueles cantos escuros em que um *khlist* devasso é tido como um ‘santo *stárets*’ com autoridade quase sem limites em assuntos religiosos”. ⁹ O padre Aleksandr Vasilev também manifestou esperança agora que estaria sob a direção de “um homem de alma limpa, independente”.

Raspútin teve que aceitar a nomeação de Samárin. De acordo com a filha de Samárin, ele até tentou um encontro com o novo procurador em Petrogrado no fim de julho. Chegou ao Hotel Europa, onde

Samárin estava hospedado, em companhia do seu velho aliado Varnava, bispo de Tobolsk. Por respeito ao cargo de Varnava, Samárin concordou em recebê-lo e saiu para cumprimentar o bispo, mas ao ver Raspútín atrás dele parou, recolheu a mão e disse: “Não o conheço e não vou apertar sua mão”. ¹⁰ Mesmo que o incidente jamais tenha acontecido, a história dá ideia dos verdadeiros sentimentos de Samárin em relação a Raspútín.

A nomeação de Samárin foi uma vitória clara e inegável dos inimigos de Raspútín. No entanto, o mito do todo-poderoso Raspútín já era tão difundido que todas as decisões de alto nível lhe eram atribuídas, ainda que não houvesse como explicá-las. Em 21 de julho, por exemplo, o chefe da Okhrana da província de Tobolsk informou a Djunkóvski que dias antes Raspútín fora ouvido se gabando de que Samárin só fora escolhido graças à sua influência. ¹¹ Nada poderia estar mais longe da verdade, claro.

Raspútín chegou a Pokróvskoie em 21 de junho, acompanhado pelos agentes da Okhrana Daniil Terekhov e Piotr Svistunov. Recebeu vários convidados três dias depois. Os agentes observaram que Raspútín bebeu, dançou ao som de um gramofone e contou que tinha poupado de punição trezentos batistas russos que se recusaram a ingressar no Exército e esperava receber 5 mil rublos de cada um por sua intervenção. Também se gabou de ter convencido o imperador a adiar uma nova convocação de recrutas até o fim do verão, depois da colheita. No último dia do mês, recebeu a visita do bispo Varnava e do padre Martemian, abade de mosteiro, que trouxeram dois barris de vinho para o anfitrião. ¹²

Terekhov e Svistunov funcionavam basicamente como guarda-costas de Raspútín, uma proteção necessária depois do ataque de Guseva no ano anterior e, apesar de enviarem relatórios sobre as atividades de Raspútín, claramente não estavam tentando obter informações a respeito dele. Djunkóvski, porém, não gostou dessa solução. Não tinha conseguido livrar-se de Raspútín com a campanha do Iar, mas relutava em admitir derrota. Em 1o de julho, o chefe da Okhrana em Petrogrado, por instrução de Djunkóvski, ordenou ao coronel Vladímír Dobrodeiev, chefe dos gendarmes da província de Tobolsk, que

montasse uma vigilância clandestina de Raspútin e lhe enviasse diretamente todos os detalhes importantes. Dobrodeiev repassou a ordem para o capitão Kalmikov, seu subordinado em Tiumen. Dobrodeiev informou a Kalmikov que queria saber quem eram todas as pessoas com quem Raspútin se encontrava e a natureza de suas relações. Acrescentou que tinha interesse especial em saber “o que ele ‘está pregando’ e se está dizendo alguma coisa contra a guerra europeia atual”. Kalmikov, por sua vez, ordenou ao oficial subalterno Alexei Prelin que fosse a Pokróvskoie colher informações. ¹³ Djunkóvski estava decidido a encontrar alguma coisa que pudesse usar contra Raspútin, custasse o que custasse.

Em julho, um comerciante judeu chamado Wolf Berger visitou Raspútin. Quando soube disso em Tobolsk, Dobrodeiev instruiu Kalmikov a investigar a identidade do homem e o objetivo de sua visita: “Qual é, precisamente, a natureza das relações do ‘*stárets*’ com esse judeu?”, perguntou. Deu algum trabalho, mas Kalmikov rastreou Berger até Minsk. Escreveu para as autoridades de lá pedindo informações sobre Berger que pudessem comprometer Raspútin, mas a resposta que veio foi a de que ele era um súdito patriota e politicamente leal. ¹⁴ Houve outras visitas naquele mês, incluindo a mulher de Grigóri Patuchinski, de Ialutorovsk. Para a polícia ela estava tentando cultivar relações com Raspútin na esperança de que ele desse uma ajuda na carreira estagnada do marido. Viram Raspútin e Patuchinskaia junto com Elizaveta Soloviova, de trinta anos, mulher de um funcionário do Sínodo, passearem pela aldeia de braço dado, tomando vinho e ouvindo música no gramofone dele. Quando Patuchinskaia saiu, teria sido vista beijando “sensualmente” Raspútin nos lábios, no rosto e até no nariz e nas mãos. Em outra ocasião, viram Raspútin visitar a mulher do sacristão Iermolaiev, ficando com ela cerca de trinta minutos para um dos seus “encontros íntimos”. ¹⁵

Nenhuma dessas informações, porém, era suficientemente danosa para interessar Djunkóvski. Decidiu-se aumentar a vigilância e plantar de forma permanente um par de olhos na aldeia. Prelin sugeriu que recrutassem Tatiana Serguéieva, de 37 anos. Ela ajudara a polícia quatro anos antes na vigilância de Raspútin e ainda vivia na aldeia, onde trabalhava numa loja. Mostrara-se disposta a colaborar outra vez,

mediante modesta remuneração. Prelin julgava-a perfeita para a tarefa. Notou que Raspútín e a mulher tinham parado de informar sobre seus hóspedes às autoridades da aldeia, como mandava a lei, dizendo aos funcionários: “Não temos conosco nenhum vagabundo”. Serguéieva estaria numa boa posição para espionar os Raspútín e descobrir o que se passava na casa deles. O plano de Prelin foi aprovado, e Serguéieva começou a trabalhar em 1o de agosto.

Nessa época, Dobrodeiev visitou Djunkóvski na capital. Em carta para Kalmikov, Dobrodeiev escreveu que Djunkóvski queria que melhorassem o monitoramento das conversas de Raspútín e anotassem qualquer menção que fizesse ao imperador. A esperança de Djunkóvski era encontrar alguma informação comprometedora que pudesse ser usada não só para manter Raspútín longe de Petrogrado, mas que também servisse de motivo para que o exilassem em rincões ainda mais remotos do leste da Sibéria. ¹⁶ A polícia siberiana levou o assunto a sério, investigando qualquer pista possível. Prelin, por exemplo, teve um encontro no fim de julho com uma velha senhora chamada Paraskeva Kriajeva, que disse que recentemente, durante uma viagem de vapor, ouvira Raspútín dizer a outro passageiro — um camponês, ao que parece — que tudo de que precisava para pôr fim à guerra era falar com o imperador. Prelin foi instruído a encontrar a tal Kriajeva e pedir uma declaração sua. A polícia localizou-a em Tomsk, e num interrogatório ela repetiu o que tinha escutado, informando aos agentes que o incidente ocorrera numa viagem de Tiúmen a Tobolsk a bordo do vapor *Cometa* em 23 ou 24 de julho. Mas isso era tudo que tinha a acrescentar. Kalmikov não ficou satisfeito e mandou uma carta para os gendarmes da província de Tomsk, instruindo-os a interrogar Kriajeva mais uma vez. Anexou uma lista de perguntas: 1) Quando exatamente ele disse aquelas palavras? 2) Onde no vapor isso ocorreu? 3) Em que circunstâncias? 4) O que disse Raspútín, palavra por palavra? 5) Quem mais ouviu? 6) A quem mais ela contou a respeito? 7) Ela poderia dizer quem era o homem a quem Raspútín disse isso? As perguntas foram feitas a Kriajeva, mas ela disse que já tinha contado à polícia tudo que sabia e foi incapaz de acrescentar detalhes. Com isso, a pista se perdeu. Ainda assim, a polícia não quis desistir e continuou a investigar o assunto até enfim deixar o caso de lado, em outubro.

Em agosto, a polícia tinha começado a investigar um caso parecido, dessa vez envolvendo um camponês de Pokróvskoie, Vassíli Raspopov. Ele supostamente ouvira Raspútin a bordo de um vapor um mês antes “dizer publicamente, e sem constrangimento, que sabia muito bem que a guerra ia acabar mal para nós”. Quando a polícia ficou sabendo, outra investigação foi iniciada. E também não chegou a lugar nenhum. Descobriu-se que Raspopov na verdade jamais ouvira Raspútin dizer tal coisa e apenas repetia boatos de segunda mão. ¹⁷ Após um mês de trabalho intensivo, a polícia não tinha nada nas mãos.

Já Raspútin enfrentava profundos problemas pessoais. No fim de junho recebeu um telegrama informando-o de que seu filho Dmítri seria convocado para o Exército. Ficou arrasado. “Tinha cá para mim”, escreveu ele para Alexandra, “que eu era como Abraão, de tempos idos, que tinha no seu filho um sustentáculo. Espero que seja considerado arrimo como acontecia no tempo dos tsares antigos.” A preocupação era genuína e não dizia respeito apenas a si e a sua família, como mostra o conselho que tinha dado no começo de junho contra a convocação de uma segunda classe de recrutas, que seria prejudicial para a paz interna do país. Alexandra pediu a Nicolau que fizesse alguma coisa pelo rapaz, mas o tsar se recusou, e Dmítri foi de fato recrutado. ¹⁸ Em 27 de julho, Raspútin e Dmítri, acompanhados de Terekhov e Svistunov, partiram de Pokróvskoie a cavalo para Tiumen, e de lá, de trem, para a capital, aonde chegaram no último dia do mês. Naquela noite ele se encontrou com Nicolau e Alexandra na casa de Vírubova. ¹⁹

Eles tinham esperança de manter Dmítri fora do Exército. Raspútin levou Dmítri para ver um médico que pudesse declará-lo inapto para o serviço militar, mas o relatório dele, como Raspútin soube no mês seguinte, atestava que o rapaz era perfeitamente são. ²⁰ Em agosto, Dmítri foi convocado para a 7a Companhia do 35o Batalhão Depósito de Suprimento. Os pais estavam doentes de preocupação. Praskóvia temia nunca mais rever o filho. Alexandra escreveu para Nicolau: “Nosso amigo está desesperado, seu filho terá que ir para a guerra — o único filho, que toma conta de tudo quando ele está ausente”. ²¹ No fim, pauzinhos foram mexidos, garantindo que Dmítri não fosse mandado para o front, e em outubro destacaram-no para um trem-hospital em Tsárskoie Seló, para imenso alívio dos pais. ²²

Como se tudo isso fosse pouco, o verão de 1915 trouxe uma nova e inaudita campanha de imprensa contra Raspútin. A cobertura nunca tinha sido tão intensa, generalizada ou extensa em suas acusações.

Começou em junho, quando o *Jornal do Comércio Siberiano* acusou Raspútin de ter roubado cavalos na juventude. Foi a primeira vez que essa alegação veio a público, e Raspútin, indignado, disparou uma carta para o jornal, que a publicou sob o título “A cólera do *stárets*” em 29 de julho: “Tiumen. Para o editor Krilov: Apresente provas imediatamente sobre onde, quando e de quem roubei cavalos, como estampou em seu jornal. O senhor é bem informado, por isso vou esperar uma resposta dentro de três dias; se não responder, sei a quem me queixar e com quem falar. Raspútin”.²³ Ao mesmo tempo, Raspútin escreveu ao vice-governador de Tobolsk, pedindo que movesse uma ação contra Krilov pelo crime ou o punisse “até onde for possível”. Se isso não fosse feito, Raspútin ameaçava reclamar “mais acima”.²⁴ Nem Krilov nem o vice-governador levaram Raspútin a sério, e parece que as ameaças jamais foram cumpridas.

Esse artigo foi o pontapé inicial de uma campanha muito maior. Durante cinco dias, em meados de agosto, a *Gazeta da Bolsa de Valores* publicou duas longas reportagens que supostamente seriam resultado de investigações confiáveis, checadas e recheçadas, sobre a vida de Raspútin. A primeira, de autoria de um repórter chamado Lukian, começava com uma declaração alertando que os censores não lhe permitiriam contar toda a história de Raspútin, uma vez que a “pornografia” relativa a suas mulheres, seu harém e suas proezas sexuais estava proibida. Lukian criticou as tentativas do governo de impedir que a imprensa escrevesse sobre Raspútin, “uma pessoa completamente privada que não ocupa nenhum cargo oficial. [...] E como foi instruída, por insinuação ou por telefone, para não mencionar Raspútin, a imprensa sabe que ignorar essa ordem trará como consequência uma série de severas medidas repressivas”. Mas a imprensa, de acordo com Lukian, precisava assumir esse risco e falar abertamente, uma vez que aqueles que deveriam fazê-lo em primeiro lugar — Scheglovítov, Maklakov ou Sabler — permaneceram em silêncio graças ao seu “infinito servilismo” ou tentaram distrair o público com ataques aos

judeus e outros não cristãos. ²⁵

Apesar de furioso, o texto de Lukian era manso em comparação com o que veio em seguida sob o título “A vida do *stárets* Raspútin”. O autor se identificava como Veniamin Borisov, apesar de haver provas sugerindo que o homem que se escondia atrás do pseudônimo era Davidson, inimigo de Raspútin. ²⁶ Borisov escreveu que todo o clã de Raspútin era “criminoso”, que o seu pai tinha sido surrado regularmente “por roubo e má conduta” e que na juventude Raspútin também fora açoitado por embriaguez e roubo. Segundo o texto, depois de homem-feito, já com vinte e poucos anos, Raspútin tinha estuprado uma viúva de setenta anos chamada Lekoniduchka, além de várias meninas pré-púberes. Depois que saiu de casa e começou a visitar conventos, continuou dando vazão a sua ferocidade, violando freiras e irmãs laicas. Agora, as madres superiores já sabiam o que se esperava delas e providenciavam ao *stárets* um quarto tranquilo e uma das moças mais bonitas para suas “conversas para salvar a alma”. Raspútin supostamente organizava orgias *khlist*, durante as quais pais faziam sexo com filhas, e mães com filhos. Borisov afirmava que os arquivos do distrito de Tobolsk continham pastas sobre os roubos de cavalo e falsos testemunhos de Raspútin. ²⁷

O texto de Borisov foi reproduzido em numerosos jornais, como o *Mensageiro de Saratov*, o *Jornal do Comércio Siberiano* e o *Iermak*. ²⁸ A *Folha de Petrogrado* também publicou uma série intitulada “Grichka Raspútin” durante quatro dias em meados do mês, e o *Tempo Vespertino* publicou histórias parecidas. ²⁹ O *Iermak* alegava que “esse indivíduo sombrio” estava em aliança com o “grupo alemão” e planejava convencer círculos poderosos da necessidade de conciliação com a Alemanha, um novo elemento no mito Raspútin — o de traidor e espião estrangeiro — que cresceria no ano seguinte até se tornar fato inquestionável e desempenhar papel importante na conspiração final para assassiná-lo. O *Tempo Vespertino* chegou a tachar Raspútin de espião alemão, exigindo que fosse preso. Ao ler essa história, o grão-duque Andrei Vladímirovitch anotou em seu diário em 17 de agosto:

Este ataque é perigosíssimo. Pode adquirir uma proporção imprevisível. Mas esse perigo não está longe, isto é perfeitamente claro. [...] E quem escreverá uma refutação? O único método agora é provar a inocência deles de forma decisiva — deixar Raspútin para lá, seja ele culpado

ou não. Pouco importa o que fez ou quem é. A única coisa que importa é que, graças a ele, há uma pessoa sendo submetida a ataques públicos da maneira mais infame, e isso é mais do que suficiente para ser cauteloso e não provocar o desagrado popular, em especial numa época em que as coisas não vão muito bem no país. [30](#)

Valentina Chebotariova ficou enojada com a campanha. “Isto é tão terrível e triste”, escreveu em seu diário. [31](#) Aleksandr Spiridóvitch, chefe da segurança do palácio e da segurança pessoal do tsar, concordava, ainda que apenas em parte. Descreveu os artigos do *Tempo Verspertino* como “calúnia total e abjeta”, mas caracterizou o trabalho de Borisov na *Gazeta da Bolsa de Valores* como “uma biografia completamente respeitável”. É bom lembrar, como o fez Spiridóvitch, que os dois jornais eram bem diferentes em sua orientação: o último editado por Mikhail Gakkebush-Gorelov, judeu, e o primeiro pelo nacionalista russo Boris Suvórin, o homem que, junto com Aleksandr Gutchkov, ajudou a inventar e espalhar a mentira de que Raspútin era espião alemão. Os ataques vinham de todos os lados do espectro político. Enquanto isso, Nicolau, Alexandra e Raspútin atribuíam toda a culpa ao novo ministro do Interior Scherbátov, convencidos de que ele era demasiado tolerante com a imprensa. [32](#)

Um furioso Raspútin passou telegramas para amigos poderosos implorando que fizessem tudo ao seu alcance para interromper a publicação das matérias. [33](#) Escreveu a Vírubova para pedir a Voeikov que proibisse a *Gazeta da Bolsa de Valores* de publicar suas “imundícies, eles estão semeando a discórdia”. [34](#) Queixou-se a ela em 2 de setembro: “Satã criou o jornal e espalha o medo”. [35](#) O governador de Tobolsk, Andrei Stankevitch, foi aparentemente a única autoridade a pronunciar-se em sua defesa, escrevendo aos editores para que corrigissem os muitos erros cometidos por Borisov e afirmando que nem ele nem seu vice-governador jamais ofereceram festas para Raspútin, e que nunca tinha recebido nenhuma reclamação a respeito dele de outros moradores da aldeia de Pokróvskoie, como o autor do texto alegava. [36](#) Essa voz solitária perdeu-se em meio aos uivos contra Raspútin.

A campanha deu novo ânimo a seu velho adversário padre Vostokov. Diante de um grande ajuntamento de peregrinos em Kolomna, em 29 de agosto, Vostokov investiu com veemência contra Raspútin. Pediu aos que acreditavam em Deus e amavam a pátria que assinassem sua

petição pela prisão imediata de Raspútin, homem culpado de “seduzir o povo russo e pôr lenha na fogueira da revolução internacional que ameaça a Rússia”. Durante a guerra, disse ele na reunião, quando a paz e a tranquilidade do país eram mais importantes do que nunca, a cínica influência de Raspútin era pior do que centenas dos agitadores mais exaltados da revolução. Não punir esse criminoso era “um grave pecado perante Deus, um que privou o país da graça e das bênçãos de Deus”. Seria difícil imaginar linguagem mais exagerada. Quinhentas pessoas assinaram a petição, que foi mandada para o ministro do Interior Scherbátov. Raspútin levou a sério as palavras de Vostokov. Queixou-se ao ministério e queria que Vostokov fosse investigado por “blasfêmia e injúria”. Mas o ministro preferiu não se meter, ignorando os dois pedidos. [37](#) No fim, foi a própria Alexandra que cuidou “desse horrendo Vostokov”, como o chamava. Com a ajuda de Makari, o metropolitano de Moscou, providenciou para que fosse transferido de Kolomna para um posto mais remoto no distrito de Moscou. [38](#)

45. O *Tovarpar*

Após dias de luta acirrada, em 4 de agosto a Fortaleza de Kaunas, na Lituânia, vital para as defesas ocidentais da Rússia, caiu em poder dos alemães. Os russos sofreram aproximadamente 20 mil baixas e considerável perda de armas. O comandante russo, general Vladímir Grigóriev, foi destituído do posto, julgado e condenado a quinze anos de prisão. Naquela noite, Raspútin visitou os desalentados Nicolau e Alexandra no palácio. Os três conversaram, e Raspútin abençoou o tsar com um ícone. No dia seguinte, escreveu a Nicolau numa tentativa de melhorar seu humor: “Paz e graça, Deus esteja convosco — seja firme”.¹ Ainda naquele dia Raspútin e o filho Dmítri partiram de Petrogrado para casa. Raspútin informaria depois a Vírubova que o governador de Petrogrado tinha telegrafado a Djunkóvski e ao chefe do departamento de polícia para impedir a saída deles, mas por alguma razão ninguém os deteve na estação. “Deus é sempre bondoso”, comentou ele.²

A polícia em Tiumen estava pronta para registrar sua chegada: o trem no 4 de Petrogrado transportando Raspútin, Dmítri e os agentes da Okhrana Terekhov e Svistunov chegou à estação em 8 de agosto às cinco da manhã. Raspútin e Dmítri pegaram um cabriolé e foram visitar Dmítri Striapchev, velho amigo do *stárets*, em sua residência. Enquanto isso, Terekhov e Svistunov foram ao porto esperar o vapor para Pokróvskoie. Striapchev e Raspútin — sem Dmítri, que ficou para trás, em Tiumen — chegaram ao porto pelas oito da manhã, e Striapchev comprou para Raspútin um bilhete em cabine individual na primeira classe do vapor *Tovarpar*. Às onze da manhã, o navio partiu de Tiumen para Tobolsk, com uma parada programada em Pokróvskoie. Antes de a embarcação zarpar, a polícia registrou que “nem na estação, nem no

porto, Raspútin disse alguma coisa digna de nota”. ³ Às dez horas da manhã seguinte, de acordo com relatórios da polícia, Raspútin saiu de casa e foi até o quintal, suspirando, gemendo e manifestando incredulidade por ter conseguido beber três garrafas de vinho e ficado terrivelmente bêbado no dia anterior. “Oh, meus caros”, disse a Terekhov e Svistunov, “isso não me caiu bem.” ⁴

Outros também comentavam que a viagem de Raspútin não tinha ido bem. Em 13 de agosto, o governador de Tobolsk, Stankevitch, ordenou ao chefe da polícia Khrushchev que tomasse o depoimento de um dos passageiros para checar um rumor que chegara aos seus ouvidos sobre problemas a bordo do *Tovarpar*. O nome dele era Wilhelm Hartevelt, compositor e pianista sueco de 56 anos, que morava na Rússia desde 1882. Ele e a mulher viajavam naquele dia no *Tovarpar* quando viram Raspútin tomando chá no salão da primeira classe. Usava uma camisa de brocado rosa, calças de estilo militar, meias de seda e chinelos. Sua aparência geral era de desalinho: a camisa estava suja e as roupas de baixo despontavam nas calças. Raspútin parecia nervoso, irritado, mas apesar disso comportava-se adequadamente.

Raspútin aproximou-se de Hartevelt, a mulher e um conhecido e lhes ofereceu um exemplar do seu novo livro *Meus pensamentos e reflexões*, com uma dedicatória para eles — “O amor é mais alto que as montanhas”. Deu mais atenção à mulher de Hartevelt, falando principalmente de amor e assuntos do gênero, embora também olhasse de vez em quando para o companheiro dela, dizendo-lhe depois de algum tempo: “Todos dizem que só beijo mulheres, mas estou gostando deste homem aqui e ficaria feliz de beijá-lo também”. Raspútin levantava-se da mesa deles e ia para sua cabine, e de cada vez que reaparecia estava um pouco mais bêbado. Pelas duas da tarde, estava completamente embriagado e começara a agir como um “encrenqueiro”, incomodando-os durante o jogo de cartas e ameaçando mandar tirá-los do salão quando lhe pediam que os deixassem em paz.

Em seguida, Raspútin levou quinze soldados para o salão e sentou-os em volta da sua mesa. Os soldados pareciam nervosos; sabiam que, como recrutas, não tinham permissão para entrar nas áreas da primeira classe do navio, reservadas aos oficiais. Ele disse que não se preocupassem, porque tinha autoridade para fazer como achasse

melhor. Então mandou os homens cantarem para ele, e nesse momento várias senhoras se levantaram e saíram às pressas. Em sinal de agradecimento, Raspútin tirou 125 rublos e deu aos soldados. A perturbação fez o capitão do vapor, M. K. Matveiev, aparecer e mandar os soldados saírem do salão — e eles se levantaram e partiram. Houve uma altercação entre Raspútin e Matveiev, e então o *stárets*, sem nenhum motivo aparente, foi atrás de um dos garçons acusando-o de furtar 3 mil rublos de sua cabine. Com a mesma rapidez, mudou de atitude, deu dez rublos ao homem e tentou abraçá-lo e beijá-lo.

Raspútin voltou cambaleando para a cabine e se jogou na cama. Dava para ouvi-lo cantar descontroladamente, rir, depois chorar — as emoções se alternando de um extremo ao outro. Tinha esquecido de fechar a veneziana da janela, e uma multidão se aglomerou para espiar suas trapalhadas. Ele desmaiou, vomitou, despertou por um momento e caiu no sono. Quando chegaram a Pokróvskoie, às oito da manhã, a tripulação precisou ajudá-lo a desembarcar. Passageiros observavam e riam do convés do *Tovarpar*. ⁵

Depois da Revolução e de seu retorno à Suécia, Hartevelde acrescentou alguns detalhes. As canções que Raspútin cantava, segundo ele, eram uma estranha mistura do religioso e do obsceno, incluindo os versos — frequentemente repetidos — “Deixa-me entrar para brincar a noite toda/ Teus seios brancos quero acariciar,/ Anda, aceita os meus feitiços!”. Apresentou a cópia de um bilhete de Raspútin endereçado ao “Meu instruído irmão V. Hartevelde” com a simples advertência de sabedoria bíblica: “Não julgueis para não serdes julgados”.

Levando em conta o momento do incidente do *Tovarpar*, tão imediatamente após o falso escândalo do Iar no meio de intensa campanha de imprensa contra Raspútin, é justo indagar se esse também não passou de outro escândalo fabricado. Teria sido mais uma operação desonesta da polícia para derrubar Raspútin? E o que dizer de Terekhov e Svistunov? Sabemos que viajavam com Raspútin. Não teriam tentado detê-lo ou pelo menos fechado as venezianas de sua cabine? Tudo parece um pouco dramático demais, conveniente demais, simples demais. Hartevelde, porém, insistia em dizer que a ideia de procurar as autoridades fora inteiramente sua. Deve-se notar que ele o fez dias depois da viagem, e não meses depois do acontecido. Hartevelde

declarou também que o governador Stankevitch não ficou nada satisfeito com o que ouviu, como se isso o pusesse numa situação difícil. Posteriormente, de acordo com Hartevelt, o governador chegou a insistir que ele retirasse o que dissera no depoimento, talvez na esperança de que o assunto morresse. ⁶ E com relação a Terekhov e Svistunov, os dois seguiam Raspútín como guarda-costas. Não era tarefa deles informar a seu respeito, mas impedir que qualquer coisa lhe acontecesse. Se ele decidisse agir como um idiota, não era problema deles.

Em 14 de agosto, um dia depois que Hartevelt compareceu perante Khrushchev, o superintendente de polícia do distrito de Tiumen Skatov mandou um relatório “ultrassecreto” para o governador Stankevitch avisando que o policial Pechkov obtivera mais informações sobre a viagem, que confirmavam o relato de Hartevelt sobre o comportamento de Raspútín em sua embriaguez. Dois dias depois voltou a escrever para enviar os relatórios de Pechkov que, estranhamente, não estão no arquivo siberiano em Tobolsk onde sua correspondência é guardada. ⁷ Então, em 21 de agosto, Pechkov interrogou dois passageiros do vapor: um residente de classe média baixa de Iekaterinburgo chamado Nikolai Chelekhov e um camponês da aldeia de Sazónovskoie de nome Aleksandr Klimchin, que descreveram acontecimentos parecidos com o que Hartevelt já relatara. ⁸ O testemunho de outros três passageiros foi colhido, e eles também fizeram na prática o mesmo relato dos demais. No dia 23, Pechkov encaminhou seu relatório final para o coronel Dobrodeiev, chefe dos gendarmes da província de Tobolsk. ⁹

Dobrodeiev ficou furioso quando o relatório chegou às suas mãos no dia seguinte. No começo de julho tinha ordenado a seu assistente, o capitão Kalmikov, que mantivesse Raspútín sob estrita vigilância enquanto estivesse na Sibéria e o informasse de tudo que pudesse ser de interesse, atendendo à determinação de Djunkóvski. No entanto, só então ficava sabendo desse incidente, duas semanas depois do fato, e não através de Kalmikov, mas de outro funcionário. ¹⁰ Um amedrontado Kalmikov partiu para a ação, mandando a seu superior em Tobolsk uma descrição própria e minuciosa dos acontecimentos, que

Dobrodeiev, por sua vez, encaminhou a Djunkóvski em 27 de agosto. Note-se que Dobrodeiev não se contentou em transmitir os fatos tais como tinham sido informados. Em vez disso, decidiu apimentá-los um pouco para Djunkóvski, acrescentando muitos detalhes fictícios e saborosos. Raspútin estava tornando quase impossível para o capitão Matveiev cumprir suas obrigações, escreveu ele, e por isso o oficial foi obrigado a ameaçar parar o vapor e expulsá-lo; Raspútin ficou obcecado pela mulher de um assistente do governador de Tobolsk, recusando-se a deixá-la em paz; e, por fim, Raspútin não só tinha desmaiado na cabine, mas se urinara todo no torpor da embriaguez. ¹¹ Djunkóvski ficou satisfeito, porém queria mais fatos comprometedores. Dobrodeiev, sempre leal, pressionou seus subordinados a conseguir o que fosse necessário, ameaçando tomar medidas disciplinares contra aqueles que não demonstrassem o devido zelo na coleta do material desejado. ¹²

Em 9 de setembro, o governador Stankevitch juntou os vários depoimentos e os despachou para o ministro do Interior Scherbátov, com uma carta destacando a “conduta inacreditavelmente vergonhosa” de Raspútin e o “quadro geral de um inaceitável transtorno público”, conforme retratado nos documentos. Acrescentou ainda uma nota informando que “a parte culpada tinha se gabado de sua ‘posição em Petrogrado’”. Com base em provas irrefutáveis, concluía Stankevitch, ele esperava que o ministro aceitasse que Raspútin fosse acusado nos termos do artigo 7o da lei sobre embriaguez pública de 10 de julho, delito com pena prevista de sete a catorze dias de cadeia ou uma multa de até 50 mil rublos em caso de primeira infração. Scherbátov, no entanto, hesitou em agir por conta própria, preferindo submeter o assunto à opinião do primeiro-ministro. Em 23 de setembro, Ivan Goremíkin, idoso e avesso a criar problemas (com seus bigodes extravagantes, definia a si mesmo como “*valet de chambre*” do tsar), informou a Scherbátov que, como o assunto não pertencia à esfera “desses acontecimentos que sobressaem estando no nível da vida do Estado”, não merecia sua atenção e deveria ser tratado pelas autoridades provinciais ou locais apropriadas, com a devida jurisdição. ¹³ A demissão em 19 de agosto de Djunkóvski, que tinha arriscado a carreira na tentativa de derrubar Raspútin, deve ter pesado na decisão dos dois de não insistir no assunto. Em resumo, nem Scherbátov, nem Goremíkin

ousaram tocar num assunto, que, como compreendiam muito bem, poderia virar uma bomba no colo dos dois. E, com isso, o caso morreu.

Ainda assim, como tanta coisa na vida de Raspútín, a história cresceu com o tempo, tornando-se mais escandalosa a cada vez que era contada. No fim daquele ano, *Respostas à Vida* publicou um relato das “Proezas do ‘ stárets’ Raspútín”, nas palavras da revista, segundo o qual um comerciante furioso quase deu uma surra nele, e o garçom insultado pensou em levá-lo aos tribunais, tendo sido subornado com cem rublos por um prelado rasputinista. ¹⁴ Alexei Sukhanov, da Duma, escreveu na *Gazeta da Bolsa de Valores* que Raspútín tinha ficado nu em público no vapor. Os passageiros se irritaram tanto que exigiram que o incidente fosse comunicado às autoridades, mas o assunto foi abafado e só veio à luz porque Hartevelde se recusou a ficar calado. ¹⁵

Parece que Raspútín também não esqueceu o assunto. Ele contou a Alexandra naquele mês que o governador Stankevitch se voltara contra ele, e ela escreveu sobre isso a Nicolau, implorando-lhe que o substituísse. Raspútín disse a Alexandra que o homem que ele gostaria que o substituísse era Nikolai Ordovski-Tanaievski, o mesmo que tinha sido enviado à Sibéria para investigá-lo e que, segundo se dizia, pediu a Raspútín que o ajudasse a subir na carreira no fim de 1913. Alexandra teve que repetir o pedido mais de uma vez a Nicolau, mas, no fim, Raspútín conseguiu o que queria. Em meados de novembro, Stankevitch foi transferido para a província de Samara e Ordovski tornou-se o novo governador de Tobolsk. ¹⁶

46. Nicolau assume o comando

Nos primeiros dias de agosto de 1915, Nicolau tomou provavelmente a decisão mais fatídica do seu reinado: iria afastar Nikolacha do cargo e substituí-lo no front como comandante-chefe de todas as forças russas. Assim o príncipe Iussúpov descreveria mais tarde a decisão em suas memórias:

A notícia foi, no geral, mal recebida, pois todo mundo sabia que Raspútin exercera muita pressão sobre ele e que essa decisão importante tinha sido tomada por insistência dele. Para vencer a irresolução do Soberano, o *stárets* apelou para seus sentimentos religiosos. Apesar de a oposição do tsar ser débil, era do interesse de Raspútin afastá-lo para o lugar mais distante possível de São Petersburgo. Com o tsar no front, o terreno estava livre. A partir de então, fez visitas quase diárias a Tsárskoie Seló. Seus conselhos e opiniões equivaliam a ordens e eram imediatamente transmitidos ao quartel-general. Nenhuma medida importante era tomada no front sem que ele fosse consultado. A confiança cega que a tsarina depositava nele levava-a, imprudentemente, a submeter-lhe as questões mais importantes, mesmo secretas. Através dela, Raspútin governava a Rússia. ¹

A interpretação de Iussúpov dos acontecimentos há muito tempo se impõe. Até hoje historiadores escrevem que as maquinações de Raspútin e Alexandra determinaram a súbita e catastrófica decisão de Nicolau: empenhados em governar o país sem a interferência do tsar, eles o convenceram a substituir Nikolacha, transferindo-se da capital para a Stavka e com isso garantindo o “terreno livre” para agirem, como escreveu Iussúpov de forma tão límpida. ²

A verdade, porém, era justamente o oposto. Como demonstra a correspondência entre Nicolau e Alexandra no primeiro semestre de 1915, tanto ela como Raspútin temiam as viagens de Nicolau à Stavka, pois sabiam o quanto era o tsar fraco e maleável. Queriam, se não controlar Nicolau, pelo menos empurrá-lo na direção que consideravam certa e impedir que tomasse decisões das quais discordavam, e ambos

conheciam o imperador o suficiente para perceber que a única maneira de garantir que agiria assim era tê-lo perto dos dois em Tsárskoie Seló, protegido de influências externas. Nicolau na Stavka era um imperador fora do alcance de Alexandra, cercado de oficiais e do estado-maior, “inimigos” da camarilha da corte que certamente tentariam voltar o imperador contra ela. Stepan Belétski percebeu tudo isso na época. Raspútin, escreveu Belétski, chegou a dizer-lhe que era por essa razão que Alexandra insistia em escrever para Nicolau todos os dias — às vezes até com mais frequência —, para que as palavras dos dois ressoassem em seus ouvidos o tempo todo. E, por esse motivo, Raspútin incentivou Alexandra a visitar a Stavka, até pensando em ir também, mas foi dissuadido por Belétski e Vírubova. ³

Belétski, contudo, foi um dos poucos que então compreenderam a verdade. Maurice Paléologue, o embaixador francês, escreveu em seu diário que Raspútin e Alexandra vinham repetindo incessantemente a Nicolau que, “quando o trono e a pátria estão em perigo, o lugar do tsar autocrático é à frente dos seus exércitos. Oferecer esse lugar a outra pessoa é violar a vontade de Deus”. ⁴ Segundo Zinaida Gippius, Raspútin tinha convencido o tsar a tomar tal medida em grande parte para se vingar de Nikolacha, seu antigo protetor e agora inimigo. Ela anotou em seu diário que a reação à notícia foi tão forte que todos, até os cocheiros, comentavam a respeito como um sinal do incrível poder de Raspútin. ⁵ “Todo mundo está desanimado”, observou a princesa Iekaterina Sviatopolk-Mírskaia (*née* Bóbrinskaia), viúva de um ministro do Interior, o príncipe Piotr Sviatopolk-Mírski, em seu diário em meados de agosto. “Ontem ninguém tinha outro assunto que não fosse o afastamento de Nik. Nik. e que o Imperador assumirá o comando, uma catástrofe em todos os sentidos possíveis [...] todos dizem que isso é resultado da influência de Raspútin e Alexandra, e mesmo que não seja verdade, vão dizer que é uma vitória do chamado grupo alemão, e haverá revolução, ou Deus sabe o quê [...]”. ⁶

A princesa tocou num ponto importante — ainda que Raspútin e Alexandra não tivessem influenciado a decisão de Nicolau, era isso que todos iam pensar, pouco importando a verdade. O ministro do Interior Scherbátov apresentou argumento parecido numa reunião secreta do Conselho de Ministros em 4 de agosto, observando que os

revolucionários e outros agitadores hostis ao governo não perderiam as oportunidades que o escândalo oferecia. ⁷ Na verdade, Nicolau já vinha de longa data pensando em assumir o comando. Em 19 de julho de 1914, escreveu o seguinte em seu diário: “Depois do almoço convoquei Nikolacha e o informei da sua designação como comandante em chefe até que eu me junte ao Exército”. ⁸ Dois anos depois, no seu primeiro aniversário no comando, Nicolau escreveu para Alexandra dizendo que a decisão de informar Nikolacha lhe ocorrera quando ele estava diante de uma grande imagem de Cristo na Catedral Fiódorovski em Tsárskoie Seló: “Lembro muito bem que eu estava em pé em frente à grande imagem do Salvador lá em cima na grande igreja [quando] uma voz interior parece ter me mandado decidir & comunicar imediatamente minha decisão a Nikolacha — além do que me disse nosso amigo”. ⁹

A família Románov ficou horrorizada com a notícia. O grão-duque Dmítri esteve em Tsárskoie Seló para tentar dissuadir Nicolau. Foi uma conversa longa e difícil, mas Dmítri partiu achando que tinha conseguido. Ambos se comoveram durante a conversa e abraçaram-se na despedida, quase às lágrimas. Dmítri ficou chocado ao ler nos jornais de Petrogrado, dois dias depois, que Nicolau tinha tomado a decisão sem se preocupar sequer em informá-lo. A grã-duquesa Maria Pávlovna, irmã de Dmítri, recordava-se de que naquela época tentar se valer da razão com Nicolau e Alexandra era como “tentar argumentar com sombras”. O imperador tornara-se “mais que nunca um enigma psicológico”. ¹⁰ A imperatriz viúva insistiu com o filho para não tomar tal medida. Quando lhe disse que todo mundo veria o dedo de Raspútin, ele corou; ela ficou espantada com sua perigosa ingenuidade. Por duas horas suplicou a Nicolau, mas ele não quis reconsiderar, dizendo-lhe que “era seu dever salvar a Rússia”. ¹¹

Seu governo também tentou. Numa reunião do Conselho de Ministros em 16 de agosto, o procurador-chefe Samárin disse que era seu “sagrado dever” convencer o imperador a reconsiderar sua “desastrosa decisão”. Disse estar certo de que “influências ocultas” (ou seja, Raspútin) tinham desempenhado papel decisivo na questão e que se os integrantes do governo, como organismo, não estivessem dispostos para agir, levaria o assunto pessoalmente ao imperador. Samárin contou que o imperador tinha dado sua palavra, antes que ele

aceitasse o cargo, de que poria fim à influência de Raspútin, mas estava vendo que não era esse o caso. Perguntaria ao tsar uma última vez, e se fosse verdade renunciaria. “Estou pronto para servir ao meu tsar legítimo”, anunciou, “até a última gota de sangue, mas não...” ¹² O primeiro-ministro Goremíkin discordou, afirmando que a escolha cabia apenas ao tsar e que resultara de suas convicções íntimas. Argumentou com os ministros que Nicolau costumava dizer que nunca se perdoara por não chefiar o Exército no front durante a Guerra Russo-Japonesa. Não voltaria a cometer esse erro. Samárin, no entanto, não se deixou convencer. “Não, esta não é uma questão pessoal, uma vez que diz respeito a toda a Rússia e à monarquia.” ¹³ Oito ministros do tsar assinaram uma carta coletiva manifestando suas preocupações, mas ele continuou firme. Os que falaram diretamente com o imperador, como o ministro do Exterior Sazónov, sabiam que ao fazê-lo estavam na prática arruinando suas carreiras. ¹⁴

Um agente de Alexander Helphand (também conhecido como Parvus, nascido Gelfand), o socialista russo-alemão aliado de Lênin, então trabalhando com o governo alemão para derrubar a monarquia russa, transmitiu ao Ministério do Exterior germânico informações de inteligência segundo as quais a decisão de Nicolau tinha sido recebida “com zombaria e escárnio” pelos oficiais e soldados, agora já sem nenhuma esperança de vitória. Comunicou ainda que a imperatriz disse ao seu médico pessoal que “o tsar tivera uma visão da Virgem Mãe que apareceu diante dele com uma cruz em uma mão e a espada na outra. Era um sinal claro de que o tsar seria vitorioso”. ¹⁵

O grão-duque Nikolai Nikoláievitch foi deposto de suas funções e nomeado comandante-chefe do front russo-turco e vice-rei do Cáucaso. Não seria o único a receber ordem para trocar a Stavka pelo sul. Logo se juntaria a ele o príncipe Vladímir Nikoláievitch Orlov, chefe da comitiva do imperador e do gabinete de campanha militar de sua majestade. Orlov e o tsar eram extremamente próximos e amigos havia décadas. Orlov fora um dos primeiros a adquirir automóvel em Petersburgo, e Nicolau adorava viajar com ele pela cidade. Mas nos últimos tempos Orlov passava a maior parte de suas noites no vagão ferroviário de Nikolacha. Ainda fazia seus passeios de automóvel — mas com

Nikolacha, à noite, para que ninguém ouvisse a conversa dos dois. Suas ações suspeitas chamaram a atenção do general Voeikov, entre outros. Corria o boato entre os oficiais da Stavka de que os dois estavam preparando um complô para confinar Alexandra num convento. Orlov chegou a ponto de dizer que gostaria de ter uma prova de que Raspútin dormia com a imperatriz, apesar de admitir, com pesar, que não era verdade. Já Nikolacha atribuía a Alexandra toda a culpa pelas dificuldades da Rússia, afirmando que “ela está nos levando à ruína”. Sua mulher, Anastássia, foi ouvida dizendo a mesma coisa na Stavka. [16](#) “O gordo Orlov”, como Alexandra se referia ao príncipe, soltava cada vez mais a língua. Com o tempo, toda a comitiva do imperador e seus empregados pessoais começaram a ouvir boatos de que a imperatriz seria confinada. Segundo Spiridóvitch, até os filhos ouviram. O cirurgião imperial Fiódorov teria supostamente surpreendido a grã-duquesa Maria chorando no palácio. Quando lhe perguntou qual era o problema, ela disse soluçando que “tio Nikolacha” queria mandar sua mamãe para um convento. O médico tentou convencê-la de que não era verdade. [17](#)

Quando, em 23 de agosto, a imperatriz viúva soube da notícia do afastamento de Orlov, ficou triste e horrorizada. “Isto é uma maluquice, livrar-se de um dos seus amigos mais verdadeiros e leais. Inacreditável. Tão poucos amigos e os joga fora.” [18](#) Dois dias depois, a princesa Iekaterina Sviatopolk-Mírskaia anotou em seu diário: “Orlov foi afastado, provavelmente coisa de Ania e Voeikov, que têm muitos pecados na alma. Orlov era o único homem que dizia ao I.[mperador] a verdade, e é um homem leal”. [19](#) As digitais de Raspútin mais uma vez foram vistas na decisão. Agentes da Okhrana em Kazan ouviram o boato de que Orlov foi destituído do posto porque era o único na corte que se recusava a beijar a mão de Raspútin. [20](#)

Exatamente como no ano anterior, quando Raspútin suplicou a Nicolau que não fosse à guerra, mas passou a apoiar totalmente sua decisão depois de tomada, também agora o siberiano não ofereceu ao imperador nada que não fosse o mais resolutivo incentivo assim que ficou claro que nada faria Nicolau mudar de ideia. É possível que tenha sido sobre isso que conversaram na noite de 4 de agosto, quando Raspútin

abençoou o tsar com um ícone. Na viagem de volta a Pokróvskoie, Raspútin passou numerosos telegramas para Nicolau, elogiando sua força e resolução. Em 17 de agosto, escreveu: “São Nicolau, o que faz maravilhas, lhe dará sua bênção, a fortaleza do trono, sua casa é indestrutível, a decisão e a força de espírito e a fé em Deus são sua vitória”. Dias depois, escreveu mais uma vez, comparando Nicolau a Davi, o rei guerreiro, e assegurando-lhe que o ícone de São Nicolau que lhe dera instalaria nele “o heroísmo e a coragem” de que precisava para “fazer um milagre”. [21](#)

Alexandra somou sua voz à de Raspútin, escrevendo em 22 de agosto para Nicolau na Stavka:

Amorzinho, estou aqui, não ria de sua boba e velha esposinha, mas ela usa “calças” que ninguém vê [...].

As orações do nosso amigo por você se elevam noite e dia para o Céu e Deus as ouvirá.

Os que temem e não conseguem compreender suas ações serão convencidos, pelos acontecimentos, de sua grande sabedoria. É o começo da glória do seu reinado. Ele [Raspútin] disse isso e acredito totalmente. Seu sol está raiando — e hoje brilha intensamente. [...]

Tudo é para o bem, como diz nosso amigo, o pior já passou. [22](#)

Raspútin, Praskóvia e as filhas estavam de volta a Petrogrado no fim de agosto para se despedirem de Dmítri, que ia para o Exército. Eles se reuniram na casa de Vírubova na noite do dia 28 com Alexandra e a filha Olga, que escreveu para o pai dizendo que achou a mulher de Raspútin “de convívio fácil e agradável”. [23](#) Naquela noite Alexandra escreveu a Nicolau transmitindo-lhe o “amor” de Praskóvia e suas orações ao arcanjo Miguel para mantê-lo a salvo. Praskóvia disse à imperatriz que o marido “não teve paz de espírito e se preocupou demais” até Nicolau chegar à Stavka. [24](#) Voltando a Pokróvskoie dois dias depois, Raspútin partilhou com Nicolau o que sentiu ao ver Dmítri ir para o Exército: “Acabei de me despedir de meu filho de acordo com a tradição cristã com pão e sal para defendê-lo de tudo. Lágrimas escorrem, minha alma está repleta de alegria, esplendor [...]”. [25](#)

O momento em que esse telegrama foi transmitido é significativo — 9 de setembro. Naquele mesmo dia, os agentes em Pokróvskoie informaram que Raspútin e seu pai tiveram uma briga terrível na casa de Nikolai Raspútin, primo de Grigóri. Amigos e parentes se reuniam para dar adeus a Dmítri quando Iefim chegou amaldiçoando o filho nos

termos mais desbocados. Disse a todo mundo o que realmente achava de Grigóri, argumentando que ele “não sabe fazer outra coisa que não seja agarrar Dunia [Pecherkina] em suas partes íntimas”. Raspútín pulou em cima do pai num acesso de raiva. Os dois estavam bêbados e começaram a bater um no outro. Quando conseguiram apartá-los, Iefim tinha um olho sangrando e inchado e Raspútín o quadril machucado, o que o fez manquejar por um tempo. ²⁶ Parece que os dois nunca mais se acertaram. Quando Iefim morreu, no ano seguinte, Raspútín, segundo consta, nem se deu ao trabalho de ir a Pokróvskoie para o enterro. ²⁷

Se o incidente de 9 de setembro de fato aconteceu como descrito, o contexto ajuda a compreender as ações de Raspútín. Apesar de sua valente postura diante do tsar, devia estar chateadíssimo, e preocupado, ao despachar Dmítri sem saber se voltaria a vê-lo. O estresse daquele dia possivelmente foi demais para Raspútín, o que provocou a bebedeira, a explosão emocional e o momento de violência. Fosse qual fosse a explicação para a cena, não há como negar que Raspútín às vezes perdia o controle.

E não era só a separação do filho que o incomodava. Quando veio a público a notícia de que o tsar tinha assumido o comando, houve uma nova onda de ataques da imprensa contra Raspútín. Ele ficou profundamente transtornado, sentindo-se perseguido como nunca. Disse a seus protetores da Okhrana, poucos dias depois: “minha alma sofre” com todas essas histórias nojentas. Era errado, e ruim para todo o país, segundo ele, “e vou ter que processar”. ²⁸ Alexandra sentia a mesma repugnância, escrevendo para Nicolau que “os jornais acham defeito em tudo — enforque-os!”. O medo era tão grande que Alexandra informou a Nicolau que Praskóvia estava “muito preocupada com a vida de Gr. agora”. ²⁹

Nicolau resolveu agir. Em 3 de setembro, fez o conde Fredericks escrever da Stavka ao general Aleksandr Mosolov na capital ordenando que tomasse todas as providências possíveis para impedir qualquer menção a Raspútín na imprensa. O assunto foi considerado tão sério que o ministro do Interior Scherbátov esteve na Stavka em 5 daquele mês para conversar com o imperador. Decidiu-se que toda história sobre Raspútín no noticiário seria monitorada, e se alguma coisa de negativo aparecesse, a publicação seria confiscada e os editores seriam

pressionados a desistir de publicar matérias semelhantes. Essa estratégia funcionaria em Petrogrado; Moscou, no entanto, era uma situação diferente. Ali o sentimento anti-Raspútín era tão forte que as autoridades temiam não conseguir deter uma campanha jornalística mais vigorosa. [30](#)

Nem os próprios censores estavam sempre seguros do que fazer. Em outubro, um funcionário da censura militar do comitê de Petrogrado sobre questões de imprensa escreveu para seu superior, Dmítri Strukov, a respeito de um manuscrito que acabava de receber, intitulado “A verdade sobre o *stárets* camponês da província de Tobolsk Grigóri Iefimovitch Raspútín”. Os censores titubearam porque o texto era uma forte defesa de Raspútín; ao mesmo tempo, dava a impressão de que Raspútín exercia grande autoridade, apesar de não usá-la em benefício próprio, e sim a favor do campesinato. Os censores receavam que qualquer referência ao fato de Raspútín ter autoridade especial levasse a “novas perseguições”. Além disso, não sabiam direito qual era a política oficial. Observando o que descreveu como “a diretriz existente sobre não permitir que se imprimam quaisquer detalhes ou artigos sobre G. I. Raspútín”, o funcionário desejava saber se isso se aplicava também a manuscritos, além de matérias de jornal. [31](#)

Os censores militares russos monitoravam também a imprensa estrangeira. Todo artigo que mencionasse Raspútín era recortado, traduzido e arquivado. Esses recortes mostram o quanto as informações circulantes sobre Raspútín eram incorretas. Exemplo típico era “Raspútín, um dos conselheiros do tsar”, de um jornal inglês chamado *Summer Reading*, segundo o qual Raspútín tinha sido monge no Mosteiro de Santo Innokenti, em Irkutsk, antes de se tornar o sacerdote da corte do tsar e seu confessor pessoal. [32](#) Enquanto os censores folheavam centenas de revistas e jornais europeus em busca de qualquer sussurro sobre Raspútín, na Rússia se dizia que o poder do *stárets* tinha alcançado tal magnitude que a imprensa na França e na Inglaterra fora proibida de escrever a seu respeito. [33](#) As autoridades russas continuavam lutando para controlar o pesadelo de relações públicas em torno de Raspútín. Em outubro, o tsar foi condecorado com a Ordem de São Jorge, quarta classe. Nicolau ficou sinceramente comovido com a condecoração, mas a grande preocupação das autoridades era como

apresentar a notícia. Os nomes em russo eram parecidos demais — Gueórgui [Jorge], Grigóri —, dando pretexto para muitos jogos de palavras. Por isso na capital tomou-se a decisão de não permitir que os cinemas mostrassem as imagens do tsar recebendo a ordem, com medo de que os espectadores comentassem rindo: “O tsar com Gueórgui e a tsarina com Grigóri!”. [34](#)

47. Raspútin, o favorito

Maria tinha o seguinte a dizer das relações do pai com Nicolau e Alexandra:

Meu pai amava a família do tsar e tinha devoção por eles. Sempre falava bem deles e com amor. Mas via a bondade do imperador como um defeito e dizia que ele era “dolorosamente bom e simples”. Da imperatriz, meu pai falava que ela mesma disse isso ao imperador muitas vezes. Ele tratava o imperador e a imperatriz exatamente como tratava qualquer pessoa. Usava o “você” informal com o imperador e a imperatriz, como fazia com todo mundo, e nunca teve cerimônia. Exaltado por natureza, meu pai às vezes até gritava com o imperador, e quando zangado chegava a bater o pé na frente dele. Certa vez gritou com o imperador e saiu sem se despedir. Todas essas brigas se davam porque o imperador preferia de vez em quando não escutar os conselhos de meu pai. [...] Ele dizia reiteradamente ao imperador que precisava chegar mais perto do povo, que o tsar era o pai do *narod*, e o *narod* tinha que vê-lo com a maior frequência possível, e precisava amar o tsar como a um pai, mas o tsar se mantinha distante, o *narod* não o via, apenas temia o seu nome: mas se o *narod* o visse e conhecesse, não teria medo e o amaria. O imperador disse a meu pai que, se vivesse como meu pai queria, o povo o mataria. O pai disse ao imperador que o povo jamais mataria o tsar, que os intelectuais é que o matariam. ¹

A descrição das relações do pai com Nicolau e Alexandra feita por Maria é justa e correta. Raspútin de fato amava o tsar, mas claramente percebia suas inadequações. “Você pensa uma coisa”, disse certa vez, “mas não pode contar com ele de verdade, pois ele muda num minuto, é um homem infeliz, não tem força interior.” ² Há inegável prova de que Raspútin acalmava Nicolau. O tsar disse ao comandante do palácio Dediulin, que tinha feito uma avaliação negativa de Raspútin: “É um erro seu pensar assim. Ele é um homem bom, simples, religioso. Em minutos de dúvida e tumulto espiritual eu adoro conversar com ele, e depois dessas conversas vejo minha alma sempre leve e sossegada”. ³ Belétski também via as diferenças de natureza entre os dois homens: “Eu queria falar sobre essa vontade imensamente forte que ele

desenvolveu, sobre como influenciava o imperador; sei que às vezes até dava murros na mesa. Era uma batalha entre uma vontade fraca e uma vontade forte. Aquele homem andava pelos corredores do palácio melhor do que qualquer outro cortesão, compreendia e levava em conta todas as fragilidades humanas que podia explorar. Era um homem muito inteligente”.⁴

Era o que russos discutiam acaloradamente na época. Havia aqueles que, como Belétski, insistiam em afirmar que Raspútin era uma personalidade rara e poderosa, com verdadeiros dons intelectuais, espirituais e psicológicos. Vera Jukóvskaja, por exemplo, pensava como Belétski: “É preciso coragem para reconhecer que R.[aspútin] era, por natureza, uma figura excepcional, e possuidor de enorme poder”. Para outros, no entanto, Raspútin era um “nada”. Nikolai Sokolov, investigador do assassinato dos Románov, achava que ele não tinha poder nem força de vontade. A única característica de Raspútin que Sokolov considerava era “sua colossal ignorância”.⁵ Zinaida Gippius manifestou opinião parecida: “Como personalidade, Raspútin é insignificante e comum. [...] Garanto que era um camponês extremamente comum, insignificante, banal”.⁶ Ela achava risível a possibilidade de que Raspútin pudesse ter ideias políticas. Era rude demais para chegar a esse nível. Gippius certa vez disse o que achava de Raspútin para Ivan Búnin, o futuro Nobel de literatura, e para sua mulher, Vera Muromtseva. Vera mal acreditou no que ouviu. Admitiu que Gippius era uma bela escritora, mas “não entende coisa nenhuma de gente. Ele não era um camponês banal, menos ainda um simplório”.⁷

Vera estava certa, e é importante notar que as pessoas que caracterizavam Raspútin como um zé-ninguém eram quase sempre as que não o conheciam e não tinham nenhum envolvimento pessoal com ele, exatamente como Sokolov e Gippius. Raspútin era tudo, menos banal. Tampouco Nicolau era tão fraco quanto seus detratores afirmavam, e os documentos mostram que em muitos casos o tsar preferiu ignorar o conselho de Raspútin. O siberiano tinha suas opiniões sobre o que era melhor para o tsar e para a Rússia e não hesitava em expressá-las, mas não era um algoz mau-caráter que tentava manipular o imperador como se fosse uma marionete. Essa ideia que se faz de

Raspútín precisa ser vista como símbolo de um discurso político muito mais antigo, o do favorito real — o tenebroso conselheiro a quem o governante sempre escutava, em geral um estranho sem cargo oficial, uma figura que se repete ao longo da história. Na Europa, o favorito real atingiu o apogeu no século XVII, exemplarmente personificado pelo conde-duque de Olivares na Espanha, no tempo do rei Filipe IV, e pelo cardeal Richelieu na França de Luís XIII. Favoritos eram invariavelmente vistos como astutos e manipuladores, a perversa mão oculta por trás do trono — duas caras, enganadores, ambiciosos e servis em sua luta humilhante para adquirir poder. Olivares chegou a beijar o penico do rei como prova de amor e devoção imorredouros. Richelieu era capaz de obrigar-se a verter lágrimas quando necessário se soubesse que isso satisfaria o rei. Para os de dentro do castelo, o lugar deles ao lado do governante era visto como uma usurpação dos funcionários e das instituições de Estado oficiais; para os de fora, a extensão do seu poder assumia proporções caprichosamente grotescas, e todo erro do governo era jogado em suas costas. ⁸

Na Rússia, foi no século XVIII que o culto do favorito floresceu. A filha de Pedro, o Grande, a imperatriz Elizaveta (reinou de 1741 a 1761), teve dois favoritos. O progenitor dos condes Razumóvski começou a vida como pastor ucraniano de nome Oleksi Rozum. Elizaveta notou seu rosto adorável quando ele ingressou no coro de corte, e o conduziu à sua cama, cumulando-o de dinheiro, palácios e servos, e reconfigurando-o como marechal de campo Alexei Razumóvski, conde do Sacro Império Romano. Pelas suas costas, no entanto, os contemporâneos do conde a ele se referiam, sarcasticamente, como “O Imperador da Noite”. Foi seguido por Ivan Chuvalov, filho de um capitão do Exército e mais tarde pajem da corte, que se tornaria, nos últimos anos do reinado de Elizaveta, ministro-chefe na prática, com incrível poder e controle sobre a imperatriz. Nasceu então um ditado: *Iz griazi da v kniazi*, da lama à fama — ou, mais literalmente, da lama aos príncipes.

Nenhum outro governante ficou mais famoso (ou infame) por seus favoritos do que Catarina, a Grande, que reinou de 1762 a 1796. Sua história é inseparável da dos homens que compartilharam sua cama e a ajudaram a governar: conde Grigóri Orlov, príncipe Grigóri Potiômkin

e príncipe Platon Zúbov. Mais do que amantes e companheiros (e, no caso de Potiômkin, provavelmente marido secreto), esses homens ajudaram a instalar Catarina no trono e ali permanecer por notáveis 34 anos num dos períodos política e culturalmente mais dinâmicos da história russa, e por seus serviços ela os recompensava com assombrosa riqueza. Essa posição cobiçada significava que esses homens eram vistos na corte com grande ressentimento e se tornavam objeto de calúnias absurdas, embora nenhum deles padecesse de uma reputação tão imerecida quanto a própria Catarina, difamada pela história como uma megera ninfomaniaca.

Raspútín deve ser visto como mais um numa longa linhagem de favoritos reais russos. Mas a nova natureza da instituição e a própria personalidade de Raspútín resultaram em importantes diferenças. Raspútín veio de fato da lama, mas, ao contrário dos antecessores, jamais saiu dela. Não se tornou criatura permanente da corte, tentando limpar seu passado e integrar-se, com ansiedade um pouco excessiva, às fileiras da aristocracia, agarrando-se a títulos, ordens, propriedades e dinheiro. Pelo contrário. Raspútín não enriqueceu, nem adquiriu títulos e terras, preservando suas ligações com a família, a classe e a casa de origem, pois na verdade era isso que se esperava dele. Seus protetores imperiais, assim como as mulheres de sociedade na capital, procuravam nele uma conexão com o *narod* humilde e temente a Deus. Se rompesse com suas raízes e se tornasse príncipe, teria perdido a qualidade que o tornava atraente, e Raspútín era esperto demais para não se dar conta disso, embora, na verdade, não tivesse nenhuma vontade de deixar para trás suas raízes. Nesse sentido, Raspútín não era um alpinista social. Venerava o tsar e a tsarina, mas não tinha muita paciência com os nobres. A última coisa que desejava era juntar-se a eles, fato que só lhe atraía ódio generalizado. Nada disso importava, entretanto, pois no fim a aura de favorito pairava sobre Raspútín e, conseqüentemente, seus contemporâneos não conseguiam deixar de supor que ele agisse como os Razumóvskis, os Orlovs e os Potiômkins que o antecederam: dormindo com a imperatriz, saqueando o tesouro do Estado e segurando nas mãos as rédeas do poder. Tudo isso não significa, porém, que Raspútín fosse imune à embriaguez do poder. Sabia que sua intimidade com o casal imperial trazia consigo a glória refletida do

trono, e saboreava imensamente esse efeito. Raspútin acabou enredado nas teias do poder, da intriga e da influência, das quais nenhuma figura da corte escapava, e durante anos conseguiu derrotar os outros participantes desse jogo com considerável habilidade, sofrendo derrotas e reveses, mas sem perder seu lugar de confiança junto ao imperador e à imperatriz.

Histórias de Raspútin ditando ordens para os ministros da Rússia eram comuns. Nadejda Platonova anotou um exemplo típico em seu diário, em 1916, contando que Raspútin tinha telefonado para o ministro da Guerra, Dmítri Chuvaiev, para dizer que precisava vê-lo imediatamente. Chuvaiev respondeu, por intermédio do seu ajudante, que Raspútin poderia sentir-se à vontade para aparecer a qualquer hora nos dias oficiais de recepção. Isso, porém, não era suficiente, como lhe disse Raspútin, que supostamente teria respondido: “Diga a seu ministro que Mamãe e eu não precisamos desse tipo de ministro”. ⁹

Chuvaiev, porém, ainda estava no cargo, como ministro da Guerra, quando Raspútin foi assassinado, e essa ideia de Raspútin, o perverso favorito, contratando e demitindo ministros por capricho é mera ficção. O poder de Raspútin existia, em grande medida, na cabeça dos outros, onde crescia a cada ano. Em sua peça *Raspútin*, Ilia Surguchiov apresenta a seguinte cena entre o príncipe Djunitski, ministro fictício do Interior, e sua mulher, que só fala em Raspútin: “Raspútin, de novo! De uma vez por todas, isto passou dos limites! Como se não houvesse nenhum outro assunto. [...] Vocês falam e falam sobre ele, elogiando-o extravagantemente, depois se espantam do poder que ele tem”. ¹⁰ Surguchiov capturou, de forma sucinta, a origem da noção popular do poder de Raspútin. Chulgin certa vez perguntou ao vice-ministro do Interior se era verdade que os bilhetes que Raspútin rabiscava às pressas para os ministros eram “tão poderosos quanto a Bíblia”. O ministro riu só de pensar nessa possibilidade, dizendo que as únicas pessoas que prestavam atenção nesses bilhetes eram “outros canalhas” como Raspútin. E foi mais longe, afirmando para Chulgin: “Não existe isso de Raspútin — apenas *rasputstvo*”, ou seja, libertinagem. ¹¹ Esse era o outro lado da moeda de Raspútin, o favorito todo-poderoso: Raspútin, o fantasma; Raspútin, a miragem.

“O que é Raspútin?”, perguntou a *Folha de Astrakhan* no verão de 1914.

“Raspútín não é nada. Raspútín é um lugar vazio. Um buraco! Um colapso! O colapso de tudo — fé, pensamento, política, o Estado. Raspútín não é nada mais do que uma palavra assustadora, fatal. É um nome que, se não existisse, teria que ser inventado, como símbolo, emblema, programa e plataforma do momento atual.” ¹²

Assim como o poder do favorito era visto em termos de opostos absolutos — tudo ou nada —, dizia-se que sua personalidade estava dividida em metades contrastantes. O favorito real era, por definição, hipócrita, mostrando um eu falso e cuidadosamente contido para seus patronos reais, e um lado verdadeiro, malvado e astuto, para o resto do mundo. O mesmo se dizia, claro, de Raspútín. “Ele virava seu rosto de ‘*stárets*’ para a família do tsar, e a tsarina acreditava, olhando para seu rosto, que o espírito de Deus vivia naquele santo homem”, escreveu Chulgin. “Mas para a Rússia ele exibia a face devassa, a face bêbada e libidinosa de um sátiro, as fuças de um gnomo silvestre da taiga de Tobolsk. [...] Assim esse mensageiro da morte se impõe entre o trono e a Rússia... Mata porque tem duas caras.” ¹³ Iliodor capturou a dualidade de Raspútín no título evocativo do seu livro: *O diabo santo*. Essa imagem incrivelmente duradoura não começou com ele, porém. Em 1910, a *Fala* publicou as palavras de uma mulher que supostamente morou seis meses na casa de Raspútín. “Eu não sei quem é ele”, teria dito ela, “um santo ou o maior pecador do mundo.” ¹⁴ Gurkó escreveu que havia dois extremos em conflito dentro da alma de Raspútín: um que buscava o mosteiro, o outro pronto para incendiar a aldeia. Kokóvtsov afirmou que Raspútín era capaz de num minuto fazer o sinal da cruz e no instante seguinte estrangular o vizinho, ostentando um sorriso no rosto. ¹⁵

Como era típico dos seus detratores (e defensores), Gurkó e Kokóvtsov vão longe em sua maldição (e elogio): incendiar aldeias ou estrangular o vizinho nunca fizeram parte do caráter de Raspútín. Embora cativante, a imagem do Raspútín diabólico era difícil de sustentar. Até Iliodor teve dificuldade para preservar o mito que criara com tanto empenho, admitindo, a certa altura do seu livro, que Raspútín não passava de “um camponês comum, com o rosto eivado de erupções”. ¹⁶ Maria disse a mesma coisa (sem as erupções): “Era um

simples camponês desde que nasceu, e assim foi até morrer”. ¹⁷

Embora a ideia de um Raspútin piromaníaco e estrangulador possa ser facilmente rejeitada, a questão mais controversa de sua sinceridade permanece. Era sincero quanto à sua fé e seus raros dons espirituais, ou tudo não passava de encenação, parte de uma estratégia consciente para iludir? Ainda que a face que mostrava para a família tsarista não fosse a mesma que exibia para a Rússia, isso quer dizer que uma era verdadeira e a outra falsa? Seus contemporâneos não chegaram a um consenso. Para os discípulos, claro, sua sinceridade era indiscutível, mas para a maioria dos russos a questão era *exatamente* essa. Belétski falava em nome da vasta maioria quando descreveu Raspútin como “sigiloso, suspeito e insincero”, motivado apenas por interesses pessoais, sem dar importância a ideias e valores mais amplos. ¹⁸ Poucos estavam prontos a concordar com a avaliação do embaixador francês Paléologue: “Não tenho a menor dúvida sobre sua total sinceridade. Não exerceria esse fascínio se não estivesse pessoalmente convencido de seus talentos excepcionais. A fé nos próprios poderes místicos é o principal fator de sua influência”. ¹⁹

Hoje quase não há dúvida de que Paléologue estava mais perto da verdade do que Belétski. Não quer dizer, porém, que Raspútin não fosse, por vezes, sigiloso e suspeito, especialmente com alguém como Belétski. Até 1915, Raspútin tinha todos os motivos para não confiar na polícia ou em qualquer pessoa do Ministério do Interior: sabia que os serviços de segurança trabalhavam para o arruinar, e não para o proteger, e essa percepção era a principal razão do envolvimento cada vez maior de Raspútin na escolha de ministros de Estado — e hierarcas da Igreja — em seus últimos anos de vida. Com inimigos cada vez mais numerosos e decididos a esmagá-lo, Raspútin buscava colocar aliados em posição de autoridade. Dessa maneira, num trágico paradoxo, os inimigos de Raspútin o enfiaram cada vez mais dentro do molde do favorito real, comportando-se exatamente como o poder oculto por trás do trono que o acusavam de ser. Ao mesmo tempo, as ações dos inimigos fortaleciam os vínculos entre Raspútin e o casal imperial.

Desde o início Alexandra encontrou consolo na franqueza e sinceridade de Raspútin. Certa vez disse ao padre Chavélski que o clero russo só lhe dava motivo para frustração, pois sempre que pedia

conselhos a resposta era a mesma: “‘Como quiser, Majestade!’ Mas por que eu iria pedir que descobrissem o que eu queria? Grigóri Iefimovitch, porém, sempre me dirá com insistência e grande autoridade o que pensa”. Alexandra não era a única que pensava assim: Nicolau disse a mesma coisa em carta para o general Mikhail Alexéiev, chefe do estado-maior da Stavka, em 1916. Na gaiola dourada do palácio, Raspútin era sua vox populi. Ao mesmo tempo, eles sabiam que a adoção de Raspútin tinha um custo. Depois de ouvir algumas palavras depreciativas sobre Raspútin — um camponês simplório e sem instrução — ditas por sua dama de companhia Maria Tutelberg, Alexandra respondeu: “Cristo escolheu como discípulos não homens eruditos e teólogos, mas simples pescadores e carpinteiros. Está dito nos Evangelhos que a fé move montanhas. Que Deus está vivo. [...] Sei que sou considerada louca por causa da minha fé. Mas todos os crentes acabaram mártires”. ²⁰ Em suas memórias, o ajudante do imperador Semion Fabritski relatou ter ouvido Alexandra e Nicolau dizerem que sabiam que qualquer pessoa que trouxessem para perto de si seria inevitavelmente punida com calúnias cruéis devido a tal intimidade. ²¹

O favorito trazia consolo, mas inevitavelmente manchava a aura do monarca. Embora o favorito “nos despoje de parte de nossa glória”, comentou Luís XIV da França, “ele nos alivia, ao mesmo tempo, de nossos cuidados mais espinhosos”. ²² No caso do último tsar russo, o favorito o despojou de *toda* a sua glória. No entanto, não era apenas o governante que costumava sofrer com a relação. Os favoritos, com frequência, tinham um fim violento. A lista é longa e macabra. Sejano, o plebeu que começou a vida como soldado e acabou se tornando amigo e conselheiro de confiança do imperador romano Tibério, acumulando grande poder e muitos inimigos pelo caminho, caiu em desgraça, foi estrangulado e teve o corpo despedaçado em 31 d.C. Piers Gaveston, favorito do rei Eduardo II da Inglaterra, foi morto — trespassado por uma espada e decapitado — por um grupo de aristocratas vingativos em 1312. Álvaro de Luna, o favorito do rei João II de Castela, caiu em desgraça e foi decapitado em 1453 por exigência da segunda mulher do rei, Isabel de Portugal. Olivier Le Daim, o barbeiro de Luís XI da França, ganhou o ouvido e a confiança do rei e acumulou títulos, fortuna e poder, mas, com a morte do monarca, foi executado por magnatas

franceses vingativos em 1484. Em 1915, Raspútin já conhecia muito bem o perigo trazido pela intimidade com o governante.

48. Novo escândalo

Um novo escândalo surgiu na Igreja em setembro de 1915. Na noite de 27 de agosto, os sinos da Catedral de Santa Sofia em Tobolsk começaram a repicar, convocando o rebanho do bispo Varnava para orar diante dos restos de Ioann Maksímovitch, metropolita de Tobolsk nos primeiros anos do século XVIII e importante figura da história da Igreja ortodoxa russa na Sibéria. Naquele verão, Varnava, juntamente com o amigo Raspútin, tinha escrito para o tsar com pedidos de canonização de Maksímovitch, e no fim de agosto o imperador atendera, permitindo que a beatificação — primeiro passo para uma futura canonização — começasse. Multidões, transbordando de alegria, lotaram a catedral no krêmlin de Tobolsk. ¹

A notícia do serviço religioso em Tobolsk chocou membros do Sínodo em Petrogrado. O procurador-chefe Samárin ficou indignado, pois o Sínodo não aprovara a canonização de Maksímovitch, e só a instituição, não o tsar, tinha autoridade para fazê-lo. Uma mensagem foi enviada para Varnava, convocando-o a comparecer diante do Sínodo e dar explicações. Varnava compareceu em 7 de setembro. A reunião não transcorreu bem. Samárin e os outros membros do Sínodo sentaram-se a uma grande mesa e obrigaram Varnava a ficar em pé o tempo todo, uma rude demonstração de poder que deixou o bispo furioso. Samárin queria saber com que autoridade ele tinha iniciado o processo de canonização de Maksímovitch, instruindo o clérigo de que a decisão era de competência do Sínodo. Varnava respondeu: com a autoridade do tsar, e mostrou uma carta de Nicolau aprovando a beatificação. Os membros do Sínodo ficaram atônitos; não se conformavam que o imperador agisse sem seu consentimento prévio. Quando terminou, o

Sínodo disse a Varnava que ele não tinha permissão para deixar a cidade até ser entrevistado de novo. O bispo ignorou a ordem e saiu logo depois. No fim, o Sínodo decidiu que a canonização do metropolitano fosse declarada inválida e que Varnava fosse removido da chefia da eparquia.²

Samárin não parou por aí. Criticou Varnava naquele dia por suas ligações com Raspútin e exigiu que ele informasse o tsar da vida dissoluta do seu amigo. Na verdade, foi através das lentes de sua batalha pessoal contra Raspútin que Samárin viu toda a questão da canonização de Maksímovitch. No fundo, para Samárin foi mais um exemplo de uma Igreja que era degradada por subjugar-se à vontade do camponês siberiano.³ Não era o único que pensava assim. Os gendarmes de Tobolsk informaram ter encontrado escritos contra Varnava distribuídos pela cidade em abril daquele ano. Cópias do texto tinham sido pregadas até mesmo em cercas e portas. E no começo de setembro Varnava foi atacado nas páginas de *Novos Tempos* por ter denunciado a Duma em sermões naquele verão em Tobolsk. A polícia começou a monitorar as ações de Varnava.⁴ Samárin entrou em contato com o governador de Tobolsk, Stankevitch, e lhe pediu que interceptasse as comunicações escritas de Raspútin e Varnava e as enviasse para ele em Petrogrado.⁵

Varnava era impopular com o Sínodo desde que a instituição fora obrigada a promovê-lo a bispo de Kargopol em 1911, por insistência do tsar. Como vigário da eparquia de Olonetsk, enfurecera imensamente seu superior, o bispo Nikanor, por ignorar suas diretrizes e humilhar os muitos padres com instrução superior à sua. Varnava era tão indisciplinado e difícil que Nikanor precisou escrever ao Sínodo pedindo ajuda para botá-lo na linha, um incidente que acabou na imprensa como mais uma prova de que Raspútin estava destruindo a Igreja. O tratamento arrogante e hostil dispensado por Varnava aos outros sacerdotes continuou depois que ele foi nomeado bispo de Tobolsk em novembro de 1913, cargo que provavelmente obteve com ajuda de Raspútin, depois da transferência de Antônio para o Cáucaso. Durante seu tempo em Tobolsk, Varnava começou a mirar cada vez mais alto, pensando em suplantar Raspútin na corte, intenção que chegou aos ouvidos do *stárets* e provocou um esfriamento nas relações dos dois no

começo de 1916. ⁶

O resto da sociedade russa compartilhava a opinião do Sínodo sobre o escândalo da canonização. O arqueólogo moscovita Alexei Orechnikov, por exemplo, anotou em seu diário em 19 de setembro que Varnava tinha sido convocado a comparecer perante o Sínodo e que um julgamento qualquer fora iniciado, mas, por se tratar de um protegido de Raspútin, o caso foi suspenso graças a um decreto real. “Que anarquia e uso arbitrário do poder!” ⁷ Orechnikov estava reagindo a breves relatos divulgados nos dias 14 e 19 daquele mês na *Folha de Moscou*, que descrevia a questão como um caso claro em que Varnava, protegido de Raspútin, excedeu sua autoridade e teve que ser disciplinado por Samárin. ⁸ Zinaida Gippius escreveu que Varnava, “um astuto camponesinho da laia de Raspútin”, tinha ousado rebelar-se contra o Sínodo com a proteção do *stárets* e “exigiu” a canonização de um insignificante homem da Igreja. Toda a questão cheirava a “insolência”.

A história da canonização de Ioann Maksímovitch era mais complicada, entretanto, do que Samárin, Gippius e outros gostariam de reconhecer. Antes de tudo, a ideia não teve origem em Varnava, mas em Evsevi, bispo de Tobolsk de 1910 a 1912, que não era amigo de Raspútin. Seu sucessor, o bispo Antônio (Karjavin), também tinha Maksímovitch em alta estima e fez importantes melhorias em seu monumento na catedral. Em 1913, uma comissão de sacerdotes locais enviou uma petição ao Sínodo e ao tsar pedindo a canonização de Maksímovitch a pretexto do iminente bicentenário de sua morte, em junho de 1915. De início, o Sínodo aprovou o pedido, mas, por alguma razão desconhecida, a questão nunca tinha sido oficialmente resolvida. Foi por isso que Varnava e Raspútin escreveram naquele verão para o imperador, na esperança de que ele desse sua bênção a uma canonização que estava no limbo havia dois anos. ⁹ Mas, depois dos escândalos da Igreja em torno de Germogen e dos glorificadores do nome, nada disso importava mais, pois os fatos se perderam na sombra escura de Raspútin. Samárin e o restante do Sínodo não sabiam que o pedido fora previamente aprovado, ou sabiam mas o ignoraram de propósito, criando um escândalo de forma proposital só para envolver Raspútin.

Antes de voltar para Tobolsk, Varnava visitou Alexandra e Vírubova. Em 8 de setembro, Alexandra, em carta para Nicolau, elogiou Varnava e a maneira como confrontou o Sínodo “por nós & por nosso amigo”. Escreveu que Nikolacha e as Princesas Negras provavelmente estavam por trás de toda a confusão, bem como Serguei, o arcebispo da Finlândia, Nikon (Rojdéstvenski), ex-arcebispo de Vologda, e até mesmo Germogen e o padre Vostokov. Estava passando da hora, insistiu ela, de o Sínodo “saber quem é seu chefe”. Serguei e Nikon precisavam ser removidos, e um amigo de Raspútin, Pitirim (Pável Oknov), exarca da Geórgia, deveria ser nomeado. E Samárin, concluiu Alexandra, precisaria sair.

Alexandra escreveu novamente no dia 9, com mais detalhes e instruções. Samárin tinha usado “palavras infames” quando se referiu a Raspútin em conversa com Varnava e afirmara que o tsar era apenas o “servo” do Sínodo. Ela soube ainda que Stankevitch, o governador de Tobolsk, aliara-se aos clérigos. Andava mostrando às pessoas telegramas pessoais de Raspútin, tendo o descaramento de dizer a Varnava que “eu era uma mulher maluca & Ania [Vírubova] uma mulher sórdida etc. — como é que ele poderia permanecer depois disso? Você não pode permitir essas coisas. São essas as últimas tentativas do Diabo de fazer bagunça em toda parte & ele não pode ter êxito”. (Foi naquele mesmo dia — 9 de setembro — que Stankevitch escreveu para o ministro do Interior Scherbátov pedindo que Raspútin fosse preso por seu comportamento no *Tovarpar*. O fato de ter se unido aos inimigos de Raspútin, e especialmente aquelas palavras cruéis sobre a imperatriz, decretou seu fim. Ele foi afastado do cargo dois meses depois.)

Alexandra, não sem justificativa, percebia traição em tudo à sua volta. Apesar disso, aconselhou Nicolau a não se preocupar, pois tinha uma arma à sua disposição:

Minha Imagem [ícone] de ontem, de 1911 com o sino tem mesmo me ajudado a “sentir” o povo — de início não prestei muita atenção, não confiava em minha opinião, mas agora vejo que a Imagem & nosso amigo me ajudaram a compreender o povo rapidamente. E o sino tocará se vieram com má intenção & e os impedirá de chegar perto de mim — Orlov, Djunkóvski, Drenteln que têm esse “estranho” pavor de mim são aqueles que precisam ser especialmente observados. E você, meu amor, tente ouvir o que digo, não é sabedoria, mas certo instinto dado por Deus maior do que eu para poder ajudá-lo.

Em 11 e novamente em 12 de setembro, Alexandra instruiu Nicolau a

destituir Samárin. Agora incluía o nome do ministro do Interior, Scherbátov, entre os que teriam de sair. A imperatriz tinha um medo terrível de que o marido não fizesse o que ela queria. Assim como tinha o ícone e o sino para guiá-la nos dias difíceis, ela lembrou ao marido do ícone e do pente recebidos de Raspútin. “Meu querido, não se esqueça de pentear o cabelo com o pequeno pente. [...] Lembre-se de ter a Imagem na mão de novo & várias vezes pentear o cabelo com o pente Dele antes da sessão com os ministros.” Raspútin não estava ao lado do tsar, mas Alexandra estava convencida de que sua força poderia ser invocada com o instrumento correto de pentear o cabelo. (Embora acreditasse pessoalmente na eficácia desses talismãs, a imperatriz zombou de um boato que circulava naquele mês segundo o qual ela estaria despachando para o front oficiais com “cintos de oração” de Raspútin para protegê-los. “Que bobagem”, queixou-se a Nicolau.) [10](#)

Raspútin, por sua vez, escreveu ao tsar no dia 17, incentivando-o a ignorar o Sínodo e obedecer ao próprio discernimento. “Suas intenções são abençoadas por Deus. Sua palavra — paz e benevolência para todos; Sua mão — trovão e raio; ela cobrirá tudo.” [11](#)

Alexandra tinha medo de que Nicolau não agisse e que de sua mão não viessem “trovão e raio”. Escreveu mais uma vez, trêmula de raiva: “S.[ámarin] e Sch.[erbátov] estão nos traindo — esses covardes!”. E novamente: “S. e Sch. caluniam Grig. terrivelmente. Scherbátov mostrou a muitas pessoas os seus telegramas e os de nosso amigo e de Varnava. Pense nisso, que ignóbil (aquele sobre Ioann Maks [imovitch])! Eram telegramas pessoais!”.

Naquele mês houve outros pedidos para que o tsar provasse que era ele quem mandava. Perante uma sessão da convenção da união de *zemstvos* e cidades, Vladímir Gurkó proclamou: “Precisamos de uma autoridade com um chicote, e não de uma autoridade controlada por um”. O dito espirituoso era um jogo de palavras mirando diretamente Nicolau e Raspútin: “*khlist*” era a palavra para “flagelo” e, portanto, em vez de o tsar governar com um chicote, era o chicote — *khlist* — que o governava, e à Rússia também. [12](#) As palavras de Gurkó ressoaram como um tiro. Foram divulgadas pelos jornais de Moscou, e Alexandra mandou um recorte para Nicolau. “Um trocadilho calunioso”, comentou, “dirigido contra você & nosso amigo (& especialmente

contra mim!). Que Deus os castigue por isso [...] e os faça se arrepender.” ¹³ Apesar disso, Raspútin tentou tranquilizar Alexandra, escrevendo para Vírubova do dia do discurso de Gurkó: “Não se aflija, não vai ficar pior do que está. A fé e o estandarte nos tratam com afeto”.

¹⁴

Outros, no entanto, estavam longe de ser afetuosos. No dia 19, Raspútin recebeu uma carta anônima pelo correio em sua casa de Pokróvskoie:

Grigóri. Nossa pátria está sendo destruída, as pessoas querem firmar uma paz desonrosa, e como você recebe telegramas codificados da Stavka do tsar, isso significa que tem muita influência, e por isso nós, os escolhidos, pedimos que você tome providências para tornar os ministros responsáveis perante o *narod*, e para que a Duma seja convocada em 23 de setembro deste ano a fim de salvar nossa pátria, e se você não fizer isso vamos matá-lo, não haverá misericórdia, nossa mão não tremerá como a de Guseva, isto será feito onde quer que você esteja.

A sorte coube a nós, 10 homens. ¹⁵

Aparentemente, Raspútin não se abalou com a carta; já Praskóvia ficou apavorada e doente de preocupação com a vida do marido. ¹⁶

Dias depois, Alexandra também recebeu uma carta anônima intitulada “Vox Populi, leal a Vossa Majestade Imperial”, em resposta a uma leitura de *Meus pensamentos e reflexões*, de Raspútin, publicado no começo do ano. A foto do autor no frontispício impressionou o autor da carta: “O retrato de Grigóri Raspútin é infeliz: o rosto não inspira confiança, a expressão é dissimulada, os olhos ardem com os fogos fosfóricos — poder do hipnotizador, prova de astúcia — de grande inveja, tem o nariz de um predador, as sobrancelhas demonstram que tem sabedoria material e é um homem muito maligno, fato confirmado pelos lábios finos, muito apertados no retrato”. A carta afirmava ainda que se tratava sem dúvida do retrato de um “falso profeta [...] não espere boas coisas desse gênio, o bem está no *narod*. A aranha perante a qual você ora nunca fez o bem e nunca fará; mas você deve temê-lo, saber que ele é mau e incapaz de autossacrifício, ou seja, de fazer o bem”. O autor disse ainda que se fosse o tsar destruiria Raspútin, mas não tinha esperança alguma de que o imperador o fizesse, porque já havia vendido o país para os estrangeiros e não conseguira preservar o legado dos grandes líderes russos do passado. ¹⁷

A carta não foi mandada só para a imperatriz, mas também para

outros altos personagens e autoridades do governo em todo o país. ¹⁸ A Okhrana iniciou uma investigação imediata, e em janeiro de 1916 a identidade do autor foi descoberta: tratava-se de certo Alexei Beliáiev, gravurista de 38 anos que morava na avenida Niévski, no 22-24. O suspeito, de acordo com a Okhrana, estava “muito nervoso, e suas ações em geral davam a impressão de alguém que não é psicologicamente normal”. Em meados de março, Beliáiev foi desterrado da capital para a cidade de Luga. ¹⁹

Nicolau voltou para Tsárskoie Seló em 23 de setembro, e três dias depois tanto Samárin como Scherbátov foram removidos de seus cargos. ²⁰ O tempo de exercício de Samárin como procurador-chefe tinha durado apenas dois meses e meio; Scherbátov ficara menos de quatro meses como ministro do Interior. “É assustador pensar no que aconteceu com a Igreja”, comentou Nikon (Rojdéstvenski). “Um *khlist* manda em tudo.” ²¹ Liev Tikhomirov escreveu em seu diário:

Samárin foi escorraçado [...] há rumores de que isso não vai parar em Samárin e todos os altos hierarcas devem sair. Há mais rumores de que supostamente Varnava será promovido a metropolita de Petrogrado e de que Grigóri Raspútín já se divorciou da mulher para poder ser ordenado monge e começar a galgar a hierarquia da Igreja. [...] A credibilidade do tsar está desmoronando de maneira terrível. Mas ele, apoiando esses Raspútins e Varnavas, está afastando até mesmo a nobreza e o clero. [...] Não sei como a guerra vai terminar, mas depois dela uma revolução parece definitivamente inevitável. As coisas estão indo tão rápido que as únicas pessoas ainda leais à Dinastia são as que têm estritos interesses pessoais, mas essas figuras corruptas acabarão sendo as primeiras a trair quando a terrível hora chegar. [...] Tenho a maior pena do Imperador. Mas também tenho pena da Rússia e da Igreja, que sofrem com este drama.

A destituição de Samárin inspirou o filósofo Nikolai Berdiáiev a redigir um longo artigo intitulado “Vinho obscuro”, publicado em outubro. Berdiáiev via nesse evento uma coisa maior, mais profunda e mais perigosa do que qualquer outro de seus contemporâneos. A Rússia estava sendo tomada por “uma obscura força irracional”, personificada na figura de Grigóri Raspútín. Não só o Estado, mas também a Igreja tinha caído sob o “domínio de forças obscuras”. Samárin batera de frente com “um louco e bêbado poder oculto, com o vinho obscuro da terra russa”. A cultura estava sendo absorvida por elementos irracionais, não esclarecidos, que habitavam as profundezas do *narod*. Os que tinham bebido desse vinho obscuro descobriam que era quase impossível se libertar de sua embriaguez orgiástica. O vinho obscuro

escorria por toda a Rússia, engolfando todas as camadas da sociedade. “O turvo irracionalismo que espreita nos degraus inferiores da vida do povo agora está seduzindo e engolindo o topo. A velha Rússia despenca no abismo.” [22](#)

A princesa Zinaida Iussúpova escreveu indignada para o filho Félix em 2 de outubro:

Devo dizer que estou tão chocada com o que se passa em Ts[sárskoie] S[eló] que gostaria de ir para um lugar bem longe e nunca mais voltar! Gr[igóri] está aqui de volta. Dizem que Varnava será promovido! Eles expulsaram Samárin por causa desses vermes, por ordem dessa maluca V[alida], [*](#) que também deixou o marido maluco. Estou sufocando, literalmente, de indignação e acho que isso não pode mais ser tolerado. Desprezo todo aquele que tolera isto e fica calado! [23](#)

A última frase merece ser repetida: *Desprezo todo aquele que tolera isto e fica calado!* Terá sido nesse momento, ao ler estas palavras da mãe que tanto adorava e a quem tanto queria agradar, que a ideia de matar Raspútin primeiro brotou na cabeça de Félix Iussúpov?

[*](#) A imperatriz Alexandra.

49. A troica

Desde antes de o ministro do Interior Scherbátov ser demitido, Alexandra tinha escolhido o substituto. Alexei Khvostov, nobre rico, proprietário de terras e membro do Centúrias Negras, tinha servido em vários cargos administrativos de província antes de se tornar governador de Níjni Nóvgorod em 1910 e, dois anos depois, ganhar a eleição para a Quarta Duma. Convencido e ambicioso, distinguiu-se na Duma pelo feroz antigermanismo, pelo gosto por ostentar atitudes de direita e pelo pretensioso patriotismo. Costumava dizer que era “um homem sem controles internos”. ¹ Gordo (poderia disputar com Rodzianko o título de homem mais gordo da Rússia), com mãos grossas e carnudas e olhos ardentes, Khvostov se mostrava presunçosamente impressionado com a própria inteligência e gostava de referir-se aos outros ministros como “aquele idiota”. ² As opiniões dos contemporâneos não eram nem um pouco lisonjeiras. O conde Witte descreveu-o como “um dos maiores delinquentes [...] para quem não existem leis reconhecidas”. ³ O chefe da Okhrana em Petrogrado afirmou que ele tinha “uma natureza criminosa”. ⁴ Raspútin o chamava de “Barrigudo” e “Rabo” (*khvost*), apelido que deixava Khvostov furioso. ⁵ No ano seguinte, Raspútin se referiria a Khvostov como “assassino”, e com boas razões. ⁶

Alexandra escreveu várias vezes a Nicolau em setembro, insistindo que nomeasse Khvostov porque era o melhor homem para proteger o tsar e Raspútin dos seus inimigos. ⁷ A ideia de Khvostov, reconheceu ele, não foi sua, mas sugerida por Vírubova, a quem fora apresentada pelo príncipe Andrónnikov. ⁸ Nascido em 1875 de uma nobre báltico-alemã e de um príncipe georgiano, o príncipe Mikhail Andrónnikov era

um dos grandes aventureiros maquinadores daquela época. “Baixo, rechonchudo, limpo e arrumado, com rosto redondo rosado e olhos penetrantes que estavam sempre rindo”, escreveu o chefe da Okhrana no palácio, Aleksandr Spiridóvitch, “vozinha débil, sempre com uma maleta de documentos na mão e sempre fazendo intrigas contra alguém, o príncipe Andrónnikov sabia como cavar seu caminho, senão para a sala de visitas, pelo menos para a sala de recepção de todos os ministros.” Tinha uma vaga sinecura no Ministério do Interior até 1914, quando Maklakov o demitiu por nunca se dignar aparecer para trabalhar, e no ano seguinte o príncipe conseguiu convencer Sabler a contratá-lo como seu “assistente para tarefas especiais”. A especialidade de Andrónnikov era informação. Com lisonjas, presentes caros e consideráveis artimanhas, coletava qualquer fofoca, rumor e calúnia que cruzasse os corredores dos diversos ministérios russos, do palácio, da Duma e os salões de Petrogrado. Esse baú de conhecimentos íntimos, guardados — segundo se dizia — em sua eterna maleta amarela, que na verdade continha apenas jornais velhos, combinado com boa dose de segredos sobre vários negócios e indivíduos, eram a moeda do príncipe, que o tornava ao mesmo tempo singular e singularmente poderoso. Nenhum ministro ousava não receber Andrónnikov por medo do que ele pudesse dizer pelas costas. ² Andrónnikov tinha seus próprios segredos também. Frequentara o elitista Corpo de Pajens, mas nunca se formou, segundo uns por motivo de doença, segundo outros por ser homossexual. Em casa, no no 54 da Fontanka, mantinha uma grande “capela-budoir” com as paredes cobertas de ícones que vigiavam uma cama imensa, onde recebia muitos dos jovens da cidade. Supostamente, o príncipe Iussúpov não era alheio aos atrativos do quarto de dormir de Andrónnikov. A casa, segundo se dizia, era palco de orgias desenfreadas. Mais tarde, o príncipe acrescentou à sua coleção de ícones uma grande fotografia de Raspútin. ¹⁰

Andrónnikov conheceu Raspútin no verão de 1914. Levou o siberiano ao seu apartamento e lhe mostrou suas fotografias; Raspútin ficou impressionado. “Um camponês esperto, muito, muito esperto”, teria dito Andrónnikov a respeito desse novo conhecido. “E astuto, oh, tão astuto. Mas é possível negociar com ele, e nós vamos tomá-lo em nossas mãos e fazer uma tentativa.” ¹¹ E foi exatamente isso que Andrónnikov

resolveu fazer no fim do verão de 1915. Até então, os ministros da Rússia vinham tentando destruir Raspútin e minar sua influência, mas o ardiloso príncipe tinha uma estratégia diferente. Se Raspútin não podia ser derrotado, por que não trabalhar com ele, ou pelo menos por intermédio dele? Por que não fazer dele um aliado na luta por poder, influência e dinheiro? Mas o príncipe sabia que não tinha condição de fazer isso sozinho. Precisava de ajuda, e para tanto procurou Khvostov e Stepan Belétski.

Andrónnikov usou Vírubova para plantar a ideia na cabeça de Alexandra. Numa carta não datada (provavelmente do começo de setembro), escreveu à amiga da imperatriz para recomendar Khvostov. Para comprovar sua lealdade a Raspútin, começou atacando Vostokov, homem a quem “pendurar de cabeça para baixo pelos calcanhares” não representaria castigo suficiente. O príncipe acrescentou, porém, que Vostokov, apesar de odioso, só conseguia funcionar com o apoio de Samárin e Scherbátov. Nenhum desses homens acreditava no que escreveram sobre Raspútin, um “simples e inocente russo da Sibéria, totalmente dedicado à nossa Família IMPERIAL”, pois sua verdadeira intenção era “enfraquecer o Trono, e autoridade de poder, para semear a rebelião no país”. O tsar precisava de homens que pudessem deter esses “traidores malignos e devassos da nossa Pátria” — e acrescentou os nomes de Djunkóvski, Gutchkov e o grão-duque Nikolai Nikoláievitch —, e a pessoa ideal para promover isso era Khvostov, “um russo forte, figura de governo experiente, político enérgico e hábil. É, possivelmente, o único homem no momento que sabe falar com o *narod*, que poderia acalmar as paixões turvas e romper essas barreiras que impedem que o dilúvio do amor popular alcance seu IMPERADOR-Defensor da Pátria”.

Andrónnikov, especialista em tais assuntos, finalizou com um toque perfeito. Anexou, para suas majestades, um exemplar de *Respostas para a Vida*, jornal de Vostokov de tendência antirrasputiniana, mas pediu que ela não passasse adiante suas palavras sobre Khvostov. ¹² Que aquilo ficasse entre eles, súditos leais que eram — sabendo muito bem, claro, que ela faria exatamente o contrário, e não se decepcionou. Vírubova começou a elogiar Khvostov para Alexandra: “Ele é tão esperto, tão enérgico, adora tanto Vossas Majestades. E adora Grigóri Iefimovitch”.

Ela ficou encantada com seus “olhos brilhantes terrivelmente inocentes e bondosos”, bem como com a aparência desse “gordinho bom e decente”. ¹³

Convencer o ambicioso Khvostov do plano não foi difícil. Na verdade, ele queria ir além e ficar também com o cargo de primeiro-ministro, ocupado então por Goremíkin (*glukhar* , o velho surdo, como Raspútín o chamava afetuosamente), de 76 anos, argumentando que sem os dois cargos ele não passaria de um “gato sem bagos”. ¹⁴ Já Belétski era outro assunto. Andrónnikov lhe telefonou avisando que grandes mudanças viriam e que ele, como amigo de Raspútín e Vírubova, estava em boas condições de ajudar Belétski a retomar sua carreira depois de ter saído do departamento de polícia em janeiro de 1914 devido ao clima de tensão com seu superior, o vice-ministro do Interior Djunkóvski. Mas Belétski negou ser o homem certo para a função, uma vez que, quando chefe de polícia, não só se recusara a falar com Raspútín como até transmitira informações prejudiciais a ele para seus inimigos, incluindo o primeiro-ministro Kokóvtsov, o general Bogdanovitch e o grão-duque Nikolai Nikoláievitch. Andrónnikov sabia que precisava de Belétski, apesar dessas ressalvas. Belétski era inteligente, experiente e tinha um vasto conhecimento sobre a polícia e seus mecanismos internos. Aleksandr Blok, que interrogou Belétski para a Comissão, descreveu-o como “homem de trabalho prático, serviçal e insinuante, que ‘sabia como cavar seu caminho em qualquer lugar’. [...] Acredita em Deus? Não, não acredita em nada”. ¹⁵ Se havia alguma coisa em que Belétski acreditava era no trabalho. Até seus críticos, incluindo Djunkóvski, eram obrigados a admitir que ninguém dava mais duro do que Stepan Belétski.

Por isso Andrónnikov iniciou uma série de encontros clandestinos para que Belétski e Raspútín se conhecessem e formassem opinião um sobre o outro. ¹⁶ Raspútín estava disposto a conceder ao antigo diretor da polícia o benefício da dúvida, levando em conta que a vida tinha sido terrível para ele sob Djunkóvski — quase assassinado por Guseva, enquadrado no falso escândalo do Iar e insultado de outras incontáveis maneiras. Por outro lado, Belétski era inimigo de Djunkóvski e ficara muito insatisfeito com o trabalho dele como vice-ministro do Interior. Belétski considerava-o inimigo da direita e aliado da esquerda, as

mesmas pessoas que miravam em Raspútin, e escreveu sobre isso tudo num folheto por ele mesmo publicado, do qual fez questão de dar cópias para Raspútin e Vírubova. ¹⁷ No fim, Raspútin se convenceu de que não tinha razão para ter medo de Belétski. “Stiopa”, disse Raspútin, usando o nome pelo qual costumava chamar Belétski, era um “homem bom”. ¹⁸ Depois disso, Belétski teve um encontro com Vírubova e a convenceu de que ele era o homem certo para proteger Raspútin, o que ela transmitiu devidamente à imperatriz. Alexandra encontrou-se com Khvostov em 17 de setembro. Durante uma hora, disse-lhe como tocava o governo, fazendo questão de criticar homens como Samárin, Scherbátov e Gutchkov, e apresentando-se como partidário de Raspútin. Segundo Khvostov, a imperatriz prometera apoiar sua candidatura com três condições: 1) que nomeasse Belétski seu vice; 2) que todos os assuntos relativos à segurança da família real e de Raspútin fossem colocados exclusivamente nas mãos de Belétski; 3) que promettesse jamais tocar em questões relativas a assuntos privados da família. Khvostov concordou. A imperatriz estava conquistada. ¹⁹ Quando ele saiu, Alexandra escreveu para Nicolau dizendo que não conseguia parar de pensar em Khvostov: ele era “um homem, nada de mulheres [...] um que não permitirá que ninguém toque em nós & fará o que estiver ao seu alcance para acabar com os ataques ao nosso amigo”. ²⁰ Em 23 de setembro, Nicolau voltou para Tsárskoie Seló e teve um encontro com Khvostov. ²¹ Três dias depois saía Scherbátov e entrava Khvostov. Belétski tornou-se o novo vice-ministro do Interior e portanto o encarregado das várias agências de polícia.

No encontro do dia 17, segundo Khvostov, Alexandra disse ter recebido um telegrama de Raspútin aprovando a nomeação. Esse telegrama jamais foi encontrado, e o papel de Raspútin nessas manobras não é nem um pouco claro. Não há prova de que a ideia inicial tenha sido dele. Na verdade, parece ter sido um plano de Andrónnikov o tempo todo, como forma de abrir caminho e possivelmente conquistar protetores poderosos, dado o seu envolvimento em diversos negócios e transações financeiras de honestidade duvidosa. Globatchev comentou que Khvostov fora promovido por grupos de direita, o que, em razão de suas atividades políticas e do antissemitismo de Andrónnikov (em cujas cartas os

inimigos são invariavelmente denunciados como “ *yids* ”), é bem plausível. Apesar de não ter absoluta certeza, Globatchev ouviu dizer que Khvostov tinha pedido a Raspútín, tanto de forma direta como por intermédio de Belétski, que o ajudasse a conseguir o cargo. [22](#)

O plano dessa “troica” era que Andrónnikov fosse o ponto de contato com Raspútín. Andrónnikov receberia os muitos pedidos e solicitações de favores de Raspútín para os outros dois, ao mesmo tempo que ajudava a protegê-los da necessidade de lidar diretamente com o *stárets* siberiano. Andrónnikov daria a Raspútín 1500 rublos por mês de uma verba para suborno, em pequenas parcelas, para garantir que não fosse obrigado a aceitar dinheiro dos muitos peticionários. Isso serviria também a um segundo objetivo: uma vez que precisaria ver Raspútín com frequência, Andrónnikov poderia vigiá-lo melhor e estabelecer uma relação mais profunda. Além disso, ficou decidido que alguém da confiança deles seria introduzido no círculo mais próximo de Raspútín, alguém que pudesse observá-lo em casa e talvez afastá-lo das influências mais nocivas. Escolheram Natália Chervinskaia, uma senhora de mais idade que não se deixara levar pelos encantos de Raspútín, já conhecia Vírubova e, como parente da mulher do ministro da Guerra Sukhomlínov, era uma boa fonte de informações. Raspútín chamava-a de *vobla*, o popular peixe salgado e desidratado que os russos gostavam de comer com cerveja. [23](#)

Raspútín voltou a Petrogrado em 27 de setembro e no dia seguinte jantou na casa de Andrónnikov com a troica. [24](#) Belétski se recordaria de que todos eles, incluindo Chervinskaia, ficaram chocados com a mudança de Raspútín; agora exibia uma calma ainda maior do que antes e transpirava autoconfiança. Começou dizendo que não tinha gostado de saber que todas aquelas manobras haviam sido feitas sem a sua presença, dirigindo seus comentários principalmente para Andrónnikov. Depois teria se voltado para Khvostov e lembrado do encontro dos dois em Níjni Nóvgorod em 1911. Raspútín chegara a Nóvgorod em companhia de Gueórgui Sazónov, incumbido pelo imperador de encontrar-se com o governador Khvostov para avaliar se ele seria o homem certo para substituir Stolípin, o ministro do Interior assassinado. Relatos do que Raspútín transmitiu a Nicolau variam muito — Khvostov afirmava que seus homens haviam interceptado naquele dia

um telegrama dele para Vírubova destinado ao tsar: “A graça de Deus está com ele” —, mas no fim nada deu resultado. Naquele encontro, Belétski disse que Raspútin se referiu a Khvostov em termos duros, afirmando que ele tinha chegado a Nóvgorod com apenas três rublos no bolso e que o governador o recebera com descortesia, mal se dando ao trabalho de alimentá-lo. [25](#)

A troica explicou a Raspútin que o protegeria com todo o poder ao seu dispor e o defenderia perante suas majestades como súdito leal e homem de Deus que só queria ajudá-los e ajudar a pátria. Eles lhe dariam dinheiro regularmente para suas necessidades e cuidariam que sua escolha para procurador-chefe fosse aceita. Ele se comunicaria com Andrónnikov, que repassaria tudo para os outros. [26](#)

Incentivado pelos lisonjeiros cumprimentos e pela subserviência geral de Andrónnikov e, segundo uma fonte, pelo juramento proferido por Khvostov perante um ícone de que o manteria a salvo, Raspútin cedeu, pondo de lado todas as reservas que pudesse ter alimentado quanto a esse novo arranjo. Globatchev observou que Raspútin era incapaz de julgar as pessoas. Para ele, havia apenas duas categorias: *nashi i ne nashi*, nossos e não nossos, amigos e inimigos. (Postura que compartilhava com Alexandra.) Tudo que era preciso para que alguém se tornasse um dos “nossos” era uma recomendação de um dos amigos de Raspútin, e dessa maneira, com o tempo, seu grupo viria a incluir muita gente — funcionários, banqueiros, especuladores, aventureiros, damas da sociedade, prostitutas e clérigos. Quase todos se aproximavam dele para tirar alguma vantagem. Amigos pela frente, muitos o denegriam pelas costas. [27](#) Pelo menos dois desses “amigos” tentariam matá-lo; um terceiro conseguiria.

As coisas deram errado desde o início. Raspútin se recusou a agir conforme o combinado. Passando por cima de Andrónnikov, comunicava-se diretamente com Khvostov e Belétski, enviando petições para seus gabinetes e até para suas mulheres em casa. Belétski aumentou os pagamentos para Raspútin sem informar Andrónnikov, e instruiu Andrónnikov e Chervinskaia a desencorajá-lo de enviar peticionários, o que até funcionou, mas por pouco tempo. [28](#) Belétski ordenou a Globatchev que aumentasse a vigilância de Raspútin por seus agentes e lhe preparasse relatórios diários. Os agentes faziam dois tipos

de vigilância: externa e interna. A primeira consistia em monitorar e seguir cuidadosamente Raspútín onde quer que ele fosse; a segunda era realizada por agentes especiais que atuavam como guarda-costas ou empregados. Mantinham registros minuciosos das idas e vindas de Raspútín e das pessoas com quem se encontrava. ²⁹ Cinco ou seis agentes ficavam por conta o tempo todo: dois “agentes/guarda-costas” e dois ou três vigiando o lado de fora do prédio do seu apartamento. Raspútín também dispunha de um automóvel e um chofer da Okhrana — Iákov Grigóriev — para suas visitas a Tsárskoie Seló e viagens pela capital. ³⁰ Um agente costumava ficar na escada do prédio e outro junto à sua porta, ou, quando Raspútín permitia, dentro do apartamento. Esse arranjo, de grande interesse da polícia, foi desfeito porque Raspútín começou a ficar desconfiado e a suspeitar de que os homens que supostamente o protegiam estavam também espionando. No fim, havia 5 mil policiais mobilizados para monitorar, proteger, seguir e investigar Raspútín e as centenas de visitas que recebia. Até o porteiro do prédio e sua mulher entraram na folha de pagamento da Okhrana.

Por mais superficial que fosse o contato de alguém com Raspútín, os agentes tinham ordem para “obter por meios secretos informações sobre suas atividades, seu estilo de vida, seus recursos financeiros, suas ligações pessoais, seu comportamento e suas qualidades morais”. ³¹ A confiabilidade política de todos os contatos de Raspútín, por mais superficiais que fossem as relações, era examinada. Durante apenas dois meses, de meados de abril a meados de junho de 1916, agentes compilaram 760 páginas de informações de inteligência sobre Raspútín, quase todas escritas com tinta marrom em papel fino sem pauta, de aproximadamente dezoito por treze centímetros. Toda pessoa para quem Raspútín escrevesse, ou de quem recebesse uma carta, era investigada. A rigor, a extensão da rede ganhou tal amplitude que, quando um engenheiro ferroviário nos mais distantes rincões da Sibéria recebia de alguém na Austrália uma carta contendo comentários negativos sobre Raspútín, a polícia em Vladivostok, Irkutsk e Petrogrado investigava o assunto. Monitorar Raspútín exigia um assombroso emprego de recursos. ³²

Mas, apesar da severa vigilância, Raspútín conseguia desaparecer. “Esta manhã O Escuro saiu de casa e não se sabe para onde foi, mas

voltou às dez desta mesma manhã”, revela o relatório de um agente. “Não se sabe quando O Escuro voltou ontem de sua viagem”, relata outro. ³³ Ele se queixou a Vírubova e à imperatriz de que toda essa aparelhagem era muito opressiva, e Alexandra instruiu Khvostov a ordenar a Globatchev que retirasse seus homens. Raspútin esgueirava-se pelas escadas dos fundos, driblava os homens na rua ou mentia para os agentes, dizendo que ia ficar em casa à noite, depois esperava que fossem embora e saía. ³⁴ Inclusive foi o que aconteceu na noite de 16 de dezembro de 1916, quando ele saiu para ir à casa do príncipe Iussúpov.

A troica não confiava em Raspútin, e por isso, como estratégia, mantinha arquivos do que os russos chamam de *kompromat*, abreviatura de “material comprometedor”. Belétski tinha à mão os documentos da sindicância sobre o incidente do *Tovarpar*, além de outro incidente envolvendo um insulto de bêbado que Raspútin (supostamente) dirigira a uma das grã-duquesas. Khvostov levava sempre um caderno especial para anotar as numerosas transgressões de Raspútin. ³⁵ Apesar disso, por um tempo a troica tentou fazer seu plano funcionar. Em 25 de novembro, depois de um encontro com Khvostov, Raspútin disse a Alexandra que estava “muito satisfeito” com o ministro. ³⁶ Dois dias depois, Khvostov baixou uma ordem para que o governador-geral de Moscou, e também todos os governadores e governadores-gerais de província, cuidassem para que nem mesmo o nome de Raspútin aparecesse em jornais e revistas locais. ³⁷ Belétski também tentou silenciar a imprensa. Depois de uma série de ataques saídos na *Gazeta da Bolsa de Valores*, ele conversou com o editor do jornal, Mikhail Gakkebush-Gorelov, e lhe disse para parar de publicar as histórias. O editor informou a Belétski que recebera as informações para o artigo de ninguém menos que Davidson, o mesmo repórter que visitara Pokróvskoie na época do ataque de Guseva. Belétski já conhecia Davidson. Estivera com ele antes da tentativa de assassinato e depois lhe emprestou seiscentos rublos do fundo secreto do departamento de polícia numa tentativa de comprar o seu silêncio e impedi-lo de fazer novos ataques a Raspútin, estratégia que evidentemente falhara. Belétski então mandou seus agentes obterem provas das atividades escusas de Davidson. Assim, municiado de *kompromat*, ele convenceu

Davidson a lhe entregar seu “arquivo” sobre Raspútin por 1200 rublos, o que o repórter fez. Com isso, a história estava encerrada.

Khvostov e Belétski também tiveram encontros com figuras-chave da Duma e tentaram persuadi-las a deixar Raspútin em paz, explicando que os ataques só prejudicavam seus objetivos, solidificando o lugar do *stárets* aos olhos de Alexandra. ³⁸ Khvostov teve a ideia de fazer o imperador condecorar Rodzianko com uma medalha qualquer, pela simples razão de que isso mancharia sua reputação perante os deputados esquerdistas da Duma. Suplicou a Vírubova que transmitisse a sugestão à imperatriz, ressaltando que discutira o assunto com Raspútin e ele apoiava. (Na verdade, isso levou Raspútin a pensar que talvez fosse boa ideia começar a vender condecorações por grandes somas como uma forma conveniente de o Estado arrecadar fundos.) ³⁹

Em 13 de novembro de 1915, Ivan Smirnov, vice-diretor do departamento de polícia, escreveu uma carta ultrassecreta para Aleksandr Martinov, chefe da Okhrana em Moscou, pedindo-lhe que descobrisse secretamente quais eram as ações que Samárin estaria planejando contra Raspútin. Martinov respondeu que Samárin dava palestras sobre Raspútin e sua camarilha em reuniões da “*intelligentsia* nobre de Moscou” em casas particulares, incluindo a do príncipe Vladímir Golítsin, o popular ex-prefeito da cidade. Um dos envolvidos era o professor Nikolai Kuznetsov, do Seminário Teológico de Moscou. A polícia descobrira que Kuznetsov, e mais um grupo de 34 padres progressistas, estava pensando em divulgar uma espécie de declaração pública conjunta contra Raspútin. Em outubro, descobriu-se que Kuznetsov publicara artigos em *País de Penza*, expondo os modos lascivos de Raspútin e até alegando que ele estuprou uma mulher. Quando Belétski soube, escreveu para o editor, dizendo-lhe que parasse imediatamente de publicar qualquer coisa sobre Raspútin. Kuznetsov frequentava a casa de Mikhail Novoselov, onde se discutia a influência de Raspútin em questões da Igreja. Quando a mãe de Novoselov descobriu o que seu filho estava aprontando, teve certeza de que Raspútin ficaria sabendo e o destruiria. Morrendo de medo, ela sofreu um colapso nervoso e precisou ser internada num hospital psiquiátrico. ⁴⁰ Havia reuniões parecidas em Moscou dedicadas a discutir Raspútin, como a que ocorrera na casa de Varvara Morózova, viúva do rico

comerciante de têxteis Abram Morózov, frequentada pelo príncipe Ievguêni Trubetskoi (fundador do partido liberal Kadet e pensador e escritor religioso), Serguei Bulgákov e Nikolai Berdiáiev. [41](#)

A polícia soube que, na casa de Morózova, Trubetskoi lera em voz alta uma sinopse e alguns trechos provocativos do manuscrito que Iliodor acabara de concluir. De Cristiânia, Iliodor entrara em contato com o editor e historiador Serguei Melgunov e lhe oferecera o manuscrito por 2 mil rublos. Melgunov recorreu ao amigo Prugavin para levantar a quantia, mas não conseguiu, mesmo tendo falado com deputados da Duma. No fim, o dinheiro foi emprestado por certo “S. V. Peterson” e enviado a Cristiânia via Londres por um mensageiro confiável. Vassíli Semévski, colega de trabalho de Melgunov, foi aparentemente quem pegou o manuscrito com Iliodor e o contrabandeou para Moscou, a um risco considerável. Prugavin confirmou o recebimento, passando um telegrama codificado para Iliodor: “A querida Mãe chegou bem”. Melgunov morria de medo de ser flagrado de posse do manuscrito. A polícia ouvira qualquer coisa sobre o assunto e revirava Moscou à procura do manuscrito, não poupando recursos nem despesas. Khvostov queria a qualquer custo que fosse encontrado, pois isso garantiria seu lugar como ministro de uma vez por todas. Em certa ocasião a polícia chegou ao escritório de Melgunov no momento em que lia o manuscrito, mas ele conseguiu escondê-lo com ar despreocupado sob uma pilha de papéis. Melgunov tomou o cuidado de não o guardar em seu escritório e tirou várias cópias do texto, para o caso de uma delas ser descoberta. Seu plano era publicar o livro em sua revista *Voz do Passado* no momento propício. [42](#)

Mas mesmo antes disso Prugavin publicou uma discussão minuciosa do manuscrito, incluindo trechos, sob o título “O livro de Iliodor”, em *Respostas à Vida*, de Vostokov. [43](#) Ao que parece, era o mesmo artigo que Trubetskoi lera na casa de Morózova naquele outono. A Okhrana de Moscou atirou-se ao trabalho. Soube que o artigo tinha sido reproduzido na *Gazeta de Moscou* e que certos editores de jornal estavam duplicando a peça secretamente, “num aparelho de copiar”. No fim de novembro, a polícia estava tentando confiscar todos os exemplares do jornal, mas, apesar dos esforços, reproduções do artigo começaram a aparecer em publicações como *Pensamento de Kíev* e *Fala de Kamsko-Volga*

. ⁴⁴ Khvostov telegrafou para o governador de Tobolsk em 28 de novembro para lhe dizer que prestasse especial atenção à imprensa e providenciasse para que ninguém tentasse reproduzir o artigo de Prugavin. Tudo isso, comentou Khvostov, estava indispondo o populacho “contra a atual ordem política”. ⁴⁵

Enquanto isso, Prugavin continuou escrevendo e publicando. Naquele mesmo ano, redigiu um breve artigo chamado “O *stárets* Raspútin e suas seguidoras”, que apareceu na revista *Rússia Ilustrada* (sob o título “Ao lado do *stárets*”) e então, no ano seguinte, numa edição separada, vaga e (pouco convincentemente) disfarçada, como *Leonti Iegorovitch e suas seguidoras*, com base em informações fornecidas pela sobrinha dele, Vera Jukóvskaia. A polícia confiscou parte da tiragem, porém a maioria dos exemplares tinha sido guardada em lugar seguro pela casa editorial de Melgunov e vendida antes que a polícia a achasse. ⁴⁶

Khvostov estava certo de achar que esses escritos tinham causado agitação em meio ao povo. A enfermeira Valentina Chebotariova, de Tsárskoie Seló, registrou em seu diário em 21 de outubro que seus vizinhos tinham acabado de voltar das províncias, onde o único assunto das conversas era Raspútin. “O ódio, os insultos contra a pobre família, tudo prova que cada aldeia, por mais remota, sabe sobre Raspútin: ‘Que ela viva como quiser, mas por que corrompe as filhas?’. Meu Deus, que coisa horrível!” ⁴⁷ Chebotariova não estava exagerando: a polícia também recebia relatos de que, mesmo nos cantos mais isolados do império, Raspútin era figura conhecida e alvo de comentários perigosos. ⁴⁸

Ao mesmo tempo que negociava com Melgunov, Iliodor escreveu para se apresentar ao governo alemão. Falou de sua ascensão e queda na Rússia, da perseguição sofrida nas mãos do tsar e sua polícia, bem como de sua luta contra Raspútin. Alegou que fora declarado criminoso político do Estado e condenado a exílio perpétuo na Sibéria, mas conseguira, com grande esforço e risco de vida, fugir para a Suécia. Agora era inimigo do tsar, por isso escrevera um livro em que contava a perversa verdade sobre a corte russa, o casal imperial e Raspútin. Para despertar mais interesse, Iliodor acrescentou que uma das revelações da obra era que Raspútin era o verdadeiro pai de Alexei, tinha empurrado o país para a guerra contra a Alemanha e era “o real e único governante

de toda a Rússia e chefe da Igreja russa”. Propôs vender o livro para o governo alemão de forma que pudesse ser distribuído para todos os soldados e prisioneiros de guerra russos, para que enfim compreendessem “por que estavam lutando”. Como não sabia alemão, Iliodor pediu que destacassem alguém que falasse russo para negociar com ele. Afirmou estar certo de que o que tinha a dizer era de grande interesse para o “kaiser Guilherme”. Escreveu “*Ja Nicht*” no fim da carta. Tudo que precisavam fazer para comunicar sua resposta era riscar uma das duas palavras e devolver-lhe a carta. Ansiava por uma resposta.

[49](#)

Os alemães riscaram “*Nicht*” e começaram a monitorar secretamente Iliodor. Os agentes notaram que “ele causa uma impressão suspeitíssima”, mas depois de algum tempo providenciaram um encontro entre Iliodor e certo sr. Oberndorff, que falava russo com fluência, em 13 de fevereiro de 1915. Dois dias depois, Oberndorff escreveu a respeito do encontro num telegrama secreto codificado para o chanceler Theobald von Bethmann-Hollweg. A família morava num quartinho no pátio, comentou ele, a mulher era “pequenina, retraída”. Quanto a Iliodor, tinha uma “aparência não de todo desagradável, amistosa”, com “um rosto inteligente e pequenos e vívidos olhos negros”. As mãos e unhas eram limpas, coisa rara num russo, especialmente um fugitivo. Pareceu-lhe um homem de profundos sentimentos por seu país e grande amor por seus oprimidos compatriotas, que esperava salvar com seu livro. Oberndorff acrescentou que o autor tinha todos os documentos, obtidos em segredo durante os quatro anos que viveu com Raspútin (foi o que Iliodor lhe contou), para comprovar suas afirmações, incluindo provas escritas de que o siberiano era o pai do herdeiro e tivera “relações sexuais” com a filha mais velha do casal imperial, a grã-duquesa Olga. “As revelações de arrepiar os cabelos ali contidas”, observou Oberndorff, “produziriam sem dúvida uma revolução imediata na Rússia.” Iliodor pediu que seu livro fosse distribuído de graça para todos os prisioneiros de guerra russos. Disse ainda a Oberndorff que estava pronto para ir a Berlim ajudar a preparar o livro para publicação. Não queria nada em troca, apenas que, quando o livro estivesse concluído, lhe dessem dinheiro suficiente para se esconder em algum lugar por

muito tempo. [50](#)

No fim de novembro, a inteligência alemã informou que, de acordo com fontes na Rússia, o poder de Raspútin estava em alta. Alguém o ouvira dizer: “Fiz Khvostov ministro, e o jovem cuidará de mim”. [51](#) Quanto a Khvostov, vinha considerando insuportável a tensão das relações com Raspútin. A grande força de vontade de Raspútin, contou ele, o irritava. “Ele me persegue até quando durmo”, resmungou. [52](#) Consta que teria dito a Mikhail Chelnokov, prefeito de Moscou: “Tenho dois meses em que serei seu favorito, dois meses em que suspeitará de mim e dois meses durante os quais me dará um pontapé. Tenho mais ou menos até 1o de janeiro. Preciso agir rápido”. [53](#)

50. Rua Gorokhovaia, no 64

Na Gorokhovaia existe um prédio
Lugar de poder e de maldade,
E se não estiverem entediados
Me emprestem um pouco seus ouvidos:

À entrada, numa pose pacífica,
Atento e severo
Um policial está sempre
Congelando no frio

Ali foi colocado
Como uma barreira contra a justiça do povo
— Pois nem todo mundo admira
O *stárets* , esta maravilha do nosso tempo...

Para subir na carreira
E também evitar o inferno,
Toda a Petrogrado elegante
Faz questão de visitar seus chás das cinco.

As carruagens não param de chegar trazendo
Personagens importantes para seus encontros,
Os favoritos de Ania se apressam
A fazer vênias perante a divindade...

O *stárets* , sempre sereno,
Segura firme em suas garras
Não só a saúde do herdeiro,
Mas os ministros subornados também.

Ao som da gaita de Raspútín,
Toda a Petrogrado elegante,
Desejosa de que tudo corra bem,
Dança animada, dança loucamente...

Os alemães ainda não nos livraram
Dos grilhões de Raspútín,
Nem os senhores Purichkévitch-Miliukov,

Com seus discursos na tribuna...

E os cortesãos honestos,
Que ainda se recusam a mentir,
Tornam-se inconvenientes,
E precisam ir para o exílio...

O mais longe e o mais rápido possível,
Como se fazia nos tempos antigos,
A fim de que o inspirado *stárets*
Fique livre para arruinar o país. ¹

“Como vive a Rússia” é o título desse poema anônimo dedicado a um determinado prédio de apartamentos de Petrogrado — rua Gorokhovaia, no 64. Raspútin saiu da avenida Inglesa e foi morar lá na primavera de 1914, seu primeiro apartamento na cidade, onde ficava durante suas temporadas na capital até morrer. Raspútin alugava o apartamento no 20, no terceiro andar, da proprietária do prédio, a condessa Anna de Less, por 121 rublos mensais, aparentemente pagos por suas majestades. ² Seu vizinho do lado era um funcionário do Sínodo chamado Pável Blagoveschenski; no apartamento abaixo, o 17, moravam Maria e Stepan Gaponov. ³ Não era uma parte elegante da cidade, mas uma área decididamente classe baixa, entre o rio Fontanka e o canal Obvodni.

O apartamento era tão singelo quanto seu entorno. Cinco cômodos modestamente mobiliados: uma parca sala de jantar com mesa de madeira e cadeiras vienenses; uma sala de recepção com algumas cadeiras comuns; o escritório de Raspútin, com uma escrivaninha barata, uma poltrona pesada e sofá de couro; e seu quarto de dormir, com cama de ferro, mesa, guarda-roupa e lavabo. Só o quarto das filhas era bem-arranjado, com móveis confortáveis. Além de Maria e Varvara, moravam no apartamento sua sobrinha Anna Raspútina, então com dezesseis anos; e uma das Pecherkina (Dunia e Kátia) se revezava com os Raspútin em Petrogrado para ajudar a cuidar do apartamento. ⁴ Akilina Laptinskaia agia como a dona da casa de Raspútin. Cozinhas, arrumava os quartos e servia chá para as mulheres que o visitavam, embora esperasse que elas deixassem tudo limpo. Alguns — Aron Simanovitch e Aleksandr Spiridóvitch, entre outros — alegavam que Akilina era, na verdade, uma espiã de Gutchkov, ali colocada para fornecer informações sobre Raspútin. Não há, entretanto, nenhuma

prova disso. ⁵

A vida diária seguia uma rotina bastante comum. Raspútín acordava cedo para ir à igreja e só comia quando voltava. Sua mesa, e nisso todas as fontes confiáveis estão de acordo, era ao mesmo tempo humilde e consistente. A refeição principal era tipicamente *ukha*, sopa de peixe simples, acompanhada de pão preto, rabanete, pepino e cebola, que o *kvass*, a tradicional bebida russa de pão fermentado, ajudava a descer. Raspútín evitava carnes e laticínios. Bebia seu chá com torradas de pão preto ou pretzel. A imprensa, no entanto, gostava de imaginar sua mesa coberta de iguarias caras, o melhor caviar, petiscos refinados e peixes raros. ⁶ As noites eram passadas sossegadamente em casa, a não ser que recebesse um convite, o que em seus últimos dois anos de vida se tornou mais frequente, e era então que bebia, dançava e se entregava a prazeres sensuais. ⁷

As farras noturnas deviam dar a Raspútín um alívio das exigências diárias, pois seus dias já não lhe pertenciam, sendo completamente dedicados a receber uma fila interminável de peticionários que acorriam para a rua Gorokhovaia. Maria recordava-se disso:

A partir das oito da manhã a antessala era invadida por um dilúvio de pessoas que, sentadas ou em pé, esperavam até que meu pai pudesse atender. Durante toda a manhã, e às vezes até de tarde, essa procissão continuava, e meu pai, recebendo-as uma por uma, na sala de jantar ou em seu pequeno escritório, jamais se cansava de interrogar e ouvir seus visitantes. [...] Todas as classes estavam representadas nessa multidão de indivíduos que, em sua angústia moral ou em seus apuros materiais, recorriam ao *stárets* [...] ele nunca promovia uma injustiça, nem favorecia os ricos à custa dos pobres. Ao contrário, em seu trato com os grandes especuladores que vinham pedir sua intervenção ele sempre era rude, mesmo insolente e brutal. Aceitava seus presentes com indiferença, e em geral os deixava esperando horas no vestíbulo, enquanto escutava atentamente os sofrimentos de alguma velhinha obscura, que se queixava de que seu único filho tinha sido chamado pelo Exército e a nora estava doente, ou prometia a uma delegação de camponeses acelerar a decisão necessária para reconstruir uma ponte. O dinheiro que recebia do imperador ele distribuía para os necessitados; também ajudava os camponeses lá de Pokróvskoie com presentes — uma vaca, dois porcos, um potro. [...] Escutava com atenção, passava da sala de jantar para o escritório, dava um tapa no ombro de alguém, abraçava outro ruidosamente, chamava Kátia ^{*} para levar para a cozinha as cestas de mantimentos e o vinho que tinham sido deixados em cima da mesa, repreendia alguns, consolava outros, prometia ajuda e apoio a todos. ⁸

Assim um repórter descreveu um dia na casa de Raspútín: “À entrada há automóveis, cabriolés e carruagens... À espera do ‘Patrão’, criados de libré circulam”. A sala de recepção está lotada de admiradores: “Há

senhoras ali, de roupas refinadas, e um general respeitável, e coronéis, e muitos casacos e até fraques civis. Dá até a impressão de ser uma espécie de salão aristocrático”. E então Raspútin emerge do quarto: “Está de chinelos, com uma comprida camisa branca presa por uma faixa cor de framboesa. Quando aparece, todos os simpatizantes se levantam respeitosamente e formam fila para se aproximar, um de cada vez, e beijam o anfitrião; muitos, na verdade, beijam-lhe a mão, outros as mangas, e ainda outros tocam reverentemente na bainha de sua camisa”. ² Nessa fantasiosa descrição, um apartamento sem graça se transforma em Versalhes, e Raspútin no Rei Sol.

Maria tinha mais condição de saber o que se passava no apartamento, e outras fontes confirmam o que ela escreveu. Tanto Belétski como Globatchev relatam que Raspútin passava a maior parte do dia recebendo peticionários. Eram, na grande maioria, mulheres. Geralmente estavam ali por umas poucas razões: tentar transferir para a retaguarda um soldado da família servindo no front, obter um emprego no governo ou conseguir apoio material. Outros, basicamente tipos da alta sociedade, iam por tédio ou curiosidade, buscando emoções, consolo ou atenção daquele homem que ostentava tamanha reputação de amante. E havia o grupo das verdadeiras devotas, as senhoras que o veneravam como um santo, comendo as sobras do seu prato e aceitando, submissas, suas palavras às vezes ásperas como sinal especial de santidade. ¹⁰

Blagoveschenski, o vizinho de Raspútin, recordava-se assim da vida na rua Gorokhovaia:

No prédio havia sempre um destacamento de agentes da unidade de investigação criminal da polícia, um destacamento especial trabalhando em turnos, de modo que havia sempre quatro agentes de plantão — três deles nas escadas principais, o outro nos portões. Ao mesmo tempo a mulher do porteiro do prédio observava a entrada de carros, o zelador e o porteiro vigiavam os portões. Na entrada de carros, os agentes entediados passavam o tempo jogando cartas. [...] Havia muitos visitantes da manhã até tarde da noite, gente de todo tipo, de idades e condições diferentes. Na grande maioria, eram senhoras, mulheres jovens e enfermeiras, e havia menos homens, embora eles também viessem aos montes. [...] As senhoras ficavam lá sentadas, pode-se dizer, todas vestidas com muita elegância, na última moda, não exatamente jovens, mas dessa idade balzaquiana, apesar de haver muitas mulheres atraentes, de grande frescor, todas bem jovens cuja expressão demasiado solene sempre me surpreendia, como se tivessem passado pelo pátio ou subido as escadas ao encontro “dele” para um encontro sério, como se estivessem pensando alguma coisa grave, ou concentradíssimas. ¹¹

Belétski e outros escreveram que Raspútin tirava partido do poder que exercia sobre as peticionárias. Como exemplo, Belétski cita o caso de uma jovem desesperada para que o marido voltasse do exílio. Apareceu em seu escritório com um bilhete de Raspútin pedindo que Belétski ajudasse, coisa que não podia fazer, porque o homem tinha sido desterrado pelas Forças Armadas e não pela polícia, estando o assunto, portanto, fora de sua jurisdição. A pobre mãe estava fora de si, chorando histericamente. Disse a Belétski que dera todas as suas joias e economias para Raspútin, mas isso não bastara. Ele flertara com ela, fazendo insinuações sórdidas, porém sem sucesso. E então, antes que se desse conta, ele a levou para o seu pequeno escritório e a estuprou. Ela estava certa de que os visitantes na sala de recepção ouviram tudo. Depois disso, passou a ir ao seu hotel prometendo interceder junto a suas majestades, mas no fim nada fez por ela.

Muitas fontes disseram que Raspútin atraía mulheres para o seu escritório ao lado da sala de jantar, onde lhes dava um ultimato: ou se entregavam e ele ajudava, ou que fossem embora e não voltassem. Belétski alega que Raspútin tinha uma regra segundo a qual ninguém, nem mesmo gente da família, deveria entrar num cômodo quando ele estivesse a sós com alguém. Os agentes supostamente ouviam gritos vindos de dentro e viam mulheres amedrontadas fugir do apartamento com lágrimas nos olhos. Houve quem contasse histórias diferentes, argumentando que a maioria desses encontros físicos era iniciada não por Raspútin, mas pelas próprias mulheres. Dizia-se que as almofadas do sofá de couro estavam inteiramente puídas por causa dessas cópulas. ¹² Blagoveschenski contou à Comissão que, numa noite de julho de 1916, ele e vários outros viram do pátio Raspútin deitar Laptinskaia (então uma mulher de idade avançada) na mesa da cozinha “e dar rédeas soltas às suas paixões, divertindo-se muito com esse ato bem conhecido”. Depois que terminou, Raspútin, satisfeito, foi até a janela e sorriu para a plateia no pátio. ¹³ Uma história picante, mas improvável.

Os visitantes do sexo masculino eram poupados das atenções indesejadas do anfitrião. Globatchev, o chefe da Okhrana, separava-os em dois tipos: os que frequentavam abertamente a casa de Raspútin e não faziam segredo de suas relações com ele e os que buscavam sua ajuda, mas tentavam esconder o fato. Muitos desses homens

procuravam Raspútin para pedir que os ajudassem a progredir na carreira, fosse no serviço público civil, nas Forças Armadas ou na corte, fosse para pedir apoio para numerosas transações comerciais, muitas delas de natureza duvidosa ou mesmo ilegal. Era essa atividade que transformava o apartamento quase num gabinete de governo, onde carreiras podiam avançar, promoções ser solicitadas, favores trocados e alianças forjadas.

Os arquivos russos estão repletos de cartas de gente comum pedindo a assistência de Raspútin. Alexandra Frakman, por exemplo, mulher de um operário da Fábrica Putilov de Petrogrado que estava prestes a ser exilado da cidade, escreveu para Raspútin como última esperança. Raspútin fez o que pôde para proteger o marido e, embora não se saiba que fim levou o homem, a ação do siberiano mostra que ele tentava ajudar as pessoas, mesmo aquelas que nada pudessem fazer em troca. [14](#) “Meu Querido Benfeitor Grigóri Iefimovitch”, escreveu o advogado de tribunal David Schuchkin, de Novocherkassk, em 17 de agosto de 1914. “Que Deus lhe preserve a vida das mãos de assassinos malucos em Sua Divina Providência, para que o Senhor possa ser útil a todos que, por Sua mediação, procuram as bênçãos do monarca e a verdade, das quais somos privados pelos altos escalões da nossa burocracia.” Depois de 32 anos de serviço, Schuchkin fora injustamente demitido do cargo por um juiz, e suas tentativas de reparação foram ignoradas. Por mais de dez anos, ele e sua família tinham lutado para sobreviver sem nenhum tipo de renda regular. Agora estavam à beira da fome. Só o “Tsar-Pai” poderia salvá-lo, disse ele a Raspútin, porém os ministros impediam deliberadamente que o imperador recebesse sua petição. Por essa razão, ele vinha fazer um apelo a Raspútin para que informasse o tsar de suas dificuldades e corrigisse o erro. Em troca, Schuchkin prometia ir até Raspútin, onde quer que estivesse, para prostrar-se diante dele e doar quinhentos rublos para qualquer instituição beneficente de sua escolha.

Havia muitos pedidos parecidos de ajuda de Raspútin junto ao tsar. O siberiano os levava a sério, como mostra esta carta:

Profundissimamente Respeitado Padre Grigóri.

Com espírito trêmulo e um sentimento de inefável devoção a Vossa boa alma, estou mandando, para Você e sua mulher, minha gratidão pelo bem que demonstrou para conosco.

Você é nosso salvador, Você nos deu vida. Você nos salvou daquele pesadelo que o destino nos infligiu.

Um poder sagrado e desconhecido conduziu minha mulher doente para Você, homem mandado por Deus, em Ialta. Você, com Seu bom coração, ouviu as súplicas de uma mulher necessitada, estendendo-lhe sua mão poderosa e solícita, e fez uma boa ação. Em 30 de julho fui perdoado pelo tsar.

Agradeço-lhe, bom homem, e minha mulher e eu nos curvamos profundamente perante Você, beijamos Sua mão santa. Até o túmulo nos lembraremos da salvação que Você nos trouxe e honraremos Seu nome que é louvado por nossa ilimitada Rússia.

Seus agradecidos e leais admiradores, capitão Nik. Petr. Agapev e mulher.

25 de agosto de 1914. Petrogrado. [15](#)

Raspútín mandou o seguinte pedido para o comandante do palácio general Voeikov na Stavka: “Meu caro e bom homem, escreva a Rukhlov [**](#) para distribuir bilhetes para os pobres. Meu querido, e peço desculpas novamente, mas o que posso fazer — eles estão chorando. Grigóri Raspútín”. [16](#) Os esforços de Raspútín nem sempre tinham êxito, mas mesmo nesses casos os peticionários escreviam para agradecer por seu tempo e sua atenção. [17](#) Alguns escreviam pedindo orações: “29 de junho de 1914. Para Raspútín em Pokróvskoie. Sua oração me trouxe grande alegria, todas as misérias desapareceram. Que Cristo salve você, meu querido, inestimável padre. A Bela”.

Uma certa Rosinka escreveu para Raspútín em pelo menos três ocasiões:

Para Raspútín em Pokróvskoie, de Petersburgo. Aliocha não me ama mais. Estou desanimado. Choro, reze por mim. Ajude, abençoe o amor dele por mim. Sofro. Rosinka.

Querido Pai.

[...] Meu Aliocha está partindo para o front, mas estou calma, pois sei que Sua oração vai salvá-lo. Preserve-o e abençoe-o. Vou à igreja e oro por Você e por ele, por Duchka e por Anna Alexándrovna. [***](#) Por seus entes queridos. Durmo com o ícone que Você me deu, e meu coração se acalma.

Não esqueça Sua Rosinka. O pensamento em Você está sempre comigo.

Rosinka amava seu Aliocha, mas também amava o “Querido Pai”. Ela lhe escreveu uma carta lamuriosa em dezembro de 1914 quando ele estava ausente, em Pokróvskoie: “Você me magoa, você me esqueceu, não escreve, eu sofro, sinto sua falta, amo-o, escreva. Rosinka”. [18](#)

Claro, nem todo mundo estava satisfeito com Raspútín. Uma mulher furiosa, de nome Matusevitch, mandou-lhe uma carta contundente de sua casa em Kursk, no primeiro dia de 1916:

Você me pediu que escrevesse imediatamente e lhe entregasse uma carta ou petição para o imperador que disse que queria passar adiante naquele mesmo dia. Não escrevi nenhuma das duas coisas, porque estava furiosa: e você sabe por quê. Eu já tinha lhe dado uma petição para o imperador, que você disse que mandou para a Stavka, mas investiguei no gabinete lá e não está com eles. Portanto, durante um mês inteiro, esperei sentada em Petrogrado achando que se você faz uma promessa sem dúvida vai cumprir. Você até jurou que cuidaria do meu pedido e que meu marido estaria livre até o Natal. Sei muito bem que você ajudou de todo o coração todas as outras pessoas que lhe vieram com o mesmo pedido que eu. Eu lhe peço, querido Grigóri Iefimovitch, que cumpra sua promessa. [19](#)

Quando as cartas para Raspútin não eram respondidas, alguns escreviam para Maria ou Dmítri perguntando se podiam levar o assunto ao pai. [20](#) Com dúvida sobre o endereço dele, uma enfermeira de Irkutsk mandou uma carta para “Grigóri Iefimovitch, Palácio do Tsar, Petrogrado”. [21](#) Vírubova viu que Raspútin chegava ao palácio com os bolsos entupidos de cartas de pessoas de toda a Rússia. Recebê-las aborrecia Nicolau e Alexandra, mas isso não incomodava nem detinha Raspútin. Suas majestades acabavam aceitando com relutância as petições e colocando-as num envelope especial destinado ao conde Iákov Rostovtsev, camareiro e diretor do gabinete pessoal da imperatriz, que as lia e decidia quais mereciam atenção. [22](#)

Raspútin também despachava muitos visitantes com bilhetes para ministros e outras autoridades solicitando ajuda. Os arquivos estão repletos desses papéis rabiscados às pressas. [23](#) Em 23 de junho de 1914, Raspútin redigiu um recado para o diretor da polícia pedindo ajuda para Iekaterina Smirnova, mulher de um oficial reformado das guardas de hussardos. Ela estava presa na capital, sem dinheiro nem amigos, e precisava de uma passagem de trem a fim de voltar para casa em Chernigov: “Meu querido homem bom, desculpe por este assunto estranho e pelo aborrecimento, mas o que posso fazer, esta sofredora me procurou, acalme a senhora e deixe-a viajar. Grigóri Raspútin”. O diretor negou o pedido. [24](#) O prefeito de Moscou Mikhail Chelnokov lembrava-se de ter recebido uma suplicante com um bilhete que Raspútin lhe endereçara pedindo-lhe que poupasse o filho da mulher do serviço militar. Ofendido, Chelnokov fingiu que nunca tinha ouvido falar de Raspútin e a expulsou do seu gabinete. [25](#) Essa parece ter sido a resposta típica de altos funcionários aos bilhetes de Raspútin.

Os necessitados raramente deixavam a rua Gorokhovaia sem algum

dinheiro. Maria comentou que o pai nunca recusava um pedido de alguns rublos. Mal recebia um pacote de cédulas para fazer algum favor, Raspútin o repassava a alguma pobre alma. O dinheiro não o comovia, escreveu ela, e “ele sempre o distribuía generosamente, para aliviar o peso dos infelizes que tinham conseguido tocar seu coração, sempre inclinado à piedade”. ²⁶ Globatchev e a grã-duquesa Olga, irmã do tsar, corroboram com Maria a respeito da generosidade do pai. ²⁷ Uma das poucas coisas que se pode afirmar sem erro sobre Raspútin é que sua motivação nunca era o dinheiro. Ganância não era com ele. As fontes de renda de Raspútin não são claras. Alexei Vasilev, o último diretor tsarista da polícia, escreveu que Alexandra lhe dava 10 mil rublos por ano, dinheiro que aparentemente vinha dos recursos pessoais dela, e não do tesouro do Estado. ²⁸ A crença popular, como era de esperar, sustentava que Raspútin, com ajuda de Vírubova, arrancava dinheiro a rodo da imperatriz. ²⁹ A imprensa relatava que Raspútin levava vida extravagante em Petrogrado, enquanto sua pobre família em Pokróvskoie não recebia um único copeque. ³⁰ Mas Raspútin supostamente reclamava da avareza da imperatriz, traço mencionado também pela cunhada da tsarina. Alexandra lhe dava roupas e artigos para sua casa em Pokróvskoie, mas aparentemente nunca ajudou a financiar suas constantes viagens e despesas diárias. Olga, a irmã do tsar, informou que nunca ouviu Raspútin pedir favores a Nicolau e Alexandra, e os pedidos que fazia eram sempre para outras pessoas. ³¹ Parece que ele vivia da magnanimidade dos amigos ricos, de benfeitores e do círculo de devotas. Eles lhe levavam presentes caros, além de alimentos e dinheiro. Raspútin costumava pedir emprestado a amigos, como Alexei Filippov, mas o que tomava imediatamente distribuía. Sua porta estava sempre aberta, e muita gente comia e bebia à sua custa, tanto em casa como nos restaurantes e clubes da cidade. Os que o conheceram reconheciam sua generosidade, e ele tinha orgulho de sua reputação como anfitrião e benfeitor. ³²

A vida na rua Gorokhovaia era um torvelinho. Maria se lembrava de que o telefone não parava de tocar, com convites para irem ao teatro, à Villa Rode ou a outra agitada casa noturna. Raspútin quase nunca recusava. ³³ Nos dois últimos anos de vida de Raspútin, muita gente

sabia de cor o número do seu telefone: 646-46. Ao lado do telefone, numa folha de papel, Raspútin anotava os números das pessoas para quem ligava com mais frequência — Sabler, o ministro da Guerra Sukhomlínov, Munia Golovina. ³⁴ Estavam também na lista “A Bela” (telefone 69-51), supostamente uma massagista que Raspútin frequentava e talvez a mesma mulher que agradeceu suas orações na carta supracitada. ³⁵ Às vezes Vírubova ligava; Alexandra entrava em contato em raras ocasiões, e só para lhe pedir que fosse vê-la. Depois dessas chamadas um automóvel parava na frente da casa para apanhá-lo.

Raspútin gostava de tomar chá à tarde em companhia dos amigos íntimos. “Meu pai batia papo, ria, ficava animado, discorria distraidamente sobre vagos assuntos religiosos”, recordava Maria, “tornava-se brando ao falar da Sibéria, entusiasmava-se, anunciava que ia voltar, que não aguentava mais São Petersburgo e os espiões dos quais vivia cercado; depois se acalmava novamente e fazia um longo silêncio, perdido em pensamentos.” Adorava ouvir o gramofone ou o amigo Derevenski cantar. Quase todas as noites ficava até tarde na rua, voltando muito depois de as filhas terem ido dormir. Às vezes elas o esperavam e se jogavam na cama fingindo dormir quando escutavam seus passos na escada. Ele sempre entrava e fazia o sinal da cruz sobre elas antes de recolher-se. ³⁶ Em certas noites, havia festas no apartamento. Blagoveschenski lembrava-se de ter ficado acordado até tarde numa noite de verão por causa do barulho. ³⁷ Do seu escritório ouvia risos e números musicais, de operetas e canções populares georgianas. Havia ruidosas cantorias e danças de bêbado. Blagoveschenski teve a impressão de que a farra jamais acabaria.

* Iekaterina Pecherkina.

** Ministro dos Transportes, Serguei Rukhlov. Raspútin estava pedindo passagens de trem gratuitas para os pobres.

*** Vírubova.

51. Forças obscuras e choferes ensandecidos

Vladímir Purichkévitch apelidou o episódio de “pula-sela ministerial”. Entre junho e novembro de 1915, oito ministros e outras figuras-chave das Forças Armadas e da Igreja foram dispensados: Maklakov, Sukhomlínov, Sabler, Scheglovítov, o grão-duque Nikolai Nikoláievitch, Samárin, Scherbátov e Krivochein (o ministro da Agricultura). O ritmo das substituições se intensificaria nos últimos meses do regime. Até Nicolau abdicar, em março de 1917, a Rússia teria quatro primeiros-ministros, cinco ministros do Interior e quatro ministros da Agricultura. A lista em constante mudança lembrava um pouco a dança das cadeiras. Ministros eram nomeados, demitidos e transferidos sem nenhuma lógica ou razão perceptíveis. Além disso, a qualidade e as qualificações de muitos desses homens eram quase sempre inexistentes. ¹

“Ministros voavam como folhas de árvore no outono, de acordo com os caprichos de Raspútin”, escreveu Gippius. “E, de acordo com esse mesmo capricho, novos ministros são nomeados.” ² A noção de que um homem era responsável pelo pula-sela ministerial era generalizada. Que outra explicação poderia haver?, indagavam as pessoas. Quem, senão Raspútin, tinha o poder de fazer tais mudanças? Globatchev escreveu que todo ministro sabia que uma das primeiras coisas a fazer era decidir como seriam suas relações com Raspútin: amigo ou inimigo? Era imperativo escolher, pois não dava para ficar neutro. ³ O bom senso dizia que só os da primeira categoria tinham alguma chance de permanecer no cargo por algum tempo. Que o pula-carniça ministerial fosse atribuído a Raspútin é prova de que, no segundo semestre de 1915,

para a maioria dos russos ele se tornara o verdadeiro tsar. Na realidade, o papel de Raspútin nessas mudanças foi pequeno, e a dança das cadeiras era basicamente subproduto da decrépita máquina político-burocrática da Rússia tsarista, que desmoronava com velocidade crescente sob o peso da guerra. ⁴

Raspútin não estava nomeando nem demitindo ministros na Rússia, mas isso não quer dizer que não tivesse suas ideias a esse respeito. Na verdade tinha, e fazia questão de manifestá-las. No começo de maio de 1915, Raspútin encontrou-se com o ministro das Finanças Piotr Bark por duas horas e saiu satisfeito com a conversa. ⁵ Poucos meses depois, porém, Raspútin já estava fazendo de tudo para vê-lo demitido e substituído pelo conde Vladímir Tatíschev, um nobre rico, funcionário ministerial e presidente do Banco Unido de Moscou. Tatíschev era também o chefe da Bogatir, a sociedade para produção e comércio de produtos de borracha, fundada em Moscou em 1910 com capital do banco do conde. A imperatriz, o ex-premiê e ministro das Finanças Kokóvtsov e Raspútin eram alguns dos seus acionistas. Graças a essas conexões, a Bogatir conseguiu a designação de fornecedora da corte imperial em 1912, honra que fortaleceu imensamente sua posição no mercado. ⁶ O príncipe Andrónnikov também estava tentando derrubar Bark naquele outono. Em cartas para o primeiro-ministro Goremíkin e o conde Fredericks, fazia alusões a questionáveis acordos financeiros de Bark, descrevendo-o como uma “mistura de colonialista alemão com judeu”. (O método preferido de ataque de Andrónnikov era ad hominem, e o pior dos pecados era ser judeu.) ⁷ Não se sabe até que ponto as investidas contra Bark por parte de Raspútin e Andrónnikov eram coordenadas.

Em 13 de novembro de 1915, Alexandra escreveu a Nicolau para abordar a ideia de Tatíschev como substituto de Bark, notando que era dedicado a Nicolau, gostava muito de Raspútin e reprovava a nobreza moscovita. Tatíschev dissera a Vírubova que Bark cometera numerosos erros e que gostaria de poder ajudar e dar conselhos. “Nosso amigo diz que Tatíschev é homem em quem se pode confiar, muito rico, conhece bem o mundo bancário — seria bom se você pudesse vê-lo e ouvir suas opiniões —; diz que ele é muito compreensivo.” A imperatriz comunicou a Nicolau que gostaria de apresentar os dois. ⁸ Mas o

conselho de Raspútin, e de Alexandra, foi ignorado. Bark continuou no cargo até o fim de fevereiro de 1917.

Outras sugestões ministeriais de Raspútin também foram descartadas. Em janeiro de 1916, ele propôs o general Nikolai Ivánov para ministro da Guerra e, em novembro, certo Valuiev, aparentemente chefe das ferrovias russas em todo o noroeste, para ministro dos Transportes. Nenhum dos dois candidatos foi escolhido, e Nicolau agiu como se jamais tivesse sequer ouvido esses nomes, que era sua maneira passivo-agressiva de dizer não a Alexandra e Raspútin. E é bom lembrar que Raspútin tinha sido contra a nomeação de Samárin em junho de 1915, mas Nicolau optou por sua própria escolha. Outros exemplos desse tipo poderiam ser citados. ²

A correspondência de Alexandra e Nicolau oferece as melhores provas do papel político exercido por Raspútin em seus dois últimos anos de vida. Como as cartas deixam claro, Raspútin estava profundamente envolvido em uma vasta gama de assuntos, sempre dando conselhos, às vezes chegando a insistir para que fossem seguidos. No fim de agosto de 1915, sugeriu que prisioneiros cumprindo pena por crimes sem grande importância fossem mandados para o front, ideia adotada em fevereiro do ano seguinte. Em 6 de novembro, Alexandra escreveu para Nicolau avisando que Raspútin estava preocupado com os rumores sobre o envio de tropas para a Romênia, temeroso de que os efetivos, caso não fossem suficientemente grandes, ficassem presos por lá. Não contente com o fato de Alexandra ter transmitido seus receios, Raspútin fez questão de passar um telegrama sobre o assunto para o próprio tsar. No dia 15 daquele mês, Alexandra transmitiu outra mensagem de Raspútin, recomendando que as forças russas atacassem imediatamente os alemães perto de Riga, depois de terem sido detidas em sua marcha para aquela cidade no mês anterior. Alexandra fez o possível para comunicar o senso de urgência das palavras de Raspútin: “[...] ele diz que agora esta é a coisa mais importante, & lhe suplica, seriamente, que ordene os nossos a avançar, diz que podemos e devemos fazê-lo, e que era para eu lhe escrever imediatamente”. O que torna esse conselho particularmente digno de nota é que foi “motivado pelo que Ele viu na noite”. A estratégia de guerra da Rússia, em outras palavras, estava sendo influenciada pelos sonhos de Raspútin. O siberiano não só

revelou suas ideias a Nicolau como escreveu ao general Mikhail Alexéiev, chefe do estado-maior do tsar na Stavka. Nem Nicolau nem Alexéiev responderam às cartas de Raspútin; tropas russas não foram enviadas para atacar perto de Riga, e a cidade continuou em mãos russas até depois do colapso da monarquia.

Raspútin vivia preocupado com a condução da guerra, mas continuava otimista. Em novembro, disse a Alexandra que o conflito terminaria dentro de poucos meses e falou animadamente sobre o dia em que as tropas russas entrassem em Constantinopla. ¹⁰ Depois que Nicolau declarou guerra contra a Bulgária, em 5 de outubro, Raspútin escreveu-lhe para elogiar a decisão: “Intensa força emana do Vosso coração, o véu da Mãe de Deus Vos ajuda e um véu invisível ajuda todo o Vosso exército [...]. Deus está conosco e não tememos ninguém”. ¹¹ Em 9 de outubro, esteve com Alexandra e Vírubova e disse-lhes que, embora estivesse menos preocupado com a guerra, tinha tido outro sonho terrível, e não falou de outra coisa durante duas horas. Alexandra externou seus receios a Nicolau: “Você precisa dar ordem para que carroças com farinha de trigo, manteiga & açúcar sejam obrigadas a passar. Ele viu tudo à noite como uma visão, todas as cidades, linhas de trem etc. É difícil transmitir suas palavras, mas ele diz que é muito sério & que então não vamos ter greves. [...] Quer que eu fale com você sobre tudo isto seriamente, mesmo severamente [...]”.

Raspútin disse a Alexandra que durante três dias só os trens que transportassem farinha, manteiga e açúcar deveriam ter permissão para rodar. ¹² O povo russo estava passando fome, e Raspútin, que circulava e vivia no meio do povo e via com os próprios olhos o que se passava no país, falava com conhecimento de causa. Seu conselho, nesse caso, estava correto. Todavia, nunca foi seguido. A vida para os civis ficou mais difícil ao longo de 1915 e no ano seguinte. Os salários mais altos pagos aos operários eram devorados pela inflação. Para trabalhadores sem qualificação, a hora extra compulsória tornou-se norma; mulheres e crianças eram, com frequência, convocadas para trabalhar à noite, os bens de consumo escassearam, os aluguéis dispararam, havia longas filas para o combustível. Com os camponeses indo para as cidades trabalhar nas fábricas para suprir o Exército, os bairros operários ficaram horrendamente superlotados. As condições de vida eram assustadoras.

Raspútín tinha razão de preocupar-se com a crise de alimentos e outros problemas que o povo russo enfrentava, mas estava totalmente cego quando falava sobre a iminente derrota das potências centrais. Pensando bem, é notável que fizesse uma declaração como essa no segundo semestre de 1915. Depois das ofensivas lançadas pelas potências centrais em abril, os russos recuaram até setembro, cedendo não apenas suas conquistas do ano anterior (Galícia e Bukovina), mas até sendo forçados a se retirar da Polônia, da Lituânia e de boa parte da Bielorrússia. Durante a chamada Grande Retirada de 1915, os russos perderam cerca de 1 milhão de homens, entre mortos e feridos, e mais 1 milhão de soldados foram tomados como prisioneiros. Durante os três anos de guerra, a Rússia perdeu aproximadamente 7 milhões de homens para o inimigo, mortos, feridos e aprisionados — metade dos 15 milhões que serviam nas Forças Armadas. As causas dessas horríveis baixas foram muitas, como falta de treinamento, deficiências logísticas, comando militar incompetente, escassez de armas e munição, colapso da sobrecarregada rede de transporte. A rigor, era tão severa a falta de equipamento e material bélico que por um tempo, em 1915, um em cada quatro soldados enviados para o front chegava sem arma e com instruções para tomar a de um camarada morto. Para piorar, os territórios ocidentais do império foram inundados por mais de 3 milhões de refugiados até o fim do ano. [13](#)

O ministro da Agricultura Aleksandr Krivochein comentou numa reunião secreta do Conselho de Ministros em julho de 1915 que eles vinham vivendo uma época de “retiradas intermináveis e derrotas incompreensíveis”. Incompreensíveis? Krivochein estava bem informado demais das realidades que a Rússia enfrentava para não saber por que o país tinha sido tão completamente destruído naquele ano pelas potências centrais. Não deveria ser incompreensível para nenhum dos ministros; apesar disso, era sem embargo que ele se lamuriava: “Por que a pobre Rússia está condenada a viver esta tragédia?”. [14](#)

O resto do país fazia a mesma pergunta. O que estava acontecendo com a Rússia? A resposta que fazia mais sentido para todos era simples: traição. A resposta honesta exigiria um exame mais atento do atoleiro de problemas que afetavam o coração do regime dos Románov — suas ineficiências, a corrupção, o subdesenvolvimento e o sistema político

antiquado frustravam quase todos os esforços das classes instruídas para se unirem como uma sociedade civil em apoio à guerra. Não, para os russos era muito mais fácil, e mais gratificante, se enxergarem como vítimas, apunhalados pelas costas, vendidos. Como observou com precisão um historiador: “A traição era a desculpa suprema e abrangente para tudo”.

Os russos se convenceram de que só podiam estar sendo vítimas de uma grande conspiração. Sinistros atores, que não se expunham, eram quem de fato controlava a situação. Eram chamados de *Tiomnie sili*, “forças obscuras”. Podiam significar coisas diferentes para diferentes pessoas — judeus, alemães, maçons, Alexandra, Raspútin e a camarilha da corte —, mas aceitava-se sem discutir que eram os verdadeiros donos da Rússia.¹⁵ Embora a obsessão com forças obscuras tenha virado moda durante a guerra, não começou nessa época. Em julho de 1914, por exemplo, Mitrofan Lodijenski publicou um romance intitulado *Forças obscuras*, parte da sua “Trilogia Mística”, que examinava o lado sombrio da existência humana, da paixão e da perversão ao ocultismo e ao Anticristo. Nobre formado em São Petersburgo antes de iniciar uma bem-sucedida carreira no serviço público de província, Lodijenski era ao mesmo tempo um teosofista fascinado por um conjunto de filosofias e tradições místicas. Personificava a preocupação de sua geração com o oculto, a sabedoria secreta e as forças ocultas da história.¹⁶ O zeitgeist da Rússia do fim do século é importante para que se entenda por que tantos russos, e em especial homens e mulheres instruídos, intelectualmente sofisticados, eram tão receptivos à histeria coletiva das “forças obscuras” que tomou conta da Rússia nos últimos anos da dinastia.

O medo das forças obscuras alimentava o antissemitismo e a germanofobia, que cresceram em 1915. Nisso, as autoridades desempenhavam papel significativo. O comando militar evitava assumir a responsabilidade pelas derrotas da Rússia, preferindo alegar que era culpa de traidores e espiões. O governo reprimia violentamente os súditos alemães do império tanto para sugerir que representavam uma pérfida quinta-coluna atacando a Rússia por dentro como para transferir a culpa pelo agravamento da situação do país. O regime tentava utilizar o sentimento antigermânico para unir o povo por trás da Coroa e

manter o apoio à guerra, mas com isso, na verdade, levava muita gente a achar que o Estado não fazia o suficiente para extinguir os inimigos internos. E a imprensa também tinha sua responsabilidade, incitando os leitores com histórias exageradas destinadas a ressaltar a suposta incompetência criminosa do governo. A consequência involuntária dessa manobra foi minar a fé na monarquia e fomentar um senso de cinismo e paranoia. Nos anos seguintes, quase todos os russos acabaram se convencendo de que a traição contagiara totalmente a elite imperial e de que o país estava sendo vendido para os inimigos. ¹⁷

Em março de 1915, o coronel Serguei Miassoiédov, protegido do ministro da Guerra Vladímir Sukhomlínov, foi preso, julgado e executado como espião num processo realizado às pressas, em questão de dias. Miassoiédov já estivera sob suspeita antes, embora as provas contra ele fossem débeis, para dizer o mínimo. No passado, Sukhomlínov tinha conseguido proteger Miassoiédov, mas em 1915, depois dos escândalos da falta de projéteis e das derrotas no front, o clamor pelo sangue dos traidores da Rússia tornou-se alto demais. Um dos que se regozijaram com a notícia sobre Miassoiédov foi Aleksandr Gutchkov. O político vinha denunciando publicamente Miassoiédov como espião havia anos, e agora se sentia justificado, deliciando-se com os elogios que recebia, apesar de saber que as acusações eram infundadas e que um homem inocente fora executado. Mas isso era irrelevante para Gutchkov. O que importava era marcar pontos contra o regime, não a vida de um reles oficial. Longe de acalmar os ânimos, o escândalo provocou uma caça a traidores mais acima, entre os oficiais. A Okhrana começou a invadir os apartamentos de praticamente todo mundo que tivesse ligação com Miassoiédov nas cidades da Rússia. Pelo fim de abril, trinta pessoas tinham sido presas. Várias foram condenadas a trabalhos forçados e quatro enforcadas. Todos os executados eram, muito provavelmente, inocentes. ¹⁸ Na primavera seguinte, Sukhomlínov também seria preso acusado de traição. Bruce Lockhart anotou em seu diário em março de 1915 uma anedota muito popular em Moscou: “Tsarévitch chorando. A babá diz: Por que choras, pequeno? Bem, quando nossos soldados apanham, Papai chora, e quando os alemães apanham, Mamãe chora. Então, quando devo chorar?”. ¹⁹ A imperatriz, conforme a maioria dos russos acreditava, só

podia estar trabalhando em favor dos seus compatriotas alemães.

Em maio de 1915, revoltas contra os alemães explodiram em Moscou. Aos gritos de “Surra nos alemães!”, multidões saqueavam lojas, fábricas e residências. Uma idosa de 72 anos foi morta a pancadas em seu apartamento só porque tinha sobrenome alemão; quando deram cabo dela, os assassinos atacaram outras duas mulheres na rua e as afogaram num canal. Multidões jogaram pedras na carruagem que transportava a grã-duquesa Ella, nascida na Alemanha, quando passeava pelas ruas. O príncipe Félix Iussúpov, pai do assassino de Raspútin, que era governador militar da cidade, simpatizava com os arruaceiros e demorou a chamar as tropas. Quando tudo acabou, mais de cinquenta pessoas estavam mortas, e centenas de lojas e casas incendiadas. De Moscou, a fúria antigermânica se espalhou para outras cidades no fim do ano. Repartições do governo e empresas privadas, até orquestras e grupos teatrais, começaram a expurgar pessoas com sobrenome alemão ou nomes estrangeiros. O Estado entrou em cena também, transferindo à força aproximadamente 1 milhão de cidadãos russos de etnia alemã, além de judeus e muçulmanos, nacionalizando suas propriedades e entregando-as aos chamados “grupos recomendados”. [20](#)

Tornou-se aceito como fato que Raspútin estava no centro das forças obscuras. “Tsar, eu Vos suplico: disperse a rebelde Duma, faça as pazes com Guilherme e reinará em paz.” Era o que dizia uma carta forjada, supostamente escrita por Raspútin, copiada, recopiada e distribuída em toda a Rússia. [21](#) O coronel Aleksandr Rezanov, integrante de uma comissão que investigava espionagem na população civil, dizia que Raspútin gostava de afirmar: “Muito sangue já foi derramado. O alemão não é mais ameaça; está fraco demais”. [22](#) Como se poderia supor, as Potências Centrais seguiam essas conversas bem de perto. Em 29 de junho de 1915, o *Wiener Allgemeine Zeitung* publicou um artigo declarando que era de conhecimento geral que “o agricultor Raspútin” defendia a paz e vinha fazendo tudo ao seu alcance para convencer as principais autoridades do governo a tomar o seu partido. Quanto a Nicolau, não ousava ir contra Raspútin, pois acreditava plenamente na profecia de que, se alguma coisa lhe acontecesse, a dinastia Románov ruiria. No mês seguinte, o *Neues Wiener Journal* informou que, segundo “círculos confiáveis”, Nicolau e altos funcionários do Ministério do

Exterior da Rússia se queixavam de que seus aliados estavam obrigando o país a carregar um fardo pesado demais na guerra e davam sinais de estarem dispostos a explorar a ideia de um acordo de paz em separado.

[23](#)

Uma enorme quantidade de documentos no Arquivo Político do Ministério do Exterior da Alemanha, em Berlim, oferece abundantes provas do interesse do governo em saber qual era a posição de Raspútin na questão da guerra e a sua influência sobre o tsar. Em Genebra, no começo de setembro de 1915, um funcionário alemão de nome Einsiedel teve um encontro com um contato a quem chama apenas de “o velho russo”, então em viagem pela Suíça. A fonte não identificada, que afirmava ter estreitos contatos na corte russa, disse a Einsiedel que Nicolau estava cada vez mais indignado com o governo britânico, mas que a amizade com o rei Jorge V, seu primo, o mantinha na guerra. “O tsar quer a paz desesperadamente”, informou o velho russo ao seu contato alemão, “e poderá aceitar até a perda da Polônia e da Curlândia [...]”. Recomendou que o conde Eulenburg escrevesse para seu velho amigo, o conde Fredericks, e sem mencionar diretamente a paz lhe dissesse que o kaiser alemão não guardava rancor contra o tsar, como o imperador russo parecia acreditar. O telegrama codificado de Einsiedel foi mandado para Gottlieb von Jagow, ministro do Exterior alemão, e entregue ao kaiser Guilherme. Este endossou a ideia, mas o arquivo não contém mais nenhum documento sobre o assunto. [24](#)

Outro relatório da situação na Rússia foi submetido em setembro, também por Einsiedel, ao que tudo indica, depois de novas conversas com “o velho russo”. Afirmava que o “partido pacifista” da Rússia, que incluía a corte, voltara a ser predominante, e que até o tsar estava tentando descobrir um jeito de assinar a paz. A discussão em Petrogrado, de acordo com o que supunha o relatório, girava em torno da ideia de afastar o tsar temporariamente do trono em favor de uma regência, o que possibilitaria a paz sem que Nicolau perdesse o respeito dos Aliados. “Raspútin está pressionando muito em favor dessa sugestão jesuíta”, escreveu Einsiedel. O velho russo disse ainda que estava a caminho de casa, onde planejava reunir pessoas da Duma e do “Partido da Corte” (ou seja, o barão Fredericks, embaixador russo na Grã-Bretanha, o conde Alexander Benkendorf, Alexandra, Raspútin)

inclinadas a um acordo de paz em separado e convencidas da necessidade de ação imediata. [25](#)

A correspondência entre Raspútín e suas majestades não apresenta nenhuma prova de que Raspútín tenha proposto um acordo de paz em separado com as potências centrais. Os custos, em termos humanos e materiais, não lhe passavam despercebidos, porém uma vez começada a guerra ele jamais vacilou em seu apoio. “Puxa, quantas perdas”, escreveu Alexandra para Nicolau no fim do verão de 1915, “o coração sangra — mas nosso amigo diz que há tochas ardendo perante o trono de Deus, & isso é adorável.” [26](#) O departamento de polícia via as coisas de outro jeito, no entanto. Em fevereiro de 1915, chegou à conclusão de que alguns alemães com ligação na corte russa tinham se juntado a Raspútín numa tentativa de pressionar as forças direitistas da Duma a aceitar a necessidade de terminar a guerra. Entre os deputados que trabalhavam com Raspútín e os alemães estava, de acordo com fontes policiais, ninguém menos do que Vladímír Purichkévitsh. Os membros dessa cabala planejavam criar uma nova organização política, ou coisa parecida, cujos membros fariam propaganda da necessidade de paz primeiro entre os oficiais feridos nos hospitais militares do país, e depois entre os soldados no Exército ativo. [27](#)

O vínculo de Raspútín com um de seus assassinos é surpreendente, e também equivocado, claro. Raspútín e Purichkévitsh eram adversários, não amigos, em 1915. Também surpreende a ideia de que Raspútín estivesse trabalhando com membros da Duma. A Quarta Duma, que durou de novembro de 1912 a outubro de 1917, chefiada o tempo todo por Mikhail Rodzianko, vivia às turras com o governo de Nicolau desde os últimos meses de 1914 por causa do seu papel de ajuda na mobilização e direção dos esforços do país na luta contra o inimigo. Nicolau jamais confiara na Duma e se arrependia de ter concordado com a sua criação. O tsar tentava manter a Duma à distância e restringir sua autoridade, e muitas vezes rejeitava suas genuínas tentativas de ser útil ao governo. Enquanto a guerra avançava, as relações da Coroa com a Duma eram cada vez piores. [28](#)

As opiniões de Raspútín sobre a Duma eram complexas e nunca diretas. Em junho de 1915, por exemplo, disse a Alexandra que era contra o plano de que a Duma voltasse a reunir-se em agosto,

afirmando que o Congresso iria apenas se meter em assuntos que não lhe diziam respeito e criar problemas. Sugeriu a Nicolau que, se era para a Duma reunir-se, que ele retardasse a sua abertura o máximo possível. ²⁹ Nicolau mais uma vez ignorou Raspútin, e a Duma se reuniu para uma nova sessão em meados de julho. No mês seguinte, uma grande coalizão que incluía todos os membros — exceto aqueles de partidos da extrema esquerda ou da extrema direita — foi formada com o nome de Bloco Progressista. Nascido do desgosto com a Grande Retirada e da crescente preocupação com as “forças obscuras”, o bloco anunciou que estava disposto a trabalhar com o governo desde que Nicolau nomeasse ministros que contassem com apoio popular. A ideia que sustentava o Bloco Progressista era a de que a guerra só poderia ser vencida se o trono se empenhasse em trabalhar com a Duma e envolvesse os esforços produtivos da sociedade através de um novo governo que contasse com a confiança de todos os russos.

Nicolau, porém, rejeitou a coalizão e seu modesto programa de cooperação. Enquanto o governo e a Duma se desentendiam, Rodzianko informou ao ministro da Justiça Aleksandr Khvostov, tio de Alexei Khvostov, que se a Duma fosse dissolvida antes da hora, alguns deputados estavam preparados para lançar uma sindicância sobre Raspútin, e a única maneira de impedi-los seria Khvostov iniciar sua própria investigação criminal e mandar prender e encarcerar o siberiano. O primeiro-ministro Goremíkin, porém, estava convencido de que Rodzianko blefava e que a Duma jamais faria nada daquilo. ³⁰ Na verdade, era contra Goremíkin, o velho “casaco de pele com naftalina”, como a princesa Iussúpova se referia a ele, que a Duma na prática dirigia sua ameaça. Ele sabia que uma das primeiras exigências do bloco era que ele fosse demitido do cargo de primeiro-ministro, por isso convenceu Nicolau a suspender a sessão de 3 de setembro da Duma. ³¹

Vassíli Maklakov, deputado do Kadet indignado com a situação, partiu para o ataque com um artigo intitulado “Uma situação trágica” na *Gazeta de Moscou*, em 27 de setembro. Pediu aos leitores que imaginassem uma situação na qual de repente se vissem dentro de um automóvel em alta velocidade numa ladeira inclinada e traiçoeira. Quem dirige é um chofer ensandecido, que se recusa a ceder o volante ou mesmo a escutar os conselhos dos passageiros que sabem dirigir. Por

que faz isso, perguntam-se eles, e o que devem eles fazer? Tentar tomar o volante, o que poderia levar a um acidente que mataria todo mundo, incluindo a mãe dos passageiros, que viaja junto? O chofer ri do dilema deles, zombando de sua indecisão, certo de que não ousarão fazer nada. Não houve quem não entendesse a parábola de Maklakov: o chofer era Nicolau, a mãe, a Rússia, e os passageiros, as forças instruídas e esclarecidas, personificadas pelo Bloco Progressista. ³²

Goremíkin continuou recusando-se a permitir que a Duma se reunisse para sua sessão de outono. ³³ Àquela altura, porém, Raspútín tinha mudado de ideia, e começou a tentar convencer Nicolau, por intermédio de Alexandra, que permitisse que o Congresso abrisse em novembro, ainda que isso trouxesse problemas para Goremíkin. Teria dito em defesa da sua posição: “Quando um russo grita, não fará nada de errado, mas quando está calado, quando tem alguma coisa no peito, nesse caso, cuidado!”. ³⁴ Alexandra não sabia direito o que pensar. Em 15 de novembro, escreveu para Nicolau dizendo que a Duma não tinha nenhum trabalho de verdade a realizar, por isso “se ficarem lá sentados à toa, eles começarão a falar de Varnava & de nosso amigo & a se meter em assuntos do governo, o que não têm o direito de fazer [...]”. Acrescentou que seria a primeira a falar do assunto com Raspútín e perguntar “o que Ele abençoaria”. Mas, antes mesmo que pudesse mandar a carta, Alexandra soube por Vírubova que Raspútín estava triste e chateado com as tentativas de Goremíkin de impedir que a Duma se reunisse. Raspútín agora estava convencido de que a Duma tinha que ser aberta, ainda que por pouco tempo, e que seria prudente da parte de Nicolau aparecer diante do Congresso e sem anúncio prévio, o que teria um efeito maravilhoso nos deputados. Quanto à possibilidade de surgirem escândalos, Raspútín também disse a Vírubova que contava com a palavra tanto de Alexei Khvostov como de Stepan Belétski de que ninguém ousaria mencionar seu nome. Era importantíssimo, segundo Raspútín, que o governo e a Duma agora tentassem trabalhar juntos e que o tsar “lhes mostre um pouco de confiança”. Tudo isso Alexandra transmitiu a Nicolau.

Mais uma vez Nicolau ficou do lado de Goremíkin contra o conselho da mulher e de Raspútín. Alexandra disse a Nicolau que Raspútín “venera o Velho” e sabia que reunir a Duma significaria a queda de

Goremíkin, mas apesar de seus ternos sentimentos pessoais achava que o tempo dele acabara e que era necessário substituí-lo. Antes, no entanto, pediu que o tsar só se livrasse de Goremíkin quando ele, Raspútin, tivesse encontrado um sucessor à altura. ³⁵ Nicolau segurou Goremíkin até 20 de janeiro de 1916, embora seja impossível dizer se houve influência de Raspútin. Quanto à Duma, só voltou a se reunir em 22 de fevereiro de 1916. A essa altura o Bloco Progressista já tinha retirado a oferta de apoio, tornando-se uma implacável força de oposição. A recusa de Nicolau a ouvir o conselho de Raspútin resultou no que pode ser considerado um dano irreparável nas relações do trono com a Duma. Como no caso da decisão de ir à guerra, pode-se imaginar o que teria acontecido se o imperador escutasse Raspútin e aceitasse a oferta de cooperação do Bloco Progressista.

52. Outro milagre

Na tarde de 3 de dezembro, o imperador e Alexei partiram da Stavka de trem para inspecionar as tropas. O tsarévitch estava doente, resfriado, tossindo e espirrando terrivelmente. Não tardou para lhe escorrer sangue pelo nariz. O cirurgião imperial Serguei Fiódorov cuidou do menino e considerou que a situação era séria. Naquela noite, recomendou ao imperador que voltassem para a Stavka. Um telegrama foi passado para Alexandra, pedindo que se juntasse a eles. De manhã, o trem do imperador voltou para Moguiliov. Alexei estava fraquíssimo; a febre tinha disparado. Alexandra passou um telegrama para Nicolau às 10h35, sugerindo que os médicos cauterizassem o nariz do filho, como o dr. Poliakov recomendava nesses casos. Já ela, segundo afirmou, não estava nem um pouco preocupada, porque “nosso amigo diz que tudo isso vem do cansaço e logo passará”. ¹

Mas a situação de Alexei continuou a piorar ao longo da tarde do dia 4. A conselho de Fiódorov, decidiu-se que eles deveriam retornar para Tsárskoie Seló. Alexei pareceu reanimar-se durante a viagem de trem, mas por pouco tempo. O sangue continuava a escorrer, e à noite a febre subiu. Ele perdia força. O trem precisou parar várias vezes para que o médico pudesse trocar o curativo das narinas do menino. De noite, Alexei desmaiou duas vezes. Os que cuidavam dele temiam que morresse. Nicolau telegrafou para Alexandra avisando que ninguém deveria esperá-los na estação.

O trem parou em Tsárskoie Seló às 11 da manhã do dia 5. Alexandra estava esperando. Nicolau lhe disse que Alexei se sentia melhor e que o sangramento tinha parado. Ela se virou para Pierre Gilliard, preceptor das crianças, e quis saber quando tinha acontecido. Às 6h20 daquela

manhã, respondeu ele. Eu sabia, disse ela, pois naquele momento exato Raspútín lhe passara um telegrama: “Deus vai ajudar. Ele vai ficar bom”. Alexei foi cuidadosamente tirado do trem e levado para o Palácio de Alexandre. Esse movimento foi o bastante para reabrir as feridas no nariz do menino, e o sangue voltou a escorrer. Eles cauterizaram as veias das narinas, mas não adiantou. A hemorragia continuou. A essa altura Alexandra estava fora de si de tanta preocupação. ²

Em suas memórias, Vírubova escreve que também estava lá naquele dia (5 de dezembro) quando Alexei chegou da Stavka. Viu médicos apreensivos cuidarem do tsarévitch. Alexandra ajoelhou-se ao lado da cama, desesperada, exigindo que alguma coisa fosse feita para salvar o filho. Quando chegou em casa, Vírubova recebeu um bilhete da imperatriz pedindo para chamar Raspútín. Ele veio imediatamente e foi, com Nicolau e Alexandra, ver o menino. Aproximou-se da cama e fez o sinal da cruz sobre ele. Disse que não se preocupassem, pois não era sério. Alexei ficaria bom. Dito isso, virou-se e foi embora. Logo depois o sangramento parou. Exatamente como em Spala três anos antes, os médicos não conseguiam explicar o que acontecera. A recuperação de Alexei foi tão completa que Nicolau, de acordo com Vírubova, pôde voltar para a Stavka no dia seguinte. ³

Parece, no entanto, que nesse caso não se deve confiar na memória de Vírubova. Nicolau só voltou para a Stavka em 12 de dezembro, uma semana depois de chegar a Tsárskoie Seló. Mais importante ainda, parece que Raspútín não foi ver Alexei no palácio em 5 de dezembro, o momento crítico do seu retorno, mas só no dia seguinte. Nicolau escreveu em seu diário no dia 6 que toda a família se reuniu depois do café da manhã e foi ver Alexei. Ele estava bem melhor, a febre baixara e, mais importante, “o sangramento tinha parado depois da segunda cauterização”. Foi só no fim do dia, depois do jantar, que Raspútín apareceu e eles foram ficar com Alexei. ⁴ Ao que tudo indica, portanto, Raspútín não esteve no palácio no dia 5. Belétski disse à Comissão que Raspútín não apareceu no dia 5, quando foi convocado, mas esperou até o dia seguinte. ⁵ Os arquivos da polícia não ajudam muito, pois mostram Raspútín visitando o palácio apenas nos dias 11, 26 e 29 daquele mês.

Os arquivos contêm, entretanto, um telegrama interceptado pela

polícia que Raspútin passou para o imperador no dia 6 às 13h20. “Seu dia de homenagem foi muito glorificado com a realização de milagres, muita paciência; é um exemplo do grande milagreiro. Ele nos dará consolo e estará conosco para sempre. Não há ninguém a temer. Grigóri Nóvi.” ⁶ Era o dia onomástico do imperador, e Raspútin escrevera para cumprimentá-lo. Foi uma época de “realização de milagres”, sem dúvida, pois Alexei mais uma vez fora salvo do que parecia a morte certa. Para Raspútin, tinha sido obra de Deus, não da ciência médica. Não se sabe ao certo a que Nicolau atribuiu a recuperação do filho, mas, no que diz respeito a Alexandra, esse último incidente provou mais uma vez os poderes infinitos de seu amigo.

PARTE SEIS
O ÚLTIMO ANO
1916

53. Revolução no ar

“Voltei em 1916”, recordava-se a princesa Lucien Murat após três anos de ausência da Rússia, “e o camponês prosperava. Não se pensava em outra coisa que não fosse Raspútin, ele ocupava a mente de todo mundo. Nos trens, nos bondes, na Duma, na rua, na casa dos grão-duques, em todo lugar, como um refrão, o nome desse homem era repetido infinitamente, e sobre ele, esse bode expiatório, recaíam todos os erros de um regime apodrecido.” ¹

Um diplomata francês que acabara de chegar à Rússia em janeiro de 1916 fez comentário parecido, notando que todas as conversas “sempre acabam levando a Raspútin”. Concluiu seu relatório com palavras proféticas: “*La révolution est dans l’air*”. ²

Não era só o fato de Raspútin ser praticamente o único assunto dos russos — o que eles diziam era ainda mais chocante. No começo de janeiro a Okhrana de Moscou descobriu que vários editores de jornais locais vinham distribuindo pelo correio uns versos grosseiros contra Raspútin, reproduzidos por hectógrafo, sob o título de “Tempo de folga de soldados doentes: Quem manda na Rússia”.

Marinheiro diz para soldado:
Irmão, pouco importa o que você diga,
a Rússia hoje é governada pelo pau.
O pau nomeia ministros.
O pau formula política,
Escolhe arcebispos,
E distribui medalhas e cargos.
O pau comanda as tropas.
Movimenta os navios.
Tendo vendido a pátria para os judeus,
O pau aumentou todos os preços.

Por isso o pau é forte e poderoso.
E rico de talentos.
Está claro, não é um pau qualquer.
Dizem que tem trinta e cinco centímetros [...].

E o pau andava muito ocupado:

Camponesas desfrutaram o pau.
E as da cidade também,
Depois de provarem o pau as mulheres dos comerciantes
Tiveram que contar às damas da nobreza também.
Assim o pau do santo homem adquiriu tanto poder
Que poderia ter sido promovido a marechal de campo.
Logo alcançou o palácio do Tsar,
Onde comeu todas as damas de companhia,
E as filhas donzelas do Tsar também,
Mas quem mais ele comeu foi a tsarina [...].

Os autores, identificados como “Os Esquecidos”, terminavam com um apelo aos leitores para copiarem suas palavras e ajudarem a distribuí-las por toda a Rússia. ³

O membro de Raspútin figurava em outras sátiras. Uma caricatura estrangeira popular entre os oficiais no começo de 1916 fazia um contraste entre a imagem do kaiser Guilherme medindo um projétil de um metro de comprimento e uma de Nicolau, de joelhos, medindo o impressionante tamanho do pênis de Raspútin. Naquela primavera, os alemães lançaram de zepelins cópias do desenho sobre as linhas de frente. A essa altura, os oficiais russos compartilhavam essas coisas abertamente, rindo muito, sem nenhum constrangimento ou vergonha. ⁴ Uma caricatura do pênis de Raspútin com a legenda “o leme que governa a Rússia” também era um sucesso. ⁵ Soldados diziam que era o pênis avantajado que garantia o lugar de Raspútin na corte. Dizia-se que a responsável tinha sido a imperatriz viúva, que “precisava de um membro grande”. ⁶ Para alguns soldados, fazia todo sentido Raspútin dormir com a imperatriz. Um soldado camponês, de nome Larkin, deu a seguinte explicação: “Dizem que ele é bom de mulher, e a tsarina, ela é mulher também, ela precisa, mas seu homem está ausente, no front. E nossas mulheres em casa, você sabe, elas têm se divertido com esses austríacos”. ⁷

Outro boato surgido em janeiro dizia que Raspútin tinha sido

designado *lampadnik*, o acendedor dos lampiões do ícone da Catedral de Fiódorovski, em Tsárskoie Seló. O fato de não existir esse cargo era irrelevante, pois correspondia naturalmente à percepção popular de que Raspútin estava sempre ao lado da família imperial. Alguns alegavam que com o novo título vinha acesso irrestrito ao palácio e, por extensão, à imperatriz. O deputado Vassíli Maklakov, autor de “Uma situação trágica”, mencionou o assunto num discurso na Duma. Quando mencionou que não sabia se a história era verdadeira ou apenas uma piada qualquer, uma voz se ergueu no salão: “*Pravda!*” — verdade. ⁸ Alexandra mencionou o boato, e as insinuações maldosas por trás, numa carta para Nicolau em 7 de janeiro. Definiu os rumores como “idiotas” e disse que riu muito, como “qualquer pessoa sensata” o faria. Mesmo assim, acrescentou também que, embora tivesse vontade de ver Raspútin, não o chamava quando Nicolau estava ausente, “porque as pessoas são sórdidas”. ⁹

Alexandra, ao que parece, não tinha ideia do quanto as pessoas podiam ser sórdidas. Naquele mesmo mês comentava-se na capital que alguns políticos de direita haviam começado a discutir precedentes históricos de divórcio tsarista. Dizia-se que Alexandra concordara com a separação, depois recuara quando soube que teria de ir para um convento. Nicolau, segundo o boato, ficou furioso com a mudança de ideia de Alexandra. Nos bondes da capital, as pessoas diziam abertamente que era hora de a imperatriz se recolher num convento. Até mesmo Valentina Chebotariova, que conhecia a imperatriz graças ao seu trabalho no Hospital do Palácio e tinha grande respeito por ela, achava que era o que Alexandra devia fazer: “Seria um gesto tão lindo — ir para um convento”, escreveu em seu diário em 27 de janeiro. “Imediatamente todas as acusações de germanofilia desapareceriam, todas as sórdidas conversas sobre Raspútin acabariam, e, talvez, as Crianças e o Trono seriam poupados de grande perigo.” ¹⁰ Outro boato dava conta de que Nicolau seria o afastado, não Alexandra, que então se tornaria regente e governaria com Raspútin. ¹¹ A gente comum começou a espalhar que Nicolau já tinha ido para um mosteiro depois de “dar a Grichka a escritura do reino”. ¹²

Aceitava-se como fato que Raspútin agora passava quase todos os dias no palácio, mas a polícia que o vigiava registrou apenas oito visitas suas

nos três primeiros meses de 1916, e de abril até o começo de outubro ele só esteve em Tsárskoie Seló seis vezes. ¹³ Vírubova, porém, foi visita frequente no apartamento de Raspútin na rua Gorokhovaia durante janeiro e a primeira quinzena de fevereiro, atuando como contato entre ele e Alexandra. ¹⁴ Os arquivos da polícia mostram que, ao contrário de anos anteriores, Raspútin raramente visitava igrejas, cerca de uma vez por mês, até menos. Agora passava boa parte do tempo bebendo e farreando. ¹⁵

Ele deu uma grande festa no dia do seu santo, 10 de janeiro. Alexandra desejou felicidades em nome da família. “Indizivelmente eufórico”, respondeu ele. “A luz de Deus brilha em você, não teremos medo de nada.” ¹⁶ Khvostov e Belétski usaram dinheiro do fundo secreto para comprar presentes caros não só para Raspútin, mas para toda a sua família, que tinha ido em peso comemorar o que seria seu último aniversário. A festa durou o dia inteiro, entrando pela noite, com os convidados chegando em ondas para cumprimentar Raspútin e trazendo presentes — trabalhos em prata e ouro, móveis, tapetes, pinturas, *objets d’art* —, tudo levado depois para a casa da família em Pokróvskoie por Praskóvia e Dmítri. Munia Golovina foi e ficou chocada com a quantidade de gente, os presentes, as cestas de frutas e bolos. Ela deu a Raspútin uma camisa de seda branca bordada com fios de prata. A certa altura, Piotr Mudroliubov, secretário-chefe do Sínodo, fez um longo brinde elogiando Raspútin e sua importância para o Estado como “um homem simples que depositou as dolorosas necessidades do povo aos pés do trono”.

Tendo bebido muito, Raspútin deitou-se para um cochilo de fim de tarde e depois se juntou novamente aos convidados. Um grupo íntimo ficou para beber e dançar ao som da música de um pequeno coro cigano. No fim da noite todos estavam bêbados. Munia não gostou da presença de tanta gente. Havia pessoas que tinham ido só para obrigar Raspútin a beber e dançar, como se isso fosse a diversão delas. Ele era simples e amável demais, comentou ela, para perceber. Vários convidados ficaram para dormir, embriagados demais para achar o caminho de casa. Segundo a polícia, no dia seguinte dois maridos ciumentos apareceram armados de revólver à procura das mulheres. Os agentes os detiveram por tempo suficiente para que as mulheres se

ajeitassem e saíssem pela porta dos fundos, antes de permitir que entrassem para procurá-las. Um Raspútin mais contido restringiu sua sociabilização por um tempo e prometeu nunca mais deixar mulheres casadas passarem a noite em seu apartamento, mas ao que parece logo depois esqueceu a promessa. [17](#)

Em meados de fevereiro circulou o boato de que um grupo de oficiais chefiados pelo conde Orlov-Davidov quase tinha matado Raspútin depois de uma orgia na suburbana Villa Rode. Constava que Raspútin tinha levado uma surra tão grande que passou duas semanas no hospital; outros afirmavam que estava morto. [18](#) Nada disso, porém, era verdade, e Raspútin esteve em casa, na rua Gorokhovaia, durante todo o mês de fevereiro. Foi talvez essa história que levou Purichkévitch a distribuir na Duma, no dia 16 daquele mês, cópias de uma fotografia de Raspútin cercado por suas devotas, com uma legenda de autoria do próprio Purichkévitch rabiscada à tinta na parte de baixo: “Grigóri Raspútin e as p*tas da alta sociedade”. [19](#) Seu golpe publicitário foi um sucesso retumbante.

54. Ministro trama assassinato

Ainda antes do fim de 1915, Khvostov tinha começado a tramar o assassinato de Raspútin. O homem a quem tinha sido incumbido de proteger ele agora tentava eliminar. Os planos da troica para controlar Raspútin haviam fracassado desde o início. O dinheiro entregue ao príncipe Andrónnikov para ser repassado a Raspútin muitas vezes acabava indo direto para seu próprio bolso, e Khvostov e Belétski perceberam que precisavam tirá-lo de suas operações. A troica tornou-se uma dupla. Os dois acabaram entendendo o quanto a influência e a rede de contatos de Raspútin eram extensas, bem como sua inteligência e suas habilidades naturais. Haviam-no subestimado, e reconheceram que não teriam mais êxito em neutralizá-lo do que outros que tentaram antes deles. Além disso, Khvostov esperava que Raspútin promovesse sua candidatura a primeiro-ministro, mas Goremíkin continuava firme no cargo, para seu desagrado. Khvostov estava cansado dos infundáveis bilhetes dos peticionários de Raspútin e não gostava dos seus modos excessivamente íntimos. ¹

Ao contrário de seus antecessores, porém, Khvostov não estava disposto a reconhecer a derrota, e colocou todas as opções na mesa para serem levadas em conta. “Para mim tanto faz”, disse ele a Aleksandr Spiridóvitch, “ir com Grichka a um bordel ou atirá-lo do para-choque debaixo do trem.” Spiridóvitch mal conseguia acreditar no que ouvia. “Parecia que aquele sujeito gorducho, rosado e bem alimentado, com olhos ardentes e risonhos, não era um ministro, mas uma espécie qualquer de rude bandoleiro.” ² Quando a Comissão lhe perguntou se não dispunha de outros meios além do assassinato para combater a influência de Raspútin, Khvostov respondeu: “Não mesmo. Eu via

quando entregava meus relatórios como sua influência era forte. Tentei abrir-lhes os olhos sobre ele, mas deparei com uma resistência tão grande que desisti, e cheguei à conclusão de que a única maneira de se livrar dele era matando-o”. ³ O vice-ministro Belétski estava de acordo com os planos do chefe.

Em dezembro, Khvostov e Belétski tiveram a ideia de mandar Raspútin numa peregrinação a alguns mosteiros do norte do país, em companhia do padre Martemian, conhecido do siberiano. Khvostov deu a Raspútin 5 mil rublos para a viagem, e os dois começaram os preparativos para a jornada. De início, Raspútin pareceu gostar da ideia. Não desconfiava que Martemian fora recrutado para arremessá-lo para fora do trem em alguma região remota. No último minuto, a viagem foi cancelada. É possível que Raspútin tenha mudado de ideia e se recusado a ir, talvez porque, como Belétski escreveria mais tarde, desconfiasse do inegável nervosismo do ministro. Talvez Martemian no último minuto tenha mudado de ideia: é bem possível que o sacerdote decidisse que não queria se envolver num assassinato. ⁴

Matar Raspútin tornou-se uma ideia fixa para Khvostov, que logo voltou a explorar outras possibilidades. Parte do problema era que Raspútin àquela altura estava muito bem protegido. Havia três diferentes grupos envolvidos: os agentes de Spiridóvitch, encarregado da polícia secreta da corte que salvaguardava a família real; os agentes do Ministério do Interior; e por fim um grupo seletivo de agentes escolhidos pelo próprio Khvostov. ⁵ Nenhum desses grupos confiava nos outros, nem trabalhava de forma coordenada. Gippius capturou bem a natureza absurda dos guardas de Raspútin numa anotação que fez em seu diário em 24 de novembro de 1915: “Khvostov, rilhando os dentes, ‘protege’ Grichka. Mas quem saberia mesmo dizer quem protege quem? Grichka tem seus guardas, Khvostov tem os seus, os agentes de Khvostov ficam de olho nos de Grichka, enquanto os de Grichka nos de Khvostov”. ⁶

Os agentes de Khvostov eram chefiados pelo coronel Mikhail Komissárov, ex-chefe dos gendarmes da cidade de Perm, recomendado por Belétski em razão de suas raras habilidades em “serviços secretos”. Komissárov formou sua própria equipe de agentes, que incluía até automóvel e chofer. Oficialmente, o trabalho de Komissárov era

impedir que Raspútin ficasse bêbado e afastá-lo das más companhias; na realidade, porém, ele embriagava Raspútin o máximo que podia e o apresentava a todo tipo de gente duvidosa. Começou a visitar Raspútin com frequência várias vezes por dia, informando a Khvostov e Belétski sobre tudo o que via. Globatchev descreveu Komissárov como muito inteligente e capaz, porém “um grande intrigante, pronto para trabalhar com qualquer um, desde que isso servisse a seus interesses pessoais”. ⁷

Com o auxílio de Komissárov, Khvostov e Belétski começaram a explorar novas ideias para acabar com Raspútin. Para um homem como Komissárov, matar Raspútin não era mais complicado do que protegê-lo. Ele faria qualquer coisa que os superiores mandassem, se considerasse bom para sua carreira. Um dia, na dacha do dr. Badmáiev, ele disse calmamente, enquanto limpava um pedaço de peixe branco defumado: “É assim que pretendo arrancar a pele de Grichka”. ⁸ Numerosas ideias foram discutidas. Uma delas era atrair Raspútin para um encontro com uma senhora fictícia e então estrangulá-lo dentro do automóvel numa parte deserta da cidade. Depois jogariam o corpo num buraco no gelo do rio Neva, até que o degelo da primavera o arrastasse para o mar. Outra opção era que fosse morto por homens de Komissárov disfarçados de maridos enganados em busca de vingança. E numa reunião Khvostov declarou que ele mesmo mataria Raspútin, e sacou sua pistola Browning para provar que falava sério.

Belétski começou a ter dúvidas. A obsessão de Khvostov por matar Raspútin e sua total falta de escrúpulos, de que a essa altura Belétski estava bem ciente, levaram a uma mudança de opinião. ⁹ Ele disse à Comissão: “O governo não pode começar a comportar-se como a máfia”. ¹⁰ Belétski aos poucos se deu conta também da inutilidade de matar Raspútin, pois outra figura simplesmente tomaria o seu lugar, e nada mudaria. Mas por ora guardou suas dúvidas para si. Já Khvostov começava a pôr em dúvida o comprometimento de Belétski com o plano, passando a encontrar-se sozinho com Komissárov, chegando a oferecer-lhe 200 mil rublos de seu fundo secreto para preparar o assassinato por conta própria. Durante uma dessas conversas, Khvostov tirou grandes pilhas de dinheiro do cofre e colocou em cima da mesa para Komissárov saber que estava falando sério. Khvostov disse para não se preocupar com nada, pois lhe dava sua palavra, como ministro

tsarista, de que protegeria Komissárov para que nada lhe acontecesse. Mas Komissárov conhecia Khvostov o suficiente para não confiar nele, por isso contou tudo a Belétski que, por sua vez, repassou a informação a Raspútin. Foi quando o assunto morreu, pois Raspútin nunca se deu ao trabalho de fazer nada a respeito. [11](#)

Komissárov e Belétski se juntaram e resolveram preparar um plano para antecipar-se a Khvostov. Na reunião seguinte, Belétski propôs que envenenassem Raspútin. Khvostov gostou da ideia, por isso Komissárov foi despachado para obter algum tipo de toxina capaz de fazer o serviço. Logo depois, eles se reuniram no gabinete de Khvostov, onde Komissárov lhes mostrou as diversas drogas que coletara e como funcionavam. Tinha experimentado uma delas num gato, explicando, deliciado, que o infeliz felino se contorcera de agonia antes de cair morto. O plano era matar Raspútin colocando o pó tóxico em seu amado vinho madeira. Khvostov adorou a ideia; não imaginava, porém, que o pó era inócuo. Komissárov tinha inventado a história do gato e contado sobre a composição química e os efeitos do veneno com base no que tinha lido num manual de farmacologia. [12](#) A substância foi suspensa numa solução e injetada nas garrafas de uma caixa de vinho madeira, depois despachada para Raspútin como presente do seu amigo banqueiro Dmítri Rubinshtein. Em seguida, ficaram esperando. Nada aconteceu, claro. Khvostov percebeu que alguma coisa estava errada e começou a suspeitar que Belétski e Komissárov o enganavam. [13](#) Khvostov decidiu então que precisava encontrar um novo cúmplice para seu plano. Rapidamente escolheu o maior inimigo de Raspútin, o homem que já tentara matá-lo: Iliodor. Como o desacreditado ex-monge tinha fugido do país, Khvostov se deu conta de que precisava encontrar mais uma pessoa, alguém que pudesse enviar a Iliodor para ajudar a preparar o assassinato.

Boris Rjévski tinha servido sob as ordens Khvostov em Níjni Nóvgorod como funcionário incumbido de “tarefas especiais” e depois ajudado o chefe a eleger-se para a Duma. Mais recentemente, Rjévski tinha trabalhado como repórter para jornais como *A Voz de Moscou* e *Tempo Verspertino*. Quando Iliodor foi trancafiado no Mosteiro de Florishev, Rjévski deu um jeito de disfarçar-se usando maquiagem de ator para entrar na cela dele e fazer uma entrevista. Baixo e magro, com

aparência manhosa, Boris, de acordo com Zinaida Rjévskaja (née Zazulina), sua companheira, era homem “disposto a qualquer aventura”. ¹⁴ Globatchev definiu-o como “uma pessoa desequilibrada, histérica e totalmente inescrupulosa”. ¹⁵

Rjévski apareceu em Petrogrado em dezembro, agora trabalhando para a Cruz Vermelha e vivendo bem: tinha um suntuoso apartamento, um automóvel, cavalos, e sua mulher andava com diamantes e peles. ¹⁶ Procurou o antigo chefe, e Khvostov resolveu usar as suas habilidades. Instruiu Belétski a contratar Rjévski e dar-lhe algum dinheiro do ministério para abrir um clube de jornalistas, a fim de que ele pudesse monitorar as atividades dos repórteres de esquerda da cidade. Belétski teve uma conversa com Rjévski e o achou “extremamente inamistoso” e “um fanfarrão egoísta e arrogante”, mas fez o que lhe mandaram e o contratou por um salário de quinhentos rublos mensais. Sabendo que Rjévski era homem de Khvostov, Belétski, experiente demais para não desconfiar, mandou que alguns agentes seus o seguissem para ver se descobriam alguma coisa. Ouviu que não havia a menor possibilidade de que o salário oficial de Rjévski na Cruz Vermelha, ou o dinheiro que recebia do ministério, financiasse seu luxuoso estilo de vida, por isso Belétski mandou os agentes investigarem mais a fundo para saber de onde vinha o dinheiro. Descobriram que Rjévski usava seu cargo na Cruz Vermelha para extorquir e ganhar dinheiro com outras atividades criminosas. ¹⁷ Belétski agora tinha em mãos o *kompromat* de que precisava a respeito de Rjévski. Preferiu, no entanto, guardar essa carta na manga; esperaria o momento adequado.

O que Belétski não sabia na época era que Khvostov tinha planos ainda maiores para Rjévski. Khvostov informou Rjévski de sua intenção de matar Raspútín com a ajuda de Iliodor e perguntou-lhe se estaria disposto a trabalhar nessa missão ultrassecreta e de vital importância. Rjévski disse que sim, que por 5 mil rublos ele era a pessoa que procuravam. ¹⁸ Em 8 de janeiro, Rjévski e Zinaida partiram de Petrogrado para Cristiânia, mas antes de saírem Boris resolveu se proteger de alguma forma contra uma possível traição de Khvostov. Escreveu uma carta minuciosa explicando que Khvostov planejava a conspiração, recrutando-o para a viagem. Deixou a carta com um amigo do clube de jornalistas, um engenheiro chamado Vladímir Heine, com

instruções de fazê-la chegar à imperatriz se alguma coisa desse errado. Isso acabaria sendo a ruína de Rjévski, assim como de Khvostov, pois Heine entrou em pânico e foi correndo passar a informação à polícia. (Segundo outra versão dos acontecimentos, Zinaida contou a Heine sobre o complô depois de uma briga terrível com Boris.) Dessa maneira, antes da partida do casal, Belétski já estava a par do segredo. [19](#)

Os Rjévski chegaram a Cristiânia em 12 de janeiro e hospedaram-se no Hotel Escandinávia usando o nome de Artemieff naquele mesmo dia. Boris foi visitar Iliodor sozinho. Encontrou-o em casa com a mulher e outra russa. Rjévski apresentou-se dando seu nome verdadeiro, identificando-se como secretário pessoal do ministro do Interior Khvostov e dizendo que estava ali numa missão especial. Desconfiado, Iliodor pediu uma prova de identidade. Uma vez satisfeito, os dois se sentaram para conversar. Iliodor perguntou o que Rjévski queria. “Juntos, vamos fazer uma grande proeza, que entrará para a história”, respondeu Rjévski. “Fui mandado aqui por Khvostov para lhe pedir que mate Raspútin.” [20](#)

Iliodor não soube o que pensar. Perguntou a Rjévski por que Khvostov, um ministro, tramaria um assassinato. Rjévski lhe disse que Raspútin se vendera aos judeus e trabalhava nos bastidores para firmar um acordo de paz em separado com a Alemanha. Tornara-se poderoso demais e estava impedindo o importante trabalho de Khvostov. “Ele joga com os ministros como se fossem peças de xadrez”, disse Rjévski. “Torna a vida insuportável para o pessoal do governo.” Disse a Iliodor que Khvostov não confiava em mais ninguém para realizar essa tarefa, por isso resolvera procurá-lo. Numa entrevista posterior para a imprensa sueca, Iliodor declarou que fingiu cooperar com Rjévski só para saber do que se tratava realmente, e prometeu ajudar recrutando seu pessoal em Tsarítsin. Em troca, queria 50 mil rublos. Rjévski sabia que Khvostov tinha separado 100 mil rublos para a operação. “Isto é o de menos”, respondeu ele. Iliodor pegou caneta e papel e escreveu. “De acordo. Preciso de 60 mil. Iliodor.” [21](#)

Rjévski descreveu o plano. Uma dama de companhia que colaborava com eles telefonaria para Raspútin dizendo-lhe que deveria aparecer na corte imediatamente. Um carro iria buscá-lo. Rjévski, disfarçado de chofer, levaria Raspútin para um lugar combinado, nos arredores de

Petrogrado, onde seus cúmplices cuidariam de assassiná-lo. Com Raspútin morto, Khvostov tomaria providências para que Iliodor fosse anistiado e pudesse voltar para a Rússia sem medo de ser preso. Rjévski e Iliodor então discutiram a logística da operação: como o dinheiro seria pago e seus cúmplices — cinco indivíduos de Tsarítsin recrutados por Iliodor — receberiam passaportes para irem a Cristiânia receber mais instruções. A imprensa escandinava não poderia deixar de notar que a história de Iliodor tinha todos os elementos de “um verdadeiro romance policial”. Nem deixou de observar o que a história revelava sobre seus vizinhos orientais: “Todo esse negócio parece insano demais para ser possível, mesmo na Rússia”. ²²

Após dois dias em Cristiânia, Boris e Zinaida partiram para Petrogrado. Belétski estava preparado para confrontá-los. Tinha alertado a guarda de fronteira para deter o casal e provocar um incidente quando tentassem reentrar no país. Os guardas fizeram Boris confessar sua verdadeira identidade, escreveram um relatório sobre o incidente fabricado e informaram a Rjévski que, chegando à capital, deveria apresentar-se a Belétski para responder a mais perguntas. ²³ Rjévski, muito nervoso, apareceu no escritório de Belétski. O vice-ministro não investigou diretamente a trama de assassinato, mas começou perguntando como um funcionário da Cruz Vermelha, com salário de quinhentos rublos por mês, conseguia manter um estilo de vida tão grandioso. Rjévski tentou convencê-lo de que ele estava errado, mas Belétski o interrompeu dizendo que sabia tudo sobre suas negociatas corruptas e ameaçando-o exilá-lo na Sibéria. Rjévski pôs-se a tremer. Então Belétski lhe disse que só uma coisa talvez pudesse salvá-lo: contar por escrito tudo que sabia sobre o complô para assassinar Raspútin, tomando o cuidado de ressaltar o papel de Khvostov. ²⁴ Belétski agora tinha em mãos tudo de que precisava para derrubar o chefe e, com um pouco de sorte, tornar-se o próximo ministro do Interior.

Ao que parece, Rjévski procurou o amigo Vladímir Heine para pedir conselhos sobre o que fazer. Os acontecimentos começaram a ganhar velocidade. Em 4 de fevereiro, Heine contou ao secretário de Raspútin, Aron Simanovitch, sobre a trama, e juntos foram informar Raspútin em

sua casa naquele mesmo dia. Raspútin nada fez, mas pediu que Heine mantivesse Simanovitch informado se tivesse mais alguma notícia. No dia seguinte, Raspútin convidou Simanovitch e Vírubova para irem ao seu apartamento. Contou a Vírubova o que sabia sobre o complô e entregou-lhe uma carta para a imperatriz com todos os detalhes. Raspútin parecia ter levado o assunto a sério, mas não ficou excessivamente preocupado. Percebendo que era o fim do jogo e que precisava mudar de rumo, Khvostov entrou em contato com Raspútin e recomendou-lhe que deixasse a cidade, dizendo que acabara de saber que ele corria perigo de vida. Raspútin ignorou o aviso e ficou calmo até Skvortsov, editor de *Sino*, ligar para a rua Gorokhovaia no dia 6 para saber se a notícia de que Raspútin tinha sido assassinado era verdadeira. O siberiano, então, começou a ficar preocupado. Sua filha Maria escreveu naquele dia em seu diário dizendo que “todo mundo está com um humor terrível, todo mundo espera que alguma coisa terrível aconteça”. Uma “nuvem negra” pairava sobre a família. Maria foi à igreja rezar e acender uma vela pela segurança do pai. O pai olhava “com cara feia” para todo mundo, mas apesar disso se recusava a ser intimidado e continuou com suas visitas. “Como é destemido... Que Deus nos ajude.” [25](#)

Raspútin escreveu a Vírubova para pedir ajuda e mandou Simanovitch entregar a carta. Ela disse a Simanovitch para levá-la imediatamente ao general Mikhail Beliáiev, assistente do ministro da Guerra Alexei Polivánov, e contar-lhe tudo. Na noite do dia 6, Alexandra recebeu Vírubova e Beliáiev no palácio e soube da ameaça contra Raspútin. A imperatriz ficou aterrorizada e temerosa de que os agentes da Okhrana contratados para proteger Raspútin pudessem matá-lo. A imperatriz perguntou se o general podia fazer alguma coisa para proteger Raspútin, mas ele afirmou que a questão estava fora de sua esfera de atuação e não quis se envolver. [26](#) No fim daquela noite em Petrogrado, Rjévski foi avisado de que as autoridades iam fazer uma busca no seu apartamento. Rapidamente escreveu outra carta, contando tudo sobre o complô, e pediu a Heine que a entregasse a Raspútin se ele fosse preso e Khvostov não saísse em sua defesa. A polícia não encontrou nenhuma correspondência de Iliodor no apartamento — Rjévski tivera tempo suficiente para escondê-la —, mas descobriu cinco

revólveres e um recibo de 60 mil rublos do Ministério do Interior destinados a Iliodor. Rjévski foi detido. [27](#)

Heine e Simanovitch fizeram uma visita ao general Beliáiev, que lhes garantiu que já estava investigando o assunto. De lá, foram entregar a carta de Rjévski para Raspútin:

Por meio desta atesto que um indivíduo que exerce cargo muito importante me incumbiu de preparar o assassinato de G. Ie. Raspútin e no momento não sei dizer se esse ato maligno não será executado.

Só posso dar os detalhes a G. Ie. Raspútin pessoalmente. Minha prisão ocorreu porque os organizadores do assassinato, vendo minha desaprovação e temendo que eu contasse tudo para G. Ie. Raspútin, deturparam os fatos do caso para que eu não causasse dano.

Boris Rjévski

7 fev. 1916.

P. S. Os documentos que comprovam tudo isto estão em meu poder.

Apesar do que escreveu para Raspútin, Rjévski ainda não tinha abandonado o chefe, e passou um telegrama para Khvostov que chegou às mãos dele no dia 8: “Urgente. Petrogrado. Ministro do Interior. Fui preso. O negócio que o senhor me encomendou precisa ser liquidado. As pessoas foram convocadas. Estão esperando, e resmungando, não recebem o dinheiro diário que lhes foi prometido. Mande instruções. Rjévski”. Alguém rabiscou no telegrama a lápis azul: “A chantagem começa ou continua”. Pode muito bem ter sido esse o objetivo da comunicação de Rjévski com Khvostov: se quisesse meu silêncio, vai ter um preço, do contrário conto tudo à polícia.

Khvostov tentou pôr as mãos na carta de Rjévski para Raspútin, mas era tarde demais. Raspútin já a tinha enviado para a imperatriz. Nicolau retornou da Stavka no dia 8, e Alexandra lhe contou tudo, pelo menos como lhe parecia na época. No fim daquele dia, o imperador teve um encontro com o novo primeiro-ministro Boris Stürmer (que substituiu Goremíkin no fim de janeiro) e ordenou que investigasse e o mantivesse informado. Também mandou Stürmer avisar Khvostov e Belétski sobre a ameaça a Raspútin e instruí-los a tomar todas as providências possíveis para proteger sua vida. [28](#) Claramente, o tsar, assim como Alexandra, ainda não sabia quem eram os principais culpados.

Por volta da uma da madrugada do dia 10, agentes da Okhrana chegaram ao apartamento de Simanovitch e exigiram que ele entregasse todos os documentos em seu poder sobre o assunto. Em seguida o

prenderam sob uma acusação falsa e o levaram para interrogatório. ²⁹ Mais tarde, ainda no mesmo dia, Khvostov apareceu diante do imperador e afirmou que era inocente de tudo e que ajudaria a encontrar uma explicação. Com isso, Nicolau partiu de Tsárskoie Seló para a Stavka. ³⁰ Raspútin agora estava apavorado. No dia 11, recebeu um telegrama de Iliodor: “Mande alguém imediatamente, vou mostrar todas as provas dos planos de pessoas em altas posições para matá-lo, telegrafe seu consentimento”. ³¹ Ao mesmo tempo que o avisava, Iliodor, um dos homens mais desonestos com quem Raspútin deparou na vida, telegrafava para Rjévski dando as últimas notícias sobre os pretensos assassinos: “os irmãos dizem sim”, escreveu, referindo-se ao fato de aceitarem fazer parte do complô; em seguida, “os irmãos foram convocados” e, por fim, “os irmãos chegaram”. ³²

Eram as pessoas que reclamavam das diárias não recebidas, a que Rzhevsky se referiu em seu telegrama para Khvostov. A Okhrana de Petrogrado deteve cinco indivíduos — quatro homens e uma mulher de Tsarítsin, todos ligados a Iliodor — para interrogatório em 20 de fevereiro. O chefe do grupo era um camponês de 42 anos de nome Romanenko. Em janeiro, tinha falado com os outros sobre irem a Cristiânia visitar Iliodor, que disse ter um assunto muito importante para tratar com eles. O plano era viajar primeiro a Petrogrado, onde certo “irmão Mikhail”, de acordo com Iliodor, os encontraria para passar mais informações e dinheiro. ³³ Os arquivos nada dizem sobre que fim tiveram os cúmplices de Iliodor.

Também no dia 11, Alexandra escreveu para Nicolau: “Terça-feira trouxe um bem esplêndido — e depois essa lamentável história sobre nosso amigo. Ela [Vírubova] tentará ajudá-lo da melhor maneira possível — embora em seu humor atual ele grite com ela e esteja terrivelmente nervoso. Mas faz um tempo ensolarado e por isso, espero, ele terá voltado a ser o que sempre foi. Está com medo de sair, diz que alguém vai matá-lo — bem, veremos como Deus cuida disso tudo!”. ³⁴

Zinaida Rjévskaja foi levada à sede da polícia e interrogada nos dias 13 e 14. Disse que Khvostov propusera duas vezes a ideia de matar Raspútin ao marido e confirmou todos os detalhes sobre a viagem deles a Cristiânia. Contou à polícia que Iliodor tinha de fato providenciado para que cinco seguidores seus em Tsarítsin fossem discutir com ele os

detalhes do assassinato. Durante o seu primeiro interrogatório, Boris disse à polícia que Khvostov propusera a ideia de matar Raspútin pela primeira vez dois anos antes, numa reunião no restaurante Palkin em Petersburgo. Rjévski na época se recusara, e Khvostov tocou no assunto novamente no fim de outubro de 1915; mais uma vez Rjévski disse não. Mas Khvostov insistia e não deixava o assunto morrer. No fim, Rjévski topou, mas, segundo disse aos investigadores, jamais teve a intenção de ir até o fim e só queria mesmo descobrir um jeito de ganhar algum dinheiro, dos 60 mil destinados a Iliodor, com um método de troca de moeda que tinha inventado. Rjévski foi tão pressionado no interrogatório que sofreu um ataque de nervos, e a sessão teve que ser interrompida.

Quando os interrogadores voltaram no dia seguinte, foram surpreendidos ao ouvir Rjévski retirar tudo que disse antes. Não havia trama nenhuma, afirmava agora, e Khvostov jamais tinha falado com ele sobre matar Raspútin. A verdade era que Khvostov o mandara procurar Iliodor para tentar adquirir seu manuscrito numa sincera tentativa de proteger o trono contra Raspútin. Quando lhe indagaram sobre a carta que tinha mandado para Raspútin avisando-o das ameaças à sua vida, ele declarou que aquilo era tudo mentira e que só estava tentando cair nas graças do *stárets* siberiano. ³⁵ Obviamente, Khvostov tinha conseguido falar com Rjévski aquela noite em sua cela. Uma oferta de dinheiro provavelmente foi suficiente para comprar a colaboração de Rjévski.

Lutando para salvar a pele, Khvostov inventou a história de que não estava tentando matar Raspútin, mas salvá-lo comprando o livro bombástico de Iliodor. Foi à imperatriz contar essa versão e disse que o complô para matar Raspútin tinha sido coisa de Belétski e Rjévski, sem o seu conhecimento. Contou ao primeiro-ministro Stürmer que Belétski não só tramara o assassinato de Raspútin como se envolvera em intrigas contra o imperador. ³⁶ Incrivelmente, quando parecia mais acuado, Khvostov conseguiu passar a perna em Belétski. No dia 13, Belétski foi demitido do cargo de vice-ministro do Interior. Tornou-se senador, com salário de 18 mil rublos, e governador nomeado de Irkutsk, uma forma de exílio ministerial. ³⁷ Foi uma maneira notavelmente branda de punir um alto funcionário suspeito de tramar o assassinato do amigo mais

íntimo do imperador e da imperatriz, mas era a norma da corte de Nicolau, que estimulava ações criminosas em seu reinado. Nessa atmosfera de seguro moral, até mesmo quase assassinos podiam tornar-se bem remunerados senadores e governadores.

No fim de fevereiro, Simanovitch foi banido para Tver por dois anos, e Rjévski exilado para a Sibéria. ³⁸ Khvostov estava cuidando de não deixar nada pendente. Na noite do dia 28, Stürmer se encontrou com Raspútin e Ivan Manassevitch-Manuilov no Mosteiro de Santo Alexandre Niévski. O primeiro-ministro tentou convencer Raspútin a deixar a cidade por um tempo, só por segurança. Raspútin, com os nervos arrasados pelos últimos acontecimentos, berrou: “Você é uma coisa, realmente uma coisa. Papai e Mamãe me deram ordem para ficar aqui, pessoalmente, e você quer me expulsar... Você está de conluio com os assassinos... Não vou sair, não... Está ouvindo, não vou sair!”. E correu pela sala como um doido. “Eles querem me matar no caminho. Querem prender todos os meus amigos. Não vou... Papai e Mamãe me mandaram ficar e vou ficar. E você, velho, escute, você é que vai embora quando chegar a primavera... Vou lhe mostrar, velho.” ³⁹

E então, em seu momento de triunfo, Khvostov caiu. A verdade da história toda, e do vil caráter de Khvostov, finalmente chegou a Alexandra nos primeiros dias de março. No dia 2, ela escreveu para Nicolau: “Me sinto tão miserável por lhe ter, através de Grigóri, recomendado Khvostov — isto não me dá sossego — você era contra & eu me deixei levar por eles [...] o Diabo tomou conta dele, não há outra explicação. [...] Enquanto Khvostov estiver no poder e tiver dinheiro & a polícia nas mãos — eu honestamente não fico tranquila por Grigóri e Ania. * Meu querido, que cansaço!” ⁴⁰ No dia seguinte, Khvostov foi demitido. Belétstksi mandou entregar um bolo da popular confeitaria Balle para Khvostov. No topo, em glacê de chocolate, estavam escritas as palavras: “Não prepare armadilha para os outros”. ⁴¹ Khvostov contava para qualquer um que quisesse ouvir que fora demitido porque ousara contar ao imperador a verdade sobre os espiões alemães de que Raspútin se cercava e que eles estavam vendendo segredos ao inimigo. ⁴² Quando Raspútin soube disso, comentou com Alexandra que pessoas que falavam daquele jeito deveriam ser castigadas. Quanto a Belétski, Raspútin foi indulgente e não o culpou por seu papel na trama. ⁴³ Além

disso, fez o que pôde para ajudar Simanovitch, escrevendo para Vírubova depois do exílio do amigo: “Espero que ninguém seja forçado a sofrer por minha causa”. ⁴⁴ Komissárov, enquanto isso, tinha sido nomeado governador da cidade de Rostov do Don em janeiro e foi demitido por ordem do imperador seis meses depois. Ao contrário de Belétski, não recebeu pensão nenhuma e perdeu até o direito de usar o uniforme. ⁴⁵

Raspútín pediu ajuda a Spiridóvitch. “São todos assassinos”, resmungou, “todos assassinos.” Khvostov era “um homem mau. Um enganador. Pegou tudo e depois nos enganou. Não tem consciência. É um trapaceirozinho. Só um trapaceiro. Bem, está acabado. Acabado!”. Spiridóvitch tentou acalmar Raspútín, garantindo que estava seguro e que a Okhrana de Petrogrado jamais permitiria que alguma coisa lhe acontecesse. ⁴⁶

Mesmo com Khvostov afastado, Alexandra se mostrava preocupada. Vírubova e o pai começaram a receber ameaças anônimas de morte. A imperatriz estava convencida de que era Khvostov, tentando se vingar dela por ter aberto seus olhos para as intenções homicidas do ministro. Proibiu Vírubova de visitar Raspútín na cidade, temendo por sua segurança. Isso deixou Raspútín furioso, provocando uma briga terrível. Mas Alexandra manteve sua posição, comentando numa carta para Nicolau que Raspútín também “prevê que alguma coisa vai acontecer com ela”. ⁴⁷

Belétski jogou lenha na fogueira contando os detalhes de toda a história para Mikhail Gakkebush-Gorelov, seu conhecido e editor-chefe da *Gazeta da Bolsa de Valores*. Belétski achava que a conversa era em off, mas teve a surpresa de vê-la nas primeiras páginas do jornal em 6 e 7 de março. Em parte nenhuma Raspútín foi mencionado, mas todo mundo sabia quem era o “indivíduo” no centro da história. Nicolau ficou tão furioso com a indiscrição de Belétski que lhe tirou o cargo de governador de Irkutsk. Com isso, a carreira governamental de Belétski chegou ao fim. Ele passou o resto da guerra fornecendo fardas para oficiais subalternos. ⁴⁸ “Foi uma enorme comoção”, escreveu Spiridóvitch, “e o público engoliu o escândalo e todos os detalhes sobre o assassinato como se fosse um romance barato. Não há mais o que fazer. Toda a questão de Khvostov e cia. foi jogada na rua. A multidão

está delirando.” [49](#)

“Só mesmo Sherlock Holmes para desvendar isto”, escreveu Tikhomirov em seu diário. Comentou que não sabia se acreditava no que tinha lido na imprensa, pois Miliukov insistia em dizer que Khvostov só caiu porque queria substituir Raspútín por outro. Dizia-se que Ievguêni Klimovitch, diretor do departamento de polícia a partir de meados de fevereiro de 1916, quando soube de toda a verdade ficou cego e seu cabelo embranqueceu da noite para o dia. [50](#) Klimovitch não poderia ficar tão surpreso assim, no entanto. No fim de 1915, ele mesmo dissera ao padre Vostokov que Khvostov “se livrará de Raspútín”, que possivelmente seria assassinado. Vostokov deve ter gostado da surpresa, pois era bem isso o que desejava. Não muito tempo depois, ele comentou com Serguei Melgunov que a Rússia estava precisando de um golpe como os que derrubaram os tsares Pedro III e Paulo I, ambos assassinados. Melgunov mal podia acreditar no que ouvira: um padre ortodoxo propondo regicídio. [51](#) Raspútín ficou abaladíssimo pelo episódio. Sabia que acabaria sendo morto. “Afastei a morte outra vez. Mas ela voltará para me pegar... Como uma virgem faminta, ela me achará”, teria dito. [52](#)

Em meados de março, Raspútín viajou para casa. Zinaida Rjévskaja, que ia ver o marido na Sibéria, estava no mesmo trem. Depois que Boris foi elixado, Zinaida visitou Raspútín e suplicou que fizesse alguma coisa. Ele lhe deu um bilhete endereçado a Stürmer, no qual pedia que a ajudasse a ter o marido de volta (gesto generoso, levando em conta que o marido quis matá-lo), porém o que mais o interessava era ir para a cama com ela, a confiar nas memórias dela. No trem, parecia um tanto distante, formal, apesar de convidá-la para jantar com ele em sua cabine. Zinaida foi e bateu à sua porta, mas deparou com Raspútín fazendo amor com a jovem princesa Tatiana Chakhovskaia. Os dois não notaram a presença de Zinaida, que fechou a porta e saiu às pressas. [53](#)

É uma história saborosa, esse improvável encontro no trem, mas, como quase tudo que se diz sobre Raspútín, tem cheiro de pura fantasia. Quais eram as chances de Rjévskaja acabar no mesmo trem com Raspútín? Incrivelmente, uma carta esquecida nos arquivos russos oferece provas de que Rjévskaja talvez estivesse falando a verdade.

Alexei Tatíschev, funcionário do Ministério da Agricultura, de trinta anos, escreveu para a mãe uma carta da Sibéria contando que acabara viajando no mesmo vagão com Raspútin e também com a mulher do funcionário que Khvostov tinha despachado para conversar com Iliodor. “Essa mesma senhora, como quis o destino, é uma das seguidoras de R. e nos assegura que ele é um homem mui[to] gentil, bom e inteligente, embora use sua posição para obter vantagens financeiras”, escreveu ele. “Como o faz também, segundo ela, Ania Vír.” ⁵⁴ Os encontros de Zinaida com Raspútin não ficaram só nessa viagem de trem. A Okhrana de Petrogrado registrou dois encontros amorosos seus com Raspútin no Hotel Select em agosto. ⁵⁵ Ela preferiu não mencionar nenhum desses encontros em suas memórias.

Os efeitos colaterais da trama ministerial para matar Raspútin reverberaram durante toda a primavera de 1916. Em meados de maio, a Duma fez um apelo ao primeiro-ministro e ao ministro da Justiça exigindo um relato completo do escândalo. O sórdido episódio deu aos deputados mais uma oportunidade de manter Raspútin nas manchetes e, com isso, pretexto para novos ataques ao trono. Não havia escassez de histórias na imprensa. “Um conto de fadas bizantino nas margens do Neva”, anunciou *L’Echo de Russie* em 15 de abril:

O caso Rjévski já foi apelidado de romance em folhetim. Em nossa opinião, a expressão é fraca. Diante dos nossos olhos, como se vistos num caleidoscópio, canalhas, funcionários, cidadãos comuns, aventureiros e suas amantes, engenheiros etc. vão ocupando seu lugar em rápida sucessão. As ações passam de um cenário para outro com notável velocidade. De repente somos levados de Petrogrado para a Noruega, do apartamento da amante de um aventureiro para um encontro com uma alta personalidade, de um gabinete governamental para uma cela de prisão. A política é transformada em romance, e o romance transformado em política. [...] Impossível não estremecer quando deparamos com esse quadro penoso, se pensarmos nos enormes desafios e dificuldades históricos que nosso governo tem pela frente.

⁵⁶

* Vírubova.

55. Iliodor na América

Havia pelo menos uma pessoa feliz com o caso Khvostov. Serguei Melgunov já tinha anunciado a publicação do livro de Iliodor no ano seguinte em sua revista *Voz do Passado*, e percebeu que o escândalo ajudaria a aumentar o interesse e, portanto, as vendas. O editor planejava ganhar uma bela soma com as revelações de Iliodor.¹ Mas se achava que, tendo adquirido uma cópia do manuscrito, Iliodor ia ficar sentado esperando que ele o publicasse e colhesse todas as recompensas financeiras, estava enganado. Iliodor também sabia que o escândalo poderia ser usado em benefício próprio e fez o que pôde para agir na hora certa.

No começo de 1916, Iliodor estava negociando a venda do manuscrito para um repórter do *Palavra Russa* e recebera manifestações de interesse dos alemães.² De acordo com relatórios da polícia russa, Iliodor vinha recebendo visitas regulares de representantes do Reichstag alemão, que chegaram a oferecer-lhe 10 mil rublos pela obra. Os americanos também bateram à porta de Iliodor. Em 4 de dezembro de 1915 (NE), a Expedição de Paz Henry Ford partiu de Hoboken, Nova Jersey, no navio *Oscar II* para reunir pacifistas dos Estados Unidos e países não combatentes da Europa. Viajavam com os delegados numerosos repórteres, como Herman Bernstein, jornalista nascido na Alemanha, tradutor (de Tolstói e Tchekhov, entre outros) e defensor dos direitos dos judeus. A primeira parada foi em Cristiânia, no fim de dezembro, e ali Bernstein teve um encontro com Iliodor para conversar sobre a situação na Rússia e possivelmente adquirir seu manuscrito, que o jornalista via como ferramenta para derrubar o regime opressor e antissemita da Rússia. O violento antissemita russo e o combatente

americano pela liberdade e igualdade dos judeus, um que considerava os tsares lenientes demais com os judeus, o outro, duro demais — uma curiosa dupla de aliados. Bernstein ofereceu a Iliodor 8 mil dólares e prometeu publicá-lo nos Estados Unidos, mas, segundo a mulher do religioso, a proposta foi rechaçada. Iliodor disse que não aceitava nada abaixo de 15 mil dólares. Bernstein saiu sem o manuscrito, mas as negociações entre os dois estavam longe de acabar. ³ Na verdade, Iliodor disse ao *Aftenposten* em março que já tinha vendido os direitos para um editor americano, que só pode ter sido Bernstein. ⁴ Mais ou menos na mesma época, Iliodor se correspondia com exilados russos na Inglaterra sobre a possibilidade de o livro ser publicado naquele país.

A Okhrana estava a par das atividades de Bernstein, pois também andou tentando comprar o livro. Por ordem de Belétski, Ivan Smirnov, vice-diretor da polícia, escreveu para todas as embaixadas e consulados russos incumbindo-os de descobrir quem estava com o manuscrito e tentar adquiri-lo, fazendo-se passar por editor interessado. Deveriam “seguir todos os métodos conspiratórios e agir com extrema cautela”. O agente especial Krasilnikov, em Paris, recomendou que fosse mandado a Cristânia um agente disfarçado de editor francês. Mas em seguida, antes que alguma coisa pudesse ser feita, Smirnov cancelou toda a campanha em 24 de março, declarando que não havia mais necessidade de adquirir o texto. ⁵

A Okhrana pode ter recuado porque àquela altura outra pessoa muito mais poderosa tinha começado a negociar com Iliodor — ninguém menos do que a própria imperatriz. Em 1o de março (VE), Iliodor mandou a mulher Nadejda a Petrogrado com cartas para a imperatriz informando-a da visita de Rjévski e do complô para assassinar Raspútin. Iliodor juraria depois que jamais teve intenção de participar do complô e estava apenas fingindo colaborar até chegar a hora de torná-lo público. Mais uma vez estava mentindo. A data da partida de sua mulher diz tudo: semanas depois da prisão de Rjévski e da descoberta da conspiração pela polícia. ⁶ Iliodor estava informando a imperatriz sobre uma coisa que ela já sabia. Apesar disso, Alexandra parece ter ficado feliz com as cartas de Iliodor, que ela acreditava que fossem “sinceras”, e as entregou a Stürmer para sua investigação. ⁷

Não se sabe qual era o conteúdo das cartas, mas parece que, além de

informá-la da visita de Rjévski, Iliodor ofereceu o manuscrito para a imperatriz. Em meados de abril, um homem apareceu no apartamento de Iliodor. Disse que seu nome era Roman Ivan Petrov e que trabalhava para o governo russo. Tinha ido a Cristiânia com um homem chamado Serguei Chicherin, que ficara esperando no Grande Hotel, quarto 345. Seus nomes verdadeiros eram Richard Perang, tenente-coronel dos gendarmes envolvido na investigação do assassinato de Stolípín, e conde Boris Borkh, conselheiro de Estado de longa data e assistente em diversos cargos do primeiro-ministro Stürmer.

De acordo com Khvostov, Borkh tinha posto várias vezes seu apartamento à disposição de Stürmer e Raspútín para seus encontros privados. Descreveu-o como “uma figura sombria”. ⁸ Perang contou a Iliodor que os dois tinham sido mandados pela imperatriz para comprar o manuscrito e outros documentos e levá-los para a Rússia, onde seriam destruídos. Em troca, Iliodor receberia 100 mil rublos e seria anistiado. Iliodor, entretanto, desconfiou que aquilo poderia ser uma armadilha para atraí-lo de volta à Rússia. Recusou a oferta. ⁹ Isso, pelo menos, foi o que Iliodor contou. Outras fontes declaram que foi ele quem tentou vender o manuscrito para Alexandra, e ela não quis. “Não se pode tornar o branco preto, não se pode macular um homem limpo”, teria dito Alexandra. ¹⁰

Apesar disso, Iliodor não desistiu. O agente Krasilnikov telegrafou ao diretor da polícia Klimovitch em 8 de junho para informar que Iliodor aparentemente tinha vendido a um comprador americano as cartas endereçadas por um “indivíduo altamente situado” (ou seja, Alexandra) a Raspútín ^{*} por 30 mil dólares. ¹¹ Talvez tenha sido por essa razão que, em junho, Iliodor embarcou no navio *Bergensfjord* e partiu da Noruega para os Estados Unidos. ¹² Chegou a Nova York no dia 18 e estabeleceu-se no Bronx. Seu principal objetivo ao ir para os Estados Unidos era encontrar um editor para seu livro, o que conseguiu rapidamente, assinando um contrato de 5 mil dólares com a revista *Metropolitan* para publicar os manuscritos em fascículos a partir daquele mês de outubro. ¹³ O embaixador russo, Gueórgui Bakhmetev, encarregou seu advogado em Nova York, Mikhail Ustinov, e o arcebispo Ievdokim de entrar em contato com Iliodor e ver se conseguia fazer algum tipo de acordo. De Petrogrado, o primeiro-ministro Stürmer mandou uma ordem de

pagamento de 50 mil rublos a Bakhmetev para comprar o manuscrito e os documentos. Nesse meio-tempo, o embaixador Bakhmetev contatou agentes britânicos em Nova York para vigiarem Iliodor e convencerem os editores da *Metropolitan* a não publicar o texto. Logo depois, a mulher de Iliodor teve um encontro com Ievdokim e o informou de que seu marido estava disposto a vender tudo, mas precisava de 50 mil dólares. Apesar de Bakhmetev ter o dinheiro, Ievdokim disse a Nadejda que era uma soma muito alta. O governo oferecia 25 mil dólares e uma garantia de anistia, nada mais. Iliodor sentiu-se tentado a aceitar, mas recebeu então uma oferta especialmente lucrativa, de um novo editor americano: 50 mil dólares por cinco artigos, em combinação com um tour de palestras promocionais por dez cidades dos Estados Unidos. Além disso, o editor tentaria ver se era possível fazer um filme com o material e ajudaria a desenvolver uma peça teatral sobre a família Románov.

Na Rússia, Alexandra, Vírubova e a dama de companhia Lídia Nikítina, cujo pai tinha sido promovido por Stürmer e que era ela própria uma importante ligação entre o primeiro-ministro e Raspútín, ainda discutiam quanto pagar a Iliodor. Em 31 de agosto, Nikítina telegrafou para Vírubova dizendo que a questão de pagar a Iliodor precisava ser decidida dentro de 24 horas. No dia seguinte, Vírubova telegrafou da Stavka para informar a Nikítina que Alexandra tinha decidido adiar o pagamento a Iliodor. ¹⁴ A imperatriz não aceitava ser chantageada. Stürmer passou um telegrama para Bakhmetev em 6 de setembro instruindo-o a suspender todas as negociações com Iliodor. O embaixador respondeu informando a Stürmer que a questão se tornara irrelevante, pois o manuscrito já tinha caído “nas mãos de judeus locais” — ou seja, do “Yid” Herman Bernstein — e, levando em conta a liberdade de imprensa “totalmente ilimitada” nos Estados Unidos, não havia nada que pudessem fazer para impedir a sua publicação. Se isso acontecesse, a única opção seria atacar de forma aberta as palavras de Iliodor como nada mais do que “invencionices e delírios sem sentido”. ¹⁵

Iliodor americanizou-se de imediato. Depois que a *Metropolitan* revogou seu contrato, ele entrou com uma ação por danos na Suprema Corte de Nova York e saiu ganhador. ¹⁶ No fim de dezembro, Iliodor

deu uma pequena entrevista coletiva no Carnegie Hall. Entre outras coisas, disse a um repórter do *New York Times* que fora alvo de uma tentativa de assassinato quando estava na Noruega — que o general Petrov e Chicherin tentaram atraí-lo de volta à Rússia para roubar seu manuscrito e depois matá-lo. Difundiu algumas velhas mentiras: que tinha sido capelão da corte e confessor de Nicolau e Alexandra, e que Raspútin era o verdadeiro pai de Alexei. E contou algumas novas: Iliodor declarou que estava com o tsar na Crimeia quando o arquiduque Francisco Ferdinando foi morto. Nicolau pediu que Iliodor abençoasse as tropas, e os dois esperavam que aquilo significasse guerra entre a Rússia e a Alemanha. Já Raspútin vinha trabalhando pelas costas deles, tentando negociar um acordo de paz em separado com a Alemanha. Iliodor disse aos repórteres que tudo isso e muito mais logo apareceria em letra impressa em seu livro, Como parte da campanha de divulgação, ele planejava um longo tour publicitário pelos Estados Unidos. ¹⁷ Quando não estava movendo uma ação nos tribunais ou cortejando a imprensa, Iliodor desenvolvia uma carreira no mundo dos espetáculos. No início do ano seguinte, começou sua consultoria, e até mesmo a atuar, no filme de Herbert Brenon *A queda dos Románov*, que estreou no Broadway Theatre em Nova York no fim de setembro de 1917, num compromisso de duas semanas, e também *A tirania dos Románov*, de Maurice B. Blumenthal. ¹⁸ Iliodor se deixara ofuscar com as luzes brilhantes de Fort Lee, em Nova Jersey, a Hollywood original dos Estados Unidos.

O monge louco da Rússia, Iliodor. Vida, memórias e confissões de Serguei Mikhailovitch Trufanov finalmente foi publicado em Nova York em 1918. Um ano antes, Melgunov publicara o original na Rússia com o título de *Sviatoi chert*, ou *O diabo santo*. Iliodor dedicou o livro a “meu bom amigo” Herbert Brenon, seu novo padrinho na indústria do entretenimento. Durante anos, *O monge louco* serviu como a fonte para a história e a vida de Raspútin. Juntamente com as memórias de Félix Iussúpov, assassino de Raspútin, contribuiu mais do que qualquer outra obra para definir a percepção que se tem do *stárets* siberiano. Mas o livro de Iliodor, para citar Aleksandr Blok, que estava longe de ser um apologista de Raspútin, não passava de “desprezível”, uma leitura que o fez sentir-se mal. A Comissão considerou o livro transbordante de “voos

de imaginação”. ¹⁹ Para Maria Raspútina, o livro de Iliodor equivalia a “uma coleção das mais afrontosas calúnias até hoje inventadas”. ²⁰ Uma avaliação justa.

* Seriam as mesmas cartas que o ministro do Interior Makárov supostamente mostrou ao tsar, e que Mikhail Rodzianko disse ter levado para o exterior depois da revolução?

56. Conosco ou com eles

Enquanto o escândalo de Khvostov explodia, a Duma voltou sua atenção mais uma vez para problemas dentro da Igreja. No fim de fevereiro, o deputado Matvei Skobelev perguntou da tribuna por que nem o governo nem o Sínodo tinham ainda encaminhado o apelo apresentado quatro anos antes, na esteira da controvérsia em torno de Mikhail Novoselov. O deputado leu então trechos de “*Quosque tandem abutere patientia nostra*”, de Novoselov, publicado no *Voz de Moscou* em janeiro de 1912. Skobelev repetiu também as palavras pronunciadas naquela época por Gutchkov perante a Duma: “A Rússia está passando por dias sombrios, difíceis. [...] O perigo ameaça coisas sagradas. E por que a voz dos bispos se cala, por que as autoridades governamentais não agem?”. ¹

A volta da Duma ao assunto da Igreja foi provocada por numerosos acontecimentos. Primeiro, tinha havido a imensamente impopular demissão do procurador-chefe Samárin, seguida pela tépida resposta ao seu sucessor, o desinteressante e aborrecido Aleksandr Voljin, nobre de província, camareiro e ex-governador. Tinha-se como certo que Raspútín estava por trás da nomeação de Voljin, embora Belétski tenha dito à comissão que Khvostov e o príncipe Nikolai Jevakhov foram os responsáveis. ² Parece que Voljin sabia que sua escolha seria vista como obra de Raspútín, por isso mesmo, antes de a notícia se tornar pública, ele datilografou uma breve declaração resumindo sua visão do lugar do *stárets* na corte e posicionando-se como independente de quaisquer forças externas — documento que mandou para os editores dos principais jornais de Petrogrado e Moscou. Começava observando que Nicolau enfim estava disposto a se livrar de Raspútín, embora a questão

fosse difícil de resolver, uma vez que “os poderes magnéticos, peculiares a Raspútin, são benéficos para a imperatriz, que sofre de uma doença da coluna vertebral”. Assim sendo, não era possível afastá-lo de imediato sem primeiro encontrar “um massagista ou uma massagista com boa qualificação”, após o que Raspútin desapareceria de uma vez por todas. Foi o desejo de limitar a influência de Raspútin sobre Alexei, segundo Voljin, que fez o tsar levar o herdeiro junto com ele para a Stavka. Quando Raspútin fosse embora, o menino voltaria a viver no palácio. ³

Voljin tentou adotar um meio-termo, nem ofendendo Raspútin, nem cedendo a todos os seus desejos. Nada fez para impedir a canonização de Ioann Maksímovitch no verão de 1916 e cuidou para que Varnava fosse promovido a arcebispo. Uma medida que não podia aprovar, no entanto, era aceitar o príncipe Jevakhov como seu assistente. Funcionário sem grande importância no Conselho de Estado, Jevakhov foi a escolha de Raspútin para vice de Voljin, como Alexandra escreveu para Nicolau em novembro de 1915, recomendando-lhe que impusesse Jevakhov a Voljin. ⁴ Quando ficou claro que Voljin não recuaria, Raspútin e Alexandra tiveram a ideia de criar um novo cargo, um segundo vice-procurador, só para Jevakhov. Isso provocou uivos de indignação, a Duma entrou no assunto e, depois de examinar a legalidade da ideia, Vassíli Maklakov levantou a voz para denunciá-la como um “ato de ilegalidade” e um “crime contra um dos pilares da nossa Constituição”. Maklakov garantia que a proposta não foi feita por ignorância das leis, mas em flagrante descaso para com elas. E disse mais:

Sabemos quem é o autor disto pelo que ele tem feito: é a manifestação das mesmas forças ocultas contra as quais toda a Rússia recentemente se levantou. [...] Senhores, o assustador não é que o homem no comando das forças obscuras, que o notório Grigóri Raspútin, seja capaz de arranjar as coisas em benefício próprio e dos amigos e seguidores mais próximos; o importante não é que quando bêbado vá de uma taverna para outra em Moscou, atraindo a atenção de todos pela má conduta e se gabando o tempo todo da influência que tem; o importante não é que seus partidários usem o mito de sua onipotência para juntar montes de dinheiro — o assustador, e o importante, é que nada disso é mentira, que ele de fato tem influência em assuntos de Estado.

Maklakov encerrou seu ataque com uma pergunta para o governo: “Na batalha da Rússia contra as forças obscuras, qual é o seu lugar? Conosco ou com eles? Os poderes constituídos compreendem que é inaceitável

que agora tenhamos alguns vice-procuradores-chefes ocultos, ilegais, compreendem que isso é uma vergonha e um escândalo?”. ⁵ No fim, Voljin e a Duma venceram. Um cargo especial para Jevakhov não foi criado. ⁶

Havia outros problemas. Talvez o maior de todos fosse o arcebispo Pitirim. Nascido Pável Oknov em 1858, ele adotou o nome Pitirim em 1883, ao ser ordenado monge. Em 1891, foi promovido a reitor do Seminário Teológico de São Petersburgo, e, em 1909, a arcebispo. Sua ascensão dentro da hierarquia da Igreja é um tanto surpreendente, levando em conta que, quando bispo de Tula, vivia com um amante e esvaziou os cofres da Igreja para uso pessoal. Raspútin, ao que tudo indica, soube da existência de Pitirim quando ele defendeu um grupo de hereges, o que o impressionou e o levou a elogiar Pitirim perante a imperatriz. ⁷ Mas nem só Raspútin ficou impressionado com Pitirim. Dizia-se que, quando mais jovem, Pitirim era um homem bonito, insinuante, conhecido pelo jeito teatral de conduzir os serviços religiosos, características que atraíram a atenção do procurador-chefe Sabler, que providenciou para que sua carreira avançasse. Nicolau, segundo Vírubova, conheceu Pitirim no Cáucaso em 1914, quando ele era membro do Sínodo e exarca da Geórgia. O imperador ficou encantado com Pitirim e resolveu promovê-lo na primeira oportunidade que aparecesse. ⁸

Essa oportunidade veio no segundo semestre de 1915, com a morte de Flaviano, o metropolita de Kíev. Em novembro, Alexandra escreveu para Nicolau dizendo que queria que ele transferisse Vladímir (Bogoiavlenski), o metropolitano de Petrogrado, para Kíev, e desse o cargo para Pitirim. Ela sabia que isso era um óbvio tapa na cara de Vladímir, por isso insistiu com Nicolau para não se deixar influenciar por Voljin, mas “ser firme”, como Raspútin instruía. Fez elogios a Pitirim e observou que Raspútin o chamava de “grande Crente” e “o único homem aceitável”. Para assumir o lugar de Pitirim na Geórgia, Alexandra comentou que Raspútin ainda não tinha escolhido um candidato, mas Nicolau precisava ter certeza de que não fosse o arcebispo Serguei (Stragorodski), o metropolita Antônio (Khrapovítski) ou Germogen — todos inimigos seus. Nicolau acabou ficando com o arcebispo Platon (Rojdéstvenski), que não era amigo de Raspútin e foi

contra ele no caso dos glorificadores do nome. ²

O rebaixamento de Vladímir foi um escândalo. Nenhum metropolita jamais tinha sido tratado dessa maneira. Voljin tentara impedir que Nicolau fizesse isso, apresentando-lhe um relatório que ressaltava a conduta inaceitável de Pitirim, mas o tsar não lhe deu atenção. Chegou a passar por cima da autoridade do Sínodo para aprovar essas decisões. ¹⁰ Nicolau preferiu desrespeitar a tradição, provocando, com isso, a fúria dos mesmos homens em quem confiava para confirmar a santidade do seu reinado. A raiva foi tão grande que houve quem falasse, dentro do clero de Petrogrado e Moscou, em renegar a autoridade do Sínodo por completo e criar a chamada “Igreja ortodoxa livre”. Um dos defensores dessa ideia era Samárin, que a via como uma medida trágica, mas necessária. ¹¹

As ações de Pitirim provocaram na maioria dos homens da Igreja paroxismos de raiva. Ele nomeou um sujeito de nome Filaret como padre superior do Mosteiro de Santo Alexandre Niévski em Petrogrado. Filaret vivia abertamente com uma amante e começou a exigir suborno para usar o mosteiro. Pitirim dava festas de arromba no local, algumas das quais com Raspútín entre os presentes; dizia-se que Pitirim deixava mulheres entrarem clandestinamente pelos portões laterais para o prazer dos padres. Mais chocante ainda para os moradores de Petrogrado era a preferência de Pitirim nesse assunto. Ele chegou à capital acompanhado de um jovem e belo padre chamado Antônio Guriski, que, como Pitirim, era homossexual, e havia sempre outros homossexuais à sua volta, como Melkhizedek (Mikhail Paievski), reitor do Seminário de Tiflis e futuro bispo de Kronstadt, e Ivan Osipenko, amante e secretário pessoal de Pitirim. Circulavam boatos persistentes de impropriedades financeiras. Dizia-se, por exemplo, que Pitirim ficava com parte do dinheiro da venda de sepulturas para encher os bolsos e recompensar Raspútín por seu apoio. A veracidade dessas conversas é difícil de comprovar. ¹²

É difícil também imaginar que Raspútín não soubesse que Pitirim e esses outros homens eram homossexuais. Na verdade, é fato conhecido que Raspútín mantinha relações cordiais com Palladi (Nikolai Dobronravov), o bispo de Sarátov em 1915, outro homossexual, e com o bispo Isidor (Piotr Kolokolov), castigado pela Igreja por suas relações

sexuais com homens. Raspútin chegou a interferir para que Isidor fosse promovido, e o bispo se tornou um dos seus companheiros de copo. ¹³ Raspútin sabia, mas não ligava. Em nenhuma carta, em nenhum escrito seu, ele faz algum comentário sobre a homossexualidade. Para ele não tinha importância, e nessa indiferença pode-se vislumbrar um nível de tolerância pelos que poderiam ser considerados “aberrantes” — homossexuais, judeus, prostitutas, dissidentes, sectários —, o que era raro na Rússia daquela época. Raspútin dividia o mundo entre “amigos e inimigos”, mas essas categorias não se decompunham de acordo com os costumes tradicionais russos. A probabilidade de os ricos e poderosos serem amigos não era menor do que a dos marginalizados e caluniados serem inimigos. De fato, para Raspútin quase sempre ocorria exatamente o oposto. Era essa maneira de ver o mundo que lhe permitia criticar eslavos ortodoxos e elogiar muçulmanos. Até mesmo *O pensamento de Tsarítsin* zombou de Raspútin por esse motivo em 1910, referindo-se a ele como “a luz do Islã e a mão direita de Maomé”. ¹⁴

As transferências de Vladímir e Pitirim teve qualquer coisa da dança das cadeiras ministerial que se tornara um problema no ano anterior, exacerbado pela demissão do primeiro-ministro Goremíkin em 20 de janeiro de 1916. Goremíkin não era popular, mas seu substituto, o velho estadista aposentado Boris Stürmer, não chegou a ser visto como um avanço. Chulgin definia-o como um “zero à esquerda”. “Quando todas as monarquias da Europa mobilizavam suas melhores forças, nós escolhemos um ‘Papai Noel’ para nosso primeiro-ministro.” ¹⁵ Stürmer gostava de pensar que era um punho de aço em luva de veludo, mas a opinião generalizada era a de que não passava de uma concha vazia. “Um homem medíocre” e “velho demais, egoísta demais e estúpido demais para ocupar um alto cargo” — era com esses termos que os contemporâneos descreviam o novo primeiro-ministro. ¹⁶ Raspútin teria dito que Stürmer precisava ser mantido sob controle, como uma marionete, do contrário quebraria o pescoço. ¹⁷

O homem que segurava a outra ponta dos fios da marionete era Raspútin. Alexandra tinha pressionado Nicolau a nomear Stürmer, ressaltando sua principal qualificação: o grande respeito por Raspútin. ¹⁸ Stürmer inicialmente procurara Pitirim para pedir que o apresentasse a Raspútin. Os dois se encontraram pelo menos duas vezes para conversar

sobre a candidatura de Stürmer, e a cozinheira do ministro, Anna Nechaieva, afirmava ter visto Raspútín chegar para jantar com seu patrão e sua patroa pouco antes da nomeação. ¹⁹ Raspútín não ficou muito bem impressionado com “Shtritter”, como o chamava. “É velho, mas isso não importa. Serve”, teria dito. Stürmer não perdeu tempo e pôs-se a demonstrar gratidão e lealdade a Raspútín. Visitou Raspútín em segredo nas primeiras 24 horas após a nomeação, prometendo ser leal e atender a seus pedidos. ²⁰

Segundo Globatchev, nenhum outro ministro jamais demonstrou essa preocupação com o bem-estar de Raspútín, mas só porque ele sabia que seu cargo dependia exclusivamente da benevolência do siberiano. Stürmer exigia que Globatchev lhe fornecesse os relatórios mais minuciosos possíveis sobre as atividades diárias de Raspútín. Via ameaças à vida do *stárets* onde nada havia, e insistia com Globatchev para fazer o máximo para garantir sua segurança. Os agentes de Globatchev monitoravam os encontros regulares de Stürmer e Raspútín no escritório de Pitirim no Mosteiro de Santo Alexandre Niévski e no apartamento do conde Boris Borkh no no 18 da rua Fontanka. Uma grande preocupação de Stürmer era que Raspútín se encontrasse com outras pessoas sem que ele soubesse, temendo que estivesse prospectando futuros candidatos ministeriais. Temia, particularmente, que Raspútín estivesse preparando Serguei Krijnovski para o cargo de ministro do Interior, mas nesse caso Stürmer não precisava se preocupar: o cargo ficou com Stürmer depois da queda de Khvostov nos primeiros dias de março, concentrando-se assim os dois cargos mais poderosos nas mãos de um homem só, honra que Khvostov esperava de Raspútín, porém jamais conseguiu. ²¹ Com o tempo, no entanto, Stürmer foi ficando mais confiante, e começou a adotar uma atitude mais independente, puxando os fios que Raspútín tinha na mão. Raspútín percebeu a mudança, e em agosto instruiu Stürmer a visitar Alexandra com mais frequência para mantê-la (e a Raspútín também) informada de todos os seus planos.

“Meu doce Tesouro”, escreveu Alexandra para Nicolau na Stavka em 14 de março,

Estou mandando uma maçã & farinha do nosso amigo — todos recebemos frutas como presente de despedida. Ele partiu esta noite — tranquilo, dizendo que dias melhores virão &

que ele deixa conosco a primavera — Disse a ela [Vírubova] que acha que Ivánov daria um bom ministro da Guerra por causa de sua grande popularidade, não apenas no Exército, mas em todo o país. Nisso ele sem dúvida está certo — mas faça o que achar melhor. Só pedi que Ele rezasse pelo sucesso de sua escolha & Ele deu essa resposta. [22](#)

Raspútín estava nervoso com a viagem, temendo que alguém pudesse tentar matá-lo no caminho. Antes de partir, mandou a seguinte mensagem para Nicolau: “As bênçãos de Deus estão conosco, nosso êxito, o êxito de Deus está conosco, até as montanhas nos obedecerão, e nossos inimigos terão loucura no coração e névoa nos olhos; isto é alegria, vitória sem a menor dúvida. Incomoda-me um pequeno desagrado, um pequeno mal-entendido. Alguma coisa está sendo tramada contra mim, isto não é bom”. [23](#)

Fosse qual fosse seu estado de espírito, Raspútín estava novamente tentando influenciar na composição do governo. O general Alexei Polivánov tinha sido um considerável progresso como ministro da Guerra em comparação com Sukhomlínov, afastado em junho de 1915 e preso no fim de abril do ano seguinte, e por volta da primavera de 1916 o Exército russo estava em bem melhor forma do que depois da Grande Retirada. Mas Polivánov tinha incorrido no desagrado de Alexandra em razão de seu desejo de trabalhar com o Bloco Progressista e com grupos públicos em busca de ajuda para o esforço de guerra. Não está claro se foi de Alexandra ou de Raspútín a ideia de propor o general Nikolai Ivánov, comandante-chefe do Front Meridional até 17 de março de 1916, quando foi substituído por Brusilov, mas Nicolau, mesmo querendo demitir Polivánov em meados de março, ignorou as recomendações, optando pelo dedicado, apesar de não muito competente, general Dmítri Suvaiev. [24](#) Derrotas como essa não impediam Alexandra de continuar dizendo para Nicolau o que fazer. Em 17 de março escreveu mais uma vez para transmitir uma instrução muito mais importante: “Meu querido. Por amor de nosso Bebê precisamos ser firmes, do contrário seu legado será horrível, pois com seu caráter [precisamos ver isto] ele não se curvará aos outros, mas será seu próprio mestre, como deve ser na Rússia enquanto o povo for tão sem instrução — o sr. Philippe e Gr.[igóri] disseram isso também”.

Naquele mesmo dia na Stavka, Nicolau recebeu o padre Gueórgui Chavélski, protopresbítero do Exército e da Marinha da Rússia.

Chavélski vinha se preparando para essa audiência havia algum tempo. Tinha conversado muito com os generais Voeikov e Alexéiev sobre a necessidade de falar com o imperador a respeito de Raspútin. Voeikov fez isso na primavera, sem resultado, mas mesmo assim incentivou Chavélski a tentar, achando que pudesse ter mais sorte. Alexéiev também considerava prudente e disse que tentaria falar com o tsar depois de Chavélski. Eles se encontraram no gabinete do tsar naquela noite. Chavélski começou lembrando a Nicolau que a imperatriz tinha acatado suas palavras depois do seu primeiro encontro, em 1911, quando ele jurou falar sempre a verdade para o imperador, custasse o que custasse. Em seguida, pôs o imperador a par de tudo que se dizia no Exército a respeito de Raspútin: que levava uma vida de vício, que bebia “com judeus e personalidades sombrias de todos os tipos”, que estava metido em corrupção e suborno envolvendo o esforço de guerra; que passava segredos militares para o inimigo. Chavélski contou ao imperador tudo que ouvira nas fileiras, não escondendo nada de Nicolau.

Nicolau ouviu em silêncio. Quando o relato terminou, o tsar quis saber se o padre tinha tido medo de tratar sobre aqueles assuntos, e Chavélski respondeu que, apesar de ser difícil transmitir verdades tão desagradáveis ao imperador, nunca tivera medo. O que quer que Nicolau lhe fizesse agora, ele sabia que tinha cumprido o seu dever. Chavélski se surpreendeu ao descobrir que, nos dias e semanas seguintes, longe de distanciar-se dele, o imperador tornou-se muito solícito, sempre sentando perto dele durante as refeições, até mesmo oferecendo-se para servir seu prato. Apesar de Nicolau ter reproduzido a conversa para Alexandra, e de ela a ter passado adiante para Pitirim, Chavélski continuou contando com a aprovação de suas majestades. ²⁵

Alexandra, embora ainda visse Chavélski com benevolência, não gostou de ouvir suas palavras sobre Raspútin. Poucas semanas depois, durante a época da Páscoa, ela escreveu para Nicolau:

Meu doce Tesouro,

[...]

A perversidade do mundo não para de aumentar. Durante a [leitura] noturna da Bíblia pensei tanto em nosso amigo, como os ratos de biblioteca e fariseus perseguiam Cristo, fingindo ser tão perfeitos (& como estão longe da perfeição agora!) Sim, de fato, um profeta nunca é reconhecido em sua própria terra. E como devemos ser gratos por tanta coisa,

quantas orações Dele foram ouvidas. E onde existe um Servo de Deus assim — o mal brota em volta Dele para tentar maltratá-lo & afastá-lo. Se soubessem o mal que fazem! — por que Ele vive para o Seu soberano & para a Rússia & aguenta todas as calúnias por amor a nós. Como me sinto feliz por termos ido todos com Ele para a Santa Comunhão na primeira semana da Quaresma. [...]

Nosso amigo escreve com tanta tristeza, que por ter sido levado de P.[etrogrado] haverá muitos famintos lá nesta Páscoa. Ele dá tanto para os pobres, cada copeque que recebe vai para eles & traz bênçãos para aqueles que lhe dão o dinheiro [...]

Se Chav.[élski] falar sobre o Amigo ou o Metropolita [Pitirim], seja firme e mostre que gosta deles & que quando ele ouvir histórias contra nosso amigo deve reagir com energia & proibir essas conversas & que não ousem dizer que ele tem alguma coisa a ver com os alemães — & que ele é generoso e bom com todo mundo, como Cristo foi, não importando a religião, como um verdadeiro cristão deveria ser. E como você descobriu que Suas orações ajudam a suportar nossas provações & tivemos exemplos suficientes — que não ousem falar contra ele, seja firme e defenda nosso amigo. [26](#)

Mas eles ousavam, sim, falar contra Raspútin. Naquela primavera, o padre Chavélski compareceu a um grande almoço comemorativo para centenas de soldados e oficiais no front ocidental. Boa parte da conversa durante o almoço girou em torno de Raspútin. Então, para surpresa de Chavélski, o general Aleksandr Gerngross disse em voz alta o suficiente para que todos ouvissem: “Eu estaria disposto a ficar preso por seis meses na Fortaleza Pedro e Paulo se me deixassem destruir Raspútin. Ah, como eu destruiria aquele canalha!”. Suas palavras provocaram risos generalizados. Chavélski não conseguia acreditar no que estava ouvindo, em especial porque sentado perto de Gerngross estava o general Aleksandr Ragoza, comandante do Quarto Exército. [27](#)

Nicolau voltou para Tsárskoie Seló em 13 de abril, mais ou menos quando Raspútin chegou à capital, vindo da Sibéria. Ele viu suas majestades no palácio no dia 23, data onomástica da imperatriz, e no dia seguinte Nicolau retornou para a Stavka. [28](#) Raspútin esteve pouquíssimo no palácio nos cinco meses seguintes, fazendo apenas seis visitas entre o fim de abril e o começo de outubro. [29](#)

Raspútin voltara para a capital em parte para resolver uns assuntos com Maria, que havia completado dezoito anos em março. Era uma moça alta, com cabelos louros, olhos notáveis de um azul metálico, um físico adorável, prejudicado pelo que um homem descreveu como um “rosto de traços irregulares”. [30](#) Os rapazes já faziam parte de sua vida. Já não era virgem, tendo passado uma noite de amor com um jovem tenente, cuja lembrança a enchia de um “ansioso desejo de viver mais

intensamente”. Foi então que conheceu Simoniko Pkhakadze, um georgiano “que deixaria meu coração em chamas”. Eles foram apresentados quando um dos príncipes Eristov o levou ao seu apartamento. Maria se recordava dele como um homem “ágil, viril e forte”, e no momento em que pôs os olhos nele “me senti conquistada, indefesa”. ³¹ Era um capitão de cavalaria, arrojado e bonito, condecorado com a Cruz de São Jorge por suas proezas no campo de batalha, porém o que de fato a cativou foram os olhos, cheios de “um fogo e uma força indescritíveis, toda a impaciência do amor, toda a vertigem da embriaguez”. Por um tempo, Raspútin o via com frequência e chegou até a sair com Pkhakadze e os Eristov. Um relatório policial de 25 de maio descreve-o como tendo de 25 a 27 anos, alto, de constituição média, cabelo castanho-escuro, nariz reto e um bigodinho escuro. Usava botas de cano alto com esporas e mancava um pouco, talvez em consequência de um ferimento de guerra, que, curiosamente, aumentava seu perigoso charme. ³² Raspútin, ao que parece, ajudou a conseguir a transferência de Pkhakadze para a reserva em Petrogrado. Vírubova contou à Comissão que ele não passava de um “refratário ao recrutamento que não queria ir para o Exército”. ³³

Maria e Pkhakadze ficaram noivos, mas Raspútin não aprovava a união. Pai e filha começaram a discutir, e ele ameaçou mandá-la de volta a Pokróvskoie para afastá-la do noivo. Maria tinha a impressão de que seu pai achava que Pkhakadze a estava usando para cair nas graças dele e que seu temperamento ciumento transformaria a vida dela num inferno. ³⁴ Raspútin fez o que pôde para impedir que os dois se vissem. Ela não tinha permissão para sair, a não ser acompanhada pela irmã e por Dunia Pecherkina. Sua preceptora francesa, Madame Chack, sempre a convidava para visitá-la, e o pai fazia questão de incluí-la habitualmente nos chás que oferecia em casa. Ao mesmo tempo, Raspútin tentou, ele próprio, fazer as vezes de alcoviteiro, arranjando-lhe um casamento; Nikolai Soloviov, velho amigo de Kazan, agora secretário do Santo Sínodo, também morava na rua Gorokhovaia, no no 69, com a mulher Elizaveta. Raspútin decidiu casar Maria com o filho de 23 anos de Nikolai, Boris, segundo-tenente do Exército.

Boris preparava-se para ingressar no seminário na cidade natal de Simbirsk quando se apresentou como voluntário para servir no Exército

em 1914. Foi ferido durante a retirada russa dos Montes Cárpatos em 1915 e levado de volta para Petrogrado, incapaz de retornar ao serviço ativo. Naquele ano conheceu Raspútin e começou a visitar seu apartamento, na prática para estar com Maria e Varvara, que considerava encantadoras e amáveis de uma forma toda especial. Teve umas poucas conversas com Raspútin também, numa ocasião em que se sentia particularmente desanimado sobre o futuro. Raspútin ouviu e disse a Boris que não se preocupasse muito, que rezasse para Deus o guiar, que ouvisse o próprio coração, e no fim tudo daria certo. Boris viu que Raspútin gostava dele, e ele por sua vez gostava de Raspútin. Os dois se encontraram poucas vezes, mas Boris acabou sentindo por ele um profundo respeito. “Havia tanto amor, tanta bondade naquele homem”, disse ao investigador Nikolai Sokolov, quando estava preso em Chita em 1919, “e com que clareza essas qualidades se manifestavam nele, de tal maneira que veio a significar mais para mim, talvez para vergonha minha, do que meu próprio pai.” [35](#)

De acordo com as memórias de Maria, Boris se apaixonou por ela no primeiro encontro. Ele foi apresentado à imperatriz, que aprovou a união. Pkhakadze tornou-se insanamente ciumento, ameaçando sequestrar Maria e fugir com ela para o Cáucaso. [36](#) Havia um boato de que Pkhakadze tentou tirar a própria vida. Depois de alguns meses de angústia e sofrimento, Maria rompeu o noivado, mas se recusou a casar com Boris. [37](#)

Enquanto Raspútin se ocupava da vida amorosa de Maria, a Rússia se preparava para a maior campanha militar da guerra. O ex-ministro da Guerra Polivánov tinha se empenhado com êxito em reconstruir o Exército depois das desastrosas derrotas de 1915. No primeiro semestre de 1916, foram feitos planos para um gigantesco ataque surpresa, a ser comandado pelo general Alexei Brusilov, ao longo do Front Sudoeste, contra as forças austro-húngaras. A Ofensiva Brusilov, como ficou conhecida, foi provavelmente a mais notável vitória de toda a guerra e quase atingiu o objetivo de destruir o exército do imperador Francisco José. Exaustivos preparativos foram realizados durante meses. O elemento surpresa era essencial para o êxito da campanha, e Nicolau temia estar contando a Alexandra mais do que deveria. Em 9 de março,

escreveu em detalhes sobre o plano, acrescentando: “Peço-lhe que não fale a ninguém sobre isto”. Estava claro para Alexandra a quem ele se referia. Mas Raspútin já sabia de tudo e tinha até dado a Nicolau um ícone, como uma “bênção” para a campanha. [38](#)

A investida começou em 22 de maio (VE) com uma imensa barragem de artilharia, seguida de 650 mil homens de Brusilov irrompendo pelo denso fumaceiro rumo às trincheiras inimigas. Os austríacos foram esmagados. Em apenas uma semana os russos aprisionaram mais de metade de todas as tropas austríacas no Front Oriental. Franz Conrad von Hötzendorff, o chefe do estado-maior dos Habsburgo, logo percebeu o perigo da situação, observando que em pouco tempo teriam que propor a paz, sob pena de serem totalmente destruídos. Essenciais para o êxito definitivo da campanha de Brusilov foram os ataques em grande escala contra as linhas alemãs pelos generais Alexei Evert e Alexei Kuropátkin, comandantes dos fronts noroeste e setentrional, respectivamente, mas ambos hesitaram, o que deu aos alemães a oportunidade de enviar reforços para os austríacos, com isso impedindo uma debandada completa. [39](#)

Em 4 de junho, Alexandra escreveu para Nicolau: “[...] nosso amigo manda suas bênçãos para todo o exército ortodoxo. Suplica que ainda não avancemos decididamente no norte, porque, segundo ele, se nossos êxitos continuarem no sul, eles se retirarão por conta própria do norte, ou avançarão & nesse caso suas perdas serão muito grandes — se começarmos lá, nossas perdas serão substanciais [...]”. No fim de julho, depois que Raspútin voltou de uma viagem à Sibéria, Alexandra escreveu para Nicolau pedindo que compartilhasse as ideias dele sobre a campanha: “Ele acha melhor não avançar por demais obstinadamente, pois as perdas seriam imensas — pode-se ser paciente, sem forçar as coisas, pois no fim ela [a vitória] será nossa; pode-se prosseguir desatinadamente & terminar a guerra em 2 meses, mas nesse caso milhares de vidas serão sacrificadas — & com paciência o fim também será alcançado & muito sangue será poupado”. Embora a preocupação de Raspútin com a vida humana deva ser reconhecida, seu conselho sobre a guerra não tinha valor nenhum; está claro que não entendia nada de estratégia militar, e suas palavras não tiveram peso na decisão de Evert e Kuropátkin de não atacar. A campanha Brusilov desacelerou

à medida que subia o número de soldados russos mortos e feridos.

Raspútín continuou a dar conselhos militares a Nicolau até setembro. No dia 22, o imperador escreveu para Alexandra dizendo que a situação era “irremediável” e que por isso tinha instruído Alexéiev a mandar Brusilov suspender o avanço. Então, no dia seguinte, Nicolau mudou de ideia e concordou em permitir que Brusilov continuasse o ataque. Alexandra, surpresa, passou-lhe um telegrama para dizer que “Ele [Raspútín] aprovou seu plano original de suspender e começar noutro lugar. Agora você escreve dizendo o contrário. Deus nos ajude”. E em seguida, no dia 24, ela voltou a escrever dizendo que Raspútín também tinha mudado de ideia e estava “muito satisfeito” com esse novo plano. Nicolau sentiu-se obrigado a responder às palavras de Raspútín. Escreveu explicando por que decidira renovar o ataque e deu detalhes da ofensiva, mas acrescentou: “Estes detalhes são só para você — por favor, Amorzinho! Diga-Lhe apenas: ‘Papai ordenou que medidas inteligentes sejam tomadas!’”. Raspútín, porém, não ficou satisfeito. No dia 26, Alexandra escreveu que “Nosso Am. teme que não escutem você (Brusilov), pois sua primeira ideia estava certa & é uma pena que tenha cedido, seu espírito estava certo ao querer a mudança. Ele pegou a Imagem da Virgem & abençoou você de longe & disse ‘Que o Sol nasça aqui’”. No dia seguinte, Nicolau escreveu mais uma vez para justificar sua decisão de permitir que Brusilov continuasse a ofensiva, mas Alexandra e Raspútín se recusaram a ouvir: “Nosso amigo diz que as coisas não vão funcionar enquanto seu plano [de suspender a ofensiva de Brusilov] não for obedecido”, observou ela no dia 28. [40](#)

Historiadores agora reconhecem que o fracasso da Campanha Brusilov foi resultado das ações tomadas, ou não tomadas, por generais da Rússia, em especial Alexéiev e Evert. [41](#) Mas muita gente na época responsabilizava Raspútín, que, segundo se acreditava, teria usado sua influência para deter o ataque mais bem-sucedido da guerra e salvar seus patronos alemães da derrota certa. Dizia-se que, mais uma vez, a Rússia tinha sido esfaqueada pelas costas por traidores.

57. Raspútin espião?

Em 5 de junho de 1916 (NE), o marechal de campo conde Kitchener de Cartum, o secretário de Guerra britânico, embarcou no HMS *Hampshire* nas Ilhas Órcades e partiu numa viagem secreta. Poucas horas depois, o navio explodiu e afundou em questão de minutos. Dos 655 homens a bordo, só doze sobreviveram. Kitchener não estava entre eles; seu corpo nunca foi encontrado. Estava indo à Rússia assegurar ao tsar que os britânicos forneceria os suprimentos de guerra necessários, apesar dos temores manifestados na Grã-Bretanha sobre o empenho da Rússia na guerra.

A perda de Kitchener foi uma tragédia nacional que deu motivo às conjecturas mais disparatadas sobre sua morte. Desde o início falou-se em conspiração. A imprensa escreveu a respeito de agentes secretos alemães que estariam por trás da explosão. Havia rumores de sabotagem por bolcheviques infiltrados ou por nacionalistas irlandeses, de um misterioso agente bôer disfarçado de nobre russo, e de elementos desonestos dentro do serviço secreto britânico. Lorde Alfred Douglas, amante de Oscar Wilde, sustentava que o assassinato tinha sido orquestrado por Winston Churchill e um complô internacional de judeus. (Churchill o processou; Douglas passou seis meses na cadeia por difamação.) E houve quem afirmasse que Kitchener tinha sobrevivido, chegado à Rússia e estava agora no comando dos exércitos locais. A verdade era bem mais banal. A missão de Kitchener estava longe de ser secreta, e não teria sido difícil para a inteligência alemã saber dela. Não muito tempo antes de o *Hampshire* partir, o submarino alemão U-75 minou a área por onde Kitchener passou. O navio atingiu uma das minas e foi reduzido a destroços. ¹

Na Rússia o tema das conversas voltou-se naturalmente para Raspútin e Alexandra. Dizia-se que a imperatriz tinha uma “máquina radiotelegráfica” especial no palácio, usada para transmitir informações sobre o esforço de guerra russo para Berlim, e foi por intermédio desse dispositivo que ela informou ao inimigo sobre a data e o trajeto do navio de Kitchener. ² Félix Iussúpov tinha certeza de que a informação viera de Raspútin. Convencido de que o entorno de Raspútin estava repleto de espiões alemães, afirmava que eles o tinham embebedado e arrancado dele a data da viagem de Kitchener. ³ Além disso, houve a estranha reação de Raspútin à notícia. Alexandra descreveu a morte de Kitchener para Nicolau como “horrível [...] um verdadeiro *cauchemar* [pesadelo]”, ao passo que Raspútin disse a Vírubova que era bom que ele tivesse morrido porque “mais adiante poderia causar danos à Rússia & que nenhum documento comprometedor se perdeu com ele”, conforme comunicou a imperatriz a Nicolau numa carta de 5 de junho (VE). ⁴

A referência a certos “documentos” impediu que a teoria da conspiração morresse. Ainda recentemente, em 2004, o historiador Oleg Shishkin afirmou que o verdadeiro objetivo da viagem de Kitchener era entregar a Nicolau documentos obtidos por agentes britânicos na Rússia, bem como por outros serviços de inteligência em atividade na Europa, que provariam que Alexandra, Raspútin e outros estavam negociando secretamente com os alemães. Sua missão era convencer Nicolau da realidade disso e dessa forma manter a Rússia na guerra. Quando Raspútin e seu grupo souberam da missão de Kitchener, passaram os detalhes da viagem para os alemães, e com isso o britânico foi assassinado, salvando a panelinha alemã na corte. ⁵ A noção de que Raspútin era um agente alemão se recusa a morrer.

As histórias sobre a atividade de espionagem de Raspútin atingiam níveis de comédia. Dizia-se que o siberiano tinha acumulado uma fortuna em ouro vendendo segredos para os alemães e que certa vez, durante a guerra, até viajara incógnito a Berlim para um encontro com o agradecido kaiser. ⁶ Na biografia de Raspútin que publicou em 1917, o prolífico escritor anglo-francês William Le Queux chegou a afirmar a descoberta de uma “massa de documentos” mantidos por Raspútin num cofre no porão da Gorokhovaia, que provava, sem sombra de dúvida,

que ele era espião. Le Queux tinha planos de publicar reproduções dos documentos, mas, como lamentou informar aos leitores ansiosos, “a atual escassez de papel tornou isso impossível”. Em sua obra fantástica, afirmava que Raspútín era parte de um complô alemão para espalhar o cólera na Rússia, através de maçãs envenenadas importadas do Canadá. ⁷ Havia quem insistisse que Alexandra tinha dado a Raspútín a combinação secreta da caixa que continha as joias da Coroa, que o *stárets* furtou e mandou para a Alemanha. ⁸

Shishkin está certo quando afirma que os serviços de inteligência da Europa faziam o possível para adivinhar a posição de Raspútín com relação à guerra, mas, estranhamente, nenhum dos seus biógrafos se deu ao trabalho de ver o que de fato esses agentes descobriram. Os arquivos em Berlim oferecem informações fascinantes sobre o quanto os alemães estavam desesperados para conhecer as opiniões de Raspútín e revela como era pouco o que sabiam. Os relatórios que chegavam ao Ministério de Relações Exteriores eram contraditórios. Uma comunicação oficial alemã de 6 de fevereiro de 1916 (NE) declarava que Raspútín era a favor da paz, mas achava que ainda era cedo para isso. ⁹ E então, três semanas depois, Hellmuth Lucius von Stœdten, ex-embaixador da Alemanha na Rússia, e na época chefe da legação alemã em Estocolmo, informou ao chanceler Bethmann-Hollweg que “Raspútín ainda tem influência, e agora foi comprado pela Inglaterra”. ¹⁰

Em 12 de maio de 1916 (NE), o barão Friedrich von der Ropp, alemão báltico da Lituânia e secretário-geral da Liga das Nacionalidades Não Russas do Império Russo, grupo de emigrados que cooperava com a Alemanha na guerra contra a Rússia, mandou para o Ministério do Exterior um documento secreto intitulado “Sobre o governo paralelo e seus feitos com base em relatórios confiáveis”. A alegação principal do relatório era que a Rússia vinha sendo governada secretamente por um grupo não oficial — o Governo Paralelo —, que na prática equivalia ao chamado “grupo alemão” liderado por Raspútín, junto com Pitirim, Vírubova e Andrónnikov. Raspútín, segundo essa versão, controlava todas as decisões importantes do governo civil e a condução da guerra. O grupo não tinha programa político, sendo motivado apenas pela ganância e pela ambição. Raspútín extorquia grandes subornos, exigindo nada menos que mil rublos de qualquer um que quisesse

conversar com ele. O lema oficial desse governo paralelo era “Livrar o Estado russo de influência alemã”, e a culpa de todos os problemas do país era atribuída aos alemães étnicos e aos judeus. Seria um erro, porém, achar que Raspútin e sua panelinha queriam o fim da guerra. Pelo contrário. A guerra lhes oferecia ilimitadas oportunidades de envolver-se em várias estratégias e de recorrer ao suborno e à corrupção em escala gigantesca, que rendiam imensas quantias de dinheiro. Essa, na estimativa de Ropp, era sua principal motivação. Ele recomendava à Alemanha que não buscasse a paz com a Rússia, pois ninguém ousaria apoiar essa iniciativa, por causa da tendência antigermânica e, ainda mais importante, a revolução e o caos não demorariam a chegar à Rússia, e a monarquia estava com os dias contados. O próprio kaiser Guilherme leu o relatório de Ropp e mandou cópia para Fernando, rei da Bulgária e aliado da Alemanha desde outubro de 1915. [11](#)

Um certo sr. Junghaus, comerciante rico sediado em Paris com vastas ligações comerciais na Rússia, informou a um funcionário alemão na Basileia, em agosto, que “Raspútin está novamente por cima e é amigo da Inglaterra”. [12](#) Poucos meses depois, o ministério em Berlim estava recebendo relatos sugerindo exatamente o contrário — que Raspútin já se fartara da guerra e que ele e a imperatriz estavam unidos no desejo de um acordo de paz em separado com a Alemanha. Esse confuso fluxo de informações continuou a chegar a Berlim até a morte de Raspútin, em dezembro. R. A. Ziese, da embaixada alemã em Estocolmo, escreveu para Bethmann-Hollweg dizendo ter informação, de boa fonte, de que “parece que não se sabe muita coisa sobre Raspútin. Consta que é amante da paz e honesto, tanto assim que nenhuma tentativa de abordá-lo com dinheiro funciona. (Isso na verdade só atrapalha.)”. [13](#) Mesmo depois da sua morte, os alemães ainda tentavam descobrir de que lado estava Raspútin. Um relatório sobre a situação na Rússia, datado de 6 de janeiro de 1917 (NE), sugeria que, embora Raspútin em dado momento tivesse sido a favor da paz, em tempos mais recentes fazia parte do grupo pró-guerra, “porque temia pela vida, por causa das muitas ameaças”. [14](#)

Raspútin era a favor da paz, Raspútin era a favor da guerra. Raspútin tinha sido comprado pelos ingleses. Raspútin queria um acordo de paz

em separado com os alemães. Raspútin era ganancioso e venal, Raspútin era honesto e incorruptível. Raspútin parecia ser muitas coisas para o governo alemão durante a guerra. Mas uma coisa com certeza não era: espião deles.

Os britânicos não sabiam muito mais que isso. Uma carta anônima de um funcionário britânico datada de 4 de novembro de 1916 sobre assuntos da Rússia afirmava que “a camarilha governante é nossa inimiga”. Era claramente a favor da Alemanha e espalhava boatos contra os ingleses, segundo dizia o relatório. “Reuniões secretas estão sendo realizadas num dos palácios grão-ducais (o Palácio de Constantino), nas quais consta que tomam parte também as senhoras partidárias de Raspútin, dois ou três burocratas reacionários e também um dos príncipes de Hesse-Darmstadt, que seria prisioneiro de guerra. A situação é perigosa. A gangue certamente está se esforçando para nos trair e trair a Rússia.” [15](#)

Os britânicos sem dúvida temiam que Raspútin estivesse tentando convencer Nicolau a trair a Inglaterra. Raspútin, por sua vez, não tinha boa opinião da aliada da Rússia. “A Inglaterra sempre foi traiçoeira, e eles nos trairiam agora também”, gostava de dizer, de acordo com o governador Ordovski-Tanaievski. [16](#) Raspútin tinha uma opinião negativa dos ingleses e muitas suspeitas sobre como tratariam a Rússia depois da guerra. Esse é o sentimento que está por trás de suas palavras insensíveis sobre a morte de Kitchener, e não o medo de ser exposto como espião.

Se não espião, Raspútin sem dúvida foi ferramenta nas mãos de outros, ou pelo menos assim muitos supunham. A lista de culpados é longa. O príncipe Jevakhov, o mesmo homem que cultivou relações com Raspútin em busca de um alto cargo no Sínodo, escreveu em suas memórias que, na verdade, seu antigo protetor tinha sido uma arma inconsciente contra a monarquia nas mãos da “Internacional” judaica. A Internacional procurou Raspútin antes que ele ficasse conhecido e espalhou o boato dos seus poderes espirituais, com isso preparando terreno para sua aparição em Petersburgo. Tendo aberto o seu caminho para o palácio, a cabala de judeus mundiais então resolveu destruir sua criatura e, junto com ela, o objetivo final, a dinastia Románov. [17](#) O

padre Vladímir Vostokov era de opinião parecida, embora estivesse convencido de que Raspútin não era um inocente útil, mas um agente ativo da Internacional, escolhido para destruir não apenas a “Santa Rússia”, mas o cristianismo. [18](#)

Onde há boatos sobre judeus, costuma haver conversas sobre maçons, e o caso de Raspútin não é exceção. Um dos primeiros a fazer a ligação foi Mikhail Rodzianko. Em suas memórias, ele conta que, quando preparava um relatório para o tsar sobre Raspútin, deparou com um artigo publicado num jornal estrangeiro informando que, num congresso internacional de maçons em Bruxelas em 1909 ou 1910 (não tinha certeza), o siberiano foi escolhido como instrumento perfeito para introduzir “os slogans da Ordem” na Rússia, que desestabilizariam e derrubariam a dinastia em apenas dois anos. [19](#) A história de Rodzianko tem ecos de um artigo publicado em *Voz de Moscou* em 21 de fevereiro de 1912, segundo o qual Raspútin estava a caminho de Bruxelas para se encontrar com “um aristocrata não desconhecido” que contava com o siberiano em seus planos contra a Rússia. [20](#) Rodzianko estava certo quando dizia que houve uma convenção maçônica internacional em Bruxelas em 1910, mas a verdade era que aconteceram outras também em Antuérpia em 1894, em Paris em 1900, e em Genebra em 1902, em nenhuma das quais o nome de Raspútin foi mencionado — o que não importa, claro, para quem está empenhado em ver mãos ocultas como a verdadeira força motivadora da história. [21](#)

Historiadores nacionalistas contemporâneos introduziram uma leve distorção na conspiração maçônica, dizendo que os maçons da Rússia criaram o mito de Raspútin, o alcoólatra-patife- *khlist* -traidor, como arma eficaz em sua luta para derrubar o regime. Os líderes desse complô seriam membros liberais da Duma, líderes do partido Kadet como Pável Miliukov, e Aleksandr Gutchkov, líder do Partido Outubrista, de centro. [22](#) O argumento tem muitas falhas graves. Nem Miliukov nem Gutchkov eram maçons, para começo de conversa, e os ataques iniciais contra Raspútin não vieram da esquerda russa, mas da direita. Além disso, a direita nunca parou de atacar Raspútin e inclusive competia com os liberais e a esquerda radical no esforço para lançar os ataques mais prejudiciais contra ele. [23](#) A direita entendia que era seu dever salvar a Rússia preservando a monarquia, enquanto a esquerda via como sua

obrigação salvar o país reformando, ou derrubando, a monarquia. Tanto a direita como a esquerda compartilharam da criação do corrosivo mito de Raspútin. O que Raspútin conseguiu fazer, sem nenhum esforço de sua parte, foi unir toda a Rússia contra si e, com isso, no fim das contas, contra o próprio regime.

Seus críticos projetavam os inimigos na imagem de Raspútin. O *Jornal dos Nossos Operários* publicado em Tbilisi em julho de 1914 o via como a face da reação: “Atrás dele se escondem essas forças secretas que executam o seu trabalho aqui devido à falta de verdadeira liberdade europeia e de uma Constituição. No escuro elas controlam o governo e os ministros, escolhem e os substituem por outros, e preparam todo tipo de surpresa reacionária para o país”. ²⁴ O jornal alemão *Volksfreund* escreveu naquele mesmo verão que Raspútin era uma ferramenta do clero trabalhando em aliança com um pequeno, mas poderoso, grupo de conservadores, enquanto o jornal polonês *Kurjer Poznański*, também no verão de 1914, afirmou que Raspútin fizera parte de uma sociedade secreta de “*stárets* -fazedores-de-milagre” que exercia poder sobre todo o Império Russo. ²⁵ Lênin insistia em dizer que Raspútin e Nicolau juntos criaram uma aliança com bilionários anglo-franceses, e Serguei Melgunov não tinha dúvida de que ele estava sendo usado sem saber pelo bando de favoritos da corte e cortesãos em defesa dos próprios interesses egoístas. ²⁶ Lili Dehn escreveu que Raspútin era uma ferramenta nas mãos dos revolucionários. De início pretendiam usar Ioann de Kronstadt, mas ele morreu, por isso procuraram Raspútin. Sua controladora era, segundo ela, Akilina Laptinskaia, que, disfarçada de enfermeira, trabalhava em segredo com os revolucionários para manipular e controlar Raspútin. ²⁷ O jornalista britânico Robert Wilton descreveu Raspútin como agente de Fernando da Bulgária. ²⁸ Alexei Khvostov referia-se a ele como uma arma do conde Serguei Witte. ²⁹

A ideia mais estranha era a de Félix Iussúpov. Raspútin, escreveu o príncipe em suas memórias, era ferramenta de um grupo conhecido como “os verdes”, que o controlavam de longe (segundo consta de algum lugar na Suécia) sem que ele jamais descobrisse quem eram e para que o estavam usando. Como realizaram essa façanha incrível de controle mental, Iussúpov jamais explicou, mas alegava estar claro que o objetivo final era usar Raspútin para convencer Nicolau a fazer um

acordo de paz em separado com a Alemanha. Em certa ocasião, no fim de 1916, Iussúpov disse ter visto quatro homens “de tipo distintamente judeu” no apartamento de Raspútin, e três sujeitos claros de aparência semelhante — não seriam os verdes?, pensou ele. O investigador Nikolai Sokolov também mencionou três misteriosos homens verdes. Escreveu que seu centro de operações ficava em Estocolmo e que eles eram capazes de usar Raspútin para controlar todas as ações importantes do governo.

O que Iussúpov e Sokolov queriam dizer era que Raspútin estava sendo usado por agentes alemães. ³⁰ Era uma noção disseminada naquela época. Alexei Khvostov e outros altos funcionários também acreditavam nisso. Supunha-se que o apartamento de Raspútin na Gorokhovaia era o lugar onde espões obtinham informações escutando a falação despreocupada do *stárets* e mandavam para seus chefes na Alemanha. ³¹ Um dos homens suspeitos que frequentavam Gorokhovaia era Arthur Gyulling. Filho de um senador finlandês, Gyulling, de quarenta anos, conheceu Raspútin em julho de 1916 e passou a vê-lo regularmente até sua morte. A natureza exata das relações entre os dois não é clara, embora não pareça haver dúvidas que Gyulling tentou usar Raspútin para ajudá-lo a obter lucrativas transações comerciais, como a venda de numerosos navios, pelo que o siberiano deveria receber uma comissão de 1 milhão de rublos. A Okhrana suspeitava que Gyulling fosse espião, com base no fato de que dizia ter uma fortuna de 600 mil marcos finlandeses, que lhe permitia pagar seiscentos rublos por mês de aluguel e trezentos rublos por mês para seu secretário particular, Leonti Voronin, que era também o principal repórter político do jornal ortodoxo conservador de Skvortsov, o *Sino*. Ele declarou à Okhrana que, apesar de investir em numerosos empreendimentos arriscados, nenhum deles lhe trouxe retorno. A Okhrana, porém, tinha suas dúvidas. Descobriu na agenda de endereços de Voronin os nomes de muitas pessoas suspeitas de espionagem. Além disso, Voronin era casado com uma cidadã austríaca. Já Gyulling, de acordo com seu secretário, era parente do ministro do Exterior sueco Knut Wallenberg. ³²

Na noite de 19 de dezembro de 1916, a Okhrana de Petrogrado prendeu Gyulling e seis outros homens, incluindo Pkhakadze, ex-noivo

de Maria Raspútina, o príncipe Nestor Eristov e Voronin. A Okhrana temia que os homens pudessem estar preparando alguma espécie de “manifestação” no enterro de Raspútin. Voronin declarou à Okhrana que seu patrão Gyulling se encontrava com Raspútin só para orientá-lo a fazer “boas ações” e que suas reuniões no apartamento de Gyulling eram puro entretenimento social e nada mais. Voronin afirmava que nada havia de ilegal ou traiçoeiro nas atividades de Gyulling e sua interação com Raspútin, acrescentando que o principal objetivo de Gyulling era criar uma coalizão antigermânica de países escandinavos. Os homens foram detidos por dois dias e depois soltos. Jamais foram encontradas provas de que praticassem espionagem para a Alemanha. [33](#)

E houve também o estranho caso de um certo Charles Perren. Ninguém sabia de fato quem era ele. Chegou a Petrogrado antes da guerra com passaporte americano e dizendo que era médico. Nas páginas dos jornais locais, anunciava seus talentos de hipnotizador, médium e vidente, demonstrados em apresentações no Palace Theater. Fez amizade com Raspútin na esperança de estabelecer ligações com altos funcionários do governo, e de fato conseguiu, mais notavelmente na pessoa de Aleksandr Protopópov, o último ministro do Interior. A contrainteligência russa acompanhou Perren de perto durante a guerra, descobrindo que seu verdadeiro nome era Karl, e não Charles, e sua nacionalidade austríaca, não americana. Em 4 de julho de 1916, Perren foi expulso da Rússia por suspeita de espionar para o inimigo e estabeleceu-se em Estocolmo. Posteriormente, depois do assassinato de Raspútin, Protopópov tentou levá-lo de volta para Petersburgo, para se beneficiar dos poderes místicos de Perren. Pelo menos, era o que alguns diziam. O último chefe de polícia tsarista, Alexei Vasilev, informou à Comissão que foi Perren quem escreveu duas vezes a Protopópov pedindo permissão para ir à Rússia, mas o ministro lhe passou um polido telegrama de recusa. [34](#)

Não era mais provável que Gyulling, Voronin ou Perren fossem espões alemães do que David Rowland Francis, nomeado novo embaixador dos Estados Unidos na Rússia no primeiro semestre de 1916. Mas era exatamente isso que uma das grã-duquesas russas afirmava na época. Ela insistia em dizer que a capital americana estava por completo sob influência alemã. [35](#) No entanto, não eram só russos

que viam espiões se multiplicando em volta de Raspútin. No começo de 1918, a inteligência militar americana monitorava a baronesa Ida Leonie von Seidlitz; a princesa Vilma Lwoff-Parlaghy, conhecida retratista nascida na Hungria, que tinha vivido anos na Alemanha; e Dmítri Florinski, ex-vice-cônsul russo em Nova York. Os três eram descritos como “agentes secretos da tsarina russa, do monge Raspútin e do ex-primeiro-ministro russo v. Stürmer”. Vinham, supostamente, fazendo reuniões secretas no “apartamento de certa sra. Goldsmith em Nova York”, das quais participavam o ex-embaixador alemão Johann Heinrich von Bernstorff e Jacob Schiff, conhecido milionário, filantropo e banqueiro judeu nascido na Alemanha. A inteligência militar tinha convicção de que estavam nos Estados Unidos tentando produzir um acordo de paz em separado e — mais um elemento para o mito de Raspútin — eram todos suspeitos de ligações com o “movimento bolchevique russo”. Em novembro de 1918, a baronesa Von Seidlitz estava presa e internada em Fort Oglethorpe, no estado da Geórgia. [36](#)

Uma das tarefas que a Comissão se impôs em 1917 foi descobrir a verdade sobre as “forças obscuras” que atuavam no antigo regime, e em especial se Raspútin, Vírubova e a imperatriz tinham sido espiões ou ferramentas da Alemanha. A Comissão, profundamente predisposta contra os três, procurou com afínco por provas que demonstrassem a veracidade da acusação. No fim, nada encontraram. [37](#) Durante um século, estudiosos isentos têm investigado o assunto e todos chegaram à mesma conclusão.

58. Raspútin e os judeus

Iussúpov viu homens “de tipo distintamente judeu” na casa de Raspútin em Petrogrado, o que o levou a suspeitar de atividades nefastas. O padre Chavélski queixou-se ao tsar de que Raspútin saía para beber com “judeus e personalidades sombrias de todos os tipos”. A polícia registrou a visita de um comerciante judeu de Minsk a Raspútin em Pokróvskoie e fez uma investigação completa sobre o homem. Misturar-se socialmente com judeus era algo que os russos das classes altas não costumavam fazer. Significava mau gosto, ou coisa pior.

Raspútin compartilhara dessa postura pela maior parte da vida. Durante anos foi amigo de destacados clérigos antissemitas, como Germogen e Iliodor, escreveu duramente sobre os judeus no Caso Beilis, e elogiou as atividades do Centúrias Negras, movimento do qual se dizia que era membro. Mas então, depois de romper com Germogen e Iliodor, sua atitude começou a mudar. Abandonando os hediondos preconceitos dos primeiros anos, Raspútin passou a aceitar os judeus como amigos e colegas de trabalho, chegando mesmo a defender políticas de Estado mais liberais para com os judeus da Rússia, colocando-se bem à frente da ampla maioria dos seus compatriotas. Parte da razão era o fato de que os nacionalistas russos tinham se afastado de Raspútin, mas, igualmente importante, era sua própria personalidade, sua descontraída tolerância com outras nacionalidades e crenças religiosas, e sua natureza benigna.

O artista Aleksandr Raievski recordava-se de que, durante uma de suas sessões com Raspútin em 1912, alguém em seu ateliê começou a amaldiçoar os judeus. Imediatamente Raspútin interrompeu: “Não é verdade”, berrou ele. “Todas as pessoas são iguais perante Deus... Uma

vez viajei de Jerusalém com um judeu. Era um homem bom, piedoso. Exatamente como entre os cristãos, entre eles encontramos pessoas de todos os tipos.” ¹ Pode ser que comentários como esse tenham levado alguns membros do Centúrias Negras a se voltar contra Raspútin. Naquele mesmo ano, eles produziram uma sátira zombando de Raspútin, que estaria destruindo a Rússia ortodoxa para os “Yids” [judeus]. ²

O mais lembrado dos judeus próximos a Raspútin é o seu secretário Aron Simanovitch. Originariamente de Kíev, onde tinha uma pequena joalheria, Simanovitch abriu caminho até Petersburgo nos primeiros anos do século e rapidamente acumulou uma pequena fortuna como fornecedor de diamantes para os abastados da cidade. Além disso, abriu numerosas salas de jogo, sendo ele mesmo jogador inveterado, conhecido por ganhar, e perder, muito dinheiro na mesa em jogos de altas apostas. Relatos sobre o seu caráter divergem bastante. Um relatório da Okhrana descrevia-o como “um homem bem sórdido, poderoso traficante de influência com um jeito insinuante, capaz de qualquer aventura ou especulação”. ³ Globatchev, chefe da Okhrana em Petrogrado, porém, observou que Simanovitch era um jogador honesto, homem de instrução limitada, que mal sabia falar ou ler em russo, mas inteligente e dotado da sabedoria e experiência das ruas. Belétski o descreveu como excelente homem de família e pai, dedicado à criação e educação dos filhos. Com o dinheiro que ganhou, Simanovitch conseguiu tornar-se mercador da primeira guilda, designação social que conferia a um judeu como ele o direito de viver permanentemente na capital. Morava com a mulher e seis filhos num apartamento amplo. Muitos o consideravam homem generoso, disposto a ajudar os necessitados com um presente ou um empréstimo, ainda que alguns reclamassem dos juros altos que cobrava. ⁴ Depois da revolução, Simanovitch escreveu (ou, com mais probabilidade, ditou) um livro intitulado *Raspútin e os judeus*, que viria a exercer forte influência na percepção posterior do homem, lamentavelmente, quando se leva em conta os muitos erros e noções ridículas do livro (por exemplo, Raspútin curou o imperador do alcoolismo, o general Orlov era o verdadeiro pai do tsarévitch etc.). ⁵

Na época do assassinato de Raspútin, Simanovitch disse que o

conheceu, por coincidência, em 1900, na estação ferroviária de Kazan, e depois os dois renovaram contato e começaram a se aproximar por volta de 1911. ⁶ Teria o vício da jogatina de Simanovitch desempenhado algum papel nisso? A imprensa de Petersburgo informou em 1914 que, quando o “Clube Artístico e Social Capital”, o inofensivo nome por trás do qual funcionava um dos maiores estabelecimentos de jogo da cidade, estava à beira da falência, Raspútin interveio arranjando um grande empréstimo para sustentá-lo. O clube, segundo o artigo, era notório por vícios e ilegalidades, mas isso parece não ter incomodado o siberiano que, embora não jogasse à mesa, gostava de ir lá para assistir. ⁷ Como em tantas reportagens de jornal sobre Raspútin, é difícil estabelecer até que ponto isso é verdade.

Raspútin tivera outros secretários antes de Simanovitch. Inicialmente era Laptinskaia, inteligente, honesta e trabalhadora. Em seguida veio um homem chamado Volinski, sobre quem quase nada se sabe, e depois certo Ivan Dobrovolski. Esses homens eram menos secretários, no sentido tradicional, do que porteiros, servindo de intermediários entre Raspútin e o infindável fluxo de peticionários. Eram eles que coletavam os presentes, os subornos e outras “taxas” destinadas ao chefe. Dobrovolski, ex-inspetor de escolas do governo, e a mulher Maria, “personagem muito maquiada e duvidosa”, nas palavras de Vírubova, começaram a embolsar parte do dinheiro que deveria apenas passar por suas mãos. Ele e Maria passaram a adotar um estilo de vida luxuoso, com sua riqueza repentina. Quando Raspútin descobriu, foram demitidos. Segundo o depoimento de Aleksandr Protopópov, o último ministro do Interior, Dobrovolski foi preso no verão de 1916. Simanovitch assumiu o lugar deles. ⁸

Simanovitch passou a ficar a maior parte do tempo no apartamento da Gorokhovaia nos dois últimos anos da vida de Raspútin. A família se aproximou dele. “Simochka” era como Maria carinhosamente o chamava. Simanovitch ajudara a salvar a vida de Raspútin durante o caso Khvostov e pagou caro por isso. Raspútin não esqueceu, e providenciou que Simanovitch tivesse permissão de voltar do exílio. Simanovitch supostamente teria testemunhado o respeito com que Raspútin tratava os judeus na Gorokhovaia. “Se houvesse alguns generais entre os peticionários”, disse Simanovitch, “então ele lhes dizia

brincando: ‘Prezados generais, os senhores estão acostumados a ser recebidos primeiro. Mas há judeus aqui, pessoas sem nenhum direito, e eu devo vê-los antes. Judeus, vamos conversar, quero fazer tudo que puder por vocês’.” [2](#)

É possível que Simanovitch tenha aberto os olhos de Raspútín para a difícil situação dos súditos judeus do império, apresentando-o a outros judeus na cidade. [10](#) Um desses foi Genrikh Sliozberg, advogado importante e um dos principais defensores dos direitos da comunidade judaica na Rússia. Conheceram-se no começo de 1914, quando Raspútín lhe pediu dinheiro para um asilo de indigentes em Pokróvskoie. Raspútín tratou Sliozberg durante o almoço como se os dois fossem velhos conhecidos. Sliozberg ficou impressionado. “Nos olhos dele havia qualquer coisa totalmente cativante”, disse. “Claro, sua falta de cultura transpirava em cada gesto e em cada palavra. Mas era impossível não prestar atenção no que dizia. Toda expressão sua era tão viva e, pelo menos, dava prova de que ali estava um homem inteligentíssimo.”

[11](#)

A conversa se encaminhou para questões judaicas, e Raspútín disse a Sliozberg que foi graças a sua conversa com o tsar que uma capela não tinha sido construída no lugar onde o corpo do menino Iuschinski foi encontrado em Kíev, assassinato que resultou no caso Beilis. Ele tinha dito ao tsar que aquilo faria do menino um mártir, coisa que seria melhor evitar, em especial porque sua morte não fora um assassinato ritual. Raspútín tornou públicas suas opiniões sobre o assunto mais ou menos na época do almoço com Sliozberg, dizendo à imprensa que o caso Beilis não passava de obra de encenqueiros. [12](#) Raspútín também falou com Sliozberg sobre seu papel no Caso dos Dentistas, outro escândalo que então agitava a Rússia. Numa época em que era negado aos judeus o direito de morar em Moscou, abriram-se exceções para dentistas, e quando muita gente apareceu exibindo diplomas de um instituto estomatológico de Pskov, uma investigação revelou a existência de uma fábrica de diplomas produzindo certificados falsos para vender. Alguns envolvidos foram levados aos tribunais, e os dentistas judeus foram banidos de Moscou. Raspútín, segundo contou a Sliozberg, fora abordado por muitos desses homens lhe pedindo ajuda, e ele poupou centenas de serem obrigados a deixar a cidade. Raspútín, ao

que tudo indica, estava falando a verdade. Outras fontes confirmam que ele ajudou os “dentistas” judeus a permanecerem em Moscou. Khvostov comentou que isso era verdade, e que tudo o que Raspútín recebeu em troca de seus esforços foi “um chapéu e um casaco de peles”, ainda que 30 mil rublos em suborno tivessem sido distribuídos para resolver a questão. Além de socorrer os dentistas, Raspútín ajudou também muitos judeus a escaparem do serviço militar durante a guerra. ¹³ Antes de partir, Raspútín fez uma gigantesca promessa a Sliozberg, dizendo que ia tomar providências para acabar com a Zona de Assentamento de Judeus. ^{*} “Não me chamo Raspútín se não lhe der a sua zona”, avisou ele a Sliozberg. ¹⁴ Disse a mesma coisa para Vera Jukóvskaia, mas acrescentando que, apesar de querer que os judeus tivessem a liberdade de viver onde bem entendessem no império, não era a favor de eles terem direitos iguais aos russos. Jukóvskaia sugeriu que não havia nada de humanitário na ajuda de Raspútín aos judeus, e que só fazia isso por dinheiro, o que não bate com a sua bem documentada indiferença a questões pecuniárias. ¹⁵ Se Raspútín puxou o assunto com o tsar, nunca passou do nível de uma conversa vaga. Nicolau, como Alexandra, era extraordinariamente antissemita e, como a maioria dos russos na época, não era favor de acabar com o seu confinamento territorial, nem de conceder plenos direitos aos judeus. A Zona de Assentamento sobreviveu a Raspútín e à dinastia Románov, abolida pelo governo provisório em março de 1917.

Dmítri Rubinshtein nasceu numa pobre família judia de Kharkov, cidade fora da Zona de Assentamento que tinha permitido aos judeus se estabelecerem lá e ostentava uma rica e vibrante comunidade judaica no fim do século XIX. Menino talentoso, frequentou a escola secundária em Iaroslav e fez doutorado em direito, entrando no mundo dos bancos e atingindo o status de mercador de primeira guilda e diretor e presidente do conselho de administração do Banco Franco-Russo em Petersburgo. Rubinshtein — chamado, pouco carinhosamente, de “Mitka” — tornou-se rico e bem relacionado, apesar de encarado com má vontade pela elite, e junto com a mulher Stella estava decidido a galgar os degraus da hierarquia social. Previsivelmente, buscou a filantropia como a rota mais segura para ser aceito pela elite da capital.

Os Rubinshtein doavam quantias generosas para o hospital do exército estabelecido pela imperatriz em Tsárskoie Seló, bem como para uma enfermaria criada por Vírubova. Em 1914, o casal deu 20 mil rublos para uma entidade beneficente da imperatriz viúva, ação pela qual Dmítri recebeu a Ordem de São Vladímir, quarta classe. Mas um judeu só poderia subir até certo ponto, e certas oportunidades lhe eram vedadas. Uma delas dizia respeito ao maior desejo de Rubinshtein: tornar-se conselheiro de Estado. Todas as rotas de acesso, porém, pareciam bloqueadas, por mais que tentasse. Seus pedidos eram sempre negados.

[16](#)

A certa altura Rubinshtein se deu conta de que jamais teria êxito se Raspútín não o ajudasse. Começou a frequentar a Gorokhovaia, e no segundo semestre de 1915 entrou no radar da Okhrana. Em novembro, um agente informou que Rubinshtein estava morando numa casa pertencente à condessa Sófia Ignátieva, no no 5 da rua Tsarítsinskaia — que esperava comprar com a ajuda de Raspútín mediante o pagamento de uma comissão de 20%. O relatório dizia ainda que Rubinshtein tinha estabelecido com dinheiro próprio uma enfermaria para soldados numa casa alugada na ilha de Vassilévski, ato de caridade que aparentemente lhe valera uma audiência com a imperatriz arranjada por Raspútín. [17](#)

Alexandra mencionou Rubinshtein pela primeira vez em carta a Nicolau em setembro de 1915. Rubinshtein, ou Raspútín em nome dele, contara à imperatriz que doara mil rublos para a produção de aeronaves destinadas à incipiente força aérea russa. Estava preparado para doar mais 500 mil se pudesse ser nomeado conselheiro de Estado. Alexandra considerou o pedido repugnante: “Que sórdidos são esses pedidos neste momento — a caridade precisa ser paga — que infâmia!”. Raspútín, realista, disse a Alexandra que, embora ela achasse a prática repreensível, numa época como aquela, quando o Estado precisava desesperadamente de dinheiro, pedidos como o de Rubinshtein deveriam ser atendidos. [18](#) E ele com certeza não foi o primeiro. Houve também o caso de Ignati Manus, judeu batizado, banqueiro rico e industrial. Como Rubinshtein, Manus doava muito dinheiro para instituições beneficentes e, em 1915, recebeu o título de conselheiro de Estado. Também como Rubinshtein, Manus cultivou uma relação com Raspútín pela mesma razão que tantos outros russos: ele era o único

homem na Rússia de então com acesso à tsarina e, por intermédio dela, ao tsar. Homens poderosos, ou que buscavam o poder, não podiam ignorar Raspútin nem se quisessem. Sem serem amigos um do outro, Rubinshtein e Manus competiam pelas atenções de Raspútin. De acordo com Globatchev, os dois ofereciam grandes festas e banquetes a Raspútin, e com sua ajuda fizeram transações imensas e obtiveram contratos importantes. Raspútin ganhava uma fatia disso tudo. Às vezes ficava satisfeito, às vezes não, e nesses casos exigia mais. O dinheiro era para manter seu apartamento na Gorokhovaia e a família em Pokróvskoie, apesar de seu hábito de distribuir a maior parte. ¹⁹ As relações eram puramente interesseiras. Eles usavam Raspútin, e eram usados em troca, cada um para seus próprios fins.

Na atmosfera paranoica da época, as relações de Raspútin com figuras como Manus e Rubinshtein chamavam atenção. Dois homens resolveram esmiuçar a fundo essas relações: o general Mikhail Bontch-Bruievitch, irmão do bolchevique Vladímir e chefe do estado-maior geral do Front Setentrional, e seu subordinado, coronel (mais tarde general) Nikolai Batiuchin. O general era um fanático nessa questão de capturar espões. Desde o Caso Miasoiédov, estava convencido de que eles estavam infiltrados em cada canto do exército, da corte, do serviço público e da população civil. Tomou para si a tarefa de livrar o país de espões alemães, e ficava furioso porque ninguém levava o assunto tão a sério quanto ele. Batiuchin compartilhava da paixão do chefe. No primeiro semestre de 1916, recebeu ordem do general Mikhail Alexéiev para chefiar uma comissão incumbida de erradicar a espionagem militar. A primeira tarefa da “Comissão para Investigar Atividades que Põem em Perigo a População Civil” foi investigar as transações financeiras do banqueiro Dmítri Rubinshtein. Alexéiev impôs uma condição: Raspútin não deveria saber da investigação, pois só ele tinha o poder de impedi-la. Mesmo antes de começar, Batiuchin estava convencido da culpa de Rubinshtein e de que suas iniciativas beneficentes não passavam de uma cortina de fumaça para ocultar o fato. Batiuchin era um dos que acreditavam que Raspútin era um inocente útil nas mãos de espões como Dmítri Rubinshtein. Estava certo de que Rubinshtein o enchia de falsas informações da inteligência militar alemã, sabendo que as repassaria para Alexandra e Nicolau —

perturbando dessa forma as operações militares russas e levando as tropas russas a se movimentarem de acordo com planos de Berlim. Também estava certo de que Raspútin recebia enormes subornos de Rubinshtein. O plano de Batiuchin era derrubar Rubinshtein e, paralelamente, destruir Raspútin. [20](#)

Havia outros rastreando os encontros de Raspútin com judeus endinheirados também. Em fevereiro de 1916, a Okhrana percebeu que Raspútin se tornara assíduo convidado de honra nos banquetes que Abram Boberman, comerciante judeu de Samara, oferecia no Hotel Europa, onde morava. A polícia informou que Boberman estava envolvido em “operações financeiras em grande escala; a maioria dos empreendimentos de BOBERMAN é conduzida com a cooperação de G. Raspútin”. Boberman também era convidado frequente da Gorokhovaia. [21](#) A imprensa estava repleta de histórias sobre a mão de Raspútin em transações com numerosas figuras, muitas delas escusas, e várias delas estrangeiras. Algumas envolviam contratos militares do Estado, mas nem todas, como a história de que Raspútin estava negociando os direitos para abrir um grande cinema em Petrogrado que contaria com um “Kinotofon”, a última invenção de Thomas Edison. Um traço comum dessas histórias era o entendimento, declarado ou implícito, de que havia suborno, e que Raspútin receberia uma bela quantia. [22](#)

Uma carta do dr. Badmáiev para Raspútin, datada de 8 de outubro de 1916, mostra como o jogo era praticado:

Meu querido Grigóri Iefimovitch.

“Deus está acima das nuvens, e o tsar está longe” — é o que ainda dizem as pessoas que precisam da atenção deles para problemas sérios da vida. Os ministros continuam os covardes de sempre, quando se trata de fazer alguma coisa que preste, ou só fazem depois de levarem uma surra de vara da Duma Estatal. Nem todo mundo tem a possibilidade de obrigá-los a tratar de assuntos que exigem atenção imediata. E há ainda os intermediários de todos os tipos que exigem grandes somas de dinheiro para influenciar os ministros. Mas nem todos os intermediários merecem confiança, pois ficam com o dinheiro e mesmo assim o assunto não é resolvido. Há um desses assuntos, pelo qual o proprietário gastou um bocado, que apresento a Você para que o submeta à atenção do nosso querido tsar, o único que pode encaminhá-lo ao Conselho de Ministros. Pelas vias normais, isso exigiria muito tempo para ser resolvido, e posso acrescentar que diz respeito a um ramo vital de uma firma industrial. Seu proprietário, cuja humilde petição entrego a Você, acredita em mim e no general Kurlov, e nos oferece 50 mil rublos se o negócio for concluído com êxito. Recusamo-nos a aceitar qualquer dinheiro em troca da nossa ajuda nesta questão, mas dissemos a ele que poderíamos

pedir a Você que encaminhe este pedido pelos canais competentes, pois é assunto inteiramente honesto e respeitável, que exige que os ministros saibam que o Olho do Imperador está acompanhando tudo. [...]

Com sincero amor por Você, Piotr Badmáiev. [23](#)

Badmáiev, claro, não foi sincero quando dizia que se recusava a aceitar dinheiro por sua ajuda, e a mensagem implícita para Raspútin era que ele também receberia uma fatia daqueles 50 mil.

Se iam mesmo entrar no mundo sigiloso da espionagem, Bontch-Bruievitch e Batiuchin concluíram que precisavam de alguém bem informado da contrainteligência que tivesse relações com figuras-chave. Escolheram como seu contato Ivan Manassevitch-Manuilov, o Rocambole Russo, se bem que com algumas restrições. Sabiam da sua reputação de falsidade, bem como da sua nova função como secretário especial do primeiro-ministro Stürmer, visto pela maioria como aliado de Raspútin. Bontch-Bruievitch e Batiuchin não tinham absoluta certeza se Manuilov trabalharia a favor ou contra eles, mas achavam que precisavam correr o risco. [24](#)

De início, a pista parecia levar não a Rubinshtein, e sim a Manus, que seria o chefe do grupo de espões alemães. O general Dmítri Dubenski, integrante da comitiva do tsar e cronista oficial do esforço de guerra russo, afirmava ter ouvido de uma fonte bem informada do mundo dos bancos que Manus era o responsável pelo controle do fluxo de dinheiro usado para ajudar os alemães. Manus foi chamado para responder a algumas perguntas em 1o de março, mas repeliu com veemência qualquer insinuação de que estivesse envolvido em espionagem para os alemães ou fizesse parte de algum “grupo alemão”, sendo em seguida liberado. [25](#)

Enquanto isso, Manuilov começou a repassar à comissão informações que pareciam comprovar as suspeitas de Batiuchin sobre Rubinshtein. Em 10 de julho, Rubinshtein foi preso por espionagem e traição ao Estado, e mandado para a cidade de Pskov. Quando vasculharam sua casa em busca dos documentos que comprovassem as informações dadas por Manuilov, Batiuchin e seus homens constataram, perplexos, que não havia nada. Em vez de aceitar o óbvio — que nunca houve documento nenhum —, Batiuchin achou que alguém tinha avisado a Rubinshtein, muito provavelmente o ministro do Interior Protopópov,

ou Ievguêni Klimovitch, diretor do departamento de polícia desde março daquele ano, e o acusado conseguira destruir tudo. [26](#)

O homem encarregado de julgar o caso contra Rubinshtein, o procurador Serguei Zavadski, ficou espantado com as “provas” que Batiuchin lhe entregou, que descreveu como “tagarelice infantil: nada mais que boatos e fofocas”. Se Rubinshtein era de fato culpado, disse Zavadski, então Batiuchin e sua comissão eram sua melhor defesa; se era inocente, então aquilo não passava de “um horror”. Outros foram mais longe. Pável Kurlov, mais uma vez designado vice-ministro do Interior por dois meses no fim de 1916, fez críticas extremamente severas à comissão de Batiuchin por ir muito além de suas atribuições, agindo de forma despótica e arbitrária. A contrainteligência sob o comando de Batiuchin, segundo Kurlov, tornara-se “uma forma de terror branco”. [27](#)

O trabalho de Batiuchin sofreu outro grande revés quando Manuilov, o homem que escolhera para trabalhar com ele, foi preso no fim de agosto, sob acusação de chantagem e extorsão, pelo diretor da polícia Klimovitch. A polícia alegava ter provas de que Manuilov, entre outras coisas, tentara extorquir 26 mil rublos do Banco Unido (chefiado por Tatíschev, o homem que Raspútín tinha recomendado como ministro das Finanças), e recebera fundos ilegais do Banco Franco-Russo (cujo presidente do conselho administrativo era ninguém menos do que Rubinshtein). A prisão foi vista como um ataque a Raspútín, atingindo um dos seus poderosos aliados. Klimovitch era cria e amigo do desacreditado ministro do Interior Alexei Khvostov, e próximo também de um tio de Khvostov, Aleksandr Khvostov, que serviu como ministro do Interior do começo de julho a meados de setembro de 1916, exatamente quando Manuilov foi preso. [28](#) Klimovitch era implacável. De acordo com um documento dos arquivos do Ministério do Interior, quando chefe da Okhrana de Moscou, em 1907, envolvera-se num complô para assassinar Grigóri Iollas, deputado da Duma, membro do Kadet e judeu. [29](#) Nada disso deixou de ser levado em conta por Raspútín ou Alexandra.

A prisão deixou Batiuchin numa posição difícil: não podia esperar prosseguir com o seu trabalho sem a ajuda de Manuilov, mas sair em sua defesa era impossível, dada a natureza e a severidade das acusações.

A rigor, é possível que esse, e não um ataque a Raspútin em seu círculo, tenha sido o verdadeiro alvo da prisão de Manuilov por Klimovitch. ³⁰ De qualquer maneira, o resultado foi o mesmo. Batiuchin se deu conta de que seus esforços para pegar Raspútin tinham fracassado. De acordo com Simanovitch (que não é dos mais confiáveis), Batiuchin engoliu seu orgulho e foi pedir perdão a Vírubova. Nicolau convocou Batiuchin à Stavka e ameaçou substituí-lo, mas, com a ajuda do general Alexéiev, ele conseguiu escapar da destituição. Ainda assim, depois disso, Batiuchin mudou de postura em relação a Raspútin e até tentou bajulá-lo. ³¹ Talvez isso explique por que a Comissão incluiu o nome de Batiuchin na lista de 77 “rasputinistas”. ³²

Em maio de 1916, o coronel Aleksandr Rezanov foi acrescentado à comissão de Batiuchin por ordem do general Alexéiev. Rezanov fora encarregado durante anos de investigar espionagem como funcionário do Ministério da Justiça, e estava tão convencido quanto Bontch-Bruievitch e Batiuchin de que a espionagem era galopante entre os industriais judeus da Rússia. Contou ao investigador Nikolai Sokolov em Paris em 1921 como o esquema funcionava. Várias companhias de seguro de grande porte entraram no ramo de resseguros para administrar risco cambial, que nada mais era do que um esperto estratagema para transmitir ao inimigo segredos militares relativos à produção militar e aos movimentos navais russos. Todas as principais firmas estavam envolvidas, de acordo com Rezanov. Um dos seus principais atores, disse ele a Sokolov, foi ninguém menos do que Aleksandr Gutchkov. A comissão obtivera provas convincentes dos crimes de Gutchkov, mas antes que ele pudesse ser preso veio a revolução e o salvou.

A outra figura importante era Rubinshtein. Rezanov alegava que eles tinham confiscado cartas codificadas no apartamento de Rubinshtein, comprovando o seu envolvimento em espionagem. Quanto a Raspútin, Rezanov, que estivera com ele em várias ocasiões, disse a Sokolov que não achava que tivesse sido espião, mas estava cercado de agentes duplos, todos eles sob a direção de Manuilov, que os usava em benefício próprio. O homem que comandava o grupo de espiões na Rússia, segundo ele, não era outro senão Hellmuth Lucius von Stoedten, na Suécia. As cartas de Lucius no Arquivo Político do Ministério do

Exterior em Berlim demonstram sem margem de dúvida que ele não comandava nenhum grupo de agentes na Rússia, fato que lança uma grande sombra nas acusações de Rezanov contra todos os demais em seu depoimento a Sokolov. ³³

Raspútín e Alexandra não eram indiferentes ao destino de Rubinshtein e Manuilov. Em 26 de setembro, ela escreveu para Nicolau dizendo que Protopópov agora concordava com ela e Raspútín que a investigação de Rubinshtein e sua prisão tinham como único objetivo prejudicar “nosso amigo”, e o homem que estava por trás daquilo só podia ser Gutchkov. Alexandra não achava que Rubinshtein fosse um modelo de decoro (“Certamente tem sórdidas transações monetárias — mas não só ele”, observou ela a Nicolau), porém as ações eram tendenciosas desde o início, e a imperatriz queria que ele fosse solto ou pelo menos transferido silenciosamente de Pskov para a Sibéria, e “não deixado aqui para irritar os judeus”. ³⁴ Ela, e Raspútín também, escreveu mais uma vez para o tsar pedindo que aliviasse o fardo de Rubinshtein. Ele acabou solto em 6 de dezembro, mas as acusações de que era alvo não foram retiradas, e Rubinshtein ainda foi preso uma segunda vez, antes de enfim ser libertado — junto com muitas outras pessoas detidas nas prisões da capital — pelas multidões durante a Revolução de Fevereiro. ³⁵

Em 10 de dezembro, Alexandra voltou a escrever para Nicolau, dessa vez suplicando-lhe que suspendesse o julgamento de Manuilov, marcado para o dia 15. Ela relatou que Batiuchin tinha ido ver Vírubova e dito que o julgamento não deveria ocorrer porque agora ele sabia que o caso contra Manuilov era pura fabricação destinada a atingir Raspútín. Quem estava por trás disso, de acordo com Batiuchin, era Alexei Khvostov, que andava dizendo que lamentava que “Tchik” — apelido dado por Alexandra (possivelmente por Khvostov) a Boris Rjévski — não tivesse conseguido matar Raspútín. ^{**} Um julgamento simplesmente faria com que todos os detalhes da conspiração homicida de Khvostov fossem trazidos à tona novamente. Alexandra não queria nem cogitar essa possibilidade. Instruiu Nicolau a escrever as palavras “suspender o caso” na pasta de Manuilov e mandá-la para o ministro da Justiça Aleksandr Makárov, antes que fosse tarde demais. Ao mesmo

tempo implorou a Nicolau que demitisse Makárov, que considerava inimigo de Raspútín, e o substituísse por seu vice, Nikolai Dobrovolski. O tsar obedeceu. Dez dias depois, Dobrovolski substituiu Makárov, e Manuilov foi solto temporariamente, com o julgamento adiado para fevereiro. ³⁶ (Corria o boato de que Dobrovolski era um ocultista muito apreciado pela imperatriz, o que explicava sua promoção.) ³⁷ Alexandra escreveu para Nicolau no dia 15: “Muito obrigada (da parte de Gr.[igóri] também) por Manuilov”. ³⁸ A indignação pública com a decisão do tsar foi enorme. Em seu julgamento, em meados de fevereiro, Manuilov foi declarado culpado, destituído de todos os seus bens e condenado à prisão. Não ficou preso muito tempo e acabou solto pelas mesmas multidões que libertaram Rubinshtein na euforia do fim de fevereiro.

Protopópov disse à Comissão que, depois de solto, Rubinshtein, agradecido, comprou quinhentos rublos de flores e despachou-as para o apartamento de Raspútín. Foi uma estupidez de Rubinshtein, comentou ele, expor a dimensão do poder de Raspútín dessa maneira. ³⁹ Raspútín de fato tinha ajudado a soltar Rubinshtein, mas, com ou sem flores, ele deu as costas ao siberiano quando não precisava mais dele. Depois da queda dos Románov, concedeu uma entrevista a um jornal polonês afirmando que tinha sido “inimigo jurado” de Raspútín, jamais seu amigo. Argumentou nunca tê-lo procurado, e sim justamente o contrário: Raspútín e Vírubova, em nome do trono e com respaldo expresso do ministro das Finanças, o obrigaram a dar dinheiro do seu banco sob pena de perder todos os negócios que tinha com o Estado. Admitiu que Raspútín o ajudou a realizar várias transações, mas que não demorou para que comesasse a fazer intrigas contra ele. Apesar disso, foi Raspútín, comovido por uma súplica apaixonada da mulher de Rubinshtein, que lhe conquistou a liberdade, salvando-o dessa maneira da “morte inevitável”. ⁴⁰

“Todas as pessoas são criadas por Deus”, teria dito Raspútín sobre os judeus, segundo o *Tempos de Odessa* em 1916, “ninguém deve ser oprimido.” ⁴¹ É difícil saber se Raspútín disse ou não disse essas palavras, mas o que soa verdadeiro é o sentimento por trás delas. Ainda que não fosse um verdadeiro amigo dos judeus, nos últimos anos de vida tinha Raspútín amadurecido suficientemente como homem para rejeitar as opiniões mais repulsivas do seu passado.

* Área na parte ocidental do Império Russo criada sob Catarina, a Grande, onde os judeus tinham permissão para viver. Só judeus com formações específicas, ou ricos, tinham autorização para viver permanentemente nas tradicionais áreas russas do império, apesar de haver considerável imigração ilegal da Zona de Assentamento. Pelo fim do verão de 1915, a Zona de Assentamento na prática tinha sido amplamente abolida e seria extinta pelo Governo Provisório em 1917.

** Deve-se notar que Khvostov tinha anteriormente pretendido assassinar Raspútín com vinho envenenado enviado (falsamente) por Rubinshtein, com isso matando dois coelhos com uma cajadada só: Raspútín estaria morto e Rubinshtein atrás das grades. Ver Melgunov, *Legenda*, pp. 400-1.

59. “O sol brilhará...”

Em meados de junho, Raspútin deixou Petrogrado com destino a Tobolsk para assistir às cerimônias de canonização de Ioann Maksímovitch. O governador Ordovski-Tanaievski teve um encontro com Raspútin antes de sua partida e tentou convencê-lo a desistir da viagem, dizendo que as multidões seriam grandes demais para que a polícia as controlasse e que a vida dele estaria em perigo. Raspútin ignorou o aviso do governador. De Tobolsk, mandou um telegrama para Nicolau no último dia de junho: “O santo bispo Ioann Maksímovitch abençoa com sua mão forte, sagrada e poderosa e cega a infidelidade e o exército inimigo, a força ímpia. O sol brilhará sobre nossos exércitos, a bondade vencerá”. ¹ Em 2 de julho, escreveu para Vírubova: “Fiz a comunhão dos Santos Sacramentos no santuário com as relíquias. Só gente simples e simplicidade, nenhum aristocrata na multidão, e todas as pessoas estão em Deus e falam com Deus. Estamos partindo para Verkhoturie”. ² Vírubova respondeu que o tempo no front não estava bom (frio e chuvoso) e lhe pediu que orasse, para que “Deus abençoe o front com luz do sol”. Raspútin rezou e não adiantou. O sol recusou-se a sair. No fim de julho, o siberiano voltou para Petrogrado.

Raspútin vinha pensando bastante numa série de assuntos no começo daquele verão. Antes de partir para Tobolsk, fez Alexandra escrever para Nicolau com perguntas e conselhos. Indagava-se qual seria a maneira correta de abordar a Duma, se o governador-geral de Petrogrado Aleksandr Obolénski deveria ser substituído, que fazer com as longas filas para obter alimento na capital, e se o Ministério do Interior, e não o Ministério da Agricultura, deveria ser responsável pela

administração da crise de alimentos e combustíveis, que se agravava. Raspútin andava especialmente contrariado com a recente mudança das passagens de trem, com aumentos de cinco a dez copeques. Pediu a Alexandra que informasse a Nicolau que esse aumento “não era justo com os pobres — que os ricos fossem taxados, mas não os outros, que diariamente precisam com frequência pegar o trem mais de uma vez”. Raspútin estava bem chateado com a lei que proibia soldados de viajarem de bonde na capital durante a guerra, e fez questão de que Vírubova deixasse isso claro para Alexandra e Nicolau. Considerava uma medida sem sentido, injusta e motivadora de raiva e ressentimento dos soldados comuns contra seus oficiais, que tinham permissão para viajar. Era, na opinião de Raspútin, uma política que precisava acabar, e nisso tinha razão, pois a lei desnecessariamente humilhante se tornaria fator importante no atíçamento da raiva que levou à Revolução de Fevereiro. Ela instruiu Nicolau a transmitir essa opinião para Stürmer, bem como a orientação para que o tsar fosse muito firme com seus ministros. Raspútin também informou que gostaria que Nicolau voltasse a Tsárskoie Seló por um dia ou dois, para conversar sobre essas questões “essenciais” antes de sua partida para Tobolsk. ³ Nicolau ignorou o pedido de Raspútin e permaneceu na Stavka.

Em 7 de julho, o imperador fez novas mudanças no ministério, em mais uma sessão de dança das cadeiras. Stürmer manteve o cargo de primeiro-ministro, mas foi substituído como ministro do Interior por Aleksandr Khvostov, ex-ministro da Justiça e tio do suposto assassino Alexei Khvostov. Aleksandr Makárov foi nomeado novo ministro da Justiça, e o ministro do Exterior Serguei Sazónov foi demitido e sua pasta acrescentada às atribuições do primeiro-ministro Stürmer. ⁴ Nem Raspútin, nem Alexandra ficaram satisfeitos com a escolha de Makárov. Ambos ainda estavam irritados com a atuação dele durante o escândalo em torno de Iliodor em 1912, achando que não fizera o bastante para proteger a imperatriz. Apesar disso, consolaram-se um pouco com o fato de ele não ter sido designado para o cargo de ministro do Interior, como Nicolau chegou a pensar em maio, mas para o menos influente — e menos perigoso — papel de ministro da Justiça. ⁵

Ao que tudo indica, porém, Raspútin já estava fazendo intrigas contra os novos ministros. O príncipe Andrónnikov escreveu uma carta para o

comandante do palácio Vladímir Voeikov, “sob o mais estrito sigilo”, em 2 de agosto para relatar uma visita que tinha recebido de Manuilov e do coronel Aleksandr Rezanov, vice de Batiuchin. De acordo com Andrónnikov, Manuilov informou que estava envolvido em numerosos planos para enfraquecer Khvostov, Makárov e Stürmer. “Gr. Ief. Raspútin desempenha o papel principal em tudo isso”, confessou ele, “pois está hipnotizando as pessoas contra Khvostov, dizendo que é igualzinho a Alexei Nikoláievitch Khvostov.” Já Makárov estava sendo atacado porque não mostrou a Raspútin o devido respeito.

Manuilov está ruidosa e cinicamente declarando que a Imperatriz é mais forte do que qualquer um e cuidará do “irresoluto Tsar”. É o fim da linha! Se essa gangue sinistra de Messrs. Manuilov e Cia. vai governar a Rússia, então todos nós devemos fugir da Rússia o mais rápido possível, pois as consequências serão horrendas!

Seja como for, precisamos apoiar Khvostov e Makárov e revidar com firmeza contra esses canalhas intrigantes, para quem o ganho pessoal é mais importante do que os interesses da Dinastia e da Pátria!

Isto é um grito de minha alma, que espero que provoque uma resposta em Vosso nobre coração! [6](#)

O que Andrónnikov realmente queria com essa carta? Estava contando a verdade sobre o encontro com Manuilov? Houve de fato esse encontro e, em caso positivo, teria sido conforme descrito em suas cartas? Ou seria um pouco de intriga da parte do príncipe Andrónnikov, tentando cair nas graças de Voeikov e dos novos ministros? E a carta teria desempenhado um papel na prisão de Manuilov naquele mesmo mês, como contra-ataque do mesmo homem — o ministro do Interior Khvostov — nela mencionado?

Andrónnikov também observou em sua carta que essa “gangue” tinha os olhos voltados para o procurador-chefe Voljin, em grande parte porque não cortejava Vírubova, chegando a ponto de recusar-se a visitá-la. Voljin estava cansado das intrigas contra ele, e o que Andrónnikov aparentemente ignorava era que o procurador-chefe já tinha apresentado seu pedido de renúncia no dia anterior, 1o de agosto. Os candidatos que propôs para sucedê-lo foram preteridos em favor de Nikolai Raiev. A escolha foi lamentável. Além de um zero à esquerda, Raiev não era sequer homem de igreja. Tinha estudado línguas asiáticas e servido muitos anos no Ministério da Educação, tempo durante o qual fundou uma faculdade para mulheres. Chavélski mais tarde comentou a

respeito de sua mente trivial e sua aparência cômica: rosto pintado, emoldurado por uma lustrosa peruca negra, bigode e barba tingidos. “Dava a impressão de um homem prematuramente velho e indecente”, observou Chavélski. ⁷ Sua maior qualificação era ser filho de Pável Raiev, ex-metropolita de São Petersburgo, mais conhecido como Palladi (que morreu em 1898). Foi Palladi que nomeou Pitirim reitor do Seminário Teológico de São Petersburgo. Raspútin encontrou-se com Raiev e conversou com ele por mais de uma hora. Disse a Alexandra que o homem era uma “verdadeira dádiva de Deus”. ⁸ Raiev sabia a quem devia sua promoção e o que se esperava dele: para assistente fez questão de escolher o príncipe Jevakhov. ⁹ A essa altura, não havia dúvida: Raspútin assumira o controle da Igreja. A derrota dos seus adversários foi completa.

Em 28 de julho, Alexandra e suas filhas partiram de Tsárskoie Seló com destino à Stavka para estar com Alexei no seu aniversário. Raspútin enviou votos de parabéns. “O dia de glória, este sino tocou da luz, e seu repicar estará conosco para sempre, o que Deus deu o inimigo não pode tirar.” ¹⁰ Raspútin incentivara Alexandra a visitar a Stavka, dizendo-lhe que Deus aprovaria e portanto “daria sua Bênção ao Exército”. ¹¹ Lá, Alexandra conversou com o general Alexéiev sobre Raspútin. Presenteou o general com um ícone dado pelo amigo e depois disse a Nicolau que esperava que ele o tivesse aceitado de boa vontade, pois isso traria grandes bênçãos para o Exército. Alexéiev mais tarde reproduziria as palavras de Alexandra para o capitão Dmítri Tikhobrazov, oficial do estado-maior na Stavka: “É um homem tão santo, tão miraculoso, injustamente difamado, e é tão dedicado à nossa família, e reza por nós com fervor. Acredite, general, que se pudesse visitar a Stavka traria muita felicidade para todo mundo”.

Alexéiev franziu as sobrancelhas e respondeu secamente: “Majestade Imperial, formei minha opinião sobre este assunto há muito tempo e nada é capaz de mudá-la. Digo ainda que, no momento em que ele aparecer na Stavka, eu renuncio”.

“É sua palavra definitiva, general?”

“Sem a menor dúvida.”

Com isso, a conversa terminou. Tikhobrazov comentou que, apesar

das palavras sinceras, Alexéiev jamais sofreu por falar sem rodeios sobre Raspútin. Não só manteve o cargo, mas o respeito do tsar, e quem sabe o de Alexandra. [12](#)

Depois que ela e as filhas voltaram para casa, Alexandra escreveu a Nicolau para que falasse com Alexéiev sobre Raspútin. “[Foi] graças a Ele que você continuou firme & assumiu o comando um ano atrás, quando todos eram contra você”, escreveu ela, lembrando o que de fato tinha acontecido, “diga-lhe isso & ele compreenderá a sabedoria daquele momento — & muitas maravilhosas saídas para aqueles por quem Ele reza na guerra e O conhecem — para não falar no Bebê & em Ania.” Em novembro, Alexéiev sofreu um infarto e teve que ser mandado para a Crimeia para se restabelecer. Para Alexandra, foi castigo divino. [13](#) Alexéiev, abatido, disse a Chavélski: “Sabe, padre Gueórgui, quero sair do Exército. Não há sentido em servir: não se consegue fazer nada, não há como melhorar a situação. Realmente, o que se pode fazer com essa criança! Ele dança na beira de um precipício... e está totalmente calmo. Uma mulher louca governa o Estado, e em volta dela existe uma massa informe de vermes imundos: Raspútin, Vírubova, Stürmer, Raiev, Pitirim...”. [14](#)

Em 9 de agosto, Raspútin, as filhas, Vírubova, Lili Dehn, Zinaida Rjévskaja, dois criados de quarto e um gendarme partiram da capital para a Sibéria. Antes de sair, Raspútin deixou com Alexandra duas rosas para Alexei. O grupo estava indo rezar diante das relíquias do novo santo, Ioann Maksímovitch, em Tobolsk, em nome da imperatriz. Vírubova estava triste e deprimida, e não queria ir. Andar de muletas era para ela uma operação lenta e dolorosa. Raspútin, porém, fazia questão de sua presença, por isso ela foi. [15](#) Em Tobolsk, hospedaram-se na grande casa branca do governador, na parte baixa da cidade, o mesmo edifício onde os Románov ficariam presos do fim do verão de 1917 até o primeiro semestre do ano seguinte. O grupo esteve lá apenas dois dias, para prestar homenagem à capela do novo santo, e em seguida viajou de vapor rio acima até Pokróvskoie. [16](#) Raspútin queria que fossem seus convidados, e Praskóvia os recebeu calorosamente. Passaram um dia lá pescando e visitando amigos camponeses. Raspútin disse a Lili Dehn que esperava que um dia suas majestades também

fossem visitá-lo. Quando ela respondeu que era uma viagem longa demais, Raspútin insistiu, dizendo, numa voz séria: “Eles precisam vir”.

[17](#)

De Pokróvskoie foram para Verkhoturie. Tamara Chichkina, a filha da diretora de uma escola para meninas, estava lá para testemunhar a visita.

Havia uma inacreditável multidão na catedral. Raspútin e os do seu grupo ficaram no centro da igreja. Todos eram bem-vestidos, importantes, muitos tinham vindo de todos os cantos do distrito de Iekaterinburgo, talvez até de mais longe. Tudo na igreja brilhava. [...]

Grigóri Iefimovitch Raspútin ocupava o lugar de honra, num tapete estendido no chão. Estava de camisa amarelo-clara, presa por uma faixa e borlas, calças de veludo folgadas e botas engraxadas. O cabelo era partido ao meio. Rezava com fervor, fazendo amplos sinais da cruz. O rosto estava lindamente calmo e concentrado, e agradável.

Depois da liturgia, uma grande cruz foi trazida do altar e colocada no *analogion* no centro da igreja, para que todos pudessem beijá-la. O primeiro a aproximar-se e beijar a cruz foi Raspútin e, depois dele, sua comitiva. E então, depois deles, um terrível amontoado de fiéis se jogou sobre a cruz, tentando chegar perto de Raspútin para ver melhor o “*stárets*” e tocá-lo. Nesse momento, a multidão me empurrou para cima do “*stárets*”, de encontro ao seu braço direito, que ele usava para abençoar.

Passamos três dias em Verkhoturie, e essa cena se repetia todos os dias, exatamente como na chegada de Grigóri Iefimovitch à cidade. Havia ruidosas reuniões em toda parte, todo mundo comentando seus encontros com o “*stárets*” e a solene liturgia nas igrejas. [18](#)

Raspútin e seu grupo jejuaram durante sua estada e rezaram perante as relíquias sagradas de são Simão. Raspútin passou um telegrama para Nicolau: “Cumprimos o desejo no santuário do homem justo. Ele vai curar, dar aos nossos comandantes militares uma santa razão. A razão será nossa vitória contra todos”. [19](#) Também escreveu para cumprimentar o imperador no aniversário da data em que assumiu o comando, e a viagem parece ter sido realizada naquele momento para coincidir com a ocasião e pedir a intercessão do santo para ajudar na guerra. Em seguida, visitaram o *stárets* Makari em seu modesto abrigo localizado dentro do mato, a alguns quilômetros do mosteiro. Vírubova sentou-se e ouviu com grande interesse os dois homens conversarem. [20](#) Makari conhecia Raspútin havia muito tempo, desde seus dias de simples peregrino. Seria o último encontro entre os dois. De Verkhoturie, Vírubova e Dehn voltaram para Petrogrado, e Raspútin foi para casa.

60. Apoteose

Na noite de 5 de setembro, Raspútin teve um encontro a sós com Alexandra no palácio. Deu-lhe duas flores de presente para o tsar e um bilhete: “Há calor depois da tempestade, e o sol brilhará e trará alegria para os heróis devotos, luz e a bênção está com eles”. ¹ No dia seguinte, Alexandra escreveu a Nicolau para compartilhar mais pensamentos de Raspútin. “Ele diz que a partir de hoje as notícias serão melhores. A Imagem no Mosteiro onde estive várias vezes (Ele a conhece, anos atrás rezou lá quando andava por toda a Rússia); diz que é muito milagrosa & salvará a Rússia. — Vá lá imediatamente, é tão perto da casa — & a Virgem tem um rosto tão doce.” ² Nicolau respondeu: “Beijo-a ternamente, e A[niu] [★] e nosso amigo também”. ³

O ícone da Virgem poderia salvar a Rússia, porém até lá mais mudanças ministeriais eram necessárias. O caso Rubinshtein e a prisão de Manuilov tinham mostrado o quanto o ministro do Interior Aleksandr Khvostov e seu assistente general Klimovitch eram perigosos para Raspútin. Buscava-se uma mudança, apesar de o ministro estar no cargo havia apenas dois meses. No dia 7, Alexandra escreveu para Nicolau comunicando a escolha de Raspútin, Aleksandr Protopópov. “Acho que o melhor que você poderia fazer era nomeá-lo”, afirmou ela, entusiasmada. “Ele gosta do nosso amigo pelo menos há 4 anos & isso diz muito sobre um homem. [...] ouça-O, pois ele só quer o seu bem e a quem Deus deu mais discernimento, sabedoria & esclarecimento do que a todos os militares juntos. Seu amor por você & pela Rússia é tão intenso & Deus o enviou para ser sua ajuda & guia & reza tão fervorosamente por você.” ⁴

No dia 9, Nicolau respondeu para agradecer pelas “mensagens de

nosso amigo” e prometer levar em conta a candidatura de Protopópov. “Tenho que pensar melhor no assunto porque me pegou de surpresa”, comentou ele, com sinceridade. “As ideias do nosso amigo sobre os homens às vezes são bem esquisitas, como você sabe — por isso é preciso ter muito cuidado, especialmente na nomeação de pessoas importantes.” ⁵

Nascido em 1866 numa família nobre de Simbirsk (terra natal de Lênin e Khionia Guseva), Protopópov, apelidado por Raspútin de “Kalinin”, sem que se saiba por que, era inteligente e talentoso. Aprendeu a falar várias línguas quando criança, estudou piano com Jules Massenet e depois serviu nas Guardas Imperiais antes de assumir a indústria de algodão da família. Entrou na política depois da Revolução de 1905 e tornou-se figura de destaque no Partido Outubrista, servindo como vice-presidente da Quarta Duma sob Rodzianko. Tinha uma aparência distinta e modos refinados. Piotr Bazilevski, estribeiro da corte, comentou que “Protopópov tem um jeito de encantar todo mundo que encontra, conquistando as pessoas em benefício próprio por meio do seu comportamento sincero e genuíno”. ⁶

Mas nem tudo era o que parecia. Havia qualquer coisa de excêntrico em Protopópov. Às vezes ele agia estranhamente, falando com o ícone da sua escrivaninha quando havia outras pessoas presentes. Parte disso vinha supostamente de insanidade sífilítica, resultante da doença venérea que contraiu quando servia nas guardas. E parte vinha do vício das drogas. Ele começou a visitar o dr. Badmáiev e ficou viciado em pós secretos. Tinha contrações musculares, soluços e ouvia vozes na cabeça, às quais respondia. A certa altura sofreu um colapso nervoso e passou seis meses no sanatório de Badmáiev, instalado numa mansão magnificamente decorada ao sul da capital. Dizia-se que era paciente também do famoso psiquiatra Vladímir Bekhterev, mas nem Bekhterev pôde fazer alguma coisa por ele. ⁷ “Perceptivo quando se tratava de detalhes, míope quando se tratava do panorama geral”, comentou Aleksandr Blok. “Talentoso, mas instável e sem freio.” ⁸ Uma coisa era certa: ele adorava os Románov, especialmente a imperatriz, e achava que o destino o convocara para salvar a Rússia. ⁹

Foi no sanatório de Badmáiev que Protopópov e Raspútin se conheceram, provavelmente em 1913. Raspútin gostou de Protopópov

imediatamente. ¹⁰ Em 1916, quando foi decidida a substituição de Aleksandr Khvostov, Badmáiev organizou numerosas “tentativas” em seu apartamento na avenida Liteini para que os dois se conhecessem melhor e Raspútín pudesse ser convencido a apoiar sua candidatura. Quem na verdade mais insistia na nomeação de Protopópov era, muito provavelmente, o próprio Badmáiev, que aparentemente exercia bastante controle sobre seu paciente, e talvez quisesse instalá-lo numa posição de poder, onde viesse a ser útil para o médico e seus muitas estratégias. Uma vez que Raspútín estivesse convencido, Badmáiev estava certo de que poderia recomendar Protopópov para Vírubova, e ela, por sua vez, para a imperatriz. Para assistente de Protopópov, Badmáiev sugeriu o general Pável Kurlov, seu sócio comercial e ex-diretor da polícia. ¹¹ Durante todo esse tempo, Badmáiev não tinha dúvida nenhuma sobre com que tipo de homem estava lidando ao tratar com Raspútín. “Um *khlist* , um enganador, um mentiroso”, era como Badmáiev se referia a Raspútín, embora tivesse o cuidado de não o deixar ouvir. ¹²

Protopópov, de acordo com o plano, seria o homem colocado no poder por essa nova troica, formada por Badmáiev, Kurlov e Raspútín. O siberiano se sentia à vontade com Protopópov. Sabia que não havia possibilidade de ele tentar matá-lo, como Alexei Khvostov o fizera, ou tramar contra ele e seus aliados, como o fizeram Aleksandr Khvostov e o general Klimovitch. A experiência de Protopópov na Duma significava que ele poderia defender Raspútín por lá também. Como parte do esquema para instalar Protopópov, Badmáiev escreveu para a imperatriz uma carta explicando que Raspútín e Vírubova, e até suas majestades, corriam grande perigo. Disse que estavam cercados de “seguidores de Azef”, referência ao notório agente duplo Ievno Azef, que trabalhava tanto para os Revolucionários Socialistas como para a Okhrana e ajudou a preparar o assassinato do grão-duque Serguei Alexándrovitch, o tio do tsar, em 1905. “Os seguidores de Azef são pessoas astutas, ardilosas, mas seus objetivos costumam ser perigosos. Parece que fomos lembrados disso muitas vezes. Minha opinião é que os tsares devem ser cercados por puros burros de carga.” ¹³ Ao mesmo tempo, Raspútín escreveu para recomendar Protopópov a Nicolau. Tratava-se de um “homem ciumento” em seu amor pela pátria e seu

coração era “simples”, comunicou. Protopópov, informou Raspútin a Alexandra, era “minha garantia”. Ele será “Seu sol e minha alegria”. ¹⁴ O pobre Protopópov estava numa situação difícil nesse jogo. O irmão o descreveu como “um bebê sequestrado por demônios”. ¹⁵

Em 16 de setembro, Aleksandr Khvostov foi demitido e substituído por Protopópov. Raspútin ficou satisfeito, mas agora precisava ter certeza de que “Kalinin” conhecia o seu lugar. Alexandra escreveu para Nicolau no dia 22 dizendo que Protopópov “precisa ser mantido sob controle como diz nosso amigo, para que o orgulho não estrague tudo”. ¹⁶ Quando a notícia da nomeação foi divulgada, Purichkévitich teria dito a seus colegas deputados da Duma que ele certamente pagara pelo cargo a Raspútin. ¹⁷ O embaixador francês Paléologue comentou que, embora a escolha de Protopópov fosse uma surpresa para todos na Rússia, “certamente já era conhecida havia algum tempo em Berlim”. ¹⁸

A nomeação de Protopópov tradicionalmente sempre foi descrita como obra de Raspútin, porém a verdade é bem mais complexa. No começo do verão de 1916, o ministro do Exterior Serguei Sazónov recomendara Protopópov ao tsar para um alto cargo do governo e providenciou um encontro entre os dois em 19 de julho, durante o qual Nicolau ficou muito bem impressionado. Logo depois, Nicolau agarrou-se à ideia de Protopópov como a escolha mais lógica, pois melhoraria as relações com a Duma, e exatamente assim a notícia da sua nomeação foi recebida de início não apenas nos círculos liberais, mas até nos radicais. O jornal *Dia*, de tendência socialista, saudou a escolha de Protopópov como “o início de uma nova era de reconciliação entre o governo e a sociedade”. Aleksandr Gutchkov, radiante, definiu-a como uma “vitória colossal para o público”. ¹⁹ A Bolsa de Valores disparou com a notícia da designação de Protopópov. A lua de mel, no entanto, seria breve.

Raspútin, Praskóvia e sua filha Maria se encontraram com a imperatriz na casa de Vírubova em Tsárskoie Seló na noite de 21 de setembro. Foi provavelmente nessa reunião que Raspútin deu a Alexandra uma lista de instruções a ser repassada para Nicolau, o que ela fez dias depois.

Conserve meu bilheteinho diante de você — nosso amigo suplica-lhe que fale de todas essas coisas com Protopópov & é muito bom que você mencione nosso amigo para que ele o escute & confie em seus conselhos — que ele sinta que você não rejeita seu nome. Falei muito calmamente com ele — veio vê-lo quando ele estava muito doente alguns anos atrás — Badmáiev o chamou — Diga-lhe que tome cuidado para que Andrónnikov não se aproxime dele (Prot.) & o mantenha longe. Desculpe-me estar incomodando você, Queridíssimo — mas estou sempre com medo porque vive terrivelmente assoberbado — de que esqueça alguma coisa — & por isso [eu] me comporto como se fosse sua agenda viva, Radiante.

Fale com Pr. sobre:

1. Sukh., ordene que encontre um jeito de tirá-lo da cadeia.
2. Rubinshtein para mandar embora.
3. Prefeito.
4. Aumentar salário dos funcionários como ato de bondade seu, não dos ministros.
5. Sobre o suprimento de alimentos diga-lhe estrita e severamente que tudo deve ser devidamente restaurado — você ordena.
6. Diga-lhe para escutar os conselhos do nosso amigo, isso lhe trará bênçãos & ajudará o trabalho dele e o Seu — por favor diga isso, faça-o saber que você confia nele — ele já o conhece há vários anos.

Conserve este papel na sua frente. [20](#)

Assim imperador e os ministros foram colocados na linha.

Em 12 de outubro, o ex-ministro da Guerra Vladímir Sukhomlínov foi solto da Fortaleza Pedro e Paulo. Sua libertação provocou uivos de indignação em Petrogrado, onde todos estavam convencidos de que ele, como seu executado *protégé* Miassoiédov, era um traidor. As razões da sua soltura deflagraram um vendaval de conjeturas, boa parte delas relacionada à bela mulher de Sukhomlínov. Iekaterina Butovitch, a terceira sra. Sukhomlínova, era uma popular cantora de café-concerto e uma resoluta alpinista social, 35 anos mais nova que o marido. Iekaterina sabia o que precisava fazer para tirar o marido da prisão. Sukhomlínov fora adversário de Raspútin, mas Iekaterina tinha um plano para conquistá-lo. Fez uma visita a ele, e, assim que pôs os olhos em Iekaterina, Raspútin perdeu a cabeça. “Só duas mulheres neste mundo conseguiram até hoje roubar meu coração”, teria dito ele a Manuilov. “Vírubova e Sukhomlínova.” Da sua parte, Sukhomlínova tomou todas as providências para que Raspútin não a esquecesse. Durante as suas visitas ao ateliê de Krarup, ela telefonava várias vezes para perguntar quando ele estaria livre para ir vê-la. [21](#)

Ao longo do verão, Raspútin visitou Iekaterina 69 vezes. Suas atenções às necessidades de Raspútin, além de um suposto pagamento vultoso em dinheiro vivo, deram a Iekaterina o que queria: primeiro, ser

apresentada a Vírubova, e em seguida à imperatriz, perante a qual defendeu a inocência do marido. Raspútín também adotou a causa e fez Alexandra pedir a Nicolau que libertasse o doente e idoso general: “Todos, mesmo os pecadores mais abjetos, têm momentos em que a alma se eleva & é purificada por seu terrível sofrimento — então a mão deve ser estendida para salvá-los antes que se percam pela amargura e pelo desespero”, comunicou ele a suas majestades. Fossem quais fossem os motivos que levaram Raspútín a ajudar Sukhomlínov, o resultado foi justo, porque o general era inocente das acusações que lhe foram imputadas. Em seguida, Raspútín recomendou que o iminente julgamento de Sukhomlínov fosse suspenso. ²² Alexandra concordou, e pediu a Nicolau que considerasse o caso improcedente antes que a Duma voltasse a reunir-se, em 1o de novembro, certa de que os deputados o usariam como mais um pretexto para atacar Raspútín.

“Sinto-me cruel preocupando você, meu doce e paciente Anjo”, escreveu ela em 31 de outubro, “— mas toda a minha confiança repousa em nosso amigo, que só pensa em você, no Bebê [★] & na Rússia — E guiados por Ele atravessaremos estes tempos difíceis. Será uma luta dura, mas um Homem de Deus está próximo para guardar em segurança o teu barco em meio aos recifes — & a pequena Radiante ergue-se como uma rocha atrás de você, firme & inabalável com decisão, fé & amor para lutar por seus entes queridos e por nosso país.” Nicolau ouviu suas palavras. E também aumentou os salários dos funcionários, seguindo suas instruções.

O “prefeito” mencionado na carta de Alexandra era o príncipe Aleksandr Obolénski, governador-geral de Petrogrado, com quem Raspútín não estava satisfeito e queria que fosse substituído. Sua principal queixa era a crescente escassez de alimentos na capital e aquilo que considerava a ineficiência do político para lidar com o problema. Já em janeiro daquele ano, Raspútín estava preocupado com as filas do pão, cada vez maiores, a escassez de alimentos e os preços altos, problemas que ele, com perspicácia, percebeu que não só atingiam duramente os pobres da cidade, mas poderiam levar a distúrbios e ao enfraquecimento da autoridade do Estado. ²³ A preocupação de Raspútín com a gente comum era autêntica. Sua filha Maria bem lembrou:

A coisa que especificamente provocava sua indignação era o atraso no transporte, que ameaçava agravar a penúria já frequente na capital.

“As pessoas precisam comer”, exclamava. “Você precisa ter o seu milho de volta, Paizinho. Precisamos transportar mais milho e menos soldados e canhões. Deus não fez o milho para apodrecer nos armazéns e celeiros. Você vai dar o seu milho, quando ele chegar, para os famintos.” [24](#)

Raspútín tinha inclusive um plano para a imperatriz encabeçar uma organização que distribuisse pão e farinha aos pobres da capital. Conversou com Alexandra sobre a ideia, e ela foi a favor. Raspútín queria que a imperatriz saísse às ruas distribuindo alimento, como forma de mostrar sua genuína preocupação com a gente comum. A ideia, porém, não vingou. [25](#)

Naquele outono, ele bombardeou o ministro da Agricultura, conde Alexei Bóbrinski, com seus bilhetes suplicantes:

amável querido desculpas muita carne é necessária, deixe Piter [***](#) comer, ouça ajude rosputin

amável querido desculpas pelo estranho problema querido, não os deixe morrer de fome, pedem para comer rosputin

amável querido desculpas permita que levem aveia, muita aflição na província de zalemburg, [****](#) muita aveia, carroceiros de Petrogrado estão preocupados, isso não é bom, a sibéria está cheia de banha de porco por favor alimente Petrogrado e Moscou [26](#)

E não foi só Bóbrinski que teve que ouvir de Raspútín sobre a crise de alimentos. Ele partilhou suas preocupações com muitos outros políticos. [27](#)

Obolénski solicitou um encontro com Raspútín. Despachou seu melhor automóvel para buscá-lo e levá-lo ao seu gabinete. Quase tremendo de nervosismo, Obolénski o recebeu, e durante uma hora tentou defender-se, afirmando que estava fazendo o possível e prometendo a partir de então procurar sempre o conselho de Raspútín no cumprimento de suas atribuições. Mostrou um grande pacote com as muitas cartas e petições que Raspútín lhe enviara ao longo dos anos e garantiu que sempre procurara atender cada uma delas. Raspútín perguntou se Obolénski aceitava suborno, e o político respondeu que não, mas que seu ajudante tinha recebido muito. Quando Raspútín saiu, o governador-geral se desfez em lágrimas, por causa da tensão.

Trata-se de uma cena notável. Obolénski não só ocupava um cargo importante, como também pertencia a uma das mais antigas famílias

aristocráticas da Rússia — era camareiro da corte e membro do séquito de sua majestade —, e ali estava, rebaixando-se diante de um camponês siberiano, apavorado com a possibilidade de perder o emprego e a proteção do imperador. Poucos episódios da vida de Raspútin dão uma ideia tão clara do poder que ele adquirira. Foi sua apoteose. A humilhação de Obolénski não o salvou. Em novembro, ele foi afastado do cargo e despachado para o front, como comandante de brigada.

Raspútin tinha sugestões específicas para que os alimentos fossem embalados e vendidos mais rapidamente, o que deveria reduzir as longas filas, que haviam se tornado terreno fértil para a revolta. Passou todas essas ideias adiante, mas nada foi feito. ²⁸ Também propôs que os alimentos deixassem de ser fornecidos pelos ministérios da Agricultura e dos Transportes e passassem a ser distribuídos pelo Ministério do Interior. Protopópov, no entanto, fez corpo mole, o que enfureceu Raspútin, mas, depois que a mudança foi feita, o ministro Bóbrinski, furioso, começou a sabotar o novo sistema de aquisição, enviando circulares a funcionários locais de toda a Rússia para que ignorassem todas as instruções de Protopópov. ²⁹ A alteração era sem dúvida inteligente, mas, mesmo sem as maquinações de Bóbrinski, é pouco provável que tivesse dado certo. No segundo semestre de 1916, os problemas incontornáveis já se acumulavam. Um desses foi o colapso do sistema de transportes: é bem possível que a Rússia já não dispusesse das locomotivas e dos vagões necessários para levar alimento às cidades famintas. ³⁰ Mas a verdade é que a grande preocupação de Raspútin com a crise de alimentos se revelou profética, e, caso suas preocupações tivessem sido ouvidas em janeiro, as coisas talvez tivessem tomado outro rumo. No fim, foram as revoltas por falta de pão em Petrogrado em fevereiro que deflagraram a revolução.

Quando não estava dando consultoria sobre a crise de alimentos, Raspútin oferecia sugestões sobre como resolver problemas que afligiam a incipiente força aérea russa (ele tinha algumas ideias sobre o que fazer com motores problemáticos), opinando sobre a questão da autonomia polonesa (era contra a ideia, pois o tsar precisava deixar o império intacto para o filho), dando palpites sobre os tratados da Rússia com seus aliados (insistia que a Grã-Bretanha e a França tornassem

público o acordo secreto para dar Constantinopla à Rússia depois da guerra), e propondo maneiras de incluir os metodistas do império no esforço de guerra (pondo-os para trabalhar cavando trincheiras e prestando primeiros socorros no front, por exemplo). ³¹ Nada era grande ou pequeno demais para escapar à atenção de Raspútin.

“O dano infligido por Raspútin foi enorme, mas ele tentava trabalhar em benefício da Rússia e da dinastia”, comentou Gurkó, “e não para prejudicá-las. Uma leitura atenta das cartas da Imperatriz, que contêm muitos conselhos de Raspútin, leva à conclusão de que, embora seus conselhos fossem na grande maioria simplistas e ingênuos, não havia, entretanto, nada que fosse nem de longe prejudicial à Rússia.” ³² É difícil não concordar com a avaliação de Gurkó.

^{*} Vírubova.

^{**} O tsarévitch Alexei.

^{***} Petrogrado. Os bilhetes não respeitam a gramática nem a ortografia, nem a do seu próprio sobrenome. Tentei capturar a essência da escrita de Raspútin, mas ao mesmo tempo fazendo certas concessões à clareza.

^{****} Provavelmente a província de Orenburgo.

61. Estupidez ou traição

“Como eu gostaria que você pudesse ter vindo apenas por 2 dias”, Alexandra escreveu para Nicolau em 12 de outubro, “só para receber a bênção de nosso amigo, isso lhe teria dado novas forças — sei que você é corajoso & paciente — mas humano — & um toque Dele em seu peito teria aliviado muita dor & dado a você nova sabedoria & energia vindas do Alto — não são palavra vazias — mas minha convicção mais firme.” ¹

Enquanto Alexandra exaltava o poder do simples toque de Raspútin, a vida dele fugia do controle. Sua filha Maria assim recordava:

Perto do fim ele bebia muito e isso me fazia ter pena dele. A bebedeira não se refletia em sua capacidade mental. Ele falava de um modo cada vez mais interessante. [...] Protopópov queixou-se, em conversa comigo, que estava muito cansado, que sentia dores, e que só Deus poderia ajudá-lo. E que se pudesse iria embora para um pequeno mosteiro em algum lugar, mas que não conseguiria fazê-lo, por amor a “eles” — o soberano e a imperatriz.

Outros também viam a mesma coisa. Seu editor Filippov comentou que, quando Raspútin aparecia para vê-lo, queria ficar bêbado o mais depressa possível, e exigia ciganos e muita diversão. Gueórgui Sazónov declarou à Comissão:

Lembro que seis meses antes de sua morte ele veio me ver bêbado e, soluçando terrivelmente, me disse que tinha passado a noite toda com ciganos, e esbanjado 2 mil, e que precisava estar com a tsarina às seis. Levei-o para o quarto de minha filha, onde, entre soluços, Raspútin disse: “Sou um demônio, sou um demônio. Sou pecador, quando antes eu era santo, não sou digno de ficar neste quarto puro”. Vi que sua tristeza era genuína. ²

Sazónov revelou que a intemperança de Raspútin tinha origem numa consciência atormentada — era uma tentativa de evitar a dor que vinha do reconhecimento do quanto tinha decaído. Maria atribuía isso a um sentimento de presságio. “Pelo fim do ano de 1916, parecia que uma

nuvem tinha baixado sobre a mente de meu pai. Será que começara a ter consciência da hostilidade que o cercava e dos ataques de que era alvo; ou teria tido um pressentimento secreto da morte próxima?” ³

Outros também concordam que, pelo outono de 1916, Raspútín achava que sua vida corria perigo novamente. Sentia-se ameaçado e pediu que sua segurança fosse reforçada. Um dia, uma senhora apareceu na rua Gorokhovaia. Ele percebeu que havia um problema com ela, e lhe pediu que mostrasse o que trazia na mão direita. Ela segurava um revólver e o entregou a Raspútín dizendo que estava ali para matá-lo, mas ao ver os seus olhos se deu conta de que seria um erro. ⁴ Talvez Raspútín já aceitasse que não demoraria a morrer. Maria anotou em seu diário, um ano depois do assassinato do pai, que ele gostava de dizer: “Morte, minha amiguinha”. ⁵

Em 25 de outubro (NE), Gérard Encausse (também conhecido como Papus) morreu em Paris. Ele teria contado a Nicolau em 1905 que usaria todo o seu poder para evitar uma revolução na Rússia, mas quando morresse seu poder perderia toda a eficácia. Certa Madame T. disse ao embaixador Paléologue que vira nas mãos de Madame Golovina uma carta de Papus para Alexandra relativa a Raspútín que terminava com as seguintes palavras: “Da perspectiva cabalista, Raspútín é um vaso semelhante à caixa de Pandora, contendo todos os vícios, todos os crimes, tudo de ruim que existe no povo russo. Se esse vaso quebrar, veremos seu conteúdo assustador espalhar-se por toda a Rússia.” Segundo consta, a imperatriz mostrou a carta para Raspútín. “É exatamente o que vivo dizendo”, respondeu ele. “Quando eu morrer, a Rússia será destruída.” ⁶

Um grupo de representantes da Duma convocou Protopópov para uma reunião no apartamento de Rodzianko em 19 de outubro. Estavam indignados com o fato de um colega deputado concordar em trabalhar com um homem como Stürmer e ter soltado Sukhomlínov. Também queriam que ele explicasse suas relações com Raspútín. Achavam que Protopópov os traía bandeando-se para o lado dos inimigos. Queriam que deixasse o cargo imediatamente. Protopópov caía numa emboscada. Pensou que tivesse sido convocado para uma discussão, e não para ser submetido a uma espécie de inquisição. Esclareceu que

Sukhomlínov não tinha sido solto, apenas tirado da cadeia para cumprir prisão domiciliar. Com relação a Stürmer, Protopópov afirmou que para ele o que mais importava era seu amor pelo tsar, e por isso achava seu dever servir, independentemente dos outros membros do governo. Recusou-se, porém, a responder a perguntas sobre Raspútin, em especial sobre o eventual papel do siberiano em sua nomeação como ministro. Informou a Miliukov que isso era “segredo”. Os deputados disseram a Protopópov que ele tinha envergonhado a Duma e os outubristas. Quando o ministro ia saindo, Miliukov berrou para ele na frente dos demais: “Você está levando a Rússia à destruição”. Chulgin chamou-o de “Judas”. ⁷

Para a Comissão, Protopópov descreveu suas relações com Raspútin nos seguintes termos:

É assim que me relaciono com ele: toda essa vileza, todo esse dano que infligi, não posso atribuir a ele pessoalmente. Foi aquele círculo asqueroso à sua volta, uma gente hedionda e imoral, querendo só se dar bem, que o usava em seus negócios imundos. [...] Eu não fazia nada disso. Meu objetivo era resolver os muitos problemas, acabar com os escândalos, a bebedeira, as farras homéricas e, por assim dizer, até certo ponto consegui. ⁸

Os membros da Duma desconfiavam de Protopópov, em razão de histórias que circulavam sobre uma viagem que fizera em junho ao exterior. Ele estivera na Europa com uma delegação de membros da Duma e do Conselho de Estado, encontrando-se com o rei Jorge V da Grã-Bretanha e Vítor Emanuel, o soberano da Itália. Na volta pela Suécia, Protopópov e dois outros da delegação — o conde Dmítri Olsufev e Aleksandr Vasilev — reuniram-se com Fritz Warburg, conselheiro da embaixada alemã e irmão do poderoso banqueiro hamburguês Max Warburg. A natureza da reunião tem sido objeto de consideráveis conjecturas. Já se sugeriu que Protopópov procurou Warburg para sondar a receptividade dos alemães à ideia de um acordo de paz em separado; outros acreditam que, embora fosse esse o objetivo da conversa, Protopópov não atuava por iniciativa própria, mas seguia as instruções do embaixador russo, Anatóli Nekliudov. As duas versões, entretanto, estão erradas. De acordo com Nekliudov, a ideia do encontro foi de Protopópov, não para sondar os alemães sobre a paz, mas para compreender melhor o estado de espírito reinante na Alemanha, exatamente como o fizera com seus colegas quando viajava

pela França e pela Inglaterra. Quando a notícia da reunião, de forma bastante distorcida, conforme o esperado (Protopópov teria se encontrado com o embaixador alemão, e não com Warburg, entre outras coisas), foi divulgada na Rússia, criou-se uma onda de indignação contra Protopópov. Poucos conseguiam aceitar que um homem que fizera carreira na Duma apoiando a guerra tivesse se tornado um traidor-espião, em aliança com as forças obscuras. Publicada pela imprensa, a história provocou considerável indignação e, ao voltar para casa, Protopópov piorou a situação divulgando relatos conflitantes do que tinha de fato acontecido na Suécia. ²

Telegramas codificados nos arquivos alemães mostram que os inimigos da Rússia estavam envolvidos numa astuta campanha de desinformação. Um satisfeito funcionário de Estocolmo escreveu para o Ministério do Exterior em Berlim informando que, como resultado da reunião, Protopópov e Olsufev “foram incorretamente acusados de tomar parte em conversações de paz”, e observou que a história tinha sido repercutida pela imprensa russa. Os alemães haviam habilmente plantado informações segundo as quais Stürmer estava disposto a ceder a Polônia aos germânicos, e se queixara de que a Inglaterra estava tentando arruinar a Rússia. Foi uma grande jogada da máquina de propaganda alemã. ¹⁰

Os representantes franceses e britânicos em Petrogrado levaram mortalmente a sério esses relatos sobre a possibilidade de um acordo de paz em separado. “O perigo é real”, comentou um relatório da embaixada francesa na época, “e grande.” Amigos na corte russa e no Ministério das Relações Exteriores diziam aos franceses: “Preparem-se, vocês podem acabar tendo uma surpresa um dia desses. Estão tomando precauções? Está tudo claro para vocês?”. ¹¹ No fim de outubro, Nicolau e Alexei visitaram a imperatriz viúva em Kíev. Durante dois dias, a mãe de Nicolau, acompanhada dos grão-duques Pável e Aleksandr Mikháilovitch (Sandro), e Olga, irmã de Nicolau, suplicaram-lhe mais uma vez que se livrasse de Raspútin e Stürmer. Ele escutou, impassível, sem dizer nada, e voltou para a Stavka. ¹² Dias depois, Nikolacha chegou a Kíev. Alexandra, quando soube disso, ficou furiosa. Estava convencida de que Nikolacha e sua sogra conspiravam contra o casal imperial. Chamava-os de “o grupo revolucionário” e escreveu a Nicolau

para dizer que estavam empurrando o país para o abismo. Tenha cuidado, instruiu ela, “lembre-se que Gr. uma vez o salvou dele e de sua gente má”. ¹³ A estranha passividade de Nicolau alimentou conversas entre os grupos de elite de que Alexandra e Raspútin estavam usando pós do dr. Badmáiev para fazer do imperador um zumbi, tornando-o incapaz de governar e permitindo que assumissem as rédeas do poder. A ideia chegou até a ser tratada numa reunião do Congresso de Toda a Nobreza Russa em novembro. A possibilidade de que Nicolau estava sendo drogado não é tão extravagante como parece; ele na verdade usava cocaína durante o conflito, embora isso não fosse considerado perigoso, nem terrivelmente incomum, na época. O médico de Alexandra também lhe receitava barbitúricos, ópio e cocaína. ¹⁴ Até que ponto o uso (ou possivelmente o abuso) de narcóticos afetou o jeito de o casal imperial pensar e agir continua a ser uma pergunta sem resposta.

A Duma voltou a reunir-se em 1o de novembro. Miliukov subiu à tribuna e fez um discurso bombástico e acusatório, ao qual chamaria posteriormente de “o sinal de abertura da revolução”. Atacou as políticas de Stürmer e Protopópov e mencionou Pitirim, Manuilov e Raspútin pelo nome. Era uma tática perigosa, pois a Duma não tinha permissão de fazer pronunciamentos que pudessem ser interpretados como questionamentos à honra da família imperial, mas Miliukov deu um jeito de contornar o problema. Exibiu um exemplar do *Neue Freie Presse* e alegou que as palavras que acabava de dizer não eram dele, mas do jornal austríaco. Estava andando numa corda bamba. Referindo-se à nomeação de Stürmer, continuou a ler o jornal: “Esta é a vitória do grupo da corte que se formou em volta da jovem tsarina”. Ao enumerar os erros do governo, repetia uma pergunta, como um refrão: “Estupidez ou traição?”. Miliukov concluiu respondendo à própria pergunta: “Não, os senhores é que sabem, mas tem havido estupidez demais. É difícil demais descrever tudo como simples estupidez”. Com isso, o salão irrompeu em aplausos, enquanto um deputado de direita berrava: “Calúnia, Calúnia!”. ¹⁵ Tinha razão, mas foi ignorado.

Miliukov não tinha prova de traição alguma, e sabia disso. Mentiu deliberadamente. Sua intenção não era trazer à luz os pecados do governo, mas envenenar o ambiente e com isso tornar impossível

alguma cooperação da Duma com a Coroa. ¹⁶ Queria provocar uma reação e conseguiu. Embora suas palavras tenham sido censuradas nas atas oficiais, cópias do discurso espalharam-se pelo país. Purichkévitch, por exemplo, imprimiu resmas de cópias hectográficas e usou o trem do seu hospital para distribuí-las a oficiais e soldados no front. Embora Miliukov soubesse que estava mentindo, os leitores não tinham essa noção e achavam que era tudo verdade. ¹⁷ Nos primeiros dias depois do discurso, cópias piratas eram vendidas por 25 rublos; pessoas que tinham cópias cobravam até dez rublos para ler em voz alta para as que não dispunham de uma. Os russos aplaudiram Miliukov. A princesa Maria Tenicheva agradeceu-lhe por finalmente falar “a verdade que há tanto tempo queremos ouvir” e chamou seu discurso de “ato de heroísmo”. ¹⁸ Só depois que seus antigos aliados na Duma se voltaram contra ele é que os rumores sobre a suposta insanidade sifilítica de Protopópov começaram a aparecer, evidentemente como parte de uma campanha mais ampla para destruí-lo a qualquer custo. ¹⁹

Incrivelmente, Miliukov não foi punido por acusar o governo e a imperatriz de traição. Ninguém saiu em sua defesa. Houve, porém, um boato de que Raspútin estava preparando um complô para matar Miliukov, e outro de que o editor do *Bandeira Russa* contratara um pistoleiro para assassiná-lo. Mas tudo isso não passava de conversa. ²⁰

No dia do discurso de Miliukov, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch encontrou-se com Nicolau e lhe entregou uma carta. O tsar estava sendo completamente influenciado pelas forças obscuras, advertiu o grão-duque, e elas enchiam a cabeça de Alexandra de mentiras, que Nicolau ouvia dos lábios dela como se fossem a verdade. O país estava ficando ingovernável. “O senhor está às vésperas de uma era de novos distúrbios, e eu diria mais: às vésperas de uma era de assassinatos.” O tsar, segundo ele, precisava se libertar dessas forças antes que fosse tarde. ²¹ Nicolau mostrou a carta para Alexandra. Ela escreveu uma resposta mordaz, na qual denunciava o grão-duque como “a encarnação de tudo que é mau” e repreendia o marido por não tê-la defendido durante o encontro. “Como a mulher que você escolheu — que eles não ousem, meu Doce, você precisa me apoiar, em seu nome e no do bebê. Se não contássemos com Ele — tudo já teria acabado há muito tempo.” Alexandra deu a carta do grão-duque para Raspútin ler. “A bondade de

Deus não aparece numa linha da carta dele, só o mal”, observou ele. “Como irmão de Miliukov, ele é como todos os irmãos da maldade. [...] É um homem arruinado.” Raspútin contou a Alexandra que tivera um sonho no qual o Senhor lhe disse que todo aquele conflito era “inútil”. [22](#)

Parece que um membro da família já estava pensando em ir além da simples conversa. Em 5 de novembro de 1916, uma tarde de sábado, o barão coronel Nikolai Vrangél visitou o grão-duque Mikhail Alexándrovitch, irmão mais novo do tsar, em Gatchina para lhe contar as últimas notícias da capital. A conversa enveredou pelos escândalos recentes envolvendo Raspútin e o governo, e o grão-duque disse que o camponês siberiano precisava ser “eliminado”. Propôs a Vrangél que pulasse dentro do seu automóvel e fosse, naquele instante mesmo, matar Raspútin. Vrangél comentou em seu diário que Mikhail falara em tom de brincadeira, mas que por trás do humor havia um desejo real de ver aquilo acontecer. [23](#) O padre Chavélski declarou em suas memórias que, em 9 de novembro, na Stavka, o ex-ministro da Educação Piotr Kaufman chegou de fato a perguntar ao imperador se lhe daria permissão para matar Raspútin. O tsar supostamente chorou e apenas abraçou e beijou Kaufman, sem responder à pergunta. [24](#)

No mesmo dia em que o barão Vrangél visitou Gatchina, a pedra angular cerimonial estava sendo lançada em Tsárskoie Seló para uma nova igreja, a ser construída por Vírubova em sinal de gratidão pela misericórdia divina que salvara sua vida no desastre ferroviário do ano anterior. Entre os presentes estavam Raspútin, o bispo Isidor, Melkhizedek, o padre Aleksandr Vasilev e o coronel Dmítri Loman. A cerimônia foi seguida de uma pequena recepção na enfermaria mantida por Vírubova. Raspútin, de acordo com Alexandra, “estava muito alegre depois do jantar na sa[cristia] — mas não bêbado”. Alguém tirou uma foto do grupo, incluindo Raspútin e mais algumas enfermeiras, sentado à mesa repleta de comida e vinho. Vista de certo ângulo, dá a impressão de que havia uma espécie de grande farra. Mais tarde, alguém adulterou a foto para parecer que um monge estava abraçando uma das enfermeiras de forma provocativa. Purichkévitch apossou-se da fotografia, identificou todos os participantes à caneta e escreveu dizeres ofensivos nas margens. Mandou tirar 9 mil cópias de sua obra artesanal e as distribuiu na Duma e entre os editores de jornal. [25](#) A história da

fotografia adquiriu vida própria. Logo o que se dizia era que a imagem mostrava uma das orgias de Raspútín, que incluía Vírubova, a princesa Chakhovskaia e a condessa Ignátieva. [26](#)

Quatro dias depois da cerimônia, Nicolau demitiu Stürmer do cargo de primeiro-ministro, apesar dos protestos de Alexandra. Substituiu-o por Aleksandr Trépov, ministro dos Transportes — homem com uma longa, apesar de não muito distinta, folha de serviços, um conservador e monarquista devoto, apesar de reconhecer a necessidade de reformas. “Nosso amigo está muito chateado com a nomeação dele”, Alexandra informou a Nicolau, “pois sabe que é muito contra ele... & está triste porque você não lhe pediu conselho.” Nicolau aparentemente deu a Trépov o sinal verde para combater as forças obscuras, e o novo primeiro-ministro não fez segredo do seu desejo de que Protopópov fosse afastado do cargo de ministro do Interior. Claramente seu alvo final era Raspútín. Alexandra correu à Stavka para dissuadir Nicolau dessa mudança, e Raspútín passou quatro telegramas ao imperador recomendando-lhe que reconsiderasse a decisão. [27](#) Em várias cartas notáveis, Alexandra advertiu Nicolau de que eles seriam incapazes de sobreviver sem Raspútín:

Mais uma vez, lembre-se de que para o seu reinado, o Bebê & nós você precisa da força, das orações & do conselho de nosso amigo. Lembre-se de que ano passado todos foram contra nós & a favor de N. & nosso amigo lhe deu a ajuda & a força que você teve & salvou a Rússia. [...] Ah, Amorzinho, rezo tanto a Deus para fazer você sentir & perceber, que Ele é nosso zelo, se Ele não estivesse aqui, nem sei o que não teria acontecido. Ele nos salva com Suas preces & sábios conselhos & é a nossa rocha de fé & ajuda. [28](#)

Ela disse que Nicolau precisava ter a “mais profunda fé nas preces & na ajuda de nosso amigo, pois é o poder dele que tem mantido você onde está”. [29](#)

Nicolau voltou atrás; Protopópov permaneceu. Mas Trépov não estava disposto a admitir a derrota. Instruiu o cunhado, general Aleksandr Mosolov, a oferecer a Raspútín 200 mil rublos, uma casa na capital, uma mesada e guarda-costas confiáveis, caso ele desistisse de meter-se em assuntos de governo. Raspútín ficou furioso. “Você acha que Mamãe e Papai vão permitir isso? Não preciso de dinheiro, qualquer velho comerciante me dará o que preciso para distribuir aos pobres e necessitados. Não preciso de guardas idiotas. Ah, então ele acha que

pode me mandar embora!” [30](#)

62. “Vânia chegou”

Não querendo ficar atrás de Miliukov, Vladímir Purichkévitch levantou-se perante a Duma em 19 de novembro de 1916 para pronunciar aquele que foi considerado o discurso mais furioso contra Raspútín já pronunciado.

Permito-me dizer aqui, desta tribuna da Duma Estatal, que todo o mal provém dessas forças obscuras, dessas influências [...] que são encabeçadas por Grichka Raspútín. [...] eu me volto para o Conselho de Ministros. Se para ministros o dever está acima da carreira [...] se os senhores são de fato um gabinete unido, então procurem o tsar e digam que não pode continuar assim. Não se trata de boicotar o Estado, senhores, este é o nosso dever perante o Soberano. [...] Vão, vão à Stavka do tsar, joguem-se aos pés do Soberano, e peçam que lhes permitam abrir-Lhe os olhos para a horrenda realidade, peçam-lhe que livre a Rússia de Raspútín e dos rasputinistas, grandes e pequenos, por mais poderosos que sejam. [...] Acreditem-me, senhores, sei que os senhores pensam como eu, sinto que toda a Rússia está repetindo minhas palavras perante os senhores, todo mundo, independentemente de partido [...]. Que Grichka Raspútín deixe de ser o líder da vida na Rússia. ¹

Com isso, o salão explodiu em aplausos e gritos de “Bravo”. Na galeria estava o príncipe Félix Iussúpov. Uma testemunha diz que ele ficou pálido e começou a tremer durante o discurso, como se estivesse tomado por uma “emoção incontrolável” . ²

Não foi surpresa para ninguém que um discurso como aquele viesse de Purichkévitch. Ele tinha fama de bizarro. Descendente de uma rica família de proprietários de terras da Bessarábia, começou a vida pública como membro de uma comissão especial no Ministério do Interior sob a direção de Viatcheslav von Plehve, nos primeiros anos do século. Serviu na Duma, mas na prática apenas para poder insultar a instituição e perturbar suas atividades. Arquirreacionário, Purichkévitch era, por princípio, contra a ideia de um parlamento russo. Atacava seus membros, mesmo o presidente. Uma de suas táticas preferidas era fazer

caretas para os adversários. Chulgin comentou que ele tinha tendência a contorcer-se o tempo todo, de nervosismo; o tremor fazia suas pulseiras tilintarem. ³ Uma vez apareceu com um cravo na braguilha. Fazia tantas palhaçadas que, em várias ocasiões, foi expulso da Duma. Maklakov definia-o como “encrenqueiro”. Quando a guerra começou, sua preocupação era obter suprimentos médicos para o exército russo nos fronts romeno e meridional, basicamente através da Cruz Vermelha. ⁴ Em junho de 1914, um repórter pediu a Raspútin sua opinião sobre Purichkévitch. “Purichkévitch é sincero”, respondeu ele, “trabalha com sinceridade, mas há uma coisa que o prejudica: a língua. É como diz o ditado — ‘minha língua é meu infortúnio’.” ⁵ O editor de suas memórias foi menos benevolente em sua avaliação, descrevendo Purichkévitch como “um palhaço cuja carreira foi ao mesmo tempo suspeita e comicamente sórdida”. ⁶

Foi fundador da União do Povo Russo e outra organização de direita e antisemita, a União do Arcanjo São Miguel. Em junho de 1914, o *Correio de Petersburgo* publicou uma reportagem segundo a qual Purichkévitch, como presidente da União, resolvera eleger Raspútin membro honorário vitalício depois que o siberiano lhe disse que doaria milhares de rublos para ajudar a financiar as atividades da organização. A matéria era uma provocação, causando uma resposta furiosa de Purichkévitch, que a classificou como “calúnia”. Raspútin declarou ao jornal que Purichkévitch o odiava desde que ele começou a defender de tempos em tempos os judeus, como quando pediu permissão para que a comunidade judaica participasse do grande mercado em Níjni Nóvgorod. “Ele não me perdoa por ajudar muitos judeus pobres na Sibéria”, disse Raspútin, “e nem tenta esconder isso.” ⁷

Raspútin soube do discurso de Purichkévitch no mesmo dia. A julgar pelo que escreveu para o imperador, não ficou muito preocupado: “Purichkévitch atacou com ousadia, mas não feriu. Minha paz não foi perturbada. A vontade de Deus nos dá força. Nossa vitória e nosso navio. Ninguém tem poder para subir nele”. ⁸ Mas Raspútin não revelou tudo o que pensava, e era óbvio que se esforçava em parecer despreocupado para o tsar. Ao mesmo tempo, escreveu para o comandante do palácio Voeikov sobre a necessidade de aliados:

Ouçã, meu caro, mesmo o mingau só passa a ter sabor depois que nos acostumamos a ele, e o mesmo vale para Purichkévitch e sua boca imunda. Agora milhões dessas vespas saíram do ovo. Por isso, acredite em mim, quando se trata de assuntos do espírito, precisamos agir como amigos consolidados. Embora o círculo seja pequeno, ainda contém pessoas que pensam do mesmo jeito, e, apesar de numerosas, sua força está dispersa. Elas estão tomadas pelo despeito, enquanto nós temos o espírito da verdade. Olhe para o rosto de Annuchka: deveria ser o melhor alívio para você. Grigóri Nóvi. [9](#)

O telefone na casa de Purichkévitch não parou de tocar no dia 21, com amigos e conhecidos ligando para cumprimentá-lo. Um desses foi o príncipe Iussúpov. Perguntou se os dois poderiam se encontrar, pois havia algumas coisas sobre Raspútin e seu papel na corte que gostaria de discutir pessoalmente, parecendo-lhe “esquisito” falar a respeito por telefone. Iussúpov foi ver Purichkévitch às nove horas da manhã do dia seguinte, e os dois conversaram por mais de duas horas. Disse a Purichkévitch que só palavras não bastavam para resolver o problema de Raspútin, que era preciso agir. “Mas fazer o quê?”, perguntou Purichkévitch. Iussúpov fitou-o com firmeza: “Nos livrarmos dele”. Quando Purichkévitch respondeu que duvidava que fosse possível encontrar quem fizesse o serviço, Iussúpov lhe disse de forma convicta: “Sim, tenho certeza que sim! E um deles está aqui na sua frente”. [10](#)

A ideia de matar Raspútin foi de Iussúpov. [11](#) Começou a cristalizar-se em sua mente pelo fim de outubro. De acordo com suas memórias (documento reconhecidamente pouco confiável, como veremos adiante), Iussúpov tocou pela primeira vez no assunto da necessidade de se livrar de Raspútin com a mulher, Irina, e “ela concordou totalmente comigo”. Em seguida, falou dos seus planos com “gente influente”, mas ninguém tinha coragem de agir. Uma dessas pessoas foi Rodzianko, o presidente da Duma, casado com uma parenta da mãe de Iussúpov e íntimo da família. Rodzianko lhe disse: “A única solução é matar o canalha, mas não existe homem na Rússia que tenha a coragem de fazer isso. Eu mesmo o faria, se não fosse tão velho”. Isso, de acordo com Iussúpov, era tudo que ele precisava ouvir para se convencer de que iria “preparar deliberadamente o assassinato de um homem a sangue-frio”. [12](#)

Em 3 de novembro, Vassíli Maklakov pronunciou um forte discurso na Duma atacando o governo — “Ou nós, ou eles: uma vida em comum não é possível”, foi sua memorável palavra de ordem — que

aparentemente deu início à conspiração. ¹³ Logo depois, Iussúpov foi falar com Maklakov, que ficou horrorizado com o objetivo da visita. “Acha que tenho emprego para assassinos?”, questionou. Então Maklakov disse a Iussúpov que Raspútin era útil: sua influência era que minava o regime e provocaria sua ruína e o nascimento da Rússia democrática. Mais ainda, se Raspútin fosse morto, Alexandra simplesmente encontraria outra figura para substituí-lo. Iussúpov rejeitou a ideia. Disse a Maklakov que isso mostrava que ele não fazia ideia das “forças sobrenaturais” de Raspútin. E continuou: “Mas eu estou envolvido com o ocultismo, por isso conheço a verdade. Eu lhe digo que Raspútin tem um poder que só se encontra a cada cem anos. A imperatriz iria parar num asilo dentro de duas semanas se Raspútin fosse morto hoje. O equilíbrio espiritual dela depende inteiramente de Raspútin; ela desmoronaria assim que ele caísse. E se o imperador fosse libertado da influência de Raspútin e de sua mulher, tudo mudaria; ele seria um bom monarca constitucional”. O assassinato, insistiu Iussúpov, era a única resposta.

O problema, admitiu Iussúpov, era que devido à sua posição social ele não poderia fazê-lo pessoalmente, pois isso equivaleria a um ato revolucionário. Não, ele estava pensando em contratar alguém para fazer o serviço. Maklakov o advertiu que não fizesse isso, dizendo que qualquer pessoa que aceitasse matar Raspútin por dinheiro provavelmente o trairia por uma quantia maior. Não, era muito arriscado. E, com isso, a conversa terminou. ¹⁴

Iussúpov começou a recrutar outras pessoas. Primeiro falou com o tenente Serguei Sukhotin, jovem oficial de forte constituição física pertencente ao Regimento de Salva-Vidas da Infantaria. Os dois homens eram da mesma idade — 29 —, e é possível que tenham se conhecido e se aproximado quando Sukhotin se recuperava de ferimentos de batalha num trem-hospital em Tsárskoie Seló dirigido pelos Iussúpov. Sukhotin, como Iussúpov sabia, compartilhava suas opiniões sobre Raspútin, e imediatamente concordou em participar. O grão-duque Dmítri Pávlovitch, seu querido amigo, estava na Stavka, por isso Iussúpov teve que esperar para puxar o assunto com ele, o que fez em meados de novembro. Dmítri disse a Iussúpov que também havia meses vinha pensando em matar Raspútin, por isso aderiu ao complô. ¹⁵

Uma quarta figura da conspiração era a mãe de Iussúpov, Zinaida, então na Crimeia. Como não confiavam no sistema postal, o irmão de Sukhotin foi usado como mensageiro das cartas. Para reforçar a segurança, imaginaram uma série de codinomes para sua correspondência: o imperador era “Tio”; a imperatriz era “Tia” ou “Valide”; Rodzianko, “Medvedev”; Protopópov, “l’intérieur”; e Raspútin acabou virando “Pontin”, “o livro” e “o administrador”. As cartas de Zinaida deixam claro que ela não apenas apoiava, mas também incentivava vigorosamente o complô. Escreveu para Félix em 18 de novembro: “Diga ao Tio Micha [Rodzianko] que nada pode ser feito sem que o livro [Raspútin] seja destruído e Valide domesticada. [...] Isto é imperativo”. Em 3 de dezembro, escreveu para Félix novamente dizendo que matar Raspútin era “*imperativo e urgentíssimo*”. [16](#)

Em 20 de novembro, Iussúpov, agitado, escreveu para Irina na Crimeia:

Estou ocupadíssimo preparando o plano para destruir R.[aspútin]. Agora é simplesmente imperativo, ou tudo estará perdido. [...] Você precisa tomar parte. Dmítri Pávlovitch sabe de tudo e está ajudando. Será em meados de dezembro. [...] Eu gostaria muito de vê-la o quanto antes, mas seria melhor que você não viesse cedo demais, pois os cômodos só ficam prontos em 15 de dezembro, e não todos, e o de cima ainda não está pronto, e você não teria onde ficar. Nem uma palavra a ninguém sobre o que lhe escrevi, ou seja, sobre nossos planos. [...] Diga a minha mãe para ler minha carta. [17](#)

Irina, chocada, respondeu: “Muito obrigada por sua carta maluca. Não consegui entender nem a metade, mas vejo que você está se preparando para uma ação muito doida. Por favor, tenha cuidado e não vá se meter num mau negócio”. De início Irina nem sequer compreendeu o que Félix lhe escrevera, mas depois acrescentou: “Acabei de compreender o significado dessas palavras, e quem são essas pessoas, neste minuto em que escrevo. Numa palavra, cuidado!”. [18](#)

Num encontro com Purichkévitch, no dia 21, Iussúpov recrutou o quinto participante do complô. Depois de ouvir seu discurso, Iussúpov tinha certeza de que Purichkévitch ia aderir, e queria incluir um político entre os membros. Escreveu em suas memórias que achava “importante que membros de todas as classes participassem neste acontecimento de tão grande monta”. Dmítri era membro da família governante; ele e a mãe eram nobres; Sukhotin, um oficial, e portanto Purichkévitch, como político, raciocinava Iussúpov, completariam o quadro. De forma

surpreendente, nem a vasta classe camponesa — o maior grupo social da Rússia — nem as classes média e operária, bem menores, sequer foram registradas pela mente de Iussúpov como parte da equação. [19](#)

Iussúpov convidou Purichkévitch para ir ao seu palácio às margens do Moika naquela noite às oito horas. Lá Purichkévitch encontrou o tenente Sukhotin e Dmítri, e todos começaram a conversar sobre a maneira de matar Raspútin. Concordaram que veneno seria a melhor opção, pois tiros certamente seriam ouvidos, despertando suspeitas. Purichkévitch sugeriu que incluíssem o dr. Stanisław Lazovert, médico polonês que servira sob o seu comando por dois anos em sua unidade militar no front. Os conhecimentos médicos de Lazovert poderiam ser úteis na administração de qualquer veneno; além disso ele era corajoso — ferido três vezes e agraciado com numerosas condecorações. [20](#) Combinaram o crime para meados de dezembro. Antes de terminar a reunião, os homens se lembraram de um elemento crucial: jamais contar a ninguém sobre sua participação no assassinato de Raspútin. Esse juramento solene não duraria mais do que alguns dias. [21](#)

Todos os assassinos de Raspútin acreditavam estar se preparando para um ato de nobre patriotismo, mas havia outros motivos em jogo também. Purichkévitch era impulsionado por ambição e vaidade e pelo desejo de mostrar que era homem de ação. Os motivos de Iussúpov eram mais complicados do que ele expusera a Maklakov. O desejo de agradar à mãe dominadora era certamente um fator, bem como a busca de um sentido para a sua vida sem rumo. Tramar o assassinato de Raspútin lhe dava um objetivo e uma válvula de escape para suas energias que não fosse só redecorar a casa da família à beira do Moika, sua outra grande preocupação naquele outono. A participação de Dmítri também deve ser explicada em parte pelo desejo de agradar a Ella, que era como uma segunda mãe para o grão-duque, e foi só depois de uma longa conversa com ela que Dmítri reconheceu que o homicídio era o caminho certo. [22](#) A presunção estava presente no pensamento de Purichkévitch e de Iussúpov. Eles entrariam para a história por sua parte na salvação da Rússia. O que nenhum dos assassinos parecia perceber era que sua visão de Raspútin e do seu papel na Rússia era um reflexo das ações de Alexandra, mas com o sinal trocado: todos achavam que Raspútin tinha nas mãos o destino da Rússia, fosse para preservá-la ou

destruí-la. Iussúpov e os outros conspiradores eram tão simplistas quanto a imperatriz no entendimento sobre o que era preciso para salvar o país.

Depois da reunião do dia 21, Iussúpov voltou a procurar Maklakov para ver se o faria mudar de ideia. Maklakov se mostrou mais disposto a conversar sobre o assassinato, mas disse a Iussúpov que estaria em Moscou em dezembro e não poderia tomar parte. Maklakov sugeriu que matassem Raspútin num falso acidente automobilístico, mas Iussúpov informou que tinham resolvido usar veneno. Queriam que o corpo fosse encontrado, para que Alexandra não tivesse dúvida de que ele estava morto. Houve mais alguns encontros entre os dois para discutir detalhes. No último deles, Maklakov deu a Iussúpov um “haltere emborrachado” de um quilo, dizendo que poderia vir a calhar, e, segundo alegou Iussúpov, uma caixa de cristais de cianeto de potássio, coisa que Maklakov posteriormente negaria. [23](#)

Os cinco conspiradores se reuniram na noite do dia 24 no trem de Purichkévitch na Estação Varsóvia. Nesse encontro, Iussúpov mostrou o cianeto de potássio que recebera de Maklakov. Decidiram matar Raspútin servindo bolos envenenados e vinho. Quando ele morresse, Sukhotin, disfarçado de Raspútin, seguiria de carro com Dmítri e Lazovert, este fazendo as vezes de chofer, para a Estação Varsóvia, e a mulher de Purichkévitch queimaria as roupas de Raspútin no fogão do vagão. Os três deixariam o carro lá e seguiriam de táxi para o palácio de Dmítri na avenida Niévski, e depois voltariam para a casa de Iussúpov no carro do grão-duque. Levariam o corpo de Raspútin, enrolado como “uma múmia”, para um lugar deserto à beira do rio, prenderiam nele correntes e pesos e o jogariam num buraco no gelo. Purichkévitch se comprometeu a comprar as correntes e os pesos no Mercado Alexandrov. Quando todos se deram por satisfeitos com o plano, a reunião terminou, por volta da meia-noite. Na manhã do dia 29, Purichkévitch fez suas compras no mercado, e de tarde, em dois carros, os homens passaram horas dirigindo pela beira do rio, à procura de lugares para jogar o corpo. Só descobriram dois bons buracos no gelo — o melhor ficava fora dos limites da cidade, no rio Málaia Nevka, perto da Grande Ponte Petróvski. Os homens se reuniram na noite do dia 13 para uma última sessão de planejamento. A data marcada foi 16 de

dezembro. [24](#)

Purichkévitch esbarrou com Vassíli Chulgin nessa época na Duma. “Escute, Chulgin”, disse ele. “Grave a data, 16 de dezembro.” Chulgin olhou para ele sem entender. “Vou lhe contar. Em você eu confio. Vamos matá-lo no dia 16.” Chulgin falou para Purichkévitch que achava a ideia “repulsiva” e tentou explicar-lhe que o plano era inútil e não mudaria nada. Purichkévitch não quis ouvir. Com os nervos à flor da pele, disse a Chulgin que sabia que as histórias sobre Raspútin e a imperatriz eram mentiras, mas que àquela altura isso era irrelevante. “Não podemos cruzar os braços, de qualquer maneira. Vamos até o fim. Pior não pode ficar. Vou matá-lo como se mata um cachorro.” [25](#) Em 23 de novembro, esteve na casa do historiador Serguei Platonov e lhe disse, em termos velados, o que estava para acontecer. [26](#) Logo depois, uma jornalista chamada M. I. Beker foi ao gabinete de Maklakov. Ela lhe contou que Purichkévitch, depois de discutir com um grupo de jornalistas na Duma, anunciou que em 17 de dezembro ele, o príncipe Iussúpov e o grão-duque Dmítri Pávlovitch iam matar Raspútin. Os jornalistas achavam que era piada, e Maklakov a convenceu de que era mesmo. Mas depois esteve com Iussúpov e o alertou para o que Purichkévitch andava dizendo. Iussúpov ficou horrorizado e queixou-se de que os outros conspiradores tinham deixado tudo por sua conta. [27](#) No começo de dezembro, Purichkévitch arranjou um encontro com Samuel Hoare, chefe da Missão de Inteligência Secreta Britânica em Petrogrado. No escritório de Hoare, Purichkévitch contou, com toda a naturalidade, que “ele e seus amigos estavam decididos a ‘liquidar a questão de Raspútin’” e lhe forneceu os detalhes do complô. Hoare, porém, não o levou muito a sério. Tinha ouvido muitas conversas sobre matar Raspútin, e os modos estranhamente descontraídos de Purichkévitch o fizeram supor que se tratava do blá-blá-blá de sempre. [28](#) Purichkévitch não conseguia manter a boca fechada. Àquela altura era pouco provável que não fossem identificados os assassinos de Raspútin. Purichkévitch não seria capaz de segurar a língua na noite do homicídio também, selando, com isso, o destino deles.

Um elemento crucial do complô era Irina. Havia muito tempo que Raspútin tinha vontade de encontrar-se com a adorável mulher do príncipe, e seria ela que o atrairia para a casa dos Iussúpov. No dia 25,

Félix, nervoso e cansado, mas incapaz de dormir, escreveu para ela: “Minha cabeça está estourando de tantos pensamentos, planos etc.”. Explicou que para tudo funcionar ela precisava estar impreterivelmente em Petrogrado em meados de dezembro. “O plano sobre o qual estou lhe escrevendo foi preparado minuciosamente, três quartos estão prontos, tudo que falta é o acorde final, e para isso aguardamos sua chegada. Essa é a única maneira, e a mais confiável, de salvar a situação, que é praticamente irremediável. Claro, nem uma palavra com ninguém. Malania também está envolvida. Você servirá de isca. Compreendeu? Por isso, quanto mais cedo vier, melhor.” ²⁹

“Malania” era provavelmente Marianna Derfelden (*née* Pistolkors), meia-irmã do grão-duque Dmítri, e talvez sua amante, e ele sem dúvida a mencionou para convencer Irina a participar. Irina, contudo, não aprovava o plano do marido. Recusava-se a vir e tentou convencê-lo a ir para junto dela na Crimeia. “Não posso viver sem você”, escreveu ela em 3 de dezembro, “venha para cá.” ³⁰ Mas ele estava decidido. Ficou na capital.

Félix agora precisava fazer contato com o alvo. Não via Raspútín desde janeiro de 1915 e pediu ajuda a Munia Golovina. Teria contado a verdade a Munia sobre a razão que o levou a pedir sua ajuda? Trata-se de uma dúvida interessante. Parece improvável, pois ela, se soubesse, não se prontificaria a atender seu pedido. Munia e a mãe foram seguidoras de Raspútín durante anos. Acreditavam nele. Não há razão para supor que ela o teria traído. Por isso Iussúpov deve ter mentido. Disse que estava doente, sofrendo de uma fadiga inexplicável e uma dor no peito, e precisava da assistência de Raspútín. ³¹ Segundo Munia, Félix lhe pediu que combinasse um encontro, ocorrido em 17 de novembro no apartamento da família dela no Canal de Inverno. Depois desse encontro, Munia incentivou um segundo, e então, num outro dia, acompanhou Félix até a casa de Raspútín. ³² Foram extremamente cautelosos, e suas visitas escaparam à atenção dos agentes que vigiavam o endereço do *stárets*. ³³ Raspútín prometeu curá-lo, e Félix começou a frequentar seu apartamento.

Foi ali, no pequeno escritório de Raspútín na Gorokhovaia, que houve a primeira sessão. Raspútín pediu-lhe que deitasse no sofá e pôs-se a

fazer com as mãos uma série de “passes mesméricos” no peito, no pescoço e na cabeça de Félix, enquanto murmurava uma prece. O príncipe escreveu posteriormente que sentia o “tremendo poder hipnótico” de Raspútin.

Era como se uma energia ativa vertesse calor, uma corrente cálida, em todo o meu ser. Senti um torpor, e meu corpo ficou dormente; tentei falar, mas a língua já não me obedecia e aos poucos mergulhei num estado de sonolência, como se me tivessem aplicado um poderoso narcótico. Tudo que eu conseguia ver eram os olhos cintilantes de Raspútin: dois feixes de luz fosforescente se fundindo num grande círculo luminoso que às vezes se aproximava, às vezes se afastava. [...]

Só minha mente estava livre, e percebi perfeitamente que ia caindo aos poucos sob o poder desse homem maligno. Senti então despertar em mim a vontade de lutar contra aquela hipnose. Pouco a pouco, o desejo de resistir foi crescendo, formando uma armadura protetora à minha volta. Tive a sensação de que se travava uma luta impiedosa entre Raspútin e eu, entre sua personalidade e a minha. Eu sabia que o estava impedindo de assumir controle total sobre mim [...]. ³⁴

Félix começou a passar bastante tempo com Munia e Raspútin, e escreveu para Irina dizendo que “eles estão muito apaixonados por mim”. Munia se referia a Félix como “meu amiguinho”, por isso Raspútin passou a chamá-lo de “o pequeno”. Iussúpov encantou o camponês que gostava de desmerecer a aristocracia. Raspútin propôs irem juntos ver os ciganos se apresentarem à noite. ³⁵ Iussúpov disse que gostaria que Raspútin fosse a sua casa para conhecer sua mulher. Marcaram para a noite de 16 de dezembro. Na manhã do dia 13, Iussúpov telefonou para Purichkévitich e pronunciou o código: “Vânia chegou”. ³⁶ A operação estava confirmada.

63. “Minha hora logo soará”

O estado de espírito na Rússia em dezembro de 1916 era sombrio. O desespero pairava no ar ainda mais frio do que de costume. Nas cidades, uma grave escassez de alimentos avultava no horizonte, a inquietação trabalhista aumentava, mas, embora nos anos anteriores a polícia estivesse disposta a envolver-se em brigas sangrentas com os operários, a situação tinha mudado. Em vez de abrir fogo contra eles, soldados agora começavam a juntar-se aos grevistas nas ruas e a marchar atrás das faixas aos gritos de “Abaixo a guerra”, somando suas vozes ao coro da *Marseillaise*. ¹ Numa tarde escura do último inverno da dinastia Románov, um grupo de meninos correu atrás do automóvel de Ksênia, a irmã do tsar, pelas ruas de Petrogrado, jogando bolas de neve e berrando: “Abaixo a burguesia imunda!”. ² Quando o príncipe Andrei Lobánov-Rostóvski chegou a Petrogrado, no fim de 1916, a cidade lhe pareceu um “asilo de loucos”, impregnada de uma atmosfera “venenosa” e tomada de “abatimento e medo profundos”. ³ O embaixador Nekliudov, em Estocolmo, recebeu uma carta de um amigo em sua cidade dizendo: “Não estamos vivendo agora, estamos em chamas. Açúcar e notícias sensacionalistas — panem et circenses — é este o grito que o saúda por todos os lados”. ⁴

Um relatório da Okhrana de Petrogrado para o departamento de polícia classificado como “Secretíssimo” pintava um quadro assustador da Rússia a um passo da catástrofe. A medonha falta de alimentos e das necessidades diárias, em combinação com a inflação de 300%, tornava iminente uma revolução das classes baixas. As conversas na cidade de que “a Rússia está às vésperas de uma revolução” já não poderiam ser ignoradas como se fossem produto de agentes alemães, mas iam se

tornando uma realidade. O país estava à beira de uma “revolta da fome”, depois da qual viriam “os excessos mais bestiais”. ⁵

O respeito pela Coroa tinha praticamente desaparecido. Outro amigo de Nekliudov viajando na terceira classe de um trem de sua propriedade nas províncias para Petrogrado narrou uma conversa que ouviu entre moleiros, camponeses bem de vida e negociantes rurais. Ficou impressionado com a liberdade com que falavam a respeito da corte, fazendo piadas sem restrições sobre Alexandra e Raspútín e trocando “boatos verdadeiramente sórdidos e gargalhadas sem fim”. ⁶

Ella foi a Tsárskoie Seló fazer uma última tentativa de convencer a irmã a mandar Raspútín embora. Achava que tinha de abrir os olhos de Alexandra para o perigo da situação e a necessidade de ação rápida e decisiva. Mas Alexandra a recebeu com frieza e não quis ouvir nada do que tinha a dizer. Ao sair, Ella disse: “Lembre-se do fim de Luís XVI e de Maria Antonieta”. No dia seguinte, Alexandra mandou para Ella um bilhete instruindo-a a voltar para Moscou. Ella tentou falar com Nicolau, mas ele se recusou a recebê-la. Antes de partir, Ella esteve com Iussúpov. “Ela me expulsou como um cão!”, contou, entre lágrimas. “Pobre Nicky, pobre Rússia!” Ella nunca mais viu a irmã. ⁷

Em 2 de dezembro, dia seguinte à partida de Ella, Nicolau, Alexandra e a filha Olga passaram a noite na casa de Vírubova com Raspútín. Vírubova lembrava-se de que Raspútín agiu de modo estranho naquela noite. Quando se levantou para sair, o imperador pediu que Raspútín os abençoasse como sempre. Mas dessa vez o siberiano respondeu: “Hoje é o senhor que me abençoa”. E o imperador o abençoou. ⁸ Foi a última vez que os dois se viram.

Naquele mesmo dia, no XII Congresso da União da Nobreza Unida, uma resolução foi aprovada sobre o perigo das “forças obscuras” que tinham assumido o controle dos mais altos níveis do Estado e da Igreja e defendendo a necessidade de removê-las de uma vez por todas. A Rússia, segundo a resolução, passava por “uma hora histórica ameaçadora”. O momento pedia um governo forte e unido, que contasse com a confiança do povo e estivesse disposto a trabalhar com os órgãos legislativos e ao mesmo tempo reconhecesse sua responsabilidade para com o imperador. ⁹ Tratava-se de um documento altamente significativo, divulgado por um dos principais pilares do

regime dos Románov. Críticas da Duma ou da imprensa não eram novidade, mas o fato de a nobreza, uma das instituições mais tradicionais e leais do Estado, estar se agitando contra as forças obscuras mostrava até que ponto o trono tinha perdido apoio. Era difícil imaginar quanto tempo a monarquia sobreviveria.

Liev Tikhomirov anotou em seu diário, com precisão, o significado do momento.

Esta resolução do congresso dos nobres causará impressão muito maior do que os pronunciamentos comparáveis da Duma Estatal e do Conselho de Estado. É assustador pensar que todas essas nuvens escuras estão se acumulando sobre a Monarquia graças simplesmente a um indivíduo insignificante e abjeto. Pois o que são, na verdade, essas “forças obscuras”? Basicamente, apenas Grigóri Raspútin. Todos aqueles que estão ligados a ele são zeros à esquerda, não têm importância. E, dessa maneira, só por causa de um indivíduo insignificante e abjeto os alicerces da Monarquia estão desmoronando. Nunca houve nada parecido em toda a História. Eles estão prontos para sacrificar todos os Stürmer, Kurlov, ou seja lá quem for, mas Raspútin, o responsável por toda esta ruína, continua inabalável. Há qualquer coisa de místico e fatal nisso.

E, ainda mais pessimista, Tikhomirov observou poucos dias depois, em 9 de dezembro:

Sim, uma revolução está se desenvolvendo e aproximando. Agora as classes superiores e as altas patentes vão iniciá-la, depois os operários e camponeses virão atrás à sua maneira. Quem sobreviverá só Deus sabe. Mas dá para imaginar que o responsável, essa “força obscura” representada por Grichka Raspútin, conseguirá fugir para o exterior no momento decisivo. [10](#)

Nessa época Alexandra recebeu uma carta suplicando que livrasse a corte das forças obscuras. Era da princesa Sófia Vasilchikova, dama de companhia na corte e mulher do príncipe Boris Vasilchikov, membro do Conselho Imperial e ex-ministro da Agricultura. “Há muita coisa que a Senhora não sabe, que não chega até a Senhora”, escreveu Vasilchikova, “mas eu frequento vários círculos e vejo como é grande o perigo, e lhe peço que salve a Si Mesma e a Sua Família.” Na carta, ela contava ter ouvido uma conversa de membros da sociedade que desejavam a morte da imperatriz. Alexandra ficou furiosa e fincou pé. Falou com Chebotariova no hospital de Tsárskoie Seló sobre a carta e disse que o imperador vai “Me defender”. Mostrou a correspondência a Vírubova, ressaltando que Vasilchikova não teve sequer a decência de escrever num papel adequado, tendo usado duas pequenas folhas arrancadas de um caderno. Essa falta de etiqueta parecia ofendê-la quase tanto quanto as próprias palavras. [11](#) Vasilchikova foi obrigada a deixar a capital e ir

para sua propriedade em Nóvgorod. O escândalo foi noticiado por vários jornais, todos fazendo questão de ressaltar o fato de que, antes de partir, a princesa recebera muitos visitantes, incluindo vários membros do Conselho Imperial, e uma quantidade imensa de cartas e telegramas de apoio. [12](#)

Alexandra continuou cega à realidade da situação até o fim. Em 4 de dezembro, Nicolau e Alexei voltaram para a Stavka. “Adeus, doce Amorzinho!”, escreveu ela:

É uma grande dor deixá-lo partir — pior do que nunca, depois dos tempos difíceis que vivi e lutei para atravessar. Mas Deus que é todo amor e misericórdia permitiu que as coisas mudassem para melhor, só um pouco mais de paciência e a fé mais profunda nas orações e na ajuda de nosso amigo — e tudo dará certo.

Estou totalmente convencida de que grandes e belos tempos hão de vir para você e para a Rússia. [...] Mostre para todos que você é o senhor e será obedecido — a época de grande indulgência e brandura acabou — agora vem o seu reino de vontade e poder, e eles haverão de se curvar diante de você e ouvir suas ordens e todo o perdão.

Por que as pessoas me odeiam? Porque sabem que tenho uma vontade forte e quando estou convencida de que uma coisa é certa (quando além disso abençoada por Grigóri), não mudo de ideia e isso elas não toleram. [...]

Lembre-se das palavras do sr. Philippe quando me deu a imagem com o sino. Como você era tão bom, confiante e amável, eu era para ser o seu sino, aqueles que chegassem com más intenções não seriam capazes de se aproximar de mim e eu avisaria a você. Os que têm medo de mim não me olham nos olhos ou estão aprontando algum mal, não gostam de mim.

[...]

Durma bem, de coração e alma com você, minhas orações em torno de você — Deus e a Virgem santa nunca vão abandoná-lo.

Sempre muito, muito, Sua.

Alexandra parecia agarrar-se com mais força a Raspútin e cada palavra sua. Escreveu para Nicolau no dia 5:

Seguir os conselhos de nosso amigo, amorzinho — garanto que está certo — Ele reza com tanto fervor dia e noite por você — & Ele manteve você onde você está — apenas esteja tão convencido como eu & como provei para Ella & provarei para sempre — então tudo dará certo. Dentre “*les Amis de Dieux*” um dos velhos homens de Deus disse que um país onde um homem de Deus ajuda o Soberano nunca se perderá & é verdade — tudo que se precisa é escutar, confiar & pedir conselho — não pense que Ele não sabe. Deus abre tudo para Ele, é por isso que as pessoas, que não compreendem Sua alma, admiram tão imensamente Seu maravilhoso cérebro — pronto para compreender qualquer coisa; & quando Ele abençoa um empreendimento — dá certo & se Ele aconselha as pessoas — pode-se ficar tranquilo que são bons — se eles depois mudam, isso já não é culpa Dele — mas Ele se engana menos com as pessoas do que nós — experiência na vida abençoada por Deus.

Ela estava ficando cada vez mais irritada com a fraqueza de Nicolau e lhe mandava cartas intimidadoras exigindo que desse “murros na mesa” e agisse como um tsar, pois a “Rússia adora sentir o chicote”. Repassou-lhe o conselho de Raspútin para que fosse forte e enfrentasse os ministros, em especial o primeiro-ministro Trépov: “Ele lhe suplica que seja firme, que seja o Senhor & não ceda sempre a Tr. — você sabe mais do que esse homem (apesar disso deixa que ele o lidere) — & por que não o nosso amigo que lidera por intermédio de Deus?”. Ela ordenou ao marido que fosse “homem” e confessou que “é mais difícil mantê-lo firme do que [aguentar] o ódio de outros que me deixa indiferente”. Exasperada, gritou: “Como eu gostaria de poder despejar minha vontade dentro de suas veias!”. ¹³ Mas isso ela não podia. A monarquia, como Alexandra a via, estava ameaçada na prática pela falta de determinação do marido. Em Raspútin, Alexandra tinha esperado encontrar a força para apoiar Nicolau e seu reinado. Nunca vacilou em sua crença no *stárets*, mas a esperança no êxito da missão de Raspútin de guiar Nicolau estava minguando.

No dia 11, Alexandra e as meninas visitaram Nóvgorod. Foram rezar na catedral Znamenski, onde o arcebispo Arseni as recebeu. Ele presenteou Alexandra com um ícone da Virgem Maria, e ela o deu a Vírubova para entregar a Raspútin, que seria sepultado com o ícone poucos dias depois. ¹⁴ Viram também a idosa *staritsa* Maria Mikháilovna, que teria 107 anos de idade, no Mosteiro Desiatinni. Quando entravam em seu quarto escuro, Maria gritou: “Contemplem a martirizada imperatriz Alexandra Fiódorovna!”. Alexandra não ouviu suas palavras, mas outras pessoas do grupo ficaram abaladíssimas. ¹⁵

Na noite do dia 12, Raspútin jantou na casa de Vírubova com Alexandra e as filhas Olga e Maria. Seria o último encontro entre eles. ¹⁶ Alexandra escrevera para Nicolau dias antes dizendo que Raspútin ultimamente andava de “bom humor, animado”. ¹⁷ Outros alegam o contrário, e pode ser que Raspútin talvez estivesse querendo dar à imperatriz a impressão de que tudo ia bem. Seu secretário Aron Simanovitch (que não era, é preciso repetir, uma fonte confiável) declarou logo depois do assassinato que, nos dias anteriores, Raspútin tinha recebido muitos avisos de que um atentado contra a sua vida era iminente. Raspútin levou o assunto a sério e fez a informação chegar ao

Ministério do Interior e ao palácio. ¹⁸ Simanovitch disse depois a Vírubova que nos últimos dias Raspútin andava “triste” e em “estado deprimido”. ¹⁹ Supostamente, Munia Golovina teria mencionado a Raspútin, dois dias antes de sua morte, que Iussúpov entrara para uma sociedade secreta inglesa, ao que o *stárets* respondeu: “Agora ele vai me matar”. ²⁰ Vassíli Skvortsov fez eco às palavras de Simanovitch e Golovina. Ele viu Raspútin poucos dias antes do assassinato e o achou abatido, o rosto doentiamente verde, a “marca da morte” já sobre ele. Belétski, que também o viu naquela época, por sua vez achou Raspútin animado, otimista e muito confiante. Seu inimigo Aleksandr Makárov seria substituído por Nikolai Dobrovolski como ministro da Justiça, o que para ele era uma vitória importante. Em suas memórias, Belétski alega que apesar disso alertou Raspútin contra visitar “casas que não conhecia direito”. ²¹

Theodora Krarup, a amiga artista de Raspútin, escreveu em suas memórias que, no fim de novembro, “dois oficiais estrangeiros” visitaram seu ateliê e ofereceram uma grande soma de dinheiro para que ela os deixasse entrar e matá-lo quando voltasse a aparecer. Ela foi diretamente à Gorokhovaia avisar a Raspútin, mas ele não ligou. “Não fique com medo, Theodora”, disse. “Nosso Senhor estende a mão sobre mim.” ²² Poucas semanas depois, dias antes do assassinato, um jovem oficial do Regimento dos Salva-Vidas esteve na residência do comandante do palácio Voeikov, que estava na Stavka, e disse à mulher dele: “Sei que o velho vai ser despachado, vai ser assassinado”. O tom de voz do oficial não deixava dúvida sobre a seriedade do que dizia. Suas palavras foram imediatamente comunicadas a Vírubova, que deu pouca importância, dizendo: “Não é tão fácil assim matar as pessoas”. ²³ Talvez não fosse, mas há provas sugerindo que Raspútin estava sendo inusitadamente cauteloso. No dia 15, Alexandra escreveu para Nicolau dizendo que Raspútin “não sai há séculos, só para vir aqui”. No dia anterior ele e Munia tinham visitado as catedrais de Kazan e Santo Isaac, e Alexandra estava satisfeita de poder informar que “não houve um olhar desagradável, as pessoas todas tranquilas”. Raspútin transmitiu estas palavras a Alexandra, que, à luz do que estava para acontecer, parecem estranhamente significativas: “O caminho é estreito, mas é preciso passar por ele direto, à maneira de Deus, e não do homem”. ²⁴

Os arquivos da polícia relativos a novembro e dezembro também traçam um quadro de retraimento de Raspútin. Ele visitou os Golovin em 23 de novembro, mas na maior parte do tempo ficou em casa. Uma rara saída foi em 30 de novembro, para ir à casa de vinhos Makaiev, no 23 da avenida Niévski. Os primeiros onze dias de dezembro foram especialmente tranquilos. No dia 7, fez uma visita a Arthur Gyulling no 54 da rua Fontanka e a Alexander Kon, conselheiro da corte de 38 anos e membro do Comitê de Assuntos de Imprensa de Petrogrado. No dia 10, foi ver Simanovitch na rua Nikoláievski. Nada mais. Não houve festas, nem atividades sociais. Tudo sossegara. O último relatório policial existente diz respeito ao dia 11. Ao que parece, os relatórios referentes a seus últimos cinco dias de vida desapareceram. ²⁵

Um texto básico na mitologia de Raspútin é o chamado testamento publicado por Simanovitch em suas memórias. Ele alega que Raspútin ditou-o para o advogado Aronson durante uma noite inteira, enquanto Simanovitch olhava sem conseguir acreditar. Raspútin previu que morreria antes do fim do ano e que, se fosse assassinado por camponeses como ele, o tsar não precisaria temer nada, e a monarquia continuaria existindo por séculos, mas, se caísse pelas mãos dos nobres, então a Rússia mergulharia num banho de sangue e irmão mataria irmão por 25 anos. Além disso, se os sinos que dobrassem por sua morte viessem junto com a notícia de que os parentes do tsar tinham matado Raspútin, então toda a família de Nicolau estaria morta dentro de dois anos, assassinada pelo *narod* russo. Simanovitch afirma que entregou a carta para Alexandra depois da morte de Raspútin. ²⁶ Desnecessário dizer que ela não foi encontrada entre os documentos da imperatriz depois da revolução, e por um motivo simples: Raspútin jamais a escreveu. Mas escreveu outra, vagamente parecida, endereçada à própria família, encontrada entre as coisas da filha dele, Maria:

★ ★ ★

Meus queridos,

Um desastre nos ameaça, um grande desastre se aproxima. A face de Nossa Senhora escureceu e o espírito está perturbado na calma da noite. Essa calma não vai durar. Terrível será a ira. E para onde fugiremos? Está escrito: Vigiai porque não sabeis o dia nem a hora. Esse dia chegou para o nosso país. Haverá clamor e sangue. Na grande treva dessas dores não consigo distinguir nada. Minha hora logo soará. Não tenho medo, mas sei que será amarga.

Vou sofrer e ela será perdoada aos homens. Devo herdar o reino, mas vocês serão salvos. A estrada dos seus sofrimentos é conhecida por Deus. Um sem-número de homens perecerá. Muitos mártires morrerão. Irmãos serão assassinados por irmãos. A terra tremerá. A fome e a peste reinarão, sinais aparecerão para os homens. Rezem pela sua salvação. E pela graça do Salvador e Dela que intercede junto a Ele vocês serão consolados.

Grigóri. [27](#)

A previsão do desastre iminente feita por Raspútin não é profética. Em dezembro de 1916, muitos russos já conseguiram ver que uma revolução sangrenta os aguardava. Mas seu conhecimento da morte que se aproximava é extraordinário e não pode ser refutado. Talvez Raspútin tenha mesmo previsto que o violento fim estava chegando.

64. O último dia

Todos os que viram Raspútin em 16 de dezembro disseram que ele parecia nervoso e agitado. Começou com o telefone tocando de manhã. Raspútin atendeu e ouviu uma voz desconhecida ameaçando-o de morte. ¹ A ligação foi seguida pela entrega de várias ameaças anônimas pelo correio. ² Em seguida veio a notícia de que Simoniko Pkhakadze tentara o suicídio com um tiro no peito, mas a bala o atingiu apenas de raspão. As circunstâncias eram nebulosas, e Raspútin temeu que tivesse alguma coisa a ver com Maria. ³

Poucos visitantes apareceram na casa de Raspútin naquele dia. Pelas onze da manhã, Simanovitch e o bispo Isidor chegaram e lá permaneceram por três horas. Munia também lhe fez uma visita, ficando a tarde inteira e o começo da noite, bem como a princesa Tatiana Chakhovskaia, Iekaterina Sukhomlínova e Vírubova, que apareceu no fim da tarde para tomar chá e entregar o ícone que a imperatriz tinha adquirido na viagem a Nóvgorod dias antes. Vírubova ficou surpresa quando Raspútin contou que ia visitar Félix Iussúpov aquela noite para conhecer sua mulher. Achou estranho que ele fosse ver Iussúpov tão tarde, mas Raspútin disse que tinha sido combinado assim para que os pais de Iussúpov não soubessem da visita. Ela e Munia tentaram convencer Raspútin a não ir, argumentando que circulavam pela cidade histórias terríveis e ele precisava ser extremamente cauteloso. Mas o siberiano não quis saber. “Ninguém me impede de fazer o que quero. Se quero sair, eu saio.” Quando ela se preparava para ir embora, Raspútin lhe disse: “O que mais quer de mim? Já conseguiu tudo...”. ⁴ Ela achou aquilo estranho, mas não soube direito como interpretar. Mais tarde naquela noite, no budoir da imperatriz,

mencionou a visita a Alexandra. “Mas deve haver algum engano”, comentou a imperatriz. “Irina está na Crimeia e nenhum dos Iussúpov mais velhos está na cidade.” Alexandra, intrigada, ficou pensando no que Vírubova lhe dissera. “Sem dúvida há algum mal-entendido”, insistiu, e com isso a conversa passou para outros assuntos. ⁵

Pelas onze da noite, todos tinham ido embora. A família começou a preparar-se para dormir. Maria notou que o pai estava elegantemente vestido, com camisa azul-clara de seda bordada, calças de veludo e botas pretas engraxadas. “Vai sair esta noite?”, perguntou. Maria percebeu que Raspútín parecia impaciente, alheio, e levou minutos para responder. Então olhou para a filha nos olhos e sorriu; afagou a testa de Varvara. “Sim, estou saindo de novo, minhas pombas. Não se preocupem. Fui convidado para ir à casa do príncipe Iussúpov e ele vem me buscar depois das doze.” Pediu às meninas que não contassem a Munia. Depois foi com as filhas até o quarto delas e fez o sinal da cruz quando se deitaram. Maria considerou o comportamento do pai curioso. Foi a última vez que elas o viram com vida. ⁶ Do lado de fora, Maria Juravliova, a zeladora do prédio, trancou o pesado portão de ferro da frente por aquela noite. ⁷

Raspútín deitou-se na cama, depois se levantou e foi até a cozinha. Estava tendo dificuldade com os botões do colarinho da camisa e pediu a Kátia Pecherkina que o ajudasse. Nesse momento a campainha da porta dos fundos tocou. Era uma da manhã do dia 17. Raspútín abriu e Iussúpov entrou. “Ninguém aqui, certo?”, perguntou, e Raspútín respondeu que todos tinham ido embora e as crianças dormiam. “Então vamos, pequeno”, disse ele, e os dois foram até o quarto de Raspútín. Quando passavam pela cozinha, Kátia espiou pela cortina da área dos empregados e reconheceu Iussúpov. ⁸

Durante o dia inteiro operários tinham se ocupado da preparação da cena do crime na adega do palácio de Iussúpov, no no 94 da Moika. Tapetes foram estendidos, cortinas foram penduradas, cadeiras de carvalho, mesas e vários objetos raros foram trazidos e cuidadosamente dispostos. Grigóri e Ivan, criados de Iussúpov, ajudaram o patrão a arrumar a mobília com capricho e prepararam bolachas, bolos, chá e vinho. Depois de gastar algumas horas com seu “intensivo” (Iussúpov

tinha provas no dia seguinte), com a ceia e com uma breve visita à igreja de Nossa Senhora de Kazan, o príncipe voltou para dar uma última conferida na adega às onze horas. “Na mesa o samovar fumegava, cercado de pratos de bolos e guloseimas de que Raspútin tanto gostava”, escreveu Iussúpov em suas memórias.

Havia fileiras de garrafas e copos num aparador. Do teto, lampiões antigos de vidro colorido iluminavam a sala; as pesadas *portières* de damasco vermelho estavam baixadas. Na lareira de granito, o fogo crepitava e espalhava faíscas nas lajes. Ali a pessoa se sentia isolada do resto do mundo, e parecia que, o quer que acontecesse, os eventos daquela noite ficariam para sempre soterrados no silêncio das grossas paredes.

Logo Dmítri chegou, e então os demais. Eles se reuniram na adega para examinar o cômodo. Ninguém disse palavra. Félix tirou uma caixa de veneno de um grande armário de ébano. Usando luvas de borracha, Sukhotin moeu o cianeto e polvilhou os bolos com veneno suficiente para matar instantaneamente sete homens, segundo o médico. Havia dois pratos de biscoitos *petit four*. Lazovert pegou todos os docinhos cor-de-rosa (só havia cor-de-rosa e chocolate), tirou a parte de cima e polvilhou cianeto moído neles, depois recolocou a cobertura e pôs nos pratos com os de chocolate. Lazovert jogou as luvas no fogo, e o quarto começou a se encher de fumaça, por isso tiveram que abrir as janelas para arejar. Os homens voltaram para o andar de cima. Na sala de estar, Iussúpov tirou dois frascos de solução de potássio e deu um para Dmítri, outro para Purichkévitch. Deveriam derramá-los em duas das quatro taças atrás das garrafas na sala de jantar lá embaixo vinte minutos depois que Iussúpov saísse para buscar Raspútin. Tudo preparado, Iussúpov vestiu um pesado casaco de camurça e pôs um grande chapéu de pele que lhe escondia o rosto. O dr. Lazovert, de uniforme de chofer, ligou o motor do automóvel, e os dois partiram para a rua Gorokhovaia.

Depois que eles saíram, os outros verificaram o gramofone para ter certeza de que estava funcionando. A música ajudaria a criar o clima para sugerir a Raspútin que havia alguma espécie de festa acontecendo e distrair sua atenção. Purichkévitch tirou um pesado revólver Sauvage do bolso e colocou na escrivaninha de Iussúpov. Eram 12h35 do dia 17.

Após dez minutos, Purichkévitch e Dmítri desceram e despejaram os frascos nos copos. Torciam para que Iussúpov, em seu nervosismo, não pegasse o copo errado.

Iussúpov chegou à Gorokhovaia no grande automóvel de Purichkévitch. Os faróis estavam apagados, e a placa, coberta. Iussúpov saltou, procurou a zeladora, disse que ia ver Raspútin e entrou pela escada dos fundos. Estava um breu e ele teve que subir às apalpadelas até o apartamento de Raspútin. Tocou a campainha e foi admitido. Passando pela cozinha, sentiu um par de olhos pousados sobre ele. Levantou a gola do casaco e puxou o chapéu. “Por que está tentando se esconder?”, perguntou Raspútin, que tranquilizou Iussúpov dizendo que não tinha falado com ninguém sobre aqueles arranjos e que mandara os agentes para casa dormir. Iussúpov o ajudou a vestir o casaco. Nesse momento, de acordo com suas memórias, a consciência de Iussúpov pesou: “Tive vergonha da enganação desprezível, dos horríveis embustes aos quais fui obrigado a recorrer. Naquele instante senti desprezo de mim mesmo, me perguntando como eu podia ter pensado num crime tão covarde”. Diante dele estava Raspútin, “tranquilo e confiante”. ² Raspútin não fazia ideia de que diante dele estava seu assassino.

65. Um crime covarde

Raspútín foi assassinado na madrugada de 17 de dezembro na casa de Félix Iussúpov, e teve seu corpo jogado num afluente do rio Neva. Isso é o que sabemos com certeza. O que aconteceu nas últimas horas da vida de Raspútín continua sendo objeto de intensa curiosidade e conjectura um século depois.

Eis a história que tem sido contada com mais frequência.

Pouco depois da meia-noite, o carro transportando Raspútín e Iussúpov parou no pátio da residência no 92 da Moika, pertencente ao príncipe Orlov, vizinho de Iussúpov, que dava passagem para o palácio de Iussúpov por uma porta lateral. Quando Raspútín e Iussúpov entraram, “Yankee Doodle Dandy” tocava num gramofone em meio a um murmúrio de vozes. Raspútín perguntou se estava havendo alguma festa, e Iussúpov disse que eram apenas alguns amigos de sua mulher, que logo iriam embora. Desceram para a adega, tiraram os casacos e sentaram para conversar e tomar chá. Iussúpov ofereceu a Raspútín os bolos envenenados, que ele de início recusou, mas acabou comendo, um depois do outro. Iussúpov não acreditava no que via. Raspútín não demonstrou nenhum efeito negativo; o veneno não o atingiu. Em seguida, Raspútín pediu um pouco do seu amado madeira, que Iussúpov lhe serviu, também envenenado. Iussúpov ficou à espera de que ele desabasse a qualquer momento, mas, como tinha acontecido com os bolos, o vinho envenenado não fez efeito. Ele bebeu três taças, e nada. Iussúpov começou a se enervar. Os dois agora estavam sentados à mesa, um de frente para o outro, olhos nos olhos. “Agora, veja”, Raspútín, zangado, de repente deixou escapar, “você está desperdiçando meu tempo, não pode fazer nada contra mim.” Iussúpov teve certeza de

que Raspútin sabia por que fora convidado à sua casa, mas então se levantou e, vendo o violão de Iussúpov numa cadeira, pediu-lhe que cantasse alguma coisa. Iussúpov concordou, cantando uma cantiga russa, depois outra.

O tempo se arrastava. Já eram duas e meia da madrugada. Apreensivo com o que seus colegas lá em cima pudessem estar pensando, Iussúpov pediu licença, dizendo que ia ver como estavam sua mulher e as visitas. Seus amigos não conseguiam acreditar que o veneno não tivesse agido, por isso Iussúpov pegou o revólver de Dmítri e voltou à adega para terminar o serviço. Encontrou Raspútin inclinado e respirando com dificuldade, mas depois de outra taça de madeira o siberiano reanimou-se e falou em irem os dois juntos verem os ciganos. Iussúpov desconversou e, olhando para uma grande cruz italiana de cristal de rocha e prata em cima de um armário de ébano, disse: “Grigóri Iefimovitch, é melhor você olhar para o crucifixo e dizer uma oração”. Com isso, Iussúpov ergueu o revólver e atirou em Raspútin, que gritou e caiu sobre um tapete de pele de urso. Com o barulho da arma, os outros desceram correndo. Lá estava Raspútin, estirado no chão, sangue escorrendo de um ferimento no peito, o corpo imóvel. Lazovert examinou o corpo e declarou Raspútin morto. Os homens apagaram a luz e voltaram para o andar de cima.

Dmítri, Sukhotin e Lazovert voltaram de carro para o apartamento de Raspútin. Sukhotin vestindo o casaco e o boné de Raspútin, para parecer, a qualquer policial que possivelmente os seguisse aquela noite, que ele fora levado de volta para casa a salvo. Então retornaram para a beira do Moika. Nesse meio-tempo, Iussúpov e Purichkévitch esperavam, trocando cumprimentos por terem salvado a Rússia e a dinastia da “ruína e da desonra”. Então um estranho sentimento tomou conta de Iussúpov, e ele voltou à adega para ter certeza de que Raspútin estava morto. Tomou-lhe o pulso. Nada. Mas quando se virou para ir embora viu alguma coisa — o olho esquerdo de Raspútin palpitava, o rosto começou a contorcer-se, e de repente o olho esquerdo se abriu, depois o direito. “Os olhos verdes de uma víbora”, escreveu Iussúpov, “fitando-me com um ódio diabólico.” Em pânico, Iussúpov ficou paralisado, os pés congelados de medo sobre o chão de pedra.

Com um esforço súbito e violento Raspútín se levantou, a boca espumando. Um uivo atroz ecoou pelas salas abobadadas. [...] Ele correu na minha direção, tentando me agarrar pela garganta, e enfiou os dedos em meu ombro como garras de aço. [...]

Aquele demônio, que estava morrendo envenenado, que tinha uma bala no coração, deve ter ressurgido dos mortos pelas forças do mal. Havia qualquer coisa de assustador e monstruoso em sua diabólica recusa a morrer.

Percebi então quem era realmente Raspútín. Era a reencarnação do próprio Satã, que me segurava em suas garras e não me largaria até o dia da minha morte.

No entanto, com um “esforço sobre-humano”, Iussúpov conseguiu se libertar das garras de Satã e correr escada acima para pedir ajuda a Purichkévitch. Antes que pudessem entender o que se passava, a porta da escada que dava para o pátio se abriu e Raspútín, todo sujo de sangue — “rastejando com as mãos e os joelhos, e uivando como um animal ferido” —, escapuliu noite adentro. Eles foram atrás, de arma em punho. Purichkévitch deu dois tiros, em seguida mais dois, quando Raspútín estava quase fugindo para o rio Moika. Raspútín cambaleou e caiu perto de um monte de neve. Iussúpov chegou perto do corpo. Enfim estava morto. Dois criados levaram o corpo de volta para dentro da casa, estirando-o no lance de escada da entrada lateral.

Já de volta, Dmítiri, Sukhotin e Lazovert pegaram o corpo de Raspútín, que estava enrolado num pano de linho grosso, enfiaram-no no automóvel e saíram em direção à Grande Ponte Petróvski. As ruas estavam desertas, e em dez minutos chegaram. Pararam na ponte perto do gradil, tiraram o corpo de Raspútín e o atiraram na água gelada lá embaixo. Iussúpov, que tinha desmaiado ao ver o cadáver na escada, antes de os três voltarem, foi colocado na cama por Purichkévitch e um criado, Ivan, e só acordou horas depois. Mais tarde, ao recobrar a consciência, Iussúpov e um criado limparam todo o sangue, ajeitaram a adega e inspecionaram o pátio em busca de alguma prova comprometedor. Às cinco da manhã, Iussúpov voltou para a casa do sogro (grão-duque Alexandre, também conhecido como Sandro) à beira do Moika. “Eu me sentia corajoso e confiante”, escreveria depois, “só de pensar que as primeiras medidas para salvar a Rússia tinham sido tomadas.” ¹

A história da morte de Raspútín é um dos momentos mais conhecidos de sua vida. Mesmo pessoas que não sabem quase nada sobre o homem

já ouviram contar como ele morreu, e seu bizarro fim há muito tempo faz parte da cultura popular global. A fonte desse relato são as memórias de Iussúpov, publicadas pela primeira vez em 1927 com o título de *Raspútín*.² Mais tarde, ele publicou uma versão revista do mesmo livro chamada *O esplendor perdido*, que apareceu em 1953. A autoria das memórias de Iussúpov é questionável. Em círculos de *émigrés* era voz corrente quando o livro apareceu que Iussúpov não o tinha escrito, mas encomendado a outra pessoa, embora não se saiba a quem. Semelhanças entre a descrição da sobrenatural resistência de Raspútín à morte e uma cena de *A senhoria*, novela gótica de Dostoiévski publicada em 1847, sugerem uma inspiração literária.³ Independentemente de quem tenha escrito o livro, a força que exerceu no estabelecimento da versão aceita da morte de Raspútín é notável, em especial levando em conta que as memórias de Iussúpov não são nem um relato honesto de sua própria vida, nem uma biografia do homem que ele matou, mas uma tentativa de justificação e glorificação de si mesmo.

Assassinos costumam ser narradores problemáticos (lembrem-se de Humbert Humbert), mas as relações de Iussúpov com seu texto a rigor quase não foram examinadas. O contexto de sua composição é importante. Os Iussúpov perderam tudo com a Revolução e fugiram para a Europa salvando só o que conseguiram carregar. Sua imensa fortuna virou pó. Félix Iussúpov lutava para sustentar a família no exílio. O dinheiro era curto. A única coisa que tinha para vender era sua notoriedade como o homem que matou Raspútín, e foi essa a sua principal motivação para escrever o livro. Precisava ganhar dinheiro, e para vender tinha que ser dramático, e isso ele certamente sabia ser. A segunda edição também foi escrita pensando nos lucros. Mas Iussúpov sabia que não bastava contar de novo a mesma história, que já seria notícia velha. Era importante que parecesse fresca e nova, e por isso ele a embelezou, fazendo alterações para intensificar o drama. Para dar um exemplo, em suas memórias de 1927 Iussúpov escreveu que Raspútín parecia o Diabo em pessoa, enquanto em *O esplendor perdido* ele não tem só a aparência do Diabo, mas acaba se tornando “a reencarnação do próprio Satã”.⁴

O que deu forma ao livro de Iussúpov, porém, foi muito mais do que suas aflições financeiras. Embora ele nunca tenha manifestado nenhum

remorso, não havia como contornar o fato de que Iussúpov convidou um homem desarmado para sua casa sob falsos pretextos e o assassinou a sangue-frio. Não foi nem de longe um ato nobre. Por isso era necessário contar uma história diferente. Em sua versão dos acontecimentos, ele não matou um homem, mas Satã. A grã-duquesa Olga, irmã do imperador, quando leu as memórias de Iussúpov, comentou que “o assassinato foi encenado para apresentar Raspútín como o Diabo encarnado e seus assassinos como heróis de conto de fadas”. ⁵ Inflando o poder demoníaco do gênio maligno de Raspútín a um nível sobre-humano, Iussúpov não só tentou justificar o assassinato e seu modo de execução, mas também exagerar sua virtuosa bravura e sua força de vontade. Na sua versão do confronto, Iussúpov se apresenta como o arcanjo Miguel, vencendo Satã no Livro do Apocalipse. É um homem para ser aplaudido, e não condenado.

Dois outros participantes tinham falado do assassinato antes de Iussúpov. Em setembro de 1918, Lazovert declarou ao *New York Times* que eles tinham matado Raspútín na rua perto do palácio do grão-duque Dmítiri quando ele ia ver a imperatriz. Lazovert contou também que sua cabeça foi posta a prêmio depois do crime, por isso teve que fugir da Rússia. ⁶ Lazovert manipulou a verdade tão livremente quanto Iussúpov.

Foi também em 1918, em Kíev, que Purichkévitch publicou o que chamava de “diário”, contendo um relato minucioso do assassinato. ⁷ De diário não tinha nada, pois foi escrito bem depois dos acontecimentos que narra. Maklakov classificou a obra como um “disparate”, e um biógrafo recente de Raspútín definiu-a como “fraseologia vazia e demagogia”. O diário de Purichkévitch quase não acrescenta nada ao relato de Iussúpov, embora em alguns pontos os dois divirjam em pequenos detalhes (por exemplo, de quem era a arma usada para atirar em Raspútín na adega, quantas vezes Iussúpov subiu e desceu a escada etc.). Ambos os relatos afirmam que foi Purichkévitch, e não Dmítiri, ou qualquer outro, quem disparou os tiros fatais. Um pequeno detalhe fornecido por Purichkévitch dá conta de como se livraram do corpo. Dmítiri estava ao volante do automóvel quando rumaram para a ponte coberta de neve. Ali, levantaram o cadáver com esforço e o jogaram por cima do gradil nas águas escuras. Mas, quando

o soltaram, perceberam que tinham esquecido de amarrar os pesos e as correntes que Purichkévitch comprara para afundar o cadáver. Depois de um instante de confusão, resolveram simplesmente jogá-los também na água, em cima do corpo. Quando iam saindo, alguém notou que uma das botas de Raspútin tinha caído. O calçado também foi arremessado por cima do gradil, mas não caiu na água, e sim num dos pilares. Finalmente, voltaram para o palácio de Dmítri pela Ponte Aníchkov, na avenida Niévski. O trajeto foi mais demorado do que esperavam, pois o carro apresentou problemas de motor, que de vez em quando parava de funcionar. ⁸

Para Maria Raspútina, a descrição de Iussúpov era “pura imaginação e exagero”. ⁹ A ideia de que o pai comeu todos aqueles bolos — um homem que não gostava de doces — lhe parecia particularmente improvável. É possível que Raspútin não os tenha ingerido, mas também é possível que sim, e que nada aconteceu porque nunca foram envenenados. Maklakov escreveu para o editor francês das memórias de Purichkévitch em Paris, em 1923, afirmando que jamais deu a Iussúpov o cianeto de potássio mencionado no seu livro, mas simplesmente um pó inofensivo qualquer. Uma fonte declara que era apenas aspirina esmagada. ¹⁰ Isso pode ter sido apenas a consciência de Maklakov pesando. Mas, ainda que o cianeto de potássio houvesse sido fornecido aos conspiradores, pode ser que o veneno jamais tenha tocado os lábios de Raspútin. Não muito tempo antes de morrer, Lazovert confessou que tinha mudado de ideia sobre o assassinato e sentido remorsos em razão de seu juramento hipocrático, por isso trocara o veneno por uma substância benigna. ¹¹

O cianeto de potássio libera o gás cianeto de hidrogênio, que ataca o sistema nervoso central, privando-o de oxigênio. Efeitos gravíssimos são visíveis segundos após a exposição. A respiração acelerada e sensações de vertigem ou tontura são seguidas de confusão e ansiedade. Aquele que o ingere é acometido de náusea e vômitos. O pescoço fica tenso e apertado, e a vítima se sente sufocar. Em alguns casos, as costas doem, há espasmos musculares, as pupilas se dilatam e ficam imóveis. Em seguida vem o coma, ou a morte, tipicamente em poucos minutos. Ninguém teria sobrevivido à exposição ao cianeto de potássio da forma

descrita na história de Iussúpov. ¹²

Maria também não acreditava que seu pai tivesse ficado tanto tempo na adega com Iussúpov, em virtude de sua “estranha clarividência, aquela precisa intuição dos pensamentos das pessoas com quem falava”. ¹³ É um argumento interessante. Muitas pessoas atestaram que Raspútín de fato possuía clarividência, mas esse dom estava em declínio. Ele insistia com Alexandra sobre as virtudes de Alexei Khvostov e tinha encontros frequentes com ele, enquanto o político conspirava para matá-lo, coisa que Raspútín jamais percebeu. Não; no último ano da sua vida o sexto sentido de Raspútín o deixara na mão.

Nunca saberemos o que de fato se passou na casa de Iussúpov em 17 de dezembro. Tudo que se pode dizer é que Raspútín foi morto com três tiros, um deles disparado na testa, à queima-roupa, a curtíssima distância. Ele tinha 47 anos.

A versão dos acontecimentos contada por Iussúpov tem inegável apelo, na medida em que eleva um assassinato vulgar à categoria de embate histórico entre o bem e o mal. Essa estratégia narrativa explica em boa parte o grande sucesso da sua narrativa. De fato, o mito é tão poderoso que foi utilizado e reinventado por historiadores nacionalistas contemporâneos na criação de uma nova lenda. Para eles, o esforço que Iussúpov precisou fazer para matar Raspútín (e aqui novos e horríveis pormenores são acrescentados) comprova não que estivesse tentando matar o Anticristo, mas justamente o contrário: Iussúpov, o bissexual ocidentalizado e secularizado, quase não conseguiu cometer o crime porque Raspútín, o crente ortodoxo, estava protegido pelos poderes do Altíssimo. ¹⁴ Raspútín, nessa versão, foi martirizado pelas mãos de um traidor decadente devido a sua fé em Deus e na monarquia, exatamente como a Santa Rússia seria destruída pelos ateus bolcheviques em 1917.

E não se pode negar que a maneira como Raspútín morreu foi um presságio do fim que esperava os Románov: a caminhada de madrugada para o subsolo, a confusão sobre o que se passava seguida por tiros de arma de fogo, a sangrenta cena do crime, os corpos colocados às pressas em veículos na calada da noite, a viagem até um lugar remoto onde pudessem ser rapidamente descartados, os cadáveres reaparecendo mais tarde. Nicolau e Alexandra não poderiam saber, mas a morte de seu amigo prenunciou seu próprio e macabro fim.

66. A investigação

Mesmo antes de o sol nascer no dia 17, a notícia da morte começou a espalhar-se. O principal culpado disso, claro, foi Purichkévitch. O corpo mal acabara de ser levado de carro para o rio quando Purichkévitch se dirigiu a dois soldados estacionados junto à entrada principal do palácio de Iussúpov e informou que tinha acabado de matar Raspútin, ao que um dos dois o beijou e o outro disse: “Graças a Deus, estava na hora!”. Antes de entrar novamente, Purichkévitch os instruiu a não dizerem uma palavra sobre o assunto. ¹ Logo depois, o próprio Purichkévitch contou à polícia o que tinha feito.

Tiros tinham sido ouvidos nas ruas perto do palácio de Iussúpov de madrugada. Por volta das duas e meia, Flor Iefimov, policial da segunda delegacia da Divisão de Polícia da Região do Almirantado, ouviu quatro tiros e, meia hora depois, viu um automóvel passar pela Moika, informação que repassou ao colega Stepan Vlasiuk, da terceira delegacia da Divisão de Polícia da Região de Kazan. Um dos tiros tinha sido disparado por Ivan Nefedov, criado de Iussúpov. Ainda vivo, mas sangrando muito, Raspútin tinha provavelmente conseguido sair para o pátio pela porta lateral, a poucos passos da adega, cambaleando na vã tentativa de escapar, antes de ser baleado pela terceira e última vez. Um longo rastro do sangue manchava a neve. Iussúpov viu o sangue e improvisou um plano. Mandou Nefedov atirar no cachorro da família, Frale, acorrentado no pátio, e arrastar sua carcaça ensanguentada sobre a trilha deixada por Raspútin. Imaginava que isso responderia a qualquer pergunta incômoda sobre as manchas de sangue. Concluído o serviço, Nefedov jogou o cadáver de Frale no jardim e voltou para dentro.

Perto das quatro da madrugada, o policial Vlasiuk entrou no pátio do no 92 da Moika para checar o que Iefimov relatara. Enquanto conversava com o zelador da residência vizinha, a do príncipe Orlov, Iussúpov e seu mordomo Bujinski saíram para o pátio. Ele lhes perguntou sobre os tiros, e os dois responderam que não tinham ouvido nada. Satisfeito com as respostas, e não tendo percebido o sangue no escuro, Vlasiuk voltou para seu posto na esquina das travessas Prachechni e Maksimilianovski. Estava lá havia pouco tempo quando Bujinski apareceu e lhe disse que o príncipe queria falar com ele no escritório do palácio. Vlasiuk entrou. A casa estava mergulhada no mais completo silêncio. Iussúpov o aguardava com um homem que ele não reconheceu.

“O senhor é ortodoxo?”, perguntou o homem.

“Sim, senhor.”

“É russo?”

“Sim, senhor.”

“Ama o imperador e a pátria?”

“Sim, senhor.”

“O senhor me conhece?”

“Não, não conheço.”

“Já ouviu falar em Purichkévitch?” Vlasiuk respondeu que não o conhecia, mas tinha ouvido falar. Purichkévitch continuou:

“Escute aqui, ele [ou seja, Raspútin] está morto, e o senhor, se ama o tsar e a pátria, vai ficar calado e não contar nada a ninguém.”

“Sim, senhor.”

“Agora pode ir.”

Com isso, Vlasiuk se virou, saiu da casa e voltou para o seu posto. Estava confuso. Não viu sinal de homicídio, e os dois pareciam bem calmos. O homem não parecia bêbado, como Iussúpov alegaria depois sobre Purichkévitch. Ele interpretou todo o episódio como uma espécie de teste: talvez quisessem ver o que ele faria de posse daquelas informações. Vlasiuk não perdeu tempo e relatou tudo aos seus superiores na delegacia. ² A notícia viajou rápido pelas fileiras da polícia de Petrogrado.

O procurador do Tribunal de Recursos Serguei Zavadski recebeu um telefonema de manhã cedo de um funcionário do Ministério da Justiça

informando-o de que Raspútin muito provavelmente tinha sido assassinado na noite anterior no palácio de Iussúpov, instruindo-o a abrir uma investigação. ³ Por volta das nove da manhã, Zavadski, o investigador para Assuntos Extraordinários Viktor Sereda e um fotógrafo da polícia já estavam na cena do crime. Notaram o rastro de sangue na neve, que saía dos degraus da porta lateral e atravessava o pátio. Parecia, a julgar pelo padrão na neve, que um corpo muito ferido — possivelmente alguém já morto — tinha sido arrastado pelo pátio. Sereda quis entrar na casa e olhar atrás da pequena porta para onde levavam as gotas de sangue, mas não permitiram. Por isso, o investigador coletou algumas amostras num pote para análise. O relatório logo voltou do laboratório: o sangue era humano. ⁴ Apesar dessas descobertas, funcionários graduados disseram a Zavadski e Sereda que não havia necessidade de investigar. Raspútin, segundo se dizia, sem dúvida tinha saído para beber e logo reapareceria. O ministro da Justiça Makárov, que estava longe de ser amigo de Raspútin, não via razão para ir mais fundo.

Naquela manhã, a polícia chegou ao apartamento de Raspútin na Gorokhovaia. Os policiais perguntaram às filhas onde estava o pai, mas elas não tinham ideia e não entendiam por que não estava em casa. Preocupadas, telefonaram para Munia, mas ela lhes garantiu que, se o pai tinha saído na noite anterior com o príncipe Iussúpov, ainda devia estar dormindo, não havia razão para se preocupar. Ligaram para a casa de Iussúpov, mas ele não estava lá. Enquanto isso, Simanovitch tinha saído à procura de Raspútin. Chegou a Gorokhovaia com más notícias para as meninas: havia um boato de que o pai delas tinha sido assassinado no palácio de Iussúpov e que o corpo fora levado de automóvel para outro lugar. Ao meio-dia, o telefone tocou. Era Iussúpov pedindo para falar com Munia. Conversaram rapidamente, em inglês, para garantir a privacidade, e então Munia, transtornada, foi embora dizendo que ia para casa esperar por Iussúpov. Uma hora depois, Maria e Varvara foram à casa de Munia, onde ela contou que tinha falado com Iussúpov e ele jurou que não fora buscar o pai delas na noite anterior e que Raspútin nunca esteve em sua casa. ⁵

Iussúpov deixou o palácio da família e chegou à casa do sogro Sandro,

onde estava hospedado enquanto sua residência era reformada, por volta das cinco da manhã do dia 17. Encontrou o cunhado Fiódor ainda acordado, esperando ansiosamente o seu retorno. Félix, ao que parece, lhe falara dos seus planos. “Raspútín está morto”, informou ele a Fiódor. Às dez da manhã do mesmo dia, o general Gueórgui Grigóriev, superintendente do distrito de polícia local, esteve na casa de Sandro para interrogar Iussúpov sobre os tiros. Perguntou se Raspútín tinha sido seu convidado; Iussúpov respondeu que não, que Raspútín nunca estivera em sua casa. Então mencionou a história do cachorro morto, explicando o que Purichkévitch quis dizer quando contou à polícia que quem deveria ter sido baleado era Raspútín, e não um cachorro. ⁶ Satisfeito, Grigóriev foi embora.

Em seguida Iussúpov foi ver o ministro da Justiça Makárov, a quem contou a mesma história relatada a Grigóriev. Makárov ficou satisfeito com o relato de Iussúpov, e mais uma vez Zavadski e Sereda foram instruídos a suspender a investigação. Nesse meio-tempo, o ministro do Interior Protopópov tinha decidido fazer sua própria investigação, colocando-a nas mãos do general Piotr Pópov, antigo chefe da Seção de Segurança de São Petersburgo (parte da Okhrana), agora oficial de operações especiais do Ministério do Interior. ⁷ No começo da tarde, o governador-geral Aleksandr Balk convocou Iussúpov e então, pela terceira vez naquele dia, o príncipe insistiu em dizer que estava em casa com alguns amigos numa festa e não viu Raspútín. O sangue no pátio era do seu cachorro, disse ele, morto a tiro pelo grão-duque Dmítiri quando saía de manhã cedo. Disse a Balk que, mesmo não tendo nada a ver com aquilo, as pessoas estavam tentando ligar o seu nome ao desaparecimento de Raspútín. Balk, como o general Grigóriev, convenceu-se e o liberou. ⁸ Iussúpov já tinha contado a sua versão dos acontecimentos da noite para três autoridades, e todas acreditaram. Deve ter se permitido a satisfação de pensar que talvez conseguissem sair impunes. Ainda naquela tarde, foi ver Dmítiri em seu palácio da avenida Niévski. ⁹

Purichkévitch tinha evitado as autoridades. Fez uma visita à mãe, a quem não contou nada, e depois passou para ver Iussúpov no fim da tarde. O príncipe estava empenhado em escrever uma longa carta para a imperatriz garantindo sua inocência. De acordo com as memórias do

político, Iussúpov e Dmítri ainda estavam ansiosos, mas Purichkévitch tentou acalmá-los. De lá seguiu para seu trem-hospital na estação Varsóvia e partiu com a mulher e dois filhos para o front romeno. Posteriormente alegou ter escrito no diário quando o trem deixava Petrogrado: “Quis o destino que eu, e mais ninguém, libertasse o tsar e a Rússia de sua presença e que ele tombasse pela minha mão”. [10](#)

Mais cedo naquele dia, dois operários que atravessavam a Grande Ponte Petróvski notaram sangue nos gradis e comunicaram o fato ao vigia Fiódor Kuzmin. Ele foi conferir, e não só constatou que havia sangue, mas viu uma bota de borracha no gelo perto de um dos pilares da ponte. Desceu para apanhá-la; era uma bota de homem, marrom, tamanho 42, fabricada pela empresa Treugolnik. Kuzmin relatou tudo para o policial local, que informou a seus superiores. Em pouco tempo o tenente-general Aleksandr Naumov, chefe da polícia do rio, chegou e ordenou uma investigação da área vizinha. [11](#) A procura pelo corpo de Raspútin começou para valer.

A polícia interrogou um total de quinze pessoas, quase todas nos dias 18 e 19. [12](#) Iussúpov depôs no dia 18. Mais uma vez contou que tinha dado uma festa em sua casa para vários amigos, incluindo Dmítri e algumas senhoras. A certa altura, disse que Raspútin apareceu e o convidou para ver os ciganos, mas ele recusou o convite. Quanto a Purichkévitch, sim, Félix se lembrava de que ele tinha dito qualquer coisa a um policial, mas não se recordava do quê, acrescentando que Purichkévitch estava terrivelmente bêbado. O policial mencionou que tinham mandado examinar o sangue e ficou provado que era humano, e não canino. Perturbado, Iussúpov disse que não sabia nada a respeito. Conjeturou que alguém, os verdadeiros assassinos, claro, deviam tê-lo colocado lá para levantar suspeitas contra ele. A polícia não se convenceu. Sabia, por exemplo, que Purichkévitch era abstinente, portanto não havia como as palavras ditas à polícia naquela madrugada serem resultado de bebedeira. Apesar disso, Iussúpov sustentou a farsa, insistindo em afirmar que se Raspútin tinha sido morto, então os assassinos haviam planejado tudo muitíssimo bem, para dar a impressão de que o culpado era ele. [13](#)

Iussúpov não gostou do rumo que as coisas estavam tomando. Na noite do dia 18, dirigiu-se à estação para tomar um trem com destino à

Crimeia, mas foi detido pelo chefe da polícia, que o mandou voltar para casa. Não tinha permissão para sair da cidade até segunda ordem. [14](#)

67. O corpo na água

Todo mundo na Rússia olhava para a corte para ver qual seria a reação. “O destino da dinastia, bem como o do país, dependia daquilo”, recordava a grã-duquesa Maria, irmã de Dmítri. ¹

Alexandra tinha dormido bem na noite de 16 de dezembro, e acordou em meio às temperaturas extraordinariamente frias da manhã do dia 17. Nevava um pouco. ² Naquela manhã, uma das filhas de Raspútin ligou para Vírubova e disse que seu pai não tinha voltado para casa na noite anterior. Vírubova repassou a informação imediatamente para a imperatriz ao chegar ao palácio. Alexandra ficou intrigada com a notícia. Então, mais ou menos uma hora depois, Protopópov ligou para a imperatriz dizendo que um policial perto do palácio de Iussúpov contou ter ouvido tiros de noite e que Purichkévitich, bêbado, viera lhe contar que Raspútin havia sido assassinado. Elas se sentaram para aguardar mais notícias. “É terrivelmente difícil”, escreveu Olga, filha de Alexandra, em seu diário naquele dia. “Padre Grigóri desapareceu ontem à noite. Estão procurando por ele em toda parte.” ³

Alexandra escreveu para Nicolau: “Estamos sentadas juntas — dá para imaginar os nossos sentimentos — pensamentos — nosso amigo desapareceu. Ontem Ania o viu & ele disse que Félix o convidou para ir a sua casa à noite, um carro iria buscá-lo para ver Irina”. Contou o que tinha ouvido até aquele momento, que um veículo militar com dois civis fora buscá-lo, e depois disso houve um “grande escândalo” na casa de Iussúpov. Dmítri e Purichkévitich estavam lá, tinham bebido, ouviram-se tiros, e Purichkévitich saiu correndo e gritando que Raspútin estava morto. Ela já ordenara a Protopópov que impedisse Félix de partir para a Crimeia. E acrescentou: “Nosso amigo estava de bom

humor, mas nervoso, nos últimos dias & por A. também, pois Batiuchin quer arranjar coisas contra Ania”. Alexandra temia por todos e pediu a Nicolau que mandasse Voeikov. Acrescentou que trouxera Ania para morar com eles, com medo de que fosse a próxima da lista. “Não quero & não vou acreditar que Ele foi morto. Que Deus tenha piedade. Essa angústia (estou calma & não consigo acreditar). [...] venha depressa — ninguém ousará tocar nela ou fazer qualquer coisa com você aqui. Félix procurou por ele ultimamente...” ⁴

Naquele mesmo dia, Dmítri ligou para pedir uma audiência com Alexandra, mas ela não quis recebê-lo. Então Félix ligou, dizendo que queria explicar tudo para ela ou para Vírubova, mas também recebeu ordem de Alexandra para manter distância e instruções para dizer tudo numa carta. Félix escreveu imediatamente: “Vossa Majestade Imperial, apresso-me a obedecer à ordem de Vossa Majestade e informar o que ocorreu em minha casa na noite passada. Meu objetivo, ao fazê-lo, é me livrar da horrível acusação que está sendo feita contra mim”.

Ele contou à imperatriz que estava dando uma festinha para o grão-duque Dmítri e algumas amigas quando Raspútin ligou e pediu que fosse com ele ver os ciganos. Escutou vozes falando alto do outro lado da linha, mas Raspútin não lhe dissera onde estava. Félix escreveu que a festa começou a esfriar por volta das três da manhã, quando ouviram um tiro lá fora. Saíram para investigar, mas ninguém soube informar nada. Então ligou para Dmítri, que revelou ter atirado num cachorro que ia atacar uma das mulheres quando eles saíam. Félix foi até o pátio e verificou que seu cachorro de fato estava morto. Até as quatro da manhã, os outros convidados foram embora, e ele seguiu para a casa do sogro, onde estava hospedado. Negou em sua carta qualquer conversa que o envolvesse no desaparecimento de Raspútin, que qualificou de “completa mentira”, afirmando que não saiu de casa naquela noite, nem viu Raspútin. “Asseguro a Vossa Majestade que tenho dificuldade para encontrar as palavras que expressem a Vossa Majestade a minha profunda preocupação com todos esses acontecimentos, e como me parecem monstruosas as acusações contra mim. Do sempre devoto e leal servo de Vossa Majestade, Félix.” ⁵

Trata-se de uma carta vergonhosa (praticamente toda frase é mentirosa), que mostra o covarde desonesto que era Iussúpov. Um

homem decente, convencido da retidão de suas ações, teria dito a verdade a Alexandra e arcado com as consequências. Iussúpov, no entanto, mentiu sem remorso. Esteve com Munia Golovina no dia 17 e afirmou, olhando-a no rosto, que não tinha visto Raspútín na noite anterior. Ela não acreditou, e agora sentia uma grande culpa pelo papel involuntário que desempenhara no assassinato de Raspútín, a ponto de nunca mais conseguir reunir coragem para visitar a desolada família. ⁶

Alexandra mandou a carta para o ministro da Justiça, mas demorou vários dias para responder a Iussúpov, tão forte era sua repugnância. “Ninguém tem o direito de matar”, escreveu ela, finalmente, para ele. “Sei bem que muita gente está sofrendo as torturas do remorso, pois não é só Dmítiri Pávlovitch que está envolvido nesta questão. Sua carta me encheu da mais completa estupefação.” ⁷

Por volta das cinco da tarde, Alexandra telefonou para Lili Dehn para lhe dar a notícia e pedir que fosse ao palácio o mais depressa possível. Lili foi imediatamente e encontrou a imperatriz no budoar cor de malva. O quarto cheirava a flores e lenha recém-rachada. Alexandra estava deitada no sofá, as filhas sentadas em volta; Vírubova sentava-se num banquinho perto da imperatriz. Alexandra estava pálida e chorando; Lili percebeu que Anna também tinha chorado. A imperatriz, apesar de terrivelmente perturbada, se recusava a aceitar que Raspútín estivesse morto. Disse a Lili que queria que ela passasse a noite na casa de Anna, para sua própria segurança. Lili saiu e foi direto para lá, e ficou chocada ao encontrá-la cheia de agentes da polícia secreta. Informaram-lhe que um complô para matar Alexandra e Vírubova tinha sido descoberto pouco tempo antes. Estavam ali para oferecer proteção. Quando Lili ia caindo no sono na cama de Anna naquela noite, um ícone caiu da parede e derrubou um retrato de Raspútín. ⁸ Ela viu naquilo um sinal.

Naquela tarde, ignorando o risco de multas severas por mencionar a história, a *Gazeta da Bolsa de Valores* publicou uma notinha debaixo de um título em letras garrafais: “A MORTE DE GRIGÓRI RASPÚTÍN”. Dizia o texto: “Esta manhã, às seis horas, a vida de Grigóri Raspútín terminou bruscamente depois de uma festa numa das casas mais aristocráticas do centro da cidade”. A notícia foi reproduzida horas depois em *A Tarde de*

Petrogrado . Circularam rumores de que a *Gazeta da Bolsa de Valores* foi multada em 3 mil rublos por publicar a informação. ²

O imperador estava num estado de humor particularmente bom na manhã de 17 de dezembro, brincalhão mesmo durante suas reuniões matutinas, de acordo com o capitão Dmítri Tikhobrazov, oficial do estado-maior da Stavka. Ao meio-dia, todos foram liberados e convidados à mesa do tsar para almoçar. Meia hora depois, os oficiais estavam em fila, como sempre, por ordem de patente, ao longo da parede entre os aposentos pessoais do imperador e o refeitório. Mas Nicolau, que nunca deixava seus homens esperando, não saiu na hora de sempre, e os oficiais começaram a se perguntar o que teria acontecido. Finalmente, as portas se abriram, Nicolau saiu e abriu caminho até o refeitório. Aproximou-se da mesa de hors-d'oeuvre, mordiscou alguma coisa e serviu-se de vodca, afastando-se para dar espaço aos demais. O general Maurice Janin, chefe da missão militar francesa na Rússia, depois de fazer o mesmo e encostar a vodca nos lábios, os olhos percorrendo os homens à sua volta, disse: “Ele foi morto”. Os oficiais que o ouviram souberam imediatamente a quem Janin se referia, e sem dizer palavra todos beberam seus goles ao mesmo tempo, uma maneira sutil de expressar sua alegria compartilhada com a notícia. Depois que todos ocuparam seus lugares à mesa, Tikhobrazov manteve os olhos fixos no tsar. Nicolau não demonstrou nada: “Nem os olhos, nem a voz, nem os gestos sugeriam de forma alguma que o Imperador ficou abalado com o acontecimento”.

Mas era um Nicolau inteiramente diferente na reunião da tarde. Parecia tenso e sentou-se sem dizer palavra; os olhos vagavam pela sala, um pouco acima da cabeça dos oficiais, evitando olhá-los nos olhos. Parecia não estar ouvindo. Enquanto o general Nikolai Rúzski descrevia com sua voz seca e monótona o terrível moral das tropas, Nicolau foi incapaz de manter o controle. “Com licença, general”, interrompeu o tsar. Rúzski calou-se. “Senhores, há momentos na vida de todo homem em que as circunstâncias de sua vida pessoal têm precedência sobre tudo o mais. Por favor, continuem suas discussões sem mim. Preciso sair agora e partir.”

E, com isso, os oficiais se levantaram. Nicolau deu a volta à mesa e apertou a mão de cada um antes de sair. Um inegável mal-estar

impregnava o ambiente. Depois que Nicolau saiu da sala, o general Rúzski continuou de onde tinha parado. Ninguém se deu sequer ao trabalho de perguntar o que tinha acontecido e o que o tsar quis dizer, embora nem todos tivessem ouvido a notícia. Era uma reunião importante, na qual os planos para a campanha de 1917 deveriam ser discutidos. Mas, sem o imperador, ninguém sabia como agir, nem o que deveria ser feito, por isso o encontro terminou sem que nenhuma decisão fosse tomada. Cada comandante fazia o que achasse melhor em seu front, de acordo com as circunstâncias. ¹⁰ Às quatro da tarde do dia 17, o trem do tsar partiu de Moguiliov com destino a Tsárskoie Seló.

O dia 18 amanheceu claro, ensolarado e terrivelmente frio. Alexandra, as filhas, Vírubova e Lili passaram o dia juntas aguardando notícias. Alexandra ainda se recusava a acreditar que uma coisa terrível tinha acontecido e insistia em afirmar que ele certamente fora expulso da cidade para algum lugar e voltaria a qualquer momento. Apesar disso, todas suspeitavam de Félix e Dmítri e temiam novas dificuldades. Dmítri mais uma vez pediu para ver Alexandra; e de novo ela se recusou, ordenando ao ajudante general Konstantin Maksímovitch, em nome do tsar, que impedisse Dmítri de sair de casa. Vírubova vinha recebendo vagas ameaças anônimas, e Alexandra fazia questão de que ela ficasse no palácio. ¹¹ Às 6h38 da noite, Nicolau telegrafou da estação ferroviária de Orcha: “Só agora li sua carta. Angustiado e horrorizado. Orações [e] pensamentos juntos. Chego amanhã às 5”. ¹² Corria agora o boato em Petrogrado de que Alexandra tinha oferecido uma grande recompensa por informações sobre o paradeiro de Raspútin. ¹³

Na segunda-feira, dia 19, as quatro irmãs Románov voltaram ao trabalho no hospital real, mas tiveram dificuldade para se concentrar. Alexandra, Vírubova e Dehn permaneceram no palácio, e Akilina Laptinskaia juntou-se a elas naquele dia. E então, no começo da tarde, chegou ao palácio a notícia de que o corpo de Raspútin tinha sido encontrado. Às 13h50, Alexandra passou um telegrama a Nicolau transmitindo a temida notícia: “Encontraram-no na água”. ¹⁴ Lili Dehn lembrava-se de que a notícia chocou Alexandra profundamente, mas ela não desmoronou, conseguindo, de alguma forma, manter a calma e a sanidade. ¹⁵

Por volta das onze da manhã do dia 18, mergulhadores foram levados à Grande Ponte Petróvski para vasculhar o Málaia Nevka. Àquela altura, a bota de borracha já tinha sido mostrada às filhas de Raspútin, e elas confirmaram que era do pai. Os mergulhadores abriram numerosos buracos no gelo e passaram o dia esquadrinhando as águas abaixo da superfície, mas não encontraram nada. A busca só foi retomada no começo do dia 19, quando um agente da polícia fluvial chamado Andreiev avistou um pedaço de pano congelado sobressaindo no gelo cerca de duzentos metros abaixo da ponte. Mergulhadores foram despachados para lá, e com a ajuda de arpéus puseram-se a investigar a área abaixo do gelo. Ali encontraram o corpo. Raspútin estava preso à parte de baixo do gelo, e para soltar o corpo tiveram que desbastar a superfície congelada antes de trazê-lo à tona. Um fotógrafo da polícia registrou a cena.

O investigador Sereda chegou à ponte às nove da manhã. Lá, juntaram-se a ele os generais Kurlov e Pópov, o procurador Zavadski, o governador-geral Balk, entre outros. O cadáver já havia sido tirado do rio. Uma multidão se formou, incluindo praticamente todos os funcionários públicos importantes, mas, com exceção das autoridades e da polícia, foram retirados da ponte e mantidos à distância. Sereda conseguiu identificar os rastros de pneu na neve e deduzir que o carro tinha parado perto do corrimão. Parecia que o corpo fora tirado do carro, encostado em pé contra o gradil, até que alguém levantou-lhe os pés e o jogou pela borda. Não o arremessaram com força suficiente para evitar a ponte, porém, e a cabeça bateu ao cair, espirrando sangue nas pilastras.

O corpo estava enrolado num casaco de pele. Em volta dos pés os assassinos tinham amarrado um saco improvisado com pano azul fino. Dentro puseram alguma coisa pesada, mas depois, em contato com a água, o material se rasgou, e o que quer que estivesse lá dentro foi a pique, e o corpo de Raspútin não submergiu junto. Esse material serviria para vincular Iussúpov ao crime, pois logo foi rastreado até sua casa. O corpo flutuou com a corrente sob o gelo. O casaco de pele, não totalmente preso, inflou acima da água gelada quase como se fosse um colete salva-vidas. O corpo boiou lentamente para perto da beira do rio, onde congelou. A corda que prendia as mãos rompeu-se, e os braços

ficaram presos, de modo grotesco, em cima da cabeça. O cadáver foi encaminhado inicialmente para um pronto-socorro do distrito de Viborgski. As filhas de Raspútín foram levadas para ver o corpo. [16](#)

“Um espetáculo terrível”, recordou Maria, “que meus nervos, a ponto de se romperem, quase não conseguiam aguentar.”

Os cabelos densos e emaranhados estavam cobertos de coágulos de sangue. O rosto estava inchado e os olhos já vidrados. Quando a pelica foi removida, as roupas pareciam uma pele endurecida, que nuns pontos se soltava como mica. O mais estranho, porém, era a posição do braço direito, bem como o punho cerrado, que na morte ainda retinha o derradeiro gesto de meu pai. Ele tinha conseguido na água desatar os laços que lhe prendiam os braços, e era como se, no supremo esforço para se salvar, tentasse fazer o sinal da cruz. [17](#)

Aqui Maria está empenhada em criar um mito. A fantasiosa afirmação de que Raspútín morreu tentando fazer o sinal da cruz surgiu quase de imediato depois do seu assassinato, e Maria a repete nesse trecho de suas memórias. É uma parte do mito que persiste, recusando-se a morrer. [18](#)

Um caixão foi providenciado, mas o corpo, com os braços congelados em cima da cabeça, não coube dentro, por isso uma caixa de madeira sem tampa foi pregada às pressas. Durante todo o dia, numerosos funcionários e jornalistas, além de Simanovitch, tiveram permissão para ver o cadáver. A multidão à beira do rio crescia. Alguns enchiam baldes, convencidos de que o recipiente carregaria a mesma água que tinha passado por Raspútín.

Ninguém conseguia decidir sobre o que fazer com o corpo. Makárov queria mandá-lo para o teatro anatômico da Academia Militar de Medicina em Petrogrado, mas Protopópov não gostou da ideia, convencido de que manter o corpo de Raspútín dentro dos limites da cidade seria interpretado como provocação, podendo causar distúrbios. Em vez disso, mandou colocar o corpo num caminhão da Cruz Vermelha por volta das cinco da tarde e o despachou para um asilo de indigentes no sul, fora da cidade, anexo ao Palácio de Tchesménski, na estrada de Tsárskoie Seló. A estrada foi bloqueada, com guardas destacados para proteger o asilo. [19](#)

Uma hora depois que o corpo de Raspútín foi transportado para o asilo, Nicolau e Alexandra chegaram a Tsárskoie Seló. O restante da família estava lá para recebê-los quando o trem parou na estação.

Sentiam-se felicíssimos por estarem de novo reunidos. Nicolau disse ao chegar: “Sinto-me envergonhado perante a Rússia pelo fato de as mãos de parentes meus estarem manchadas do sangue de um camponês”. [20](#) Às dez da noite, Protopópov juntou-se à família enlutada no palácio. [21](#)

Manchetes deliberadamente vagas (que não enganavam ninguém) encheram os jornais daquele dia: “Misteriosa descoberta”, “Caso secreto”, “Crime desconcertante”. O nome de Raspútin não aparecia em nenhuma das notícias; havia apenas referências ao “corpo” e à “vítima de homicídio”. Detalhes específicos, porém, eram mencionados — tiros tinham sido ouvidos nas primeiras horas da manhã do dia 17 ao longo do Moika, homens mascarados foram vistos saindo de uma casa com alguma coisa grande e pesada, enrolada num pano, e colocando-a num automóvel, uma bota suja de sangue foi encontrada na Grande Ponte Petróvski, e o príncipe Félix Iussúpov e Vladímir Purichkévitch estavam, de alguma forma, ligados a esses acontecimentos. [22](#)

A autópsia foi marcada para quarta-feira, dia 21, às onze da manhã. O corpo foi entregue a certo professor I. P. Petrov, com ordem para não deixar ninguém vê-lo. O calor no necrotério do asilo foi regulado para 20 graus Réaumur (25 graus Celsius) para tentar descongelar o corpo a tempo. [23](#)

Mas, na noite do dia 19, o tsar telefonou ao ministro da Justiça Makárov para ordenar que o exame fosse feito imediatamente, pois ele queria entregar o corpo à família no dia seguinte. Sereda ficou pasmado com a ordem, mas foi informado de que era a vontade do imperador. A autópsia deveria ser realizada pelo dr. Dmítri Kosorótov, o principal médico-legista da cidade, mas ninguém sabia onde ele estava ou como localizá-lo. A polícia acabou encontrando-o num restaurante local, e ele foi levado diretamente para o asilo. Não havia eletricidade no necrotério, por isso a polícia teve que ir buscar lampiões de querosene nas casas vizinhas. Com o corpo ainda congelado, e à luz mortícia de quatro lampiões, Kosorótov e seus assistentes puseram-se a trabalhar no corpo por volta das dez da noite. Kosorótov mais tarde recordaria os procedimentos: “Com frequência eu tinha que fazer autópsias difíceis e desagradáveis. Tenho nervos fortes e vi muito do que existe por aí para ser visto. Mas raramente passei por uma experiência tão horrenda como naquela noite terrível. O corpo produzia uma impressão horrível. A

expressão caprina do rosto e o enorme ferimento na cabeça eram demais até para meus olhos experientes”. [24](#)

A camisa azul-clara de Raspútín, com bordados dourados, estava tomada por manchas de sangue. (Os assassinos tinham estragado o plano de queimar toda a sua indumentária: muitas peças eram grandes demais para caber na fornalha do trem de Purichkévitch.) [25](#) Ele trazia no pescoço uma corrente com uma grande cruz, em cujo dorso se lia: “Salve e preserve”. No pulso havia uma pulseira de ouro e platina, com uma águia de duas cabeças e o monograma de Nicolau no fecho. A camisa deu origem a vários mitos. Um deles dizia que Alexandra andava pelas enfermarias do hospital militar colocando-a em soldados feridos, convencida de seus poderes de cura. [26](#) O oficial da inteligência britânica Samuel Hoare ouviu dizer que, não muito tempo depois do assassinato de Raspútín, um cirurgião que operava a perna do tsarévitch viu que Alexandra tinha posto a camisa debaixo da mesa de operação às escondidas, como amuleto. [27](#)

O laudo da autópsia oficial realizada por Kosorótov desapareceu de um arquivo em Leningrado anos depois e nunca mais foi visto. É possível que tenha sido contrabandeado para fora do país e vendido. Em 1929, o livreiro Karl W. Hiersemann, de Leipzig, pôs à venda, por 20 mil marcos alemães, os “Documentos Originais do Inquérito Feito pelo Governo Russo sobre a Morte de Raspútín”, ou seja: “Todos os registros legais autenticados de um dos acontecimentos de efeitos mais amplos da história moderna da Rússia, constituindo, ao mesmo tempo, uma obra-fonte histórica de importância extraordinária e universal”. De que maneira exatamente Hiersemann adquiriu os documentos, e se incluíam a autópsia original, ninguém sabe. [28](#)

Então, em 1998, o escritor francês Alain Roullier publicou o que dizia ser uma cópia do relatório de Kosorótov, e vários livros subsequentes citaram esse texto, ainda que não haja dúvida de que se trata de uma fraude. [29](#) Kosorótov concedeu, no entanto, uma longa entrevista em 1917 ao *Liberdade Russa* sobre a autópsia, e também discutiu os resultados com o investigador Sereda, e esses dois relatos escritos continuam sendo as únicas fontes confiáveis sobre o que foi revelado durante o exame do corpo de Raspútín. [30](#)

O cadáver estava em condições horríveis. O rosto e a cabeça de

Raspútín mostravam sinais de severos traumas. O lado direito da cabeça foi esmagado, o nariz repetidamente espancado, o olho direito estava roxo, e a orelha direita fora praticamente arrancada da cabeça. O lado direito do tronco foi aberto, talvez com um golpe de espada ou faca. Kosorótov julgava que muitos desses ferimentos ocorreram postumamente, porque o corpo bateu em partes da ponte ou foi esmagado por pesados blocos de gelo no rio, ou ainda por ter sido tirado da água com ganchos de ferro. Seus genitais, apesar de relatos posteriores, estavam intactos.

Raspútín tinha levado três tiros. Uma bala entrou do lado esquerdo do peito, abaixo do coração, perfurando o estômago e o rim direito, e saindo do lado direito. Outra bala o atingiu nas costas e penetrou no rim direito, alojando-se na coluna vertebral. Kosorótov notou que um desses dois tiros o enfraqueceu imediatamente, levando à morte em vinte minutos. O terceiro tiro foi disparado bem na testa. O primeiro projétil deixara vestígios de pólvora na camisa de Raspútín, o que sugere um disparo à queima-roupa. Isso ocorreu também com o tiro final, deflagrado talvez de uma distância de apenas vinte centímetros da cabeça. Embora não pudesse ter certeza da ordem dos tiros, Kosorótov supunha que Raspútín primeiro levou um tiro do lado esquerdo, depois, enquanto tentava escapar, foi baleado nas costas e então liquidado com um “tiro de certeza” enquanto jazia de costas. Aleksandr Pistolkors, no entanto, contou a Maria que o grão-duque Dmítri lhe descrevera o assassinato, dizendo que o pai dela primeiro tinha sido baleado nas costas por Iussúpov e depois liquidado pelos outros. [31](#)

A bala extraída do corpo estava muito deformada. Kosorótov declarou que não havia como saber que tipo de arma tinha sido usado, pois projéteis como aquele serviam para uma grande variedade de revólveres. Quanto a sinais de envenenamento, Kosorótov não encontrou nada, o que sugere que o veneno ingerido se decompôs a ponto de não ser detectado — ou, como é mais provável, que Raspútín nunca ingeriu veneno nenhum. [32](#)

As descobertas da autópsia foram parar, quase de imediato, na imprensa. A *Gazeta da Bolsa de Valores*, que, juntamente com outros jornais, tinha começado a mencionar Raspútín pelo nome em suas páginas no dia anterior, publicou a notícia no dia 21. O jornal assinalou

com correção os detalhes: Raspútin fora morto por uma bala disparada na testa; nenhum traço de veneno foi encontrado no corpo; a vítima não tinha água nos pulmões. ³³ A história de que Raspútin foi jogado vivo no Málaia Nevka e morreu afogado (e portanto com água nos pulmões) continua tendo vida longa e persistente. Kosorótov não encontrou indício de água nos pulmões de Raspútin, mas poucos dias depois do assassinato começou a circular o boato de que isso era o que tinha acontecido. Vírubova achava que era verdade, bem como a filha dele Maria e o embaixador George Buchanan. ³⁴ Livros mais recentes sobre Raspútin, mesmo de autoria de estudiosos conceituados, vêm repetindo lamentavelmente essa inverdade. ³⁵

Depois que Kosorótov e seus assistentes terminaram o trabalho, o corpo foi entregue a Akilina Laptinskaia no dia 20. Ela lavou o cadáver de Raspútin e vestiu-o com um sudário de linho branco. O gabinete do governador-geral de Petrogrado tinha comprado um caixão de zinco na Funerária de Martinov por quinhentos rublos. (Martinov, graciosamente, ofereceu um desconto de 10% sobre o preço de tabela.) Antes que a tampa fosse fechada, Laptinskaia colocou dentro flores secas e um ícone assinado pelos membros da família real e por Vírubova. A cruz e a pulseira de Raspútin, ela tirou para dar à imperatriz. ³⁶

Há um mistério que paira sobre o que aconteceu no asilo de Tchesménski na noite de 19-20 de dezembro. Tanto Sereda como Zavadski afirmavam que uma mulher, em trajes de enfermeira, apareceu e ficou sentada sozinha ao lado do corpo durante horas. Nenhum dos dois a olhou direito, por isso nunca souberam quem era. Mas não podiam deixar de supor, entretanto, que a misteriosa visitante não era outra senão Alexandra. ³⁷ É uma ideia interessante, mas muito improvável.

Houve algum debate sobre onde sepultar Raspútin. Alexandra perguntou a Voeikov qual poderia ser o melhor local, e ele respondeu que certa vez tinha ouvido Raspútin dizer que gostaria de repousar no cemitério da igreja em Pokróvskoie. Protopópov, no entanto, se opôs à ideia de mandar o corpo de volta para a Sibéria, temeroso de que, quando a notícia se espalhasse, pudesse haver violentas manifestações ao longo do trajeto. Alexandra disse que gostaria que o corpo fosse

enterrado em Tsárskoie Seló, para que seus seguidores pudessem estar perto dele, ao que Voeikov respondeu que talvez fosse difícil garantir a integridade da sepultura. No fim, Alexandra venceu. ³⁸ Depois de mais conversas com Vírubova e Dehn, ficou decidido que Raspútin seria enterrado na igreja de Vírubova, ainda em obras, perto do Parque de Alexandre, em Tsárskoie Seló, a mesma cuja pedra angular o siberiano ajudara a colocar um mês antes. Alguém, aparentemente Vírubova, argumentou que isso evitaria o escândalo potencial de enterrá-lo no terreno do parque da tsarina. ³⁹ Talvez isso fosse de esperar, mas ninguém se dignou perguntar à família do morto o que pensava do assunto.

Pouco depois das oito da manhã do dia 21, uma viatura da polícia levou o caixão do asilo de Tchesménski para o lugar onde seria enterrado. Uma cova rasa fora aberta nos alicerces, e o caixão foi depositado antes de as pessoas chegarem. Tábuas foram estendidas no chão para que os presentes pudessem aproximar-se da cova através da lama congelada e dos detritos. Era uma manhã fria e cinzenta. ⁴⁰ Dois automóveis pararam no Palácio de Alexandre para conduzir a família pelo parque no breve trajeto até a sepultura. Eles chegaram às nove. Era um grupo pequeno — Nicolau, Alexandra, as quatro grã-duquesas, Vírubova (ajudada pelo enfermeiro auxiliar Akim Zhuk), Dehn, Laptinskaia, coronel Vladímir Maltsev, comandante das defesas aéreas de Tsárskoie Seló, e mais uma ou duas pessoas. Ao que parece o tsarévitch não compareceu porque estava adoentado. O padre Alexander Vasilev conduziu os serviços. Alexandra estava pálida, mas serena, até ver o caixão, quando começou a chorar. Levava um buquê de flores brancas. Entregou a cada filha uma flor, depois deu uma para Vírubova e outra para Dehn, e cada qual atirou a sua gentilmente dentro da sepultura. Algumas orações foram recitadas, e com isso a cerimônia terminou. Por volta das dez horas a família estava de volta ao palácio. ⁴¹

Os fofoqueiros não demoraram a cochichar que Olga, a filha de Nicolau e Alexandra, recusara-se a comparecer ao enterro para mostrar que não gostava de Raspútin. Isso era balela, apesar de Olga ter dito a Valentina Chebotariova em 5 de fevereiro de 1917: “Talvez ele tivesse de ser morto, mas não tão violentamente. [...] É uma vergonha ter que

admitir que foram nossos parentes”. [42](#)

Fiel ao que dele se poderia esperar, Nicolau não deixou que o serviço o desviasse de sua rotina. Saiu para um passeio no parque, recebeu relatórios de dois ministros e depois se ausentou para outra caminhada, dessa vez em companhia das filhas. [43](#) No fim da tarde, todos se reuniram na casa de Vírubova, onde a eles se juntaram as filhas de Raspútín, que não foram convidadas para o enterro do próprio pai. Mais tarde, às oito horas, no palácio, Sandro fez uma visita a Nicolau e Alexandra. [44](#)

Rumores fervilhavam na capital. Alguns afirmavam que o corpo de Raspútín fora enviado secretamente para a Sibéria, com destino a Tobolsk ou Pokróvskoie; outros que ele estava sepultado na catedral Fiódorovski em Tsárskoie Seló ou nas proximidades. Dizia-se que os guardas da catedral Fiódorovski se recusaram a sepultar o corpo, e que a imperatriz mandou prender todos eles. Falava-se ainda que foi difícil encontrar coveiros dispostos a fazer o serviço e que Alexandra estaria pranteando inconsolavelmente em sua sepultura. Alguns afirmavam que Alexandra mandara fazer medalhões com o retrato de Raspútín para cada um dos filhos usar. Mais tarde se confirmou que essa história era verdadeira. [45](#)

A grã-duquesa Olga escreveu em seu diário em 22 de dezembro: “Papai e Mamãe aceitam tudo. Oh, Deus, como tentam, e como é difícil para eles. Por favor, ajude-os e abençoe-os”. [46](#) Alexei, confuso, perguntou ao tsar: “Papai, com certeza você vai lhes dar um bom castigo, não? O homem que matou Stolípin foi enforcado pelo que fez!”. Nicolau não respondeu ao filho. [47](#) Para aumentar a dor — e o medo — deles, Protopópov entregou a Nicolau e Alexandra uma carta, interceptada por seus homens, que a mãe de Iussúpov escreveu para a grã-duquesa Olga, irmã do tsar. Nela a princesa Iussúpova manifestava arrependimento por seu filho e os outros perpetradores não terem conseguido seguir o plano de “se livrar de todo mundo que devia ir embora”, incluindo Alexandra, que deveria ter sido trancada num convento. [48](#)

Num dos últimos dias do ano, o palácio enviou um automóvel para buscar as filhas de Raspútín. Maria e Varvara encontraram a imperatriz no quarto de dormir, com Vírubova. Nicolau e Alexandra falaram com

as meninas e prometeram apoio e proteção, dizendo que dali em diante deveriam pensar em Nicolau como um pai. Ele disse que jamais as abandonaria. Alexandra mandou Protopópov dar à família 40 mil rublos. [49](#) Eles voltaram a se reunir para o Natal no domingo, dia 25, na casa de Vírubova. Dessa vez, a viúva e o filho de Raspútin também estavam presentes. Dois dias depois, voltaram para Pokróvskoie. [50](#)

Entre os documentos de Alexandra recuperados depois da Revolução havia estes versos escritos de próprio punho:

Perseguido pela multidão selvagem e vulgar,
Pelos gananciosos cães de caça que rastejam em volta do Trono,
Sua cabeça grisalha foi para sempre abatida
Por uma ferramenta nas mãos de um maçom obscuro.

Assassinado. De que servem as lamentações,
Ou a compaixão, obviamente insinceras?
São risos ou pragas sobre o cadáver,
Ou um solitário, com lágrimas ardentes.

Por que ele desviou seu olhar justo
Das pacíficas aldeias siberianas,
Onde pecados humildes foram estigmatizados
E a verdade final recebe o veredicto de Pilatos?

Onde o comércio de almas de há muito floresce,
Onde o corpo é vendido abertamente sem vergonha
E o demônio da inveja voa como um espírito
E hinos ao ouro são cantados com sinceridade.

Ele partiu de vez para o mundo distante
Perdoando seus inimigos, pelo caminho do sofrimento,
Um herói com o olhar tranquilo durante sua vida brilhante
E uma alma íntegra, infantil e ingênua.

Que sua alma encontre a paz no paraíso celeste
E a memória eterna e os beijos dos anjos,
Por sua honesta e sincera jornada terrestre,
E sobre o seu túmulo os soluços daqueles que deixou para trás. [51](#)

Não está claro se a imperatriz compôs esses versos sobre o assassinato de Raspútin ou simplesmente copiou a obra de alguém. Seja como for, capturam tanto a sua dor como o seu entendimento do assassinato. Aos seus olhos, Raspútin, um cidadão simples, de retidão divina, tinha sido morto por homens inferiores, invejosos dos seus talentos, e mesmo que não achasse que maçons fossem diretamente responsáveis por sua

morte, ela mais tarde veria a sociedade secreta por trás da revolução que tirou os Románov do trono. É bem possível que Alexandra, ainda que só posteriormente, no cativeiro, compreendesse o assassinato do amigo como uma missão importante da campanha mais ampla dos maçons contra as monarquias cristãs de Europa. ⁵² Apesar de profundamente entristecida, Alexandra jamais sucumbiu à dor, como Iussúpov e os outros conspiradores achavam que ocorreria. Ela se mostrou mais forte do que eles imaginaram, e com isso destruiu a lógica no cerne da conspiração.

68. O drama da família Románov

A reação da família estendida do Románov foi heterogênea. Para a maioria, relatos do assassinato provocaram glorioso alívio. Ksênia, a irmã do tsar, então em Kíev, escreveu em seu diário no dia 21: “Uma coisa pode ser dita com certeza. Graças a Deus ele foi morto”. ¹ Maria, irmã do grão-duque Dmítri, estava em Pskov na época. Recordaria mais tarde a alegria nas ruas, pessoas abraçando umas às outras como se fosse Páscoa. O príncipe Chakhovskoi chegou de Petrogrado com pormenores do assassinato. “Tenha certeza de que o que seu irmão fez causou admiração geral. A destruição de Raspútin é um grande benefício para a Rússia.” Maria admitiu sentir orgulho, mas ficou magoada porque ele não tinha confiado nela. As pessoas à sua volta olhavam para Maria com “uma espécie de excitação disfarçada e de admiração oculta”. ² A imperatriz viúva agradecera a Deus pela remoção de Raspútin no caminho, mas ficou profundamente perturbada com o fato de membros da família estarem envolvidos no homicídio. ³ Já Olga, irmã de Nicolau, escreveu em suas memórias que foi uma “conspiração infame. Simplesmente não houve nada de heroico no assassinato de Raspútin”. Achava irônico ter tido que concordar com Trótski, imagine-se, quando ele caracterizou a morte como coisa de filme para pessoas “de mau gosto”. ⁴

Na noite do dia 17, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch foi ao Iate Clube Imperial para descobrir tudo o que pudesse sobre o desaparecimento de Raspútin. O clube estava lotado e barulhento, e não havia outro assunto. O primeiro-ministro Trépov insistia em dizer que a notícia do assassinato era “bobagem”, outra provocação de Protopópov.

O grão-duque deu uma espiada em Dmítri em outra mesa, notando que ele estava “pálido como a morte”. Não falaram um com o outro naquela noite, mas o grão-duque ouviu Dmítri dizer que Raspútin “desapareceu ou foi morto”. Logo depois, Dmítri saiu do clube e foi para o Teatro Mikhailov. ⁵

Ella voltou para Moscou na noite do dia 17, de Sarov, onde tinha ido passar uma semana rezando por Dmítri e Félix, seus “queridinhos”, como os chamava, às vésperas do complô. Na manhã seguinte, passou dois telegramas, o primeiro para a mãe de Félix abençoando as ações do filho dela e enviando a toda a família suas preces, e o segundo para Dmítri, pedindo-lhe que mandasse uma carta contando todos os detalhes do “feito patriótico”. ⁶ Os dois telegramas foram interceptados pela polícia, e Protopópov fez questão de que fossem entregues no palácio imperial. No fim do mês, Ella contou à irmã de Dmítri, ao passar por Moscou, que estava emocionada com o assassinato de Raspútin e com o fato de a Providência ter escolhido o irmão dela e Félix. ⁷

Maria partiu imediatamente de Pskov para Petrogrado. Encontrou o irmão refugiado em seu palácio. Nos dias que se seguiram ao assassinato, houve temores de que partidários de Raspútin tentassem vingar sua morte; pessoas suspeitas tentaram obter permissão para entrar no palácio, mas foram impedidas. Alguns diziam até que Dmítri tinha sido morto. Policiais à paisana foram colocados nos arredores para sua proteção. Os guardas eram homens de Trépov, temerosos de que Protopópov mandasse seus próprios agentes atacar Dmítri. Era um triste comentário sobre a situação do governo russo. “Belo governo esse em que o primeiro-ministro toma medidas contra o ministro do Interior”, anotou em seu diário o grão-duque Andrei Vladímirovitch. ⁸ Dmítri estava tenso; “tinha o rosto fatigado e círculos negros embaixo dos olhos”, notou Maria. De repente, da noite para o dia, “ele estava velho”. Em pé junto à lareira, fumando um cigarro atrás do outro, Dmítri falou sem parar a noite inteira, até de manhã; evitou mencionar os detalhes daquela noite, mas jurou que, pessoalmente, não tinha sangue nas mãos, e ela acreditou. Disse a Maria que esperava que eles não só tivessem livrado a Rússia de um monstro, mas que, com seus atos, levassem outros a agir e, dessa maneira, dar um basta à infundável marcha do país rumo ao desastre. Apesar de tão elevados sentimentos,

Maria sentiu que o irmão já tinha suas dúvidas sobre o assassinato. [2](#)

Dmítri foi informado pelo ajudante general Maksímovitch que estava sob prisão domiciliar por ordem da imperatriz, embora o general admitisse que não tinha autoridade para tanto sem a palavra do imperador. Dmítri telegrafou para o grão-duque Andrei Vladímirovitch contando a novidade, ao mesmo tempo que negava ter envolvimento com o desaparecimento de Raspútin. [10](#)

Félix também continuou a mentir sobre a sua participação. Depois de tentar sair da cidade na noite do dia 18, quando foi impedido pela polícia na estação, Iussúpov se mudou para a casa de Dmítri. [11](#) No dia 19, Andrei Vladímirovitch e outros dois grão-duques foram ver Dmítri e Félix. Disseram que só queriam a verdade e que, culpados ou não, podiam contar com seu apoio. Dmítri voltou a afirmar que era inocente. Tinha passado a noite na casa de Félix com algumas senhoras, saindo por volta das três da manhã. Foram atacados no pátio por um cachorro, que ele matou com sua Browning e, após deixar as damas na rua Karavannaia, chegou em casa por volta das quatro da manhã. Assegurou-lhes que, durante toda a noite, não viu Raspútin sequer uma vez. Iussúpov confirmou a história de Dmítri. [12](#) Enquanto o irmão se angustiava com o que tinham feito, Maria percebeu que Félix parecia inebriado, especialmente com o papel que desempenhou. Disse a ela que agora conseguia prever um “grande futuro político” para si. [13](#) Mais tarde, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch chegou tratando os dois jovens alegremente de “Les messieurs assassins”. [14](#)

O grão-duque Paulo tinha perguntado ao filho, logo depois do assassinato, se ele seria capaz de jurar, em nome da mãe falecida, que não tinha sangue nas mãos. Dmítri jurou. Paulo não sabia bem o que pensar de tudo aquilo, mas tinha certeza de que podia culpar Iussúpov por ter envolvido o filho, e que o acontecido, fosse qual fosse, só serviria para endurecer a reação de Alexandra. [15](#) Depois de conversar com Dmítri, Paulo foi ver Nicolau às onze da noite do dia 19. Perguntou com que autoridade Alexandra tinha mandado Maksímovitch prender Dmítri, e Nicolau disse que foi ordem sua, mas Paulo sabia que o tsar estava apenas protegendo a mulher. Pediu a Nicolau que soltasse o filho, mas o tsar lhe disse que não poderia lhe dar uma resposta de imediato. Nicolau respondeu por carta na manhã seguinte, avisando que

não poderia libertar Dmítri enquanto as investigações preliminares estivessem em andamento. “Rezo a Deus”, acrescentou o tsar, “que Dmítri saia limpo deste caso para o qual foi atraído pelo próprio temperamento exaltado.” [16](#)

No começo da noite do dia 21, membros da família Románov se reuniram na casa do grão-duque Andrei Mikháilovitch para discutir o que fazer, particularmente com relação a Dmítri. Paulo disse aos presentes que o filho tinha jurado, “diante de um ícone e do retrato da mãe, que não manchou suas mãos com o sangue desse homem”. Ficou decidido que, se Dmítri não fosse solto, Paulo iria a Nicolau dizer que prender Dmítri serviria apenas para transformá-lo em herói. Levando em conta a grande alegria provocada no país pela morte de Raspútín, processar Dmítri era elevá-lo ao nível de um libertador nacional, em defesa de quem todo mundo, incluindo o Exército, estaria disposto a se opor publicamente ao trono. [17](#)

No fim, Sandro é que foi ver Nicolau no dia 22, e não Paulo. Sandro tentou convencer Nicolau a suspender a investigação e soltar Dmítri e Iussúpov pelas razões mencionadas. “Toda essa questão deveria ser encerrada, não tocando em ninguém”, disse ele ao tsar. É possível que Sandro tenha sido escolhido para essa missão por ser um dos poucos membros da família que considerava o assassinato um erro, se não do ponto de vista moral, pelo menos taticamente, pois ameaçava fazer de Raspútín um mártir, além de ser pouco provável que dobrasse Alexandra. Sandro lembrava de ter pedido a Nicolau que pegasse o telefone e mandasse suspender de imediato a investigação, mas o tsar se recusou, dizendo que era impossível e sugerindo que não saberia lidar com Alexandra se o fizesse. [18](#)

Eu supliquei que não tratasse Dmítri e Félix como assassinos comuns, mas como patriotas equivocados, inspirados pelo desejo de ajudar o país.

“Belo discurso, Sandro”, disse Nicolau depois de uma pausa. “Mas você não está ciente de que ninguém tem o direito de matar, seja um grão-duque ou um camponês?”

Apesar disso, o tsar prometeu ser “moderado.” Depois de sair, Sandro telegrafou para a imperatriz viúva pedindo que insistisse com Nicolau para suspender as investigações, o que ela fez. [19](#) Sandro jamais perdoou Iussúpov: “Eu queria naquela época, e quero agora, que Félix um dia se arrependa e perceba que nenhuma explicação decente e nenhuma

aclamação das massas justificaria um assassinato aos olhos de um verdadeiro cristão”. [20](#)

Como Sandro, o grão-duque Andrei Vladímirovitch queria que a investigação fosse suspensa. Estava convencido de que Protopópov só insistia para cair nas graças de Alexandra. Já Trépov se opunha a Protopópov e apoiava os grão-duques. Se eles ousassem levar Dmítri a julgamento, Andrei Vladímirovitch previa uma “ampla revolta”. Não via motivo para tanta preocupação com a vida de um simples camponês. “Guerra, o inimigo ameaça, e nós aqui tratando desta bobagem. É uma grande vergonha fazer tanta confusão em torno do assassinato de um vagabundo qualquer. Uma vergonha para toda a Rússia.” [21](#)

Embora Sandro tivesse fracassado em sua missão junto a Nicolau, outras pessoas em posição de autoridade também faziam pressão. Travou-se uma batalha entre facções dentro dos ministérios do Interior e da Justiça sobre até onde a investigação deveria ir. Em 19 de dezembro, Alexei Vasilev, chefe do departamento de polícia, ordenou ao general Pópov que encerrasse as investigações, o que foi feito, devolvendo para Vasilev, no dia 23, todo o material coletado. Mas pelo visto Pópov enganou Vasilev, pois dias depois retomou o interrogatório de pessoas suspeitas no caso. [22](#) Pópov era homem de Protopópov, por isso muito provavelmente concordava com Vasilev apenas na aparência, enquanto continuava a seguir as diretrizes do ministro do Interior. O investigador Sereda via seus esforços serem bloqueados por Trépov a cada momento. Então Sereda adoeceu e partiu para as termas de Kislovodsk, no norte do Cáucaso. Com isso, seus esforços para desvendar o assassinato terminaram. [23](#)

Dmítri passou o dia 23 em casa com a irmã Maria, Félix, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch, Sandro e os filhos Andrei e Fiódor. Enquanto estavam lá sentados bebendo chá e conversando, Sandro insistia em afirmar que a investigação na certa seria encerrada e Nicolau provavelmente permitiria que Dmítri fosse juntar-se ao pai. Então o telefone tocou. Era o general Maksímovitch dizendo que tinha ordem do tsar para convocar Dmítri de imediato. Dmítri foi correndo à casa do general, onde tomou conhecimento do que o aguardava: a ordem de

Nicolau era que deixasse de pronto a cidade e se apresentasse ao general Nikolai Barátov na Pérsia, no front caucasiano. Um trem especial estava sendo preparado para o grão-duque. Em casa, Dmítri contou a novidade. Alguns irromperam em lágrimas, outros ficaram indignados com a decisão do tsar. À meia-noite, o governador-geral Balk chegou para informar a Dmítri que o trem especial partiria da estação Nikoláievski às duas da manhã. Disse a Dmítri que ninguém deveria saber de nada, para evitar agitação. O general falava em tom suave e com dificuldade. Dmítri teve a impressão de que aquela incumbência não era fácil para ele. Dmítri e Félix separaram-se dos outros para uma última conversa. Um ano depois, Dmítri escreveu em seu diário:

Discutimos se eu deveria me submeter à ordem do imperador ou ficar na capital, e irmos juntos ao quartel do regimento e organizar um golpe palaciano. E depois disso — e mesmo agora — eu com frequência me pergunto se não teria sido melhor fazer isso? Talvez não tivesse havido revolução. — Quem sabe, mas é claro que eu não poderia tomar essa decisão, pois só tinha participado do assassinato para dar ao pobre Niki uma última chance — para que mudasse de rumo político. Para que ele pudesse tratar abertamente com os amigos do falecido Raspútin. Disso se segue com clareza que tomei parte nesse caso pelo desejo de ajudar o Imperador, por lealdade a ele, e não em busca de popularidade pessoal. Mas muitos achavam que eu era candidato ao trono, diziam que a questão de Raspútin tinha sido um trampolim ou uma mola para me colocar no trono.

Todo o pessoal da casa estava aos prantos quando Dmítri partiu para a estação. Esperando no frio enregelante estavam Nikolai Mikháilovitch, Sandro e seus dois filhos. Maria, que foi com o irmão até a estação, chorava terrivelmente, bem como Nikolai. Quando Dmítri subiu no trem, o grão-duque berrou, com voz nervosa: “Deus lhe permita um rápido e triunfante retorno!”. ²⁴ Acompanhavam Dmítri o conde Konstantin Kutaisov e o general Gueórgui Mikháilovitch Laiming, o muito querido preceptor e ex-guardião de Dmítri. Kuitasov, oficial e ex-ajudante de ordens do tsar, estava incomodado com a tarefa que recebera. Disse a Dmítri que estava do lado dele e sentia vergonha de ter que atuar como seu guarda. Não se conteve e chorou durante quase toda a viagem. Em dado momento, por pouco não tentou se matar, tal era a vergonha que achava que o tsar lhe impusera. ²⁵

Enquanto isso, em Petrogrado, a família de Dmítri estava preocupada. Falava-se de um grupo de partidários de Raspútin que seguia Dmítri na esperança de matá-lo no trajeto; havia rumores de que os homens

tinham sido capturados. ²⁶ O regime também temia que a notícia sobre quem ia no trem vazasse e servisse para reunir os inimigos do trono. Dmítri foi obrigado a esconder-se durante toda a viagem; o trem deliberadamente contornou Moscou, centro de forte sentimento anti-Raspútín e anti-Románov. Para Dmítri, a viagem foi uma agonia. Não conseguia parar de chorar e sofreu um colapso emocional. O general Laiming fez o que pôde para consolar Dmítri e o conde. ²⁷ Os três homens alcançaram o general Barátov em 31 de dezembro. O general estava em êxtase por receber no quartel “o herói de toda a Rússia”, como chamava Dmítri em seu diário. A essa altura, o humor de Dmítri tinha mudado. Barátov ficou encantado com sua modéstia, sua graça e sua sinceridade. Dmítri confidenciou ao general que se orgulhava do que tinha feito, o que parecia óbvio a Barátov, acrescentando que o revólver que levava consigo era “histórico”, apesar de “minhas mãos não estarem manchadas de sangue”. ²⁸ Talvez tenha sido sua arma que disparou o tiro fatal, portanto, ainda que Dmítri não tenha apertado o gatilho. Dmítri e seus companheiros foram homenageados com um grande banquete, durante o qual o grão-duque praticamente se afogou em vodca.

Depois de voltar da estação, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch escreveu em seu diário:

Ainda não consigo compreender a psique dos jovens. São, sem a menor dúvida, neuropatas, estetas de algum tipo, e tudo que fizeram, apesar de ter limpado o ar, não passa de meias-medidas, porque é preciso definitivamente dar um basta em Alexandra Fiódorovna e Protopópov. Veja só, mais uma vez estou alimentando planos assassinos, não totalmente definidos, mas logicamente necessários, pois do contrário as coisas vão ficar pior do que já foram. Minha cabeça está girando, enquanto a condessa N. A. Bóbrinskaia e Micha Chakhovskoi me assustam, tentam me despertar, suplicam que eu aja, mas como, com quem — pois ninguém faz nada sozinho. Ainda é possível chegar a um entendimento com Protopópov, mas como tornar Alexandra Fiódorovna inofensiva? É uma tarefa quase impossível. Enquanto isso o tempo passa e, com sua partida, e a de Purichkévitch, não vejo nem conheço ninguém capaz de levar isso adiante. No entanto, eu não sou mesmo um esteta por natureza, menos ainda um assassino, por isso preciso me libertar, respirar ar puro. O melhor seria ir caçar no mato, pois aqui, vivendo neste estado de agitação, vou acabar fazendo ou dizendo alguma coisa estúpida. ²⁹

Trata-se de uma carta espantosa, que mostra como era vasto o abismo que se abria entre o tsar e a elite governante. Nikolai Mikháilovitch, grão-duque Románov e primo em primeiro grau de Alexandre III, vivia

perturbado com o pensamento de assassinar a imperatriz da Rússia e era o tempo todo estimulado a agir pela condessa Nadejda Bóbrinskaia, mulher do conde Alexei Bóbrinski, ministro da Agricultura, membro do Conselho Imperial e líder da nobreza de Petersburgo.

Maria, irmã de Dmítri, lembrava-se de ter passado um Natal infeliz depois da partida do irmão. Estava no palácio do pai, o grão-duque Paulo, e da madrasta, a princesa Olga Paley (*née* Karnovitch), em Tsárskoie Seló. Eles, mais o filho da princesa, o príncipe Vladímir Paley, agora não só pertenciam ao grupo antirrasputinista, mas também tinham parentesco com um dos assassinos. Lá estavam também os filhos do primeiro casamento da princesa Paley com Erik Pistol Kors: Marianna Derfelden e o irmão Aleksandr Pistol Kors, o cunhado de Anna Vírubova. Para complicar a cena ainda mais, juntaram-se a eles também em volta da mesa do dia santo a irmã mais velha da princesa Paley, Liubov Golovina, e sua filha Munia. Alguns do grupo choravam o exílio de Dmítri, outros a morte violenta do seu querido pai espiritual pelas mãos dele. O estado de espírito era tenso e sombrio. A princesa Paley tentava manter viva a conversa, tomando o cuidado de ficar o mais longe possível do elefante no meio da sala, mas ninguém a acompanhava. A tensão finalmente tornou-se grande demais para o grão-duque, e ele levantou-se calado e saiu para acender a árvore de Natal. [30](#)

Membros da família Románov reuniram-se na casa de Maria Pávlovna (“Tia Michen”, mãe do grão-duque Andrei Mikháilovitch) no dia 29 para discutir a situação de Dmítri. Todos consideravam a punição inaceitável. Decidiram escrever uma carta coletiva para Nicolau implorando que anulasse a ordem e permitisse que Dmítri retornasse para suas propriedades na Rússia, afirmando que enviá-lo para a Pérsia significaria “morte certa”. A carta foi assinada por dezesseis pessoas da família. Dois dias depois, Nicolau a devolveu, com sua resposta rabiscada raivosamente no alto: “A ninguém foi dado o direito de cometer assassinato, e sei que muitos estão tendo problemas de consciência, pois Dmítri Pávlovitch não é o único envolvido. Estou surpreso com o apelo que me fazem”. [31](#)

A resposta chocou a família. Na verdade, com sua firmeza Nicolau salvou a vida de Dmítri. Tivesse permitido a volta de Dmítri para a

Rússia, ele muito provavelmente teria sido morto pelos bolcheviques, como ocorreu com tantos na família.

Dizia-se na época que quando Nicolau se recusou a executar os assassinos de Raspútin, como exigia Alexandra, ela lhe deu um tapa no rosto. ³² Fica-se imaginando o que o filho terá pensado quando o tsar deixou de enforcar os assassinos, como Alexei esperava que fizesse. Mas ninguém foi enforcado, e os castigos, conforme impostos, foram surpreendentemente brandos. Félix foi condenado ao exílio em sua propriedade de Rakitnoie, perto de Kursk. Nem Purichkévitch, nem Lazovert, nem Sukhotin sofreram qualquer punição. A outra única pessoa afetada foi o grão-duque Nikolai Mikháilovitch, banido por Nicolau para sua propriedade de Gruchevka durante dois meses. Isso quando se trata de um homem que não fazia segredo de suas fantasias de assassinar a mulher de Nicolau. ³³ Depois de saber do seu exílio no último dia de 1916, o grão-duque, zangado, escreveu em seu diário: “Alexandra Fiódorovna saiu vitoriosa, mas será que essa escória manterá o poder por muito tempo?! E que tipo de homem é ele, que me repugna, e apesar disso ainda o amo, pois não tem uma alma ruim [...]”. ³⁴

O grão-duque deve ter ficado indignado com o tratamento que os outros receberam, mas o fato é que ninguém jamais foi considerado culpado e ninguém foi punido. Os assassinos de Raspútin o mataram, e ficou por isso mesmo. Era fácil para qualquer russo aprender a lição: o Estado não ousou tocar nos criminosos.

Félix e Irina desfrutaram do exílio em Rakitnoie. Em 13 de fevereiro de 1917, Sandro foi visitá-los e achou-os “alegres e otimistas”. ³⁵ Protopópov pusera a propriedade sob vigilância, e os relatórios que vinham dos seus agentes sugeriam que a vida em Rakitnoie era descontraída e feliz. Em meados de janeiro, um grupo de sessenta aristocratas, incluindo dois grão-duques, lá chegou para um programa de vários dias de caçadas. A visita era uma clara demonstração de apoio a Félix e de censura ao trono. Os Iussúpov viviam em meio ao esplendor de sempre, e o príncipe tinha organizado um grupo especial de dez guarda-costas trajando uniformes dos cossacos do Terek, com instruções para não deixar ninguém chegar a uma distância de vários

quilômetros de sua casa. [36](#) Não se sabe ao certo de quem estaria se protegendo. A maioria dos russos o via como herói. No começo de janeiro, ele recebeu uma carta assinada pela “Vox Populi” anunciando que, se o tsar ousasse botar a mão nos assassinos de Raspútin, toda a Rússia se rebelaria e o mataria. [37](#)

Quando não estava ouvindo o gramofone ou recebendo visitas, Félix tratava de seus planos conspiratórios. De Rakitnoie escreveu para o grão-duque Nikolai Mikháilovitch dizendo que, como o assassinato de Raspútin não dobrara Alexandra, conforme esperado, outro plano se fazia necessário. Sugeriu que, logo que o imperador partisse para a Stavka, no fim de fevereiro, a imperatriz viúva e outras pessoas próximas a ela fossem à capital e, com os generais Alexéiev e Gurkó, exigissem que Protopópov, Scheglovítov e Vírubova fossem presos, e a imperatriz mandada para Livadia. Caso não fosse tarde demais, insistia ele, essa era sua única esperança. [38](#)

69. Orgias, amor gay e a mão secreta dos britânicos

Desde o início circularam rumores sobre o que de fato teria acontecido no palácio de Iussúpov. Dizia-se que, depois de chegar, Raspútin fora presenteado com uma pistola e recebido ordem para se matar. Outros sustentavam que lhe permitiram escolher entre tomar vinho envenenado ou enfiar uma bala na cabeça. Mas ele resistiu, e alguns afirmavam que Raspútin até tentou usar a pistola contra os assassinos, mas eles atiraram primeiro, matando-o. Durante algum tempo, ninguém sabia direito quem estivera por lá naquela noite e quem tinha disparado o tiro fatal, mas os boatos mencionavam, além de Iussúpov, Purichkévitch e Dmítri, o irmão do tsar Mikhail, o meio-irmão de Dmítri, príncipe Vladímir Paley, e numerosos grão-duques. ¹ Especulou-se até que o louco sagrado Mítia Kozelski esteve lá naquela noite. (Ele teria dito à imprensa que seu tio era um dos cozinheiros dos Iussúpov.) ²

O ministro do Exterior Nikolai Pokrovski disse ao embaixador Paléologue em caráter particular que Raspútin tinha sido assassinado na casa de Iussúpov durante uma “orgia”, boato repetido por Samuel Hoare num telegrama para Londres. ³ Se tivesse ocorrido algo nessa linha, haveria mulheres no palácio também, mas não está claro se foi esse o caso. Irina, o mel usado para atrair Raspútin, definitivamente não estava lá, pois é sabido que ainda se achava na Crimeia. O *Manhã Russa* declarou logo depois do assassinato que várias mulheres tinham passado pela casa de Iussúpov naquela noite, incluindo a aventureira princesa Catarina Radziwill, a condessa Olga Kroits, uma tal Madame von

Drenteln e a bailarina Karalli. [4](#)

A polícia investigou a ligação da bailarina com o assassinato. Vera Karalli, de 27 anos, integrante do Balé Imperial de Moscou, tinha chegado a Petrogrado, proveniente de Moscou, em 12 de dezembro, juntamente com a criada Veronika Kukhto, hospedando-se no Hotel Medved. Elas aparentemente deixaram a cidade no trem das 19h20 para Moscou no dia 17, embora outro relatório policial informasse que ficaram na capital até o dia 19. Durante sua estada no hotel, ela recebeu a visita do grão-duque Dmítri, mas Karalli afirmou à polícia que passara toda a noite em seu quarto. [5](#) O general Piotr Pópov examinou as provas sobre Karalli e determinou que não havia nada que a ligasse ao assassinato. [6](#) Parece, no entanto, que Pópov não fez um bom serviço, pois Karalli esteve no palácio de Dmítri no dia 18, fato pouco conhecido que ele mesmo admitiu em seu diário. [7](#) Suas palavras sugerem uma forte atração por Karalli; é possível que tenham sido amantes. O diário, porém, não revela se ela esteve na casa de Iussúpov na noite do assassinato.

Quanto às demais mulheres mencionadas pela imprensa, parece que nenhuma foi interrogada pela polícia. Eles entrevistaram, porém, outra mulher, Marianna Derfelden, que a Okhrana vinha seguindo secretamente (codinome “Atriz”) desde o início de dezembro. [8](#) Meia-irmã do grão-duque Dmítri e, segundo se dizia, uma de suas amantes, Marianna contou aos amigos que soube do assassinato pela *Gazeta da Bolsa de Valores*, como quase todo mundo, e negou qualquer participação. [9](#) Mas a polícia tinha lá suas suspeitas. O general Pópov e dez policiais fizeram uma busca em seu apartamento na noite do dia 25, e sua correspondência foi levada e entregue ao diretor do departamento de polícia. Derfelden foi interrogada, mas reafirmou que tudo que sabia era o que tinha lido nos jornais, como dissera aos amigos. [10](#) A polícia leu atentamente sua correspondência, tentando encontrar alguma pista que a ligasse ao complô. Também a puseram sob prisão domiciliar. Dois policiais foram deixados no apartamento para anotar o nome de todos que lhe telefonassem. Ela foi logo inundada por visitantes, incluindo Maria, irmã de Dmítri, bem como deputados da Duma que sequer conhecia, uma vez que a prisão a transformara em heroína. No dia 26, Protopópov convocou-a ao seu gabinete para interrogá-la.

“Infelizmente, não tomei parte”, disse ela ao ministro do Interior, “e lamento demais. Não consigo entender tanta confusão só por causa do assassinato desse camponês. Agora, se eu matasse o zelador do meu prédio ninguém daria a mínima atenção.” Protopópov respondeu que ela era jovem e devia ser mais cuidadosa com o que dizia. (No relato feito por Marianna, Protopópov ficou apaixonado por ela e não tentou esconder. Marianna, na verdade, era jovem, bela e elegante, apesar de horivelmente esnobe e indiferente à vida das pessoas inferiores a ela em termos de condição social.)

No fim, Protopópov não conseguiu nenhuma prova que ligasse Marianna ao assassinato, e ela foi liberada. O ministro talvez quisesse exercer mais pressão sobre o jovem na esperança de que revelasse alguma coisa, mas a imperatriz lhe disse que era contra. Alexandra tinha conversado com Aleksandr Pistolkors, irmão de Marianna, que lhe garantiu que ela não teve nada a ver com a morte de Raspútin. Alexandra encaminhou-o imediatamente a Protopópov e telefonou para o ministro instruindo-o a recebê-lo e ouvir o que tinha a dizer. Protopópov entendeu o recado e liberou Marianna depois de conversar com seu irmão. ¹¹ Isso talvez explique também por que a condessa Olga Kroits não foi interrogada. Olga, a bela mulher do conde Aleksandr Kroits, de quem andava distante, era irmã de Marianna e Aleksandr. Muito provavelmente Protopópov compreendeu que a imperatriz não queria nenhum dos três irmãos Pistolkors implicado no assassinato. ¹²

Mesmo descartando a orgia, poderia ter havido uma dimensão sexual nos acontecimentos daquela noite? Poucos meses depois do assassinato, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch tentou entender por que Raspútin, embora temeroso de ser assassinado, concordou em ser levado ao palácio de Iussúpov. O grão-duque só conseguia pensar em uma explicação: Raspútin estava apaixonado por Félix, e foi essa paixão que o levou à morte. Nikolai estava convencido de que o tempo que os dois passaram sozinhos na adega não se limitou a bebedeira e conversa; os dois trocaram carícias e beijos, e possivelmente mais. Não havia como ter certeza disso, entretanto, uma vez que Raspútin levou a verdade sobre as relações entre os dois para o túmulo. ¹³ O assassinato como psicodrama sexual foi repetido por outros, em variadas formas. ¹⁴ Mas há um problema com essas teorias. Em meio ao oceano de mentiras

espalhadas sobre Raspútin em vida, nenhuma vez foi mencionado que pudesse ter tido casos homossexuais. Sua vida sexual era lendária, mas nem tanto. Não, Raspútin era decididamente heterossexual e não alimentava nenhum tesão secreto por Félix. Era a mulher do príncipe que ele esperava encontrar aquela noite; a isca era ela, e não o marido.

Há também este testemunho revelador que Iussúpov deu à polícia em 18 de dezembro, no qual admite ter buscado a ajuda de Raspútin por causa de suas tendências “antinaturais”. A princípio contou a Raspútin que sentia uma dor no peito, mas, curiosamente, num dos seus últimos encontros, o siberiano lhe disse: “Vamos curá-lo de uma vez por todas. Só precisamos visitar os ciganos; lá você verá umas mulheres lindas, e sua doença desaparecerá para sempre”. ¹⁵ Seria isso uma admissão de que sua saúde frágil vinha da atração por homens? Ou simplesmente impotência? Seja como for, está claro que Raspútin não estava conduzindo Iussúpov para uma relação física, mas tentando uma espécie de “terapia de reorientação” para curá-lo da atração por homens.

As conversas sobre escapadas sexuais cresceram em extensão e complexidade com o tempo. Já se alegou que Dmítri, Karalli e Derfelden eram amantes (o que é bem possível), ou que Félix e o grão-duque Nikolai Mikháilovitch eram amantes, ou Félix e Dmítri, ou Félix, Dmítri e Sukhotin (o que não parece provável de forma nenhuma). Propôs-se a teoria de que Raspútin foi assassinado porque descobriu a verdade sobre as relações entre Félix e Dmítri e contou ao tsar. ¹⁶ Sugeriu-se que as contusões no corpo morto de Raspútin resultaram de golpes dados por Iussúpov com o cacete que Maklakov lhe deu, uma furiosa reação às investidas indesejadas do siberiano. O oposto também foi sugerido, ou seja, que Iussúpov espancou brutalmente Raspútin por rejeitá-lo. Além disso, há a questão do membro de Raspútin, que teria sido cortado por Iussúpov e depois recolhido e guardado por um dos criados da casa, seguidor secreto do *stárets*. Tempos depois, de acordo com essa versão bizarra, o pênis cortado apareceu em Paris, onde alguns dos devotos seus o preservaram numa geladeira, de onde só o tiravam para seus estranhos ritos sagrados. De lá, depois de novas aventuras, ele foi parar na coleção do primeiro museu de artigos eróticos da Rússia em Petersburgo, um medonho pedaço de carne acinzentada suspenso num

pote de formaldeído. [17](#)

Mesmo que não tenha sido amante de Iussúpov, o grão-duque Nikolai Mikháilovitch, para alguns, foi o mentor do assassinato. Como seu diário demonstra, o grão-duque alimentava pensamentos de assassinar Raspútin (bem como a imperatriz), mas na verdade essas fantasias eram comuns. O diário prova também que ele não tinha estômago para matar. O último biógrafo do grão-duque considera absurda a ideia do seu envolvimento no complô. Nikolai Mikháilovitch precisava de atenção, e é inimaginável que, se tivesse alguma participação no assassinato, fosse capaz de guardar segredo. [18](#) O procurador Zavadski disse a mesma coisa, notando que o grão-duque era conhecido por falar pelos cotovelos, e não haveria possibilidade de fazê-lo calar-se. Inclusive, Zavadski teve um encontro com o grão-duque Nikolai Mikháilovitch logo depois do assassinato e ficou convencido de que ele não sabia praticamente nada sobre o assunto. [19](#) O diário do grão-duque Dmítri, no qual Nikolai é descrito como “uma figura tragicômica”, também deixa claro que o grão-duque não teve participação nenhuma. [20](#)

E havia ainda a questão do inglês. Quase imediatamente depois do assassinato, espalhou-se o boato de que Raspútin tinha sido morto por um agente da Missão de Inteligência Britânica. Esse tipo de conversa era comum entre os russos, bem como entre seus inimigos. Agentes alemães em Estocolmo ligaram para Berlim naquele dia dizendo que foram informados por fonte confiável que entre os homens na casa de Iussúpov naquela noite havia “um jovem inglês”. Outra comunicação secreta enviada para o rei da Bulgária colocava o mesmo inglês dentro do automóvel que saiu com o corpo. [21](#) Os relatos parecem convincentes, exceto quando situados no contexto do universo de rumores da época. Sob essa luz, soam como mais um boato infundado. Eram testemunhos muito pouco confiáveis. Apesar disso, histórias sobre o misterioso inglês ganharam impulso e começaram a aparecer na imprensa russa e estrangeira. O jornal sueco *Aftonbladet* publicou no começo de 1917 que a Inglaterra “estava monitorando e controlando tudo” na Rússia. Como prova, informava que um dos cúmplices do assassinato de Raspútin tinha sido um inglês. O homem cujo nome não era citado supostamente estava envolvido desde o início e foi ao palácio

para certificar-se de que tudo seria feito “por completo e sem empecilhos”. Até ajudou a jogar o corpo no rio. [22](#)

Faz sentido achar que os alemães e búlgaros quisessem colocar um inglês na cena do crime, pois, assim como muitos russos, eles estavam convencidos de que Raspútin fora morto por causa da sua intenção de firmar um acordo de paz em separado com as Potências Centrais. Os ingleses, desesperados para manter a Rússia na guerra, tinham o motivo perfeito. Já em agosto daquele ano, um ex-funcionário do Ministério das Relações Exteriores da Rússia que servira na Pérsia, onde observara o que chamava de pérfidas maquinações dos britânicos, disse a Alexandra que Sir George Buchanan e os ingleses estavam se preparando para matar Raspútin. A imperatriz rejeitou as palavras como infundadas. [23](#) Outros têm implicado também Buchanan, mais notavelmente Spiridóvitch, em cuja opinião ele e funcionários da embaixada britânica foram decisivos para convencer Iussúpov a agir. [24](#)

Os comunicados de Buchanan nos Arquivos Nacionais Britânicos mostram que o embaixador recebera notícia de um complô não muito tempo antes do assassinato. Num telegrama secreto de 18 de dezembro, ele comentou: “Fui informado, cerca de uma semana atrás, por um amigo que mantém estreito contato com um dos grão-duques mais novos, que numerosos jovens oficiais juraram matá-lo antes do fim do ano”. [25](#) Seria o mesmo grupo que matou Raspútin ou outra gangue? Essa é a única prova existente de que Buchanan teve conhecimento prévio do assassinato, e não há nada nos arquivos sugerindo que ele tenha se envolvido em alguma conspiração.

De qualquer maneira, algumas pessoas na Rússia queriam incriminar os ingleses pela morte de Raspútin. Em 20 de dezembro, apareceu um artigo no *Palavra Russa* intitulado “A história dos detetives ingleses”. O autor, um certo “Románov”, escreveu que Raspútin tinha contratado vários agentes da Scotland Yard para trabalhar com a Okhrana para sua proteção pouco antes de morrer. O que ele não sabia, porém, era que esses agentes importados tinham sido comprados por Iussúpov, por isso ficaram do lado de fora do palácio enquanto ele era assassinado. Os ingleses de Petrogrado reagiram imediatamente. A Comissão Anglo-Russa entrou em contato com o jornal e o autor do artigo para saber quais eram as fontes. Románov respondeu que “algumas pessoas

metidas nesse assunto deram nomes ingleses e a questão será investigada”. Já a comissão declarou: “No pé em que as coisas estão, Sir George Buchanan instruiu que, a não ser que a história seja negada por Romanoff nos próximos dias, temos que desmenti-la oficialmente”. ²⁶ No mesmo dia em que o artigo apareceu, Samuel Hoare mandou um telegrama para Mansfield Cumming, chefe do MI1(c), a seção do Serviço Secreto responsável pela contraespionagem e pela coleta de inteligência fora do Império Britânico (posteriormente conhecida como Serviço Secreto de Inteligência [MI6]), informando-o sobre o assunto e perguntando se a história era verdadeira e, em caso afirmativo, quais os nomes dos agentes. ²⁷ No entanto, nenhuma lista de agentes da Scotland Yard operando na Rússia seria mandada, porque nunca houve nenhum.

Hoare percebeu mais tarde que, nos dias seguintes ao assassinato, os “direitistas” da Rússia tentaram enquadrar os britânicos pelo crime, e ele em particular. O boato do seu papel de assassino, escreveu ele, foi tão longe e tão rápido que o embaixador Buchanan precisou marcar audiência com Nicolau para esclarecer. ²⁸ Buchanan falou com o imperador a esse respeito em Tsárskoie Seló, em 1o de janeiro de 1917. E naquele dia num telegrama secreto sobre o assunto:

Hoje na recepção de Ano-Novo o Imperador falou comigo da maneira mais graciosa e amiga. Como relatos foram difundidos, evidentemente por agentes alemães, de que não só detetives ingleses vêm conduzindo uma sindicância sobre o assassinato de Raspútín, mas também que oficiais ingleses estavam ligados a isso, eu disse a Sua Majestade que, como ficaria profundamente entristecido se ele ou a Imperatriz acreditassem nessa história infame, eu queria lhes assegurar da maneira mais formal possível que não havia ali uma palavra que fosse verdade.

Nicolau foi bem específico com o embaixador naquele dia, mencionando pelo nome o agente britânico de que ouvira falar. Não era Hoare, porém, mas um certo Oswald Rayner. Buchanan apresentou a seguinte explicação ao imperador. Quanto às origens da história, escreveu ele, é provável que tivesse a ver com o fato de Rayner, “que temporariamente trabalhou aqui”, ter conhecido Iussúpov em Oxford e se encontrarem muitas vezes em Petrogrado. “Rayner”, prosseguiu ele, “me garante que o Príncipe jamais lhe disse uma palavra sobre o complô, e nem preciso dizer a Sua Majestade que assassinato é um crime abominável para o povo britânico. O Imperador, que evidentemente tinha ouvido alguma coisa sobre Rayner, disse que

estava muito satisfeito com o que lhe contei e expressou os seus mais calorosos agradecimentos.” ²⁹ Buchanan acreditava ter resolvido o assunto com o tsar, mas meses depois Nicolau ainda tinha suas dúvidas sobre o embaixador e os britânicos que serviam na Rússia. ³⁰

Filho de um comerciante de tecido, nascido em circunstâncias modestas em 1888, Oswald Rayner era inteligentíssimo, com uma rara aptidão para línguas. Entrou na Universidade de Oxford em 1907, e dois anos depois lá conheceu outro jovem estudante, o príncipe Félix Iussúpov, de quem se tornou amigo íntimo. Os dois homens nunca se esqueceram um do outro, e, em novembro de 1915, o agora tenente Rayner, chegando a Petrogrado para servir na Missão de Inteligência Britânica, procurou o velho amigo de seus tempos de universidade. Os dois se tornaram muito próximos ao longo do ano seguinte. Encontraram-se com frequência no segundo semestre de 1916. ³¹ Uma carta de Rayner para Iussúpov ainda é mantida nos arquivos russos. Com data de 9/22 de novembro de 1916, Rayner escreveu a Iussúpov, que estava fora da capital, informando que se mudara para um novo apartamento (no 14 da Moika, apartamento 56) e pedindo a Iussúpov que não deixasse de telefonar-lhe assim que voltasse para Petrogrado, pois queria vê-lo ainda uma vez antes de partir para a Inglaterra. ³² Parece que a essa altura Rayner já não trabalhava na Missão de Inteligência Britânica em Petrogrado. É o que dão a entender as palavras de Buchanan ao imperador no Ano-Novo, e uma lista de agentes em atividade na missão, datada de 24 de dezembro de 1916 (NE), não inclui o seu nome. ³³

Iussúpov contou a Rayner sobre a conspiração. Em suas memórias o príncipe relatou que Rayner foi vê-lo no palácio de Sandro na noite do dia 17 para saber como tinha sido. “Ele sabia da nossa conspiração e veio em busca de notícias. Eu me apressei a tranquilizá-lo.” ³⁴ Iussúpov, em outras palavras, conversara com o britânico sobre seus planos, mas Purichkévitich tinha feito o mesmo em seu encontro com Samuel Hoare no começo de dezembro. Agentes britânicos sabiam tudo sobre o complô para matar Raspútin, mas isso quer dizer que o idealizaram, planejaram ou ajudaram a executá-lo? Sobre isso, não existe nenhuma prova incontestável. Mas há uma carta curiosa, datada de 25 de dezembro de 1916/7 de janeiro de 1917, enviada pelo capitão Stephen

Alley, então no Departamento de Controle Militar Britânico em Petrogrado, para o capitão John Scale, oficial da Missão de Inteligência Britânica, na época ausente da Rússia em missão secreta na Romênia:

Caro Scale,

[...]

Embora as coisas aqui não tenham ocorrido inteiramente como planejado, nosso objetivo foi claramente atingido. A reação ao falecimento das “Forças Sombrias” foi boa, apesar de algumas poucas perguntas incômodas terem sido feitas sobre envolvimento mais amplo.

Rayner está cuidando de algumas questões pendentes e sem dúvida o colocará a par de tudo quando você voltar. [35](#)

Se for autêntica (e isso está longe de ser comprovado), [36](#) essa carta seria a melhor prova do envolvimento britânico no assassinato de Raspútin. Envolvimento, sim, mas de que tipo, e até que ponto, não está claro. Como Hoare e Rayner, e ao que parece o restante da missão, sabiam do complô e quase certamente o endossaram, é provável que tenham dado conselhos sobre como matar Raspútin, o que não quer dizer que tenham colocado o plano em ação ou estivessem na casa de Iussúpov na noite do crime.

Embora não haja provas convincentes que indiquem a presença de algum agente britânico na cena do crime, isso não é obstáculo para aqueles que continuam a afirmar que Raspútin foi morto pelos ingleses, e por Rayner em particular. [37](#) A última tentativa de defender essa versão concentra-se na arma que disparou o tiro fatal. Nem Kosorótov, que fez a autópsia, nem o promotor-chefe de Petrogrado na época, nem o investigador do caso presente à autópsia, nem o dr. Vladímir Jarov, nem o perito russo que em 1993 reexaminou as provas ainda existentes, puderam afirmar, com algum grau de exatidão, o calibre ou a marca da arma usada no assassinato. [38](#) Dois estudos recentes das provas, no entanto, apresentam uma conclusão surpreendente. Com base (supostamente) nas marcas distintas em volta do ferimento à bala na cabeça de Raspútin, tais como aparecem nas fotos da autópsia, o tiro só poderia ter sido deflagrado por um revólver Webley calibre .455. Fabricado por Webley e Scott no distrito londrino de Enfield, o Webley .455 era a arma de cinto padrão distribuída para todos os soldados britânicos durante a Primeira Guerra Mundial (os russos usavam o revólver Nagant), sendo portanto inevitável a conclusão de que foi um

inglês que matou Raspútin. ³⁹

A teoria, no entanto, padece de numerosos problemas. Em primeiro lugar, a prova fotográfica é granulada e não mostra de forma convincente as marcas do tipo deixado por um Webley .455. Em segundo lugar, várias marcas e calibres diferentes de armas foram mencionados pelos assassinos. Para citar um exemplo, Lazovert declarou a um repórter do *New York Times*, em setembro de 1918, que Purichkévitch tinha disparado os dois tiros fatais contra Raspútin no pátio do palácio usando um “revólver automático de fabricação americana”. ⁴⁰ Em terceiro lugar, e mais importante, nem só os ingleses portavam Webleys durante a guerra. Entre os volumosos arquivos policiais sobre Raspútin no Arquivo Estatal da Federação Russa há um recibo, datado de 27 de janeiro de 1916, emitido para certo tenente-coronel Poliakov, referente a um revólver Webley-Scott, número de série 26313. ⁴¹ Talvez tenha sido para o cano de um Webley .455 que Raspútin olhou em seus últimos segundos de vida, mas só ele e seus assassinos poderiam dizer quem estava com o dedo no gatilho.

Os arquivos do serviço de inteligência britânico (MI6) não guardam um único documento ligando Rayner, Hoare ou qualquer outro agente ou diplomata britânico ao assassinato. ⁴² Isso não impediu alguns ingleses de afirmarem que tiveram sua participação no crime. Em 1934, o comandante Oliver Locker Lampson, MP britânico que servira por um tempo na Rússia durante a guerra, declarou à imprensa que Purichkévitch lhe pedira para matar Raspútin. A alegação foi recebida com risos. O comandante, comentou o *Church Times*, “tem um grande talento para virar notícia”. ⁴³

A forma amadorística e confusa da trama e da execução do crime também depõe contra o envolvimento de profissionais de agências de inteligência. É difícil imaginar que, se agentes britânicos fossem responsáveis pela operação, as coisas teriam sido conduzidas com tão absoluta incompetência, do começo ao fim. O procurador Sereda disse ao grão-duque Andrei Vladímirovitch em Kislovodsk, no começo de 1917, que “tinha visto muitos crimes, tanto inteligentes como estúpidos, mas uma ação tão incompetente da parte dos criminosos como nesse caso ele nunca vira em toda a sua carreira”. ⁴⁴ Isso, porém, não tinha importância para um país que passara a ver seu aliado sob uma luz

adversa. Muitos russos, cansados da guerra, compartilhavam da opinião expressa no diário de um médico de regimento chamado Vassíli Kravkov, de que “os ingleses, depois de nos agarrarem pelo pescoço, estão nos obrigando a travar a guerra até o fim”.⁴⁵ Era crença corrente que os britânicos estavam dando ordens aos russos e exercendo pressão sobre o tsar para que continuassem na guerra, fossem quais fossem os custos.

A situação lembrava a atmosfera que no passado da Rússia cercara outro importante assassinato político. Em março de 1801, o imperador Paulo I, filho de Catarina, a Grande, foi estrangulado em seu quarto de dormir por um grupo de aristocratas e oficiais das guardas imperiais. Paulo acabara de romper a aliança entre a Rússia e a Grã-Bretanha, em favor da França de Napoleão. Ele se voltou para seu antigo aliado com um plano para contestar a supremacia britânica nos mares e começou a capturar navios britânicos em águas russas e a prender seus marinheiros. O imperador chegou a ordenar às forças russas que atacassem os britânicos na Índia. Os britânicos revidaram. Poucos dias antes do assassinato de Paulo, uma frota britânica entrou no mar Báltico com destino a São Petersburgo. Só depois de tomar conhecimento do regicídio e de saber que o novo imperador, Alexandre, se comprometera a renovar os laços de amizade, os navios deram meia-volta. Napoleão, e muitos russos na época, tinha certeza de que o governo britânico era responsável pelo assassinato de Paulo. Dizia-se em São Petersburgo que Charles Whitworth, embaixador britânico na Rússia, tinha dado uma mãozinha. Mas tudo não passava de boato, e o envolvimento dos ingleses na morte do tsar era pura miragem.⁴⁶ É importante relembrar esse fato quando se examina o caso de Raspútin. Os (supostos) paralelos históricos foram, sim, discutidos na época. Comentava-se na Rússia que Iussúpov e os outros não tinham tido absolutamente nada a ver com o assassinato. Em vez disso, foram espertamente incriminados por agentes ingleses, que planejaram e executaram o assassinato servindo ao interesse do seu país, exatamente como tinham feito um século antes.⁴⁷

No fim das contas, se a bala fatal foi disparada por Iussúpov, Purichkévitch, Dmítri ou mesmo por algum agente britânico é uma questão irrelevante, pois o que realmente matou Raspútin foi a histeria coletiva que tomou conta da Rússia no fim de 1916. Quase todos os

russos se iludiam quanto ao que vinha acontecendo com o país, de quem era a culpa e como salvar a Rússia. O jornal italiano *La Stampa* capturou com precisão a mentalidade da época: “Para todo o povo russo Raspútin se tornara símbolo de um governo onipotente e irresponsável, que levava a Rússia à ruína. O ódio cego e mortal contra Raspútin tomou conta de todo o povo russo. [...] O símbolo do poder inerte que estava bloqueando a estrada do povo russo para a renovação tinha finalmente saído de cena”. ⁴⁸ Para a maioria das pessoas, Raspútin precisava morrer para que a Rússia sobrevivesse. Logo se dariam conta do quanto estavam enganadas.

70. O fim do Jugo de Tobolsk

A Rússia recebeu a notícia do assassinato de Raspútin com alegria quase universal. Samuel Hoare comentou em 19 de dezembro: “O sentimento geral em Petrogrado é notável. Todas as classes falam e agem como se lhes tivessem tirado um grande fardo dos ombros. Criados, *isvostchiks* [cocheiros], operários, todos falam abertamente sobre o acontecimento. Muitos dizem que é melhor do que a maior vitória russa no campo de batalha”. ¹

Ninguém falava em outra coisa. Era o único assunto que interessava. Nadejda Platonova, mulher de um notável historiador, anotou horrorizada em seu diário, no dia 22, que até a balconista da peixaria que frequentava em Petrogrado dava sua opinião abertamente sobre a questão, chegando a denunciar o tsar por seu papel na sórdida carreira de Raspútin. ² Em Moscou, quando a notícia foi anunciada, a plateia do Teatro Imperial exigiu que o espetáculo fosse suspenso e que a banda tocasse “Deus salve o tsar”, enquanto todos se levantavam e cantavam juntos. ³ O mesmo aconteceu em outras cidades do império.

Os assassinos eram saudados como heróis. O *Times* de Londres informou que, durante uma festa na casa de um rico banqueiro, Iussúpov foi recebido com uma ovação entusiasmada e depois coberto de flores e carregado nos ombros. ⁴ Dizia-se que a União dos Zemstvos de Todas as Rússias resolvera criar um fundo, em nome de Iussúpov, para ajudar soldados feridos. E que as doações não paravam de chegar. ⁵ Félix era inundado de cartas de congratulações de simpatizantes de todos os cantos da Rússia. ⁶ Um congresso de trezentos médicos em Moscou votou por presentear Dmítiri com uma coroa de louros, como sinal da gratidão do país. ⁷ O correspondente de guerra inglês Henry

Hamilton vaticinou que as futuras gerações de russos ergueriam um monumento aos assassinos. [8](#)

Não houve ameaças perceptíveis de vingança. A Okhrana de Petrogrado, no entanto, prendeu sete homens estreitamente ligados a Raspútin no dia 19, com receio de que viessem a criar problemas. Entre eles estavam Pkhakadze, o príncipe Nestor Eristov e o comerciante Serguei Vitkun, que revelou às autoridades estar disposto a estrangular os assassinos, e culpou Munia Golovina por ter traído Raspútin entregando-o aos seus verdugos. Nas conversas entre eles Pkhakadze falava que não sossearia enquanto não se vingasse do assassinato. [9](#) Posturas como essa, no entanto, eram raríssimas.

Para a maioria, depois de uma noite longa e terrível, a Rússia tinha acordado para a claridade de um novo dia impregnado de esperanças e possibilidades. A profunda sensação de otimismo que parecia emergir da morte de Raspútin foi capturada pelo *Manhã Russa* no dia 20:

O que mais se quer é acreditar que essa morte “sombria” de um homem sombrio não deixe de produzir efeitos na Rússia, que o poder de limpeza da morte se manifeste como nunca, que esta morte finalmente abra os olhos daqueles que insistem em fechá-los. [...] Que este sangue escuro, purificando com a água morta da redenção histórica, leve o país para mais perto de proezas radiantes. Que as forças sombrias da Rússia expiem com este sangue seu pecado mortal perante nosso amado país. [10](#)

O *Palavra Russa* declarou que a morte de Raspútin marcava o fim do “Jugo de Tobolsk” — um jogo de palavras com o “Jugo Mongol” da Idade Média. A era de Raspútin humilhara o país a tal ponto que conseguira unir todos os russos numa única e indivisa “sociedade de cidadãos”. [11](#) A vida de Raspútin foi, portanto, verdadeiramente histórica, por significar o nascimento da cidadania russa. Mas houve vozes na imprensa que ousaram levantar questões incômodas e impopulares.

O mesmo *Manhã Russa*, que aplaudiu o assassinato, também publicou um artigo que perguntava o que dizer de um país que se alegrava com a morte. Essa estranha reação significava “o verdadeiro espírito da história russa”, terra na qual “cada alegria do *narod* exigia morte, e cada passo para a frente era dado nas costas de cadáveres”. Não era uma ocasião de alegria, mas de desespero, pela noção de que a vida podia ser melhorada por meio de assassinatos; aquilo era apenas um indício do quanto a vida

política e cultural da Rússia era atrasada. Era como se eles se orgulhassem de atingir um ponto no desenvolvimento do país a que o resto da Europa chegara na Idade Média. As pessoas reagiram à notícia como se tivessem ganhado na loteria. A sorte, a sina — eram elas que determinavam a vida na Rússia, não o próprio povo, através do seu trabalho, da sua iniciativa e da sua responsabilidade. Não, os russos não eram diferentes de “escravos romanos”, admitia o jornal, à espera de que os deuses se apiedassem e sorrissem para eles. O assassinato de Raspútin não mudaria nada, porque ele nunca foi a fonte dos problemas da Rússia, apenas um dos sintomas. A fonte de tudo era a eterna “escuridão nascida da irresponsabilidade e da arbitrariedade política”.

O jornal *Dia* usou argumento parecido: “Forças sombrias’ — o temor acabou se tornando o pseudônimo de Raspútin, mas na realidade, entre as forças sombrias, Raspútin era um enorme zero, e as forças sombrias continuam as mesmas de sempre. Raspútin nos deu a chance de não as perceber. É por isso que a Rússia não está respirando mais livremente com a morte de Raspútin, e nada mudará. Só o colapso se intensificará”.¹² O *Liberdade Russa* comparou o assassinato a cortar a “cabeça da Hidra”: Raspútin se foi, mas o sistema que o criou não, e certamente criaria outro para o substituir. O assassinato de Raspútin não significava nada.¹³

Chulgin, escrevendo para *Kievljanin* no dia 23, opinou que, embora os motivos desses “algozes voluntários” fossem “puros”, a verdade era que tomaram “um caminho falso, que poderia nos criar muitos problemas”. Mais tarde, com grande precisão, ele comparou o assassinato à “violência secreta” dos séculos XVIII e XIX, quando pequenos grupos de cortesãos rebeldes destronavam e matavam tsares de modo implacável — Pedro III, em 1762, e Paulo I, em 1801, eram os exemplos mais notórios.¹⁴

O governador de Tobolsk, Ordovski-Tanaievski, foi possivelmente a única autoridade tsarista a denunciar sem rodeios o homicídio. O governador conhecia Raspútin havia mais tempo do que a maioria. Já em 1900, tinha passado a noite na casa dele em Pokróvskoie. Conhecia bem toda a família e, embora não fosse cego aos vícios de Raspútin, era capaz de vê-lo pelo homem que era, não pelo mito que outros confundiam com a realidade. Numa grande reunião em Tobolsk,

Ordovski-Tanaievski se levantou para anunciar que “um camponês da nossa província, da aldeia de Pokróvskoie, Grigóri Iefimovitch Raspútín, teve a morte de um mártir. Digo ‘de um mártir’ porque foi caçado e abatido como uma lebre. [...] Meu Deus, perdoai ao escravo de Deus martirizado Grigóri todas as suas transgressões intencionais e não intencionais, e perdoai-nos por nossas transgressões relativas ao nome dele, pois não há ninguém sem pecado, isso nós rezamos com fervor, pois ele pereceu sem se penitenciar”. [15](#)

Diz muito sobre a Rússia de 1916 o fato de tantos clérigos ortodoxos russos não apenas terem aprovado, mas também abençoado, o assassinato. Serguei Bulgákov fazia uma peregrinação ao Mosteiro de Zosimov, nos arredores de Moscou, quando a notícia chegou. Bulgákov viu com perplexidade que todos os monges comemoraram a notícia do assassinato de Raspútín. [16](#) O metropolita Ievlogui comentou ter dado um “suspiro de alívio” ao ler a notícia nos jornais. Mesmo anos depois, nem uma pontada de tristeza, nem a mais leve apreensão toldaram a alma desse líder da Igreja ortodoxa russa. Um cristão russo como ele, um amigo do tsar, um homem inocente dos crimes que supostamente teria cometido, tinha sido morto a sangue-frio, e a única emoção que o metropolita sentiu foi alívio! [17](#)

Germogen alegava ter ouvido a voz forte de Raspútín atrás dele minutos após ficar sabendo de sua morte: “Por que todo esse regozijo?”, perguntou a voz familiar. “Ninguém deveria estar alegre, mas chorando! Olhem o que vem vindo na direção de vocês!” Germogen não conseguia acreditar no que ouvia. Era real, a voz era real. Ele não ousou virar-se para ver. Fez o sinal da cruz, paralisado de susto. Finalmente, arranhou coragem e olhou para trás. Não havia ninguém mais na cela. Abriu a porta, mas o corredor também estava deserto. [18](#)

Pável Zavarzin lia a notícia com seus companheiros de viagem no vagão-restaurant de um trem rumo à Rússia central quando um homem, um comerciante siberiano de meia-idade, rompeu o silêncio: “Graças a Deus se livraram desse canalha”. Com isso, todos começaram a falar ao mesmo tempo. As opiniões entre os passageiros variavam. “A morte de um cão para um cão”, alguém murmurou, enquanto outros viam alguma coisa de errado naquilo. Ouviu-se alguém dizer que um nobre de verdade não convida um homem a sua casa para matá-lo;

outro comentou que o assassinato cometido por homens tão próximos ao trono equivalia a uma facada nas costas do soberano russo. “É uma prova de colapso e de inevitável revolução”, disse um siberiano de barba e óculos. [19](#)

O fato de os assassinos de Raspútin serem aristocratas não passou despercebido pela gente comum. Uma senhora da sociedade de Petrogrado ouviu um soldado ferido num hospital militar lamentar-se: “Pois é, só um camponês conseguiu chegar até o tsar e por isso os patrões o mataram”. Era uma opinião bastante comum entre as massas e ajudou a alimentar o ódio contra as classes altas da Rússia, que logo irromperia com fúria tão descontrolada. [20](#) Um camponês de Pokróvskoie disse a Serguei Markov, de passagem pela aldeia no começo de 1918, que os “*burschujs*” tinham matado Raspútin porque ele defendia os interesses dos pobres perante o tsar. [21](#)

E, claro, o assassinato foi um golpe doloroso para os seguidores de Raspútin. Dizia-se que os Golovin ficaram histéricos ao ouvir a notícia. [22](#) Mas aparentemente Liubov Golovina a aceitou com bastante rapidez. Belétski escreveu que a viu no começo da primavera na casa de Vírubova, onde ela disse que a morte de Raspútin lhe provou que ele na verdade não era assim tão profético, do contrário teria falado a respeito dessa tragédia iminente. Belétski concordava. Tinha ouvido o próprio Raspútin dizer num domingo à noite, em junho de 1916, em seu apartamento na Gorokhovaia, que estaria presente por mais cinco anos, depois dos quais deixaria seus seguidores, sua família e o mundo para ir viver em recolhimento à moda dos homens santos de antigamente. [23](#)

Iussúpov e seus coconspiradores esperavam libertar Nicolau da influência de Raspútin e Alexandra, e com isso salvar a monarquia. Não só não salvaram a monarquia como ajudaram a apressar o seu fim. Como notou Aleksandr Blok, famosa e corretamente, a bala que matou Raspútin “atingiu o coração da dinastia reinante”. [24](#)

Embora a bala já tivesse atingido o seu alvo, as autoridades ainda tentavam manter a vigilância. Na verdade, a Okhrana de Moscou notou com surpresa no fim de dezembro que, longe de diminuir a falação sobre Raspútin, seu assassinato a rigor deu-lhe novo impulso, e foram descobertos vários esforços para publicar material danoso. Ficava claro

que o ponto de interesse final não tinha sido Raspútin, mas os círculos que viviam sob sua influência, que seus inimigos continuaram tentando alvejar. Aleksandr Prugavin vinha realizando para grupos de Moscou sessões de leitura, repletas de “material sensacionalista”, desacreditando numerosos personagens importantes. Muito desse material provinha do manuscrito de Iliodor, do qual Prugavin já tinha publicado trechos na *Gazeta Russa*. Ele negociava também os direitos do livro de Iliodor com editores na Inglaterra, França e Alemanha, e ao mesmo tempo Serguei Melgunov fazia planos para publicá-lo na Rússia. Dizia-se que Aleksandr Kérenski, advogado, político da Duma e futuro chefe do governo provisório, estava preparando uma obra com novas e surpreendentes informações sobre Raspútin. Ele teria usado a linguagem mais simples para alcançar a audiência mais vasta possível.

Vassíli Maklakov também estava muito ocupado dando palestras para grupos em Moscou. Dizia ao seu público que a má influência de Raspútin tinha sido muito maior do que se imaginava. Se houve época em que isso só era conhecido nas grandes capitais, agora penetrara em toda a Rússia, mesmo nos casebres camponeses mais humildes, nas aldeias mais remotas. Se os governantes ouvissem o que se dizia nesses pobres casebres, afirmava Maklakov, ficariam horrorizados. Era tarde demais para voltar atrás. Uma revolução estava em andamento na mente e na alma do povo russo, como nunca se vira em toda a história. A centenária fé do *narod* no tsar, na natureza divina de sua autoridade, estava entrando em colapso. Mais que uma revolução, o que a Rússia tinha diante de si era a mais absoluta catástrofe. “A Rússia”, escreveu ele, quando soube do assassinato, “tornou-se uma cúpula sem cruz.” ²⁵ Sandro tentara abrir os olhos de Nicolau e Alexandra para a realidade de revolução, dizendo-lhes no dia do Natal que eles viviam o momento mais perigoso da história da Rússia. ²⁶ Suas palavras foram descartadas como paranoia sem fundamento.

George Buchanan teve uma audiência com Nicolau em Tsárskoie Seló em 31 de dezembro. Foi um encontro difícil. O tsar adotou uma postura altaneira, e estava claro que não queria que Buchanan tocasse em assuntos incômodos, mas o embaixador achava que não tinha escolha. Enfatizou o perigo da situação e “a necessidade de recuperar a confiança do povo”, ao que Nicolau respondeu: “O senhor quer dizer

que devo recuperar a confiança do meu povo, ou que meu povo deve recuperar a minha?”. Buchanan insistiu. Tentou transmitir a Nicolau seu medo do perigo que pairava sobre o imperador e sua família. Buchanan saiu de Tsárskoie Seló quase sem esperança. “Impossível dizer qual será o desfecho desta crise”, observou, “mas tanto o imperador como a imperatriz parecem possuídos de uma loucura e estar deliberadamente cortejando o desastre.” [27](#)

Quando Buchanan foi embora, Nicolau saiu para dar um passeio e à meia-noite foi à igreja. “Rezei fervorosamente a Deus para que tenha piedade da Rússia”, escreveu ele em seu diário. [28](#)

PARTE SETE
AS CONSEQUÊNCIAS
1917-8

71. Tempo de dominós

No começo de janeiro de 1917, Hellmuth Lucius von Stuedten, o representante alemão em Estocolmo, encontrou-se com um diplomata sueco que acabava de voltar da Rússia, onde assistira à recepção do Ano-Novo no palácio. Ele disse a Lucius que o rosto do tsar estava bem vermelho, e era voz corrente que andava bebendo muito. Ninguém falou de outro assunto que não fosse o assassinato de Raspútin, e havia um consenso de que grão-duques de todos os ramos da família estavam envolvidos. Dizia-se também que houvera um atentado contra a vida da imperatriz, mas o assassino foi apanhado antes que pudesse agir e enforcado imediatamente, ocultando-se com isso o fato da opinião pública. Mais assassinatos, no entanto, certamente viriam. Vírubova era a próxima da lista, seguida por Protopópov, o príncipe Andrónnikov e o general Voeikov. ¹

No fim de dezembro, Vírubova recebeu uma carta com ameaças:

Finalmente, aquela criatura vil, aquele vilão Raspútin foi varrido da face da terra. Não alimente nenhuma esperança de que seu corpo apodrecido traga a você e a Alexandra Fiódorovna alguma alegria — vocês, traidoras, eles ainda vão pegar você e ela, e a catedral imperial de Fiódorovski voará pelos ares, de modo que os restos daquele canalha, que zombou de toda a Rússia e da Europa, não maculem o santo altar, sob o qual você e aquela idiota hessiana deram um jeito de sepultá-lo. Chore, uive junto com essa histórica reinante, azar da Rússia. Alegria-nos que os grandes filhos da Rússia tenham acabado com ele na hora certa. ²

Buchanan mandava para Londres telegramas com informações semelhantes sobre assassinatos. Mesmo antes do começo do ano, ele informou que, com base em conversas que teve com o grão-duque Nicolau Mikháilovitch, mais assassinatos certamente viriam, a começar por Protopópov. ³ O primeiro-ministro Trépov, disse ele, estava com

tanto medo de ser morto que pensava em renunciar. Falava-se também no assassinato da imperatriz. ⁴ Em 3 de janeiro, ele escreveu que a expectativa geral em Petrogrado era “que se o Imperador não ceder, alguma coisa vai acontecer na próxima quinzena, seja na forma de uma Revolução Palaciana ou de tentativas de assassinato. Acredita-se que esses últimos sejam mais prováveis e, embora toda essa conversa possa ser exagerada, ouvi ex-ministros e altos funcionários discutirem questões caso o imperador seja morto, bem como a imperatriz”. ⁵

O médico do exército dr. Vassíli Kravkov anotou em seu diário em janeiro que, ao chegar a Petrogrado vindo do front, ficou espantando com a atmosfera revolucionária na cidade. Havia grande expectativa sobre um golpe palaciano e conversas constantes sobre assassinatos políticos. Ouviu dizer até que o general Brusilov tinha tentado dar um tiro no imperador. ⁶ No começo de fevereiro, o ministro do Exterior alemão recebeu um telegrama de Copenhague declarando que um oficial das guardas ligado ao príncipe Iussúpov teria feito um disparo contra o imperador, mas errou. Nada se sabia sobre o que aconteceu com esse oficial. ⁷ Um relatório secreto a respeito da situação na Rússia foi enviado para o chefe do estado-maior alemão, marechal de campo Paul von Hindenburg, em 24 de janeiro (NE), descrevendo minuciosamente o ânimo revolucionário que tomava conta do país. Hindenburg encaminhou o documento para o kaiser Guilherme, que anotou sua reação no rodapé do relatório:

Se quiser sobreviver, o tsar precisa enforcar os grão-duques, esses assassinos, incluindo naturalmente Nikolai, e tem que neutralizar o mais rápido possível Lady Buchanan — esse Satã de saia —, do contrário estará totalmente perdido, e a Inglaterra se livrará dele como fez com o tsar Paulo, Pollio, Jaurès, Casement, Witte, Raspútín! Quem quer que se importe com ele deve lhe dizer isto na cara. ⁸

O governo alemão recebeu informações em janeiro sugerindo que o governo russo tinha pelo menos um plano: ou seja, para que a dinastia tentasse desviar o ódio contra ela dirigindo a raiva para os judeus e incitando pogroms. A noção subjacente a esse plano era que os judeus deveriam pagar pela morte de Raspútín. “Os judeus pagarão pelo sangue de Raspútín com o próprio sangue.” ⁹

Muita gente, claro, tinha tentado abrir os olhos de Nicolau para a situação, mas ele se recusava a reconhecê-la. Sandro escreveu-lhe no fim

de janeiro dizendo que o país passava pelo momento mais perigoso de sua história, e que eles estavam marchando para a ruína inevitável. O tsar precisava agir, tinha que escutar a voz do povo, superar o abismo cada vez maior entre o trono e seus súditos. Em seguida Sandro visitou Nicolau e Alexandra para alertá-los do perigo, sem meias palavras. Alexandra o recebeu com frieza. Nicolau ficou sentado, fumando tranquilamente e ajeitando as dobras do casaco circassiano, sem dizer uma palavra. “Eu me recuso a continuar essa disputa”, disse Alexandra. “O senhor está exagerando o perigo. Algum dia, quando estiver menos agitado, admitirá que eu tinha razão.” ¹⁰ Foi a última vez que os dois se encontraram. Nessa época, ela teve um sonho: Raspútin estava no Céu, com os braços abertos, abençoando a Rússia. ¹¹ Tudo daria certo. Seu Amigo lhe dissera isso do além-túmulo.

Buchanan tivera uma conversa parecida com a de Sandro um mês antes, a sós com o imperador. “Perguntei ao imperador se ele percebia claramente a gravidade da situação e a linguagem revolucionária que se escutava não só em Petrogrado”, escreveu ele num comunicado secreto,

mas em toda a Rússia. Sua Majestade disse que estava bem (ciente) de que as pessoas se entregavam a esse tipo de conversa, que eu não devia levar muito a sério. Respondi que uma semana antes de Raspútin ser assassinado eu tinha sido informado de que era iminente um atentado contra sua vida, mas eu não tinha dado atenção. Não poderia, portanto, ignorar relatos que agora me chegavam de todos os lados a respeito de outros assassinatos possíveis. Não havia como saber onde isso tudo ia parar. [...]

Para concluir, supliquei a Sua Majestade que perdoasse a minha franqueza e soubesse que ela era inspirada por meus carinhos sentimentos de devoção a Sua Majestade e à imperatriz e pelo meu temor de que sem uma reconciliação entre ele e seu povo a guerra estaria perdida. Sua Majestade estava numa encruzilhada. Um caminho levava à vitória e a uma paz gloriosa — o outro à revolução e ao desastre.

Nicolau agradeceu a Buchanan por sua franqueza e disse que concordava com ele. Mas o embaixador saiu convencido de que o imperador acabaria ignorando seu conselho e não faria coisa nenhuma.

¹²

Dizia-se que Nicolau e Alexandra agora só davam ouvidos a Protopópov e que ele estava completamente doido. Em 29 de janeiro, o embaixador americano, David Francis, escreveu para o Departamento de Estado informando ter ouvido que Protopópov entrara em transe enquanto falava com a imperatriz, e depois disse a ela que falara com

Jesus Cristo, que o instruíra a seguir os ensinamentos de “São Raspútin”.¹³ Corriam boatos de que Protopópov realizava sessões espíritas com Nicolau e Alexandra, nas quais eles convocavam o espírito de Raspútin e lhe pediam conselhos. Outros sustentavam que Protopópov contou a suas majestades que a alma de Raspútin deixara o corpo morto e agora residia nele, Protopópov. Um diplomata russo alegava até que Protopópov tinha adquirido o hábito de imitar o jeito de falar de Raspútin.¹⁴ O Ministério do Exterior da Alemanha recebeu informações de uma fonte na Suécia de que Protopópov ia com frequência rezar com Alexandra no túmulo de Raspútin e que o ministro precisava desesperadamente de dinheiro, oferecendo, portanto, uma possível abertura para conversas sobre um acordo de paz em separado com a Rússia.¹⁵

Ao mesmo tempo que se acreditava que Protopópov assumira o lugar de favorito, havia relatos sobre outros pretendentes. Um desses boatos sustentava que Mítia, o Fanho, antigo rival de Raspútin, tinha voltado e estava na disputa.¹⁶ Outro candidato era um monge de nome Mardari. O padre Mardari, mais tarde bispo (nascido Uskoković), montenegrino, formado pelo Seminário Teológico de Petersburgo, vinha sendo citado como substituto em potencial desde o começo de 1916. Era conhecido como pregador inspirado, com o dom da profecia e, como Raspútin, dotado de olhos intensos, ardentes. Além disso, era jovem — apenas 27 anos — e bonito.¹⁷ A imprensa informou, logo depois da morte de Raspútin, que o siberiano nos últimos três anos tinha tido medo de perder o lugar para Mardari e tentara conseguir a sua expulsão da Rússia. Enfurecia-se com crescente popularidade do belo monge nos salões da capital.¹⁸ De acordo com Rodzianko, Alexei Khvostov tivera planos de substituir Raspútin por Mardari, que seria sua ferramenta na corte.¹⁹

O próprio Mardari demonstrava intenções evidentes de melhorar de situação. Aparentemente quis fazer um discurso na Duma em 22 de dezembro sobre “O mistério de Rússia”, incluindo seus pensamentos sobre o assassinato de Raspútin.²⁰ De fato, pronunciou um discurso no dia 22 em Petrogrado — embora não na Duma — que atraiu uma multidão enorme. Muitos seguidores de Raspútin o procuraram e ofereceram 4 mil rublos para que não mencionasse o siberiano em seu

discurso, quantia que ele recusou; mas então o vice-ministro do Interior apareceu e o advertiu, nos termos mais severos, que não ousasse mencionar o nome de Raspútin, ou o programa seria imediatamente interrompido. Essa ordem ele acatou. Mardari foi sufocado por mulheres jovens que queriam seu número de telefone e endereço. Um dos seus seguidores masculinos naquela noite escreveu que Mardari era diferente, na verdade superior a Raspútin: “Mardari é uma espécie inteiramente diferente: ardoroso patriota russo e guerreiro da união eslávica. Ele mesmo é de Montenegro — muito bonito, cabelos castanhos e cachos como os de Cristo. Se fosse louro, a semelhança seria ainda mais notável”. [21](#)

Ninguém parecia capaz de tomar o lugar de Raspútin para o tsarévitch Alexei. Ele adoeceu em fevereiro, e quando o marinheiro Derevenko, cuja função era tomar conta do tsarévitch, lhe disse que acabara de rezar aos santos para que Alexei melhorasse, o menino não quis nem saber. “Não existem mais santos! Existia um santo — Grigóri Iefimovitch, mas ele foi morto. Agora as orações não fazem mais sentido, nem tentar me curar. Se ele estivesse aqui, me traria uma maçã, tocaria onde dói, e eu me sentiria melhor imediatamente.” [22](#)

Em 22 de fevereiro, Alexandra escreveu de Tsárskoie Seló para Nicolau.

Meu preciosíssimo,

Com angústia & uma dor profunda eu deixei você ir embora — sozinho, sem a terna, cálida, ensolarada companhia do doce Bebê! * E que tempos difíceis atravessamos agora. Estarmos separados torna tudo mais difícil de aguentar [...] não posso fazer nada além de rezar & rezar & Nosso querido Amigo o faz lá no outro mundo por você — lá ele está ainda mais perto de nós — Apesar da vontade de escutar sua voz de consolo e encorajamento. [...] Cristo esteja perto de você, & a doce Virgem nunca lhe falte — nosso amigo os deixou para [juntar-se a] ela. [23](#)

No dia seguinte, ela mandou para Nicolau a cruz que Raspútin usava quando foi assassinado, dizendo-lhe que a carregasse consigo, pois o ajudaria a tomar decisões difíceis. [24](#) Já Nicolau não sentia necessidade de cruz nenhuma, pois não previa decisões difíceis. Escreveu-lhe do trem na volta para a Stavka para dizer que estava pensando em jogar dominó, uma vez que, em suas palavras, “não há trabalho para mim” lá.

Como tinha feito muitas vezes nos últimos dois meses, Alexandra, acompanhada pela filha Maria, foi rezar no túmulo de Raspútin em 26

de fevereiro. Estava feliz com o andamento da construção da igreja, já com paredes que a protegiam dos olhares curiosos quando se ajoelhava para rezar. Ali sentia uma paz profunda. “Ele morreu para nos salvar”, escreveu para Nicolau no fim daquele dia. ²⁵ E no dia seguinte, 27, a imperatriz visitou o túmulo novamente com Vírubova e Lili Dehn. ²⁶ Seria a última vez. Dois dias antes houve distúrbios em Petrogrado. A Revolução de Fevereiro tinha começado.

Na manhã do dia 23, milhares de operárias saíram às ruas cantando por pão. Durante sua marcha, outros operários a elas se juntaram, emergindo das fábricas da cidade. Ao meio-dia, mais de 50 mil inundavam as ruas, e ao escurecer esse número chegava a 90 mil. Os gritos agora pediam “Abaixo a guerra!” e “Abaixo o tsar!”. Janelas foram quebradas, lojas invadidas, as prateleiras das padarias esvaziadas. As autoridades conseguiram restaurar a ordem, mas no dia seguinte o número de pessoas nas ruas subiu para 200 mil. Operários em greve marcharam para o coração da capital, pela avenida Niévski. A polícia, assoberbada pela situação, assistia a tudo, confusa. Em 24 de fevereiro, os principais ministros, o presidente da Duma Rodzianko e o prefeito de Petrogrado se reuniram para discutir a crise. Só Protopópov não estava lá. Paléologue escreveu no dia 25 que durante a crise “ele sem dúvida estava conferenciando com o espírito astral de Raspútin”. ²⁷ No dia 25, o número de manifestantes alcançara 300 mil, um extravasamento de raiva que não se via desde a Revolução de 1905. Soldados despachados para reprimir passavam para o lado do povo. Gritos de “Viva a revolução!” agora suplantavam os de “Abaixo a guerra!”. A situação estava fora de controle. No dia 26, dezenas de manifestantes foram baleados e mortos, mas isso, em vez de abalar os espíritos, deu mais força ao povo. Soldados começaram a aderir. Apontavam as armas para seus comandantes, e motins se espalharam pelas guarnições. As autoridades perderam o controle da capital. No dia 27, operários e soldados abriram as prisões da cidade, depois invadiram as delegacias de polícia, os tribunais, o Ministério do Interior e a sede da Okhrana, queimando seus arquivos. A violência de rua imperava. Policiais eram caçados e mortos nas ruas. Pessoas bem-vestidas eram atacadas. A cidade foi saqueada. Naquela noite, os ministros do tsar se reuniram no Palácio Marínski para apresentar sua renúncia e em seguida desaparecer

na escuridão, na esperança de chegarem em casa a salvo. Sobre o Palácio de Inverno tremulava a bandeira vermelha.

No começo da manhã do dia 28, Nicolau partiu da Stavka para Tsárskoie Seló, mas seu trem foi parado a 150 quilômetros de distância, quando relatos de tropas amotinadas nas redondezas foram recebidos. De lá, o trem imperial tomou a direção oeste, para Pskov, quartel-general do Front Setentrional, onde chegou na noite de 1o de março. “Vejam o que vocês fizeram”, disse o general Rúzski, comandante do Front Setentrional, para Voeikov, quando eles chegaram, “toda a sua panelinha de Raspútin... Onde vocês meteram a Rússia agora?” ²⁸ Alexandra, preocupada, desesperava-se, sem saber o que tinha acontecido com Nicolau. No dia 2, ela lhe mandou uma carta pedindo que lembrasse de usar a cruz de Raspútin, mesmo que fosse desconfortável, pois só isso daria a ela alguma paz de espírito. ²⁹

Os acontecimentos se aceleraram durante os dois dias em que Nicolau esteve no trem. Em Petrogrado, um grupo de deputados da Duma tinha atacado o Comitê Provisório — que logo viria a ser o governo provisório que governaria a Rússia (só no nome) por oito meses — para tentar restaurar a ordem e dobrar o poder crescente de um órgão rival, o Soviete de Deputados Operários e Soldados. Pressionado por Rodzianko, bem como Rúzski e os outros generais que não tinham a menor vontade de sufocar o levante com tropas do front — providência que poderia ter funcionado, mas com o risco de deflagrar a guerra civil —, Nicolau decidiu que a única opção que lhe restava era abdicar. No fim da noite de 2 de março de 1917, o reinado de Nicolau II chegou ao fim e, com ele, três séculos de regime Románov. Nicolau registrou a ocasião com uma única frase em seu diário: “Traição, covardia e falsidade por toda parte!”. ³⁰ Nicolau enfim chegou a Tsárskoie Seló no dia 9, juntando-se à família no Palácio de Alexandre, onde passaram a morar sob prisão domiciliar.

A notícia da abdicação foi recebida com uma explosão de alegria. Houve uma onda de otimismo e esperança de que as coisas finalmente melhorassem, agora que o pesadelo do reinado de Nicolau e da dinastia dos Románov acabara. Uma nova era de liberdade parecia iminente. Consta que um camponês teria dito que “a alma do povo era capaz de aturar qualquer coisa que não fosse Grichka no trono”. A gente comum

gracejava dizendo que, em vez da bandeira real, um par de calças de Raspútín agora tremulava em cima do palácio imperial. [31](#)

* O tsarévitch.

72. Aqui jaz o cão

O túmulo de Raspútin foi descoberto poucos dias depois do colapso da monarquia. As circunstâncias que cercaram a descoberta são confusas e contraditórias. Consta que Aleksandr Kérenski, ministro da Justiça do novo governo provisório, teria se encontrado com um grupo de jornalistas no Palácio de Táurida, em Petrogrado, nos primeiros dias de março para conversar sobre uma “questão delicadíssima”. Era imperativo que o lugar de repouso final de Grigóri Raspútin fosse encontrado, disse ele, para evitar que se tornasse um santuário para os seguidores do homem santo assassinado e possivelmente um ponto de reunião de adeptos do velho regime. Parece que naquela época ninguém sabia onde o corpo tinha sido sepultado. Havia rumores de que fora mandado de volta para a Sibéria, ou enterrado secretamente num dos cemitérios da capital. Onde quer que estivesse, disse ele aos repórteres, o corpo “precisa ser encontrado e destruído sem alarde”. ¹

Segundo outra versão, o capitão Klimov, chefe da bateria aérea estacionada em Tsárskoie Seló, tinha ouvido rumores de que Raspútin estava enterrado naquela área, e decidiu incumbir seus soldados de encontrarem o túmulo em 1o de março. Ele tentou localizar os coveiros, mas foi informado de que todos haviam sido mandados para a Sibéria logo depois do sepultamento. Na época duvidava-se que fossem capazes de manter a boca fechada. Moradores falavam de um serviço religioso realizado no mato no fim de dezembro, perto de onde uma igreja estava sendo construída para Vírubova. Klimov tinha visto Alexandra e a filha Olga andando na área mais de uma vez e também ouvira falar de pessoas que iam até o canteiro de obras apanhar subrepticiamente torrões de neve e serragem, que teriam raros poderes de

cura. Voltou sua atenção para esse lugar e mandou os soldados escavarem sob a capela. Ali, onde futuramente seria o altar, depararam com um caixão de metal debaixo de cerca de três metros de terra.

A descoberta foi noticiada na imprensa em 9 de março. A cabeça de Raspútin, repousando num travesseiro de rendas de seda branca, tinha empretecido, segundo as notícias, e o ferimento provocado pela bala fatal na testa estava recheado de chumaços de algodão. Os olhos tinham afundado no crânio. O caixão foi erguido do chão, colocado num caminhão e transportado para a prefeitura. O comandante de Tsárskoie Seló telefonou para os líderes do novo governo em Petrogrado pedindo novas instruções. ²

Depois que funcionários locais inspecionaram o corpo, o caixão de Raspútin foi posto num caminhão e transportado para a estação ferroviária de Tsárskoie Seló. Ali puseram o caixão numa caixa de madeira e o levaram para um vagão de carga, que em seguida foi selado e posto sob guarda, à espera de ordens do governo provisório. ³ Na capital, o príncipe Gueórgui Lvov, chefe do governo provisório, já tinha decidido que o corpo de Raspútin deveria desaparecer para sempre. Convocou o jornalista Filipp Kupchinski e o encarregou do serviço. Conversaram sobre como se livrar dos restos de Raspútin e decidiram que a melhor coisa a fazer era queimá-los. Quando Kupchinski estava de saída para Tsárskoie Seló, Lvov lhe disse: “Claro, se for destruído acabaremos com o culto do cadáver ou qualquer outro problema com seus restos, o que será proveitoso para toda a Rússia. [...] Encarrego-o de fazer o que julgar necessário, mas lembre-se: seja cuidadoso”.

Quando Kupchinski chegou à estação na noite do dia 9, uma grande multidão, em resposta a rumores sobre o corpo de Raspútin, já se formara. Com medo de ser seguido se tentasse tirar o caixão, Kupchinski decidiu deixá-lo onde estava e ordenou que o trem saísse da estação tranquilamente, em direção sudeste, para Pavlovsk. Ali, na estação deserta, Kupchinski ficou aguardando com um caminhão para levar o corpo para Petrogrado. Voltaram na escuridão da noite sob a neve e o vento fortes até o prédio dos velhos estábulos imperiais na praça Koniuchennaia, onde chegaram por volta da uma da manhã no dia 10. Estacionaram o caminhão, trancaram a porta dos estábulos e foram embora. Mais tarde se disse que o caminhão estava estacionado

perto da carruagem nupcial real. Kupchinski voltou no fim da manhã. Abriu o caixão; ali, diante dos seus olhos, estava Raspútin. Então foi ver Lvov para informá-lo de que o corpo agora estava na cidade. Lvov o instruiu a terminar o serviço aquela noite. No fim da noite, Kupchinski, acompanhado de alguns ajudantes de confiança, encheu o caminhão de gasolina e mandou o motorista se preparar. Pouco depois da meia-noite do dia 10, o veículo saiu dos estábulos e lentamente seguiu pelas ruas desertas até os limites da cidade. O motorista tinha recebido das novas autoridades um passe especial, para não correr o risco de ser detido por uma das muitas milícias ao longo do trajeto. Depois de sair da cidade, o caminhão tomou a direção nordeste para Lesnoi.

Para onde foi o caminhão depois disso continua sendo um mistério, cem anos depois. De acordo com um relato deixado por Kupchinski, antes de chegar a Lesnoi o caminhão atolou na neve e não pôde seguir adiante. Depois de discutirem algumas ideias, os homens decidiram se livrar de Raspútin ali mesmo. Abriram as portas de trás do veículo, tiraram o caixão de zinco de dentro da caixa de madeira e entraram no mato ao lado da estrada. O caixão era pesado, e os homens afundavam na neve, andando com dificuldade. Prosseguiram cada vez mais para dentro do bosque. Já eram as primeiras horas da manhã do dia 11.

Alguns deles prepararam uma fogueira e a alimentaram com gasolina, enquanto os outros abriram o caixão e levantaram a tampa. Apesar do gelo, o cheiro de carne podre os atingiu direto no rosto. Kupchinski olhou para o caixão aberto: “À luz da fogueira, vislumbrei a face totalmente exposta e preservada de Grigóri Raspútin. A barba bem tratada, mas de corte um tanto irregular, um olho arrancado, a cabeça golpeada. Tudo o mais estava preservado. As mãos pareciam as de uma pessoa ainda viva. A camisa de seda colorida parecia perfeitamente nova e limpa”.

Removeram o corpo do caixão e o arrastaram até a fogueira com ajuda de tábuas. Depois jogaram mais gasolina. Logo Raspútin estava envolto em chamas. Faíscas verde-azuladas voavam do corpo. Kupchinski recordava-se da cena:

Fumaça sufocante, e o fedor mais característico, de pesadelo, estranho.

Ficamos em volta da fogueira formando um grupo fechado e não tirávamos os olhos do rosto do morto. A barba de Raspútin já tinha queimado, mas as maçãs do rosto

embalsamadas resistiram teimosamente às chamas por muito tempo. Acompanhados de silvos e crepitações, rastros de uma horrível fumaça amarela escapavam das profundezas do cadáver. ⁴

Mikhail Chabalin era um dos homens em pé em volta da fogueira. Lembrava-se de que o corpo ardeu durante horas. O céu começou a clarear, e eles ficaram com medo de ser descobertos. Passantes tinham notado o fogo, e alguns homens fardados precisaram ser despachados para conduzi-los de volta à estrada. Às sete da manhã, tudo que restava era o peito de Raspútín, que, por alguma razão, se recusava a queimar. De repente um deles pegou uma pá e bateu com força na massa chamuscada de carne e osso. Repetidamente golpeou o torso de Raspútín. Aos poucos, o tronco começou a partir-se, exalando um cheiro horrível. “Perdoe-nos, Grigóri Iefimovitch”, sussurrou alguém. ⁵ Eles apagaram a fogueira, espalharam as cinzas e os pedaços de ossos e cobriram o chão com neve fresca e galhos. Chegaram à cidade antes do meio-dia. Não muito tempo depois, Kupchinski voltou ao local. Alguém tinha pendurado uma placa rústica numa bétula próxima: “O cão jaz enterrado aqui”. ⁶

A notícia da cremação foi dada pelos jornais. “Suas cinzas foram espalhadas pelo campo e cobertas de neve”, noticiou a *Gazeta da Bolsa de Valores*. “Quando a primavera finalmente chegar, as águas primaveris lavarão as cinzas e a sujeira e, quem sabe, os brotos luxuriantes de vida nova expulsarão da nossa memória o nome de Raspútín.” Nicolau e Alexandra leram o relato da expedição de Kupchinski nos jornais do dia. Um deles sublinhou as partes mais terríveis da história com lápis vermelho. Zinaida Gippius anotou em seu diário depois de ler a reportagem: “Psicologicamente, é compreensível, porém há qualquer coisa de imundo aqui, para um jeito de pensar russo”. ⁷

Imundo, sim, mas foi isso que realmente aconteceu?

Kupchinski publicou seu relato em maio daquele ano, e esse texto tem servido de base para a história aceita do destino do corpo de Raspútín. Mas, recentemente, essa história foi reexaminada, e agora parece que ele talvez não tenha contado a verdade sobre o que aconteceu naquelas primeiras horas da manhã.

Em sua narrativa, Kupchinski menciona ter passado pelo Instituto Politécnico de Petrogrado em Lesnoi antes e depois da queima do corpo

de Raspútin. A rigor, o documento oficial atestando a destruição do cadáver, redigido imediatamente depois do fato, está assinado por seis estudantes do instituto que ajudaram Kupchinski a livrar-se do corpo. Kupchinski, conforme se descobriria, não era apenas um jornalista, mas anos antes da revolução tinha também encabeçado os esforços para organizar o primeiro crematório de Petrogrado. Como parte desse projeto, visitou o instituto para consultar especialistas sobre o assunto. Como pessoa com uma noção do enorme fogo que se faz necessário para destruir completamente um cadáver humano, parece razoável supor que Kupchinski saberia da quase impossibilidade de queimar o corpo de Raspútin numa fogueira preparada às pressas no meio da neve dentro do mato. E, durante sua visita ao instituto, muito provavelmente lhe mostraram a vasta casa das caldeiras, cujos gigantescos caldeirões poderiam consumir com facilidade o corpo de Raspútin no mais completo sigilo. Lvov chamou Kupchinski para se livrar do corpo justamente por saber do seu interesse pela cremação humana. É muito provável que não tenha havido caminhão nenhum atolado na neve, nem fogueira improvisada. Em vez disso, Kupchinski teria ido direto para o instituto em Lesnoi, onde o corpo foi descarregado, jogado nas caldeiras e incinerado. Inclusive, anos depois, dois ex-estudantes do instituto, um deles o conceituado químico soviético Ivan Bachilov, confirmaram que Kupchinski chegou ao instituto na noite de 10 de março para destruir o corpo de Grigóri Raspútin. ⁸

Kupchinski provavelmente mentiu para agradar ao governo provisório. Ao inventar uma história sobre a queima de Raspútin num bosque vagamente identificado, cumpriu a instrução de fazer o corpo sumir sem deixar vestígio. Seus rastros estavam apagados. Ninguém jamais encontraria a sepultura final de Raspútin.

73. O mito

O colapso da monarquia desencadeou uma explosão de propaganda anti-Raspútin, e foi então que o mito adquiriu sua forma definitiva. O processo na verdade tinha começado dois meses antes, nos dias seguintes ao assassinato, mas agora, não havendo mais nem regime nem restrições à liberdade de expressão, os panfletos, volantes, peças de teatro, filmes, cartuns e sátiras dedicados a Raspútin cresceram em maré montante. Depois de uma década de brincadeiras de gato e rato, todos eram livres para dizer o que quisessem, e era isso que faziam.

O *Almanaque “Liberdade”* dedicou toda a primeira edição a Raspútin. “Uma época inteira da vida russa esteve ligada a esse nome”, começava o texto. “Uma época vergonhosa de rumores transmitidos aos cochichos, uma época de silêncio escravo e de tremor universal diante do favorito onipotente, amante da tsarina e de uma multidão de mulheres da corte.” A revista contava a história da sua vida, tal como era interpretada nas primeiras semanas de liberdade — aquele era o Raspútin voraz, diabolicamente fanático por sexo, agente alemão. Não é o retrato de um homem de carne e osso, mas uma caricatura. Raspútin, o senhor do harém, mantém jovens mulheres sob o seu controle, contra a vontade delas. Elas querem fugir, mas sabem que estão desamparadas, pois o poder dele é infinito. Ainda que corresse milhares de quilômetros, Raspútin lá estava, controlando, dominando. Não havia como escapar. Ele não apenas bebe, mas realiza bacanais homéricas, que duram dias, na Villa Rode. Ali ele se proclama “Tsar Grigóri I”, gaba-se do poder que exerce sobre “Sachka” e mostra seus “passaportes” — fotos pornográficas de Alexandra nua presa ao seu abraço lascivo, e poses de todos os tipos —, que lhe garantem imunidade. Há Raspútin, o

mago, que induziu o tsar a beber um vinho mágico que o torna refém da sua vontade. Seu apetite sexual não tem limites. Ele possui uma mulher após a outra durante horas, todas caindo no chão num êxtase sonolento enquanto ele passa gananciosamente para a próxima. ¹

No segundo capítulo da revista, Raspútin é chamado de “senhor total [da Rússia], o que queria, fazia”. ² Houve relatos na imprensa de que Raspútin era parte de um “Gabinete Negro” formado por membros do Ministério do Interior que exercia vigilância sobre altas figuras da corte e do governo, uma espécie de governo paralelo. ³ A *Folha de Petrogrado* descreveu Raspútin como “o verdadeiro tsar e patriarca de toda a Rússia”. ⁴

A história e a biografia da família, de tão distorcidas, ficaram irreconhecíveis. O *Liberdade Russa* informou aos leitores que os Raspútin eram alcoólatras havia gerações, que Grigóri tinha sido julgado no tribunal por roubo de cavalos e falso testemunho, e castigado a bastonadas por seus crimes. Versões fantasiosas do falso escândalo do Iar de 1915 eram impressas em grandes quantidades. Dizia-se que Raspútin acumulara imensa fortuna por meio de roubo, suborno e corrupção, e era o proprietário de grandes empresas na indústria pesqueira e da produtora de borracha Bogatir em Moscou. ⁵ “Dinheiro, vodca, comida e mulheres — era isso que o ladrão de cavalos de Tobolsk queria”, escreveu certo P. Kovalevski em seu panfleto *Grichka Raspútin*. ⁶

Ele era apresentado como mais que humano. O *Times* de Londres afirmou que Raspútin possuía “uma colossal vitalidade animal” e foi “um homem com qualquer coisa de gorila em sua composição”. ⁷ Tudo isso alimentava seu poder extraordinário. Em sua biografia de 1917, William Le Queux escreveu que esse “sátiro cruel e desagradável” tivera tanto poder que “bastava uma palavra sua para que homens em altas posições não hesitassem em se livrar de seus brilhantes uniformes e condecorações e subjugar a própria carne”. Sua “influência hipnótica era irresistível, nenhuma mulher, por mais bem-nascida, por mais altamente religiosa que fosse, estava a salvo”. ⁸ O embaixador americano Francis repetiu a mesma afirmação numa carta para Washington em fevereiro de 1917, escrevendo: “Ele foi homem de desejo sexual extraordinário, talvez sem precedentes, e é voz corrente

que nenhuma mulher jamais conseguiu resistir a suas investidas”. ⁹

Num artigo intitulado “O segredo dos olhos fatais de Raspútin”, o correspondente médico do *Daily Express* de Londres analisava fotografias de Raspútin e declarava ter localizado a fonte do seu poder num estrabismo especial dos olhos. Essa característica permite ao hipnotizador “sustentar o olhar da pessoa a ser hipnotizada, pois ela é capturada pela qualidade incomum do olho estrábico, e o fita com a persistência necessária para produzir o estado hipnótico”. ¹⁰

Havia quem localizasse essa fonte num ponto bem mais abaixo de sua anatomia. Em seu *Por que Raspútin tinha que aparecer*, o escritor e advogado (e futuro oficial das SS na Alemanha nazista) Grigóri Bostunich afirmava que “Raspútin era do tipo de homem que faz carreira graças exclusivamente à anomalia sexual, àquilo que os médicos chamam de priapismo, e a gente comum chama de ‘a doença do lobo’”. Raspútin, segundo Bostunich, possuía o mesmo vigor sexual encontrado entre os tártaros da Crimeia, que lhe permitia satisfazer os desejos mais insaciáveis de suas seguidoras, incluindo a imperatriz. ¹¹ Uma biografia inglesa publicada em 1920 alegava que Raspútin “certamente sofria do que é descrito ora como *praepotentia*, ora como priapismo, ora como satíriase, e podia prolongar o prazer de uma mulher indefinidamente sem que ele mesmo sentisse nenhuma satisfação específica”. ¹² O número de suas conquistas passou a ser contado aos milhares. ¹³

Um panfleto russo da época alegava que Raspútin tinha livrado Alexandra de todos os seus males, através, claro, da cura sexual. A mesma fonte descrevia sua paternidade de Alexei como “fato” conhecido. ¹⁴ Outra publicação informava que Raspútin tinha adotado como amante não apenas a imperatriz e sua filha mais velha, Olga, mas na verdade as quatro meninas, incluindo Anastássia, de apenas dezesseis anos na época do assassinato dele. ¹⁵ Dizia-se que Alexandra ficara tão angustiada com a morte de Raspútin que mandou trazer o cadáver para o seu quarto e deitava-se em cima dele. Insistiu para que fosse sepultado em Tsárskoie Seló e, depois que todas as demais pessoas presentes ao enterro saíram, ela se jogou no chão e colocou o ouvido na terra recém-cavada — escutando a voz de Raspútin lá dentro do caixão. Um grande monte de flores foi colocado em volta da sepultura. Na manhã seguinte todas tinham desaparecido, misteriosamente transformadas numa

grossa camada de lodo amarelo e fétido. Limparam o lugar e colocaram flores frescas novamente, mas no dia seguinte o lodo reapareceu. Isso se repetiu durante dias, até que se decidiu que a melhor coisa a fazer era exumar o corpo e devolvê-lo para Pokróvskoie. Dizia-se que a mesma coisa estranha aconteceu por lá, e ninguém conseguia explicar o que era, e menos ainda estancar o lodo. [16](#)

Numerosas peças teatrais foram apresentadas nos palcos da capital na primavera e no verão: *Os dias felizes de Raspútin*, *Orgias noturnas de Raspútin* e *Harém de Grichka*. A peça *Chá com Vírubova*, que estreou em 1917, mostrava todas as estrelas do antigo regime, incluindo Raspútin, cujos miraculosos “atributos masculinos” ajudaram a conquistar Alexandra e convencê-la a torná-lo seu verdadeiro marido. *Orgias noturnas de Raspútin* apresentava Alexandra e Vírubova ajoelhadas diante de Raspútin beijando-lhe as mãos. “Vocês me entendem?”, pergunta Raspútin. Alexandra, “em êxtase”, resmunga uma resposta. “Ó papai, eu o entendo... Como o entendo.” Numa cena posterior, ouve-se Raspútin fora do palco expulsando os demônios da imperatriz num dos cômodos privados de Villa Rode:

PROTOPÓPOV (bêbado): Isso é talento. Talento enorme. Sabe que ele tem um talento enorme?

VÍRUBOVA (languidamente): Oh, eu sei, ele tem um talento enorme, enorme... [17](#)

Dá para imaginar a cascata de risos e gargalhadas que esse humor farsesco provocava. Era tão grande a demanda por ingressos que quase sempre as peças tinham duas sessões diárias, durante meses. Cartazes eram afixados pela cidade inteira: “Uma Peça Sensacional: Raspútin e Alexandra em Relações Íntimas”. E não era só a plebe; até Aleksandr Blok foi ver e reconheceu que, apesar de exageradas, as peças continham “um elemento de verdade”. [18](#)

Duas semanas depois da abdicação do tsar, os primeiros filmes apareceram nos cinemas com títulos como *Povo de pecado e sangue*, *O diabo santo*, *O misterioso assassinato de 16 de dezembro em Petrogrado*, *A firma Románov*, *Raspútin*, *Sukhomlínov*, *Miassoiédov*, *Protopópov e Cia.* e *O enterro de Raspútin*. Eram imensamente populares. O primeiro a aparecer, e pelo visto o que fez mais sucesso, foi *Forças sombrias: Grigóri Raspútin e seus parceiros*, anunciado como “drama sensacional em duas

partes”. A intenção de causar sensação era de fato inegável, com cenas que até pelos padrões de hoje seriam consideradas pornográficas. ¹⁹ No fim de março, *A vida de Grigóri Raspútin* chegou à tela do Cine Gigante de Tiúmen. A imprensa local descreveu a multidão do lado de fora como imensa e ameaçadora, com pessoas empurrando e se acotovelando histericamente para conseguir ingressos antes que se esgotassem. A cena do assassinato de Raspútin na adega de Iussúpov arrancava aplausos frenéticos. ²⁰

Panfletos, postais e outras publicações descartáveis prometendo revelar as sensacionais tramoias dos bastidores do antigo regime eram impressos em imensas tiragens e distribuídos por toda a Rússia. ²¹ Fotos de Raspútin bebendo chá com suas seguidoras eram publicadas interminavelmente por estúdios fotográficos. Os russos adoravam colecionar isso tudo e tentar identificar as mulheres sentadas em volta dele. Muitos confundiam Vírubova ou Munia Golovina com a imperatriz. ²² Havia manifestos imperiais satíricos emitidos em nome de “Nós, Grigóri Primeiro e Último, Ladrão de Cavalo e Antigo Autocrata de Todas as Rússias que agora reina do Inferno”. ²³ Especialmente difundidos eram acatistos sacrílegos, hinos da Igreja ortodoxa oriental dedicados a vários santos e membros da Santíssima Trindade:

ACATISTO

Ao Recém-Aparecido São Grigóri “O Ladrão de Cavalos” Nóvi

Oh, Grigóri Nóvi, santo de Satã, para ti blasfemador da fé cristã, destruidor da terra russa, deflorador de mulheres e meninas, pelo que aceitaste a morte, nós prestamos nossos respeitos, te louvamos [...] ²⁴

Essas paródias, vendidas nas ruas, eram particularmente bem recebidas pela gente comum. As autoridades confiscaram cópias desse acatisto em poder de soldados da guarnição de Moscou em janeiro de 1917, e em fevereiro a polícia coletou um parecido que alguém estava pregando ilegalmente em cercas na cidade siberiana de Novo-Nikoláievsk. ²⁵

Tão grande era a demanda por coisas ligadas a Raspútin que o mercado ficou saturado por editoras e gráficas em busca de dinheiro fácil. ²⁶ Com o tempo, os russos acabaram se cansando. Um repórter registrou este diálogo com um soldado num bonde de Petrogrado:

“Você gosta do que se anda escrevendo agora?”, perguntei.

“Claro que gosto. Agora eles escrevem sobre o *narod*. Sobre liberdade. Só não gosto do que

escrevem sobre Raspútin. O que ele andou fazendo na corte imperial. Não presta para nada.”

“Mesmo?”

“Qual é a ideia? O papo agora é sobre a república. Era de esperar que você pegasse o jornal e lesse como funciona em outros lugares, em outros países, sabe como é, com os estrangeiros, vem de lá. Mas em vez disso sempre que se vê um folheto não tem nada que não seja Grichka; bem, já chega!” [27](#)

74. Assunto não resolvido

O governo provisório não tinha interesse em punir os assassinos de Raspútin, e com isso a queda da monarquia significou que Iussúpov era um homem livre. A imprensa cobriu seu retorno para Petrogrado em 12 de março de 1917. Dois dias depois, ele concedeu uma entrevista p

ara *Novos Tempos*. Contou que Raspútin e o dr. Badmev tinham dado ao tsar drogas orientais especiais que fizeram dele um idiota inútil, sem vontade própria. Já a imperatriz vinha sofrendo havia muito de “mania de grandeza”, julgando-se uma nova Catarina, a Grande, mandada da Alemanha para salvar a Rússia. Vírubova, Raspútin e Protopópov alimentavam essa autoilusão. A camarilha da corte levara o país à ruína, da qual não havia saída. Ele queria que todos compreendessem o perigo que assumira voluntariamente, dizendo ao jornal que, quando voltou para o seu quarto depois do assassinato, lá estava uma mulher misteriosa, vestida de preto, que lhe avisou que vinte seguidores de Raspútin já tramavam a sua morte. ¹

Iussúpov saboreava sua nova identidade de assassino de Raspútin. Sua vida ganhou sentido. Passou a oferecer jantares na agora famosa adega, que mantinha exatamente como naquela noite. Adorava contar a horrenda história para mulheres jovens e vê-las tremer quando lhes mostrava o tapete branco de pele de urso que, dizia, ficara encharcado com o sangue de Raspútin. A grã-duquesa Maria, irmã de Dmítri, participou de uma dessas soirées. Examinou atentamente o tapete, mas não conseguiu detectar nenhum vestígio de sangue. ²

Naquela primavera, Iussúpov visitou Ella em Moscou para lhe contar a história pessoalmente. “Não foi nenhum crime matar Raspútin”, disse a futura santa da Igreja ortodoxa russa, “você destruiu um fanático que

era a encarnação do mal.” ³ As palavras dela agradaram, mas ele não precisava de ninguém para aliviar sua consciência. Quando Serguei Kostritski, dentista que viajou a Tobolsk para cuidar da família imperial no fim daquele ano, perguntou se nunca tinha sentido nenhuma culpa por ter tirado a vida de outro ser humano, Iussúpov disse, com um sorriso: “Nunca. Matei um cão”. Não só as palavras, mas o tom frio e cínico de Iussúpov, encheram Kostritski de repulsa. ⁴ “Nunca senti a mais leve dor de consciência”, declarou Iussúpov, despreocupadamente, em suas memórias. “A lembrança de Raspútin jamais me perturbou o sono.” ⁵

O mesmo não se poderia dizer do grão-duque Dmítri. Ele escreveu para o pai do quartel-general do Exército russo na Pérsia em janeiro dizendo que os últimos dias tinham sido “terrivelmente difíceis” e que precisara de toda a sua fortaleza interior para não desmoronar e chorar como uma criança no trem. É possível que essas palavras se destinassem a Nicolau e Alexandra. Na mesma carta, ele disse que não sabia quem tinha matado Raspútin, mas que de qualquer maneira eram, sem a menor dúvida, “pessoas que amavam a Rússia, sua pátria, sincera, ardorosa e apaixonadamente [...] e são zelosamente dedicadas ao seu Imperador”. Dmítri sabia que a Okhrana lia sua correspondência, e esperava que essas palavras chegassem ao conhecimento do tsar. No fim de abril, Dmítri escreveu ao pai num tom mais honesto, admitindo que havia participado do assassinato depois de pensar muito no assunto. Àquela altura Kérenski tinha deixado bem claro que não era para Dmítri ser preso, pois desempenhara sua parte na luta contra o antigo regime. Mas o grão-duque hesitava sobre voltar ou não para a Rússia. Escreveu ao pai dizendo que, se tivesse voltado logo após a abdicação, sua volta teria equivocado a “uma terrível grosseria” com “o pobre Niki”. Mais ainda, temia que, se voltasse, as palavras de Kérenski fossem insuficientes para mantê-lo fora da cadeia. Afinal, ele era um Románov, fosse qual fosse o papel desempenhado no assassinato de Raspútin. ⁶ Em setembro, apesar de querer muito retornar, continuava na Pérsia, devido ao que chamava em seu diário de “categóricas e reiteradas instruções de Iussúpov” para não voltar. No fim das contas, preferiu ficar longe, decisão que muito provavelmente lhe salvou a vida.

No primeiro aniversário do assassinato, Dmítri, então vivendo na

Missão Britânica em Teerã, viu a cidade coberta de neve quando acordou. A cena inesperada levou-o de volta a Petrogrado e aos acontecimentos do ano anterior.

Hoje é 16 de dezembro. Um ano desde aquele dia inesquecível. E aqui, nas páginas do meu diário, onde qualquer coisa da minha alma está refletida, devo declarar francamente que daria muita coisa em troca de não carregar essas lembranças. Será mesmo que tomei parte, no verdadeiro sentido da palavra, do assassinato de outro homem? Claro, para os outros, para as pessoas em geral, foi o que fiz, com os mais elevados sentimentos patrióticos. Apesar disso, não consigo adotar pose nobre nestas páginas. Preciso dizer, de forma inequívoca, que minha alma sofre constantemente de um fardo pesado. Que felicidade, que o Senhor não me permitiu matar de fato. Não há sangue nas minhas mãos, e a memória de minha mãe não foi maculada pelo juramento que fiz diante de Papai. [...]

Só uma coisa me atormentará para sempre, e são os sentimentos do pobre Niki. Vivo afligido o tempo todo pelo difícil sentimento de que ele provavelmente ainda me odeia e me considera um criminoso comum, e um assassino! E talvez até ache que a morte de Raspútín é a causa principal de tudo que acontece na Rússia agora. Alix! Talvez ache a mesmíssima coisa e nisso apoie o marido! [...]

Pobre Niki. O que eu não daria agora para conversar com ele. Para dissuadi-lo da ideia de que sou um assassino comum. [...] Nunca vou acreditar que Alix tenha adotado deliberadamente a política de voltar a sociedade contra Niki e ela. Não pode ser. Estou firmemente convencido de que ela perdeu fatalmente o rumo. O tempo todo achava que só aquela política poderia manter Niki no poder e a ordem no país. E não estava longe da verdade. ⁷

Anna Vírubova foi presa em Tsárskoie Seló em 21 de março e levada para o Bastião de Trubetskoi da Fortaleza Pedro e Paulo. Ficou trancada na cela 70. Num dos lados estava Iekaterina Sukhomlínova (cela 71), e no outro Ivan Manassevitch-Manuilov (cela 69). O governo provisório tratava de encher as prisões com figuras-chave do antigo regime: o general Voeikov, o general Sukhomlínov, Boris Stürmer, Ivan Scheglovítov, Stepan Belétski, entre outros. Até Olga Lokhtina foi presa. Belétski estava à beira de um colapso nervoso. Fraco, estressado e amedrontado, tinha dificuldade para dormir: Raspútín o perseguia em seus sonhos. ⁸ Todos foram longamente interrogados pela recém-criada Comissão Extraordinária de Investigação. A Comissão estava ansiosa para provar que Vírubova tinha realizado em sua casa sessões secretas com a imperatriz, Raspútín e outros para tramar uma campanha de traição contra a Rússia. ⁹ Ela foi submetida a duro tratamento. Os guardas cuspiam nela, batiam-lhe no rosto e no corpo, tiravam-lhe a roupa. Às vezes, ameaçavam matá-la. Ela jamais reclamava, dizendo mais tarde a um dos integrantes da Comissão: “Não têm culpa, não

sabem o que fazem”. ¹⁰ O momento de maior humilhação nos meses que passou no bastião veio quando o médico da prisão chegou para fazer um exame especial. Os investigadores não acreditavam que ela não tivesse sido amante de Raspútin, por isso queriam uma prova definitiva. Anna foi colocada numa mesa de pernas abertas. Depois de um exame minucioso o médico confirmou sua história. Ela ainda era virgem. ¹¹

Vírubova defendeu Raspútin e suas majestades perante a comissão. Já Protopópov não. Depois de preso, alegou ter provas de que traição fora cometida nos mais altos níveis. Desconfiava que Raspútin entregou dinheiro falso para a imperatriz, que recebia de Manuilov ou de Simanovitch. Incriminou também Alexei Khvostov, Manuilov, Stürmer e Andrónnikov como traidores. Protopópov estava claramente tentando salvar a pele. “Um Jano de duas caras”, segundo Aleksandr Blok. Simanovitch comportou-se só um pouco melhor, dizendo à comissão que não conhecia Raspútin e nem tinha nada a ver com ele. ¹²

A Comissão não tratava de assuntos referentes à Igreja, que cuidava de seus próprios negócios. Nem o Santo Sínodo nem a Igreja ortodoxa russa condenaram o assassinato de Raspútin ou a profanação do seu túmulo. Em vez disso, tomaram providências para reabilitar os clérigos que tinham sofrido nos últimos anos, e prepararam expurgos contra todos os rasputinistas reais ou imaginários de suas fileiras. O padre Vostokov foi devolvido a Moscou, onde, em 8 de março, exigiu que todo mundo que tivesse se envolvido com Raspútin fosse destituído de suas funções. O recém-eleito procurador-chefe do Sínodo, Vladímir Lvov, ex-deputado da Duma e acirrado inimigo de Raspútin, foi implacável em sua guerra contra os rasputinistas. Um dos seus primeiros atos foi expulsar do Sínodo Pitirim e Makari, o metropolita de Moscou. Em abril formou um comitê de investigação, presidido por ele mesmo, para examinar o papel de Raspútin na administração da Igreja e, de acordo com *Novos Tempos*, “tomar todas as medidas possíveis para eliminar sua influência”. ¹³ Num artigo sobre a luta contra os rasputinistas na Igreja, a *Folha de Petrogrado* escreveu que Serafim (Serguei Golubiatnikov), o bispo de Iekaterinburgo e Irbit, tinha sido afastado do cargo e forçado a se aposentar por causa de suas relações com Raspútin. Seu grande pecado tinha sido consolar Raspútin em

Tiumen depois do ataque de Guseva e ajudar a providenciar assistência médica. [14](#)

O bispo Varnava, temendo a áspera justiça da turba, trocou Tobolsk pela segurança do Mosteiro de Abalak. As autoridades fizeram busca em sua casa, confiscando sua correspondência com Raspútin, Nicolau e Alexandra, e outros, e despachando tudo para o governo provisório como prova dos seus crimes. [15](#) Na capital, Pitirim foi capturado e arrastado para fora de sua residência, posto num trono e levado para cima e para baixo pela avenida Niévski, enquanto transeuntes zombavam e escarneciam. [16](#)

Os hierarcas da Igreja estavam convencidos da influência maligna de Raspútin, bem como os membros da Comissão, embora, mesmo tendo procurado provas condenatórias contra ele e a camarilha, os comissários não encontraram nada além de mentiras, boatos e histeria coletiva. Depois de examinar os volumes da cobertura jornalística sobre Raspútin, cuidadosamente recortada e arquivada pela Okhrana, a Comissão notou que pouca coisa na percepção pública de Raspútin correspondia à realidade do homem, sua vida e sua influência. O Raspútin que os russos julgavam conhecer não passava de “fantasia”, ainda que perigosa, e que se revelou um veneno para o trono.

Se uma revolta militar em Petrogrado lançou a Revolução Russa, se nenhum homem no Exército ou no *narod* se dignou sair em defesa do antigo imperador, não foi só por causa do proletariado e do exército revolucionário, mas também por causa do camponês de Tiumen Grigóri Iefimovitch Raspútin, o santo dos últimos dias da monarquia, cujos “feitos” destruíram a fé do *narod* na autoridade divina da autocracia e no último portador do poder tsarista. Não se sabe se uma Rússia agradecida um dia erguerá um monumento a Raspútin, mas há qualquer coisa de misticamente providencial no fato de que foi um camponês russo que salvou o primeiro Románov e, trezentos anos depois, outro camponês que destruiu o último representante dessa dinastia. [17](#)

Esse primeiro camponês foi Ivan Susánin, tema da ópera de Mikhail Glinka, *Uma vida pelo tsar*, de 1836. Nos primeiros dias do século XVII, durante os chamados Tempos Turbulentos, Susánin foi capturado e torturado até morrer por um grupo de poloneses, porque se recusou a revelar onde estava escondido Mikhail Románov. Os fatos relativos ao heroico sacrifício pessoal de Susánin, em nome do tsar, estão envoltos pela névoa do passado, mas os românticos do século XVII transformaram a lenda em realidade. O mito de Susánin foi criado para

demonstrar o vínculo sagrado entre o tsar e o povo. O mito de Raspútin foi criado para destruir esse vínculo.

Naquela primavera, enquanto padecia de sarampo, Vírubova teve um sonho. Estava em Tobolsk, andando por uma rua quando topou com Raspútin. Ele estava furioso, e sua aparência a assustou. Ele lhe disse: “Vá e diga a Papai e Mamãe que vim me despedir”. Ela tentou argumentar que isso seria complicado, porque eles estavam longe, em Tsárskoie Seló, mas Raspútin a interrompeu: “Eles estão em Tobolsk”, enquanto apontava para o trem azul do tsar. ¹⁸

Em 10 de agosto, os Románov, acompanhados de 39 criados e agregados, e uma guarda armada de mais de trezentos homens, foram postos num trem em Tsárskoie Seló. Para sua segurança, o trem foi adornado com a insígnia da Cruz Vermelha, sob bandeira japonesa. A família não foi informada sobre para onde estava sendo levada, mas Alexandra teve um pressentimento. Escreveu para Vírubova dizendo que estavam indo para a terra do “nosso amigo — maravilhosa não é”. ¹⁹ Em Tiumen, os Románov saíram do trem, foram conduzidos até o cais do rio Tura e embarcados num vapor para a viagem até Tobolsk. Por volta da hora do jantar do dia 5, chegaram a Pokróvskoie. O barco parou, e Alexei e Tatiana saltaram para pegar flores nas margens no rio. Os outros, à exceção de Alexandra, que estava de cama, adoentada, foram até o convés para dar uma olhada na casa de Raspútin. ²⁰ A imperatriz disse ao seu criado particular Alexei Volkov: “Grigóri Iefimovitch morava aqui. Pescava neste rio e levava peixes para nós em Tsárskoie Seló”. Volkov notou que ela estava com lágrimas nos olhos. ²¹ O grupo interpretou essa parada em Pokróvskoie como bom sinal. “Raspútin previu que seria assim”, disse o preceptor Pierre Gilliard, “e o acaso mais uma vez parecia confirmar suas palavras proféticas.” No dia 6, à noite, chegaram a Tobolsk. ²²

A família de Raspútin estava em casa no dia em que os Románov passaram de barco. Tinha sido um período difícil para eles também. Maria e Varvara continuaram visitando Alexandra e Vírubova duas vezes por semana, até a violência no fim de fevereiro tornar isso impossível. Depois da revolução, era perigoso demais permanecer na Gorokhovaia — as novas autoridades costumavam aparecer para

realizar buscas —, por isso a família tinha se mudado para a casa de Simanovitch no no 8 da rua Nikoláievski. Os três irmãos foram presos em Petrogrado em meados de março, levados para o Palácio de Táurida para interrogatório e soltos pouco tempo depois. Praskóvia tinha partido para Pokróvskoie não muito tempo antes, e com isso escapou de ser presa. ²³ Depois a família se reuniu em Pokróvskoie pelo resto da primavera e pelo verão. No começo de setembro, Maria e Varvara retornaram para Petrogrado e foram morar com sua preceptora francesa, a judia Madame Tatiana Chack. ²⁴

Raspútín não deixou testamento. Um inventário de seus bens datado de 24 de março de 1917 mostra que não era pobre, mas estava longe de ser o homem rico que muitos acreditavam. Tinha a casa em Pokróvskoie, junto com os quatro estábulos, três celeiros e uma casa de banhos (avaliada em 10 mil rublos), algum gado (um touro e duas vacas, oito potros e cavalos, e o mesmo número de ovelhas), móveis (incluindo vinte cadeiras vienenses, um gramofone e cinquenta discos, e um piano Offenbach — avaliado em novecentos rublos), algumas pratas finas e joias (incluindo um relógio de ouro masculino e uma corrente da famosa firma de Pável Buré no valor de setecentos rublos), e algumas peças de roupa (um casaco cinza, um casaco de pele com gola de castor, um par de botas de couro e alguns rolos de pano preto). ²⁵ No total, Raspútín deixou bens no valor de 18415 rublos, além de dinheiro em espécie e poupança no valor de 5092,66 na agência do Banco do Estado em Tiúmen. Por causa da inflação, era pouco. Quase todas as propriedades foram entregues às duas filhas em dezembro de 1917; fatias menores ficaram com a viúva e o filho. ²⁶

Maria ficou muito feliz por estar de volta a Pokróvskoie na primavera e no verão de 1917. “Como é bom isto aqui”, escreveu em seu diário, “cada coisinha me lembra meu querido papai.” ²⁷ Porém a vida em casa não era fácil. Em 22 de abril, um vapor carregando um grande grupo de soldados passou por Pokróvskoie. Ao saberem que tinham parado na aldeia de Raspútín, os homens saltaram para dar uma olhada. Sob o comando de Serguei Kochurov, oficial especialista num dos regimentos de fuzileiros siberianos, e acompanhados pelo som de um acordeão, foram até a casa de Raspútín. Começaram a esmurrar a porta e exigir que os deixassem entrar, dizendo que não iriam maltratar ninguém e só

queriam dar uma olhada. As duas irmãs estavam na casa, junto com a prima Anna Raspútina e Kátia Pecherkina. Apavoradas, elas se recusaram a abrir. Os homens ameaçaram derrubar a porta e tocar fogo na casa se não abrissem. Elas destrancaram a porta. Os soldados começaram imediatamente a saquear. Arrancaram fotos de Raspútin das paredes e embolsaram um relógio de ouro e outras lembranças. Mesas foram viradas, conteúdos de guarda-louças esvaziados no chão, roupas inspecionadas e espalhadas pela casa. Ao depararem com centenas de postais com a imagem de Raspútin, rasgaram alguns diante dos olhos das mulheres. Em seguida pegaram dois retratos — um de autoria de Krarup e o grande retrato de corpo inteiro de autoria de Raievski exibido na exposição de 1912. Kochurov tirou o retrato da moldura, enrolou-o e pôs debaixo do braço, enquanto Maria lhe implorava que não o levasse. Quando saía com seus homens, Kochurov gritou: “Saudações a Grichka Raspútin!”. No vapor, eles entregaram os postais para os outros soldados, gabando-se de suas façanhas. Kochurov pendurou o retrato de autoria de Krarup na porta, e escreveu embaixo: “Grigóri Raspútin, Homem Santo de Pokróvskoie”. Ficou ali pouco tempo, até que alguém o arrancasse e jogasse no rio. Kochurov guardou o retrato de autoria de Raievski. Não se sabe onde foi parar depois. [28](#)

Durante todo o verão, Maria recebeu cartas de Boris Soloviov suplicando-lhe que casasse com ela. Ela não estava nem um pouco entusiasmada, mas Praskóvia se esforçou para convencer a filha de que era a melhor coisa a fazer, levando em conta a situação da família. No fim, Maria cedeu, em grande parte porque sabia ser esse o desejo do falecido pai. Casaram-se em Petrogrado, em 22 de setembro. Aleksandr Pistol Kors conduziu a noiva. Depois de uma breve lua de mel em Pokróvskoie e Simbirsk, de onde era a família de Boris, o casal voltou para Petrogrado. [29](#) No fim de outubro, Lênin e os bolcheviques derrubaram o governo provisório. O país mergulhou na guerra civil. De Tobolsk, Alexandra mandava cartas para Vírubova, queixando-se de que a Rússia sofria assim por causa do assassinato de Raspútin. [30](#) No primeiro aniversário da morte dele, Alexandra escreveu a Vírubova para dizer que, apesar de separadas por uma imensa distância, seus pensamentos sobre aquele dia horrível as unia. “Estamos revivendo tudo aquilo”, confessou Alexandra. Naquela noite, a família rezou pela

alma de Raspútin, perante uma cruz que ele lhes dera. ³¹

Em Petrogrado, Maria e Boris refugiaram-se na periferia da cidade. Vírubova visitava-os em segredo, correndo grande risco. ³² Enquanto isso, Alexandra mandava cartas aflitas para Vírubova, implorando por ajuda com dinheiro, roupas e outros artigos de uso pessoal. Ficou decidido que tudo isso seria entregue por Soloviov. Ele fez sua primeira viagem a Tobolsk em outubro, voltando em janeiro de 1918. Nessa segunda viagem, Boris entrou em contato com um pequeno grupo de monarquistas e decidiu participar de um complô para salvar os Románov. ³³ Chegou a Tobolsk no fim do mês, disfarçado de vendedor de peixe, levando dinheiro e presentinhos — chocolate para Alexei, livros e água-de-colônia para as meninas —, que fez chegar aos destinatários por intermédio de Volkov, o criado de quarto de Alexandra, e de sua camareira Anna Románova. De uma janela na casa do governador, a família avistou Boris ao longe, aguardando a uma distância segura. Quando ele os viu, fez o sinal da cruz e curvou-se até o chão. Alexandra escreveu para agradecer e abençoar seu casamento com Maria. Ela descreveu a chegada dele como um milagre de Deus. ³⁴ Boris parece ter dado à família esperanças infundadas de fuga, dando a entender que as células secretas de monarquistas empenhadas em salvá-los eram bem maiores do que na realidade. Alexandra animou-se, convencida de que logo seriam resgatados. ³⁵

Boris ficou duas semanas em Tobolsk, onde encontrou-se com Germogen, velho inimigo de Raspútin, eleito bispo de Tobolsk em março. Ele confessou a Boris, dizendo o seguinte sobre Raspútin:

Eu o amava e acreditava nele, ou melhor, em sua missão de introduzir alguma coisa de novo na vida russa, que deveria ajudar a fortalecer os vínculos enfraquecidos entre o tsar e o *narod*, para proveito e bênção deste último. Mas seu presunçoso afastamento do nosso programa, o caminho que resolveu trilhar, contra minha vontade, seus ataques à aristocracia e a pessoas como o grão-duque Nikolai Nikoláievitch, que sempre considerei o alicerce do trono, me obrigaram, primeiro, a romper com ele e depois, ao ver sua influência crescer na corte e reconhecer que isso tornaria suas ideias muito mais perigosas, a iniciar uma enérgica campanha contra ele.

Germogen disse ainda que na época não se deu conta do quanto sua batalha contra Raspútin serviu para ajudar os elementos antidinásticos na Duma, ou de que o verdadeiro Diabo tinha sido desde sempre Iliodor, e não Raspútin. ³⁶ Por fim, antes de Boris sair, Germogen

abençoeu seu casamento com Maria. “Sei que você aceitou deliberadamente carregar uma cruz muito pesada ao casar com a filha de Raspútin nestes tempos difíceis.” E desejou a ambos saúde e felicidade. [37](#)

O diário de Maria relativo a 1918 relata um ano de dor e angústia. O dinheiro estava sempre em falta, bem como os artigos para atender às necessidades básicas da vida. Ela amava Boris, mas ele não a tratava muito bem. Namorava descaradamente outras mulheres, zombava da aparência dela, maltratava-a e às vezes até batia nela. Maria vivia dividida entre o amor por ele e o desejo de fugir de sua crueldade. Mas, além de órfã indefesa, era também a filha do segundo homem mais odiado da Rússia, portanto alguém que precisava de proteção. Não conseguia convencer a si mesma a ir embora. “Esta é a cruz que Deus me deu — sofrer”, escreveu ela em 11 de janeiro. Lembrava-se das palavras que o pai lhe dizia: “Bem, Matriochka, você é a minha menina infeliz”. Ela permanecera em Petrogrado, passando os dias com Vírubova, Olga Lokhtina e Munia Golovina. Adorava visitar o ateliê de Krarup, onde o pai sempre se sentiu tão bem-vindo e à vontade. Nos primeiros dias de março, o espírito do pai lhe apareceu: “Benditos sejam os caminhos do Senhor!... Pela primeira vez senti nosso querido papai tão próximo de mim, foi tão bom, e ao mesmo tempo tão doloroso e triste não poder ouvir as palavras de papai de sua própria boca, mas em nossa mente sentíamos que ele estava conosco”. Ele começou a visitar Maria em seus sonhos. “Estou tão feliz, tão feliz, ele esteve conosco recentemente, senti isso.” Lokhtina lhe disse que tinha ido à Gorokhovaia e ficado um pouco no pátio. O espírito de Raspútin estava inequivocamente presente, segundo ela. [38](#)

Naquele mês, soldados do Exército Vermelho chegaram a Pokróvskoie. Destruíram a casa da família e prenderam Boris, levando-o para Tiúmen. Maria foi atrás para estar perto dele. [39](#) Com um suborno de 2 mil rublos, conseguiu soltar Boris no fim de abril, dois dias antes da Páscoa. O feriado desencadeou pensamentos sobre o pai. “Por que, ó Senhor, o levaste de nós não cedo? Ficamos como folhas sem árvore. Papai, querido papai, esteja conosco quando quebrarmos o jejum, precisamente conosco — com Boria e comigo; sou uma pecadora, e por isso talvez você não queira estar comigo, mas me perdoe.” [40](#)

Enquanto Maria tentava soltar Boris em Tiumen, um destacamento de Guardas Vermelhos tomou Tobolsk. Os Románov agora eram seus prisioneiros. Na manhã de 26 de abril, Nicolau, Alexandra, a filha Maria e outras pessoas do grupo foram removidos de Tobolsk. Alexei, adoentado, ficou na casa do governador com as outras meninas. Havia gelo demais no rio para viajar de barco, por isso seguiram por terra — Alexandra e Maria numa carruagem coberta de quatro rodas, Nicolau numa carroça rústica — pela estrada dos correios para Tiumen. Por volta da hora do almoço do dia 27, pararam em frente à casa de Raspútin em Pokróvskoie para trocar de cavalos. “Vimos a família inteira olhando pela janela”, anotou Nicolau em seu diário. ⁴¹ Maria pegou lápis e papel e desenhcou a casa de Raspútin. Um dos guardas viu Alexandra fazer gestos para uma janela do andar de cima. “Saíam da janela”, gritou ele, apontando sua arma, “senão atiro!” Praskóvia e os demais desapareceram de vista. ⁴² De Tiumen, o grupo seguiu para a cidade de Iekaterinburgo, nos Urais, onde chegou em 30 de abril e foi encarcerado na Casa Ipátiev, ou, como os soviéticos a chamavam, Casa para Fins Especiais. ⁴³

Em 20 de maio o tsarévitch e as três irmãs deixaram Tobolsk. Dois dias depois, Maria foi até o píer em Tiumen comprar bilhetes para a viagem ao Mosteiro de Abalak. Chamou-lhe a atenção um vapor fortemente guardado no cais. As pessoas eram mantidas à distância, mas Maria conseguiu chegar perto, e por uma das janelas viu Alexei e Anastássia Gendrikova, uma dama de companhia da imperatriz. E eles também a viram. “Ficaram imensamente felizes”, escreveu ela em seu diário, “[São] Nicolau, o milagreiro, arranhou isto. [...] Que pena não poder dizer uma palavrinha para eles! Eram como anjos.” ⁴⁴ No dia seguinte, a família estava reunida em Iekaterinburgo. A atmosfera na cidade era hostil. Os líderes soviéticos locais tinham inundado a cidade com propaganda anti-Raspútin — panfletos obscenos representando Raspútin e a imperatriz eram vendidos nas esquinas, e o cinema exibia um filme em que o siberiano mantinha relações sexuais com Alexandra e as filhas. ⁴⁵

Os Románov levaram para o exílio lembrancinhas de Raspútin. Tinham quatro ícones que ele lhes dera ao longo dos anos e uma caixinha com cartas de Raspútin, “o que temos de mais precioso”,

segundo Nicolau. ⁴⁶ Antes de saírem de Tsárskoie Seló, as quatro irmãs e a mãe costuraram nos vestidos e peças íntimas onze topázios presenteados por Raspútin, que usavam quando foram assassinadas. ⁴⁷

Os guardas da Casa para Fins Especiais ofereceram-lhes suas próprias lembrancinhas. Cobriram as paredes com rabiscos rudes em lugares onde os prisioneiros não poderiam deixar de ver. Um tema favorito era Raspútin tendo relações com Alexandra, ou os dois em poses lascivas, com Nicolau na maior parte das vezes sentado perto, bebendo. Escreviam nas paredes versinhos sexualmente explícitos sobre “Grichka e Sachura”. Não perdiam oportunidade de fazer referência ao tamanho do pênis de Raspútin. ⁴⁸ Foi passando por essa grotesca pornografia que a família desceu pela última vez os 23 degraus de madeira para o subsolo da Casa Ipátiev, nas primeiras horas do dia 17 de julho de 1918.

Epílogo

Os mais sortudos escaparam da Rússia, o resto não. É verdade que alguns indivíduos que ficaram para trás conseguiram evitar uma morte violenta — dr. Badmáiev, Aleksandr Samárin, bem como Purichkévitch, Pitirim, Varnava e Sabler —, mas esses foram exceções. Muitos outros foram mortos pelos bolcheviques. A lista é longa. Belétski, Protopópov, Scheglovítov, Djunkóvski, Ménchikov, Novoselov, Manassevitch-Manuilov, príncipe Andrónnikov, Nikolai Maklakov, Aleksandr Makárov, Alexei Khvostov, Iekaterina Sukhomlínova, os grão-duques Paulo e Nikolai Mikháilovitch, Ella, o bispo Isidor, o padre Aleksandr Vasilev, Ioann Vostorgov. Até o louco sagrado Mítia Kozelski foi executado. Mais nomes poderiam ser citados. ¹

Boris Rjévski ingressou na Tcheka, a polícia política bolchevique, em Moscou, e adquiriu reputação de sádica crueldade. Depois traiu os novos patrões, roubando uma grande soma de dinheiro e fugindo com Zazulina para o lado dos brancos em Odessa, onde retomou a boa vida e os negócios duvidosos no submundo do crime. No começo de uma manhã de fevereiro de 1919, seu corpo foi encontrado na rua em frente ao Clube dos Artistas. Relatos sobre a causa da morte variam. Zazulina afirmou que ele foi atingido por duas balas e apunhalado dezessete vezes na cabeça, enquanto outras fontes declaram que ele foi cravejado por quinze tiros. ² De qualquer maneira, a vida de Boris terminou de forma espetacularmente sangrenta.

Germogen também teve um fim cruel. Preso pelos bolcheviques em março de 1918, foi detido em Iekaterinburgo, transferido para Tiumen e de lá, por vapor, para Tobolsk, em junho. Quando o barco se aproximava de Pokróvskoie, Germogen foi conduzido ao convés só

com a roupa de baixo. Os captores amarraram as mãos dele nas costas, prenderam-lhe uma pesada pedra na cintura e o empurraram no rio. Os moradores da aldeia encontraram o corpo semanas depois. Trazia marcas de tortura. Sepultaram-no no cemitério da igreja de Pokróvskoie. Posteriormente foi removido para Tobolsk e enterrado perto dos restos mortais de São João Maksímovitch. Em 1991, Germogen foi canonizado pela Igreja. ³

Maria e o resto da família estavam em casa em Pokróvskoie quando o corpo de Germogen foi encontrado. Praskóvia, Dmítri e sua nova mulher, Feoktista, tinham ficado na casa da família. Em 1920, depois de ter sido destituída de quase todas as suas posses, a família foi obrigada a mudar-se para dar espaço a um hospital. À deriva de casa em casa, acabaram construindo um lugarzinho próprio na periferia da aldeia, onde permaneceram até 1930. Então, em maio daquele ano, foram designados *kulaks*, inimigos de classe do Estado soviético, e desterrados para os confins setentrionais do rio Ob, postos para trabalhar na construção de uma grande fábrica de conservas de peixe. As condições eram duras. Em 5 de setembro de 1933, Feoktista morreu de tuberculose, seguida, poucos dias depois, por Elizaveta, de seis anos, filha dela com Dmítri e neta de Raspútin. Três meses depois Dmítri morreu de disenteria e quatro dias depois, em 20 de dezembro, o coração de Praskóvia parou. ⁴

Varvara foi parar em Tiúmen, trabalhando como estenógrafa num escritório do governo. Estava sozinha, sem dinheiro e infeliz. Havia homens na cidade dispostos a ajudar, mas só em troca de sexo. Ela recusava suas ofertas. “Meu Deus, é tão difícil”, escreveu para a irmã, “minha alma está se partindo em pedacinhos, por que fui nascer?” Em algum momento, depois de fevereiro de 1924, ela partiu para Moscou na esperança de sair da Rússia e juntar-se a Maria, que tinha conseguido fugir para a Europa. Morreu de tifo não muito tempo depois de chegar à capital. Maria estava convencida de que irmã foi envenenada pelas autoridades soviéticas. Foi sepultada no cemitério de Novodevichi, mas em 1927, depois que o governo decidiu reservar o local só para pessoas que considerava importantes, o caixão foi desenterrado e descartado. ⁵

No começo de dezembro de 1919, Boris Soloviov foi preso em Vladivostok, sob suspeita de espionagem, e despachado, com escolta,

para Chita a fim de ser interrogado por Nikolai Sokolov, o homem incumbido de investigar o assassinato de Raspútin. Maria seguiu atrás, mas também foi presa. Sokolov estava convencido de que Boris era agente bolchevique e que sua alegação de que integrava um complô monarquista para resgatar o tsar e a família era mentirosa. A acusação perseguiria Boris pelo resto da vida. Muita gente na comunidade de russos brancos emigrantes achava que trabalhara secretamente para os comunistas, ou para os alemães. Nunca houve prova que fundamentasse qualquer dessas suspeitas, e hoje geralmente se acredita que o genro de Raspútin era mesmo quem dizia ser. Tentativas de Sokolov e Félix Iussúpov para enquadrar Boris como responsável pelo destino dos Románov não passavam, no fundo, de um último esforço para culpar Raspútin e as pessoas a ele ligadas pelas agruras da Rússia. Se Raspútin servia de bode expiatório para a queda da monarquia, Boris deveria servir de bode expiatório para o assassinato da família do tsar. ⁶ Boris e Maria foram longamente interrogados por Sokolov. Ele, ao que parece, estava convencido de que Boris tinha roubado as joias tsaristas, bem como dinheiro destinado à família imperial durante o cativeiro, e propôs soltá-los se confessassem. Mas os dois não podiam confessar uma coisa da qual nada sabiam. No fim, Maria Mikháilovna Charaban, linda artista de cabaré e amante favorita do chefe cossaco Semenov, interveio e convenceu Sokolov a liberá-los nos primeiros dias de 1920. ⁷

O casal separou-se em Vladivostok, Maria indo para Berlim por Trieste e Praga. Agora era mãe de duas filhas pequenas, Tatiana e Maria, que receberam esses nomes em homenagem às filhas do tsar. Moraram com Aron Simanovitch por um tempo, mudando-se em seguida para Paris, onde se juntaram a Boris. Estavam na miséria, vivendo com dificuldade em Montmartre. Boris trazia alguns francos para casa lavando carros. Abriram um restaurante, que faliu. Em 1926, Boris morreu de tuberculose. Sozinha com as meninas, Maria usou seu famoso sobrenome para conseguir trabalho como artista de cabaré, tendo herdado do pai o talento para a dança. Em 1932, apresentou-se com um coro de cossacos e seus pôneis treinados no “Cirque d’hiver” em Paris, tendo começado a nova carreira de artista em Berlim, por insistência de Simanovitch. ⁸ Sua reputação espalhou-se rapidamente. No ano seguinte já estava se apresentando num circo na Letônia, e, em

dezembro de 1934, apareceu como domadora de leão em Islington, na Inglaterra. ² Três meses depois, Maria atravessou o Atlântico para se tornar parte do Hagenbeck-Wallace Circus, anunciada como “A Mais Sensacional Estrela dos Picadeiros da Europa”. Deveria ser a maior atração da temporada de 1935, mas, quando estava em Peru, estado de Indiana, foi atacada por um urso e quase morreu. Depois de cinco semanas num hospital, Maria voltou para a Europa em novembro de 1935, dedicando-se agora ao trabalho mais seguro de cavaleira, e retornando para se apresentar com os Ringling Brothers no Madison Square Garden em 1937.

Em 1940, em Miami, casou com Gregory Bern, descrito na imprensa como seu amigo de infância da Rússia, mas pediu divórcio seis anos depois, alegando crueldade inimaginável da parte do marido. ¹⁰ Maria acabaria se estabelecendo na área de Silver Lake, em Los Angeles, vivendo de aulas particulares de idiomas e das várias edições de suas memórias, cercada de fotografias do passado na Rússia. Morreu em casa em setembro de 1977, com 79 anos, e foi sepultada debaixo das palmeiras do Cemitério Angelus-Rosedale, perto do Venice Boulevard. ¹¹

De Berlim, Simanovitch também viajou para os Estados Unidos e tentou ganhar a vida vendendo seus “segredos”, como costumava dizer, sobre Raspútin, mas não recebeu nenhuma oferta. Partiu para a França, onde foi preso por falsificação de dinheiro e passou algum tempo na cadeia. De um hotel em Paris, sofrendo de tuberculose, escreveu para um conhecido seu na comunidade judaica pedindo dinheiro, alegando ter sido o único judeu na Rússia que “segurou nas mãos todas as rédeas políticas” e ter exercido “poder ilimitado” no tempo do tsar. Dizia ter usado sua influência como secretário de Raspútin para ajudar o povo judeu, submetendo a si mesmo e sua família a um risco considerável. Gabava-se de ter feito mais pelos judeus da Rússia do que qualquer outra pessoa. Nenhum dinheiro chegava, porém. Simanovitch foi parar num campo de concentração nazista, mas de alguma forma escapou. Depois da guerra, foi para a Libéria e abriu um restaurante, o Atlantik chez Raspútin. ¹²

Após a Revolução Bolchevique, o grão-duque Dmítri partiu para Teerã e ficou hospedado com o embaixador britânico, Sir Charles

Marling. Viveu quase dois anos com Marling, antes de se mudar para Londres. Lá, voltou a se juntar com a irmã Maria. Dmítri perambulou pelo continente, principalmente pela França, levando uma vida que ele mesmo chamava de “ócio febril”. Passava os dias jogando golfe, encontrando-se com amigos no clube, e as noites bebendo e frequentando os cassinos, apesar de dispor de pouco dinheiro para jogar. Casou com uma herdeira americana de Cincinnati, teve um filho e mudou-se para os Estados Unidos, mas o casamento desandou, e logo ele estava de volta à Europa. Envolveu-se um pouco com política émigré e tornou-se amante de Coco Chanel, embora nada parecesse capaz de curar seu sofrido tédio. Morreu de tuberculose num sanatório de Davos em 1942, com cinquenta anos. ¹³

Dmítri se manteve fiel à palavra empenhada de nunca mencionar o assunto do assassinato de Raspútin, ao contrário do amigo Félix. Os dois voltaram a se encontrar em Londres, mas Dmítri evitava Félix, magoado com a displicência com que seu cúmplice de conspiração falava sobre o que haviam jurado jamais mencionar. De acordo com Maria, o irmão ficava revoltado com a atitude indiferente de Félix para com o assassinato e jamais perdoou o fato de ele viver constantemente tocando no assunto. ¹⁴ Em 27 de fevereiro de 1920, Dmítri escreveu a Félix dizendo que o jeito diferente de cada um ver a questão ameaçava destruir a amizade dos dois. Para Dmítri, seria para sempre uma “mancha em minha consciência”, pois “assassinato é assassinato e assim será eternamente”. ¹⁵ Maria tinha a mesma opinião do irmão sobre Félix, notando, com um misto de piedade e desdém, que ele tinha confundido notoriedade com popularidade e se iludia pensando ser uma figura de grande importância histórica. ¹⁶

Em 1927, Iussúpov, em meio à falta de dinheiro, publicou um livro sobre o assassinato que ofendeu muita gente na comunidade de exilados. Félix, porém, continuava impenitente: “Mesmo agora não me arrependo nem um pouco desse assassinato”, disse à imprensa. Escândalos pareciam segui-lo para onde ele fosse. A imprensa francesa e o jornal de exilados russos *Dias*, editado por Aleksandr Kérenski, informaram que Iussúpov foi obrigado a deixar a França no começo de 1928, depois de seduzir o filho menor de um destacado político francês. O pai surpreendeu-os em flagrante delito e deu uma surra nos dois,

espancando o filho tão severamente que precisou levá-lo para o hospital. O pai não quis levar a questão ao tribunal, e Iussúpov lhe ofereceu algum dinheiro para abafar o caso. Quando a história foi divulgada por *Dias*, Iussúpov moveu uma ação contra o jornal e se queixou de que nos últimos oito anos tinha sido alvo de uma campanha ininterrupta de boatos e calúnias. Iussúpov venceu, mas o tribunal francês rejeitou seu pedido de 500 mil francos em danos morais, ordenando que *Dias* pagasse uma multa simbólica de um franco. [17](#)

As ações judiciais seriam um dos temas da vida de Iussúpov. Em 1932, magoado com a maneira como foi apresentado no filme *Raspútín*, ele processou os cineastas, exigindo que eliminassem sua participação (o que era impossível, pois o filme já tinha sido lançado) ou lhe pagassem uma indenização de 50 mil marcos. [18](#) Dois anos depois, processou a Metro-Goldwyn-Mayer por difamação em seu *Raspútín, o monge louco*, estrelando John e Lionel Barrymore. A ação centrava-se nas cenas em que Raspútín seduzia Irina, que Iussúpov considerava difamatórias. Os Iussúpov conseguiram uma sentença incrivelmente vultosa de 25 mil libras esterlinas contra a MGM. Triunfante, Félix vangloriou-se para os repórteres quando saiu o veredicto:

Vocês não imaginam a tortura que sofri revivendo a morte de Raspútín [...]. O incidente é especialmente angustiante para mim, pois acredito que meus esforços bem-intencionados para salvar meu país destruindo o monge serviram apenas para libertar os demônios concentrados nele. Estes foram disseminados e resultaram na Revolução, causando a queda da Rússia Imperial. A defesa teve a audácia de sugerir que eu, o príncipe Youssoupoff, não matei Raspútín, quando tenho sofrido desde então por tê-lo feito. Ninguém pode calcular os danos disso. [19](#)

Iussúpov tentou a sorte mais uma vez em 1965, movendo uma ação no estado de Nova York contra a Columbia Broadcasting System exigindo 1,5 milhão de dólares em danos morais por sua representação do assassinato de Raspútín. Ele alegava que o programa de televisão invadira sua privacidade, sugerindo que usara a mulher como isca para atrair Raspútín até sua casa, e deixou o tribunal perplexo ao declarar que não o matara por nenhuma razão política, mas simplesmente por repugnância à sua devassidão. O julgamento durou duas semanas, mas no fim a Suprema Corte do Estado de Nova York rejeitou a ação. [20](#) Félix morreu em Paris em 1967, seguido por Irina, três anos depois.

Os outros assassinos quase não deixaram vestígios depois da

revolução. Sukhotin casou com a neta de Tolstói, Sófia, em 1921, embora o casamento não tenha durado muito. Em 1926, ele adoeceu, e Iussúpov, generosamente, levou-o para Paris, onde morreu logo depois. ²¹ Lazovert foi parar em Paris no verão de 1918. Usou a fama de assassino de Raspútin para obter um visto de trânsito da Grã-Bretanha, dizendo, na época, que queria chegar ao Extremo Oriente da Rússia e juntar-se aos russos brancos que combatiam os bolcheviques. ²² Chegou a Nova York em 22 de setembro e disse à imprensa que estava ali para se encontrar com o presidente Woodrow Wilson e informá-lo das condições na Rússia. Dois dias depois, deu uma curta entrevista ao *New York Times*. Em suas declarações, Lazovert afirmou que tinha sido Purichkévitch, e não Iussúpov, quem disparou o tiro fatal naquela noite no pátio fora do palácio. Nenhuma outra pessoa, além dele, Iussúpov, o grão-duque Dmítri, Sukhotin e Purichkévitch, esteve envolvida na trama e na execução do assassinato de Raspútin, afirmou ao jornal. ²³

Gutchkov, Kokóvtsov, Miliukov e Rodzianko deixaram a Rússia com a revolução e morreram no exílio. Feofan foi parar em Sófia, onde, em 1931, se dizia que enlouqueceu e estava confinado num hospício. Esmagado pela culpa de ter apresentado Raspútin à família imperial, estaria convencido de que tinha provocado o colapso da monarquia. Por muitas noites, assediado por essa crescente obsessão, foi visto prostrado perante o altar, na catedral Niévski, em Sófia, lamuriando-se. Morreu na França em 1940. ²⁴ O padre Vostokov mudou-se para os Estados Unidos e passou quarenta anos tentando alertar o mundo para o perigo que “judeus e maçons” representavam para a civilização cristã. ²⁵ Encontrou um aliado no príncipe Jevakhov. O príncipe trabalhou incansavelmente para promover a fraude antisemita *O protocolo dos sábios de Sião* e saudou a ascensão de Mussolini e Hitler. Não se sabe que fim teve. ²⁶

A vida de Iliodor depois da revolução foi, como era de esperar, uma das mais pitorescas. Em maio de 1918, ele voltou para Tsarítsin contando a quem quisesse ouvir que enriquecera nos Estados Unidos e levando presentes da loja de departamentos Macy’s para alguns partidários seus que ainda restavam. ²⁷ Em 1921, como patriarca da Igreja Cristã Universal do Povo Russo, escreveu a Lênin para oferecer ajuda na construção do comunismo. Lênin nem se deu ao trabalho de responder. No ano seguinte, depois do fracasso de sua tentativa para

recuperar a boa sorte em Tsarítsin, Iliodor voltou para Nova York. Contou histórias disparatadas de sua temporada na Rússia bolchevique. Disse que visitou os Románov na Casa Ipátiev na Páscoa de 1918, que foi adotado por Lênin e outros líderes bolcheviques, e que certa vez, durante uma visita ao Krêmlin, mostraram-lhe a cabeça de Nicolau II, levada para Moscou numa mala, segundo ele por ninguém menos do que Khionia Guseva. A cabeça estava preservada num grande jarro de vidro, com o olho esquerdo do tsar morto bem arregalado. A imaginação de Iliodor não tinha limites. [28](#)

Ele se envolveu em numerosos projetos. Tentou trabalhar com o governo soviético para recuperar o ouro perdido dos tsares, enviou roteiros cinematográficos para diretores em Fort Lee. A um desses, baseado em sua própria vida, Iliodor deu o título de *Cinco anos no inferno*. Planejava estrear o filme. Depois que as negociações com a Rising Sun Production sobre a película biográfica fracassaram, ele moveu uma ação por fraude e criou sua própria produtora. Concebeu vários planos para ficar rico da noite para o dia e pensava em usar seus milhões para construir uma gigantesca Catedral da Verdade Eterna, onde pregaria um novo evangelho. O pouco dinheiro que Iliodor conseguiu ganhar perdeu-se no crash de 1929. Com isso, a mulher o deixou, levando os filhos. [29](#) Em 1936, ele moveu uma ação contra a Viking Press e a Garden City Publishing Company, pedindo 100 mil dólares de indenização por declarações feitas no livro *Raspútin: The Holy Devil*, de René Fülöp-Miller, que o descrevia como antisemita e cabeça de um complô para matar Raspútin. O júri examinou traduções dos vulgares escritos e sermões antijudaicos perpetrados por Iliodor em seu passado na Rússia. Os jurados só precisaram de quarenta minutos para decidir contra ele. [30](#) Derrotado nos Estados Unidos, em 1947 Iliodor escreveu a Stálin pedindo permissão para ir morar na União Soviética. Não se sabe se o líder soviético lhe respondeu. [31](#) Iliodor morreu no Bellevue Hospital, em Manhattan, em 27 de janeiro de 1952, com 72 anos, tendo passado os últimos anos de vida trabalhando como contínuo nos escritórios da Metropolitan Life Insurance Company, na Madison Avenue. [32](#)

O governo provisório soltou Khionia Guseva, que estava confinada no hospício de Tomsk, em 27 de março de 1917. Apesar dos imensos

problemas que enfrentava, o novo regime encontrou tempo para providenciar a libertação da frustrada assassina de Raspútin. Guseva sumiu por dois anos, antes de reaparecer em Moscou, onde, em 29 de junho de 1919, exatamente cinco anos depois do ataque contra Raspútin, tentou matar a facadas o patriarca Tíkom, nos degraus da Catedral de Cristo Salvador, em Moscou. Mais uma vez falhou. O governo soviético a absolveu por insanidade mental e adotou uma postura tolerante por causa do atentado a Raspútin. Com isso, Guseva desapareceu da história. [33](#)

Olga Lokhtina foi uma das pessoas presas pelo governo provisório e mantidas na Fortaleza Pedro e Paulo até serem soltas pelos bolcheviques. Ainda em 1923, ela pedia esmola na estação ferroviária de Petrogrado, depois disso todos os registros a seu respeito se perderam. [34](#) Nada se sabe sobre a maioria das outras discípulas de Raspútin. Zinaida Manshtedt conseguiu manter-se em contato com Alexandra, trocando cartas e até lhe mandando um exemplar de *Os protocolos dos sábios de Sião*. Foi capturada portando cartas da ex-imperatriz e fuzilada, juntamente com o marido. [35](#) Vírubova ficou em Petrogrado e foi presa várias vezes pelo governo bolchevique e ameaçada de execução. Empobrecida, açoitada pelo frio e pela fome, conseguiu fugir para a Finlândia com a mãe em dezembro de 1920. Em 1923, tornou-se freira adotando o nome de irmã Maria no Convento de Valaamsky. Morreu em julho de 1964, com setenta anos. A outra amiga íntima de Alexandra, Lili Dehn, fugiu da Rússia para a Inglaterra, depois para a Polônia e a Venezuela. Em 1957, voltou à Europa para um encontro com uma mulher chamada Anna Anderson, que dizia ser Anastássia, a filha mais nova do último tsar. As duas conviveram durante uma semana, e depois disso Lili jurou num tribunal de Hamburgo que a mulher de fato era a filha desaparecida do tsar. Declarou que ela lhe tinha contado coisas que ninguém, a não ser uma pessoa da família, poderia saber. (Estava enganada, Anastássia era, na realidade, uma operária polonesa mentalmente desequilibrada de nome Franziska Schanzkowska.) Dehn morreu em Roma, em 1963, com 78 anos. [36](#)

Theodora Krarup permaneceu na Rússia até 1938, quando voltou para sua terra natal, a Dinamarca. Por mais de duas décadas, guardou em seu apartamento numerosas lembranças de suas relações com Raspútin —

alguns móveis dele, um cacho dos seus cabelos e vários retratos seus que ela pintou. Não muito tempo antes do assassinato, Raspútin tinha visitado o ateliê dela pela última vez, presenteando-a com um grande álbum de fotografias e um manuscrito contendo seus aforismos e pensamentos sobre a Rússia, por ele ditado ao longo dos anos para Munia Golovina. Raspútin pediu a Krarup que o publicasse algum dia, prometendo que a pobre artista que ele tanto admirava ia ganhar muito dinheiro. Nos anos seguintes à revolução, foi impossível publicar o original, que ficou guardado na gaveta de uma escrivadinha. Ao deixar a União Soviética, ela não teve permissão para carregar quase nada dos seus bens, e com grande pesar queimou o manuscrito, bem como o álbum e os retratos ainda em seu poder. [37](#)

Alguns Románov conseguiram escapar da Rússia durante a guerra civil e sobreviver, a maioria em modestas circunstâncias, durante décadas. A imperatriz viúva Maria Fiódorovna morreu em Copenhague em 1928. Sandro, sogro de Félix Iussúpov, morreu na França em 1933. Nikolacha morreu em Antibes, na Riviera Francesa, em 1929, o mesmo lugar onde, dois anos depois, o grão-duque Piotr, seu irmão, terminaria seus dias e, em 1935, a viúva de Nikolacha, Stana. A irmã dela, a outra Princesa Negra, Militsa, sobreviveu ao marido vinte anos, morrendo em Alexandria, no Egito, em 1951. As duas irmãs do tsar Nicolau, Olga e Ksênia, morreram em 1960, no Canadá e na Inglaterra, respectivamente.

Depois de executarem a família Románov e os poucos criados que ainda restavam, Iákov Iuróvski, comandante da Casa para Fins Especiais, e seus homens puseram os corpos num caminhão e saíram de Iekaterinburgo na penumbra. Viajaram na direção norte, por cerca de vinte quilômetros, até uma área de minas de carvão abandonadas conhecida como os Quatro Irmãos, perto da aldeia de Koptiaki. Ali, entre pinheiros, bétulas e pântanos, transferiram as vítimas para carroças e penetraram mais fundo no mato. Finalmente chegaram a Quatro Irmãos e puseram os corpos no chão. Duas fogueiras foram acesas. Iuróvski mandou os homens desnudarem os cadáveres. Ao despirem Alexandra e as filhas, descobriram que suas roupas estavam forradas de diamantes e joias, incluindo os topázios que Raspútin lhes dera. Iuróvski precisou impor disciplina, pois os homens estavam muito

excitados com a descoberta e a visão dos corpos nus. Um deles tomou liberdades com o corpo da imperatriz. Depois queimaram as roupas e jogaram os corpos num lamacento poço de mina conhecido como Buraco de Ganin. Iuróvski lançou algumas granadas de mão numa tentativa de fechar o poço e ocultar os cadáveres.

Por volta das dez da manhã de 17 de julho de 1918, Iuróvski e seus homens terminaram o serviço. Voltaram para o caminhão levando alguns sacos com as joias que tinham tirado dos corpos. Juntamente com os diamantes e pérolas havia quatro amuletos que as filhas usavam no pescoço quando foram mortas — cada um com um retrato de Raspútin e as palavras de uma de suas preces. [38](#) Até o fim os Románov jamais perderam a fé em seu amigo.



1. Pokróvskoie, aldeia natal de Raspútin no rio Tura, retratada pelo grande fotógrafo russo Serguei Prokudin-Gorski em 1912.



2. Talvez a mais antiga fotografia de Raspútin que sobreviveu ao tempo, provavelmente tirada na virada do século. Note-se que ele já adotava uma de suas poses mais características.



3. Antes de haver Raspútin, houve Monsieur Philippe, necromante, vidente e conselheiro de Nicolau e Alexandra, a quem o casal real chamava "nosso amigo", exatamente como chamaria Raspútin.



4. O tsarévitch Alexei, Alexandra e Nicolau.



5. As Corvas: Militsa e Anastássia.



6. Grão-duque Nikolai Nikoláievitch.



7. Raspútin em casa, em Pokróvskoie, segurando Varvara e ladeado por Maria e Dmítri, c . 1910.



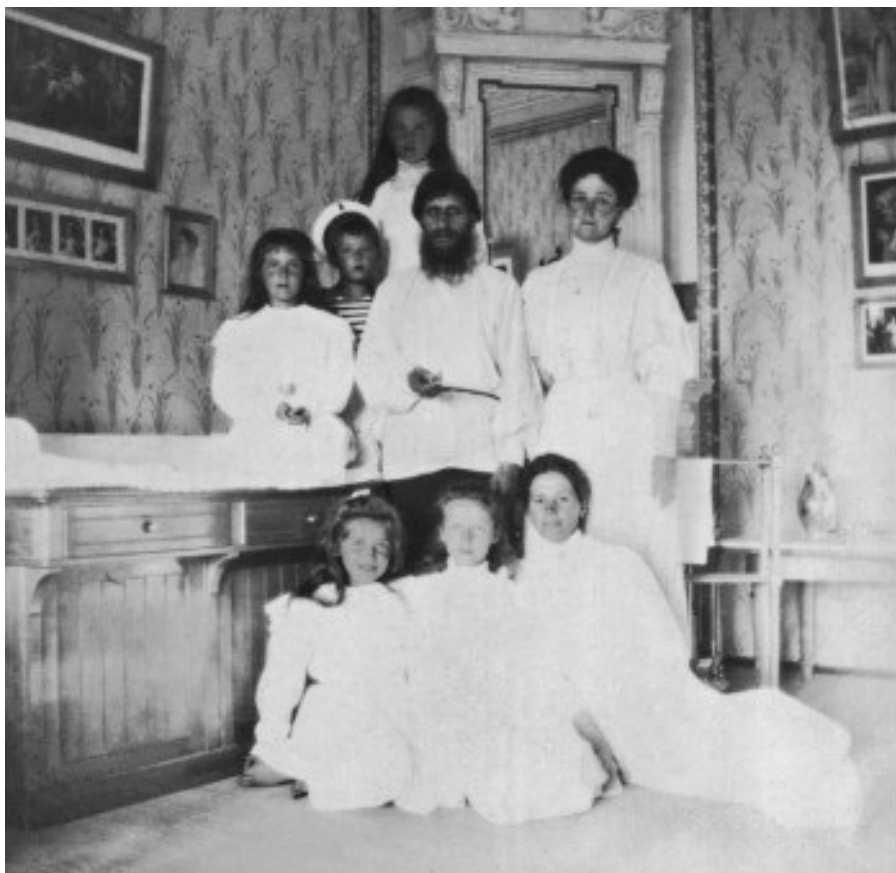
8. A casa de Raspútin em Pokróvskoie.



9. Raspútín sentado entre o coronel Dmítri Loman (à
esq.) e o príncipe Mikhail Putiátin, provavelmente em
1906.



10. Raspútin com dois dos seus aliados mais íntimos e, mais tarde, inimigos mais implacáveis, o bispo Germogen e o "monge louco" Iliodor, c . 1908. Note-se a indumentária vagamente clerical de Raspútin.



11. Raspútin no quarto das crianças do palácio, cercado por Alexandra e filhos, c. 1909. A babá de Alexei, Maria Vishniakova, está sentada sorrindo, no canto inferior à direita; à sua direita, a carrancuda Tatiana e uma Maria mais alegre, os pés descalços aparecendo sob o vestido branco. Olga está em cima de um móvel atrás de Raspútin.



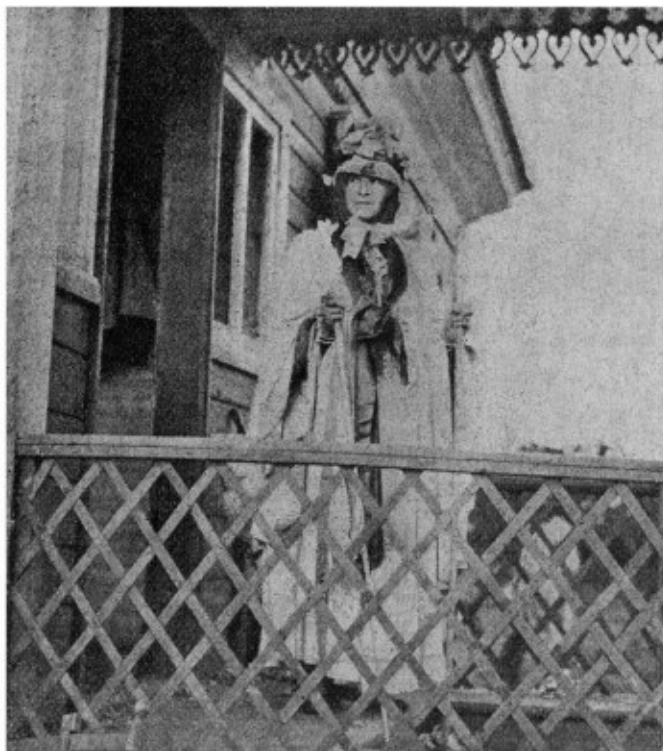
12. Imagem estranhamente inquietante de Raspútin, talvez no palácio, no mesmo dia da foto no quarto das crianças.



13. Imperatriz Alexandra e Anna Vírubova.



14. Depois do assassinato do marido por revolucionários em 1905, a grã-duquesa Isabel (conhecida como Ella), irmã mais velha de Alexandra, ordenou-se freira, tornando-se abadessa de um convento em Moscou. O ódio de Ella contra Raspútin envenenou suas relações com a irmã.



15. Olga Lokhtina, uma das primeiras e mais fanáticas seguidoras de Raspútin, mostrada aqui c. 1913, depois de ter deixado a família e Raspútin para ficar perto de Iliodor. O comportamento estranho de Lokhtina (ela sofria de uma doença mental não diagnosticada) e a roupa bizarra faziam dela a mais notória, talvez a mais patética, das amigas de Raspútin.



16. O frontispício de *Grigóri Raspútin e a libertinagem mística*, de Mikhail Novoselov, confiscado do editor pela Okhrana de Moscou em janeiro de 1912 e destruído. Só a versão manuscrita de Novoselov escapou. Esta fotografia raríssima parece mostrar Raspútin posando de monge, mas a imagem é, muito provavelmente, uma hábil falsificação.



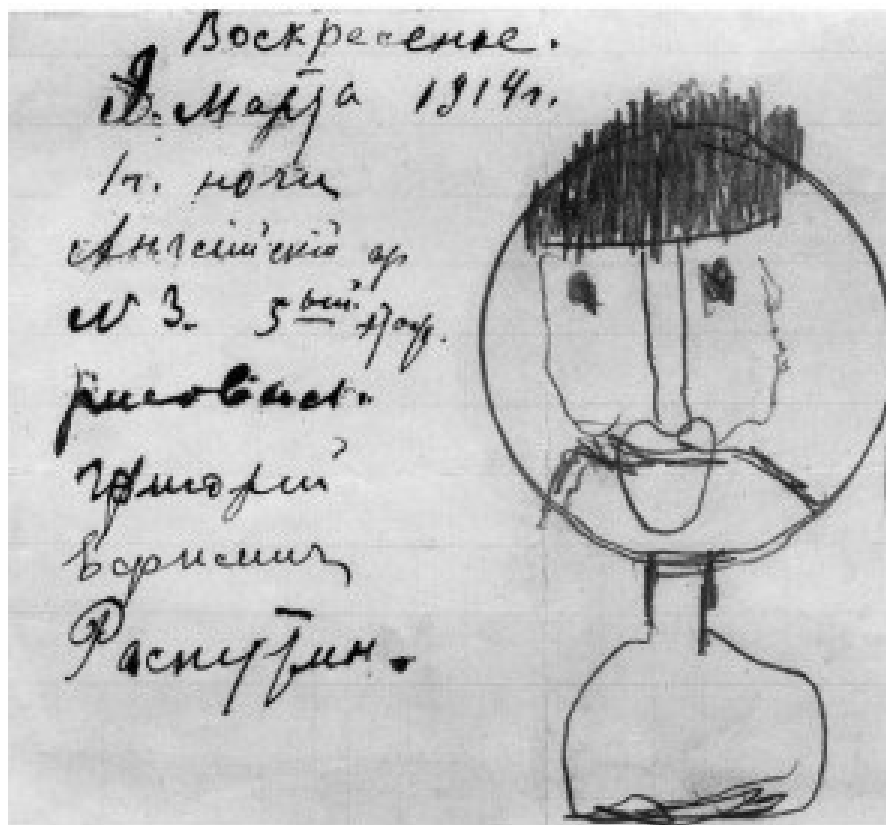
17. Comentário ilustrado de jornal sobre o primeiro escândalo da Duma em 1912, envolvendo Raspútín, aqui mostrado trocando um aperto de mãos com Aleksandr Gutchkov, sob o título "Heróis do dia". O desenho de Raspútín baseia-se no muito comentado retrato de autoria de Raiévski, da mesma época.



18. Alexei de cama com Alexandra, inequivocamente preocupada, e uma babá, em foto possivelmente tirada em Spała, em setembro de 1912. "Deus viu Vossas lágrimas e ouviu Vossas preces. Não fique triste", escreveu Raspútín de Pokróvskoie para a imperatriz. "O pequeno não vai morrer."



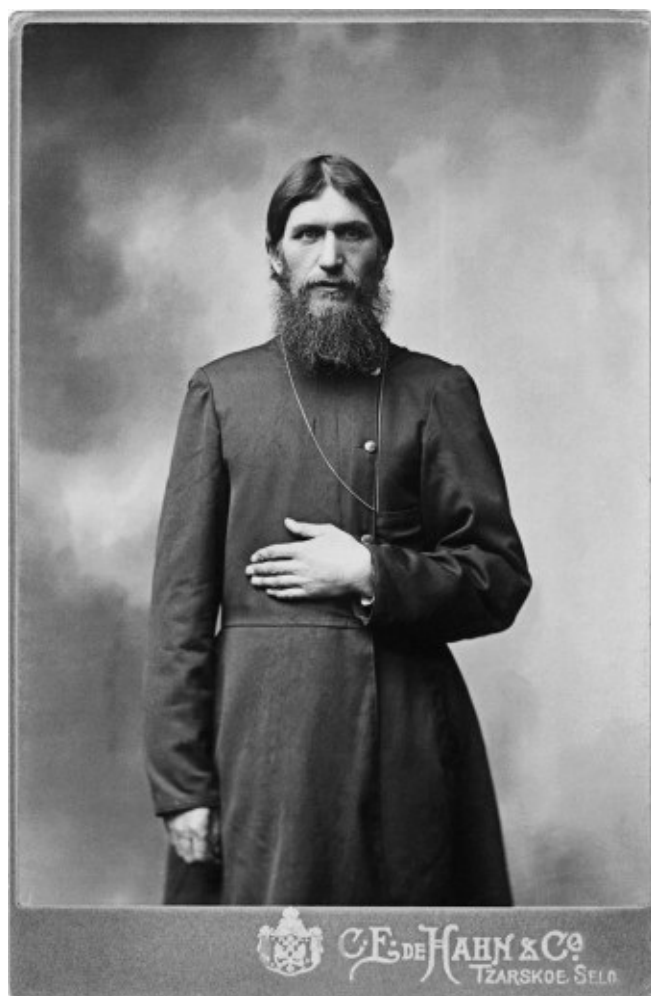
19. O "antigo" Iliodor. O desacreditado figura na capa da popular revista *Centelhas* , em fevereiro de 1913. Antes de voltar para sua terra natal, na região do rio Don, Iliodor mandou fazer cartões-postais em que aparece trajando sua nova indumentária mundana e os distribuiu pelo correio para seus muitos seguidores. "E ainda assim a verdade viverá para sempre. Tristeza para os que a ela não se submetem!", escreveu ele no canto inferior direito do cartão, avisando ao mundo que não o considerasse página virada.



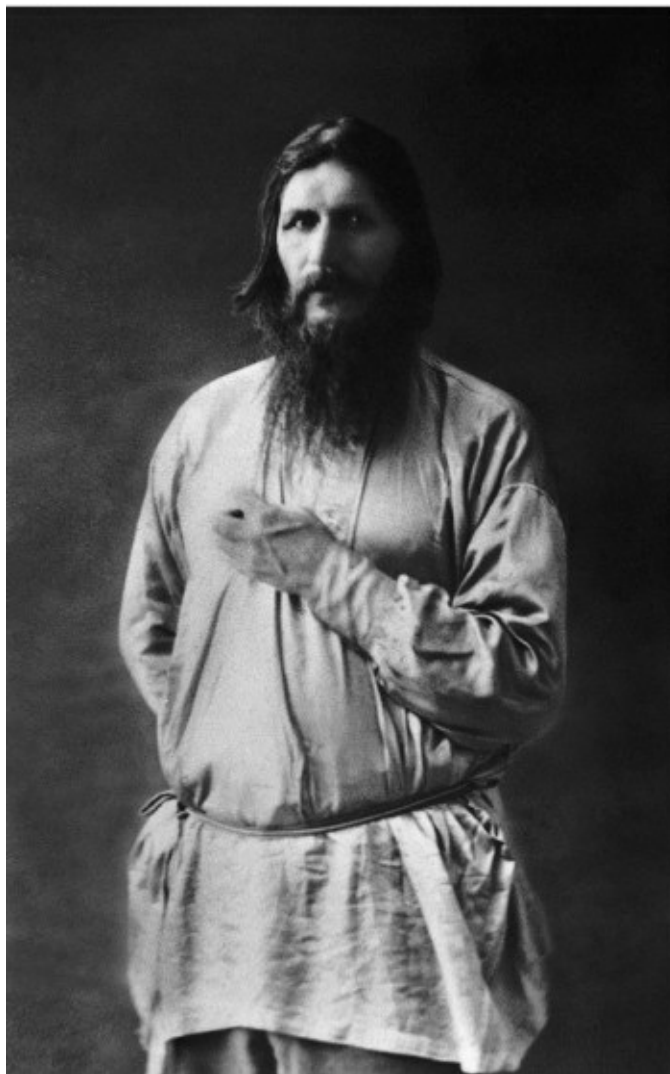
20. Rabiscos de Raspútin. Diz o texto: "Domingo. 9 de março de 1914. Uma da manhã. R. Inglesa, nº 3, 5º andar. Desenho de Grigóri Iefimovitch Raspútin".



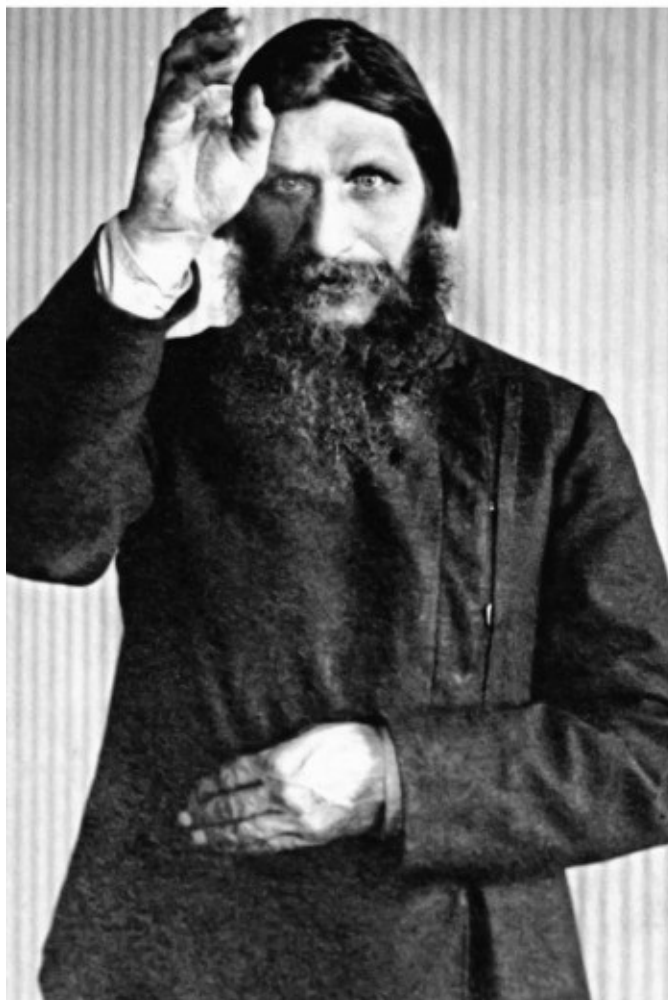
21. Reunião em Petersburgo, março de 1914. Na foto aparecem: Alexandra (Sana) e Aleksandr Pistolkors (à esq.); perto está Leonid Molchanov; e em seguida o príncipe Nikolai Jevakhov, o rosto em parte obscurecido por Anna Vírubova, de branco. Lili Dehn aparece em pé no vão da porta, de branco; em frente a ela está o pai de Raspútin, Iefim. Munia Golovina está sentada com uma mão sobre a outra (a segunda à esquerda de Raspútin), enquanto Akilina Laptinskaia está aos pés de Raspútin. As três mulheres no fundo à direita são Madame e Nadejda Loman, mulher e filha do coronel Dmítri Loman, e possivelmente Anna Rechetnikova, na casa de cuja mãe Raspútin costumava hospedar-se em Moscou.



22. Imagem icônica de Grigóri Raspútin, c. 1910. O estúdio fotográfico de C. E. de Hahn, situado perto da estação ferroviária de Tsárskoie Seló, onde muito provavelmente a fotografia foi batida, servia apenas a família imperial. É possível que Raspútin tenha sido capturado aqui por Aleksandr Jagelski, "fotógrafo de sua majestade imperial" de 1911 em diante.



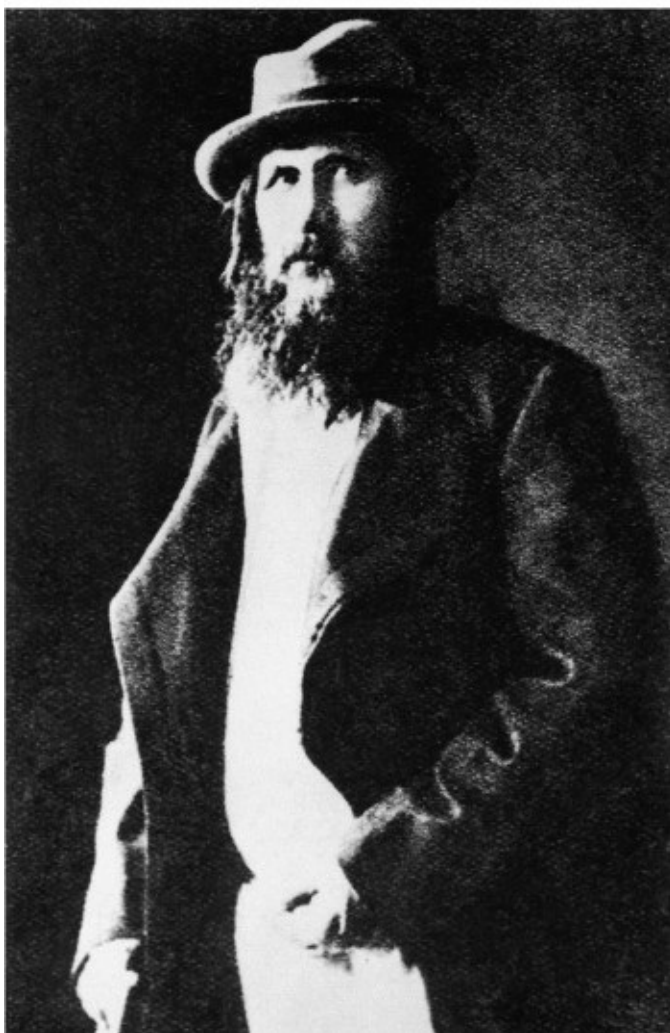
23. Raspútin em roupas de camponês.



24. Nenhum sacerdote ortodoxo teria pensado em fazer tal pose diante de um fotógrafo: quem, exatamente, Raspútin estaria abençoando? A imagem serviu apenas para diminuir ainda mais a credibilidade dele entre os figurões da Igreja.



25. "A Sina de O. V. Lokhtina." Havia uma crença generalizada, embora errônea, de que Raspútín era hipnotizador. Aqui, numa fotografia habilmente falsificada, publicada na popular revista *Pequena Chama*, Raspútín hipnotiza Olga Lokhtina.



26. Raspútin em trajes nada convencionais.



27. Raspútin no rio Tura, perto de Pokróvskoie, fazendo uma pausa durante uma pescaria com uma de suas devotas de Petersburgo. Note-se o sorriso radiante.



28. Arquimandrita Feofan (Bistrov).



29. Arcebispo (mais tarde metropolita) Antônio (Khrapovítski).



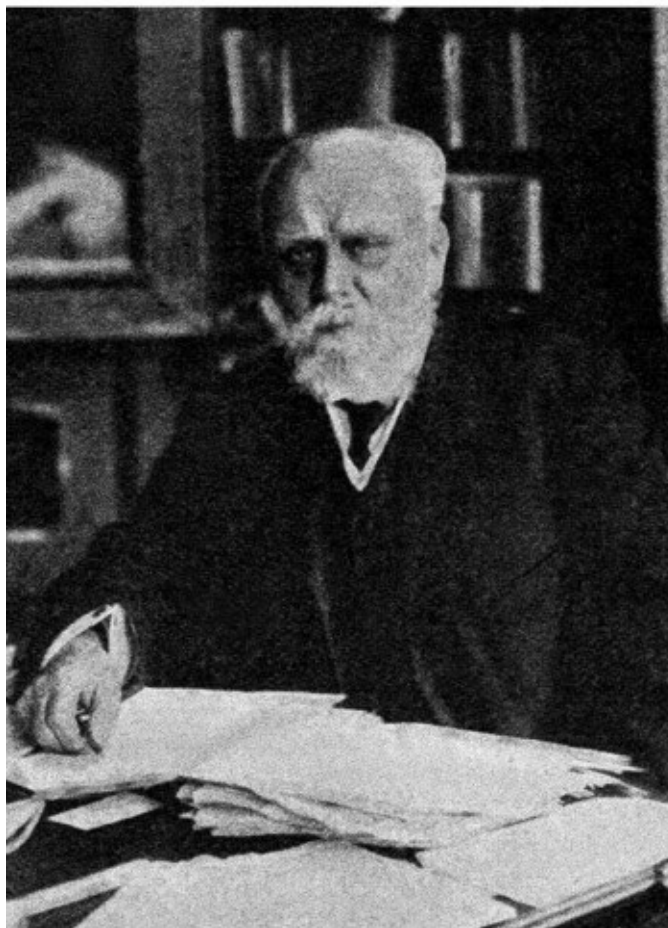
30. Bispo Alexei (Molchanov).



31. Arcebispo Varnava (Nakropin).



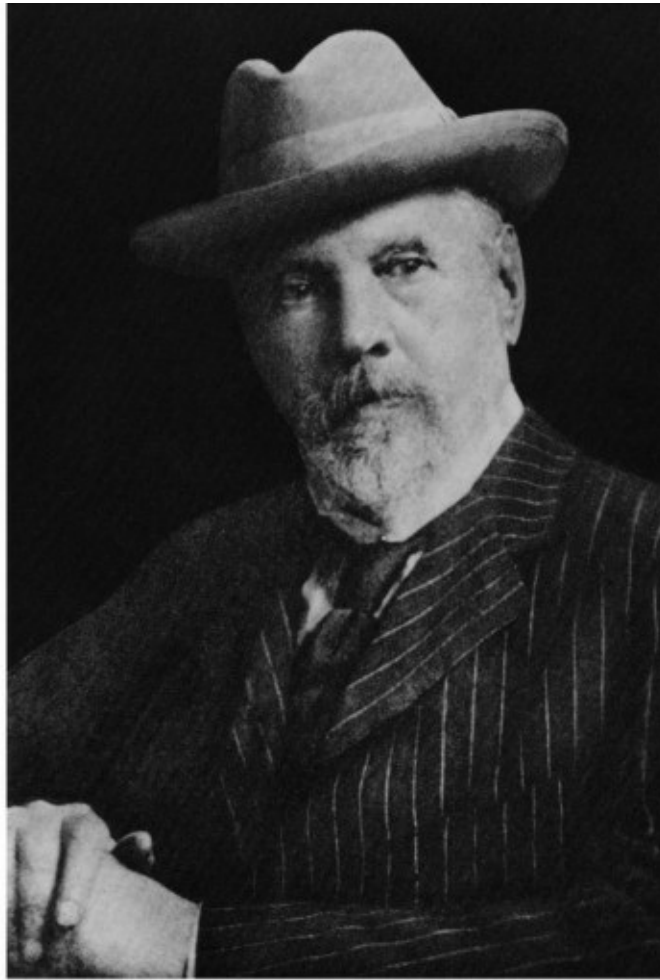
32. Metropolita Pitirim (Oknov).



33. Vladímir Sabler, procurador-chefe do Santo Sínodo
(1911-5).



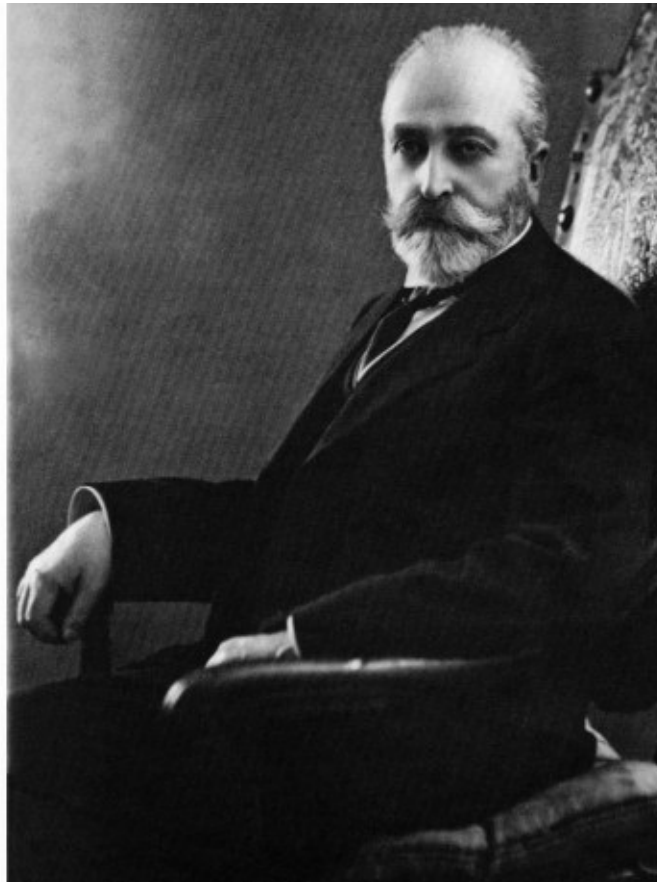
34. Aleksandr Samárin, procurador-chefe do Santo Sínodo
(1915).



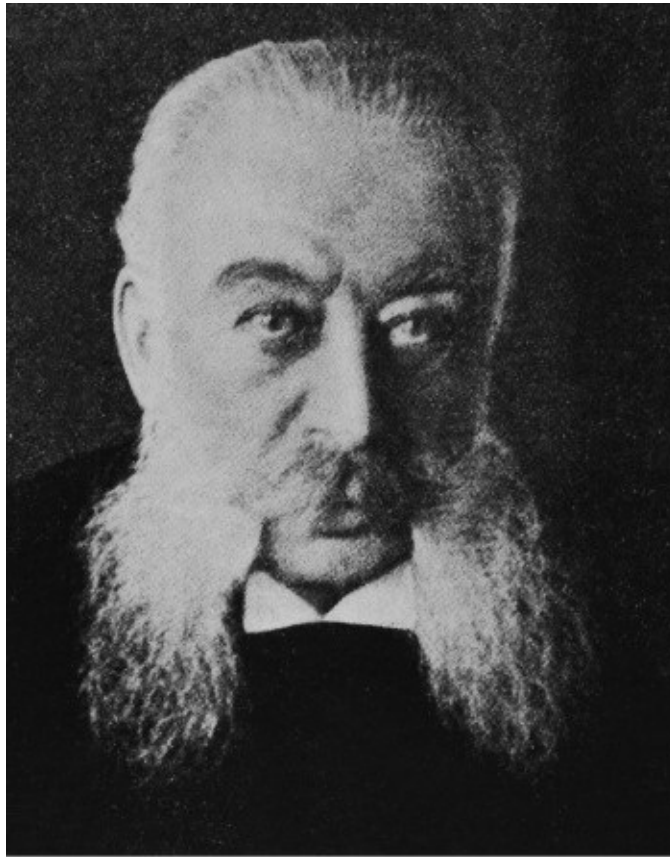
35. Conde Serguei Witte, primeiro premiê da Rússia (1905-6).



36. Piotr Stolípín, primeiro-ministro e ministro do Interior (1906-11).



37. Conde Vladímír Kokóvtsov, primeiro-ministro (1911-4) e ministro das Finanças (1906-14).



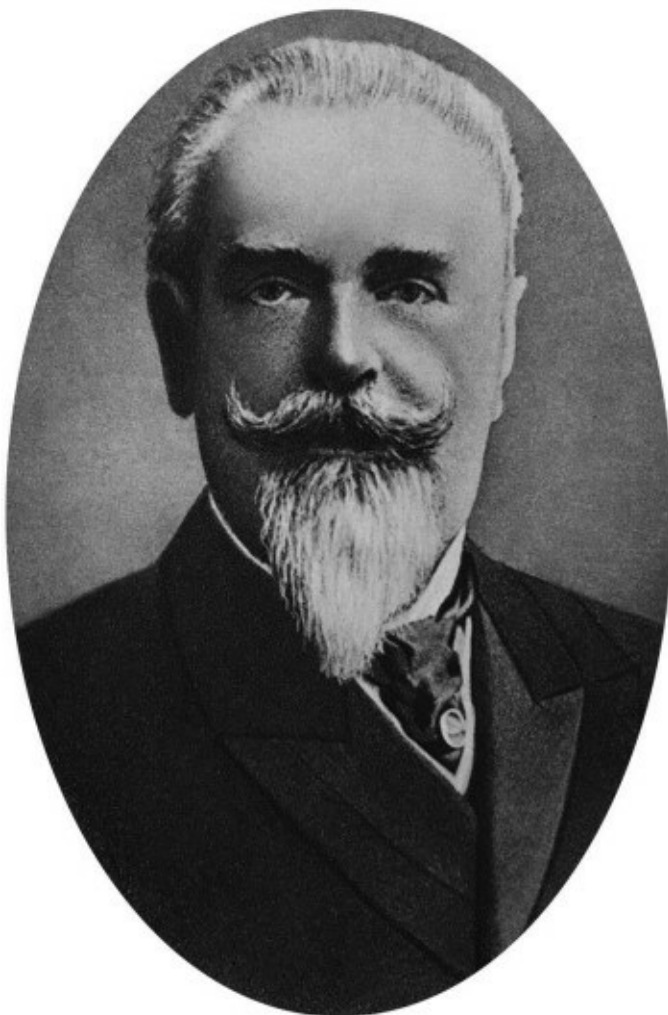
38. Ivan Goremíkin, primeiro-ministro (1906, 1914-6).



39. Vladímir Djunkóvski, governador de Moscou (1908-13) e vice-ministro do Interior (1913-5).



40. Vladímir Sukhomlínov, ministro da Guerra (1909-15).



41. Boris Stürmer, primeiro-ministro (1916).



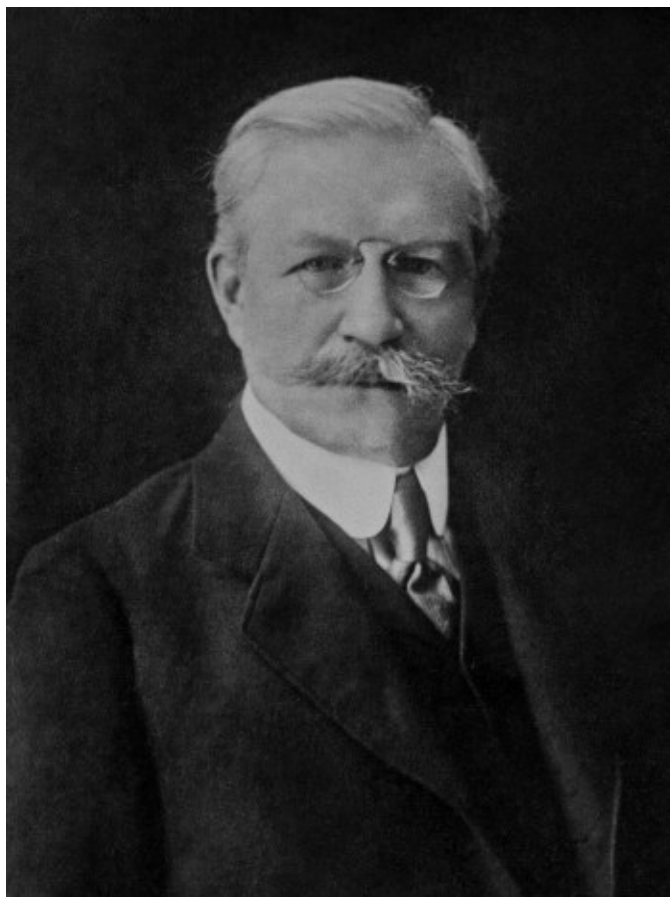
42. Aleksandr Protopópov, ministro do Interior (1916-7).



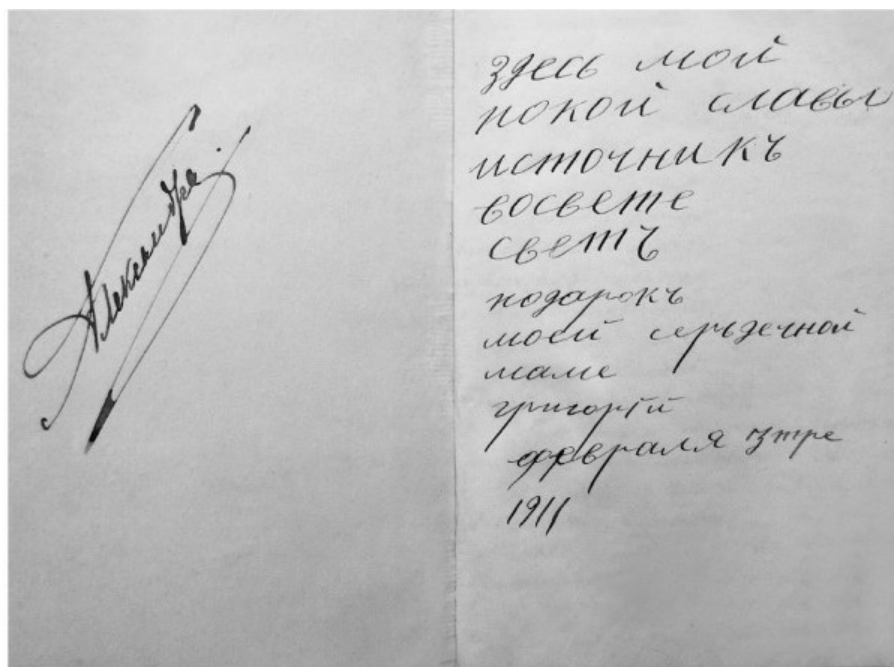
43. Aleksandr Gutchkov.



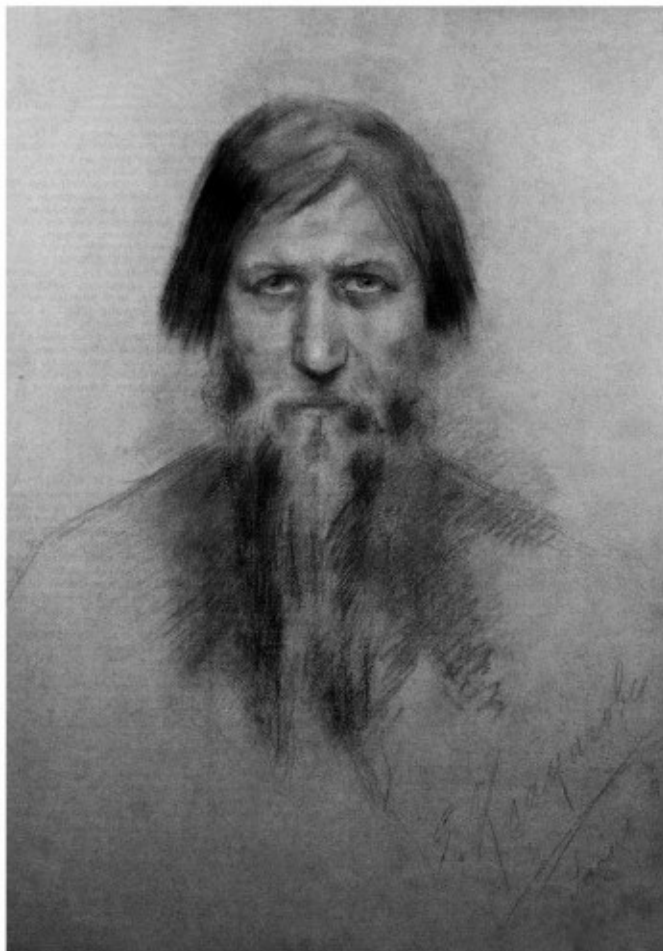
44. Mikhail Rodzianko, presidente da Duma.



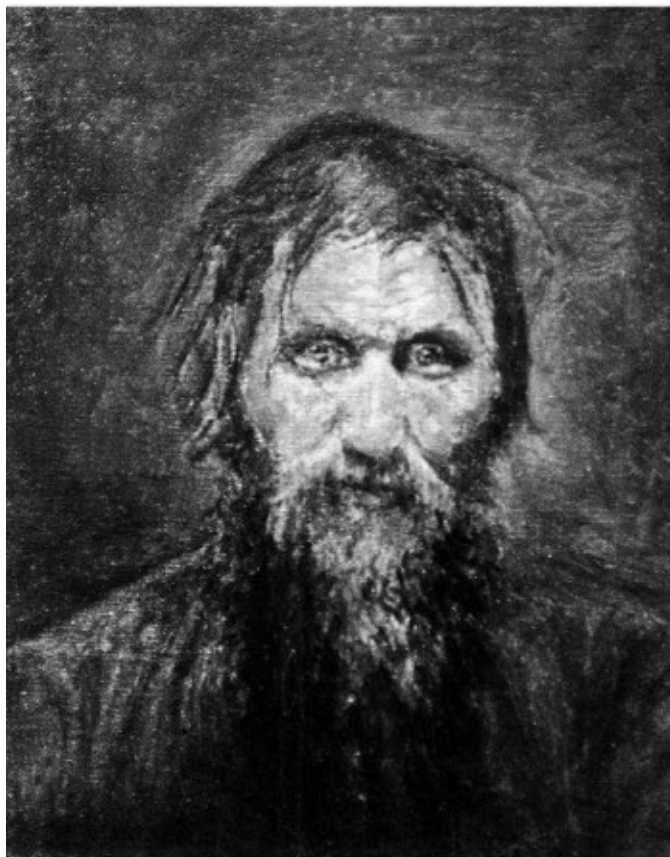
45. Pavel Miliukov.



46. "Aqui está minha paz, a fonte da glória, luz na luz. Um presente para minha sincera Mamãe. Grigóri." Palavras de Raspútin no caderno que presenteou a Alexandra em fevereiro de 1911. A assinatura da imperatriz está no verso. Ao escrever para suas majestades, Raspútin fazia questão de ostentar sua melhor caligrafia.



47. Um dos poucos retratos em cores de Raspútín ainda existentes. A artista, Ielena Klokacheva, formada pela Academia de Belas-Artes de São Petersburgo, é conhecida hoje basicamente por essa obra, executada a lápis e crayon em 1914, quando Raspútín estava vivo.



48. Um dos dois retratos ainda sobreviventes de Raspútin de autoria da artista dinamarquesa Theodora Krarup, executado em seu ateliê de Petersburgo em 1914.



49. Khionia Guseva detida depois de tentar matar Raspútin em Pokróvskoie em 29 de junho de 1914.

Покушеніе на убійство Григорія Распутина.

(ТЕЛЕГРАММЫ ОТЪ СОБСТВЕННОГО КОРРЕСПОНДЕНТА).



Матрена Гр. Распутина.
Дочь „старца“.



Гр. Е. Распутинъ.



Аполлиарія Никитишна Лапшинская.
(Секретарша Гр. Распутина).

Прибытіе тобольскаго
губернатора

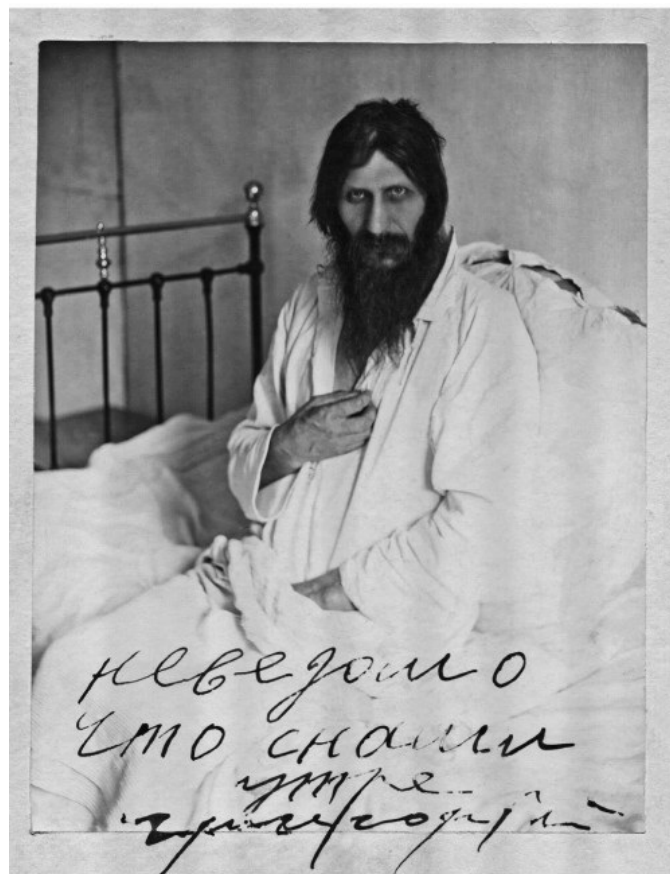
СТРОГУЮ ИЗОЛЯЦІЮ ГУСЕВОЙ, МНѢ УДА-
ЛОСЬ БЕСѢДОВАТЬ СЪ НЕЮ И УЗНАТЬ МО.

Мяѣніе товарища прокурора.

50. Título do *Correio de Petersburgo* depois do ataque de Guseva. Raspútin está acompanhado pela filha, Maria, e sua "secretária", Akilina Nikitichna Laptinskaia. A imprensa russa e estrangeira achou irresistível a história do quase assassinato de Raspútin.



51. Raspútin recuperando-se em seu leito de hospital em Tiumen.



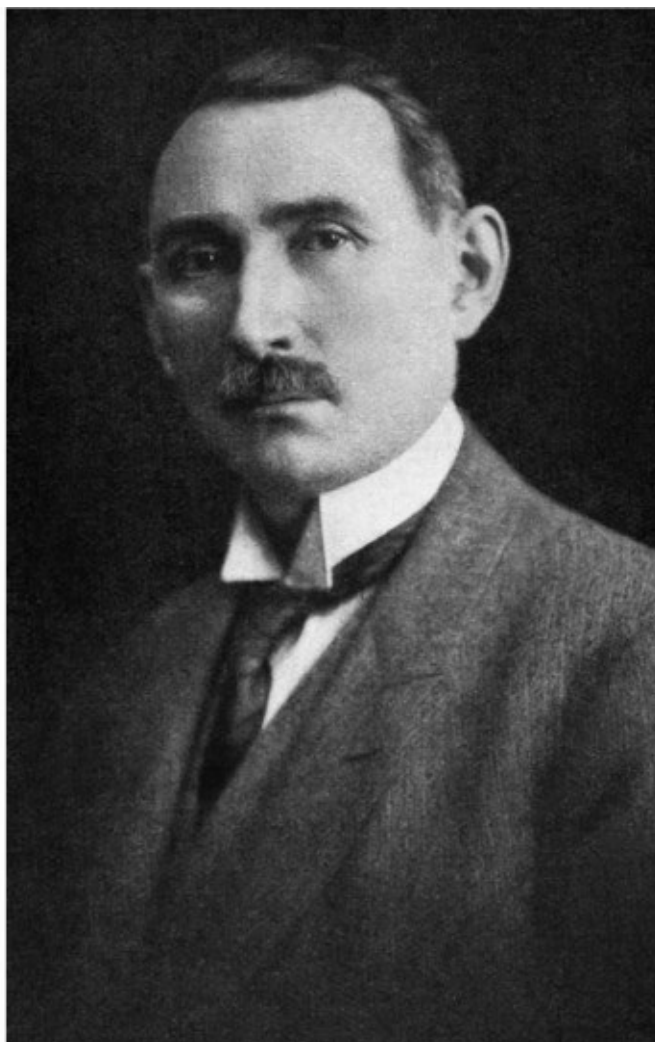
52. Raspútin no hospital. Ele assinou diversas cópias das mesmas fotografias com dizeres diversos. Este diz o seguinte: "Deus sabe o que será de nós de manhã, Grigóri".



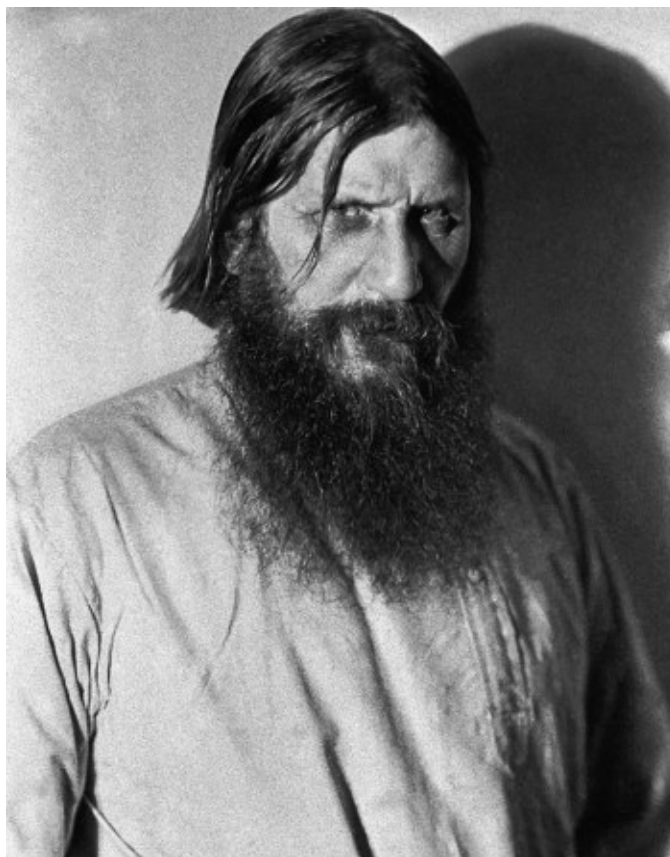
53. Príncipe Nikolai Jevakhov, seguidor de Raspútin e vice-procurador-chefe do Santo Sínodo (1916).



54. O Rocambole Russo. Ivan Manassevitch-Manuilov (centro) num banquete com editores dos principais jornais e figuras políticas de Petersburgo. Na frente à esquerda: o editor de *Novos Tempos* , Mikhail Suvórin; na frente à direita: o embaixador turco Turkhan Pasha.



55. O secretário de Raspútin, Aron Simanovitch, homem responsável pela criação de muitos mitos sobre seu patrão.



56. Raspútín nos anos que se seguiram ao ataque de Guseva.



57. Raspútin posando para o escultor Naum Aronson em 1915.

Новая скульптура Аронсона.

Григорій Распутинъ пишетъ и готовитъ къ выпуску въ свѣтъ книгу «Мои мысли и размышленія». Скульпторъ Н. Л. Аронсонъ сдѣлалъ бюстъ «старца» въ новой для него роли писателя.



Гр. Распутинъ-Новыхъ.
Скульптура Н. Л. Аронсона.

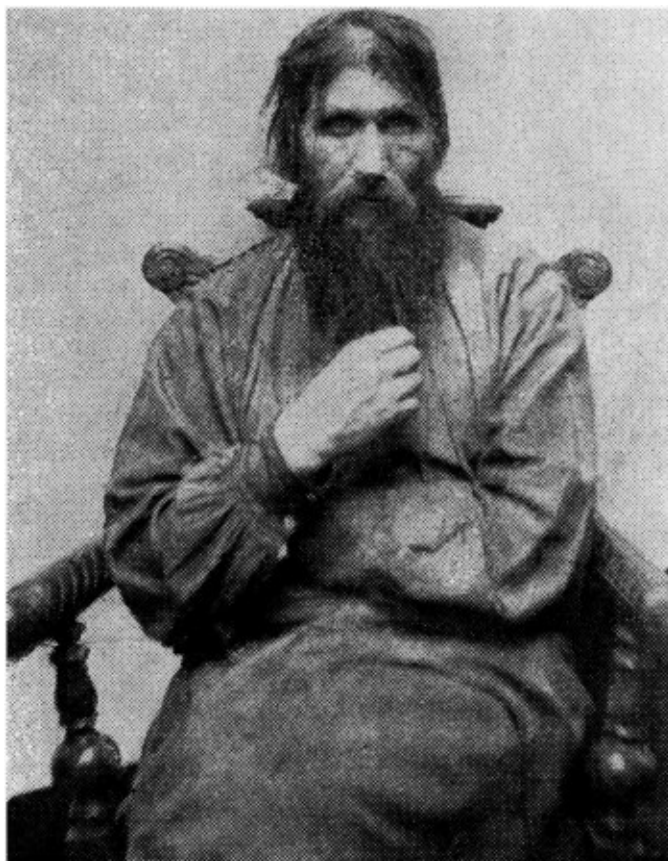
58. Anúncio na revista *Centelhas* do busto de autoria de Aronson destacando que a escultura foi feita aproveitando-se o lançamento de *Meus pensamentos e reflexões*, de Raspútin, por ocasião da sua "nova atuação como escritor".



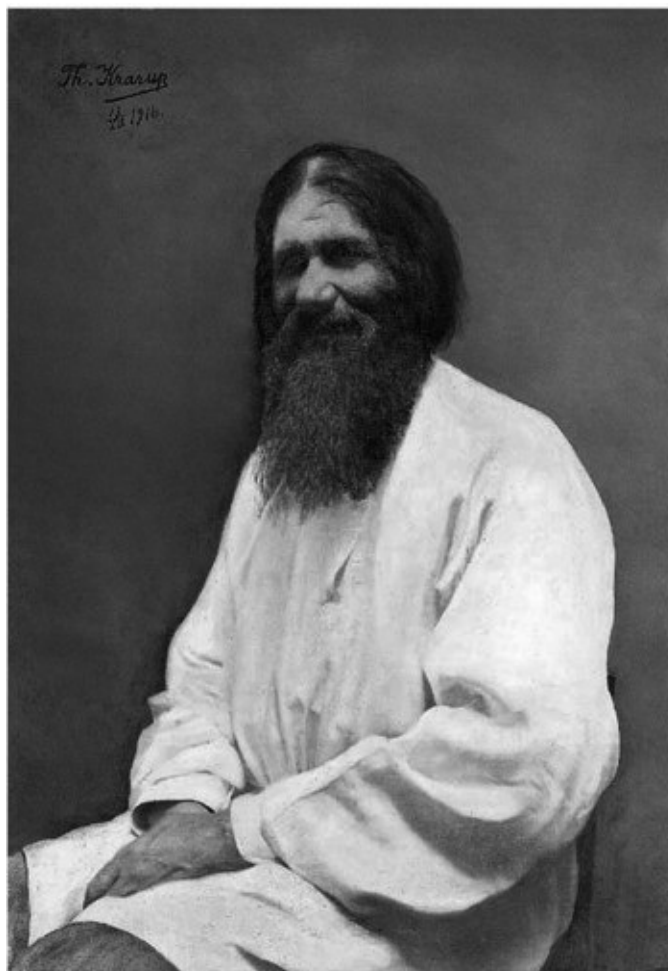
59. Esboço de Raspútin feito pelo ilustrador e retratista Iúri Annenkov, 1915.



60. Caricatura que acompanhava o artigo "O depravado", publicado na revista de Petrogrado *Rudin* em fevereiro de 1915, que conta a história de Raspútin através da alegoria do javali Vanka, um "Don Juan suíno" que misteriosamente assume o controle da propriedade de uma família nobre, formando um harém com as filhas.



61. Rara fotografia de Raspútín batida no último ano de sua vida pela retratista Theodora Krarup em seu ateliê de Petrogrado.



62. Último retrato de Raspútín de autoria de Krarup, datado de 13 de dezembro de 1916, apenas quatro dias antes de ser assassinado.



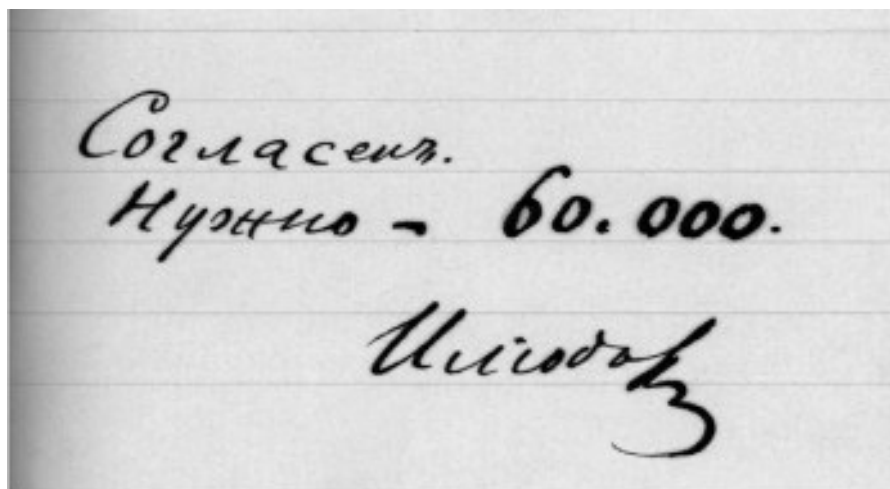
63. Ministro do Interior Alexei Khvostov (1915-6).



64. Stepan Belétski, vice-ministro do Interior (1915-6).



65. Príncipe Mikhail Andrónnikov.



A photograph of a handwritten note on lined paper. The text is written in Cyrillic script. The first line reads 'Согласен.' (Agreed). The second line reads 'Нурчио - 60.000.' (Nurchio - 60,000). The third line is a signature, 'Илиодор' (Ilidor), written in a cursive style.

Согласен.
Нурчио - 60.000.
Илиодор

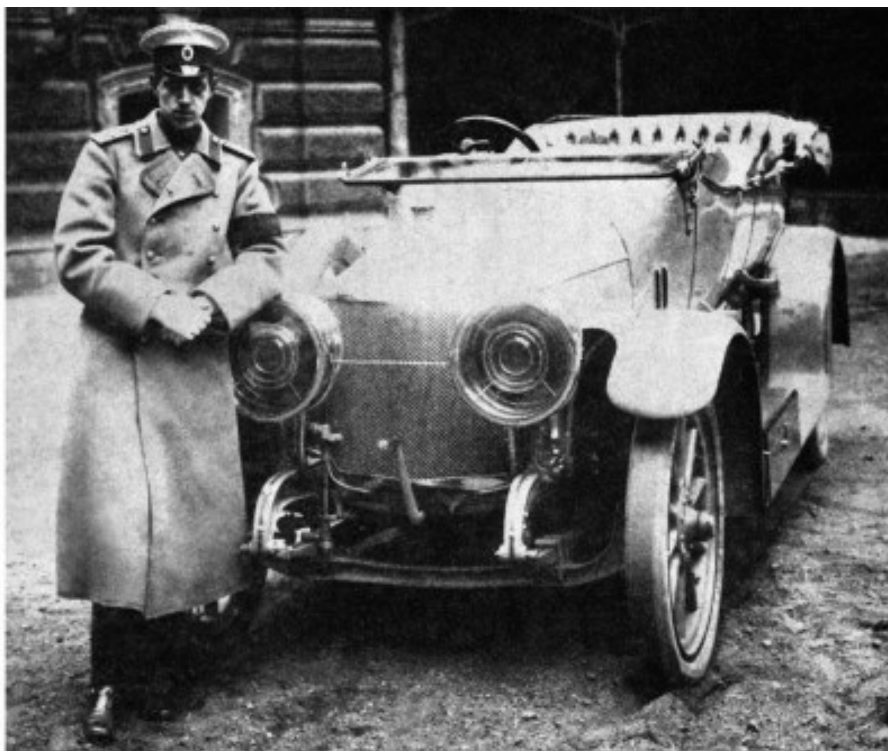
66. Bilhete de Ilidor concordando em participar da trama de Khvostov para assassinar Raspútín em troca de 60 mil rublos.



67. Príncipe Félix Iussúpov e sua noiva, Irina.



68. Princesa Zinaida Iussúpova.



69. Grão-duque Dmítri Pávlovitch.



70. Vladímir Purichkévitch.



71. Dr. Stanisław Lazovert.



72. Tenente Serguei Sukhotin.



73 e 74. A dançarina Vera Karalli e Marianna Derfelden, meia-irmã de Dmítri, estavam ambas provavelmente no palácio de Iussúpov na noite do assassinato.

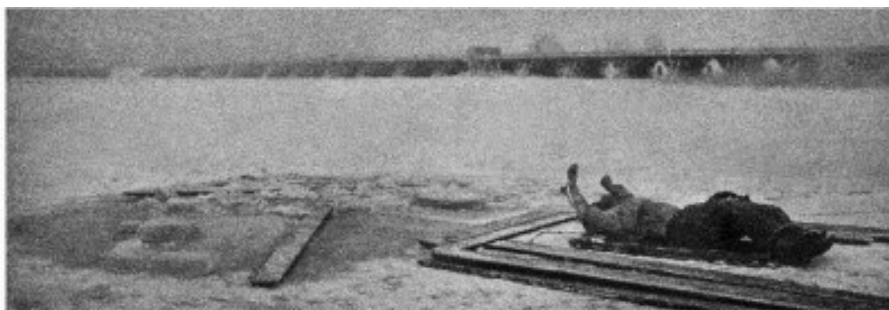




75. A cena do crime. O príncipe Iussúpov não poupou esforços para criar o clima exato no dia do assassinato, selecionando móveis que demonstrassem sua riqueza e seu bom gosto e, principalmente, distraíssem a vítima.



76. O pátio adjacente ao palácio de Iussúpov numa fotografia tirada pela polícia na manhã de 17 de dezembro, poucas horas depois do crime. Consta que Raspútín tinha saído pela porta lateral (pequeno retângulo escuro à esquerda) e tentado fugir pelo pátio. Os investigadores encontraram marcas de sangue na neve que iam até perto dos portões.



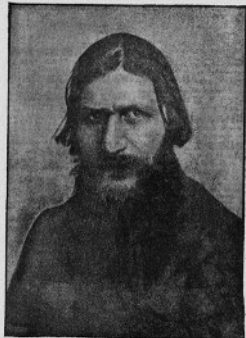
77. O cadáver congelado de Raspútin logo depois que foi retirado do gelo do Málaia Nevka na manhã do dia 19. A Grande Ponte Petróvski aparece ao fundo.



78. "Ferimento de disparo de arma de fogo na testa" — o resultado da autópsia oficial escrito sobre a fotografia determinando a causa da morte de Raspútin. O horrendo estado do corpo devia-se principalmente à ação do gelo, à correnteza do rio e aos ganchos usados para tirá-lo da água.

Новыя подробности.—Біографія Распутина.—Черты изъ жизни Распутина.

Новыя подробности.—Біографія Распутина.—Черты изъ жизни Распутина.



ГРИГОРІЙ РАСПУТИНЬ.
(Поклідай порятунку, святой незадолго до смерти).

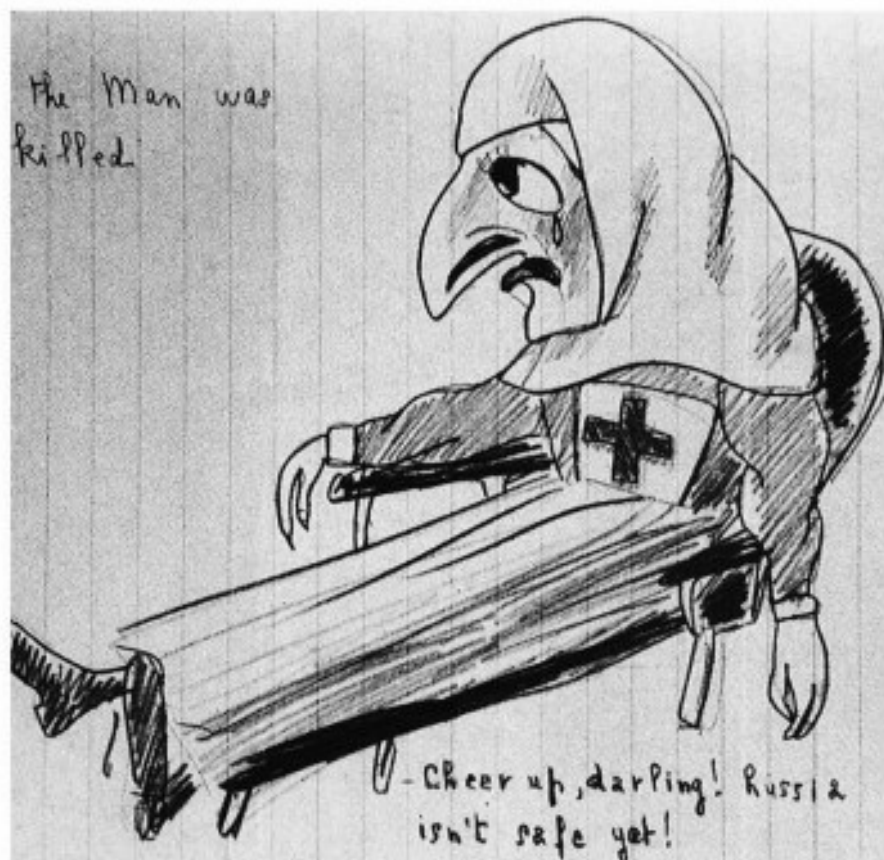
Новая подробность

[illegible]

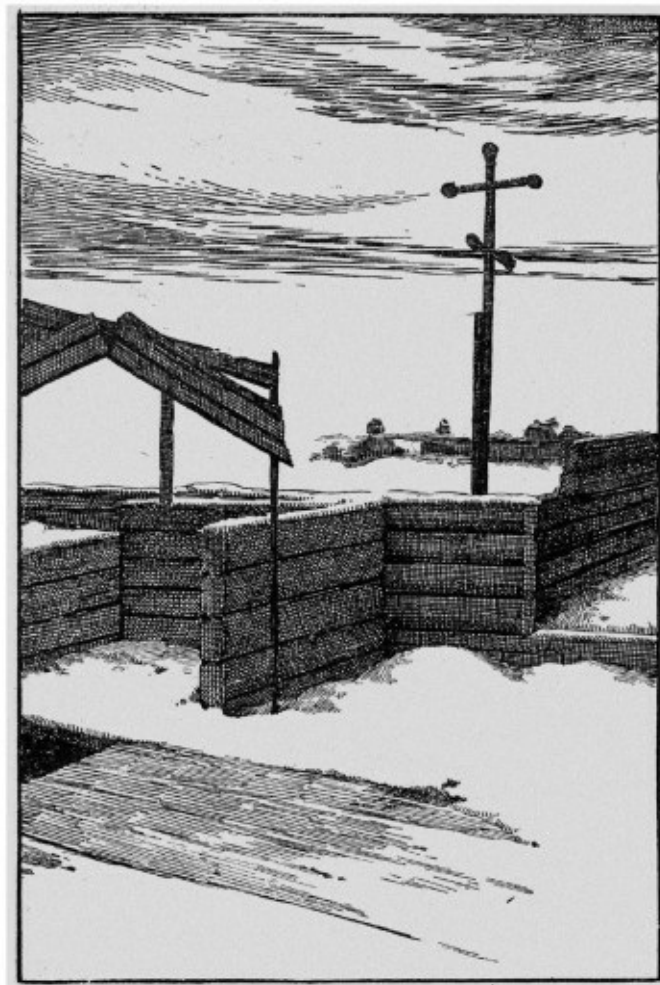
Портретъ Гр. Раздутава, особенно распространенный среди его почитателей.

Покришкинська виставка сибірської
пропаганди Іванів (Суровий, гартів)
показує Еліора, Род. аз ту вур, вог-
но Іванів і Катюшу білих сибіря-
ків.

79. Das manchetes russas: "O assassinato de Grigóri Raspútin. Novos detalhes — Biografia de Raspútin — Cenas da vida de Raspútin". As duas fotografias supostamente mostram o último retrato de Raspútin pouco antes do assassinato e outra "particularmente difundida entre seus seguidores".



80. Caricatura zombando de Alexandra desenhada pelo príncipe Vladímir Paley poucos dias depois do assassinato de Raspútin. O príncipe era meio-irmão do grão-duque Dmítri: seu pai era o grão-duque Paulo Alexándrovitch, também pai de Dmítri, e sua mãe era a amante de Paulo, Olga Karnovitch (posteriormente princesa Paley e mulher de Paulo). Como tantos outros, Paulo subestimou a força de Alexandra, e ela não desmoronou com a perda do amigo.



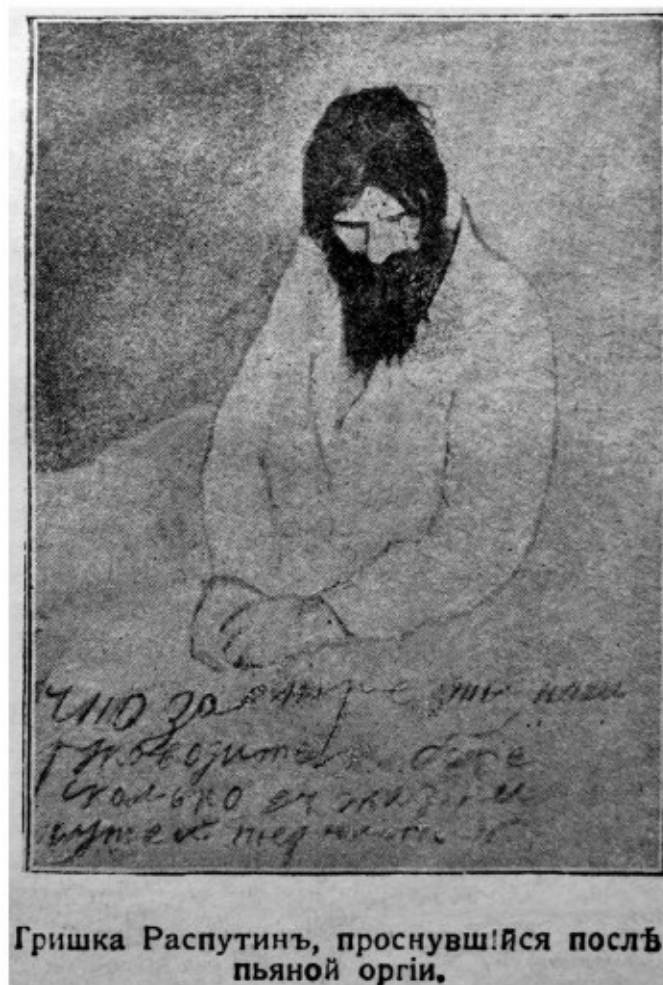
81. Sepultura de Raspútin debaixo da igreja que então era construída por Anna Vírubova perto de Tsárskoie Seló.



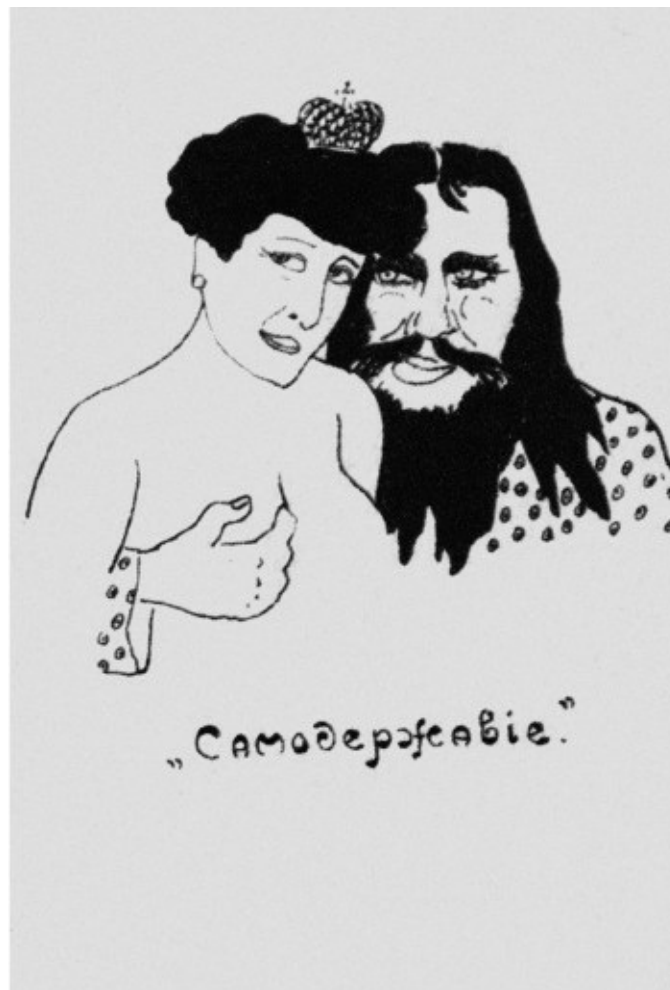
82. A casa das caldeiras do Instituto Politécnico de Petrogrado, onde muito provavelmente o corpo de Raspútín foi incinerado no começo de março de 1917.



83. "A execução de Grichka Raspútin", capa do *Almanaque "Liberdade"* publicado logo depois da queda da monarquia. Já baleado na cabeça, Raspútin tenta escapar, mas é derrubado por trás por Purichkévitch.



84. Fabricando o mito. O mesmo número do *Almanaque* traz a reprodução de uma imagem amplamente divulgada de Raspútín se recuperando no hospital de Tiúmen no verão de 1914, depois do ataque de Guseva, mas agora com nova legenda: "Grichka Raspútín despertando depois de uma orgia regada a álcool".



85. "Самодержавие." Jogo de palavras com o termo russo para autocracia, *samoderjavie*, que significa "segurar com as próprias mãos". A imagem provavelmente apareceu logo depois da queda da monarquia.



86. Jogo de palavras com o ditado "Duas cabeças pensam melhor do que uma". As expressões faciais deixam claro que apenas duas das três cabeças estão sendo usadas.



87. Da série satírica "O conto de Grichka", o pavão de Tsárskoie Seló se revela um babuíno.



88. Cartão-postal de 1917 com Raspútin, o demônio bêbado, e Alexandra.



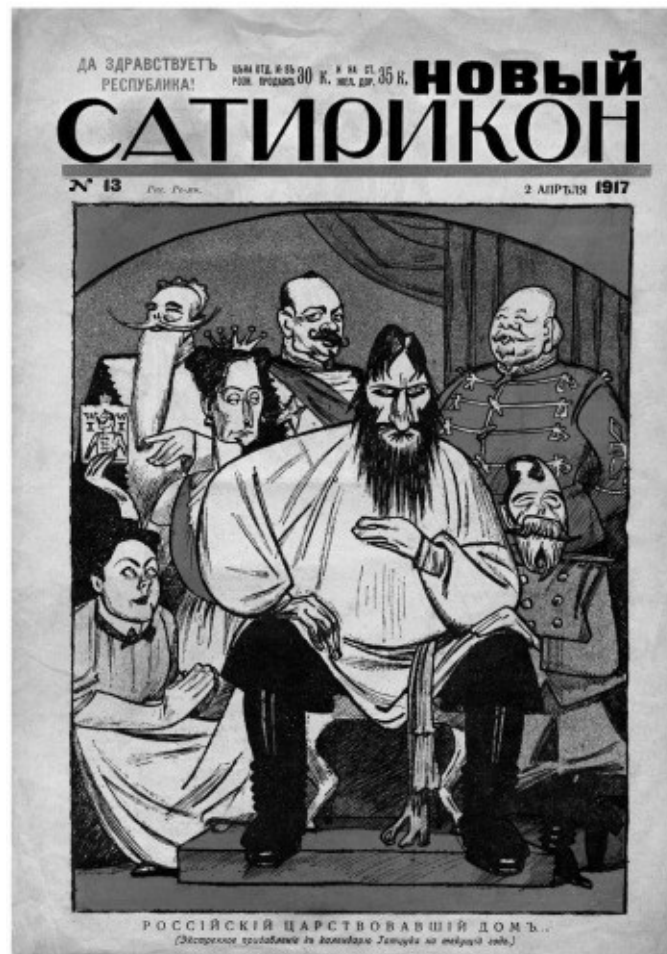
89. Um lascivo Raspútin subjugando a imperatriz no palácio, de *O conto de Grichka, o patife* .



90. Cartaz publicitário de A firma Románov, Raspútin, Sukhomlínov, Miassoiédov, Protopórov & Cia ., que apareceu no primeiro semestre de 1917. O filme de quatro partes incluía "A queima de estoque da Rússia — Por atacado e no varejo", "Algozes do povo" e "O colapso da firma".



91. Das páginas de *Novo Satíricon* , no primeiro semestre de 1917: "Projeto de monumento aos maiores heróis da Revolução Russa", dedicado a Raspútin e Protopópov.



92. "Casa governante da Rússia." A famosa capa de *Novo Satíricon* (abril de 1917) mostra Raspútin, o verdadeiro tsar, cercado por Nicolau e Alexandra, o primeiro-ministro Boris Stürmer, o ministro do Interior Aleksandr Protopópov e o ministro da Guerra Vladímir Sukhomlínov. Anna Vírubova reza aos seus pés. 93.



93. O cartaz sueco do filme de 1928 *Espírito maligno da Rússia* apresenta Raspútin sob um viés racial como a *bête noire* que perseguia a feminilidade europeia. Desde que começou a atrair a atenção do público, Raspútin serviu como uma figura oportuna para a projeção dos mais variados medos e preocupações.



94. Dois anões representando o ministro do Interior Protopópov e "Grichka Raspútin" cavalgam um caixão onde se lê "O Velho Regime", numa grande manifestação de trabalhadores em Moscou durante a Revolução de Fevereiro.



95. Acatisto blasfematório dedicado a "Grichka Raspútín, membro honorário da casa tsarista". Os painéis laterais incluem cenas da vida de Raspútín: "orando" com mulheres nuas nos banhos públicos, dançando com uma mulher seminua na corte, distribuindo medalhas e sendo alvejado por Purichkévitch. O painel inferior mostra um homem defecando no túmulo de Raspútín.



96. O genro de Raspútin, Boris Soloviev, que atuava como mensageiro secreto entre a família real e Anna Vírubova durante o cativeiro dos Románov em Tobolsk.



97. Em 27 de abril de 1918, a grã-duquesa Maria, sendo levada com os pais de Tobolsk para Iekaterinburgo, fez esse esboço da casa de Raspútin em Pokróvskoie, depois de uma parada para trocarem de cavalos.

**The State Rights' Sensation
That Will Make You a Fortune**



HERBERT BRENON
Presents
THE FALL of the
ROMANOFFS
With
ILIODOR
The Famed "Mad Monk" of Russia
and an all-star cast including
NANCE O'NEIL - CONWAY TEARLE
ALFRED HICKMAN - EKATERINA GALANTA
and a score of others

Herbert Brenon's Screen Masterpiece Tells the Amazing Story of Rasputin and the Russian Court, of Social and Religious Intrigues and of a Nation's Dramatic Struggle for Liberty.
Personally Directed by Herbert Brenon

ILIODOR PICTURE CORPORATION
729 7th Avenue, New York City :: Telephone: Bryant 7340

98. Iliodor, astro de cinema. Anúncio do filme de 1917 *A queda dos Románov*, estrelando Iliodor no papel dele mesmo lutando contra Raspútín em sua malsucedida tentativa de salvar a monarquia.



99. Iliodor, homem de família. Fotografia de jornal tirada em dezembro de 1922 de Iliodor, a mulher Nadejda, e os três filhos: Sergius (de sete anos), Iliodor Jr. (quatro) e Hope (cinco), recém-chegados aos Estados Unidos.



100. Família Raspútin, Pokróvskoie, 1927. Dmítri Raspútin, a mãe Praskóvia, a mulher Feoktista e Katia Pecherkina (atrás).



102. Estátua de fibra de vidro de Raspútin erguida em 2014 atrás do hospital municipal de Tiúmen, onde ele se recuperara do ataque de Guseva cem anos antes. Além de um marco comemorativo informal no parque em Tsárskoie Seló, este é o único monumento do tipo dedicado a Raspútin na Rússia.

Agradecimentos

É um prazer agradecer a tanta gente que ofereceu ajuda e apoio na preparação deste livro: Robert K. Massie, Helen Rappaport, Daniel Beer, Jeremy Bigwood, Rudy de Casseres, dr. William Lee, Peter Basilevsky, Denise Youngblood, Nikita Sokolov, Alexander Bobosov, Anya Babenko, Pavel Shevyakov, Boris Ilyin, Jonathan Daly, William Pomeranz, David Myers, Keith Jeffrey, Rachel Polonsky, Mel Bach, Aurelia van Moere, Beatrice Benech, Kim Kraft, Britt Lewis, Paul Norlen, Melissa Lucas, dr. Maria Mileeva, Vladimir von Tsurikov, dr. Anne Turner, Brian Perry, dr. Merrell Wiseman, Frances Asquith, Charlotte Miller, Selby Kiffer, R. D. Zimmerman, Sarah Gordon, Derek Butler, Andrew Jack e Jo-Anne Birnie Danzker. Agradeço a Kevin McKenna, Wolfgang Mieder e Denis Mahoney da Universidade de Vermont por seu apoio e estímulo ao longo dos anos.

Tive a sorte de trabalhar com dezenas de excelentes bibliotecários e arquivistas, e sou especialmente agradecido a Carol Leadenham, Stephanie Stewart, Vishnu Jani e Rachel Bauer do Hoover Institution Archive. Anatol Shmelev, curador da Coleção da Rússia e Eurasiana do Hoover, ajudou-me imensamente durante muitos anos neste e em meu livro anterior. Quero agradecer ao príncipe Andrew Andreevich Romanoff por me permitir citar trechos dos documentos da grã-duquesa Ksênia Alexándrovna existentes no Hoover Archive. Na Universidade Yale: Tatjana Lorkovic, William Massa, Stephen Jones, Anne Marie Menta e a prestativa equipe da Beinecke Rare Book and Manuscript Library e da Sterling Memorial Library. Na Universidade Harvard: Anna Rakityanskaya e Hugh Truslow. Tanya Chebotarev e a equipe do Bakhmeteff Archive da Columbia University. Catherine

Miller dos Arquivos Nacionais em Atlanta e Charliann Becker na sucursal do arquivo em Seattle. Solveig Nestler e o dr. Gerhard Keiper do Bundesarchiv e do Politische Arkhiv des Auswärtigen Amts em Berlim. Lena Ånimmer e Kerstin Söderman dos Arquivos Nacionais Suecos. Thomas Just do Haus-, Hof- und Staatsarchiv em Viena. Em Moscou, sou particularmente grato a Sergei Mironenko, ex-diretor do Arquivo Estatal da Federação Russa, por me permitir ler os vastos arquivos policiais sobre Raspútin, e também a Viktor Neustroev, do Arquivo Estatal Russo de Literatura e Arte. Em São Petersburgo, Alexei Kulegin, Valentina Ushakova e Svetlana Khodakovskaya do Museu Estatal de História Política da Rússia deram considerável assistência.

Na Sibéria, quero agradecer a Olga Tarasova, Natalya Galian e Anna Miachenskaya, do Arquivo Estatal do Oblast de Tiumen, e a Tatiana Kokliagina, Liubov Zhuchkova, Olga Iuzeeva e Dinara Akberdeeva, do arquivo de Tobolsk. Vladimir Smirnov e Marina Smirnova me ofereceram um passeio privativo pelo Museu Raspútin que eles fundaram em Pokróvskoie e graciosamente responderam a minhas muitas perguntas. Sergei Rasskazov, da Universidade Estatal de Tiumen, foi especialmente acolhedor e prestativo, assim como Natalya Karmanova e Vlad Urban.

Natalya Bolotina, Svetlana Dolgova, Yelena Matveeva e Yelena Mikhailova deram ajuda inestimável na tarefa de localizar e transcrever centenas de documentos de numerosos arquivos na Rússia, e Tatiana Safronova foi de grande assistência para acessar materiais guardados no Museu Histórico Estatal. Minha dívida com elas é enorme. Mariana Markova ajudou de muitas maneiras importantes, especialmente interpretando o russo quase sempre impenetrável de Raspútin, e transcrevendo documentos cuja letra resistia a minhas mais otimistas tentativas de decifração. Meus colegas Willard Sunderland, Nadieszda Kizenko, Melissa Stockdale e Peter Pozefsky leram o livro em vários estágios, oferecendo comentários úteis e identificando numerosos erros.

Tenho a sorte de contar com agentes excelentes como Melissa Chinchillo e Peter Robinson, cujo apoio, conselho e estímulo foram indispensáveis. Gostaria também de agradecer o trabalho feito por seus colegas, em meu nome, na Fletcher and Company e na Rogers, Coleridge & White. Obrigado a minhas casas editoriais, Farrar, Straus

and Giroux e Macmillan, incluindo Jonathan Galassi, Jeff Seroy, Devon Mazzone, Laird Gallagher, Amber Hoover, Steven Pfau, Robin Harvie, Nicholas Blake, Philippa McEwan, Charlotte Wright, Jo Gledhill, Douglas Matthews, Fergus Edmondson, Caitriona Row, John English e especialmente meus maravilhosos editores Eric Chinski e Georgina Morley.

Minha maior dívida é com minha família — Annette Smith, Emma e Andrew, e, mais importante, Stephanie, por tudo.

Referências bibliográficas

NOTA SOBRE AS FONTES

A literatura sobre Raspútín não é apenas vasta, mas caracterizada por obras da mais variada confiabilidade, utilidade e intenção autoral. É preciso levar em conta que os primeiros e mais influentes escritos sobre Raspútín não tinham a intenção de lançar alguma luz sobre a complexa verdade do homem, mas de destruí-lo publicamente, como fica claro em especial nas obras de Iliodor e do príncipe Félix Iussúpov. Dezenas de biografias apareceram nos cem anos transcorridos desde a morte de Raspútín. Cada biógrafo procurou, à sua maneira, interpretar essa misteriosa figura, e eu tive a vantagem de me beneficiar de um século de investigações, estudos e reflexões. O volume mais honesto e confiável em russo é *Grigorii Rasputin-Novyi* (2008), de Alexei Varlamov. Utilizei generosamente como fonte a obra de Oleg Platonov e especialmente Sergei Fomin, cujos livros estão repletos de novas e importantes informações, tomando sempre o cuidado de filtrar o seu antissemitismo e sua preocupação com variadas conspirações russóforas. As melhores biografias em língua inglesa foram ambas escritas por Joseph Fuhrmann: *Rasputin: A Life* (1990) e *Rasputin: The Untold Story* (2013). Também fiz amplo uso do magistral *Complete Wartime Correspondence of Tsar Nicholas II and the Empress Alexandra* (1999), de Fuhrmann. Apesar de conter valiosos testemunhos de seguidores de Raspútín, deve-se aproximar com cautela de *The Rasputin File*, de Edvard Radzinsky.

Tem havido numerosas fraudes literárias relacionadas à vida de Raspútín. Talvez a mais conhecida seja o diário de Anna Vírubova, escrito por Alexei Tolstói e Pável Schegolev, historiador e membro da

Comissão Extraordinária do Governo Provisório, e publicado mais de uma vez na Rússia. Mais recentemente, um suposto diário de Raspútin foi publicado em Moscou em 2008. Pela leitura que faço do texto, também é falso, como os próprios editores reconhecem que pode ser. Uma autobiografia de Maria Raspútina (*Rasputin: Pochemu?: Vospominaniia docheri*) publicada na Rússia em 2000 não parece genuína e, como no caso das falsificações anteriores, evitei usá-la em minha biografia. Maria publicou numerosos livros sobre o pai, e sua confiabilidade vai diminuindo a cada nova edição. Por essa razão, evitei *Rasputin: The Man Behind the Myth* (1977), limitando-me aos dois primeiros livros dela.

Os livros de memórias relativos a Raspútin são numerosíssimos e também de variada confiabilidade. Tentei manter uma atitude cética e usá-los com o olho muito atento ao viés particular de cada autor. É um material que, apesar dos muitos defeitos, não pode ser ignorado, pela abundância de informações que contém, e essas obras podem render uma boa dose de compreensão de Raspútin e sua época, a depender das respostas que estejamos buscando. Minha intenção, durante os seis anos que passei pesquisando e escrevendo sobre Raspútin, foi buscar até a última fonte documental primária possível e recorrer o mínimo a fontes secundárias publicadas. Sem querer fetichizar os arquivos, a inacessibilidade dos documentos sobre Raspútin nos arquivos russos durante década prejudicou nosso conhecimento do homem e ao mesmo tempo ajudou a perpetuar muitas mentiras, muitas distorções e muitos erros que passaram por verdade durante um tempo longo demais.

ABREVIATURAS

AD: Archives diplomatiques (La Courneuve)

BA: Bakhmeteff Archive, Columbia University

BV : *Birzhevye vedomosti*

Comissão: *Chrezvychainaia sledstvennaia komissiiia dlia rassledovaniia byvshikh ministrov i prochikh dolzhnostnykh lits*

CUL: Cambridge University Library, Department of Manuscripts

FA: S. V. Fomin, “*A krugom shirokaia Rossiia —*”

FB: S. V. Fomin, *Bozhe! Khrani svoikh*

FDNO: S. V. Fomin, *Dorogoi nash otets*

FN: S. V. Fomin, *Nakazanie pravdoi*
 FR: Joseph T. Fuhrmann, *Rasputin: The Untold Story*
 FSA: S. V. Fomin, *Skorbnyi angel*
 FStr: S. V. Fomin, “*Strast’ kak bol’no, a vyzhivu —*”
 FSu: S. V. Fomin, *Sud’ia zhe mne Gospod’!*
 GARF: Gosudarstvennyi arkhiv Rossiiskoi Federatsii
 GATO: Gosudarstvennyi arkhiv Tiumenskoi oblasti
 GAUKTO/TIAMZ: Gosudarstvennoe avtonomnoe uchrezhdenie kul’tury Tiumenskoi oblasti: Tobol’skii istoriko-arkhitekturnyi muzei-zapovednik
 GBUTO/GAGT: Gosudarstvennoe biudzhethnoe uchrezhdenie Tiumenskoi oblasti “Gosudarstvennyi arkhiv v g. Tobol’sk”
 GRS : Kriukov, *Grigorii Rasputin: sbornik istoricheskikh materialov*
 HHStA: Haus-, Hof- und Staatsarchiv
 HIA: Hoover Institution Archives, Stanford University
 HL/DiaryDP: Houghton Library, Diaries of Grand Duke Dmitry Pavlovich
 HL/Sokolov: Houghton Library, Documents Concerning the Investigation into the Death of Nicholas II, 1918-1920. (Nikolai Sokolov Investigation)
 IMM: Iliodor (Trufanov), *The Mad Monk*
 KVD : Rassulin, et al., *Khronika velikoi družby*
 LP : Maylunas e Mironenko, *A Lifelong Passion*
 NA: National Archives (Kew)
 NA/US: National Archives (College Park, MD)
 NIOR/RGB: Rossiiskaia gosudarstvennaia biblioteka, nauchnoissledovatel’skii otdel rukopisei
 OPI/GIM: Gosudarstvennyi istoricheskii muzei, otdel pis’mennykh istochnikov
 OR/RNB: Rossiiskaia natsional’naia biblioteka, otdel rukopisei
 PA: Parliamentary Archives
 PAAA: Das Politische Archiv des Auswärtigen Amts
 PK : *Peterburgskii* [*Petrogradskii*] *kur’er*
 PZ: Oleg Platonov, *Zhizn’ za tsaria*
 RGADA: Rossiiskii gosudarstvennyi arkhiv drevnikh aktov
 RGALI: Rossiiskii gosudarstvennyi arkhiv literatury i iskusstva

RGIA: Rossiiskii gosudarstvennyi istoricheskii arkhiv
RR: Edvard Radzinsky, *The Rasputin File*
RRR: Marie Raspútin, *The Real Rasputin*
SML: Sterling Memorial Library, Yale University
TsM : *Tsaritsynskaia mysl'*
TsV : *Tsaritsynskii vestnik*
VR: Aleksei Varlamov, *Rasputin*
VV : *Vechnoe vremia*
VVFR : Spiridóvitch, *Velikaia voina i fevral'skaia revoliutsiia*
WC : Fuhrmann (Org.), *The Complete Wartime Correspondence*
YLS: Félix Iussúpov, *Lost Splendor*

ARQUIVOS

Áustria

Haus-, Hof- und Staatsarchiv (Viena)

França

Archives diplomatiques, Ministère des Affaires étrangères et européennes (La Courneuve)

Alemanha

Das Politische Archiv des Auswärtigen Amtes (Berlim)

Rússia

Gosudarstvennoe avtonomnoe uchrezhdenie kul'tury Tiumenskoï oblasti, Tobol'skii istoriko-arkhitekturnyi muzei-zapovednik (Tobolsk)

Gosudarstvennoe biudzhethnoe uchrezhdenie Tiumenskoï oblasti
“Gosudarstvennyi arkhiv v g. Tobol'sk” (Tobolsk)

Gosudarstvennyi arkhiv Rossiiskoi Federatsii (Moscou)

Gosudarstvennyi arkhiv Tiumenskoï oblasti (Tiumen)

Gosudarstvennyi istoricheskii muzei, otdel pis'mennykh istochnikov (Moscou)

Gosudarstvennyi muzei politicheskoi istorii Rossii (S. Petersburgo)

Rossiiskaia gosudarstvennaia biblioteka, nauchno-issledovatel'skii otdel rukopisei (Moscou)

Rossiiskaia natsional'naia biblioteka, otdel rukopisei (S. Petersburgo)

Rossiiskii gosudarstvennyi arkhiv drevnikh aktov (Moscou)

Rossiiskii gosudarstvennyi arkhiv literatury i iskusstva (Moscou)
Rossiiskii gosudarstvennyi istoricheskii arkhiv (S. Petersburgo)

Suécia

Riksarkivet (Estocolmo)

Reino Unido

Cambridge University Library, Department of Manuscripts
(Cambridge)

National Archives (Kew)

Parliamentary Archives (Londres)

Estados Unidos

Bakhmeteff Archive, Universidade Columbia (Nova York)

Beinecke Rare Book and Manuscript Library e Sterling Memorial
Library, Universidade Yale (New Haven, CT)

Holy Trinity Orthodox Seminary, Archives and Library (Jordanville,
NY)

Hoover Institution Archives (Stanford, CA)

Houghton Library, Universidade Harvard (Cambridge, MA)

National Archives (College Park, MD)

JORNAIS E PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS

Aftenposten

Aftonbladet

Al'manakh "Svoboda"

Astrakhanskii listok

Avanti!

Badische Landes-Zeitung

Berliner Allgemeine Zeitung

Berliner Morgenpost

Berliner Tageblatt

Berliner Zeit

Bich

Dni

Donetskaia zhizn'

Drug

Dsihwe
Dsihwes Spehks
Dym otechestva
Dziennik Polski
L'Echo de Russie
L'Eclair
Ekaterinburgskie eparkhial'nye vedomosti
Ermak
Frankfurter Zeitung
Gazeta-kopeika
Gazette de Lausanne
Golos minuvshogo
Golos Moskvvy
Golos naroda
Golos Rossii
Golos Rusi
Groza
La Guerre Sociale
Hamburger Fremdenblatt
L'Homme libre
L'Humanité
Iskry
Iuzhnaia zaria
Iuzhnye vedomosti
Iuzhnyi krai
Jauna Dienas Lapa
Le Journal
Journal de Genève
Kamsko-volzhskaia rech'
Kazanskii telegraf
Kievliane
Kölnische Volks-Zeitung
Kolokol
Köslinger Zeitung
Kurjer Poznański
La Lanterne

Le Matin
Morning Post
Moskovskie vedomosti
Moskovskii listok
Nasha rabochaia gazeta
Nationalzeitung
Neue Freie Presse
Neues Wiener Journal
New Statesman
Norske Intelligenz-Seddeler
Nov'
New York Times
Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta
Novoe vremia
Novosti dnia
Novyi satirikon
Nya Dagligt Allehanda
Ob"edinenie
Odesskie novosti
Odesskii listok
Orenburgskaia gazeta
Otklik na zhizn'
Penzenskii krai
Peterburgskaia gazeta
Peterburgskii kur'er
Peterburgskii listok
Petit Parisien
Petrogradskaia gazeta
Petrogradskaia listovka
Petrogradskii listok
Petrogradskii vesel'chak
Post-och Inrikes Tidningar
Priazovskii krai
Pridneprovskii krai
Przegląd Codzienny
Rannee utro

Rassvet
Rech'
Reichspost
Revel'skii vestnik
Rheinisch-Westfälische Zeitung
Rostovskii listok
Rudin
Rul'
Russkaia pravda
Russkaia riv'era
Russkaia volia
Russkie novosti
Russkie vedomosti
Russkoe slovo
St. Peterburger Herald
Saratovskii listok
Saratovskii vestnik
Sibirskaia nov'
Sibirskaia torgovaia gazeta
Sibirskie voprosy
Smekh dlia vsekh
Solntse Rossii
Sovremennoe slovo
Sovremennyi mir
La Stampa
Step'
Stolichnaia molva
Strannik
Svet
Le Temps
The Times (Londres)
Tobol
Trepach
Tsaritsynskaia mysl'
Tsaritsynskii vestnik
Tserkov'

Ufi mskii vestnik
Ural'skaia zhizn'
Utro luga
Utro Rossii
Vechernee vremia
Vechernie izvestiia
Vechernii Petrograd
Vestnik Zapadnoi Sibiri
Volksfreund
Volzhskii vestnik
Volzhsko-Donskoi krai
Voskresnaia vecherniaia gazeta
Vossische Zeitung
Wiener Allgemeine Zeitung
Yorkshire Post
Za narod!
Zaural'skii krai
Zemschina
Zhemchuzhina
Zhivoe slovo
Zhurnal zhurnalov

FONTES PRIMÁRIAS

- AL'BIONOV . "Zhitie nepodobnogo startsa Grigoriia Rasputina". In: *Smekh dlia vseh* . Petrogrado: 1917.
- " ALEKSANDRO-NEVSKAIA LAVRA NAKANUNE SVERZHENIIA SAMODERZHAVIIA ". *Krasnyiarkhiv* 77, 1936.
- ALEKSIN , S. *Sviatoi chert. (Blagodat' Grishki Rasputina.)*. Moscou: 1917.
- ALEXANDRE , grã-duque da Rússia. *Once a Grand Duke* . Nova York; 1932.
- _____. "Pis'mo k Nikolaiu ot 25 dekabria 1916 g.-4 fevralia 1917 g". *Arkhir russkoi revoliutsii* 5, 1922.
- ALFER'EV , E. E. *Pis'ma tsarskoi sem'i iz zatocheniia* . Jordanville, NY: 1974.
- Al'manakh "Svoboda" 1 ("Kazn' Griskhi Rasputina."), 1917.
- ANDREI MIKHAILOVICH , Velikii kniaz'. "Iz dnevnika velikogo kniazia Andreia Vladimirovicha za 1916-1917 gg". *Krasnyi arkhir* 26, 1928.
- ARBATSKII , F. P. *Tsarstvovanie Nikolaia II* . Moscou: 1917.
- BADMÁIEV , P. *Za kulisami tsarizma. (Arkhir tibetskogo vracha Badmaeva)*. Leningrado: 1925.
- BASHKIROFF , Z. *The Sickie and the Harvest* . Londres: 1960.
- BASILY , Nicholas de. *Nicolas de Basily, Diplomat of Russia, 1903-1917: Memoirs* . Stanford: 1973.
- BELAIA , S . [Markiza Dliaokon']. "Rasputinskaia blagodat". *Teatral'nye novinki* , 1917.

- BELÉTSKI, S. P. *Grigorii Rasputin. (Iz zapisok)*. Petrogrado: 1923.
- _____. "Vospominaniia". *Arkhiv russkoi revoliutsii*. Berlim: 1923. v. 12.
- BEL'GARD, A. V. "Pechat' i Rasputin". *Mosty* 9, 1962.
- BELIAEV, A. I. "Dnevnik protoiereia A. I. Beliaeva, nastoiatelia Fedorovskogo sobora v Tsarskom Sele." *Dvorianskoe sobranie* 5, 1996.
- [BELLING, A. A.]. *Iz nedavnego proshlogo: Vstrechi s Grigoriem Rasputinym*. Petrogrado: 1917.
- BENCKENDORFF, conde Paul. *Last Days at Tsarskoe Selo*. Londres: 1927.
- BERBEROVA, N. *Kursiv moi*. Moscou: 1999.
- BLOK, A. A. *Poslednie dni imperatorskoi vlasti*. Moscou: 2005.
- _____. *Sobranie sochinenii*. Org. de V. Orlov. Moscou: 1982-83. v. 5, 6.
- _____. *Sobranie sochinenii*. Moscou-Leningrado: 1962-63.
- _____. *Zapisnye knizhki, 1901-1920*. Moscou: 1965.
- BÓBRINSKI, A. A. "Dnevnik A. A. Bobrinskogo (1910-1911)". *Krasnyi arkhiv* 1 (26), 1928.
- BOGDANOVITCH, A. V. *Tri poslednikh samoderzhitsa: Dnevnik*. Moscou-Leningrado: 1924.
- BOGOSLOVSKI, Mikhail. *Dnevniki (1913-1919)*. Ed. de Tat'iana Timakova. Moscou: 2011.
- BOK, M. P. (Stolípina). *Vospominaniia o moem ottse P. A. Stolypine*. Moscou: 1992.
- BONTCH-BRUIEVITCH, M. D. *Vsia vlast' sovetam. Vospominaniia*. Moscou: 1958.
- BOTKIN, Gleb. *The Real Romanovs*. Nova York: 1931.
- BRICAUD, Joanny. "Un mage a la Cour de Russie". *La Revue* 16-17, 1918.
- BUCHANAN, Sir George William. *My Mission to Russia and Other Diplomatic Memories*. Londres: 1923. 2 v.
- BUCHANAN, Meriel. *The Dissolution of Russia*. Londres: 1932.
- BULANOV, L. P. *Skol'ko stoilo narodu tsar' i ego sem'ia*. Petrogrado: 1917.
- BULGÁKOV, M. A. *Dnevnik. Pis'ma. 1914-1940*. Moscou: 1997.
- BULGÁKOV, S. N. *Avtobiografi cheskie zametki*. 2. ed. Paris: 1991.
- _____. *Khristianskii sotsializm*. Novosibirsk: 1991.
- _____. "Na piru bogov". In: *Iz glubiny*. Moscou: 1991.
- BURANOV, Iu. (Org.). "Strannik iz sela Pokrovskogo". *Rodina* 3. 1992.
- BURTSEV, V. L. "Delo ob ubiistve Rasputina. Rasputin v 1916 godu". *Illiustrirovannaia Rossiia* 17 (363), 23 abr. 1932.
- BUXHOVEDEN, Sophie. *Before the Storm*. Londres: 1938.
- CANTACUZÈNE, Julia, princesa. *Revolutionary Days; Recollections of Romanoffs and Bolsheviks, 1914-1917*. Boston: [1919].
- CHAKHOVSKOI, príncipe Vsevolod. *Sic Transit Gloria Mundi (Tak prokhodit mirskaia slava)*, 1893-1917. Paris: 1952.
- CHAVÉLSKI, Gueórgui. *Russkaia tserkov' pered revoliutsiei*. Moscou: 2005.
- _____. *Vospominaniia poslednego protopresvitera russkoi armii i flota*. Nova York: 1954.
- CHEBOTARIOVA, Valentina. "V dvortsovom lazarete v Tsarskom Sele: Dnevnik 14 iulia 1915-5 ianvaria 1918". *Novyi zhurnal* 181, 182, 1990.
- CHERNYSHEV, A. V.; POLOVINKIN, N. S. (Orgs.). *Grigorii Rasputin v vospominaniiaakh sovremennikov: sbornik*. Moscou-Tiumen: 1990.
- CHULGIN, V. V. *Dni. (Zapiski)*. Belgrado: 1925.
- _____. *Poslednii ochevidets*. Moscou: 2002.
- _____. *The Years. Memoirs of a Member of the Russian Duma, 1906-1917*. Ed. de Jonathan E. Sanders. Trad. para o inglês de Tanya Davis. Nova York: 1984.
- COCKFIELD, Jamie H. (Org.). *Dollars and Diplomacy. Ambassador David Rowland Francis and the Fall of Tsarism, 1916-1917*. Durham, NC: 1981.
- COLLECTION DU PRINCE ET DE LA PRINCESSE FÉLIX YOUSSEPOFF. Catálogo de

- Leilão. Olivier Coutau-Bégarie. Paris: 2014.
- DAMER , Aleksandr. "Rasputin vo dvortse". *Illustrirovannaiia Rossiia* 16 (362), 16 abr. 1932.
- DEN , Iuliia. *Podlinnaia tsaritsa: Vospominaniia* . Moscou: 1998.
- DITERIKHS , M . *Ubiistvo Tsarskoi Sem'i i chlenov Doma Romanovykh na Urale* . v. 1. Vladivostok: 1922; Moscou: 1991.
- DJANUMOVA , E. F. *Moi vstrechi s Rasputinym* . Petrogrado-Moscou: 1923.
- DJUNKÓVSKI , V . *Vospominaniia* . Moscou: 1997.
- "DNEVNIK ANDREIA VLADIMIROVICHIA ZA 1916-1917 GG ". *Istochnik* 3, 1998.
- DNEVNIK KREST'IANINA A. A. ZAMARAEVA, 1906-1922 . Ed. de V. V . Morozov e N. I. Reshetnikov. Moscou: 1995.
- DOLGOVA, S. R . *Nakanune svad'by* . Moscou: 2012.
- DORR , Rheta Childe. *Inside the Russian Revolution* . Nova York: 1918; 1970.
- DOSTOIÉVSKI , Fiódor. *The Brothers Karamazov* . Trad. para o inglês de Constance Garnett. Nova York: 1950. [Ed. bras.: *Os irmãos Karamázov* . Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2008. 2 v.]
- DURNOVO , A . "Kto etot krest'ianin Grigorii Rasputin". *Otkliki na zhizn'* 11-12, 1917.
- EAGER , M. *Six Years at the Russian Court* . Londres: 1906.
- ELIZAVETA FIÓDOROVNA , velikaia kniaginia. "Pis'ma k imperatritse Marii Fedorovne, 1883-1916 gg". *Rossiiskii arkhiv* 11, 2001.
- ENGEL'GARDT , Nikolai. "Iz Batishcheva. Epizody moei zhizni. (Vospominaniia)". *Minuvshee* 24, 1998.
- EPANCHIN , N . A . *Na sluzhbe trekh imperatorov. Vospominaniia* . Ed. de A. Kavtaradze. Moscou: 1996.
- FABRITSKI , S. S . *Iz proshlogo. Vospominaniia fl igel'-ad"iutanta gosudaria imperatora Nikolaia II* . Berlim: 1926.
- FEOKTISTOV , E. M.; NOVITSKII, V. F. Lir, F .; KLEINMIKHEL' , M. *Za kulisami politiki. 1848-1914* . Moscou: 2001.
- FETISENKO , O . "Iz dnevnika 'peterburgskogo mistika' (Evgenii Ivanov i ego eskhatologicheskie vozzreniia)". *Eskhatologicheskii sbornik* . São Petersburgo: 2006.
- FRANCIS , David. *Russia from the American Embassy, April 1916-November 1918* . Nova York: 1921.
- _____. *Russia in Transition. The Diplomatic Papers of David R. Francis, Ambassador to Russia* . Frederick, MD: 1985.
- FUHRMANN , Joseph T. (Org.). *The Complete Wartime Correspondence of Tsar Nicholas II and the Empress Alexandra. April 1914-March 1917* . Greenwood, CT: 1999.
- "G. E. RASPUTIN GLAZAMI OFI TSIAL'NYKH VLASTEI" . Ed. de S. L. Firsov. *Russkoe proshloe* 6, 1996.
- GAIDEROVA , Z. N *Tsarstvovanie Nikolaia II. (Ocherk obshchestvennogo i revoliutsionnogo dvizheniia)* . Moscou: 1917.
- GAVRIIL KONSTANTINOVITCH . *V mramornom dvortse. Iz khroniki nashei sem'i* . São Petersburgo-Düsseldorf: 1993.
- _____. *Velikii kniaz' Gavriil Konstantinovich v Mramornom dvortse* . Moscou: 2001.
- [GIBBS , Philip]. *The Russian Diary of An Englishman, Petrograd, 1915-1917* . Nova York: 1919.
- GILLIARD , Pierre. *Thirteen Years at the Russian Court* . Trad. para o inglês de F. Appleby Holt. Londres: 1921.
- GIPPIUS , Z. N . *Dmitrii Merezhkovskii. Vospominaniia* . Moscou: 1991.
- _____. *Dnevnik* . Moscou: 1999.
- _____. *Vospominaniia* . Moscou: 2001.
- GLINKA , Ia. V. *Odinnadtsat' let v Gosudarstvennoi dume* . Moscou: 2001.

- GLOBATCHEV, K. N . "Pravda o russkoi revoliutsii. Vospominaniia byvshego nachal'nika petrogradskogo okhrannogo otdeleniia". *Voprosy istorii* 7-8, 2002.
- _____. *Pravda o russkoi revoliutsii. Vospominaniia byvshego nachal'nika petrogradskogo okhrannogo otdeleniia* . Moscou: 2009.
- GOLDER , Frank. *War, Revolution, and Peace in Russia. The Passages of Frank Golder, 1914-1927* . Stanford: 1992.
- "GOR'KII I RUSSKAIA ZHURNALISTIKA NACHALA XX VEKA. PEREPISKA " . *Literaturnoe nasledstvo* 95, 1988.
- GORODTSOV , P. A . *Pis'ma k bratu Vasiliuu. Iz bumag P. A. Gorodtsova, sudebnogo sledovatel'ia, advokata i sobiratel'ia sibirskogo fol'klora* . Suplemento do *Iskateli priklucheniia* . Disponível em: <http://magru.net/pubs/1819/Pisma_bratu_Vasiliyu?view_mode=slider#1>. Acesso em: 29 jan. 2015.
- GOSUDARSTVENNAIA DUMA . *Stenografi cheskie otchety, 1912-1916* . Moscou: 1995. v. 4.
- GRABBE , P. *Okna na Nevu. (Moi iunye gody v Rossii)* . São Petersburgo: 1995.
- GRAHAM , Stephen. *With the Russian Pilgrims to Jerusalem* . Londres: 1914.
- GRIGORII RASPUTIN. IZ EGO ZHIZNI I POKHOZHDENII. ILIODOR I V. M. PURISHKEVICH O RASPUTINE. Kiev: 1917.
- GRIGORII RASPUTIN: IZ EGO ZHIZNI I POKHOZHDENII. Kiev: 1917.
- GRIGORII RASPUTIN V VOSPOMINANIIAKH UCHASTNIKOV I OCHEVIDTSEV. (IZ MATERIALOV CHREZVYCHAINOI KOMISSII VREMENNOGO PRAVITEL'STVA) . Moscou: 1990.
- GUL' , R. B. *Ia unes Rossiiu* . Moscou: 2001. 3 v.
- GUMILEV, N. S . *Selected Works* . Trad. para o inglês de Burton Raffel e Alla Burago. Albany: 1972.
- GURKÓ, V. I . *Cherty i siluety proshlogo: Pravitel'stvo i obshchestvennost' v tsarstovanie Nikolaia II v izobrazhenii sovremennika* . Ed. de N. P. Sokolov. Moscou: 2000.
- _____. *Tsar i tsaritsa. O tsarstvovanii Nikolaia II* . Moscou: 2008.
- GUTCHKOV , A. I . *Guchkov rasskazyvaet* . Moscou: 1993.
- IAKHONTOV, A. N . *Prologue to Revolution. Notes of A. N. Iakhontov on the Secret Meetings of the Council of Ministers, 1915* . Ed. de Michael Cherniavsky. Englewood Cliffs, NJ: 1967.
- IEVLOGUI , metropolita (Georgievski). *Put' moei zhizni: vospominaniia* . Moscou: 1994.
- ILARION (Alfeiev), bispo (Org.). *Spory ob imeni Bozhiem. Arkhivnye dokumenty 1912-1938 godov* . São Petersburgo: 2007.
- ILIODOR (Trufanov, Serguei). *Kogda-zhe konets?* Moscou: [1906].
- _____. *Pamiatka o vechnoi istine* . Nova York: 1947.
- _____. "Pis'mo ieromonakha Iliodora V. I. Leninu". *Otechestvennye arkhivy* 4, 2005.
- _____. *The Mad Monk of Russia, Iliodor. Life, Memoirs, and Confessions of Sergei Michailovich Trufanoff* . Nova York: 1918.
- _____. "The Mystery of the Head in the Kremlin". *Liberty* , 18 fev. 1933.
- _____. "Sviatoi chert. (Zapiski o Rasputine)". *Golos minuvshogo* 3, 1917.
- _____. *Sviatoi chert. (Zapiski o Rasputine)* . Intr. de S. P. Melgunov. Moscou: 1917.
- _____. *Tainy doma Romanovykh* . Moscou: 1917.
- _____. *Velikaia stalingradskaia marfa* . Nova York: 1943.
- ILYIN , Olga. "The Court and I". Manuscrito inédito.
- IOFFE , G. Z . "Rasputiniada', bol'shaia politicheskaiia igra". *Otechestvennaia istoriia* 3, 1998.
- ISTORIA TSARSTVOVANIIA NIKOLAIA II . Moscou: 1917-18. v. 1-2.
- ISTRATOVA, S. P . (Org.). *Zhitie bludnogo startsa Grishki Rasputina* . Moscou: 1990.
- [IUSSÚPOV , Félix]. "Kak my ubivali Rasputina". *Ogonek* 50, 52, 1927.

- _____. *Lost Splendor: The Amazing Memoirs of the Man Who Killed Rasputin* . Trad. para o inglês de Ann Green e Nicholas Katkoff. Nova York: 2003.
- _____. [Iusupov, F. F., kniaz']. *Pered izgnaniem, 1887-1919: memuary* . Ed. de N. Strizhova. Moscou: 1993.
- _____. [Yousoupoff, Prince Felix]. *Rasputin* . Nova York: 1927.
- IUSSÚPOVA , princesa Zinaida Nikoláievna. "Diary, January 1-April 25, 1919". Trad. para o inglês de Christine Galitzine. Manuscritos inéditos.
- IVNEV, R. *Neschastnyi angel* . Petrogrado: 1917.
- "IZ DNEVNIKA A. V. ROMANOVA ZA 1916-1917 GG ". *Krasnyi arkhiv* 26, 1928.
- "IZ SEMEINOI PEREPISKI IUSUPOVYKH ". *Reka vremeni* 2, 1995.
- JEVAKHOV, N. D . *La Verita su Rasputin* . Bari: 1930.
- _____. *Vospominaniia tovarishcha ober-prokurora Sviashchennogo Sinoda* . Moscou: 1993. 2 v.
- JUKÓVSKAIA, V. A . "Moi vospominaniia o Grigorii Efi moviche Rasputine, 1914-1916 gg". *Rossiiskii arkhiv* 2-3, 1992.
- "K ISTORII POSLEDNIKH DNEI TSARSKOGO REZHIMA (1916-1917) ". *Krasnyi arkhiv* 1 (14), 1926.
- "K ISTORII UBIISTVA GRIGORIIA RASPUTINA ". *Krasnyi arkhiv* 4, 1923.
- KAFAROV , K. D . "Vospominaniia o vnutrennikh delakh Rossiiskoi Imperii". *Voprosy istorii* 7, 2005.
- KAK KHORONILI RASPUTINA. ZA VELIKOKNIAZHESKIMI KULISAMI. S . l.: s. d.
- KAKURIN, N . "Iz dnevnika generala V. I. Selivacha". *Krasnyi arkhiv* 2 (9), 1925.
- KALPASCHIKOFF , Andrew. *A Prisoner of Trotsky's* . Garden City, NY : 1920.
- KARRIK , V . "Voina i revoliutsiia: Zapiski, 1914-1917 gg". *Golos minuvshogo* 7/9, 1918.
- KAZN' GRISHKI RASPUTINA . Org. de E. Sno. Petrogrado: [1917].
- KÉRENSKI , Aleksandr. *The Catastrophe; Kerensky's Own Story of the Russian Revolution* . Nova York: 1927.
- _____. *Russia and History's Turning Point* . Nova York: [1965].
- KHERSONSKII . *Akaf'i st Grishke Rasputinu* . Petrogrado: [1917].
- _____. *Skazka o tsare-durake, o tsaritse-bludnitse i o Grishke Rasputinoi shishke* . Petrogrado: [1917].
- KHVESTOV , A. N . "Iz vospominanii", *Golos minuvshogo* 2, 1923.
- KIREEV, A. A . *Dnevnik, 1905-1910* . Ed. de K. A. Solov'ev. Moscou: 2010.
- KIR'IANOV , Iu. I. (Org.). "Pravye v 1915-m-fevrale 1917go. (Po perliustrirovannym departamentom politzii pis'mam)". *Minuvshee* 14, 1993.
- KLAVING , V. V . (Org.). *Ia szheg Grigoriia Rasputina* . São Petersburgo: 2001.
- KLEINPENNIG , Petra H. (Org.). *The Correspondence of Empress Alexandra of Russia with Ernst Ludwig and Eleonore, Grand Duke and Grand Duchess of Hesse, 1878-1916* . Norderstedt, Alemanha: 2010.
- KLIACHKO , L. M *Za kulisami starogo rezhima. (Vospominaniia zhurnalista)* . Leningrado: 1926. v. 1.
- KLIUEV, N . *Slovesnoe drevo* . São Petersburgo: 2003.
- KOKÓVTSOV , V . *Iz moego proshlogo* . Moscou: 1991.
- _____. *Out of My Past: The Memoirs of Count Kokovtsov* . Ed. de H. H. Fisher. Trad. para o inglês de Laura Matveev. Stanford: 1935.
- KONI , A. F . *Nikolai II: Vospominaniia* . Moscou: 1966. v. 2.
- KOROSTOVETZ , Vladimir. *Seed and Harvest* . Trad. para o inglês de Dorothy Lumby. Londres: 1931.
- KOROVIN , Konstantin. "Sviataia Rus', Vospominaniia". *Illustrirovannaia Rossiia* , 2 abr. 1932.

- KOVALEVSKI , P . *Grishka Rasputin* . Moscou: 1917.
- KOBYL'KOBOBYL' , I. I . *Tsaritsa i Rasputin* . Petrogrado: [1917].
- KOBYL'KOBOBYL' , I. I . *Vsia pravda o Rasputine* . Petrogrado: 1917.
- KRARRUP , Theodora. *42 Aar i Czarriget og Sovjet* . Copenhagen: 1941.
- KRIUKOV , V . (Org.). *Grigorii Rasputin: sbornik istoricheskikh materialov* . Moscou: 1997. 4 v.
- KSHESINSKAIA , M. *Vospominaniia* . Moscou: 1992.
- KSHESINSKII , S . *Sviatoi chert. (Imperatritsa Aleksandra i Grigorii Rasputin)*: *Istoricheskii roman v 2 chastiakh* . Moscou: 1917.
- KULIKOV , S. V. (Org.) “‘Uspokoeniia nichego ozhidat’: pis'ma kniazia M. M. Andronikova Nikolaiu II, Aleksandre Feodorovnoi, A. A. Vyrubovoi i V. N. Voeikovu”. *Istochnik* 1, 1999.
- KUPCHINSKI , F. P. “Kak ia szhigal Grigoriia Rasputina”. *Solntse Rossii* 369, 1917.
- KURLOV , P. G . *Konets russkogo tsarizma: Vospominaniia byvshego komandira korpusa zhandarmov* . Moscou-Petrogrado: 1923.
- KUZMIN , M. A . *Dnevnik, 1908-1915* . Ed. de N. A. Bogomolov e S. V. Shumikhin. São Petersburgo: 2009.
- LAGANSKII , E . “Kak szhigali Rasputina”. *Ogonek* 52, 1926; 1, 1927.
- LAMZDORF , V. N . *Dnevnik* . Moscou: 1926; 1934; 1991.
- LAZOVERT , Stanislaus. “An Account of Rasputin's Assassination”. In: HORNE , Charles F.; AUSTIN, Walter F. (Orgs.). *Source Records of the Great War* . Alabama: 1923. v. 5.
- LEMKE , M. K . *250 dnei v tsarskoi stavke, 1914-1916* . 2 v. Minsk, 2003.
- THE LETTERS OF TSAR NICHOLAS AND EMPRESS MARIE , *Being the Confidential Correspondence Between Nicholas II, the Last of the Tsars, and His Mother, Dowager Empress Maria Feodorovna* . Ed. de Edward J. Bing. Londres: 1937.
- LETTRES DES GRANDS-DUCS A NICOLAS II . Trad. para o inglês de M. Lichnevsky. Paris: 1926.
- LEVIN , K. N . *Poslednii russkii tsar' Nikolai II* . Moscou: 1918.
- LIBERMAN , Anatoly. *On the Heights of Creation. The Lyrics of Fedor Tyutchev* . Greenwich, CT: 1992.
- “ LICHNOST' NIKOLAIA II I ALEKSANDRY FEDOROVNY PO SVIDETEL'STVAM IKH RODNYKH I BLIZKIKH (GAZETNYE MATERIALY) ”. *Istoricheskii arkhiv* , abr. 1917.
- LOCKHART , Sir Robert Bruce. *The Diaries of Sir Robert Bruce Lockhart* . Ed. de Kenneth Young. Londres: 1973. v. 1: 1915-38.
- _____. *Memoirs of a British Agent* . Londres: 1932.
- LODIJENSKI , M. V . *Misticheskaiia trilogiia. Temnaia sila* . Moscou: 1998.
- LOPUKHIN , V. B . *Zapiski byvshego direktora departamenta Ministerstva inostrannykh del* . São Petersburgo: 2008.
- LUKOMSKII , A. S. *Vospominaniia* . Berlim: 1922. 2 v.
- LUNIN , S . *Rasputin. P'esa v 4 deistviakh* . Leningrado: 1927.
- LVOV , L . *Za kulisami starogo rezhima. (Vospominaniia zhurnalista)* . Leningrado: 1926. v. 1.
- MAKHETOV , A. (Org.). “‘Starets' Grishka Rasputin v vospominaniiakh sovremennikov’”. *Pravoslavnyi khristianin* 3, 2003.
- MAKLAKOV , V. A . “Nekotorye dopolneniia k vospominaniiam Purishkevicha I kniazia Iusupova ob ubiistve Rasputina”. *Sovremennye zapiski* 34, Paris: 1928.
- MARIA , grã-duquesa da Rússia. *Education of a Princess. A Memoir* . Nova York: 1931.
- _____. *A Princess in Exile* . Nova York: 1931.
- MARIA , rainha da Romênia. *The Story of My Life* . Nova York: 1934.
- MARIA FIÓDOROVNA , imperatriz da Rússia. *Dnevniki* . Moscou: 2006.
- _____. *Dnevniki imperatritsy Marii Fedorovny (1914-1920, 1923 gody)* . Moscou: 2005.

- MARKOW , Sergey von. *Wie ich die Zarin befreien wollte* . Zurich: 1929.
- MARTINOV, A. P . *Moia sluzhba v otel'nom korpuse zhandarmov. Vospominaniia* . Ed. de Richard Wragi. Stanford: 1972.
- MATERIALY K ZHITIUI PREPODOBNO MUCHENITSY VELIKOI KNIAGINI ELIZAVETY FEODOROVNY. PIS'MA, DNEVNIKI, VOSPOMINANIIA, DOKUMENTY . Moscou: 1996.
- MAUD , Renée Elton. *One Year at the Russian Court: 1904-1905* . Londres: 1918.
- MAYLUNAS , Andrei; MIRONENKO , Sergei. *A Lifelong Passion: Nicholas and Alexandra, Their Own Story* . Trad. para o inglês de Darya Galy. Nova York: 1997.
- MECH (Mendelev), R. *Golos s togo sveta, ili Grishka Rasputin v gostiakh u satany* . Moscou: 1917.
- MELGUNOV, S. P . *Poslednii samoderzhets. Cherty dlia kharakteristiki Nikolaia II* . Moscou: 1917.
- _____. *Vospominaniia i dnevniki* . Paris: 1964.
- MEL'NIK (Botkina), T. *Vospominaniia o Tsarskoi Sem'e i ee zhizni do i posle revoliutsii* . Moscou: 1993.
- MEN'SHIKOV, M. O . "Dnevnik 1918 goda" . Rossiiskii arkhiv 4, 1993.
- MIKHAIL ALEKSANDROVICH , Velikii kniaz' . *Dnevnik i perepiska, 1915-1918* . Ed. de V. M. Khrustalev. Moscou: 2012.
- MIKHAILOV, A . *Temnye sily* . Moscou: 1917.
- MILIUKOV, P. N . *Political Memoirs, 1905-1917* . Ed. de Arthur P. Mendel. Trad. para o inglês de Carl Goldberg. Ann Arbor, MI: 1967.
- _____. *Vospominaniia* . Moscou: 1991.
- MIULE-VASIL'EV, V. K . *Grishka Rasputin u tsygan. Byl' v litsakh s peniem v 1-m deistvii* . Petrogrado: 1917.
- MOE , Ronald C. *Prelude to Revolution: The Murder of Rasputin* . Chula Vista, CA : 2011.
- MONARKHIIA PERED KRUSHENIEM (1914-1917 GG .): BUMAGI NIKOLAIA II I DRUGIE DOKUMENTY . Ed. de V. P . Semennikov. Moscou-Leningrado: 1927.
- MORDVINOV, A. A. "Poslednii imperator, vospominaniia fl igel'-ad'iutanta A. Mordvinova" . *Otechestvennye arkhivy* 3-4, 1993.
- MOSOLOV, A. A . *Pri dvore poslednego imperatora: zapiski nachal'nika kantseliarii ministra dvora* . São Petersburgo: 1992.
- NARYSHKIN-KURAKIN , Elizabeth. *Under Three Tsars* . Ed. de René Fülöp-Miller. Trad. para o inglês de Julia E. Loesser. Nova York: 1931.
- NAUMOV, A. N . *Iz utselevshikh vospominanii, 1868-1917* . Nova York: 1954-5. 2 v.
- NEKLUDOFF, A . V . *Diplomatic Reminiscences, Before and During the World War, 1911-1917* . Trad. para o inglês de Alexandra Paget. Londres: 1920.
- NEW YORK TIMES CURRENT HISTORY, THE . Nova York: 1919. v. 17.
- NICOLAU II , imperador da Rússia [Nikolai II] . *Dnevniki imperatora Nikolaia II (1894-1918)* . Ed. de S. V. Mironenko. Moscou: 2011. v. 1; Moscou: 2013. v. 2, pt. 2 (1914-8).
- _____. *Letters of the Tsar to the Tsaritsa, 1914-1917* . Trad. para o inglês de A. L. Hynes. Comentário de C. E . Vulliamy. Londres: 1929.
- _____. *The Secret Letters of the Last Tsar* . Ed. de Edward J. Bing. Nova York: 1938.
- NIKOLAI I ALEKSANDRA : *Dvor poslednikh russkikh imperatorov. Katalog vystavki* . São Petersburgo: 1994.
- NIKOLAI II I VELIKIE KNIAZ'IA : *Rodstvennye pis'ma k poslednemu tsariu* . Moscou-Leningrado: 1924.
- NIKOLAI II . *Materialy dlia kharakteristiki lichnosti i tsarstvovaniia* . Moscou: 1917.
- NIKOLAI II ROMANOV: EGO ZHIZN' I "DEIATEL'NOST'" , 1894-1917 GG . *Po inostrannym i russkim istochnikam* . Petrogrado: 1917.
- NIKOLAI II . *Semeinyi al'bom. Katalog vystavki* . Moscou: 1998.

- NIKOLAI MIKHAILOVICH , Velikii kniaz'. "Zapiski N. M. Romanova". *Krasnyi arkhiv* 47-49, 1931.
- NIKOL'SKII, B. V. "Vyderzhki iz dnevnika". *Krasnyi arkhiv* 1, 1935.
- NIKON (Rklitskii), arcebispo. *Zhizneopisanie blazhenneishego Antonia, mitropolita Kievskogo i Galitskogo* . Nova York: 1956-63. 10 v.
- NIKULIN, L. V. *O startse Grigorii i russkoi istorii...: Skazka nashikh dnei* . Moscou: 1917.
- NOVAIA KNIZHKA OB SVIATOM CHERTE GRISHKE, OB NIKOLAE BEZGOLOVOM, GLUPOM I BESTOLKOVOM, OB ALISE-NEMKE, CHTO SNIMALA S RUSSKIKH PENKI, O MINISTRAKH-PREDATELIAKH I OBO VSEKH PRIDVORNYKH OBIRATELIAKH . Moscou: 1917.
- NOVOSELOV, M. A . *Grigorii Rasputin i misticheskoe rasputstvo* . Moscou: 1917.
- OBINSKII, V. P. *Nikolai II — poslednii samodержets. Ocherki iz zhizni i tsarstvovaniia* . Moscou: 1992; orig. 1917.
- OL'GA ALEKSANDROVNA , velikaia kniaginia. *Memuary* . Moscou: 2003.
- ORDOVSKI-TANAIEVSKI, N. A. *Vospominaniia* . Caracus, São Petersburgo, Moscou: 1993.
- ORECHNIKOV, A. V . *Dnevnik, 1915-1933* . Ed. de P. G . Gaidukov. Moscou: 2010. t. 1.
- ORIGINALAKTEN ZUM MORD AN RASPUTIN . (*Original Legal Documents Concerning the Murder of Rasputine.*) With a Description in English. Offered for Sale by Karl W. Hiersemann . Leipzig: [1929].
- PADENIE TSARSKOGO REZHIMA . *Stenografi cheskie otchety doprosov i pokazanii, dannykh v 1917 g. v Chrezvychainoi sledstvennoi komissii Vremennogo pravitel'stva* . Ed. de P. E . Shchegolev. Moscou-Leningrado: 1924-7. 7 v.
- PALÉOLOGUE , Maurice. *An Ambassador's Memoirs*. Trad. para o inglês de F. A. Holt. Londres: 1923-5. 3 v.
- PEREGUDOVA, Z. I . (Org.). "Okhranka": *vospominaniia rukovoditelei politicheskogo syska* . Moscou: 2004. 2 v.
- PEREPISKA SVIASHCHENNIKA PAVLA FLORENSKOGO I MIKHAILA ALEKSANDROVICHIA NOVOSELOVA . Tomsk: 1998.
- "PODROBNOSTI UBIISTVA RASPUTINA" . *Krasnyi arkhiv* 6, 1931.
- POKROVSKII, M . (Org.). "Politicheskoe polozhenie Rossii nakanune Fevral'skoi revoliutsii v zhandarmskom osveshchenii" . *Krasnyi arkhiv* 17, 1926.
- POLIVANOV, A. A . *Iz dnevnikov i vospominanii po dolzhnosti voennogo ministra i ego pomoshchnika. 1906-1916* . Moscou: 1924.
- POLOVTSOV, A. A . "Dnevnik" . *Krasnyi arkhiv* 3-4, 1923.
- PORTUGALOV, V. V . *Tsarstvovanie poslednego Romanova* . Petrogrado: 1917.
- POSLEDNIE DNEVNIKI IMPERATRITSY ALEKSANDRY FEDOROVNY ROMANOVOI . *Fevral' 1917 g.-16 iiulia 1918 g. Sbornik dokumentov* . Ed. de V. A . Kozlov e V. M . Khrustalev. Novosibirsk: 1999.
- POSLEDNIE DNI RASPUTINA . Arkhangel'sk: 1917.
- "POSLEDNII VREMENSHCHIK POSLEDNEGO TSARIA" . *Voprosy istorii* 10, 12, 1964; 1-3, 1965.
- POURTALES , Friedrich. *Am Scheidewege zwischen Krieg und Frieden. Meine Letzten Verhandlungen in St. Petersburg, Ende Juli 1914: Tagesaufzeichnung und Dokumente* . Berlim: 1927.
- PRESTON , Thomas. *Before the Curtain* . Londres: 1950.
- PRIADILOV, A. N . *Krakh Rossiiskoi imperii: Svidetel'stva i suzheniia uchastnikov I ochevidtsev* . Moscou: 2005.
- PRISHVIN, M. M . *Dnevnik, 1918-1919* . São Petersburgo: 1991.
- _____. *Dnevnik, 1914-1917* . São Petersburgo: 2007.

- “ PROTOKOL DOPROSA M. G. SOLOV’EVOI (RASPUTINOI) SLEDOVATELEM PO OSOBOVAZHNYM DELAM N. A. SOKOLOVYM, 26-27 DEKABRIA 1919 G. V CHITE. (IZ ARKHIVA SOKOLOVA) ”. *Rodina* 3. 1992.
- “ PROTOKOLY DOPROSA ADMIRALA KOLCHAKA CHREZVYCHAINOI SLEDSTVENNOI KOMISSIEI V IRKUTSKE V IANV.-FEVR. 1920 G ”. *Arkhiv russkoi revoliutsii* 10, 1991.
- PRUGAVIN, A. S. *Leontii Egorovich i ego poklonnitsy* . Moscou: 1916.
- PURICHKÉVITCH, V. M. *The Murder of Rasputin* . Ed. de M. E. Shaw. Trad. para o inglês de Bella Costello. Ann Arbor, MI: 1980.
- RAITBLAT, A. I. (Org.). “Okhranka”. *Vospominaniia rukovoditelei politicheskogo syska* . Moscou: 2004.
- RASPÚTIN , Grigóri. *Blagochestivye razmyshleniia* . São Petersburgo: 1912.
- _____. *Dnevnik Rasputina* . Ed. de D. A. Kotsiubinskii e I. V. Lukoianov. Moscou: 2008.
- _____. *Dukhovnoe nasledie. Izbrannye stat’i, besedy, mysli i izrecheniia* . S. l.: 1994.
- _____. *Moi mysli i razmyshleniia* . Moscou: 1991.
- _____. *Moi mysli i razmyshleniia. Zhitie opytnogo strannika. Pis’ma* . Moscou: 2001.
- _____. *Velikie torzhestva v Kieve. Poseshchenie Vysochaishei Sem’i. Angel’skii privet* . São Petersburgo: 1911.
- _____. *Zhitie opytnogo strannika* . In: PLATONOV. *Zhizn’ za tsaria* .
- RASPÚTIN , Marie [M. G. Rasputina]. “Dnevnik Matreny Grigor’evny Rasputinoi” . Ed. de L. A. Lykova. *Rossiiskii arkhiv* 11, 2001.
- _____. [Solovieff-Raspoutine, Marie]. *Mon pere Grigory Raspoutine* . Paris: 1925.
- _____. *My Father* . Londres: 1934.
- _____. *Rasputin: Pochemu?: Vospominaniia docheri* . Moscou: 2000.
- _____. *The Real Rasputin* . Trad. para o inglês de Arthur Chambers. Londres: 1929.
- _____.; BARHAM , Patte. *Rasputin: The Man Behind the Myth: A Personal Memoir* . Englewood Cliffs, NJ: 1977.
- “ RASPUTIN AS KNOWN TO THE SECRET POLICE (OCHRANA) ”. In: VULLIAMY, C. E. (Org.). *The Red Archives: Russian State Papers and Other Documents Relating to the Years 1915-1918* . Londres: 1929.
- “ RASPUTIN V OSVESHCHENII ‘OKHRANKI ’ ”. *Krasnyi arkhiv* 5, 1924.
- RASPUTIN V VOSPOMINANIIAKH SOVREMENNIKOV . Moscou: 1990.
- RASLEDOVANIE TSAREUBIISTVA . *Sekretnye dokumenty* . Moscou: 1993.
- RASSULIN , Iurii; ASTAKHOV , Sergei; DUSHENOVA , Elena, comps. *Khronika velikoi družby. Tsarstvennye mucheniki i chelovek Bozhii Grigorii Rasputin-Novyi* . São Petersburgo: 2007.
- RAUPAKH, R. R. , von. *Facies Hippocratica (Lik umiraiushchego) : Vospominaniia chlena Chrezvychainoi Sledstvennoi Komissii 1917 goda* . Ed. de S. A. Man’kov. São Petersburgo: 2007.
- REMIZOV, A. M. “Dnevnik, 1917-1921”. *Minuvshee* 16, 1994.
- RODZIANKO, M. V. *The Reign of Rasputin: An Empire’s Collapse* . Intr. de Sir Bernard Pares e David R. Jones. Trad. para o inglês de Catherine Zvegintzoff. Gulf Breeze, FL : 1973.
- ROM-LEBEDEV , Ivan. “Zapiski moskovskogo tsygana”. *Teatr* 3-6, 1985.
- ROMÁNOV, A. V. *Dnevnik velikogo kniazia Andreia Vladimirovicha* . Leningrado: 1925.
- _____. “Pozornoe vremia perezhivaem”. Iz dnevnika Velikogo Kniazia Andreia Vladimirovicha Romanova. *Istochnik* 3 (34), 1998.
- _____. *Voennyi dnevnik velikogo kniazia Andreia Vladimirovicha Romanova (1914-1917)* . Ed. e org. de V. M. Osin e V. M. Khrustalev. Moscou: 2008.
- ROMÁNOV, D. P. “Pis’ma k ottsu”. *Krasnyi arkhiv* 30, 1928.
- ROMÁNOV, K. K. *Dnevniki. Vospominaniia. Stikhi. Pis’ma* . Ed. de E. Matonina. Moscou: 1998.

- ROMÁNOV, N. M. . "Dnevnik velikogo kniazia Nikolaia Mikhailovicha". *Krasnyi arkhiv* 4, 6, 9, 1931.
- _____. "Zapiski". In: *Gibel' monarkhii* . Moscou: 2000.
- ROMÁNOVA, A. F. (imperatriz Alexandra Fiódorovna). *Divnyi svet. Dnevnikovye zapisi, perepiska, zhizneopisanie* . Moscou: 1999.
- ROZANOV, V. V. *Apokalipticheskaia sekta (khlysty i skoptsy)* . São Petersburgo: 1914.
- _____. *Listva. Iz rukopisnogo nasledii* . Moscou: 2001.
- _____. *Mimoletnoe* . Moscou: 1994.
- _____. *O sebe i zhizni svoei* . Moscou: 1990.
- _____. *V nashei smute. Stat'i 1908 g. Pis'ma k E. F. Gollerbakhu* . Moscou: 2004.
- _____. *Vozrozhdaishchiisia Egipet* . Moscou: 2002.
- ROZANOVA , Tat'iana. " Bud'te svetly dukhom " . (*Vospominaniia o V. V. Rozanove*). Moscou: 1999.
- RUDNEV, V. [V. M. Roudnieff] . *La verite sur la Famille Imperiale Russe et les Influences occultes* . Paris: 1920.
- _____. *Pravda o tsarskoi sem'e i temnykh silakh* . Ekaterinodar: 1919.
- _____. "Vospominaniia." *Russkaia letopis'* . Vypusk 2. Paris: 1922.
- SABLIN, N. V. *Desiat' let na imperatorskoi iakhte " Shtandart "* . São Petersburgo: 2008.
- SADOVSKII, B. "Zapiski (1881-1916)". *Rossiiskii arkhiv* 1, 1991.
- SAF'IANOVA, A. *O startse Grigorii i russkoi istorii... Skazka nashikh dnei* . Moscou: 1917.
- SAVITCH, N. V. *Vospominaniia* . São Petersburgo: 1993.
- SAZÓNOV, S. D. *Fateful Years, 1909-1916: The Reminiscences of Serge Sazonov, Russia's Minister for Foreign Affairs* . Londres: 1928.
- SCHELKING , Eugene de. *Recollections of a Russian Diplomat* . Nova York: 1918.
- SEMENNIKOV, V. P. *Monarkhiia pered krusheniem. 1914-1917 gg. Bumagi Nikolaia II I drugie dokumenty* . Moscou-Leningrado: 1927.
- " SEM'IA ROMANOVYKH — NIKOLAI I ALEKSANDRA: SVIDETEL'STVUIUT RODNYE I BLIZKIE " . *Neva* 8, 1997.
- SH. P. *Grigorii Rasputin. Ego zhizn', rol' pri dvore imperatora Nikolaia II i ego vliianie na sud'bu Rossii* . Moscou: 1917.
- SHAIKA SHPIONOV ROSSII I GNUSNYE DELA GRISHKI RASPUTINA . Moscou: 1917.
- SHELLEY , Gerard. *The Blue Steppes. Adventures Among the Russians* . Londres: [1925].
- _____. *The Speckled Domes: Episodes of an Englishman's Life in Russia* . Nova York: 1925.
- SHKULEV, F. S. *Nikolai v adu: Rasskaz o tom, kak Nikolai Romanov v ad popal, gde Rasputina Grishku uvidal* . [Moscou: 1917].
- SHTIURMER [Stürmer], B. V. "Vsepoddanneishie zapiski B. V. Shturmera, 1916 g". *Istoricheskii arkhiv* 6, 1994.
- SHULENBERG, V. *Vospominaniia ob imperatritse Aleksandre Fedorovne* . Paris: 1928.
- SIMANOVITCH , Aron. *Rasputin i evrei* . Moscou: s/d. [1991?].
- _____. [Simanowitsch]. *Raspútin, der allmachtige Bauer* . Munique: 1928.
- SLIOZBERG, G. B. *Dela minuvshikh dnei, zapiski russkogo evreia* . Paris: 1934. 3 v.
- SMITTEN, B. N. "Poslednii vremenshchik poslednego tsaria. (Materialy chrezvychainoi sledstvennoi komissii o Rasputine i razlozhenii samodержavii)". Ed. de A. L. Sidorov. *Voprosy istorii* 10, 12, 1964; 1, 2, 1965.
- SOKOLOV, N. A. "Predvaritel'noe sledstvie. 1919-1922 gg". Org. de L. A. Lykov. *Rossiiskii arkhiv* 8, 1998.
- _____. *Ubiistvo tsarskoi sem'i* . Berlim: 1922; reimpr. Moscou: 1990.
- SOKOLOV, V. *Temnye sily Rossiiskoi Imperii* . Moscou: 1917.

- SOTHEYBY'S , Catálogo de Leilão, 2 jun. 2006.
- SPIRIDÓVITCH , Alexander I. *Last Years of the Court at Tsarksoe Selo* . Trad. para o inglês de Emily Plank. Fremantle, Western Austrália: 2009.
- _____. *Les dernieres annees de la cour de Tzarskoie-Selo* . Paris: 1928.
- _____. *Zapiski zhandarma* . Moscou: 1991.
- STENOGRAFI CHESKIE OTCHETY ZASEDANII GOSUDARSTVENNOI DUMY. São Petersburgo: 1906-17.
- STOECKL , Baroness de. *Not All Vanity* . Ed. de George Kinnaird. Londres: 1950.
- STOLÍPIN, P. A. "Iz perepiski P. A. Stolypina s Nikolaem II". *Krasnyi arkhiv* 5 (30), 1928.
- [STOPFORD , Albert]. *The Russian Diary of an Englishman, 1915-1917* . Londres: 1919.
- STREMOUKHOV, P. P. "Moia bor'ba s episkopom Germogenom i Iliodorom. Iz vospominanii senatora P. P. Stremoukhova". *Arkhirusskoi revoliutsii* 16, Berlim, 1925.
- SUKHOMLÍNOV, V. A . *Erinnerungen* . Berlim: 1924.
- "SVIATOI CHERT" . *Rasputin Grishka, zloi genii Doma Romanovykh* . Moscou: 1917.
- "SVIDANIE DOLZHNO BYT' OBSTAVLENO TAINOI (NOVYE MATERIALY OB UBIISTVE RASPUTINA) " . *Istochnik* 3, 1993.
- SYROECHKOVSKII, B. E . *Nikolai II i ego tsarstvovanie* . Moscou: 1917.
- TAINA DOMA ROMANOVYKH . Petrogrado: 1917. v. 1.
- TAINA DOMA ROMANOVYKH ILI POKHOZHDENIIA GRIGORIIA RASPUTINA . [Kiev: 1917].
- TAINA VLIIANIIA GRISHKI RASPUTINA . *Grishka i zhenshchiny. Grishka politik. Grishka I "Sashka". Grishka spirit* . Petrogrado: [1917].
- TAINY TSARSKOGO DVORA I GRISHKA RASPUTIN . Moscou: 1917.
- TAINY TSARSKOSEL'SKOGO DVORTSA . *Tainy kartiny i grammofoonoi plastinki* . Petrogrado: 1917.
- TELIAKOVSKII, V. A . *Dnevniky direktora Imperatorskikh teatrov* . Ed. de M. G. Svetaeva. Moscou, 2001. v. 4.
- _____. *Vospominaniia* . Moscou-Leningrado: 1965.
- TEMNYE SILY . *Tainy Rasputnogo dvora. "Rasputin"* . Petrogrado: 1917.
- TEMPLEWOOD , Samuel John Gurney Hoare. *The Fourth Seal. The End of a Russian Chapter* . Londres: [1930].
- TENICHEVA, M. K . *Vpechatleniia moei zhizni* . Leningrado: 1991.
- TIKHOMIROV, L. A . *Dnevnik L. A. Tikhomirova, 1915-1917 gg.* Ed. de A. V. Repnikov. Moscou: 2008.
- _____. "Iz dnevnika." *Krasnyi arkhiv* 3, 1930; 6, 1935; 1, 1936.
- _____. *Vospominaniia* . Moscou-Leningrado: 1927.
- _____. "25 let nazad. (Iz dnevnikov L. Tikhomirova)". *Krasnyi arkhiv* 1-5, 1930.
- TKHORZHEVSKII, I. I . *Poslednii Peterburg: Vospominaniia kamergera* . São Petersburgo: 1999.
- TOLSTÓI, A.; SHCHEGOLEV, P . *Zagovor imperatritsy (p'esa)* . Moscou: 1926.
- TOMSKII, O . *Skazka o Grishke Rasputnom, glupyykh ministrakh i Dvore Vysochaishem.* [*V stikhakh*]. Petrogrado: 1917.
- TREWIN, J. C . *House of Special Purpose: An Intimate Portrait of the Last Days of the Imperial Russian Family Compiled from the Papers of their English Tutor, Charles Sydney Gibbes* . Nova York: 1975.
- TRÓTSKI , Liev. *History of the Russian Revolution* . Trad. para o inglês de Max Eastman. Chicago: 2008. v. 1.
- TSESAREVICH . *Dokumenty. Vospominaniia. Fotografii* . Moscou: 1998.
- TUMANSKII, A . "Zlobodnevyne p'esy". *Teatr i iskusstvo* 20, 21, 1917.
- USPENSKII, K . "Ocherk tsarstvovaniia Nikolaia II". *Golos minuvshogo* 4, 1917.

- “ V TSEKOVNYKH KRUGAKH PERED REVOLIUTSIEI . Iz pisem arkhiepiskopa Antonia Volynskogo k mitropolitu Kievskomu Flavianu”. *Krasnyi arkhiv* 6 (31), 1928.
- VASILCHIKOVA, L. L . *Ischeznuvshaia Rossiia. Vospominaniia kniagini Lidii Leonidovny Vasil'chikovoi. 1886-1919* . São Petersburgo: 1995.
- VASILEV, A. T. *The Ochrana, the Russian Secret Police* . Editado e com introdução de René Fülöp-Miller. Filadélfia: 1930.
- VASILEVSKII, I. M . *Belye memuary* . Petrogrado: 1923.
- VATALA , El'vira. *Grigori Rasputin bez mifov i legenda. Roman v dokumentakh* . Moscou: 2000.
- VECCHI , Joseph. *The Tavern is My Drum. My Autobiography* . Londres: 1948.
- VENIAMIN (Fedchenkov), metropolita. *Na rubezhe dvukh epokh* . Ed. de A. K. Svetoarskii. Moscou: 1994.
- VERSHININ, A. P . *Sviatoi chert (Grigorii Rasputin) . P'sa v 1-m deistvii (repertuara mosk. I petrogr. teatrov)* . Viatka: 1917.
- VETUKHOV, A . “Mikroby zla”. (*Zametki po povodu knigi M. Lodyzhenskogo “Temnaia sila”*). Kharkov: 1916.
- VINBERG, F . *Krestnyi put' . Chast' 1: Kornia zla* . Munique: 1922.
- VINOGRADOV , Igor. “Nicholas II, Stolypin, and Rasputin: Letter of 16 October 1916”. *Oxford Slavonic Papers* 12, 1965.
- VÍRUBOVA (Taneieva), A. A. “Dnevnik A. A. Vyubovoi”. *Minuvshie dni* 1, 2, 1927; 3, 1928.
- _____. “Neizvestnye fragmenty ‘Vospominanii’ Anny Vyubovoi”. *Rodina* 2, 1988.
- _____. *Rasputin* . Moscou: 1990.
- _____. *Stranitsy moei zhizni* , in *Vernaia Bogu, Tsariu i Otechestvu. Anna Aleksandrovna Taneieva (Vyubova) — monakhinia Mariia* . Ed. e org. de Iurii Rassulin. São Petersburgo: 2005.
- VITTE , S. Iu. *Vospominaniia* . Moscou: 1994. 3 v.
- _____. *Iz arkhiva S. Iu. Vitte: Vospominaniia* . Ed. de B. B. Anan'ich, et al. São Petersburgo: 2003. 2 v.
- VLADYKIN , Akim. *Taina rozhdeniia b. naslednika i pridvornaia kamaril'ia* . Petrogrado: 1917.
- VOEIKOV, V. N . *S tsarem i bez tsaria. Vospominaniia poslednego dvortsovoogo komendanta Gosudaria Nikolaia II* . Moscou: 1995.
- VOLKOV, A. A . *Okolo tsarskoi sem'i* . Paris: 1928 [Moscou: 1993].
- VONLIARLIARSKII, V . *Moi vospominaniia* . Berlim: s. d.
- VRANGEL' , N. N . *Dni skorbi. Dnevnik 1914-1915 godov* . São Petersburgo: 2001.
- “V SEPODDANNEISHIE ZAPISKI B. V. SHTIURMERA. 1916 G ”. *Istoricheskii arkhiv* 6, 1994.
- “VSTRECHA V STAVKE. NIKOLAI II I A. D. SAMARIN ”. *Istoricheskii arkhiv* 2, 1996.
- VULLIAMY, C. E.; HYNES, A. L . (Orgs.). *The Red Archives: Russian State Papers and Other Documents Relating to the Years 1915-1918* . Londres: 1929.
- WOYTINSKII, W. S . *Stormy Passage* . Nova York: 1961.
- ZANCKE, H. Th. v. *Rasputin. Russische Sittenbilder nach den Erinnerungen eines Okhrana Agenten* . Berlim: 1917.
- ZAVARZIN, P. P . *Zhandarmy i revoliutsiia* . Paris: 1930.
- ZHDANOV , Lev. Nikolai “Romanov.” *Poslednii Tsar': Istoricheskie nabroski* . Petrogrado: 1917.
- _____. *Sud nad Nikolaem II. Stranitsy istorii proshlykh i nashikh dnei* . Petrogrado: s/d.
- Zhizn' i pokhozhdenie Grigoriia Rasputina* . Kiev: 1917.
- ZOTOV, M . *Grishka Rasputin (muzhik vsrossiiskii) . P'sa v 1-m deistvii* . Petrogrado: 1917.

FONTES SECUNDÁRIAS

- ALBERG, V. L. "Grigori Efi movich Rasputin, 1871-1916". *Social Studies* 47, n. 8, 1956.
- ALMAZOV, Boris. *Rasputin i Rossiia*. (*Istoricheskaia spravka*). Praga: 1922.
- AMALRIK, A. *Rasputin. Dokumental'naia povest'*. Moscou: 1992.
- ANTRICK, O. *Rasputin und die politische Hintergrunde seiner Ermordung*. Braunschweig: 1938.
- ARKHIPENKO, V. "Zagovor Iliodora". *Nauka i religiia* 9, 1969.
- ARONSON, G. *Rossiia nakanune revoliutsii*. Nova York: 1962.
- ASHTON, Janet. "'God in All Things': The Religious Beliefs of Russia's Last Empress and Their Personal and Political Context". *British Library Journal* 6, 2006.
- AVREKH, A. Ia. *Masonry i revoliutsiia*. Moscou: 1990.
- BARIATINSKII, V. V. "Oshibka istorii". *Illiustrirovannaia Rossiia* 16 (362), 16 abr. 1932.
- BARTLETT, Rosamund. *Tolstoy. A Russian Life*. Nova York: 2001.
- BATIUCHIN, N. S. *Tainaia voennaia razvedka i bor'ba s nei*. Ed. de I. I. Vasil'ev e A. A. Zdanovich. Moscou: 2002.
- _____. *U istokov russkoi kontrrazvedki: sbornik dokumentov i materialov*. Moscou: 2007.
- BENNETT, J. D. C. "Princess Vera Gedroits: Military Surgeon, Poet and Author". *British Medical Journal* 305, 19-26 dez. 1992.
- BERBEROVA, Nina. *Kursiv moi: avtobiografia*. Moscou: 1999.
- _____. *Liudi i lozhi. Russkie masonry XX stoletii*. Nova York: 1986.
- BERDIÁIEV, N. *Sud'ba Rossii*. Moscou: 1990.
- BERGER, Joachim. "European Freemasonries, 1850-1935: Networks and Transnational Movements". In: *European History On-line (EGO)* do Institut für europäische Geschichte, Mainz, 2010. Disponível em: <<http://www.ieg-ego.eu/bergerj-2010-en>>.
- _____. "Local-National-Transnational Heroes? Hero-worship in Western European Freemasonries (c. 1870-1914)". In: *Hinter den Kulissen. Beiträge zur historischen Mythenforschung*. Ed. de Claus Oberhauser e Wolfgang Knapp. Innsbruck: 2012.
- BERRY, Thomas E. "Séances for the Tsar: Spiritualism in Tsarist Society and Literature". *Journal of Religion and Psychical Research*, jan. 1984-jan. 1986.
- BETSKII, K.; PAVLOV, P. *Russkii Rokambol' (prikliucheniia I. F. Manasevicha-Manuilova)*. Leningrado: 1925.
- BETTS, Richard. *Pshenitsa i plevely: bespristrastno o G. E. Rasputine*. Moscou: 1997.
- _____; MARCHENKO, V. *Dukhovnik tsarskoi sem'i. Sviatitel' Feofan Poltavskii (1873-1940)*. 2. ed. Moscou: 1996.
- BIENSTOCK, J. W. *Raspoutine. La fi n d'un regime*. Paris: 1917.
- BILLINGTON, James. *The Icon and the Axe. An Interpretive History of Russian Culture*. Nova York: 1970.
- BISHER, Jamie. *White Terror: Cossack Warlords of the Trans-Siberian*. Abingdon: 2009.
- BLOK, A. *Poslednie dni imperatorskoi vlasti*. Moscou: 2005.
- BOKHANOV, A. N. *Delovaia elita Rossii, 1914 g.* Moscou: 1994.
- _____. *Pravda o Grigorii Rasputine. Ostorozhno: fal'sifi katsiia*. Moscou: 2011.
- _____. *Rasputin: Anatomii mifa*. Moscou: 2000.
- _____. *Rasputin: Byl' i ne byl'*. Moscou: 2006.
- _____ et al. *The Romanovs: Love, Power and Tragedy*. Londres: 1993.
- BORISOV, D. *Vlastiteli i chudotvortsy. (Iliodor, Germogen i Rasputin)*. Sarátov: 1926.
- BOSTUNICH, G. *Masonstvo i russkaia revoliutsiia: pravda misticheskaia i pravda real'naia*. Moscou: 1993.
- _____. *Otchego Rasputin dolzhen byl poiavit'sia. (Obosnovaniia psikhologicheskoi neizbezhnosti)*. Petrogrado: 1917.
- BOTSIANOVSKII, B. F. "Karikatura i tsenzura v nachale XX v". *Byloe* 4, 1925.

- BROWN , Candy Gunther. *Testing Prayer: Science and Healing* . Cambridge, MA: 2012.
- BUDNITSKII, O. V . *Russian Jews between the Reds and the Whites, 1917-1920* . Filadélfia: 2012.
- BUKHARKINA , Ol'ga. "Tak pisal Rasputin". *Diletant* 10 (22), out. 2013.
- BUKSGEVDEN, S. K . *Ventsenosnaia muchenitsa. Zhizn' i tragiia Aleksandry Feodorovny, imperatritsy vs Rossiiskoi* . Moscou: 2006.
- CAREY , Benedict. "Long-Awaited Medical Study Questions the Power of Prayer". *New York Times* , 31 mar. 2006.
- CARLSON , Maria. " *No Religion Higher Than Truth* ": *A History of the Theosophical Movement in Russia, 1875-1922* . Princeton: 1993.
- CHAMBRUN , Charles. *Lettres a Marie, Petersbourg-Petrograd, 1914-1917* . Paris: 1941.
- CHAMBRUN , Marie, Princesse Lucien [Marie] Murat. *Raspoutine et l'aube sanglante* . Paris: 1917.
- CHEREPAKHOV, M. S.; FINGERIT, E. M . (Orgs.). *Russkaia periodicheskaia pechat' (1895-oktiabr' 1917)* . Moscou: 1957.
- CHERNOW , Ron. *The Warburgs: The Twentieth-Century Odyssey of a Remarkable Jewish Family* . Nova York: 1993.
- CHERNYSHEV, A. V. "O vozraste Grigoriia Rasputina i drugikh biografi cheskikh detaliakh". *Otechestvennye arkhivy* 1, 1992.
- _____. "Rasputinskaia tema na stranitsakh izdaniia nashikh dnei (1988-2005)". Tiumen: 1996.
- _____. *Religiia i Tserkov' v Tiimenskom krae. Opyt bibliografi i* . Pt. 2. Tiumen: 2004.
- _____. "Vybor puti (Shtrikhi k religiozno-filosofskomu portretu G. E . Raspútina)". In: *Religiia i tserkov' v Sibiri. Sbornik nauchnykh statei i dokumental'nykh materialov* . n. 11. Tiumen: 1998.
- COCKFIELD , Jamie H. *White Crow: The Life and Times of Grand Duke Nicholas Mikhailovich Romanov, 1859-1919* . Westport, CT: 2002.
- COLEMAN , Heather J. *Russian Baptists and Spiritual Revolution, 1905-1929* . Bloomington, IN: 2006.
- COOK , Andrew. *To Kill Rasputin. The Life and Death of Grigori Rasputin* . Stroud: 2007.
- COONROD , Robert Wingate. "The Fourth Duma and the War, 1914-1917". Dissertação de doutorado. Stanford, CA: Universidade de Stanford: 1950.
- CRUMMEY , Robert. O. *The Formation of Muscovy, 1304-1613* . Nova York: 1987.
- CULLEN , Richard. *Rasputin : The Role of Britain's Secret Service in his Torture and Murder* . Londres: 2010.
- CURTISS , John Shelton. *Church and State in Russia, The Last Years of the Empire: 1900-1917* . Nova York: 1940.
- DALY , Jonathan W. *The Watchful State: Security Police and Opposition in Russia, 1906-1917* . DeKalb, IL: 2004.
- _____. TROFIMOV, Leonid (Orgs.). *Russia in War and Revolution, 1914-1922: A Documentary History* . Indianápolis, IN: 2009.
- DANILOV , Iu. N. *Na puti k krusheniiu: ocherki iz poslednego perioda russkoi monarkhii* . Moscou: 1992.
- DE ENDEN , M. *Raspoutine et le crepuscule de la monarchie en Russie* . Paris: 1991.
- DE JONGE , Alex. *The Life and Times of Grigori Rasputin* . Nova York: 1982.
- "DELO OB UBIISTVE RASPUTINA ". *Illustrirovannaia Rossiia* 28 (374), 9 jul. 1932.
- DIONISII (Alferov), hieromonge. "Rasputin i pravoslavnaia asketika". Disponível em: <http://catacomb.org.ua/modules.php?name=Pages&go=print_page&pid=270>.
- DIXON , Simon. "The 'Mad Monk' Iliodor in Tsaritsyn". *Slavonic and East European Review* 88, n. 1/2, jan./ abr. 2010.
- _____. "Superstition in Imperial Russia". *Past and Present* 199, Suplemento 3, 2008.
- DOBSON , Christopher. *Prince Felix Yusupov. The Man Who Murdered Rasputin* . Londres: 1989.

- DOWLING , Timothy C. *The Brusilov Offensive* . Bloomington, IN: 2008.
- DRESNER , Samuel H. *The Zaddik* . Nova York: 1960.
- DUDAKOV , S. *Etiudy liubvi i nenavisti* . Moscou: 2003.
- ELLIOTT, J. H.; BROCKLISS, L. W. B. (Orgs.). *The World of the Favourite* . New Haven: 1999.
- ERDMANN-PANDŽIĆ , Elisabeth von. “ *Poema bez geroja* ” von Anna A. Achmatova . Colônia: 1987.
- ESSAULOV , Captain A.; MALONE, G. P. “Rasputin: A Vindication”. *Contemporary Review* 211, n. 1221, 1967.
- ETKIND , Alexander. *Eros of the Impossible: The History of Psychoanalysis in Russia* . Trad. para o inglês de Noah e Maria Rubins. Boulder, CO : 1997.
- _____. *Internal Colonization. Russia's Imperial Experience* . Malden, MA: 2011.
- _____. *Khlyst: Sekty, literatura i revoliutsiia* . Moscou: 1998.
- EVREINOV, N. N. *Taina Rasputina* . Leningrado: 1924.
- EVSIN, I. V. (Org.). *Oklevetannyye starye: Istoricheskie svidetel'stva o G. E. Rasputine* . Riazan: 2001.
- FAITEL'BERG-BLANK , Viktor; SAVCHENKO , Viktor. *Odessa v epokhu voyn i revoliutsii 1914-1920* . Odessa: 2008.
- FALEEV, V.; RAIKOV, V. . *Grigorii Rasputin bez grima i dorisovok* . S. l.: 2007.
- _____. “Za chto ubili Grigoriia? (Novye materialy k biografii G. E. Rasputina)”. *Dorogami tysiacheletii* 4, 1991.
- FEINBERG , Carla. “The Placebo Phenomenon”. *Harvard Magazine* , jan.-fev. 2013.
- FERRO , Marc. *Nicholas II. The Last of the Tsars* . Oxford: 1995.
- FIGES , Orlando. *A People's Tragedy. The Russian Revolution, 1891-1924* . Nova York: 1996.
- FIRSOV, S. L. . *Pravoslavnaia Tserkov' i gosudarstvo v poslednee desiatiletie sushchestvovaniia samoderzhavii v Rossii* . São Petersburgo: 1996.
- _____. *Russkaia Tserkov' nakanune peremen (Konets 1890-kh-1918 g.)* . Moscou: 2002.
- FOMIN, S. V. . “ *A krugom shirokaia Rossiia—* ”. Moscou: 2008.
- _____. *Bozhe! Khrani svoikh* . Moscou: 2009.
- _____. *Dorogoi nash otets: G. E. Rasputin-Novyi glazami ego docheri i dukhovnykh chad* . Moscou: 2012.
- _____. “ *Lozh' velika, no pravda bol'she—* ”. Moscou: 2010.
- _____. *Nakazanie pravdoi* . Moscou: 2007.
- _____. *Poslednii Tsarskii Sviatoi* . São Petersburgo: 2003.
- _____. *Skorbnii angel. Tsaritsa-Muchenitsa Aleksandra Novaia v pis'makh, dnevnikakh i vospominaniakh* . São Petersburgo: 2006.
- _____. “ *Strast' kak bol'no, a vyzhivu—* ”. Moscou: 2011.
- _____. *Sud'ia zhe mne Gospod'!* Moscou: 2010.
- FUHRMANN , Joseph T. *Rasputin: A Life* . Nova York: 1990.
- _____. *Rasputin: The Untold Story* . Hoboken, NJ: 2013.
- FULLER , William C., Jr. *The Foe Within: Fantasies of Treason and the End of Imperial Russia* . Ithaca, NY: 2006.
- FÜLÖP-MILLER , René. *Rasputin: The Holy Devil* . Nova York: 1928.
- GATRELL , Peter. *Russia's First World War. A Social and Economic History* . Nova York: 2005.
- GEIFMAN , Anna. *Russia Under the Last Tsar: Opposition and Subversion, 1894-1917* . Malden, MA : 1999.
- GERASIMOV, A. V. . *Na lezvii s terroristami* . Paris: 1985.
- GESSEN, V. Iu. “Ignatii Porfi r'evich Manus — promyshlennik, bankovskii i birzhevoi deiatel’”. Disponível em: <<http://www.hist.msu.ru/Banks/sources/gessen/gessen.htm>>. Acesso em: 22 set. 2015.

- GINZBURG, S. S. *Kinematografi ia dorevoliutsionnoi Rossii* . Moscou: 2007.
- GIRCHICH, G . “Tol’ko pravda.” *Vechnee vremia* 119, Paris, 30 ago./12 set. 1924.
- GIROUD , Vincent. *Nicolas Nabokov: A Life in Freedom and Music* . Nova York: 2015.
- GOLDBERG , Harvey. *The Life of Jean Jaurès* . Madison, WI: 1962.
- GOSUDARSTVENNAIA DUMA ROSSIISKOI IMPERII . Moscou: 2006. v. 1: 1906-17.
- GRASHCHENKOVA, I. N . *Kino Serebrianogo veka* . Moscou: 2005.
- GROIAN, T . *Muchenik za Khrista i za Tsaria. Chelovek Bozhii Grigorii. Molitvennik za Sviatuiu Rus’ i Eia Presvetlogo Otroka* . Moscou: 2001.
- GUESS , Harry; ENGEL, Linda; KLEINMAN, Arthur; KUSEK, John (Orgs.). *Science of the Placebo: Toward an Interdisciplinary Agenda* . Londres: 2002.
- GUSEV, B . *Petr Badmaev. (Krestnik imperatora. Tselitel’. Diplomat)* . Moscou: 2000.
- _____; GREKOVA, T . I. *Doktor Badmaev: Tibetskaia meditsina, tsarskii dvor, sovetskaia vlast’* . Moscou: 1995.
- HALL , Coryne. *Little Mother of Russia. A Biography of the Empress Marie Feodorovna (1847-1928)* . Nova York: 2001.
- HALLIDAY, E. M . “Rasputin Reconsidered” . *Horizon* 9, n. 4, 1967.
- HANBURY-WILLIAMS , John. *The Emperor Nicholas II, as I Knew Him* . Londres: 1922.
- HANTSCH , Hugo. *Leopold Graf Berchtold, Grand-seigneur und Staatsmann* . Graz: 1963.
- HARCAVE , Sidney. *Count Sergei Witte and the Twilight of Imperial Russia. A Biography* . Armonk, NY: 2004.
- HARMER , Michael. *The Forgotten Hospital* . Chichester, West Sussex: 1982.
- HAURANI , Farid I. “Rasputin Used Hypnosis: Reply to ‘Russia’s Imperial Blood’.” *American Journal of Hematology*; v. 80, n. 4, 2005.
- HAYWOOD, A . J. *Siberia. A Cultural History* . Nova York: 2010.
- HERESCH , Elisabeth. *Rasputin. Das Geheimnis seiner Macht* . Munique: 1995.
- HERETZ , Leonid. *Russia on the Eve of Modernity: Popular Religion and Traditional Culture Under the Last Tsars* . Cambridge: 2008.
- HUNT , Priscilla Hart; KOBETS , Svitlana (Orgs.). *Holy Foolishness in Russia: New Perspectives* . Bloomington, IN: 2001.
- IAKOBII, I. P . *Imperator Nikolai II i revoliutsiia* . São Petersburgo: 2005.
- IDEL , Moshe. *Hasidism: Between Ecstasy and Magic* . Albany, NY: 1995.
- IOFFE, G. Z . “‘‘Rasputiniada’: Bol’shaia politicheskaiia igra”. *Otechestvennaia istoriia* 3, 1998.
- ISKENDEROV, A. A . *Zakat Imperii* . Moscou: 2001.
- IURKIN KONDUIT . *Tiumenskie familii v pis’mennykh istochnikakh* . Org. de Iurii Zotin. Tiumen: 2009. 5 v.
- IVANOV , Sergey A. *Holy Fools in Byzantium and Beyond* . Trad. para o inglês de Simon Franklin. Oxford: 2006.
- IZMOZIK, V. S . (Org.). *Zhandarmy Rossii: politicheskii rozysk v Rossii, XV-XX vek* . São Petersburgo: 2002.
- JEFFREY , Keith. *The Secret History of MI6* . Londres: 2010.
- JUDAS , Elizabeth. *Rasputin: Neither Devil nor Saint* . Los Angeles: 1942.
- KAZARINOV , M. G. “Rasputinskii schet”. *Illustrirovannaia Rossiia* 22 (368), 28 maio 1932; 24 (370), 11 jun. 1932.
- KENDRICK , John. “Rasputin Didn’t Hypnotize Alexei”. *American Journal of Hematology* , v. 80, n. 4, 2005.
- _____. “Russia’s Imperial Blood: Was Rasputin Not the Healer of Legend?” *American Journal of Hematology* , v. 77, n. 1, 2004.
- KILCOYNE , Martin. “The Political Influence of Rasputin”. Dissertação de doutorado.

- Universidade de Washington: 1961.
- KING , Greg. *The Court of the Last Tsar. Pomp, Power, and Pageantry in the Reign of Nicholas II* . Hoboken, NJ: 2006.
- _____. *The Man Who Killed Rasputin: Prince Youssoupov and the Murder that Helped Bring Down the Russian Empire* . Secaucus, NJ: 1995.
- KIZENKO , Nadieszda. *A Prodigal Saint: Father John of Kronstadt and the Russian People* . University Park, PA: 2000.
- KNIAZEV , S. "Rasputiny iz sela Pokrovskogo i ikh korni v Komi krae". *Genealogicheskii vestnik* 5, 2001. Disponível em: <<http://www.vgd.ru/VESTNIK/5vest3.htm#>>.
- KNIAZ'KIN , Igor'. *Bol'shaia kniga o Rasputine* . São Petersburgo: 2007.
- KOLONITSKII , B. I. "Evrei i antisemitizm v delakh po oskorbleniiu Chlenov Rossiiskogo Imperatorskogo Doma (1914-1916)". In: *Mirovoi krizis 1914-1920 godov i sud'ba vostochnoevropeiskogo evreistva* . Moscou: 2005.
- _____. "K izucheniiu mekhanizmov desakralizatsii Monarkhii (slukhi i 'politicheskaia pornografiia' v gody pervoi mirovoi voiny)". *Istoriia i revoliutsiia: sbornik statei k 70-letiiu so dnia rozhdeniia O. N. Znamenskogo* . Ed. de O. N. Znamenskii et al., 1999.
- _____. *Simvoly vlasti i bor'ba za vlast'. K izucheniiu politicheskoi kul'tury rossiiskoi revoliutsii 1917 goda* . São Petersburgo: 2001.
- _____. "Tragicheskaiia erotica": *obrazy imperatorskoi sem'i v gody pervoi mirovoi voiny* . Moscou: 2010.
- KOSHKO , A. *Ocherki ugolovnogo mira tsarskoi Rossii* . Paris: 1929. v. 2.
- KOTSIUBINSKII , A. P.; KOTSIUBINSKII , D. A . *Rasputin: tainyi i iavnyi* . São Petersburgo-Moscou: 2003.
- KOZLOV , N . *Drug tsarei* . Moscou: 1994.
- KOZLOV . *Ubiistvo Rasputina* . Moscou: 1990.
- KOZYREV , F. N . *Rasputin, kotorogo my poteriali* . São Petersburgo: 2000.
- KRAFT , Barbara S. *The Peace Ship: Henry Ford's Pacific Adventure in the First World War* . Nova York: 1978.
- KRIVOROTOV , V . *Pridvornyi iuvelir. (Strashnoe igo. Rasputiniada i ee sekretar')* . Madri: 1975.
- KRIVOSHEIN , K. A. A . V. Krivoshein (1857-1921 g.) . *Ego znachenie v istorii Rossii nachala XX veka* . Paris: 1973.
- KULEGIN , A. M . *Kto ubil Rasputina? Versii i fakty o pokusheniakh na "sviatogo cherta"* . (Seriia "Legendy politicheskoi istorii") . São Petersburgo: 2011.
- _____. *Zagrobnye priklucheniia "sviatogo cherta"* . São Petersburgo: s. d.
- KULIKOV , Sergei. "Chisto politicheskoe ubiistvo". *Rodina* 3, 2007.
- KULIKOWSKII , Mark. "Rethinking the Origins of the Rasputin Legend". In: *Modernization and Revolution. Dilemmas of Progress in Late Imperial Russia* . Ed. de Edward H. Judge e James Y. Simms, Jr. Nova York: 1992.
- _____. "Raspútín and the Fall of the Romanovs". Dissertação de doutorado. SUNY Binghamton: 1982.
- KURLOV , P. G . *Gibel' Imperatorskoi Rossii* . Moscou: 1992.
- LACHAPELLE , Sofie. *Investigating the Supernatural: From Spiritism and Occultism to Psychological Research and Metaphysics in France, 1853-1931* . Baltimore: 2011.
- LE QUEUX , W . *Le Ministre du Mal: memoires de Feodor Rajevski, secretaire prive de Raspoutine* . Paris: 1921.
- _____. *Rasputin the Rascal Monk: Disclosing the Secret Scandal of the Betrayal of Russia by the Mock-Monk "Grichka" and the Consequent Ruin of the Romanoffs, with Official Documents Revealed and Recorded* . Londres: 1917.

- LESKIN , Dimitrii. *Spor ob imeni Bozhiem. Filosofi ia imeni v Rossii v kontekste afonskikh sobytii 1910-kh gg* . São Petersburgo: 2004.
- LEVIN , Edmund. *A Child of Christian Blood. Murder and Conspiracy in Tsarist Russia: The Beilis Blood Libel* . Nova York: 2014.
- LEVIN, K. N . *Poslednii russkii tsar' Nikolai II* . Kharkov: 1919.
- LIEPMAN , Heinz. *Rasputin: A New Judgment* . Traduzido para o inglês por Edward Fitzgerald. Londres: 1959.
- LIEVEN , Dominic. *Nicholas II: Emperor of All the Russias* . Londres: 1993.
- LINCOLN, W . Bruce. *The Conquest of a Continent. Siberia and the Russians* . Nova York: 1994.
- LINCOLN, W . Bruce. *Passage Through Armageddon. The Russians in War and Revolution, 1914-1918* . Nova York: 1986.
- LIVCHAK, B . "Chrezvychainaia sledstvennaia komissiiia Vremennogo pravitel'stva glazami A. A. Bloka". *Voprosy istorii* 2, 1977.
- LOHR , Eric. *Nationalizing the Russian Empire: The Campaign against Enemy Aliens during World War I* . Cambridge, MA: 2003.
- LOKS, K . "Povest' ob odnom desiatiletii (1907-1917)". *Minuvshee: istoricheskiibal'manakh* 15, 1993.
- LOPUKHIN, V. B . "Liudi i politika (konets XIX-nachalo XX v.)". *Voprosy istorii* 10, 1966.
- LYANDRES , Semion. "Progressive Bloc Politics on the Eve of the Revolution: Revisiting P. N . Miliukov's 'Stupidity or Treason' Speech of November 1, 1916". *Russian History/ Histoire Russe* 31, n. 4, inverno 2004.
- MAEVSKII , Vl. *Na grani dvukh vekov* . Madri: 1963.
- MAGER , Hugo. *Elizabeth: Grand Duchess of Russia* . Nova York: 1999.
- MARCHANT , Jo. *Cure: A Journey into the Science of Mind Over Body* . Londres: 2016.
- MARKOV , S. *Pokinutaia Tsarskaia Sem'ia* . Viena: 1928; Moscou: 2002.
- MARSDEN , Victor. *Rasputin and Russia: The Tragedy of a Throne* . Londres: 1920.
- MASSIE , Robert K. *Nicholas and Alexandra* . Nova York: 1967.
- _____. *The Romanovs. The Final Chapter* . Nova York: 1995.
- MCKEE , W. Arthur. "Sobering up the Soul of the People: The Politics of Popular Temperance in Late Imperial Russia". *Russian Review* , v. 58, n. 2, abr. 1999.
- MCMEEKIN , Sean. *The Russian Origins of the First World War* . Cambridge, MA: 2011.
- MCREYNOLDS , Louise. *The News Under Russia's Old Regime. The Development of a Mass-Circulation Press* . Princeton: 1991.
- MELGUNOV, S. P . "Kak my priobretali zapiski Iliodora". *Na chuzhoi storone* 2, 1923.
- _____. *Legenda o separatnom mire* . Paris: 1957.
- _____. *Na putiakh k dvortsovomu perevorotu. (Zagovory pered revoliutsiei 1917 goda)* . Paris: 1931; Moscou: 2003.
- MILLE , Pierre. "Esquisses d'apres Nature. Philippe de Lyon". *Le Temps* , 23 nov. 1904.
- MINNEY, R. J . *Rasputin* . Londres: 1972.
- MIRONOVA , Tat'iana. *Iz-pod lzhi. Gosudar' Nikolai II i Grigorii Rasputin* . Krasnodar: 2004.
- MONTEFIORE , Simon Sebag. *Jerusalem: The Biography* . 2011.
- _____. *Young Stalin* . Nova York: 2007.
- MOOREHEAD , Alan. *The Russian Revolution* . Nova York: 1958.
- MOYNAHAN , Brian. *Rasputin: The Saint Who Sinned* . Londres: 1998.
- MRAMORNOV , A. I. "'Delo' saratovskogo episkopa Germogena 1912 g. i sinodal'naia sistema upravleniia Russkoi tserkov'iu v nachale XX v". *Klio* n. 3/34, 2006.
- _____. *Tserkovnaia i obshchestvenno-politicheskaia deiatel'nost' episkopa Germogena (Dolganova, 1858-1918)* . Sarátov: 2006.

MSTISLAVSKII , S. *Gibel' tsarizma. Nakanune 1917 goda* . Leningrado: 1927.

MYLES , Douglas. *Rasputin: Satyr, Saint, or Satan* . Nova York: 1990.

NAPLEY , Sir David. *Rasputin in Hollywood* . Londres: 1989.

NAZANSKII , V. *Krushenie velikoi Rossii i doma Romanovykh* . Paris: 1930.

NELIPA , Margarita. *The Murder of Grigorii Rasputin, a Conspiracy that Brought Down the Russian Empire* . Pickering, Ontário: 2010.

NIEMI , Maj-Britt. "Placebo Effect: A Cure in the Mind". *Scientific American* , fev.-mar. 2009.

NIKOLAEVSKII , B. I. *Russkie masonry i revoliutsiia* . Moscou: 1990.

NIKOLIUKIN , Aleksandr. *Rozanov* . Moscou: 2001.

OAKLEY , Jane. *Rasputin: Rascal Master* . Nova York: 1989.

OBOLENSKII , D. *Imperator Nikolai II i ego tsarstvovanie* . Nice: 1928.

OFRI , Danielle, M. D. "A Powerful Tool in the Doctor's Toolkit". *New York Times* , 15 ago. 2013. Disponível em: <http://well.blogs.nytimes.com/2013/08/15/apowerful-tool-in-the-doctors-toolkit/?_r=0>. Acesso em: 4 jan. 2015.

" OKHOTA ZA MASONAMI, ILI POKHOZHDENIIA ASESSORA ALEKSEEVA ". *Byloe* 4, 1917.

OL'DENBURG , S. S. *Tsarstvovanie imperatora Nikolaia II* . São Petersburgo: 1991.

OMESSA , Charles. *Rasputin and the Russian Court* . Trad. para o inglês de Frances Keyzer. Londres: 1918.

ONCHUKOV , N. E. "P. A. Gorodtsov. (Zapadno-sibirskii etnograf)". *Sibirskaiia zhivaia starina* 7, 1928.

PAERT , Irina. *Spiritual Elders: Charisma and Tradition in Russian Orthodoxy* . DeKalb, IL: 2010.

PARES , Sir Bernard. *The Fall of the Russian Monarchy* . Nova York: 1939.

_____. "Rasputin and the Empress: Authors of the Russian Collapse". *Foreign Affairs* 6, 1927.

PAVLOV , N. *Ego Velichestvo Gosudar' Nikolai II* . Paris: 1927.

PAXMAN , Jeremy. "The Strange Death of Lord Kitchener". *FT Magazine* , 7 nov. 2014.

PEREGUDOVA , Z. I. *Politicheskii sysk v Rossii. 1880-1917* . Moscou: 2000. 2 v.

PEREVERZEV , P. N. "Ubiistvo Rasputina". *Illustrirovannaia Rossiia* 21 (367), 21 maio 1932.

PIPES , Richard. *The Russian Revolution* . Nova York: 1990.

PLATONOV , Oleg. *Rasputin i " deti d'iavola "* . Moscou: 2005.

_____. *Ternovyi venets Rossii. Nikolai II v sekretnoi perepiske* . Moscou: 1996.

_____. *Ternovyi venets Rossii. Prolog tsareubiistva. Zhizn' i smert' Grigoriia Rasputina* . Moscou: 2001.

_____. *Zhizn' za tsaria . Pravda o Grigorii Rasputine* . São Petersburgo: 1996.

POLIAKOFF , Vladimir. *The Empress Marie of Russia and Her Times* . Londres: 1926.

POMERANZ , William. "The Provisional Government and the Law-Based State". Manuscritos inéditos. In: *Russia's Great War and Revolution* (no prelo).

POWELL , Anne. *Women in the War Zone: Hospital Service in the First World War* . Stroud: 2009.

RADZINSKY , Edvard. *The Rasputin File* . Nova York: 2000.

RADZIWILL , Catherine, Princess. *Rasputin and the Russian Revolution* . Nova York: 1918.

RAGSDALE , Hugh (Org.). *Paul I: A Reassessment of His Life and Reign* . Pittsburgh: 1979.

RAPPAPORT , Helen. *Four Sisters. The Lost Lives of the Russian Grand Duchesses* . Londres: 2014.

RASKIN , D. I. "Dnevnik 'Sviatogo cherta' ". *Rodina* 10, 1993.

RASSULIN , Iurii (Org.). *Vernaia Bogu, Tsariu i Otechestvu. Anna Aleksandrovna Taneeva (Vyrubova) — monakhinia Mariia* . São Petersburgo: 2005.

ROGGER , Hans. *Russia in the Age of Modernization and Revolution, 1881-1917* . Nova York: 1983.

ROSENTHAL , Bernice Glatzer (Org.). *The Occult in Russian and Soviet Culture* . Ithaca, NY: 1997.

" ROSSIIA EPOKHI GOSUDARIA IMPERATORA NIKOLAIA II ". *Dvorianskoe sobranie* 2, 1995.

- ROSSIIA V SVIATOI ZEMLE . *Dokumenty i materialy* . Moscou: 2000. 2 v.
- ROULLIER , Alain. *Raspoutine est innocent* . Nice: 1998.
- RYLKOVA , Galina. *The Archeology of Anxiety: The Russian Silver Age and Its Legacy* . Pittsburgh: 2007.
- SAVA , George. *Rasputin Speaks* . Londres: 1941.
- SAVCHENKO, V. A . *Avantiuristy grazhdanskoi voyny: istoricheskoe rassledovanie* . Moscou: 2000.
- SCHEWÄBEL , Joseph. "Un précurseur de Raspoutine. La mage Philippe". *Mercure de France* , 6 jun. 1918.
- SEMENNIKOV, V. P . *Politika Romanovykh nakanune Revoliutsii* . Moscou-Leningrado: 1926.
- _____. *Romanovy i germanskii vliianiia, 1914-1917 gg* . Leningrado: 1929.
- SERKOV, A . I. *Istoriia russkogo masonstva XX veka* . São Petersburgo: 2009. v. 1.
- _____. *Russkoe masonstvo. 1731-2000. Entsiklopedicheskii slovar'* . Moscou: 2001.
- SERVICE , Robert. *Spies and Commissars. Bolshevik Russia and the West* . Londres: 2011.
- S HARGUNOV, A . "G. Rasputin: opasnost' razdeleniia v Tserkvi". *Radonezh* 1 (130), Moscou: 2003.
- SHEMANSKII, A.; GEICHENKO , S. *Poslednie Romanovy v Petergofe. Putevoditel' po nizhnei dache* . Moscou-Leningrado: 1931.
- SHEVZOV , Vera. *Russian Orthodoxy on the Eve of Revolution* . Nova York: 2004.
- SHISHKIN , Oleg. *Rasputin: istoriia prestupleniia* . Moscou: 2004.
- SH.[PITSBERG] , I. "Delo episkopa Palladiia". *Revoliutsiia i tserkov'* 3-5, 1919.
- SMIRNOV, V. L; SMIRNOVA, M . Iu. *Neizvestnoe o Raspoutine P.S* . Tiumen: 2010.
- SMITH , Michael. *Six: The Complete History of the Secret Intelligence Service* . Londres: 2007.
- SMYSLOV, I. V . *Znamenie pogibshogo tsarstva* . Moscou: 2002.
- SOLOV'EV, M. E . "Kak i kem byl ubit Rasputin?" *Voprosy istorii* 3, 1965.
- SOLOV'EV, V. "Ziat' Raspoutine u episkopa Germogena v Tobol'ske". *Nashi vesti* 10-11, 1988.
- SPIRIDOVITCH, A. E . "Nachalo Raspoutine". *Illustrirovannaia Rossiia* 15 (361), 9 abr. 1932.
- _____. *Raspoutine, 1863-1916, d'après les documents russes et les archives privées de l'auteur* . Paris: 1935.
- _____. *Velikaia voina i Fevral'skaia revoliutsiia, 1914-1917 gg* . Nova York: 1960.
- STARTSEV, V. I. *Russkoe politicheskoe masonstvo nachala XX v* . São Petersburgo: 1996.
- _____. *Tainy russkikh masonov* . 3. ed. São Petersburgo: 2004.
- STEIN , Frank N. *Rasputin: Teufel im Monchsgewand?* Munique: 1997.
- STEIN , Rob. "Researchers Look at Prayer and Healing". *Washington Post* , 24 mar. 2006, seção A, p. 1.
- STEINBERG , Mark D. "Russia's fin de siecle , 1900-1914". In: *The Cambridge History of Russia* . Ed. de Ronald Grigor Suny. Cambridge: 2006. v. III: *The Twentieth Century* .
- _____; COLEMAN , Heather J. (Orgs.). *Sacred Stories: Religion and Spirituality in Modern Russia* . Bloomington, IN: 2007.
- _____; KHRUSTAL'EV , Vladimir M. (Orgs.). *The Fall of the Romanovs: Political Dreams and Personal Struggles in a Time of Revolution* . New Haven: 1995.
- STOGOV , D. I. "Salon kniazia M. M. Andronikova i sistema vlasti Rossiiskoi imperii". *Klio* , n. 3/34, 2006.
- SVIFT , Entoni (Anthony Swift). "Kul'turnoe stroitel'stvo ili kul'turnaia razrukha? (Nekotorye aspekty teatral'noi zhizni Petrograda i Moskvy v 1917 g.)". In: *Anatomiia revoliutsii. 1917 god v Rossii: massy, partii, vlast'* . Ed. de V. Iu. Cherniaev. São Petersburgo: 1994.
- TABACHNIK, D. V.; VORONIN, V. N . *Krestyni put' Petra Stolypina* . Kharkov: 2011.
- TAL'BERG, N. D . *Nikolai II: Ocherki istorii imperatorskoi Rossii* . Moscou: 2001.
- TELITSYN, V. L . *Grigori Rasputin, zhizn' i smert' "sviatogo greshnika"* . São Petersburgo: 2004.

- TERESHCHUK , A . *Grigorii Rasputin: poslednii "starets" Imperii* . São Petersburgo: 2006.
- THOMPSON , Donald. *Blood Stained Russia* . Nova York: 1918.
- TISDALL, E. E. P. *Dowager Empress* . Londres: 1957.
- TRÓTSKI , Liev. *History of the Russian Revolution* . Nova York: 1932.
- " TSARSKAIA OKHRANKA O POLITICHESKOM POLOZHENII V STRANE V KONTSE 1916 G". *Istoricheskii arkhiv* 1, 1960.
- TUMANSKII, A . "Zlobodnevyne p'esy". *Teatr i iskusstvo* 20, 1917.
- " UBIISTVO RASPUTINA " . *Byloe* 1, 23, jul. 1917.
- VADA , Kh. "Rasputin, tsar' i tsaritsa: Chitaia roman Valentina Pikulia". In: _____. *Rossia kak problema vsemirnoi istorii: Izbrannye trudy* . Moscou: 1999.
- VAN DER KISTE , John; HALL , Coryne. *Once a Grand Duchess: Xenia, Sister of Nicholas II* . Londres: 2002.
- VANCE , Wilson. *Rene Fulop-Miller's Search for Reality* . Londres: s. d.
- VARLAMOV, A. N . *Grigorii Rasputin-Novyi* . Moscou: 2008.
- VARNAVA (Beliaev), bispo. *Ternistym putem k Nebu. Zhizneopisanie startsa Gavriila Sedmiezernoi pustyni. (†1915)* . Moscou: 1996.
- VASILEVSKII, I. M . *Nikolai II* . Petrogrado: 1923.
- VISHNEVSKII, V. E . *Khudozhestvennye fi l'my dorevoliutsionnoi Rossii* . Moscou: 1945.
- VOGEL-JORGENSEN , T. *Rasputin: Prophet, Libertine, Plotter* . New Hyde Park, NY: 1971.
- VON REENEN, P . "Alexandra Feodorovna's Intervention in Russian Domestic Politics during the First World War". *Slovo* 10, n. 1-2, 1998.
- VORRES , Ian. *The Last Grand Duchess: Her Imperial Highness Grand Duchess Olga Alexandrovna* . Nova York: 1965.
- VOZCHIKOV, V. A.; KOZLOV , Iu. Ia.; KOLTAKOV, K. G . *Koster dlia "sviatogo cherta"* . Biisk: 1998.
- WARTH , Robert. "Before Rasputin: Piety and the Occult at the Court of Nicholas II". *The Historian* 47, n. 3, 1985.
- WARTH , Robert. *Nicholas II: The Life and Reign of Russia's Last Monarch* . Westport, CT : 1997.
- WARWICK , Christopher. *Ella: Princess, Saint and Martyr* . Hoboken, NJ: 2006.
- WCISLO , Francis W. *Tales of Imperial Russia: The Life and Times of Sergei Witte, 1849-1915* . Nova York: 2011.
- WILCOX, E. H . *Russia's Ruin* . Londres: 1919.
- WILSON , Colin. *Rasputin and the Fall of the Romanovs* . Nova York: 1964.
- WOLFE, B. D . "The Reign of Alexandra and Rasputin". In: _____. (Org.). *Revolution and Reality: Essays on the Origin and Fate of the Soviet System* . Chapel Hill, NC: 1981.
- WOOD , Alan (Org.). *The History of Siberia: From Russian Conquest to Revolution* . Nova York: 1991.
- ZASLAVSKII, D. *Poslednii vremenshchik Protopopov* . Leningrado: s. d.
- ZERMAN , Z. A. B. (Org.). *Germany and the Revolution in Russia* . Oxford: 1958.
- ZETTERBERG , Seppo. *Die Liga der Fremdvo lker Russlands, 1916-1918: ein Beitrag zu Deutschlands antirussischem Propagandakrieg unter den Fremdvo lkern Russlands im ersten Weltkrieg* . Helsinki: 1978.
- ZUCKERMAN , Fredric S. *The Tsarist Secret Police Abroad: Policing Europe in a Modernizing World* . Nova York: 2003.
- _____. *The Tsarist Secret Police in Russian Society, 1880-1917* . Londres: 1996.
- ZVONAREV, K. K . *Germanskaia agenturnaia razvedka do i vo vremena voyny, 1914-1918 gg* . Kíev: 2005.

FILME/VÍDEO

RAYNER , Gordon; HARDING-NEWMAN, Muriel, in *Time Watch: Rasputin: Marked for Murder* , apresentado na BBC 2 , 1 out. 2004.

RÁDIO

“Russkii fashist kniaz’ Nikolai Zhevakhov”. Rádio Svoboda. Transmissão em 28 nov. 2009.
Disponível em: <<http://www.svoboda.org/content/transcript/1890856.html>>. Acesso em:
3 abr. 2015.

Notas

INTRODUÇÃO: O DIABO SANTO ?

[1](#) . Principalmente Oleg Platonov, Sergei Fomin, Alexander Bokhanov, Tatyana Gorian. Suas obras estão listadas na bibliografia.

[2](#) . VR, pp. 443, 775-76, 768 - 86; Tereshchuk, *Grigorii Rasputin* , pp. 488-98; PZ, pp. 231-33.

[3](#) . Blok, *Sobranie sochinenii* (ed. 1962), v. 6, p. 10.

[4](#) . Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 211.

1. ORIGENS

[1](#) . Haywood, *Siberia* , pp. xii-xv, 74; Lincoln, *Conquest* , pp. xxi, 55.

[2](#) . Wood, *History* , pp. 4-8, 11; Lincoln, *Conquest* , pp. 55, 58, 81-89, 163-67.

[3](#) . Lincoln, *Conquest* , pp. 257-62.

[4](#) . PZ, p. 11; FR, p. 4; Haywood, *Siberia* , pp. 52-55; FStr, pp. 52, 60.

[5](#) . Sobre a genealogia de Raspútín: FR, pp. 4-5; Chernyshev, “O vozraste”, p. 112; Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 9-15.

[6](#) . VV , 16 dez. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>; RR, p. 26.

[7](#) . Kniazev, “Rasputiny”.

[8](#) . *Iuzhnaia zaria* , 30 maio 1910, p. 2. Sobre o nascimento de Iefim: GATO, I-205.1.1, p. 138; FR, 6.

[9](#) . FR, pp. 6-7; HL/ Sokolov, v. VII: testemunho de M. Soloviova (Raspútina), não datado.

[10](#) . GATO, I - 177.1.109, pp. 2ob-3; VR, p. 9; FR, p. 7; Amalrik, *Rasputin* , p. 18. Sobre Matvei Raspútín: GATO, I-205.1.1, p. 138; I-205.1.2, p. 121; I-205.1.3, p. 9.

[11](#) . FR, pp. 8-10; Chernyshev, “O vozraste”, p. 113; VR, pp. 9-10; Registros de nascimento em GATO (I-205.1.1-3) não fazem menção a nenhum Dmítiri.

[12](#) . 12 jun. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[13](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 1-7.

[14](#) . FR, pp. 7, 9.66.

[15](#) . *Petrogradskii listok* , 21 dez. 1916, p. 66. E também *Kievlianin* , 24 dez. 1916, p. 75; *PK* , 7 jul. 1914, p. 1.

[16](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 1-7.

[17](#) . VR, 11-12; HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-1; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 36.

[18](#) . “Min Bekantskap med Rasputin”. In: Riksarkivet, Documentos Wilhelm Sarwe, Svenska Missionsförbundet, Om Rasputin (Svenska Publikationer); YLS, p. 205.

- [19](#) . Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 51-52.
- [20](#) . GATO, I-239.1.90, pp. 200-200ob.
- [21](#) . GBUTO/GAGT, I-331.19.809, pp. 118-21.
- [22](#) . Sua data de nascimento, anteriormente desconhecida, é dada em GBUTO/GAGT, I-154.24.58, pp. 8-9, 19ob.
- [23](#) . São dadas várias datas para o casamento, mas documentos no arquivo de Tobolsk citam 22 fev. 1887. GBUTO/GAGT, I-733.1.49, pp. 8-9.
- [24](#) . FR, pp. 12-14; Chernyshev, “O vozhaste”, p. 113; GATO, I-255.1.3, 192; I-255.1.88, 48; GBUTO/GAGT, I-733.1.49, pp. 10-11, 12-13.
- [25](#) . PZ, p. 13; GATO, I-205.1.1, pp. 15, 138-39; I-205.1.2, p. 121.

2. O PEREGRINO

- [1](#) . Esta fonte excepcionalmente rara está reproduzida em PZ, pp. 235-47. Sobre seu histórico, ver FB, p. 522; *Iuzhnaia zaria* , 2 jun. 1910, p. 2.
- [2](#) . VR, pp. 12-13; FR, p. 14.
- [3](#) . PK , 7 jul. 1914, p. 1.
- [4](#) . PZ, p. 241.
- [5](#) . FR, p. 20; VR, p. 14.
- [6](#) . *Iuzhnaia zaria* , 30 maio 1910, pp. 2-3; VR, p. 14.
- [7](#) . GBUTO/GAGT, 156.18.565, p. 7; FB, pp. 585-86.
- [8](#) . FB, pp. 582.
- [9](#) . VR, pp. 12-13.
- [10](#) . FR, pp. 15, 21; Ware, *Orthodox Church* , pp. 73-74; PZ, pp. 13-14.
- [11](#) . Liberman, *On the Heights* , p. 53.
- [12](#) . Vasili'ev, *Ochrana* , p. 111.
- [13](#) . PZ, pp. 242-44.
- [14](#) . VR, pp. 23-24.
- [15](#) . *Brothers* , pp. 24-27.
- [16](#) . Ware, *Orthodox Church* , pp. 48, 93-95, 130-35; Crummey, *Formation* , pp. 120-21.
- [17](#) . FR, pp. 16-18; VR, pp. 22-26.
- [18](#) . VR, pp. 19-20; Buranov, “Strannik”, p. 55; *Iuzhnaia zaria* , 2 jun. 1910, p. 2; RRR, pp. 18-22.
- [19](#) . VR, p. 20; FB, p. 590; Ware, *Orthodox Church* , p. 47; FStr, pp. 33-34n2; Buranov, “Strannik”, p. 55.
- [20](#) . RRR, pp. 8-13.
- [21](#) . FB, p. 582; Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 321; PZ, p. 14.
- [22](#) . RRR, pp. 18-22; Buranova, “Strannik”, p. 56.
- [23](#) . FB, pp. 471, 590-93; FR, pp. 18-19; FStr, pp. 33-34 n2; VR, pp. 20-22. Sobre Nikolai Raspútín: GATO, I-205.1.1, 138-39; I-205.1.2, pp. 120-21. Em algumas fontes o nome de Arapov é erroneamente grafado como “Arsenov” ou “Aronov”.
- [24](#) . RRR, p. 17; FB, pp. 471, 592. Sobre o boato das mulheres: GBUTO/GAGT, 156.18.565, p. 11.

3. NICOLAU E ALEXANDRA

- [1](#) . Rappaport, *Four Sisters* , pp. 9-17; Massie, *Nicholas* , pp. 27-34.

- [2](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 42-43; Alexander, *Once* , pp. 168-69.
[3](#) . FR, p. 156 — orig: Naryshkin-Kurakin, *Under Three Tsars* , pp. 203-04; sobre sua necessidade: Vírubova, *Stranitsy* , p. 27.

4. MONSIEUR PHILIPPE

- [1](#) . FA, p. 634; WC , p. 13 n1; RR, pp. 50-51; King, *Court* , pp. 90-91; Witte, *Vospominaniia* , p. 91.
[2](#) . Carlson, *No Religion* , p. 20; HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6; FA, pp. 682-84; Shishkin, *Rasputin* , pp. 270-71.
[3](#) . Schewäbel, “Un précurseur”, pp. 639-43; FA, pp. 575-77.
[4](#) . FR, p. 36; Schewäbel, “Un précurseur”, p. 638; FA, pp. 617-24. Uma busca nos registros da Universidade de Cincinnati não mostra nenhum diploma dado para uma dissertação como essa, *pace* Fomin.
[5](#) . Schewäbel, “Un précurseur”, pp. 639-43; HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6; Mille, “Esquisses”.
[6](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6; Mille, “Esquisses”; FA, pp. 565-66.
[7](#) . FA, pp. 577-78, 631-33; Rappaport, *Four Sisters* , pp. 61-64.
[8](#) . Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 85; Vírubova, *Neizvestnye fragmenty* , p. 66.
[9](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, p. 588; v. 1, pp. 605-09, 887; LP , p. 206; Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 85.
[10](#) . FA, p. 702.
[11](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, pp. 617, 886; FA, pp. 701, 704.
[12](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6; Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 85; FA, p. 709; VR, p. 54; Rappaport, *Four Sisters* , p. 65.
[13](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, pp. 628-29, 633, 642, 654; FA, pp. 709, 724; Rappaport, *Four Sisters* , p. 65.
[14](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6; FA, pp. 548-51, 565; Kireev, *Dnevnik* , p. 241; Bricaud, “Un mage”, pp. 437-38.
[15](#) . FA, pp. 708-09, 548-59, 565; LP , pp. 208-09; Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 84.
[16](#) . LP , pp. 216-19; Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 86. E FA, pp. 546-47.
[17](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, p. 677; FA, pp. 702, 711-15; Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 88. A historiadora Helen Rappaport escreve que Alexandra pode ter vivenciado o que é conhecido como “mola carnososa” (mola hidatiforme), um óvulo fertilizado que parou de se desenvolver após a quarta semana de gestação e foi expelido do corpo da imperatriz em agosto. Rappaport, *Four Sisters* , p. 66.
[18](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, pp. 677-78; LP , pp. 217-19; FA, pp. 717-19.
[19](#) . FA, pp. 549-52.
[20](#) . LP , p. 220.
[21](#) . Elizaveta Fiódorovna, “Pis’ma”, p. 469; FA, pp. 549-52, 565.
[22](#) . LP , p. 221.
[23](#) . Gul’, *Ia unes* , v. 2, p. 206; FA, pp. 545-46.
[24](#) . FA, pp. 553-57; 705. 722; Vírubova, *Neizvestnye fragmenty* , p. 66; WC , p. 149.
[25](#) . Shemanskii, *Poslednie Romanovy* , p. 87.
[26](#) . FA, pp. 734-35; VR, p. 55.
[27](#) . LP , p. 219.
[28](#) . FA, pp. 553-54.

[29](#) . LP , p. 297.

[30](#) . *Za kulisami* , p. v; RR, pp. 57-58. Um arquivo de polícia de 1912 dá seu nome de nascença como Dmítri Andreiévitch Znobichin; outras vezes é escrito Oznobchin. GARF, 111.1.2974, p. 295; Melgunov, *Poslednii samoderzhets* , pp. 10-11; PK , 5 jul. 1914, p. 2.

5. ALEXEI

[1](#) . LP , pp. 228-30; Rappaport, *Four Sisters* , pp. 68-70; Ware, *Orthodox Church* , pp. 130-33; Naríchkin, *Under Three Tsars* , p. 175; Dixon, “Superstition”.

[2](#) . LP , pp. 239-43; Bokhanov, *Romanovs* , p. 210; Massie, *Nicholas* , p. 112.

[3](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 150-51.

[4](#) . LP , p. 248.

[5](#) . IMM, p. 178; Hanbury-Williams, *Emperor* , p. 140; Vladykin, *Taina* , p. 8.

[6](#) . Pares, *Fall* , p. 16. Ver também Massie, *Nicholas* , p. 200.

6. A TOCHA ARDENTE

[1](#) . Gumilev, *Selected Works* , pp. 98-99.

[2](#) . A data da visita de Raspútín era conhecida de forma aproximada, mas agora pode ser estabelecida com mais precisão. Ver VR, p. 30; FB, p. 20.

[3](#) . VR, p. 30; *Iuzhnaia zaria* , 30 maio 1910, pp. 2-3; *Kievlainin* , 24 dez. 1916, p. 75.

[4](#) . FB, pp. 8, 14, 25.

[5](#) . PZ, p. 242.

[6](#) . FR, pp. 23-26; *Sovremennoe slovo* , 20 dez. 1916, p. 2; *Rech'* , 26 maio 1910, n. 142.

[7](#) . VR, p. 28.

[8](#) . PZ, pp. 246-47. Serguei tornou-se o primeiro Patriarca de Todas as Rússias sob Stálin em 1942.

[9](#) . VR, p. 27; FB, p. 19.

[10](#) . Várias datas para sua chegada foram propostas entre 1902 e 1905. A data aqui fornecida, a mais acurada, provém do depoimento do Arquimandrita Feofân para a Comissão. Ver RR, pp. 47-48; VR, pp. 31-33.

[11](#) . Veniamin, *Na rubezhe* , pp. 134-37. Também: Shavel'skii, *Vospominaniia* , v. 1, p. 55, incl. n. 10a.

[12](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 203-04, 239-40; VR, pp. 41-42.

[13](#) . GRS , v. 4, p. 9. Ver também FB, pp. 24-25; Betts, *Dukhovnik* , p. 39.

[14](#) . IMM, pp. 87-88.

[15](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 203-04, 239-40; RR, p. 49.

[16](#) . VR, pp. 33-34.

[17](#) . SML, Spiridovich Papers, n. 359, caixa 14, pasta 2, pp. 1-5.

[18](#) . PZ, p. 22; RR, p. 46; RRR, pp. 26-36.

[19](#) . RRR, pp. 17, 41-43.

[20](#) . FB, p. 216.

[21](#) . RRR, p. 49.

[22](#) . VR, pp. 45, 48.

[23](#) . Witte, *Vospominaniia* , p. 492; Witte, *Iz arkhiva* , v. 1, livro 2, p. 841; Shishkin, *Rasputin* , pp. 60-67; FB, pp. 213-58 (pp. 218-23 para citação); Vladykin, *Taina* , p. 3. Também: Vasilevskii, *Nikolai II* , pp. 73-74; Kovalevski, *Grishka Rasputin* , pp. 19-30; OR/RNB, 585.5696, p. 28ob.

[24](#) . Evlogii, *Put'* , p. 201; FB, pp. 241-42; OR/RNB, 1000.3.439, p. 8.

[25](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 7-13.

[26](#) . Gippius, *Vospominaniia* , pp. 371-72.

[27](#) . *Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta* , 18 mar. 1912, p. 3.

7. O MONGE LOUCO

[1](#) . VR, p. 247.

[2](#) . Dixon, “Mad Monk”, pp. 382, 389.

[3](#) . Iliodor, *Kogda-zhe konets?* , pp. 3, 10-15.

[4](#) . Dixon, “Mad Monk”, pp. 384-85.

[5](#) . IMM, esp. pp. 3, 6-7, 13, 15, 21.

8. PARA O TRONO

[1](#) . KVD , p. 7; Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, p. 1042. Serguéievka, também conhecido como Palácio Leuchtenberg, em Peterhof, foi um presente de Nicolau I para sua filha, a grã-duquesa Maria, que se casou com Maximilian, duque de Leuchtenberg, em 1839.

[2](#) . FB, p. 354. O endereço da ala do reitor é agora Canal Obvodni, n. 10.

[3](#) . RR, pp. 50-52. Outras fontes confirmam o papel de Feofan como o responsável por apresentar Raspútín para as Princesas Negras. Ver: VR, pp. 35-36; Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 297.

[4](#) . OR/ RNB, 307.80, p. 2; VR, pp. 36-40; RR, p. 52.

[5](#) . VR, pp. 48-49; FR, pp. 40-41; Veniamin, *Na rubezhe* , p. 138; Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 62; Amalrik, *Rasputin* , p. 8; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 48; RR, p. 71.

[6](#) . VR, pp. 49-50; Voeikov, *S tsarem* , p. 58.

[7](#) . PK , 5 jul. 1914, p. 2.

[8](#) . Betts, *Dukhovnik* , pp. 32-33; FB, p. 25.

[9](#) . Vasilevskii, *Nikolai II* , p. 72; VR, pp. 51-52.

[10](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 207. Para um eco contemporâneo dessa ideia, ver FB, pp. 414-16.

[11](#) . Steinberg, “Russia’s *fin de siecle* ”, pp. 70-71.

[12](#) . GARF, 640.1.323, pp. 20ob-21.

[13](#) . A carta, porém, aparece sim na coleção de correspondência em KVD , p. 8, embora sem nenhum comentário.

[14](#) . GARF, 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 99-102.

[15](#) . GARF, 111.1.2978, p. 17ob.

9. RASPÚTIN-NÓVI

[1](#) . VR, pp. 127-30; Kizenko, *Prodigal* , esp. pp. 1-5, 114-16, 158; Dixon, “Superstition”, pp. 225-26; PK , 2 jul. 1914, p. 2; 3 jul., p. 2; Nicolau II, *Dnevnik* , v. 1, pp. 119-23.

[2](#) . FB, pp. 9-13, 355, 560-61, 567; VR, pp. 131-32; Vinogradoff, “Nicholas,” 116n8; e, com cautela, Igumen Damaskin (Orlovskii), “Sviashchennoispovednik Roman (Medved)”. Disponível em: <<http://www.fond.ru>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

[3](#) . FB, pp. 354, 571-72; GARF, 102.316.1910.381, pp. 165; RR, pp. 72-74.

[4](#) . RR, pp. 72-74.

[5](#) . FB, pp. 566-67.

- [6](#) . KVD , p. 9.
- [7](#) . *Iuzhnaia zaria* , 2 jun. 1910, p. 2. Documentos em GBUTO/GAGT (I-154.24.58, p. 18ob) dão a data de aquisição como 19 dez. 1906.
- [8](#) . KVD , p. 9; FB, pp. 560-61.
- [9](#) . Rozanov, *Vozrazhdaishchiia Egipet* , pp. 426-35; idem, *V nashei smute* , pp. 373-74; FStr, pp. 9-28; OR/RNB, 1000.1975.22, pp. 21ob-22; VR, pp. 219-20.
- [10](#) . Rozanov, *O sebe* , p. 17n.
- [11](#) . NIOR/RGB, 249.4213.7, pp. 26, 29ob, 32-33ob.
- [12](#) . GARF, 640.1.323, p. 20ob.
- [13](#) . KVD , pp. 10-11.
- [14](#) . Damer, “Rasputin vo dvortse”, p. 7.
- [15](#) . SML, Spiridovich, n. 359, caixa 6, pasta 3, pp. 50-51; KVD , pp. 10-11; Vinogradoff, “Nicholas II”, p. 116.
- [16](#) . KVD , p. 11; LP , p. 296; Vinogradoff, “Nicholas”, pp. 114-16.
- [17](#) . SML, Spiridovich Papers, n. 359, caixa 14, pasta 2, pp. 1-5.
- [18](#) . GARF, 651.1.10, pp. 1ob-2.
- [19](#) . GARF, 601.1.1088, pp. 1-1ob.
- [20](#) . IMM, p. 111; Raspútín, *Mon père* , p. 48; VR, pp. 58-59. Raspútín geralmente escrevia “Nóvi” e outras vezes “Novikh”, a terminação genitiva plural. Alguns siberianos aparentemente preferiam essa forma, pois soava mais grandiosa, mais dignificada e projetava uma sensação da Velha Igreja eslavônica. Ver FR, p. 244n43.
- [21](#) . Biografias caracteristicamente citam 22 de dezembro como a data oficial da mudança, mas os documentos no Arquivo Histórico Estatal Russo deixam claro que ela ocorreu mais tarde. RGIA, 1412.16.121, pp. 1-8; FR, p. 59; KVD , 13; GATO, I-205.1.3, p. 98.
- [22](#) . KVD , p. 13.
- [23](#) . *Iuzhnaia zaria* , 2 jun. 1910, p. 2.
- [24](#) . 15 dez. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.

10. SEITAS E FLAGELLOS

- [1](#) . A menos que observado de forma diferente, os detalhes seguintes são de Etkind, *Khlyst* , pp. 4, 25-50, 72-73, 138-39, 475-79; idem, *Internal Colonization* , pp. 194-98; Riasanovsky, *History* , pp. 182-86.
- [2](#) . FB, pp. 502-03.
- [3](#) . Amalrik, *Rasputin* , p. 28; Etkind, *Khlyst* , pp. 4, 588.
- [4](#) . Etkind, *Khlyst* , pp. 595-98.
- [5](#) . Etkind, *Khlyst* , pp. 8-10.
- [6](#) . Rosenthal, *Occult in Russia* , p. 10.
- [7](#) . Etkind, *Khlyst* , p. 476.
- [8](#) . *Otklik na zhizn'* , n. 1, 1916, pp. 17-25.
- [9](#) . VR, pp. 119, 145.
- [10](#) . Bogoslovskii, *Dnevnik* , pp. 139-40, 281-82. Também: Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 203-04.
- [11](#) . “Taina khlystovshchiny”, *Novoe vremia* , 20 mar. 1912, pp. 4-5; 21 mar., p. 5. Tal artigo, vindo de Gofshtetter, é um tanto esquisito, pois já no fim de 1910 ele era supostamente um crente devoto de Raspútín. Ver Tikhomirov, “Iz dnevnika”, v. 1, pp. 182, 184.

11. DEMÔNIOS DA IDADE DE PRATA

[1](#) . Ver Steinberg, “Fin de siècle”; Carlson, *No Religion* , pp. 3-5, 22-28; idem, “Fashionable Occultism”, in Rosenthal, *Occult* ; Etkind, *Eros* , pp. 83, 115-19; Rosenthal, *Occult* , pp. 8, 18-19; Lachapelle, *Investigating* .

[2](#) . Etkind, *Eros* , pp. 83, 115-19; Carlson, “Fashionable Occultism”, p. 135.

[3](#) . Shishkin, *Rasputin* , pp. 141-48; FA, pp. 685-86; Carlson, *No Religion* , pp. 27-29.

[4](#) . Steinberg, “Fin de siècle”, pp. 80-81, 86-87.

[5](#) . Etkind, *Khlyst* , pp. 125, 525-26. E discussão em Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 239-62.

[6](#) . Etkind, *Khlyst* , pp. 527-28. A citação é do apóstolo Paulo: “Para os puros todas as coisas são puras: mas para aqueles que são conspurcados e descrentes nada é puro; mas até mesmo sua mente e consciência são conspurcadas”. Tito 1:15.

[7](#) . Etkind, *Khlyst* , pp. 143-44, 228-29, 525; Gippius, *Dnevnik* , v. 1, pp. 416-17.

[8](#) . Gippius, *Vospominaniia* , pp. 373-75.

[9](#) . VR, pp. 111-12; Etkind, *Khlyst* , pp. 122, 143-44, 526-28.

[10](#) . NIOR/RGB, 869.86.18, pp. 2-13.

[11](#) . Citações e detalhes acima: Etkind, *Khlyst* , pp. 244-46, 346-54, 468-69; FB, pp. 5-9.

[12](#) . Rosenthal, *Occult* , p. 7; Carlson, *No Religion* , p. 22.

[13](#) . Rosenthal, *Occult* , pp. 379-82, 392-93. Conversas sobre “forças escuras” podem ser encontradas já em 1910. Ver “Nechto o ‘reaktsii’”, *Moskovskie vedomosti* , 29 jul. 1910, p. 1.

[14](#) . Rosenthal, *Occult* , pp. 102-03.

[15](#) . Sobre Vruble e Scriabin, ver, por exemplo, Billington, *Icon* , pp. 474-81, 503.

[16](#) . Groberg, “Shade”, pp. 116-31, in Rosenthal, *Occult* ; Lodyzhenskii, *Misticheskaia trilogiia* ; Etkind, *Khlyst* , p. 121.

[17](#) . Gueórgui Chulkov chamou seu romance anti-Raspútín de *Satã* .

[18](#) . Etkind, *Khlyst* , p. 587, inclusive n5.

[19](#) . *Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta* , 18 mar. 1912, p. 3.

12. ANNA VÍRUBOVA

[1](#) . GARF, 602.2.62; Rudnev, “Pravda”, s.l. A irmã do tsar, a grã-duquesa Olga Nikoláievna, concorda com Rudnev sobre o assunto. Vorres, *Last* , pp. 132-33.

[2](#) . Blok, *Sobranie sochinenii* , v. 5, p. 363.

[3](#) . VR, p. 72.

[4](#) . Gippius, *Dnevnik* , v. 2, p. 159.

[5](#) . Vorres, *Last* , p. 133.

[6](#) . GRS , v. 4, p. 270; Shulgin, *Years* , p. 270.

[7](#) . RR, pp. 78-80, 91, 93. Ver também VR, p. 73.

[8](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 320; OR/RNB, 585.5696, p. 21.

[9](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 20-21.

[10](#) . WC , pp. 264, 698, 701.

[11](#) . GRS , v. 4, pp. 5-6.

[12](#) . YLS, p. 46.

[13](#) . RRR, p. 73.

[14](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 115.

[15](#) . VR, p. 71.

[16](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 115; GARF, 651.1.27, pp. 35ob-38.

- [17](#) . GARF, 640.1.323, p. 27ob.
- [18](#) . GARF, 651.1.27, pp. 35ob-37.
- [19](#) . Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 359.
- [20](#) . RR, p. 91; VR, pp. 78-81; Vírubova, *Stranitsy* , pp. 34-37; OR/RNB, 585.5696, p. 21; FR, p. 74.
- [21](#) . GARF, 713.1.24, pp. 3-4ob.
- [22](#) . GARF, 640.1.323, p. 35.
- [23](#) . GARF, 1467.1.710, 251, pp. 282, 283.
- [24](#) . Marie, *Education* , p. 277; FDNO, pp. 237-38n7, 8, 9. Marianna casou-se quatro vezes. Aqui lhe é dado o seu nome de casada mais usado, Derfelden.
- [25](#) . Belling, *Iz nedavnego* , pp. 3, 17.
- [26](#) . GARF, 612.1.61, p. 114ob.

13. OS OLHOS

- [1](#) . KVD , pp. 17-18.
- [2](#) . Gul', *Ia unes* , v. 2, p. 276. Isto se refere a Nikolai Pávlovitch (não Vassílevitch) Sáblin.
- [3](#) . KVD , p. 23.
- [4](#) . Gul', *Ia unes* , v. 2, pp. 276-77; sobre o apartamento: FB, p. 354.
- [5](#) . Belling, *Iz nedavnego* , p. 7; sobre ela: RR, p. 370.
- [6](#) . Prugavin, *Leontii* , n.p.
- [7](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 205.
- [8](#) . Voeikov, *S tsarem* , pp. 57-58. Ver também Bontch-Bruievitch, *Vsia vlast'* , p. 80.
- [9](#) . RGIA, 472.50.1619, p. 3.
- [10](#) . Dzhanumova, *Moi vstrechi* , pp. 34-36.
- [11](#) . RRR, p. 41.
- [12](#) . Shulgin, *Years* , pp. 264-65.
- [13](#) . Dzhanumova, *Moi vstrechi* , pp. 34-36.
- [14](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 1. Ver também: *Rannee utro* , 20 dez. 1916, p. 2; Belétski, *Vospominaniia* , pp. 15-16; VR, p. 370; Schelking, *Recollections* , p. 117; Shelley, *Blue Steppes* , p. 83; idem, *Speckled Domes* , pp. 35-36; Murat, *Raspoutine* , p. 62; Rozanov, *Mimoletnoe* , p. 66; Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 62-63; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 137; OR/RNB, 1000.1975.22, p. 50ob.
- [15](#) . Dzhanumova, *Moi vstrechi* , pp. 34-36.
- [16](#) . Buchanan, *Dissolution* , p. 139.
- [17](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 62-63.
- [18](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 26ob.
- [19](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 15-16.
- [20](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 68.
- [21](#) . HIA, Batyushin, "V chem byla sila Rasputina", pp. 5-6; Dzhanumova, *Moi vstrechi* , p. 19.
- [22](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 25.
- [23](#) . RR, p. 235.

14. "... ORAÇÕES QUE NOS PURIFICAM E PROTEGEM"

- [1](#) . FR, pp. 49-50; KVD , p. 16; Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 69.
- [2](#) . *Iuzhnaia zaria* , 2 jun. 1910, p. 2; FB, p. 637; FR, p. 50; SML, Spiridovich Papers, n. 359,

caixa 14, pasta 5, pp. 1-9.

[3](#) . FB, pp. 589-90. Citação: FDNO, p. 249, n13.

[4](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 227-28. A carta pode ter sido escrita após uma visita diferente a Pokróvskoie naquele ano. Citação sobre o caráter dela: SML, Spiridovich Papers, n. 359, caixa 14, pasta 5, p. 8. Também: Al'ferev, *Pis'ma* , p. 521; OR/RNB, 1000.3.349, p. 6ob; FDNO, p. 246. Um relato de 1912 descreve Manshtedt como a esposa de um nobre da aldeia de Porechie, na província de Smolensk. GBUTO/GAGT, I - 156.18.920, pp. 8-9.

[5](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-1, pp. 27-40; FB, p. 588.

[6](#) . Vorres, *Last* , pp. 134-39.

[7](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 64-65; Raspútín, *Mon père* , p. 47.

[8](#) . KVD , p. 20.

[9](#) . GARF, 651.1.27, pp. 39-40ob. Sobre Vichniakova: SML, Spiridovich Papers, n. 349, caixa 6, pasta 3, pp. 65, 80; RR, pp. 128-29; Rappaport, *Four Sisters* , p. 162.

[10](#) . Ilin, "The Court", pp. 35-57.

15. A INVESTIGAÇÃO: PARTE I

[1](#) . FB, pp. 468, 554-55, 559-61; GBUTO/GAGT, I - 156.18.565, p. 1. O presidente da Duma, Mikhail Rodzianko, escreveu em suas memórias que a investigação sobre as ligações de Raspútín com os *khlisti* foi iniciada em 1902. Isso está claramente incorreto. *Reign* , pp. 56-57.

[2](#) . FB, pp. 556-66, 576-84.

[3](#) . Dixon, "Mad Monk", p. 412.

[4](#) . FB, pp. 561-66.

[5](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 4-4ob.

[6](#) . FB, pp. 561-66.

[7](#) . *Iuzhnaia zaria* , 4 jun. 1910, p. 2.

[8](#) . *Iuzhnaia zaria* , 4 jun. 1910, p. 2.

[9](#) . Li o arquivo original em Moscou em outubro de 2013, do qual uma cópia exata foi publicada por Serguei Fomin em *Bozhe! Khrani svoikh!* (Moscou, 2009), pp. 546-645. Em vez de citar o arquivo original, refiro-me aqui ao livro de Fomin para facilitar a outros estudiosos identificar as minhas citações.

[10](#) . Para esse ponto de vista, RR, p. 83; PZ, p. 397.

[11](#) . GATO, I - 239.1.90, pp. 199-200ob.

[12](#) . A questão também é abordada em FR, p. 51; VR, pp. 89-80.

[13](#) . PZ, pp. 246-47; KVD , p. 17; FB, pp. 554-55; FR, pp. 52-53.

[14](#) . VR, p. 91; FR, pp. 51-52; FB, pp. 570-76; "Nepriiatnyi podarok. S. Pokrovskoe, Tiimenskogo uezda", *Tobol* , n. 30, 29 maio 1907, p. 3.

[15](#) . GARF, 640.1.323, pp. 25ob-26.

[16](#) . FB, pp. 571-72. Essa última história da moça cresceria ao longo dos anos, formando parte da sua lenda. Ver *Kievljanin* , 24 dez. 1916, p. 75.

[17](#) . FB, pp. 571-73, 593. As palavras de Karneieva apareceram em *Grigorii Rasputin i misticheskoe rasputstvo* , de Mikhail Novoselov, numa carta datada de 13 dez. 1911 de um "padre da eparquia de Tobolsk". Ela é mencionada como "E. K-va" em HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-1, pp. 42-43.

[18](#) . FB, pp. 573-75.

[19](#) . Markow, *Wie* , p. 145.

[20](#) . FB, pp. 575-76.

- [21](#) . Amalrik, *Rasputin* , pp. 109-10.
- [22](#) . FB, pp. 585-86. Sobre as Pecherkin: HL/Sokolov, v. VII, Testemunho de Maria Soloviova (Raspútina).
- [23](#) . Citações e informações acima: FB, pp. 585-90, 595-97.
- [24](#) . GBUTO/GAGT, I - 156.18.565, pp. 11ob-12.
- [25](#) . GBUTO/GAGT, I - 156.18.565, pp. 12-14.
- [26](#) . FB, pp. 599-632.
- [27](#) . VR, pp. 100-01; RR, p. 84; Rodzianko, *Reign* , p. 58.
- [28](#) . *Sibirskaiia nov'* , n. 19, 24 jan. 1910, p. 4; *Iuzhnaia zaria* , 4 jun. 1910, p. 2.

16. O PRIMEIRO TESTE

- [1](#) . VR, pp. 116-17.
- [2](#) . GARF, 640.1.323, pp. 24ob-25.
- [3](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 67; FR, p. 60.
- [4](#) . KVD , p. 23.
- [5](#) . GARF, 640.1.323, pp. 32-33; KVD , p. 19.
- [6](#) . KVD , pp. 24-25.
- [7](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 212-16. Sobre Traubenber, FB, 246, n1; Spiridovich, *Raspoutine* , cap. 6.
- [8](#) . HHStA, P.A. X, Russland, Karton 138, p. 114.
- [9](#) . VR, pp. 245-46; Dixon, “Mad Monk”, p. 388; FSu, p. 634; Montefiore, *Young Stalin* , pp. 55, 62.
- [10](#) . RGIA, 1101.1.1111, pp. 7-7ob.
- [11](#) . VR, p. 43; FStr, p. 546.
- [12](#) . King, *Court* , p. 105.
- [13](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 215-18. Mexericos sobre o novo místico na corte haviam começado já em novembro de 1906. Ver Teliakovskii, *Dnevnik* , v. 4, p. 68.
- [14](#) . Mel'nik, *Vospominaniia* , pp. 42-43.
- [15](#) . FB, pp. 225-26, 226 n1, 227-32, inclusive 229n1; Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 171-72; Evlogii, *Put'* , pp. 199-200; Dixon, “Mad Monk”, p. 384; VR, p. 158. Ver também sobre o salão do almirante Konstantin Nilov em Sáblin, *Desiat' let* , pp. 252-54.
- [16](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 465; RR, p. 416.
- [17](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 320.
- [18](#) . FB, p. 233.
- [19](#) . *Russkoe slovo* , 19 fev. 1908. Disponível em: <www.starosti.ru>; VR, p. 134; FB, p. 433.
- [20](#) . VR, pp. 136-37.
- [21](#) . Memórias de Gerasimov em Peregudova, *Okhranka* , v. 2, pp. 309-13. Suas memórias, em especial no que se refere a Raspútin nessa época, não são muito dignas de crédito. Por exemplo, ele escreve que Stolípin ainda não tinha ouvido falar de Raspútin até Gerasimov falar com ele. Isso está claramente incorreto. Ver também: VR, pp. 136-37; FB, 346.
- [22](#) . KVD , p. 25.
- [23](#) . GARF, 640.1.323, p. 21ob.
- [24](#) . GARF, 651.1.10, pp. 4ob-5.
- [25](#) . KVD , p. 28.
- [26](#) . Vorres, *Once* , p. 135.

17. “MELHOR DEZ RASPÚTINS...”

[1](#) . Memórias de Sederkholm: SML, Spiridovich Papers, n. 359, caixa 14, pasta 5, pp. 1-9. Ilíodor alegava que Vichniakova estava apaixonada por Raspútín e se envolvia em orgias com ele, puxando o cabelo de outras mulheres que o buscavam excessivamente para fazer amor. OR/RNB, 1000.3.439, p. 2ob.

[2](#) . Biógrafos têm discordado quanto à época da viagem, alguns citando 1908 ou 1910 como datas prováveis. Mas a evidência aponta para 1909. Ver VR, pp. 156-57; RGALI, 2167.2.22, p. 2.

[3](#) . Vasilevskii, *Nikolai II* , pp. 72-73. Também VR, p. 214; *Rech'* , 21 dez. 1916, p. 3.

[4](#) . RGALI, 2167.2.22, 2, p. 12.

[5](#) . FDNO, pp. 258-61.

[6](#) . LP , p. 320.

[7](#) . Betts, *Dukhovnik* , pp. 32-33; VR, pp. 192-93.

[8](#) . Veniamin, *Na rubezhe* , pp. 133-34.

[9](#) . LP , p. 321; VR, pp. 193-97; RR, p. 119. As fontes não são claras quanto a quem foi a Pokróvskoie naquela vez.

[10](#) . VR, pp. 195-96; RR, pp. 119-21.

[11](#) . Veniamin, *Na rubezhe* , pp. 141-42; RR, p. 117; VR, pp. 192-93. Não fica claro a partir das fontes, mas é possível que esse encontro tenha ocorrido antes de Feofan e Raspútín visitarem Pokróvskoie no fim de junho.

[12](#) . VR, pp. 198-99; RR, pp. 127-28.

[13](#) . TsM , 29 maio 1910, p. 3.

[14](#) . VR, pp. 197-98, 236-37.

[15](#) . LP , pp. 322-23.

[16](#) . FB, p. 355.

[17](#) . IMM, pp. 105-06; FStr, pp. 546, 574; Dixon, ““Mad Monk””, p. 385.

[18](#) . IMM, p. 52.

[19](#) . IMM, p. 59; VR, p. 253; OR/RNB, 1000.3.439, pp. 1-1ob; Dixon, ““Mad Monk””, pp. 391-93.

[20](#) . IMM, p. 103.

[21](#) . GARF, 713.1.24, pp. 3-4ob; OR/RNB, 1000.3.439, pp. 1ob-2.

[22](#) . IMM, pp. 108-113; OR/RNB, 1000.3.439, p. 2.

[23](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 2; IMM, pp. 114-19.

[24](#) . IMM, pp. 116, 120-25; GATO, I - 239.1.90, pp. 199-99ob.

[25](#) . *Sibirskaia nov'* , 2 fev. 1910, p. 2; TsV , 3 jan. 1910, p. 3; 14 jan. 1911, p. 2; KVD , p. 39; Dixon, ““Mad Monk””, p. 397. Algumas fontes relatam que Raspútín partiu em 31 de dezembro.

[26](#) . IMM, pp. 132-33.

[27](#) . Peregudova, *Okhranka* , v. 2, p. 320.

[28](#) . Rodzianko, *Reign* , p. 24.

[29](#) . Bok, *Vospominaniia* , pp. 332-33. Outras fontes colocam o número como cem Raspútins. Ver: *Istoriia tsarstvovaniia Nikolaia* , Vyp. II, p. 25; Shulgin, *Years* , pp. 256-60.

[30](#) . Gurkó, *Tsar'* , p. 226.

[31](#) . Shul'gin, *Dni* , pp. 96-97, 100-01.

18. PROBLEMA NO QUARTO DAS CRIANÇAS

[1](#) . LP , pp. 328-30.

- [2](#) . GATO, F. I - 239.1. 90, pp. 200-01.
- [3](#) . LP , p. 330.
- [4](#) . KVD , p. 43.
- [5](#) . LP , pp. 330-31. O Palácio Anichkov era a casa da imperatriz viúva Maria Fiódorovna.
- [6](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 484; e ver Stoeckl, *Not All Vanity* , p. 133.
- [7](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 2ob.
- [8](#) . GARF, 713.1.24, pp. 3-4ob.
- [9](#) . LP , p. 331.
- [10](#) . VR, p. 184. Sobre Madalena Frantseвна Zanotti: Damer, “Rasputin vo dvortse”, pp. 7-8.
- [11](#) . RR, pp. 128-29.
- [12](#) . Vichniakova disse à Comissão que a viagem acontecera em 1910, mas parece ter se enganado.
- [13](#) . RR, pp. 126-27.
- [14](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 488.
- [15](#) . VR, p. 184.
- [16](#) . Vorres, *Last* , p. 137.
- [17](#) . VR, pp. 184, 187; Rappaport, *Four Sisters* , p. 162.
- [18](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 182:239
- [19](#) . GARF, 651.1.10, 6-8, pp. 16ob-21.
- [20](#) . KVD , pp. 27, 29-30, 31.
- [21](#) . GARF, 640.1.323, pp. 22-22ob; KVD , pp. 33-34.
- [22](#) . As cartas de Raspútín para as crianças: GARF, 651.1.10, pp. 6-8, 13-13ob, 15ob, 16ob-21.
- [23](#) . GARF, 640.1.323, pp. 44, 47ob-48.
- [24](#) . GARF, 651.1.27, pp. 26-28.
- [25](#) . LP , pp. 318-19.
- [26](#) . KVD , pp. 32, 35.
- [27](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 5.
- [28](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 3-6.
- [29](#) . Kakurin, “Iz dnevnika”, p. 116.
- [30](#) . LP , pp. 331-32.
- [31](#) . RR, pp. 127-28.
- [32](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 387.
- [33](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 78-79.
- [34](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 488.
- [35](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 46.
- [36](#) . RR, pp. 127-28; VR, p. 199.
- [37](#) . VR, p. 199; KVD , p. 44.
- [38](#) . Uma cópia do relato de Berladskaia, intitulada “Confissões de N”, junto com a avaliação de Bontch-Bruievitch, está em HIA, Nikolaevsky Papers, Series 74, 129-1. Ver também VR, p. 202.
- [39](#) . IMM, pp. 134, 186-87; VR, p. 202.
- [40](#) . FDNO, pp. 250-51, inclusive n14; GRS , v. 1, pp. 362-63.
- [41](#) . IMM, pp. 218-19.
- [42](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 3.
- [43](#) . *Rech'* , 30 maio 1910, n. 146.
- [44](#) . Dixon, ““Mad Monk””, pp. 395, 412; VR, pp. 252, 254-55.
- [45](#) . VR, pp. 223, 244; FStr, p. 547.
- [46](#) . *Rech'* , 7 jun. 1910, n. 154.

[47](#) . VR, pp. 230-33.

19. A IMPRENSA DESCOBRE RASPÚTIN

- [1](#) . K. K. Romanov, *Dnevnik* , p. 321.
- [2](#) . *Moskovskie vedomosti* , 2 mar. 1910, pp. 2-3.
- [3](#) . VR, pp. 160-63; Dixon, ““Mad Monk””, p. 397.
- [4](#) . Bulgákov, *Avtobiografi cheskie zapiski* , p. 82.
- [5](#) . Nikol'skii, “Vyderzhki”, p. 159.
- [6](#) . Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 354.
- [7](#) . VR, pp. 164-65.
- [8](#) . Tikhomirov, “Iz dnevnika”, v. 1, p. 171.
- [9](#) . Ver *Moskovskie vedomosti* , 30 mar. 1910, p. 2.
- [10](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 397.
- [11](#) . *Utro Rossii* , 23 mar. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [12](#) . Tikhomirov, “Iz dnevnika”, v. 1, p. 171.
- [13](#) . *Moskovskie vedomosti* , 30 mar. 1910, p. 2. Também: Dixon, ““Mad Monk””, p. 397, n122.
- [14](#) . *Moskovskie vedomosti* , 30 abr. 1910, p. 1.
- [15](#) . Tikhomirov, “Iz dnevnika”, v. 1, pp. 171-72; v. 3, p. 105.
- [16](#) . Citações de *Rech'* , 26 e 28 maio 1910, n. 144, 146.
- [17](#) . Ver Budnitskii, *Russian Jews* , p. 211.
- [18](#) . VR, p. 169; Amalrik, *Rasputin* , pp. 117-18; FSu, pp. 550-52. Ver, por exemplo, *TsM* , 6, 26, 29 maio; 1, 2, 3, 6, 10, 11, 13 jun.; 3 jul.; 11 ago. 1910; e *TsV* , 10 mar. 1910.
- [19](#) . *Iuzhnaia zaria* , “Grigorii Rasputin”, 30 maio 1910, pp. 2-3; 2 jun., p. 2; 4 jun., p. 2. Sobre Senin: VR, p. 92. Poderia esse Senin ter sido o mesmo “jornalista” Aleksandr Senin no *New York Times* chamado de novo “Raspútin Vermelho”, o verdadeiro poder na Rússia Soviética após a morte de Lênin? Ver *New York Times* , 2 ago. 1925, p. 1.
- [20](#) . *Rech'* , 30 maio 1910, n. 146; 7 jun. 1910, n. 154.
- [21](#) . *TsM* , 3 jul. 1910, p. 2; 11 ago. 1910, pp. 2-3.
- [22](#) . HHStA, P.A. I, Karton 135, 7 abr./25 mar. 1910.
- [23](#) . *TsM* , 13 jun. 1910, p. 1.
- [24](#) . Bel'gard, “Pechat”, pp. 345-46; VR, pp. 139-40, 170; Tikhomirov, “Iz dnevnika”, v. 1, p. 184.
- [25](#) . Lauchlan, *Hide* , pp. 309-10; Bel'gard, “Pechat”, pp. 345-46.
- [26](#) . Bel'gard, “Pechat”, pp. 345-46.
- [27](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 97-98.
- [28](#) . Tikhomirov, “Iz dnevnika”, n. 1, p. 184.
- [29](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 5-6, 58-59ob, 66-73, 84, 161, 169; e cap. 1, pp. 220-32.
- [30](#) . Amalrik, *Rasputin* , p. 118.

20.À PROCURA DE RASPÚTIN

- [1](#) . *TsM* , 29 maio 1910, p. 3; e 6 jun. 1910, pp. 1-2.
- [2](#) . GARF, 1467.1.710, p. 104. Muito provavelmente este era Nikolai Vassílevitch Sáblin, que servia no *Standart* .
- [3](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 1-1ob.
- [4](#) . Witte, *Iz arkhiva* , v. 1, livro 2, p. 893; idem, *Vospominaniia* , p. 565.

- [5](#) . FB, p. 356.
- [6](#) . RGIA, 1659.1.63, p. 81ob.
- [7](#) . VR, p. 118; Gurko, *Tsar'* , p. 248; GARF, 111.1.2979a, p. 122ob.
- [8](#) . Witte, *Iz arkhiva* , v. 1, livro 2, p. 893; idem, *Vospominaniia* , p. 565.
- [9](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, pp. 21ob-22.
- [10](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 504.
- [11](#) . RRR, pp. 37-38; Buranov, "Strannik", pp. 55-56.
- [12](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 1-1ob.
- [13](#) . *Utro Rossii* , 14 set. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [14](#) . *Rul'* , 15 set. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [15](#) . *Stolichnaia molva* , 15 set. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [16](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 1-4.
- [17](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 1-2ob.
- [18](#) . GATO, I - 239.1.95, pp. 186-88.
- [19](#) . GARF, 63.30.1910.1513, pp. 1-9.
- [20](#) . GATO, I - 239.1.119, pp. 52-53ob. Biografias anteriores erroneamente dão seu nome como "Prilin". Os documentos em GATO, porém, inequivocamente mostram que é Prelin, como é confirmado por Zotin, *Iurkin* , p. 172.
- [21](#) . GARF, 640.1.309, pp. 25-27.
- [22](#) . Tikhomirov, *Iz dnevnika* , v.1, pp. 182, 184.

21. PRÍNCIPE IUSSÚPOV

- [1](#) . YLS, pp. 34, 66-67.
- [2](#) . *Reka vremen* , v. 2, pp. 98-100; YLS, pp. 28-29.
- [3](#) . YLS, p. 102.
- [4](#) . *Reka vremen* , v. 2, pp. 100-01; YLS, pp. 120-23; RR, pp. 107-08.
- [5](#) . YLS, pp. 43-44, 66, 83, 152-53.
- [6](#) . YLS, pp. 46-48, 70, 78, 83-91, 104-05, 117-21, 141, 152-59.
- [7](#) . OPI/GIM, 411.47, pp. 143-53ob.
- [8](#) . YLS, pp. 100, 124, 131-35.
- [9](#) . Marie, *Education* , pp. 19-22, 66-73, 153-54; YLS, pp. 94, 100, 131-33.
- [10](#) . *Lettres des Grands-Ducs* , pp. 50, 52, 55-56, 60-61, 64.
- [11](#) . RR, pp. 181-82.
- [12](#) . WC , p. 407.
- [13](#) . YLS, pp. 94, 154-55.
- [14](#) . LP , p. 382.
- [15](#) . Dolgova, *Nakanune* , pp. 164-65.
- [16](#) . YLS, pp. 138-39, 165, 187-89.
- [17](#) . NIOR/RGB, 261.20.6, p. 47; YLS, pp. 200-01; Stoeckl, *Not All Vanity* , pp. 133-34.
- [18](#) . FDNO, pp. 246-47, 296-302.
- [19](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10. Sobre Félix e o duelo de seu irmão, ver FDNO, p. 302n52.
- [20](#) . Comparar OPI/GIM, 411.48, pp. 9-10ob; OR/RNB, 307.80, p. 10; GARF, 102.314.35, pp. 25-27; YLS, p. 147.
- [21](#) . YLS, pp. 147-49.
- [22](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [23](#) . RRR, p. 118.

- [24](#) . OPI/GIM, 411.48, pp. 26-27, 76-77ob.
[25](#) . YLS, pp. 258-59. Note-se que a tradução dada à inscrição de Raspútín nas memórias de Iussúpov não é acurada.
[26](#) . OPI/GIM, 411.48, p. 34.
[27](#) . OPI/GIM, 411.48, pp. 90-93ob.
[28](#) . Carta não datada. OPI/GIM, 411.48, pp. 114-17ob.
[29](#) . OPI/GIM, 411.48, pp. 81-82ob.
[30](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.

22. TERRA SANTA

- [1](#) . Dixon, “Mad Monk”, pp. 398-99.
[2](#) . GARF, 1467.1.710, 117-18, pp. 231-32ob.
[3](#) . Dixon, “Mad Monk”, p. 399.
[4](#) . *Russkoe slovo* , 29 jan. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.
[5](#) . *Russkoe slovo* , 7 fev. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.
[6](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 125.
[7](#) . Gurkó, *Tsar’* , pp. 230-31; FSu, pp. 440-45.
[8](#) . VR, pp. 261-62.
[9](#) . NIOR/ RGB, 261.20.2, pp. 10-12, 15-19, 70-72.
[10](#) . VR, p. 261.
[11](#) . Gurkó, *Tsar’* , p. 231.
[12](#) . Dixon, “Mad Monk”, pp. 399-402.
[13](#) . VR, p. 140; LP , pp. 342-43.
[14](#) . LP , p. 341.
[15](#) . GARF, 640.1.309, pp. 1, 2.
[16](#) . KVD , pp. 59-60.
[17](#) . FR, p. 72; RR, p. 139.
[18](#) . Gurkó, *Tsar’* , p. 231.
[19](#) . FDNO, pp. 250-54.
[20](#) . FR, p. 73; FSu, pp. 467-68; *Rossia v sviatoi zemle* , v. 1, pp. 27-31.
[21](#) . FR, pp. 73-74; WC , p. 103n84; KVD , p. 62.
[22](#) . KVD , pp. 59-60; PZ, p. 249; SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 133-34; RGALI, 2167.2.22, p. 3.
[23](#) . Citações acima de: PZ, pp. 249-57.
[24](#) . KVD , p. 61.
[25](#) . FDNO, p. 254.
[26](#) . Montefiore, *Jerusalem* , pp. 386-88.
[27](#) . PZ, pp. 257, 260, 263-64.
[28](#) . LP , p. 343.
[29](#) . FDNO, p. 255.
[30](#) . FSu, p. 480.

23. RASPÚTIN POR ELE MESMO

- [1](#) . RGADA, 1290.2.4765, p. 3. Outra resenha crítica desse livro: GARF, 63.47.484(35), p. 57. Clipagem de 4 nov. 1915. Também: N. Konstantinov, “Malogramotnyi favorit”, *Zhurnal*

zhurnalov 16 (1915).

[2](#) . VV , 16 dez. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[3](#) . Para uma referência às suas pregações públicas, ver *Voskresnaia vecherniaia gazeta* , 15 set. 1913, p. 2.

[4](#) . RR, 131. O metropolita Veniamin afirma que recebeu da imperatriz o pedido de “traduzir” alguns dos escritos autobiográficos de Raspútin, que ele transcreveria num caderno de marroquim amarelo para o russo literário mais apropriado, tarefa jamais completada. O destino do caderno é desconhecido. Veniamin, *Na rubezhe* , p. 133.

[5](#) . FB, pp. 527-28.

[6](#) . A menos que seja observado de maneira diferente, todos esses extratos são do caderno de Alexandra: GARF, 640.1.309, pp. 1-62ob. O documento foi reproduzido em sua totalidade em PZ, pp. 265-90.

[7](#) . GARF, 651.1.10, pp. 95ob-99, 126ob.

[8](#) . PZ, p. 239.

[9](#) . Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 85-86, 89.

[10](#) . GARF, 651.1.27, pp. 30-32.

[11](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 80.

[12](#) . *Grigorii Rasputin v vospominaniakh* , pp. 71-73.

[13](#) . Ela escreve sobre a relação deles em Krarup, 42 *Aar* , pp. 123-52. Também: Christie's, Venda 6827, 25 nov. 2003, Notas para o Lote 164: Krarup, Retrato de Raspútin.

[14](#) . PZ, pp. 243, 246-47.

[15](#) . *Dym otechestva* , 16 maio 1913, pp. 10-11.

[16](#) . Ver Etkind, *Khlyst* , pp. 594-95.

[17](#) . Kizenko, *Prodigal* , pp. 85-86.

24. TRIUNFO DE ILIODOR

[1](#) . RGALI, 2167.2.22, p. 1.

[2](#) . *Russkoe slovo* , 11 mar. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[3](#) . Stremoukhov, “Moia bor’ba”, pp. 33-34; Dixon, ““Mad Monk””, pp. 399-402.

[4](#) . RGALI, 2167.2.22, p. 1ob.

[5](#) . VR, pp. 255-57, 263. Para comparação, ver IMM, pp. 70-72.

[6](#) . *Russkoe slovo* , 27 mar. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[7](#) . Gurkó, *Tsar’* , pp. 231-32.

[8](#) . IMM, pp. 71-72; VR, p. 257.

[9](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 3ob.

[10](#) . “Iz perepiski P. A. Stolypina”, p. 85.

[11](#) . Stremoukhov, “Moia bor’ba”, pp. 39-41.

[12](#) . VR, p. 258; Dixon, ““Mad Monk””, p. 402.

[13](#) . Hall, *Little Mother* , pp. 236-39.

[14](#) . LP , pp. 342-43.

[15](#) . VR, pp. 235-36, 267-68.

[16](#) . Dixon, ““Mad Monk””, pp. 402-03; VR, p. 268.

[17](#) . Ver TsM , 21 jun. 1911, p. 3; e matérias em 22-24, 26, 28 jun.; 1, 7 jul.

[18](#) . TsM , 26 jun. 1911, “Khronika”; 28 jun., p. 3; 1 jul. 1911, pp. 3-4.

[19](#) . *Tserkov’* , n. 32, 1911, pp. 779-80; TsM , 1 jul. 1911, pp. 3-4; *Utro Rossii* , 7 jul. 1911, n. 155, em HIA, SCAN 87162-64.

[20](#) . TsM , 7 jul. 1911, p. 3.

[21](#) . Dixon, ““Mad Monk””, pp. 404-05, 415; FSu, pp. 496-98.

25. DOIS ASSASSINATOS

[1](#) . KVD , p. 62.

[2](#) . FB, pp. 522-23.

[3](#) . KVD , pp. 63-66.

[4](#) . Sobre o caso, ver Levin, *Child* .

[5](#) . Shul’gin, *Dni* , pp. 105-06.

[6](#) . KVD , pp. 63-66.

[7](#) . VR, p. 613.

[8](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 3-6; PZ, pp. 106-07.

[9](#) . GARF, 102.OO.245.1915g.244, cap. 1, pp. 220-21.

[10](#) . Stremoukhov, “Moia bor’ba”, p. 34.

[11](#) . IMM, pp. 199-200; YLS, p. 153.

[12](#) . Gutchkov, *Guchkov* , pp. 83-84.

[13](#) . VR, p. 141.

[14](#) . Shulgin, *Years* , pp. 261-63.

[15](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 499.

[16](#) . PAAA, 15029, R.10680.

[17](#) . Schelking, *Recollections* , pp. 269-71.

[18](#) . Kokóvtsov, *Out* , pp. 290-91; Ioffe, “Rasputiniada”, p. 108.

[19](#) . VR, pp. 234-36; Betts, *Dukhovnik* , pp. 65-68; citação de Raspútín: PK , 3 jul. 1914, p. 2.

26. CONFRONTO COM O “ ANTICRISTO”

[1](#) . RGALI, 2167.2.22, p. 1.

[2](#) . FSu, pp. 623-27; Stremoukhov, “Moia bor’ba”, p. 39.

[3](#) . GARF, 111.1.2974, pp. 293, 295.

[4](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 4.

[5](#) . IMM, pp. 233-35.

[6](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 15-17.

[7](#) . VR, pp. 279-80; Evglogii, *Put’* , pp. 183-84.

[8](#) . IMM, pp. 235-36; VR, pp. 279-80.

[9](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 406; PZ, pp. 133-36.

[10](#) . IMM, pp. 83-84.

[11](#) . FR, pp. 82-83.

[12](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 4.

[13](#) . IMM, pp. 219, 225; FStr, pp. 547-48.

[14](#) . “Gor’kii i russkaia zhurnalistika”, p. 981n8.

27. QUEDA DE GERMOGEN

[1](#) . VR, p. 281; Dixon, ““Mad Monk””, p. 406; Mramornov, *Tserkovnaia* , pp. 284-85.

[2](#) . Mramornov, *Tserkovnaia* , pp. 278-79, 285-86, 300-01; idem, ““Delo””, pp. 211-12.

[3](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, pp. 21ob-22; *Ekaterinburgskie eparkhial’nye vedomosti* , n. 4, 1912,

pp. 86-90; VV , 14 fev. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[4](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 25ob.

[5](#) . RGIA, 1101.1.111, p. 8.

[6](#) . PK , 23 abr. 1914, p. 6.

[7](#) . VR, pp. 240-43; BA, Vostokov Papers, ms. sem título, p. 1.

[8](#) . “V tserkovnykh krugakh”; VR, pp. 241n, 243-44; FR, pp. 77-80; Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 234-37.

[9](#) . Vatala, *Bez mifov* , p. 251; VR, pp. 281-82.

[10](#) . Kokovtsov, *Out* , pp. 293-94; VR, pp. 282-84, 287; Mramornov, *Tserkovnaia* , pp. 290-92.

[11](#) . RGIA, 1101.1.1111, pp. 10-11ob.

[12](#) . VR, pp. 284-85; Amalrik, *Rasputin* , p. 148; ver também o artigo sem título de S. Nikitin na *Peterburgskaia gazeta* , 16 fev. 1912.

[13](#) . FN, pp. 360-63; RR, pp. 299-300; Melgunov, *Legenda* , p. 397.

[14](#) . VR, p. 623.

[15](#) . *Novoe vremia* , 18 fev. 1912, p. 3.

[16](#) . FB, pp. 234-35, 239; “Aleksandro-Nevskaya lavra” , pp. 204-05.

[17](#) . Mramornov, *Tserkovnaia* , p. 316.

28. ILIODOR, APÓSTATA

[1](#) . *Novosti dnia* , 19 dez. 1902; *Moskovskii listok* , 3 out.; 4, 14 nov. 1902. Disponível em: <www.starosti.ru>; *Za kulisami* , p. iii.

[2](#) . *Rech'* , 2 nov. 1911. Disponível em: <www.starosti.ru>.

[3](#) . GRS , v. 4, p. 272.

[4](#) . Dixon, “Mad Monk” , p. 407; *Za kulisami* , vii, pp. 7-8; IMM, p. 245; VR, p. 282.

[5](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 186; VR, p. 291.

[6](#) . Cópias da carta estão em RGALI, 2167.2.26; OR/RNB, 1000.3.439, pp. 1-5. Sobre a instrução de Dediulin: GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 57.

[7](#) . *Za kulisami* , p. vii; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 57.

[8](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 46; 102.316.381, cap. 1, p. 2; 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 87, 89, 99-102.

[9](#) . GARF, 713.1.18, pp. 1-1ob.

[10](#) . Dixon, “Mad Monk” , p. 407.

[11](#) . GARF, 612.1.42, p. 5; IMM, p. 116.

[12](#) . Buranov, “Strannik” , p. 56; VR, p. 294.

[13](#) . FStr, pp. 595-97.

[14](#) . Há alguma discordância em relação a quantas cartas havia. Kokóvtsov mais tarde alegou que também havia uma de Alexei. *Out* , pp. 292, 299-300. Iliodor escreveu que havia uma carta de Alexei, mas Raspútín a conservara para si. IMM, p. 116.

[15](#) . VR, pp. 292-94.

[16](#) . Amalrik, *Rasputin* , pp. 103-06. Outra (pretensa) carta de Alexandra foi publicada em 1917. Ver Vladykin, *Taina* , pp. 14-15.

[17](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 2ob; GARF, 713.1.24, pp. 5-5ob.

[18](#) . GARF, 713.1.24, pp. 3-5ob.

[19](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 8; e ver RR, p. 163. Ela é incorretamente chamada Karbovitch.

[20](#) . VR, p. 299.

[21](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 502.

- [22](#) . Sobre a possibilidade de a carta ser falsa, ver Betts, *Pshenitsy* , p. 69.
- [23](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 35-38.
- [24](#) . RR, pp. 163-64.
- [25](#) . Kokóvtsov, *Out* , p. 299.
- [26](#) . VR, pp. 300-01; Gurkó, *Cherty* , p. 617.
- [27](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 407.
- [28](#) . “Gor’kii i russkaia zhurnalistika”, pp. 981-82; VR, pp. 414-17; FStr, p. 248n2.
- [29](#) . GARF, 1467.1.710, p. 218.
- [30](#) . IMM, pp. 264-66; Dixon, ““Mad Monk””, p. 409.
- [31](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 186.
- [32](#) . *Peterburgskaia gazeta* , 7 dez. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [33](#) . FStr, pp. 595-97; IMM, p. 203.
- [34](#) . Mramornov, *Tserkovnaia* , p. 317.
- [35](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 32ob.
- [36](#) . IMM, pp. 269-80; PK , 29 jan. 1914, p. 2; *Voskresnaia vecherniaia gazeta* , 12 jan. 1914, p. 2.

29. QUOUSQUE TANDEM ABUTERE PATIENTIA NOSTRA?

- [1](#) . Suas notas numa folha de rosto para um exemplar datilografado em HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-1.
- [2](#) . GARF, 63.32.1912.82, pp. 1-13; RGIA, 1101.1.1111, 7ob, 11-11ob; FB, p. 470.
- [3](#) . VR, pp. 304, 391.
- [4](#) . Bel’gard, “Pechat’”, pp. 347-48.
- [5](#) . GARF, 63.32.1912.82, pp. 9, 14.
- [6](#) . RGIA, 1278.2.2641, pp. 1-2; Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 1, p. 628; FR, p. 91.
- [7](#) . VR, p. 307; Gutchkov, *Guchkov* , p. 86.
- [8](#) . Shulgin, *Years* , pp. 230-32.
- [9](#) . RGIA, 1101.1.1111, p. 10.
- [10](#) . Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 1, p. 628; *Novoe vremia* , 26 jan. 1912, p. 2; FR, p. 91.
- [11](#) . Shulgin, *Years* , pp. 230-32; RGIA, 1278.2.2641, pp. 1-3; VR, p. 306. Sobre o caráter de Lvov, Gurkó, *Cherty* , p. 696.
- [12](#) . *Novoe vremia* , 26 jan. 1912, p. 2.
- [13](#) . RGIA, 1278.2.2641, pp. 1-3.
- [14](#) . VR, pp. 302, 304-08.
- [15](#) . Bulgákov, *Avtobiografi cheskie zapiski* , pp. 82-83.
- [16](#) . VR, p. 303.
- [17](#) . Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 1, p. 628. Material citado de carta de um certo V. Berezin na província de Kursk para Stichinski do Conselho de Estado. RGIA, 1101.1.1111, pp. 10-11.
- [18](#) . LP , p. 156.
- [19](#) . VR, p. 309.
- [20](#) . Kokóvtsov, *Out* , pp. 294-95; VR, pp. 309-11.
- [21](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 1-4; 111.1.2981b, p. 35.
- [22](#) . LP , pp. 350-51.
- [23](#) . Kokóvtsov, *Out* , pp. 296-98.
- [24](#) . HHStA, P.A. X, Karton 139, 24/ 11 out. 1913.
- [25](#) . VR, pp. 318-19.
- [26](#) . FDNO, pp. 256-57.

- [27](#) . VR, pp. 315-18.
[28](#) . KVD , pp. 82, 86.
[29](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 51.
[30](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 26ob; Mordvinov, “Poslednii imperator”, v. 4, pp. 49-50; *Peterburgskaia gazeta* , 20 fev. 1912; VV , 23 fev. 1916. Disponíveis em: <www.starosti.ru>.

30. O GOLPE CONTRA A ALCOVA

- [1](#) . VV , 18 fev. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>.
[2](#) . GARF, 612.1.12, pp. 1-3.
[3](#) . Ver a “Nova Introdução” às suas memórias por David R. Jones em Rodzianko, *Reign* , xv-xx-vi. Conforme Jones ressalta, a memória de Rodzianko está longe de ser confiável, e o mero título das suas memórias reflete sua tendenciosidade e ignorância em relação ao verdadeiro estado de coisas sob o último tsar.
[4](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 8-21, 35-36; VR, pp. 308-10.
[5](#) . VR, pp. 319-20.
[6](#) . Blok, *Poslednie dni* , p. 10; Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , pp. 502-03. Sobre Nilov e Raspútin, ver também: Sáblin, *Desiat’ let* , pp. 252-55, 294-95, 327-29.
[7](#) . Sobre Raspútin e os maçons: Rodzianko, *Reign* , p. 30.
[8](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , pp. 502-03.
[9](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 40-54; VR, p. 320.
[10](#) . RGIA, 797.82.77/3/2, pp. 1-8.
[11](#) . VR, pp. 321-22.
[12](#) . Voeikov, *S tsarem* , pp. 60-61, 131.
[13](#) . VR, p. 322.
[14](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 65.
[15](#) . Mordvinov, “Poslednii imperator”, p. 54.
[16](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 58.
[17](#) . VR, pp. 324-26; Kokóvtsov, *Out* , pp. 302-03.
[18](#) . Bogdanovich, *Tri poslednikh* , pp. 505, 507. Os artigos eram provavelmente “Taina khlystovshchiny”, de Ippolit Gofshtetter, *Novoe vremia* , 20 mar. 1912, pp. 4-5; 21 março, p. 5.
[19](#) . Fuller, *Foe* , pp. 83-84.
[20](#) . *Novoe vremia* , 10 mar. 1912, “Razdel: V Gosudarstvennoi Dume”.
[21](#) . Savitch, *Vospominaniia* , p. 83; VR, p. 329.
[22](#) . Savitch, *Vospominaniia* , p. 83; Ioffe, “Rasputiniada”, pp. 107-08. Ver também: K. K. Romanov, *Dnevnik* , p. 429.
[23](#) . *Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta* , 18 mar. 1912, p. 3.
[24](#) . RGIA, 1101.1.111, p. 1.
[25](#) . VR, p. 33.
[26](#) . RGALI, 2167.2.42, pp. 18-28.
[27](#) . HHStA, P.A. X, Karton 138, 11 abr./29 mar. 1912.
[28](#) . NA, FO 371/1467, n. 8227, Buchanan para Sir Edward Grey, 14 fev. 1912 (NE).
[29](#) . VR, p. 334.
[30](#) . *Novaia voskresnaia vecherniaia gazeta* , 11 mar. 1912, p. 1; *Novoe vremia* , 13 mar. 1912, p. 3; *Peterburgskaia gazeta* , 17 mar. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>; *Russkaia riv’era* , 21, 22 mar. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>; GARF, 102.316.1910.381, p. 134; Polivanov, *Iz dnevnikov* , pp. 110-11.

- [31](#) . 18 mar. 1912, p. 3.
- [32](#) . Sáblin, *Desiat' let* , pp. 254-55.
- [33](#) . *LP* , p. 352.
- [34](#) . Iussúpov, *Pered izgnaniem* , p. 230.
- [35](#) . OPI/GIM, 411.48, pp. 40-43.
- [36](#) . Rodzianko, *Reign* , p. 55.
- [37](#) . RGIA, 525.1 (205 / 2693).202, pp. 6-7.
- [38](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 55-56.
- [39](#) . Elizaveta Fiódorovna, "Pis'ma", p. 482; GARF, 642.1.1584, 74-75ob.

31. A INVESTIGAÇÃO, PARTE II: SERIA RASPÚTIN UM *KHLIST* ?

- [1](#) . *Voskresnaia vecherniaia gazeta* , 1 jul. 1912, p. 2; *Peterburgskaia gazeta* , 30 jun. 1912; *Russkoe slovo* , 30 jun. 1912; *Stolichnaia molva* , 2 jul. 1912; e *Gazeta-kopeika* , 30 jun. 1912 — todos disponíveis em: <www.starosti.ru>; GARF, 102.316.1910.381, pp. 104, 108-12.
- [2](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 15-20, 28, 114, 126; 111.1.2975, pp. 43, 76; FSu, p. 707n2498. "Hotel D." era o Hotel Dagmar.
- [3](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 90-91, 122.
- [4](#) . FB, pp. 521, 536-38; VR, pp. 104, 346-47.
- [5](#) . RGIA, 797.82.77/3/2, pp. 1-6; Kokóvtsov, *Out* , p. 295; Rodzianko, *Reign* , pp. 50-51.
- [6](#) . VR, pp. 347-48; FB, pp. 521, 643-45; RGIA, 797.82.77/3/2, p. 8; GBUTO/GAGT, I - 156.18.920, p. 7.
- [7](#) . VR, pp. 348-49; FB, pp. 521-22; GARF, 102.316.1910.381, p. 165.
- [8](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 121.
- [9](#) . *Vestnik zapadnoi Sibiri* , 9 maio 1912, p. 3.
- [10](#) . RGALI, 2167.2.22, p. 2.
- [11](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 63-64.
- [12](#) . *Vestnik zapadnoi Sibiri* , 9 maio 1912, p. 3.
- [13](#) . GBUTO/GAGT, I - 156.18.920, pp. 4-6, 8-9.
- [14](#) . Os detalhes estão em grande parte no breve memorial de um dos alunos da academia, M. V. Andreev, in: GAUKTO/TIAMZ: TMKP 12223. "Vospominaniia M. V. Andreeva: 'Neizvestnoe o Rasputine'". Maiores detalhes: PZ, pp. 81-83; FB, pp. 576-84.
- [15](#) . FB, pp. 633-38, 643-45; GARF, 612.1.13, pp. 1-2.
- [16](#) . VR, p. 356.
- [17](#) . RR, pp. 184-86; VR, pp. 357-59; FR, pp. 80-81. Sobre Sabler: VR, pp. 309-11. Sobre Raspútín na imprensa: GARF, 102.316.1910.381, pp. 152-53, 199-199ob.
- [18](#) . OR/RNB, 1000.3.439, p. 8.
- [19](#) . RGIA, 797.82.77/3/2, pp. 9-11.
- [20](#) . Bontch-Bruievitch, "O Rasputine", *Den'* , 1 jul. 1914.
- [21](#) . Gutchkov, *Guchkov* , p. 85.
- [22](#) . VV , 16 nov. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>; GARF, 102.316.1910.381, p. 32.
- [23](#) . GARF, 111.1.2976, pp. 13, 18, 58, 64, 92-92ob, 106, 105.
- [24](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 1-4.
- [25](#) . VR, pp. 106-07.
- [26](#) . Roudnieff, "La vérité", p. 7; GARF, 602.2.62.
- [27](#) . VR, p. 106.
- [28](#) . O consenso une biógrafos atravessando linhas políticas e nacionais para incluir

Fuhrmann, Varlamov, Fomin, Platonov, Amalrik. O único biógrafo que continua a insistir que Raspútín havia sido um *khlist* — de maneira bem pouco persuasiva — é Radzinsky.

[29](#) . Amalrik, *Rasputin* , p. 111.

32. MILAGRE EM SPAŁA

[1](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 180-83; *LP* , pp. 355, 357.

[2](#) . *LP* , pp. 357, 359-60; AD, Correspondance politique et commerciale, Nouvelle série, 1896-1918, NS 14, Questions Dynastiques, 1896-1914, n. 309.

[3](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 183-85.

[4](#) . *KVD* , p. 100; Vírubova, *Stranitsy* , p. 67; *VR* , pp. 361-62.

[5](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 185-86; *LP* , pp. 357-59; Bing (Org.), *Secret Letters* , pp. 275-78.

[6](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 82. Dehn, no entanto, escreveu sim que Raspútín curou seu filho de uma febre alta. Ver p. 64.

[7](#) . *IMM* , pp. 181-82.

[8](#) . PAAA, AS 251, R.10694.

[9](#) . *VR* , pp. 362-65; Sokolov, *Temnye sily* , pp. 10-11; Maud, *One Year* , p. 196; Le Queux, *Rasputin* , pp. 21-22; Marsden, *Rasputin* , pp. 34-35. Para outras histórias das tortuosas tramas de Raspútín e Vírubova para controlar Alexandra apresentando-se como protetores do tsarévitch, ver Omessa, *Rasputin* , pp. 65-67; e as memórias de G. A. Benua em *OR/RNB*, 1000.6.4, p. 243.

[10](#) . *GARF*, 602.2.62; 1467.1.949, pp. 2-5; Amalrik, *Rasputin* , pp. 45-46. Ver também: Chulgin, *Dni* , p. 108.

[11](#) . PAAA, AS 251, R.10694.

[12](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 82-85; *VR* , pp. 356-57; *KVD* , p. 175; *LP* , p. 416.

[13](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, n. 181, pp. 181-82; *FSA*, pp. 294-95. Sobre Gedroits, Bennett, “Princess”, pp. 1532-34; Mordvinov, “Poslednii”, pp. 52-53.

[14](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 82-85.

[15](#) . Dostoiévski, *Brothers* , p. 25.

[16](#) . *WC* , pp. 355, 362-63. “Crosta” — torradas feitas de pão preto, as chamadas “tostadas de Raspútín”.

[17](#) . Vasilevskii, *Nikolai II* , p. 93. Em outras versões é uma camisa ou chapéu sujo. Ver *OR/RNB*, 585.5696, p. 13ob; *Golos minuvshego* , n. 4-6, 1918, p. 35.

[18](#) . *IMM* , pp. 117, 120-21.

[19](#) . *WC* , p. 651. Segundo a sua criada de longa data Madeleine Zanotti, a imperatriz nunca sofreu de coração fraco. Em lugar disso, seus problemas de saúde eram manifestações físicas de problemas psicológicos e emocionais que evoluíram para tornar-se “histeria” nos seus últimos anos. Ver Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 85-86.

[20](#) . *GRS* , v. 2, p. 236.

[21](#) . Grabbe, *Okna* , p. 130.

[22](#) . Vorres, *Last* , pp. 138-40.

[23](#) . *FR*, p. 102; Vorres, *Last* , pp. 138-40; *VR*, p. 362.

[24](#) . *VR*, p. 67.

[25](#) . Buxhoeveden, *Before* , pp. 116-19.

[26](#) . *IMM* , pp. 135-36. Ver também a pouco convincente história em Shelley, *Blue Steppes* , pp. 86-87. Para um exemplo corrente, Shishkin, *Rasputin* , p. 73.

[27](#) . *VR*, p. 366.

[28](#) . *GARF*, 102.316.1910.381, pp. 165, 175.

- [29](#) . IMM, 136, pp. 209-10; Evreinov, *Taina* , pp. 49-50; Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 207; FR, p. 103; HHStA, P.A. 38, Karton 364, 4 jul. 1914; Voeikov, *S tsarem* , pp. 57-58; Gurkó, *Tsar'* , p. 235.
- [30](#) . Kokóvtsov, *Out* , pp. 296-97; Rodzianko, *Reign* , pp. 24, 76.
- [31](#) . YLS, p. 211; VR, p. 370; Khvostov, “Iz vospominanii”, pp. 166-67; FB, pp. 312-13.
- [32](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 202.
- [33](#) . Evreinov, *Taina* ; Etkind, *Eros* , pp. 126-27.
- [34](#) . GRS, v. 2. pp. 230-31, 234-35.
- [35](#) . Le Queux, *Rasputin* , p. 4. A história é repetida em Marsden, *Rasputin* , p. 25.
- [36](#) . GARF, 111.1.2981a, l. pp. 9-10ob. Seu nome às vezes é dado erroneamente em biografias como “Papandato”.
- [37](#) . Belétski, *Grigorii* , pp. 21-22.
- [38](#) . Brown, *Testing* , pp. 1-2.
- [39](#) . Carey, “Long-Awaited Medical Study”; Stein, “Researchers”.
- [40](#) . FR, p. 105.
- [41](#) . LP, pp. 444-45.
- [42](#) . Disponível em: <<http://www.massgeneral.org/bhi/about/>>; <<http://www.semel.ucla.edu/cousins/>>.
- [43](#) . Massie, *Nicholas* , pp. 201-02.
- [44](#) . Sobre o programa de Harvard, ver <<http://www.programplacebostudies.org/>>. Sobre o efeito placebo, ver Ofri, “A Powerful Tool”; Niemi, “Placebo”; Feinberg, “Placebo”; Guess, et al., *Science* ; Marchant, *Cure* .
- [45](#) . Ver Dzhanumova, *Moi vstrechi* , pp. 28-29; Belétski, *Vospominaniia* , p. 56; HHStA, P.A. X, Karton 139, 11/24 out. 1913. Outras histórias têm sugerido, embora sem o benefício da ciência mais recente, que a ligação mente/corpo estava no cerne da capacidade de Raspútín de ajudar o herdeiro. Ver Amalrik, *Rasputin* , pp. 45-46; FR, p. 103; Massie, *Nicholas* , pp. 201-02.
- [46](#) . Vorres, *Last* , p. 140; VR, p. 143.
- [47](#) . Shulgin, *Years* , p. 263; VR, p. 61.
- [48](#) . PAAA, 19432, R.10680; despacho do embaixador Pourtales para Bethmann-Hollweg, 4 nov. 1912 (NE); Voeikov, *S tsarem* , pp. 58-59.
- [49](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 61.

33. GUERRA E CELEBRAÇÃO

- [1](#) . *Russkoe slovo* , 18 out. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [2](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 152. Sobre a indiferença de Raspútín ao pan-eslavismo de qualquer espécie: Sokolov, “Predvaritel’noe sledstvie”, p. 284.
- [3](#) . *Peterburgskaia gazeta* , 7 dez. 1912. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [4](#) . *Dym otechestva* , 24 jan. 1913, pp. 6-8.
- [5](#) . PAAA, R.10897.
- [6](#) . *PK* , 7 maio 1914, p. 1.
- [7](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 168.
- [8](#) . VR, p. 376.
- [9](#) . RR, pp. 190-91. Ele vê Raspútín como sendo a razão-chave, mesmo dando a Nicolau a força para permanecer fora da luta.
- [10](#) . Lincoln, *In War's* , pp. 408-13.
- [11](#) . LP, p. 374.

- [12](#) . FR, p. 107.
- [13](#) . Rodzianko, *Reign* , pp. 75-77.
- [14](#) . GARF, 270.1.46, p. 3.
- [15](#) . VR, pp. 327-28; Amalrik, *Rasputin* , p. 156.
- [16](#) . *Dym otechestva* , 14 mar. 1913, p. 5.
- [17](#) . FDNO, pp. 257-58.
- [18](#) . GARF, 111.1.2977, pp. 2, 5, 32-33ob, 35-35ob; 111.1.2981b, pp. 35-36; KVD , p. 82.
- [19](#) . RR, pp. 346, 410-11; GARF, 602.2.62.
- [20](#) . FR, p. 108; Sáblin, *Desiat' let* , p. 294; Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 201-02; OR/RNB, 585.5696, p. 35.
- [21](#) . LP , pp. 377-78.
- [22](#) . VR, p. 61.
- [23](#) . KVD , p. 111.
- [24](#) . LP , pp. 378-80; GARF, 1467.1.710, p. 288.
- [25](#) . KVD , p. 114.

34. LINGUAGEM OFENSIVA, GLORIFICADORES DO NOME DE DEUS E TRAMAS DE ASSASSINATO

- [1](#) . *Dym otechestva* , n. 4, 1913, pp. 6-8.
- [2](#) . Disponível em: <http://www.hrono.ru/biograf/bio_g/garjazin.html>. Acesso em: 17 ago. 2015.
- [3](#) . VR, pp. 338-39; FStr, p. 595.
- [4](#) . BA, Vostokov Papers, “Tochnyia dannye”, pp. 5-10, 20.
- [5](#) . VR, pp. 390-91; *Padenie* , v. 4, pp. 188-89.
- [6](#) . *Dym otechestva* , 16 maio 1913, pp. 10-11; e 11 jun. 1913, pp. 4-5.
- [7](#) . Disponível em: <http://www.hrono.ru/biograf/bio_g/garjazin.html>. Acesso em: 17 ago. 2015.
- [8](#) . FB, pp. 525-26; GARF, 102,242.1912.297, cap. 2, p. 195; 111.1.2980, pp. 196-96ob.
- [9](#) . RR, pp. 176-79.
- [10](#) . *Dym otechestva* , 20 jun. 1913, pp. 7-8; 26 jun. 1913, pp. 2-3; 24 jan. 1913, pp. 6-7; Buranov, “Strannik”, p. 57.
- [11](#) . Ver, por exemplo, a peça em *Volzhsko-Donskoi krai* de 1914. In: GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 154.
- [12](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 50, 82.
- [13](#) . A discussão da sedição de Atos baseia-se em Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 462-502; Leskin, *Spor* ; Ilarion, *Spory* ; VR, pp. 380-81.
- [14](#) . Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 475, 480-83, 493; Leskin, *Spor* , p. 67.
- [15](#) . VR, pp. 382-83.
- [16](#) . Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 493-94, 499, n65.
- [17](#) . *Golos Moskvy* , 7 jun. 1913. Disponível em: <www.starosti.ru>; VV , 12 jun. 1913, p. 3.
- [18](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 153, 190-90ob, 199-99ob. Sobre Zaozerski: Dixon, ““Mad Monk””, p. 398, n126.
- [19](#) . VR, p. 384; FStr, pp. 33-34, n2.
- [20](#) . VR, pp. 385-86; Leskin, *Spor* , pp. 71-73.
- [21](#) . Leskin, *Spor* , pp. 71-72, n2.
- [22](#) . VR, p. 387.

- [23](#) . Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 497-98.
- [24](#) . VR, p. 392.
- [25](#) . *Utro Rossii* , 1 jul. 1910. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [26](#) . KVD , p. 115; GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, p. 34.
- [27](#) . *Iuzhnye vedomosti* , 13 out. 1913. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [28](#) . FB, pp. 237-39; Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , pp. 503-04.
- [29](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 36.
- [30](#) . Belétski, “Vospominaniia”, pp. 7-9; Bontch-Bruievitch, *Vsia vlast'* , p. 78.
- [31](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 198.
- [32](#) . KVD , p. 117; FB, pp. 426, 456-57, 357-58; GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 220-32.
- [33](#) . *Rannee utro* , 26 maio 1913. Disponível em: <www.starosti.ru>.
- [34](#) . *Stolichnaia molva* , 12 ago. 1913. Disponível em: < www.starosti.ru >.
- [35](#) . GARF, 640.1.323, pp. 27-27ob.
- [36](#) . Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , p. 310.
- [37](#) . GARF, 102.316.1910.381, pp. 170, 172-73, 178-78ob; *Den'* , 3 jan. 1914, p. 5. Sobre a nomeação de Ordovski, WC , pp. 181, 188-89; Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , pp. 366-69; VR, pp. 643-44; Gurkó, *Tsar'* , pp. 241-42.

35. À BEIRA DE UM PRECIPÍCIO

- [1](#) . KVD , pp. 119-21. O *Diário da Corte* registrou apenas três visitas de Raspútín ao palácio. GARF, 1467.1.479, pp. 18ob-19.
- [2](#) . PK , 7 maio 1914, p. 1.
- [3](#) . HHStA, P.A. X, Karton 140, 31 jan. / 13 fev. 1914.
- [4](#) . VR, p. 376.
- [5](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 171.
- [6](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 8.
- [7](#) . PK , 25 fev. 1914, p. 4.
- [8](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 13-14, 16, 20, 23; KVD , pp. 121-22.
- [9](#) . KVD , p. 122; FStr, pp. 37, 46.
- [10](#) . NIOR RGB, 249.4214.16, pp. 11-11ob.
- [11](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 17; PK , 21 mar. 1914, p. 2.
- [12](#) . *Voskresnaia vecherniaia gazeta* , 16 mar. 1914, p. 3.
- [13](#) . PK , 26 jan. 1914, p. 1; *Russkoe slovo* , 30 abr. 1914; *Svet* , 30 abr. 1914; *Rech'* , 23 abr. 1914; GARF, 102.316.1910.381, pp. 176-77.
- [14](#) . PK , 29 abr. 1914, p. 2; NA, FO 371/2093, n. 22097, carta de 14 maio 1914 (NE) para Sir Edward Gray de George Buchanan.
- [15](#) . PK , 30 abr. 1914, p. 2.
- [16](#) . VR, p. 393.
- [17](#) . PK , 7 maio 1914, p. 2.
- [18](#) . PK , 18 maio 1914, p. 4; HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6, “Pis'mo v redaktsiiu”; GARF, 102.242.1912.297, cap 1, pp. 67-69.
- [19](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 10-13ob.
- [20](#) . Zhukovskaia, *Moi vospominaniia* , p. 305.
- [21](#) . FA, 118-19n1; Grashchenkova, *Kino* , p. 135.
- [22](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 44; FStr, pp. 461-62; PK , 7 maio 1914, p. 1; KVD , pp. 123-24; Sáblin, *Desiat' let* , pp. 327-28.

- [23](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 56; *PK* , 4 jun. 1914, p. 4.
- [24](#) . FStr, p. 80.
- [25](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 1.
- [26](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 21, 45-45ob, 52-52ob, 54, 61.
- [27](#) . Shavel'skii, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 64-68.
- [28](#) . *Padenie* , v. 4, p. 297.

36. O ATAQUE

- [1](#) . *KVD* , p. 128; FStr, pp. 83-85.
- [2](#) . PZ, p. 111; FStr, pp. 85-87; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 66. A seguinte discussão do ataque de Guseva e a investigação subsequente baseia-se principalmente nas fichas policiais de diversos arquivos siberianos: GBUTO/GAGT, 164.1.436, pp. 437, 439; *Kazennoe uchrezhdenie Omskoi oblasti* "Istorichicheskii arkhiv Omskoi oblasti", 190.1.1881-1917gg.332. Esses importantes, mas pouco estudados, arquivos são apresentados na totalidade em FStr, pp. 378-826.
- [3](#) . FStr, pp. 101-05, 109, 117-18, 204, 385-88, 407, 486; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 66; GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 1.
- [4](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 1.
- [5](#) . Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 66.
- [6](#) . Descrição da operação feita por Vladimirov: RGIA, 472.2 (195/2683).7, pp. 8-9.
- [7](#) . FStr, pp. 117-20.
- [8](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 5ob-6, 8-8ob; 102.242.1912.297, cap. 1, p. 162; 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 30-30ob; FStr, pp. 391-93; FR, p. 125. O artigo apareceu em *Svet* , n. 127, 18 maio 1914, tendo sido publicado primeiramente em vários outros jornais. Ver PZ, p. 97; FStr, pp. 95, 413-19, 426-25, 290-92; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 180-81ob; Faleev, "Za chto", pp. 180-81.
- [9](#) . *PK* , 30 jun. 1914, p. 1.
- [10](#) . Ver GARF, 102.242.1912, cap. 2. *New York Times* , 14 jul. (NE) 1914, pp. 1, 3; 15 jul. (NE), p. 4; 16 jul. (NE), p. 4; 17 jul. (NE), p. 4.
- [11](#) . *PK* , 1 jul. 1914, p. 2.
- [12](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 195. As linhas provêm do final do poema narrativo de Púchkin *Os ciganos* (publicado em 1827).
- [13](#) . PAAA, R.10684. Também: K. K. Románov, *Dnevnik* , p. 440.
- [14](#) . VR, p. 419.
- [15](#) . *Dym otechestva* , 3 jul. 1914, p. 7.
- [16](#) . VR, p. 419.
- [17](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 85.
- [18](#) . FN, p. 553.
- [19](#) . VR, pp. 419-20.
- [20](#) . RGIA, 1617.1.45, pp. 1-2.
- [21](#) . FStr, p. 136.
- [22](#) . Gilliard, *Thirteen Years* , pp. 97-98.
- [23](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2, pp. 42-43.
- [24](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 198.
- [25](#) . GARF, 612.1.21, p. 1.
- [26](#) . Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 330-35; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 172.
- [27](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 164-65; *PK* , 30 jun. 1914, p. 1; 1 jul. 1914, p. 2; FStr,

pp. 86n1, 418, 434. Também em Davidson: GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 67 e Faleiev, “Za chto”, p. 181. Um historiador argumenta que ele também é o homem que se esconde por trás dos nomes “V. Borisov” e “Ven. Bor.”, responsáveis por artigos anti-Raspútín no ano seguinte. FStr, pp. 204-06. E: PZ, p. 148.

[28](#) . RRR, pp. 78-82.

[29](#) . GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, pp. 54, 77, 79-81, 95.

[30](#) . RRR, pp. 84-85, 87. Numa autobiografia fictícia posterior Maria alegou que Davidson era na verdade um membro da conspiração. Ver VR, pp. 408-09.

[31](#) . PZ, p. 113; FStr, pp. 211-18; Faleiev, “Za chto”, p. 181.

[32](#) . Ver FR, p. 125; VR, pp. 409-10.

[33](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 111.

[34](#) . GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, pp. 99-101, 118-21.

[35](#) . GARF, 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 76, 77, 79.

[36](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 2, 6, 17, 21.

[37](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 134. E ver PK, “Tragediia russkogo byta”, 3 jul. 1914, p. 2; 4 jul., p. 2.

[38](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 108-09ob.

37. “DESSA VEZ NÃO FUNCIONOU...”

[1](#) . FStr, pp. 127-30, 499; RGIA, 472.2 (195/2683).7, pp. 8-9. Os jornais escreveram equivocadamente que ele zarpou no *Lastochka*, o que tem sido repetido na maioria das biografias.

[2](#) . PK, 4 jul. 1914, p. 2.

[3](#) . FR, pp. 120-21; FStr, pp. 126, 131, 143; PK, 3 jul. 1914, p. 2.

[4](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 31ob.

[5](#) . RGIA, 472.2 (195/2683).7, pp. 3-4, 10-14; FStr, p. 139.

[6](#) . KVD, pp. 132-35.

[7](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 24-25.

[8](#) . KVD, pp. 133-34.

[9](#) . Ver FStr, pp. 123-24; GARF, 1467.1.710.

[10](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 205-205ob, 235-36ob.

[11](#) . FDNO, pp. 261-62n30.

[12](#) . PK, 2 jul. 1914, p. 2.

[13](#) . VR, p. 407.

[14](#) . VR, p. 408; PK, 2 jul. 1914, p. 2; 5 jul., p. 2.

[15](#) . PK, 1 jul. 1914, p. 2; 3 jul., p. 2.

[16](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 30-30ob. Também, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 172-73ob, 180-81ob; FStr, pp. 455, 521, 634-35, 793-95.

[17](#) . FStr, pp. 521, 793-95.

[18](#) . VR, pp. 411-12; PZ, pp. 122-23.

[19](#) . FStr, pp. 147, 522, 553-57.

[20](#) . PZ, pp. 95-97, 113, 128-33; FStr, pp. 186-91, 548, 615-17.

[21](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 30-30ob, 168; GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, p. 128.

[22](#) . FR, p. 126; FStr, pp. 161-62, 701-02; PZ, pp. 136-37.

[23](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 196; PK, 3 jul. 1914, p. 2; 6 jul., p. 2; 12 jul., p. 1.

[24](#) . FStr, pp. 710-11, 790-92, 799-800.

- [25](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 9; Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 67-68.
- [26](#) . FStr, pp. 445-46.
- [27](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 193.
- [28](#) . PK , 1 jul. 1914, p. 2.
- [29](#) . GARF, 1467.1.709, p. 92.
- [30](#) . FStr, pp. 231-32, 468, 471, 519-20; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 71.
- [31](#) . IMM, pp. 275-80.
- [32](#) . Iliodor, *Velikaia Stalingradskaia* , pp. 51-52.
- [33](#) . PZ, pp. 90-93, 124-25. FStr, pp. 148-50.
- [34](#) . FStr, pp. 107, 148-50, 437-43, 550-51; VR, pp. 405-06; PZ, pp. 121, 124-25.
- [35](#) . *Voskresnaia vecherniaia gazeta* , 20 abr. 1914, p. 1.
- [36](#) . FStr, pp. 535-36. Belétski também acreditava que Iliodor estivera por trás do ataque. *Vospominaniia* , p. 48.

38. FUGA DE ILIODOR

- [1](#) . FStr, pp. 239-42, 453; IMM, pp. 281-84; GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 58, 179-89ob.
- [2](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 32ob; FStr, pp. 242-45; GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 58; *Rannee utro* , 11 jul. 1914.
- [3](#) . FStr, pp. 250, 256; GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 80, 176, 172; PK , 12 jul. 1914, pp. 1-2.
- [4](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 36, 43.
- [5](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 174, 176.
- [6](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 44-44ob; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 176.
- [7](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 36, 43, 48.
- [8](#) . FStr, pp. 250, 256; IMM, pp. 281-84; VR, pp. 412-14, 419.
- [9](#) . “Gor’kii i russkaia zhurnalistika”, p. 452.
- [10](#) . Sobre o mito: *Rannee utro* , 20 dez. 1916, p. 2; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 127.
- [11](#) . VR, p. 419.
- [12](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 410; FStr, pp. 251-54; “Gor’kii i russkaia zhurnalistika”, p. 452n5.
- [13](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 179-89ob.
- [14](#) . IMM, pp. 285-86; FStr, pp. 254-55; *Aftenposten* , 29 mar. 1916 (NE), in RGIA, 1101.1.1073.
- [15](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 179-89ob.
- [16](#) . VR, 417-18; GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 179-89ob; PK , 13 out. 1914, p. 4.
- [17](#) . PK , 13 out. 1914, p. 4.
- [18](#) . FStr, p. 258.
- [19](#) . FStr, pp. 258, 631-32, 702.

39. NUVEM AMEAÇADORA

- [1](#) . Sobre seu assassinato, ver Goldberg, *Life* , pp. 458-74.
- [2](#) . Wilson, *Rasputin* , p. 156; VR, pp. 426-28; Groian, *Muchenik* , pp. 95-96; Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 545.
- [3](#) . FR, pp. 115, 118; VR, pp. 422-23.
- [4](#) . *Otkliki na zhizn'* , n. 11-12 (1914), pp. 71-72.
- [5](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 151-55.
- [6](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 94.

- [7](#) . KVD , pp. 140-41.
- [8](#) . Sokolov, *Ubiistvo* , p. 94.
- [9](#) . KVD , p. 136.
- [10](#) . GARF, 640.1.323, p. 2.
- [11](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 159, 161-63.
- [12](#) . GARF, 555.1.1432, p. 1.
- [13](#) . FR, p. 129; *LP* , p. 397; Vírubova, *Strannitsy* , pp. 73-74.
- [14](#) . GARF, 111.1.2978, p. 19.
- [15](#) . Universidade Yale, Biblioteca Beinecke, Coleção Romanov, GEN MSS 313, série 1, caixa 1, pasta 100.
- [16](#) . Universidade Yale, Biblioteca Beinecke, Coleção Romanov, GEN MSS 313, série 1, caixa 1, pasta 100; e GEN MSS 313, caixa 8, pasta 111; VR, pp. 424-25; FStr, pp. 279-81. S. V. Markov, que estava com Soloviov em Tobolsk em 1918, viu a carta na época, embora em suas memórias ele sugira que a imperatriz lhe dera anteriormente esta e outras mensagens de Raspútín para mantê-las em segurança. *Pokinutaia* , p. 54.
- [17](#) . [Belling], *Iz nedavnego* , p. 11; VR, pp. 425-26.
- [18](#) . FR, pp. 128-29.
- [19](#) . Raupakh, *Facies* , p. 141; FStr, pp. 272-75, 313 n 1; FN, *Nakazanie* , p. 493; Amalrik, *Rasputin* , pp. 163-64, 185; Lieven, *Nicholas II* , p. 205.
- [20](#) . PK, 16 jul. 1914, p. 1. A Áustria declarou guerra em 15/28 jul.
- [21](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 69. E comentários similares de *Dsihwes Spehks* de Riga. *Ibid.*, pp. 88-88ob.
- [22](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 82-84, 204, 206-06ob.
- [23](#) . Rassulin, *Vernaia bogu* , pp. 73-74.
- [24](#) . KVD , p. 141.
- [25](#) . GARF, 640.1.323, pp. 3, 3ob.
- [26](#) . VR, pp. 429-31.
- [27](#) . KVD , pp. 144, 147.
- [28](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), p. 54.
- [29](#) . Paléologue, *Ambassador's Memoirs* , v. 1, pp. 136-38.
- [30](#) . PK, 16 ago. 1914, p. 4; 18 ago., p. 2.
- [31](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 208-09.
- [32](#) . PK, 17 ago. 1914, p. 1.
- [33](#) . KVD , pp. 147-48; FStr, p. 290; RGIA, 472.2 (195/2683).7, p. 9ob.
- [34](#) . VR, pp. 421-22; KVD , pp. 147-49.
- [35](#) . GARF, 111.1.2979a, pp. 19-19ob, 24, 28.
- [36](#) . KVD , pp. 155-56.
- [37](#) . WC , pp. 16-17.
- [38](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 9-10.
- [39](#) . CU, Arquivo Bakhmeteff, Tikhobrazov Papers, caixa 3, “Rasputin i stavka”, pp. 30-31.
- [40](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), p. 66; KVD , pp. 156-57.
- [41](#) . WC , pp. 39, 47-49, 57, 86, 88-90; KVD , pp. 162-63; GARF, 640.1.323, p. 5ob.
- [42](#) . WC , p. 296.
- [43](#) . Marie, *Education* , pp. 193-94.
- [44](#) . KVD , pp. 162-63.
- [45](#) . WC , pp. 35, 40.
- [46](#) . WC , p. 41; GARF, 640.1.323, p. 6. Também: GARF, 640.1.323, pp. 5-5ob; KVD , p. 165.
- [47](#) . KVD , p. 170; WC , p. 66.

[48](#) . GARF, 640.1.323, pp. 5ob-6.

40. O INCIDENTE DO IAR

- [1](#) . GARF, 111.1.2978, p. 14.
- [2](#) . *Moskovskii listok* , 8 jan. 1915, p. 3.
- [3](#) . KVD , p. 178.
- [4](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 73, 201; GRS , v. 2, p. 226.
- [5](#) . WC , p. 73.
- [6](#) . LP , p. 419; WC , pp. 82-83.
- [7](#) . Vulliamy, *Red Archives* , pp. 26-27; “Rasputin v osveshchenii ‘okhranki’”, pp. 273, 275.
- [8](#) . VR, p. 457; SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 215; FR, pp. 138-39; RR, pp. 293-96; Lockhart, *Memoirs* , pp. 128-29.
- [9](#) . RR, pp. 298-99.
- [10](#) . Mironova, *Iz pod lzhi* ; AV, pp. 466-68. Outros biógrafos de direita endossaram essa noção absurda. Ver PZ, pp. 219-20; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 61.
- [11](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 31ob.
- [12](#) . Ver PZ, pp. 202-04; Bokhanov, *Rasputin* , pp. 233-34; Nelipa, *Murder* , pp. 89-92.
- [13](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 1-2.
- [14](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 12-14ob; 63.44.6281, pp. 2-7ob.
- [15](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 7-7ob, 10-11.
- [16](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 52-52ob; PZ, p. 201; Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 410n300.
- [17](#) . RGIA, 797.86/3/5.62, p. 1.
- [18](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 7-7ob; 63.44.6281, pp. 4-5ob.
- [19](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 206.
- [20](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 8ob-9.
- [21](#) . Sobre os indivíduos, GARF, 63.47.484(35), pp. 20-22ob; sobre proprietários de automóveis, fólios 23, 26-39.
- [22](#) . GARF, 63.47.484(35), p. 9; 63.44.6281, pp. 6-7ob.
- [23](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 15-15ob.
- [24](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 6-9, 40-41; 102.316.381, cap. 1, pp. 24-26.
- [25](#) . GARF, 63.47.484(35), p. 43.
- [26](#) . VR, p. 463.
- [27](#) . FStr, p. 214; VR, pp. 460-61; Belétski, *Vospominaniia* , p. 7.
- [28](#) . Lemke, *250 dnei* , v. 1, p. 31.
- [29](#) . Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 190.
- [30](#) . GARF, 270.1.46, p. 75.
- [31](#) . Amalrik, *Rasputin* , pp. 190-91.
- [32](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 50-50ob; mesmo relato em GARF, 612.1.22, pp. 56-56ob.
- [33](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 46-47ob, 50-50ob, 52-53ob.
- [34](#) . Djunkóvski disse à Comissão que não se recordava da data desse encontro. *Padenie* , v. 5, pp. 100-06; VR, pp. 461-63.
- [35](#) . VR, pp. 461-63. Chavélski, refletindo a visão predominante, descreveu o relatório de Djunkóvski ao tsar como “honesto”. *Vospominaniia* , v. 2, p. 23.
- [36](#) . WC , pp. 160-61; KVD , pp. 213-15. Grafia e pontuação como no original.
- [37](#) . VR, p. 466.

- [38](#) . BA, Vostokov Papers, “Tochnyia dannye”, pp. 20-21; Lemke, *250 dnei* , v. 1, p. 345; *Zhivoe slovo* , 10 mar. 1917, n. 3, p. 3; Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 205, 212.
- [39](#) . VR, pp. 472-74; Románov, *Voennyi dnevnik* , p. 174; PZ, p. 206; Peregudova, *Okhranka* , v. 1, pp. 347-48; Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 23n7.
- [40](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 181:192.
- [41](#) . FR, p. 139; Vasilev, *Okhrana* , p. 152; VR, pp. 463-64; GARF, 1467.1.479, pp. 54ob-55.
- [42](#) . GARF, 111.1.2979a; KVD , pp. 186, 194-95.
- [43](#) . KVD , pp. 196-97, 206.
- [44](#) . Shelley, *Blue Steppes* , pp. 89-90.
- [45](#) . PA, Lockhart Papers, Diaries, LOC/1. Lockhart tampouco faz menção ao incidente do Iar em seus diários publicados. Ver Lockhart, *Diaries* . Sobre a inconfiabilidade das memórias de Lockhart em geral, ver Service, *Spies* , pp. 347-48.

41. MULHERES DE RASPÚTIN

- [1](#) . Shulgin, *Years* , pp. 264-65.
- [2](#) . RRR, pp. 59-60; Rodzianko, *Reign* , pp. 7-9.
- [3](#) . Por exemplo, “Iz startsev, da rannii”, *Nov*’ , 11 abr. 1914 em GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 33.
- [4](#) . RRR, pp. 59-61.
- [5](#) . FR, pp. 45-46; Jukóvskaia, *Moi vospominaniia* , p. 313.
- [6](#) . GARF, 1467.1.701, pp. 233-34. É possível que a carta fosse de Sana Pistolkors.
- [7](#) . Djunkóvski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 335.
- [8](#) . Chulgin, *Dni* , pp. 111-12.
- [9](#) . Shulgin, *Years* , pp. 264-65.
- [10](#) . GARF, 713.1.48, p. 7; [Belling], *Iz nedavnego* , pp. 23-24, 50; RR, p. 400; PK , 7 jul. 1914, p. 1; Jukóvskaia, *Moi vospominaniia* , p. 269.
- [11](#) . GARF, 1467.1.479, p. 5.
- [12](#) . RRR, p. 55.
- [13](#) . FDNO, p. 249.
- [14](#) . VR, pp. 184, 445-46; Jukóvskaia, *Moi vospominaniia* , pp. 295-301, 304.
- [15](#) . PZ, p. 177.
- [16](#) . Jukóvskaia, *Moi vospominaniia* , pp. 254-61, 295-310.
- [17](#) . RR, p. 379; Etkind, *Khlyst* , pp. 522-23.
- [18](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 10-11.
- [19](#) . Jukóvskaia, *Moi vospominaniia* , pp. 271, 280-84.
- [20](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 212.
- [21](#) . *Moi vstrechi* , pp. 11-12. A Okhrana a estava seguindo na época: GARF, 63.47.484(35), pp. 40-41ob.
- [22](#) . *Moi vstrechi* , pp. 14, 16-20, 30. Para um comentário semelhante, ver Sáblin, *Desiat’ let* , p. 307.
- [23](#) . GARF, 111.1.2980, p. 354.
- [24](#) . LP , pp. 373-74; e ver PZ, p. 138.
- [25](#) . Um exemplo frequentemente citado dos relatórios redigidos: “Rasputin v osveshchenii ‘okhranki’”, pp. 272-83. Também: Vulliamy, *Red Archives* , pp. 25-47; LP , pp. 373-74; Shishkin, *Rasputin* , pp. 85-86. O relatório está em GARF, 111.1.2978, pp. 14-28ob.
- [26](#) . Ver PZ, pp. 145-46, 148; Globatchev, *Pravda* , pp. 5-6; VR, pp. 442-43. Sua filha Maria deu

o mesmo argumento primeiro. Ver RRR, p. 60.

- [27](#) . GARF, 111.1.2975, 2976 e 2977 contêm centenas de notas destas.
- [28](#) . GARF, 111.1.2977, pp. 32, 35-35ob.
- [29](#) . GARF, 111.1.2979a, p. 22.
- [30](#) . OR/RNB, 1000.3.439, pp. 6-8.
- [31](#) . GARF, 111.1.2980, p. 398.
- [32](#) . “Rasputin v osveshchenii ‘okhranki’”, pp. 273, 275.
- [33](#) . RR, pp. 292-93, 377.
- [34](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 213-14.
- [35](#) . PZ, p. 197.
- [36](#) . RR, pp. 377, 381.
- [37](#) . GARF, 111.1.2980, pp. 81-91ob. Para mais sobre Raspútín e prostitutas, ver, com cautela, RR, cap. 7, e pp. 159-60, 236-37.
- [38](#) . GARF, 1467.1.479, p. 5ob. Ver também GARF, 111.1.2981b, p. 35.
- [39](#) . LP , pp. 238, 239, 241-43.
- [40](#) . Simanovitch, *Rasputin* , p. 24.
- [41](#) . Krarup, *42 Aar* , pp. 124, 130-31.
- [42](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-1, pp. 27-40.
- [43](#) . RR, p. 175.

42. JANTAR COM RASPÚTIN

- [1](#) . GARF, 111.1.2978; 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 219-19ob; Vulliamy, *Red Archives* , p. 28.
- [2](#) . *Iskry* , n. 27, 1915, p. 215.
- [3](#) . RR, p. 306.
- [4](#) . Esse encontro é relatado na íntegra por Teffi em *GRS* , v. 2, pp. 221-44. Também por Izmáilov no *Petrogradskii listok* . De: RGIA, 472.50.1619, p. 66.
- [5](#) . *GRS* , v. 2, pp. 224-31.
- [6](#) . RGALI, 419.1.799, p. 1.
- [7](#) . *GRS* , v. 2, pp. 232-35.
- [8](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 30ob.
- [9](#) . RR, p. 310; Belétski, *Vospominaniia* , p. 48.
- [10](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 37-40.
- [11](#) . GARF, 111.1.2980, pp. 196-96ob. Ver também FB, pp. 353-54.
- [12](#) . *GRS* , v. 2, pp. 237-38.
- [13](#) . RRR, pp. 62-63.
- [14](#) . [Belling], *Iz nedavnego* , pp. 17, 35.
- [15](#) . GARF, 713.1.52, p. 3.
- [16](#) . Buranov, “Strannik”, p. 56.
- [17](#) . *Padenie* , v. 1, pp. 376-77.
- [18](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 69-71.
- [19](#) . RR, pp. 271-72.
- [20](#) . RRR, pp. 62-63.
- [21](#) . KVD , pp. 63-66; FR, pp. 112-13.
- [22](#) . Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 35-36; PK , 28 maio 1914.
- [23](#) . PZ, pp. 106-07.
- [24](#) . PK , 2 jul. 1914, p. 2. Sobre Churikov: McKee, “Sobering”.

[25](#) . *Moskovskie vedomosti* , 7 mar. 1910, p. 3; *PK* , 26 jan. 1914, p. 3; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 30.

[26](#) . *GRS* , v. 2, pp. 239-41.

43. AS FACES RELIGIOSAS DE RASPÚTIN

[1](#) . Rozanov, *Mimoletnoe* , pp. 56-57, 60, 65-66; idem, *Listva* , pp. 175-76. Rozanov não parece estar se referindo com essa palavra aos camponeses “shtundistas” da Ucrânia, que criaram um movimento religioso após seu encontro com alemães batistas vivendo na região. Ver Coleman, *Russian Baptists* , pp. 13-26.

[2](#) . Erdmann-Pandžić, “ *Poema* ”, lxxiv. Tradução para o inglês de Mariana Markova.

[3](#) . *FStr*, p. 27.

[4](#) . Rozanov, *Apokalipticheskaia sekta* , p. 202. Sobre o *zaddik* , Dresner, *Zaddik* ; e Idel, *Hasidism* , esp. p. 201.

[5](#) . Rozanov, *Apokalipticheskaia sekta* , pp. 202, 204, 206.

[6](#) . NIOR/RGB, 249.4209.13, pp. 65-66.

[7](#) . *FR*, p. 65.

[8](#) . NIOR/RGB, 249.4214.16, pp. 1-2. Essa carta foi interceptada pela polícia, e uma cópia enviada para Djunkóvski, que a manteve em meio a sua “correspondência especialmente secreta”. Ver GARF, 270.1.60, p. 42.

[9](#) . *VR*, p. 114; Etkind, *Khlyst* , pp. 292-303.

[10](#) . *VR*, pp. 114; Kuzmin, *Dnevnik* , p. 564.

[11](#) . *VR*, pp. 342-43; *FN*, pp. 645-48. Sacha, imperatriz Alexandra.

[12](#) . *FB*, p. 352.

[13](#) . Ver Hunt e Kobets, *Holy Foolishness* ; Ivánov, *Holy Fools* .

[14](#) . *VR*, pp. 203-05; *FR*, pp. 64-65; Kobets, *Holy Foolishness* , pp. 27-28.

[15](#) . *WC* , p. 599.

[16](#) . Por exemplo, Svitlana Kobets e Serguei Ivánov. Ver *Holy Foolishness* , p. 16; Ivánov, *Holy Fools* , p. 358. Ivánov, vale notar, baseia sua avaliação de Raspútín nas memórias de Jevakhov.

[17](#) . *GRS* , v. 4, pp. 9-10.

[18](#) . *VR*, p. 210.

44. UM VERÃO DE DIFICULDADES

[1](#) . *WC* , pp. 100, 101n83, 102, 106, 111, 288; Gatrell, *Russia's First* , p. 19.

[2](#) . *LP* , p. 429; *WC* , pp. 147-51, 282.

[3](#) . *WC* , pp. 164-66, 167.

[4](#) . *WC* , pp. 134-35n93; Gatrell, *Russia's First* , pp. 22-23.

[5](#) . *WC* , pp. 140-47; *VR*, pp. 481-82.

[6](#) . *WC* , pp. 146-51; *LP* , pp. 428-29.

[7](#) . *VR*, pp. 482-83; *FB*, p. 231.

[8](#) . Samárin, “*Vstrecha*”, pp. 178-85; *VR*, pp. 485-87.

[9](#) . *VR*, p. 486; BA, Vostokov Papers, “*Tochniya dannye*”, p. 13.

[10](#) . *VR*, pp. 492-93.

[11](#) . GARF, 612.1.22, pp. 66-66ob.

[12](#) . *PZ*, p. 207; “*Rasputin v osveshchenii*”, pp. 275-76.

[13](#) . GARF, 612.1.22, p. 66; GATO, I - 239.1.183, pp. 33-36ob, 52-53ob.

- [14](#) . GATO, I - 239.1.183, pp. 40, 41, 43-45, 49, 52-53ob.
- [15](#) . GARF, 612.1.22, pp. 64-65; PZ, 208-209.
- [16](#) . GATO, I - 239.1.183, pp. 35-39, 53, 64-65ob.
- [17](#) . GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, pp. 170-74; GATO, I - 239.1.183, pp. 64-65ob, 100-100ob.
- [18](#) . WC , p. 158.
- [19](#) . PZ, p. 209; GARF, 111.1.2978, pp. 20-21ob; KVD , p. 222.
- [20](#) . GARF, 612.1.61, p. 101.
- [21](#) . GARF, 111.1.2978, p. 22ob; WC , pp. 193-95, 196, 198, 223.
- [22](#) . GATO, I - 239.1.219, p. 20; I - 239.1.183, pp. 103-03ob.
- [23](#) . GARF, 612.1.22, 76-76a. Um artigo publicado em *Antiguidades Siberianas* na década de 1920 por Piotr Gorodtsov reviveu a história do roubo de cavalos por Raspútín. Apesar disso, não há uma única gota de evidência em arquivo para substanciar a alegação. Ver Onchukov, “P. A. Gorodtsov”, pp. 122-24; Gorodtsov, *Pis'ma* .
- [24](#) . GARF, 612.1.57, p. 20.
- [25](#) . BV , 14 ago. 1915, p. 2; RGADA, 1290.2.4765, p. 1.
- [26](#) . PZ, pp. 212-13.
- [27](#) . BV , 15, 16, e 17 ago. 1915, todos na p. 3.
- [28](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 71; 612.1.22, pp. 81, 89, 91.
- [29](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 64, 66, 69, 70; Románov, *Voennyi dnevník* , p. 174.
- [30](#) . Románov, *Voennyi dnevník* , p. 174; VR, pp. 520-21.
- [31](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 181:190.
- [32](#) . VR, p. 521; Polivanov, *Iz dnevnikov* , p. 214; WC , p. 155n108; GARF, 612.1.22, pp. 87-88.
- [33](#) . GARF, 612.1.57, pp. 4, 47, 48; 612.1.61, p. 147.
- [34](#) . GARF, 612.1.61, p. 81.
- [35](#) . KVD , p. 235.
- [36](#) . GARF, 612.1.22, p. 91.
- [37](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 221-22; BA, Vostokov Papers, “Tochnyia dannye”, pp. 13-14.
- [38](#) . WC , pp. 259-60.

45. O TOVARPAR

- [1](#) . KVD , p. 223; VR, p. 474.
- [2](#) . GARF, 612.1.61, p. 59.
- [3](#) . GATO, I - 239.1.183, pp. 69-71; GARF, 111.1.2978, pp. 20-21ob.
- [4](#) . “Rasputin v osveshchenii”, p. 279.
- [5](#) . RGIA, 1276.11.1484, pp. 3-4ob.
- [6](#) . “Min Bekantskap med Rasputin”, in Riksarkivet, Wilhelm Sarwe Papers, Svenska Missionsförbundet, Om Rasputin (Svenska Publikationer).
- [7](#) . GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, pp. 159-60.
- [8](#) . RGIA, 1276.11.1484, pp. 5-5ob.
- [9](#) . GATO, I - 239.1.183, 73-74. Os testemunhos de Hartevelt e cinco outros passageiros estão em RGIA, 1276.11.1484, 3-8ob; GBUTO/GAGT, I - 331.19.809, pp. 166-69ob.
- [10](#) . GATO, I - 239.1.183, 34-34ob, pp. 72-72ob.
- [11](#) . GARF, 612.1.22, pp. 84-84ob.
- [12](#) . GATO, I - 239.1.183, pp. 78-78ob, 96-97.
- [13](#) . RGIA, 1276.11.1484, pp. 1-2ob, 9-11; Schelking, *Recollections* , pp. 275-76.

- [14](#) . Chernyshev, *Grigorii* , pp. 79-81.
[15](#) . BV , 21 dez. 1916, p. 3.
[16](#) . WC , pp. 181, 188-89; Belétski, *Vospominaniia* , p. 28; VR, pp. 643-45.

46. NICOLAU ASSUME O COMANDO

- [1](#) . YLS, p. 201.
[2](#) . Ver, por exemplo, Figes, *Tragedy* , p. 270; FR, p. 147. Também Gurkó, *Cherty* , pp. 678-82.
[3](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 46-47; Simpson, da Comissão, fez a mesma observação, ressaltando o interesse de Alexandra e Raspútín de proteger Nicolau da influência dos grãodukes e, portanto, seu desprazer com sua decisão de assumir o comando. GARF, 1467.1.479, p. 47ob.
[4](#) . VR, pp. 510-12.
[5](#) . Gippius, *Vospominaniia* , p. 384; idem, *Dnevnik* , v. 1, p. 414. E ver Prichvin, *Dnevnik*, 1914-17, p. 221.
[6](#) . NIOR/RGB, 218.1325.2, pp. 11ob-12.
[7](#) . Iakhontov, *Prologue* , pp. 80-81.
[8](#) . LP , p. 394.
[9](#) . WC , p. 554.
[10](#) . Marie, *Education* , pp. 223-25.
[11](#) . Hall, *Little Mother* , p. 264; Maria Fiódorovna, *Dnevnik imperatritsy* , pp. 88-89.
[12](#) . Iakhontov, *Prologue* , pp. 113-14.
[13](#) . Warth, *Nicholas* , p. 209; VR, pp. 513-14.
[14](#) . Sazonov, *Fateful* , pp. 291, 294.
[15](#) . PAAA, AS 5771, R.20992.
[16](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 190-92, 196-99; FB, pp. 405-06; VR, p. 533.
[17](#) . VVFR , v. 1, pp. 260-63.
[18](#) . VR, p. 532.
[19](#) . NIOR/RGB, 218.1325.2, pp. 15-15ob.
[20](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 146.
[21](#) . GARF, 640.1.323, pp. 8ob-9; KVD , p. 223.
[22](#) . WC , pp. 171-73.
[23](#) . KVD , p. 232.
[24](#) . WC , p. 195.
[25](#) . GARF, 640.1.323, pp. 10ob.
[26](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 22-22ob.
[27](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 51.
[28](#) . “Rasputin v osveshchenii”, p. 40.
[29](#) . WC , pp. 196, 202, 206-07, 235.
[30](#) . RGIA, 472.40 (194/2682).47, pp. 1-4.
[31](#) . RGIA, 777.22.3, pp. 186-86ob.
[32](#) . RGIA, 1617.1.45, pp. 1-2.
[33](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 212.
[34](#) . Shulgin, *Years* , pp. 268-69; Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 176-78.

47. RASPÚTIN, O FAVORITO

- [1](#) . Buranov, "Strannik", p. 56.
- [2](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 13-16.
- [3](#) . VR, pp. 152-53.
- [4](#) . *Padenie* , v. 3, p. 408.
- [5](#) . VR, p. 46. Ver também Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 80; Vasil'ev, *Ochrana* , p. 133.
- [6](#) . GRS , v. 4, pp. 10-11, 21; VR, p. 115.
- [7](#) . VR, p. 436.
- [8](#) . Elliott, *World* , pp. 113, 280, 290.
- [9](#) . OR/RNB, 585, 5696, l. 22.
- [10](#) . BA, Il'ia D. Surgachev Collection. Caixa 7, "Rasputin", pp. 9-10.
- [11](#) . Shulgin, *Years* , p. 263.
- [12](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 143.
- [13](#) . Shulgin, *Years* , pp. 266-67; VR, pp. 142-44.
- [14](#) . *Rech'* , 28 maio 1910, n. 144.
- [15](#) . Gurkó, *Tsar'* , p. 235; VR, pp. 182, 314.
- [16](#) . IMM, p. 209.
- [17](#) . Buranov, "Strannik", p. 56.
- [18](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 20, 39-40.
- [19](#) . VR, pp. 372-73.
- [20](#) . VR, pp. 145, 147, 153.
- [21](#) . Fabritski, *Iz proshlogo* , p. 54.
- [22](#) . Elliot, *World* , p. 219.

48. NOVO ESCÂNDALO

- [1](#) . WC , p. 211n143; GARF, 640.1.323, p. 9ob; VR, pp. 494-501.
- [2](#) . WC , 211n143; GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 74; Chavélski, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 370-73.
- [3](#) . VR, pp. 496-97; VVRF , v. 1, pp. 229-30.
- [4](#) . GARF, p. 102.OO.245.1915.297, pp. 1, 4-5ob, 12, 17.
- [5](#) . WC , p. 219.
- [6](#) . Firsov, *Pravoslavnaia tserkov'* , pp. 235-36. "Stavlennik Rasputina", *Golos Moskvy* , 11 ago. 1913; "Iz pisem gnoma", RGIA, 796.205.809.
- [7](#) . Orechnikov, *Dnevnik* , pp. 45-46. Ver também Romanov, *Voennyi dnevnik* , p. 183.
- [8](#) . *Moskovskii listok* , 14 set. 1915, pp. 1-2; 19 set., p. 2; 20 set., p. 2.
- [9](#) . VR, pp. 494-96.
- [10](#) . WC , pp. 215-22, 229-33, 237, 239, 254-55.
- [11](#) . GARF, 640.1.323, p. 11.
- [12](#) . VR, p. 522.
- [13](#) . WC , pp. 215-18.
- [14](#) . GARF, 612.1.61, p. 93.
- [15](#) . GARF, 111.1.2978, pp. 22ob-23.
- [16](#) . WC , p. 254.
- [17](#) . RGIA, 525.3.529, pp. 2-2ob.
- [18](#) . RGADA, 1290.2.4765, pp. 5-6ob; RGALI, 2167.2.30, pp. 1-1ob.
- [19](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 169-69ob, 203.
- [20](#) . WC , pp. 251, 252, 254; KVD , p. 259.
- [21](#) . VR, p. 205.

- [22](#) . Berdiáiev, *Sud'ba* , pp. 50-55.
[23](#) . “Iz semeinoi perepiski”, v. 2, pp. 140-41.

49. A TROICA

- [1](#) . VR, p. 539; *VVFR* , v. 1, pp. 219-20; *GRS* , v. 2, p. 348.
[2](#) . *GRS* , v. 2, p. 341; Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 202.
[3](#) . Witte, *Iz arkhiva* , v. 1, bk. 2, p. 895.
[4](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 82-83.
[5](#) . RR, p. 363.
[6](#) . *GRS* , v. 2, p. 349.
[7](#) . WC , pp. 213, 225-28, 247, 254.
[8](#) . WC , pp. 213, 214n147.
[9](#) . *VVFR* , v. 1, p. 217; Stogov, “Salon”; FB, pp. 381-82, 387; WC , p. 454; Fuller, *Foe* , p. 70.
[10](#) . Ver Melgunov, *Legenda* , pp. 407-09; *Padenie* , v. 4, pp. 152, 241; Smitten, “Poslednii”, 12:98; VR, pp. 538-39; FB, p. 384. Stogov, corretamente, questiona algumas das histórias mais estranhas. Ver Stogov, “Salon”, pp. 130-31.
[11](#) . FB, pp. 387-88.
[12](#) . RGIA, 1617.1.64, pp. 25-27.
[13](#) . *VVFR* , v. 1, pp. 220-21.
[14](#) . RR, p. 368; Faleev, “Za chto”, p. 173.
[15](#) . VR, pp. 539-40; *GRS* , v. 4, p. 276; FN, pp. 374-75; Martinov, *Moia sluzhba* , p. 217.
[16](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 8, 12-13; VR, p. 540.
[17](#) . Izmozik, *Zhandarmy* , pp. 453-54.
[18](#) . *GRS* , v. 2, p. 349.
[19](#) . Khvostov, “Iz vospominanii”, 163-64; VR, pp. 543-45.
[20](#) . WC , p. 247.
[21](#) . KVD , p. 259.
[22](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 82-83. Cartas de Andrónnikov em Stogov, “Salon”.
[23](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 20-22; Stogov, “Salon”, p. 129.
[24](#) . FR, p. 160; VR, pp. 537-38, 549.
[25](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 23-24; Khvostov, “Iz vospominanii”, pp. 160-62; VR, p. 537; GARF, 1467.1.479, p. 51; Gutchkov, *Guchkov* , pp. 87-88; Savitch, *Vospominaniia* , p. 76. Gurkó mais tarde escreveu a Sazónov e lhe contou que ele e Raspútín estavam à procura de homens que “pudessem dirigir o país”. Gurkó, *Tsar'* , p. 248.
[26](#) . VR, p. 549.
[27](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 71, 82-83.
[28](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 26.
[29](#) . GARF, 602.2.62. Rudnev.
[30](#) . GARF, 111.1.2981a, p. 16.
[31](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 26; GARF, 111.1.2980 tem 453 páginas de tal informação, para citar um arquivo somente.
[32](#) . GARF, 111.1.2981a, pp. 3-3ob; Globatchev, *Pravda* , pp. 74-75. Para listas de seus visitantes: GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 15-21ob, 27-29, 34-35, 44-54, 56-61. Sobre o material de 1916: GARF, 111.1.2981. Sobre a carta australiana: GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 2-7, 10.
[33](#) . GARF, 111.1.2981, pp. 92, 113.
[34](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 73-75; VR, p. 683.

- [35](#) . VR, p. 557.
- [36](#) . WC , p. 312.
- [37](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, p. 100.
- [38](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 26, 48.
- [39](#) . WC , p. 288.
- [40](#) . Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 154.
- [41](#) . GARF, 63.47.484(35), pp. 65-67; 102.316.381, cap. 1, pp. 89, 91, 149, 157-58, 161.
- [42](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 200-01; FStr, p. 258; PZ, p. 97.
- [43](#) . *Otkliki na zhizn'* , n. 1, 1915, pp. 94-96.
- [44](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 116, 118, 129. Cópia do artigo de 25 nov. 1915 de Prugavin no *Russkie vedomosti* : fólho 155.
- [45](#) . GBUTO/GAGT, I - 733.19.809, p. 180.
- [46](#) . Bogoslovskii, *Dnevnik* , p. 508n46; RGALI, 2167.2.43; Lemke, *250 dnei* , v. 2, pp. 299-300; FSu, p. 306.
- [47](#) . Chebotariova, "V dvortsovom lazarete", 181:203.
- [48](#) . GARF, 102.OO.245.1915g.167, cap. 52, p. 8; e cap. 80, pp. 23-23ob.
- [49](#) . PAAA, R.20986; e R.9208, R.20994.
- [50](#) . PAAA, 6370, R. 20987; 3657, R. 20986.
- [51](#) . PAAA, AS 5771, R.20992.
- [52](#) . Khvostov, "Iz vospominanii", pp. 166-67.
- [53](#) . PA, Lockhart Papers, Diaries, LOC/1. 27 out. 1915.

50. RUA GOROKHOVAIA, NO 64

- [1](#) . GARF, 613.1.28, pp. 12-13ob.
- [2](#) . FStr, p. 457; FB, pp. 358-59; GARF, 102.1916.246.357, p. 62. Outras fontes sugerem que foi pago pelo pai de Vírubova ou Dmítri Rubinshtein. Ver Amalrik, *Rasputin* , p. 195; FR, p. 137.
- [3](#) . GARF, 102.1916.246.357, p. 62 — sobre os Gaponov; 1467.1.479, p. 11 — sobre Blagoveschenski.
- [4](#) . Buranov, "Strannik", pp. 55-56; Globatchev, *Pravda* , p. 68; RRR, p. 99; FStr, p. 457; Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , pp. 390-91. Sobre Anna: GARF, 102.314.35, pp. 13-13ob.
- [5](#) . FDNO, p. 249, inclusive n13.
- [6](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 32. Sobre sua verdadeira dieta: RRR, p. 49.
- [7](#) . Buranov, "Strannik", p. 55; FB, pp. 360-61; Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , p. 393.
- [8](#) . RRR, pp. 50-53.
- [9](#) . PK, 30 jan. 1914, p. 3. Também: PK , 5 fev. 1914, p. 3.
- [10](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 51-52; Globatchev, *Pravda* , p. 69.
- [11](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 11-12ob.
- [12](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 51-52; Globatchev, *Pravda* , p. 70; AV, pp. 445-48; RR, pp. 372-74, 378; "Rasputin v osveshchenii", p. 280.
- [13](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 11ob-12.
- [14](#) . GARF, 1467.1.628, pp. 6-7. Ver também: GARF, 1467.1.710, pp. 4-5ob; VR, pp. 449-52; Amalrik, *Rasputin* , p. 194; FStr, p. 291.
- [15](#) . GARF, 1467.1.710, p. 1. E a carta do funcionário em desgraça Kuzma Ustichev em GARF, 612.1.10.
- [16](#) . "Poslednii vremenshchik", v. 12, p. 96.
- [17](#) . Ver, por exemplo, a carta do arcipreste Khristofor, 20 ago. 1914 em GARF, 1467.1.710,

pp. 203-203ob, 221.

- [18](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 21, 26, 134, 201.
- [19](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 229.
- [20](#) . GARF, 1467.1.710, pp. 166a-66aob.
- [21](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 236, 240-40ob.
- [22](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 122.
- [23](#) . Ver, por exemplo, OR / RNB, 781.1207, pp. 1-3; Belétski, *Vospominaniia* , pp. 51-52.
- [24](#) . GARF, 102.OO.71.1914g.27, p. 361.
- [25](#) . Románov, *Voennyi dnevník* , p. 208.
- [26](#) . Buranov, “Strannik”, p. 56; RRR, p. 52.
- [27](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 68; *LP* , p. 455.
- [28](#) . Vasilev, *Ochrana* , p. 142; FR, p. 137.
- [29](#) . Bogdanovitch, *Tri poslednikh* , p. 493.
- [30](#) . GARF, 102.316.1910.381, cap. 2, p. 5.
- [31](#) . *LP* , p. 455; RR, p. 97.
- [32](#) . FR, pp. 108-11; GARF, 97.4.118, pp. 14-16, e 602.2.62; GRS , v. 4, p. 24; FN, pp. 418-29.
- [33](#) . RRR, pp. 55-56. Sobre o seu número de telefone: Dzhanumova, *Moi vstrechi* , p. 23.
- [34](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 32; *PK* , 5 fev. 1914, p. 3.
- [35](#) . RGALI, 2167.2.43, p. 105.
- [36](#) . RRR, pp. 56-57.
- [37](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 11-12ob.

51. FORÇAS OBSCURAS E CHOFERES ENSANDECIDOS

- [1](#) . Sobre Purichkévitch, ver Coonrod, “The Fourth Duma”, pp. 4-5.
- [2](#) . Gippius, *Vospominaniia* , p. 384.
- [3](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 77-78.
- [4](#) . FR, pp. 177-78; Rogger, *Russia* , pp. 262-63.
- [5](#) . WC , p. 131.
- [6](#) . Após a morte de Raspútín, correu o boato (incorreto) de que ele havia adquirido grande riqueza com suas ações com a Bogatir. Ver: *Kazn’ Grishki Rasputina*, *Al’manakh “Svoboda”* , v. 1, p. 7; Sokolov, *Temnye sily* , pp. 4-6. Sobre Tatíschev: Bokhanov, *Delovaia elita* , p. 231.
- [7](#) . Stogov, “Salon”, p. 130.
- [8](#) . WC , p. 304.
- [9](#) . Ol’denburg, *Tsarstvovanie* , pp. 577-78n; GARF, 1467.1.13, pp. 38-38ob.
- [10](#) . WC , pp. 188-89, 273-74, 292-93, 295, 307, 314.
- [11](#) . GARF, 640.1.323, p. 12. E sua carta de 7 out. em GARF, 111.1.2978, p. 23.
- [12](#) . WC , pp. 272-73.
- [13](#) . Rogger, *Russia* , pp. 257-60; Riasanovsky, *History* , p. 392; Gatrell, *Russia’s First* , p. 77.
- [14](#) . Lincoln, *Passage* , pp. 136-37.
- [15](#) . Fuller, *Foe* , pp. 109, 259-60.
- [16](#) . Lodijenski, *Misticheskaiia trilogiia* ; Vetukhov, “Mikroby”.
- [17](#) . Fuller, *Foe* , pp. 182-83; Lohr, *Nationalizing* , pp. 1-3, 18-22, 166-68; GARF, 102.OO.1915g.245.167, cap. 167, pp. 30, 75ob.
- [18](#) . Fuller, *Foe* , pp. 1-9, 140, 141-49, 262.
- [19](#) . PA, Lockhart Papers, Diaries, LOC/1, 10 mar. 1915.
- [20](#) . Lohr, *Nationalizing* , pp. 1-3, 31-35, 42, 53; WC , p. 136; Marie, *Education* , pp. 198, 219.

- [21](#) . BA, Vostokov Papers, “Tochnyia dannye”, p. 23.
- [22](#) . Sokolov, “Predvaritel’noe sledstvie”, p. 284.
- [23](#) . HHStA, MdÄ Zeitungsarchiv, pp. 162-63.
- [24](#) . PAAA, AS 5047, R.20457. Telegrama secreto codificado do secretário de Estado Gottlieb von Jagow, datado de 26 set. 1915. Este telegrama foi apresentado ao kaiser, e ele lhe deu a aprovação em 27 de setembro. O conde Eulenburg provavelmente se refere a Philip de Eulenburg, diplomata e estreito amigo de Guilherme II.
- [25](#) . PAAA, AS 5047, R.20457, Relatório de 27 set. 1915. Sobre os membros do “Hofpartei”, ver *Golos minuvshogo* , n. 4-6, 1918, p. 36.
- [26](#) . WC , p. 201.
- [27](#) . GARF, 102.OO.245.1915g.244, cap. 1, p. 3.
- [28](#) . Ver Coonrod, “Fourth Duma”.
- [29](#) . WC , pp. 152-53.
- [30](#) . VR, pp. 517-18.
- [31](#) . Coonrod, “Fourth Duma”, p. 193; Rogger, *Russia* , p. 263; Ol’denburg, *Tsarstvovanie* , p. 573; Iussúpova em RR, p. 339. Também: Schelking, *Recollections* , pp. 275-76.
- [32](#) . Ferro, *Nicholas II* , p. 171; *Gosudarstvennaia Duma* , pp. 357-59.
- [33](#) . FR, pp. 161-62; WC , pp. 292-93.
- [34](#) . “Aleksandro-Nevskaia Lavra”, p. 207.
- [35](#) . WC , pp. 298-300, 304-05, 309-10, 317.

52. OUTRO MILAGRE

- [1](#) . WC , pp. 322-23; *VVFR* , v. 1, pp. 279-80.
- [2](#) . WC , p. 323; Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), pp. 170-71; VR, pp. 523-24.
- [3](#) . Rassulin, *Vernaia Bogu* , pp. 124-25; Paléologue, *Ambassador’s Memoirs* , v. 2, pp. 134-35.
- [4](#) . Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), pp. 170-71.
- [5](#) . *Padenie* , v. 4, p. 307.
- [6](#) . GARF, 111.1.2979a, pp. 146-47, 152, 161.

53. REVOLUÇÃO NO AR

- [1](#) . Murat, *Raspoutine* , pp. 52-53.
- [2](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Nouvelle série, 1896-1918, “Guerre, 1914-1918”: répertoires. Dossier Général, n. 641. “Mission en Russie”, pp. 56, 80-81. Também: Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 206.
- [3](#) . GARF, 102.316.318, cap. 1, pp. 159-60.
- [4](#) . Lemke, *250 dnei* , v. 2, pp. 300-01, 464.
- [5](#) . NIOR/RGB, 140.7.9, p. 11ob.
- [6](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 524.
- [7](#) . VR, pp. 608-09. “Austriacos” refere-se a prisioneiros de guerra sendo mantidos na Rússia.
- [8](#) . GARF, 613.1.40, pp. 1-4.
- [9](#) . FSA, p. 337; WC , pp. 353-54; “Rasputin v osveshchenii”, p. 284.
- [10](#) . FSA, pp. 337-38; Bondes: Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 188.
- [11](#) . Bontch-Bruievitch, *Vsia vlast’* , pp. 73-74.
- [12](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 318.
- [13](#) . Informação de visitas extraída de arquivo policial: GARF, 111.1.2979a.

- [14](#) . GARF, 111.1.2979a, pp. 121, 123ob, 125, 132ob, 136, 142, 150ob, 153ob, 160, 179.
- [15](#) . GARF, 111.1.2979a, pp. 239-39ob, 250, 258; Vulliamy, *Red Archives* , p. 47; Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 11-12.
- [16](#) . PZ, p. 188; WC , p. 362; KVD , p. 305.
- [17](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 57-58; RR, pp. 382-83; FDNO, p. 265.
- [18](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 181:217; Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 209; FSA, p. 339; Orechnikov, *Dnevnik* , p. 59; PAAA, R.10740; CUL, Templewood Papers, II:1 (16). Que conde Orlov-Davidov era esse jamais foi esclarecido.
- [19](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 175, 183.

54. MINISTRO TRAMA ASSASSINATO

- [1](#) . FR, pp. 163-65; WC , pp. 352, 357n201; Belétski, *Vospominaniia* , p. 21; VR, pp. 562-63; SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, p. 320.
- [2](#) . VR, pp. 559-60.
- [3](#) . *Padenie* , v. 6, pp. 79-80.
- [4](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 54ob-55; “Poslednii vremenshchik”, v. 1 (1965), p. 106; VR, pp. 558-59; Belétski, *Vospominaniia* , pp. 27-28.
- [5](#) . GRS , v. 2, pp. 345-46. Sobre Spiridóvitch: Lauchlan, *Hide* , pp. 124-25.
- [6](#) . Gippius, *Dnevnik* , v. 1, p. 419.
- [7](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 83-84; Peregudova, *Okhranka* , v. 1, p. 398; *New York Times* , 14 dez. 1924, p. 73.
- [8](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 84.
- [9](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 61-65.
- [10](#) . *Padenie* , v. 4, p. 69.
- [11](#) . VR, pp. 560-61; GARF, 1467.1.479, pp. 58-58ob; Belétski, *Vospominaniia* , pp. 61-65. Sobre as tentativas de Khvostov de livrar-se de Raspútín: *Padenie* , v. 1, pp. 40-43.
- [12](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 63-65. Khvostov contou à Comissão uma história muito diferente sobre gatos envenenados: *Padenie* , v. 1, p. 43.
- [13](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 278-79; GARF, 1467.1.479, pp. 58-58ob.
- [14](#) . BA, Z. A. Rjévskaja, Ms., 1965, p. 1; *Padenie* , v. 1, pp. 40-42.
- [15](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 84-85. Sobre sua biografia: VR, p. 563; SML, Spiridovich Papers, n. 359, 14/1, p. 1; GRS , v. 2, pp. 341-44. Visita a Ilíodor: GARF, 102.316.1910.381, pp. 199-99ob.
- [16](#) . Lemke, *250 dnei* , v. 2, p. 365.
- [17](#) . Clipagem: 1101.1.1073; BV , 7 mar. 1916, p. 3; “Aleksandro-Nevskaia Lavra”, p. 205.
- [18](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 1-5.
- [19](#) . BA, Z. A. Rjévskaja, Ms., p. 1; GARF, 1467.1.709, 43-46ob; 102. OO.1916r.246.56, cap. 2 166-66ob; BV , 6 mar. 1916, p. 5; “Aleksandro-Nevskaia Lavra”, 206.
- [20](#) . Clipagem de jornais, 29 mar. 1916 (NE), em RGIA, 1101.1.1073.
- [21](#) . GARF, 1467.1.709, p. 65.
- [22](#) . Clipagem, RGIA, 1101.1.1073.
- [23](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 84-85; BA, Z. I. Rjévskaja ms, p. 1. Belétski dá um relato diferente de como ficou sabendo dos planos de Rjévski: BV , 7 mar. 1916, p. 3.
- [24](#) . Lemke, *250 dnei* , v. 2, p. 367-68; SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 279-88, e caixa 14/1, p. 1.
- [25](#) . Sotheby’s, venda 2 jun. 2006, notas para o Lote 115.
- [26](#) . GARF, 612.1.25, 1-5; Lemke, *250 dnei* , v. 2, pp. 366-67; SML, Spiridovich Papers, caixa 6,

pasta 3, pp. 279-88; e c 14/1, p. 1; *Padenie*, v. 2, pp. 167-70.

[27](#) . GARF, 612.1.25, pp. 1-5.

[28](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 6, 67, 83; 612.1.25, pp. 1-5; Globatchev, *Pravda*, p. 86.

[29](#) . GARF, 612.1.25, p. 5ob; 102.OO.1916g.246.56, cap. 2, pp. 166-66ob.

[30](#) . KVD, pp. 310-11.

[31](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 4-5. Quando Raspútín deixou de responder, Iliodor enviou um segundo telegrama em 17 fev. GARF, 1467.1.709, p. 33.

[32](#) . GARF, 612.1.25, pp. 1-5ob.

[33](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 54-56.

[34](#) . LP, p. 454.

[35](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 1-3ob, 43-46ob.

[36](#) . Lemke, *250 dnei*, v. 2, pp. 369-70; Globatchev, *Pravda*, pp. 86-87.

[37](#) . WC, p. 403n232; VR, pp. 592-93; Izmozik, *Zhandarmy*, p. 455.

[38](#) . Clipagem, RGIA, 1101.1.1073; GARF, 601.1.1101, pp. 1-1ob; Lemke, *250 dnei*, v. 2, p. 371; SML, Spiridovich Papers, ms. 359, caixa 14, pasta 4; BV, 6 mar. 1916, p. 5.

[39](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 293-94. Elipses no original.

[40](#) . WC, p. 393.

[41](#) . Lemke, *250 dnei*, p. 371.

[42](#) . HIA, Vasily Maklakov Collection, 15-14, pp. 9-10; GARF, 1467.1.479, p. 61; Melgunov, *Vospominaniia*, v. 1, p. 211.

[43](#) . WC, p. 418.

[44](#) . GARF, 612.1.61, p. 34.

[45](#) . *New York Times*, 14 dez. 1924, p. 73.

[46](#) . VVFR, v. 2, pp. 55-56.

[47](#) . WC, pp. 399, 406. As cartas podem na verdade ter vindo do príncipe Andrónnikov. Ver VR, pp. 568-69.

[48](#) . BV, 6 mar. 1916, p. 6; 7 mar., p. 3; KVD, p. 320; Izmozik, *Zhandarmy*, p. 455.

[49](#) . VVFR, v. 2, pp. 63-64.

[50](#) . Tikhomirov, *Dnevnik*, pp. 212-13. Gippius, como Miliukov, recusou-se a acreditar na verdade sobre Khvostov e insistiu que Raspútín forjou o escândalo para derrubá-lo. Ver Gippius, *Dnevnik*, v. 1, pp. 427-28.

[51](#) . Melgunov, *Vospominaniia*, v. 1, pp. 206-07.

[52](#) . Amalrik, *Rasputin*, p. 233.

[53](#) . BA, Z. I. Rjévskaja, ms., pp. 2-4.

[54](#) . RGIA, 878.2.186, p. 158.

[55](#) . GARF, 111.1.2978a, p. 258.

[56](#) . GARF, 102.OO.1916g.246.56, cap. 2, pp. 166-67ob.

55. ILIODOR NA AMÉRICA

[1](#) . Melgunov, *Vospominaniia*, v. 1, p. 214.

[2](#) . PZ, pp. 98-99; GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 188-88ob; 1467.1.709, p. 31.

[3](#) . PZ, p. 99; GARF, 1467.1.709, p. 31; 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 109-09ob. Sobre Bernstein e a expedição, Kraft, *Peace Ship*, pp. 104-05, 108, 148-51.

[4](#) . *Aftenposten*, 29 mar. 1916, clipagem em: RGIA, 1101.1.1073.

[5](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 156, 164, 173, 177-77ob, 186, 197-97ob, 204-06.

[6](#) . Data da sua partida: Entrevista de Iliodor, *Aftenposten*, 29 mar. 1916, clipagem em RGIA,

1101.1.1073. Sobre sua concordância em fazer o jogo: GARF, 1467.1.709, p. 41; e suas palavras para o jornal *Norske Intelligenz-Seddele* no fim de mar. 1916. In: GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 210-10ob.

[7](#) . WC , p. 407.

[8](#) . Sobre Perang (também Pirang): Tabachnik, *Krestnyi put'* , pp. 523-26; *Padenie* , v. 4, pp. 31, 68, 440; sobre Borkh: *Padenie* , v. 1, pp. 43, 66; v. 4, pp. 393-97; v. 7, p. 310.

[9](#) . IMM, pp. 328-37; GARF, 1467.1.709, pp. 42-42ob; 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 109-09ob; PZ , p. 98.

[10](#) . GARF, 602.2.62, Rudnev, "Pravda"; Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 342.

[11](#) . GARF, 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 3-3ob.

[12](#) . PAAA, 15986, R.20996. Telegrama de 15 de junho 1916 (NE) para Bethmann-Hollweg.

[13](#) . Cook, *To Kill* , pp. 232-39.

[14](#) . GARF, 1467.1.709, pp. 21-22, 26, 32, 34, 36. Sobre Nikítina: *Padenie* , v. 2, pp. 47-48, v. 3, p. 390.

[15](#) . GARF, 102.253.188, pp. 1-6ob; 1467.1.709, p. 16. Bernstein publicou, sim, passagens no jornal. *Der Tag* , antes de ser processado por uma publicação rival. *New York Times* , 3 jan. 1917 (NE), p. 4; sobre a disputa, ver 30, 31 dez. 1916.

[16](#) . *New York Times* , 24 out.; 3 nov.; 30, 31 dez. 1916; GARF, 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 103-04.

[17](#) . *New York Times* , 27 dez. 1916; GARF, 102.314.36.

[18](#) . *New York Times* , 24 set.; 24 nov. 1917.

[19](#) . FN, pp. 13, 566-67.

[20](#) . RRR, p. 64.

56. CONOSCO OU COM ELES

[1](#) . *Petrogradskii listok* , 28 fev. 1916, p. 2.

[2](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 84-86; VR, pp. 579-80; *Padenie* , v. 3, pp. 396-98.

[3](#) . NA, FO 371/2746, n. 212150. Texto original em russo em: CUL, Templewood Papers, II:1 (11).

[4](#) . WC , pp. 292-93; FR, pp. 174-77.

[5](#) . GARF, 613.1.40, pp. 1-4.

[6](#) . WC , p. 562n339.

[7](#) . FR, pp. 171-72; "Aleksandro-Nevskaia Lavra", pp. 200-01.

[8](#) . VR, pp. 583-85; Chavélski, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 375-76, 383-85.

[9](#) . KVD , p. 286; WC , pp. 292-93, 301. Notar: o texto incorretamente dá a substituição de Pitirim como Alexei, bispo de Pskov.

[10](#) . FR, p. 174.

[11](#) . GARF, 102.316.381, cap. 1, pp. 214-17ob.

[12](#) . "Aleksandro-Nevskaia Lavra", pp. 201-05; FR, p. 174; GARF, 1579.1.139, pp. 1-17. A homossexualidade de Pitirim era de conhecimento geral na época. Ver Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 203.

[13](#) . *Nov'* , 30 mar. 1914; *PK* , 29 mar. 1914, p. 2; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, 26. Sobre Isidor: VR, pp. 658, 701-02; FR, pp. 173-74; WC , p. 617.

[14](#) . *TsM* , 2 jun. 1910, p. 2.

[15](#) . Shulgin, *Years* , p. 254.

[16](#) . Schelking, *Recollections* , p. 280; Buchanan, *Dissolution* , p. 142; Hoare, *Fourth Seal* , p. 344.

- [17](#) . FR, p. 163.
- [18](#) . WC , pp. 352, 357n201.
- [19](#) . GARF, 1467.1.13, p. 4.
- [20](#) . FR, pp. 357-58. Apelido: “Aleksandro-Nevskaia Lavra”, p. 208.
- [21](#) . Globatchev, *Pravda* , pp. 91-92.
- [22](#) . WC , pp. 413, 554 n 336, 561.
- [23](#) . GARF, 640.1.323, p. 13ob.
- [24](#) . FR, p. 178; OR/RNB, 1000.2.765, p. 301.
- [25](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 212-21; WC , pp. 421, 600, 628; VR, pp. 610-13.
- [26](#) . WC , pp. 437-38.
- [27](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 222; Lemke, *250 dnei* , v. 2, p. 648.
- [28](#) . KVD , pp. 331, 335-36; GARF, 1467.1.479, pp. 18ob-19.
- [29](#) . As datas foram registradas pela polícia em GARF, 111.1.2979a; Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), pp. 225, 260.
- [30](#) . Markow, *Wie* , p. 195.
- [31](#) . RRR, p. 108.
- [32](#) . Shishkin, *Rasputin* , pp. 231-39; OR/RNB, 1000.1975.22, p. 35ob; GARF, 111.1.2981, pp. 533, 535. A polícia deu seu nome como Semen Ivánovitch Pkhakadze. Sobre seu serviço nas guardas: GARF, 102.1916.246.357, pp. 36-36ob.
- [33](#) . RR, p. 385.
- [34](#) . RRR, pp. 109-10; HL/Sokolov, v. VII: depoimento de M. Soloviova (Raspútina), sem data. Oleg Shishkin acredita que Pkhakadze havia usado Maria para aproximar-se de Raspútin como parte de uma conspiração para assassiná-lo. *Rasputin* , pp. 231-39.
- [35](#) . HL/Sokolov, v. VII: depoimento de B. N. Soloviov, 31 dez. 1919. Sobre os pais de Boris: “Rasputin v osveshchenii”, pp. 272n6, 277-28.
- [36](#) . RRR, pp. 16-17, 111-12; HL/ Sokolov, v. VII: depoimento de M. Soloviova (Raspútina), sem data.
- [37](#) . RRR, pp. 113-15; Steinberg, *Fall* , pp. 390-91; Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 114-16; FN, p. 326.
- [38](#) . WC , pp. 392n225, 393, 406.
- [39](#) . Sobre a campanha, Dowling, *Brusilov* , esp. pp. 67, 98, 167-76.
- [40](#) . WC , pp. 488, 546, 603, 608, 611, 611n372, 612.
- [41](#) . O estudo de maior autoridade em inglês nem sequer menciona Raspútin. Dowling, *Brusilov* . Ver também FR, pp. 152-53; WC , p. 567n341.

57. RASPÚTIN ESPÍÃO?

- [1](#) . Paxman, “Strange Death”.
- [2](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 301, 311-13; Tikhomirov, *Dnevnik* , pp. 211, 304, 307.
- [3](#) . YLS, pp. 202-03.
- [4](#) . WC , pp. 476n281a, 490.
- [5](#) . *Rasputin* , pp. 95-99. Andrew Cook fez outra tentativa malsucedida de provar que Raspútin era espião em seu *To Kill Rasputin* de 2005. Ver pp. 138-39. Shishkin faz um bom trabalho derrubando o argumento de Cook. Ver seu *Rasputin* , pp. 195-207. Nikolai Sokolov, o investigador do assassinato dos Románov, acreditava que Raspútin era um espião, assim como Aleksandr Kérenski. Ver Sokolov, *Ubiistvo* , p. 109; VR, p. 672. Mikhail Komissárov, aquele da “troica”, também argumentava que Raspútin e Voeikov foram responsáveis. Ver sua história no *New York Times* , 12 out. 1924, p. 179.

- [6](#) . Maud, *One Year* , p. 200.
- [7](#) . Le Queux, *Rasputin* , pp. v, 115-17, 123-24.
- [8](#) . Omessa, *Rasputin* , pp. 90-96.
- [9](#) . PAAA, 3439, R.20366.
- [10](#) . PAAA, R.10684; 5943.R.10740. Sobre Lucius e suas atividades na Suécia: Nekludov, *Diplomatic Reminiscences* , pp. 338-43.
- [11](#) . PAAA, 15260 e 15986, R.20996. Sobre Ropp e a liga: Zetterberg, *Die Liga* .
- [12](#) . PAAA, R.20467.
- [13](#) . PAAA, A 35162, R.3079.
- [14](#) . PAAA, 1001, R.20380.
- [15](#) . PA, E/3/23/4, pp. 7-8.
- [16](#) . KVD , p. 506.
- [17](#) . Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 132, 170, 184.
- [18](#) . BA, Vostokov Papers, “Tochnye dannye”, pp. 4, 15-17; ver também Maud, *One Year* , p. 191. E as palavras de Senin em *Iuzhnaia zaria* , 4 jun. 1910, p. 2.
- [19](#) . Rodzianko, *Reign* , p. 30.
- [20](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 49.
- [21](#) . Ver Berger, “European Freemasonries”; idem, “Local — National — Transnational Heroes.”
- [22](#) . Ver, por exemplo, PZ, pp. 54-55, 62-63; VR, pp. 171-72.
- [23](#) . A lista mais confiável de maçons russos não inclui Gutchkov. Ver Serkov, *Russkoe masonstvo* . Para mais sobre Raspútín-maçons, ver VR, pp. 334-35.
- [24](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 116.
- [25](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, pp. 83-84, 204-206ob.
- [26](#) . FN, p. 11; GARF, 612.1.42, p. 5ob.
- [27](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 60, 72-73, 81.
- [28](#) . VR, pp. 636-37.
- [29](#) . FStr, pp. 295-303.
- [30](#) . YLS, pp. 227, 231, 233. Sobre os fantasiosos homens “verdes”, ver Melgunov, *Legenda* , pp. 379-89.
- [31](#) . VR, pp. 672-73; Bontch-Bruievitch, *Vsia vlast’* , pp. 73-74; Sokolov, *Ubiistvo* , p. 109; idem, “Predvaritel’noe sledstvie”, pp. 282-87.
- [32](#) . FR, pp. 145-46; Shishkin, *Rasputin* , pp. 173-85; GARF, 102.1916.246.357, pp. 36-36ob; 111.1.2979a, p. 291.
- [33](#) . GARF, 102.1916.246.357, p. 37. Shishkin tenta, sem nenhuma evidência digna de crédito, retratar Gyulling como espião. Ver seu *Rasputin* , pp. 173-85.
- [34](#) . Shishkin, *Rasputin* , pp. 184-85, 211-16; Bontch-Brueivitch, *Vsia vlast’* , p. 73; Danilov, *Na puti* , pp. 180-81; PA, LG/F/59/1/9; Nekludoff, *Diplomatic Reminiscences* , pp. 458-59; *Padenie* , v. 2, pp. 24-25.
- [35](#) . *Russia in Transition* , carta de Phillips a Francis, 23 mar. 1916.
- [36](#) . NA/US, RG165, Box 2040; NA2, M1194r161, MID, “Ivan Narodny”, Arquivo 9140-2525/224, 21 jan. 1918; NA2, M1194r161, MID, “Ivan Narodny”, Arquivo 274, 27 abr. 1918; NA/US, RG 165, Caixa 2073.
- [37](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 32-32ob; Rudnev, *La verite* ; Fuller, *Foe* , pp. 150-59; Pomeranz, “Provisional Government”.

58. RASPÚTIN E OS JUDEUS

- [1](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 26ob.
- [2](#) . Firsov, in Tereshchuk, *Grigorii Rasputin* , pp. 484-86.
- [3](#) . PZ, p. 196.
- [4](#) . VR, p. 620; Globatchev, *Pravda* , p. 72; Slizberg, *Dela* , v. 3, p. 349; HIA, Batiuchin, “V chem byla sila”; FN, pp. 30-31.
- [5](#) . Ver FN, pp. 30-32.
- [6](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [7](#) . PK , 11 abr. 1914, p. 2; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 34-45.
- [8](#) . Sobre Dobrovolski: Globatchev, *Pravda* , p. 72; RR, pp. 276-77; FR, pp. 137-38; FB, p. 381; VR, p. 455; *Padenie* , v. 5, pp. 238-39.
- [9](#) . GRS , v. 1, pp. 370-71.
- [10](#) . Ver, com enorme cautela, o capítulo “Rasputin i evrei” em Simanovitch, *Rasputin* , pp. 42-48.
- [11](#) . Slizberg, *Dela* , v. 3, pp. 347-48.
- [12](#) . GARF, 102.316.1910.381, p. 152.
- [13](#) . GRS , v. 2, p. 347; VR, pp. 614-18.
- [14](#) . Slizberg, *Dela* , v. 3, pp. 347-49.
- [15](#) . Melgunov, *Vospominaniia* , v. 1, p. 205.
- [16](#) . RR, 279-80; Bokhanov, *Delovaia elita* , p. 217; *Padenie* , v. 7, p. 412; VR, pp. 629-30; PZ, pp. 188-89.
- [17](#) . GARF, 111.1.2980, pp. 196-96ob.
- [18](#) . VR, p. 631.
- [19](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 72; RR, pp. 280-81; Bokhanov, *Delovaia elita* , p. 178; *Padenie* , v. 1, pp. 178-80; Gutchkov, *Guchkov* , pp. 88-89.
- [20](#) . HIA, Batiuchin, “V chem byla sila Rasputina”, pp. 3, 26-35, 61-66, 69-71; VR, pp. 623-26, 631; Batiuchin, *Tainaia* , p. 219; Fuller, *Foe* , pp. 150-59, 163-69.
- [21](#) . GARF, 111.1.2980, p. 213.
- [22](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 2, p. 133; *Den*’ , 21 dez. 1916, p. 72; FR, 137; Lemke, *250 dnei* , v. 2, p. 346; *Za kulisami* , pp. xiii, 31.
- [23](#) . GARF, 713.1.9, pp. 1-1ob.
- [24](#) . VR, pp. 620, 627-30; HIA, Batiuchin, “V chem byla sila Rasputina”, pp. 61-66, 69-71.
- [25](#) . *Padenie* , v. 6, pp. 390-91; Gessen, “Ignatii”.
- [26](#) . HIA, Batiuchin, “V chem byla sila Rasputina”, pp. 3, 26-35.
- [27](#) . VR, pp. 633; Melgunov, *Legenda* , pp. 398-403.
- [28](#) . GARF, 102.314.35, p. 29; WC , pp. 573-75; Lauchlan, *Hide* , p. 182; VR, pp. 638-40; comentário dos editores em Batiuchin, *Tainaia* , pp. 244-48.
- [29](#) . GARF, 102.314.35, p. 29; *Gosudarstvennaia Duma* , pp. 234-35.
- [30](#) . Sobre esta interpretação, ver comentário dos editores em Batiuchin, *Tainaia* , pp. 246-48.
- [31](#) . VR, pp. 640-41; Simanovitch, *Rasputin* , pp. 108-09.
- [32](#) . GARF, 1467.1.13, pp. 26ob, 38.
- [33](#) . Sokolov, “Predvaritel’noe sledstvie”, pp. 282-87.
- [34](#) . WC , p. 607; VR, p. 632; *Den*, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 74; Rassulin, *Vernaia Bogu* , pp. 317-18.
- [35](#) . VR, p. 632; *Padenie* , v. 2, p. 326.
- [36](#) . WC , pp. 666-68. A data do atentado é citada erroneamente como 22 de dezembro. VR, p. 640.
- [37](#) . Nekludoff, *Diplomatic Reminiscences* , p. 452.
- [38](#) . WC , pp. 677-68.
- [39](#) . *Padenie* , v. 5, pp. 238-39.

[40](#) . SML, Spiridovich Papers, 359, caixa 14, pasta 5, clipagem.

[41](#) . *Odesskiiia novosti* , 22 dez. 1916, p. 2.

59. “ O SOL BRILHARÁ...”

[1](#) . WC , pp. 498-99, 507; Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , pp. 392-97; KVD , pp. 331-32, 355.

[2](#) . GARF, 612.1.61, p. 79.

[3](#) . WC , pp. 340-41, 496-98, 505, 508, 532, 541, 546; Pipes, *Russian Revolution* , p. 83.

[4](#) . Faleev, “Za chto”, p. 173.

[5](#) . WC , pp. 473-74.

[6](#) . RGIA, 1617.1.63, pp. 53-54ob.

[7](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 67.

[8](#) . FR, pp. 174-76; WC , p. 571.

[9](#) . WC , p. 562n339.

[10](#) . KVD , p. 360.

[11](#) . WC , p. 529.

[12](#) . CU, Bakhmeteff Archive, Tikhobrazov Papers, caixa 3, Rasputin i stavka, pp. 5-11.

[13](#) . WC , pp. 547, 655.

[14](#) . VR, pp. 609-10.

[15](#) . KVD , pp. 364-66; WC , pp. 548, 550n30; RGIA, 878.2.186, p. 155; *Tsesarevich* , p. 62.

[16](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 121.

[17](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 69-71; Vírubova, *Stranitsy* , p. 121.

[18](#) . Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 21-23.

[19](#) . KVD , p. 370.

[20](#) . VR, p. 642; Rassulin, *Vernaia Bogu* , p. 121.

60. APOTEOSE

[1](#) . KVD , p. 371; WC , p. 554; GARF, 1467.1.479, pp. 18ob-19.

[2](#) . WC , p. 571.

[3](#) . KVD , p. 372.

[4](#) . WC , pp. 573-75.

[5](#) . LP , p. 472.

[6](#) . FR, pp. 178-79; NIOR/RGB, 15.4.1, pp. 68ob-70.

[7](#) . FR, pp. 179-81; Sliozberg, *Dela* , v. 3, pp. 352-53; Savitch, *Vospominaniia* , pp. 172-73.

[8](#) . Blok, *Sobranie sochinenii* , v. 5, pp. 363-64.

[9](#) . Globatchev, *Pravda* , p. 95.

[10](#) . Shulgin, *Years* , p. 270.

[11](#) . FR, pp. 179-80; *Za kulisami* , pp. x-xv; WC , p. 514n308.

[12](#) . GARF, 713.1.50, pp. 1-3ob.

[13](#) . *Za kulisami* , pp. 29-30.

[14](#) . GARF, 713.1.52, 2, pp. 5-6.

[15](#) . VR, p. 661; e ver Blok, *Sobranie sochinenii* , v. 5, pp. 363-64.

[16](#) . WC , p. 598.

[17](#) . Shishkin, *Rasputin* , p. 162.

[18](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Guerre, 1914-18: répertoires. Dossier

Général, n. 644, n. 102.

- [19](#) . Lyandres, “Progress Bloc”, pp. 451-55.
- [20](#) . WC , pp. 595, 610. Grafia e pontuação como no original. E KVD , p. 386.
- [21](#) . Krarup, *42 Aar* , p. 128.
- [22](#) . A melhor fonte é Fuller, *Foe* , pp. 40-60, 80-83, 190, 203-205, 209. E: Shulgin, *Years* , pp. 233-35; WC , pp. 600, 634; o telegrama de Raspútín para Vírubova in GARF, 612.1.61, p. 70.
- [23](#) . WC , pp. 373, 582-83, 610 e n371a, 634 e n387; Gatrell, *Russia’s First* , pp. 154-75.
- [24](#) . RRR, pp. 53-54.
- [25](#) . FDNO, p. 276.
- [26](#) . RGADA, 1412.3.1593.
- [27](#) . LP , p. 473; WC , pp. 631-32, 636, 638-39; Vasil’ev, *Ochrana* , pp. 134-35; VR, p. 435.
- [28](#) . WC , pp. 584, 598, 612.
- [29](#) . Coonrod, “Fourth Duma”, pp. 8, 22-24.
- [30](#) . Gatrell, *Russia’s First* , pp. 169-72; Fuller, *Foe* , pp. 229-30.
- [31](#) . WC , pp. 549, 573-75, 627.
- [32](#) . VR, p. 435.

61. ESTUPIDEZ OU TRAIÇÃO

- [1](#) . WC , p. 619.
- [2](#) . RR, pp. 386, 418, 448; VR, p. 649.
- [3](#) . RRR, p. 117.
- [4](#) . Buranov, “Strannik”, p. 57; FR, pp. 193-94; Paléologue, *Ambassador’s Memoirs* , v. 2, p. 240.
- [5](#) . Raspútín, “Dnevnik”, p. 526.
- [6](#) . HIA, Nikolaevsky Papers, Series n. 74, 129-6.
- [7](#) . Shulgin, *Years* , pp. 270-77; Lyandres, “Progressive Bloc”, pp. 459-61. Também: Savitch, *Vospominaniia* , p. 173.
- [8](#) . VR, p. 662.
- [9](#) . RR, pp. 408, 411, 415; *Russkaia volia* , 20 dez. 1916 em OR/RNB, 1000.1975.22, p. 36; Chernow, *Warburgs* , pp. 178-79; NA, FO 371/2746, Carta de E. Howard, 14 dez. 1916 (NE); Nekludoff, *Diplomatic Reminiscences* , pp. 424-27, 452-55: ele escreve que Vasilev optou por não encontrar Warburg com os outros dois homens, dando-se conta da impressão que isto poderia criar. Também: *Padenie* , v. 1, pp. 138-39.
- [10](#) . PAAA, AS 2929, R.20467.
- [11](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Guerre, 1914-18: répertoires. Dossier Général, n. 644, pp. 243-44. Também: Dossier Général, n. 645, ns. 677-79. E: PA, LG/E/3/23/2. George Buchanan para “Charlie”, 20 out. 1916.
- [12](#) . KVD , p. 404; Hall, *Little Mother* , pp. 271-72; WC , pp. 632-33; CU, Bakhmeteff Archive, G. A. Tal Papers, Memórias, Caderno 32, pp. 13-14.
- [13](#) . WC , pp. 642-43.
- [14](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 222-24; YLS, pp. 203, 230-31. Sobre o congresso: NIOR/ RGB, 14.4.1, 74-75, p. 93.
- [15](#) . VR, pp. 674-75; Coonrod, “Fourth Duma”, p. 16.
- [16](#) . Ver Lyandres, “Progressive Bloc”.
- [17](#) . VR, p. 671; NIOR / RGB, 140.7.8, p. 16; Tikhomirov, *Dnevnik* , pp. 310-11.
- [18](#) . VR, p. 674.
- [19](#) . Lyandres, “Progressive Bloc”, p. 454.

- [20](#) . RGIA, 472.50.1619, pp. 8, 10; Hoare, *Fourth Seal* , p. 115.
- [21](#) . VR, pp. 651-52.
- [22](#) . WC , pp. 640-41, inclusive n296.
- [23](#) . RGIA, 920.1.54, 440ob-41, pp. 444-45; Mikhail, *Dnevnik* , pp. 306-07.
- [24](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, pp. 224-25.
- [25](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 181:240; FSA, pp. 349, 817n244, 822n259, 822-23 n 260; Vírubova, *Stranitsy* , p. 89; WC , pp. 642-43; Purichkévitich, *Murder* , p. 142; RR, pp. 420-22; Raupakh, *Facies* , p. 169.
- [26](#) . OR/RNB, 585.5696, p. 28ob.
- [27](#) . Telegramas em: Bokhanov, *Rasputin* , p. 346.
- [28](#) . WC , pp. 649-51.
- [29](#) . FR, pp. 181-83.
- [30](#) . VR, pp. 664-66; FR, pp. 181-83.

62. “VÂNIA CHEGOU”

- [1](#) . Coonrod, “Fourth Duma”, pp. 18-19; GARF, 1467.1.567, pp. 575a-78.
- [2](#) . FR, p. 203.
- [3](#) . Shulgin, *Years* , p. 45.
- [4](#) . Purichkévitich, *Murder* , pp. 46-50, 99.
- [5](#) . GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, p. 80.
- [6](#) . Purichkévitich, *Murder* , pp. 44, 62.
- [7](#) . PK , 6 jun. 1914, p. 2; 7 jul. 1914, p. 1; GARF, 102.242.1912.297, cap. 1, pp. 63, 83.
- [8](#) . KVD , p. 424.
- [9](#) . GARF, 1467.1.628, p. 15.
- [10](#) . Purichkévitich, *Murder* , pp. 72-73, 73-78.
- [11](#) . Radzinsky, sem nenhuma evidência, escreve que foi ideia de Dmítri. Ver RR, pp. 429-30. Bokhanov, também de forma pouco convincente, afirma que foi de Maklakov: ver seu *Rasputin* , pp. 353-59.
- [12](#) . YLS, p. 217.
- [13](#) . *Gosudarstvennaia Duma* , pp. 357-59.
- [14](#) . HIA, Vasily Maklakov Collection, 15-14, pp. 1-9; YLS, pp. 234-35; Purichkévitich, *Murder* , p. 124; Melgunov, *Legenda* , p. 369.
- [15](#) . YLS, pp. 217-18; FR, p. 203. Purichkévitich escreve que Sukhotin estava nos Guardas de Preobrajénski. *Murder* , pp. 73-78. Ver também FDNO, p. 275.
- [16](#) . Vulliamy, *Red Archives* , pp. 108, 110, 113-14; Melgunov, *Legenda* , p. 369n3. Para mais sobre o compromisso dela em matar Raspútín, ver RR, p. 400; Voeikov, *S tsarem* , pp. 149-50.
- [17](#) . *Reka vremén* , v. 2, p. 149.
- [18](#) . Vulliamy, *Red Archives* , pp. 115-16; Melgunov, *Legenda* , pp. 369-70.
- [19](#) . YLS, p. 234.
- [20](#) . Purichkévitich, *Murder* , pp. 73-78; FR, p. 203.
- [21](#) . YLS, pp. 234-35; Purichkévitich, *Murder* , p. 124.
- [22](#) . Marie, *Education* , p. 280.
- [23](#) . YLS, pp. 234-35; Purichkévitich, *Murder* , pp. 58-59, 124; FR, pp. 202, 212. Em seu depoimento de 1920 ao investigador Nikolai Sokolov, Maklakov não menciona de onde o veneno provinha. HIA, Vasily Maklakov Collection, 15-14, pp. 1-9.
- [24](#) . Purichkévitich, *Murder* , pp. 81-83, 91-93. A ponte também era conhecida como a

Krestovski.

- [25](#) . Shulgin, *Years* , pp. 267-68.
- [26](#) . OR/RNB, 585.5696, p. 7.
- [27](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 6, pasta 3, pp. 366-67; Melgunov, *Legenda* , p. 371. Aqui o nome é dado como “Bener”.
- [28](#) . Hoare, *Fourth Seal* , pp. 67-68; CUL, II:1 (34), p. 58. O grão-duque deu pistas sutis aos seus amigos acerca da trama na época. Ver Gavriil Konstantinovich, *Velikii kniaz’* , p. 287.
- [29](#) . *Reka vremen* , v. 2, pp. 149-50. “Malania” não está identificada. Radzinsky data a carta como sendo de 27 de novembro e escreve que Malania é Marianna Derfelden. RR, pp. 440-41, 477.
- [30](#) . Dolgova, *Nakanune* , pp. 174-76.
- [31](#) . GARF, 102.314.35, pp. 9-10.
- [32](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [33](#) . GARF, 111.1.2981a.
- [34](#) . YLS, pp. 218-19, 227-29.
- [35](#) . *Reka vremen* , v. 2, p. 149; sobre o apelido: GARF, 102.314.35, pp. 9-10.
- [36](#) . Purichkévitch, *Murder* , pp. 95, 122-23.

63. “ MINHA HORA LOGO SOARÁ”

- [1](#) . Lincoln, *Passage* , pp. 215-17; Gatrell, *Russia’s First* , pp. 70-71.
- [2](#) . Bashkiroff, *Sickle* , p. 27.
- [3](#) . Lobánov-Rostóvski, *Grinding Mill* , pp. 193-94. E: Paléologue, *Ambassador’s Memoirs* , v. 3, p. 164.
- [4](#) . Nekludoff, *Diplomatic Reminiscences* , pp. 455-56.
- [5](#) . Pokrovskii (Org.), “Politicheskoe polozhenie”, pp. 4, 6, 11.
- [6](#) . Nekludoff, *Diplomatic Reminiscences* , pp. 455-56.
- [7](#) . LP , p. 489; YLS, p. 202; KVD , pp. 429, 431; VR, pp. 649-50.
- [8](#) . LP , p. 482; KVD , p. 433; Vírubova, *Stranitsy* , pp. 127-28.
- [9](#) . *Novoe vremia* , 2 dez. 1916, pp. 6-7.
- [10](#) . Tikhomirov, *Dnevnik* , pp. 313-15.
- [11](#) . FSA, pp. 349-50, 823n261, 823-24n262; WC , p. 656n413. Alexandra recebeu naquele mês uma segunda carta, similar, de Nikolai Balashov, cortesão e rico aristocrata de Petersburgo.
- [12](#) . GARF, 97.4.118, pp. 9-10; e 102.316.1910.381, cap. 2, pp. 93-95; OR/RNB, 585.5696, p. 160b; e 152.4.189, p. 7; WC , pp. 660, 664.
- [13](#) . LP , pp. 486-87; WC , pp. 658, 665, 672, 675, 678.
- [14](#) . OR/RNB, 1000.2.551, pp. 1-5; WC , p. 72; Jevakhov, *Vospominaniia* , v. 1, pp. 187-88; *Petrogradskaia gazeta* , 21 mar. 1917, p. 2. Histórias narrando que Raspútín os acompanhou a Nóvgorod são falsas. Foto do ícone: KVD , inserção antes p. 418.
- [15](#) . WC , pp. 670-71n433; OR/RNB, 1000.2.551, p. 5.
- [16](#) . KVD , pp. 451-52.
- [17](#) . WC , p. 659.
- [18](#) . GARF, 650.1.19, pp. 45-49.
- [19](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 18.
- [20](#) . Vírubova, *Neizvestnye fragmenty* , p. 66. Ver também FDNO, p. 272.
- [21](#) . Belétski, *Vospominaniia* , p. 18. Sobre Raspútín e Dobrovolski: Sokolov, “Predvaritel’noe sledstvie”, p. 284.

- [22](#) . Krarup, *42 Aar* , pp. 137-38.
- [23](#) . Voeikov, *S tsarem* , pp. 149-50.
- [24](#) . WC , p. 678.
- [25](#) . GARF, 111.1.2979a, pp. 288-91.
- [26](#) . Simanovitch, *Rasputin* , pp. 138-39. Sobre esse fictício depoimento, VR, pp. 692-93; Románov, *Voennyi dnevník* , p. 211.
- [27](#) . RRR, pp. 151-53. Uma fotocópia do original está em: SML, Spiridovich Papers, caixa 16, pasta 3. A carta original foi adquirida pelo cirurgião de Chicago Max Thorek em 1956, tendo pertencido por muitos anos a André de Coppet de Nova York. Seu subsequente destino é desconhecido. *New York Times* , 26 jul. 1956, p. 26.

64. O ÚLTIMO DIA

- [1](#) . WC , p. 679n447.
- [2](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [3](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 35ob, e 307.80, p. 10; *Odesskie novosti* , 22 dez. 1916, p. 4.
- [4](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 102-03; FDNO, pp. 277-78. A autobiografia de Golovina, escrita na esteira dos trágicos acontecimentos posteriores daquele dia, retrata Raspútín como comprometido em seguir em frente com sua visita, embora pressentisse que significaria sua morte.
- [5](#) . LP , pp. 492-93.
- [6](#) . RRR, pp. 122-23; OR/RNB, 307.80, p. 10; GARF, 102.314.35, pp. 11-11ob.
- [7](#) . GARF, 102.314.35, pp. 14-14ob.
- [8](#) . GARF, 102.314.35, pp. 19-20; OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [9](#) . YLS, pp. 240-43. Sobre Raspútín enviar os agentes para casa naquela noite: GARF, 650.1.19, pp. 51-52; Shishkin, *Rasputin* , p. 291. Sobre o carro: GARF, 102.314.35, pp. 17-17ob; OR/RNB, 307.80, pp. 10-11; Purichkévitch, *Murder* , pp. 125, 132-34; Románov, *Voennyi dnevník* , pp. 226-27.

65. UM CRIME COVARDE

- [1](#) . YLS, pp. 239-54; *GRS* , v. 4, p. 237.
- [2](#) . A obra apareceu em três línguas na época: inglês, francês e russo. Ver: FN, pp. 29, 653n124. O título em russo era “Kak my ubivali Rasputina” e “Konets Rasputina”.
- [3](#) . Melgunov, *Legenda* , p. 380n; VR, p. 687.
- [4](#) . Comparar “Kak my ubivali”, n. 51, p. 14 com YLS, pp. 250-51. Ver também os diferentes relatos de Iussúpov atacando Raspútín com o cassete de borracha de Maklakov: n. 51, p. 14; YLS, p. 253, e Iussúpov, *Murder* , pp. 162-63; Purichkévitch, *Murder* , p. 151.
- [5](#) . Vorres, *Last Grand Duchess* , p. 142.
- [6](#) . “Helped to Kill Rasputin”, *New York Times* , 23 set. 1918. Um tratamento fictício do assassinato também foi publicado sob o nome de Lazovert em 1923. Ver FR, p. 209; FN, pp. 28-29.
- [7](#) . Sobre as várias edições, ver Shishkin, *Rasputin* , p. 191; FN, pp. 28-29.
- [8](#) . Purichkévitch, *Murder* , pp. 56-57, 160-61. O palácio, agora conhecido como Palácio Beloselski-Belozerski, pertencera anteriormente ao tio de Dmítri, o grão-duque Serguei Alexándrovitch.
- [9](#) . RRR, p. 134.

- [10](#) . Purichkévitch, *Murder* , p. 60; Faleev, “Zachto”, p. 161; RR, p. 442.
- [11](#) . Shishkin, *Rasputin* , pp. 187, 266-67, 295; Dobson, *Prince* , p. 93. Também: Vasil’ev, *Ochrana* , p. 158.
- [12](#) . Contava-se logo depois do assassinato que Iussúpov alegou que o veneno não tinha funcionado, pois havia sido exposto a alta temperatura e se tornado inerte. Ver: RGIA, 948.1.180, pp. 10-10ob. A umidade também pode tornar cristais de cianeto não tóxicos. Ver: Moe, *Prelude* , pp. 567-68.
- [13](#) . RRR, p. 134.
- [14](#) . Ver, por exemplo, Groian, *Muchenik* , pp. 174-85.

66. A INVESTIGAÇÃO

- [1](#) . Purichkévitch, *Murder* , pp. 149-50.
- [2](#) . GARF, 102.314.35, 4-5, pp. 21-21ob, 23-24ob; “Kak my ubivali”, n. 51, pp. 14-15; Purichkévitch, *Murder* , p. 165. Ver também: Savitch, *Vospominaniia* , pp. 188-90.
- [3](#) . GRS , v. 4, pp. 231-36.
- [4](#) . Románov, *Voennyi dvornik* , pp. 227-29; GARF, 650.1.19, p. 51.
- [5](#) . OR/RNB, 307.80, pp. 10-11; *Byloe* , n. 1 (23), jul. 1917, p. 70.
- [6](#) . YLS, pp. 254-56.
- [7](#) . Shishkin, *Rasputin* , p. 36; OR/RNB, 1000.1975.22, p. 35ob; Lauchlan, *Russian Hide* , pp. 150n10, 151, 182.
- [8](#) . Románov, *Voennyi dnevnik* , pp. 227-29; YLS, pp. 259-60; OR/RNB, 307.8, pp. 10-11; GRS , v. 4, p. 236.
- [9](#) . [Gibbs], *Russian Diary* , p. 76; Harmer, *Forgotten Hospital* , p. 117; Powell, *Women* , p. 304. Uma enfermeira do Hospital Anglo-Russo no palácio de Dmítri alegou que Iussúpov havia sido ferido no pescoço. Mesmo se fosse verdade, não poderia ter sido sério, pois ele apareceu no palácio naquela tarde.
- [10](#) . Purichkévitch, *Murder* , pp. 127, 165-66; OR/RNB, 152.4.189, p. 13.
- [11](#) . BV , 20 dez. 1916, p. 4; *Byloe* , n. 1 (23), jul. 1917, pp. 64, 74-75; OR/RNB, 307.80, p. 10; GARF, 102.314.35, p. 7. Krarup escreveu mais tarde que a bota pertencia a Simanovitch, tendo Raspútín pegado o par errado quando saiu com Iussúpov. Maria, porém, disse à polícia que a bota pertencia a seu pai. Krarup, *42 Aar* , p. 139.
- [12](#) . GARF, 102.1916g.246.357, pp. 9-9ob.
- [13](#) . GARF, 102.314.35, pp. 25-27; OR/RNB, 307.80, pp. 10-11. Sobre a bebida: Vasil’ev, *Ochrana* , p. 177; YLS, p. 260.
- [14](#) . Románov, *Voennyi dnevnik* , pp. 205-06.

67. O CORPO NA ÁGUA

- [1](#) . Marie, *Education* , p. 258.
- [2](#) . WC , p. 683.
- [3](#) . FSA, pp. 456-57.
- [4](#) . WC , p. 684.
- [5](#) . GARF, 640.2.50, p. 1-4ob. Vírubova escreveu que a carta foi recebida no palácio no dia 17. *Stranitsy* , pp. 103-04.
- [6](#) . GARF, 102.314.35, pp. 9-10, 19-20.
- [7](#) . Vasil’ev, *Ochrana* , pp. 174-75; Vírubova, *Stranitsy* , p. 104.

- [8](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 75-76.
- [9](#) . FR, pp. 216-17; OR/RNB, 152.4.189, p. 8. Boato de uma multa: OR/RNB, 585.5696, pp. 23-27. Sobre o repórter para o jornal e suas ações no dia 17, Savitch, *Vospominaniia* , pp. 188-90.
- [10](#) . CU, Bakhmeteff Archive, Tikhobrazov Papers, caixa 3, Rasputin i stavka, pp. 21-28. Outras fontes concordam com a avaliação de Tikhobrazov da reação do tsar. Ver, por exemplo, as memórias de Gueórgui Tal, também na Stavka naquele dia: CU, Bakhmeteff Archive, Tal Papers, Memoirs, “Tragediia tsarskoi sem’i i vliianie Rasputina”, pp. 30-31. O general Voeikov, porém, alega exatamente o contrário, que nunca viu nenhuma demonstração de emoção por parte do tsar. Ver *S tsarem* , p. 147. Ver também as memórias do general N. Danilov em *Na puti* , pp. 171-72; Mordvinov, *Poslednii imperator* , p. 51.
- [11](#) . FSA, pp. 456-58; Vírubova, *Stranitsy* , pp. 104, 107; WC , pp. 684-86.
- [12](#) . WC , p. 686.
- [13](#) . “Svidanie”, p. 23.
- [14](#) . FSA, pp. 350-51, 825n264; KVD , pp. 487-88; WC , p. 686.
- [15](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 77.
- [16](#) . Sobre a busca e a recuperação: BV , 20 dez. 1916, p. 4; Koshko, *Ocherki* , pp. 130-32; GARF, 670.1.410, p. 1; e 651.1.19, pp. 49-50; OR/RNB, 307.80, p. 10; Románov, *Voennyi dnevník* , pp. 229-30.
- [17](#) . RRR, pp. 146-47.
- [18](#) . Ver, por exemplo, Vírubova, *Stranitsy* , p. 104.
- [19](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, pp. 35ob-36, 50-50ob; *Russkaia volia* , 9 mar. 1917, p. 5; Koshko, *Ocherki* , pp. 131-32.
- [20](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 105.
- [21](#) . FSA, pp. 456-57; KVD , pp. 487-88; Voeikov, *S tsarem* , p. 147.
- [22](#) . OR/RNB, 152.4.189, p. 10, e 1000.1975.22, p. 30; BV , 19 dez. 1916, p. 4; *Rech’* , 19 dez. 1916, p. 2.
- [23](#) . OR/RNB, 152.4.189, p. 11; e 1000.1975.22, p. 50ob; e 307.80, p. 16.
- [24](#) . FR, p. 220.
- [25](#) . Purichkévitch, *Murder* , pp. 155-56.
- [26](#) . GRS , v. 4, p. 240.
- [27](#) . CUL, Templewood Papers, II:1 (34), p. 71.
- [28](#) . *Originalakten* .
- [29](#) . Roullier, *Raspoutine* , p. 515. Para obras posteriores que citam Roullier como autoridade, ver Cook, *To Kill* , pp. 70-71; Cullen, *Rasputin* , pp. 150-52; Shishkin, *Rasputin* , pp. 51-54.
- [30](#) . Kulegin, *Kto ubil* , pp. 16-17; *Russkaia volia* , 13 mar. 1917. O relato de Sereda, anotado pelo grão-duque Andrei Vladímirovitch Romanov, está em GARF, 650.1.19, pp. 49-50.
- [31](#) . HL/Sokolov, v. VII, Depoimento de M. Soloviova (Rasputina), sem data [26 dez. 1919?].
- [32](#) . FR, pp. 220-21, 226; GARF, 650.1.19, pp. 49-50. Ver também sobre a causa da morte: GRS , v. 4, p. 239. Sobre como o cianeto de potássio, se tivesse sido ingerido, poderia ter deixado de aparecer na autópsia, ver Cullen, *Rasputin* , pp. 222-23.
- [33](#) . BV , 21 dez. 1916, p. 4. Também: OR / RNB, 1000.1975.22, p. 35.
- [34](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 104-105; RRR, pp. 146-47; Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 77; Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 182:207; PAAA, 4351, R.20382; *Temnye sily* ; *Tainy Rasputnogo dvora* , pp. 9-10; PA, LG/F/59/1/12; *Russkaia volia* , 9 mar. 1917, n. 6, p. 5.
- [35](#) . Ver, por exemplo, Roullier, *Raspoutine* , p. 515; PZ, p. 226; Smirnov, *Neizvestnoe* , p. 85; RR, p. 484; Fuller, *Foe* , p. 230. Entre aqueles que tentaram desacreditar o mito, ver especialmente FR, pp. 217-19. Os documentos vendidos por Hiersemann atestam que Rasputin estava morto ao atingir a água e não morreu de afogamento. Ver *Originalakten* , pp. 8-10.

[36](#) . FR, p. 222; OR/RNB, 307.80, p. 10; VR, pp. 658, 705-06; Den, *Podlinnaia tsaritsa* , p. 79. Sobre o caixão: GARF, 102.OO.1916.246.357, p. 109.

[37](#) . GRS , v. 4, p. 238; GARF, 650.1.19, pp. 36-37; OR/RNB, 307.80, p. 10. Krarup escreveu que ela e várias dezenas de outros também visitaram o corpo ali. Ver *42 Aar* , p. 140.

[38](#) . Voeikov, *S tsarem* , pp. 147-48; SML, Spiridovich Papers 359, caixa 16, pasta 2.

[39](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 77-78.

[40](#) . FR, p. 222.

[41](#) . Den, *Podlinnaia tsaritsa* , pp. 78-79; *LP* , p. 511; VR, pp. 702-03; Voeikov, *S tsarem* , p. 150; FSA, pp. 456-57, 817 n 244; RRR, pp. 484-86. Outras fontes afirmam que o bispo Isidor conduziu os ritos de sepultamento. Ver VR, p. 701.

[42](#) . Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 182:207. E ver *ibid.*, 181:210-11. Sobre os rumores: Románov, *Voennyi dnevník* , p. 210; RGIA, 948.1.180, p. 6ob; NIOR/ RGB, 436.11.1, pp. 72-73; GRS , v. 2, 347; VR, 705-706. E, com cautela, o depoimento de Alexei Khvostov: *Padenie* , v. 1, pp. 39-40.

[43](#) . *LP* , p. 511.

[44](#) . FSA, pp. 456, 458.

[45](#) . OR/RNB, 585.5696, p. 33; e 307.80, pp. 10-11; NIOR/RGB, 218.1325.2, pp. 22-22ob; *BV* , 20 dez. 1916, p. 4; GARF, 102.1916.246.357, p. 83. Alguns tinham um conhecimento bastante acurado do local do sepultamento. Ver: [Gibbs], *Russian Diary* , pp. 90, 94.

[46](#) . FSA, pp. 456-57.

[47](#) . *PZ*, p. 229.

[48](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 106-07.

[49](#) . RRR, pp. 150-51.

[50](#) . *KVD* , 499; Nicolau II, *Dnevnik* , v. 2(2), p. 272.

[51](#) . GARF, 640.2.142, pp. 1-1ob. Minha gratidão a Mariana Markova pela sua tradução.

[52](#) . *WC* , pp. 603, 702. O único maçom com alguma ligação com o assassinato foi Vassíli Maklakov. Ver Serkov, *Russkoe masonstvo* , pp. 509-11. Não obstante, historiadores nacionalistas contemporâneos tentaram descrever o assassinato como parte de uma conspiração maior judaico-maçônica contra a Rússia ortodoxa. Ver, por exemplo, *PZ*, pp. 224-25; Kulegin, *Kto ubil* , pp. 19-21.

68. O DRAMA DA FAMÍLIA ROMÁNOV

[1](#) . HIA, Papers of Grand Duchess Ksenia Alexandrovna, caixa 6, pasta 13, 21 dez. 1916.

[2](#) . Marie, *Education* , pp. 250, 253-56.

[3](#) . *LP* , pp. 505-06.

[4](#) . Vorres, *Last Grand Duchess* , p. 142; Trótski, *History* , v. 1, p. 56.

[5](#) . “Podrobnosti ubiistva”, p. 97.

[6](#) . GARF, 102.1916g.246.357, p. 6. Telegrama para Zinaida em francês; para Dmíttri em inglês. Publicados em *Byloe* , n. 1 (23), jul. 1917, pp. 81-82. “Darlings” no telegrama para Dmíttri.

[7](#) . Marie, *Education* , p. 280.

[8](#) . GARF, 651.1.19, p. 11; NA, FO 371/2994, n. 2804, 3 jan. 1917 (NE); Harmer, *Forgotten Hospital* , pp. 116-19.

[9](#) . HL/DiaryDP, livro 5, 16 dez. 1917, p. 53; Marie, *Education* , pp. 260-63. Sobre os boatos do assassinato de Dmíttri: OR/RNB, 585.5696, p. 36.

[10](#) . Románov, *Voennyi dnevník* , pp. 202, 206.

[11](#) . *RR*, pp. 460-61; “Kak my ubivali”, n. 52, p. 16.

- [12](#) . GARF, 651.1.19, p. 10; Románov, *Voennyi dnevnik* , p. 205.
- [13](#) . Marie, *Education* , pp. 265-67.
- [14](#) . “Podrobnosti ubiistva”, p. 98; YLS, p. 264.
- [15](#) . Marie, *Education* , pp. 275-77.
- [16](#) . GARF, 651.1.19, pp. 11-13.
- [17](#) . LP , p. 510; Románov, *Voennyi dnevnik* , pp. 206-07.
- [18](#) . LP , pp. 505-06, 515; GARF, 650.1.19, pp. 25-26.
- [19](#) . Mara Fiódorovna, *Dnevnik imperatritsy* , p. 164.
- [20](#) . LP , pp. 515-16.
- [21](#) . GARF, 651.1.19, pp. 11-13.
- [22](#) . GARF, 102.1916g.246.357, pp. 9-9ob; RGIA, 948.1.180, pp. 5-9.
- [23](#) . GARF, 650.1.19, p. 51. Em 4 mar. 1917, Aleksandr Kérenski, ministro da Justiça do novo Governo Provisório, encerrou oficialmente a investigação. OR/RNB, 307.80, p. 1; KVD , p. 513.
- [24](#) . HL/DiaryDP, livro 5, 24 dez. 1917, pp. 71-78; “Svidanie”, p. 24. E, com cautela, Marie, *Education* , pp. 265-69.
- [25](#) . Marie, *Education* , pp. 270-71; HL/DiaryDP, livro 5, 16 dez. 1917, pp. 54-55; Steinberg, *Fall* , p. 71n8; *Collection du Prince* , pp. 69, 71; RGIA, 948.1.180, pp. 3-4; [Gibbs], *Russian Diary* , pp. 88-89; Moe, *Prelude* , pp. 574-75; “Podrobnosti ubiistva”, p. 102; Powell, *War* , p. 353.
- [26](#) . Marie, *Education* , p. 282.
- [27](#) . RGIA, 948.1.180, p. 5; GARF, 650.1.19, p. 32; Stopford, *Russian Diary* , p. 93; HL/DiaryDP, livro 5, 24 dez. 1917, pp. 78-79.
- [28](#) . Barátov Papers, HIA, caixa 1, pasta 4, diário: 31 dez. 1916.
- [29](#) . “Podrobnosti ubiistva”, p. 102.
- [30](#) . Marie, *Education* , pp. 277-78; FDNO, pp. 274-75, inclusive n40 e n41.
- [31](#) . Gavriil Konstantinovitch, *Velikii kniaz’* , pp. 293-94; GARF, 601.1.2148, pp. 6-7. Este é o original da versão final, limpa, enviada a Nicolau, com sua resposta.
- [32](#) . OR/RNB, 585.5696, pp. 33-33ob.
- [33](#) . LP , p. 517.
- [34](#) . “Podrobnosti ubiistva”, p. 102.
- [35](#) . LP , p. 530.
- [36](#) . GARF, 102.OO.1916g.246.357a, pp. 3, 6, 12, 16-17.
- [37](#) . Byloe , n. 1 (23), jul. 1917, pp. 82-83.
- [38](#) . VR, p. 691.

69. ORGIAS, AMOR GAY E A MÃO SECRETA DOS BRITÂNICOS

- [1](#) . Cockfield, *White Crow* , pp. 75-76. Sobre a tentativa de obrigar Raspútín a se matar, ver também Francis, *Russia in Transition* , carta de Francis, 11 fev. 1917 (NE); CUL, Templewood Papers, II:1 (16); OR/RNB, 585.5696, pp. 23-27; GARF, 651.1.19, pp. 4-5; Orechnikov, *Dnevnik* , pp. 97-98, 535n107; PAAA, R.10684; PAAA, 4351, R.20382; NA, FO 371/2994, n. 2804, 3 jan. 1917; NA, FO 395/105, n. 13794, 5 jan. 1917.
- [2](#) . *Russkaia volia* , 10 mar. 1917, p. 3.
- [3](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Guerre, 1914-18: répertoires. Dossier Général, n. 645, n. 1367. Samuel Hoare também reportou de volta a Londres que Raspútín fora morto durante uma orgia. CUL, Templewood Papers, II: 1, p. 16.
- [4](#) . OR/ RNB, 1000.1975.22, p. 50ob. Possivelmente Anna von Drenteln, filha de Alexander von Drenteln.

- [5](#) . GARF, 111.1.2981b, p. 12; GARF, 102.1916.246.357, pp. 51-51ob.
- [6](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10.
- [7](#) . HL/DiaryDP, livro 5, 16 dez., 1917, p. 53.
- [8](#) . GARF, 102.1916.246.357, pp. 52-56, 59-61, 73-75, 77-79.
- [9](#) . RGIA, 948.1.180, p. 2.
- [10](#) . OR/RNB, 307.80, p. 10; RGIA, 948.1.180, pp. 5-5ob.
- [11](#) . RGIA, 948.1.180, pp. 5-9.
- [12](#) . Sobre Kroits: FDNO, p. 237; RGIA, 948.1.180, pp. 2-2ob.
- [13](#) . “Podrobnosti ubiistva”, pp. 104-05.
- [14](#) . RR, pp. 478-79; Etkind, *Khlyst* , pp. 258-59, 628-29.
- [15](#) . GARF, 102.314.35, pp. 25-27.
- [16](#) . Shishkin, *Rasputin* , pp. 118, 214-15, 307-08; Kulegin, *Kto ubil* , p. 19.
- [17](#) . FR, p. 204; Shishkin, *Rasputin* , p. 304; Kniaz’kin, *Bol’shaia kniga* , pp. 8-12.
- [18](#) . FR, pp. 200-01; Kotsiubinskii, *Rasputin* , p. 225; Figes, *People’s Tragedy* , p. 189; Nelipa, *Murder* , pp. 102-206; Cockfield, *White Crow* , pp. 175-77; YLS, pp. 263-65. Também sobre o grão-duque não estar envolvido na conspiração: Melgunov, *Legenda* , pp. 374-75.
- [19](#) . Románov, *Voennyi dnevník* , p. 235; “Pozornoe vremia”, pp. 36-37.
- [20](#) . HL/DiaryDP, livro 5, 16 dez. 1917, p. 54.
- [21](#) . PAAA, 4351, R.20382. Relatório para o rei: HIA, Papers of King Ferdinand I, caixa 62, pasta 11 (rolo 81), “Bericht über eine Reise”, p. 2. Sobre conversa russa, ver VR, p. 690.
- [22](#) . GARF, 97.4.118, pp. 20-21.
- [23](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 96.
- [24](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 14, pasta 6; VVFR , v. 1, pp. 204-05. Margarita Nelipa (*Murder* , pp. 197-99), seguindo Jamie Cockfield (*White Crow* , 175), também argumentou que Buchanan sabia da trama baseada na sua leitura equivocada do diário do grão-duque Nikolai Mikháilovitch para 17 dez. 1916. Ela afirma que a chamada telefônica das 5h30 que o grão-duque recebeu de Buchanan veio pela manhã, e assim Buchanan só podia ter sabido tão cedo do assassinato se tivesse estado envolvido. Mas fica claro pelo diário que a hora se refere às 5h30 da tarde, e a essa altura do dia toda a cidade já estava falando sobre o crime. Para o diário, ver “Podrobnosti ubiistva”, pp. 97-98. Que a ligação veio às 5h30 da tarde também é confirmado em [Gibbs], *Russian Diary* , pp. 74-75.
- [25](#) . NA, FO 371/2994, n. 705, 31 dez. 1916 (NE).
- [26](#) . NA, FO 395/105, n. 13794, 5 jan. 1917 (NE); Vogel-Jorgensen, *Rasputin* , pp. 125-28. A história também apareceu em *Odesskie novosti* , 23 dez. 1916, p. 76. Sobre a comissão: Hoare, *Fourth Seal* , p. 241.
- [27](#) . CUL, Templewood Papers, II:1 (50).
- [28](#) . CUL, Templewood Papers, II:1 (34), p. 72; *Yorkshire Post* , 22 jun. 1933, p. 10. Jevakhov também via os britânicos como responsáveis. *Vospominaniia* , v. 1, pp. 250-51.
- [29](#) . NA, FO 371/3002, n. 11942, 14 jan. 1917 (NE).
- [30](#) . Ver Vírubova, *Stranitsy* , pp. 133-34.
- [31](#) . Ver Cook, *To Kill* , pp. 76-84, 142, 155; Cullen, *Rasputin* , pp. 16-17.
- [32](#) . OPI/GIM, 411.66, pp. 24-24ob.
- [33](#) . NA, FO 371/2994, p. 11.
- [34](#) . YLS, p. 262.
- [35](#) . Cook, *To Kill* , p. 217.
- [36](#) . Ver Cullen, *Rasputin* , pp. 204-07. A carta aparentemente está em posse dos descendentes de Alley. Não fui capaz de localizar seu paradeiro.
- [37](#) . Ver, por exemplo, Cook, *To Kill* , pp. 220-21; Cullen, *Rasputin* , p. ix; VR, pp. 687-88, 691.

- [38](#) . FR, p. 221.
- [39](#) . Cullen, *Rasputin* , pp. 210-11; Cook, *To Kill* , pp. 210-14. Ver também FR, p. 229.
- [40](#) . *New York Times Current History* , v. 17, pp. 306-07.
- [41](#) . GARF, 63.47.484(35), p. 98.
- [42](#) . Ver Jeffrey, *Secret History* , pp. 98-109. O professor Jeffrey teve completo acesso ao arquivo longamente secreto do MI6 da Grã-Bretanha e não encontrou nada que sugerisse qualquer envolvimento inglês no assassinato. Comunicação por e-mail com o autor, 14 jan. 2014.
- [43](#) . *Church Times* , 9 mar. 1934, p. 294; *Daily Express* , 3 mar. 1934, p. 7.
- [44](#) . Románov, *Voennyi dnevník* , p. 235.
- [45](#) . NIOR/RGB, 140.7.9, p. 6ob. Ver também: NIOR/RGB, 436.11.1, pp. 72ob-73.
- [46](#) . Ver James J. Kenney, Jr., “The Politics of Assassination” (esp. pp. 126-27, 137, 141) em Ragsdale, *Paul I* .
- [47](#) . Kir’ianov, “Pravye”, p. 221.
- [48](#) . GARF, 97.4.118, p. 114.

70. O FIM DO JUGO DE TOBOLSK

- [1](#) . CUL, Templewood Papers, II:1 (16). E: VR, p. 695; Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 321.
- [2](#) . OR/RNB, 585.5696, pp. 27-27ob.
- [3](#) . Shulgin, *Years* , p. 269; NIOR/RGB, 218.1325.2, pp. 22ob-23.
- [4](#) . *The Times* , 9 jan. 1917 (NE), p. 6.
- [5](#) . OR/RNB, 585.5696, p. 29ob; e 1000.1975.22, p. 50ob.
- [6](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 235-36.
- [7](#) . GARF, 651.1.19, p. 19.
- [8](#) . GARF, 97.4.118, p. 8.
- [9](#) . GARF, 102.196.246.357, pp. 36-38ob.
- [10](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 35.
- [11](#) . *Russkoe slovo* , 21 dez. 1916, p. 68.
- [12](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, pp. 35-35ob. E também: *Rech’* , 20 dez. 1916, p. 3; 21 dez., p. 2; *BV* , 21 dez. 1916, p. 3; *Odesskie novosti* , 22 dez. 1916, p. 4.
- [13](#) . OR/RNB, 1000.1975.22, p. 31ob.
- [14](#) . *Kievlianin* , 23 dez. 1916, p. 202; Shulgin, *Years* , p. 269; idem, *Poslednii* , pp. 125, 329.
- [15](#) . Ordovski-Tanaievski, *Vospominaniia* , pp. 396, 422-27.
- [16](#) . Bulgákov, *Avtobiografi cheskie zametki* , p. 85.
- [17](#) . VR, p. 700.
- [18](#) . Markov, *Pokinutaia* , pp. 304-05.
- [19](#) . Peregudova, *Okhranka* , v. 2, pp. 123-24.
- [20](#) . VR, p. 699; Raupakh, *Facies* , pp. 193-94; Miliukov, *Vospominaniia* , p. 447; NIOR/RGB, 436.11.1, pp. 72ob-73.
- [21](#) . Markow, *Wie* , p. 145.
- [22](#) . RGIA, 948.1.180, pp. 2-2ob.
- [23](#) . Belétski, *Vospominaniia* , pp. 18-19.
- [24](#) . Blok, *Poslednie dni* , p. 8.
- [25](#) . GARF, 102.1916.246.357, pp. 45-46ob, 80-83; Blok, *Zapisnye knizhki* , p. 363.
- [26](#) . *Lettres des Grands-Ducs* , p. 207.
- [27](#) . PA, LG/F/59/1/6, Buchanan para Charlie, 13 jan. 1917 (NE).

[28](#) . LP , p. 518.

71. TEMPO DE DOMINÓS

[1](#) . PAAA, R.10684, Lucius para Bethmann-Hollweg, 23 jan. 1917 (NE). Um relatório similar chegou a Viena. Ver HHStA, P.A. V, Karton 55, Bericht 15. Outros mencionaram Pitirim e Varnava como também constando da lista dos que deveriam ser mortos. Tikhomirov, *Dnevnik* , p. 331.

[2](#) . GARF, 102.1916.246.357, p. 64.

[3](#) . NA, FO 371/2994, n. 1187, 1 jan. 1917 (EN); FO 371/3002, n. 8111, 9 jan. 1917 (NE).

[4](#) . NA, FO 371.2998, n. 3743. E: PA, LG/F/59/1/18. Carta datada de 30 de janeiro 1917 (NE).

[5](#) . NA, FO 371/3002, n. 13484. A embaixada francesa relatou uma conversa semelhante com Paris. Ver: AD, Correspondance politique et commerciale, Nouvelle série, 1896-1918, “Guerre, 1914-1918”: répertoires. Dossier Général, n. 647. Relatório de 5 de março 1917 (NE).

[6](#) . NIOR/RGB, 140.7.9, pp. 10ob-12.

[7](#) . PAAA, R.10684.

[8](#) . PAAA, AS 251, R.10694. A lista se refere ao tsar Paulo I, assassinado num golpe palaciano em 1801; Gaius Asinius Pollio, um político romano condenado à morte por ordem da imperatriz Valéria Messalina no século I; Jean Jaurès, líder socialista francês assassinado em 1914; e Roger Casement, nacionalista irlandês enforcado como traidor em Londres em agosto de 1916.

[9](#) . PAAA, 3008, R.10741.

[10](#) . LP , pp. 526-31.

[11](#) . Melgunov, *Legenda* , p. 378.

[12](#) . NA, FO 371/3002, n. 10744.

[13](#) . *Russia in Transition* , carta de Francis, 11 fev. 1917 (NE); Cockfield, *Dollars* , pp. 84-85.

[14](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Nouvelle série, 1896-1918, “Guerre, 1914-1918”: répertoires. Dossier Général, n. 647. Relatório de 5 de mar. de 1917 (NE); PA, LG/F/59/1/6, p. 3; NA, FO 395/107, n. 26862; PAAA, AS 339, R.10694; NIOR/RGB, 15.4.1, pp. 93ob-94; Schelking, *Recollections* , p. 294; VR, p. 717; Romanov, *Voennyi dnevnik* , p. 222; Globatchev, *Pravda* , p. 95.

[15](#) . PAAA, R.10684. Carta datada de 1o de março 1917 (NE).

[16](#) . Orechnikov, *Dnevnik* , pp. 102, 538n9; *Sibirskaia torgovaia gazeta* , 1 mar. 1917, p. 2.

[17](#) . Lemke, *250 dnei* , v. 2, pp. 371-72; SML, Spiridovich Papers 359, caixa 14, pasta 1; PAAA, R.10684; PAAA, 4351, R.202382; GARF, 111.1.2091a, p. 12.

[18](#) . OR/RNB, 152.4.189, p. 12. Também: 1000.1975.22, p. 50ob.

[19](#) . Rodzianko, *Reign* , p. 158.

[20](#) . *Odesskie novosti* , 22 dez. 1916, p. 4.

[21](#) . GARF, 102.OO.1916g.246.357a, 44. Ver também: *Zemshina* , 31 dez. 1916, p. 71.

[22](#) . Chavélski, *Vospominaniia* , v. 2, p. 253.

[23](#) . WC , pp. 686-87.

[24](#) . KVD , p. 510.

[25](#) . WC , pp. 688n463, 689, 695.

[26](#) . *Poslednie dnevnik* , pp. 16-17.

[27](#) . AD, Correspondance politique et commerciale, Nouvelle série, 1896-1918, “Guerre, 1914-1918”: répertoires. Dossier Général, n. 647. N. 303.

[28](#) . Lieven, *Nicholas II* , p. 232.

[29](#) . WC , p. 699.

[30](#) . Warth, *Nicholas II* , pp. 247-48.

[31](#) . OR/RNB, 585.1.4402, p. 38.

72. AQUI JAZ O CÃO

[1](#) . Kulegin, *Zagrobnye prikliucheniia* , p. 5.

[2](#) . OR/RNB, 307.80, 10; *Den'* , 9 mar. 1917, n. 4, p. 3; *Russkaia volia* , 9 mar. 1917, n. 6, p. 5; FN, p. 155.

[3](#) . Kulegin, *Zagrobnye prikliucheniia* , p. 8.

[4](#) . Kupchinski, "Kak ia szhigal", pp. 1-4; Nelipa, *Murder* , p. 446. O coronel Ievguêni Kobilinski, comandante de Tsárskoie Seló nomeado no início de março, oferece uma versão um tanto diferente dos acontecimentos: HL/Sokolov, v. III, pp. 106-36.

[5](#) . VR, pp. 707-08.

[6](#) . Kupchinskii, "Kak ia szhigal", pp. 6-7.

[7](#) . VR, pp. 704, 708-09; Kulegin, *Zagrobnye prikliucheniia* , p. 10.

[8](#) . Kulegin, *Zagrobnye prikliucheniia* , pp. 11-13; Nelipa, *Murder* , pp. 449-61.

73. O MITO

[1](#) . *Al'manakh "Svoboda"* , p. 1. A história sobre passaportes fotográficos também aparece em *Zhivoe slovo* , 10 mar. 1917, p. 3. Nota: Histórias de um harém, mulheres mantidas contra sua vontade, controle através de grandes distâncias remontam a 1910. *Iuzhnaia zaria* , 30 maio 1910, pp. 2-3; *Rech'* , 28 maio 1910, pp. 2-3.

[2](#) . *Al'manakh "Svoboda"* , n. 2, p. 8.

[3](#) . Kulikowskii, "Rethinking", p. 174.

[4](#) . *Petrogradskii listok* , 4 maio 1917, p. 11.

[5](#) . OR/RNB, 152.4.189, 12; *Al'manakh "Svoboda"* , n. 1, p. 7; Sokolov, *Temnye sily* , pp. 4-6; *BV* , 9 mar. 1917, p. 4.

[6](#) . *Grishka Rasputin* , p. 4.

[7](#) . *The Times* , 23 abr. 1929, p. 14.

[8](#) . Le Queux, *Rasputin* , p. 4.

[9](#) . *Russia in Transition* , carta de Francis, 11 fev. 1917 (NE).

[10](#) . *Daily Express* , 3 mar. 1934, p. 7.

[11](#) . Bostunich, *Otchego* , pp. 11-12; Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 352, 358-61.

[12](#) . Marsden, *Rasputin* , p. 23; e Mikhailov, *Temnye sily* .

[13](#) . *Petrogradskaia gazeta* , n. 68, 21 mar. 1917, p. 2.

[14](#) . Kovyly'-Bobyly', *Tsaritsa i Rasputin* .

[15](#) . *Al'manakh "Svoboda"* , n. 2, pp. 7-8.

[16](#) . OR/RNB, 307.80, p. 16. Outra história afirmava que a neve sobre seu túmulo continha poderes curativos especiais. *Petrogradskaia gazeta* , n. 68, 21 mar. 1917, p. 2.

[17](#) . Tumanskii, "Zlobodnevyne p'esy".

[18](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 364-65.

[19](#) . OR/RNB, 307.80, p. 3; Vishnevskii, *Khudozhestvennye fi l'my* , pp. 132-41; FN, pp. 17-19; Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , pp. 365-66; Graschenkova, *Kino* , p. 135.

[20](#) . *Sibirskaiia torgovaia gazeta* , n. 65, 22 mar. 1917, p. 2.

[21](#) . Kulikowskii, "Rethinking", pp. 174-79; Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 362. Para um exemplo, ver *Petrogradskii vesel'chak* , n. 14, 15, 17, 19, abr. e maio 1917.

- [22](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 354; Chebotariova, “V dvortsovom lazarete”, 182:206.
- [23](#) . RGIA, 919.2.1161, p. 1. Para mais versos anti-Raspútín e similares: NIOR/RGB, 439.33.10; NIOR/RGB, 140.9.16.
- [24](#) . OR/ RNB, 1000.2.1145, p. 3.
- [25](#) . GARF, 102.1916.246.357, pp. 101-02, 116; Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 323. Também: *Trepach* , n. 1, 1917, p. 14; Khersonskii, *Akafí st* , pp. 2-3.
- [26](#) . Kolonitskii, *Tragicheskaiia erotika* , p. 356.
- [27](#) . *Sovremennyi mir* , n. 2-3, 1917, pp. 306-07.

74. ASSUNTO NÃO RESOLVIDO

- [1](#) . *Novoe vremia* , 12 mar. 1917, p. 7; 14 mar., p. 7; *Russkaia volia* , 13 mar. 1917, p. 3. Iussúpov teve naquela primavera uma longa conversa com o embaixador Buchanan sobre essas supostas drogas. Ver PA, LG/F/59/1/14.
- [2](#) . Marie, *Princess* , pp. 102-03; RGIA, 948.1.180, p. 11ob.
- [3](#) . YLS, pp. 276-77.
- [4](#) . Mel’nik, *Vospominaniia* , p. 48. Ver também Stopford, *Russian Diary* , p. 163; Bulgákov, *Avtobiografi cheskie zametki* , pp. 85-86.
- [5](#) . YLS, pp. 294-95.
- [6](#) . GARF, 644.1.170, pp. 11-26, 42-47, 49-50, 62ob-65; Steinberg, *Fall* , pp. 135-36.
- [7](#) . HL/DiaryDP, livro 5, 16 dez. 1917, pp. 2-3, 50-56.
- [8](#) . Vírubova, *Stranitsy* , pp. 116-17, 160; RR, p. 499; GARF, 124.69.529, pp. 1-5ob; Blok, *Zapisnye knizhki* , pp. 352, 357.
- [9](#) . Rassulin, *Vernaia Bogu* , pp. 283-89.
- [10](#) . GARF, 602.2.62, Rudnev, “Pravda”.
- [11](#) . Rassulin, *Vernaia Bogu* , pp. 354-61.
- [12](#) . FN, pp. 141, 377-38.
- [13](#) . VR, pp. 709-13; *Petrogradskii listok* , 3 maio 1917, p. 4.
- [14](#) . *Petrogradskii listok* , 11 maio 1917, p. 13.
- [15](#) . *Petrogradskii listok* , 3 maio 1917, p. 4; VR, pp. 713-14.
- [16](#) . VR, p. 714.
- [17](#) . GARF, 1467.1.479, pp. 85-88.
- [18](#) . KVD , pp. 517-18.
- [19](#) . Steinberg, *Fall* , pp. 166n3, 168; Universidade Yale, Beinecke Library, Romanov Collection, GEN MSS 313, caixa 1, pasta 2.
- [20](#) . KVD , p. 519.
- [21](#) . *Poslednie dnevniki* , p. 72.
- [22](#) . Steinberg, *Fall* , pp. 168-71.
- [23](#) . *Petrogradskaia gazeta* , 21 mar. 1917, p. 3; *Sibirskaia torgovaia gazeta* , 22 mar. 1917, p. 2; RRR, pp. 157-61, 175-83.
- [24](#) . RRR, pp. 182-83; Steinberg, *Fall* , p. 222; Buranov, “Strannik”, p. 57; HL/Sokolov, v. VII: Depoimento de M. Soloviova (Raspútina), sem data. Aqui seu nome é dado como “Shag”.
- [25](#) . GBUTO/GAGT, I - 154.24.58, pp. 7-10, 19ob.
- [26](#) . GBUTO/GAGT, I - 733.1.49, pp. 5-5ob, 19-21. Sobre dinheiro para Dmítiri: HL/Sokolov, v. VII: depoimento de B. N. Soloviov, 29 dez. 1919.
- [27](#) . Raspútina, “Dnevnik”, p. 541.

[28](#) . Detalhes tirados do arquivo da investigação: GBUTO/GAGT, I - 774.1.1. Raievski fez tanto um retrato grande, de corpo inteiro, como um desenho menor, que o artista considerou o melhor e mais bem-sucedido dos dois trabalhos. Por alguma razão o trabalho menor não foi mostrado na exposição de 1912. Ambas as obras se perderam. Ver: OR/RNB, 1000.1975.22, p. 260b.

[29](#) . HL/Sokolov, v. VII: depoimento de M. Soloviova (Raspútina), sem data; e de B. N. Soloviov, 29 e 31 dez. 1919; FN, pp. 328-29.

[30](#) . Vírubova, *Stranitsy* , p. 119; Alfer'ev, *Pis'ma* , p. 191.

[31](#) . KVD , pp. 521-22; Alfer'ev, *Pis'ma* , pp. 187-88.

[32](#) . RRR, pp. 175-83.

[33](#) . Markow, *Wie* , p. 169; RRR, pp. 185-94.

[34](#) . Alfer'ev, *Pis'ma* , pp. 242-43, 253, 260-61, 263; M. Raspútin, "Dnevnik", pp. 529n17, 531n20; KVD , p. 523; FN, p. 319; Markov, *Pokinutaia* , p. 314; *Poslednie dnevniky* , pp. 135-40.

[35](#) . Warth, *Nicholas II* , p. 262.

[36](#) . Markov, *Pokinutaia* , p. 303.

[37](#) . Markow, *Wie* , pp. 206-07. Soloviov retornou a Tobolsk no começo de março: *Poslednie dnevniky* , p. 163.

[38](#) . M. Raspútina, "Dnevnik", pp. 530-31. Todas as datas em seus diários são VE.

[39](#) . Alfer'ev, *Pis'ma* , p. 321; Markow, *Wie* , p. 159; *Poslednie dnevniky* , p. 177.

[40](#) . M. Raspútina, "Dnevnik", pp. 537-39. Algumas das datas aqui são contraditas por aquelas em HL/Sokolov, v. VII, embora a linha geral esteja em acordo.

[41](#) . LP , p. 616; KVD , p. 527; *Poslednie dnevniky* , p. 195. NB: 27 abr. (NE).

[42](#) . KVD , p. 528. Esboço de Maria em RRR, entre pp. 64 e 65.

[43](#) . Warth, *Nicholas II* , p. 263. As datas são agora NE.

[44](#) . Steinberg, *Fall* , p. 305; M. Raspútina, "Dnevnik", p. 640.

[45](#) . Preston, *Before the Curtain* , p. 105.

[46](#) . KVD , pp. 526, 529-32; PZ, p. 6; Sokolov, *Ubiistvo* , p. 346; Diterikhs, *Ubiistvo* , v. 1, pp. 32, 188.

[47](#) . Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 270-71; e fotografia n. 119; Diterikhs, *Ubiistvo* , v. 1, p. 212.

[48](#) . HL/Sokolov, v. I: Descrições datadas de 11, 12, 14 ago. 1918; v. III: Protocolo para 15-25 ago. 1919; v. IV: Protocolos para 23 jan. 1919; 19 maio 1919.

EPÍLOGO

[1](#) . VR, pp. 718-68; FN, pp. 500-01; Izmozik, *Zhandarmy* , p. 455.

[2](#) . BA, Z. A. Rjévskaja, ms., 1965; Globatchev, *Pravda* , pp. 87-88; SML, Spiridovich Papers, n. 359, 14/5; Savchenko, *Avantiuristy* , pp. 145-47; Faitel'berg-Blank, *Odessa* , pp. 135-37.

[3](#) . Mramornov, *Deiatel'nost'* , pp. 327-33; Alfer'ev, *Pis'ma* , p. 322; M. Raspútina, "Dnevnik", p. 548; VR, p. 741.

[4](#) . GATO, 198.1.7, 9, 34, p. 73; GATO, 198.1.87, pp. 10ob-11; GBUTO/GAGT, R-1042.3.59, pp. 275ob, 286ob; VR, pp. 752-53; Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 96-99. As fontes sobre os anos finais da família Raspútin são às vezes contraditórias.

[5](#) . Smirnov, *Neizvestnoe* , pp. 94-96. Com cautela ver também RRR, pp. 201-22; FR, p. 235. Radzinsky faz a bizarra alegação de que Varvara viveu em Leningrado até os anos 1960. Ver RR, p. 492.

[6](#) . Para uma visão geral da controvérsia, ver VR, pp. 729-36. Aqueles que argumentam que ele era um agente: Hall, *Little Mother* , pp. 296-97; YLS, p. 297; Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 114-18, 133-

34. E aqueles que negam: Markov, *Pokinutaia* , pp. 473-74, 477, 485; FN, pp. 329-31; Steinberg, *Fall* , pp. 181-82. As evidências reunidas por Sokolov sugerem que as acusações contra Soloviov eram infundadas. Ver: HL/Sokolov, v. 1: S. Y. Sedov; v. III: S. G. Loginov; v. VII: E. K. Loginov; K. S. Melnik; V. S. Botkin; B. N. Soloviov; M. Y. Soloviova (Raspútina).

[7](#) . HL/Sokolov, documentos no v. VII. Sobre Charaban: Bisher, *White Terror* , p. 152; RRR, pp. 185-94.

[8](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 16, pasta 2. Clipagem de jornais; Krarup, *42 Aar* , p. 141.

[9](#) . *Daily Mirror* , 11 jan. 1933, p. 17; 15 dez. 1934, p. 1.

[10](#) . *New York Times* , 3 abr. 1936, p. 16; 1 jun. 1946, p. 4.

[11](#) . HIA, A. Tarsaidze, caixa 16, pasta 16-18. Clipagem do obituário.

[12](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 16, pasta 1; VR, pp. 762-63.

[13](#) . Perry, *Flight* , pp. 256-61, 299-305.

[14](#) . Marie, *Princess* , pp. 20-21, 69, 102-03, 282.

[15](#) . *Collection du Prince* , p. 72.

[16](#) . Marie, *Princess* , pp. 103-04.

[17](#) . SML, Spiridovich Papers, caixa 14, pasta 6. Clipagem de *Dni* , 10, 11 jan. 1928; *New York Times* , 26 jan. 1928, p. 9; 18 out. 1928, p. 16.

[18](#) . *The Times* , 29 fev. 1932, p. 11; 25, 28 nov. 1932, p. 19.

[19](#) . Napley, *Rasputin* , pp. 196-97.

[20](#) . *The Times* , 9 nov. 1965, p. 12; *New York Times* , 21 out. 1965, p. 12.

[21](#) . FR, p. 236.

[22](#) . NA, FO 371/3338, n. 136473, 140545, 144465, 14506, 145796.

[23](#) . *New York Times* , 23 set. 1918, p. 3; *New York Times Current History* , v. 17, pp. 306-07; FR, p. 236.

[24](#) . *New York Times* , 5 fev. 1931, p. 10.

[25](#) . VR, pp. 756-78.

[26](#) . VR, pp. 765-66; “Russkii fashist”, Rádio Svoboda.

[27](#) . Iliodor, *Velikaia stalingradskaia* , pp. 53, 69.

[28](#) . *New York Times* , 12 jun. 1922, p. 3; Iliodor, “Pis’mo”; idem, *Pamiatka* , pp. 5-6; idem, *Velikaia stalingradskaia* , pp. 75-77; idem, “The Mystery”; Dixon, ““Mad Monk””, p. 411; Shulgin, *Years* , p. 78n; VR, pp. 759-60.

[29](#) . Iliodor, *Velikaia stalingradskaia* , pp. 56-57, 75-77; *New York Times* , 12 dez. 1923, p. 10; 20 jan. 1924, p. 58.

[30](#) . *New York Times* , 19 jun. 1936, p. 23.

[31](#) . Iliodor, *Pamiatka* , pp. 5-6.

[32](#) . Dixon, ““Mad Monk””, p. 413; fotografia de imprensa de Serguei Trufanov com legenda, Keystone View Co. de NY, coleção do autor.

[33](#) . VR, p. 412; Kulegin, *Kto ubil* , p. 9; FStr, pp. 264-70.

[34](#) . GARF 124. 69. 529; RR, p. 499.

[35](#) . FDNO, p. 246 e n11.

[36](#) . VR, pp. 760-61.

[37](#) . Krarup, *42 Aar* , pp. 125-29.

[38](#) . Massie, *Romanovs* , pp. 6-8; Steinberg, *Fall* , p. 354; Sokolov, *Ubiistvo* , pp. 270-71; e fotografia n. 119. Sobre Quatro Irmãos, Diterikhs, *Ubiistvo* , v. 1, p. 212.



ROBERT WADE

DOUGLAS SMITH nasceu em Minnesota, Estados Unidos, e morou em Viena, Londres e Moscou. Antes de começar sua carreira como especialista em história da Rússia, trabalhou para o governo americano como analista de assuntos estrangeiros em Munique. É autor de *Former People: The Final Days of the Russian Aristocracy* e *Love & Conquest: Personal Correspondence of Catherine the Great and Prince Grigory Potemkin*.

Copyright © 2016 by Douglas Smith

Publicado mediante acordo com Farrar, Straus and Giroux, Nova York

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Raspútín: Faith, Power, and the Twilight of the Romanovs

Capa

Carlos di Celio

Fotos de capa

Raspútín: Alexander Yagelsky / GARF

Igreja de São Petersburgo: sborisov / FeaturePics

Preparação

Alexandre Boide

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-545-1289-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras



O Tiradentes

Figueiredo, Lucas

9788554511968

520 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enfim, a história completa: Joaquim José da Silva Xavier, O Tiradentes, ganha sua primeira biografia moderna. Apropriada para os mais diferentes fins desde o começo do período republicano, a figura de Tiradentes adquiriu o status de mito, mas curiosamente não havia ainda uma narrativa histórica que tivesse por centro a sua vida. Um das causas dessa ausência é sem dúvida a parca documentação disponível sobre o "mártir da Inconfidência". É de grande dimensão o resultado obtido por Lucas Figueiredo: com recurso a uma pesquisa abrangente em acervos nacionais e estrangeiros, e às descobertas mais recentes da historiografia, o autor reconstitui a trajetória do alferes, desde a sua experiência familiar, os anos de juventude, quando foi mascate, o trabalho no baixo escalão dos oficiais —, enfrentando as engrenagens da burocracia estatal —, o ofício paralelo de tratar (e tirar) dentes, até seu envolvimento na Conjuração Mineira. Em paralelo, descortina-se um retrato vívido das Minas Gerais e do Rio de Janeiro do século XVIII: seus personagens, acontecimentos, e a circulação dos ideais revolucionários. Deixando para trás as especulações e os relatos fabricados, e unindo verve literária e rigor histórico, este livro é um trabalho ímpar de investigação, que dá a Tiradentes a dimensão humana apagada na formação de sua história.

[Compre agora e leia](#)



O livro de Jô - Volume 2

Soares, Jô

9788554513092

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1969, Jô Soares lança o seu primeiro one-man show,

Todos amam um homem gordo, no teatro da Lagoa, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, depois do enorme sucesso na Família Trapo, estreia na Globo, no programa que revolucionou os humorísticos na TV brasileira, Faça humor não faça guerra. Na aguardada segunda parte do Livro de Jô: uma autobiografia desautorizada, ele conta tudo (ou quase tudo, ou mais que tudo) que aconteceu desde então, até chegar ao talk show que mudou o fim de noite dos brasileiros. Jô Soares representou mais de duzentos personagens humorísticos e criou dezenas de bordões que entraram para o repertório da língua portuguesa do Brasil. No seu programa de entrevistas — que durou 28 anos — fez cerca de 14 mil entrevistas. Fez oito espetáculos solos em longas temporadas, dois deles apresentando também em Portugal. Dirigiu 24 peças de teatro e fez dez peças como ator. Escreveu oito livros (incluindo este) que já venderam (excluindo este) 1,5 milhão de exemplares no mercado brasileiro, tendo sido traduzidos em vários países, entre eles Estados Unidos, França, Itália, Japão e Argentina. No volume 2 desta autobiografia desautorizada, revela como chegou a distribuir hóstias ao lado de Dom Hélder Câmara, sua vida de motoqueiro encerrada com dois acidentes, o processo que sofreu durante o período da presidência do general Emílio Garrastazu Médici (e como foi absolvido com um testemunho do poeta Carlos Drummond de Andrade), a saída para o SBT no auge do sucesso na Globo, os casamentos, a perda do filho Rafael, além de sua admiração profunda por figuras — gordas — como Orson Welles e Winston Churchill. Mas, mais do que tudo, o leitor se

deliciará novamente com as histórias dele e dos outros, contadas com o melhor da verve de Jô Soares.

[Compre agora e leia](#)



Sejam todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi

9788543801728

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de *Sejam todos feministas*, ensaio da premiada autora de *Americanah* e *Meio sol amarelo*. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente." Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'" . Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.

Compre agora e leia



Os contos

Telles, Lygia Fagundes

9788554513078

816 páginas

[Compre agora e leia](#)

Os contos completos da grande escritora Lygia Fagundes

Telles são reunidos pela primeira vez em um único volume. Lygia Fagundes Telles é considerada pela crítica uma das maiores escritoras brasileiras e, sobretudo, uma contista extraordinária. Pela primeira vez, o leitor tem acesso à mais completa antologia de contos da autora, em uma edição especial que inclui, além de suas principais coletâneas, diversos escritos esparsos, há tempos fora de catálogo. Dos primeiros contos, concebidos na juventude, até sua produção mais madura, Lygia exibe sua maestria na narrativa curta, sempre com sensibilidade e sutileza, em textos impecáveis. "Lygia Fagundes Telles sempre teve o alto mérito de obter, no romance e no conto, a limpidez adequada a uma visão que penetra e revela, sem recurso a qualquer truque ou traço carregado, na linguagem ou na caracterização." — Antonio Candido "Essas pequenas obras-primas, de tão fremente inquietação íntima e que exalam um desespero tão profundo, ganham a clássica serenidade das formas de arte definitivas." — Paulo Rónai

[Compre agora e leia](#)



Brasil: uma biografia - Pós-escrito

Schwarcz, Lilia Moritz

9788554510763

24 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste pós-escrito do monumental Brasil: uma biografia, Lilia

Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling lançam um olhar atualizado sobre os acontecimentos recentes e decisivos do país. A democracia posta em xeque, os desdobramentos das manifestações populares e o impeachment de Dilma Rousseff são alguns dos temas tratados pelas pesquisadoras, que mantêm o rigor na pesquisa e o texto fluente da obra lançada em 2015. Tanto continuidade dessa nova (e pouco convencional) biografia como análise independente do cenário brasileiro dos últimos anos, este é um convite para conhecer um país cuja história — marcada pelas falhas nos avanços sociais e pela violência — permanece em construção.

[Compre agora e leia](#)